

"Fiquei sem respirar e
perdido em admiração."
Sunday Telegraph

TURBILHÃO

JAMES CLAVELL

AUTOR BEST-SELLER INTERNACIONAL



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

JAMES CLAVELL



TURBILHÃO

1986

Tradução: Lea Viveiros de Castro

JAMES CLAVELL

Turbilhão

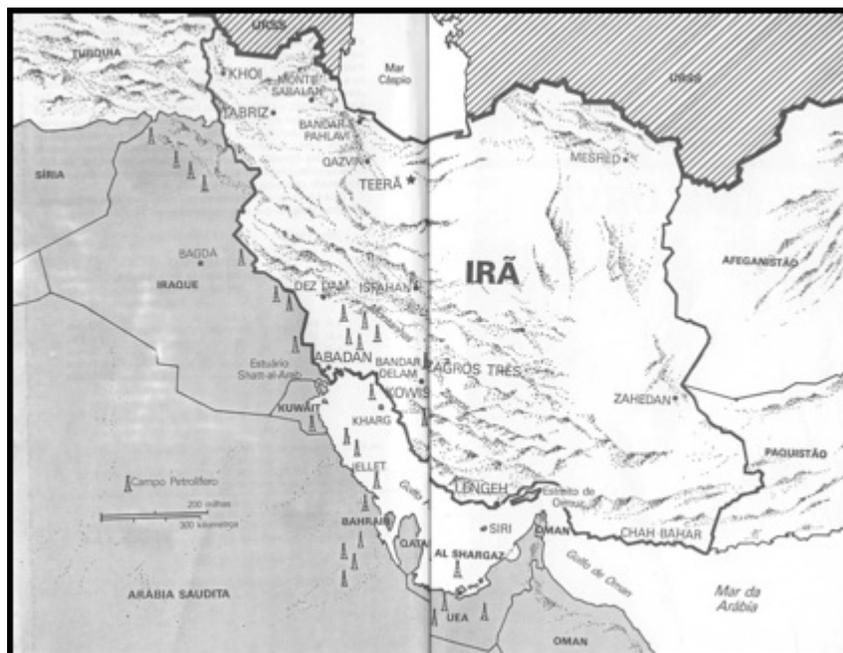
Título original americano

WHIRLWIND

Copyright 1986 by James and April Clavell

Mapa: Paul J. Pugliese

Sinopse



Irã, fevereiro de 1979. Um momento crítico na história do país, o período magnetizante dos vinte e quatro tumultuados dias que se seguiram à partida do xá Reza Pahlavi. A luta de vida ou morte entre facções rivais para assumir o controle do país numa guerra civil em que poucos sabem quem está de que lado... ou por quanto tempo. O que se conhece é o ódio fanático, unânime, pelos estrangeiros — principalmente americanos e ingleses.

Para uma companhia de helicópteros britânica, secretamente controlada pela Casa Nobre de Hong Kong, a questão básica é por quanto tempo seus pilotos — americanos, canadenses, ingleses, franceses, alemães, finlandeses — poderão operar em suas bases espalhadas pelo país. A guerra chega cada vez mais perto deles, mesmo nas áreas mais remotas, isolando-os e a suas mulheres,

colocando em risco não apenas seu equipamento, mas também suas vidas.

Para os proprietários da companhia, abandonar o Irã significa ao mesmo tempo a ruína financeira e a derrota na luta pelo poder da própria Casa Nobre. Mas o turbilhão em que todos se veem envolvidos é forte e perigoso — e os força a sair, ao mesmo tempo em que impede sua fuga.

Sexto e emocionante romance de James Clavell em sua mundialmente famosa Saga Asiática, Turbilhão tem a magia e o feitiço da terra fervilhante de Ornar Khayyam, e é tecido de forma tão rica e intrincada quanto os fios de um valioso tapete persa.

Saga Asiática

Ordem de lançamento

Changi (King Rat, 1962): Campo japonês em Cingapura, 1945

Tai-Pan (1966): Hong Kong, 1841

Xogun (Shógun, 1975): Japão feudal, 1600

Casa Nobre (Noble House, 1981): Hong Kong, 1963

Turbilhão (Whirlwind, 1986): Irã, 1979

Gai-Jin (1993): Japão, 1862

Ordem de leitura

Xogun (Japão, 1600)

Tai-Pan (Hong-Kong, 1841)

Gai-Jin (Japão, 1862)

Changi (Cingapura, 1945)

Casa Nobre (Hong Kong, 1963)

Turbilhão (Irã, 1979)

A Shigatsu

Nota do Autor

Esta aventura se passa no Irã revolucionário, entre 9 de fevereiro e 4 de março de 1979, muito antes do início da crise dos reféns. Tentei torná-la o mais real possível — mas trata-se de ficção, com personagens imaginários e muitos lugares imaginários. Nenhuma referência a pessoas ou a

companhias que fizeram ou que fazem parte do período é intencional. Evidentemente, as sombras dos gigantes adversários — Sua Alteza Imperial, o xá Muhammad Pahlavi (e seu pai Reza Xá) e o imã Khomeini — que se projetam sobre os meus personagens imaginários, são parte vital desta história, embora os próprios líderes não estejam retratados. Tentei apresentar um retrato preciso, porém ficcional, daquele período, dos diferentes tipos de pessoas que o atravessaram, das diferentes opiniões existentes e que teriam sido expressas, mas nada aqui foi mencionado com intenção desrespeitosa.

Esta é uma história das coisas, não como realmente aconteceram, mas como imaginei que se passaram naqueles 24 dias...

Livro Um



SEXTA-FEIRA

9 de fevereiro de 1979

1

NAS MONTANHAS ZAGROS: PÔR DO SOL

O sol agora tocava o horizonte e o homem extenuado refreou seu cavalo, contente por ter chegado a hora das orações.

Hussein Kowissi era um iraniano forte de 34 anos, pele clara e olhos e barba muito escuros. Sobre o ombro, trazia um rifle de combate soviético AK47. Ele estava agasalhado contra o frio e usava um turbante branco e roupas escuras, sujas da viagem. Por cima delas, uma grossa jaqueta de pêlo de carneiro, dos nômades kash'kai, e botas muito usadas. Como suas orelhas estavam protegidas, ele não escutou o ruído distante de um helicóptero que se aproximava. Atrás dele, cansado, seu camelo de carga deu um puxão na corda, impaciente por comida e descanso. Distraidamente, praguejou contra ele enquanto desmontava.

O ar era rarefeito naquela altura, quase 2.500 metros, e frio, muito frio, com uma neve espessa no chão que o vento transformava em montículos, tornando o caminho escorregadio e traiçoeiro. Abaixo, a trilha pouco conhecida enroscava-se em direção a vales distantes, até Isfahan, onde ele estivera. À sua frente, o caminho subia em curvas perigosas, através dos penhascos, até outros vales, em direção ao golfo Pérsico e à cidade de Kowiss onde ele nascera, onde vivia agora e de onde tirara o seu nome ao se tornar um mulá.

Ele não se importava nem com o perigo nem com o frio. O perigo parecia-lhe tão puro quanto o ar.

É quase como se eu fosse outra vez um nômade, pensou, com meu avô conduzindo-nos como nos velhos tempos quando todas as nossas tribos kash'kai podiam vagar da pastagem de inverno para a pastagem de verão, um cavalo e uma pistola para cada homem e rebanhos de sobra, nossos rebanhos de cabras e ovelhas e uma multidão de camelos, nossas mulheres sem véu, nossas tribos vivendo livres como, por dezenas de séculos, nossos antepassados haviam feito, sem estarem sujeitos a mais nada além da Vontade de Deus. Os velhos tempos que terminaram há menos de sessenta anos, disse a si mesmo, com o ódio subindo por Reza Khan, o soldado arrivista que usurpou o trono com a ajuda dos desprezíveis ingleses, que se proclamou Reza Xá, o primeiro dos xás Pahlavi, e depois, com o apoio do seu regimento cossaco, nos sujeitou e tentou esmagar-nos.

Por obra de Deus, no devido tempo, Reza Xá foi humilhado e exilado por seus traiçoeiros senhores ingleses e morreu esquecido; por obra de Deus, Muhammad Xá foi obrigado a fugir poucos dias atrás; por obra de Deus, Khomeini voltou para conduzir a Sua revolução; pela Vontade de Deus, amanhã ou depois eu serei martirizado. É desejo de Deus que nós sejamos varridos pela sua tempestade e que agora haja um ajuste de contas final com todos os lacaios do xá e com todos os estrangeiros.

O helicóptero agora estava mais perto, mas ele ainda não o escutava, o assobio do vento ajudando a abafar o ruído. Foi com satisfação que apanhou seu tapete de orar e o estendeu na neve, com as costas doendo dos vergões causados pelo chicote, depois apanhou um punhado de neve. Ritualmente, lavou as mãos e o rosto, preparando-se para a quarta oração do dia, depois virou de frente para sudoeste, na direção da Cidade Sagrada de Meca, que ficava a 1.600 quilômetros de distância na Arábia Saudita, e voltou seu pensamento para Deus.

— Allah-u Akbar, Allah-u Akbar. La illah illa Allah..

Enquanto repetia o Shahada, ele se prostrou, deixando-se envolver pelas palavras em árabe: Deus é Grande, Deus é Grande. Dou meu testemunho de que não há nenhum outro Deus além de Deus e de que Maomé é o Seu Profeta. Deus é Grande, Deus é

Grande. Dou meu testemunho de que não há nenhum outro Deus além de Deus e de que Maomé é o Seu Profeta..

O vento ficou mais forte e mais frio. Então, através dos seus protetores de orelha, ele captou o ruído do motor. O ruído foi ficando cada vez mais forte, penetrou em sua cabeça, acabou com sua paz e arruinou sua concentração. Abriu os olhos, com raiva. O helicóptero estava apenas uns cinquenta metros acima do chão, vindo diretamente em sua direção.

A princípio, achou que poderia ser uma aeronave do Exército e temeu que o estivessem procurando.

Aí, reconheceu as cores britânicas, vermelho, branco e azul, e as marcas familiares do nítido S-G em volta do leão vermelho da Escócia na fuselagem — a mesma companhia de helicópteros que operava na base aérea de Kowiss e por todo o Irã — então o medo o abandonou, mas não a raiva. Ele o observou, odiando o que representava. Seu curso passava quase exatamente acima dele, mas não oferecia perigo — duvidava que aqueles lá em cima fossem notá-lo, ali ao abrigo de um arbusto — mas mesmo assim se ressentiu, com todo o seu ser, da intrusão na sua paz e do transtorno de suas preces. E à medida que crescia o barulho ensurdecedor, sua raiva aumentava.

— La illah illa Allah...

Ele tentou retomar as orações mas, nesse momento, o movimento das hélices atirou neve em seu rosto. Atrás dele, o cavalo relinchou e saltou tomado de súbito pânico, escorregando e deslizando por estar com as patas travadas. Puxado bruscamente pelo cabresto, o camelo de carga, também em pânico, levantou-se cambaleando, berrando, e saiu tropeçando de um lado para o outro, apoiado em três patas, sacudindo a carga e enrolando-se nas cordas.

Sua raiva explodiu.

— Infiel! — Gritou para o helicóptero que agora estava quase sobre a borda da montanha, ficou em pé de um salto e agarrou a arma, soltou a trava de segurança e deu uma rajada, depois corrigiu e esvaziou o pente.

— Satã! — Berrou no súbito silêncio.

Quando as primeiras balas atingiram o aparelho, o jovem piloto, Scot Gavallan, ficou por um momento paralisado, olhando estupefato para os buracos na capota de plástico à sua frente.

— Jesus Cristo... — gaguejou, nunca tendo sido alvejado antes, mas suas palavras foram abafadas pelo homem que estava ao lado dele no assento da frente, cujas reações foram precisas e instantâneas: — Suba! — A ordem retumbou no seu fone de ouvido. — Suba! — Tom Lochart tornou a gritar no seu microfone. Então, como não tinha os seus próprios comandos, alcançou os comandos que estavam à esquerda do piloto e empurrou a alavanca para baixo, cortando abruptamente a energia e a sustentação. O helicóptero começou a balançar, perdendo altura. Nesse momento, a segunda rajada atingiu-os. Houve um ruído sinistro acima e atrás, em algum outro lugar uma bala fez o metal gemer, os motores tossiram e o helicóptero despencou lá de cima.

Era um Jet Ranger 206, com piloto e quatro passageiros, um na frente, três atrás, e estava lotado. Há uma hora, Scot havia rotineiramente apanhado os outros, de volta de uma licença de um mês, no aeroporto de Shiraz, cerca de oitenta quilômetros a sudeste, mas agora a rotina se transformara em pesadelo e a montanha avançava rapidamente em direção a eles quando, já quase em cima do cume, a rocha afastou-se milagrosamente, fazendo uma inclinação, e o helicóptero mergulhou numa depressão, dando-lhe um segundo de trégua para recuperar um pouco a estabilidade e o controle.

— Cuidado, pelo amor de Deus! — disse Lochart.

Scot tinha visto o perigo, mas não tão depressa. De um golpe, forçou o helicóptero a uma guinada assustadora, contornando a saliência. A parte esquerda do trem de pouso arrastou-se nas rochas, gemendo em protesto, e mais uma vez eles mergulharam, passando a poucos metros da superfície irregular de rochas e árvores, que se inclinaram e tornaram a se erguer.

— Baixo e rápido — disse Lochart. — Por ali, Scot! Não, por ali, por aquele lado, descendo naquela garganta.. Você foi atingido?

— Não, não. Acho que não. E você?

— Não, você está indo bem agora, entre na garganta, vamos, depressa! Scot Gavallan obedeceu, fazendo uma curva inclinada, muito baixo e muito depressa, mas sua mente ainda não estava inteiramente normal. Ainda havia um gosto de bile em sua boca e seu coração batia disparado. Por trás da divisória, ele podia ouvir os gritos e as imprecações dos outros, lá atrás, acima do barulho dos motores, mas não podia se arriscar a olhar para trás e perguntou ansiosamente pelo intercomunicador: — Tem alguém ferido lá, Tom?

— Não pense neles, concentre-se. Cuidado com o cume, eu trato deles! — disse Tom Lochart, olhando para todos os lados. Ele tinha 42 anos, era canadense, ex-piloto da RAF, ex-mercenário, e agora piloto-chefe da sua base, Zagros Três. — Cuidado com o cume e prepare-se para se desviar outra vez. Fique perto do chão e mantenha-o baixo. Cuidado!

O cume estava ligeiramente acima deles e aproximou-se depressa demais. Gavallan viu os dentes das rochas diretamente no seu caminho. Só teve tempo de dar uma guinada para desviar-se quando uma rajada violenta de vento empurrou-o, perigosamente, para perto do lado escarpado da garganta.

Corrigiu o rumo; ouviu as obscenidades no seu fone de ouvido e recuperou o controle. Então, na sua frente, viu as árvores, as rochas e o final abrupto da garganta, e percebeu que estavam perdidos.

De repente, tudo pareceu andar mais devagar.

— Jesus Cris...

— Com força para a esquerda... cuidado com a rocha!

Scot sentiu as mãos e os pés obedecendo e viu o helicóptero dar uma pirueta e passar a poucos centímetros das rochas, bater nas árvores, cavalgar sobre elas e escapar para o espaço aberto.

— Pouse ali, o mais depressa que puder.

Ele olhou boquiaberto para Lochart, com as entranhas ainda se revolvendo.

— O quê?

— Claro. É melhor dar uma olhada. Checar o helicóptero — disse Lochart apressadamente, odiando não ter os controles. — Ouvi alguma coisa partir-se.

— Eu também, mas e o trem de pouso, ele pode ter sido arrancado?

— Apenas mantenha-o suspenso. Vou sair e checar. Se o trem de pouso estiver direito, ponha-o no chão para que eu possa fazer uma inspeção rápida. É mais seguro fazer isto; só Deus sabe se as balas cortaram um conduto de óleo ou danificaram um cabo.

Lochart viu Scot tirar os olhos da clareira para dar uma olhada nos passageiros.

— Para o inferno com eles, pelo amor de Deus. Eu cuido deles — disse rispidamente. — Você se concentre na aterrissagem.

Viu o rapaz enrubescer mas obedecer, e então, tentando conter uma súbita náusea, Lochart virou-se esperando ver sangue e vísceras espalhados por todo o lado e alguém gritando — gritos abafados pelos motores — sabendo que não havia nada que pudesse fazer até que alcançassem um abrigo e aterrissassem, a primeira obrigação era sempre aterrissar em segurança.

Para seu imenso alívio, os três homens que estavam no assento traseiro — dois mecânicos e um piloto — não pareciam estar feridos, embora estivessem todos curvados nos assentos, e Jordon, o mecânico que estava bem atrás de Scot, estivesse lívido, segurando a cabeça com as mãos. Lochart tornou a virar para a frente.



Estavam voando a uns 15 metros de altura agora, numa boa rota e se aproximando depressa. Na clareira, a superfície era nua, branca e lisa sem nenhum tufo de grama aparente, e com altos montes de neve dos lados. Aparentemente uma boa escolha. Havia espaço bastante para manobrar e pousar.

Mas como avaliar a profundidade da neve e o nível da terra que estava oculta por baixo? Lochart sabia o que faria se tivesse os controles. Mas não tinha, não era o comandante, embora fosse mais graduado.

— Eles estão bem, lá atrás, Scot.

— Graças a Deus — disse Scot Gavallan. — Você está pronto para sair?

— O que você está achando do terreno?

Scot percebeu o aviso na voz de Lochart; interrompendo instantaneamente o pouso, aumentou a potência e se manteve no ar. Cristo, pensou, quase em pânico pela própria estupidez, se Tom não tivesse me alertado eu teria pousado e só Deus sabe qual a profundidade da neve ou o que está por baixo! Ergueu-se a trinta metros e observou a encosta da montanha.

— Obrigado, Tom. Que tal ali?

A outra clareira era menor, ficava a poucas centenas de metros, do outro lado do vale, mais para baixo, com boas possibilidades de fuga para o caso de precisarem, e era protegida do vento. O chão estava quase sem neve, era acidentado mas servia.

— Também me parece melhor. — Lochart tirou um dos fones e olhou para trás. — Ei, Jean-Luc — gritou por cima do barulho dos motores —, você está bem?

— Estou, ouvi alguma coisa se partir.

— Nós também. Jordon, você está bem?

— É claro que estou muito bem, pelo amor de Deus — respondeu Jordon azedo. Era um australiano magro e rijo e estava balançando a cabeça como um cachorro. — Só bati com a minha maldita cabeça, né? Malditas balas! Pensei que Scot tinha dito que as coisas estavam melhorando com o maldito xá longe e com o maldito Khomeini de volta. Melhores? Agora estão atirando em nós! Eles nunca fizeram isto antes. Que diabo está acontecendo?

— Como é que eu vou saber? Provavelmente apenas um maníaco atirador. Fique firme, vou dar uma olhada rápida. Se o trem de pouso estiver direito, vamos pousar e você e Rod podem fazer uma inspeção.

— Como está a maldita pressão do óleo? — gritou Jordon.

— No verde. — Lochart voltou à posição, automaticamente verificando os mostradores, a clareira, o céu, à esquerda, à direita, acima e abaixo. Eles estavam descendo muito bem, faltando mais

sessenta metros. Através do fone, ouviu Gavallan cantarolando baixinho.

— Você se saiu muito bem, Scot.

— Bem, uma ova — disse o rapaz, tentando parecer casual. — Eu ia me espatifar. Fiquei completamente paralisado quando as balas nos atingiram, e se não tivesse sido por você, eu teria me arrebetado.

— A culpa foi quase toda minha. Eu empurrei a alavanca de comando sem avisar. Peço desculpas por isto, mas tinha que tirar o helicóptero depressa daquela maldita linha de fogo. Aprendi isso na Malásia. — Lochart passara um ano lá com as Forças Britânicas, na guerra contra os rebeldes comunistas. — Não havia tempo para avisar. Pouse o mais depressa que puder. — Ele observou, com aprovação, Gavallan fazer o helicóptero flutuar, examinando o terreno cuidadosamente.

— Você viu quem atirou em nós, Tom?

— Não, mas eu não estava procurando inimigos. Onde vai pousar?

— Ali, bem longe daquela árvore caída. Está bom?

— Parece-me ótimo. O mais rápido que puder. Segure-o a mais ou menos meio metro de altura.

A sustentação foi perfeita. Poucos centímetros acima do solo firme como as rochas que estavam por baixo, embora o vento estivesse forte. Lochart abriu a porta. O frio repentino gelou-o. Fechando sua jaqueta acolchoada, esgueirou-se cuidadosamente para fora, mantendo a cabeça bem abaixada por causa das pás giratórias.

A parte da frente dos esquis estava arranhada, bastante amassada e um pouco torta, mas os rebites que o prendiam ao trem de pouso estavam firmes. Rapidamente, checou o outro lado, tornou a checar o esqui avariado, depois levantou os polegares. Gavallan desacelerou um pouquinho e pousou, macio como uma pluma.

Na mesma hora, os três homens que estavam atrás pularam para fora. Jean-Luc Sessonne, o piloto francês, saiu da frente para deixar os dois mecânicos iniciarem sua inspeção, um a bombordo, o outro a estibordo, indo do nariz até a cauda. O vento dos rotores tentava

arrancar-lhe as roupas, fustigando-os. Lochart estava debaixo do helicóptero procurando algum vazamento de óleo ou gasolina, mas não achou nenhum, então levantou-se e seguiu Rodrigues. O homem era americano e muito bom — era seu mecânico e, já há um ano, vinha trabalhando no 212 que Lochart geralmente pilotava. Rodrigues abriu um painel de inspeção e examinou o interior, seu cabelo salpicado de branco e as roupas repuxadas pela corrente de ar.

Os padrões de segurança da S-G eram os mais altos de todos os operadores de helicópteros iranianos, de forma que o emaranhado de cabos, tubos e condutos de combustível estava limpo, em ordem e em excelentes condições. Mas, de repente, Rodrigues apontou. Havia uma marca profunda no cárter onde uma bala ricocheteara. Cuidadosamente, seguiram o rastro da bala. Mais uma vez ele apontou para o emaranhado, desta vez com uma lanterna. Um dos condutos de óleo estava rachado.

Quando tirou a mão, ela estava suja de óleo.

— Merda! — disse.

— Desligamos os motores, Rod? — gritou Lochart.

— Não, que diabo, pode haver mais desses maníacos atiradores por aí, e este não é um lugar para se passar a noite. — Rodrigues apanhou um pedaço de estopa e uma chave inglesa. — Você checa a popa, Tom.

Lochart deixou-o trabalhando, deu uma olhada em volta, inquieto, procurando um possível abrigo para o caso de terem que passar a noite ali. Do outro lado da clareira, Jean-Luc urinava despreocupadamente, encostado numa árvore caída, com um cigarro na boca.

— Não vá apanhar uma frieira, Jean-Luc! — gritou, e viu-o acenar complacentemente com o jato de urina.

— Ei, Tom.

Era Jordon chamando. Imediatamente ele se abaixou e entrou sob a cauda do helicóptero para se juntar ao mecânico. Seu coração deu um salto. Jordon também abrira um painel de inspeção. Havia dois buracos de bala na fuselagem, logo acima dos tanques. Jesus, mais um segundo e os tanques teriam explodido, pensou. Se eu não

tivesse empurrado a alavanca de comando, teríamos ido pelos ares. Completamente. Se não fosse por isso estaríamos despedaçados na encosta da montanha. E a troco de quê?

Jordon cutucou-o e tornou a apontar, seguindo o caminho das balas. Havia uma outra marca na coluna do rotor.

— Como aquele maldito demônio errou as malditas pás da hélice é que eu não sei — gritou, com o gorro de lã vermelha que sempre usava puxado sobre as orelhas.

— Não tinha chegado a nossa hora.

— O quê?

— Nada. Encontrou mais alguma coisa?

— Ainda não. Você está bem, Tom?

— Claro.

Houve um estrondo repentino e todos se viraram assustados, mas era apenas um enorme galho de árvore, cheio de neve, caindo no chão.

— Espèce de con! — disse Jean-Luc e olhou para o céu, bem consciente de que estava escurecendo, depois deu de ombros, acendeu outro cigarro e saiu andando, batendo os pés para espantar o frio.

Jordon não encontrou mais nada de errado do lado dele. Os minutos iam passando. Rodrigues ainda estava resmungando e praguejando, com um dos braços enfiado, desajeitadamente, nas entranhas do aparelho. Atrás dele, os outros estavam agrupados, olhando, bem longe dos rotores. Era barulhento e desconfortável, a luz ainda era boa, mas não por muito tempo. Ainda teriam que viajar trinta quilômetros e não havia nenhum sistema de orientação naquelas montanhas além do pequeno radiofarol que tinham na base e que às vezes funcionava, às vezes não.

— Depressa, pelo amor de Deus — alguém resmungou. Claro, pensou Lochart, escondendo a inquietação.

Em Shiraz, a tripulação de dois mecânicos e dois pilotos que eles estavam substituindo despedira-se apressadamente e correram para o 125 da companhia — um avião a jato de dois motores e oito lugares, usado para transporte ou para algum carregamento especial — o mesmo jato que os trouxera do Aeroporto Internacional de Dubai,

através do golfo, depois de um mês de licença; Lochart e Jordon na Inglaterra, Jean-Luc na França e Rodrigues numa caçada no Quênia.

— Por que a maldita pressa? — perguntara Lochart quando o pequeno jato fechou as portas e começou a taxiar.

— O aeroporto só está operando parcialmente, todo mundo ainda está em greve, mas nada para se preocupar — dissera Scot. — Eles têm de levantar voo antes que aquele cretino intrometido da torre, que pensa que é uma dádiva de Deus para o controle de tráfego aéreo iraniano, cancele a licença deles.

É melhor darmos o fora também, antes que ele comece a nos encher. Ponha suas coisas a bordo.

— E a alfândega?

— Eles ainda estão em greve, cara. Eles e todo mundo — os bancos ainda estão fechados. Não faz mal, vai tudo voltar ao normal numa semana.

— Merde — exclamou Jean-Luc. — Os jornais franceses dizem que o Irã é une catastrophe com Khomeini e seus mulás de um lado, as Forças Armadas prontas para darem um golpe a qualquer momento, os comunistas enrolando todo mundo, o governo de Bakhtiar impotente e a guerra civil inevitável.

— O que é que eles sabem na França, cara? — dissera Scot, despreocupadamente, enquanto carregavam a bagagem.

— Os franceses sabem, mon vieux. Todos os jornais dizem que Khomeini nunca cooperará com Bakhtiar porque ele foi indicado pelo xá e qualquer pessoa ligada ao xá está acabada. Acabada.

Aquele velho comedor de fogo já disse cinquenta vezes que não vai trabalhar com ninguém indicado pelo xá.

— Eu vi Andy há três dias em Aberdeen, Jean-Luc, e ele teimava em dizer que o Irã vai voltar ao normal logo, agora que Khomeini está de volta e o xá foi embora.

— Está vendo? — exultou Scot. — Se alguém pode saber, este alguém é o Velho. Como vai ele, Tom?

— Em grande forma, a mesma bola de fogo — respondeu sorrindo Lochart. — Andy era Andrew Gavallan, pai de Scot, presidente e diretor executivo da S-G. — Andy disse que Bakhtiar tem o Exército, a Marinha e a Aeronáutica, a polícia e a Savak, então

Khomeini tem que fazer algum tipo de acordo. É isso ou a guerra civil.

— Jesus — disse Rodrigues —, que diabo estamos fazendo aqui?

— É o dinheiro.

— Bullmerde!

Todos tinham rido — Jean-Luc era sempre pessimista.

— E que importância tem isso, Jean-Luc? — perguntou Scot. — Nunca ninguém nos incomodou aqui, não é? Apesar desses problemas todos, nunca ninguém nos incomodou realmente. Todos os nossos contratos são com a IranOil, o que quer dizer com o governo: Bakhtiar, Khomeini ou general Qualquer Coisa. Não importa quem esteja no poder, eles precisam voltar à normalidade logo.

Qualquer governo vai precisar desesperadamente dos petrodólares, então eles vão precisar de helicópteros, vão precisar de nós. Pelo amor de Deus, eles não são idiotas!

— Não, mas Khomeini é um fanático e não liga para mais nada a não ser o Islã, e petróleo não é Islã.

— E o que me dizem da Arábia Saudita? Dos Emirados, da OPEP, pelo amor de Deus? Eles são islâmicos e sabem o preço de um barril. Para o diabo com isso; ouçam! — Scot anunciou: — A Guerny Aviation abandonou as montanhas Zagros e está reduzindo a zero todas as suas operações no Irã. A zero!

Isso prendeu a atenção de todos eles. A Guerny Aviation era uma enorme companhia americana de helicópteros e a maior rival deles. Com a Guerny de fora, o trabalho iria dobrar, e todo o pessoal da S-G no Irã recebia gratificações que dependiam dos lucros iranianos.

— Tem certeza, Scot?

— É claro, Tom. Eles tiveram uma briga terrível com a IranOil por causa disso. O resultado foi que a IranOil disse: "Se vocês querem sair, saiam, mas todos os helicópteros estão a nosso serviço, então eles ficam — e todas as peças sobressalentes!" Então Guerny disse a eles para darem o fora, fechou a base de Gash, encostou todos os helicópteros e foi embora.

— Não acredito nisso — disse Jean-Luc. — Guerny deve ter uns cinquenta helicópteros sob contrato; nem mesmo eles podem

suportar uma perda dessas.

— Mesmo assim, nós já tivemos três missões na semana passada que eram todas exclusivas da Guerney.

— Por que a Guerney se retirou, Scot? — disse Jean-Luc, interrompendo as manifestações de alegria.

— O nosso Destemido Líder em Teerã acha que eles não podem ou não querem aguentar a pressão.

Vamos encarar os fatos, a maior parte do veneno de Khomeini é dirigida contra os americanos e as companhias americanas. McIver acha que eles estão reduzindo suas perdas, e isto é ótimo para nós.

— Minha nossa, se não podem levar seus aviões e peças sobressalentes, eles estão em apuros.

— Não nos interessa pensar no motivo, cara, só nos interessa ir lá e voar. Se a gente aguentar firme, vamos pegar todos os contratos deles e mais do que dobrar o nosso pagamento só este ano.

— Tu en parles mon cul, ma tête est malade!

Todos tinham rido. Até Jordon sabia o que aquilo queria dizer: fale com meu eu, minha cabeça está doente.

— Não há por que se preocupar, cara — disse Scot.

Confiantemente, Lochart balançou a cabeça em silêncio, o frio da montanha ainda não o estava afetando. Andy e Scot têm razão, tudo vai se normalizar logo, tem que se normalizar, pensou. Os jornais da Inglaterra também estavam confiantes de que a situação iraniana breve se normalizaria.

Desde que os soviéticos não tomassem nenhuma iniciativa publicamente. E eles tinham sido avisados. Era para americanos e soviéticos ficarem de fora, de modo que os iranianos, desta vez, pudessem resolver os seus problemas a seu próprio modo. É claro que quem quer que esteja no poder vai necessitar urgentemente de estabilidade, e de recursos — e isso significa petróleo. É. Vai dar tudo certo. Ela acredita nisso e se ela acreditava que tudo seria maravilhoso quando o xá fosse derrubado e Khomeini voltasse, por que eu não acreditaria?

Ah, Xarazade, como senti saudades suas.

Tinha sido impossível telefonar para ela da Inglaterra. Os telefones no Irã nunca foram muito bons, devido à sobrecarga das linhas causada pela industrialização acelerada. Mas nos últimos oito meses, desde que os problemas começaram, as greves quase constantes nas telecomunicações tornaram as comunicações internas e externas cada vez piores, e agora elas eram praticamente inexistentes.

Quando Lochart estava no quartel-general em Aberdeen, para o seu exame bianual de saúde, tinha conseguido enviar-lhe um telex depois de passar oito horas tentando. Ele o enviara aos cuidados de Duncan McIver, em Teerã, onde ela estava agora. Não se pode dizer muito num telex, exceto vejo você em breve, sinto a sua falta, amor.

Não falta muito agora, meu amor, e...

— Tom?

— Oh, olá Jean-Luc. O que é?

— Vai começar a nevar logo.

— E.

Jean-Luc tinha um rosto fino, com um grande nariz gaulês e olhos castanhos, magro como todos os pilotos que se submetiam a sérios exames médicos a cada seis meses, onde não se aceitava nenhuma desculpa para excesso de peso.

— Quem atirou em nós, Tom?

— Não vi ninguém. Você viu? — disse Lochart, dando de ombros.

— Não. Espero que tenha sido só um maluco. — Os olhos de Jean-Luc sondaram-no. — Por um momento pensei que estivesse de volta a Argel, estas montanhas não são assim tão diferentes, de volta à Força Aérea, lutando contra os fellagha e a FLN, que Deus os amaldiçoe eternamente. — Ele apagou o cigarro com o calcanhar. — Estive numa guerra civil e detestei. Pelo menos eu tinha bombas e armas. Não quero ser um civil apanhado em outra sem nada para me valer a não ser a velocidade com que eu possa correr.

— Foi apenas um louco solitário.

— Acho que vamos ter que lidar com uma porção de malucos, Tom. Desde que deixei a França que estou com um mau pressentimento. E piorou depois desta volta. Nós estivemos na

guerra, você e eu, mas a maioria dos outros não esteve. Nós temos um bom faro, você e eu, e vamos ter sérios problemas pela frente.

— Não, você está apenas cansado.

— Isto é verdade. Andy foi realmente teimoso?

— Muito. Mandou lembranças e disse para não desanimarmos.

Jean-Luc riu e abafou um bocejo.

— Minha nossa, estou faminto. O que Scot planejou para nos receber?

— Mandou colocar um cartaz de boas-vindas no hangar.

— Para o jantar, mon vieux, jantar.

— Scot disse que ele e alguns nativos andaram caçando, de modo que ele tem uma perna de veado e algumas lebres preparadas para você saborear, e o churrasco estará pronto.

Os olhos de Jean-Luc se iluminaram.

— Ótimo. Ouça, eu trouxe queijo Brie, um quilo de alho, presunto defumado, anchovas, cebolas, e também um quilo de macarrão, latas de purê de tomate, e minha mulher me deu uma nova receita de à matriciana do Gianni de St. Jean que é simplesmente inacreditável. E vinho.

Lochart ficou com água na boca. O hobby de Jean-Luc era cozinhar e, quando ele queria, ficava inspirado.

— Trouxe latas de tudo o que pude imaginar de Fortnums e um pouco de uísque. Ei, senti saudades da sua comida. — E da sua companhia também, pensou. Quando eles se encontraram em Dubai, tinham-se cumprimentado e ele perguntara: — Como foi de licença?

— Estive na França — Jean-Luc respondera com um ar superior. Lochart o invejara pela simplicidade. A Inglaterra não tinha sido boa, o clima, a comida, a licença, as crianças, ela, o Natal — por mais que ele se esforçasse. Não importa, estou de volta e logo estarei em Teerã.

— Você vai cozinhar esta noite, Jean-Luc?

— É claro. Como posso viver sem uma comida decente?

— Como todo mundo. — Lochart riu.

Eles observaram Rodrigues que ainda estava trabalhando. O ruído dos rotores perturbava-os. Lochart levantou os polegares para

Scot, que esperava pacientemente na cabine. Scot devolveu o sinal e apontou para o céu. Lochart balançou a cabeça, concordando, depois deu de ombros e voltou a prestar atenção em Rodrigues, sabendo que não havia nada que pudesse fazer para ajudar, a não ser esperar estoicamente.

— Quando você vai para Teerã? — perguntou Jean-Luc.

— No domingo, se não nevar. — E o coração de Lochart bateu mais depressa. — Tenho um relatório para McIver e correspondência para eles lá. Vou tomar um 206; vou levar o dia inteiro amanhã para checar tudo. Scot disse que temos que nos preparar para operar com força total.

— Nasiri disse força total? — Jean-Luc encarou-o.

— Disse.

Nasiri era o intermediário iraniano e gerente da base, um funcionário da IranOil, o monopólio governamental que possuía todo o petróleo que existia debaixo e acima do solo e que encaminhava e autorizava todos os voos deles. A S-G trabalhava sob contrato para essa companhia, supervisionando, fornecendo pessoal, suprimentos e equipamento para as plataformas de petróleo que estavam espalhadas por toda a extensão da montanha, e lidando com os inevitáveis acidentes e emergências.

— Duvido que a gente vá voar muito na semana que vem, por causa do tempo, mas eu devo poder sair no 206 — completou Jean-Luc.

— E você vai precisar de um guia. Eu vou também.

— Não há condição, meu chapa. Você é o segundo em comando e está de serviço nas próximas duas semanas — disse Lochart sorrindo.

— Mas não vão precisar de mim. Por três dias, hein? Olhe para o céu, Tom. Preciso ver se está tudo bem no nosso apartamento. — Em épocas normais, Teerã servia de base para os pilotos que tinham família e que voavam duas semanas sim, uma semana não. Muitos pilotos optaram por voar durante dois meses e passar um mês em casa, principalmente os ingleses. — É muito importante que eu vá a Teerã.

— Posso checar o seu apartamento se você quiser, e se você prometer cozinhar três noites por semana, posso conseguir-lhe uns dois dias de folga quando voltar. Você acabou de ter um mês de licença.

— Ah, mas isso foi em casa. Agora preciso pensar em mon amie. É claro que ela está desconsolada sem mim em Teerã, ela já está sozinha há um mês.

— Jean-Luc estava observando Rodrigues. Então, tornou a olhar para o céu.

— Nós só podemos esperar mais dez minutos, Tom, depois vamos ter que preparar um acampamento enquanto ainda está claro.

— Eu sei.

— Mas voltando a coisas mais importantes, Tom...

— Não.

— Minha nossa, seja francês e não anglo-saxão. Um mês inteiro, pense nos sentimentos dela.

Rodrigues ajustou o painel no lugar e limpou as mãos.

— Vamos dar o fora daqui — gritou, subindo a bordo. Os outros o seguiram rapidamente. Ele ainda estava ajustando o cinto de segurança, com as costas, a cabeça e o pescoço doendo, quando eles levantaram voo e partiram em direção à base, sobrevoando a cadeia de montanhas. Então viu Jordon olhando para ele. — O que há com você, cara?

— Como foi que você consertou aquele maldito cano, cara? Ele estava todo furado.

— Goma.

— O quê?

— Goma de mascar, é claro. Funcionou no maldito Vietnã, então deve funcionar aqui também.

Talvez. Porque era só um maldito pedacinho mas era o que eu tinha, então é melhor começar a rezar.

Será que você pode parar de praguejar, pelo amor de Deus?

Pousaram sãos e salvos na base quando a neve estava começando a cair. O pessoal de terra tinha acendido as luzes de pouso, só por precaução.

A base consistia em quatro barracas, uma cozinha, um hangar para o 212 — um transporte para quatorze passageiros ou helicóptero de carga — e dois 206 e campos de pouso. Depósitos para perfuradoras de petróleo sobressalentes, sacos de cimento, bombas, geradores, todo tipo de equipamento de apoio para as plataformas, além dos tubos de perfuração. Ficava num pequeno platô a 2.500 metros, um lugar arborizado e muito pitoresco, numa depressão cercada por picos cheios de neve, que alcançavam mais de quatro mil metros. A um quilômetro de distância ficava a cidade de Yazdek. Seus habitantes pertenciam a uma tribo secundária dos nômades kash'kai que se tinham estabelecido ali há um século, no entroncamento de duas rotas de caravanas de pouca importância que cruzavam o Irã por três, talvez quatro mil anos.

A S-G já tinha uma base ali há sete anos, sob contrato com a IranOil, inicialmente para supervisionar um oleoduto e fazer mapas topográficos da região, depois para ajudar a construir e explorar as plataformas dos ricos campos de petróleo da região. Era um lugar solitário, selvagem e lindo, com boas condições de voo e horário folgado — o regulamento iraniano só permitia voos durante o dia.

Os verões eram maravilhosos. Durante a maior parte do inverno eles ficavam ilhados por causa da neve. Perto havia lagos cristalinos com boa pesca, e nas florestas a caça era abundante. Suas relações com os habitantes de Yazdek eram excelentes. Além do correio, eles estavam em geral, bem abastecidos e não precisavam de nada. E, o que era importante para todos, estavam bem longe do quartel-general em Teerã, sem contato por rádio a maior parte do tempo, e entregues, felizmente, aos seus próprios recursos.

Assim que os rotores pararam e o helicóptero foi desligado, Rodrigues e Jordon tornaram a abrir o painel. Ficaram estupefatos: o chão do compartimento estava coberto de óleo. Além do óleo, um cheiro forte de gasolina. Tremendo, Rodrigues começou a procurar e depois apontou com a lanterna.

Numa das juntas, na extremidade de um tanque de gasolina, havia uma pequena rachadura que eles não poderiam ter detectado na encosta da montanha. Um fio de combustível saía e se misturava com o óleo que estava no chão.

— Jesus, cara! Olha, isto é uma maldita bomba-relógio — exclamou assustado. Atrás dele, Jordon quase desmaiou. — Uma centelha e... cara, me arranja uma mangueira pelo amor de Deus. Vou encher ele de água antes que a gente vá pelos ares...

— Eu vou buscar — disse Scot, depois acrescentou, nauseado — Bem, eu acho que uma das nossas vidas já se foi. Só faltam oito.

— Você deve ter nascido empelicado, capitão — disse Rodrigues, sentindo-se muito mal. — É, você deve ter nascido empelicado. Este bebê... — Parou, de repente, escutando.

E todo mundo em volta fez o mesmo: Lochart e Jean-Luc, perto da barraca principal com Nasiri, a meia dúzia de iranianos que compunham o pessoal de terra, cozinheiros e operários. Tudo estava muito silencioso. Depois, tornaram a ouvir uma rajada de metralhadora vinda do lado da cidade.

— Maldição! — resmungou Rodrigues. — Que diabo viemos fazer de novo neste buraco nojento?

2

ABERDEEN, ESCÓCIA — HELIPORTO McCLOUD: 17H15

O grande helicóptero desceu ao entardecer, com as pás girando, e pousou ao lado do Rolls que estava estacionado perto de uma das pistas molhadas de chuva — o heliporto fervilhava, outros helicópteros chegavam ou saíam com montadores de poços, pessoal e suprimentos, todos os aviões e hangares ostentando orgulhosamente o símbolo da S-G. A porta da cabine se abriu e dois homens vestidos com macacões de voo e coletes salva-vidas desceram os degraus hidráulicos, curvando-se contra o vento e a chuva. Antes que chegassem ao carro, o motorista uniformizado já abrira a porta para eles.

— Um passeio esplêndido, não foi? — disse alegremente Andrew Gavallan, um homem alto, forte e muito conservado para os seus 64 anos. Despiu com facilidade seu colete salva-vidas, sacudiu a chuva do colarinho e entrou ao lado do outro homem. — Ele é maravilhoso, corresponde a tudo o que os fabricantes anunciaram. Já lhe disse que somos os primeiros estranhos a testá-lo?

— Primeiros ou últimos, para mim não faz a menor diferença. Eu o achei terrivelmente instável e barulhento — disse irritado Linbar Struan, tentando livrar-se do seu colete. Ele tinha cinquenta anos, cabelos ruivos e olhos azuis, e era o chefe da Struan's, o vasto conglomerado com base em Hong Kong, apelidado de Casa Nobre, que controlava secretamente a S-G Helicópteros. — Eu ainda acho que o investimento por aeronave é alto demais. Demais.

— O X63 é um ótimo investimento em termos econômicos; vai ser perfeito para o mar do Norte, o Irã, ou qualquer lugar em que tenhamos cargas pesadas, especialmente o Irã — disse Gavallan com paciência, sem querer que seu ódio por Linbar estragasse o que fora um teste de voo perfeito. — Eu encomendei seis.

— Não aprovei a compra ainda! — Linbar exclamou com raiva.

— Sua aprovação não é necessária — disse Gavallan e seus olhos castanhos se tornaram duros. — Eu sou membro do escritório central da Struan's; você e o seu escritório central aprovaram a compra no ano passado, dependendo de um teste de voo, se eu a aconselhasse...

— Você ainda não a aconselhou!

— Estou aconselhando agora, então não há mais o que discutir!

— Gavallan sorriu docemente e se recostou no assento. — Você receberá os contratos dentro de três semanas, na reunião da diretoria.

— Isto nunca vai ter fim, não é, Andrew, você e sua maldita ambição?

— Eu não represento nenhuma ameaça para você, Linbar, vamos...

— Concordo! — Zangado, Linbar apanhou o interfone para falar com o motorista do outro lado da divisória de vidro à prova de som. — John, deixe o sr. Gavallan no escritório e depois vá para o castelo Avisyard. — Imediatamente, o carro partiu em direção ao bloco de escritórios de três andares que ficava do outro lado de um grupo de hangares.

— Como vai Avisyard? — perguntou Gavallan pouco à vontade.

— Melhor do que no seu tempo. Sinto muito que você e Maureen não tenham sido convidados para o Natal, talvez no próximo ano. — Linbar franziu os lábios. — É, Avisyard está muito melhor. — Ele olhou pela janela e fez um sinal com o polegar na direção do gigantesco helicóptero. — E é melhor que você não falhe com aquilo. Ou com qualquer outra coisa.

As feições de Gavallan retesaram-se; a zombaria a respeito de sua mulher tinha penetrado a sua guarda.

— Por falar em fracassos, o que você me diz dos seus investimentos desastrosos na América do Sul, da sua estúpida briga com a Navegação toda a respeito da sua frota de petroleiros, o que você me diz de perder o contrato do túnel de Hong Kong para a Par-Con Toda, o que você me diz de ter traído os seus velhos amigos em Hong Kong com as suas manipulações das ações...

— Traição uma ova! Velhos amigos uma ova! Todos eles são maiores de idade e o que eles fizeram por nós recentemente? O pessoal de Shangai é considerado mais esperto do que nós — os cantonenses, o pessoal do continente, todos eles, você disse isso um milhão de vezes! Não é culpa minha que haja uma crise de petróleo, ou que o mundo esteja em apuros, ou que o Irã esteja falido ou que os árabes nos estejam crucificando junto com os japoneses, os coreanos e o pessoal de Formosa!

— Linbar ficou sufocado de ódio. — Você esquece que estamos num mundo diferente, agora. Hong Kong é diferente, o mundo é diferente! Eu sou tai-pan da Struan's, estou encarregado de olhar pela Casa Nobre, e todo tai-pan tem tido reveses, mesmo o seu maldito Deus sir Ian Dunross, e ele ainda vai ter mais, com suas fantasias de jazidas de petróleo na China. Tod...

— Ian está certo a res...

— Até Hag Struan sofreu reveses, até mesmo o nosso maldito fundador, o grande Dirk em pessoa, que ele também apodreça no inferno! Não é culpa minha que o mundo esteja de pernas para o ar.

Você acha que pode fazer melhor? — gritou Linbar.

— Vinte vezes melhor! — berrou Gavallan, de volta.

— Eu despediria você se pudesse, mas não posso! — Agora Linbar estava tremendo de raiva. — Já estou farto de você e da sua deslealdade, seu canalha velho. Você se casou dentro da família, você não faz parte dela, e se existe um Deus no céu você há de se destruir! Eu sou tai-pan e você, por Deus, nunca será!

Gavallan bateu na divisória de vidro e o carro parou subitamente. Ele abriu a porta e saiu.

— Dew neh loh moh, Linbar! — disse entre dentes e saiu andando na chuva.

O ódio deles datava do final dos anos cinquenta e começo dos sessenta, quando Gavallan estava trabalhando em Hong Kong para a Struan's, antes de vir para cá cumprindo ordens secretas do então tai-pan, Ian Dunross, irmão da falecida esposa de Gavallan, Kathy. Linbar lhe tinha um ciúme mortal porque ele fora o homem de confiança de Dunross e, principalmente, porque Gavallan era sempre

apontando como o provável sucessor do tai-pan, enquanto Linbar parecia não ter nenhuma chance de sê-lo.

Pela antiga lei da companhia Struan's o tai-pan tinha poder executivo total e indiscutível, e o direito inviolável de escolher o momento de se aposentar e indicar o seu sucessor — que tinha de ser um membro do escritório central e portanto, de alguma forma, da família — mas uma vez que a decisão fosse tomada, deveria abrir mão de qualquer poder. Ian Dunross governara sabiamente por dez anos e escolhera um primo, David MacStruan, para sucedê-lo. Há quatro anos, em pleno vigor, David MacStruan — um alpinista entusiasta — morrera num acidente no Himalaia. Pouco antes de morrer e na frente de duas testemunhas, surpreendentemente, escolhera Linbar para sucedê-lo. Sua morte foi investigada por autoridades policiais britânicas e nepalesas. As suas cordas e o seu equipamento de alpinismo tinham sido mexidos.

As investigações terminaram com o veredicto de 'acidente'. O lado da montanha que ele estava escalando era afastado, a queda foi súbita, ninguém sabia exatamente o que acontecera, nem alpinistas nem guias, as condições eram apenas razoáveis e, sim, o sahib estava bem de saúde e era um homem experiente, nunca se arriscaria tola mente.

Mas, sahib, as nossas montanhas nas Terras Altas são diferentes das outras montanhas. As nossas montanhas têm alma e ficam zangadas de vez em quando, sahib, e quem pode prever o que um espírito fará? — Nenhum dedo foi apontado para nenhum homem, a corda e o equipamento 'poderiam' não ter sido mexidos, apenas mal conservados. Carma.

Salvo os guias nepaleses, todos os doze alpinistas do grupo eram homens de Hong Kong, sócios e amigos, britânicos, chineses, um americano e dois japoneses, Hiro Toda, o chefe das Indústrias de Navegação Toda — um amigo de longa data de David MacStruan — e um de seus sócios, Nobunaga Mori. Linbar não estava entre eles.

Correndo grave risco, dois homens e um guia desceram pela fenda e alcançaram David MacStruan antes que ele morresse, Paul Choy, um diretor da Struan's imensamente rico, e Mori. Ambos testemunharam que, pouco antes de morrer, David MacStruan

indicara formalmente Linbar como seu sucessor. Pouco depois de o abalado grupo ter voltado para Hong Kong, a secretária executiva de MacStruan, ao examinar seus papéis, encontrou uma página escrita à máquina e assinada por ele, datada de poucos meses antes e testemunhada por Paul Choy, que confirmava tudo.

Gavallan lembrava-se de como ficara chocado, todos eles ficaram — Claudia Chen, que tinha sido secretária executiva do tai-pan por gerações, prima da sua própria secretária executiva, Liz Chen, mais do que todos.

— Não parece coisa do tai-pan, Master Andrew — ela dissera a ele, uma senhora idosa mas ainda um bocado esperta. — O tai-pan nunca teria deixado um papel importante como este aqui, ele o teria colocado no cofre da Casa Grande junto com... com todos os outros documentos particulares.

Mas David MacStruan não fizera isso. E a ordem dada ao morrer e o papel que a confirmava tornaram tudo legal e agora Linbar era tai-pan da Casa Nobre e este foi o ponto final, mas dew neh loh moh para Linbar mesmo assim, sua horrível mulher, sua diabólica amante chinesa e seus amigos corruptos. Eu apostaria minha vida que se David não foi assassinado ele foi manipulado de algum modo. Mas por que Paul Choy mentiria, ou Mori, por que, eles não tinham nada a ganhar com isto...

Uma súbita pancada de chuva atingiu-o e ele ficou momentaneamente ofegante, despertando do seu devaneio. Seu coração ainda estava acelerado e ele se amaldiçoou por ter perdido a calma e deixado Linbar dizer o que não deveria ter sido dito.

— Você é um maldito idiota, poderia tê-lo refreado como sempre, você tem que trabalhar com ele e sua corja durante anos, você também teve culpa! — disse em voz alta, depois resmungou — O canalha não deveria ter sido sarcástico a respeito de Maureen... — Eles estavam casados há três anos e tinham uma filha de dois. A sua primeira mulher, Kathy, tinha morrido há nove anos de esclerose múltipla.

Pobre Kathy, pensou com tristeza, que azar você teve.

Gavallan apertou os olhos para enxergar através da chuva e viu o Rolls sair pelo portão do heliporto e desaparecer. É uma pena esta

questão de Avisyard. Eu adoro aquele lugar, pensou, lembrando-se de todos os bons e maus momentos que tinha passado lá com Kathy e seus dois filhos, Scot e Melinda. O Castelo Avisyard era a propriedade ancestral de Dirk Struan, que ele deixara para os tai-pans que o sucedessem, enquanto exercessem o poder. Era um lugar acidentado e lindo, mais de mil hectares em Ayrshire. Uma pena que nós nunca iremos lá, Maureen, eu e a pequena Electra, pelo menos enquanto Linbar for tai-pan. É uma pena, mas assim é a vida.

— Bem, o desgraçado não pode durar para sempre — disse para o vento e se sentiu melhor por tê-lo dito em voz alta. Depois caminhou em direção ao edifício e foi para o seu escritório.

— Oi, Liz — disse. Liz Chen era uma bonita mulher eurasiática, na casa dos cinquenta, que viera com ele de Hong Kong em 1963 e conhecia todos os segredos da Gavallan Holdings — da sua atividade de cobertura S-G, e da Struan's. — O que há de novo?

— Na certa você teve uma briga com o tai-pan. — Ela ofereceu-lhe uma xícara de chá, com sua voz melodiosa.

— Droga, é verdade. Como soube? — Quando ela apenas riu, ele riu junto com ela. — Ele que vá para o inferno. Você já conseguiu falar com Mac? — Mac era Duncan McIver, chefe das operações da S-G no Irã e seu amigo mais antigo — Temos um garoto ligando para lá da manhã até a noite, mas os circuitos no Irã ainda estão ocupados. O telex também não está respondendo. Duncan deve estar tão ansioso quanto você para se comunicar. — Ela apanhou o casaco dele e pendurou-o no cabide do seu escritório. — Sua mulher ligou, ela ia apanhar Electra na creche e queria saber se você jantaria em casa. Eu disse a ela que achava que sim, mas talvez chegasse tarde, você tem um encontro com a ExTex dentro de meia hora.

— É. — Gavallan sentou-se atrás da sua escrivaninha e certificou-se de que a pasta estava preparada. — Verifique se o telex para Mac já está funcionando, sim, Liz?

Ela começou imediatamente a disar. O escritório dele era grande e organizado, dando para o campo de aviação. Na escrivaninha arrumada havia alguns porta-retratos com fotografias da família,

Kathy com Melinda e Scot, quando estes eram pequenos, o grande castelo de Avisyard por trás deles, e outra de Maureen carregando o bebê. Rostos bonitos, rostos sorridentes. Apenas um quadro a óleo na parede, de Aristotle Quance, representando um corpulento mandarim chinês, um presente de Ian Dunross para celebrar seu primeiro pouso bem-sucedido numa plataforma no mar do Norte e o começo de uma era.

— Andy — dissera Dunross, começando aquilo tudo. — Quero que você pegue Kathy e as crianças, saia de Hong Kong e volte para a Escócia. Quero que você finja que pediu demissão da Struan's; é claro que você vai continuar a ser um membro do escritório central, mas isto será segredo por enquanto. Quero que você vá para Aberdeen e compre, em sigilo, a melhor propriedade, atracadouros, áreas fabris, um pequeno campo de aviação, heliportos em potencial. Aberdeen ainda é um lugar atrasado, de modo que você pode comprar o melhor por um preço barato. E uma operação secreta, apenas entre nós dois. Há alguns dias eu conheci um sujeito estranho, um sismólogo chamado Kirk, que me convenceu de que o mar do Norte fica sobre um enorme lençol de petróleo. Quero que a Casa Nobre esteja pronta para abastecer as plataformas quando elas forem instaladas.

— Meu Deus, como poderemos fazer isto? O mar do Norte? Mesmo que haja petróleo lá, o que parece impossível, aquele mar é o pior do mundo durante a maior parte do ano. Não seria possível, não durante o ano todo, e, de qualquer modo, o custo seria proibitivo! Como faríamos isso?

— Este é o seu problema, rapaz.

Gavallan lembrou-se da gargalhada e da enorme confiança e, como sempre, sentiu-se reconfortado.

Então ele tinha deixado Hong Kong, Kathy encantada em partir, e tinha feito tudo o que lhe fora ordenado.

Logo em seguida, como por milagre, o petróleo do mar do Norte começou a jorrar e as maiores companhias americanas — encabeçadas pela ExTex, o imenso conglomerado de petróleo do Texas, e a BP, British Petroleum — entraram com enormes investimentos. Ele estava numa posição magnífica para tirar

vantagem do novo Eldorado e foi o primeiro a perceber que a única maneira eficiente de prestar serviços ao grande achado, naquelas águas violentas, era por helicóptero; foi o primeiro — com o apoio e o poder de Dunross — a levantar os pesados investimentos necessários para o arrendamento e compra dos helicópteros, o primeiro a levar os fabricantes de helicópteros a construir aparelhos de tamanho, segurança, instrumentação e padrões de desempenho nunca antes sonhados, e o primeiro a provar que era possível voar nesses mares terríveis com qualquer tipo de tempo. Duncan McIver fizera isto para ele, voar e desenvolver as técnicas necessárias que eram, até então, inteiramente desconhecidas.

O mar do Norte tinha levado ao Golfo, Irã, Malásia, Nigéria, Uruguai, África do Sul — Irã, a joia da sua coroa, com seu imenso potencial, altamente lucrativo, com as melhores ligações com o centro do poder, a corte, que seus sócios iranianos haviam-lhe assegurado que seriam igualmente proveitosas, mesmo depois da deposição do xá.

— Andy — o general Javadah, seu sócio mais importante, servindo em Londres, dissera-lhe ontem — não há com que se preocupar. Um dos nossos sócios é parente de Bakhtiar e, por via das dúvidas, nós temos o mais alto nível de contatos com o círculo mais íntimo de Khomeini. Evidentemente, a nova era será mais cara do que a anterior...

Gavallan sorriu. Não faz mal a despesa extra, nem o fato de que a cada ano os sócios se tornem um pouco mais gananciosos, ainda há mais do que o bastante para que o Irã continue sendo a nossa nau capitânia, desde que ele volte rapidamente ao normal. O jogo de Ian deu um lucro mil vezes maior à Casa Nobre, pena que ele tenha se retirado naquele momento, mas ele já tinha carregado a Struan's por dez anos. Isto já seria o bastante para qualquer homem, até para mim. Linbar está certo quando diz que eu quero aquele lugar. Se eu não conseguir, por Deus, Scot conseguirá. Enquanto isso, para a frente e para cima, os X63 vão nos levar muito acima da Imperial e da Guerney e vão nos tornar uma das maiores companhias de helicóptero do mundo.

— Dentro de uns dois anos, Liz, nós seremos os maiores — disse com inteira confiança. — O X63 é o máximo. Mac vai ficar louco quando eu contar a ele.

— Sim — ela concordou e desligou o telefone. — Sinto muito, Andy, os circuitos ainda estão ocupados. Eles vão nos avisar assim que desocuparem. Você contou ao tai-pan o resto das novidades?

— Não era exatamente o momento ideal, mas não tem importância. — Eles riram juntos. — Vou reservar isto para a reunião da diretoria.

Um velho relógio de navio começou a tocar as seis horas. Gavallan esticou o braço e ligou o rádio que estava sobre o arquivo, atrás dele. Som do Big Ben batendo as horas...

TEERÃ — APARTAMENTO DE McIVER

O som da última badalada desaparecendo, recepção deficiente, cheia de estática. "Aqui fala a BBC World Service, são 17:00 horas, hora de Greenwich..." Cinco horas da tarde no horário de Londres, oito e meia da noite no Irã.

Os dois homens conferiram automaticamente seus relógios. A mulher apenas tomou um gole do martíni com vodca. Os três estavam reunidos em torno do grande rádio de ondas curtas, o sinal de transmissão era fraco e havia muita superposição de ondas. Fora do apartamento, a noite estava escura. Ouviam-se algumas explosões ao longe. Eles não deram nenhuma importância. Ela tornou a beber esperando. Dentro do apartamento estava frio, o aquecimento central fora cortado várias semanas antes. A única fonte de calor que eles tinham agora era um pequeno aquecedor elétrico que, assim como as lâmpadas fracas, estava reduzido à metade da capacidade.

"...às 19:30 horas, hora de Greenwich, haverá uma reportagem especial sobre o Irã, do nosso próprio correspondente..."

— Ótimo — ela murmurou, e todos concordaram. Ela tinha 51 anos, era jovem para a idade, atraente, loura de olhos azuis,

elegante, e usava óculos de aros escuros. Genevere McIver, simplesmente Genny.

"...mas primeiro um resumo das notícias internacionais: na Grã-Bretanha, dezenove mil trabalhadores tornaram a entrar em greve na fábrica de Birmingham da British Leyland, a maior fábrica de automóveis do país, por um aumento de salário: intermediários do sindicato representando os trabalhadores do serviço público conseguiram um acordo para um aumento de salário de 16%, embora o governo trabalhista do primeiro-ministro Callaghan queira manter 8,8%. A rainha Elizabeth viajará para o Kuwait na segunda-feira, iniciando uma visita de três semanas aos países do golfo Pérsico; em Washington, o pres..."

A transmissão sumiu completamente. O homem mais alto praguejou.

— Seja paciente, Charlie — ela disse carinhosamente — vai voltar.

— Sim, Genny, você tem razão — Charlie Pettikin respondeu. Outra rajada de metralhadora à distância.

— Um tanto arriscado mandar a rainha para o Kuwait agora, não é? — disse Genny. O Kuwait era um território governado por xeques, extremamente rico em petróleo, que ficava do outro lado do golfo, fazendo fronteira com a Arábia Saudita e o Iraque. — É bem estúpido numa época destas, não é?

— Extremamente estúpido. O maldito governo está com a cabeça lá em Aberdeen — disse Duncan McIver, seu marido.

— Isto é um bocado longe, Duncan — disse rindo.

— Não é longe o bastante para mim, Gen! — McIver era um homem corpulento de 58 anos, com a estrutura de um lutador de boxe, e cabelos grisalhos. — Callaghan é um maldito aproveitador e... — Parou, ouvindo o barulho de um veículo pesado passando lá embaixo na rua. O apartamento era no último andar, o quinto, de um moderno edifício residencial nos subúrbios ao norte de Teerã. Outro veículo passou.

— Parecem mais tanques — disse ela.

— São tanques, Genny. — corrigiu Charlie Pettikin. Ele tinha 56 anos, ex-membro da RAF, natural da África do Sul, com cabelos

escuros, entremeados de branco, piloto-sênior, Irã, e chefe do exército iraniano da S-G e do programa de treinamento de helicópteros da Força Aérea.

— Talvez a gente vá passar outro mau pedaço — disse ela.

Há semanas que todos os dias tinham sido maus. Primeiro foi a lei marcial em setembro, quando as reuniões públicas foram proibidas e o toque de recolher de nove da noite às cinco da manhã, imposto pelo xá, só tinha servido para exaltar ainda mais o ânimo do povo. Especialmente na capital, Teerã, no porto petrolífero de Abadan e nas cidades religiosas de Qom e Meshed. Tinha havido muitas mortes. Então a violência aumentava, com o xá vacilando, depois cancelando abruptamente a lei marcial nos últimos dias de dezembro e apontando Bakhtiar, um moderado, como primeiro-ministro, fazendo concessões e depois, inacreditavelmente, no dia 16 de janeiro, partindo do Irã para umas 'férias'. Em seguida, Bakhtiar formando o seu governo e Khomeini — ainda no exílio na França — renegando-o e a qualquer um que o apoiasse. Os tumultos crescendo, as mortes aumentando. Bakhtiar tentando negociar com Khomeini, que se recusou a vê-lo ou a falar com ele, o povo impaciente, o exército impaciente, depois fechando-se todos os aeroportos para Khomeini, depois abrindo-os para ele. E afinal, também inacreditavelmente, há oito dias, em 1º de fevereiro, a volta de Khomeini.

Desde então, os dias têm sido muito ruins, pensou ela.

Naquela madrugada, ela, seu marido e Pettikin estiveram no aeroporto internacional de Teerã. Era uma quinta-feira, muito fria mas revigorante, com retalhos de neve aqui e ali e um vento suave. Ao norte, as montanhas Elburz estavam com os picos cobertos de neve, o sol nascente ensanguentando a neve. Os três tinham ficado ao lado do 212 que estava no pátio de manobras do aeroporto, bem longe da pista em frente ao terminal. Outro 212 estava do outro lado do campo de aviação, também pronto para levantar voo — ambos por ordem dos partidários de Khomeini.

Este lado do terminal estava deserto, exceto por uns vinte nervosos funcionários do aeroporto, a maioria carregando metralhadoras portáteis, esperando perto de um grande Mercedes

preto e de um carro com rádio que estava ligado com a torre. Estava calmo ali — em violento contraste com o interior do terminal e com o lado de fora da cerca que circundava o aeroporto. Dentro do prédio do terminal havia um comitê de recepção de cerca de mil convidados especiais: políticos, aiatolás, mulás pessoal de imprensa, e centenas de policiais uniformizados e guardas islâmicos com braçadeiras verdes — apelidados de Faixas Verdes — o exército particular ilegal e revolucionário dos mulás. Todas as outras pessoas tinham sido mantidas fora do aeroporto, todas as estradas de acesso bloqueadas, guardadas e barricadas. Mas do outro lado dessas barricadas havia dezenas de milhares de pessoas ansiosas, de todas as idades. A maioria das mulheres usava o chador, uma túnica longa como uma mortalha, que as cobria dos pés à cabeça. Além dessas pessoas, ao longo do caminho de 16 quilômetros até o cemitério de Behesht-Zahra onde o aiatolá faria seu primeiro discurso, havia cinco mil policiais armados e, em volta deles, espremidos em balcões, janelas, muros e ruas, havia o maior ajuntamento de pessoas que o Irã já tinha visto, um mar de gente — a maior parte da população de Teerã. Quase cinco milhões de pessoas viviam dentro e nos arredores da cidade. Todos ansiosos, todos nervosos, todos com medo de que pudesse haver um atraso de última hora ou que talvez o aeroporto estivesse fechado mais uma vez para ele ou que talvez a força aérea o derrubasse — com ou sem ordens.

O primeiro-ministro Shahpur Bakhtiar, seu gabinete e os generais de todas as forças armadas não estavam no aeroporto. Por opção. Nem estava lá nenhum dos seus oficiais e soldados. Aqueles homens esperavam nos seus quartéis, campos de aviação ou navios — todos igualmente ansiosos e impacientes para agir.

— Eu gostaria que você tivesse ficado em casa, Gen — dissera McIver inquieto.

— Eu gostaria que nós todos tivéssemos ficado em casa — disse Pettikin, também pouco à vontade.

Um semana antes, McIver fora abordado por um dos partidários de Khomeini para fornecer um helicóptero que levasse Khomeini do aeroporto para Behesht-Zahra.

— Sinto muito, mas não é possível. Eu não tenho autorização para fazer isso — dissera, estupefato.

Em uma hora, o homem estava de volta com os Faixas Verdes, o escritório de McIver e os outros escritórios ficaram cheios deles, jovens, duros, com rostos ferozes, dois portando rifles automáticos soviéticos AK47, um com um US M16.

— Como eu tinha dito, o senhor vai fornecer o helicóptero — ordenou o homem com arrogância. — Para o caso de se tornar muito difícil controlar a multidão. É claro que Teerã inteira estará lá para dar as boas-vindas ao aiatolá, que a Bênção de Deus esteja com ele.

— Por mais que eu quisesse fazer isto, não poderia — McIver respondera com cautela, tentando ganhar tempo.

Ele estava numa posição insustentável. Khomeini obtivera permissão para voltar, mas isso era tudo; se o governo de Bakhtiar soubesse que a S-G estava fornecendo um helicóptero ao seu arquiinimigo para que ele pudesse fazer uma entrada triunfal na capital, eles ficariam, realmente, muito irritados. E mesmo que o governo concordasse, se alguma coisa saísse errada, se o aiatolá fosse ferido, a S-G

levaria a culpa e as suas vidas não valeriam um tostão.

— Todas as nossas aeronaves estão sob contrato, e eu não tenho a autoridade necessária pa...

— Eu lhe dou a autoridade necessária em nome do aiatolá — disse o homem zangado, erguendo a voz. — O aiatolá é a única autoridade no Irã.

— Então deveria ser fácil para o senhor conseguir um helicóptero do Exército ou da Força Aérea iraniana para...

— Cale-se! O senhor teve a honra de ser solicitado. O senhor fará o que for mandado. Em nome de Alá, o komiteh decidiu que o senhor vai fornecer um 212 com os seus melhores pilotos para levar o aiatolá para onde nós dissermos, quando nós dissermos, como nós dissermos.

Esta era a primeira vez que McIver se confrontava com um dos komitehs — pequenos grupos de jovens fundamentalistas — que tinham surgido, aparentemente por milagre, assim que o xá saíra do

Irã, em todas as cidades, vilas e aldeias para tomar o poder, atacando postos policiais, conduzindo as multidões nas ruas, assumindo o controle onde quer que conseguissem. Na maioria das vezes, eles eram liderados por um mulá. Mas nem sempre. Nos campos de petróleo de Abadan dizia-se que os komitehs eram compostos por fedayins de esquerda — literalmente 'aqueles que estão prontos a se sacrificar'.

— O senhor vai obedecer! — O homem sacudiu o revólver na cara dele.

— Eu me sinto, sem dúvida, honrado pela sua confiança — McIver dissera, os homens cercando-o, o cheiro forte de suor e roupas sujas em volta dele.

— Vou pedir permissão ao governo...

— O governo de Bakhtiar é ilegal e não é aceito pelo povo — berrara o homem. Imediatamente, os outros começaram também a berrar e a situação ficou feia. Um dos homens empunhou o seu rifle automático.

— Ou o senhor concorda ou o komiteh tomará outras medidas. McIver passou um telex para Andrew Gavallan, em Aberdeen, que concordou imediatamente, com a condição de que os sócios iranianos da S-G também concordassem. Os sócios não puderam ser encontrados. Em desespero, McIver contactou a embaixada britânica para se aconselhar: — Bem, meu velho, certamente você pode perguntar ao governo, formal ou informalmente, mas nunca conseguirá uma resposta. Nós nem mesmo temos certeza se eles vão realmente permitir que Khomeini desembarque, ou se a Força Aérea não vai se encarregar do assunto. Afinal, o maldito sujeito é um completo revolucionário que está abertamente incitando a uma revolta contra o governo legal, que é reconhecido por todo mundo — o governo de Sua Majestade inclusive. De qualquer jeito, se você for tolo o bastante para perguntar, o governo vai certamente se lembrar de que você os colocou numa situação delicada e você vai se danar de qualquer maneira.

No fim, McIver conseguiu um acordo aceitável com o komiteh.

— Afinal de contas — ele havia salientado com enorme alívio — pareceria muito estranho que uma aeronave britânica levasse o seu

reverenciado líder para a cidade. Sem dúvida, seria melhor se fosse um avião da Força Aérea iraniana, pilotado por um iraniano. Vou ter um dos nossos preparados, dois, aliás, para o caso de algum acidente. Com nossos melhores pilotos. É só nos chamar pelo rádio, peça uma emergência e nós responderemos imediatamente...

E agora ele estava ali, esperando, rezando para que não houvesse nenhuma emergência para ele responder.

O jumbo 747 da Air France surgiu de dentro da névoa cor-de-rosa. Durante vinte minutos ele circulou, esperando permissão para pousar.

McIver estava ouvindo a torre pelo rádio do 212.

— Ainda há algum problema em relação à segurança — disse aos outros dois. — Esperem um minuto... ele teve permissão!

— Lá vamos nós — murmurou Pettikin.

Eles observaram o avião se aproximar. O 747 era de um branco brilhante, com as cores francesas se destacando. Ele foi-se avizinando da terra numa aproximação perfeita; então, no último momento, o piloto aumentou ao máximo a potência, interrompendo o pouso.

— Que diabo ele está tentando fazer? — disse Genny, o coração em disparada.

— O piloto está dizendo que quis dar primeiro uma olhada — McIver explicou a ela. — Acho que eu também faria o mesmo, só para me certificar. — Ele olhou para Pettikin, que atenderia a qualquer chamado de emergência do komiteh. — Peço a Deus que a Força Aérea não cometa nenhuma loucura.

— Olhe — disse Genny.

O jato se aproximou e tocou o solo, com os pneus largando fumaça, seus enormes motores rugindo ao serem invertidos para freá-lo. Imediatamente, uma Mercedes correu para interceptá-lo, e à medida que a notícia se espalhava entre aqueles que estavam no terminal, depois para as barricadas, depois para as ruas, as multidões foram ficando loucas de alegria. A ladainha começou: "Allah-u Akbar... Agha uhmah" Deus é grande... O Mestre voltou...

Pareceu levar uma eternidade até a escada chegar, as portas se abrirem e o velho de barba, com o rosto severo, de turbante preto

descer os degraus, ajudado por uma das comissárias francesas.

Caminhou no meio da guarda de honra formada às pressas por alguns mulás e pela tripulação da Air France iraniana e foi cercado por seus principais assistentes e pelos nervosos funcionários, e rapidamente enfiado num carro que se dirigiu para o terminal. Lá ele foi saudado pelo tumulto enquanto os convidados enlouquecidos, gritando e dando vivas, lutavam uns com os outros para chegar perto dele, tocá-lo, e jornalistas do mundo inteiro também se atropelavam pela melhor posição com sua barreira de máquinas fotográficas e câmeras de TV — todo mundo gritando, os Faixas Verdes e a polícia tentando evitar que ele fosse esmagado. Genny pode vê-lo apenas por um momento, uma estátua no meio do tumulto, depois ele foi engolido.

Genny tomou um gole do martíni, recordando, com os olhos fixos no rádio, tentando obrigar a transmissão a continuar, para apagar a lembrança daquele dia e do discurso de Khomeini no cemitério Behesht-Zahra, escolhido porque muitos dos que foram massacrados na Sexta-Feira Sangrenta — mártires ele os chamava — estavam enterrados lá.

Para apagar as imagens de TV que todos eles tinham visto mais tarde, imagens do mar de corpos enlouquecidos cercando o desfile de automóveis que se arrastava — qualquer ideia de segurança abandonada — dezenas de milhares de homens, mulheres e jovens gritando, lutando, empurrando para chegar mais perto dele, escalando o caminhão Chevrolet onde ele estava, tentando alcançá-lo, tocá-lo, o aiatolá sentado no banco da frente aparentando serenidade, ocasionalmente levantando as mãos para a multidão. Pessoas trepadas no capô e no teto, chorando e gritando, chamando por ele, lutando para impedir os outros de subir — impossível para o motorista enxergar, o motorista de vez em quando freando para as pessoas caírem, outras vezes simplesmente acelerando às cegas. Para apagar a lembrança de um jovem de terno marrom que tinha subido no capô mas que não conseguira se segurar direito e que rolara devagar para debaixo das rodas.

Dúzias como o jovem. Finalmente, os Faixas Verdes conseguiram cercar o caminhão e chamaram o helicóptero, e ela lembrou a

maneira negligente com que o helicóptero se arremessou no meio da multidão que se dispersou para escapar das pás, corpos por toda a parte, feridos por toda a parte, depois o aiatolá caminhando no meio do seu bando de Guardas Islâmicos e sendo ajudado a entrar no helicóptero, com o rosto duro, impassível, depois o helicóptero levantando voo sob os gritos intermináveis de "Allah-uuuuu Akbar... Agha uhmah..."

— Preciso de outro drinque — disse ela e se levantou para disfarçar um arrepio. — Posso preparar um para você, Duncan?

— Obrigado, Gen.

Caminhou em direção à cozinha para apanhar gelo.

— Charlie?

— Agora não, Genny, depois eu pego.

Ela parou quando a transmissão voltou com força: "...A China anuncia que houve sérios incidentes de fronteira com o Vietnã e denuncia esses ataques como mais uma prova da hegemonia soviética; na Fran..." — Mais uma vez o sinal desapareceu, deixando apenas estática.

Passado um momento, Pettikin disse: — Tomei um drinque no clube quando estava vindo para cá. Há um boato entre os jornalistas de que Bakhtiar está preparando uma declaração. Outro boato é de que está havendo luta em Meshed depois que um grupo de arruaceiros enforcou o chefe de polícia e meia dúzia dos seus homens.

— Terrível — disse ela, voltando da cozinha. — Quem está controlando estas turbas, Charlie, realmente controlando-as? São os comunistas?

Pettikin deu de ombros.

— Ninguém parece saber com certeza, mas o partido comunista Tudeh tem que estar incitando-as, proscrito ou não. E todos os esquerdistas, particularmente os mujahedins-al-khalq, que acreditavam numa espécie de casamento entre as religiões islâmicas e Marx, apoiados pelos soviéticos. O xá, os Estados Unidos e a maioria dos governos ocidentais sabem que são eles, fortemente apoiados pelos soviéticos ao norte da fronteira, com o que, é claro, toda a imprensa iraniana concorda. E também os nossos sócios

iranianos, embora eles estejam mortos de medo, sem saber para onde se virar, tentando apoiar ao mesmo tempo o xá e Khomeini. Peço a Deus que tudo se acalme. O Irã é um lugar maravilhoso e eu não tenho planos de me retirar.

— E a imprensa?

— A imprensa estrangeira está confusa. Alguns americanos concordam inteiramente com o xá na acusação contra os comunistas. Outros dizem que o problema é apenas Khomeini, puramente religioso, provocado por ele e pelos mulás. Há os que põem a culpa nos fedayins de esquerda ou na resistência fundamentalista organizada pela Irmandade Muçulmana. Houve até um cara, acho que francês, que declarou que Yasser Arafat e a FLP são... — Ele parou. O rádio voltou a falar por um segundo e depois a estática continuou. — Devem ser manchas solares.

— Suficientes para fazer uma pessoa querer cuspir sangue — disse McIver. Como Pettikin, ele era um ex-combatente da RAF. Tinha sido o primeiro piloto a entrar para a S-G, e agora, como diretor das operações no Irã, também era diretor executivo da CHI — Companhia de Helicópteros do Irã — o empreendimento conjunto, com participação obrigatória e em partes iguais dos iranianos, para a qual a S-G arrendava os seus helicópteros, a companhia que conseguia os seus contratos, fazia os acordos, tomava conta do dinheiro — sem a qual não haveria operações no Irã. Inclinou-se para a frente para sintonizar melhor e depois mudou de ideia.

— A transmissão vai voltar, Duncan — disse Genny, confiante. — Concordo que Callaghan é um canalha.

Ele sorriu para ela. Estavam casados há trinta anos.

— Você não é nada má, Gen. Nada má, mesmo.

— Por causa disto você pode tomar mais um uísque.

— Obrigado, mas desta vez misture um pouco d'água...

— "Porta-vozes do Ministério da Energia dizem que o novo aumento de 14% da OPEP custará aos Estados Unidos 51 bilhões de dólares para importação de petróleo no próximo ano. Também em Washington, o presidente Carter anunciou que em função do agravamento da situação no Irã um grupo de porta-aviões foi

enviado das Fili..." A voz do locutor foi abafada por uma outra estação, depois ambas saíram do ar.

Eles esperaram em silêncio, muito tensos. Os dois homens se entreolharam tentando esconder o choque. Genny foi apanhar a garrafa de uísque que estava no aparador. Também no aparador, ocupando quase todo o espaço, estava o rádio HF, que era o meio de comunicação de McIver com todas as suas bases de helicópteros espalhadas pelo Irã — quando as condições o permitiam. O apartamento era amplo e confortável, com três quartos e duas salas. Nos últimos meses, desde a lei marcial e a subsequente escalada de violência nas ruas, Pettikin viera morar com eles — ele estava solteiro agora, divorciara-se há um ano e esta combinação agradava a todos.

Um vento ligeiro sacudia as vidraças. Genny olhou para fora. Havia algumas luzes amortecidas nas casas em frente, nenhuma luz na rua. Os telhados baixos da enorme cidade alongavam-se ao infinito.

Havia neve sobre eles e sobre o chão. A maior parte dos cinco ou seis milhões de habitantes vivia na miséria. Mas esta área, ao norte de Teerã, a melhor área, onde morava a maioria dos estrangeiros e os iranianos ricos, era bem policiada. Será errado morar na melhor área se você tem meios para isso? Genny se perguntou. Este mundo é um lugar muito estranho, seja de que modo você o encare.

Ela preparou um drinque fraco, com bastante soda, e trouxe-o de volta.

— Vai haver uma guerra civil. Não há condições de continuarmos aqui.

— Nós estaremos seguros, o general Carter não vai deixar... — De repente as luzes se apagaram e o aquecedor elétrico parou de funcionar.

— Droga — disse Genny. — Graças a Deus temos o aquecedor a gás.

— Talvez a falta de energia não dure muito. — McIver ajudou-a a acender as velas que já estavam preparadas. Ele olhou para a porta de entrada, ao lado da qual havia uma lata com vinte litros de gasolina, o combustível de emergência deles. Detestava a ideia de

guardar gasolina no apartamento, todos eles detestavam, principalmente quando tinham que usar velas quase todas as noites. Mas já há semanas que se levava de cinco a 24 horas numa fila nos postos de gasolina e mesmo assim o empregado iraniano era capaz de deixar de atendê-lo porque você era estrangeiro. Várias vezes o tanque do carro deles fora esvaziado, as trancas não eram obstáculos. Eles tinham mais sorte do que a maioria porque podiam recorrer aos suprimentos do campo de aviação, mas para uma pessoa comum, especialmente um estrangeiro, as filas tornavam a vida insuportável. A gasolina no câmbio negro chegava a custar 160 reais o litro, dois dólares o litro, quando se conseguia comprá-la.

— Cuidado com as nossas reservas — disse rindo McIver.

— Mac, você podia pôr uma vela sobre elas, só pelos velhos tempos — disse Pettikin.

— Não o provoque, Charlie! O que você estava dizendo a respeito de Carter?

— O problema é que se Carter entrar em pânico e enviar mesmo algumas tropas — ou aviões — para apoiar um golpe militar, vai ser uma catástrofe. Todo mundo vai berrar como um gato escaldado, os soviéticos mais do que todos, eles vão ser obrigados a reagir e o Irã vai ser o estopim da Terceira Guerra Mundial McIver disse: — Nós já estamos na Terceira Guerra Mundial, Charlie, desde 1945... Uma explosão de estática interrompeu-o, depois o locutor voltou a falar.

"...ação ilegal do serviço secreto: o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas do Kuwait anuncia que seu país recebeu carregamentos de armas da União Soviética.. "

— Cristo — murmuraram os dois homens.

"...Em Beirute, Yasser Arafat, o líder da OLP, declarou que sua organização vai continuar a apoiar ativamente a revolução do aiatolá Khomeini; numa reunião de imprensa em Washington, o presidente Carter reiterou o apoio dos Estados Unidos ao governo de Bakhtiar e ao 'processo constitucional'; e finalmente, do próprio Irã, o aiatolá Khomeini ameaçou prender o primeiro-ministro Bakhtiar caso ele não renuncie; conclamou o povo a 'destruir a terrível monarquia e seu governo ilegal', e o exército a 'revoltar-se contra os seus oficiais dominados pelos estrangeiros e fugir dos quartéis com suas armas'.

Por toda a Grã-Bretanha, nevasdas excepcionalmente fortes, ventanias e enchentes abalaram a maior parte do país, fechando o aeroporto de Heathrow, obrigando todas as aeronaves a permanecerem em terra. E assim terminamos o resumo das notícias. O próximo noticiário completo será às 18:00 horas. Você está ouvindo o noticiário internacional da BBC. E agora uma reportagem do nosso correspondente internacional agrícola, 'Aves e Porcos'. Começamos..."

McIver esticou o braço e desligou o rádio.

— Maldição, o mundo está desmoronando e a BBC vem falar em porcos.

— O que você faria sem a BBC, a televisão e as loterias de futebol? Ventanias e enchentes. — Genny pegou o telefone para ver se dava sorte. Estava mudo como sempre. — Espero que as crianças estejam bem. — Eles tinham um filho e uma filha, Hamish e Sarah, ambos já casados e cada um com um filho. — A pequena Karen se resfria tão facilmente! E Sarah! Mesmo com 23 anos ainda precisa que a gente lembre a ela para se vestir direito! Será que ela nunca vai crescer?

— É uma droga não poder telefonar quando se tem vontade — disse Pettikin.

— É. Bem, está na hora de comer. O mercado estava quase vazio hoje, já pelo terceiro dia consecutivo. Então, era escolher entre carneiro velho assado com arroz, outra vez, ou um especial.

Escolhi o especial e usei as duas últimas latas. Temos torta de carne, couve-flor gratinada, bolo de frutas e uma entrada surpresa. — Apanhou uma vela e foi para a cozinha, fechando a porta.

— Por que será que sempre temos couve-flor gratinada? — McIver ficou olhando a luz da vela tremulando na porta da cozinha. — Detesto esse maldito prato! Já disse isso a ela umas cinquenta vezes... — A noite lá fora, de repente, chamou sua atenção. Foi até a janela. A cidade estava sem luz por causa do corte de energia. Mas em direção ao sudeste, um clarão vermelho iluminava o céu. — Jaleh outra vez — disse simplesmente.

No dia 8 de setembro, há cinco meses, dezenas de milhares de pessoas tomaram as ruas de Teerã para protestar contra a lei

marcial imposta pelo xá. Houve muita destruição, principalmente em Jaleh, um subúrbio pobre, densamente povoado, onde acenderam fogueiras e armaram barricadas com pneus em chamas. Quando as forças de segurança chegaram, a multidão enraivecida, que gritava "Morte ao xá", recusou-se a se dispersar. A luta foi violenta. Gás lacrimogêneo não funcionou. Mas as armas funcionaram. As estimativas de mortes variaram das 97 oficiais a 250, segundo algumas testemunhas, até duas ou três mil, segundo grupos militantes de oposição.

No confronto que se seguiu a esta "Sexta-Feira Sangrenta", um grande número de políticos de oposição, dissidentes e adversários foram presos — mais tarde, o governo admitiu que foram 1.106 — inclusive dois aiatolás, o que inflamou ainda mais as multidões.

McIver sentiu muita tristeza ao olhar o clarão. Se não fosse pelos aiatolás, pensou, especialmente Khomeini, nada disso teria acontecido.

Anos atrás, quando McIver veio ao Irã pela primeira vez, ele perguntara a um amigo na embaixada britânica o que queria dizer aiatolá.

— É uma palavra árabe, ayat'Allah, e quer dizer 'reflexo de Deus'.

— Ele é um padre?

— De jeito nenhum, não há padres no Islã, que é o nome da religião deles — esta é outra palavra árabe que significa 'submissão', submissão à Vontade de Deus.

— O quê?

— Bem — dissera seu amigo, com uma gargalhada, — vou explicar, mas você tem que ter um pouco de paciência. Em primeiro lugar, os iranianos não são árabes, mas arianos, e a grande maioria é de muçulmanos xiitas, uma seita fluida com tendências ao misticismo. Já os árabes são, em geral, muçulmanos ortodoxos, e estes constituem a maioria dos bilhões de muçulmanos do mundo. Estas seitas são um pouco como os nossos protestantes e católicos, e vêm se digladiando com a mesma fúria. Mas todos partilham da mesma fé: que há um único Deus, Alá, palavra que em árabe significa Deus; que Maomé, um homem de Meca que viveu de 570 até 632 foi o Seu profeta, e que as palavras do Corão, proclamadas

por Maomé e registradas por outros depois da sua morte, vieram diretamente de Deus e contêm todos os preceitos pelos quais deve viver o indivíduo ou a sociedade.

— Todos? Isto não é possível.

— Para os muçulmanos é, Mac, hoje, amanhã, para sempre. Mas 'aiatolá' é um título próprio dos xiitas e dado por consenso e aclamação popular pela congregação de uma mesquita, outra palavra árabe que significa 'lugar de encontro', que é só o que ela é, um lugar de encontro, de forma alguma uma igreja, a um mulá que exiba aquelas características mais procuradas e admiradas entre os xiitas: piedade, pobreza, conhecimento, mas só dos Livros Sagrados, o Corão e o Suna, e liderança, com muita ênfase na liderança. No islamismo não há nenhuma separação entre religião e política, não pode haver nenhuma, e os mulás xiitas do Irã, desde o começo, têm sido guardiães fanáticos do Corão e do Suna, líderes fanáticos e, quando necessário, líderes revolucionários.

— Se um aiatolá ou um mulá não é um padre, o que ele é?

— Mulá significa 'líder', aquele que conduz as preces numa mesquita. Qualquer um pode ser um mulá desde que seja homem e muçulmano. Qualquer um. Não há clero no islamismo, não há ninguém entre você e Deus, esta é uma de suas belezas, mas não para os xiitas. Os xiitas acreditam que, depois do Profeta, a terra deveria ser governada por um líder carismático, semidivino, infalível, o imã, agindo como um intermediário entre o humano e o divino, e foi daí que veio a grande divisão entre ortodoxos e xiitas, e suas guerras foram tão sangrentas quanto a dos Cem Anos. Enquanto os ortodoxos acreditam em consenso, os xiitas aceitariam a autoridade do imã, caso ele existisse.

— Então quem escolhe o homem que vai ser imã?

— Este é que é o problema. Quando Maomé morreu, aliás ele nunca declarou ser nada mais do que um simples mortal, embora o último dos profetas, não deixou nem filhos homens nem um sucessor de sua escolha, um califa. Os xiitas acharam que a liderança deveria permanecer com a família do Profeta e o califa só poderia ser Ali, seu primo e genro, casado com Fátima, sua filha favorita. Mas os sunitas ortodoxos, seguindo um costume tribal que

se usa até hoje, acreditavam que o líder só poderia ser escolhido por consenso. Eles provaram ser mais fortes, e os três primeiros califas foram eleitos pelo voto; dois foram assassinados por outros sunitas, até que finalmente, para os xiitas, Ali tornou-se califa e, como eles ardorosamente acreditam, o primeiro imã.

— Eles o consideravam semidivino?

— Guiado por Deus, Mac. Ali durou cinco anos, depois foi assassinado. Os xiitas dizem que foi martirizado. Seu filho mais velho tornou-se imã, depois foi derrubado por um usurpador sunita. Seu segundo filho, o venerado Hussein, de 25 anos, levantou um exército contra o usurpador, mas foi trucidado, martirizado com todo o seu povo, inclusive os dois filhos mais jovens de seu irmão, o seu próprio filho de cinco anos, e um bebê de colo. Isto aconteceu no décimo dia do mês de Muharram, no ano 650 da nossa era e 61 na deles, e eles ainda celebram o martírio de Hussein como o seu dia mais sagrado.

— É neste dia que eles fazem procissões e se chicoteiam, enfiam-se pregos e se flagelam?

— É, uma coisa louca do nosso ponto de vista. O Reza Xá tornou este costume ilegal, mas a religião dos xiitas é uma coisa apaixonada, que precisa de expressões externas de penitência e luto. O martírio está profundamente enraizado nos xiitas, e é venerado no Irã. Assim como a revolta contra os usurpadores.

— Então a guerra está declarada, os fiéis contra o xá?

— Oh, sim. Com fanatismo, de ambos os lados. Para os xiitas, o mulá é o único meio de interpretação, o que, portanto, lhe dá enorme poder. Ele é intérprete, legislador, juiz e líder. E os maiores mulás são os aiatolás.

E Khomeini é o Grande aiatolá, pensava McIver, olhando fixamente para a noite sangrenta que cobria Jaleh. Ele é o maior, e queira ou não, toda matança, todo derramamento de sangue, todo sofrimento e loucura têm que ser atribuídos a ele, sejam ou não justificados.

— Mac!

— Oh, desculpe Charlie — Mac despertou do devaneio. — Eu estava a quilômetros de distância. O quê? Olhou para a porta da

cozinha. Ainda estava fechada.

— Você não acha que deveria tirar Genny do Irã? — perguntou Pettikin, em voz baixa. — As coisas estão ficando realmente muito feias.

— Ela não sai de jeito nenhum. Já mandei cinquenta vezes, já pedi cinquenta vezes, mas ela é teimosa como uma mula, como a sua Claire — respondeu McIver, também em voz baixa. — Ela apenas sorri e diz: "Quando você for, eu vou." — Ele terminou o uísque, olhou para a porta, e preparou outro apressadamente. Mais forte. — Charlie, fale com ela. Ela vai ouvi...

— Vai o quê!

— Você tem razão. Malditas mulheres. Maldita teimosia. Elas são todas iguais. — Eles riram.

— Como vai Xarazade? — perguntou Pettikin, depois de um intervalo.

McIver refletiu um momento.

— Tom Lochart é um homem de sorte.

— Por que ela não foi para a Inglaterra com ele, quando ele foi de licença, e não ficou lá até o Irã se acalmar?

— Não havia motivo nenhum para que ela fosse — não tem família nem amigos lá. Ela queria que Tom fosse ver os filhos, passar o Natal, você sabe. Disse que achava que iria atrapalhar se fosse com ele. Deirdre Lochart ainda está furiosa com o divórcio e, de qualquer modo, a família de Xarazade está aqui; você sabe como são fortes os laços de família no Irã. Ela não irá enquanto Tom não for, e mesmo então não garanto. E quanto a Tom, se tentasse mandá-lo de volta, acho que pediria demissão. Ele vai ficar aqui para sempre. Como você. — E sorriu. — Por que você fica?

— Foi o melhor posto que já tive, quando tudo estava normal. Posso voar o quanto quiser, esquiar no inverno, velejar no verão... Mas vamos encarar os fatos, Mac, Claire sempre detestou isto aqui.

Durante anos ela passou mais tempo na Inglaterra do que aqui, para poder ficar perto de Jason e de Beatrice, da sua própria família e do nosso neto. Pelo menos nossa separação foi amigável. Pilotos de helicóptero não deveriam casar-se, são obrigados a viajar demais. Eu nasci expatriado, e é assim que vou morrer. Não quero

voltar a Cape Town, mal conheço aquele lugar, e não suporto aqueles malditos invernos ingleses. — Tomou um gole de cerveja, na penumbra, e disse com decisão: — Insha'Allah. — Nas mãos de Deus. A ideia o agradou.

Inesperadamente, o telefone tocou, dando-lhes um susto. Há meses o sistema telefônico estava péssimo — nas últimas semanas era totalmente inviável, as linhas permanentemente cruzadas, ligações erradas, o sinal às vezes funcionando por um dia ou por uma hora e depois tornando a ficar mudo.

— Aposto cinco libras que é um cobrador — disse, Pettikin, sorrindo para Genny, que saiu da cozinha, também espantada com a campinha.

— Impossível, Charlie! — Os bancos estavam em greve há dois meses, em resposta ao apelo de Khomeini por uma greve geral, de modo que ninguém, pessoas, companhias, nem mesmo o governo, conseguira retirar dinheiro e a maioria dos iranianos usava dinheiro e não cheque.

McIver levantou o fone sem saber o que esperar. Ou quem.

— Alô.

— Meu Deus, esta maldita coisa está funcionando — disse a voz.
— Duncan, você pode-me ouvir?

— Posso, posso sim. Quem é?

— Talbot. George Talbot da embaixada britânica. Sinto muito, meu velho, mas a merda está atingindo o ventilador. Khomeini nomeou Mehdi Bazargan primeiro-ministro e pediu a renúncia de Bakhtiar. Quase um milhão de pessoas estão nas ruas de Teerã neste momento, procurando barulho.

Acabamos de saber que está havendo uma revolta de aviadores em Doshan Tappeh, e Bakhtiar disse que se eles não se entregarem vai chamar os Imortais. Os Imortais eram unidades de assalto da fanática Guarda Imperial pró-xá. O governo de Sua Majestade, bem como os Estados Unidos, o Canadá e outros estão aconselhando todos os seus cidadãos que não forem imprescindíveis aqui a deixarem o país imediatamente.

McIver tentou manter-se calmo e disse aos outros: — É Talbot, da embaixada.

— ...Ontem, um americano da ExTex Oil e um funcionário iraniano foram emboscados e mortos por 'atiradores não identificados', a sudoeste, perto de Ahwaz — o coração de McIver deu um salto — ...vocês ainda estão operando lá, não estão?

— Perto de lá, em Bandar Delam, na costa. — disse McIver, sem alterar a voz.

— Quantos cidadãos britânicos você tem aqui, sem contar os dependentes?

McIver pensou por um momento.

— Quarenta e cinco, do nosso contingente atual de sessenta e sete: são vinte e seis pilotos, trinta e seis mecânicos e engenheiros, cinco administradores, o que é essencial para nós.

— Quem são os outros?

— Quatro americanos, três alemães, dois franceses, e um finlandês, todos pilotos. Dois mecânicos americanos. Mas trataremos todos como britânicos, se for necessário.

— Dependentes?

— Quatro, só mulheres, nenhuma criança. Retiramos os outros há três semanas. Genny ainda está aqui, uma americana em Kowiss e duas iranianas.

— É melhor você mandar as esposas iranianas para suas embaixadas amanhã, com as certidões de casamento. Elas estão em Teerã?

— Uma está, a outra está em Tabriz.

— É melhor você lhes conseguir novos passaportes, o mais depressa possível.

Pelas leis iranianas, todos os cidadãos iranianos que regressavam ao país tinham que entregar os passaportes ao Serviço de Imigração, onde eram guardados até que quisessem tornar a sair. Para sair, era necessário se apresentar pessoalmente à repartição pública adequada e obter um visto de saída para o qual era preciso uma carteira de identidade em dia, uma razão satisfatória para querer ir para o estrangeiro, e caso fossem de avião, uma passagem paga para um determinado voo. Podia-se levar dias ou semanas para conseguir este visto de saída. Em épocas normais.

— Graças a Deus não temos este problema — disse McIver.

— Podemos agradecer a Deus por sermos britânicos —
prosseguiu Talbot. — Felizmente, nós não temos nenhuma rixa com
o aiatolá, com Bakhtiar ou com os generais. Ainda assim, todos os
estrangeiros vão ter que enfrentar um bocado de problemas, por isto
nós o aconselhamos formalmente a evacuar todos os dependentes,
o mais depressa possível, e cortar o resto do pessoal ao que for
estritamente necessário, por enquanto. O aeroporto vai se
transformar numa bagunça, de amanhã em diante. Estimamos que
ainda haja cinco mil estrangeiros, na maioria americanos, mas
pedimos a cooperação da British Airways no sentido de aumentar o
número de voos para nós e nossos compatriotas. O problema é que
todos os controladores civis de tráfego aéreo ainda estão em greve.

Bakhtiar mandou que os controladores militares assumissem e
eles são ainda mais meticolosos, se isto é possível. Temos certeza de
que vai ser um novo êxodo.

— Oh, Deus!

Há poucas semanas, depois de meses de ameaças cada vez
maiores contra os estrangeiros — principalmente contra os
americanos, por causa dos constantes ataques de Khomeini ao
materialismo americano como sendo o Grande Satã — uma multidão
violenta saiu às ruas na cidade industrial de Isfahan, com seu
enorme complexo siderúrgico, sua refinaria petroquímica, suas
fábricas de material bélico e de helicópteros, e onde uma grande
parte dos cinquenta e poucos mil americanos trabalhavam e viviam
com suas famílias. A multidão pôs fogo em bancos — o Corão
proibia emprestar dinheiro por lucro — em lojas de bebidas — o
Corão proibia tomar bebidas alcoólicas — e em dois cinemas —
lugares de 'pornografia e de propaganda ocidental', sempre alvos
preferidos dos fundamentalistas — depois atacaram instalações
fabris, atiraram coquetéis Molotov no QG de quatro andares da
Grumman Aircraft, queimando-o completamente. Isto precipitou o
'êxodo'.

Milhares de pessoas foram para o aeroporto de Teerã, na maioria
dependentes, lotando-o, enquanto os passageiros à espera de lugar
brigavam pelos poucos lugares restantes, transformando o aeroporto
e seus saguões numa área devastada, com homens, mulheres e

crianças acampados lá, com medo de perder seus lugares, sem espaço para ficar em pé, esperando pacientemente, dormindo, empurrando, exigindo, gemendo, gritando ou apenas esperando estoicamente. Nenhum planejamento, nenhuma prioridade, cada avião excedendo vinte vezes sua capacidade, nenhuma passagem fornecida por computador, tudo escrito lentamente, à mão, por uns poucos funcionários mal-humorados — a maioria dos quais era abertamente hostil e não falava inglês. Rapidamente, o aeroporto se tornou perigoso e a atmosfera pesada.

Em desespero, algumas companhias fretaram seus próprios aviões para remover seu pessoal. A Força Aérea dos Estados Unidos veio retirar os dependentes dos militares, enquanto todas as embaixadas tentavam diminuir as proporções da evacuação, não querendo embarçar ainda mais o xá, seu aliado há vinte anos. Aumentando o caos, havia milhares de iranianos, todos tentando fugir enquanto havia tempo. Os inescrupulosos e os ricos furavam as filas. Muito funcionário ficou rico, depois mais ganancioso, e depois mais rico. Aí os controladores de voo entraram em greve, fechando completamente o aeroporto.

Durante dois dias, nenhum avião subiu ou desceu. As multidões ou se retiraram ou ficaram. Depois, alguns controladores voltaram a trabalhar e começou tudo de novo. Boatos de novos voos. Correrias para o aeroporto, com as crianças e a bagagem acumulada de anos, ou sem bagagem, para um lugar garantido que nunca existiu, outra vez de volta a Teerã, quinhentas pessoas na sua frente, na fila de táxi, a maioria dos táxis em greve — finalmente de volta ao hotel, seu quarto de hotel já cedido a outro, todos os bancos fechados, e nenhum dinheiro para molhar as mãos sempre estendidas.

Por fim, a maioria dos estrangeiros que queria partir, partiu. Aqueles que ficaram para tocar os negócios, para manter os campos de petróleo abastecidos, os aviões voando, as usinas nucleares sendo construídas, as fábricas de produtos químicos funcionando, os petroleiros se movendo — e para proteger seus gigantescos investimentos — ficaram de crista baixa, especialmente os americanos. Khomeini dissera: "Se o estrangeiro quiser partir, que parta; o materialismo americano é que é o Grande Satã"

McIver apertou o fone de encontro ao ouvido, quando o volume diminuiu um pouco, com medo que a ligação fosse cortada.

— Sim, George, o que você estava dizendo?

— Eu só estava dizendo, Duncan, que nós temos certeza de que no fim tudo vai se ajustar. Não há nenhuma indicação de que a coisa vá fugir completamente ao controle. Uma fonte não-oficial diz que já há um acordo em vista para que o xá renuncie em favor de seu filho Reza, o acordo que o governo de SM defende. A transição para um governo constitucional pode ser um pouco tumultuada, mas nada para se preocupar. Desculpe, mas tenho que desligar. Avise-me do que decidir.

O telefone ficou mudo.

McIver praguejou, bateu no gancho em vão, e contou a Genny e a Charlie o que Talbot dissera. Genny sorriu docemente.

— Não olhe para mim, a resposta é não. Eu con...

— Mas, Gen, Tal..

— Eu concordo que as outras devam ir, mas esta aqui vai ficar. A comida está quase pronta. — Voltou para a cozinha e fechou a porta, cortando maiores discussões.

— Bem, ela vai de qualquer maneira — disse McIver.

— Aposto um ano de salário como ela não vai, a não ser que você vá. Por que você não vai, pelo amor de Deus? Eu posso tomar conta de tudo.

— Não, obrigado. — E McIver sorriu na penumbra. — Na verdade é como estar de volta à guerra, não é? De volta ao maldito blecaute. Nada com que se preocupar, exceto se acostumar com a situação, tomar conta das tropas e obedecer ordens. — McIver franziu a testa. — Talbot estava certo a respeito de uma coisa: temos uma sorte danada em sermos britânicos. É duro para os ianques. Não é justo.

— É, mas você protegeu os nossos o melhor que pôde.

— Espero que sim. — Quando o xá partiu e a violência aumentou em toda a parte, McIver emitira identificações britânicas para todos os americanos.

— Eles estarão seguros a não ser que os Faixas Verdes, a polícia ou a Savak comparem as identificações com os vistos deles.

Pelas leis iranianas, todos os estrangeiros tinham que ter um visto atualizado, que era cancelado para poderem sair do país, um cartão de identificação atualizado declarando a que companhia estavam filiados — e todos os pilotos tinham que tirar uma licença anual para pilotar no Irã. Como mais uma medida de segurança, McIver mandara fazer identificações da companhia, assinadas pelo chefe dos seus sócios iranianos em Teerã, general Valik. Até agora não houvera nenhum problema. Para os americanos, McIver dissera: — É melhor vocês terem isto para mostrar, caso seja necessário — e dera ordem a todo o pessoal para andar com fotografias tanto de Khomeini quanto do xá. — Tenham cuidado em mostrar a fotografia certa caso sejam parados!

Pettikin estava tentando chamar Bandar Delam no HF sem sucesso.

— Vamos tentar mais tarde — disse McIver. — Todas as bases estarão na escuta às oito e meia, isto vai nos dar tempo de decidir o que fazer. Cristo, vai ser um bocado difícil. O que acha? Status quo, exceto para os dependentes?

Muito preocupado, Pettikin levantou-se e apanhou uma vela para olhar o mapa de operações, pregado na parede, que mostrava a situação de suas bases, tripulação, pessoal de terra e aeronaves. As bases estavam espalhadas por todo o Irã, desde bases de treinamento da Força Aérea e do Exército, em Teerã e Isfahan, até bases de apoio a plataformas de petróleo, em grandes altitudes, em Zagros; uma operação de corte e transporte de madeira no nordeste, em Tabriz; uma equipe de prospecção de urânio perto da fronteira do Afeganistão; desde a supervisão de um oleoduto no mar Cáspio até quatro campos de petróleo no Golfo e arredores, e por último, a sudeste, mais um campo em Lengeh, no estreito de Ormuz. No momento, estavam em operação os campos de Lengeh, Kowiss, Bandar Delam, Zagros e Tabriz.

— Nós temos quinze 212, incluindo dois que estão na revisão das duas mil horas de voo, sete 206, e três Alouettes, todos devendo estar em atividade no momento...

— E todos presos a contratos legais, dos quais nenhum foi rescindido, mas também não foi pago — disse McIver, impaciente. —

Não há nenhuma maneira de manter todos na base de Kowiss e, legalmente, não podemos remover nenhum sem a aprovação do contratante, ou dos nossos queridos sócios, a não ser que declaremos motivo de força maior.

— Ainda não há nenhum. Tem que ser status quo, pelo tempo que for possível. — Talbot parecia confiante. — Status quo.

— Gostaria que fosse status quo, Charlie. Meu Deus, nesta mesma época, no ano passado, tínhamos quase quarenta 212 trabalhando, além de todo o resto. — McIver serviu-se de mais um uísque.

— É melhor você ir devagar — disse Pettikin, em voz baixa. — Genny vai ficar uma fera. Você sabe que sua pressão está alta e que você não deve beber.

— É terapêutico, pelo amor de Deus. — Uma vela chegou ao fim e se apagou. McIver levantou-se, acendeu outra e voltou a olhar para o mapa. — Acho melhor trazer de volta Azadeh e o Finlandês Voador. O 212 dele está com 1.500 horas, portanto poderia ser poupado por uns dois dias. — Tratava-se do Capitão Eriki Yokkonen e da sua esposa iraniana, Azadeh, e sua base era perto de Tabriz, na província oriental de Azerbaijão, que ficava bem a noroeste, perto da fronteira soviética.

— Por que não tomar um 206 e ir apanhá-los? Isto lhes pouparia uma viagem horrível de carro, de 550 quilômetros, e nós temos mesmo que levar algumas peças sobressalentes para lá.

— Obrigado, eu bem que gostaria de dar uma saída — disse Pettikin sorrindo. — Vou preparar um plano de voo pelo HF esta noite, partir de madrugada, reabastecer em Bandar-e Pahlavi, e comprar um pouco de caviar para nós.

— Sonhador. Mas Gen gostaria. Você sabe o que eu acho dessa droga. — McIver afastou-se do mapa. — Estamos muito expostos, Charlie, caso as coisas fiquem pretas.

— Só se for o destino.

McIver concordou com a cabeça. Distraidamente, seus olhos pousaram no telefone. Levantou o fone.

Agora estava dando sinal. Nervosamente, começou a discar: 00, internacional; 44, Grã-Bretanha; 224, Aberdeen, na Escócia; 765-

8080. Esperou um bom tempo, então seu rosto se iluminou.

— Cristo, consegui.

— S-G Helicópteros, espere na linha, por favor — falou a telefonista, antes que ele pudesse dizer quem era Esperou, fumegando.

— S-G Heli...

— Aqui é McIver, de Teerã, ligue-me com o Velho, por favor.

— Ele está falando no telefone, sr. McIver. — A garota fungou. — Vou ligar com a secretária dele.

— Alô, Mac! — disse Liz Chen, quase imediatamente. — Espere um segundo, vou passar para ele.

Você está bem? Estamos tentando falar com você há dias; espere um momento.

— Está bem, Liz.

Um momento depois Gavallan dizia alegremente: — Mac? Cristo, como conseguiu ligar? É maravilhoso falar com você. Estou com um rapaz tentando permanentemente ligar para você, para o seu escritório, seu apartamento, dez horas por dia. Como vai Genny? Como conseguiu ligar?

— Pura sorte, Andy. Estou em casa. É melhor eu falar depressa antes que cortem a ligação.

McIver contou-lhe a maior parte do que Talbot dissera. Tinha que ser discreto porque havia boatos de que a Savak, a polícia secreta iraniana, estava censurando os telefones, especialmente de estrangeiros. Era norma da companhia nos últimos dois anos presumir que alguém estivesse escutando — Savak, CIA, MI5, KGB, qualquer um.

Houve um instante de silêncio.

— Primeiro, obedeça à embaixada e retire todos os dependentes imediatamente. Entre em contato com a embaixada da Finlândia para providenciar o passaporte de Azadeh. Diga a Tom Lochart para apressar o de Xarazade. Eu o fiz pedir um há duas semanas, por via das dúvidas. Ele, hum, ele está levando correspondência para você, aliás.

O coração de McIver disparou.

— Ótimo, ele estará aqui amanhã.

— Vou ligar para a British Airways e ver se consigo que eles reservem lugares. Como garantia, vou mandar o 125 da companhia. Ele parte para Teerã amanhã. Se você tiver qualquer problema com a British Airways, mande todos os dependentes e pessoal de reserva por ele amanhã. Teerã ainda está aberto, não está?

— Hoje estava — McIver disse, cuidadosamente. Ouviu Gavallan dizer, também com cuidado: — As autoridades, graças a Deus, têm tudo sob controle.

— Mac, o que você recomenda com relação às nossas operações no Irã? McIver respirou fundo.

— Status quo.

— Ótimo. Aqui tudo indica, mesmo nos níveis mais altos, que tudo deverá voltar ao normal logo.

Temos muitas frentes no Irã. E muito futuro. Ouça, Mac, aquele boato a respeito da Guernsey estava correto.

McIver animou-se perceptivelmente.

— Você tem certeza?

— Tenho. Há poucos minutos recebi um telex da IranOil confirmando que cegaremos todos os contratos da Guernsey em Kharg, Kowiss, Zagros e Lengeh para começar. Aparentemente, a ordem de apertar veio de cima, e tive que fazer uma generosa contribuição de pishkesh para a caixinha dos nossos sócios. Um pishkesh era um antigo costume iraniano, um presente oferecido antecipadamente por um favor a ser concedido. Era também um antigo costume que qualquer funcionário ficasse, legitimamente, com o pishkesh dado a ele no decorrer do seu trabalho. Senão, como poderia viver?

— Mas não se importe com isso, vamos quadruplicar nossos lucros no Irã, rapaz.

— Ótimo, Andy.

— E não é tudo: Mac, acabei de encomendar vinte 212 e hoje confirmei a encomenda de seis X63.

Ele é o máximo!

— Cristo, Andy, é fantástico, mas você não está exagerando um pouco?

— O Irã pode estar, hum, atravessando dificuldades temporárias, mas o resto do mundo está desesperado por fontes alternativas de petróleo. Os ianques estão numa sinuca, rapaz. — A voz acelerou o ritmo. — Acabei de firmar outro enorme acordo com a ExTex para novos contratos na Nigéria, na Arábia Saudita e em Bornéus, outro com a All-Gulf Oil nos Emirados. No mar do Norte somos apenas nós, Guerney e a Imperial Helicopters. — A Imperial Helicopters era uma subsidiária da Imperial Air, a segunda linha aérea semi-estatal além da British Airways. — É imprescindível que você mantenha tudo firme no Irã; nossos contratos, aeronaves e peças sobressalentes fazem parte da nossa garantia na compra das novas aeronaves. Pelo amor de Deus, mantenha nossos queridos sócios na linha. Como vão os anjinhos?

— Como sempre.

Gavallan sabia que isso significava corruptos como sempre.

— Acabei de ter uma reunião com o general Javadah em Londres. — Javadah deixara o Irã, com toda a família, há um ano, pouco antes dos problemas se tornarem evidentes. Nos últimos três meses, dois dos seus outros sócios iranianos estavam em Londres com as famílias 'por razões médicas' e outros quatro na América, também com as famílias. Três continuavam em Teerã. — Ele é estúpido, embora caro.

McIver interrompeu-o para falar de problemas mais importantes.

— Andy, preciso de dinheiro, em espécie.

— Está no correio.

McIver ouviu a gargalhada franca e se sentiu mais animado.

— Vá tomar no cu, Chinês! — disse. — Chinês era o apelido que ele dera a Gavallan que, antes de ir para Aberdeen, passara parte da sua vida como negociante na China, primeiro em Xangai e depois com a Struan's em Hong Kong, onde eles se conheceram. Naquela época, McIver tinha um pequeno serviço de helicópteros na colônia. — Pelo amor de Deus, estamos atrasados no pagamento do pessoal de terra, temos todas as despesas dos pilotos, quase tudo tem que ser comprado no... — Parou em tempo. Caso alguém estivesse escutando. Ele ia dizer câmbio negro. — Os malditos bancos ainda estão fechados e o pouco dinheiro que tenho é para heung yau. —

Usou a expressão cantonesa que significa literalmente 'banha cheirosa', dinheiro usado para suborno.

— Javadah prometeu que o general Valik, em Teerã, vai lhe dar meio milhão de riais amanhã. Vou mandar um telex confirmando.

— Mas isto não chega nem a seis mil dólares e temos contas a pagar que somam vinte vezes isto.

— Sei disso, rapaz, mas ele diz que tanto Bakhtiar quanto o aiatolá querem os bancos abertos, logo eles abrirão na semana que vem. Assim que estiverem abertos, ele jura que a CHI pagará tudo o que nos deve.

— Enquanto isto, ele já liberou o estoque A? — Era um código que McIver e Gavallan usavam para fundos mantidos fora do Irã pela CHI, aproximadamente seis milhões de dólares. A CHI estava devendo quase quatro milhões à S-G.

— Não. Ele alega que tem que ter a aprovação formal dos sócios. O impasse continua.

Graças a Deus, pensou McIver. Eram necessárias três assinaturas para esta conta, duas dos sócios e uma da S-G, assim nenhum dos lados podia tocar neste fundo sem o outro.

— Isso é muito arriscado, Andy. Com a compra das novas aeronaves, mais o pagamento pelo uso do nosso equipamento aqui, você está à beira do abismo, não está?

— A gente vive sempre à beira do abismo, Mac. Mas o futuro é cor-de-rosa.

Sim, pensou McIver, para o negócio de helicópteros. Mas e aqui no Irã? No ano anterior, os sócios obrigaram Gavallan a transferir a propriedade de todos os helicópteros e equipamentos da S-G no Irã para a CHI. Gavallan concordara, com a condição de que pudesse comprar tudo de volta no momento que quisesse, sem obstáculos da parte deles, e desde que mantivessem em dia o pagamento pelo arrendamento dos equipamentos e saldassem todas as dívidas. Com o início da crise e o fechamento dos bancos, a CHI atrasou, e Gavallan estava fazendo os pagamentos de todos os helicópteros no Irã com fundos da S-G em Aberdeen — os sócios argumentavam não terem culpa dos bancos estarem fechados, e Javadah e Valik prometiam pagar tudo, assim que as coisas se normalizassem. "Não

se esqueça, Andrew" diziam "conseguimos para vocês os melhores contratos; e fomos nós que os conseguimos, nós; sem nós a S-G não pode operar no Irã. Assim que as coisas voltarem ao normal..."

— Os nossos contratos iranianos ainda são muito lucrativos. — Gavallan estava dizendo. — Não podemos acusar nossos sócios quanto a isso, e com os contratos da Guerne, ficaremos como porcos na lama!

Sim, pensou McIver, embora estejam nos espremendo mais a cada ano, de modo que nossa parte vai ficando cada vez menor e a deles cada vez maior.

— ...Eles têm penetração no país, sempre tiveram, e juram por tudo o que é mais sagrado que tudo vai se ajeitar. Eles precisam de helicópteros para prestar assistência aos seus campos de petróleo.

Todo mundo aqui diz que tudo isso vai passar. O ministro, o embaixador deles, o nosso. Por que eu não acreditaria? O xá fez o possível para modernizar o país, a renda da população aumentou, o analfabetismo caiu. Os lucros com o petróleo são enormes, e vão subir mais ainda assim que esta confusão terminar, segundo o ministro. O mesmo dizem meus contatos em Washington, até o velho Willi da ExTex, e pelo amor de Deus, ele deve saber mais do que qualquer pessoa. A aposta é de cinquenta para um que as coisas estarão normais dentro de seis meses, o xá vai abdicar em favor do seu filho Reza que estabelecerá uma monarquia constitucional Enquanto isso, acho que nós dev..

A ligação foi cortada. McIver bateu no gancho ansiosamente. Quando a linha voltou, dava apenas sinal de ocupado. Com raiva, bateu com o telefone. De repente, a luz voltou.

— Droga — disse Genny — a luz da vela é muito mais bonita. Pettikin sorriu e apagou as luzes. A sala ficou mais agradável, mais aconchegante; a prataria brilhava na mesa que ela tinha posto mais cedo.

— Você tem razão, Genny, mais uma vez.

— Obrigada, Charlie. Vou lhe dar uma porção extra. O jantar está quase pronto. Duncan, pode tomar mais um uísque, não tão forte quanto o que você tomou escondido, e não banque o inocente, mas depois de falar com o nosso Líder Destemido, até eu preciso de um

estímulo extra. Durante o jantar você me conta o que ele disse. — Ela os deixou a sós.

McIver relatou a Pettikin a maior parte do que Gavallan dissera — Pettikin não era diretor nem da S-G nem da CHI, então, por força do ofício, McIver tinha que decidir sozinho a respeito de muita coisa.

Pensativo, caminhou até a janela, contente de ter falado com seu velho amigo. Faz muitos anos, pensou, quatorze.

No verão de 1965, quando a colônia estava envolvida pela revolução, com os Guardas Vermelhos de Mao Tsé-tung agitando toda a China Continental, dilacerando a terra natal e começando a se espalhar para as ruas de Hong Kong e Kowloon, chegara a carta de Gavallan. Naquela época, o negócio de helicópteros de McIver estava à beira da falência, ele estava atrasado no pagamento do aluguel do seu pequeno helicóptero, a Genny tentava aguentar com dois filhos adolescentes num apartamento mínimo e barulhento em Kowloon, onde os tumultos eram mais violentos.

— Pelo amor de Deus, Gen, dê uma olhada nisto! — A carta dizia: "Caro sr. McIver, talvez o senhor se lembre de que nos encontramos uma ou duas vezes nas corridas quando eu estava trabalhando na Struan's há alguns anos. Nós dois ganhamos uma bolada num cavalo chamado Chinês. O tai-pan, Ian Dunross, sugeriu que eu lhe escrevesse, já que tenho necessidade imediata de sua experiência, sei que o senhor lhe ensinou a pilotar helicópteros, e ele o elogiou muito. O petróleo do mar do Norte é um fait accompli. Eu defendo a teoria de que a única maneira de abastecer as plataformas, em quaisquer condições de tempo, é através de helicópteros. No momento, isto ainda não é possível; acho que o senhor chamaria isso de Regras de Voo por Instrumentos, RVI. Nós poderíamos torná-lo possível. Eu tenho as condições de tempo, o senhor tem a habilidade. Mil libras por mês, um contrato de três anos para provar a possibilidade ou a impossibilidade desta ideia, uma gratificação dependendo do sucesso, transporte para o senhor e sua família aqui para Aberdeen, e uma caixa de uísque Loch Vay no Natal. Por favor, telefone o mais depressa possível..."

Sem dizer uma palavra, Genny devolvera-lhe a carta e fizera menção de sair da sala, sob o barulho constante da cidade grande —

tráfego, buzinas, vendedores de rua, navios, aviões a jato, e a estridente música chinesa entravam pela janela que batia com o vento.

— Onde diabos você vai?

— Vou fazer as malas. — Então ela riu, correu para ele e o abraçou. — É um presente do céu, Duncan, depressa, ligue para ele, ligue para ele agora...

— Mas Aberdeen? RVI em quaisquer condições de tempo? Meu Deus, Gen, isto nunca foi feito antes.

Não existe instrumentação para isso, eu não sei se será poss...

— Para você é, rapaz. É claro. Agora, onde terão se metido Hamish e Sarah?

— Hoje é sábado, eles foram ao cinema e...

Um tijolo quebrou uma das janelas e o tumulto recomeçou. O apartamento deles era no segundo andar e dava para uma rua estreita de Mong Kok, uma área altamente populosa de Kowloon. McIver pôs Genny num lugar seguro e olhou cautelosamente pela janela. Lá em baixo, na rua, de cinco a dez mil chineses, todos gritando Mao, Mao, Kwai Loh! Kwai Loh — demônio estrangeiro, demônio estrangeiro — seu grito de guerra habitual, avançavam em direção ao posto policial, a uns cem metros de distância, onde um pequeno destacamento de policiais chineses uniformizados e três oficiais britânicos esperavam, silenciosamente, atrás de uma barricada.

— Meu Deus, Gen, eles estão armados! — exclamou McIver. Geralmente a polícia usava apenas cassetetes. Na véspera, o cônsul da Suíça e a mulher morreram queimados ali perto, quando um grupo virou o carro deles e tocou fogo. À noite, o governador avisara pelo rádio e pela televisão que ordenara à polícia tomar todas as medidas necessárias para acabar com qualquer tumulto.

— Abaixese, Gen, saia da frente...

Suas palavras foram abafadas pelos alto-falantes da polícia, com o superintendente ordenando aos revoltosos, em cantonês e inglês, que se dispersassem. A multidão não deu nenhuma atenção e atacou a barricada. Mais uma vez a ordem de parar foi desobedecida. Então o tiroteio começou. Os que estavam na frente

entraram em pânico, sendo pisoteados pelos que tentavam fugir. Em pouco tempo a rua estava limpa, exceto por cerca de uns 12 corpos caídos no chão. Aconteceu o mesmo na ilha de Hong Kong. No dia seguinte, toda a colônia estava mais uma vez em paz; não houve mais nenhum distúrbio sério, só alguns poucos guardas vermelhos durões tentando inflamar a multidão, e que foram rapidamente deportados.

Em uma semana McIver vendeu sua parte no negócio de helicópteros, voou para Aberdeen na frente de Genny, e mergulhou em seu novo emprego com prazer. Ela levou um mês para empacotar tudo, resolver o problema do apartamento e vender o que não precisariam mais. Quando chegou, ele já tinha encontrado o apartamento ideal, perto do heliporto de McCloud, que ela imediatamente recusou: — Pelo amor de Deus, Duncan, fica a milhões de quilômetros da escola mais próxima. Um apartamento em Aberdeen? Agora que você está tão rico quanto Dunross, rapaz, nós vamos alugar uma casa....

Ele sorriu para si mesmo, lembrando-se daqueles velhos tempos. Genny adorando estar de volta à Escócia — ela jamais gostara de Hong Kong, com a vida difícil que levavam lá, com pouco dinheiro e as crianças para cuidar — ele adorando seu trabalho, Gavallan era um homem maravilhoso para quem e com quem se trabalhar, mas odiando o mar do Norte, o frio, a umidade e as dores que o ar carregado de sal trazia. Mas os cinco anos e pouco que passaram lá valeram a pena, renovando e aumentando seus velhos contatos no ainda pequeno mundo dos helicópteros — formado, em grande parte, por antigos pilotos da RAF, da RCAF, da RAAF, da USAF e por todos os serviços aliados — para o dia em que se expandisse. Sempre uma generosa gratificação de Natal, cuidadosamente poupada para a aposentadoria, e sempre aquela caixa de Loch Vay: "Andy, foi isso o que realmente me fez aceitar!" Gavallan sempre como o grande incentivador, vivendo de acordo com o lema que trouxera para a companhia — Seja Ousado. Hoje, Gavallan era conhecido no leste da Escócia como 'o Senhor' de Aberdeen a Inverness e até Dundee, no sul, com tentáculos que alcançavam Londres, Nova York, Houston — onde quer que houvesse a força do

petróleo. Sim, o velho chinês é poderoso e também pode enrolar você e a maioria dos homens em volta do seu dedinho, pensou McIver, sem rancor. Olhe como você veio parar aqui...

— Escute, Mac — dissera Andrew Gavallan um dia, no final dos anos sessenta —, acabei de conhecer um importante general do Estado-Maior iraniano numa caçada. General Beni-Hassan.

Grande atirador, pegou vinte peças para as minhas quinze! Durante o fim de semana, gastei muito tempo com ele e consegui vender-lhe a ideia de helicópteros de apoio para a infantaria e o regimento de tanques, junto com um programa completo de treinamento para o Exército e a Aeronáutica, além de helicópteros para o negócio de petróleo deles. Rapaz, estamos com mais cartaz que Flynn.

— Mas não estamos equipados para fazer nem a metade disso.

— Beni-Hassan é um cara fantástico, e o xá é realmente um monarca progressista, com grandes planos de modernização. Você sabe alguma coisa sobre o Irã?

Não, Chinês — dissera McIver, desconfiado, reconhecendo aquela exuberância repentina. — Por quê?

— Tenho uma reserva para você para Bahrein, na sexta-feira, para você e Genny... espere um pouco, Mac! O que você sabe sobre a Sheik Aviation?

— Genny está feliz em Aberdeen, não quer se mudar, as crianças estão terminando a escola, acabamos de pagar a entrada da casa, não vamos nos mudar, e Genny vai matá-lo.

— É claro — disse Gavallan distraidamente. — Sheik Aviation?

— É uma companhia de helicópteros pequena, mas boa, que opera no Golfo. Eles têm três 206 e alguns aviões de abastecimento sediados em Bahrein. Têm boa reputação e fazem um bocado de trabalho para a Aranco, a ExTex, e acho que para a IranOil. O dono e diretor é Jock Forsyth, ex-paraquedista e piloto, que organizou a companhia nos anos cinquenta com um velho amigo meu, Scrag Scragger, um austríaco. Scrag é o verdadeiro dono, um ex-RAAF, condecorado com diversas medalhas, e agora um fanático por helicópteros. Primeiro eles estiveram sediados em Cingapura, onde conheci Scrag. Nós, ahn, nós tomamos uma bebedeira e não me

lembro quem começou, mas os outros disseram que foi empate. Depois eles se mudaram para o Golfo, com um ex-executivo da ExTex que tinha um grande contrato para lançá-los lá. Por quê?

— Acabei de comprá-los. Você assume como diretor executivo, na segunda-feira. Scragger e todos os pilotos e funcionários da companhia podem ficar ou não, como você sugerir, mas acho que vamos precisar do conhecimento deles. Ache-os todos bons rapazes. Forsyth está contente em se aposentar e ir para Devon. É curioso, Scragger não disse que conhecia você, mas realmente eu só passei alguns minutos com ele e tratei de tudo com Forsyth. De agora em diante, nós somos S-G Helicópteros Ltda.

Na próxima sexta-feira quero que você vá para Teerã. Escute, pelo amor de Deus. Para montar um quartel-general lá. Marquei um encontro com Beni-Hassan para você conhecê-lo e assinar os papéis para o contrato com a Força Aérea. Ele disse que teria prazer em apresentá-lo às pessoas certas, em toda parte. Ah, sim, você terá dez por cento de todos os lucros, dez por cento do estoque da nova subsidiária iraniana, será diretor executivo do Irã, o que inclui, por enquanto, o resto do Golfo. É claro que McIver tinha ido. Ele nunca pôde resistir a Andrew Gavallan, e tinha apreciado cada momento; mas nunca descobriu como Gavallan convencera Genny. Quando chegou em casa naquela noite, ela já tinha preparado seu uísque com soda e sorria docemente.

— Alô querido, você teve um dia agradável?

— Tive, o que é que há? — perguntou desconfiado.

— O que há é você. Andy me disse que há uma oportunidade maravilhosa para nós num lugar chamado Teerã, que fica em algum lugar chamado Pérsia.

— Irã. Costumava chama-se Pérsia, Gen, mas o nome agora é Irã. Eu, ahn...

— Que excitante! Quando partiremos?

— Ahn, bem, Gen, eu achei que podíamos conversar sobre isso, e se você quiser eu posso dar um jeito de passar dois meses lá e um mês aqui...

— E o que você está planejando fazer nas noites e nos domingos dos dois meses lá?

— Eu, ahn, bem, vou trabalhar pra burro e...

— Sheik Aviation? Você e o velho Scragger, a leste de Suez, bebendo e farreando?

— Quem? Eu? O que é isso, vamos ter tanto o que fazer que...

— Não, rapaz. Hum! Dois meses lá e um aqui? Só se for sobre o cadáver de Andy. Ou vai a família toda ou não vai ninguém! — E numa voz doce: — Você não concorda, coração?

— Olhe aqui, Gen...

Em um mês eles estavam, mais uma vez, começando de novo, mas fora excitante, a época mais divertida da vida deles, conhecendo todo tipo de pessoas interessantes, rindo com Scrag e com os outros, encontrando pessoas como Charlie e Lochart, Jean-Luc e Erikki, tornando a companhia mais eficiente, com as operações de voo mais seguras no Irã e no Golfo, moldando-a do jeito que ele queria. O seu bebê. Só seu.

A Sheik Aviation foi a primeira de muitas aquisições e fusões feitas por Gavallan.

— Onde você consegue todo esse dinheiro, Andy? — tinha perguntado uma vez.

— Nos bancos, é claro. Nós somos um bom investimento e escoceses, além disso.

Foi só muito mais tarde, e por acaso, que ele descobriu que o S da S-G Helicopters era de Struan's, que era também a fonte secreta de todo financiamento e informações, e que a S-G era uma subsidiária deles.

Como descobriu, Mac? — perguntara Gavallan, ríspidamente.

— Um velho amigo de Sydney, ex-combatente da RAF, que está metido em mineração, me escreveu dizendo que tinha ouvido Linbar se gabando a respeito da S-G, dizendo que ela fazia parte da Casa Nobre. Eu não sabia, mas parece que Linbar está dirigindo a Struan's na Austrália.

— Está tentando. Mac, cá entre nós, Ian queria que o envolvimento da Struan's fosse mantido em segredo. David também quer, portanto eu gostaria que você não falasse a ninguém sobre isso — dissera Gavallan, em voz baixa. David era David MacStruan, o novo tai-pan.

— É claro, não vou dizer nem mesmo a Genny. Mas isso explica um bocado de coisas, e eu me sinto muito bem em saber que a Casa Nobre está por trás de nós. Muitas vezes eu me perguntei por que você havia saído.

Gavallan sorriera, sem responder — Liz sabe a respeito da Struan's, evidentemente, o escritório central também sabe, e é só.

McIver nunca dissera a ninguém. A S-G prosperara e crescera junto com o negócio de petróleo. Seus lucros também cresceram. E também o valor de suas ações no mercado iraniano. Quando se aposentasse dentro de seis ou sete anos, estaria muito bem financeiramente.

— Não está na hora de largar? — Todo ano Genny perguntava. — Já temos dinheiro mais do que suficiente, Duncan, — Não é pelo dinheiro — respondia sempre..

McIver olhava o clarão vermelho a sudeste, sobre Jaleh, que agora estava mais forte e mais espalhado. Sua mente estava confusa. Jaleh vai fazer isso se espalhar por toda Teerã, pensou.

Bebeu um gole do uísque. Não tenho necessidade de ficar ainda mais nervoso, pensou, sentindo o peso de tudo aquilo sobre os ombros. O que será que o Chinês ia dizer quando cortaram a ligação?

Ele vai dar um jeito de fazer chegar aos meus ouvidos, se for realmente importante — ele nunca falhou até hoje. Que coisa terrível o que aconteceu com Stanson. É o terceiro civil a ser assassinado por 'atiradores desconhecidos', nos últimos meses — dois da ExTex e um da Guerney, e todos americanos. Eu me pergunto quando vão começar a atirar em nós — os iranianos odeiam os ingleses tanto quanto odeiam os ianques. Como vou conseguir mais dinheiro? Não podemos operar com meio milhão de reais por semana. Vou ter que contar com nossos sócios, mas eles são fingidos como o diabo e peritos em defender seus próprios interesses.

Tomou o último gole do uísque. Sem os sócios estamos bloqueados, mesmo depois de todos esses anos — são eles que sabem com quem falar, a quem subornar, com quanto dinheiro ou que porcentagem, quem adular, a quem recompensar. Eles são os

porta-vozes, são eles que têm os contatos. Mesmo assim, o Chinês estava certo: seja quem for o vencedor, Khomeini, Bakhtiar, ou os generais, eles precisam dos helicópteros..

Na cozinha, Genny estava quase chorando. A lata secreta de haggis, que escondera com tanto cuidado por quase um ano e que acabara de abrir, estava estragada. E Duncan gosta tanto disso. Como é que ele podia gostar disso, uma mistura de coração, fígado e pulmão de carneiro, mais trigo, cebola, sebo, temperos e molho, tudo enfiado num saco, feito com o estômago do pobre carneiro, e depois fervido por várias horas.

— Ugh! Dane-se tudo!

Ela fizera o jovem Scot Gavallan trazer a lata em segredo, na sua rápida licença, para esta ocasião especial.

Hoje era aniversário de casamento deles e esta seria a sua surpresa para Duncan. Que droga!

Não é culpa de Scot que a maldita lata tenha estragado, pensou, infeliz. Mesmo assim, merda, merda, merda! Planejei este maldito jantar durante meses e agora ele está arruinado. Primeiro o maldito açougueiro me deixa na mão, mesmo eu tendo pago em dobro e adiantado, maldito seja o seu "Insha'Allah" e depois, porque os bancos estão fechados, não tive dinheiro para subornar o rival dele para me vender uma perna fresca de carneiro e não uma carne de carneiro velho, depois a mercearia decide entrar em greve, depois...

A janela da pequena cozinha estava meio aberta e ela ouviu outra rajada de metralhadora. Mais perto desta vez. Em seguida, trazido pelo vento, veio o som distante e rouco da multidão: "Allahhh-u Akbarr... Allahhh-u Akbarr..." repetido sem cessar. Estremeceu, achando-o estranhamente ameaçador. Antes dos problemas começarem, ela achava tranquilizante o chamado dos muezins para as orações, cinco vezes por dia, do alto dos minaretes. Mas não agora, não vindo da garganta da multidão.

Agora odeio este lugar, pensou. Odeio as armas e odeio as ameaças. Havia outra, na caixa do correio, a segunda — como a primeira, mal datilografada e copiada no papel mais ordinário: "Em
1º

de dezembro, nós demos um mês para você e sua família deixarem o país. Vocês ainda estão aqui.

Vocês agora são nossos inimigos e vamos lutar contra vocês até o fim." Não havia nenhuma assinatura. Quase todo estrangeiro no Irã havia recebido uma mensagem dessas.

Odeio as armas, odeio o frio, a falta de aquecimento e de luz, odeio os seus banheiros infectos e o fato deles se agacharem como animais, odeio toda a estúpida violência e a destruição de algo que era realmente muito bonito. Odeio ficar em filas. Danem-se todas as filas! Dane-se o patife que estragou a lata de haggis, dane-se esta cozinha infecta e esta torta de carne em conserva! Não consigo entender como os homens podem gostar disso! Ridículo! Carne em conserva misturada com batatas cozidas, um pouco de cebola, manteiga e leite se você tiver, migalhas de pão por cima, e deixar no forno até corar. Ugh! E quanto à couve-flor, o cheiro dela cozinhando me dá vontade de vomitar, mas eu li que é bom para diverticulite e qualquer um pode ver que Duncan não está tão bem quanto deveria. Ele é um tolo em pensar que pode me enganar. Será que ele enganou Charlie? Duvido. Quanto a Claire, que idiota ela foi em deixar um homem tão bom! Imagino se Charlie algum dia descobriu o caso que ela teve com aquele piloto da Guernsey. Acho que não há mal nenhum, desde que você não seja apanhada — é difícil ficar tanto tempo sozinha — e se é isso que você quer. Mas estou contente deles terem se separado como amigos, embora ache que ela era uma cadela egoísta.

Ela se viu no espelho. Automaticamente, arrumou o cabelo e olhou para o seu reflexo. Para onde foi minha juventude? Não sei, mas foi-se. Pelo menos a minha, a de Duncan não, ele ainda é jovem, jovem para a idade — se ao menos ele se cuidasse. Maldito Gavallan! Não, Andy é legal. Fico contente que ele tenha se casado com uma moça tão simpática. Maureen vai mantê-lo na linha, a pequena Electra também. Tivera tanto medo que ele se casasse com aquela secretária chinesa. Ugh!

Andy é legal, e o Irã também era. Era. Agora está na hora de partir e aproveitar nosso dinheiro. Sem dúvida. Mas como?

Riu alto. Acho que tanto faz.

Cuidadosamente, abriu o forno, piscou por causa do calor e do cheiro e tornou a fechá-lo. Não suporto torta de carne, disse a si mesma com irritação.

O jantar estava muito bom, a torta de carne dourada em cima, exatamente como eles gostavam.

— Quer abrir o vinho, Duncan? É persa, sinto muito, mas é a última garrafa. — Normalmente, eles mantinham um bom estoque de vinhos persas e franceses, mas as multidões haviam destruído e queimado todas as lojas de bebidas de Teerã, incentivadas pelos mulás, seguindo o fundamentalismo estrito de Khomeini. Beber qualquer tipo de bebida alcoólica era proibido pelo Corão. — O homem no bazar me disse que, oficialmente, não há nenhuma bebida para vender e que agora, mesmo nos hotéis ocidentais, é proibido vender bebidas.

— Isto não vai durar, as pessoas não vão aturar isso, nem o fundamentalismo, por muito tempo — disse Pettikin. — Não é possível, não na Pérsia. Historicamente, os xás foram sempre tolerantes, e por que não? Por quase três mil anos a Pérsia foi famosa pela beleza de suas mulheres, veja Azadeh e Xarazade, e pelos seus vinhedos e vinhos. O Rubaiyat de Ornar Khayyam não é um hino às mulheres, ao vinho e à canção? Pérsia eterna, eu diria.

— Pérsia soa tão melhor que Irã, Charlie, tão mais exótico, como costumava ser quando viemos para cá, tão mais agradável — disse Genny. Por um momento foi distraída por mais tiros, depois continuou, falando para disfarçar o nervosismo. — Xarazade me disse que o povo sempre chamou o país de Irã, ou Ayrán. Parece que Pérsia era como os antigos gregos o chamavam, Alexandre, o Grande e os outros. A maioria dos persas ficou feliz quando o Reza Xá decretou que a Pérsia, daí em diante, seria Irã. Obrigada, Duncan — aceitou o copo de vinho, admirando sua cor, e sorriu para ele.

— Está tudo uma delícia, Gen — disse ele, e abraçou-a de leve.

O vinho fora saboreado. E a torta também. Mas eles não estavam alegres. Havia muito o que pensar.

Mais tanques estavam se movimentando. Mais tiros. O clarão vermelho, sobre Jaleh, se espalhando.

A ladainha das multidões ao longe. Então, no meio da sobremesa — bolo de frutas, outra das preferidas de McIver — um dos pilotos, Nogger Lane, chegou cambaleando, com as roupas rasgadas, o rosto muito machucado, amparando uma moça. Era alta e tinha cabelos e olhos escuros, estava descomposta e em estado de choque, balbuciando pateticamente em italiano, uma das mangas do casaco quase arrancada, com as roupas, o rosto, as mãos e os cabelos imundos, como se tivesse caído no esgoto.

— Fomos apanhados entre... entre a polícia e um maldito grupo de manifestantes — ele disse depressa, incoerentemente. — Algum desgraçado tirou a gasolina do meu tanque, então... mas os manifestantes, havia milhares deles, Mac. A rua parecia calma mas, de repente, todo mundo começou a correr e eles... os manifestantes, eles saíram de uma rua lateral e muitos tinham armas... Era aquela maldita ladainha sem parar, Allah-u Akbar, Allah-u Akbar, que fazia meu sangue gelar... Eu nunca...

depois pedras, bombas, gás lacrimogêneo, tudo... aí a polícia e as tropas chegaram. E tanques, eu vi três, e pensei que os filhos da mãe iam se dispersar. Aí alguém começou a atirar do meio da multidão, e então havia armas por toda parte e... e corpos espalhados pela rua toda. Corremos para nos salvar e aí um grupo daqueles filhos da mãe nos viu e começou a berrar "demônio americano" e partiram atrás de nós e nos encurralaram num beco. Tentei dizer a eles que era inglês e que Paula era italiana, e não... mas eles estavam me cercando e... e se não fosse por um mulá um filho da mãe grande com uma barba preta e um turbante preto, esse... esse canalha mandou-os parar e Cristo, eles nos deixaram ir. Ele nos xingou e nos disse para dar o fora...

Nogger aceitou o uísque e o tomou de um só gole, tentando recuperar o fôlego, com as mãos e os joelhos tremendo incontavelmente, sem que se desse conta. MacIver, Genny e Pettikin escutavam estarrecidos. A garota soluçava baixinho.

— Nunca em minha vida tinha passado por um pesadelo igual, Charlie — prosseguiu, abalado. — Os soldados eram todos tão jovens quanto os manifestantes e pareciam mortos de medo, difícil de suportar, uma noite atrás da outra, a multidão gritando e jogando

pedras... Um coquetel Molotov bateu no rosto de um soldado e ele começou a pegar fogo, gritando no meio das chamas sem... e então aqueles filhos da mãe nos encurralaram e começaram a agarrar Paula, tentando violentá-la, apalpando-a, rasgando suas roupas. Fiquei meio louco e agarrei um dos desgraçados e acertei-lhe um soco na cara. Sei que o machuquei porque o nariz dele saiu do lugar e se não fosse aquele mulá...

— Vá com calma, rapaz — disse Pettikin, preocupado, mas o rapaz não prestou nenhuma atenção e continuou a falar.

— ...Se não fosse aquele mulá, que me puxou, eu teria continuado a bater até arrebentar o desgraçado; eu queria arrancar os olhos dele, Cristo, eu tentei, eu sei que tentei... Cristo, eu nunca matei nada com minhas mãos, nem nunca tive vontade, até esta noite, mas hoje tive vontade e teria matado... — As mãos dele estavam tremendo quando ele afastou o cabelo dos olhos, sua voz estava mais alta e mais tensa. — Aqueles filhos da mãe, eles não tinham o direito de tocar em nós, mas eles estavam agarrando Paula e...e... — As lágrimas começaram a rolar, sua boca se mexeu mas não saiu nenhum som, havia uma gota de espuma no canto dos seus lábios — e... e... matar... eu queria matarrrr...

Subitamente, Pettikin se inclinou e deu um tapa na cara do rapaz, jogando-o em cima do sofá. Os outros quase desmaiaram de susto. Lane ficou momentaneamente apatetado, depois pulou para se atirar em cima do seu agressor.

— Pare, Nogger! — urrou Pettikin.

A ordem fez com que o jovem se imobilizasse. Ele encarou estupidamente o outro, com os punhos fechados.

— O que há com você, você quase quebrou meu queixo — disse furioso, mas as lágrimas tinham parado e seus olhos estavam claros de novo.

— Desculpe, rapaz, mas você estava ficando histérico, já vi isto acontecer...

— Uma ova que eu estava — disse Lane, ameaçadoramente, recuperando a razão; mas levou bastante tempo até que conseguissem explicar e acalmar a ele e a moça. O nome dela era Paula Giancani, uma moça alta, aeromoça da Alitalia.

— Paula, querida, é melhor você passar a noite aqui — disse Genny. — Já passou da hora de recolher. Você compreende?

— Sim, compreendo. Sim, eu falo inglês, eu...

— Venha comigo, vou lhe emprestar algumas coisas. Nogger, você pode ficar com o sofá.

Mais tarde, Genny e MacIver ainda estavam acordados, cansados mas sem sono, ouvindo tiros em algum lugar no meio da noite, cantoria em algum lugar no meio da noite.

— Quer um pouco de chá, Duncan?

— Boa ideia. — Ele se levantou junto com ela. — Oh, maldição, eu me esqueci. — Foi até a escrivaninha e encontrou a caixinha, mal embrulhada. — Parabéns. Não é muita coisa, só uma pulseira que consegui no bazar.

— Oh, obrigada, Duncan. — Enquanto desembulhava o presente, contou-lhe sobre a lata de haggis.

— Que patife! Não ligue. No ano que vem vamos comê-lo na Escócia. A pulseira era de ametistas brutas, engastadas em prata.

— Oh, é tão bonita, exatamente o que eu queria. Obrigada, querido.

— Você também, Gen. — Ele a abraçou e beijou, distraidamente. Ela não se incomodou com o beijo.

A maioria dos beijos, atualmente, os dela também, eram apenas afetuosos, como fazer festa num cachorro de estimação.

— O que o preocupa, querido?

— Nada.

Ela o conhecia muito bem.

— O que é que eu ainda não sei?

— As coisas estão ficando cada vez mais pretas. A cada hora que passa. Quando você estava fora da sala com Paula, Nogger contou-nos que eles estavam vindo do aeroporto. O voo da Alitalia em que ela estava — fora fretado pelo governo italiano para evacuar seu pessoal e estava preso em terra há dois dias — tinha conseguido permissão para partir ao meio-dia, então ele tinha ido levá-la.

Evidentemente, a partida atrasou várias vezes, como sempre, mas, pouco antes do anoitecer o voo tornou a ser cancelado, todo o aeroporto foi fechado, e todo mundo recebeu ordem para sair. Os

funcionários iranianos simplesmente desapareceram. Então, de repente, um grupo de revolucionários armado até os dentes começou a se espalhar por todo o aeroporto. A maioria usava braçadeiras verdes, mas alguns tinham a sigla OILP escrita nas braçadeiras, Gen, as primeiras que Nogger via.

"Organização Iraniana para a Libertação da Palestina."

— Oh, meu Deus — disse ela —, então é verdade que a OLP está ajudando Khomeini?

— É, e se eles estão ajudando, as coisas são diferentes, a guerra civil começou e nós estamos bem no meio dela.

3

EM TABRIZ UM: 23H05

Erikki Yokkonen estava nu, deitado na sauna que construía com as próprias mãos, à temperatura de 42 graus, com o suor escorrendo pelo corpo. Sua mulher, Azadeh, estava perto dele, também embalada pelo calor. A noite fora ótima, com montes de comida e duas garrafas de melhor vodca russa, que ele comprara no mercado negro, em Tabriz, e que dividira com seus dois mecânicos ingleses e o administrador da base, Ali Dayati.

— Agora vamos fazer uma sauna — dissera, pouco antes da meia-noite. Mas eles recusaram, como sempre, mal tendo forças suficientes para se arrastarem para suas próprias cabanas. — Vamos, Azadeh!

— Esta noite não, por favor, Erikki — suplicara, mas ele apenas rira e a levantara com seus grandes braços, envolvendo-a com o casaco de peles e carregando-a através da porta da frente da cabana deles, atravessando os pinheiros cobertos de neve, sob um frio congelante. Ela era fácil de carregar, e ele entrou na pequena construção que ficava encostada nos fundos da cabana e, depois de tirar a roupa, na sauna propriamente dita. E agora estavam deitados lá, Erikki à vontade, Azadeh, mesmo depois de um ano de casamento, ainda não inteiramente habituada ao ritual de todas as noites.

Virou de lado e olhou-a. Estava deitada numa toalha grossa, no banco em frente. Tinha os olhos fechados, e ele viu seu seio subindo e descendo e toda a sua beleza — cabelos negros, feições finas e marcadas, um belo corpo e uma pele acetinada — e, como sempre, foi tomado pelo encantamento que ela lhe causava, tão pequena perto dele.

Deuses dos meus ancestrais, obrigado por me darem esta mulher, pensou. Por um instante, não pôde se lembrar em que língua estava pensando. Ele era poliglota, falava finlandês, sueco, russo e inglês.

E que importância tem isso? Disse a si mesmo, voltando a sentir o calor, deixando sua mente vagar com o vapor que subia das pedras que arrumara com tanto cuidado. Causava-lhe grande satisfação o fato dele mesmo ter construído a sauna — como um homem devia fazer — rachando as toras de madeira como seus antepassados haviam feito durante séculos.

Foi a primeira coisa que fez quando o enviaram para cá, há quatro anos — escolher e derrubar as árvores. Os outros tinham pensado que era maluco. Ele meneara os ombros, com bom humor.

— Sem uma sauna a vida não é nada. Primeiro você constrói a sauna, depois a casa; sem a sauna uma casa não é uma casa; vocês, ingleses, não sabem de nada, pelo menos a respeito da vida. — Ele se sentira tentado a contar-lhes que nascera em uma sauna, como muitos finlandeses. E por que não?, como isso era, na verdade, profundamente sensato, o lugar mais quente da casa, o mais limpo, o mais tranquilo, o mais reverenciado. Não contara nunca a eles, só a Azadeh. Ela compreendera. Ah, sim, pensou, bastante satisfeito, ela compreende tudo.

Lá fora, a floresta estava silenciosa, o céu noturno sem nuvens e com estrelas muito brilhantes, a neve abafando qualquer som.

A um quilômetro passava a única estrada que, serpenteando pelas montanhas em direção a nordeste, ia até Tabriz, a 15 quilômetros de lá, e depois continuava para o norte, até a fronteira soviética, alguns quilômetros adiante. Para sudeste, também pelas montanhas, atingia Teerã, a 240 quilômetros de distância.

A base, Tabriz Um, abrigava dois pilotos — o outro estava de licença na Inglaterra — e dois mecânicos ingleses, os demais eram iranianos: dois cozinheiros, oito operários diurnos, o operador de rádio, e o administrador. Sobre a colina, ficava a cidade de Abu Mard e, no vale embaixo, a fábrica de polpa de madeira para a fabricação de papel, que pertencia ao monopólio florestal, Madeira Iraniana, a quem serviam por contrato. O 212 levava madeireiros e equipamentos para a floresta, ajudava a construir acampamentos e a projetar as poucas estradas que podiam ser construídas, depois prestava serviço aos acampamentos, transportando as equipes substitutas e os equipamentos e retirando os feridos. Para a maioria

dos acampamentos do interior, o 212 era a única ligação com o mundo exterior, e os pilotos eram venerados. Eriki amava aquela vida e aquela terra, tão parecida com a Finlândia que ele, às vezes, imaginava estar novamente em casa.

A sauna tornou tudo perfeito. A pequena construção de dois cômodos, nos fundos da cabana, ficava fora da vista das outras cabanas, e fora construída com líquen entre as toras, para um melhor isolamento, com o fogo que aquecia as pedras bem arejado. Algumas das pedras, a camada de cima, ele trouxera da Finlândia. Seu avô retirara-as do fundo de um lago, de onde vêm as pedras das melhores saunas, e dera-as a ele na última licença que passou em casa, há 18 meses.

— Leve-as, meu filho, e com elas, certamente, irá um bom tonto finlandês, o duendezinho marrom que é o espírito da sauna, embora eu não saiba por que você quer se casar com uma estrangeira e não com uma pessoa de sua própria raça.

— Quando o senhor a vir, vovô, também vai adorá-la. Ela tem olhos azuis-esverdeados, cabelos muito escuros e...

— Se ela lhe der muitos filhos, bem, vamos ver. Realmente, há muito tempo que você já deveria estar casado, um homem bonito como você; mas uma estrangeira? Você disse que ela é professora?

— Ela faz parte do Corpo de Ensino do Irã, são jovens, voluntários a serviço do Estado, que vão para as aldeias e ensinam os aldeões e as crianças a ler e escrever, mas principalmente as crianças.

O xá e a imperatriz criaram esta organização há alguns anos; e Azadeh entrou quando tinha 21 anos.

Ela vem de Tabriz, onde eu trabalho, ensina na nossa cidadezinha, numa escola provisória e eu a conheci há sete meses e três dias. Tinha 24 anos na época...

Eriki exultou ao lembrar-se da primeira vez em que a vira, toda arrumadinha no seu uniforme, com os cabelos soltos, sentada numa clareira na floresta, cercada de crianças; depois, do sorriso que ela lhe deu, e ele viu nos olhos dela, a admiração, pelo seu tamanho e soube imediatamente que esta era a mulher que ele esperara encontrar a vida inteira. Tinha 36 anos naquela ocasião. Ah, pensou,

observando-a preguiçosamente, mais uma vez abençoando o tonto que o guiara para aquela parte da floresta. Só mais três meses e, então, dois meses inteiros de licença. Vai ser bom poder mostrar-lhe Suomi — Finlândia.

— Está na hora, Azadeh, querida — disse.

— Não, Erikki, ainda não, ainda não — respondeu semi-adormecida, tonta pelo calor mas não pelo álcool, pois não bebia. — Por favor, Erikki, ainda n...

— Excesso de calor não lhe faz bem — disse com firmeza.

Sempre falavam inglês um com o outro, embora ela também falasse russo fluentemente — sua mãe era meio georgiana, oriunda de uma região de fronteira em que era útil e aconselhável ser bilíngue. Ela também falava turco, a língua mais usada nesta parte do Irã, o Azerbaijão e, é claro, farsi. Salvo umas poucas palavras, ele não falava nem turco nem farsi. Ele se ergueu e enxugou o suor, em paz com o mundo, depois inclinou-se e beijou-a.

Ela retribuiu o beijo e tremeu quando as mãos dele a buscaram, e também as dela o buscaram.

— Você é um homem mau, Erikki — disse, e depois espreguiçou-se gloriosamente.

— Pronta?

— Sim.

Abraçou-o quando ele a ergueu nos braços com facilidade.

Saíram da sauna para o vestiário, depois abriram a porta e se viram no ar gelado. Azadeh perdeu o fôlego quando o frio a atingiu e se agarrou a Erikki, enquanto ele apanhava um pouco de neve e esfregava-lhe o corpo com ela, fazendo sua carne formigar e queimar, de uma forma que não era desagradável. Em segundos, estava afogueada por dentro e por fora. Tinha levado um inverno inteiro para se acostumar com o banho de neve depois do calor. Agora, sem ele, a sauna ficava incompleta. Rapidamente, fez o mesmo com ele, depois correu com vivacidade, de volta para o calor, deixando-o a rolar e se esfregar na neve por alguns instantes. Ele não notou o grupo de homens e o mulá em pé, no meio deles, que observavam, espantados, sobre a elevação, meio escondidos entre as árvores ao lado do caminho, a uns cinquenta metros de distância.

Quando ia fechar a porta, Erikki os viu. Sentiu-se tomado de cólera e bateu a porta.

— Tem uns aldeões lá fora. Deviam estar nos vigiando. Todo mundo sabe que este lugar fica fora dos limites!

Azadeh também ficou furiosa e eles se vestiram apressadamente. Ele enfiou as botas de pele e calças e suéter grossos, agarrou o enorme machado e saiu. Os homens ainda estavam lá e Erikki ameaçou-os com um rugido, levantando o machado. Espalharam-se quando Erikki se lançou sobre eles, aí um dos homens ergueu a metralhadora e deu uma rajada para o ar que ecoou pela encosta da montanha.

Erikki estacou, esquecendo a raiva. Nunca fora ameaçado antes com armas, nem nunca tivera uma apontada para o seu estômago.

— Largue o machado — disse o homem, num inglês vacilante — ou mato você.

Erikki hesitou. Neste momento, Azadeh colocou-se entre eles, derrubou a arma e começou a gritar em turco: — Como ousam vir até aqui? Como ousam usar armas? O que vocês são, bandidos? Esta terra é nossa. Saiam da nossa terra ou vou mandá-los para a cadeia! — Ela colocara seu pesado casaco de peles sobre o vestido, mas estava tremendo de raiva.

— Esta é a terra do Povo — disse o mulá sombriamente, mantendo-se fora de alcance. — Cubra a cabeça, mulher, cubra...

— Quem é você, mulá? Você não é da minha aldeia! Quem é você?

— Eu sou Mahmud, mulá da mesquita de Hajsta, em Tabriz. Não sou um dos seus lacaios. — Respondeu com raiva; e pulou para o lado quando Erikki investiu contra ele. O homem da metralhadora estava desequilibrado, mas um outro homem, a certa distância, apontou o rifle: — Por Deus e pelo Profeta, detenha o porco estrangeiro ou eu mando vocês dois para o inferno que vocês merecem!

— Erikki, espere! Deixe estes cães comigo! — gritou Azadeh em inglês, depois berrou para eles: — O que vocês querem aqui? Esta terra é nossa, é a terra do meu pai, Abdullah Khan, khan dos Gorgons, parente dos Qajars que vêm governando aqui há séculos.

— Seus olhos já se haviam habituado à escuridão e ela examinou-os. Eram dez, todos jovens, todos armados, todos desconhecidos, menos um, o kalandar, o chefe, da aldeia.

— Kalandar, como você ousa vir aqui?

— Sinto muito, Alteza — disse ele, desculpando-se — mas o mulá disse que eu tinha que trazê-lo aqui por esta trilha e não pela estrada principal e então...

— O que você quer, parasita? — disse, virando-se para o mulá.

— Respeite-me, mulher — respondeu o mulá, ainda mais furioso.

— Logo nós estaremos mandando.

O Corão tem leis contra a nudez e a vida pecaminosa: pedras e chicote.

— O Corão tem leis contra invasão e bandidos e ameaças a gente pacífica, e rebelião contra os chefes e senhores. Eu não sou um dos seus analfabetos assustados! Eu sei o que vocês são e o que sempre foram: os parasitas das aldeias e do povo. O que quer você?

O pessoal da base estava chegando, com lanternas. Na frente vinham os dois mecânicos, de olhos arregalados, Dibble e Arberry, com Ali Dayati cuidadosamente atrás. Todos estavam tontos de sono, apressadamente vestidos e ansiosos.

— O que está acontecendo? — perguntou Dayati, com seus óculos grossos no nariz, olhando para eles. Sua família vinha sendo protegida e vinha servindo ao khan Gorgon há anos.

— Estes cães — Azadeh começou furiosa — surgem no meio da noi...

— Cuidado com o que diz, mulher — interrompeu zangado, o mulá, depois virou-se para Dayati. — Quem é você?

Quando Dayati viu que o homem era um mulá, seus modos mudaram e ele se tornou imediatamente subserviente.

— Eu... eu sou o administrador da Madeira Iraniana, Excelência. Qual é o problema, por favor, o que posso fazer pelo senhor?

— O helicóptero. Ao amanhecer eu o quero para voar sobre os acampamentos.

— Sinto muito, Excelência, o motor está desmontado para uma revisão. É norma dos estrangeiros uma re...

Azadeh interrompeu furiosa.

— Mulá, com que direito você ousa vir aqui no meio da noite para...

— O imã Khomeini enviou ord...

— Imã? — Repetiu chocada. — Com que direito você chama o aiatolá Khomeini de imã?

— Ele é imã. Ele enviou ordens para...

— Onde é que está escrito no Corão ou no Sharia que um aiatolá pode declarar-se imã, pode dar ordens a um dos fiéis? Onde está escri...

— Você não é xiita? — O mulá perguntou, furioso, consciente de que seus companheiros estavam ouvindo em silêncio.

— Sim, sou xiita, mas não sou uma analfabeta ignorante, mulá!

— O jeito com que ela disse esta palavra foi como um xingamento.

— Responda!

— Por favor, Alteza — disse Dayati, implorando. — Por favor, deixe isso comigo, por favor, eu imploro.

Mas ela começou a gritar e o mulá respondeu, e os outros se meteram, com o ambiente tornando-se muito pesado, até que Erikki ergueu o machado e deu um urro de ódio, furioso porque não conseguia entender o que estava sendo dito. Houve um súbito silêncio e depois outro homem apontou uma pistola automática.

— O que é que este filho da mãe quer, Azadeh? — perguntou Erikki. Ela lhe disse.

— Dayati, diga-lhe que ele não pode usar o meu 212 e para dar o fora da nossa terra agora mesmo ou vou chamar a polícia.

— Por favor, capitão, deixe-me lidar com isso, capitão — disse Dayati, suando de ansiedade, antes que Azadeh pudesse interromper. — Por favor, Alteza, vá embora agora. — Depois voltou-se para os dois mecânicos. — Está tudo bem, vocês podem voltar para a cama. Eu vou tratar disso.

Foi então que Erikki notou que Azadeh ainda estava descalça. Ele a ergueu nos braços.

— Dayati, você diga a esse matyeryebyets e a todos eles que se tornarem a voltar aqui no meio da noite eu lhes quebro os pescoços. E se ele ou qualquer pessoa tocar num fio de cabelo da minha

mulher vou me arrastando até o inferno atrás dele, se for preciso. — E se retirou, enorme na sua fúria, seguido pelos dois mecânicos.

Uma voz, em russo, o fez parar.

— Capitão Yokkonen, talvez eu pudesse falar com o senhor um momento?

Erikki olhou para trás. Azadeh, ainda no seu colo, estava tensa. O homem estava no fundo do grupo, difícil de ver, aparentemente não muito diferente dos outros, usando um casaco de capuz sem nada de especial.

— Sim — Erikki respondeu-lhe em russo —, mas não traga uma arma para a minha casa, nem uma faca. — E saiu andando com altivez.

O mulá aproximou-se de Dayati com um olhar de fera.

— O que foi que aquele demônio estrangeiro disse, hein?

— Ele foi rude, todos os estrangeiros são rudes, Sua Alt... a mulher também foi rude.

O mulá cuspiu na neve.

— O profeta estabeleceu leis e castigos para tal conduta, o Povo possui leis contra a riqueza hereditária e o roubo de terras, a terra pertence ao Povo. Dentro de pouco tempo, leis e castigos corretos vão governar a todos nós, finalmente, e o Irã terá paz. — Ele se voltou para os outros. — Nua na neve! Exibindo-se em público contra todas as leis do recato. Rameira! Os Gorgons não passam de lacaios do xá traidor e do seu cão, Bakhtiar. — Seus olhos voltaram a encarar Dayati. — Que mentiras você estava contando sobre o helicóptero?

Tentando ocultar o medo, Dayati disse, imediatamente, que a revisão das 1.500 horas de voo fazia parte dos regulamentos estrangeiros que foram impostos a ele e às aeronaves e ratificados pelo xá e pelo governo.

— Governo ilegal — interrompeu o mulá.

— É claro, é claro, ilegal — concordou Dayati, de imediato, conduziu os nervosamente ao hangar e acendeu as luzes. A base tinha o seu próprio sistema gerador e era auto-suficiente. Os motores do 212 estavam desmontados, peça por peça, e arrumados em fila. — Isso não tem nada a ver comigo, Excelência, os

estrangeiros fazem o que querem. — E depois acrescentou, rapidamente: E embora nós todos saibamos que a Madeira Iraniana pertence ao povo, o xá ficou com todo o dinheiro. Eu não tenho nenhuma autoridade sobre eles, os demônios estrangeiros e seus regulamentos. Não há nada que eu possa fazer.

— Quando ele vai poder voar? — O homem que falava russo perguntou num turco perfeito.

— Os mecânicos prometeram que em dois dias — respondeu Dayati e rezou em silêncio, muito amedrontado, embora tentasse não demonstrá-lo. Estava claro para ele agora que esses homens eram mujahedins de esquerda, partidários da teoria defendida pelos soviéticos de que o islã e Marx eram compatíveis. — Está nas mãos de Deus. Dois dias; os mecânicos estrangeiros estão esperando por algumas peças sobressalentes que estão atrasadas.

— Que peças são essas?

Nervosamente, ele lhe disse. Eram algumas partes de menor importância e uma lâmina do rotor da cauda.

— Quantas horas rodou a lâmina do rotor?

Dayati checou no diário de bordo, com as mãos tremendo.

— Mil e setenta e três.

— Deus está do nosso lado — disse o homem e depois virou-se para o mulá: — Poderemos usar a velha com segurança por mais umas cinquenta horas, pelo menos.

— Mas a vida da lâmina... o prazo de validade está vencido — disse Dayati, sem pensar. — O piloto se recusará a voar porque os regulamentos aéreos exi...

— Regulamentos de Satã.

— É verdade — o que falava russo interrompeu —, alguns deles. Mas as leis de segurança são importantes para o Povo, e até muito importantes. Deus estabeleceu no Corão regras para os camelos e os cavalos e ensinou como cuidar deles, e essas regras podem ser aplicadas aos aviões que também são uma dádiva de Deus e também nos transportam para fazer o trabalho de Deus. Portanto, devemos segui-las corretamente. Você não concorda, Mahmud?

— É claro — disse o mulá com impaciência e seus olhos pousaram em Dayati que começou a tremer.

— Voltarei dentro de dois dias, ao nascer do sol. Providencie para que o helicóptero esteja montado e que o piloto esteja pronto para fazer o trabalho de Deus para o Povo. Eu vou visitar cada um dos acampamentos das montanhas. Há outras mulheres aqui?

— Só... só duas esposas de operários e... minha esposa.

— Elas usam o chador e o véu?

— É claro — Dayati mentiu imediatamente. Usar o véu era contra a lei do Irã. O Reza Xá tinha proibido o véu em 1936, tinha tornado optativo o uso do chador e o xá Muhammad tinha dado ainda mais liberdade à mulher em 1964.

— Ótimo. Lembre a elas que Deus e o Povo estão vigiando, mesmo nos desprezíveis domínios dos estrangeiros. — Mahmud virou as costas e saiu pisando duro, e os outros o acompanharam.

Quando ficou sozinho, Dayati enxugou a testa, agradecendo por ser um dos fiéis e porque, agora, sua mulher ia usar o chador, ia ser obediente e agir como sua mãe tinha agido, com recato, e não usar jeans como Sua Alteza. Do que é que o mulá a chamara? Que Deus o proteja, se o Abdullah Khan ficar sabendo disso... muito embora, é claro, o mulá tenha razão, e evidentemente Khomeini tenha razão, que Deus o proteja.

NA CABANA DE ERIKKI: 23:23H.

Os dois homens se sentaram à mesa, um em frente ao outro, na sala principal da cabana. Quando o homem bateu na porta, Erikki dissera a Azadeh para ir para o quarto, mas deixara a porta de dentro aberta para que ela pudesse ouvir. Ele lhe dera o rifle que usava para caçar.

— Use-o sem medo. Se ele entrar no quarto, é porque eu já estou morto. dissera, com sua faca pukoh enfiada no cinto, no meio das costas.

A pukoh era uma faca de cabo comprido e era a arma de todos os finlandeses. Era considerado de mau agouro — e perigoso — um homem não carregá-la. Na Finlândia era contra a lei andar com ela

em público — isto poderia ser tomado como um desafio. Mas todo mundo carregava uma, principalmente nas montanhas. A de Erikki Yokkonen fazia justiça ao seu tamanho.

— Então, capitão, peço desculpas pela invasão. — O homem tinha cabelos escuros, um pouco menos de um metro e oitenta, cerca de trinta anos, o rosto curtido pelo tempo, os olhos escuros e eslavos.

Havia sangue mongol nas suas veias.

— Meu nome é Fedor Rakoczy.

— Rakoczy foi um revolucionário húngaro — disse Erikki, secamente — e pelo seu sotaque você é da Geórgia. Rakoczy não era georgiano. Qual é o seu nome verdadeiro... e o seu posto na KGB?

— É verdade que meu sotaque é da Geórgia — riu o homem — e que eu sou russo da Geórgia, de Tbilisi. Meu avô veio da Hungria mas não tinha nenhum parentesco com o revolucionário que outrora tornou-se príncipe da Transilvânia. E nem era muçulmano como meu pai e eu. Então, está vendo, nós dois sabemos um pouco de história, com a graça de Deus — disse amavelmente. — Sou engenheiro do gasoduto russo-iraniano, perto da fronteira, em Astara, no Cáspio, e pró-Irã, pró-Khomeini, que ele seja abençoado, antixá e antiamericano.

Estava contente por ter sido informado a respeito de Erikki Yokkonen. Parte da sua história de cobertura era verdadeira. Ele vinha realmente da Geórgia, de Tbilisi, mas não era muçulmano, nem seu nome verdadeiro era Rakoczy. Seu nome verdadeiro era Igor Mzytryk e era capitão da KGB, um especialista servindo na 116ª Divisão Aerotransportada, sediada na fronteira, ao norte de Tabriz, um dentre as centenas de agentes camuflados que tinham sido infiltrados há meses, ao norte do Irã, e que agora operavam quase livremente. Tinha 34 anos, era oficial de carreira da KGB como seu pai, e estava no Azerbaijão há seis meses. Seu inglês era bom, falava fluentemente o turco e o farsi, e embora não soubesse pilotar, conhecia muito a respeito dos helicópteros de apoio da sua divisão, com motores a pistão, pertencentes ao Exército Soviético.

— Quanto a minha situação — acrescentou com sua voz mais gentil — é a de amigo. Nós, russos, somos bons amigos dos finlandeses, não somos?

— Sim, sim, isto é verdade. Os russos são, mas não os membros do partido. A Santa Rússia foi amiga no passado, sim, quando éramos um grande ducado da Rússia. A Rússia Soviética foi amistosa depois de 1917 quando nos tornamos independentes. A Rússia Soviética é amiga agora. Sim, agora.

Mas não em 1939. Não na Guerra do Inverno. Não, não naquela época.

— Nem vocês em 1941 — disse Rakoczy, asperamente. — Em 1941 vocês foram para a guerra contra nós com os nojentos nazistas; vocês se aliaram a eles contra nós.

— É verdade, mas só para recuperar a nossa terra, a nossa Carélia, nossa província que vocês tinham nos roubado. Nós não marchamos para Leningrado como poderíamos ter feito. — Erikki podia sentir a faca no meio das costas e estava muito contente por isso. — Você está armado?

— Não. Você disse para não vir armado. A minha arma está do lado de fora da porta. Não tenho uma faca pukoh nem tenho necessidades de uma. Por Alá, sou um amigo.

— Ótimo. Um homem precisa de amigos.

Erikki observou o homem, odiando o que ele representava: a Rússia Soviética que, sem ser provocada, invadira a Finlândia em 1939, assim que Stalin assinara o pacto germano-soviético de não-agressão. O pequeno exército da Finlândia lutara sozinho. Durante cem dias eles tinham resistido às hordas soviéticas, na Guerra do Inverno, e depois tinham sido derrotados. O pai de Erikki fora morto defendendo a Carélia, a província que ficava ao sul e a leste, onde, por séculos, os Yokkonens viveram. Imediatamente, a Rússia Soviética anexara a província. Imediatamente, todos os finlandeses se retiraram. Todos eles. Nenhum teria permanecido sob a bandeira soviética, e a terra se tornou deserta de finlandeses. Erikki tinha apenas dez meses de idade nessa época e, no êxodo, milhares de pessoas morreram. Sua mãe morrera. Foi o pior inverno de que se tinha lembrança.

E em 1945, pensou Erikki, contendo o ódio, em 1945, a América e a Inglaterra nos traíram e deram as nossas terras para o agressor. Mas nós não esquecemos. Nem os estonianos, letões, lituanos, alemães orientais, tchecos, húngaros, búlgaros, eslavos, romenos — a lista é interminável. Chegará o dia do ajuste de contas com os soviéticos, oh, sim, este dia chegará — principalmente para os russos, que sofrem o seu jugo mais do que ninguém.

— Para um georgiano, você sabe um bocado sobre a Finlândia — disse calmamente.

— A Finlândia é importante para a Rússia. A détente entre nós funciona, é segura, e mostra ao mundo que a propaganda imperialista americana anti-soviética é um mito.

Erikki sorriu.

— Isto não é hora para política, hein? É tarde. O que quer de mim?

— Amizade.

— Ah, isto é fácil de pedir, mas como você deve saber, difícil de conseguir quando se trata de um finlandês. — Erikki esticou-se e apanhou uma garrafa de vodca quase vazia e dois copos, em cima do aparador. — Você é xiita?

— Sim, mas não muito bom, que Deus me perdoe. Eu às vezes bebo vodca, se é por isso que você está perguntando.

Erikki encheu dois copos.

— Saúde. — Eles beberam. — Agora, por favor, vá direto ao assunto.

— Dentro em breve, Bakhtiar e seus lacaios americanos serão expulsos do Irã. Dentro em breve, o Azerbaijão estará em convulsão, mas você não tem nada a temer. Você é benquisto aqui, bem como sua mulher e a família dela, e nós gostaríamos da sua... da sua cooperação para pacificar estas montanhas.

— Sou apenas um piloto de helicóptero, trabalhando para uma companhia britânica, contratada pela Madeira Iraniana, e sou apolítico. Nós, finlandeses, somos apolíticos, você não se lembra?

Nós somos amigos, sim. Nossos interesses pela paz mundial são os mesmos.

Erikki deu um soco na mesa com o seu punho enorme, fazendo o russo recuar com aquela súbita manifestação de violência que fez a garrafa rolar e cair no chão.

— Já lhe pedi educadamente, por duas vezes, para ir direto ao assunto — disse na mesma voz calma —, agora você tem dez segundos.

— Muito bem — disse o homem entre dentes. — Precisamos dos seus serviços para transportar turmas para os acampamentos nos próximos dias. Nós..

— Que turmas?

— Os mulás de Tabriz e seus seguidores. Nós preci..

— Eu recebo ordens da companhia, não de mulás ou revolucionários ou homens que chegam trazendo armas no meio da noite. Você compreende?

— E melhor o senhor nos compreender, capitão Yokkonen. E os Gorgons também. Todos eles — disse Rakoczy, incisivamente, e Erikki sentiu o sangue subir. — A Madeira Iraniana já entrou em greve e está do nosso lado. Eles lhe darão as ordens necessárias.

— Ótimo. Neste caso, vou esperar e ver que ordens são essas. — Erikki levantou-se em toda a sua altura. — Boa noite.

O russo também se levantou e encarou-o, zangado.

— O senhor e sua mulher são inteligentes demais para não entender que sem os americanos e a sua maldita CIA, Bakhtiar está perdido. Aquele louco filho da mãe do Carter enviou navios e helicópteros para a Turquia... uma esquadra de guerra americana para o Golfo, uma força-tarefa com carregamento nuclear, porta-aviões de apoio com fuzileiros e aeronaves com armas nucleares... uma esquadra de guerra.

— Não acredito nisso!

— Pois pode acreditar. Por Deus, é claro que eles estão tentando iniciar uma guerra com manobras de guerra, pois é claro que vamos ter que reagir, nós temos que responder a manobras da guerra, pois é claro que eles vão usar o Irã contra nós. É tudo uma loucura... nós não queremos uma guerra nuclear..

— Rakoczy falava com toda sinceridade, dizendo mais do que devia. Há poucas horas, seu superior o avisara pelo rádio, em

código, que todas as forças soviéticas na fronteira estavam em Alerta Amarelo, a um passo do Vermelho, por causa da aproximação da frota de porta-aviões, todos os mísseis nucleares também estavam em alerta. E pior ainda, eles foram informados de grandes movimentos de tropas chinesas ao longo dos oito mil quilômetros de fronteira com a China. — Aquele filho da puta do Carter com seu Pacto de Amizade com a China vai mandar todos nós para o inferno, se tiver uma chance.

— Se tiver que ser, será — disse Erikki.

— Insha'Allah, sim, mas por que correr como um cão dos americanos ou dos seus nojentos aliados britânicos? O Povo vai vencer, nós vamos vencer. Ajude-nos e não se arrependerá, capitão. Nós só precisamos da sua habilidade por alguns di...

Parou de súbito. Alguém se aproximava correndo. Instantaneamente, a faca de Erikki estava em sua mão e ele se moveu com a velocidade de um gato, colocando-se entre a porta de entrada e a porta do quarto no momento em que a porta foi violentamente aberta — Savak! — Gritou um homem que eles mal puderam ver e que depois tornou a sair correndo.

Rakoczy deu um pulo em direção à porta e agarrou sua metralhadora.

— Nós precisamos da sua ajuda, capitão. Não se esqueça! — E desapareceu na escuridão.

Azadeh veio até a sala. Com a arma pronta e o rosto pálido.

— O que foi aquilo a respeito de uma frota de porta-aviões? Não entendi. Erikki contou-lhe. Seu choque foi evidente.

— Isto significa guerra, Erikki.

— Sim, se acontecer. — Vestiu o casaco. — Fique aqui.

Fechou a porta atrás dele. Agora, podia ver luzes de carros se aproximando depressa pela estrada de terra que ligava a base à estrada Tabriz—Teerã. Quando seus olhos se adaptaram à escuridão, pôde distinguir dois carros e um caminhão do Exército. Em poucos instantes, o primeiro veículo parou e policiais e soldados se espalharam pela escuridão. O oficial encarregado cumprimentou-o.

— Ah, capitão Yokkonen, boa noite. Soubemos que estiveram aqui alguns revolucionários, ou comunistas do Tudeh, e que houve

tiros, disse num inglês perfeito. — Sua Alteza está bem? Não há nenhum problema?

— Não, agora não, obrigado, coronel Mazardi. — Erikki o conhecia muito bem. O homem era primo de Azadeh e chefe de polícia nesta área de Tabriz. Mas Savak? Isto já é outra coisa, pensou inquieto.

Se ele for, muito bem, mas eu não quero saber. — Entre.

Azadeh ficou contente em ver o primo, agradeceu por ele ter vindo e contaram-lhe o que ocorrera.

— O russo disse que o nome dele era Rakoczy, Fedor Rakoczy? — perguntou.

— Sim, mas era, evidentemente, uma mentira. — disse Erikki. — Ele deve ser da KGB.

— E ele não disse por que queriam visitar os acampamentos?

— Não.

O coronel refletiu por um momento, depois suspirou.

— Então o mulá Mahmud queria voar, hein? É burrice um homem que se diz de Deus querer voar.

Muito perigoso esse sacrilégio, principalmente se ele for um marxista-islâmico! Voando em helicópteros, a pessoa pode facilmente cair, é o que dizem. Talvez a gente deva fazer a vontade dele.

— Ele era alto e muito bem-apessoado, tinha cerca de quarenta anos e seu uniforme era impecável.

— Não se preocupem. Esses agitadores estarão logo de volta aos seus pardieiros. Logo Bakhtiar vai nos dar ordens para conter esses cães. E esse agitador, Khomeini... nós devíamos sumir com esse traidor bem depressa. Os franceses deveriam ter dado sumiço nele, assim que chegou. Aquele tolos fracos. Estúpidos! Mas eles sempre foram fracos, intrometidos e contra nós. Os franceses sempre tiveram inveja do Irã. — Levantou-se. — Avisem-me quando seu aparelho estiver em condições de voar. De qualquer maneira, voltaremos dentro de dois dias, pouco antes do amanhecer. Vamos torcer

para que o mulá e seus amigos, especialmente o russo, voltem.

Quando ele os deixou, Erikki colocou a chaleira no fogo para fazer café. Pensativo, disse: — Azadeh, prepare uma sacola de viagem.

— O quê? — perguntou espantada.

— Vamos pegar o carro e viajar para Teerã. Partimos em poucos minutos.

— Não há necessidade de partir, Erikki.

— Se o helicóptero estivesse em condições, nós o usaríamos, mas não está.

— Não há com que se preocupar, meu querido. Os russos sempre cobiçaram o Azerbaijão, e sempre cobiçarão, czaristas, soviéticos, não faz nenhuma diferença. Eles sempre desejaram o Irã e nós sempre os mantivemos fora daqui e sempre o faremos. Não há necessidade de se preocupar por causa de alguns fanáticos e de um único russo, Erikki.

— Eu estou preocupado é com os fuzileiros americanos na Turquia, com a força-tarefa americana, e com o motivo pelo qual a KGB acha que "você e sua esposa são inteligentes demais", por que aquele cara estava tão nervoso, por que sabem tanto sobre mim e sobre você e por que 'precisam' dos meus serviços. Vá arrumar a mala, querida, enquanto ainda há tempo.

SÁBADO

10 de fevereiro

4

NA BASE AÉREA DE KOWISS: 3H32

Conduzida pelo mulá Hussein Kowissi, a multidão gritava, forçando o portão principal, trancado e iluminado por holofotes, e a cerca de arame farpado que circundava a enorme base, na noite escura, muito fria, com neve por toda parte. Havia três ou quatro mil pessoas, a maioria jovens, alguns armados, algumas moças vestindo o chador, bem na frente, acrescentando seus gritos ao tumulto: "Deus é grande... Deus é grande..."

Do lado de dentro do portão, de frente para a multidão, pelotões de soldados nervosos estavam espalhados, montando guarda, com os rifles preparados. Havia outros pelotões de reserva, e todos os oficiais estavam armados de revólveres. Dois tanques centuriões, prontos para batalha, aguardavam no centro da pista, com os motores ligados e perto deles estavam o Comandante e um grupo de oficiais. Atrás, caminhões cheios de soldados, com os faróis apontados para o portão e a cerca — vinte ou trinta soldados para cada caminhão. Atrás dos caminhões ficavam os hangares, os edifícios da base, as barracas e um grande número de funcionários, grupos formados pelo pessoal da manutenção, todos ansiosos, vestidos apressadamente, pois a multidão chegara há menos de meia hora, querendo tomar posse da base em nome do aiatolá Khomeini.

Mais uma vez a voz do comandante se fez ouvir pelos altofalantes.

— Vocês devem dispersar-se imediatamente! — Sua voz era áspera e ameaçadora, mas a ladainha da multidão a abafava: "Allah-u Akbarr..."

A noite estava nublada, ocultando até mesmo o sopé das montanhas Zagros, atrás da base, com os picos cobertos de neve. A base era o principal QG da S-G ao sul do Irã bem como a sede de dois esquadrões de F4 da Força Aérea Iraniana e, desde a decretação da lei marcial, de um destacamento de centuriões e soldados. Do lado de fora da cerca, a leste, a gigantesca refinaria de petróleo se espalhava por um raio de centenas de hectares, com as altas torres soltando fumaça, muitas lançando jatos de fogo para dentro da noite, à medida que o excesso de gás era queimado. Embora a refinaria estivesse em greve e fechada, algumas partes estavam iluminadas por holofotes: uma equipe reduzida de europeus e iranianos recebera permissão do komiteh de greve para tentar manter em segurança a refinaria, seus oleodutos e tanques de armazenamento.

— Deus é grande... — Hussein tornou a gritar.

Imediatamente a multidão recomeçou a gritaria e a gritaria subiu à cabeça e ao coração dos soldados.

Um dos que estavam na fileira da frente era Ali Bewedan, um recruta como os outros, jovem como os outros, há pouco tempo um aldeão como os outros e como os que estavam do lado de fora da cerca.

Sim, pensou, com a cabeça doendo e o coração disparado, estou do lado de Deus e pronto para ser sacrificado pela Fé e pelo Profeta, cujo Nome seja louvado! Oh, Deus, permita que eu seja um mártir e vá direto para o Paraíso conforme está prometido aos fiéis. Deixe-me derramar o meu sangue pelo Islã e por Khomeini, mas não protegendo os malditos servos do xá!

As palavras de Khomeini soavam sem parar em seus ouvidos, palavras que ele ouviu no cassete que o mulá tocara na mesquita há dois dias: "... Soldados: juntem-se a seus irmãos e irmãs para fazer o trabalho de Deus, fujam de suas barracas com suas armas, desobedeçam às ordens ilegais dos generais, derrubem o governo ilegal! Façam o trabalho de Deus, Deus é Grande..."

Seu coração voltou ao normal quando tornou a ouvir a voz, a voz forte, bem camponesa do líder dos líderes, que tornava tudo claro. "Deus é grande, Deus é grande..."

O jovem soldado não percebeu que gritava junto com a multidão, os olhos fixos no mulá que estava do outro lado do portão, do lado de Deus, lá fora, batendo no portão, conduzindo os que ele sabia serem seus irmãos e irmãs, tentando arrombá-lo. Seus irmãos soldados que estavam próximos ficaram ainda mais inquietos e nervosos, e o olharam, sem dizer nada, com a cantoria subindo também para suas cabeças e seus corações. Muitos dos que estavam no interior da cerca gostariam de abrir o portão. A maioria teria feito isso se não fosse pelos oficiais e sargentos e pelos castigos inevitáveis, até mesmo a morte, que eles sabiam ser a recompensa para o motim.

— Do lado de Deus, lá fora...

O cérebro do jovem pareceu explodir com estas palavras e não ouviu o sargento gritando com ele, nem o viu, vendo apenas o portão que estava fechado para os fiéis. Largou o rifle e correu para o portão, que estava a uns cinquenta metros. Por um momento, fez-se um enorme silêncio, todos os olhos de dentro e de fora pousados nele, petrificados.

O comandante, coronel Muhammad Peshadi, estava em pé perto do tanque de comando, um homem ágil de cabelos grisalhos, com um uniforme impecável. Viu o jovem gritando "Allahhhh-u Akkbarrrr...", a única voz que se ouvia naquele momento.

Quando o rapaz estava a uns cinco metros da cerca, o coronel fez um sinal ao sargento a seu lado.

— Mate-o — disse em voz baixa.

Nos ouvidos do sargento ressoava o grito de guerra do rapaz, que agora tentava arrancar as traves do portão. Com um único movimento, arrancou o rifle do soldado mais próximo, destravou-o, apoiou-se momentaneamente no tanque, mirou a cabeça do rapaz e puxou o gatilho. Viu o rosto do rapaz explodir, salpicando os que estavam do outro lado do portão. Então o corpo tombou e ficou obscenamente pendurado no arame farpado.

Por um instante, fez-se um silêncio ainda maior. Depois, sincronizada-mente, sob o comando de Hussein, a multidão avançou, urrando, como um único ser insensato e inconsciente. Aqueles que estavam na frente puxaram violentamente os arames, sem se importarem com as farpas que lhes rasgavam as mãos. Incentivados pelos que estavam atrás, começaram a subir nos arames farpados.

Uma submetralhadora começou a atirar no meio deles. Neste momento, o coronel fez um sinal para o oficial no tanque.

Imediatamente, uma língua de fogo soltou-se do cano do canhão de cem milímetros que apontava para cima da multidão e despejou uma carga de festim, mas o susto da explosão fez com que os atacantes saíssem correndo do portão, em pânico, meia dúzia de soldados também deixaram seus rifles caírem, de susto, alguns fugiram, e muitos dos espectadores desarmados se espalharam apavorados. O segundo tanque atirou, com o cano apontado para mais perto do chão, e a língua de fogo mais baixa.

A multidão se dispersou. Homens e mulheres fugiram do portão e da cerca, tropeçando uns nos outros na sua pressa. Mais uma vez o tanque principal atirou, e mais uma língua de fogo e uma explosão ensurdecedora, e a multidão redobrando seus esforços para fugir. Só o mulá Hussein ficou no portão.

Ele oscilou como um bêbado, momentaneamente cego e surdo, depois suas mãos agarraram os pilares do portão e ele se pendurou lá. No mesmo instante, instintivamente, muitos correram para ajudá-lo, soldados, sargentos e um oficial.

— Fiquem onde estão! — urrou o coronel Peshadi, depois apanhou o microfone e colocou-o no máximo de potência. Sua voz explodiu na noite. — Todos os soldados fiquem onde estão!

Mantenham as travas de segurança! MANTENHAM AS TRAVAS DE SEGURANÇA! Todos os oficiais e sargentos encarreguem-se dos seus homens! Sargento, venha comigo!

Ainda em choque, o sargento marchou ao lado do seu comandante que se dirigiu ao portão.

Espalhados em frente ao portão havia umas trinta ou quarenta pessoas que tinham sido pisoteadas. A massa de manifestantes

parara a uns cem metros de distância e começava a se reorganizar. Alguns dos mais entusiasmados iniciaram uma investida. A tensão aumentou.

— PAREM! TODOS FIQUEM ONDE ESTÃO!

Desta vez o comandante foi obedecido. Imediatamente. Ele sentia o suor escorrendo pelas costas, o coração disparado no peito. Lançou um breve olhar ao corpo preso no arame farpado, contente por ele — o rapaz não tinha sido sacrificado com o Nome de Deus nos lábios e, portanto, não estava já no Paraíso? —, e depois falou asperamente pelo alto-falante.

— Vocês três... sim, vocês três, ajudem o mulá. AGORA! — Na mesma hora, os homens que ele havia apontado do lado de fora da cerca correram para cumprir a ordem. Ele fez um sinal zangado com o polegar para alguns soldados. — Vocês! Abram o portão! Vocês, levem embora o corpo!

Mais uma vez foi imediatamente obedecido. Atrás dele, alguns grupos começaram a se movimentar, e ele urrou.

— Eu disse FIQUEM ONDE ESTÃO! O PRÓXIMO QUE SE MOVER SEM MINHA ORDEM SERÁ UM HOMEM MORTO! — Todo mundo ficou paralisado. Todo mundo.

Peshadi esperou um momento, quase que desafiando alguém a se mover. Ninguém o fez. Então, tornou a olhar para Hussein, a quem conhecia bem.

— Mulá — disse Peshadi, em voz baixa —, você está bem? — Estava em pé ao lado dele agora. O portão aberto. A poucos metros de distância os três aldeões esperavam, petrificados.

Hussein sentia uma dor monstruosa na cabeça e seus ouvidos também doíam terrivelmente. Mas podia ouvir e ver, e embora suas mãos estivessem ensanguentadas do arame farpado, sabia que não estava ferido e que ainda não era o mártir que tanto desejava ser.

— Eu exijo — disse fracamente. — Eu exijo esta... esta base em nome de Khomeini.

— Você virá ao meu escritório imediatamente — interrompeu-o o coronel, com a voz e o rosto severos. — E vocês três também, como testemunhas. Vamos conversar, mulá. Eu vou ouvir e você vai ouvir. — Tornou a ligar o alto-falante e explicou o que ia acontecer, com a

voz ainda mais grave, as palavras ecoando, penetrando na noite. — Ele e eu vamos conversar. Vamos conversar pacificamente e depois o mulá vai voltar para a mesquita e todos vocês retornarão às suas casas para rezar. O portão permanecerá aberto. O portão será guardado pelos meus soldados e pelos meus tanques, e por Deus e pelo Profeta cujo Nome seja louvado, se qualquer um de vocês transpuser o portão ou pular a cerca sem ser convidado, será morto por meus soldados. Se invadirem minha base, levarei meus tanques até suas aldeias e queimarei as aldeias e vocês junto com elas! Longa vida para o xá! — Deu meia-volta e se afastou, e o mulá e os três assustados aldeões seguiram-no vagarosamente. Ninguém mais se mexeu.

Na varanda do refeitório dos oficiais, o capitão Conroe Starke, líder do contingente da S-G, suspirou.

— Meu bom Deus — resmungou cheio de admiração, para ninguém em especial —, que cojones!

5H21

Starke estava na janela do refeitório dos oficiais, observando o edifício do QG de Peshadi do outro lado da rua. O mulá ainda não saíra. O salão do refeitório estava muito frio. Freddy Ayre encolheu-se mais na poltrona, protegendo-se com sua jaqueta de voo, e olhou para o texano alto que se balançava suavemente nos calcanhares.

— O que você acha? — perguntou cansado, abafando um bocejo.

— Acho que vai amanhecer daqui a uma hora mais ou menos, companheiro — respondeu Starke, distraidamente. Ele também usava uma jaqueta de voo e botas de voar quentes. Os dois pilotos estavam numa janela que ficava no canto da sala do segundo andar, de onde se via quase toda a base.

Espalhados pela sala, uns doze oficiais iranianos dos mais graduados, que também tinham recebido ordens para ficar a postos. A maioria dormia nas poltronas, enrolados em jaquetas de voo ou casacões do exército — a base inteira estava com o aquecimento desligado há semanas, para economizar combustível. Alguns ordenanças cansados, também vestidos com casacões, limpavam os últimos vestígios da reunião que a multidão interrompera.

— Estou me sentido exausto, e você?

— Ainda não, mas por que será que sempre estou de serviço nos dias santos e nos feriados, Freddy?

— Isto é um privilégio do Líder Destemido, meu chapa — disse Ayre. Ele era o segundo em comando do contingente da S-G, antigo membro da RAF, um homem bem-apeesoado de 28 anos, de grandes olhos azuis e sotaque de Oxford. — Dá bom exemplo para as tropas.

Starke olhou na direção do portão principal, que estava aberto. Nenhuma mudança: continuava bem guardado. Do lado de fora, uns quinhentos aldeões ainda esperavam, bem juntos uns dos outros para se aquecerem. Ele tornou a fixar a atenção no prédio do QG Também lá não houvera nenhuma mudança. No segundo andar, onde Peshadi tinha seus escritórios, as luzes estavam acesas.

— Daria um mês de salário para estar kibitzing por lá, Freddy.

— O quê? O que quer dizer isto?

— Para estar ouvindo a conversa entre Peshadi e o mulá.

— Ah! — Ayre olhou na direção dos escritórios. — Sabe, pensei que estivesse tudo acabado quando aqueles miseráveis começaram a subir pela cerca. Maldição! Estava pronto para sair correndo, girar a manivela da Velha Nellie e dizer adeus para Kublai Khan e suas hordas mongóis! — E deu uma risadinha quando imaginou a si mesmo correndo para o seu 212. — Evidentemente — acrescentou —, eu teria esperado por você, Duke. — Usou o apelido que costumavam usar para Starke, que era texano como John Wayne, tinha o mesmo tipo físico de John Wayne e era tão bonito quanto ele.

— Obrigado, meu chapa — Starke respondeu rindo. — Pensando bem, se eles tivessem conseguido invadir a base, eu teria corrido na sua frente.

Seus olhos azuis apertaram-se quando riu, respondendo com um ligeiro sotaque. Depois tornou a se virar para a janela, disfarçando a preocupação. Era a terceira vez que a base enfrentava uma multidão enfurecida, sempre conduzida pelo mulá e sempre mais séria do que a anterior. E agora, a primeira morte não acidental. E depois? Aquela morte levaria a outra e mais outra. Se não fosse pelo coronel Peshadi, alguém mais teria se precipitado para o portão e teria sido

morto e agora haveria corpos por toda parte. Oh, Peshadi vencera... desta vez. Mas breve ele não vai mais conseguir, a não ser que dobre o mulá. E para dobrar Hussein terá que matá-lo. Não adianta prendê-lo, a multidão vai fazer um escarcéu, e se o matar, vão fazer um escarcéu, e se o exilar, vão fazer um escarcéu, ele está num impasse. O que eu faria?

Não sei.

Deu uma olhada pela sala. Os oficiais iranianos não pareciam preocupados. Conhecia a maioria de vista, nenhum intimamente. Embora a S-G dividisse a base com eles desde que fora construída, há uns oito anos, eles tinham pouco contato com o pessoal do Exército e da Força Aérea. Desde que Starke assumira como piloto-chefe, há um ano, tentara aumentar os contatos da S-G com o resto da base, mas sem sucesso. Os iranianos preferiam a companhia deles mesmos.

Está certo, pensou. É o país deles. Mas eles o estão arrasando e nós estamos no meio, e agora Manuela está aqui. Tinha ficado radiante em ver sua mulher quando ela chegou de helicóptero, há cinco dias — MacIver não deixara que ela se arriscasse nas estradas — embora um pouco zangado por ela ter conseguido permissão para embarcar num voo extraordinário da British Airways que regressava imediatamente a Teerã.

— Que diabo, Manuela, você está correndo perigo aqui!

— Não mais do que em Teerã, Conroe querido. Insha'Allah — respondera com um sorriso radiante.

— Mas como foi que conseguiu convencer Mac a deixá-la vir para cá?

— Eu apenas sorri para ele, querido, e prometi voltar para a Inglaterra no primeiro voo disponível.

Enquanto isso, querido, vamos para cama.

Ele sorriu para si mesmo e deixou sua mente divagar. Era seu terceiro período de dois anos no Irã e seu 11º ano com a S-G. Onze bons anos, pensou. Primeiro Aberdeen e o mar do Norte, depois Irã, Dubai e Al Shargaz do outro lado do golfo, depois o Irã de novo, onde planejava ficar. Os melhores anos foram aqui, pensou. Mas agora não são mais. O Irã mudou, a partir de 1973, quando o xá

quadruplicou o preço do petróleo — de uma libra para quatro ou por aí. Para o Irã, foi como antes de Cristo e depois de Cristo. Antes, eles eram simpáticos e atenciosos, bons para se conviver e trabalhar. Depois? Cada vez mais arrogantes, mais e mais vaidosos pelas constantes afirmações do xá a respeito da "superioridade natural dos iranianos", referindo-se aos seus três mil anos de civilização e de como, dentro de vinte anos, o Irã seria um líder mundial por direito divino — seria a quinta potência industrial da terra, o único guardião dos entroncamentos entre o Leste e o Oeste, com o melhor exército, a melhor marinha, a melhor força aérea, com mais tanques, helicópteros, geladeiras, fábricas, telefones, estradas, escolas, bancos, negócios, do que qualquer outra nação aqui no centro do mundo. E baseando-se em tudo isso, com o resto do mundo a ouvi-lo atentamente, o Irã, sob sua liderança, seria o verdadeiro árbitro entre o Leste e o Oeste, e a verdadeira fonte de toda a sabedoria — a sua sabedoria.

Starke suspirou. Tinha compreendido essa mensagem, muito claramente, com o decorrer dos anos, mas abençoava Manuela por ter concordado em mergulharem no modo de vida iraniano, aprendendo farsi, indo a toda parte e vendo tudo — paisagens, gostos e cheiros, aprendendo a respeito de tapetes persas e caviar, vinhos e lendas e fazendo amigos — e não vivendo a sua vida do lado de fora, como muitos dos pilotos e engenheiros estrangeiros que preferiram deixar as famílias em casa, trabalhar dois meses e tirar um de licença, e que ficavam sentados em suas bases nos dias de folga, economizando dinheiro e esperando pelo período de licença que passariam no lar — onde quer que fosse esse lar.

— O nosso lar é aqui, de agora em diante. É onde vamos ficar, eu e as crianças — ela declarara, soerguendo a cabeça do jeito que ele tanto admirava, com o negrume dos seus cabelos e a paixão de sua herança espanhola.

— Que crianças? Nós não temos nenhum filho e nem podemos tê-los ainda, com o que eu ganho.

Starke sorriu. Isso tinha sido logo depois que eles se casaram, há dez anos. Ele voltara ao Texas para se casar assim que seu emprego na S-G ficou mais firme. Agora tinham três filhos, dois meninos e

uma menina, e podia apenas sustentá-los. Agora? Agora, o que iria acontecer? Meu emprego aqui está ameaçado, a maioria dos nossos amigos iranianos foi embora, as lojas, que antes estavam cheias, agora estão vazias — e há medo onde só houvera alegria.

O maldito Khomeini e esses malditos mulás, pensou. Ele realmente destruiu um ótimo modo de vida e um grande lugar. Gostaria que Manuela pegasse os garotos e fosse para Londres e de lá para Lubbock, até que o Irã se estabilizasse. Lubbock ficava no Texas onde seu pai ainda dirigia o rancho da família. Três mil hectares, alguns bois, alguns cavalos, alguma plantação, o bastante para a família viver confortavelmente. Gostaria que ela já estivesse lá, mas não haveria nenhuma correspondência por muitas semanas e os telefones com certeza não estariam funcionando. Maldito Khomeini, assustando-a com seus discursos — imagino o que ele dirá para Deus e Deus para ele quando se encontrarem, como fatalmente acontecerá.

Espreguiçou-se e tornou a sentar na poltrona. Viu Ayre observando-o, com os olhos injetados.

— Você tomou mesmo um porre.

— Era meu dia de folga, meus dois dias, aliás, e eu não tinha previsto essa agitação. Na verdade, estava com intenção de beber para esquecer, sinto falta da minha cara-metade, que Deus a abençoe, e, de qualquer forma, o Hogmanay é importante para nós, escoceses e...

— Hogmanay foi na véspera do Ano-Novo e hoje é dia 10 de fevereiro e você é tão escocês quanto eu.

— Duke, você precisa aprender que os Ayres são um clã muito antigo e eu sei até tocar gaita de fole, meu chapa. — Ayre bocejou longamente. — Cristo, estou cansado. — Ele se enterrou mais na cadeira, tentando arranjar uma posição mais confortável, depois olhou pela janela. No mesmo instante seu cansaço desapareceu. Um oficial iraniano saía apressadamente do QGE atravessava a rua em direção a eles. Era o major Changiz, o ajudante-de-ordens do comandante.

Quando entrou, seu rosto estava tenso.

— Todos os oficiais devem apresentar-se ao comandante às sete horas — disse em farsi. — Todos os oficiais. Haverá uma parada com todo o pessoal do Exército e da Força Aérea às oito horas, na praça. Qualquer um que faltar, qualquer um — acrescentou sombriamente — exceto por razões de saúde aprovadas por mim, com antecedência, pode esperar uma punição severa e imediata. — Seus olhos percorreram a sala até encontrarem Starke. — Siga-me, por favor, capitão.

O coração de Starke quase parou.

— Por que major? — perguntou em farsi.

— O comandante quer vê-lo.

— Para quê?

O major deu de ombros e saiu. Starke disse para Ayre em voz baixa: — É melhor alertar os nossos rapazes. E Manuela também. Entendeu?

— Entendi. — E depois resmungou — Cristo.

Enquanto atravessava a rua e subia as escadas, Starke podia sentir todos os olhos fixos nele como se fossem um peso. Graças a Deus eu sou um civil e trabalho para uma companhia britânica e não estou mais no Exército dos Estados Unidos. Exército nunca mais, pensou com ardor.

— Maldição — murmurou, recordando-se do ano miserável passado no Vietnã, logo no início, quando não havia forças americanas no Vietnã, 'só alguns conselheiros'. Uma ova! E o filho da puta daquele imbecil, capitão Ritman, que ordenou que todos os helicópteros da base, uma base que ficava no meio da selva, a milhões de quilômetros de qualquer lugar, pelo amor de Deus, fossem pintados com as cores da bandeira americana: "E isso mesmo, porra, todos pintados. Deixem os veados saberem quem somos nós e eles vão arrastar seus traseiros de volta até a maldita Rússia." — Os vietcongues podiam-nos ver chegando a cinquenta quilômetros de distância e foi um verdadeiro inferno. Perdemos três Hueys com toda a tripulação antes que o filho da puta fosse mandado para Saigon, promovido e elogiado. Não é de espantar que tenhamos perdido a maldita guerra.

Ele entrou no prédio e subiu as escadas, passou pelos três aldeões petrificados que tinham sido expulsos para a ante-sala, e entrou no covil do comandante.

— Bom dia, coronel — disse cautelosamente, em inglês.

— Bom dia, capitão Starke. — Peshadi começou a falar em farsi — Eu gostaria que conhecesse o mulá Hussein Kowissi.

— Que a paz o acompanhe — disse Starke em farsi, bem consciente dos respingos do sangue do rapaz que fora morto, que ainda manchavam o turbante branco e a vestimenta vermelha do homem.

— Que a paz o acompanhe.

Starke estendeu a mão para cumprimentá-lo, como era o hábito correto. Bem a tempo, notou as marcas de sangue coagulado nas palmas das mãos do homem, causadas pelo arame farpado, e apertou-lhe a mão apenas de leve. Mesmo assim, viu o mulá fazer uma careta de dor.

— Desculpe — disse em inglês.

O mulá apenas o encarou e Starke sentiu toda a força do ódio daquele homem.

— O senhor mandou-me chamar, coronel?

— Sim. Sente-se, por favor. — Peshadi indicou-lhe a cadeira vazia em frente à escrivaninha. O escritório era espartano, e meticulosamente arrumado. Uma fotografia do xá e de Farah, sua esposa, em trajes de gala, era a única decoração da parede. O mulá sentara-se de costas para o retrato. Starke ocupou a cadeira em frente aos dois homens.

Peshadi acendeu outro cigarro e viu o olhar desaprovador de Hussein fixar-se no cigarro e depois cair em cheio em seu rosto. Ele o encarou de volta. Fumar era proibido pelo Corão — de acordo com algumas interpretações. Tinham discutido esta questão por mais de uma hora. Depois o coronel dissera de forma conclusiva: — Fumar ainda não está proibido no Irã. Sou um soldado. Jurei obedecer ordens. Eu...

— Mesmo uma ordem ile...

— Repito: as ordens de Sua Majestade Imperial, o xainxá Muhammad Pahlavi ou do seu representante, o primeiro-ministro

Bakhtiar, ainda são legais, de acordo com a lei do Irã. O Irã ainda não é um estado islâmico. Ainda não. Quando o for, eu obedecerei às ordens de quem quer que esteja governando o estado islâmico.

— O senhor obedecerá ao aiatolá Khomeini?

— Se o aiatolá Khomeini vier a ser o nosso governante legal, é claro que sim. — O coronel balançara a cabeça Simpaticamente, mas estava pensando: antes desse dia chegar haverá muito derramamento de sangue. — E a mim, se eu for escolhido líder deste possível estado islâmico, o senhor obedecerá a mim?

Hussein não sorria.

— O líder do estado islâmico será o imã, o Turbilhão de Deus, e depois dele virá um outro aiatolá, e depois mais outro.

E agora aquele olhar de pedra, inflexível, ainda estava fixado nele, e Peshadi teve vontade de esmagar o mulá no chão e pegar seus tanques e esmagar todo mundo que se recusasse a obedecer às ordens do xainxá, seu governante indicado por Deus. Sim, pensou, o nosso dirigente mandado por Deus que, como seu pai, enfrentou vocês, mulás, e sua sede de poder, que reprimiu seu dogmatismo arcaico e tirou o Irã do obscurantismo, dando-lhe a grandeza que era sua por direito; que, sozinho, coagiu a OPEP a enfrentar o enorme poder das companhias de petróleo estrangeiras, que expulsou a Rússia do Azerbaijão depois da Segunda Guerra Mundial e a mantém acuada, lambendo-lhe as mãos como um cachorrinho.

Por Deus e pelo Profeta, disse a si mesmo, furioso, devolvendo o olhar de Hussein, não consigo entender por que esses mulás fodidos não reconhecem a verdade a respeito daquele velho senil do Khomeini, que grita mentiras do seu leito de morte, por que eles não percebem que os soviéticos o estão patrocinando, alimentando, protegendo, para levá-los a incitar os camponeses a arrasar o Irã e torná-lo um protetorado soviético!

Precisamos apenas de uma única ordem: Esmaguem a rebelião imediatamente!

Com uma ordem dessas, por Deus, em três dias eu tornaria toda a região em torno de Kowiss tranquila, pacífica e próspera, com os mulás de volta às mesquitas, onde é o lugar deles e os fiéis rezando

cinco vezes por dia — em um mês as Forças Armadas fariam o Irã voltar a ser o que era há um ano e resolveriam o problema de Khomeini para sempre. Poucos minutos depois dessa ordem eu o prenderia, rasparia publicamente metade da sua barba, tiraria toda a sua roupa e o faria desfilar pelas ruas numa carroça de estrume. Deixaria o povo ver o que ele realmente é: um velho abatido e cansado. Basta torná-lo um perdedor e todo mundo vai virar a cara para ele. Surgiriam, então, acusadores entre os aiatolás que adoram a vida, o amor, o poder, a terra e o falatório, surgiriam acusadores entre os mulás e os bazaaris e entre o povo e, juntos, eles o liquidariam.

É tão simples lidar com Khomeini ou com qualquer mulá — por Deus, se me tivessem ordenado, eu o teria arrastado da França há meses atrás. Deu uma tragada no cigarro e manteve cuidadosamente seus pensamentos fora do rosto e dos olhos.

— Bem, mulá, o capitão Starke está aqui. — Depois acrescentou, como se não fosse uma coisa importante. — Pode falar com ele em farsi ou em inglês, como quiser. Ele fala farsi como você fala inglês. Fluentemente.

O mulá virou-se para Starke.

— Então — disse em inglês com sotaque americano — você é da CIA.

— Não — respondeu Starke, colocando-se instantaneamente em guarda.

— Você estudou nos Estados Unidos?

— Estudei lá, sim — respondeu Hussein. E então, por causa da dor e do cansaço, perdeu a calma.

Passou a falar em farsi e sua voz tornou-se mais dura.

— Por que você aprenderia farsi a não ser para nos espionar para a CIA, ou para as suas companhias de petróleo, hein?

— Para o meu próprio interesse, só isto — respondeu Starke educadamente em farsi, demonstrando um bom conhecimento e uma boa pronúncia da língua. — Eu sou um visitante no seu país, fui convidado pelo seu governo para trabalhar para ele em sociedade com iranianos. É de bom-tom que visitantes estejam a par dos tabus e dos costumes dos seus anfitriões, que aprendam sua língua,

especialmente quando gostam do país e esperam continuar nele por muitos anos. — Sua voz tornou-se mais tensa. — E as companhias não são minhas.

— Elas são americanas. Você é americano. A CIA é americana. Todos os nossos problemas vêm da América. A cobiça do xá é americana. Todos os nossos problemas vêm da América. Há anos o Irã vem sendo espezinhado pelos americanos.

— Uma ova! — disse Starke em inglês, agora também zangado, sabendo que o único meio de lidar com um valentão era sair brigando. Na mesma hora. Viu o homem enrubescer e enfrentou-lhe o olhar, deixando pesar o silêncio. Os segundos passavam. Seu olhar sustentou o do mulá. Mas não conseguiu dominá-lo. Nervoso, mas tentando aparentar calma, olhou para Peshadi que esperava e observava, fumando em silêncio. — O que significa tudo isso, coronel?

— O mulá requisitou um dos seus helicópteros para visitar as instalações de petróleo nesta aérea.

Como você sabe, nós não planejam suas rotas nem participamos de suas operações. Você deve providenciar um de seus melhores pilotos para esta missão. Hoje, ao meio-dia.

— Por que não usar um dos seus aviões? Talvez eu pudesse fornecer um navega...

— Não. Um dos seus helicópteros, com seu pessoal. Ao meio-dia. Starke voltou-se para o mulá.

— Sinto muito, mas só recebo ordens da IranOil, através do administrador da nossa base e do responsável pela área, Esvandary. Temos um contrato e eles são exclu...

— Os helicópteros que vocês usam são iranianos — o mulá interrompeu asperamente, tomado mais uma vez pela dor e pela exaustão, desejando que terminassem. — Você vai providenciar um, conforme foi requisitado.

— Eles têm registro iraniano, mas pertencem à S-G Helicópteros Ltda. de Aberdeen.

— Registro iraniano, no céu iraniano, cheios de gasolina iraniana, com autorização dos iranianos, prestando serviços a poços iranianos que extraem petróleo iraniano, pelo amor de Deus. Eles são

iranianos! — A boca fina de Hussein se contorceu. — Esvandiary dará a ordem necessária ao meio-dia. Quanto tempo levaremos para visitar todos os campos?

Depois de uma pausa, Starke respondeu: — Talvez seis horas, tempo de voo. Quanto tempo vocês pretendem passar em cada parada?

O mulá apenas o encarou.

— Depois disso, quero seguir o oleoduto até Abadan e aterrissar onde eu escolher.

Starke arregalou os olhos. Olhou para o coronel mas viu que o homem ainda estava observando atentamente as espirais de fumaça do seu cigarro.

— Isto é mais difícil, mulá. Nós precisaríamos de permissão. O radar não está funcionando, a maior parte do espaço aéreo é controlada pela divisão de tráfego aéreo de Kish e esta, ahn, é controlada pela Força Aérea.

— Você terá todas as permissões necessárias — disse Hussein de forma conclusiva e olhou inflexivelmente para Peshadi. — Em nome de Deus, voltarei ao meio-dia; se vocês tentarem me impedir, o tiroteio vai recomeçar.

Starke sentia o coração disparado; o mulá e Peshadi também sentiam o mesmo. Só o mulá estava satisfeito — ele não tinha com que se preocupar, estava nas Mãos de Deus, fazendo o trabalho de Deus, obedecendo ordens: "Pressionem o inimigo de todos os modos. Sejam como a água descendo pela colina em direção a uma represa. Pressionem a represa do usurpador, o xá, dos seus lacaios e das Forças Armadas. Nós teremos que derrotá-los com coragem e sangue. Pressionem-nos de todas as maneiras, vocês estão fazendo o trabalho de Deus..."

O vento fez a janela bater e, involuntariamente, eles olharam para ela e para a noite lá fora. A noite ainda estava escura, as estrelas brilhantes, mas a leste percebia-se o brilho do amanhecer, com o sol surgindo no horizonte.

— Voltarei ao meio-dia, coronel Peshadi, sozinho ou com uma multidão. Você escolhe — disse Hussein, em voz baixa, e Starke sentiu a ameaça, ou promessa, com todo o seu ser. — Mas agora,

agora é hora de rezar. — Ele se esforçou para ficar em pé, com as mãos ainda queimando de dor, com as costas, a cabeça e os ouvidos doendo ainda barbaramente. — Por um instante, sentiu que ia desmaiar, mas lutou contra a tonteira e a dor e se retirou.

— Faça o que ele pede — disse Peshadi, levantando-se. Por favor — acrescentou com uma grande concessão. — É uma trégua temporária e um compromisso temporário... até recebermos ordens definitivas do governo legal de Sua Majestade Imperial, e então terminaremos com toda essa idiotice. — Tremendo, acendeu um cigarro com o toco do anterior. — Você não vai ter nenhum problema. Ele vai providenciar as licenças necessárias, será um voo de rotina. É claro que você tem de concordar porque é evidente que não posso permitir que um dos meus aviões preste serviços a um mulá, especialmente a Hussein, que é conhecido por sua incitação à revolta! É claro que não! Foi uma saída brilhante da minha parte e você não vai estragá-la. — Apagou o cigarro, raivosamente, no cinzeiro cheio, o ar carregado de nicotina, e quase gritou: — Você escutou o que ele disse. Ao meio-dia! Sozinho ou com uma multidão. Você quer mais derramamento de sangue, hein?

— É claro que não.

— Ótimo. Então faça o que estou mandando! — explodiu Peshadi. Com ar carrancudo, Starke foi até a janela. O mulá tinha voltado para seu lugar perto do portão, levantado os braços e, como todo muezim em todos os minaretes em todas as madrugadas do islã, chamava os fiéis para a primeira oração do dia, em árabe: — Venham rezar, venham progredir, orar é melhor do que dormir. Não há nenhum outro Deus além de Deus...

E enquanto Starke observava, Peshadi devotadamente tomou seu lugar na frente de todos os homens da base, de todos os postos que, obedientemente, e com evidente satisfação, tinham saído de suas barracas, os soldados colocando seus rifles no chão, os aldeões do outro lado da cerca com devoção igual. Então, sob o comando do mulá, todos se viraram em direção a Meca e começaram os gestos obrigatórios, as prostrações e a ladainha Shahada: "Dou meu testemunho de que não há nenhum outro Deus além de Deus e de que Maomé é o profeta de Deus..."

Quando a oração terminou, fez-se um grande silêncio. Todo mundo esperava. Então o mulá disse bem alto: — Deus, o Corão e Khomeini. — Depois saiu pelo portão em direção a Kowiss. Obedientemente, os aldeões o seguiram.

Starke estremeceu sem querer. Esse mulá está tão cheio de ódio que sai pelos seus poros. E tanto ódio assim vai acabar mandando alguma coisa ou alguém para o inferno. Se o levar no helicóptero, talvez ele fique ainda pior. Se indicar alguém ou pedir um voluntário será covardia, porque a responsabilidade é minha.

— Tenho que levá-lo — murmurou. — Tenho.

5

FORA DE LENGEH: 6:42H.

O 212, com dois pilotos e 13 passageiros — a lotação completa — fazia um voo de rotina, em direção ao estreito de Ormuz, depois de ter saído da base da S-G em Lengeh, e sobrevoava as plácidas águas do golfo em direção ao campo de petróleo de Siri, explorado pelos franceses. O sol acabara de surgir no horizonte, prometendo mais um dia claro e sem nuvens, embora a névoa, comum sobre o golfo, baixasse a visibilidade para uns poucos quilômetros.

— Helicóptero EP-HST, aqui é o controle de radar de Kish, vire para 260 graus.

Obedientemente, ele entrou na sua nova rota.

— Duzentos e sessenta em trezentos — respondeu a voz de Ed Vossi.

— Mantenha-se em trezentos. Notifique quando estiver sobre Siri. Ao contrário da maior parte do Irã, o radar aqui era bom, com estações na ilha Kish e na ilha Lavan, controladas por excelentes operadores da Força Aérea Iraniana, treinados nos Estados Unidos — os dois lados do golfo eram igualmente estratégicos e igualmente bem servidos.

— HST — Ed Vossi era americano, antigo membro da Força Aérea dos Estados Unidos, tinha 32 anos e o físico de um zagueiro de futebol americano.

— O radar está nervoso hoje, hem Scrag? — disse para o outro piloto.

— Tem razão. Devem ser as pilhas.

Na frente deles, agora, estava a pequena ilha de Siri. Era árida, despovoada e escondida, com uma pequena pista de terra, umas poucas barracas para o pessoal do petróleo, e um grupo de enormes tanques de armazenamento alimentados por oleodutos colocados no fundo do mar e ligados aos poços que ficavam a oeste, no golfo. A ilha distava uns cem quilômetros da costa iraniana, dentro da

fronteira internacional que dividia o estreito de Ormuz e separava as águas iranianas das águas de Omã e dos Emirados Árabes Unidos.

Quando estava bem em cima dos tanques de petróleo, o helicóptero inclinou-se suavemente, dirigindo-se para oeste, pois sua primeira parada seria a alguns quilômetros, no poço de petróleo chamado Siri Três. No momento, o campo tinha seis poços em funcionamento, todos operados pelo consórcio francês semi-estatal, EPF, que instalara o campo para a IranOil em troca de futuros carregamentos de petróleo.

— Controle de radar de Kish, HST sobre Siri a trezentos metros — disse Ed Vossi no transmissor.

— Roger HST. Mantenha-se em trezentos — a resposta veio imediatamente. — Comunique-se antes de iniciar a descida. Na sua frente há tráfego de subida às dez horas.

— Estamos vendo. — Os dois pilotos observaram o voo de quatro caças a jato ganhando altitude, passando por eles e indo para a boca do estreito.

— Eles estão com pressa — disse o homem mais velho e se mexeu no assento.

— Se estão. Olhe! Jesus, são F15 da Força Aérea dos Estados Unidos!

— Vossi estava estarecido. — Merda, não sabia que havia algum nesta região. Já tinha visto algum antes, Scrag?

— Não, cara — disse Scrag Scragger, igualmente preocupado, ajustando ligeiramente o volume do seu fone. Aos 63 anos, ele era o piloto mais velho da S-G, o piloto mais graduado em Lengeh, um homenzinho mirrado, muito magro, muito resistente, com cabelos grisalhos e olhos fundos, azuis-claros, de australiano, que pareciam estar sempre examinando o horizonte. Seu sotaque era interessante. — Gostaria de saber que diabo está acontecendo. O radar está tão agitado quanto um peru na roda e este é o terceiro voo que vemos desde que decolamos, embora seja o primeiro ianque.

— Tem que ser uma força-tarefa, Scrag. Ou talvez os caças de escolta que os Estados Unidos enviaram para a Arábia Saudita junto com os AWAC.

Scragger ocupava o assento da esquerda, atuando como comandante de treinamento. Normalmente, o 212 voava com um único piloto, no banco da direita, mas Scragger mandara adaptar este avião para treinamento com dois controles.

— Bem — disse, dando uma risada —, contanto que não encontremos nenhum MIG, está tudo bem.

— Os vermelhos não vão mandar equipamentos para cá, por mais que desejem o estreito. — Vossi parecia muito confiante. Tinha pouco mais de metade da idade de Scragger e duas vezes o seu tamanho. — Não farão isso enquanto dissermos a eles que é melhor que não o façam, e tivermos aviões e forças-tarefas e o poder de usá-los. — Espiou por entre a névoa. — Ei, Scrag, olhe aquilo lá.



O enorme superpetroleiro estava pesadamente carregado, mergulhado na água, navegando com dificuldade na direção de Ormuz.

— Aposto que está levando quinhentas mil toneladas ou mais.

Eles o observaram por alguns instantes. Sessenta por cento do petróleo do mundo livre era escoado por este caminho raso e estreito entre o Irã e Omã, com aproximadamente 25 quilômetros de canal navegável. Vinte milhões de barris por dias. Todo dia.

— Você acha que algum dia construirão um petroleiro de um milhão de toneladas, Scrag?

— É claro. É claro que construirão, se quiserem, Ed. — O navio passou por baixo deles. — Está com a bandeira da Libéria — disse Scragger, distraidamente.

— Você tem olhos de águia.

— É a minha vida regrada, meu chapa.

Scragger deu uma olhada pela cabine. Todos os passageiros estavam em seus lugares, presos com cintos de segurança, vestindo jaquetas salva-vidas Mae West, conforme o regulamento, com

protetores de orelha, lendo ou olhando pela janela. Tudo normal, pensou. Sim, e os instrumentos estão normais, os sons normais, eu estou normal e Ed também. Então por que estou inquieto?, perguntou a si mesmo, virando-se para trás mais uma vez.

Por causa da força-tarefa, por causa do radar de Kish, por causa dos passageiros, porque é seu aniversário, e principalmente porque você está voando e o único meio de se manter vivo voando é permanecer inquieto. Amém. E riu alto.

— Qual é a graça, Scrag?

— E você. Então você pensa que é um piloto, certo?

— É claro, Scrag. — Disse Vossi, cautelosamente.

— Está bem. Já localizou Siri Três?

Vossi sorriu e apontou para a plataforma distante que mal se conseguia ver no meio da névoa, um pouco a leste do grupo de tanques.

— Então feche os olhos — ordenou Scragger, com um sorriso satisfeito.

— Vamos, Scrag, é claro que isto é um voo de controle, mas e...

— Eu peguei os controles — disse Scragger alegre. Na mesma hora, Vossi largou os controles. — Agora feche os olhos porque você está em treinamento.

Confiantemente, o rapaz tornou a olhar para a plataforma, ajustou seu fone de ouvido, tirou os óculos escuros e obedeceu.

Scragger entregou a Vossi o par de óculos especiais que tinha mandado fazer.

— Tome, ponha estes óculos e só abra os olhos quando eu mandar. Fique preparado para assumir o controle.

Vossi pôs os óculos e, suavemente, ainda com os olhos fechados, estendeu as mãos e os pés, mal tocando os controles, como sabia que Scragger gostava.

— OK. Pronto, Scrag. — Pode assumir.

Imediatamente Vossi assumiu o controle, com firmeza e suavidade, e ficou satisfeito com a perícia com que a troca fora feita, o helicóptero se mantendo reto e nivelado. Agora, voava guiado apenas pelo ouvido, tentando antecipar a menor variação no barulho do motor — diminuição ou aumento — que pudesse indicar se

estava subindo ou descendo. Houve uma pequena mudança. Corrigiu direitinho, sentindo, quase antes que ocorresse, que o grau de inclinação aumentava, logo os motores estavam ganhando velocidade e portanto o helicóptero estava mergulhando. Fez a correção necessária e tornou a nivelá-lo.

— Boa, cara — disse Scragger, aprovadamente. — Agora abra os olhos.

Vossi tinha esperado óculos comuns de treinamento que excluía a visibilidade exterior mas permitiam ver os instrumentos. Mas encontrou-se numa escuridão total. Entrando em pânico, sua concentração desapareceu e com ela a coordenação. Por um segundo, ficou inteiramente desorientado, o estômago embrulhado, imaginando que o aparelho fosse ficar desgovernado. Mas não ficou. Os controles permaneceram firmes nas mãos de Scragger.

— Jesusss — exclamou Vossi, sem fôlego, lutando contra o enjoo, levantando as mãos automaticamente para arrancar os óculos.

— Não tire os óculos! Ed, isto é uma emergência, você é o piloto, o único piloto a bordo e está em dificuldades... você não consegue enxergar. O que vai fazer? Pegue os controles! Vamos!

Emergência!

Havia bile na boca de Vossi e ele cuspiu, com as mãos e os pés tremendo. Pegou os controles, corrigiu demais e quase gritou de medo quando deram uma guinada, pois estava esperando que Scragger ainda estivesse controlando-os. Mas não estava. Novamente Vossi corrigiu demais, totalmente desorientado. Desta vez Scragger corrigiu o erro.

— Acalme-se, Ed — ordenou. — Escute o maldito motor! Mantenha as mãos e os pés sincronizados.

— Depois, com mais gentileza: — Firme agora, está indo bem, fique firme. Você vomita depois.

Você está numa emergência, tem que pousar o aparelho, e há treze passageiros aos seus cuidados.

Estou aqui a seu lado mas não sou um piloto. Agora, o que vai fazer?

As mãos e os pés de Vossi estavam novamente sincronizados e ele prestava atenção ao barulho do motor.

— Eu não posso ver, mas você pode?

— Claro.

— Então você pode me orientar!

— Claro! — A voz de Scragger ficou mais urgente. — É lógico que você precisa fazer as perguntas certas. Controle de Kish, HST saindo de trezentos em direção a Siri Três.

— Roger, HST.

— De agora em diante, meu nome é Bart — disse Scragger com uma voz diferente. — Sou um operário de um dos poços. Não entendo nada de voo, mas posso ler um mostrador, se você me disser onde olhar.

Alegremente, Vossi entrou na brincadeira e fez as perguntas certas, com 'Burt' forçando-o a ir até os limites do seu conhecimento de controle de voo, dos painéis, de onde estavam os mostradores, obrigando-os a só perguntar aquilo que um amador pudesse entender e responder. De vez em quando, se as perguntas não eram suficientemente precisas, Burt ficava histérico e dizia: Jesus, não consigo encontrar o mostrador, qual é o mostrador, pelo amor de Deus, são todos iguais! Explique de novo, mais devagar, oh, Deus, vamos todos morrer...

Para Vossi, só havia escuridão. O tempo não passava, não havia nem mostradores nem ponteiros que o tranquilizassem, nada a não ser a voz que o forçava até o limite de sua resistência.

A 15 metros da chegada, com Burt avisando que estavam para pousar, Vossi sentiu-se nauseado, apavorado pela escuridão, sabendo que a pequena pista de pouso estava vindo ao seu encontro.

Ainda dá tempo de interromper o pouso, de acelerar e me mandar daqui, mas quanto tempo?

— Agora você está a três metros de altura e a dez metros de distância, como queria.

Imediatamente, Vossi fez o helicóptero flutuar, coberto de suor.

— Perfeito, bem em cima do alvo, como queria.

A escuridão nunca fora tão intensa. Nem o seu medo. Vossi murmurou uma prece. Suavemente, foi diminuindo a potência. Pareceu levar uma vida inteira, e então os esquis tocaram o solo e eles estavam no chão. Por um momento, não acreditou. Seu alívio foi tão intenso que quase chorou de alegria. Depois, de muito longe, ouviu a voz de Scragger e sentiu-o tomar os controles.

— Deixe comigo, cara! Foi uma beleza, Ed. Nota dez. Pode deixar comigo, agora.

Ed Vossi tirou os óculos. Estava ensopado, com o rosto lívido, e escorregou no assento, mal enxergando o que se passava na plataforma diante dele, a pesada rede de corda esticada sobre o campo de pouso que mal tinha trinta metros de diâmetro. Jesus, estou no chão, estamos no chão, em segurança.

Scragger tinha posto o motor em ponto morto; não havia necessidade de desligar já que era uma parada curta. Ele cantarolava 'Waltzing Matilda', o que só fazia quando muito satisfeito. O rapaz saiu-se muito bem, pensou, mas quanto tempo ele vai levar para se recuperar? É sempre bom saber, e ficar alerta — quando se voa com alguém.

Ele se virou e fez um sinal com o polegar para cima para o homem que estava sentando no assento da frente, um dos engenheiros franceses que tinham vindo verificar o equipamento elétrico recentemente instalado neste poço. Os outros passageiros esperavam com paciência. Quatro eram japoneses, convidados dos funcionários e engenheiros franceses da EPF. Scragger tinha ficado inquieto por levar japoneses — trazia-lhe lembranças dos seus dias de guerra, recordações das perdas australianas no Pacífico e dos milhares que morreram nos campos de concentração japoneses e na ferrovia de Burma. Verdadeiros assassinatos, disse a si mesmo sombriamente, depois desviou a atenção para o desembarque.

O engenheiro abriu a porta e agora ajudava os trabalhadores iranianos a retirar a carga. Estava quente e úmido, e enervante, o ar tresandava a fumaça de petróleo. A cabine, como sempre, escaldante, com muita umidade, mas Scragger sentia-se bem. Os motores roncavam normalmente. Ele olhou para Vossi, ainda

recostado no assento, com as mãos atrás da cabeça, tentando recuperar-se.

Ele é um bom rapaz, pensou Scragger, em seguida a voz que dominava a cabine atrás dele atraiu-lhe a atenção. Era George de Plessey, chefe dos funcionários franceses e gerente da EPF. Estava sentado no braço de um dos assentos, fazendo mais um dos seus intermináveis discursos, desta vez para os japoneses. Melhor do que eu, pensou Scragger, achando graça. Conhecia Plessey há três anos e gostava dele — por causa da comida francesa que fornecia e pela qualidade do seu *bridge*, do que ambos gostavam, mas não por sua conversa. Esse pessoal do petróleo é todo igual, só sabem falar de petróleo, e só querem falar disso, e para eles o resto da humanidade só está na terra para consumi-lo, pagar o diabo por ele até a morte — e até os crematórios são quase todos alimentados a óleo.

Maldição! O petróleo subiu para US\$14,80 o barril, há dois anos custava US\$4,80 e alguns anos antes, US\$1,80. Malditos salteadores, todos eles, a OPEP, as Sete Irmãs, e até o petróleo do mar do Norte.

— Todos estes poços são sustentados por pilares colocados no fundo do mar — dizia de Plessey — todos foram construídos e são operados por franceses...

Usava uma roupa cáqui e tinha cabelos louros e ralos e o rosto queimado de sol. Os outros franceses estavam conversando e discutindo. Isso é tudo o que eles sabem fazer, pensou Scragger, além de comer, beber e dar em cima de tudo quanto é mulher. Como aquele chato do Jean-Luc, o conquistador-mor de todos. Pelo menos, eles são todos diferentes — não como aqueles outros chatos.

Os japoneses eram todos baixos, flexíveis e bem-arrumados, todos se vestiam do mesmo jeito: camisa branca de manga curta, gravata escura, calça escura e sapato escuro, os mesmos relógios digitais, óculos escuros; a única diferença estava nas idades. Como as sardinhas de uma lata, pensou Scragger.

— ...A água aqui, como em todo o golfo, é muito rasa, Monsieur Kasigi — dizia de Plessey. — Aqui só chega a trinta metros, e é fácil achar petróleo a cerca de trezentos metros. Temos seis poços nesta

parte do campo que chamamos de Siri Três, estão todos em funcionamento, são ligados por oleodutos aos nossos tanques de estocagem na ilha Siri. A capacidade dos tanques é de três milhões de barris e todos os tanques estão cheios.

— E o cais de Siri, Monsieur de Plessey? — Kasigi, o grisalho porta-voz dos japoneses, perguntou, num inglês claro e cuidadoso. — Não consegui vê-lo quando sobrevoamos a ilha.

— Estamos carregando em alto-mar no momento. Planejamos construir um embarcadouro no próximo ano. Enquanto isso, não será problema carregar seus petroleiros, Monsieur Kasigi. Garantimos um serviço rápido, um carregamento rápido. Afinal de contas, somos franceses. Amanhã o senhor verá.

O seu Rikomaru se atrasou?

— Não. Estará aqui ao meio-dia. Qual a capacidade deste campo?

— Ilimitada — disse o francês, rindo. — No momento, só estamos retirando 75 mil barris por dia, mas, bon Dieu, no fundo do mar há um lago de petróleo.

— Capitão Excelência! — Na janela ao lado de Scragger apareceu o rosto sorridente do jovem Abdullah Turik, da equipe de bombeiros.

— Eu bem, muito bem, o senhor?

— Muito bem, rapaz. E como estão as coisas?

— Estou feliz em vê-lo, capitão Excelência.

Há cerca de um ano, a base de Scragger, em Lengeh, fora alertada de que havia uma emergência neste poço. No meio de uma noite horrível o administrador iraniano comunicara que o bombeiro talvez estivesse com apendicite aguda e perguntava se eles podiam chegar lá o mais rápido possível, assim que amanhecesse — porque os voos noturnos eram proibidos no Irã, exceto para emergências.

Scragger estava de serviço e partira imediatamente — fazia parte da política da companhia ir imediatamente, mesmo com condições precárias de voo, isto fazia parte do seu serviço especial. Ele tinha apanhado o rapaz, levava-o para o Hospital Naval Iraniano, em Bandar Abbas, e convencera o hospital a aceitá-lo. Se não fosse por isso, o rapaz teria morrido.

Desde então, o rapaz estava sempre ali para cumprimentá-lo, e uma vez por mês, havia sempre uma perna de carneiro na base, por mais que Scragger tentasse impedi-lo por causa da despesa. Uma vez, ele visitou a aldeia, no interior de Lengeh, onde o rapaz nascera. Era como as outras: sem instalações sanitárias, sem eletricidade, sem água, chão de terra, paredes de barro. O Irã era muito primitivo fora das cidades, mas, mesmo assim, ainda melhor do que o interior na maioria dos Estados do golfo. A família de Abdullah era como todas as outras, nem melhor nem pior. Muitos filhos, nuvens de moscas, algumas cabras e galinhas, uns poucos hectares de terra, mas breve, dissera o pai dele, breve vamos ter a nossa própria escola, piloto Excelência, e nosso próprio fornecimento de água e, um dia, eletricidade e, sim, é verdade, estamos muito melhor trabalhando no nosso petróleo que os estrangeiros extraem... graças a Deus por Ele nos ter dado o petróleo. Graças a Deus por ter permitido que meu filho Abdullah vivesse, foi a Vontade de Deus que persuadiu Vossa Excelência a ter tanto trabalho. Deus seja louvado!

— Como vão as coisas, Abdullah? — repetiu Scragger, apreciando o rapaz, que era moderno, diferente do pai.

— Bem. — Abdullah chegou mais perto, colocando o rosto quase do lado de dentro da cabine. — Capitão, disse hesitante, já não sorrindo mais, com a voz tão baixa que Scragger teve de se inclinar para a frente para ouvir. — Vai haver muita confusão, logo... Comunistas de Tudeh, mujahedins, talvez fedayins. Armas e explosivos, talvez um navio em Siri. Perigo. Por favor, não diga quem avisou, sim? — Depois tornou a colocar o sorriso no rosto e falou em voz alta: — Feliz aterrissagem, e torne a voltar logo, aga. — Acenou uma vez e, escondendo o nervosismo, foi se juntar aos outros.

— Claro, claro, Abdullah. — murmurou Scragger. Havia um certo número de iranianos observando, mas isso era comum. Os pilotos eram apreciados por serem o único elo de ligação em uma emergência. Viu o chefe de pouso dar o sinal com os polegares. Automaticamente, virou-se e checkou se tudo estava trancado e se todos estavam de volta a seus lugares.

— Posso pilotar, Ed?

— Claro, Scrag.

A trezentos metros de altura, Scrag nivelou o aparelho, rumando para Siri Um, onde os outros passageiros deveriam desembarcar. Estava muito perturbado. Atirem pedras nos corvos, pensou.

Uma bomba poderia fazer Siri Um explodir dentro do golfo. Era a primeira vez que havia qualquer rumor de problemas. O campo de Siri nunca fora afetado por nenhuma das greves que tinham fechado todos os outros campos, principalmente, conforme acreditavam os estrangeiros, porque a França dera asilo a Khomeini.

Sabotagem? O japonês não disse que amanhã chegaria um petroleiro? Sim, disse. O que fazer? Nada, no momento, apenas deixar Abdullah de lado por algum tempo — agora não é hora, não quando se está pilotando.

Olhou para Vossi. Ed saiu-se bem, muito bem, melhor do que... melhor do que quem? Sua mente percorreu todos os pilotos que treinara nesses anos. Centenas. Voava desde os 15 anos; em 1933, na Real Força Aérea Australiana, com 17 anos, Spitfires em 1939, como tenente da Aeronáutica, depois, em 1945, nos helicópteros e, em 1949, Coreia, saindo depois de vinte anos de serviço, ainda como tenente, ainda brigão, e com apenas 37 anos. Ele riu. Na Força Aérea estava sempre sendo repreendido.

— Pelo amor de Deus, Scragger, porque logo com o vice-almirante? Desta vez você se excedeu...

— Mas Wingco, foi o inglês quem começou, o filho da mãe disse que todos nós, australianos, éramos ladrões, tínhamos marcas de correntes em volta dos pulsos, e descendíamos de condenados!

— Ele disse? Esses malditos ingleses são todos iguais, Scrag, embora ele provavelmente tenha razão no seu caso, já que sua família sempre esteve na Austrália, mas mesmo assim você vai perder outra vez a promoção e se não se comportar vou impedir você de voar para sempre.

Mas nunca o fizeram. Como poderiam? Várias condecorações, 16 mortes, e três vezes mais missões, alegremente aceitas, do que qualquer outro em toda a RAAF. E ainda estava voando, que era tudo o que ele queria no mundo, ainda estava tentando ser o melhor e o mais prudente, e ainda querendo sair de uma situação de perigo

com todos os passageiros a salvo. Se você pilota helicópteros, não pode ter falhas técnicas, pensou, sabendo que tivera sempre muita sorte. Não como alguns, tão bons pilotos quanto ele, que tinham dado azar. Você tem de ter sorte para ser um bom piloto.

Tornou a olhar para Vossi, contente de que não houvesse uma guerra, que era o maior campo de provas para um piloto. Não gostaria de perder o jovem Ed, ele é um dos melhores da S-G. Agora, qual foi o melhor dentre os que voaram com você? Charlie Pettikin, é claro, mas esse tinha mesmo de ser, fora piloto de táxi aéreo e passara por muitos apertos. Tom Lochart a mesma coisa. O sujo do Duncan McIver ainda é o melhor de todos, mesmo estando no chão, ele que vá para o inferno com o seu maldito exame médico trimestral — mas eu seria tão duro e tão cuidadoso com ele, se eu é que estivesse no chão e ele estivesse voando por aí aos 63 anos como se fosse um filhote de passarinho.

Coitado.

Scragger deu de ombros. Se o DAC adotar os novos regulamentos a respeito de idade e aposentadoria obrigatória, estou frito. No dia em que não puder mais voar, vou para o céu, não há nenhuma dúvida quanto a isso.

Ainda faltava bastante para chegar a Siri Um. Pousava lá três vezes por semana, há mais de um ano.

Mesmo assim, programava cada descida como se fosse a primeira vez. A segurança não é um acaso, precisa ser planejada, pensou.

— Hoje faremos um pouso bem suave em...

— Scrag.

— Sim, meu filho?

— Você me deu um susto dos diabos.

— Você deu um susto dos diabos em si mesmo, esta é a lição número um — disse rindo. — O que mais você aprendeu?

— Acho que aprendi como é fácil entrar em pânico, como você se sente solitário, impotente, e aprendi a abençoar os meus olhos. — Vossi disse quase gritando: — Acho que aprendi o quanto sou mortal, porra. Cristo, Scrag, eu fiquei com medo... me cagando de medo.

— Quando isso aconteceu comigo eu sujei as calças.

— Hein?

— Eu estava voando perto do Kuwait, num 47G2, nos velhos tempos, na década de sessenta. — O 47G2 era um Bell pequeno, de três lugares, com motor a explosão e a forma de uma bolha, que agora é usado pela polícia e para controle do tráfego. — O helicóptero fora alugado por um médico e por um engenheiro da ExTex. Eles queriam ir a um oásis, depois de Wafrah, onde tinham uma emergência. Um pobre infeliz enfiara a perna numa perfuratriz. Bem, estávamos voando sem as portas, como é comum no verão, fazia uns quarenta graus, um tempo seco e desagradável tanto para homens quanto para helicópteros, como só o deserto tem, pior do que o nosso deserto lá na Austrália, muito pior, mas eles nos prometeram pagamento em dobro e uma gratificação extra, então o meu velho camarada, Forsyth, me apresentou como voluntário. Não era um dia muito ruim em se tratando de desertos, Ed, embora os ventos fossem quentes e traiçoeiros, você sabe, o normal: súbitas ventanias que levantavam nuvens de areia, formando perigosos redemoinhos. Eu estava a uns cem metros, descendo, quando fomos atingidos pela nuvem de areia — uma areia tão fina que você mal pode vê-la. Só Deus sabe como foi que ela entrou nos meus óculos de voo, mas num instante nós estávamos bem e no outro tossíamos e cuspiamos e meus olhos estavam tão cheios de areia que eu fiquei mais cego que um velho pirata da perna de pau.

— Você está brincando!

— Não, é verdade. Juro por Deus! Não conseguia ver nada, não podia abrir os olhos, e era o único piloto, com dois passageiros a bordo.

— Jesus, Scrag, os dois olhos?

— Os dois olhos, e nós ficamos balançando entre o céu e o inferno até que consegui nivelar um pouco o avião e acalmar o coração. O médico não conseguia tirar a areia, e toda a vez que ele tentava ou que eu tentava, nós quase virávamos de barriga para cima... você sabe como o G2 é sensível. Eles estavam tão em pânico quanto eu e isso não ajudava nem um pouco. Foi quando compreendi que a única chance que nós tínhamos era pousar

daquele jeito, cego. Você disse que quase se cagou de medo, bem, quando encostei o helicóptero no chão, eu estava todo cagado.

— Jesus, Scrag, você conseguiu mesmo pousar? Como hoje, mas de verdade, com os dois olhos cheios de areia? De verdade?

— Fiz eles me ajudarem a descer, como fiz com você hoje. Pelo menos o médico me ajudou, o outro infeliz tinha desmaiado. — Os olhos de Scragger não tinham se afastado nem por um instante do círculo de pouso. — Como está lhe parecendo?

— Sem grandes dificuldades. — Siri Um estava bem à frente, com a plataforma flutuando no meio da água. Podiam ver o chefe de pouso ladeado por sua equipe de bombeiros obrigatória. A biruta estava cheia pela metade e firme.

Normalmente, Scragger se comunicaria com o radar e começaria a descida gradualmente. Ao invés disso, ele disse: — Vamos permanecer no alto, hoje, cara, vamos nos aproximar pelo alto e depois deixá-lo cair direto.

— Por que, Scrag?

— Para variar.

Vossi franziu a testa mas não disse nada. Tornou a verificar os mostradores para ver se estava tudo em ordem. Estava tudo bem. Exceto uma ligeira estranheza no velho.

Quando estavam em posição lá no alto, sobre a plataforma, Scragger ligou o transmissor: — Radar de Kish, HST, saindo de trezentos metros em direção a Siri Um.

— OK, HST. Avise quando estiver pronto para iniciar.

— HST.

Na plataforma, estavam preparados para uma aproximação em ângulo inclinado, usada normalmente quando o local de pouso era cercado por edifícios altos, árvores ou mastros. Scragger diminuiu a potência na medida exata. O helicóptero começou a descer suavemente, perfeitamente controlado.

Trezentos, 250, 200, 150, 100... Os dois sentiram a vibração nos controles ao mesmo tempo.

— Jesus — murmurou Vossi, mas Scragger já tinha virado o nariz do aparelho para baixo e empurrado a alavanca de controle. Imediatamente, o aparelho começou a descer muito depressa.

Sessenta metros, 50, 40, com as vibrações aumentando. Os olhos de Vossi pulavam de um mostrador para o outro, para o círculo de pouso, e outra vez para os mostradores. Ficou rígido no assento, a mente gritando: A cauda do rotor pifou ou a caixa de engrenagens da cauda...

A plataforma de pouso se aproximava rapidamente, a equipe de terra espalhando-se em pânico, os passageiros segurando-se assustados com a descida vertiginosa, Vossi agarrado ao assento para não perder o equilíbrio. Agora, o painel inteiro vibrava e o ruído do motor estava diferente. A qualquer segundo esperava que perdessem completamente a cauda do rotor e aí estariam perdidos. O altímetro marcou 60 metros... 15... 10... 5, e Vossi estendeu as mãos para agarrar os controles e iniciar o balão, mas Scragger se antecipou a ele por uma fração de segundos, deu força total do motor e fez um balão perfeito. Por um instante, o aparelho pareceu ficar pousado, imóvel, no ar, a um metro de altura, com os motores guinchando, depois tocou no chão com força, mas não com muita força, perto da borda do círculo, deslizou para a frente e parou a dois metros do centro.

— Foda — resmungou Scragger.

— Jesus, Scrag — Vossi quase não conseguia falar. — Foi perfeito.

— Oh, não, não foi não. Errei por dois metros. — Com algum esforço, Scragger largou os controles.

— Desligue o motor, Ed, o mais depressa que puder! — Abriu a porta e desceu depressa, com o vento das pás chicoteando-o, foi até a porta da cabine e abriu-a. — Fiquem onde estão por um instante — gritou sobre o barulho do motor, aliviado em ver que todos estavam com cintos de segurança e que ninguém se machucara. Obedientemente, eles ficaram onde estavam, dois deles com o rosto cinzento. Os quatro japoneses olharam impassíveis para ele. Gente de sangue-frio, pensou.

— Mon Dieu — gritou George de Plessey. — O que foi que aconteceu?

— Não sei, acho que é a cauda do rotor... assim que o rotor parar nós..

— Que diabo você pretende, Vossi! — Era Ghafari, o administrador iraniano, que tinha enfiado a cara na janela do piloto, tensa de raiva. — Como ousou fazer um exercício de pouso aqui neste poço? Vou denunciá-lo por voar perigosamente!

— Era eu que estava pilotando e não o capitão Vossi! — Disse Scragger e, de repente, o enorme alívio por ter descido em segurança, misturado com o ódio que sentia por aquele homem fez seu temperamento explodir. — Suma-se Ghafari, suma-se ou acabo com você de uma vez por todas! — Levantou os punhos, pronto para brigar. — DESAPAREÇA!

Os outros olhavam, estarrecidos. Vossi pálido. Ghafari, mais alto e mais pesado que Scragger, hesitou e depois sacudiu o punho na cara de Scragger, xingando-o em farsi, em seguida gritou em inglês, querendo provocá-lo: — Porco estrangeiro! Como você ousa me xingar, me ameaçar? Vou fazer com que você seja proibido de pilotar por voo perigoso e seja expulso do Irã. Vocês, seus cães, pensam que são os donos do nosso céu...

Scragger deu um pulo para a frente, mas Vossi colocou-se rápido entre eles e bloqueou o golpe com seu peito largo.

— Você não está sabendo de nada, cara. Ei, sinto muito, Scrag, mas precisamos dar uma olhada na cauda do rotor, Scrag, Scrag, meu velho, a cauda do rotor!

Scrag levou alguns segundos para se acalmar. Seu coração estava disparado e ele viu todo mundo olhando para ele. Com um grande esforço, conseguiu controlar a raiva.

— Você... você tem razão, Ed. — Depois virou-se para Ghafari. — Nós tivemos uma... uma emergência. — Ghafari começou a zombar e a raiva de Scragger tornou a subir, mas desta vez ele a controlou.

Eles foram para a popa. Muitos operários do poço, europeus e iranianos, se comprimiam em volta deles. A cauda do rotor parou. Faltava quase um metro em uma das lâminas, numa falha irregular.

Quando Vossi experimentou o suporte principal viu que ele estava completamente solto — a tremenda torção causada pelo desequilíbrio das lâminas o destroçara. Atrás dele, um dos passageiros andou até a beirada da plataforma e vomitou violentamente.

— Jesus — murmurou Vossi — poderia parti-lo com um dedo. Ghafari rompeu o silêncio com seus protestos.

— Um caso claro de manutenção malfeita, pondo em perigo as vi...

— Cale a boca, Ghafari — falou de Plessey, zangado. — Merde, estamos todos vivos e devemos nossas vidas ao capitão Scragger. Ninguém poderia prever uma coisa dessas, os padrões da S-G são os mais altos do Irã.

— Isto será comunicado, sr. de Plessey e..

— Por favor, faça isto, e lembre-se de que eu recomendarei o capitão por sua perícia. — De Plessey estava imponente na sua raiva. Ele detestava Ghafari, considerava-o um criador de casos, abertamente pró-Khomeini numa hora, incitando os trabalhadores a fazerem greve, desde que não houvesse nenhuma polícia ou força militar pró-xá nas vizinhanças, e em seguida servilmente pró-xá, punindo os operários pela menor infração. Porco estrangeiro, hein? — Lembre-se também de que este é um consórcio franco-iraniano e a França, como posso dizer, a França não foi hostil ao Irã na sua hora de necessidade — Então o senhor deveria insistir para que Siri fosse atendido apenas por franceses e não por velhos! Vou comunicar este incidente imediatamente. — Ghafari retirou-se.

Antes que Scragger pudesse dizer ou fazer alguma coisa, de Plessey pôs as mãos nos ombros dele e beijou-o em ambas as faces, além de apertar-lhe a mão com o mesmo calor.

— Obrigado, mon cher ami! — Houve aplausos calorosos dos franceses que davam parabéns uns aos outros e rodeavam Scragger, abraçando-o respeitosamente. Depois Kasigi deu um passo à frente.

— Domo — disse com formalidade, e para maior embaraço de Scragger, os quatro japoneses curvaram-se diante dele ao mesmo tempo, sob mais aplausos dos franceses e muitos tapas nas costas.

— Obrigado, capitão — Kasigi repetiu, ainda formal. — Sim, nós entendemos e agradecemos. — Aí sorriu e ofereceu-lhe seu cartão com as duas mãos e mais uma curvatura. — Yoshi Kasigi, Indústrias Toda de Navegação. Obrigado.

— Não foi assim tão difícil, sr., ahn, sr. Kasigee — disse Scragger, tentando vencer o embaraço, já tendo dominado a raiva,

recuperando o controle, embora promettesse a si mesmo que um dia desses pegaria Ghafari sozinho. — Nós temos, ahn, nós temos equipamento próprio para flutuar, tínhamos muito espaço e poderíamos ter descido na água. É o nosso trabalho. O nosso trabalho é colocar o aparelho no chão em segurança. O Ed... — Sorriu cordialmente para Vossi, sabendo que ao se meter no meio, o rapaz o salvara de um adversário que ele não poderia vencer. — O capitão Vossi teria feito a mesma coisa. Facilmente. Não foi das piores... eu só quis poupá-los de se molharem, embora a água esteja quente e boa, mas nunca se sabe, pode haver tubarões...

A tensão se quebrou e todos riram, embora um tanto nervosamente, pois a maior parte do golfo e das desembocaduras dos rios que o alimentavam estava infestada por tubarões. As águas mornas e a abundância de restos de comida e esgoto não tratado que os povos do golfo despejavam nele, há milênios, encorajavam os peixes de todas as espécies. Especialmente tubarões. E como todos os restos de comida e dejetos humanos das plataformas eram atirados nas águas, os tubarões costumavam ficar por perto.

— O senhor já viu algum bem grande, capitão?

— Sem dúvida. Um tubarão-martelo que se escondia ao largo da ilha Kharg. Fiquei sediado lá por dois anos e costumava vê-lo uma ou duas vezes a cada dois ou três meses. Devia ter uns oito, talvez dez metros. Já vi muitas arraiais gigantescas, mas esse foi o único tubarão realmente grande.

— Merde a todos os tubarões — disse de Plessey estremeando. — Quase fui apanhado uma vez em Siri e estava, como é que vocês dizem mesmo, ah, sim, estava molhando os pés no rasiño, mas o tubarão veio para o raso atrás de mim e veio tão depressa que encalhou. Tinha uns três metros de comprimento. Demos seis tiros nele, mas o bicho ainda saltou e tentou nos pegar e levou horas para morrer e mesmo depois que morreu nenhum de nós queria chegar perto dele. Tubarões! — Tornou a olhar para a lâmina partida. — Fico satisfeito por estar na plataforma.

Todos concordaram. Os franceses começaram e conversar, gesticulando, dois foram descarregar umas cestas e um outro foi

ajudar o homem que ainda estava vomitando. Riggers foi dar uma volta.

Os japoneses esperavam e observavam.

— Só para dar sorte, hein, Scrag? — disse Vossi, tocando supersticiosamente na lâmina.

— Por que não? Para sorte sua e dos passageiros, foi um bom pouso.

— O que foi que causou o defeito? — perguntou de Plessey.

— Não sei, cara — respondeu Scragger. — Havia um bando de pequenos pássaros marinhos em Siri Três, andorinhas-do-mar, eu acho. Um deles pode ter entrado no rotor e causado um ponto de tensão.

Não senti nada, mas não daria mesmo para sentir. Sei que o rotor estava perfeito esta manhã porque nós o checamos como fazemos rotineiramente. — E deu de ombros. — Ato de Deus.

— Oui. Espèce de con! Não gosto de estar assim tão perto de um ato de Deus. — Franziu a testa ao olhar para a plataforma de decolagem. — Um 206 ou um Alouette poderia pousar aqui para nos apanhar?

— Vamos mandar buscar um outro 212 e estacionar o nosso pássaro daquele lado. — Scragger apontou para a parte de dentro da plataforma de decolagem, perto da pilha alta que o guindaste ia formando. — Temos rodas no nosso compartimento de bagagem, de modo que não será nenhum esforço nem vai significar nenhum atraso para vocês.

— Ótimo. Então vamos deixar as providências com você. Os outros venham comigo — disse de Plessey, com ar de importância. — Acho que precisamos de um pouco de café e de um copo de Chablis gelado.

— Pensei que todos os poços estivessem sujeitos à lei seca — disse Kasigi.

De Plessey levantou as sobrancelhas.

— E estão, monsieur. É claro. Os iranianos e os não franceses. É claro. Mas os nossos poços são franceses e estão sujeitos ao Código Napoleão. — E acrescentou grandiosamente: — Devemos celebrar a nossa chegada em segurança, e hoje vocês são convidados da Belle

France, então podemos ser civilizados e quebrar o regulamento. Para que servem os regulamentos a não ser para serem quebrados? É claro. Vamos logo, depois iniciaremos a visita e ouviremos as explicações.

Todos o seguiram, exceto Kasigi.

— E o senhor, capitão? — perguntou. — O que é que o senhor vai fazer?

— Vamos esperar. O helicóptero trará peças sobressalentes e mecânicos — disse Scragger, pouco à vontade, não gostando de estar tão perto de um japonês, incapaz de apagar a lembrança de tantos amigos mortos na guerra, tão jovens, com ele ainda vivo, além da pergunta constante, incômoda, por que eles e não eu? — Vamos esperar até que seja consertado, depois iremos para casa. Por quê?

— E quando será isto?

— Antes do pôr-do-sol. Por quê?

— Com a sua permissão, gostaria de regressar com o senhor. — E Kasigi tornou a olhar para a lâmina.

— Isto... isto depende do capitão Vossi. Oficialmente, ele é o comandante desta aeronave. — Kasigi voltou sua atenção para Vossi. O jovem piloto conhecia a antipatia de Scragger pelos japoneses, mas não podia entendê-la. Pouco antes de levantarem voo, ele dissera: "Que diabo, Scrag, a Segunda Guerra Mundial foi há um milhão de anos. O Japão é nosso aliado agora, o único aliado importante que temos na Ásia." Mas Scragger respondera: "Deixe isto para lá, Ed." E Ed deixara.

— Era melhor, era melhor o senhor voltar com os outros, sr. Kasigi, é impossível dizer quanto tempo vamos demorar.

— Helicópteros me põem nervoso. Prefiro voar com vocês, se não se importarem. — Kasigi tornou a olhar para Scragger, olhos duros no rosto marcado. — Foi uma situação difícil. O senhor quase não teve tempo, no entanto o senhor virou a menos de cem metros e fez um pouso perfeito, bem na mosca.

Foi incrível. Incrível. Uma coisa eu não entendo: por que o senhor estava tão alto na hora da descida? — Percebeu o olhar que Vossi lançou a Scragger. Ah, pensou, você também está se

perguntando isso. — Não há nenhum motivo num dia como este, há?

— O senhor pilota helicópteros? — E Scragger encarou-o, ainda mais nervoso.

— Não, mas já voei neles o suficiente para saber quando há complicações. O meu negócio são os petroleiros e, portanto, os campos de petróleo, aqui no Golfo, no Iraque, na Líbia, no Alasca, em toda parte, e até mesmo na Austrália. — Kasigi deixou que o ódio passasse por ele. Estava acostumado com isso. Sabia o motivo, pois agora fazia muitos negócios na Austrália, muitos mesmo. Uma parte do ódio era merecida. Uma parte. Não importa, os australianos vão mudar, vão ter que mudar. Afinal de contas, nós controlamos uma parte considerável de suas matérias-primas e logo controlaremos muito mais. É curioso que consigamos fazer economicamente com tanta facilidade o que não conseguimos fazer militarmente. — Por favor, por que o senhor escolheu uma aproximação pelo alto hoje? Numa aproximação normal, estaríamos agora no fundo do mar. Por quê?

Scragger deu de ombros, querendo terminar a conversa.

— Chefe — perguntou Vossi —, por quê?

— Sorte.

— Se o senhor me permite — Kasigi deu um meio-sorriso —, eu gostaria de voar de volta com o senhor. Uma vida por uma vida, capitão. Por favor, guarde meu cartão. Talvez um dia eu possa prestar-lhe algum serviço. — Inclinou-se respeitosamente e se afastou.

11:56H.

— Explosivos em Siri, Scrag? — de Plessey estava chocado.

— Pode haver — respondeu Scragger, também em voz baixa.

Estavam na extremidade da plataforma, bem longe de todo mundo, e ele acabara de contar a de Plessey o que Abdullah lhe sussurrara.

O segundo 212 já estava lá há algum tempo, esperando as ordens de Plessey para levar seu grupo até Siri, onde almoçariam. Os mecânicos tinham retirado a maior parte da cauda do 212 de Scragger e concluíram o conserto, com Vossi observando atentamente. O novo rotor e a caixa de engrenagens já estavam no lugar.

— Explosivos podem ser colocados em qualquer lugar, em qualquer lugar.

— Disse de Plessey, com desânimo. — Até uma quantidade pequena de explosivos bastaria para arruinar todo o nosso sistema de bombeamento. Madonna, seria um plano perfeito para diminuir ainda mais as chances de Bakhtiar, ou de Khomeini, de fazer a situação voltar ao normal.

— Sim. Mas tenha cuidado ao usar esta informação e, pelo amor de Deus, guarde-a só para você.

— É claro. Este homem estava em Siri Três?

— Em Lengeh.

— Hein? Então por que não me disse isso de manhã?

— Não houve tempo. — Scragger olhou em volta, para ter certeza de que não havia ninguém por perto. — Tenha cuidado, faça o que fizer. Esses fanáticos não dão um vintém por nada nem por ninguém e se eles acharem que vazou alguma informação, que alguém deu com a língua nos dentes, haverá cadáveres flutuando daqui até Ormuz.

— Concordo. — De Plessey estava muito preocupado. — Você contou a mais alguém?

— Não, companheiro.

— Mon Dieu, o que fazer? A segurança é... como é possível ter segurança no Irã? Gostando ou não estamos em poder deles. — E acrescentou: — Mais uma vez, obrigado. Tenho que confessar que estava esperando que houvesse sabotagem em Kharg e em Abadan, interessa aos esquerdistas criar ainda mais confusão, mas nunca pensei que viessem para cá.

Pensativamente, debruçou-se na grade e olhou o mar que batia nas pilastras da plataforma. Os tubarões estavam circulando e se alimentando. Agora temos terroristas a nos ameaçar. Os tanques e

as bombas de Siri são um bom alvo para sabotagem. E se causarem algum dano a Siri, perderemos anos de planejamento, anos de petróleo de que a França necessita desesperadamente. Petróleo que talvez tenhamos de comprar dos ingleses fedorentos e dos seus campos fedorentos do mar do Norte — como ousam ter tanta sorte com seus 1,3 milhões de barris por dia, e que continuam aumentando?

Por que não existe petróleo nas nossas costas ou na Córsega? Os malditos ingleses com sua hipócrita filosofia de vida! De Gaule estava certo em mantê-los fora da Europa, e agora que nós — porque temos bom coração — os aceitamos, mesmo sabendo que são uns filhos da mãe mentirosos, eles não querem partilhar sua sorte conosco, seus sócios. Só fingem estar junto conosco no MCE, mas sempre foram contra nós e sempre vão ser. O Grande Charles tinha razão sobre eles, mas estava inteiramente enganado a respeito da Argélia. Se nós ainda tivéssemos a Argélia, seu solo e portanto seu petróleo, estaríamos ricos, satisfeitos, com a Inglaterra e a Alemanha e todo o resto lambendo os nossos pés E agora, o que fazer?

Ir para Siri e almoçar. Depois do almoço você vai raciocinar melhor Graças a Deus ainda conseguimos arranjar mantimentos em Dubai, Sharjah e Al Shargaz que continuam sensatos e civilizados: Brie, Camembert, Boursin, alho e manteiga frescos, vindos diariamente da França, e vinho de verdade sem o qual era melhor estar morto. Bem, quase, acrescentou cautelosamente e viu Scragger olhando para ele Sim, mon brave? Estou perguntando o que você vai fazer?

— Ordenar um exercício de segurança — respondeu majestosamente. — Tinha me esquecido da cláusula 56/976 do nosso contrato franco-iraniano que diz que a cada seis meses, por um período de alguns dias, a segurança deve ser checada contra todos os tipos de intrusos para.... para a glória da França e, ahn, do Irã! — Os belos olhos de de Plessey se iluminaram com a beleza do seu discurso.

— Sim, é claro que meus subordinados se esqueceram de me lembrar, mas agora vamos nos dedicar aos exercícios com um

perfeito entusiasmo francês. Em toda parte, em Siri, nas plataformas, em terra, até em Lengeh! Les crétins! Como ousam pensar que podem sabotar o trabalho de anos? — Olhou em volta. Ainda não havia ninguém por perto. O resto do grupo reunia-se agora perto do segundo 212. — Terei de contar a Kasigi por causa do seu petroleiro — disse em voz baixa. — O alvo poderia ser esse.

— Pode confiar nele? Quer dizer, para fazer tudo em segredo.

— Sim. Somos obrigados, mon ami. Temos que avisá-lo, sim, temos que fazer isso. — De Plessey sentiu o estômago roncando. Meu Deus, pensou, muito perturbado, espero que seja apenas fome e que eu não esteja para ter um ataque de fígado, embora isso não me espantasse, depois de tudo o que aconteceu hoje. Primeiro quase tivemos um acidente, depois nosso piloto mais importante quase briga com aquele barril de merda do Ghafari, e agora a revolução pode chegar até nós. — Kasigi perguntou se podia voltar com vocês. Quando estarão prontos?

— Antes do entardecer, mas ele não precisa esperar por nós, pode voltar com você.

— Entendo por que você não gosta de japoneses. Eu ainda não consigo suportar os alemães. Mas precisamos ser práticos. Ele é um bom freguês e já que pediu, gostaria que você, você, ahn, pedisse a Vossi para levá-lo, mon cher ami. Sim, agora somos amigos íntimos, você salvou nossas vidas, e partilhamos de um Ato de Deus! E ele é um dos nossos melhores fregueses — acrescentou com firmeza. — Muito bem. Obrigado, mon ami. Vou deixá-lo em Siri. Quando estiverem prontos, podem apanhá-lo lá. Conte-lhe o que acabou de me contar. Excelente, então está resolvido, e fique certo de que vou recomendá-lo às autoridades e ao próprio senhor Gavallan. — Tornou a sorrir. — Estou indo, até amanhã.

Scragger observou-o afastar-se. Praguejou silenciosamente. De Plessey era o chefe, logo não havia nada que pudesse fazer e naquela tarde, a caminho de Siri, sentou-se atrás na cabine, suando e detestando estar ali.

— Jesus, Scrag, — dissera Vossi, estarecido, quando ele lhe comunicou que viajaria atrás. — Passageiro? Você está bem? Tem certeza de...

— Eu só quero ver como é — Scragger respondera, irritado. — Ponha seu rabo no assento do comandante, apanhe aquele chato em Siri e pouse o aparelho como uma pluma em Lengeh ou isto estará no seu maldito relatório.

Kasigi estava esperando na pista. Não havia nenhuma sombra e ele se sentia encalorado, suado e empoeirado. As dunas estendiam-se em direção aos oleodutos e ao complexo de tanques, todos marrons de poeira. Scragger observou os demônios da poeira, pequenos redemoinhos, dançando no solo, e agradeceu às estrelas por poder voar e não ter que trabalhar num lugar daqueles. Sim, os helicópteros são barulhentos e estão sempre vibrando e se desgarrando, pensou, mas sinto falta das alturas, de voar sozinho nos céus, mergulhando, virando de cabeça para baixo e caindo como uma águia para tornar a subir — mas voar é voar e continuo detestando ficar sentado nesta maldita cabine.

Pelo amor de Deus, aqui ainda é pior do que em um avião de carreira! Detestava voar sem os controles e nunca se sentia seguro e seu desconforto aumentou quando fez sinal a Kasigi para sentar-se a seu lado e bateu a porta do aparelho. Os dois mecânicos cochilavam nos bancos em frente, os macacões brancos manchados de suor. Kasigi ajustou o colete salva-vidas e apertou o cinto de segurança.

Uma vez lá em cima, Scragger inclinou-se para ele.

— Não há outra maneira de contar-lhe a não ser bem depressa, então lá vai: pode haver um ataque terrorista a Siri, a uma das plataformas, talvez até ao seu navio. De Plessey pediu-me para avisá-lo.

O ar saiu sibilando da boca de Kasigi.

— Quando? — perguntou, por cima do terrível barulho da cabine.

— Não sei. Nem de Plessey. Mas é mais do que possível.

— Como? Como vão sabotar-nos?

— Não faço ideia. Com armas ou explosivos, talvez com uma bomba-relógio, então é melhor aumentar o esquema de segurança.

— Já é o melhor possível — respondeu Kasigi, imediatamente, e então viu o lampejo de raiva nos olhos de Scragger. Por um segundo não conseguiu imaginar a razão, depois lembrou-se do que acabara de dizer. — Ah, sinto muito, capitão. Não quis parecer orgulhoso. É

que mantemos padrões muito altos, e nesta águas meus navios estão... — Quase dissera 'em pé de guerra', mas parou a tempo, contendo a irritação por causa da sensibilidade do outro. — Nestas águas, todo mundo é mais do que cuidadoso. Por favor, desculpe-me.

— De Plessey queria que o senhor soubesse. E também que conservasse a boca fechada... que mantivesse segredo, para não irritar nenhum iraniano.

— Compreendo. A informação está bem guardada. Mais uma vez obrigado. — Kasigi viu Scragger balançar ligeiramente a cabeça e depois acomodar-se no assento.

Também teve vontade de balançar a cabeça e dar tudo por encerrado, mas como o australiano salvara a vida dos seus companheiros bem como a sua própria, permitindo, portanto, que pudessem continuar servindo à companhia e ao seu líder, Hiro Toda, achou que era seu dever tentar cicatrizar as feridas.

— Capitão — disse o mais baixo que pôde devido ao barulho dos jatos —, compreendo por que nós, japoneses, somos odiados pelos australianos e peço desculpas por todos os Changis, todas as estradas de Burma, e todas as atrocidades. Só posso lhe dizer a verdade: esses fatos são ensinados em nossas escolas e não foram esquecidos. É motivo de vergonha nacional que tenham acontecido.

É verdade, pensou, zangado. Cometer aquelas atrocidades foi estúpido, mesmo que aqueles idiotas não entendessem que estavam cometendo atrocidades — afinal de contas, na maioria dos casos, o inimigo era covarde, renderam-se covardemente aos milhares, perdendo, portanto, o direito de serem tratados como seres humanos de acordo com o nosso Bushido, o nosso código, que determina que render-se é a maior desonra que pode haver para um soldado. Uns poucos erros cometidos por alguns sádicos, por alguns guardas das prisões camponeses e ignorantes — geralmente coreanos comedores de alho — e todos os japoneses tiveram que sofrer as consequências para sempre. É uma vergonha para o Japão. E a pior das vergonhas é que nosso líder supremo na guerra faltou ao seu dever e forçou nosso imperador à vergonha de ser obrigado a terminar a guerra.

— Por favor, aceite as minhas desculpas em nome de todos nós.
— Scragger olhou-o. Depois de uma pausa disse simplesmente: —
Desculpe, mas não posso. Em primeiro lugar, meu antigo sócio,
Forsyth, foi o primeiro homem a entrar em Changi; ele nunca se
recuperou do que viu; em segundo lugar, muitos dos meus
conterrâneos, não apenas prisioneiros de guerra, foram atingidos.
Muitos mesmo. Não posso esquecer. E mais do que isso, não quero
esquecer. Não quero, porque se o fizesse esta seria nossa última
traição para com eles. Nós os traímos, a todos, na paz... que paz?
Nós os traímos, é o que eu acho. Sinto muito, mas é isso.

— Eu compreendo. Mesmo assim podemos fazer as pazes, você e
eu. Não?

— Talvez. Talvez com o tempo.

Ah, tempo, pensou Kasigi, confuso. Hoje estive mais uma vez à
beira da morte. Quanto tempo nós teremos, você e eu? O tempo
não é uma ilusão e toda a vida apenas uma ilusão dentro de ilusões?
E a morte? O poema de morte do seu reverenciado ancestral
samurai resumia-a perfeitamente: O que são as nuvens, *Senão uma
desculpa para o céu?* O que é a vida, / *Senão uma fuga da morte?*

O ancestral era Yabu Kasigi, daimio de Izu e Baka e partidário de
Yoshi Toronaga, o primeiro e o maior dos xoguns Toronaga, que
governaram hereditariamente o Japão de 1603 até 1871, quando o
imperador Meiji finalmente eliminou o xogunato e declarou ilegal a
classe dos samurais. Mas Yabu Kasigi não era lembrado pela
lealdade a seu senhor feudal nem pela coragem em batalha — como
o era seu famoso sobrinho Omi Kasigi, que lutou por Toronaga na
grande batalha de Sekigahara, teve a mão arrancada mas ainda
assim comandou o ataque que derrotou o inimigo.

Oh, não, Yabu traiu Toronaga, ou tentou traí-lo, e então recebeu
dele a ordem de cometer seppuku — a morte ritual por
desventramento. Yabu era reverenciado pela caligrafia do seu poema
de morte e pela coragem com que cometeu seppuku. Naquele dia,
ajoelhando-se diante dos samurais reunidos, dispensou
desdenhosamente o samurai que ficaria em pé atrás dele, com uma
longa espada, para terminar mais depressa sua agonia cortando-lhe
a cabeça, poupando-o, assim, da vergonha de gritar.

Ele apanhou a faca curta e enfiou-a até o cabo no estômago, então, lentamente, fez os quatro cortes, a mais difícil forma de seppuku — para o lado e para baixo, novamente para o lado e para cima — depois arrancou suas próprias entranhas para finalmente morrer, sem ter dado um único grito.

Kasigi estremeceu só de pensar em ter que fazer o mesmo, sabendo que não teria coragem. A guerra moderna não era nada em comparação com aquela época em que se podia receber ordem para morrer assim, por um capricho do seu senhor...

Percebeu que Scragger o observava.

— Também estive na guerra — disse involuntariamente. — Voei em Zeros na China, Malásia e Indonésia. E na Nova Guiné. A coragem na guerra é diferente da... da coragem quando se está sozinho... quer dizer, não em guerra, não é?

— Não compreendo.

Há anos que não recordava a guerra, pensou Kasigi, com uma súbita onda de medo envolvendo-o, lembrando-se do terror constante de morrer ou de ficar aleijado, um terror que o consumira — como hoje, quando teve certeza que todos iam morrer e ele e seus companheiros ficaram paralisados de medo. Sim, e fizemos hoje o que fizemos, durante todos aqueles anos de guerra: lembramos do legado da Terra dos Deuses, engolimos nosso terror como nos ensinaram desde a infância, simulamos calma e equilíbrio para não nos envergonharmos diante dos outros, cumprimos nosso dever para com o imperador enfrentando o inimigo o melhor que pudemos e então, quando ele disse que nos rendêssemos, rendemo-nos, dando graças ao imperador, por maior que fosse a vergonha.

Uns poucos acharam a vergonha insuportável e se mataram da forma antiga, com honra. Será que perdi a honra porque não o fiz? Nunca. Obedeci ao imperador que nos ordenou suportar o insuportável, depois entrei para a firma do meu primo, como me ordenaram, e o tenho servido lealmente para maior glória do Japão. Das ruínas de Yokohama, ajudei a reconstruir as Indústrias Toda de Navegação e a transformá-la em uma das maiores empresas do Japão, construindo enormes navios, inventando os superpetroleiros, maiores a cada ano — e lançando, em breve, o primeiro petroleiro

de um milhão de toneladas. Agora nossos navios estão em toda parte, trazendo matéria-prima para o Japão e levando para o exterior produtos manufaturados. Nós, japoneses, somos merecidamente o assombro do mundo. Mas somos vulneráveis — temos que ter petróleo, ou estaremos arruinados.

Por uma das janelas, notou um petroleiro subindo o golfo, outro indo em direção a Ormuz. A ponte continua, pensou. Pelo menos um petroleiro a cada 150 quilômetros daqui até o Japão, ininterruptamente, para alimentar nossas fábricas, sem as quais morreremos de fome. Toda a OPEP

sabe disso, eles estão trapaceando e se divertem com isto. Como hoje. Hoje, precisei de toda a minha força de vontade para aparentar calma ao lidar com aquele... aquele francês odioso, fedendo a alho e àquela porcaria fedorenta e nojenta chamada Brie, exigindo descaradamente mais US\$ 2,80 acima dos já escandalosos US\$ 14,80 e eu, de uma antiga linhagem de samurais, tendo que pechinchar com ele como um chinês de Hong Kong.

— Mas, monsieur de Plessey, o senhor certamente vê que a este preço, mais o frete e...

— Sinto muito, monsieur, mas tenho minhas instruções. Conforme o combinado, os três milhões de barris de petróleo de Siri estão sendo oferecidos primeiro ao senhor. A ExTex quer uma quota, assim como quatro outras grandes companhias. Se o senhor deseja mudar de ideia...

— Não, mas o contrato especifica "ao preço atual da OPEP" e nós...

— Sim, mas o senhor certamente sabe que todos os fornecedores da OPEP estão cobrando um ágio.

Não se esqueça que os sauditas planejam diminuir a produção este mês, que na semana passada todos os grandes produtores ordenaram novos cortes por force majeure, que a Líbia também está reduzindo sua produção. A BP aumentou os cortes para 45%...

Kasigi teve vontade de gritar de raiva ao lembrar que quando finalmente concordara, desde que pudesse ter os três milhões de barris, todos pelo mesmo preço, o francês sorria, docemente, e dissera: "Certamente, desde que o senhor carregue tudo em sete

dias". O que ambos sabiam ser impossível. E sabiam também que, naquele momento, uma delegação da Romênia estava no Kuwait em busca de três milhões de toneladas de petróleo, imaginem, só três milhões de barris, para compensar o corte dos seus próprios suprimentos iranianos que chegavam através dos oleodutos iraniano-soviéticos. E que havia outros compradores, dezenas, esperando para se apoderar de sua opção de Siri e de todas as suas outras opções — de petróleo, gás natural, nafta e outros petroquímicos.

— Muito bem, US\$ 17,60, o barril — dissera Kasigi, amável. Mas por dentro jurando ir à forra de algum modo.

— Para este petroleiro, monsieur.

— É claro, para este petroleiro — disse, ainda mais amavelmente.

E agora este piloto australiano vem me dizer que mesmo este petroleiro pode correr perigo. Este velho estranho, velho demais para estar pilotando e no entanto tão hábil, tão sabido, tão aberto, e tão idiota — idiota em ser tão aberto, pois assim você se coloca nas mãos dos outros, pensou Kasigi, voltando a encarar Scragger.

— O senhor disse que talvez, com o tempo, pudéssemos fazer as pazes. Nós dois não teríamos mais nenhum tempo hoje, se não fosse por sua habilidade, e sorte, embora nós chamemos isto de carma.

Na realidade, não sei quanto tempo nos resta. Talvez amanhã meu navio seja destruído. Eu estarei a bordo. — Deu de ombros. — Carma. Mas sejamos amigos, o senhor e eu. Não acho que estejamos traindo nossos companheiros de guerra, os seus e os meus. — E estendeu a mão. — Por favor.

Scragger olhou a mão estendida. Kasigi forçou-se a esperar. Então Scragger cedeu, balançou a cabeça e apertou a mão com firmeza.

— Está bem, cara, vamos tentar.

Nesse momento, viu Vossi virar-se e fazer-lhe um sinal.

Imediatamente Scragger foi para a cabine do piloto.

— Sim, Ed?

Há uma emergência, Ed, de Siri Três. Um dos operários caiu no mar... Foram imediatamente. O corpo estava flutuando perto das pilastras da plataforma. Eles o içaram para bordo. Os tubarões já

tinham comido os membros inferiores e um dos braços estava faltando. A cabeça e o rosto estavam muito machucados e curiosamente desfigurados. Era Abdullah Turik.

6

PERTO DE BANDAR DELAM: 16:52H.

As sombras estavam maiores. Ao longo da estrada a terra estava ressecada, e depois das encostas rochosas elevavam-se as montanhas com os picos cobertos de neve — a vertente setentrional dos Zagros. Deste lado, perto dos pântanos e riachos que iam dar no porto, a poucos quilômetros dali, localizava-se um dos numerosos oleodutos que entrecruzavam toda a região. O oleoduto era de aço, com meio metro de diâmetro e se apoiava em um cavalete de concreto que penetrava numa galeria sob a estrada prosseguindo, depois, pelo subsolo. A menos de dois quilômetros, a leste, havia uma aldeia — escondida, empoeirada, cor de terra, com casas feitas de barro — e vindo dessa direção, um pequeno carro. Era velho e amassado e andava devagar, mas o motor trabalhava bem, bem demais para o estado da carroceria.

Dentro do carro havia quatro iranianos. Eram jovens, não usavam barba e estavam mais bem vestidos do que o normal, embora todos estivessem manchados de suor e demonstrassem extremo nervosismo.

Perto da galeria, o carro parou. Um rapaz de óculos saltou do banco dianteiro e fingiu que urinava na beira da estrada, com os olhos observando tudo em volta.

— Está tudo certo — disse.

Imediatamente, os dois rapazes de trás saltaram, carregando uma mala grossa e pesada, e se enfiaram na galeria. O rapaz de óculos abotoou-se e depois, casualmente, foi até a mala do carro e abriu-a.

Embaixo de um pedaço de lona rasgada viu o nariz arrebitado da metralhadora de fabricação tcheca.

Ficou um pouco mais calmo.

O motorista desceu e urinou abundantemente dentro da vala.

— Estava com vontade, mas não consegui, Masoud — disse o rapaz de óculos, invejando-o.

Enxugou o suor do rosto e ajeitou os óculos.

— Nunca consigo urinar antes de uma prova — disse Masoud e riu. — Deus permita que a universidade logo torne a abrir.

— Deus! Deus é o ópio das massas — atalhou o rapaz de óculos, com desprezo, desviando em seguida sua atenção para a estrada.

Ainda estava deserta, tanto quanto podiam ver, nas duas direções. Para o sul, a poucas milhas dali, o sol brilhava nas águas do Golfo. Acendeu um cigarro. Seus dedos tremiam. O tempo passava muito devagar. Ouviam-se as moscas voando, o que fazia o silêncio parecer ainda maior. Percebeu, então, uma nuvem de poeira na estrada, do outro lado da aldeia.

— Olhem!

Juntos, tentaram enxergar ao longe.

— São caminhões de carga ou do Exército? — perguntou Masoud, ansiosamente, e correu para a galeria gritando: — Depressa, vocês dois. Vem vindo alguma coisa!

— Está bem — respondeu uma voz lá de dentro.

— Estamos quase acabando — disse outra voz.

Os dois rapazes na galeria estavam com a mala aberta, e colocavam os sacos achatados de explosivo, a esmo, ao longo do oleoduto. Este era coberto por uma camada de lona e piche como proteção contra a erosão.

— Dê-me o detonador e o rastilho, Ali — disse o mais velho, com voz rouca. Estavam ambos imundos, agora, com a poeira grudada no suor.

— Tome — Ali entregou-lhe as coisas cuidadosamente, com a camisa grudada no corpo.

— Tem certeza que sabe o que fazer, Bijan?

— Estudamos aquele panfleto durante horas. Não treinamos fazer isto de olhos fechados? — Bijan deu um sorriso forçado. — Somos iguais a Robert Jordan em Por quem os sinos dobram. Iguazinhos a ele.

— Espero que os sinos não estejam dobrando por nós — retrucou o outro, estremecendo.

— Mesmo que estejam, que importa? O partido vai conquistar o poder e as massas serão vitoriosas.

Os dedos inexperientes de Bijan prenderam desajeitadamente o detonador de nitroglicerina, altamente volátil, num dos explosivos, ligando uma das pontas do rastilho ao detonador, e empilhou o resto dos sacos em cima para prendê-lo no lugar.

Masoud tornou a chamar, com uma voz ainda mais urgente: — Depressa, são... achamos que são caminhões do Exército cheios de soldados!

Por um instante, os dois rapazes ficaram paralisados, depois desenrolaram o rastilho, tropeçando um no outro, no seu nervosismo. Sem que notassem, a ponta do rastilho que estava presa ao detonador soltou-se. Esticaram o fio de três metros de comprimento no chão, acenderam a ponta e saíram correndo. Bijan deu uma olhada para checar tudo, viu que uma das pontas queimava bem e ficou horrorizado quando percebeu que a outra ponta estava solta. Voltou correndo, prendeu-a, tremendo, no detonador, e escorregou, atirando o detonador contra a parede de concreto.

A nitroglicerina explodiu e fez o saco de explosivos ao lado ir pelos ares, este fez explodir o próximo, e assim por diante até que todos explodiram e fizeram Bijan em pedaços junto com dez metros do oleoduto, arrancando o teto da galeria, virando o carro, matando dois dos rapazes e arrancando uma perna do quarto.

Começou a jorrar petróleo do oleoduto. Centenas de barris por minuto. O petróleo deveria ter incendiado, mas isso não aconteceu — os explosivos tinham sido mal colocados — e quando os dois caminhões do Exército pararam cautelosamente a centenas de metros de distância, o vazamento de óleo já alcançara o riacho. Os óleos mais leves, gasosos, voláteis, flutuaram na superfície, e o óleo cru, mais pesado, começou a se infiltrar nas margens, encharcando o solo, tornando toda a região altamente perigosa.

Nos dois caminhões havia uns vinte Faixas Verdes de Khomeini, a maioria de barba, os outros com o rosto sem barbear, todos usando suas faixas características nos braços — camponeses, alguns operários de campos de petróleo, um líder treinado pela OLP, um

mulá — todos armados, todos com marcas de batalha, alguns feridos, e um capitão da polícia uniformizado, amarrado e amordaçado no chão, ainda vivo. Tinham acabado de atacar um posto policial ao norte e agora rumavam para Bandar Delam para continuar a guerra. Sua missão era ajudar a tomar o aeroporto civil que ficava a alguns quilômetros para o sul.

Liderados pelo mulá, foram até a beirada da galeria arreventada. Por um instante, ficaram observando o vazamento, então um gemido atraiu-lhes a atenção. Empunharam os revólveres e caminharam cautelosamente até o carro virado. O rapaz sem a perna estava preso até a cintura debaixo dele, morrendo. Moscas voavam, pousavam e tornavam a voar, havia sangue e vísceras por toda parte.

— Quem é você? — perguntou o mulá, sacudindo-o rudemente.
— Por que fizeram isso?

O rapaz abriu os olhos. Sem os óculos, tudo ficava embaçado. Às cegas, tentou encontrá-los. O medo da morte se apoderou dele. Tentou recitar o Shahada, mas só o que saiu foi um grunhido de terror. O sangue inundou-lhe a garganta, sufocando-o.

— Seja como Deus quiser — disse o mulá, virando as costas. Viu os óculos quebrados no chão e apanhou-os. Uma das lentes estava partida, a outra perdera-se.

— Por que fariam isso? — perguntou um dos Faixas Verdes. — Ainda não temos ordens de sabotar os oleodutos.

— Devem ser comunistas, ou abutres marxistas-islâmicos. — O mulá jogou os óculos fora. Seu rosto estava machucado, a túnica comprida rasgada em alguns lugares e estava faminto. — Parecem estudantes. Que Deus mate todos os Seus inimigos assim tão depressa.

— Ei, olhem isto — exclamou um outro. Estava revistando o carro e encontrara três metralhadoras e algumas granadas. — Todas de fabricação tcheca. Só os esquerdistas andam tão bem armados assim.

Estes cães são mesmo inimigos.

— Deus seja louvado. Ótimo. As armas nos serão úteis. Podemos contornar a galeria com o caminhão?

— Oh, sim, facilmente, graças a Deus — disse o motorista, um homem barbado e corpulento. Era operário de um dos campos de petróleo e entendia de oleodutos. — É melhor comunicarmos esta sabotagem — acrescentou, nervoso. — Toda esta área pode explodir. Poderia telefonar para a estação de bombeamento, se houver algum telefone funcionando; ou mandar um recado; eles podem cortar o fluxo. É melhor andarmos depressa. Toda esta área está correndo perigo e o vazamento vai poluir tudo, rio abaixo.

— Isto está nas mãos de Deus. — O mulá ficou olhando o óleo se espalhar. — Não é correto desperdiçar a riqueza que Deus nos concedeu. Bom, você pode tentar telefonar do aeroporto. — O rapaz deu outro grito sufocado de socorro. Eles o deixaram ali para morrer.

AEROPORTO DE BANDAR DELAM: 17:30H.

O aeroporto civil estava desguarnecido, abandonado e não funcionava, exceto pelo contingente da S-G que chegara ali há poucas semanas, vindo da ilha Kharg. O aeroporto tinha duas pistas curtas, uma torre pequena, alguns hangares, um prédio de escritórios com dois andares, algumas barracas, e agora uns poucos trailers modernos — de propriedade da S-G — para servir temporariamente de abrigo e QG. Era igual a dúzias de outros aeroportos civis que o xá construía para as linhas de fornecimento que serviam a todo o Irã: "Vamos ter aeroportos e serviços modernos." Decretara e assim foi feito. Mas desde que começaram os problemas, há seis meses, todas as linhas internas tinham entrado em greve, em todo o Irã os aviões pararam de voar e os aeroportos fecharam. As tripulações e as equipes de terra desapareceram. A maioria dos aviões foram deixados ao ar livre, sem manutenção nem cuidado. Dos três jatos estacionados no pátio, dois estavam com os pneus furados e o outro tinha a janela da cabine quebrada. Todos tiveram os tanques esvaziados por

saqueadores. Todos estavam imundos, quase abandonados. E tristes.

Fazendo um enorme contraste com eles, enfileiravam-se meticulosamente os cinco cintilantes helicópteros da S-G, três 212 e dois 206, lavados diariamente e revisados no final do dia. O sol agora estava baixo, projetando sombras alongadas.

O capitão Rudiger Lutz, o piloto-chefe, foi até o último helicóptero e inspecionou-o com o mesmo cuidado com que inspecionara os outros.

— Muito bem — disse finalmente. — Podem guardá-los.

Ficou observando enquanto os mecânicos e sua equipe de terra iraniana levavam as aeronaves de volta para os hangares que também estavam impecáveis. Sabia que muitos membros da equipe riam dele pelas costas, por causa de sua meticulosidade, mas isso não tinha importância — contanto que obedecessem. Este é o nosso problema mais difícil, pensou. Como fazê-los obedecer, como agir numa situação de guerra quando não somos governados por leis militares e somos não-combatentes no meio de uma situação de guerra, quer Duncan McIver admita ou não.

Esta manhã, Duke Starke, em Kowiss, retransmitira em HF a mensagem tensa de McIver, de Teerã, a respeito dos rumores de ataque ao aeroporto de Teerã e da revolta em uma de suas bases aéreas — por causa da distância e das montanhas, Bandar Delam não podia falar diretamente com Teerã nem com as outras bases, só com Kowiss. Preocupado, Rudi reunira toda a sua equipe de estrangeiros, quatro pilotos e sete mecânicos — sete ingleses, dois americanos, um alemão e um francês — em um lugar onde ninguém pudesse ouvi-los e relatara-lhes a mensagem.

— Não foi tanto o que Duke disse, mas a forma como disse: me chamou o tempo todo de Rudiger, quando sempre me chama de Rudi. Ele me pareceu nervoso.

— Não é próprio de Duke Starke ficar nervoso, a não ser que as coisas estejam pretas. — Jon Tyrer, o americano que era o segundo em comando depois de Rudi, comentara apreensivamente. — Você acha que ele está em apuros? Acha que a gente deve ir dar uma olhada em Kowiss?

— Talvez. Mas vamos esperar até eu falar com ele esta noite.

— Acho que é melhor nos prepararmos para escapulir no meio da noite, Rudi — dissera o mecânico Fowler Jones com decisão. — Sim. Se o velho Duke está nervoso... é melhor estarmos preparados para dar o fora.

— Você está louco, Fowler. Nunca tivemos problemas — retrucara Tyrer.

— Toda esta região está mais ou menos tranquila, as tropas e a polícia são disciplinadas e estão sob controle. Merda, temos cinco bases da Força Aérea numa área de 15 quilômetros e são todas de elite e pró-xá. É provável que breve haja um golpe legalista.

— Você alguma vez já estive no meio de um golpe, pelo amor de Deus? Atiram desesperadamente uns nos outros e eu sou um civil!

— OK, digamos que as coisas fiquem pretas, o que sugere? Discutiram todas as possibilidades. Por terra, mar e ar. A fronteira do Iraque ficava a apenas 150 quilômetros de distância — e pelo golfo era fácil alcançar o Kuwait.

— Seremos informados com antecedência — Rudi estava confiante. — McIver saberá caso haja um golpe.

— Ouça, meu chapa — dissera Fowler, mais azedo do que de costume.

— Eu conheço as companhias: são iguais aos malditos generais! Se as coisas ficarem realmente difíceis, vamos ter que nos virar sozinhos, portanto é melhor ter um plano. Não vou levar um tiro na cabeça pelo xá, por Khomeini, nem pelo Senhor-Deus Gavallan. Eu digo que a gente deve dar o fora!

— Que diabo, Fowler — exclamara um dos pilotos ingleses —, você está sugerindo que a gente sequestre um dos nossos próprios aviões? Nós nunca mais poderíamos voar.

— Talvez isto seja melhor do que os portões da eternidade.

— Poderíamos ser abatidos, pelo amor de Deus. Nunca conseguíamos. Você sabe que os nossos voos são monitorizados, como o radar é sensível por aqui. Aqui as coisas são muito mais controladas do que em Lengeh! Não podemos nem sair do chão sem pedir permissão para ligar os motores...

No fim, Rudi pedira-lhes sugestões para o caso de haver necessidade de uma evacuação repentina, por terra, ar ou mar e os deixara discutindo.

O dia inteiro tinha se preocupado com o que fazer, com o que haveria de errado em Kowiss e em Teerã. Como piloto-chefe sentia-se responsável por sua equipe — além dos doze iranianos e de Jahan, seu operador de rádio, que não recebiam há seis semanas — e por todos os helicópteros e peças. Tivemos muita sorte em sair de Kharg com tanta facilidade, pensou, com um aperto no estômago. A retirada de todos os aviões fora fácil, todas as peças importantes e alguns dos seus transportes foram trazidos em quatro dias sem que isso interferisse com sua pesada carga de contratos de voo e emergências.

Sair de Kharg fora fácil porque todo mundo quisera ir. O mais depressa possível. Mesmo antes dos tumultos, Kharg era uma base impopular, sem nada para fazer exceto trabalhar e esperar pelas licenças em Teerã ou em casa. Quando os tumultos começaram, todo mundo viu logo que Kharg era um alvo vital para os revolucionários. Tinha havido muitos tumultos e até alguns tiros. Apareciam cada vez mais braçadeiras da OILP entre os revoltosos e o comandante da ilha ameaçara atirar em todos os aldeões se os tumultos não cessassem. Desde a partida deles há poucas semanas, a ilha estava quieta, assustadoramente quieta.

E essa retirada não foi uma emergência de fato, lembrou a si mesmo. Como agir em uma? Na semana passada voara até Kowiss para apanhar umas peças e perguntara a Starke como ele planejava agir em Kowiss se houvesse realmente problemas.

— Do mesmo jeito que você, Rudi. Você procuraria agir de acordo com as regras da companhia, que não se aplicariam a esta situação — disse o texano alto. — Temos algumas coisas a nosso favor: quase todos os nossos rapazes são ex-combatentes de alguma guerra, portanto há uma espécie de hierarquia de comando, mas, que inferno, pode-se planejar à vontade e mesmo assim não se consegue dormir de noite porque quando as coisas ficarem pretas vai acontecer o que sempre acontece: alguns rapazes vão

desmoronar, outros não, e nunca se pode saber com antecedência quem vai fazer o quê, ou até como você mesmo vai reagir.

Rudi nunca estivera em uma guerra, embora seu serviço militar no Exército alemão, nos anos cinquenta, tivesse sido nas fronteiras da Alemanha Oriental, e na Alemanha Ocidental sempre se está consciente do Muro, da Cortina, e de todos os seus irmãos e irmãs que estão do outro lado — e das legiões soviéticas e satélites que esperam, taciturnos, com suas dezenas de milhares de tanques e mísseis, a poucos metros de distância. E sempre se está consciente dos alemães fanáticos de ambos os lados da fronteira que veneram seu messias chamado Lenin e dos milhares de espões roendo nossas entranhas.

Triste.

Quantos da minha cidade?

Nascera em uma cidadezinha perto de Plauen, próxima à fronteira da Tchecoslováquia, que agora pertencia à Alemanha Oriental. Em 1945 ele tinha 12 anos, seu irmão 16 e já estava no Exército. Os anos de guerra não foram maus para ele, sua irmã mais moça e sua mãe. No campo, havia bastante o que comer. Mas em 1945 eles tinham fugido diante das hordas soviéticas, que passavam carregando tudo que podiam, para se juntarem ao enorme contingente de alemães que migravam para oeste: dois milhões da Prússia, mais dois do norte, quatro do centro, mais dois do sul — junto com outros milhões de tchecos, poloneses, húngaros, romenos, austríacos, búlgaros, que vinham da Europa inteira — todos famintos, petrificados, lutando para se manterem vivos.

Ah, manter-se vivo, pensou.

Durante a viagem, com frio, cansado e abatido, ele se lembrava de ter ido com a mãe a um depósito de lixo, em algum lugar perto de Nuremberg, o campo devastado pela guerra e as cidades destruídas, a mãe tentando freneticamente conseguir uma chaleira — a deles fora roubada durante a noite — impossível comprar-se uma, mesmo se tivessem o dinheiro. "Temos que ter uma chaleira para ferver água ou morreremos, vamos apanhar tifo ou disenteria como os outros — não podemos viver sem água fervida", gritara sua mãe. Então ele a acompanhara em lágrimas, convencido que era

uma perda de tempo, mas tinham encontrado uma. Estava velha e amassada, com o bico torto e a alça solta, mas tinha uma tampa e não vazava. Hoje a chaleira estava limpa e brilhante e ocupava um lugar de honra na prateleira da cozinha da sua fazenda perto de Freiberg, na Floresta Negra, onde moravam sua mulher, seus filhos e sua mãe. E uma vez por ano, na véspera do Ano-Novo, a mãe fazia chá com água fervida naquela chaleira. E quando ele estava lá, os dois sorriam juntos, ele e ela. "Se você tiver bastante fé, meu filho, e tentar, você pode encontrar a sua chaleira. Nunca se esqueça, foi você que a encontrou, não eu."

De súbito, ouviram-se gritos de alerta. Deu meia-volta e viu três caminhões do Exército irromperem pelo portão, um em direção à torre e dois em direção aos hangares. Os caminhões pararam e revolucionários Faixas Verdes se espalharam pela base, dois homens investindo contra ele, com as armas apontadas, gritando em farsi, que ele não entendia, enquanto os outros cercavam seus homens no hangar. Paralisado, levantou as mãos, com o coração batendo do susto. Dois Faixas Verdes, barbados e suando de medo e excitação, empurraram os canos dos revólveres na cara dele e Rudi recuou.

— Não estou armado — disse, sem ar. — O que vocês querem? Hein? Nenhum dos homens respondeu, apenas continuaram a ameaçá-lo. Por trás deles, podia ver o resto da equipe sendo retirada dos trailers e barracas e reunida no pátio. Outros agressores entravam e saíam dos helicópteros, revistando-os, revirando o equipamento; um dos homens começou a tirar os salva-vidas que estavam arrumados nos bolsos dos assentos. Sua raiva sobrepujou o medo.

— Ei, Sie verrückte Dummköpfe — gritou. — Lassen Sie meine verrückten Flugzeuge allein! — Antes que se desse conta do que estava fazendo, tinha empurrado os revólveres e corria em direção a eles. Por um instante, pareceu que os dois iranianos iam atirar, mas apenas correram atrás dele, alcançaram-no e o agarraram. Um deles levantou o rifle pelo cano para lhe arrebentar a cara.

— Parem!

Os homens se imobilizaram.

O homem que gritou esta ordem em inglês aparentava trinta anos, era robusto, usava roupas grossas com uma faixa verde, tinha barba curta e espetada, cabelos escuros ondulados e olhos escuros.

— Quem é o responsável aqui?

— Sou eu! — Rudi livrou-se de seus agressores. — O que estão fazendo aqui? O que querem?

— Estamos ocupando este aeroporto em nome do Islã e da revolução. — O sotaque do homem era inglês. — Quantas tropas há aqui, pessoal de voo?

— Nenhuma. Não há nenhuma tropa, não há equipe de torre, não há mais ninguém além de nós. — Disse Rudi, tentando recuperar o fôlego.

— Nenhuma tropa? — A voz do homem era perigosa.

— Não, nenhuma. Temos tido patrulhas aqui, desde que chegamos há poucas semanas, elas vêm de vez em quando. Mas nenhuma está estacionada aqui. E não temos nenhum avião militar. — Rudi apontou para o hangar. — Diga àqueles... àqueles homens para terem cuidado com meus aparelhos, muitas vidas dependem deles, tanto nossas quanto de iranianos.

O homem se virou e viu o que estava acontecendo. Gritou outra ordem, praguejando contra eles. Os homens responderam despreocupadamente, depois saíram, deixando o caos por onde tinham passado.

— Por favor, desculpe-os — disse o homem. — Meu nome é Zataki. Sou o chefe do komiteh de Abadan. Com a ajuda de Deus, agora comandamos Bandar Delam.

O estômago de Rudi queimava. Os estrangeiros e a equipe iraniana formavam um grupo imóvel ao lado do prédio baixo de escritórios, cercados por armas.

— Trabalhamos para uma companhia ingle...

— Sim, estamos informados a respeito da S-G Helicópteros. — Zataki virou-se e gritou novas ordens. Relutantes, alguns de seus homens foram para o portão e começaram a se colocar em posições defensivas. Ele tornou a olhar para Rudi. — Seu nome?

— Capitão Lutz.

— O senhor não tem nada a temer, capitão Lutz, nem o senhor nem seus homens. Vocês têm armas aqui?

— Não, exceto pistolas de sinalização, munição própria de aviões. Para sinalizar, sinalizar em caso de perigo.

— Vá buscá-las. — Zataki virou-se e foi para perto do grupo da S-G e ficou lá, examinando os rostos. Rudi percebeu o medo dos seus iranianos, cozinheiros, equipe de terra, montadores, Jahan, e Yemeni, o gerente da IranOil.

— São todos meus empregados — disse, tentando parecer seguro. — Todos empregados da S-G.

Zataki olhou para ele, depois chegou bem perto, e Rudi teve que se controlar para não recuar de novo.

— O senhor sabe o que significa mujahedins-al-khalq? Fedayim? Tudeh? — perguntou suavemente. Era mais forte que Rudi e tinha uma arma na mão.

— Sim.

— Ótimo. — Depois de uma pausa, Zataki voltou a olhar para os iranianos. Um a um. O silêncio tornou-se mais pesado. De repente, apontou para um dos homens, um montador. O homem hesitou, e então começou a correr como um louco, gritando em farsi. Eles o agarraram facilmente e o puseram sem sentidos.

— O komiteh vai julgá-lo e sentenciá-lo, em nome de Deus. — Zataki olhou para Rudi. — Capitão — disse com os lábios contraídos —, eu lhe pedi para apanhar as pistolas.

— Elas estão no cofre, e bem seguras — respondeu Rudi, com igual dureza, não se sentindo nada corajoso por dentro. — O senhor poderá tê-las quando quiser. Elas só são colocadas num avião durante uma missão. Eu... eu quero que soltem aquele homem!

Sem nenhum aviso, Zataki virou a metralhadora para bater com a coronha na cabeça de Rudi, mas Rudi segurou-a com uma das mãos, desviando-a e arrancou-a das mãos do homem, com um reflexo perfeito, e antes que a arma caísse no chão, sua outra mão, aberta, já estava na garganta desprotegida de Zataki. Mas ele interrompeu o golpe mortal, mal tocando a pele do homem. Depois, deu um passo para trás, acuado. Todas as armas apontavam para ele.

O silêncio continuou. Seus homens olhavam, estarecidos. Zataki o encarou com ódio. As sombras estavam mais alongadas, e uma brisa suave brincava com o catavento, fazendo-o estalar de leve.

— Apanhe a arma!

No silêncio pesado, Rudi percebeu a ameaça e a promessa e soube que sua vida, a de todos eles, estava em jogo.

— Fowler, faça isto! — ordenou e rezou para que tivesse escolhido certo. Relutante, Fowler adiantou-se.

— Sim senhor, imediatamente! — Pareceu levar um tempo enorme para ele cobrir os vinte metros, mas ninguém o interrompeu e um dos guardas saiu do seu caminho. Apanhou a arma e automaticamente colocou a trava de segurança no lugar, devolvendo-a com cuidado a Zataki, primeiro a coronha. — Não entortou, e..., e está como nova, filho.

O líder apanhou a arma, tornando a destravá-la, todo mundo ouviu o barulho como se fosse um trovão.

— Você conhece armas?

— Sim... oh, sim. Nós... todos os mecânicos... nós todos tivemos que fazer um curso na RAF... Royal Air Force — disse Fowler, conservando os olhos fixos nos do homem e pensou: Que diabo eu estou fazendo aqui, enfrentando este filho da mãe fedorento? — Podemos debandar? Somos civis, filho, somos não-combatentes, neutros.

— Volte para lá. — E Zataki apontou para a fila. Depois virou-se para Rudi. — Onde foi que o senhor aprendeu karatê?

— No Exército — no Exército alemão.

— Ah, alemão. O senhor é alemão? Os alemães têm sido bons para o Irã. Ao contrário dos ingleses e americanos. Quem são os seus pilotos, seus nomes e nacionalidades?

Rudi hesitou, depois apontou.

— Capitão Dubois, francês, capitão Tyrer, idem, e Forsyth, inglês.

— Nenhum americano?

Rudi sentiu um vazio no estômago. Jon Tyrer era americano e tinha carteira de identidade falsa.

Nesse momento ouviu o barulho de um helicóptero se aproximando, reconheceu o ruído de um 206, e automaticamente

olhou para o céu, junto com os outros. Então um dos Faixas Verdes soltou uma exclamação e apontou, enquanto os outros corriam para suas posições defensivas, todo mundo se espalhando, exceto os estrangeiros. Eles tinham reconhecido o avião.

— Todos para o hangar — ordenou Zataki. O helicóptero aproximou-se do aeroporto a uma altura de trezentos metros e começou a voar em círculos. — É um dos seus?

— Sim. Mas não desta base. — Rudi apertou os olhos ao olhar para o sol. Seu coração acelerou quando leu o prefixo. — É o EP-HXT de Kowiss, da nossa base em Kowiss.

— O que ele quer?

— Obviamente aterrissar.

— Descubra quem está a bordo. E não tente nenhum truque. Juntos, foram até o UHF no escritório.

— HXT, está ouvindo?

— HXT, alto e claro. Aqui é o capitão Starke, de Kowiss. Capitão Lutz?

— Sim, aqui é o capitão Lutz, capitão Starke — respondeu, reconhecendo pelo tom formal que deveria haver pessoas estranhas a bordo, da mesma forma que Starke saberia que havia algo de errado lá.

— Solicito permissão para pousar. Estou com pouco combustível e preciso reabastecer. Já obtive permissão do radar de Abadan.

— Pergunte quem está no avião. — Ordenou Zataki.

— Quem está a bordo? Houve uma pausa.

— Quatro passageiros. Qual é o problema?

Rudi esperou. Zataki não sabia o que fazer. Qualquer uma das bases militares poderia estar na escuta.

— Deixe-o pousar... perto do hangar.

— Permissão para pousar, HXT. Desça perto do hangar, a leste.

— HXT.

Zataki inclinou-se e desligou o aparelho.

— Daqui para a frente o rádio só será usado com minha autorização.

— Há relatórios de rotina a serem feitos para o radar de Abadan e de Kharg. Meu operador de rádio está conosco há...

O sangue subiu ao rosto de Zataki e ele gritou: — Até ordens em contrário seu rádio só será usado quando um de nós estiver ouvindo. Nenhum avião levantará voo nem pousará aqui sem permissão. O senhor é o responsável. — Então a raiva evaporou-se tão depressa quanto viera. Levantou a arma. Ainda estava destravada. — Se o senhor tivesse dado o golpe teria quebrado meu pescoço, minha garganta, e eu teria morrido. Não é verdade?

— Sim. — Respondeu Rudi, depois de um intervalo.

— Por que o senhor parou?

— Eu... eu nunca matei ninguém e não gostaria de começar.

— Eu já matei muitos, fazendo o trabalho de Deus. Muitos, graças a Deus. Muitos. E ainda vou matar muitos inimigos do Islã, com a ajuda de Deus. — Zataki travou a arma. — Foi pela vontade de Deus que o golpe foi interrompido, nada mais. Não posso lhe entregar aquele homem. Ele é iraniano, isto é o Irã, ele é um inimigo do Irã e do Islã.

Ficaram observando do hangar enquanto o 206 descia. Havia quatro passageiros a bordo, todos civis, todos armados de submetralhadoras. No assento da frente estava um mulá e Zataki ficou um pouco menos tenso, mas não menos enraivecido. Assim que o helicóptero pousou, seus revolucionários saíram dos esconderijos com as armas apontadas e o cercaram.

O mulá Hussein saltou. Seu rosto endureceu ao ver a hostilidade de Zataki.

— Que a paz esteja com você. Sou Hussein Kowissi, do komiteh de Kowiss.

— Seja bem-vindo à minha área, em nome de Deus, mulá — disse Zataki, com o rosto ainda mais fechado. — Sou o coronel Zataki do komiteh de Abadan. Nós governamos esta área e não aprovo homens que se colocam entre nós e Deus.

— Ortodoxos e xiitas são irmãos, Islã é Islã — respondeu Hussein. — Agradecemos aos nossos irmãos ortodoxos dos campos de petróleo de Abadan pelo seu apoio. Vamos conversar, nossa revolução islâmica ainda não foi vencida.

Tenso, Zataki concordou e chamou seus homens, depois fez sinal ao mulá para segui-lo para que pudessem conversar sem serem

ouvidos. Imediatamente, Rudi correu para baixo dos rotores.

— Que diabo está acontecendo, Rudi? — perguntou Starke da cabine, com os ombros doendo, terminando as manobras de aterrissagem. E Rudi lhe contou.

— E com você?

Rapidamente, Starke relatou o que acontecera durante a noite e no escritório do coronel Peshadi.

— O mulá e esses assassinos voltaram ao meio-dia e quase tiveram um ataque quando me recusei a trazer homens armados. Cara, pensei que fosse morrer, mas não ia carregar homens armados, isso nos tornaria cúmplices da revolução, e a revolução ainda não está nada firme. Vimos centenas de tropas e barricadas quando estávamos vindo. — Seus olhos percorreram a base e os grupos de Faixas Verdes espalhados. O resto da equipe ainda estava de pé perto das barracas, sob guarda, o montador ainda sem sentidos. — Filhos da mãe! — Saiu do helicóptero e se esticou por causa da dor nas costas, sentindo-se melhor. — No fim, chegamos a um acordo. Eles ficaram com as armas mas eu guardei a munição no compartimento de bagagem. — Parou. O mulá alto, Hussein, aproximava-se deles, e as lâminas do aparelho, agora, giravam lentamente.

— A chave do compartimento de bagagem, por favor, capitão — ordenou Hussein.

— Não há tempo de voltar para Kowiss nem para chegar a Abadan — disse Starke ao entregar as chaves.

— O senhor não sabe voar à noite?

— Sei, mas é contra os seus regulamentos. O senhor tinha um fone, viu como é o radar aqui. Antes que a gente esteja no alto teremos aviões e helicópteros militares zumbindo como marimbondos atrás de nós. Vou reabastecer e passaremos a noite aqui... pelo menos eu. O senhor pode conseguir uma carona dos seus cupinchas aqui se quiser ir à cidade.

— O seu tempo é muito curto, americano — disse o mulá em farsi, enrubescendo de raiva. — O seu e o de todos esses parasitas imperialistas.

— Se for a vontade de Deus, mulá, se for a vontade de Deus. Estarei pronto para partir depois da primeira prece. Então eu partirei, com ou sem você.

— O senhor vai me levar para Abadan e esperar e depois vai voltar para Kowiss quando eu quiser e como o coronel Peshadi ordenou.

— Se você estiver pronto para partir depois da primeira prece! — respondeu em inglês. — E Peshadi não ordenou nada. Não estou sob as ordens dele, nem suas. A IranOil me pediu para levá-lo neste voo. Vou ter que reabastecer no caminho de volta.

— Muito bem, partiremos ao amanhecer — concordou Hussein, irritado.

— Quanto a reabastecer... — Pensou por um momento. — Faremos isso em Kharg.

Tanto Starke quanto Rudi ficaram estarecidos.

— Como vamos ter licença para descer em Kharg? Kharg é leal, ahn, ainda está sob controle da Força Aérea. Vocês levariam um tiro na cabeça.

— Vocês esperam aqui até o komiteh decidir. Daqui a uma hora eu quero falar com Kowiss no HF.

— E Hussein virou as costas e saiu.

— Estes filhos da mãe estão muito bem organizados, Rudi — disse Starke baixinho. — Estamos numa encrenca dos diabos.

— É melhor nos organizarmos, nos prepararmos para dar o fora daqui.

— Sugeriu Rudi, sentindo as pernas fracas.

— Faremos isso depois de comer. Você está bem?

— Pensei que estivesse morto. Eles vão matar a todos nós, Duke — Não penso assim. Por algum motivo, somos importantes para eles. Eles precisam de nós, é por isso que Hussein recua e o seu Zataki também. Podem endurecer conosco para nos manter na linha, mas acho que pelo menos por enquanto somos importantes por algum motivo. — Mais uma vez Starke tentou aliviar o cansaço das costas e dos ombros. — Bem que eu gostaria de uma das saunas de Erikki. — Ambos olharam para um grupo de Faixas Verdes que atirava para o ar. — Filhos da puta malucos. Pelo que pude ouvir,

esta operação faz parte de um levante geral contra as Forças Armadas... armas contra armas. Como está a recepção do seu rádio? BBC ou Voz da América?

— De mal a pior e cheia de interferência, de dia ou de noite. É claro que a Rádio Livre do Irã está alta e clara, como sempre. — Era a estação soviética estabelecida logo além da fronteira, em Baku, no mar Cáspio. — E, como sempre, a Rádio Moscou soa como se estivesse no seu quintal.

7

PERTO DE TABRIZ: 18:05H.

Nas montanhas cobertas de neve, bem ao norte, perto da fronteira soviética, o 206 de Pettikin aproximava-se rápido, subindo o desfiladeiro, quase tocando as árvores ao longo da estrada.

— Tabriz Um, HFC de Teerã. Está me ouvindo? — tornou a chamar. Nenhuma resposta ainda.

Escurecia, o sol da tarde oculto por uma espessa camada de nuvens a poucas centenas de metros sobre ele, cinzenta e pesada de neve. Tentou novamente chamar a base, já muito cansado, com o rosto bastante machucado e ainda doendo da surra que levava. As luvas e a pele esfolada das mãos tornavam difícil apertar o botão do transmissor.

— Tabriz Um. HFC de Teerã. Está me ouvindo?

Mais uma vez não houve resposta, mas não se preocupou. A comunicação era sempre ruim nas montanhas, ele não estava sendo esperado, e não havia nenhuma razão para Eriki Yokkonen ou o administrador da base terem providenciado uma escuta para o rádio. À medida que a estrada subia, a camada de nuvens ficava mais baixa, mas viu, satisfeito, que o cume à sua frente estava ainda claro, e que depois a estrada começava a descer e meio quilômetro adiante ficava a base.

Esta manhã, levava muito mais tempo do que esperava para ir até a pequena base aérea militar em Galeg Morghi, não muito distante do aeroporto internacional de Teerã, e embora tivesse deixado o apartamento antes do amanhecer, só chegou lá depois que o sol já brilhava alto no céu poluído, cheio de fumaça. Fora obrigado a se desviar muitas vezes. Havia ainda muita luta nas ruas e muitas estradas estavam bloqueadas — algumas intencionalmente, com barricadas, mas a maioria por causa dos destroços queimados de carros e ônibus. Muitos corpos estavam espalhados nas calçadas

cobertas de neve e na beira das estradas, havia muitos feridos e, por duas vezes, policiais zangados o fizeram voltar. Mas insistiu e tomou um caminho ainda mais tortuoso. Quando chegou, para surpresa sua, o portão de sua seção da base, onde funcionava uma escola de treinamento, estava aberto e desguarnecido. Normalmente, haveria sentinelas da Força Aérea lá. Entrou e estacionou o carro no hangar da S-G, mas não encontrou ninguém de serviço, nem da equipe de mecânicos nem do pessoal de terra.

O dia estava muito frio e ele se embrulhara em trajes de voo de inverno. A neve cobria o campo e grande parte da pista. Enquanto esperava, checkou o 206 que ia pilotar. Estava tudo bem. As peças que Tabriz precisava, rotor de cauda e duas bombas hidráulicas, estavam no compartimento de bagagem. Os tanques estavam cheios, o que lhe dava uma autonomia de voo de duas e meia a três horas — de trezentos a quatrocentos quilômetros, dependendo do vento, da altitude e da potência.

Teria que reabastecer a aeronave no meio do caminho. Seu plano de voo previa que fizesse isso em Bandar-e Pahlavi, um porto no mar Cáspio. Sem esforço, empurrou o avião para a pista. Então tudo virou um inferno e ele se viu no centro de uma batalha.

Caminhões cheios de soldados entraram pelo portão e atravessaram o campo, sendo recebidos por uma saraivada de balas vindas da parte principal da base, onde estavam os hangares, as barracas e os prédios da administração. Outros caminhões aproximaram-se pela estrada que circundava o campo, atirando o tempo todo, depois um tanque blindado Bren juntou-se aos outros, com suas metralhadoras cuspidando fogo. Apavorado, Pettikin reconheceu as braçadeiras e os capacetes dos Imortais. A perseguição, vinham ônibus blindados cheios de policiais paramilitares e outros homens que se espalharam pelo seu lado da base, protegendo-a. Antes que soubesse o que estava acontecendo, quatro deles o agarraram e o arrastaram para um dos ônibus, gritando com ele em farsi.

Pelo amor de Deus, eu não falo farsi — gritou, tentando soltar-se. Então um deles deu-lhe um soco no estômago e ele recuou, libertando-se e socou a cara do seu atacante. Imediatamente, outro

homem puxou uma pistola e atirou. A bala entrou pela gola do seu casaco e ricocheteou violentamente no ônibus, lançando faíscas de pólvora queimada. Ficou paralisado. Alguém deu-lhe um murro na boca e os outros começaram a dar-lhe socos e pontapés. Neste momento, aproximou-se um oficial de polícia.

— Americano? Você é americano? perguntou zangado, num inglês muito ruim.

— Eu sou inglês — gaguejou Pettikin, com a boca cheia de sangue, tentando livrar-se dos homens que o mantinham preso contra o capô do ônibus. Eu trabalho na S-G Helicópteros e este é.

— Americano! Sabotador! — O homem enfiou o revólver na cara de Pettikin e ele viu os dedos do homem se retesarem no gatilho. — Nós, Savak, sabemos que vocês americanos são a causa de todos os nossos problemas!

Então, através da névoa do seu terror, ouviu uma voz gritar em farsi e sentiu afrouxarem-se as mãos de ferro que o prendiam. Sem acreditar, viu o jovem capitão paraquedista britânico, vestindo uma roupa de camuflagem e uma boina vermelha e dois soldados pequenos, fortemente armados, com feições orientais, granadas nos cintos e mochilas nas costas, em pé na frente deles.

Despreocupadamente, o capitão atirava uma granada para cima e para baixo como se fosse uma laranja, com o pino de segurança no lugar. Tinha um revólver e uma faca de uma forma estranha na cintura. Repentinamente, parou e apontou para Pettikin e depois para o 206, gritou com o policial em farsi, fez um gesto imperioso com a mão e cumprimentou Pettikin.

— Pelo amor de Deus, faça uma cara importante, capitão Pettikin — disse rapidamente, com um agradável sotaque escocês, depois arrancou a mão do policial do ombro de Pettikin.

Um dos policiais começou a erguer a arma, mas parou quando o capitão tirou o pino da granada, apertando com força a alavanca. Ao mesmo tempo, seus homens empunharam os rifles automáticos, segurando-os com displicência, mas prontos para atirar. O mais velho sorriu, afrouxando a faca da bainha.

— Seu helicóptero está pronto para partir?

— Sim... sim, está — balbuciou Pettikin.

— Ligue o motor depressa. Deixe as portas abertas e quando estiver pronto para partir faça-me um sinal e nós pulamos para dentro. Prepare-se para voar baixo e rápido. Vá! Tenzing, vá com ele. — O oficial fez um sinal com o polegar para o helicóptero que estava a uns cinquenta metros de distância e virou-se, voltando a falar em farsi, xingando os iranianos, mandando que fossem para o outro lado onde a batalha diminuía um pouco. O soldado chamado de Tenzing acompanhou Pettikin, que ainda estava tonto.

— Por favor, depressa, sahib — disse Tenzing e se encostou numa das portas, com a arma pronta.

Pettikin não precisava de incentivo.

Mais carros blindados passaram mas não prestaram atenção neles, nem outros grupos de policiais e militares que tentavam desesperadamente defender a base contra a multidão que se aproximava.

Atrás deles, o policial discutia furiosamente com o paraquedista, enquanto os outros olhavam, nervosos, por sobre os ombros na direção de onde vinha o rumor de "Allah-uuuu Akbarr!"

Misturado às vozes, ouviram-se mais tiros e algumas explosões. Duzentos metros adiante, na estrada que contornava a cerca, a vanguarda da multidão pôs fogo num carro estacionado que explodiu.

Os motores a jato do helicóptero ganharam vida e o som enraiveceu o policial, mas uma falange de civis, armados, entrou atirando pelo portão do lado oposto. Alguém gritou: "Mujahedin!"

Imediatamente, todos naquele lado da base se agruparam para interceptá-los e começaram a atirar.

Aproveitando esta distração, o capitão e o outro soldado correram para o helicóptero e pularam para dentro, Pettikin deu força total e voou a poucos metros da grama, inclinou o helicóptero para evitar um caminhão em chamas e depois subiu, sacolejando. O capitão cambaleou, quase deixou cair a granada, sem conseguir recolocar o pino por causa da manobra violenta de Pettikin. Estava no assento da frente e se agarrou com força, manteve a porta aberta, atirou cuidadosamente a granada para fora e observou-a cair.

— Ótimo — disse, ao vê-la explodir sem causar danos. Fechou a porta e colocou o cinto de segurança, verificou se os dois soldados estavam bem e ergueu os polegares para Pettikin.

Pettikin mal notou. Uma vez fora de Teerã, pousou o helicóptero numa clareira bem afastada de qualquer estrada ou aldeia, e verificou se havia algum buraco de bala. Quando viu que não havia nada, respirou aliviado.

— Cristo, não sei como agradecer, capitão — e estendendo a mão, com a cabeça doendo. — A princípio pensei que você fosse uma miragem, capitão...?

— Ross. Estes são o sargento Tenzing e o cabo Gueng.

Pettikin cumprimentou-os e agradeceu aos dois. Eram homens pequenos, alegres, mas duros e ágeis.

Tenzing, o mais velho, devia ter uns cinquenta anos.

— Vocês foram mandados pelos deuses, todos vocês.

— Não sabia como escapar daquela — sorriu Ross, os dentes muito brancos no rosto queimado. — Não teria sido muito bom atirar na polícia, em ninguém, aliás — nem mesmo na Savak.

— Concordo. — Pettikin nunca vira olhos tão azuis assim e calculou que ele devia ter quase trinta anos. — Que diabo estava acontecendo lá?

— Alguns recrutas na Força Aérea amotinaram-se e alguns oficiais e legalistas tentavam acabar com aquilo. Ouvimos dizer que partidários de Khomeini e esquerdistas estavam vindo ajudar os amotinados.

— Que confusão! Não sei como lhe agradecer. Como sabe o meu nome?

— Nós, ahn, soubemos do seu plano de voo para Tabriz via Bandar-e Pahlavi e queríamos pegar uma carona. Mas nos atrasamos muito e pensamos que você já tinha partido — tivemos que dar voltas e mais voltas para chegar. Mas aqui estamos nós.

— Graças a Deus. Vocês são gurkhas?

— Só, ahn, uma unidade avulsa, por assim dizer.

Pettikin balançou a cabeça Pensativamente. Tinha notado que nenhum deles usava emblemas ou insígnias nos ombros — exceto pelas estrelas de capitão de Ross e por suas boinas vermelhas.

— E como é que uma 'unidade avulsa' é informada de planos de voo?

— De fato não sei — disse Ross, distraidamente. — Apenas obedeco ordens. — Deu uma olhada em volta. O local era plano, desguarnecido e pedregoso, muito frio, com o solo coberto de neve. — Você não acha que devemos seguir? Estamos um pouco expostos aqui.

— O que está acontecendo em Tabriz? — perguntou Pettikin voltando para a cabine.

— Na verdade, gostaríamos de ficar deste lado de Bandar-e Pahlavi, se não se importa.

— É claro. — Pettikin tinha começado, automaticamente, as manobras de decolagem. — O que está havendo lá?

— Digamos que temos de falar com um homem sobre um cachorro.

— Há um monte de cachorros em toda parte! Nosso destino é Bandar-e Pahlavi, e vou parar de fazer perguntas. — Riu Pettikin, começando a gostar dele.

— Sinto muito, mas você sabe como é. Também agradeceria se você esquecesse meu nome e o fato de termos estado a bordo.

— E se me perguntarem... as autoridades? Nossa partida foi um tanto pública.

— Não disse meu nome; apenas obriguei-o — Ross sorriu — com terríveis ameaças!

— Está bem. Mas não vou esquecer seu nome.

Pettikin pousou a poucos quilômetros do porto de Bandar-e Pahlavi. Ross mostrara o local do pouso num mapa que levava. Era uma praia cheia de dunas, distante de qualquer aldeia, com as águas azuis do Cáspio bem mansas. O mar estava pontilhado de barcos de pesca e grandes tufos de nuvens flutuavam no céu ensolarado. Aqui o clima era tropical, o ar úmido estava coalhado de insetos, e não havia sinal de neve, embora as montanhas Elburz, atrás de Teerã, estivessem quase encobertas. Era altamente irregular aterrissar sem permissão, mas por duas vezes Pettikin chamara o aeroporto de Bandar-e Pahlavi, onde deveria reabastecer,

e não recebera resposta, então achou que estaria seguro — podia alegar uma emergência.

— Boa sorte, e mais uma vez obrigado — e cumprimentou um por um.

— Se algum dia precisarem de alguma coisa, qualquer coisa, é só pedir. — Eles saltaram rapidamente, puseram as sacolas nos ombros e caminharam em direção às dunas. Foi a última imagem que teve deles.

— Tabriz Um, está me ouvindo?

Voava em círculos, apreensivamente, a duzentos metros, conforme mandava o regulamento, depois baixou um pouco. Nenhum sinal de vida — nenhuma luz acesa. Estranhamente inquieto, pousou perto do hangar. Lá ele esperou, pronto para uma partida imediata, sem saber o que esperar — as notícias de recrutas amotinados em Teerã, especialmente da elite da Força Aérea, perturbaram-no muito. Mas ninguém se aproximou. Nada aconteceu. Relutante, travou os comandos com muito cuidado e saiu, deixando os motores ligados. Era muito perigoso e contra o regulamento — porque se as travas se soltassem, o helicóptero poderia começar a girar e descontrolar-se.

Mas não quero ser apanhado desprevenido, pensou. Tornou a verificar as travas e dirigiu-se, rapidamente, através da neve para o escritório. Estava vazio, os hangares vazios exceto pelo 212 desmontado, os trailers também vazios, não havia sinal de ninguém — nem de luta. Um pouco mais tranquilo, atravessou o acampamento o mais depressa que pôde. Sobre a mesa da cabana de Erikki Yokkonen havia uma garrafa vazia de vodca. Na geladeira havia outra cheia — teria apreciado muitíssimo um drinque, mas pilotar e beber eram coisas que não se misturavam. Havia também água engarrafada, um pouco de pão iraniano e presunto. Pettikin bebeu a água, satisfeito. Só vou comer depois de ter examinado tudo, pensou.

No quarto, a cama estava feita, mas viu sapatos espalhados. Gradualmente, seus olhos encontraram mais sinais de uma partida apressada. Os outros trailers mostravam os mesmos sinais. Não havia qualquer transporte na base e o Range Rover vermelho de

Erikki também sumira. Estava claro que a base fora abandonada às pressas. Mas por quê?

Seus olhos examinaram o céu. O vento tinha aumentado e ele o ouviu assoviar através da floresta coberta de neve, acima do barulho dos motores. Sentiu o frio penetrar através da jaqueta, das calças grossas e por entre as botas. Seu corpo pedia um chuveiro quente — melhor ainda, uma das saunas de Erikki — além de comida, cama, uma bebida quente e oito horas de sono. O vento ainda não é problema, pensou, mas tenho no máximo mais uma hora de claridade para reabastecer e voltar pelo desfiladeiro em direção à planície. Ou passo a noite aqui?

Pettikin não era um homem do campo, nem da montanha. Conhecia o deserto, a selva, a estepe e a zona árida da Arábia Saudita. As grandes extensões planas nunca o perturbaram. Mas o frio sim. E a neve. Primeiro reabastecer, pensou.

Mas não havia combustível no depósito. Nenhum. Viu vários tambores de cem litros, mas estavam todos vazios. Não tem importância, disse a si mesmo, controlando o pânico. Tenho o suficiente nos meus tanques para os oitenta quilômetros de volta a Bandar-e Pahlavi. Poderia prosseguir até o aeroporto de Tabriz ou tentar arranjar algum combustível no depósito da ExTex em Ardabil, mas fica perto demais da fronteira soviética.

Mais uma vez examinou o céu. Maldição! Posso ficar aqui ou em algum lugar no meio do caminho. O que escolher?

Aqui. É mais seguro.

Desligou os motores e guardou o 206 no hangar, trancando a porta. O silêncio era ensurdecedor.

Hesitou, depois saiu, fechando a porta do hangar atrás dele. Seus pés enterravam-se na neve e o vento o empurrava à medida que se dirigia ao trailer de Erikki. No meio do caminho parou, com o estômago torcendo-se. Sentiu que alguém o observava. Olhou em volta, os olhos e os ouvidos examinando a floresta e a base. O catavento dançava com os redemoinhos que agitavam o topo das árvores, fazendo-as estalar, uivando pela floresta, e de repente lembrou-se de Tom Lochart sentado junto a uma fogueira nas montanhas Zagros, em uma de suas viagens para esqui, contando

a lenda canadense do Wendigo, o demônio mau da floresta, nascido nos vendavais, que espreita no cimo das árvores, uivando, esperando para apanhá-lo desprevenido, e então mergulha em cima de você e você fica aterrorizado, começa a correr mas não consegue escapar nunca, e você sente seu hálito gelado no pescoço e corre cada vez mais, com passadas cada vez maiores até que seus pés se tornam tocos ensanguentados e o Wendigo o carrega para o alto das árvores e você morre.

Estremeceu, odiando estar sozinho ali. Curioso, nunca pensei nisso antes mas também quase nunca estou sozinho. Tem sempre alguém por perto, um mecânico, um piloto, um amigo, Genny, Mac ou Claire, como nos velhos tempos.

Ainda examinava atentamente a floresta. Em algum lugar, ao longe, cachorros começaram a latir. A sensação de que havia alguém ali ainda era muito forte. Com algum esforço, ignorou a apreensão, voltou até onde estava o helicóptero e encontrou a pistola de sinalização. Carregou a enorme pistola de nariz arrebitado bem à vista ao voltar para a cabana de Erikki e se sentiu melhor por tê-la. E se sentiu melhor ainda depois que trancou a porta e fechou as cortinas.

TEERÃ: 19:05H.

McIver caminhava pela arborizada avenida residencial, agora deserta, sentindo-se cansado e com fome. As luzes das ruas estavam apagadas e ele foi andando cuidadosamente na penumbra, com a neve amontoada contra os muros das belas casas, dos dois lados da avenida. Ouvia o som de tiros à distância e, trazido pelo vento, o rumor de "Allahh-u Akbarr". Virou a esquina e quase tropeçou no tanque centurião estacionado em cima da calçada. Uma lanterna o cegou momentaneamente. Alguns soldados apareceram.

— Quem é você, aga? — perguntou um jovem oficial, em bom inglês. — O que está fazendo aqui?

— Sou o capitão... sou o capitão McIver, Duncan... Duncan McIver. Estou voltando do escritório para casa, e... e meu apartamento fica do outro lado do parque, depois da próxima esquina.

— Sua identidade, por favor.

Desajeitadamente, McIver pôs a mão no bolso interno do paletó. Sentiu os dois retratos que estavam ao lado do cartão de identidade, um do xá e outro de Khomeini, mas com todos os boatos do dia acerca de motins, não conseguiu decidir qual seria o certo, então não mostrou nenhum dos dois. O oficial examinou a identidade à luz da lanterna. Agora que os olhos de McIver se haviam habituado com a escuridão, notou o cansaço do homem, a barba por fazer e o uniforme amassado. Outros soldados observavam silenciosamente. Nenhum deles estava fumando, o que McIver achou estranho.

O tanque se erguia sobre eles, malévolo, como se estivesse esperando para atacar.

— Obrigado. — O oficial entregou-lhe o cartão já bem gasto. Ouviram-se mais tiros, desta vez mais perto. Os soldados esperaram, espreitando a escuridão. — E melhor não ficar do lado de fora durante a noite, aga. Boa noite.

— Sim, obrigado. Boa noite. — Agradecido, McIver se afastou, imaginando se seriam legalistas ou revoltosos. — Cristo, se algumas unidades se amotinarem e outras não vai haver o diabo. Outra esquina, a rua e o parque também escuros e vazios, quando, há pouco tempo, havia sempre movimento e as luzes brilhavam, as janelas iluminadas e os empregados, as pessoas e as crianças todos alegres e rindo, correndo de um lado para o outro. É disso que eu mais sinto falta, pensou. Da alegria. Fico imaginando se algum dia esses tempos voltarão.

Seu dia fora frustrante, sem telefones, o contato por rádio com Kowiss ruim, e ele não conseguira se comunicar com nenhuma das outras bases. Novamente ninguém da sua equipe do escritório tinha chegado, o que o irritara ainda mais. Tentara passar um telex para Gavallan, mas não conseguira.

— Amanhã será melhor — disse, depois apressou o passo, sentindo-se mal com o vazio das ruas.

O prédio de apartamentos em que moravam tinha cinco andares e eles ocupavam um na cobertura. As escadas estavam mal iluminadas, com a eletricidade funcionando com metade da capacidade outra vez, o elevador parado há meses. Subiu as escadas

cansado, com a fraca iluminação tornando a subida ainda mais tristonha. Mas dentro do apartamento as velas já estavam acesas e seu ânimo melhorou.

— Oi, Genny! — exclamou, trancou a porta e pendurou seu velho casacão inglês. — É hora do uísque!

— Duncan! Estou na sala de jantar, venha até aqui um minuto. Foi andando pelo corredor, parou na porta e ficou sem fala. A mesa estava coberta por uma dúzia de iguarias iranianas e travessas de frutas, com velas por toda parte. Genny sorriu para ele. E Xarazade também. Não é possível! E Xarazade, isto é obra sua? Que bom ver você e o que...

— Oh, é bom ver você também, Mac, você está cada dia mais moço, aliás, vocês dois. Peço desculpa por me intrometer — disse Xarazade, rapidamente, numa voz alegre e excitada — mas me lembrei que ontem foi o aniversário de casamento de vocês porque é cinco dias antes do meu aniversário, e sei que vocês gostam de horisht de carneiro e de polo e de outras coisas, então trouxemos tudo isso, Hassan, Dewa e eu, e velas também. — Ela não tinha nem um metro e meio, era o tipo de beleza persa que Ornar Khayyam imortalizara. Ela se levantou. — Agora que você está de volta, já vou.

— Mas espere um momento, por que não fica e janta conosco e...

— Oh, mas não posso, por mais que quisesse, papai está dando uma festa esta noite e tenho que comparecer. Isto é só uma pequena lembrança. Deixarei Hassan aqui para servir e lavar a louça e espero que vocês se divirtam bastante. Hassan! Dewa! — chamou, depois abraçou Genny e McIver e correu para a porta onde seus dois empregados esperavam. Um deles segurava seu casaco de peles.

Ela o vestiu, depois embrulhou-se na mortalha escura do chador, jogou outro beijo para Genny e saiu com o outro empregado. Hassan, um homem alto de trinta anos, vestindo uma túnica branca e calças escuras e exibindo um largo sorriso, tornou a fechar a porta.

— Posso servir o jantar, madame? — perguntou a Genny, em farsi.

— Sim, por favor, dentro de dez minutos — respondeu alegremente. — Mas primeiro o patrão vai tomar um uísque. — Imediatamente, Hassan foi até o aparador, serviu o drinque e trouxe a água, inclinou-se e os deixou.

— Por Deus, Gen, parecem os velhos tempos — disse McIver, com um sorriso.

— É. Nem parece que foi só há poucos meses.

Até pouco tempo eles tinham tido um casal de empregados maravilhoso, a mulher uma cozinheira exemplar, tanto para comida europeia quanto iraniana, que compensava a preguiça do marido, a quem McIver apelidara de Ali Babá. Os dois desapareceram de repente, como quase todos os empregados de estrangeiros. Sem explicação e sem aviso.

— Fico imaginando se estarão bem, Duncan.

— Devem estar. Ali Babá era um espertalhão e deve ter economizado o bastante para mantê-los por muitos meses. Paula já foi?

— Não, ela vai tornar a passar a noite aqui. Nogger não. Foram jantar com uns colegas dela da Alitalia. — E arqueou as sobrancelhas. — O nosso Nogger acha que ela já está em condições de tomar uns tragos, mas eu espero que não. Gosto de Paula. — Podiam ouvir Hassan na cozinha. — Este é o som mais doce do mundo.

McIver sorriu para ela e ergueu o copo.

— Um brinde a Xarazade e ao fato de não termos que lavar a louça.

— Esta é a melhor parte — suspirou Genny. — Uma moça tão gentil, tão prestativa. Tom tem muita sorte. Xarazade disse que ele deve chegar amanhã.

— Espero que sim, ele está trazendo correspondência para nós. Você conseguiu falar com Andy?

— Não, não. Ainda não. — McIver decidiu não mencionar o tanque. — Você acha que poderia pedir Hassan ou um dos seus outros empregados emprestado uns dois dias na semana? Isso a ajudaria bastante.

— Não poderia fazer isso, você sabe como é.

— Acho que tem razão, é um problema.

No momento era quase impossível os estrangeiros conseguirem criados, não importa quanto estivessem dispostos a pagar. Até poucos meses conseguia-se sem dificuldade empregados cuidadosos e eficientes e com a ajuda deles e algumas palavras em farsi, era fácil administrar a casa e fazer compras.

— Essa era uma das melhores coisas do Irã — ela disse. — Faz tanta diferença; tira toda a alegria de se viver num país tão diferente.

— Você ainda o considera assim tão estranho, depois de tanto tempo?

— Mais do que nunca. Toda a delicadeza, a educação, dos poucos iranianos que conhecemos, sempre senti que eram superficiais, que seus sentimentos verdadeiros são os que estão sendo demonstrados agora. Não me refiro a todo mundo, evidentemente, os nossos amigos não: Annoush, por exemplo, é uma das pessoas melhores, mais gentis do mundo. — Annoush era a esposa do general Valik, o mais importante dos sócios iranianos. — A maioria das mulheres sentia isto, Duncan — acrescentou, pensativa —, talvez por isso é que os estrangeiros estavam sempre juntos, todos aqueles grupos de tênis, grupos de esqui, saídas de barco, fins-de-semana no mar Cáspio, e empregados para carregar as cestas de piquenique e lavar a louça. Acho que tínhamos uma boa vida, mas isso terminou.

— Vai voltar... confio em Deus que sim, tanto por nós quanto por eles. Quando voltava para casa, percebi, de repente, o que mais me faz falta. A alegria. Ninguém parece rir mais. Quero dizer, nas ruas, nem as crianças — McIver tomava seu uísque bem fraco.

— Sim, também sinto muita falta da alegria. Também sinto falta do xá. Uma pena que ele tivesse que partir. Tudo estava em ordem, pelo menos para nós, até pouco tempo. Pobre homem, que tratamento horrível estamos dando a ele agora, a ele e à sua linda esposa, depois de toda a amizade que ele nos demonstrou. Eu me sinto envergonhada... ele procurou fazer o melhor por seu povo.

— Infelizmente, Genny, para a maioria parece que não foi o bastante.

— Eu sei. É triste. A vida é muito triste, às vezes. Bem, não adianta lamentar o que já aconteceu.

Você está com fome?

— Se estou?

As velas tornaram a sala de jantar mais quente e aconchegante e afastaram a tristeza do apartamento.

As cortinas estavam cerradas para a noite. Rapidamente, Hassan trouxe as tigelas quentes de horisht — o que, literalmente, significa sopa, mas na verdade é um ensopado de carneiro ou galinha com legumes, passas e temperos de todos os tipos — e polo, o delicioso arroz iraniano que é escaldado e depois assado num prato untado com manteiga até que fique com uma crosta firme e dourada, um dos pratos favoritos dos dois.

— Deus abençoe Xarazade, ela é um bálsamo para os olhos.

— É verdade, e Paula também — respondeu Genny sorrindo.

— Você também não é má, Gen.

— Deixe disso, mas como prêmio você vai poder tomar um drinque antes de dormir. Como diria Jean-Luc, bon appétit! — Eles comeram com apetite, a comida estava deliciosa, fazendo-os recordarem as refeições feitas nas casas dos amigos.

— Gen, encontrei o jovem Christian Tollonen na hora do almoço, você se lembra dele, aquele amigo de Eriki da embaixada da Finlândia? Ele me disse que o passaporte de Azadeh estava pronto. Isso é bom, mas o que me fez estremecer foi o que ele disse de passagem: que oito em dez dos seus amigos e conhecidos iranianos já não estão mais no Irã e que se este êxodo continuasse, logo logo só restariam os mulás e seus seguidores. Então comecei a fazer as contas e cheguei ao mesmo resultado, com relação aos que diríamos pertencer às classes média e alta.

— Não os culpo por partirem. Eu faria o mesmo. — Depois acrescentou involuntariamente: — Não acho que Xarazade faça isso.

McIver percebeu algum subentendido e analisou-a.

— Hum?

Genny brincou com um pedacinho de crosta dourada e mudou de ideia a respeito de não contar-lhe nada.

— Pelo amor de Deus, não diga nada a Tom, senão ele tem um ataque, e eu não sei até que ponto é verdade e até que ponto isso não passa de fantasia de uma jovem idealista, mas ela me cochichou alegremente que tinha passado a maior parte do dia em Doshan Tappeh onde, segundo ela, houve uma verdadeira insurreição, com armas, granadas, todos...

— Cristo!

— ...lutando ao lado do que ela chama "nossos gloriosos combatentes da liberdade" que são recrutas da Força Aérea e alguns oficiais amotinados, Faixas Verdes apoiados por milhares de civis, lutando contra a polícia, as tropas legalistas e os Imortais...

8

NO AEROPORTO DE BANDAR DELAM: 19:50H.

Com o pôr-do-sol, mais revolucionários armados tinham chegado e agora havia guardas em todos os hangares e vias de acesso ao aeroporto.

Rudi Lutz fora informado por Zataki que nenhum funcionário da S-G podia sair do aeroporto sem permissão, que deveriam continuar a trabalhar normalmente e que um ou mais dos seus homens acompanharia todos os voos.

— Não vai acontecer nada desde que vocês obedeçam às ordens — dissera Zataki. — É uma situação temporária durante a transição do governo ilegal do xá para o novo governo do povo. — Mas seu nervosismo e o de toda a sua ralé mal disciplinada desmentiam sua confiança.

Starke ouvira o que eles andavam cochichando e disse a Rudi que esperavam a qualquer momento a chegada de tropas leais ao xá e o início do contra-ataque. Mas quando ele, Rudi, e o outro piloto americano, Jon Tyrer, conseguiram chegar até o rádio do trailer de Rudi, o noticiário já estava no fim. O pouco que ouviram foi muito ruim.

"...e os governos da Arábia Saudita, do Kuwait e o Iraque temem que a crise política no Irã desestabilize todo o golfo Pérsico; informou-se também que o sultão de Omã teria afirmado que o problema é maior do que uma simples influência perniciosa, é outra cobertura conveniente para a Rússia Soviética usar sua série de estados dependentes para criar, nada mais nada menos, do que um império colonial no golfo com o objetivo final de se apoderar do estreito de Ormuz... "

"No Irã, informa-se que houve luta intensa, durante a noite, entre os amotinados, cadetes da Força Aérea, pró-Khomeini, da base aérea de Doshan Tappeh, em Teerã — apoiados por milhares de civis

armados — contra a polícia, as tropas legalistas e algumas unidades dos Imortais, a Guarda Imperial de elite do xá. Mais tarde, juntaram-se aos revoltosos mais de cinco mil esquerdistas do grupo marxista Saihkal, alguns dos quais invadiram o arsenal da base e levaram suas armas... "

— Jesus! — exclamou Starke.

"... Enquanto isso, o aiatolá Khomeini pediu, mais uma vez, a renúncia de todo o governo e fez um apelo ao povo para que apóie sua escolha do primeiro-ministro, Mehdi Bazargan, exortando o Exército, a Marinha e a Aeronáutica a apoiá-lo. O primeiro-ministro Bakhtiar desmentiu os boatos de um golpe militar iminente, mas confirmou uma grande concentração de tropas soviéticas na fronteira... "

"O ouro atingiu o preço recorde de US\$ 254 a onça e o dólar teve uma queda acentuada em relação às outras moedas. Aqui terminam as notícias de Londres. "

Rudi desligou o rádio. Eles estavam na sala do trailer. Em um dos armários, havia um HF de reserva que, como o rádio, ele mesmo fizera. Sobre o aparador, havia um telefone ligado com o sistema da base. O telefone não estava funcionando.

— Se Khomeini vencer em Doshan Tappeh, as Forças Armadas terão que escolher — disse Starke, com segurança. — Golpe, guerra civil ou ceder.

— Eles não vão ceder, seria suicídio, por que fariam isso? — disse Tyrer. Ele era um americano desconjuntado de Nova Jersey. — E não se esqueça da elite da Força Aérea, os que nós conhecemos, pelo amor de Deus. Os amotinados não passam de uma cambada de nativos imbecis, descontentes. O problema mesmo é a adesão dos marxistas, cinco mil! Jesus! Se eles estiverem em ação agora, armados! Nós somos doidos de estarmos aqui numa hora destas, hein?

— Só que nós estamos aqui por opção; a companhia diz que ninguém vai perder o cargo se quiser sair. Temos isso por escrito. Você quer dar o fora? — perguntou Starke.

— Não, não, ainda não. — Respondeu Tyrer, irritado. — Mas o que vamos fazer?

— Em primeiro lugar, fique longe de Zataki — disse Rudi. Aquele filho da mãe é psicótico.

— É claro — disse Tyrer — mas temos que ter um plano.

Bateram com força na porta e a abriram. Era Muhammad Yemeni, o gerente da IranOil — um homem bem-apessoado, barbeado, de uns quarenta anos, que estava com eles há um ano. Dois guardas o acompanhavam.

Aga Kyabi está no HF. Quer falar com você imediatamente — disse com uma arrogância inesperada.

Kyabi era o gerente geral da IranOil naquela região e o funcionário mais importante no sul do Irã.

Imediatamente, Rudi ligou o HF para falar com o QG de Kyabi, próximo a Ahwaz, ao norte de Bandar Delam. Para seu espanto, o aparelho não funcionou. Mexeu no interruptor algumas vezes, depois Yemeni disse, com um sorriso de deboche: — O coronel Zataki ordenou que cortassem a corrente e desligassem o aparelho. Você usará o aparelho do escritório. Imediatamente.

Nenhum deles gostou do seu tom de voz.

— Estarei lá em um minuto — disse Rudi.

Yemeni fechou a cara e ordenou para os guardas, em farsi: — Façam este cão estrangeiro andar depressa!

— Esta tenda é do nosso chefe — respondeu Starke, imediatamente, em farsi. — Existem leis muito especiais, no Sagrado Corão, sobre a defesa do chefe da tribo, na sua tenda, contra homens armados.

— Os dois guardas pararam, atônitos. Yemeni olhou boquiaberto para Starke, jamais tendo imaginado que ele falava farsi, depois deu um passo para trás quando Starke se levantou em toda a sua altura e continuou: — O Profeta, cujo Nome seja louvado, estabeleceu regras de cortesia entre amigos, e também entre inimigos, e disse também que os cães são vermes. Nós somos Povos do Livro e não vermes.

Yemeni enrubesceu, deu meia-volta e saiu. Starke enxugou nas calças o suor das mãos.

— Rudi, vamos ver o que Kyabi quer.

Seguiram Yemeni pelo asfalto, acompanhados dos guardas. A noite estava clara e o ar pareceu agradável a Starke, depois do abafamento do pequeno escritório.

— O que foi que houve? — perguntou Rudi.

Starke explicou, com o pensamento longe, desejando estar de volta a Kowiss. Tinha odiado deixar Manuela, mas achou que ela estaria mais segura lá do que em Teerã.

— Querida — dissera, pouco antes de partir — vou tirar você daqui o mais depressa que puder.

— Eu estou segura aqui, querido, tão segura quanto no Texas. Tenho muito tempo, as crianças estão a salvo em Lubbock, só saí da Inglaterra depois que soube que eles estavam em casa. Você sabe que vovô Starke não vai deixar que lhes aconteça nada de mal.

— Claro. Os garotos vão ficar muito bem, mas quero você fora do Irã o mais depressa possível.

Starke voltou a ouvir Rudi perguntar — Quem são os Povos do Livro?

— Cristãos e judeus — respondeu, imaginando como poderia chegar com o 125 a Kowiss. — Maomé considerava a nossa Bíblia e a Torah como Livros Sagrados também, muita coisa que está neles também está no Corão. Muitos estudiosos, nossos estudiosos, acham que ele simplesmente os copiou, embora a tradição muçulmana diga que Maomé não sabia ler nem escrever. Ele recitou o Corão, inteirinho, pode imaginar isso? — disse, demonstrando admiração por esse feito. — Outros o escreveram, anos depois de sua morte. Em árabe é extraordinariamente belo, sua poesia, é o que dizem Na frente deles estava o trailer que servia de escritório, com guardas fumando do lado de fora, e Starke sentiu-se bem por ter lidado satisfatoriamente com Yemeni, e também com o mulá Hussein — quinze aterrissagens, perfeitas, aguardando nas plataformas enquanto o mulá fazia preleções aos trabalhadores a favor de Khomeini, sem que aparecesse um soldado, um policial ou a Savak, sempre, esperando que aparecessem a qualquer momento ou na próxima parada. Yemeni é títica de galinha comparado com Hussein, pensou.

Zataki e os dois mulás esperavam no escritório. Jahan, o operador de rádio, estava no HF. Zataki sentara-se na mesa de Rudi. O escritório sempre fora muito arrumado. Agora estava uma bagunça, com os arquivos abertos e papéis espalhados por toda parte, xícaras sujas, tocos de cigarro nas xícaras e pelo chão, comida em cima da mesa — arroz e carne de carneiro. E o ar fedia a fumaça de cigarro.

— Mein Gott! — disse Rudi, enraivecido. — Isto está um verrückte chiqueiro e...

— CALE A BOCA! — Explodiu Zataki. — Isto é uma situação de guerra, temos que revistar tudo. — Depois acrescentou, com mais calma: — Você... você pode mandar um dos seus homens arrumar tudo. Você não vai contar a Kyabi sobre nós. Vai agir normalmente e seguir minhas instruções, vai ficar olhando para mim. Está entendendo, capitão?

Rudi balançou a cabeça, com a cara fechada. Zataki fez um sinal ao operador de rádio, que disse ao microfone: — Kyabi, Excelência, o capitão Lutz está aqui. Rudi pegou o microfone.

— Sim, patrão? — disse, chamando-o pelo apelido que lhe tinham dado. Tanto ele quanto Starke conheciam Yusuf Kyabi há vários anos. Kyabi fora treinado na Texas A&M e depois pela ExTex, antes de assumir o setor sul, e as relações entre eles eram muito boas.

— Boa noite, Rudi — disse a voz, em inglês com sotaque americano. — Estamos com um vazamento em um dos nossos oleodutos em algum lugar ao norte daí. É um vazamento grande, acabou de ser detectado pelas nossas estações de bombeamento. Deus sabe quantos barris já foram bombeados ou quanto ainda resta no oleoduto. Não estou solicitando uma emergência, mas quero um helicóptero ao amanhecer para encontrar o vazamento. Você pode vir me apanhar cedo?

Zataki fez sinal que sim, então Rudi respondeu: — OK, patrão. Estaremos aí o mais cedo possível. Você quer um 206 ou um 212?

— Um 206, seremos eu e meu engenheiro-chefe. Venha você mesmo, sim? Pode ser sabotagem...

pode ser um vazamento. Tiveram algum problema em Bandar Delam?

Rudi e Starke estavam bem conscientes das armas na sala.

— Não, não mais do que o normal. Vejo você amanhã. — Disse Rudi, querendo interrompê-lo, porque Kyabi era geralmente muito franco a respeito dos revolucionários. Ele não aprovava nem a revolução nem o fanatismo de Khomeini, e detestava interferência no seu complexo petrolífero.

— Espere um momento, Rudi. Ouvimos dizer que ocorreram mais distúrbios em Abadan, e ouvimos tiroteio em Ahwaz. Você sabia que um americano do ramo do petróleo e um dos nossos sofreram uma emboscada e foram mortos perto de Ahwaz, ontem?

— Sim, Tommy Stanson. Terrível.

— Se é. Que Deus amaldiçoe todos os assassinos! Tudeh, mujahedins, fedayim ou seja lá quem for.

— Sinto muito, patrão, mas preciso desligar. Vejo você amanhã.

— Está bem, conversamos amanhã. Insha'Allah, Rudi.

Insha'Allah! A transmissão foi cortada. Rudi deu um suspiro de alívio. Não achou que Kyabi tivesse dito alguma coisa que pudesse prejudicá-lo. A não ser que aqueles homens fossem secretamente do Tudeh — ou de algum dos outros grupos extremistas — e não partidários de Khomeini como afirmavam. "Todos os nossos grupos extremistas usam mulás como disfarce, ou tentam usá-los." Kyabi tinha dito a ele. "Infelizmente, a maioria dos mulás são camponeses empobrecidos, ignorantes, uma presa fácil para revoltosos bem treinados. Que Deus amaldiçoe Khomeini..."

Rudi sentiu o suor escorrer pelas costas.

— Um dos meus homens irá com você, e desta vez você não vai tirar o pente de balas dele — disse Zataki.

O queixo de Rudi se projetou e a tensão na sala cresceu.

— Eu não vou voar com homens armados. É contra as regras da companhia, as regras da aviação, e principalmente contra as ordens do DAC iraniano. Se desobedecermos às regras do DAC, nossas licenças serão cassadas — disse, com ódio deles.

— Talvez eu mate um dos seus homens se você não obedecer. — Furiosamente, Zataki deu um tapa numa xícara que estava em cima

da mesa e ela rolou pela sala.

Starke avançou, igualmente furioso. Zataki apontou o revólver para ele.

— Os seguidores do aiatolá Khomeini são assassinos? É esta a lei do Islã? Por um instante, Starke pensou que Zataki fosse puxar o gatilho, então o mulá Hussein levantou-se.

— Eu irei no avião. — Depois virou-se para Rudi: — Você jura que não vai tentar nos enganar e que vai voltar sem truques?

— Sim — disse Rudi, depois de uma pausa, com a voz tremendo.

— Você é cristão?

— Sim.

— Jure por Deus que não vai nos enganar.

— Está bem. Eu juro por Deus que não vou enganá-los — concordou Rudi, depois de nova pausa.

— Como pode confiar nele? — perguntou Zataki.

— Eu não confio — disse, com simplicidade, Hussein. — Mas se ele enganar a Deus, Deus o castigará. E a seus companheiros. Se nós não voltarmos ou se ele criar problemas... — E deu de ombros.

ABERDEEN — MANSÃO DE GAVALLAN: 19: 23H.

Todos estavam na sala de televisão, assistindo, num telão, a um replay da partida de rugby daquele dia entre a Escócia e a França — Gavallan, sua mulher Maureen, John Hogg, que geralmente pilotava o jato 125 da companhia, e alguns outros pilotos. O score era 17 a 11 a favor da França, já quase no fim do segundo tempo. Todos os homens gemeram quando um escocês perdeu a bola, um francês recuperou-a e avançou quase quarenta metros.

— Aposto dez libras que a Escócia ainda vai ganhar! — disse Gavallan.

— Aceito a aposta — respondeu sua mulher e riu com a cara que ele fez. Ela era alta e ruiva e usava roupas de um verde elegante que combinavam com os seus olhos. — Afinal de contas, eu sou meio francesa.

— Um quarto — sua avó era da Normandia — quelle horreur, e ela... — O barulho da torcida interrompeu sua brincadeira quando o atacante escocês arrancou a bola do meio do bolo, atirou-a para um lateral que a atirou para um outro que se livrou da confusão, derrubou dois adversários e se lançou para a linha de gol 45 metros à frente, ziguezagueando, mudando brilhantemente de direção para depois tornar a avançar, tropeçando mas conseguindo se equilibrar, depois se lançando numa última corrida gloriosa e mergulhando sobre a linha, sendo imediatamente afogado por corpos e aplausos ensurdecedores. Conseguiu! 17 a 15 agora. Um chute a gol bem-sucedido empataria o jogo.

— Pra frente Escócia...

A porta se abriu e um empregado ficou ali parado. Simultaneamente, Gavallan levantou, observou apreensivo o chute que foi certo e respirou aliviado.

— O dobro ou nada, Maureen? — perguntou por cima do pandemônio, sorrindo para ela enquanto saía apressado.

— Aceito!

Ela já está vinte libras mais pobre, pensou, muito satisfeito consigo mesmo, atravessando o corredor da enorme casa velha e ampla, bem mobiliada com muito couro, bons quadros e belas antigüidades, muitas delas da Ásia, e foi para o escritório que ficava em frente. Lá dentro, seu motorista — que era também guarda-costas e homem de confiança — que tentava ligar para McIver em Teerã há três horas e controlar as ligações de fora, estendeu-lhe um dos fones.

— Sinto muito interromper, senhor, o...

— Conseguiu ligar para ele, Williams? Que bom. O placar está 17 a 17.

— Não, senhor, sinto muito, as linhas ainda estão ocupadas; mas achei que esta chamada era importante: Sir Ian Dunross.

A decepção de Gavallan desapareceu. Ele pegou o fone, Williams saiu e fechou a porta.

— Ian, que ótimo falar com você; é uma surpresa agradável.

— Olá, Andy, pode falar mais alto? Estou ligando de Shangai.

— Pensei que você estivesse no Japão; posso ouvi-lo muito bem. Como vão as coisas?

— Ótimas. Melhor do que eu esperava. Ouça, preciso falar depressa, é que ouvi um boato, dois, na verdade. O primeiro é que o tai-pan precisa fazer algum bom negócio para tirar a ele mesmo e à Struan's do buraco este ano. E quanto ao Irã?

— Todo mundo acha que as coisas vão esfriar, Ian. Mac tem tudo sob controle, na medida do possível; prometeram-nos todos os contratos da Guernsey, de modo que acho que vamos aumentar, talvez dobrar nossos lucros, desde que não haja nenhum Ato de Deus.

— Talvez haja.

Toda a alegria de Gavallan desapareceu. Mais de uma vez seu velho amigo tinha-lhe dado algum aviso ou informação que mais tarde mostrava-se espantosamente correta — ele nunca soube onde Dunross obtinha suas informações, ou com quem, mas ele raramente se enganava.

— Outra coisa, acabei de saber que houve ordens secretas, de alto nível, talvez até nível de gabinete, para uma mudança financeira e administrativa na Imperial Air. Isso poderá afetá-lo?

Gavallan hesitou. A Imperial Air era a proprietária da Imperial Helicopters, sua maior competidora no mar do Norte.

— Não sei, Ian. Na minha opinião, eles esbanjam o dinheiro dos contribuintes; eles precisam mesmo de uma reorganização. Nós ganhamos deles em todas as áreas que posso imaginar, segurança, salários, equipamentos... por falar nisso, eu encomendei seis X63.

— O tai-pan sabe disso?

— Ficou puto quando soube. — Gavallan ouviu a gargalhada, e por um instante se viu de volta a Hong Kong dos velhos tempos, quando Dunross era tai-pan e a vida era dura mas profundamente excitante, quando Kathy era Kathy e não estava doente. Droga, pensou, e tornou a se concentrar. — Qualquer coisa que diga respeito à Imperial é importante; vou checar imediatamente. As outras novidades daqui são muito boas; novos contratos com a ExTex. Eu ia anunciar isso na próxima reunião de diretoria. A Struan's não está em perigo, está?

— A Casa Nobre está sempre em perigo, cara! — disse, dando outra gargalhada. — Só queria avisar. Tenho que desligar. Mande um beijo para Maureen.

— E mande um para Penélope também. Quando é que eu vejo você?

— Logo. Ligo quando puder; dê lembranças minhas ao Mac quando o encontrar. Até logo.

Imerso em pensamentos, Gavallan sentou-se na beirada da bela escrivaninha. Seu amigo sempre dizia 'logo' e isto podia significar um mês ou um ano, até dois. Já faz mais de dois anos que não o vejo, pensou. É uma pena que ele não seja mais tai-pan — uma pena ele ter-se aposentado, mas todos nós temos que sair para outra de vez em quando. "Para mim chega, Andy", dissera Dunross, "a Struan's está em excelente forma, os anos setenta prometem ser uma época fantástica para se expandir e...

bem, agora não há mais nenhuma excitação. " Isto foi em 1970, logo depois que seu maior e mais odiado rival, Quillan Gornt, tai-pan da Rothwell-Gornt, afogou-se num acidente de barco perto de Sha Tin, nos Novos Territórios de Hong Kong.

Imperial Air? Gavallan deu uma olhada no relógio, estendeu a mão para o telefone, mas parou ao ouvir uma batida discreta na porta. Maureen entrou e sorriu alegre vendo que ele não estava no telefone.

— Ganhei. Foi 21 a 17. Está ocupado?

— Não, entre querida.

— Não posso, tenho que ver se o jantar está pronto. Dentro de dez minutos? Pode me pagar agora, se quiser.

— Depois do jantar! Você é um estouro, sra. Gavallan — disse rindo, e abraçou-a.

— Ótimo. Não se esqueça. — Sentia-se bem nos braços dele. — Tudo certo com Mac?

— Era o Ian. Ligou só para dizer alô. De Shangai.

— Ele também é um homem incrível. Quando vamos vê-lo?

— Logo.

Novamente ela riu junto com ele, os olhos brilhantes e a pele macia. Tinham se encontrado pela primeira vez há sete anos, no

Castelo Avisyard, onde o então tai-pan, David MacStruan, dava uma festa de Ano-Novo. Ela tinha 28 anos, estava recém divorciada e não tinha filhos. Seu sorriso fizera-o esquecer as tristezas e Scot sussurrara: "Papai, se você não a arrastar para o altar é porque está maluco. " Sua filha Melissa dissera o mesmo. E assim, há três anos, eles se casaram, e desde então todos os dias tinham sido felizes.

— Dez minutos, Andy? Tem certeza?

— Sim, só tenho que dar um telefonema. — Gavallan viu-a franzir a testa e acrescentou rapidamente: — Prometo. Só um e depois Williams fica atendendo o telefone.

Ela lhe deu um beijo rápido e saiu. Gavallan discou.

— Boa noite, Sir Percy pode atender? Aqui é Andrew Gavallan. — Sir Percy Smedley-Taylor, diretor da Struan's Holdings, era membro do Parlamento e estava cotado para ministro da Defesa se os conservadores vencessem as próximas eleições.

— Alô, Andy, que bom você ter ligado. Se é a respeito da caçada do próximo sábado, pode contar comigo. Desculpe não ter respondido antes, mas as coisas têm sido bastante agitadas com este pseudo governo fazendo o país andar para trás, e os malditos sindicatos também; se ao menos eles se dessem conta disso.

— Concordo plenamente. Estou atrapalhando você?

— Não, você me pegou em casa por pouco; estou indo para o Parlamento para outra votação noturna.

Entre outras coisas, os imbecis querem nos ver fora da OTAN. Como foi o teste com o X63?

— Maravilhoso! Melhor do que eles diziam. É o melhor do mundo!

— Gostaria muito de experimentá-lo, se você puder conseguir isto. O que posso fazer por você?

— Ouvi um boato de que está havendo uma reorganização secreta na alta cúpula da Imperial Air.

Você ouviu alguma coisa?

— Meu Deus, Andy, seus contatos são muito bons. Eu só ouvi este boato hoje à tarde, cochichado em segredo por uma fonte fidedigna da oposição. Muito estranho! Na hora, não dei muita

importância. O que será que eles estão tramando? Você tem algo de concreto para comprovar?

— Não. Só o boato.

— Vou verificar. Será... Será que os cafajestes estão se preparando para nacionalizar oficialmente a Imperial, junto com a Imp Helicopters, você e todo o mar do Norte?

— Meu Deus — a preocupação de Gavallan aumentou. Esta ideia não lhe ocorrera. — Eles podem fazer isso se quiserem?

— Sim, facilmente.

DOMINGO

11 de fevereiro

9

FORA DE BANDAR DELAM: 6: 55H.

Amanhecera há pouco. Rudi tinha pousado longe da galeria e agora todos quatro estavam em pé na borda. A temperatura estava agradável e até o momento não houvera qualquer problema. Ainda vazava petróleo do oleoduto, mas sem pressão.

— É só o que ainda ficou no cano — disse Kyabi. — Deve parar dentro de uma hora. — Ele era um homem de feições marcadas, com cerca de cinquenta anos, bem barbeado, de óculos, e usava uma roupa cáqui e um chapéu duro. Olhou em volta, zangado. A terra estava ensopada de petróleo e os gases eram quase insuportáveis. — Esta área toda é letal. — Foi andando na frente até o carro virado. Havia três corpos no meio dos destroços e já estavam começando a cheirar mal.

— Amadores? — perguntou Rudi, espantando as moscas. — Explodiu antes da hora?

Kyabi não respondeu. Entrou na galeria. Era difícil respirar mas ele examinou cuidadosamente a área, depois voltou para a estrada.

— Eu diria que você está certo, Rudi. — Olhou para Hussein com a cara fechada. — Foi gente sua?

— O imã não deu ordens para sabotar oleodutos. Isto é obra dos inimigos do Islã — respondeu o mulá, tirando os olhos do carro.

— Há muitos inimigos do Islã que afirmam serem seguidores do Profeta, que se apropriaram de suas palavras e as deturparam — disse Kyabi com amargura —, traindo a ele e ao Islã.

— Eu concordo, e Deus vai descobri-los e castigá-los. — Os olhos escuros de Hussein estavam igualmente severos. — O que o senhor pode fazer a respeito do vazamento?

Tinham levado duas horas para encontrar o vazamento. Voaram em círculos a poucas centenas de metros de altura, estarecidos com a extensão do vazamento, que inundara o riacho e suas margens e, levado pela corrente, já atingira alguns quilômetros rio abaixo. Uma espuma grossa e negra cobria a superfície, de uma margem a outra. Até agora apenas uma aldeia fora afetada. Alguns quilômetros para o sul havia muitas outras aldeias. O rio fornecia água para beber, para lavar, e era o esgoto deles.

— Queime tudo, o mais depressa possível. — Kyabi olhou para o engenheiro. — Sim?

— Sim, sim, é claro. Mas e a aldeia, Excelência? — O engenheiro era um iraniano nervoso, de meia-idade, que observava, pouco à vontade, o mulá.

— Evacue a aldeia. Diga aos aldeões para saírem até tudo estar seguro.

— E se a aldeia pegar fogo? — perguntou Rudi.

— Se pegar, pegou. É a Vontade de Deus.

— Sim — disse Hussein. — Como vão fazer para queimar?

— Um fósforo seria o suficiente. É claro que você queimaria junto. — Kyabi pensou por um momento. — Rudi, você está com sua pistola de sinalização a bordo?

— Sim. — Rudi insistira em levar a pistola, dizendo que era equipamento essencial em caso de emergência. Todos os pilotos o apoiaram embora soubessem que não era essencial. — E com quatro foguetes de sinalização. Você...

Todos olharam para o céu ao ouvir o barulho de jatos se aproximando. Dois caças, voando baixo e muito depressa, passaram por cima deles em direção ao golfo. Rudi calculou que eles estavam indo diretamente para Kharg. Eram caças de combate e ele vira os mísseis que carregavam. Será que os mísseis são para a ilha Kharg? perguntou a si mesmo, sentindo a garganta apertada. Será que a revolução já chegou até lá? Ou é apenas um voo de rotina?

— O que você acha, Rudi? Kharg? — perguntou Kyabi.

— Kharg fica naquela direção, patrão — disse Rudi, não querendo comprometer-se. — Se for, deve ser um voo de rotina. Tínhamos uma dúzia de decolagens e aterrissagens por dia, quando estávamos lá. Você quer usar a pistola para atear fogo?

Kyabi mal o escutou. Suas roupas estavam manchadas de suor, as botas pretas de óleo. Estava pensando no motim da Força Aérea, em Doshan Tappeh. Se aqueles dois pilotos também são revoltosos e atacam Kharg e sabotam nossas instalações lá, pensou, quase sufocado de raiva e frustração, o Irã vai retroceder uns vinte anos.

Quando Rudi viera apanhá-lo cedo, naquele dia, Kyabi ficara atônito ao ver o mulá e exigira uma explicação. Quando o mulá respondeu, cheio de ódio, que Kyabi deveria fechar todas as instalações e se declarar a favor de Khomeini imediatamente, quase ficou sem fala.

— Mas isso é a revolução. Isso significa a guerra civil!

— É a Vontade de Deus — dissera Hussein. — Você é iraniano, e não um laçao estrangeiro. O imã ordenou que enfrentássemos as Forças Armadas e os vencêssemos. Com a ajuda de Deus, seremos a primeira república islâmica verdadeira na Terra, desde os dias do Profeta, que a Bênção de Deus esteja com ele.

Kyabi tinha tido vontade de dizer o que já dissera muitas vezes em particular: — É um sonho de louco, e o seu Khomeini é um velho mau e senil, levado por uma vingança pessoal contra os Pahlavis Reza Xá, cuja polícia ele acredita que tenha assassinado seu pai, e o Muhammad Xá, cuja Savak ele acredita que tenha assassinado seu filho no Iraque há alguns anos; ele não passa de um fanático medíocre que quer nos fazer voltar, a nós, o povo, e principalmente as mulheres, para a Idade Média.

Mas hoje não dissera nada disso para o mulá. Em vez disso, voltou sua atenção para o problema da aldeia.

— Se a aldeia pegar fogo, eles podem reconstruí-la facilmente. Seus pertences é que são importantes.

— E disfarçou o ódio.

— Pode ajudar, se quiser, Excelência. Eu apreciaria sua ajuda. Pode falar com eles.

Os aldeões se recusaram a partir. Pela terceira vez, Kyabi explicou que o fogo era o único meio de salvar a água deles e de salvar as outras aldeias. Então Hussein lhes falou, mas eles ainda se recusavam a partir. Nessa altura, já estava na hora da oração do meio-dia e o mulá conduziu as preces e mais uma vez lhes disse para saírem das margens do rio. Os mais velhos consultaram uns aos outros e disseram: — É a Vontade de Deus. Nós não vamos partir.

— É a Vontade de Deus — Hussein concordou. E virou as costas e foi andando na frente até o helicóptero.

Novamente eles pousaram perto da galeria. Agora saía apenas um filete de óleo do cano.

— Rudi — disse Kyabi —, ande na direção do vento, o mais longe que puder, e atire um foguete de sinalização dentro da galeria. Depois atire outro no meio da corrente. Pode fazer isso?

— Posso tentar. Nunca atirei com uma pistola de sinalização antes.

Rudi andou em direção ao deserto. Os outros voltaram para o helicóptero que ele tinha estacionado a uma distância segura. Quando estava em posição, colocou o enorme cartucho dentro da pistola, mirou e puxou o gatilho. A pistola deu um coice maior do que esperava. O jato de fogo descreveu um arco baixo, ricocheteou ao cair antes do tempo, depois tornou a saltar e caiu dentro da galeria. Por um momento, nada aconteceu, depois a terra explodiu e o fogo se espalhou para o alto e para os lados, transformando o carro virado numa pira funerária. A onda de choque superaquecida o envolveu e depois se expandiu. Uma fumaça preta subiu em direção ao céu. O fogo começou a se espalhar, correndo em direção ao riacho.

O segundo jato vermelho fez um arco bem alto e depois caiu no rio. O rio pegou fogo. Eles souberam disto mais pelo som do que pela visão, mas quando tornaram a decolar, costeando o rio na direção do vento, viram o fogo se espalhando rapidamente correnteza abaixo. Vastas nuvens de fumaça negra marcavam seu caminho. Perto da aldeia voaram em círculo. Homens, mulheres e

crianças fugiam com o que podiam carregar. Enquanto olhavam, a aldeia foi destruída.

Os quatro homens voaram de volta para casa.



Para Kyabi, o lar era o QG da IranOil, nas redondezas de Ahwaz, um conjunto harmonioso de edifícios de concreto branco, com gramados bem irrigados e um heliporto cercado por um muro alto.

— Obrigado, Rudi — disse, com o coração pesado. Em volta do helicóptero formara-se um anel de homens armados que tinham vindo correndo assim que pousaram, gritando e apontando as armas.

Atrás de Kyabi, o mulá brincava com seu terço de orações.

Kyabi soltou o cinto de segurança. É a Vontade de Deus, pensou. Fiz o que pude, rezei corretamente e sei que não há nenhum outro deus além de Deus e que Maomé é o seu Profeta. Quando eu morrer, morrerei amaldiçoando os inimigos de Deus, principalmente Khomeini, falso Profeta, assassino, e todos os que o seguem.

Ele se virou. Seu engenheiro estava com a cara cinzenta e rígido no assento ao lado de Hussein.

— Mulá, eu o recomendo à vingança de Deus. — Kyabi saltou.

Eles atiraram em Kyabi e arrastaram o engenheiro. Depois, como o mulá tivesse pedido, permitiram que o helicóptero partisse.

10

NA BASE AÉREA DE KOWISS: 17:09H.

Manuela caminhava depressa pelas instalações da S-G em direção ao prédio de escritórios de um andar que parecia agradável ao sol da tarde, com a torre de rádio projetando-se como um segundo andar. Usava um macacão de voo com o emblema da S-G nas costas e seu cabelo castanho-avermelhado estava enfiado num boné largo e pontudo, mas o andar denunciava-lhe a feminilidade.

No escritório havia três homens da equipe iraniana. Educadamente, eles se levantaram e sorriram, observando-a com seus olhos cobertos por cílios espessos.

— Boa tarde, Excelência Pavoud — disse em farsi, com um sorriso. — O capitão Ayre queria verme?

— Sim, madame senhora. Sua Excelência está na torre — respondeu o chefe dos funcionários. — Posso ter a honra de conduzi-la? — Ela recusou e agradeceu, e quando ela já tinha atravessado o corredor e estava subindo a escada em espiral, Pavoud disse insolentemente. — É escandaloso o modo como ela se exhibe para nós. Ela faz isso só para nos provocar — Pior do que uma prostituta do bairro velho, Excelência — disse um outro, igualmente aborrecido.

— Por Deus, de todos os infiéis, os americanos são os piores e suas mulheres são piores ainda. E esta então, esta está pedindo, está implorando confusão...

— Ela está pedindo um bom cacete iraniano — disse um homenzinho, se coçando.

— Ela deveria usar um chador, cobrir-se e caminhar com discrição — disse Pavoud. — Nós somos todos homens aqui. Nós todos já geramos filhos. Será que ela acha que somos eunucos?

— Ela deveria ser açoitada por nos provocar.

— Com a ajuda de Deus, ela o será em breve — publicamente. Todo mundo será submetido às leis islâmicas, e aos castigos. — E

Pavoud apertou de leve o nariz.

— Dizem que as mulheres americanas não têm pentelhos.

— É que elas raspam as partes.

— Com ou sem pentelhos, Excelência chefe, eu gostaria de meter nela até ela gemer, de alegria, disse o homenzinho, e eles riram juntos.

— Aquele imbecil do marido dela se diverte toda noite, desde que ela chegou. — Os olhos do chefe brilharam. — Eu os ouvi gemendo de noite. — Acendeu um cigarro no toco do anterior, depois se levantou e olhou pela janela. Usava óculos e ficou observando o céu até ver um helicóptero ao longe fazer a curva para descer. Morte a todos os estrangeiros, pensou, depois acrescentou do fundo do coração: E morte a Khomeini e todos os seus parasitas! Longa vida para o Tudeh e para a revolução das massas!

A torre era pequena, com janelas de vidro de todos os lados, e muito bem equipada. Esta fora sua base permanente por muitos anos, então a S-G tivera tempo para equipá-la com modernos equipamentos de segurança e recursos para pouso em qualquer tipo de tempo. Freddy Ayre, piloto chefe na ausência de Starke, esperava por Manuela.

— HXB está se preparando para descer — disse quando ela chegou. — Ele.

— Oh, que ótimo — ela interrompeu alegre.

Tinham tentado entrar em contato com Starke o dia inteiro, sem sucesso: — Não se preocupe — dissera-lhe Ayre —, o HF deles muitas vezes sai do ar, assim como o nosso.

— Desde a noite anterior, logo depois de escurecer, a única notícia fora a breve comunicação de Starke de que passaria a noite em Bandar Delam e que entraria em contato com eles hoje.

— Sinto muito, Manuela, mas Duke não está a bordo. Marc Dubois está pilotando.

— Houve um acidente? — exclamou, seu mundo desmoronando. — Ele está ferido?

— Oh, não. Nada disso. Quando Marc se comunicou conosco há poucos minutos, disse que Duke tinha ficado em Bandar Delam e

que ele tinha recebido ordem de conduzir o mulá e seu grupo na viagem de volta.

— Foi só isto? Você tem certeza?

— Sim. Olhe — disse Ayre, apontando para fora —, lá está ele.

O 206 se aproximava vindo da direção do sol. Atrás dele, as montanhas Zagros se erguiam majestosas. Embaixo, estavam as chaminés da enorme refinaria, com suas línguas de fogo queimando sem parar. Pousou exatamente no centro da plataforma de aterrissagem Um.

— HXB desligando os motores — disse Marc Dubois no rádio.

— Roger, HXB — respondeu o operador de serviço na torre, Massil Tugul, um velho funcionário palestino. Ele mudou a frequência para a da base. — Base, não temos mais nenhum pássaro no sistema agora. Confirmando que HVU e HCF voltarão antes do pôr-do-sol.

— OK, S-G. — Houve um momento de silêncio, depois, no canal principal da base, eles ouviram uma voz entrar falando em farsi, transmitindo do 206. A voz falou durante meio minuto e depois parou.

— Insha'Allah! — Resmungou Massil.

— Quem foi que falou? — Perguntou Ayre.

— O mulá Hussein, aga.

— Que diabo ele disse? — perguntou-lhe Ayre, esquecendo que Manuela sabia falar em farsi.

Massil hesitou. Manuela respondeu por ele, com o rosto pálido.

— O mulá disse: "Em Nome de Deus e em Nome do Turbilhão de Deus, ataquem!" Repetiu isso sem parar, sem pa...

Do outro lado do campo ouviu-se o som abafado de tiros. Imediatamente, Ayre pegou o microfone: — Marc, à la tour, vite, immédiatement! — Ordenou, com um sotaque excelente, depois examinou a base, a um quilômetro de distância. Havia homens correndo para fora de suas barracas. Alguns carregavam armas. Vários caíram quando foram atacados. Ayre abriu uma das janelas para ouvir melhor. Gritos longínquos de 'Allah-u Akbar' se misturavam com as explosões dos rifles automáticos.

— O que é aquilo? Perto do portão, do portão principal? — perguntou Manuela, com Massil em pé ao lado dela, igualmente chocado e nem um pouco assustado.

Ayre apanhou o binóculo e focalizou-o.

— Meu Deus, há soldados atirando para a base e... e caminhões invadindo o portão... uma meia dúzia... Faixas Verdes, mulás e soldados estão saltando dos caminhões.

Pelo canal da base veio uma voz excitada, gritando em farsi, que foi cortada abruptamente. Mais uma vez Manuela traduziu: "Em Nome de Deus, matem todos os oficiais que se oponham ao imã Khomeini e tomem a base. É a revolução!"

Lá em baixo, eles viram o mulá Hussein e dois Faixas Verdes descerem do 206, com as armas na mão. O mulá fez sinal para Dubois sair da cabine, mas o piloto sacudiu a cabeça e apontou para as hélices girando e continuou com as manobras de aterrissagem. Hussein hesitou.

O trabalho cessara em todas as instalações da S-G. As pessoas debruçavam-se nas janelas ou tinham saído para a pista e estavam lá, em pequenos grupos silenciosos, olhando para o outro lado do campo. O barulho do tiroteio aumentou. Perto dali, o jipe e o caminhão de combustível que iam atender ao 206 frearam bruscamente assim que o tiroteio começou. Hussein tinha feito sinal para o jipe, deixando um homem para tomar conta do helicóptero. O motorista o viu aproximando-se, pulou fora e saiu correndo. O mulá praguejou e, junto com um dos Faixas Verdes, sentou-se ao volante, ligou o motor e partiu em direção às barracas.

Dubois subiu os degraus, de três em três. Ele tinha 36 anos, era alto e magro, com cabelos pretos e um sorriso maroto. Estendeu a mão e cumprimentou Ayre.

— Madonna, que dia, Freddy!... Manuela! — Beijou-a afetuosamente nas duas faces. — O Duke está bem, chérie. Apenas teve uma discussão com o mulá que disse que não voaria mais com ele. Bandar Delam não... — E parou, consciente da presença de Massil, desconfiando dele. — Preciso de um drinque. Vamos até a cantina, hein?

Eles não foram para a cantina. Marc levou-os até a pista, procurando um abrigo no prédio de onde pudessem observar em segurança e sem serem ouvidos.

— Não há nenhuma maneira de saber de que lado Massil está, nem a maioria dos nossos funcionários, se é que eles próprios sabem, os infelizes.

Do outro lado do campo houve uma explosão. O fogo subiu de um dos galpões e uma onda de fumaça se espalhou no ar.

— Mon Dieu, foi o depósito de combustível?

— Não, foi perto. — Ayre estava muito inquieto. Uma outra explosão chamou-lhe a atenção; depois, misturada com o tiroteio esporádico, ouviu-se a detonação de um tanque.

O jipe com o mulá desaparecera atrás das barracas, os caminhões do Exército tinham estacionado ao acaso; os soldados e os Faixas Verdes desapareceram nos hangares e barracas. Havia alguns corpos no chão. Os soldados dos tanques, que guardavam o prédio de escritórios do comandante Peshadi, estavam agachados perto da porta, com as armas prontas. Outros esperavam nas janelas do segundo andar. Um dos homens que estava lá deu uma rajada de metralhadora quando meia dúzia de soldados e aviadores lançaram-se ao ataque. Mais uma rajada e todos estavam mortos, morrendo ou gravemente feridos. Um dos feridos começou a se arrastar para um lugar seguro. Os guardas deixaram-no arrastar-se até quase conseguir um abrigo. Depois o crivaram de balas.

Manuela gemeu e eles a levaram mais para o interior do prédio.

— Estou bem — disse ela. — Marc, quando é que Duke vai voltar?

— Rudi ou Duke vão ligar hoje à noite ou amanhã, com certeza. Pas de problème. O Grande Duke está bem. Mon Dieu, preciso de um drinque.

Aguardaram um momento, com o tiroteio diminuindo.

— Vamos — disse Ayre —, estaremos mais seguros nos bangalôs.

Correram até um dos bonitos bangalôs cercados por muros brancos e jardins bem tratados. Não havia acomodações para casados em Kowiss. Geralmente os bangalôs de dois quartos eram habitados por dois pilotos. Manuela foi preparar os drinques.

— Agora, o que aconteceu realmente? — Perguntou Ayre, baixinho. Rapidamente, o francês contou-lhe a respeito do ataque, de Zataki e da bravura de Rudi.

— Aquele velho Kraut merece realmente uma medalha — disse com admiração. — Mas ouça, na noite passada os revolucionários mataram um dos nossos operários. Eles o julgaram e mataram em quatro minutos, acusando-o de ser um fedayim. Esta manhã, outros filhos da mãe mataram Kyabi.

— Mas por quê? — Perguntou Ayre, estarrecido.

Dubois contou sobre a sabotagem do oleoduto, e acrescentou: — Quando Rudi e o mulá voltaram, Zataki nos reuniu e disse que era verdade que Kyabi fora morto por ser "partidário do xá, partidário dos demônios americanos e ingleses que tinham espoliado o Irã durante anos e que, portanto, era um inimigo de Deus".

— Pobre patrão. Cristo, eu gostava um bocado dele, era um bom sujeito.

— Sim. E abertamente anti-Khomeini, e agora esses filhos da mãe têm armas, nunca vi tantas armas, e são todos stupides, malucos. — Dubois retesou-se. — O velho Duke começou a berrar com todos eles em farsi; ele já tinha tido um confronto com Zataki e com o mulá na noite passada. Não sabemos o que ele disse, mas as coisas ficaram feias, os filhos da mãe caíram em cima dele, começaram a chutá-lo e a gritar com ele. É claro que todos nós entramos na briga, então ouvimos o barulho de um tiro e ficamos paralisados. Eles também, porque foi Rudi que atirou. Ele tinha conseguido tirar a arma de um deles e deu outro tiro para o ar. E gritou: "Deixem-no em paz ou matarei todos vocês!" E manteve a arma apontada para Zataki e para o grupo que estava perto de Duke. Eles o deixaram em paz. Depois de praguejar contra eles, Rudi fez um acordo; ma foi, quel homme: eles nos deixariam em paz e nós deixaríamos que fizessem a revolução deles, eu traria o mulá para cá, Duke ficaria, e Rudi conservava a arma. Ele fez o mulá e Zataki jurarem por Alá que não quebrariam o acordo, mas eu ainda não acredito neles. Merde, todos eles são merde, mon ami. Mas Rudi, Rudi foi fantástico.

Ele devia ser francês. Tentei me comunicar com eles o dia inteiro, mas não tive resposta...

Do outro lado do campo, um tanque centurião chegou, atirando, de uma das ruas que ficavam no fim do conjunto de barracas, fez uma curva e entrou na rua principal, que ficava em frente ao QG da base e da cantina dos oficiais. Ele parou lá, com os motores roncando, gordo, atarracado e mortal. O longo canhão fez a volta, procurando um alvo. Então, subitamente, as engrenagens giraram, o tanque rodou no seu eixo e atirou. A bala destruiu o segundo andar, onde o coronel Peshadi tinha seu escritório. Os soldados que defendiam o prédio ficaram abalados com essa traição inesperada. O tanque abriu fogo novamente. Enormes pedaços de reboco se soltaram e metade do telhado desabou.

O prédio começou a pegar fogo.

Nesse momento, do térreo e de parte do segundo andar, uma saraivada de balas foi disparada contra o tanque. Imediatamente, dois legalistas saíram correndo pela porta principal, com granadas na mão, atiraram-nas pela abertura do tanque e correram para se abrigar. Os dois homens se curvaram sob uma rajada de balas que veio do outro lado da rua, mas houve uma terrível explosão dentro do tanque que começou a lançar fogo e fumaça. A tampa de metal se abriu e um homem em chamas tentou saltar fora. Seu corpo quase foi arrancado do tanque pela rajada de balas que partiam do edifício semidestruído. O vento que soprava daquele lado da base trazia o cheiro de pólvora, fogo e carne queimada.



A batalha continuou por mais de uma hora, depois terminou. O sol poente dava à cena uma coloração sangrenta e, por toda a base, havia mortos e moribundos, mas a insurreição falhara porque não tinham matado o coronel Peshadi nem seus oficiais mais graduados no primeiro ataque de surpresa, porque o número de soldados e

aviadores que aderiram não fora suficiente — e só um dos tanques os apoiou.

Peshadi estivera no tanque principal e, com ele, defendeu a torre e todo o sistema de comunicações.

Tinha reunido as forças leais e comandara o impiedoso ataque que expulsou os revolucionários dos hangares e das barracas. E assim que a maioria cautelosa, que esperava para ver que lado venceria, assim que esses aviadores e soldados perceberam que a revolta estava perdida, não hesitaram mais.

Imediata e zelosamente, declararam sua lealdade histórica e eterna a Peshadi e ao xá, apanharam as armas que estavam pelo chão e, com o mesmo zelo, em Nome de Deus, começaram a atirar no 'inimigo'. Mas pouco atiravam para matar e embora Peshadi soubesse disso, deixou aberto um caminho para a fuga e permitiu que alguns revoltosos escapassem. Sua única ordem secreta para os homens em que mais confiava foi: "Matem o mulá Hussein"

Mas, de algum modo, Hussein escapou.

— Aqui fala o coronel Peshadi — ouviu-se na frequência principal da base e em todos os alto-falantes. — Graças a Deus o inimigo está morto, morrendo ou capturado. Agradeço a todas as tropas leais. Todos os oficiais e soldados recolherão nossos gloriosos mortos, que morreram fazendo o trabalho de Deus, e informarão quantos foram, bem como o número de inimigos mortos. Médicos e atendentes! Cuidem igualmente de todos os feridos. Deus é grande... Deus é grande! Já está quase na hora da oração da noite. Esta noite sou eu o mulá e vou conduzi-la. Todos estarão presentes para dar graças a Deus.

No bangalô de Starke, Ayre, Manuela e Dubois ouviram pelo intercomunicador da base. Ela terminou de traduzir o discurso de Peshadi, feito em farsi. Agora só havia estática. A fumaça cobria a base e o ar estava pesado por causa do cheiro. Os dois homens tomavam vodca e suco de laranja em lata, ela bebia água mineral. Um aquecedor portátil, de gás butano, aquecia agradavelmente o aposento.

— É curioso — disse ela, Pensativamente, forçando-se a não pensar em toda aquela matança, nem em Starke lá em Bandar

Delam. — É curioso que Peshadi não tenha terminado com as palavras "Longa vida para o xá" Esta vitória não é dele? Ele deve estar apavorado.

— Eu também estaria — disse Ayre. — Ele vai.. —Todos deram um pulo quando o intercomunicador da base tocou. Ayre levantou-se — Alô?

— Aqui é o major Changiz. Ah, capitão Ayre, eles foram para o seu lado da base? O que houve com vocês?

— Nada. Nenhum revoltoso veio para cá.

— Louvado seja Deus. Estávamos todos preocupados com sua segurança. Tem certeza de que não há ninguém morto ou ferido?

— Ninguém — que eu saiba.

— Graças a Deus. Nós temos uma porção. Felizmente não sobrou nenhum inimigo ferido.

— Nenhum?

— Nenhum. O senhor não se importará que eu lhe peça para não mencionar este incidente pelo rádio para ninguém... para ninguém, capitão. Segurança máxima. O senhor compreende?

— Alto e claro, major.

— Ótimo. Por favor, fique na escuta, na frequência da nossa base. Por segurança, vamos controlar a sua. Por favor, durante esta emergência, não use seu rádio HF sem nos consultar. — Ayre sentiu o sangue ferver mas não disse nada. — Por favor, fiquem na escuta para ouvir as instruções que o coronel Peshadi dará às oito horas, e agora mande Esvandary e todos os seus fiéis para as orações da noite, imediatamente.

— Certamente, mas o 'Pé-quente'... Esvandary está de licença por uma semana. — Esvandary era o gerente da IranOil.

— Muito bem. Mande os demais a cargo de Pavoud.

— Agora mesmo. — O telefone ficou mudo. Ayre retransmitiu o que fora dito e depois foi dar as ordens.

Na torre, Massil estava muito inquieto.

— Mas, capitão, Excelência, estou de serviço até o pôr-do-sol. Ainda temos dois 212 para chegar e...

— Ele disse todos os fiéis. Imediatamente. Seus papéis estão em ordem, você está no Irã há anos. Ele sabe que você está aqui, então

é melhor você ir, a não ser que tenha algo a temer.

— Não, não, nada.

— Não se preocupe, Massil — disse Ayre, vendo o suor na testa do homem. — Eu vou esperar os rapazes. Não se preocupe. E vou ficar aqui até você voltar. Não vai levar muito tempo.

Ayre orientou o pouso dos dois 212, esperando com uma impaciência cada vez maior, já que Massil deveria ter voltado há muito tempo. Para passar o tempo, tinha tentado trabalhar um pouco, mas desistiu, com as ideias em tumulto. O único pensamento que o animou foi que sua mulher e seu filho estavam a salvo na Inglaterra — apesar do tempo horrível que fazia lá, das tempestades, nevascas, chuvas, frio, greves, e do governo.

O HF voltou a falar, pouco depois de escurecer.

— Alô, Kowiss, aqui é McIver de Teerã...

11

TEERÃ — NO ESCRITÓRIO DA S-G: 18:50H.

Alô, Kowiss, aqui é McIver, de Teerã, está me ouvindo?

— Teerã, aqui é Kowiss, aguarde Um — expressão que queria dizer 'por favor, espere um momento'.

— Está bem, Freddy — disse McIver e colocou o HF de volta na mesa. Ele e Tom Lochart, que chegara de Zagros naquela tarde, estavam no escritório, no último andar do edifício que funcionava como QG da S-G desde que ela iniciara suas operações no Irã, há quase dez anos. O edifício tinha cinco andares e um telhado achatado, onde Genny fizera um agradável jardim com cadeiras, mesas e uma churrasqueira. O general Beni-Hassan, amigo de Andrew Gavallan, recomendara muito aquele edifício: — Nada menos que o melhor para a companhia de Andy Gavallan. Aqui há espaço para meia dúzia de escritórios, o preço é razoável, você tem lugar no telhado para seu próprio gerador e sua antena de rádio, fica próximo da avenida principal que vai para o aeroporto, há comércio por perto, e aqui está a pièce de résistance! — Orgulhosamente, o general mostrara a McIver o toalete. Era comum e não muito limpo.

— O que há de tão especial nele? — Perguntara McIver, intrigado.

— É o único que existe no edifício, os outros são do tipo de se agachar, apenas um buraco no chão em cima do esgoto, e se você não estiver acostumado a se agachar, é uma operação complicada. Na verdade, é uma chateação, especialmente para as senhoras, algumas já caíram dentro do buraco, com penosas consequências — disse o general, jovialmente. Ele era um homem bem-apegoado, muito forte, em boa forma física.

— Os banheiros são todos assim, aqui no Irã?

— Até nas melhores casas, em toda parte, menos nos hotéis modernos. Quando se pensa sobre isso, Mac, este tipo de banheiro é mais higiênico, nada toca em nada. E tem, também, isto aqui. — O general apontara para um pequeno esguichador ligado à torneira da pia. — Nós usamos água para nos limpar, usamos sempre a mão esquerda, que é a mão para a merda, a direita é para comer, é por isso que você nunca oferece nada com a mão esquerda. É considerado extrema falta de educação, Mac.

Nunca coma ou beba com a mão esquerda no mundo islâmico, e não se esqueça de que a maioria dos toaletes e banheiros não possuem esguichos, e você tem que usar a água de um balde, se houver um.

Como eu disse, é uma operação complicada, mas é uma maneira de viver. Diga-se de passagem, não há pessoas canhotas no Islã. — E deu uma nova risada bem-humorada. — A maioria dos muçulmanos não consegue evacuar confortavelmente a menos que se agache... são os músculos... então muitos se agacham nos assentos ocidentais quando vão evacuar. Estranho, não é? mas também, fora da maioria das cidades e mesmo nelas, na maior parte da Ásia, no Oriente Médio, na China, na Índia, na África, na América do Sul, não há nem água corrente... — E McIver relembrou essa conversa que tivera com o general, quando a voz de Lochart trouxe-o de volta ao presente.

— Um centavo pelos seus pensamentos, Mac. — Disse Lochart. O canadense alto sentava-se em frente a ele, ambos em velhas poltronas. A luz elétrica e o aquecimento estavam ligados com potência máxima, fornecida por seu próprio gerador.

— Estava pensando nos banheiros de se agachar. Detesto esses banheiros e a maldita água. Não consigo me acostumar com eles — resmungou McIver.

— Agora eles não me incomodam mais, eu nem noto. Temos esse tipo de banheiro em nosso apartamento. Xarazade disse que, se eu quisesse, mandaria construir um toailete ocidental como presente de casamento, mas eu falei que podia me arranjar com aquele mesmo. — Lochart sorriu cinicamente. — Agora não me

incomoda mais, mas, meu Deus, isso foi uma das coisas que fez Deirdre se mandar.

— Acontece o mesmo com todas as esposas. Este é o maior problema para todas elas, para Genny também. Não é culpa minha que a maioria das pessoas faça isto desse jeito. Graças a Deus, temos uma privada de verdade no apartamento. Senão Genny se amotinaria. — McIver mexeu no botão do volume do aparelho. — Vamos, Freddy — murmurou.

Havia muitos mapas nas paredes, nenhum quadro, embora se percebesse a marca empoeirada de um quadro que fora retirado recentemente — a obrigatória fotografia do xá. Lá fora, o céu noturno estava iluminado pelas fogueiras que salpicavam o horizonte da cidade escurecida, não havia nenhuma outra luz a não ser aquela. Tiros, de rifles e metralhadoras, misturados com o som constante da cidade — as multidões rugindo "Allahh-u Akbarr... " Ouviu-se então no alto-falante: — Aqui é Kowiss. Capitão Ayre falando. Estou ouvindo alto e claro, capitão McIver.

Os dois homens ficaram perplexos e Lochart se ergueu na cadeira.

— Há algo errado, Mac, ele não pode falar abertamente... alguém está escutando.

— É você mesmo que está operando o rádio, Freddy? — disse de propósito para ter certeza de que não havia nenhum erro —, está fazendo hora-extra?

— Apenas aconteceu de estar aqui, capitão McIver.

— Está tudo cinco por cinco? — o que significava sinal de rádio com força máxima, ou na gíria dos pilotos, 'está tudo bem?'

Depois de uma pausa proposital, que os fez perceber que não, veio a resposta: — Sim, capitão McIver.

— Ótimo, capitão Ayre. — Disse McIver, para lhe dar a entender que tinha compreendido. — Ponha o capitão Starke na linha, sim?

— Sinto muito, capitão, mas não é possível. O capitão Starke ainda está em Bandar Delam.

— O que ele está fazendo lá? — Perguntou McIver ríspidamente.

— O capitão Lutz ordenou que ele ficasse e mandou que o capitão Dubois completasse a viagem VIP solicitada pela IranOil, e

aprovada pelo senhor.

Starke conseguiu se comunicar com Teerã antes de partir, para explicar a McIver o problema do mulá Hussein. McIver aprovava a viagem, desde que o coronel Peshadi concordasse, e disse a Starke que o mantivesse informado.

— O 125 é esperado em Kowiss amanhã, capitão McIver?

— É possível — respondeu McIver —, mas nunca se sabe. — Fora programado que o 125 estivesse em Teerã no dia anterior, mas por causa da insurreição no aeroporto, todo o tráfego tinha sido cancelado até o dia seguinte, segunda-feira. — Estamos tentando conseguir licença para um voo direto até Kowiss. Não é muito provável, porque o controle do tráfego aéreo militar está... está desguarnecido. O aeroporto de Teerã está, ahn, congestionado, e não podemos retirar nenhum dos nossos familiares. Diga a Manuela para estar preparada para o caso de conseguirmos uma desistência. — McIver fez uma careta, tentando decidir o quanto poderia dizer através do rádio, então viu Lochart fazendo um sinal para ele.

— Deixe-me falar, Mac. Freddy sabe falar francês — disse Lochart, baixinho.

McIver animou-se e passou-lhe o microfone, aliviado.

— Écoute, Freddy. — Lochart começou a falar em francês canadense que ele sabia que até Ayre, cujo francês era excelente, tinha dificuldade em compreender. — Os marxistas ainda estão controlando o aeroporto internacional, ajudados pelos revoltosos de Khomeini, supostamente com o apoio da OLP, e ainda controlam a torre. O boato hoje é que vai haver um golpe, que o primeiro-ministro está de acordo, que as tropas estão finalmente se deslocando por toda Teerã, com ordens de terminar com os tumultos e atirar para matar. Qual o problema aí? Você está bem?

— Sim, nada de grave — eles o ouviram responder num francês de sarjeta e cheio de subentendidos.

— Eu tenho ordens de não dizer nada, mas não há realmente muito problema aqui, acredite, mas eles estão ouvindo. Em 'Fedorenta' — o apelido que eles davam a Bandar Delam, onde o ar fedia constantemente a gasolina — houve muitos problemas e o patrão foi mandado para o céu antes da sua hora ter chegado...

— Kyabi foi morto — murmurou Lochart, com os olhos arregalados.

— ... mas o velho Rudi manteve tudo sob controle e Duke está bem. É melhor interrompermos aqui, meu velho. Eles estão escutando.

— Compreendo. Fique firme e informe aos outros, se puder; diga também que estamos bem — acrescentou em inglês, sem nenhum intervalo — e repito que estaremos mandando dinheiro para o seu pessoal amanhã.

— Falando sério, meu chapa? — Perguntou Ayre, animando-se.

— Falando sério — riu Lochart, involuntariamente. — Mantenha um operador de rádio de plantão que nós tornaremos a chamar. Aqui está o capitão McIver de novo. Insha'Allah! E devolveu o microfone.

— Capitão, teve notícias de Lengeh, ontem ou hoje?

— Não, nós tentamos nos comunicar com eles mas não obtivemos resposta. Talvez sejam as manchas solares. Vou tentar de novo agora.

— Obrigado. Mande lembranças minhas ao capitão Scragger e lembre a ele o seu exame médico, na próxima semana. — McIver sorriu e depois acrescentou: — Certifique-se de que o capitão Starke se comunique comigo assim que voltar. — Desligou. Lochart contou-lhe o que Ayre dissera. Ele serviu-se de outro uísque.

— E quanto a mim, pelo amor de Deus? — Disse McIver, irritado.

— Mas, Mac, você sa...

— Não comece. Prepare um fraquinho. — Enquanto Lochart servia o drinque, McIver levantou-se, foi até a janela e olhou para fora, sem ver nada.

— Pobre Kyabi. Era um homem bom, dos melhores, bom para o Irã e justo conosco. Por que eles o teriam assassinado? Loucos! Rudi 'dando ordens' a Duke e 'dando ordens' a Marc... que diabo significa isso?

— Apenas que houve problemas mas Rudi controlou a situação. Freddy teria me contado se Rudi não o tivesse feito. Ele é muito esperto, o seu francês é bom e ele teria dado um jeito. Teve bastante tempo, mesmo com eles escutando, quem quer que sejam 'eles' — disse Lochart. — Talvez tenha sido como em Zagros.

Em Zagros, os aldeões de Yazdek chegaram de madrugada, um dia depois de Lochart ter voltado da licença. O mulá da aldeia recebera ordens de Khomeini para iniciar a revolta contra 'o governo ilegal do xá' e para assumir o controle da região. O mulá nascera na aldeia e conhecia os caminhos da montanha que ficavam bloqueados pela neve durante o inverno e pelos quais, durante o ano, só se tinha acesso com muita dificuldade. Além disso, o chefe de polícia, contra o qual teria que liderar a revolta, era seu sobrinho, e Nasiri, o gerente da base, outro dos seus alvos, era casado com a filha de uma irmã de sua mulher, que vivia agora em Shiraz. E mais importante, eles todos eram galezans, uma tribo secundária de nômades kash'kais que se estabelecera há séculos ao longo daquelas pequenas estradas e o chefe de polícia, cujo nome era Nitchak Khan, era também seu kalandar, seu chefe tribal eleito.

Então, corretamente, ele consultara Nitchak Khan e este concordara que deveria haver uma revolta contra seu inimigo hereditário, o xá Pahlavi e que, para comemorar a revolução, quem quisesse poderia descarregar suas armas em direção às estrelas e, ao amanhecer, ele lideraria a tomada do aeroporto estrangeiro.

Tinham chegado de madrugada. Armados. Todos os homens da aldeia Nitchak Khan não estava usando seu uniforme de policial, e sim uma roupa tribal. Ele era muito mais baixo do que Lochart, um homem atarracado, forte, com mãos de ferro e pernas de aço, um cinto de balas passado pelo peito e um rifle nas mãos. Conforme fora previamente arranjado — a pedido do Khan — Lochart, acompanhado por Jean-Luc Sessonne, encontrou-os em frente às duas colunas de pedra apressadamente feitas e que simbolizavam o portão da base. Lochart cumprimentou-os e concordou que Nitchak Khan tivesse jurisdição sobre a base e as duas colunas de pedra foram formalmente derrubadas. Houve aplausos de ambos os lados e muitas armas foram disparadas para o ar. Depois, Nitchak Khan ofereceu um buquê de flores a Jean-Luc Sessonne como representante da França, agradecendo-lhe, em nome de todos os galezans-kash kais, por abrigar e apoiar Khomeini, que os livrara do seu inimigo, o xá Pahlavi. "Que Deus seja louvado, pois aquele que ousou se auto-intitular Grande Rei dos Reis, que ousou cometer o

sacrilégio de tentar associar sua linhagem aos reis Ciro e Dario, o Grande, homens orgulhosos e de coragem, a Luz dos Arianos, aquele laçao dos demônios estrangeiros — fugiu, como uma amante pintada, para seu paxá iraquiano."

Houve, então, belos discursos de ambos os lados, a festa começou e Nitchak Khan, com o mulá ao lado, pedira a Tom Lochart, chefe tribal dos estrangeiros em Zagros Três, para continuar como antes sob o novo regime Lochart concordara gravemente.

— Esperemos que Rudi e seus rapazes tenham tido a mesma sorte que você teve em Zagros, Tom. — McIver tornou a virar-se para a janela, sabendo que não havia nada que ele pudesse fazer para ajudá-los. — As coisas estão ficando cada vez piores — murmurou. O assassinato de Kyabi foi terrível, e foi um mau sinal para nós, pensou. Como vou tirar Genny de Teerã, e onde estará Charlie?

Não tinham tido notícias de Pettikin desde que ele partira, na manhã do dia anterior, para Tabriz.

Tinham recebido informações trancadas do seu pessoal de terra, em Galeg Morghi — de que Pettikin fora raptado e forçado a partir 'com três pessoas desconhecidas', que 'três pilotos da Força Aérea iraniana tinham sequestrado o 206 e voado em direção à fronteira', ou que 'os três passageiros eram oficiais de alta patente fugindo do país'. Por que três passageiros em todas as histórias? McIver perguntava a si mesmo. Ele sabia que Pettikin devia ter chegado a salvo no aeroporto porque seu carro ainda estava lá, embora o tanque estivesse vazio, o rádio arrancado, e o carro depredado.

Bandar-e Pahlavi, onde deveria ter reabastecido o helicóptero, não respondia — Tabriz quase nunca era alcançada. Praguejou baixinho. Fora um mau dia para McIver.

O dia todo, credores irritados estiveram lá a aborrecê-lo, os telefones não funcionavam, o telex ficou congestionado e levou horas para ficar livre, e seu encontro do meio-dia com o general Valik que, segundo Gavallan, prometera lhes fornecer dinheiro semanalmente, tinha sido um desastre.

— Assim que os bancos abrirem, pagaremos o que estamos devendo.

— Pelo amor de Deus, você vem dizendo isso há semanas — retrucou McIver, friamente. — Eu preciso do dinheiro agora.

— Nós todos precisamos — tinha respondido o general, tremendo de raiva, mas muito consciente dos empregados iranianos na sala ao lado que, sem dúvida, estavam escutando. — Há uma guerra civil em curso e eu não posso abrir os bancos. Você vai ter que esperar. — Valik era um homem rechonchudo, careca, com a pele morena, um ex-general do Exército, que usava roupas e relógios caros. Ele abaixou ainda mais a voz. — Se não fosse pelos estúpidos americanos que traíram o xá e o convenceram a refrear nossas gloriosas Forças Armadas, não estaríamos nesta confusão.

— Eu sou inglês, como você sabe muito bem, e foram vocês mesmos que causaram esta confusão.

— Inglês, americano, qual é a diferença? A culpa é toda de vocês. Vocês traíram o xá e o Irã e agora vão pagar por isso.

— Com o quê? — perguntou McIver, azedamente. — Todo o nosso dinheiro está com vocês.

— Se não fosse por nós, seus sócios iranianos, eu principalmente, vocês não teriam nenhum dinheiro.

Andy não está reclamando. Eu recebi um telex do meu querido colega, general Javadah, dizendo que Andy ia assinar os novos contratos que eram da Guernsey esta semana.

— Andy disse que recebeu um telex seu confirmando a promessa que tinha feito a ele de nos fornecer dinheiro toda semana.

— Eu prometi que tentaria. — O general fez um esforço para controlar a raiva, pois precisava da cooperação de McIver. Enxugou a testa e abriu a pasta. Estava cheia de notas grandes de riais, mas ele manteve a tampa levantada para que McIver não pudesse ver o que havia dentro, depois tirou um pequeno maço de notas, tornando a fechar a pasta. Bem devagar, contou quinhentos mil riais — cerca de seis mil dólares. — Aqui está — disse com um grande floreio, colocando as notas em cima da mesa e o resto de volta na pasta. — Na semana que vem, eu ou um dos meus colegas traremos mais.

Um recibo, por favor.

— Obrigado. — McIver assinou o recibo. — Quando podemos es...

— Na semana que vem. Se os bancos abrirem, poderemos acertar tudo. Sempre mantivemos nossa palavra. Sempre. Não conseguimos os contratos da Guerny? — Valik inclinou-se para a frente e abaixou ainda mais a voz. — Eu preciso de um voo especial. Amanhã, quero um 212 para partir na parte da manhã.

— Para ir aonde?

— Tenho que inspecionar algumas instalações em Abadan — disse Valik, e McIver notou o suor.

— E como vou conseguir as licenças necessárias, general? Com todo o espaço aéreo controlado pelos militares e...

— Não se preocupe com licenças, eu só...

— Se não tivermos um plano de voo aprovado pelos militares, será um voo ilegal — Você pode dizer que pediu licença e que ela foi dada verbalmente. Qual é o problema?

— Em primeiro lugar, é contra a lei do Irã, general, a sua lei, em segundo lugar, mesmo com uma licença concedida verbalmente e com a aeronave fora do espaço aéreo de Teerã, ainda é preciso fornecer o número de registro ao controle militar de tráfego aéreo mais próximo... todos os planos de voo são registrados no QG da sua Força Aérea e eles são ainda mais severos com relação a helicópteros do que os civis. E se não tiver um número, o controlador vai mandá-lo descer na base militar mais próxima e se apresentar à torre. E quando pousar, eles vão recebê-lo muito enfurecidos, e com razão, o aparelho será apreendido e passageiros e tripulação serão mandados para a cadeia.

— Então encontre um jeito. É um voo muito importante. Os, ahn, os contratos da Guerny dependem disso. Tenha o 212 pronto às nove horas, digamos, em Galeg Morghi.

— Por que lá? Por que não no aeroporto internacional?

— É mais conveniente... e mais tranquilo, neste momento.

McIver franziu a testa. Valik tinha autoridade para solicitar e autorizar um voo como esse.

— Muito bem, vou tentar. — Puxou o bloco de formulários de planos de voo, notou que a última cópia referia-se ao voo de Pettikin para Tabriz e mais uma vez sua ansiedade cresceu... onde ele se teria metido? Sob 'passageiros' ele escreveu general Valik,

presidente da CHI e entregou-lhe o formulário. — Por favor assine no lugar do responsável.

Valik empurrou o formulário de volta, imperiosamente.

— Não há necessidade do meu nome ser colocado aí... ponha apenas quatro passageiros: minha mulher e meus dois filhos estarão comigo, e alguma bagagem. Vamos ficar em Abadan uma semana, depois voltaremos. Apenas faça com que o 212 esteja preparado às nove horas em Galeg Morghi.

— Sinto muito, general, os nomes têm que constar do formulário, senão a Força Aérea nem aceita o plano de voo. Todos os passageiros têm que ser identificados. Vou pedir uma licença, mas não tenho muita esperança de conseguir. — McIver começou a escrever os outros nomes.

— Não, pare! Não há necessidade de fornecer os nossos nomes. Diga apenas que a viagem é para mandar algumas peças para Abadan. Sem dúvida você precisa enviar algumas peças para lá. — Ele estava coberto de suor.

— Está bem, mas primeiro faça o favor de assinar a autorização, com o nome de todos os passageiros e o seu destino.

— Consiga isso sem me envolver. Imediatamente! — E o rosto do general ficou vermelho.

— Não posso. — McIver também estava ficando impaciente. — Eu repito, os militares vão querer saber todos os 'quem' e os 'onde'. Eles estão grudando mais do que papel de pegar mosca. Vamos ter ainda mais interrogatórios para responder do que normalmente, porque há semanas não temos nenhum tráfego para aquele lado. Teerã não é como o sul, onde voamos o dia inteiro.

— Este será um voo especial, para levar peças de reposição. Simples.

— Não é nada simples. Os guardas, em Galeg Morghi, não o deixariam embarcar sem papéis, e nem a torre. Eles o veriam subindo a bordo, pelo amor de Deus. — McIver encarou-o, exasperado. — Por que não arranja a licença o senhor mesmo, general? O senhor tem os melhores conhecimentos no Irã. O senhor mesmo deixou isso muito claro. Para o senhor seria fácil.

— Estes aparelhos são todos nossos. Nós somos os donos deles!

— Sim, é verdade — disse McIver, com a mesma impaciência. — Quando vocês tiverem pago por eles. Vocês nos devem quase quatro milhões de dólares de atrasados. Se o senhor quer ir para Abadan, isso é problema seu, mas se eles o apanharem fazendo isso num helicóptero da S-G, com papéis falsos que eu preciso assinar, o senhor vai parar na cadeia, junto com a sua família, comigo e com o piloto, e eles vão apreender os nossos aparelhos e nos proibirão de voar para sempre. — Só em pensar na cadeia ele se sentiu mal. Se um décimo das histórias que contavam sobre a Savak e as cadeias iranianas fosse verdade, elas eram um lugar muito indesejável.

Valik controlou a raiva. Sentou-se e deu um sorriso forçado.

— Não há necessidade de discutirmos, Mac, nós já passamos por muita coisa juntos. Eu, eu vou recompensá-lo por isso, hein? Tanto você quanto o piloto. — E abriu a pasta. — Hein? Doze milhões de reais... para dividir entre os dois.

McIver olhou perplexo para o dinheiro. Doze milhões eram cerca de 150 mil dólares — mais de 100 mil libras esterlinas. Tonto, ele sacudiu a cabeça.

— Está bem — disse Valik, imediatamente. — Doze milhões para cada um, mais as despesas.

Metade agora e metade quando estivermos a salvo no aeroporto do Kuwait, hein?

McIver estava em estado de choque, não só por causa do dinheiro, mas porque Valik dissera abertamente 'Kuwait', o que McIver suspeitava mas não queria acreditar. Era uma mudança de 180 graus em relação a tudo o que Valik vinha dizendo há meses: há meses que ele contava vantagem a respeito do xá vencer a oposição e Khomeini. E mesmo depois da inacreditável partida do xá e da espantosa volta de Khomeini a Teerã — meu Deus, isso tinha acontecido apenas há dez dias? — Valik dissera uma dúzia de vezes que não havia nada com que se preocupar, porque Bakhtiar e os generais das forças imperiais tinham o domínio completo do poder e nunca permitiriam que "esta revolução de Khomeini, e secretamente dos comunistas, fosse bem-sucedida". Nem os Estados Unidos permitiriam isso. Nunca. No devido momento, as Forças Armadas tomariam o poder e assumiriam o governo. Ainda na véspera Valik

repetira Confiantemente tudo isso e dissera que tinha sido informado que, a qualquer momento, o Exército interviria e que o fato dos Imortais terem dominado o motim da Força Aérea em Doshan Tappeh era o primeiro sinal disso.

McIver desviou o olhar do dinheiro e olhou dentro dos olhos do homem que estava sentado à sua frente.

— O que é que você sabe que nós não sabemos?

— Sobre o que você está falando? — Valik começou a gritar. — Eu não sei de...

— Alguma coisa aconteceu. O que foi?

— Tenho que dar o fora, com a minha família — disse Valik, à beira do desespero. — Os boatos são terríveis: golpe ou guerra civil, e com ou sem Khomeini nós estamos marcados. Você compreende? É a minha família, Mac. Eu tenho que sair, até que as coisas se acalmem. Doze milhões para cada um, hein?

— Que boatos?

— Boatos! — Valik quase cuspiu nele. — Consiga a licença de qualquer maneira. Eu pago adiantado.

— Não vou fazer isso, não importa a quantia que você ofereça. Tem que ser tudo direito.

— Seu imbecil hipócrita! Direito? Como é que você vem operando no Irã durante todos esses anos?

Pishkesh! Quanto você mesmo já não pagou por baixo da mesa, ou para os funcionários da alfândega?

Pishkesh! Como é que você pensa que nós conseguimos os contratos, hein? Os contratos da Guerney?

Pishkesh! Pondo dinheiro nas mãos certas. Será que você é tão imbecil que ainda não conhece o jeito iraniano?

— Eu conheço o pishkesh, não sou imbecil, e sei que o Irã tem o seu jeito de fazer as coisas. Oh, sim, o Irã tem o seu jeito de fazer as coisas. A resposta é não.

— Então o sangue da minha mulher e dos meus filhos sujará as suas mãos, não as minhas.

— Do que é que você está falando?

— Você tem medo da verdade?

McIver olhou-o espantado. A mulher e os dois filhos de Valik eram os preferidos dele e de Genny.

— O que o faz ter tanta certeza?

— Eu... eu tenho um primo na polícia. Ele viu... uma lista secreta da Savak. Eu devo ser preso depois de amanhã junto com muitas outras pessoas importantes para... para acalmar a oposição. E a minha família. E você sabe como eles tratam... como podem tratar mulheres e crianças na frente do... — Valik não pôde continuar.

As defesas de McIver caíram por terra. Todos eles já tinham ouvido as terríveis histórias que contavam a respeito de mulheres e filhos sendo torturados na frente de homens presos, para forçá-los a fazer alguma coisa, ou apenas por maldade.

— Está bem — concordou, sentindo-se derrotado, sabendo que fora apanhado numa armadilha. — Vou tentar, mas não espere conseguir uma licença, e não deveria ir para o sul, para Abadan. Sua melhor chance seria a Turquia. Talvez pudéssemos levá-lo de helicóptero até Tabriz, então você poderia comprar sua passagem pela fronteira, de caminhão. Deve ter amigos lá. E você não pode escapar através de Galeg Morghi. Não há nenhum jeito de você se esgueirar para bordo com Annoush e as crianças, nem mesmo de entrar naquele campo militar, sem ser detido. Você... você teria que ser apanhado fora de Teerã. Em algum lugar longe das estradas e fora da vista do radar.

— Está bem, mas tem que ser Abadan.

— Por quê? Você está reduzindo suas chances à metade.

— Tem que ser. Minha família... meu pai e minha mãe foram para lá por terra. É claro que você tem razão a respeito de Galeg Morghi. Nós poderíamos ser apanhados fora de Teerã e... — Valik pensou por um momento, depois continuou rapidamente: —...na junção do oleoduto sul e do rio Zehsan... é longe da estrada e é seguro. Estaremos lá de manhã, às onze horas. Deus o recompensará, Mac. Se...

se você pedir uma licença para transportar peças, eu... eu darei um jeito para que seja concedida. Por favor, eu imploro.

— Mas, e quanto ao reabastecimento? Quando pousarmos para reabastecer, um dos funcionários certamente vai encontrá-los e

vocês serão presos em segundos.

— Solicite reabastecimento na base aérea de Isfahan. Eu... eu posso dar um jeito em Isfahan. — Valik enxugou o suor do rosto.

— E se alguma coisa sair errada?

— Insha'Allah! Você vai pedir autorização para transportar peças, não pode haver nenhum nome na licença ou eu estarei morto ou algo pior, bem como Annoush, Jalal e Setarem. Por favor.

McIver sabia que era loucura.

— Eu vou pedir a licença: peças, e apenas para Bandar Delam. Por volta da meia-noite devo saber se a licença foi concedida. Vou mandar alguém ficar esperando para trazê-la ao meu apartamento. Os telefones não estão funcionando, você terá que ir até lá para confirmar. Isto me dará tempo para pensar e decidir sim ou não.

— Mas..

— Meia-noite.

Sim, está bem. Eu estarei lá. — E quanto aos outros sócios?

— Eles... eles não sabem de nada. Emir Paknouri ou um dos outros vai me representar.

— E sobre as quantias semanais?

— Eles providenciarão. — Mais uma vez Valik enxugou a testa. — Que Deus o abençoe. — Vestiu o sobretudo e dirigiu-se para a porta. A pasta ficou sobre a mesa.

— Leve isto com você.

— Ah, você quer que eu pague no Kuwait? Ou na Suíça? Em que moeda?

— Perguntou Valik, voltando-se.

— Não há nenhum pagamento. Você pode autorizar um voo. Talvez possamos levá-lo até Bandar Delam... depois você estará por sua conta.

— Mas... mas mesmo assim, você precisará de dinheiro para pagar o piloto, ou qualquer outra despesa. — E Valik olhou para ele sem acreditar.

— Não, mas você pode me adiantar cinco milhões de riais do dinheiro que a sociedade nos deve e de que estamos precisando desesperadamente. — McIver rabiscou um recibo e entregou a ele.

— Se você não estiver aqui, o Emir ou os outros podem não ser tão generosos.

— Os bancos vão reabrir na próxima semana, temos certeza disso. Oh, sim, temos certeza.

— Bem, vamos esperar que sim e que possamos receber o que nos devem.

— Viu a expressão de Valik, viu-o contar o dinheiro, sabendo que ele o achava louco por não ter aceito o seu pishkesh, sabendo também que, inevitavelmente, Valik tentaria subornar o piloto, quem quer que fosse ele, para levá-los até seu destino se o helicóptero conseguisse sair do espaço aéreo de Teerã, e isso seria um desastre.

E agora, no seu escritório, olhando para a noite com o olhar vazio, sem ouvir o ruído do tiroteio nem ver os clarões ocasionais que iluminavam a cidade escura, ele pensou, meu Deus, Savak? Tenho que tentar ajudá-lo. Aquelas pobres crianças e aquela pobre mulher Tenho que tentar! E quando Valik oferecer suborno ao piloto, mesmo que eu tenha avisado ao piloto quanto a isso, será que ele vai resistir? Se Valik ofereceu 12 milhões agora, em Abadan vai oferecer o dobro. Este dinheiro seria útil para Tom, para Nogger Lane, para mim, para qualquer um. Só por uma curta viagem através do golfo — curta mas sem volta. Onde será que Valik conseguiu todo aquele dinheiro? É claro que de um banco.

Durante semanas tinha havido rumores de que por uma determinada quantia certas pessoas bem relacionadas podiam retirar dinheiro de Teerã, embora os bancos estivessem — oficialmente — fechados. E que por uma quantia ainda maior o dinheiro era transferido para uma conta numerada na Suíça, e que agora os bancos suíços estavam gemendo sob o peso do dinheiro que estava sendo retirado do país. Bilhões. Uns poucos milhões colocados nas mãos certas e qualquer coisa era possível. Não é isso o que acontece em toda a Ásia? Seja honesto, por que só na Ásia? Isso não acontece no mundo inteiro?

— Tom — disse cansado — tente o controle militar de tráfego aéreo e veja se deram licença para o 212, sim? — Tom Lochart pensava que era apenas uma entrega de rotina. McIver só tinha dito a ele que estivera com Valik naquele dia e que o general lhe dera

algum dinheiro, nada mais. Ainda precisava decidir que piloto mandaria, desejando poder ir ele mesmo para não pôr em risco a vida de ninguém. Malditos exames médicos! Malditas regras!

Lochart foi até o HF. Naquele momento houve uma confusão na outra sala e a porta se abriu. Dela surgiu um rapaz com um rifle automático no ombro e uma faixa verde no braço. Havia mais uma meia dúzia de jovens com ele. Os funcionários iranianos esperavam, paralisados. O rapaz olhou para McIver e Lochart e depois consultou uma lista.

— Salaam, Aga. Capitão McIver? — perguntou a Lochart, com um inglês hesitante e carregado de sotaque.

— Salaam, Aga. Não, o capitão McIver sou eu — respondeu inquieto, e o primeiro pensamento que lhe veio à cabeça foi: Será que eles fazem parte do mesmo grupo que assassinou o pobre Kyabi? O seu segundo pensamento foi, Genny devia ter partido com os outros, eu devia ter insistido, o seu terceiro pensamento foi sobre os rolos de notas que estavam na sua pasta no chão, ao lado do porta-chapéus.

— Ah, bom — disse o rapaz, educadamente. Havia círculos negros em volta dos seus olhos, seu rosto era forte, e embora McIver achasse que ele teria no máximo 25 anos, parecia mais velho. — Perigo aqui. Para vocês aqui. Agora. Por favor saiam. Nós somos o komiteh deste quarteirão. Vocês devem sair, por favor. Agora.

— Está bem. Com certeza, ahn, obrigado.

Já por duas vezes McIver achara prudente evacuar os escritórios por causa dos tumultos nas ruas, embora, espantosamente, considerando seu grande número, as multidões tivessem sido muito disciplinadas e os estragos causados a propriedades ou os atos contra os europeus fossem mínimos — exceto quanto aos carros estacionados nas ruas. Era a primeira vez que alguém ia até lá para avisá-lo pessoalmente. Obedientemente, McIver e Lochart vestiram os sobretudos, McIver fechou a pasta e, junto com os outros, começou a se retirar. Ele apagou as luzes.

— Por que luz aqui e em nenhum outro lugar? — Perguntou o líder.

— Nós temos o nosso próprio gerador. No telhado.

O rapaz deu um sorriso estranho, mostrando uns dentes muito brancos.

— Estrangeiros têm gerador e calor. Iranianos não. McIver ia responder mas pensou melhor e não disse nada.

— Vocês receberam mensagens? Mensagens sobre ir embora? Mensagem hoje?

— Sim — disse McIver. Uma no escritório, uma no apartamento, que Genny tinha encontrado na caixa de correspondência. Elas diziam apenas: "No dia 1º de dezembro vocês foram avisados para partir. Por que ainda estão aqui, a não ser como inimigos? Resta-lhes pouco tempo." E estava assinado: "Os universitários partidários de uma república islâmica no Irã."

— Vocês, ahn, vocês são representantes da universidade?

— Nós somos do seu komiteh. Favor sair agora. Inimigos melhor não voltarem nunca. Não?

McIver e Lochat saíram. Os revolucionários os seguiram pelas escadas. Os elevadores já não funcionavam há semanas.

A rua ainda estava livre, sem multidões, sem fogueiras, e todo o tiroteio acontecia longe dali.

— Não voltar. Três dias.

— Isto não é possível — retrucou McIver. — Eu tenho muitos...

— Perigo. — Os rapazes esperavam, observando-os silenciosamente. Nem todos estavam armados com armas de fogo. Dois deles tinham pedaços de pau. Dois estavam de mãos dadas. — Não voltem.

Muito ruim. Três dias diz o komiteh. Entenderam?

— Sim, mas um de nós tem que reabastecer o gerador ou o telex vai parar e então ficaremos sem comunicação e...

— Telex não importante. Não voltem. Três dias. —

Pacientemente, o rapaz fez sinal para eles saírem. — Perigo aqui. Não esqueçam por favor. Boa noite.

McIver e Lochart entraram nos carros que estavam trancados na garagem do prédio, muito conscientes dos olhares invejosos. McIver guiava seu Rover Coupê 65 de quatro lugares, que ele chamava de Lulu e mantinha em excelentes condições. Lochart tinha pedido

emprestado o carro de Scot Gavallan, um velho Citroen amassado que era mantido assim de propósito, embora o motor estivesse ótimo, os freios perfeitos e que, se fosse preciso, podia ser muito veloz. Eles foram embora, e depois da segunda esquina pararam lado a lado.

— Aqueles chatos estavam falando sério — disse McIver, zangado. — Três dias? Não posso passar três dias fora do escritório.

— Sim, e agora? — Lochart deu uma olhada pelo espelho retrovisor. Os rapazes estavam agrupados na esquina, observando-os. — É melhor sairmos daqui. Encontro você no seu apartamento — disse depressa.

— Sim, mas de manhã, Tom, não há nada que possamos fazer agora.

— Mas eu ia voltar para Zagros; devia ter partido hoje.

— Eu sei. Fique aqui amanhã. Deixe para ir no outro dia. Nogger pode fazer o voo, se a licença sair, o que eu duvido. Venha lá pelas dez.

McIver viu os rapazes começarem a andar na direção deles.

— Por volta das dez, Tom — disse apressadamente, passou a mudança e se afastou praguejando.

Os rapazes os viram afastar-se e seu líder, Ibrahim, ficou contente, pois não queria se defrontar com estrangeiros, nem matá-los — nem levá-los a julgamento. Só gente da Savak. E policiais culpados. E os inimigos do Irã, dentro do Irã, que queriam trazer o xá de volta. E todos os traidores totalitários marxistas que se opunham à democracia e à liberdade de fé e à liberdade de educação e à universidade.

— Oh, como eu gostaria de um carro daqueles — disse um deles, doente de inveja. — Era 68, não era, Ibrahim?

— Sessenta e cinco — respondeu Ibrahim. — Um dia você vai ter um, Ali, e gasolina para pôr nele.

Um dia você vai ser o poeta e escritor mais famoso do Irã.

— É revoltante aquele estrangeiro exhibir tanta riqueza quando há tanta pobreza no Irã — disse um outro.

— Logo todos terão partido. Para sempre.

— Você acha que aqueles dois voltarão amanhã, Ibrahim?

— Espero que não — disse, com uma risada cansada — se eles voltarem eu não sei o que faremos.

Acho que os assustamos bastante. Mesmo assim, devíamos visitar este quartirão pelo menos duas vezes por dia.

O jovem que carregava um pedaço de pau pôs o braço, afetuosamente, em volta do seu ombro.

— Estou contente que tenhamos votado em você para nosso líder. Foi uma escolha perfeita.

Todos concordaram. Ibrahim Kyabi ficou muito orgulhoso, e orgulhoso, também, de fazer parte da revolução que iria terminar com todos os problemas do Irã. E orgulhoso também do seu pai, que era um engenheiro do petróleo e um importante funcionário da IranOil, que vinha trabalhando pacientemente, ao longo dos anos, pela democracia no Irã, opondo-se ao xá, e que agora, certamente, seria uma voz poderosa no novo e glorioso Irã.

— Vamos embora, amigos — disse satisfeito. — Temos muitos prédios mais para investigar.

12

NA ILHA SIRI: 19:42H.

A pouco mais de mil quilômetros a sudoeste de Teerã, o carregamento do petroleiro japonês de cinquenta mil toneladas, o Rikomaru, estava quase completo. A lua iluminava o golfo, a noite estava fresca, com muitas estrelas no céu e Scragger concordara em se encontrar com de Plessey e ir a bordo para jantar com Yoshi Kasigi. Agora os três estavam na ponte com o capitão, o tombadilho todo iluminado por holofotes, observando os marujos japoneses e o engenheiro-chefe perto do enorme tubo de sucção ligado ao sistema de válvulas da barcaça de carregamento de petróleo que flutuava ao lado do navio, também iluminada por holofotes.

Estavam a cerca de duzentos metros da ilha Siri, o petroleiro ancorado firmemente, com suas duas correntes de proa presas em boias à frente e duas âncoras lançadas na popa. O petróleo era bombeado dos reservatórios, que ficavam em terra, através de um duto que vinha pelo fundo do mar até a barcaça, e daí para o navio, através do seu próprio sistema de comunicação com os tanques do navio. Carregar e descarregar eram operações perigosas porque gases voláteis, altamente explosivos, se formavam nos tanques acima do óleo bruto — tanques vazios eram ainda mais perigosos até serem lavados. Nos petroleiros mais modernos, para aumentar a segurança, nitrogênio — um gás inerte — era bombeado no espaço vazio dos tanques, para ser expelido aos poucos. O Rikomaru não possuía este equipamento.

Ouviram o engenheiro-chefe gritar para os homens que estavam na barcaça: "Fechem a válvula", depois virar-se para a ponte e levantar os polegares para o capitão, que viu o sinal, e disse para Kasigi, em japonês: — Temos permissão para partir, assim que pudermos? — O capitão era um homem magro, de cara esticada,

vestido com uma camisa branca e bermudas, meias brancas e sapatos, dragonas e um boné de estilo naval.

— Sim, capitão Moriyama. Quanto tempo vai levar?

— Duas horas, no máximo, para fazer a limpeza e recolher as amarras. — Isto significava enviar o bote para soltar as correntes de proa que estavam presas às boias, depois tornar a prendê-las nas âncoras do navio.

— Ótimo. — Voltando-se para de Plessey e Scragger, Kasigi disse em inglês: — Estamos com o carregamento completo e prontos para partir. Daqui a umas duas horas estaremos a caminho.

— Excelente — respondeu de Plessey, igualmente aliviado. — Agora podemos relaxar.

A operação correria muito bem. A segurança fora reforçada em toda a ilha e no navio. Tudo que podia ser verificado o foi. Só três iranianos, que eram imprescindíveis, puderam entrar no navio.

Todos foram revistados e estavam sendo cuidadosamente vigiados por um tripulante japonês. Não tinha havido qualquer sinal da presença de inimigos entre os iranianos que estavam em terra. Todos os lugares que pudessem esconder explosivos ou armas foram revistados.

— Talvez aquele pobre rapaz de Siri Um tenha se enganado, Scragger, mon ami.

— Talvez — respondeu Scragger. — Mesmo assim, cara, eu acho que o jovem Abdullah Turik foi assassinado. Ninguém fica com o rosto e o olho mutilados daquela maneira por cair de uma plataforma num mar calmo. Pobre infeliz.

— Mas os tubarões, capitão Scragger — disse Kasigi, igualmente inquieto —, os tubarões poderiam ter causado aqueles ferimentos.

— Sim, poderiam. Mas aposto a minha vida que foi por causa da dica que ele me deu.

— Espero que você esteja enganado.

— Aposto que nunca vamos saber a verdade — disse Scragger, tristemente. — Quai foi a palavra que o senhor usou, sr. Kasigi? Carma. O carma daquele pobre infeliz foi curto e não muito doce.

Os outros concordaram. Em silêncio, observaram o navio sendo separado do duto que o ligava à barçaça.

Para ver melhor, Scragger foi para o lado da ponte. Sob a luz dos holofotes, os trabalhadores estavam desatarraxando, com dificuldade, o cano de trinta centímetros do sistema de válvulas da barça. Seis homens estavam lá. Dois japoneses, três iranianos, e um engenheiro francês.

Na frente deles estendia-se o tombadilho, no meio do qual estava o seu 206. Ele tinha pousado lá por sugestão de de Plessey e com a permissão de Kasigi.

— Bom — dissera Scragger ao francês —, eu o levo de volta a Siri, ou Lengeh, como você quiser.

— Yoshi Kasigi sugeriu que passássemos a noite aqui, Scrag, e voltássemos de manhã. Será uma novidade para você. Podemos partir de madrugada e voltar a Lengeh. Venha para bordo. Eu teria muito prazer.

Então ele pousara no petroleiro ao pôr-do-sol, sem saber bem por que aceitara o convite, mas ele tinha feito um pacto com Kasigi e achou que devia honrá-lo. Além disso, sentia-se responsável pelo jovem Abdullah Turik. A visão do corpo do rapaz o abalara muito e o fizera desejar permanecer em Siri até o petroleiro partir. Então ele fora e tentara ser um bom hóspede, concordando em parte com de Plessey que, afinal de contas, a morte do rapaz talvez tivesse sido apenas uma coincidência e que suas precauções de segurança evitariam qualquer tentativa de sabotagem.

Desde que o carregamento começara, no dia anterior, todos tinham estado tensos. Esta noite mais ainda. As notícias da BBC foram novamente muito ruins, com informações de grandes batalhas em Teerã, Meshed e Qom. Além disso, havia o relatório de McIver que Ayre transmitira cuidadosamente de Kowiss, em francês — notícias da invasão do aeroporto internacional de Teerã, do possível golpe e de Kyabi. O assassinato de Kyabi também abalara de Plessey. E tudo isso, associado à boataria entre os iranianos, tornara a noite sombria. Rumores de uma iminente intervenção militar dos Estados Unidos, de uma iminente intervenção da União Soviética, de tentativas de assassinato contra Khomeini, contra Bazargan, o primeiro-ministro escolhido por ele, contra Bakhtiar, o primeiro-ministro legal, contra o embaixador dos Estados Unidos, rumores de

que o golpe de estado militar ocorreria naquela noite, em Teerã, de que Khomeini já estava preso, de que todas as Forças Armadas já tinham capitulado e Khomeini já era, de fato, governante do Irã e que o general Nassiri, chefe da Savak, fora capturado, julgado e morto.

— Os boatos não podem ser todos verdadeiros — dissera-lhes Kasigi. — Não há nada que possamos fazer a não ser esperar.



Fora um bom anfitrião. Toda a comida era japonesa. Até a cerveja. Scragger tentara disfarçar seu desagrado pelo hors d'oeuvre de sushi, mas gostou muito da galinha frita com molho agri-doce, do arroz, dos camarões fritos e dos legumes na manteiga.

— Mais uma cerveja, capitão Scragger? — oferecera Kasigi.

— Não, obrigado. Eu só me permito uma, embora reconheça que é muito boa. Talvez não tão boa quanto a Foster's, mas quase.

— O senhor não sabe o cumprimento que recebeu, sr. Kasigi. Para um australiano, dizer que uma cerveja é quase tão boa quanto a Foster's é um elogio e tanto — disse de Plessey sorrindo.

— Oh, sim, eu sei, sr. de Plessey. Quando estou na Austrália eu prefiro a Foster's.

— O senhor passa muito tempo lá? — perguntara Scragger.

— Oh, sim. A Austrália é uma das maiores fornecedoras de matéria-prima para o Japão. Minha companhia tem enormes cargueiros para transportar carvão, minério de ferro, trigo, arroz e soja — dissera Kasigi. — Nós importamos quantidades enormes do seu arroz, embora grande parte se destine à fabricação da nossa bebida nacional, o saque. O senhor já experimentou o saque, capitão?

— Sim, uma vez. Mas é uma bebida forte... não gosto muito de saque.

— Eu concordo — disse de Plessey, e acrescentou, em seguida —, exceto no inverno, como chocolate quente. O senhor falava sobre a Austrália?

— Eu gosto muito do país. Meu filho mais velho está na Universidade de Sydney, e nós o visitamos de vez em quando. É uma terra maravilhosa — tão grande, tão rica, tão vazia.

Sim, pensava Scragger, com severidade. Você quer dizer tão vazia e esperando para ser invadida pelas suas milhões de formigas operárias? Graças a Deus, estamos a milhares de quilômetros de distância e os Estados Unidos nunca permitirão que nos controlem.

— Bolas! — dissera-lhe McIver uma vez, durante uma discussão amistosa, quando ele, McIver e Pettikin estavam passando uma semana de licença em Cingapura, há dois anos. — Se em algum momento do futuro o Japão escolhesse a hora certa, digamos quando os Estados Unidos estivessem às voltas com a Rússia, os Estados Unidos não poderiam fazer nada para ajudar a Austrália. Acho que eles fariam um acordo e...

— Dirty Duncan perdeu o juízo, Charlie — dissera Scragger.

— Tem razão — concordara Pettikin. — Ele só está implicando com você, Scrag.

— Oh, não, não estou. O seu verdadeiro protetor é a China. Aconteça o que acontecer, a China estará sempre lá. E só a China sempre terá condições de deter o Japão, caso este fique suficientemente poderoso para se expandir para o sul. Meu Deus, a Austrália é o grande prêmio do Pacífico, a arca do tesouro do Pacífico, mas nenhum dos caras lá se preocupam em planejar para o futuro ou em usar essa vantagem. Tudo o que vocês querem são três dias de folga por semana, com mais salário por menos trabalho, escola gratuita, serviço médico gratuito, previdência gratuita, e que outros idiotas cuidem da defesa. Vocês são piores do que a pobre e velha Inglaterra que não tem nada! O verdadeiro pro...

— Vocês têm o petróleo do mar do Norte. E se isso não é uma sorte dos diabos eu...

— O problema mesmo é que vocês, imbecis, não sabem distinguir entre o seu cu e um buraco na parede.

— Sente-se Scrag! — dissera Pettikin, ameaçadoramente. — Você concordou em não brigar. Tente acertar Mac quando não estiver bêbado, se não vai acabar na sarjeta. Ele pode ter pressão alta, mas ainda é faixa-preta.

— Eu acertar Dirty Duncan? Você deve estar brincando, cara. Eu não bato em velhos...

Scragger sorriu consigo mesmo, lembrando a bebedeira que tomaram para se despedir das bebedeiras. Cingapura é um bom lugar, pensou, depois tornou a prestar atenção no navio, sentindo-se melhor, bem-alimentado e muito satisfeito do navio já estar carregado.

A noite foi ótima. Bem acima dele, viu as luzes de navegação de um avião que ia em direção a oeste e ficou imaginando para onde ele iria, qual seria a linha aérea e quantos passageiros estariam a bordo. Sua visão noturna era excelente e podia ver que, agora, os homens na barcaça tinham quase acabado de desatarraxar o cano. Quando este fosse içado para bordo, o petroleiro poderia partir. De madrugada, o Rikomaru estaria no estreito de Ormuz e ele decolaria e voaria para casa em Lengeh com de Plessey.

De repente, seus olhos alerta viram alguns homens se afastarem correndo do ponto de junção do duto, meio iluminado pelos holofotes, que ficava bem no início da praia. Sua atenção se concentrou neles.

Houve uma pequena explosão e, em seguida, um clarão de fogo quando o óleo incendiou. Todos a bordo observavam perplexos. As chamas começaram a se espalhar, e eles ouviram gritos — em farsi e em francês — vindos de terra. Homens corriam, saindo das barracas e da área dos reservatórios.

De repente, o ruído feio de uma metralhadora disparada na escuridão. Pelo sistema de alto-falantes do navio, ouviu-se a voz do capitão falando em japonês: — Posição de combate!

Imediatamente, os homens na barcaça redobram seus esforços, apavorados que o fogo pudesse espalhar-se pelo cano até a barcaça e esta explodisse. Assim que o bocal se soltou da válvula, os iranianos pularam para o barco e fugiram, tendo terminado seu trabalho. O engenheiro francês e um marujo japonês correram pela

prancha enquanto o guincho do navio começava a arrastar o cano para bordo.

Sob o tombadilho, a tripulação correrá para colocar-se em posição de defesa, alguns na casa de máquinas, alguns na ponte, outros nos passadiços principais. Por um momento, os três iranianos que controlavam o fluxo de combustível do navio foram deixados sozinhos. Eles correram para o tombadilho.

Um deles, Said, fingiu que tropeçava e caía perto da entrada do tanque principal. Quando teve certeza de que não estava sendo observado, abriu rapidamente as calças e pegou a pequena bomba de explosivo plástico que passara despercebida quando o revistaram ao subir a bordo. Tinha prendido a bomba na parte interior da coxa, bem em cima, entre as pernas. Rapidamente, ativou o detonador químico que explodiria em uma hora, prendeu a bomba atrás da válvula principal e correu para o passadiço. Quando chegou no tombadilho, ficou perplexo ao ver que os homens que estavam na barcaça não tinham esperado por ele e que o barco já estava quase na praia. Os outros dois iranianos discutiam excitadamente, também enfurecidos por terem sido deixados a bordo. Nenhum deles pertencia à sua organização de esquerda.

Na praia, o óleo derramado estava incendiando, mas o bombeamento fora interrompido e o vazamento isolado. Três homens tinham-se queimado muito, um francês e dois iranianos. O carro de bombeiro despejava água salgada nas chamas, retirando-a do golfo. Não havia vento e a fumaça negra tornava ainda mais difícil o combate ao fogo.

— Despejem um pouco de espuma — gritou Legrande, o administrador francês. Quase louco de ódio, ele tentou conseguir um pouco de ordem, mas todo mundo corria de um lado para o outro sob os holofotes, sem saber o que fazer. — Jacques, junte todo mundo e vamos contar o pessoal. O mais depressa que puder. — Contaram ao todo sete franceses e trinta iranianos na ilha. A equipe de segurança, formada por três homens, saiu correndo no meio da escuridão, sem armas a não ser bastões malfeitos, sem saber qual a próxima sabotagem nem de onde viria.

— M'sieur — acenava o médico iraniano para Legrande. Legrande caminhou em direção à praia, para o sistema de canos e válvulas que ligavam os tanques à barcaça. O médico ajoelhava-se ao lado de dois dos feridos que estavam deitados num pedaço de lona, inconscientes e em choque. Um deles tivera o cabelo inteiramente queimado, bem como a maior parte do rosto, o outro foi atingido por um jato de óleo, na explosão inicial, que incendiara instantaneamente suas roupas, causando-lhe queimaduras de primeiro grau por quase todo o corpo.

— Madonna — murmurou Legrande e fez o sinal-da-cruz, ao ver a pele toda queimada, mal reconhecendo seu capataz iraniano.

Um dos engenheiros franceses estava sentado, dobrado em dois, gemendo baixinho, com os braços e as mãos queimados.

Entremeava sua agonia a uma torrente constante de palavrões.

— Vou levá-lo para o hospital o mais depressa que puder, Paul.

— Encontre esses filhos da puta e queime-os — rosnou o engenheiro e depois tornou a se concentrar no seu sofrimento.

— Claro — disse Legrande, sentindo-se impotente, e falou para o médico — Faça o que puder, vou solicitar uma emergência. — Correu para a sala de rádio que ficava em uma das barracas, com os olhos se ajustando à escuridão. Então notou dois homens do outro lado da pista, subindo pela trilha de uma pequena elevação. Do outro lado da elevação, havia uma enseada com um cais, usado para velejar e nadar. Aposto que os filhos da puta têm um barco lá, pensou na mesma hora. Então, transtornado de raiva, gritou na direção deles: — Filhos da puuuuta!

Quando houve a primeira explosão, de Plessey tinha corrido para o rádio, localizado na ponte, através do qual o navio se comunicava com a praia.

— Vocês já acharam essa metralhadora? — perguntou ao subgerente da base, em francês. Ao lado dele, Scragger, Kasigi e o capitão estavam igualmente tensos. As luzes da ponte estavam fracas. Lá fora, a lua brilhava alta.

— Não, m'sieur. Depois da primeira rajada, os atacantes desapareceram.

— Quai foi o dano causado ao sistema de bombeamento?

— Não sei. Estou esperando por um... ah, um momento, m'sieur Legrande está aqui. — Depois de um momento ouviu-se de novo em francês: — Aqui é Legrande. Três queimados, dois iranianos em estado grave, o outro é Paul Beaulieu, mãos e braços. Peçam uma emergência imediatamente. Vi dois homens se dirigindo para a enseada, provavelmente os sabotadores, e eles devem ter um barco lá. Estou reunindo todo mundo para ver quem está faltando.

— Sim, imediatamente. E os danos?

— Não são muito graves. Com sorte, consertaremos tudo em uma semana; com certeza estará tudo consertado para a chegada do próximo petroleiro.

— Irei para terra assim que puder. Espere um momento! — De Plessey olhou para os outros e contou-lhes o que Legrande dissera. Scragger disse imediatamente: — Eu me encarregarei da emergência, não é preciso solicitá-la.

— Tragam os feridos para o navio; nós temos uma sala de cirurgia e um médico. Ele é muito experiente, especialmente com queimaduras — disse Kasigi.

— Ótimo! — Scragger saiu correndo.

— Nós vamos lidar com a emergência aqui. Ponham os homens em maças.

O capitão Scragger vai trazê-los para bordo imediatamente. Há um médico aqui — disse de Plessey, ao microfone.

Um jovem oficial japonês entrou e falou rapidamente com o capitão, que sacudiu a cabeça, respondeu sumariamente e depois explicou em inglês a de Plessey: — Os três iranianos que foram deixados a bordo, quando os outros que estavam na barcaça fugiram, querem ser levados para terra imediatamente. Eu disse que eles podiam esperar. — Então chamou a sala de máquinas, preparando-se para avançar.

Kasigi olhava para a ilha. E para os tanques. Preciso daquele óleo, pensou, e preciso que a ilha fique a salvo. Mas ela não está a salvo e nada do que eu possa fazer vai mantê-la a salvo.

— Vou até a praia — disse de Plessey e saiu. Scragger já estava no 206, tirando as portas de trás.

— O que está fazendo, Scrag? — perguntou de Plessey.

— Posso colocar a maca no assento de trás e prendê-la bem. É mais rápido do que montar um guincho para carregar as maçãs.

— Vou com você.

— Pule para dentro!

Uma algazarra chamou a atenção deles. Eram os três iranianos que tinham vindo correndo e gesticulavam com veemência. Estava claro que queriam ir para terra no helicóptero.

— Vamos levá-los, Scrag?

Scragger já estava sentado no lugar do piloto, com os dedos apertando os botões.

— Não, você tem uma emergência, eles não. Entre, meu velho.

— Apontou para o assento da direita e depois fez sinal para os iranianos se afastarem. — Nah, ajaleh daram. Não, estou com pressa — disse, usando uma das poucas expressões em farsi que conhecia. Dois deles recuaram obedientemente. O terceiro, Said, escorregou para o assento traseiro e começou a amarrar o cinto.

Scragger sacudiu a cabeça, fazendo sinal para ele descer. O homem não deu atenção, falou rapidamente, forçou um sorriso e apontou para a praia.

Impacientemente, Scragger fez sinal para ele sair, com um dos dedos apertando o botão para ligar o motor. Este pegou instantaneamente. Mais uma vez o homem se recusou a sair e, zangado, apontou para a praia, com a voz abafada pelo barulho do motor. Por um momento, Scragger pensou, sim, por que não? Então notou o suor pingando do rosto do homem, seu macacão ensopado de suor, e como que farejou-lhe o medo.

— Fora! — disse, estudando-o cuidadosamente.

Said não lhe deu atenção. Acima deles, as hélices giravam devagar, ganhando velocidade.

— Deixe-o ficar — gritou de Plessey. — É melhor irmos depressa. Repentinamente, Scragger desligou o motor e com uma força enorme para um homem tão pequeno, soltou o cinto de Said e jogou o homem no tombadilho, meio desmaiado, antes que alguém soubesse o que estava acontecendo. Pôs as mãos em torno da boca e gritou para a ponte: — Ei, aí em cima! Kasigi! Este cara está ansioso demais para cair fora.

Ele não estava lá em baixo? — Sem esperar pela resposta, tornou a pular para a cabine e ligou o motor.

— O que foi que você viu naquele homem? — perguntou-lhe de Plessey. Scragger deu de ombros.

Antes mesmo dos motores terem alcançado força total, os marinheiros já tinham agarrado o homem e mais os outros dois e os levaram para a ponte.

O 206 foi como uma flecha até a praia. Os dois feridos já estavam em macas. Rapidamente, uma das macas foi amarrada no lugar do banco de trás. Scragger ajudou o francês ferido, que estava com as mãos e os braços enfaixados, a se sentar no banco da frente, ao lado dele, e tentando não sentir o mau cheiro, levantou voo e retornou, pousando como uma pluma. Os enfermeiros e o médico esperavam com plasma e morfina já preparados.

Em segundos, Scragger tornou a ir até a praia. Em mais alguns segundos a outra maca estava no lugar e ele já estava de volta, pousando suavemente. Mais uma vez o médico esperava, com a agulha preparada, e mais uma vez ele se abaixou e correu em direção à maca, sob as hélices que giravam.

Desta vez, porém, ele não usou a agulha.

— Sinto muito — disse num inglês hesitante. — Este homem está morto. — Depois, mantendo a cabeça abaixada, ele se dirigiu rapidamente ao seu consultório. Os enfermeiros retiraram o corpo.

Depois que Scragger já tinha parado e estava com tudo desligado e seguro, ele foi até a amurada do navio e vomitou violentamente. Desde que tinha visto, ouvido e cheirado um piloto num bimotor em chamas, há muitos e muitos anos, era um pesadelo para ele pensar que poderia se ver na mesma situação. Nunca fora capaz de suportar o cheiro de queimado de carne e de cabelo humanos.

Depois de algum tempo, enxugou a boca, respirando ar puro, e abençoou a sua sorte. Tinha sido derrubado três vezes, duas delas pegando fogo, mas sempre conseguira escapar são e salvo. Várias vezes tinha sido obrigado a fazer uma cambalhota com o helicóptero para salvar-se e aos passageiros, por duas vezes na selva e sobre as árvores, uma vez com um motor pegando fogo. Mas o meu nome

não estava na lista, pensou — pelo menos dessas vezes. Ouviu passos se aproximando.

Virou-se e viu Kasigi que atravessava o tombadilho com uma garrafa de cerveja Kirin gelada em cada mão.

— Perdoe-me por favor, mas aqui está — disse Kasigi, gravemente, oferecendo a cerveja. — Queimaduras me causam a mesma coisa. Eu também passei mal. Eu... eu fui até a sala de operações para ver como os feridos estavam e... passei muito mal.

Scragger bebeu agradecido. O líquido gelado, com sabor de lúpulo, com bolhas que faziam cócegas enquanto ele bebia, reanimou-o.

— Jesus Cristo, como isso estava bom. Obrigado, cara. — E tendo dito isso uma vez foi fácil dizer de novo. — Obrigado, cara. — Kasigi ouviu aquilo duas vezes e considerou uma grande vitória. Os dois olharam para o marinheiro que se aproximava rapidamente deles com uma mensagem na mão.

Entregou-a a Kasigi, que foi para perto da luz mais próxima, pôs os óculos e leu. Scragger viu-o ofegar e ficar cada vez mais pálido.

— Más notícias?

— Não... só... só problemas — disse Kasigi, hesitante.

— Há alguma coisa que eu possa fazer?

Kasigi não respondeu. Scragger esperou. Podia ver o turbilhão nos olhos do homem embora não no seu rosto, e tinha certeza que Kasigi estava tentando decidir se contava ou não a ele. Então Kasigi disse: — Acho que não. É... É a respeito do nosso pólo petroquímico em Bandar Delam.

— O que o Japão está construindo? — Como todo mundo no golfo, Scragger sabia a respeito do fabuloso empreendimento de três e meio bilhões de dólares que, quando estivesse pronto, seria o maior complexo petroquímico da Ásia Menor e do Oriente Médio, tendo como setor principal uma fábrica de trezentas mil toneladas de etileno. Vinha sendo construído desde 1971 e estava quase pronto. — É uma fábrica e tanto.

— Sim, mas está sendo construída pela indústria privada japonesa, não pelo governo japonês — disse Kasigi. — A fábrica Irã-Toda está sendo financiada pela iniciativa privada.

— Ah — disse Scragger, entendendo onde ele queria chegar. — Navegação Toda, Irã-Toda? Vocês são uma mesma companhia?

— Sim, mas nós somos apenas uma parte do grupo japonês que forneceu dinheiro e assistência técnica para o xá... para o Irã. — Kasigi corrigiu-se. Que todos os deuses, grandes e pequenos, amaldiçoem esta terra, e todos os que vivem nela, amaldiçoem o xá por criar toda essa crise do petróleo, amaldiçoem a OPEP, amaldiçoem todos os fanáticos e mentirosos que vivem aqui. Olhou para a mensagem outra vez e ficou satisfeito em ver que sua mão não estava mais tremendo. O comunicado, escrito no código particular usado pelo seu presidente, Hiro Toda, dizia: "URGENTE. Devido à intransigência contínua e absoluta do Irã, ordenei, finalmente, que interrompessem por completo a obra em Bandar Delam. O custo atual ultrapassa 550 milhões de dólares e chegaria, provavelmente, a um bilhão, antes que pudéssemos iniciar a produção.

Atualmente, estamos pagando juros de 495 mil dólares por dia. Devido à infame pressão secreta exercida pela 'Espada Partida', o nosso Plano de Contingência 4 foi rejeitado. Vá, com urgência, para Bandar Delam e apresente-me um relatório pessoal. O engenheiro-chefe, diretor Watanabe, o aguarda. Por favor acuse recebimento."

E impossível chegar lá, pensou Kasigi, desanimado. E se o Plano 4 foi rejeitado, estamos arruinados.

O Plano de Contingência 4 recomendava que Hiro Toda tentasse conseguir com o governo japonês empréstimos a juros baixos para cobrir os déficits e, ao mesmo tempo, discretamente, que o primeiro-ministro declarasse o complexo da Irã-Toda em Bandar Delam um 'Projeto Nacional'.

'Projeto Nacional' significava que o governo reconhecia a natureza vital do empreendimento e o patrocinaria até o final. 'Espada Partida' era a expressão que usavam para designar o inimigo pessoal e maior rival de Toda, Hideyoshi Ishida, que liderava o poderosíssimo grupo de companhias conhecidas sob o nome geral de Mitsuwari.

Que todos os deuses amaldiçoem aquele verme ciumento e mentiroso do Ishida, pensava Kasigi, quando disse: — A minha

companhia é apenas uma das muitas do grupo.

— Eu sobrevoei a sua fábrica uma vez — disse Scragger —, indo da nossa base para Abadan.

Estava transportando um 212. Você está tendo problemas — Temporários... — Kasigi parou e olhou para ele. As partes de um plano se encaixaram em sua cabeça. — Alguns problemas temporários... importantes, mas temporários. Como você sabe, temos tido muitos problemas desde o início, e nenhum deles por culpa nossa. Primeiro foi fevereiro de 1971, quando 23 produtores de petróleo assinaram o acordo de preços da OPEP, formaram o seu cartel e dobraram o preço para US\$2,16... depois a Guerra do Yom Kippur em 1973, quando a OPEP

cortou o fornecimento dos Estados Unidos e elevou o preço para US\$5,12. Depois a catástrofe de 1974, quando a OPEP reiniciou o fornecimento mas tornou a dobrar os preços, para US\$10,95 e iniciou uma recessão mundial. Por que os Estados Unidos permitiram que a OPEP destruísse a economia mundial, quando só eles tinham o poder de esmagá-los, é uma coisa que nunca saberemos.

Baka! E agora nós somos um brinquedo para a OPEP, o nosso maior fornecedor, o Irã, está vivendo uma revolução, o petróleo está custando quase vinte dólares o barril e nós temos que pagar, não há outro jeito. — Fechou o punho para dar um soco na amurada, depois abriu a mão, aborrecido com sua falta de controle. — Quanto à Irã-Toda — disse, esforçando-se para aparentar calma —, como todo mundo, nós achamos os iranianos muito... muito difíceis de lidar nestes últimos anos. — Apontou para a mensagem. — O meu presidente me ordenou que fosse para Bandar Delam.

— Isso vai ser arriscado e difícil — disse Scragger, depois de um assovio.

— Sim.

— É importante?

— Sim. Sim, é. — Kasigi deixou que isso ficasse pairando no ar, certo de que Scragger sugeriria a solução. Na praia, a área em torno do sistema de válvulas sabotado, encharcada de óleo, ainda queimava. No momento, o carro de bombeiro espalhava espuma. Podiam ver de Plessey ali perto, conversando com Legrande.

— Ouça, meu velho — disse Scragger —, você é um cliente importante de de Plessey, não é? Ele poderia lhe arranjar um voo. Nós temos um 206 de reserva. Se ele concordasse... todos os nossos aparelhos foram contratados pela IranOil, o que significa por de Plessey, talvez conseguíssemos permissão do controle de tráfego aéreo para levá-lo pela costa; ou se você conseguisse permissão da Imigração em Lengeh, talvez pudéssemos levá-lo através do golfo para Dubai ou Al Shargaz. De lá, talvez você consiga um voo para Abadan ou Bandar Delam. De qualquer maneira, meu chapa, de Plessey pode conseguir a etapa inicial.

— Você acha que ele o faria?

— Por que não? Você é importante para ele.

Kasigi estava pensando. É claro que somos muito importantes para ele e ele sabe disso. Mas eu nunca vou esquecer aquele ágio de dois dólares por barril.

— Desculpe, o que foi que você disse?

— Eu disse, o que fez vocês iniciarem o projeto, afinal de contas? É bem longe de casa e tinha que trazer muitos problemas. O que fez vocês começarem?

— Um sonho. — Kasigi gostaria de ter acendido um cigarro, mas só era permitido fumar em algumas áreas à prova de incêndio. — Há onze anos, em 1968, um homem chamado Banjiro Kayama, um engenheiro que trabalhava na minha companhia e era parente do nosso presidente, Hiro Toda, estava passando de carro pelos campos de petróleo em volta de Abadan. Era sua primeira visita ao Irã e em toda parte que ele foi, viu jatos de gás natural queimando. De repente, ele teve uma ideia: por que não podemos transformar todo este gás desperdiçado em petroquímicos? Nós temos a tecnologia e a experiência e somos do tipo que planeja a longo prazo. A habilidade e o dinheiro japoneses aliados às matérias-primas iranianas que eram, então, totalmente desperdiçadas! Uma ideia brilhante, rara e pioneira! O planejamento inicial levou três anos, o tempo estritamente necessário, embora rivais ciumentos dissessem que andamos depressa demais, ao mesmo tempo que tentavam roubar nossas ideias e envenenar outras pessoas contra nós. Mas o plano Toda foi para a frente e os três e meio bilhões de dólares

foram levantados. Evidentemente, nós somos só uma parte do grupo Gyokotomo-Mitsuwari-Toda, mas os navios Toda transportarão a parte que cabe ao Japão dos produtos que nossas indústrias necessitam desesperadamente. — Se conseguirmos terminar as instalações, pensou desanimado.

— E agora o sonho virou um pesadelo? — perguntou Scragger. — Eu não ouvi... não se disse que o projeto estava sem dinheiro?

— Os inimigos espalham todo tipo de rumores. — Sob o ronco constante dos geradores do navio, seus ouvidos escutaram o início de um grito que ele já estava esperando, surpreso de que tivesse demorado tanto para ouvi-lo. — Quando de Plessey voltar para o navio, você me ajudará?

— Com prazer. Ele é o homem que... — Scragger parou. Mais uma vez o grito. — As queimaduras são terrivelmente dolorosas.

Kasigi balançou a cabeça.

Um novo jato de fogo atraiu a atenção deles para a praia. Observaram os homens que estavam lá.

Agora o fogo estava quase sob controle. Outro grito. Kasigi procurou não prestar atenção, com a cabeça em Bandar Delam e na resposta que tinha que mandar para Hiro Toda. Se alguém pode resolver este problema, esse alguém é Hiro Toda. Ele tem que resolver. Se não o fizer, estou arruinado, o fracasso dele é também o meu.

— Kasigi-san! — Era o capitão chamando da ponte.

— Hai!

Scragger escutou a torrente de japonês que vinha do capitão, e o som do japonês não era agradável aos seus ouvidos.

— Domo — Kasigi respondeu, parecendo estarrecido; depois falou com urgência para Scragger, esquecendo tudo o mais — Vamos! — E foi correndo na frente em direção ao passadiço. — O iraniano, você se lembra, o que você expulsou do helicóptero? Ele é um Sabotador e colocou uma bomba lá embaixo.

Scragger seguiu Kasigi através da escotilha, desceu os degraus do passadiço de dois em dois, correu pelo corredor, desceu de um convés para outro e então se lembrou dos gritos. Bem que eu achei

que eles vinham da ponte e não lá de baixo!, disse a si mesmo. O que será que fizeram com ele?

Chegaram onde estava o capitão e o engenheiro-chefe. Dois marinheiros furiosos vinham arrastando o aterrorizado Said. Lágrimas corriam pelo seu rosto e ele balbuciava incoerentemente, com uma das mãos segurando as calças. Parou, tremendo e gemendo, e apontou para a válvula. O capitão ficou de cócoras. Com muito cuidado, colocou a mão atrás da enorme válvula. Então levantou-se. O explosivo plástico estava na mão dele. O mecanismo de tempo era químico, um frasco enterrado no explosivo e preso firmemente por uma fita adesiva.

— Desligue-o — disse zangado em farsi e estendeu-o para o homem que recuou, gaguejando e gritando.

— Não se pode desligá-lo. Já está atrasado para explodir... não compreende!

— Ele diz que está atrasado! — Traduziu o capitão, paralisado. Antes que pudesse se mexer, um dos marinheiros tirou o explosivo de suas mãos e arrastando Said com ele, empurrando-o para a frente, correu para o passadiço. Não havia vigias nesse convés mas havia no outro. A vigia mais próxima ficava em um canto do corredor, presa por dois pesados parafusos de borboleta. Ele quase atirou Said sobre ela, gritando que a abrisse. Com a mão livre, começou a desatarraxar um lado. A borboleta caiu, depois a de Said. O marinheiro abriu a vigia. Neste instante, a bomba explodiu e arrancou suas mãos, a maior parte do seu rosto e despedaçou a cabeça de Said, espalhando sangue por toda parte.

Os outros, que estavam subindo, quase foram lançados de volta ao passadiço com a explosão. Kasigi aproximou-se e ajoelhou ao lado dos corpos. Sacudiu a cabeça como se estivesse entorpecido.

— Carma — murmurou o capitão, quebrando o silêncio.

13

EM TEERÃ: 20:33H.

Depois de deixar McIver perto do seu escritório, Tom Lochart fora para casa — alguns desvios, alguns policiais zangados, mas nada de muito inconveniente. Morava em um belo apartamento de cobertura num edifício moderno de seis andares, na melhor área residencial da cidade — um presente de casamento do sogro. Xarazade esperava por ele, e se pendurou no seu pescoço, beijando-o apaixonadamente. Pediu que ele sentasse em frente ao fogo, tirou-lhe os sapatos, correu para apanhar um pouco de vinho, que estava exatamente na temperatura que ele gostava, trouxe-lhe uns aperitivos dizendo que o jantar logo estaria pronto, correu para a cozinha e na sua voz suave e cantada, apressou a empregada e o cozinheiro dizendo que o senhor estava em casa e com fome, depois voltou e se sentou aos pés dele — no chão coberto de tapetes luxuosos — com os braços em volta dos joelhos, adorando-o.

— Estou tão feliz em vê-lo, Tommy, senti tanto a sua falta — seu inglês era adorável. — Oh, eu me diverti muito ontem e hoje.

Ela usava calças persas de seda leve e uma blusa comprida e folgada e, para ele, era absolutamente maravilhosa. E desejável. Dentro de poucos dias ela faria 23 anos. Ele tinha 42. Estavam casados há quase um ano e ele ficara enfeitiçado desde o primeiro momento em que a viu.

Isso aconteceu há pouco mais de três anos, num jantar em Teerã dado pelo general Valik. Era início de setembro, exatamente o final das férias de verão na Inglaterra, e Deirdre, a mulher de Tom, estava na Inglaterra com a filha deles, passando as férias, e justamente naquela manhã ele tinha recebido outra carta irritada dela, insistindo que ele escrevesse a Gavallan para solicitar uma transferência imediata: "Eu odeio o Irã, não quero mais viver aí. A Inglaterra é tudo o que quero, tudo o que Mônica quer. Por que você

não pensa em nós, para variar, ao invés de pensar nos seus malditos aviões e na sua maldita companhia? Toda a minha família está aqui, todos os meus amigos estão aqui, e todos os amigos de Mônica estão aqui. Já estou farta de morar no estrangeiro e quero ter minha própria casa, perto de Londres, com um jardim, ou até mesmo na cidade — há várias pechinchas em Putney e Clapham Common. Estou farta de estrangeiros e postos no estrangeiro, e não aguento mais a comida iraniana, a sujeira, o calor, o frio, essa língua horrorosa, esses banheiros horrorosos, ter que me agachar como um animal, e os hábitos horríveis, os modos — tudo. Está na hora de resolvermos nossa situação, enquanto ainda sou jovem..."

— Excelência?

O garçom empertigado e sorridente apresentou-lhe uma bandeja de drinques, na maioria bebidas não-alcoólicas. Muitos muçulmanos da classe média e alta bebiam na intimidade de suas casas, poucos em público — havia todo tipo de vinhos e bebidas alcoólicas à venda em Teerã, e também nos bares de todos os hotéis modernos. Não havia nenhum tipo de restrição quanto a estrangeiros beberem em público ou em particular, ao contrário da Arábia Saudita — e alguns dos Emirados — onde qualquer pessoa que fosse apanhada bebendo, qualquer uma, estava sujeita ao castigo do açoite, determinado no Corão — Mamoonan, obrigado — disse educadamente e aceitou um cálice do vinho branco persa que fora aperfeiçoado por quase três milênios, mal notando o garçom ou os outros convidados, incapaz de se livrar da depressão e irritado por ter concordado em ir à festa substituindo McIver, que fora chamado ao QG, em Al Shargaz, do outro lado do golfo.

— Mas, Tom, você sabe falar farsi — dissera McIver, distraidamente; e alguém tem que ir. Sim, pensou, mas Mac bem que podia ter pedido a Charlie Pettikin.



Já eram quase nove horas, o jantar ainda não fora servido, ele estava em pé, perto de uma das portas que davam para os jardins, olhando para fora, para os candelabros e para os gramados, onde tinham estendido belíssimos tapetes em que alguns convidados sentavam-se ou reclinavam-se, enquanto outros estavam em pé, em grupos, sob as árvores ou perto do pequeno lago. A noite era suave e estrelada, a casa rica e espaçosa — no bairro de Shemiran, ao pé das montanhas Elburz — e a festa lhe parecia igual a quase todas as outras, onde, como ele sabia falar farsi, era sempre bem-vindo.

Todos os iranianos estavam muito bem vestidos, havia muita alegria e muitas joias, comida em abundância nas mesas, tanto europeia quanto iraniana, quente e fria, conversava-se sobre a última peça de Londres ou Nova York ou "Você vai esquiar em St. Moritz ou vai passar o verão em Cannes", sobre o preço do petróleo e os mexericos da corte e "Sua Majestade Imperial isso ou Sua Majestade Imperial aquilo", tudo pontilhado pela gentileza, elogios e cumprimentos extravagantes que eram tão necessários na sociedade iraniana — mantendo uma aparência calma, educada e gentil que raramente era penetrada por um estranho, muito menos por um estrangeiro.

Nessa época, ele estava trabalhando em Galeg Morghi, um aeroporto militar em Teerã, treinando pilotos da Força Aérea iraniana. Dentro de dez dias deveria partir para seu novo posto em Zagros, sabendo muito bem que esse novo esquema, de duas semanas em Zagros e uma semana em Teerã, enfureceria ainda mais sua mulher. Naquela manhã, num acesso de raiva, ele respondera à carta dela, enviando-a por entrega especial: "Se você quer ficar na Inglaterra, fique, mas pare de encher e pare de atacar o que não conhece. Compre a sua casa suburbana onde bem quiser — mas eu JAMAIS viverei lá. Jamais. Tenho um bom emprego, sou bem pago e gosto dele. Nós poderíamos ter uma vida boa se você abrisse os olhos. Você sabia que eu era um piloto quando nos casamos, sabia que esta era a vida que eu tinha escolhido, sabia que eu não iria morar na Inglaterra, sabia que é só isto o que sei fazer, de modo que não posso mudar agora. Pare de encher. Se você quer uma mudança, que seja... "

Para o inferno com tudo isso. Eu já estou cheio. Cristo, ela diz que odeia o Irã e tudo o que diz respeito ao Irã, mas não sabe nada a respeito do Irã, nunca saiu de Teerã, não quer sair, nem prova a comida e só visita umas poucas esposas inglesas — sempre as mesmas, uma minoria vulgar e intolerante, limitada, igualmente chateada e chata, com suas intermináveis partidas de bridge, seus intermináveis chás e seus "Mas querida, como você pode tolerar algo que não seja da Fortnums ou da Mark e Sparks?" — que adoram um convite para ir à embaixada britânica jantar mais um gorduroso rosbife com pudim de Yorkshire ou tomar chá com sanduíches de pepino e bolo, todas elas convencidas de que tudo que é inglês é o melhor do mundo, principalmente a cozinha britânica: cenouras cozidas, couve-flor cozida, batatas cozidas, repolho cozido, rosbife malpassado ou carneiro cozido demais como o ápice da perfeição...

— Oh, pobre Excelência, o senhor não parece nada feliz — ela tinha dito baixinho.

Tom olhara para ela e seu mundo se transformara.

— O que houve? — ela perguntou, com uma pequena ruga de preocupação no rosto oval.

— Desculpe — respondeu, por um instante sentindo-se desorientado, o coração disparando e com um aperto na garganta que nunca sentira antes. — Pensei que você fosse uma aparição, algo saído das Mil e uma noites, uma... — interrompeu-se, sentindo-se um tolo. — Sinto muito, estava a milhões de quilômetros daqui. Meu nome é Lochart, Tom Lochart.

— Eu sei — ela disse rindo. Tinha olhos castanhos luminosos. Seus lábios pareciam ter brilho, os dentes eram muito brancos, o cabelo escuro, comprido e ondulado e sua pele era da cor da terra iraniana, cor de oliva. Estava usando seda branca e um pouco de perfume e mal chegava à altura dos ombros dele. — O senhor é o terrível capitão que dá uma bronca no meu pobre primo Karim, pelo menos três vezes por dia.

— O quê? — Lochart estava achando difícil se concentrar. — Quem?

— Lá. — Ela apontou para o outro lado da sala. O jovem estava usando roupas civis e sorria para eles, e Lochart não o reconheceria

como um dos seus alunos. Muito bonito, com cabelos escuros e encaracolados, olhos escuros e bem proporcionado. — O meu primo predileto, capitão Karim Peshadi, da Força Aérea Imperial iraniana. — Ela tornou a olhar para Lochart, com seus longos cílios negros. E novamente ele sentiu o coração disparar.

Controle-se, pelo amor de Deus! Que diabo está havendo com você?

— Eu, ahn, eu procuro não brigar com eles a não ser, ahn, a não ser que mereçam... é só para salvar a vida deles. — E tentava se lembrar da folha de serviços do capitão Peshadi, mas não conseguiu e, em desespero, passou a falar em farsi. — Mas, Alteza, se me der a extrema honra, se tiver a gentileza de conversar comigo e me conceder a honra de dizer o seu nome, eu prometo que... — Tentou encontrar a palavra certa, não conseguiu e substituiu. serei eternamente seu escravo, e é claro que farei com que Sua Excelência, o seu primo, passe com a nota máxima, na frente de todos os outros!

— Oh, Excelência — respondeu em farsi, batendo palmas, encantada. — Sua Excelência o meu primo não me disse que falava nossa língua! Oh, como as palavras ficam bonitas quando o senhor as pronuncia...

Quase fora de si, Lochart escutou os cumprimentos extravagantes que eram normais em farsi e ouviu-se respondendo da mesma forma — abençoando Scragger, que lhe dissera, há muitos anos atrás quando ele tinha entrado para a Sheila Aviation, depois de ter saído da RAF em 1965. “Se você quiser voar conosco, cara, é melhor aprender farsi porque eu não vou aprender!” — Pela primeira vez percebeu como o farsi era uma língua perfeita para falar de amor, para fazer insinuações.

— Meu nome é Xarazade Paknouri, Excelência.

— Então Sua Alteza saiu das *Mil e uma Noites*, afinal.

— Ah, mas não posso lhe contar nenhuma história, nem que jure que vai cortar minha cabeça! — E acrescentou em inglês, dando uma risada. — Eu era a última da minha classe em histórias.

— Impossível! — Contestou imediatamente.

— O senhor é sempre tão galante, capitão Lochart? — Os olhos dela o provocavam.

— Só com a mulher mais linda que eu já vi. — E ele se percebeu respondendo em farsi.

O rosto dela ficou vermelho. baixou os olhos e ele pensou, apavorado, que tinha estragado tudo, mas quando ela tornou a olhar para ele, seus olhos sorriam.

— Obrigada. O senhor tornou feliz uma velha senhora casada...

O copo lhe caiu das mãos e ele praguejou e apanhou-o, desculpando-se, mas ninguém notara, exceto ela.

— Você é casada? — deixou escapar, mas é claro que ela devia ser casada e, de qualquer modo, ele era casado e tinha uma filha de oito anos e não tinha direito algum de ficar aborrecido. Pelo amor de Deus, você está agindo como um lunático. Você enlouqueceu.

Então seus olhos e ouvidos entraram em foco.

— O quê? O que foi que disse?

— Oh, eu disse que fui casada... bem, ainda sou, por mais três semanas e dois dias, e que meu nome de casada é Paknouri. Meu nome de família é Bakravan... — Fez parar um garçom, apanhou um copo de vinho e deu a ele. Mais uma vez a ruga de preocupação — Tem certeza de que está bem, capitão?

— Oh, sim, oh, sim — respondeu rapidamente. — O que era mesmo que estava dizendo? Paknouri?

— Sim. Sua Alteza, emir Paknouri, era tão velho, tinha cinquenta anos, era amigo do meu pai, e papai e mamãe acharam que seria bom para mim casar com ele e ele concordou, embora eu seja muito magra e não gorda e atraente, por mais que eu coma. É a Vontade de Deus. — Ela deu de ombros e sorriu e o mundo pareceu ficar mais brilhante. — Evidentemente eu concordei, mas com a condição que se não gostasse de estar casada depois de dois anos, nosso casamento terminaria. Então, no dia do meu 17º aniversário, nós nos casamos e eu não gostei logo de saída, e chorei e chorei e então, como não havia filhos depois de dois anos, nem depois do ano extra com que eu concordei, o meu marido, meu senhor, concordou gentilmente em se divorciar de mim e agora ele, graças a

Deus, pode tornar a se casar e eu estou livre, mas infelizmente velha e...

— Você não é velha. Você é tão jovem..

— Oh, sim, velha!

Seus olhos estavam dançando e ela fingia estar triste, mas ele percebeu que ela não estava e se viu conversando com ela, rindo com ela, depois fazendo sinal ao seu primo para se juntar a eles, temendo que o primo fosse o homem da escolha dela, conversando com eles, aprendendo que seu pai era um importante bazaar, que sua família era grande, cosmopolita e bem relacionada, que a mãe era doente, que tinha irmãs e irmãos e que estudara na Suíça, mas só por meio ano, porque sentia muita saudade do Irã e da família. Depois jantou com eles, mostrando-se alegre e animado, mesmo com o general Valik, e foi a noite mais divertida que ele já tinha passado.

Ao deixar a festa, naquela noite, não foi para casa; tomou a estrada de Darband, subindo as montanhas, onde havia inúmeros cafés em belos jardins nas margens do rio, com mesas e cadeiras e divas suntuosamente estofados, onde se podia descansar, comer ou dormir, alguns deles projetados por sobre o rio, de modo que a água batia embaixo. E ficou deitado lá, olhando as estrelas, sabendo que estava diferente, sabendo que enlouquecera mas que seria capaz de vencer qualquer obstáculo, enfrentar qualquer provação, para se casar com ela.

E conseguira — embora o caminho tivesse sido duro e, muitas vezes, tivesse gritado de desespero.

— Em que está pensando, Tommy? — perguntou ela, sentando-se a seus pés, no lindo tapete que fora presente de casamento do general Valik.

— Em você — respondeu, adorando-a, sentindo as preocupações desaparecerem diante de sua ternura. A sala estava quente, como todo o enorme apartamento, e suavemente iluminada, com as cortinas fechadas e muitas almofadas espalhadas em volta, o fogo crepitando alegremente. — Mas a verdade é que eu penso em você o tempo todo.

— Isso é maravilhoso — disse, batendo palmas.

— Não vou mais para Zagros amanhã, só depois de amanhã.

— Oh, isto é ainda mais maravilhoso! — Abraçou os joelhos de Tom e encostou a cabeça neles. — Maravilhoso!

— Você disse que teve um dia interessante? — perguntou Tom, acariciando-lhe os cabelos.

— Sim, ontem e hoje. Fui até a sua embaixada e apanhei o passaporte, exatamente como você mandou..

— Ótimo. Agora você é canadense.

— Não, meu amor, iraniana... você é canadense. Ouça, a melhor parte é que fui a Doshan Tappeh — disse com orgulho.

— Cristo — exclamou sem querer, pois ela não gostava que blasfemasse. — Desculpe, mas isso...

isso foi loucura, está havendo combate lá, você é louca em se arriscar dessa maneira.

— Oh, eu não estive no meio do combate — retrucou alegremente, e se levantou e saiu depressa, dizendo: — Vou lhe mostrar. — Num instante estava de volta. Tinha vestido um chador cinzento que a cobria dos pés à cabeça, além da maior parte do rosto, e ele detestou aquilo. — Ah, senhor — disse em farsi, fazendo uma pirueta na frente dele. — Não precisa se preocupar comigo. Deus me protege, e também o Profeta, cujo Nome seja louvado. — Parou, ao ver sua expressão. — O que foi?

— perguntou em inglês.

— Eu... eu nunca a tinha visto de chador. É... não combina com você.

— Oh, eu sei que é feio e eu nunca o usaria em casa, mas na rua me sinto melhor usando, Tommy.

Todos aqueles olhares horríveis dos homens. É tempo de todas nós voltarmos a usá-lo, bem como o véu.

— E todos os direitos que vocês conquistaram, direito de votar, de tirar o véu, de ir onde quiser, de se casar com quem quiser, de não serem mais as escravas que costumavam ser? Se vocês concordarem com o chador, vão perder todo o resto. — Ele estava chocado.

— Talvez sim, talvez não, Tommy.

Estava satisfeita de que estivessem falando em inglês para que ela pudesse discutir um pouco, o que seria inimaginável se se tratasse de um marido iraniano. E estava muito feliz por ter escolhido se casar com este homem que, inacreditavelmente, permitia que tivesse suas próprias opiniões, e o que era ainda mais espantoso, permitia que as expressasse livremente. O vinho da liberdade sobe facilmente à cabeça, pensou, é muito perigoso, muito difícil para uma mulher bebê-lo — como o néctar do jardim do paraíso.

— Quando o Reza Xá tirou o véu dos nossos rostos — disse —, ele também deveria ter tirado a obsessão da mente dos homens. Você não vai ao mercado, Tommy, nem dirige um carro, não como uma mulher. Não faz ideia do que seja. Os homens nas ruas, no bazar, no banco, em toda parte. São todos iguais. Pode-se ver os mesmos pensamentos, a mesma obsessão, em todos eles. Pensamentos a meu respeito que só você devia ter. — Tirou o chador, arrumou-o sobre uma cadeira, e tornou a sentar-se a seus pés. — De hoje em diante, eu o usarei na rua, como minha mãe e a mãe dela o fizeram antes de mim, não por causa de Khomeini, que Deus o proteja, mas por sua causa, meu amado esposo.

Beijou-o de leve e sentou-se nos joelhos dele e Tom percebeu que estava decidido. A não ser que ele ordenasse o contrário. Mas aí haveria problemas em casa, pois era realmente um direito dela decidir sobre isso. Ela era iraniana, seu lar era iraniano, e seria sempre no Irã — isso fazia parte do seu acordo com o pai dela — então o problema seria iraniano e a solução iraniana: dias e dias de longos suspiros e olhares suplicantes, algumas lágrimas, pequenos favores abjetos, de escrava, soluços discretos à noite, nunca uma palavra ou um olhar de raiva para perturbar a paz de um marido, um pai ou um irmão. Lochart às vezes a achava difícil de entender.

Faça como quiser, mas nada de Doshan Tappeh — disse, acariciando-lhe os cabelos. Estes eram finos e sedosos e brilhavam como só na juventude O que houve lá?

— Oh, foi tão excitante. — E seu rosto iluminou-se. — Os Imortais, mesmo eles, a tropa de elite do xá, não conseguiram expulsar os fiéis. Houve tiros por toda parte. Eu estava em

segurança, minha irmã Laleh estava comigo, além do meu primo Ali e da esposa dele. O primo Karim também estava lá. Ele se declarou a favor do Islã e da revolução, bem como vários outros oficiais, e ele nos disse onde e como encontrá-lo. Havia umas duzentas mulheres, todas de chador, e nós não paramos de entoar 'Deus é grande, Deus é grande', então alguns soldados se passaram para o nosso lado.

Imortais! — Seus olhos se arregalaram. — Imagine, até os Imortais estão começando a enxergar a verdade!

Lochart ficou horrorizado com o risco que ela correria, indo até lá sem pedir ou contar a ele, mesmo estando acompanhada. Até então, a revolução e Khomeini pareciam não afetá-la, exceto no início, quando os problemas realmente começaram e ela ficara aterrorizada com a segurança do pai e dos parentes que eram comerciantes e banqueiros importantes, e bem conhecidos por suas ligações com a corte. Felizmente seu pai sossegara todas as preocupações deles ao cochichar para Lochart que seus irmãos e ele estavam secretamente apoiando Khomeini e a revolta contra o xá e que já vinham fazendo isso há anos. Mas agora, pensou, agora, se os Imortais estão cedendo e jovens oficiais de alto escalão como Karim estão apoiando abertamente a revolta, o derramamento de sangue será incontrolável.

— Quantos se passaram para o outro lado? — perguntou, tentando decidir o que fazer.

— Só três se juntaram a nós, mas Karim disse que isso é um bom começo e que qualquer dia Bakhtiar e os seus canalhas vão fugir como o xá.

— Ouça, Xarazade, o governo britânico e o canadense ordenaram hoje que todos os dependentes saíssem do Irã por algum tempo. Mac está mandando todo mundo para Al Shargaz até que as coisas esfriem um pouco.

— É sensato, sim, muito sensato.

— Amanhã vai chegar o 125. Vai levar Genny, Manuela, você e Azadeh amanhã, então arrume a...

— Oh, eu não vou partir, meu querido, não há necessidade. E por que Azadeh vai embora? Não há nenhum perigo para nós, papai certamente saberia se houvesse perigo. Você não precisa se

preocupar... — Ela viu que o copo de vinho dele estava quase vazio, então levantou-se rapidamente, tornou a enchê-lo e voltou. — Eu estou perfeitamente segura.

— Mas acho que você estaria mais segura fora do Irã, por algum tempo.

— É maravilhoso você se preocupar comigo, meu querido, mas não há nenhum motivo para que eu vá, vou perguntar a papai amanhã, ou você pode... — Uma pequena acha de lenha caiu da lareira. Ele começou a se levantar mas ela já estava lá. — Deixe que eu vejo isso. Descanse, meu querido, você deve estar cansado. Talvez amanhã você tenha tempo para ir comigo ver papai. — Rapidamente, ajeitou o fogo. Seu chador estava numa cadeira próxima. Ela viu o olhar de Tom. A sombra de um sorriso passou por seus lábios.

— O que foi?

Em resposta, ela simplesmente sorriu de novo, apanhou o chador e atravessou a sala correndo com vivacidade em direção à cozinha.

Inquieto, Lochart ficou olhando o fogo, tentando pôr em ordem seus argumentos, sem querer impor-lhe nada. Mas eu o farei, se for obrigado. Meu Deus, tantos problemas. Charlie desaparecido, Kowiss numa confusão, Kyabi assassinado, e Xarazade no meio de um conflito! Ela é louca! Que absurdo se arriscar dessa maneira! Se eu a perdesse, morreria. Meu Deus, seja quem for, esteja onde estiver, proteja-a...

A sala era grande. No extremo oposto ficava a mesa e doze cadeiras. Geralmente usavam a sala à maneira iraniana, sentados no chão, com uma toalha aberta para os pratos, encostados em almofadas.

Raramente usavam sapatos e nunca saltos que pudessem estragar os grossos tapetes. Havia cinco quartos, três banheiros, duas salas de estar — uma usada por eles, ou quando tinham companhia, a outra, muito menor, no outro extremo do apartamento, era, segundo o costume, para ela ficar quando ele tivesse que discutir negócios ou quando ela recebesse a visita da irmã, das amigas ou de outros parentes, para que pudessem conversar sem perturbá-lo. Em volta de Xarazade havia sempre

movimento, a família estava sempre por perto, crianças, babás — exceto depois do pôr-do-sol, embora com frequência parentes ou amigos se hospedassem lá.

Ele nunca se importou, pois eles eram uma família alegre e unida. Também fazia parte do acordo com o pai dela que ele aprenderia pacientemente os costumes do Irã, viveria pacientemente, segundo os costumes do Irã, por três anos e um dia. Então poderia escolher morar fora do Irã com Xarazade, por algum tempo, se precisasse.

— Porque então — seu pai, Jared Bakravan, dissera gentilmente —, com a ajuda do Verdadeiro Deus e do Profeta de Deus, que suas palavras possam viver para sempre, então você já terá sabedoria suficiente para fazer a escolha correta, pois com certeza vocês já terão filhos e filhas, porque apesar da minha filha ser magra, divorciada e ainda não ter filhos, não acho que ela seja estéril.

— Mas ela ainda é tão jovem. Podemos achar que ainda é muito cedo para ter filhos.

— Nunca é cedo demais — dissera Bakravan com severidade. — Os Livros Sagrados são muito claros. Uma mulher precisa de filhos. Um lar precisa de crianças. Sem filhos, uma mulher segue caminhos fúteis. Este é o maior problema da minha amada Xarazade, nenhum filho. Alguns hábitos modernos eu aprovo. Outros não.

— Mas se nós concordarmos, ela e eu, que é muito cedo...

— Esta decisão não cabe a ela! — Jared Bakravan tinha ficado chocado. Ele era baixo e rechonchudo com cabelos brancos, barba e olhos severos. — Seria monstruoso, um insulto, até mesmo discutir isso com ela. Você tem que pensar como um iraniano ou este casamento não vai durar. Nem mesmo começar. Nunca. Ah, então você não deseja filhos?

— Oh, não, é claro que eu quero filhos, mas tal..

— Ótimo, então fica combinado assim.

— Então pode ficar combinado assim: por três anos e um dia eu posso resolver se é muito cedo?

— É uma ideia idiota. Se você não quer fi..

— Oh, mas é claro que quero, Excelência.

— Só um ano e um dia — concordara, afinal, o velho, com relutância —, mas só se você jurar pelo único Deus que você quer mesmo filhos, que esse espantoso pedido é completamente temporário. Sua cabeça está mesmo cheia de bobagens, meu filho. Com a ajuda de Deus, essas bobagens vão desaparecer como a neve na areia do deserto. É claro que uma mulher precisa de filhos...

Distraidamente, Lochart sorriu para si mesmo. Aquele velho fantástico seria capaz de barganhar com Deus no jardim do paraíso. E por que não? Aquele não era o passatempo nacional dos iranianos?

Mas o que vou dizer a ele daqui a alguns dias? O ano e um dia já estão quase no fim. Será que quero suportar o peso de filhos? Não, ainda não. Mas Xarazade quer. Oh, ela concordou com minha decisão, e nunca falou sobre isso, mas não creio que ela jamais tenha estado de acordo.

Podia ouvir o som abafado da voz dela e da empregada na cozinha e pensou que a calma que ela lhe dera fora sempre maravilhosa — um enorme contraste com o galo de briga que era sua outra mulher.

As almofadas estavam muito confortáveis e ele observava o fogo. Ouviam-se alguns tiros na noite lá fora, mas isso já era tão comum que mal notavam.

Tenho que tirá-la de Teerã, pensou. Talvez ela esteja mais segura aqui do que em qualquer outro lugar, mas não se continuar se metendo nos conflitos. Doshan Tappeh! Ela é louca, mas todos estão loucos nesse momento. Gostaria muito de saber se o Exército recebeu mesmo ordem de esmagar a revolta. Bakhtiar tem que agir logo ou estará liquidado. Mas se ele o fizer, haverá um banho de sangue porque os iranianos são um povo violento, sanguinário — desde que seja a serviço do Islã.

Ah, Islã! E Deus. Onde estará o Verdadeiro Deus agora?

Em todos os corações e pensamentos dos crentes. Os xiitas são crentes. E Xarazade também. E toda a família dela. E você? Não, ainda não, mas estou me esforçando para isso. Prometi a ele que me esforçaria, prometi que leria o Corão e manteria a mente aberta. E?

Agora não é a hora de pensar nisso. Seja prático, pense de maneira prática. Ela está em perigo. Com ou sem chador ela não vai se envolver, mas por que não? É o país dela.

Sim, mas ela é minha esposa e vou ordenar que fique fora disso. E que tal a propriedade do pai dela no mar Cáspio, perto de Bandar-e Pahlavi? Talvez possam levá-la para lá, ou mandá-la para lá — o tempo agora está bom, não tão frio quanto aqui, embora nossa casa seja quente, com o reservatório de combustível sempre cheio, com lenha para o fogo e comida na geladeira, graças ao pai dela e à família.

Meu Deus, devo tanto a ele, tanto.

Um ligeiro ruído distraiu-lhe a atenção. Xarazade estava em pé na porta vestindo o chador e um véu leve que ele nunca tinha visto antes. Seus olhos nunca foram tão brilhantes. O chador farfalhava à medida que ela se aproximava. Então ela o abriu. Não estava usando nada por baixo. Ao vê-la ele perdeu o fôlego.

— Então? — A voz dela, como sempre, era baixa e palpitante, o farsi soava doce. — E agora, Excelência, meu marido, agora o meu chador o agrada?

Ele estendeu a mão para segurá-la, mas ela recuou um passo, rindo.

— No verão, as prostitutas da noite usam o chador desta maneira, dizem — Xarazade.

— Não.

Desta vez ele a agarrou com facilidade. O gosto dela, seu brilho, sua maciez.

— Talvez, meu senhor — disse entre um beijo e outro, provocando-o delicadamente —, talvez sua escrava use sempre seu chador assim, nas ruas, no bazar, muitas mulheres o fazem, dizem...

— Não, só em pensar eu fico louco. — Fez menção de carregá-la, mas ela murmurou: — Não, meu amor, vamos ficar aqui.

— Mas os criados...

— Esqueça-os, eles não vão nos perturbar, esqueça-os, esqueça tudo, eu imploro, meu amor, e só se lembre de que esta casa é sua, este é o seu lar e eu sou sua escrava para sempre.

Ficaram. Como sempre, a paixão dela acompanhou a sua, embora não pudesse entender como ou por que, apenas sentir que com Xarazade ele ia ao paraíso, de verdade, ficava no jardim do paraíso com essa ninfa do paraíso e depois voltava em segurança com ela para a terra.

Mais tarde, durante o jantar, a campainha da porta perturbou-lhes a paz. O criado Hassan atendeu e depois veio até a sala, fechando a porta.

— Senhor, é Sua Excelência, o general Valik — disse em voz baixa. — Ele pede desculpas por ter chegado tão tarde, mas diz que é importante e pergunta se Vossa Excelência pode conceder-lhe alguns minutos.

Lochart deixou transparecer sua irritação, mas Xarazade estendeu a mão, tocou-o suavemente e a irritação desapareceu.

— Receba-o, meu amor. Vou esperar por você na cama. Hassan, traga um prato limpo e quente o horisht. Sua Excelência deve estar com fome.

Valik desculpou-se profusamente por ter chegado tão tarde, recusou duas vezes a comida mas, afinal, deixou-se persuadir e comeu com voracidade. Lochart esperou pacientemente, cumprindo a promessa feita ao sogro de se lembrar dos hábitos iranianos — que a família vinha em primeiro lugar, que era sinal de boa educação contornar um assunto, não ser nunca contundente nem direto. Em farsi, isso era muito mais fácil do que em inglês. Assim que pôde, mudou para o inglês.

— Estou muito feliz em vê-lo, general. O que posso fazer pelo senhor?

— Eu só soube que você estava de volta a Teerã, há meia hora atrás. Este horisht foi o melhor que já comi nos últimos anos. Sinto muito vir perturbá-lo tão tarde.

— Não tem importância, — Lochart deixou o silêncio prolongar-se. O homem mais velho comeu sem se sentir embaraçado por estar comendo sozinho. Um pedaço de carneiro ficou preso em seu bigode e Lochart o observou fascinado, imaginando quanto tempo ainda demoraria, então Valik limpou a boca.

— Meus cumprimentos a Xarazade... seu cozinheiro é bem treinado. Vou dizer isso a meu primo predileto, Excelência Jared.

— Obrigado — Lochart esperou.

Mais uma vez o silêncio ficou suspenso entre eles. Valik tomou um pouco de chá.

— A licença para o 212 foi entregue?

— Até a hora que saímos não. — Lochart não estava preparado para aquela pergunta. — Sei que Mac mandou um mensageiro esperar. Poderia ligar para ele mas, infelizmente, nosso telefone está com defeito. Por quê?

— Os sócios gostariam que você se encarregasse do voo.

— O capitão McIver designou o capitão Lane, supondo-se que haja uma licença.

— Será concedida. — Valik tornou a limpar a boca e serviu-se de mais chá. — Os sócios gostariam que você pilotasse. Estou certo que McIver não se importará.

— Sinto muito, mas tenho que voltar para Zagros, quero verificar se está tudo bem. — E contou em poucas palavras o que acontecera lá.

— Tenho certeza que Zagros pode esperar alguns dias. Tenho certeza que Jared ficaria contente que você achasse mais importante fazer o que os sócios pedem.

— Terei prazer em fazer qualquer coisa. O que há de tão importante para os sócios neste voo, algumas peças sobressalentes, alguns riais? — perguntou Lochart, com a testa franzida.

— Todos os voos são importantes. Os sócios se preocupam em fornecer o melhor serviço. Então, está tudo certo?

— Bem, em primeiro lugar, eu teria que resolver isso com Mac, em segundo, duvido que o 212 consiga a licença, em terceiro, de fato, eu preciso voltar para minha base.

— Tenho certeza de que Mac dará o seu consentimento. — E Valik deu o seu sorriso mais simpático.

— Você terá licença para deixar o espaço aéreo de Teerã. — Ele se levantou. — Vou ver Mac agora e direi a ele que você concordou. Agradeça a Xarazade, e mais uma vez, mil desculpas por vir tão tarde, mas estamos numa época atribulada.

— Ainda quero saber o que há de tão importante a respeito de algumas peças sobressalentes e cem mil riais — disse Lochart, sem se mover de onde estava.

— Os sócios decidiram que é importante, e então meu querido amigo, sabendo que você estava aqui e conhecendo seu relacionamento com minha família, presumi, imediatamente, que você ficaria feliz em fazer isso, se eu, em pessoa, lhe pedisse. Somos da mesma família, não somos? Isso foi dito secamente, embora o sorriso permanecesse.

— Tenho prazer em fazer qualquer coisa para ajudar, mas...

— Ótimo, então está combinado. Obrigado. Não precisa me acompanhar até a porta. — Da porta, o general Valik se virou e olhou em volta intencionalmente. — Você é um homem de sorte, capitão. Eu o invejo.

Depois que Valik saiu, Lochart sentou-se ao lado do fogo que morria, olhando para as chamas.

Hassan e uma empregada tiraram os pratos, disseram boa-noite, mas ele não escutou — nem ouviu Xarazade que foi até lá um pouco depois, olhou para ele e depois voltou silenciosamente para a cama, deixando-o em paz com seus pensamentos.

Lochart estava aborrecido. Sabia que Valik estava a par de que tudo que havia de valor no apartamento, além do próprio apartamento, que fora presente de casamento do pai de Xarazade.

Jared Bakravan dera-lhe, de fato, todo o edifício — pelo menos a renda dos aluguéis. Poucos sabiam da discussão que tiveram: — Aprecio muito sua generosidade, mas não posso aceitar tudo isso, senhor — dissera Lochart. — É impossível.

— Mas são coisas materiais, coisas sem importância.

— Sim, mas é demais. Sei que meu salário não é muito, mas podemos nos arranjar. De verdade.

— Sim, é claro. Mas por que o marido de minha filha não poderia viver confortavelmente? De que outra forma você poderá ficar tranquilo para aprender os costumes iranianos e cumprir sua promessa? Eu lhe asseguro, meu filho, isso tem pouco valor para mim. Agora você faz parte da minha família. A família é a coisa mais importante no Irã. A família zela pela família.

— Sim, mas sou eu que tenho que zelar por ela... eu, não o senhor.

— É claro, e com a Ajuda de Deus, com o tempo, poderá sustentá-la da forma que ela está acostumada. Mas isso agora não é possível pois precisa sustentar sua ex-mulher e sua filha. O que eu quero é ajeitar as coisas de uma forma civilizada, do modo iraniano. Você prometeu viver como nós vivemos, não?

— Sim. Mas por favor, não posso aceitar tudo isso. Dê o que quiser para ela, não para mim. Prometo fazer o melhor que puder.

— Tenho certeza que sim. Mas enquanto isso, é um presente meu para você, não para ela. Isto torna possível dá-la a você.

— Dê a ela, não...

— É a Vontade de Deus que o homem seja o senhor da casa — dissera Jared Bakravan com rispidez.

— Se a casa não for sua, então você não será o senhor. Devo insistir. Sou o chefe da família e Xarazade fará o que eu disser, e devo insistir por Xarazade, senão o casamento não poderá se realizar. Percebo o seu dilema ocidental, embora não o compreenda, meu filho. Mas aqui, os costumes iranianos é que mandam, e a família zela pela família...

Na ampla solidão da sala de estar, Lochart balançou a cabeça para si mesmo. Está certo, e eu escolhi Xarazade, aceitei, mas... mas aquele filho da mãe do Valik jogou tudo isso na minha cara e me fez sentir vergonha outra vez e eu o odeio por isso, odeio por não pagar por tudo isso, e sei que o único presente que posso dar a ela é a liberdade que, de outro modo, não teria e a minha vida, se for preciso. Pelo menos ela agora é canadense e não precisa ficar aqui.

Não se iluda, ela é iraniana e sempre será. Será que ela se sentiria em casa em Vancouver, com toda aquela chuva, sem família, sem amigos, sem nada do Irã? Sim, sim, acho que sim; por algum tempo eu compensaria todo o resto. Por algum tempo, é claro, não para sempre.

Era a primeira vez que se defrontava com o problema real que havia entre eles. O nosso Irã desapareceu para sempre, o velho, o do xá. Não importa que o novo talvez seja melhor. Ela vai se adaptar e eu também. Eu falo farsi e ela é minha mulher e Jared é poderoso.

Se tivermos que partir temporariamente, vou compensá-la por esta separação temporária, quanto a isso não haverá problema. O futuro ainda é cor-de-rosa, eu a amo muito e Deus seja louvado por ela...

O fogo já estava quase apagado e ele sentiu o cheiro reconfortante de madeira queimada e, junto com ele, um traço do perfume dela. As almofadas ainda guardavam as marcas onde tinham deitado juntos e embora estivesse totalmente satisfeito e saciado, ainda ansiava por ela. Ela é realmente uma huri, um espírito do paraíso, pensou sonolento. Estou enfeitiçado por ela e é maravilhoso, não tenho nenhuma queixa, e se eu morresse hoje já saberia como é o paraíso. Ela é maravilhosa, Jared é maravilhoso, no devido tempo seus filhos serão maravilhosos e sua família...

Ah, família! A família zela pela família, esta é a lei, tenho que fazer o que Valik pediu, gostando ou não. Tenho que fazer, o pai dela deixou isso muito claro.

A última acha crepitou e, antes de morrer, acendeu por um instante.

— O que haverá de tão importante numas poucas peças e nuns poucos riais? — perguntou às chamas.

As chamas não responderam.

SEGUNDA-FEIRA

12 de fevereiro

14

EM TABRIZ UM: 7:12H.

Charlie Pettikin dormia um sono sobressaltado, encolhido sobre um colchão no chão, coberto apenas por uma manta, com as mãos amarradas para a frente. Acabava de amanhecer e estava muito frio. Os guardas não permitiram que ele levasse o aquecedor portátil e o prenderam na parte da cabana de Erikki Yokkonen que era usada, normalmente, como depósito. O gelo brilhava no interior das vidraças da pequena janela. A janela tinha barras pelo lado de fora. A neve cobria o parapeito.

Ele abriu os olhos e se ergueu, espantado, sem saber, por um momento, onde estava. Então a memória voltou e ele se encolheu contra a parede, com o corpo todo doendo.

— Que maldita confusão! — resmungou, tentando relaxar os ombros. Com ambas as mãos, esfregou desajeitadamente os olhos para espantar o sono, e esfregou o rosto, sentindo-se imundo. A barba crescida estava pontilhada de fios brancos. Detesto ficar barbado, pensou.

Hoje é segunda-feira. Cheguei aqui no sábado, ao cair da noite, e eles me prenderam ontem de manhã. Filhos da mãe!

Sábado à noite tinha havido muitos ruídos em volta da cabana, o que o deixara ainda mais inquieto.

Uma vez, teve certeza de ouvir vozes abafadas. Sem fazer barulho, apagou as luzes, destrancou a porta e ficou em pé nos degraus, com a pistola de sinalização nas mãos. Cuidadosamente examinou a escuridão. Então viu, ou achou que viu, um movimento a uns trinta metros de distância, depois outro mais adiante.

— Quem está aí? — gritou, com sua voz ecoando estranhamente.
— O que quer?

Ninguém respondeu. Outro movimento. Onde? A trinta, quarenta metros — difícil calcular distâncias à noite. Olhe, lá está outro! Seria um homem? Ou apenas um animal ou a sombra de um galho. Ou talvez... o que era aquilo? Lá perto do pinheiro.

— Você aí! O que quer?

Nenhuma resposta. Não conseguia distinguir se era um homem ou não. Zangado e até um pouco assustado, apontou e puxou o gatilho. O bang pareceu um trovão e ecoou pela montanha, a chama vermelha saltou em direção à árvore, ricocheteou formando uma chuva de faíscas, borrifou em outra árvore e caiu, crepitando e chiando, num monte de neve. Ele esperou.

Não aconteceu nada. Ruídos na floresta, o telhado do hangar rangendo, vento no alto das árvores, às vezes neve caindo de um galho de árvore curvado pelo peso que se endireitava, livre de novo.

Fazendo bastante estardalhaço, bateu iradamente com os pés para espantar o frio, acendeu a luz, tornou a carregar a pistola e tornou a trancar a porta.

— Você vai ficar igual a uma velha rabugenta quando ficar velho — disse alto, depois acrescentou: — Merda! Odeio o silêncio, odeio ficar sozinho, odeio a neve, odeio o frio, odeio sentir medo e o que aconteceu de manhã em Galeg Morghi me abalou, maldição... não há dúvida de que se não fosse pelo jovem Ross aquele Savak filho da puta teria me matado!

Checou a porta e todas as janelas para ver se estavam trancadas, fechou as cortinas, depois serviu uma farta dose de vodca e misturou-a com um pouco de suco de laranja que estava no congelador e sentou em frente ao fogo para se recompor. Havia ovos para o café e ele tinha uma arma. O aquecedor a gás funcionava bem. Lá dentro estava confortável. Depois de algum tempo, sentiu-se melhor, mais seguro. Antes de ir para a cama no quarto de hóspedes, tornou a checar as fechaduras.

Quando ficou satisfeito, tirou as botas e se deitou na cama. Logo adormeceu.

Pela manhã, o medo noturno desaparecera. Depois de um café com ovos fritos sobre pão frito, exatamente como ele gostava, arrumou o quarto, vestiu a roupa acolchoada de piloto, destrancou a

porta e então uma metralhadora foi enfiada na sua cara, seis revolucionários entraram na sala e o interrogatório começou. Foram horas de interrogatório.

— Não sou um espião, não sou americano. Já disse que sou inglês — repetiu mais uma vez.

— Mentiroso, seus papéis dizem que você é sul-africano. Por Alá, eles também são falsos? — O líder, o homem que chamava a si mesmo de Fedor Rakoczy, tinha uma aparência dura, era mais alto e mais velho do que os outros, tinha olhos castanhos e falava inglês com sotaque. As mesmas perguntas, sem parar. — De onde você vem, por que você está aqui, quem é o seu superior na CIA, quem é o seu contato aqui, onde está Erikki Yokkonen?

— Não sei. Já disse cinquenta vezes que não sei. Não havia ninguém aqui quando pousei ontem ao entardecer. Fui enviado para apanhá-lo, a ele e a sua mulher. Eles tinham coisas para resolver em Teerã.

— Mentiroso! Eles fugiram no meio da noite, há duas noites atrás. Por que eles fugiram se você vinha apanhá-los?

— Já disse a vocês. Ele não estava me esperando. Por que eles fugiriam? Onde estão Dibble e Arberry, os nossos mecânicos? Onde está o nosso gerente, Dayati e...

— Quem é o seu contato da CIA em Tabriz?

— Não tenho nenhum contato. Somos uma companhia britânica e exijo ver o nosso cônsul em Tabriz.

Eu...

— Os inimigos do povo não podem exigir nada! Nem mesmo piedade. É pela Vontade de Deus que estamos em guerra. Na guerra as pessoas são mortas.

O interrogatório durara toda a manhã. Apesar dos seus protestos, eles tinham levado todos os seus papéis, seu passaporte e seus vistos de permanência e de saída, que eram vitais, e o amarraram e atiraram ali com ameaças terríveis, caso tentasse fugir. Mais tarde, Rakoczy e dois guardas voltaram.

— Por que não disse que tinha trazido as peças sobressalentes para o 212?

— Vocês não perguntaram — respondera Pettikin, zangado. — Quem são vocês afinal? Devolvam os meus papéis. Exijo que chamem o cônsul britânico. Desamarrem minhas mãos, maldição!

— Deus o castigará se você blasfemar! Fique de joelhos e peça perdão a Deus. — Eles o obrigaram a se ajoelhar. — Peça perdão! — Ele obedeceu, odiando-os.

— Você também pilota um 212, além de um 206?

— Não — disse, levantando-se com dificuldade.

— Mentiroso! Está na sua licença. — Rakoczy jogara a licença sobre a mesa. — Por que está mentindo?

— Que diferença faz? Você não acredita em nada que eu digo. Você não vai acreditar na verdade. É claro que sei que está na minha licença. Então não vi quando vocês a levaram? É claro que piloto um 212 se for escalado.

— O komiteh vai julgá-lo e determinar sua sentença. — Rakoczy dissera isso com tanta dureza que ele sentiu um frio na espinha. Então eles o deixaram sozinho.

Ao entardecer, trouxeram um pouco de arroz e sopa, tornando a ir embora. Ele quase não tinha dormido e agora, ao amanhecer, viu o quanto estava fraco. Seu medo começou a crescer. Uma vez, no Vietnã, tinha sido derrubado, capturado e condenado à morte pelos vietcongues, mas seu esquadrão voltara para libertá-lo com mísseis e Boínas-Verdes e tinham destruído a aldeia e os vietcongues junto com ela. Esta foi outra ocasião em que escapou da morte certa. "Nunca aposte na morte até que esteja morto. Assim, meu velho" dissera seu jovem comandante americano "assim você consegue dormir de noite." — O comandante era Conroe Starke. Seu esquadrão de helicóptero era misto, americanos, britânicos e alguns canadenses, sediados em Da Nang. Ele agora estava metido em outra maldita encrenca.

Imagino como Duke estará se saindo agora, pensou. Filho da mãe sortudo. Sortudo por estar a salvo em Kowiss e sortudo por ter Manuela. Aquela é um estouro e parece um urso koala — aconchegante, com aqueles grandes olhos castanhos, e as curvas na medida certa.

Deixou a mente divagar, pensando nela e em Starke, em onde estariam Erikki e Azadeh, naquela aldeia do Vietnã — e no jovem capitão Ross e nos seus homens. Se não fosse por ele! Ross era outro salvador. Nessa vida você tem que ter salvadores para sobreviver, aquelas pessoas estranhas que apareciam milagrosamente na sua vida sem nenhum motivo aparente, bem na hora, para lhe dar a chance que você necessita desesperadamente, ou para arrancá-lo da desgraça, do perigo ou do mal.

Será que aparecem porque você rezou pedindo ajuda? No desespero você sempre reza, de algum modo, mesmo que não seja para Deus. Mas Deus tem muitos nomes.

Ele se lembrou do velho Soames da embaixada com o seu "Não se esqueça, Charlie, Maomé, o Profeta, declarou que Alá — Deus — tem três mil nomes. Mil só são conhecidos pelos anjos, mil pelos profetas, trezentos estão na Tora, o Velho Testamento, outros trezentos no Zabur, que são os Salmos de Davi, outros trezentos no Novo Testamento, e noventa e nove no Corão. Isto dá 2.999. Um nome foi oculto por Deus. Em árabe ele é chamado: Ism Allah ala'zam: o Maior dos Nomes de Deus.

Todos os que lerem o Corão o terão lido sem saber. Deus é esperto em esconder o seu Maior Nome, hein?

Sim, se houver um Deus, Pettikin pensou, com dor e com frio.

Pouco antes do meio-dia, Rakoczy voltou com seus dois homens. Surpreendentemente, Rakoczy ajudou-o a se levantar e começou a desamarrá-lo.

— Bom dia, capitão Pettikin. Sinto muito pelo engano. Siga-me por favor. — E mostrou o caminho até a sala principal. Havia café na mesa. — Você toma café preto ou ao estilo inglês, com leite e açúcar?

Pettikin esfregava os pulsos doloridos, tentando pôr a mente para funcionar.

— O que é isso? O prisioneiro está recebendo café reforçado?

— Desculpe, mas não entendi.

— Não foi nada. — Pettikin encarou-o, ainda inseguro. — Com leite e açúcar. — O café estava delicioso e revigorou-o. Serviu-se de mais café. — Então foi um engano, foi tudo um engano?

— Sim, eu, hum, eu chequei a sua história e ela confere. Deus seja louvado. Você partirá imediatamente. Voltará para Teerã.

Pettikin sentiu um nó na garganta pela súbita libertação — pelo menos aparente, pensou desconfiado.

— Preciso de combustível. Todo o nosso combustível foi roubado, não há nenhum no depósito.

— Seu aparelho foi reabastecido. Eu mesmo supervisionei isso.

— Você entende de helicópteros? — Pettikin se perguntava por que o homem parecia tão nervoso.

— Um pouco.

— Desculpe, mas eu, hum, eu não sei o seu nome.

— Smith. Sr. Smith. — Fedor Rakoczy sorriu. — Você vai partir agora, por favor. Imediatamente.

Pettikin encontrou suas botas de pilotar e calçou-as. Os outros homens observaram-no em silêncio.

Notou que eles usavam metralhadoras soviéticas.

Sobre a mesa, ao lado da porta, estava a sua maleta e, ao lado, os documentos. Passaporte, visto, carteira de trabalho e o DAC iraniano — a licença para pilotar. Tentando não demonstrar seu espanto, certificou-se de que estavam todos lá e enfiou-os no bolso. Quando se dirigiu para a geladeira, um dos homens ficou na frente e fez sinal para que ele se afastasse.

— Estou com fome — Pettikin disse, ainda desconfiado.

— Tem comida no seu helicóptero. Siga-me, por favor.

Lá fora, o ar tinha um cheiro bom, o dia estava frio e bonito, com um céu azul e limpo. Algumas nuvens estavam se formando a oeste. Na direção do leste, a passagem sobre o desfiladeiro estava clara. Em volta dele, a floresta toda cintilava, com a neve refletindo a luminosidade. O 206 estava em frente ao hangar, com as janelas e o pára-brisa limpos. Lá dentro, tudo parecia normal, embora o estojo com o mapa estivesse agora num bolso lateral e não ao lado do seu assento, onde normalmente o deixava. Cuidadosamente, começou a fazer uma checagem pré-decolagem.

— Aprese-se, por favor — disse Rakoczy.

— É claro.

Pettikin fingiu que se apressava, mas não o fez, não deixando escapar nada em sua inspeção, com todos os sentidos alerta para encontrar uma possível sabotagem, fosse sutil ou grosseira. Checou o combustível, o óleo, tudo. Percebeu que os homens estavam ficando cada vez mais nervosos. Ainda não havia ninguém mais na base. No hangar, ele podia ver o 212 com o motor desmontado. As peças que trouxera tinham sido colocadas sobre um banco perto do motor.

— Você já está pronto — Rakoczy disse isso como se fosse uma ordem.

— Entre, você vai reabastecer em Bandar-e Pahlavi como antes. — Ele se virou para os outros, abraçou-os apressadamente e subiu para o assento da direita.

— Decole imediatamente. Vou com você para Teerã. — Colocou a metralhadora entre os joelhos, apertou o cinto, trancou a porta com cuidado, depois apanhou os fones que estavam pendurados atrás dele e colocou-os no ouvido, mostrando claramente que estava acostumado com o interior de uma cabine.

Pettikin notou que os outros dois tinham-se colocado em posições defensivas, de frente para a estrada. Apertou o botão de partida. Logo o barulho, a familiaridade — e o fato de que 'Smith' estava a bordo e portanto era improvável que houvesse sabotagem — fizeram-no sentir-se mais aliviado.

— Lá vamos nós — disse no microfone e decolou deslizando com rapidez, inclinou suavemente o aparelho e subiu rumo ao desfiladeiro.

— Ótimo — disse Rakoczy —, muito bem. Você pilota muito bem. — Como quem não quer nada, colocou a metralhadora sobre os joelhos, com o cano apontando na direção de Pettikin. — Por favor, não pilote bem demais.

— Coloque a trava de segurança, ou não pilotarei de jeito nenhum.

— Concordo que é perigoso durante o voo. — E Rakoczy colocou a trava depois de alguma hesitação.

A duzentos metros de altura, Pettikin nivelou o aparelho, então inclinou-o de repente e voltou em direção ao campo de pouso.

— O que está fazendo?

— Estou apenas querendo me orientar.

Estava confiando no fato de que embora 'Smith' estivesse familiarizado com uma cabine, não soubesse pilotar um 206, do contrário, ele mesmo o teria levado. Seus olhos procuravam, lá embaixo, um motivo para o nervosismo do homem e para sua pressa em partir. O campo parecia igual. Perto do entroncamento da estradinha estreita da base com a estrada principal, que ia para noroeste em direção a Tabriz, havia dois caminhões. Os dois se dirigiam para a base. Daquela altura, podia ver facilmente que eram caminhões do Exército.

— Vou pousar para ver o que eles querem.

— Se você o fizer — disse Rakoczy, sem demonstrar nenhum temor —, isso vai-lhe custar muita dor e mutilação permanente. Por favor, vá para Teerã... mas primeiro para Bandar-e Pahlavi.

— Qual é o seu nome verdadeiro?

— Smith.

Pettikin deixou as coisas ficarem como estavam, fez uma curva e depois acompanhou a estrada que seguia a direção sudeste para Teerã, rumando para o desfiladeiro e aguardando o momento propício — confiante agora de que em algum lugar, no meio do caminho, ele teria a sua chance.

15

EM TEERÃ: 8:30H.

Tom Lochart passou devagar com o seu velho Citroen através dos escombros causados pelos combates noturnos, rumando para Galeg Morghi. A manhã estava gelada e desagradável, e ele já estava atrasado embora tivesse saído de casa antes do amanhecer.

Tinha passado por muitos cadáveres e por pessoas que choravam seus mortos, por muitas carcaças queimadas de carros e caminhões, algumas ainda fumegantes — despojos dos tumultos da noite.

Grupos de civis armados ainda dominavam sacadas ou barricadas e ele tivera que fazer muitos desvios. Agora, vários homens usavam a faixa verde de Khomeini no braço. Todos os Faixas Verdes estavam armados. As ruas pareciam agourentamente sem tráfego. De vez em quando, passavam caminhões da polícia com as sirenes ligadas, e também uns poucos carros e caminhões, mas não prestaram nenhuma atenção nele, exceto para buzinar, mandando-o sair da frente, praguejando.

Xingou-os de volta, quase sem se importar com o fato de chegar ou não ao aeroporto, pois essa seria a solução perfeita para o seu dilema. Só a ideia da esposa e dos filhos de Valik nas mãos da Savak é que o fazia prosseguir.

Como uma mulher tão maravilhosa quanto Annoush, que sempre fora tão gentil com ele desde que entrara para a família, podia ter-se casado com um filho da mãe daqueles? E como aquelas duas crianças maravilhosas, que adoravam Xarazade e o chamavam de tio Excelência podiam...

Deu uma guinada para evitar um carro que saiu de uma rua lateral na contramão. O carro não parou e ele xingou o carro, Teerã, o Irã e Valik, e disse: — Insha'Allah — em voz alta, mas isso não ajudou em nada.

O céu estava coberto de nuvens escuras, carregadas de neve, o que não lhe agradou nem um pouco; tinha detestado sair do calor da sua cama. Pouco antes do amanhecer, o despertador o acordara.

— Pensei que você não ia, querido. Pensei que você tivesse dito que só ia partir amanhã.

— Tenho um voo imprevisto, pelo menos acho que tenho. Foi por isso que Valik veio aqui. Tenho que ver Mac primeiro, mas se eu tiver que ir, ficarei ausente por alguns dias. Torne a dormir, querida. — Tinha feito a barba e se vestido apressadamente, tomara uma xícara de café e saíra. Lá fora ainda estava escuro, havia apenas um vislumbre de claridade, o ar estava cáustico com a fumaça pesada. Ao longe, ouvia-se o inevitável tiroteio esporádico. De repente, teve um pressentimento.

McIver morava a poucos quarteirões de distância. Lochart ficou surpreso de encontrá-lo completamente vestido.

— Alô, Tom. Entre. A licença chegou à meia-noite, entregue por mensageiro. Valik tem poder; não acreditei que a conseguíssemos. Quer café?

— Obrigado. Ele veio vê-lo ontem à noite?

— Sim. — McIver foi andando na frente para a cozinha. O café estava cheiroso. Não havia nem sinal de Genny, Paula ou Nogger Lane. Ele serviu Lochart. — Valik me disse que esteve com você e que você concordou em ir.

— Eu disse que iria se você concordasse, e depois de falar com você, e se nós conseguíssemos a licença. Onde está Nogger?

— Voltou para o apartamento dele. Eu o dispensei na noite passada. Ele ainda está muito abalado por ter-se envolvido naquele tumulto.

— Posso imaginar. O que aconteceu com a moça? Paula?

— Está no quarto de hóspedes, o voo dela da Alitalia ainda não saiu, mas provavelmente ela vai partir hoje. George Talbot, da embaixada, passou por aqui ontem à noite e contou que ouviu dizer que os revolucionários foram expulsos do aeroporto e que hoje, se tudo corresse bem, haveria alguns voos partindo e chegando.

— Então talvez Bakhtiar vença afinal — disse Lochart balançando a cabeça, pensativo.

— Vamos torcer que sim. A BBC, hoje de manhã, informou que Doshan Tappeh ainda está nas mãos de Khomeini e que os Imortais o estão cercando, esperando sentados nos traseiros.

Lochart estremeceu ao pensar em Xarazade lá. Ela prometera não tornar a fazer aquilo.

— Talbot disse alguma coisa a respeito de golpe?

— Apenas que o boato é que Carter se opõe. Se eu fosse iraniano, e general, não hesitaria. Talbot concordou, disse que o golpe deve ser dado nos próximos três dias, tem que ser, os revolucionários estão conseguindo armas demais Lochart quase podia ver Xarazade entoando aquela ladainha junto com outras milhares de pessoas, o jovem capitão Karim Peshadi declarando-se a favor de Khomeini e três Imortais desertando.

— Não sei o que faria, Mac, se fosse um deles.

— Graças a Deus não somos e isto aqui é o Irã, não a Inglaterra, conosco nas barricadas. De qualquer maneira, Tom, se o 125 chegar hoje, vou colocar Xarazade nele. Ela estará mais segura em Al Shargaz, pelo menos por umas duas semanas. Ela conseguiu o passaporte canadense?

— Sim, mas Mac, acho que ela não vai.

Lochart contou que Xarazade participara da revolta em Doshan Tappeh.

— Meu Deus, ela precisa examinar a cabeça. Vou mandar Gen conversar com ela.

— Genny vai para Al Shargaz?

— Não. Se dependesse de mim, ela já estaria lá, há uma semana. Vou fazer o que puder. Xarazade está bem?

— Maravilhosa, mas eu gostaria muito que Teerã acalmasse. Fico doente de preocupação com ela aqui e eu em Zagros. — Lochart tomou um gole de café. — Se é para ir, é melhor eu andar logo.

Fique de olho nela, sim? — E olhou para McIver, com um olhar franco e direto. — Qual é o objetivo deste voo, Mac?

— Conte-me exatamente o que Valik lhe disse ontem à noite — retrucou McIver, encarando-o.

Lochart contou-lhe. Exatamente.

— Ele é um filho da mãe por diminuí-lo dessa maneira.

— Ele conseguiu me humilhar. Infelizmente, ele é da família e no Irã... bem, você sabe. — Lochart disfarçou a amargura. — Perguntei a ele o que havia de tão importante em algumas peças e alguns riais, e ele me enrolou. — Viu que McIver estava com a cara fechada e parecia mais velho e mais grave do que nunca, até mesmo mais duro. — Mac, o que há afinal de tão importante com essas peças e esse dinheiro?

McIver terminou o café e serviu-se de um pouco mais. Abaixou a voz.

— Não quero acordar nem Genny nem Paula, Tom. Isso é entre nós. — E contou a Lochart o que acontecera no escritório. Exatamente.

— Savak? Ele, Annoush e os pequenos Setarem e Jalal? Meu Deus! — Lochart sentiu o sangue subir-lhe ao rosto.

— Foi por causa disso que concordei em tentar. É preciso. Também estou num beco sem saída. Nós dois estamos. E tem mais. — McIver contou-lhe a respeito do dinheiro.

— Doze milhões de riais, em dinheiro? Ou o equivalente na Suíça? — perguntou Lochart, quase engasgando.

— Fale baixo. Sim, doze para mim e doze para o piloto. Ontem à noite ele disse que a oferta ainda estava de pé e que eu não fosse ingênuo. — E McIver acrescentou zangado: — Se Gen não estivesse aqui, eu o teria atirado na rua.

Lochart mal o ouvia. Doze milhões de riais ou dinheiro em outro lugar? Mac tem razão. Se Valik ofereceu isso, aqui em Teerã, o que não pagaria quando estivesse perto da fronteira?

— Cristo!

O que você acha, Tom? Você ainda quer ir?

— Não posso recusar. Não posso. Muito menos agora que conseguimos a licença. — Ela estava em cima da mesa da cozinha e ele a apanhou. Estava escrito: EP-HBC permissão para Bandar Delam.

Voo prioritário para transporte de peças de reposição urgentes. Reabastecer na Base II da Força Aérea em Isfahan. Um tripulante: capitão Lane. O nome Lane fora riscado, e tinham escrito: Doente.

Piloto substituto_____.

Havia um espaço em branco que ainda não fora preenchido por McIver.

McIver deu uma olhada em direção à porta da cozinha, que estava fechada, e depois tornou a olhar para Lochart.

— Valik quer ser apanhado fora de Teerã. Em segredo.

— Isso cheira cada vez pior. Qual é o local de embarque?

— Se você conseguir chegar em Bandar Delam, Tom, e nem isso é certo, ele vai pressioná-lo para levá-los até o Kuwait.

— É claro. — Lochart devolveu o olhar de McIver.

— Ele vai usar todo tipo de pressão, a família, Xarazade, tudo. Especialmente dinheiro.

— Milhões. Em dinheiro vivo... que nós dois sabemos que eu estou precisando. — A voz de Lochart não se alterou. — Mas se eu voar para o Kuwait sem uma autorização iraniana, num helicóptero com registro iraniano, sem a aprovação nem do Irã nem da companhia, com passageiros iranianos não-autorizados tentando escapar do seu governo ainda legal, eu serei um sequestrador, sujeito a Deus sabe quantas acusações criminais aqui e no Kuwait. As autoridades do Kuwait apreenderiam o helicóptero, me atirariam na cadeia, e com certeza me extraditariam para o Irã. De qualquer maneira, teria destruído meu futuro como piloto e jamais poderia voltar para o Irã e para Xarazade. A Savak seria até capaz de agarrá-la, portanto não vou fazer uma coisa dessas.

— Valik é um patife perigoso. Ele vai armado. Poderia colocar uma arma na sua cabeça e obrigá-lo a prosseguir.

— Isso é possível. — A voz de Lochart não se alterou, mas por dentro ele estava fervendo. — Eu não tenho opção. Tenho que ajudá-lo, e vou fazê-lo, mas não sou nenhum imbecil. — Depois de uma pausa, acrescentou: — Nogger está a par disso?

— Não.

Na vigília daquela noite, depois de avaliar os possíveis planos, McIver decidira ir ele mesmo e não arriscar a vida nem de Lane nem de Lochart. Para o diabo com o exame médico e com o fato disso ser ilegal, dissera a si mesmo, este é um voo maluco, então um pouco mais de loucura não vai fazer mal nenhum.

Seu plano era simples: depois de conversar com Tom Lochart, diria apenas que resolvera não autorizar o voo, que não assinaria a licença e que iria de carro até o local de embarque com gasolina suficiente para Valik fazer a viagem de carro. Mesmo que Lochart quisesse ir com ele, seria fácil marcar um encontro e não aparecer, e simplesmente ir direto para Galeg Morghi, colocar seu próprio nome na licença como piloto e decolar. No local de embarque...

— O quê? — perguntou.

— Só há três possibilidades — repetiu Lochart. — Você se recusa a autorizar o voo, você me autoriza ou autoriza uma outra pessoa. Você dispensou Nogger, Charlie não está aqui, então sobramos eu e você. Você não pode ir, Mac. De jeito nenhum, é perigoso demais.

— É claro que eu não iria, a minha licença...

— Você não pode ir, Mac — disse Lochart com firmeza. — Sinto muito. Você simplesmente não pode.

McIver suspirou, sua sabedoria venceu sua obsessão em voar e ele se decidiu pelo segundo plano.

— Sim. Você tem razão. Concordo. Mas ouça com atenção: se você quer ir, isso é com você, eu não estou mandando. Vou autorizá-lo, se é o que você quer, mas sob condições. Se você chegar no local de embarque e estiver tudo limpo, apanhe-os. Então vá para Isfahan. Valik disse que poderia arranjar isso. Se Isfahan estiver OK, prossiga. Talvez o 'sr. Jeitinho' possa ajeitar isso também. É nisso que nós vamos ter que apostar.

— É nisso que eu estou apostando.

— Bandar Delam é o fim da linha. Você não vai atravessar a fronteira. Concorda? — McIver estendeu a mão.

— Combinado — disse Lochart, apertando-lhe a mão e rezando para conseguir manter a promessa.

McIver disse-lhe qual era o lugar combinado, assinou a licença e notou que suas mãos tremiam. Se algo sair errado, adivinhe atrás de quem a Savak virá? De nós dois. E talvez até de Gen, pensou McIver, mais uma vez cheio de horror. Não contou a Lochart que ela tinha ouvido o que Valik dissera na noite anterior e que tinha calculado o resto. "Mas eu estou de acordo, Duncan. É terrivelmente arriscado,

mas você tem que tentar ajudá-los, e Tom também, ele também não tem opção."

McIver entregou a licença a Lochart.

— Tom, você tem ordens expressas de não atravessar a fronteira. Se o fizer, acho que você perderá mesmo tudo, inclusive Xarazade.

— Esse esquema é todo doido, mas, é isso.

— Sim, boa sorte.

Lochart balançou a cabeça, devolveu-lhe o sorriso e partiu.

McIver fechou a porta da frente. Espero que tenha sido a decisão correta, pensou, com a cabeça doendo. Era loucura eu mesmo ir, e no entanto... Gostaria que fosse eu que estivesse indo e não ele, gostaria...

— Oh — exclamou, espantado. Genny estava em pé ao lado da porta da cozinha, com um robe quente sobre a camisola. Não estava usando os óculos e olhou para ele apertando os olhos.

— Eu... eu estou muito feliz por você não ter ido, Duncan — disse num fio de voz.

— O quê?

— Ora, vamos, seu bobo, eu conheço você muito bem. Você não pregou olho tentando tomar uma decisão... nem eu, preocupada com você. Sei que se eu fosse você, teria ido, ou querido ir. Mas, Duncan, Tom é forte e vai ficar bem e eu desejo muito que ele leve Xarazade e não volte nunca mais... — As lágrimas começaram a rolar pelo seu rosto. — Estou tão contente que você não tenha ido. — Enxugou as lágrimas e foi para o fogão pôr água para ferver. — Sinto muito, eu às vezes me descontrolo. Desculpe.

— Gen, se o 125 chegar hoje, você vai embora nele? Por favor — pediu, abraçando-a.

— Certamente, querido, se você também for.

— Mas Gen, você tem que ir.

— Duncan, deixe-me falar um instante, por favor. — Ela se virou e pôs os braços em volta dele, descansando a cabeça no seu peito e continuou a falar na mesma vozinha que tanto o perturbava. — Três dos seus sócios já fugiram com as famílias e com todo o dinheiro que conseguiram, o xá e sua família foram embora com todo o dinheiro deles, milhares de outros, a maior parte das pessoas que

conhecemos, já partiram, você mesmo disse isso, e agora, se até mesmo o grande general Valik está fugindo, apesar de todos os seus contatos e ele deve tê-los dos dois lados do muro, e... e se nem os Imortais conseguiram esmagar a pequena rebelião de Doshan Tappeh, feita por uns poucos cadetes da Força Aérea e por civis mal armados, praticamente no quintal deles, já está na hora de nós irmos embora.

— Nós não podemos, Gen — explodiu, e ela podia ouvir o coração dele batendo no peito e sua preocupação aumentou. — Isso seria um desastre — Seria apenas por pouco tempo, até as coisas melhorarem.

— Se eu fugisse do Irã, isso arruinaria a S-G.

— Isso eu não sei, Duncan, mas certamente a decisão depende de Andy, não de você. Foi ele que nos mandou para cá.

— Sim, ele me perguntou o que eu achava e não pude aconselhá-lo a desistir e deixar para trás vinte ou trinta milhões de dólares em helicópteros e peças. Nesta confusão, eles não durariam uma semana, seriam saqueados ou danificados, nós perderíamos tudo, tudo. Não se esqueça, Gen, todo o dinheiro da nossa aposentadoria está empregado na S-G, tudo.

— Mas, Duncan, você não acha que..

— Eu não vou deixar os nossos helicópteros e peças aqui-. — McIver sentiu o sangue subir e ficou momentaneamente em pânico ao pensar nisso. — Eu simplesmente não posso.

— Então leve-os com você.

— Pelo amor de Deus, não podemos tirá-los daqui-, não podemos arranjar as licenças, não podemos tirar os registros iranianos, não podemos. . estamos presos aqui até a guerra acabar.

— Não estamos, não, Duncan. Nem você, nem eu, nem os nossos rapazes, você tem que pensar neles também. Temos que sair. Eles vão nos expulsar de qualquer maneira, quem quer que vença, principalmente Khomeini. — Um arrepio percorreu-a ao pensar no primeiro discurso dele feito no cemitério: "Eu rezo para que Deus corte as mãos de todos os estrangeiros."

16

EM TABRIZ UM: 9:30H.

O Range Rover vermelho saiu dos portões do palácio do khan em direção a Tabriz, e à estrada que levava a Teerã. Erikki dirigia e Azadeh estava a seu lado. Fora o primo dela, coronel Mazardi, o chefe de polícia, quem persuadira Erikki a não ir para Teerã na sexta-feira.

— A estrada estaria extremamente perigosa; é ruim durante o dia — ele disse. — Os revoltosos não vão voltar já, vocês estão perfeitamente seguros. É muito melhor ir ver Sua Alteza, o khan, e pedir seu conselho. Seria muito mais sábio.

— Erikki, é claro que faremos o que você decidir, mas eu realmente ficaria mais feliz se passássemos a noite em casa e víssemos papai — dissera Azadeh.

— Minha prima tem razão, capitão; é claro que vocês podem fazer o que quiserem, mas eu juro pelo Profeta, que Deus guarde as Suas palavras eternamente, que a segurança de Sua Alteza é tão importante para mim quanto para você. Se ainda se sente inclinado a partir, parta amanhã. Posso assegurar-lhe que não há perigo aqui. Vou colocar guardas. Se esse tal de Rakoczy ou qualquer outro estrangeiro ou esse mulá chegarem a meio quilômetro daqui ou do palácio Gorgon, vão se arrepender.

— Oh, sim, Erikki, por favor — falou Azadeh, com entusiasmo. — É claro, meu querido, que faremos o que você quiser, mas talvez você desejasse consultar Sua Alteza, meu pai, sobre que atitude tomar.

Com relutância, Erikki concordara. Arberry e o outro mecânico, Dibble, tinham decidido ir para o Hotel Internacional de Tabriz e passar o fim-de-semana lá.

— As peças devem chegar na segunda-feira, capitão. O velho unha-de-fome do McIver sabe que o nosso 212 tem que estar

funcionando na quarta-feira ou terá que nos mandar um outro e ele não vai gostar disso. Vamos ficar quietos, fazer o nosso trabalho e colocar o aparelho em condições de voar.

O gerente da base pode ir nos buscar. Somos britânicos, não temos com que nos preocupar; ninguém vai tocar em nós. E não se esqueça que estamos trabalhando para o governo deles, quem quer que seja o maldito governo, e não temos nenhuma briga com esses malditos, esses sangüinários, perdoe-me. Não se preocupe conosco, nem o senhor nem a patroa. Vamos ficar quietos e esperar o senhor voltar na quarta-feira. Divirtam-se em Teerã.

Então Erikki fora, acompanhado pelo coronel Mazardi, para Tabriz. O gigantesco palácio dos khans Gorgons localizava-se no sopé das montanhas, e ocultava vários hectares de jardins e pomares por trás de altos muros. Quando chegaram, toda a casa estava acordada e reunida — madrasta, meias-irmãs, sobrinhas, sobrinhos, empregados e filhos dos empregados, mas não Abdullah Khan, seu pai.

Azadeh foi recebida de braços abertos, com lágrimas, alegria e mais lágrimas, e fizeram planos imediatos para um grande almoço no dia seguinte para comemorar a sorte de a terem em casa depois de tanto tempo.

— Mas que horror! Bandidos e um mulá vagabundo ousaram entrar na sua propriedade? Mas Sua Alteza, nosso amado pai, não doou um monte de dinheiro e centenas de hectares de terra para diversas mesquitas em Tabriz e nos seus arredores?

Erikki Yokkonen foi recebido com educação, mas com reserva. Todos tinham medo dele, por causa do seu tamanho, da sua rapidez com a faca, da violência do seu temperamento, e não conseguiam compreender a delicadeza dele com os amigos, nem o imenso amor que demonstrava por Azadeh. Ela era a quinta de seis meias-irmãs, e havia um meio-irmão mais moço. Sua mãe, morta há vários anos, fora a segunda mulher de Abdullah. Seu adorado irmão de sangue, Hakim, um ano mais velho do que ela, fora banido por Abdullah Khan e ainda estava em desgraça em Khoi, no noroeste — banido por crimes contra o khan pelos quais tanto ele quanto Azadeh juravam que não era culpado.

— Primeiro um banho — disseram suas meias-irmãs, alegremente —, depois você pode contar-nos o que aconteceu, com todos os detalhes, todos os detalhes. — E rindo, arrastaram Azadeh. No refúgio da sala de banho, quente, aconchegante, luxuosa e completamente fora do alcance de todos os homens, conversaram e fofocaram até de madrugada.

— O meu Mahmud não faz amor comigo há uma semana — disse Najoud, a meia-irmã mais velha de Azadeh.

— Deve ser outra mulher, Najoud querida — alguém disse.

— Não, não é isso. Ele está tendo problemas de ereção.

— Oh, pobre querida! Já tentou dar-lhe ostras...

— Ou experimentou usar óleo de rosas nos seus seios...

— Ou esfregou-o com extrato de jacarandá, chifre de rinoceronte e almíscar...

— É tirado de uma antiga receita do tempo de Ciro, o Grande. Isso é segredo, mas o pênis do Grande Rei era muito pequeno quando ele era jovem, mas depois que conquistou os medas, milagrosamente seu pênis se tornou motivo de inveja. Parece que conseguiu uma poção mágica dos medas que se ele esfregasse por um mês... O sumo sacerdote deles deu-a a Ciro em troca de sua vida, com a condição do Grande Rei jurar manter o segredo dentro da família. E o segredo tem passado de pai para filho, através dos séculos, e agora, queridas irmãs, ele está em Tabriz!

— Oh, com quem, queridíssima irmã Fazulia, com quem? Que as bênçãos de Deus estejam para sempre com você, com quem? O desgraçado do meu marido, Abdullah, que os seus três últimos dentes caíam, não tem uma ereção há anos. Com quem?

— Oh, fique quieta, Zadi, como ela pode dizer se você fica falando? Continue, Fazulia.

— Sim, fique quieta, Zadi, e agradeça a sua sorte. O meu Hussan vive ereto, de manhã, de tarde e de noite, e vive tão cheio de desejo que não me dá tempo nem para escovar os dentes!

— Bem, o segredo do elixir foi comprado pelo tataravô do atual dono por um preço enorme, me disseram que custou um punhado de diamantes...

— Eeeeeeeeeeeeeee...

— .. mas agora pode-se comprar um pequeno frasco por cinquenta mil riais.

— Oh, é muito caro! Onde vou arranjar tanto dinheiro?

— Como sempre, você pode arranjá-lo no bolso dele, e pode, evidentemente, pechinchar. Nada é demais para se ter uma poção dessas, já que não podemos ter outros homens.

— Se funcionar...

— É claro que funciona, oh, onde se compra isso, querida Fazulia?

— No bazar, na loja de Abu Bakra bin Hassan bin Saiidi. Eu sei o caminho! Iremos amanhã. Antes do almoço. Você irá conosco, querida Azadeh!

— Não, obrigada, querida irmã.

Elas deram várias risadas e uma das mais jovens disse: — Pobre Azadeh, ela não precisa nem de jacarandá nem de armisca, ela precisa do contrário.

— Jacarandá e almíscar, garota, com chifre de rinoceronte — disse Fazulia.

Azadeh riu junto com elas. Todas tinham lhe perguntado, abertamente ou em particular, se o pênis do seu marido era tão grande quanto ele e como podia, sendo tão magra e frágil, lidar com aquilo e suportar seu peso.

— Com mágica — respondera para as mais jovens. — Facilmente — dissera para as mais sérias. — Com um êxtase inacreditável, como deve ser no jardim do paraíso — para as ciumentas e para aquelas que detestava e que queria provocar. Nem todo mundo aprovara seu casamento com esse gigante estrangeiro. Muitos tinham tentado influenciar seu pai contra ele e contra ela. Mas ela vencera e sabia quem eram os seus inimigos: sua meia-irmã Zadi, louca por sexo, a mentirosa prima Fazulia, com seus exageros idiotas, e, principalmente, a víbora do grupo, a irmã mais velha, Najoud, e o seu infame marido, Mahmud, que Deus os castigue pelas suas maldades.

— Najoud, querida, estou muito feliz de estar em casa, mas está na hora de dormir.

E foram para cama. Todas elas. Algumas alegres, outras tristes, algumas odiando, outras amando, algumas com os maridos, outras sozinhas. Os homens podiam ter quatro esposas ao mesmo tempo, de acordo com o Corão, desde que tratassem todas elas com igualdade — só Maomé, o Profeta, tivera permissão para ter quantas esposas desejasse. De acordo com a tradição, o Profeta teve 11 esposas durante sua vida, embora não ao mesmo tempo. Algumas morreram, de outras ele se divorciou, e algumas sobreviveram a ele. Mas todas o honraram para sempre.

Erikki acordou quando Azadeh deitou-se na cama ao seu lado.

— Devemos partir o mais cedo possível, Azadeh, minha querida.

— Sim — concordou, quase dormindo, com a cama tão confortável e ele tão confortável. — Sim, quando você quiser, mas por favor, não antes do almoço, porque a querida madrasta vai chorar rios de lágrimas...

— Azadeh!

Mas ela já estava dormindo. Ele suspirou, também satisfeito, e voltou a dormir.

Eles não partiram no domingo conforme o planejado — o pai dela disse que não era conveniente, pois queria conversar com Erikki primeiro. Hoje de madrugada, segunda-feira, depois das orações conduzidas pelo pai dela, e depois do café — café, pão, mel, iogurte e ovos — tiveram permissão para partir e agora pegavam a estrada principal para Teerã, e na frente deles estava a barreira.

— É estranho — disse Erikki. O coronel Mazardi combinara encontrá-los ali, mas não estava à vista, nem havia ninguém na barreira.

— Polícia — retrucou Azadeh, com um bocejo. — Nunca estão onde se precisa deles.

A estrada subia em direção ao desfiladeiro. O céu estava claro e azul e a luz já banhava os picos das montanhas. Lá embaixo, no vale, ainda estava escuro, frio e úmido; a estrada estava escorregadia, com montículos de neve, mas isso não o preocupou porque o Range Rover tinha tração nas quatro rodas e ele trazia correntes. Mais além, quando chegou ao desvio que ia para a base, ele passou direto. Sabia que a base estava vazia, que o 212 estava a

salvo aguardando reparos. Antes de deixar o palácio, tentara entrar em contato com seu administrador, Dayati, sem sucesso. Mas não se importou. Erikki se ajeitou no assento, estava com os tanques cheios e com seis latas de cinco galões de reserva, que apanhara na bomba particular de Abdullah.

Posso chegar facilmente em Teerã ainda hoje, pensou. E voltar na quarta-feira, se voltar. Aquele filho da mãe do Rakoczy deu notícias realmente muito ruins.

— Quer um pouco de café, querido? — perguntou Azadeh.

— Obrigado. Veja se consegue pegar a BBC ou a Voz da América nas ondas curtas. — Aceitou satisfeito o café quente da garrafa térmica, escutando o barulho da estática, do efeito heteródino e das estações soviéticas e quase mais nada. As estações iranianas ainda estavam fora do ar por causa da greve, exceto as que eram operadas pelos militares.

Durante o fim-de-semana, amigos, parentes, vendedores, empregados, tinham trazido boatos a respeito de tudo, desde a iminência de uma invasão soviética até uma também iminente invasão americana, desde golpes militares bem-sucedidos na capital até a covarde rendição de todos os generais a Khomeini e a renúncia de Bakhtiar.

— Asneira! — dissera Abdullah Khan. Ele era um homem corpulento de uns sessenta anos, de barba, com olhos escuros e lábios grossos, coberto de joias e ricamente vestido. — Por que Bakhtiar iria renunciar? Ele não ganha nada com isso e, por enquanto, não há nenhum motivo.

— E se Khomeini vencer? — perguntara Erikki.

— É a Vontade de Deus. — O khan estava reclinado sobre tapetes no grande salão, Erikki e Azadeh sentavam-se em frente, e seu guarda-costas armado estava em pé, atrás dele. — Mas a vitória de Khomeini será apenas temporária, caso ele a consiga. As Forças Armadas vão dominá-lo, a ele e a seus mulás, mais cedo ou mais tarde. Khomeini é um homem velho. Morrerá logo, e quanto mais cedo melhor, pois embora tenha cumprido a Vontade de Deus e tenha sido o instrumento para expulsar o xá, cuja hora tinha chegado, ele é vingativo, bitolado, e tão megalomaníaco quanto o

xá, se não for mais. Ele vai, com toda a certeza, assassinar mais iranianos do que o xá jamais o fez.

— Mas ele não é um homem santo, piedoso e tudo o que um aiatolá deve ser? — perguntou Erikki, cautelosamente, sem saber o que esperar. — Por que Khomeini faria isso?

— É o hábito dos tiranos. — O khan riu e apanhou outro halvah, um doce turco que ele adorava.

— E o xá? O que vai acontecer agora? — Apesar de Erikki não gostar do khan, estava satisfeito pela oportunidade de ouvir a opinião dele. Sua vida e de Azadeh no Irã dependia muito do khan e Erikki não tinha nenhuma vontade de partir.

— Será como Deus quiser. Muhammad Xá fez um bem enorme ao Irã, como seu pai antes dele. Mas nos últimos anos estava totalmente voltado para si mesmo e não queria ouvir ninguém, nem mesmo a xabanu, a imperatriz Farah, que é dedicada a ele e muito inteligente. Se tivesse juízo, abdicaria imediatamente em favor do seu filho Reza. Os generais precisam de um motivo para se unir, eles poderiam treiná-lo até que estivesse preparado para assumir o poder. Não se esqueça de que o Irã tem sido uma monarquia há quase três mil anos, sempre governado por um monarca com poderes absolutos, alguns diriam um tirano, só destituído pela morte. — Ele sorria, com seus lábios grossos e sensuais. — Dos xás Qajar, nossa dinastia legítima que governou por 150 anos, só um, o último da linhagem, meu primo, morreu de causas naturais. Somos um povo oriental, não ocidental, que entende tortura e violência. A vida e a morte não são julgadas pelos seus padrões. — Seus olhos escuros pareceram ficar ainda mais escuros. — Talvez seja a Vontade de Deus que os Qajars voltem... sob o governo deles o Irã prosperou.

Não foi isso o que eu ouvi dizer, pensara Erikki. Mas se manteve calado. Não me compete julgar o que aconteceu ou o que acontecerá aqui.

Durante todo o domingo houve interferência na transmissão da BBC e da Voz da América, o que não era incomum. A Rádio de Moscou estava alta e clara, como sempre, e a Rádio Iramana Livre que transmitia até Tbilisi, ao norte da fronteira, também estava alta

e clara como sempre. Suas transmissões em farsi e em inglês falavam em revolta geral contra "o governo ilegal de Bakhtiar, contra o xá e seus patrões americanos, comandados pelo intrigante e mentiroso presidente Carter.

Hoje Bakhtiar tentou obter as boas graças do povo cancelando um total de 13 bilhões de dólares de contratos militares ilegais impostos ao país pelo recém-deposto xá: oito bilhões de dólares com os Estados Unidos, contratos para a compra de tanques centuriões dos ingleses, no valor de dois bilhões e trezentos milhões de dólares, mais dois reatores nucleares franceses, e um da Alemanha, no valor de dois bilhões e setecentos milhões de dólares. Esta notícia colocou em pânico os líderes ocidentais e, sem dúvida, levará a uma merecida crise nas bolsas de valores capitalistas..."

— Perdoe-me por perguntar, pai, mas o Ocidente vai falir? — perguntara Azadeh.

— Não desta vez — respondera o khan e Erikki viu seu rosto ficar mais frio. — A menos que os soviéticos decidam que chegou a hora de suspender o pagamento dos oitenta bilhões de dólares que devem aos bancos ocidentais, e até a alguns bancos orientais. — Ele rira sardonicamente, brincando com o fio de pérolas que usava em volta do pescoço. — É claro que os agiotas orientais são muito mais espertos; pelo menos não são tão gananciosos. Empréstam criteriosamente e exigem garantias e não acreditam em ninguém, muito menos no mito da 'caridade cristã'. — Todo mundo sabia que os Gorgons eram donos de enormes propriedades no Azerbaijão, terra rica em petróleo, de grande parte da Madeira Iraniana, de propriedades costeiras no mar Cáspio, da maior parte do bazar de Tabriz e da maioria dos bancos comerciais de lá.

Erikki lembrou-se dos boatos que ouvira sobre Abdullah Khan quando estava tentando conseguir permissão para se casar com Azadeh, sobre seu pão-durismo e sua falta de compaixão nos negócios: "Um caminho rápido para o paraíso ou para o inferno é dever um rial a Abdullah, o Cruel, não pagar invocando pobreza e ficar em Azerbaijão.

— Pai, permita-me perguntar, o cancelamento de tantos contratos vai causar prejuízos, não vai?

— Não, você não tem permissão para perguntar. Você já fez perguntas demais para um dia. Uma mulher deve refrear a língua e ouvir. Você pode sair agora.

Imediatamente, ela se desculpou pelo seu erro e saiu obedientemente.

— Com licença.

Erikki também se levantou para sair, mas o khan o fez parar.

— Eu ainda não lhe dei licença para sair. Sente-se. Agora, por que você está com medo de um único soviético?

— Não estou com medo dele, mas do sistema. Aquele homem tem que ser da KGB.

— Por que então você não o matou?

— Isso não teria ajudado e sim prejudicado a nós, à base, à Madeira Iraniana, à Azadeh, talvez até ao senhor. Ele me foi enviado por outros. Ele nos conhece, conhece o senhor. — Erikki observara o khan cuidadosamente.

— Eu conheço uma porção deles. Os russos, soviéticos ou czaristas, sempre cobiçaram o Azerbaijão, mas têm sido bons fregueses do Azerbaijão, e nos ajudaram contra os nojentos ingleses.

Eu os prefiro aos ingleses, eu os compreendo. — Sorriu ainda mais friamente. — Seria fácil remover este Rakoczy.

— Ótimo, então faça isso, por favor. — Erikki dera uma gargalhada. — E todos os outros também.

Isso seria realmente executar o trabalho de Deus.

— Não concordo — dissera o khan, mal-humorado. — Isso seria fazer o trabalho de Satã. Sem os soviéticos contra eles, os americanos e seus cães, os ingleses, dominariam a nós e ao resto do mundo. Eles engoliriam o Irã. Quase o fizeram no governo do Muhammad Xá. Sem a Rússia Soviética, quaisquer que sejam seus defeitos, não haveria resistência às estratégias nojentas da América, à sua arrogância nojenta, aos seus modos infames, seus jeans infames, sua música infame, sua comida infame, sua democracia infame, suas atitudes infames em relação à mulher, à lei e à ordem, sua pornografia nojenta, sua atitude ingênua em relação à

diplomacia, e ao seu perverso, sim, esta é a palavra correta, ao seu perverso antagonismo ao Islã.

A última coisa que Erikki queria era um outro confronto. Mas apesar de sua resolução, sentiu a raiva subindo.

— Nos fizemos um aqor..

— Por Deus, é verdade! — o khan gritou para ele. — É verdade.

— Não é, e nós fizemos um acordo diante do seu Deus e dos meus espíritos de que não discutiríamos política, nem a do seu mundo nem a do meu.

— É verdade, admita! — Abdullah Khan rosnou, com a cara contorcida de raiva. Uma das mãos dirigiu-se para a faca que estava na cintura, e imediatamente o guarda empunhou sua metralhadora, apontando para Erikki. — Em nome de Alá, você está me chamando de mentiroso, em minha própria casa? — berrou.

— Eu só estou lembrando ao senhor, Alteza, o acordo que fizemos em nome de Alá! — Os olhos escuros injetados de sangue o encararam. Ele o encarou de volta, pronto para sacar sua própria faca e matar ou ser morto; o perigo entre os dois era muito grande.

— Sim, sim, isso também é verdade — resmungou o khan, e o acesso de raiva passou tão depressa quanto começara. Ele olhou para o guarda e mandou-o embora, zangado. — Saia!

A sala agora estava muito silenciosa. Erikki sabia que havia outros guardas por perto e orifícios para observação nas paredes. Sentiu a testa coberta de suor e o peso de sua faca pukoh no meio das costas.

Abdullah Khan sabia que a faca estava lá e que Erikki a usaria sem hesitação. Mas o khan concedera-lhe permissão perpétua para andar armado na presença dele. Há dois anos atrás Erikki salvara-lhe a vida.

Isso aconteceu no dia em que Erikki pediu-lhe permissão para se casar com Azadeh e foi recusado imperiosamente.

— Não, por Alá, eu não quero infiéis na minha família. Saia da minha casa! Pela última vez!

Erikki erguera-se do tapete, com dor no coração. Nesse momento, ouviram ruído de luta do lado de fora da porta, seguido por tiros, então a porta abriu com violência e por ela entraram dois

homens, assassinos armados com metralhadoras, enquanto a luta continuava no corredor. O guarda-costas do khan matou um, mas o outro crivou-o de balas e apontou a arma para Abdullah Khan, que estava sentado no tapete, em estado de choque. Antes que o assassino pudesse puxar o gatilho pela segunda vez, ele morreu, com a faca de Erikki atravessada na garganta. Na mesma hora, Erikki saltou em cima dele, arrancou-lhe a metralhadora das mãos e a faca da garganta, no mesmo instante em que outro assassino entrava na sala, atirando. Erikki acertara o rosto do homem com a metralhadora, matando-o, quase arrancando-lhe a cabeça com a força da pancada, depois correu, enfurecido, para o corredor. Três dos atacantes e dois guarda-costas estavam mortos ou morrendo. Os outros dois fugiram, mas Erikki foi atrás deles e os matou, voltando correndo para dentro. E foi só quando encontrou Azadeh, e viu que ela estava bem, que a sede de sangue o abandonou e ele se acalmou.

Erikki recordou como a havia deixado e voltado para o grande salão. Abdullah ainda estava sentado sobre os tapetes — Quem eram aqueles homens?

— Assassinos. Inimigos, como os guardas que os deixaram entrar — respondera Abdullah Khan, com ódio. — Foi a Vontade de Deus que você estivesse aqui para me salvar, é pela Vontade de Deus que estou vivo. Você pode se casar com Azadeh, sim, mas por eu não gostar de você, nós dois vamos jurar diante do meu Deus e do seu, seja lá o que for que você adore, não discutir nem religião nem política, seja do seu mundo ou do meu, então talvez eu não tenha que mandar matá-lo.

E agora os mesmos frios olhos escuros o observavam. Abdullah Khan bateu palmas.

Instantaneamente, a porta se abriu e um criado apareceu.

— Traga café! — O homem saiu rapidamente. — Vou deixar de lado esse assunto sobre o seu mundo e passar para outro que podemos discutir: minha filha, Azadeh.

Erikki colocou-se mais ainda na defensiva, sem saber até que ponto seu pai a controlava, ou quais eram os seus direitos como marido enquanto estivesse no Azerbaijão — um feudo do velho. Se

Abdullah Khan ordenasse a Azadeh para voltar para casa e se divorciar dele, será que ela o faria?

Acho que sim, temo que sim — ela não vai escutar uma só palavra contra o pai. Ela defendeu até o seu ódio paranoico pela América explicando o que o havia causado: — Ele foi mandado para lá, para cursar a universidade, pelo seu pai. Ele passou uma fase terrível na América, Erikki, aprendendo a língua e tentando conseguir um diploma em economia como seu pai ordenara antes de ter permissão para voltar para casa. Meu pai odiava os outros estudantes, que zombavam dele porque não sabia jogar os seus jogos, porque era mais pesado do que eles, o que no Irã é um sinal de saúde, mas não na América, e era lento para aprender Mas, principalmente, por causa dos trotes que teve de aguentar; foi obrigado, Erikki, a comer coisas impuras que são contra a nossa religião, como carne de porco, a beber cerveja, vinho e outras bebidas alcoólicas, o que é contra a nossa religião, a fazer coisas indescritíveis e foi chamado de nomes horríveis. Eu também ficaria zangada se fosse comigo. Por favor, seja paciente com ele. Os soviéticos não o fazem ver sangue pelo que fizeram com seu pai, sua mãe e seu país? Tenha paciência com ele, por favor. Ele não concordou com o nosso casamento? Tenha paciência com ele.

Eu tenho sido muito paciente, pensou Erikki, mais paciente do que com qualquer outro homem, louco para a entrevista terminar.

— O que há com minha mulher, Alteza? — Era costume chamá-lo assim, e Erikki o fazia de vez em quando, por educação.

— Naturalmente, o futuro da minha filha me interessa. Qual é o seu plano quando chegar a Teerã?

— Não tenho nenhum plano. Só acho que é prudente tirá-la de Tabriz por alguns dias. Rakoczy disse que eles estavam 'solicitando' os meus serviços. Quando a KGB diz isto no Irã, na Finlândia ou até mesmo na América, é melhor você ficar alerta e se preparar para ter problemas. Se eles a raptassem, eu ficaria nas mãos deles.

— Eles poderiam raptá-la em Teerã muito mais facilmente do que aqui, se este for o plano deles.

Você se esquece que está no Azerbaijão — e apertou os lábios com desprezo —, não no país de Bakhtiar.

— Só sei que isso é o que eu acho que é melhor para ela. Eu disse que a protegeria com minha própria vida, e o farei. Até que o futuro político do Irã esteja definido, por você e outros iranianos, acho que isso é a melhor coisa a fazer.

— Neste caso, vá. — O khan falara de uma forma tão brusca que ele tinha ficado assustado. — Se você precisar de ajuda, envie-me o seguinte código...

— Pensou por um momento. Então seu sorriso tornou-se sardônico: — Envie-me a frase: 'todos os homens nasceram iguais'. Esta é outra verdade, não é?

— Não sei, Alteza — disse cuidadosamente. — Seja ou não verdade, é certamente a Vontade de Deus.

Abdullah dera uma gargalhada, levantando-se e deixando-o sozinho no grande salão e Erikki sentira um frio na alma, profundamente perturbado pelo homem cujos pensamentos ele nunca pôde ler.

— Você está com frio, Erikki? — perguntou Azadeh.

— Oh, não, nem um pouco — disse, voltando à realidade, ouvindo o motor funcionando bem enquanto subiam a estrada da montanha em direção ao desfiladeiro. Havia pouco tráfego para ambos os lados. Quando saíram da curva, alcançaram a luz do sol e chegaram ao topo; imediatamente, Erikki mudou suavemente de marcha e ganhou velocidade ao iniciarem a longa descida. A estrada, construída por ordem do Reza Xá, bem como a ferrovia, era uma maravilha da engenharia, com cortes, aterros, pontes e partes íngremes sem nenhuma proteção do lado do precipício, com a superfície escorregadia, cheia de montes de neve. Ele tornou a trocar a marcha, dirigindo depressa mas com prudência, muito satisfeito por não terem saído à noite. — Posso tomar um pouco mais de café?

— Vou gostar de ver Teerã — disse Azadeh, servindo-lhe o café. — Há um monte de compras para fazer, Xarazade está lá, e eu tenho uma lista de coisas para comprar para minhas irmãs, creme facial para minha madrasta...

Ele mal ouvia, com o pensamento em Rakoczy, em Teerã, em McIver, e no próximo passo.

A estrada descia em curvas. Diminuiu a velocidade e passou a dirigir com mais cuidado, vendo algum tráfego pelo retrovisor. Logo atrás havia um carro de passageiros, superlotado como sempre, e o motorista dirigia perto demais, depressa demais e com a mão permanentemente na buzina, mesmo quando era impossível sair da frente. Erikki fechou os ouvidos à impaciência, com a qual ele nunca se acostumara, nem à maneira imprudente dos iranianos dirigirem, até mesmo Azadeh. Fez a curva seguinte com a inclinação mais acentuada, e mais à frente, não muito longe, viu um caminhão cheio de carga subindo e um carro ultrapassando-o pela contramão. Freou, apertando-se contra a encosta.

Nesse momento, o carro atrás dele acelerou, passou por ele tocando a buzina, ultrapassando-o sem olhar, saindo pela contramão. Os dois carros bateram e ambos caíram no precipício de 150 metros de altura, pegando fogo. Erikki encostou ainda mais e parou. O caminhão não parou, apenas continuou subindo a montanha como se nada tivesse acontecido e os outros carros fizeram o mesmo.

Ele chegou na beirada e olhou para o vale lá embaixo. Destroços dos carros, ainda incendiando, espalhavam-se pela encosta a duzentos metros, sem possibilidade de haver sobreviventes, e sem nenhuma chance de se descer até lá sem equipamento adequado. Quando voltou para o carro, sacudiu a cabeça com tristeza.

— Insha'Allah, meu querido — disse Azadeh, calmamente. — Foi a Vontade de Deus.

— Não, não foi, foi pura estupidez.

— É claro que você tem razão, querido, foi certamente estupidez — disse imediatamente, na sua voz mais apaziguadora, vendo sua raiva e não entendendo, como não entendia muito do que se passava pela cabeça desse homem estranho que era seu marido. — Você tem toda a razão, Erikki. Foi pura estupidez, mas foi pela Vontade de Deus que a estupidez desses motoristas causou-lhes a morte e daqueles que viajavam com eles. Foi a Vontade de Deus ou a estrada estaria livre. Você tem toda a razão.

— Tenho mesmo? — disse, cansado.

— É claro que sim, Erikki. Toda a razão.

Prosseguiram. As aldeias que ficavam à beira da estrada ou que eram cortadas por ela, eram pobres ou muito pobres, com ruazinhas de terra, choupanas e casas toscas, altos muros, algumas mesquitas sem vida, lojinhas de rua, cabras, ovelhas e galinhas, e as moscas, que ainda não eram a praga em que se tornavam no verão. Havia sempre lixo nas ruas e nos joub — os fossos — e as inevitáveis matilhas de cães sarnentos, abandonados, frequentemente raivosos. Mas a neve tornava a paisagem e as montanhas pitorescas, e o dia continuou a ser bom, embora frio, com o céu azul e nuvens se formando.

Dentro do Range Rover estava quente e confortável. Azadeh usava uma roupa de esqui acolchoada e um suéter de cashmere por baixo, do mesmo tom de azul, botas curtas. Ela tinha tirado a jaqueta e o gorro de esqui, e seus cabelos cheios, naturalmente escuros e ondulados, caíam-lhe pelos ombros.

Perto do meio-dia, pararam para almoçar ao lado de um riacho. No começo da tarde, viajaram através de plantações de maçã, pêra e cereja, no momento desfolhadas e nuas, depois chegaram aos arredores de Qazvin, uma cidade de uns 150 mil habitantes e muitas mesquitas.

— Quantas mesquitas existem ao todo no Irã, Azadeh? — perguntou.

— Uma vez eu ouvi dizer que eram vinte mil — respondeu sonolenta, abrindo os olhos e espiando à sua frente. — Ah, Qazvin! Você fez um bom tempo, Erikki! — Bocejou, ajeitou-se mais confortavelmente e voltou a cochilar. — Há vinte mil mesquitas e cinquenta mil mulás, segundo dizem. Neste ritmo estaremos em Teerã dentro de duas horas...

Ele sorriu quando ela tornou a cochilar. Estava se sentindo mais seguro agora, satisfeito por já ter vencido a maior parte da viagem. Depois de Qazvin a estrada era boa até Teerã. Em Teerã, Abdullah Khan tinha muitas casas e apartamentos, a maioria alugados para estrangeiros. Alguns, reservava para uso próprio e de sua família, e dissera a Erikki que, desta vez, por causa dos distúrbios, eles podiam ficar num apartamento não muito distante do de McIver.

— Obrigado, muito obrigado — agradecera Erikki e, mais tarde, Azadeh comentara: — Não sei por que ele foi tão gentil. Não... não é típico dele. Ele odeia você e me odeia por mais que tente agradá-lo.

— Ele não odeia você, Azadeh.

— Peço desculpas por discordar de você, mas ele me odeia. Vou lhe dizer mais uma vez, meu querido, foi minha irmã mais velha, Najoud, quem realmente o envenenou contra mim e contra meu irmão. Ela e o seu maldito marido. Não se esqueça de que minha mãe era a segunda esposa do meu pai, tinha quase a metade da idade da mãe de Najoud e era duas vezes mais bonita e apesar de minha mãe ter morrido quando eu tinha sete anos, Najoud ainda guarda o veneno, não na nossa frente, é claro, ela é muito esperta para isso. Erikki, você não imagina como as mulheres iranianas podem ser sutis, enganadoras e poderosas, ou o quanto podem ser vingativas sob uma aparência tão doce.

Najoud é pior do que a serpente do jardim do Éden! Ela é a causa de toda a inimizade. — Seus lindos olhos azuis esverdeados encheram-se de lágrimas. — Quando eu era pequena, meu pai nos amava de verdade, ao meu irmão Hakim e a mim, e nós éramos os seus favoritos. Ele passava mais tempo conosco, na nossa casa, do que no palácio. Então, quando mamãe morreu, fomos morar no palácio, mas nenhum dos nossos meios-irmãos e irmãs gostavam realmente de nós. Quando fomos para o palácio, Erikki, tudo mudou. Foi Najoud.

— Azadeh, você se acaba com esse ódio. É você quem sofre e não ela. Esqueça-a. Agora, ela não tem mais nenhum poder sobre você e vou-lhe dizer mais uma vez: você não tem nenhuma prova.

— Não preciso de provas. Eu sei. E nunca vou esquecer.

Erikki não respondeu. Não havia sentido em discutir, em remexer no que fora a causa de muita violência e muitas lágrimas. É melhor botar para fora do que guardar, é melhor deixá-la enfurecer-se de vez em quando.

A estrada agora deixava os campos e entrava em Qazvin, uma cidade igual a muitas outras cidades iranianas, barulhenta, abafada, suja, poluída e engarrafada. Ao lado da estrada ficavam os joub que contornavam a maioria das estradas do Irã. Aqui, os fossos tinham

um metro de profundidade, com partes de concreto, e com lama, gelo e água escorrendo por eles. Árvores cresciam lá dentro, as pessoas lavavam suas roupas neles, às vezes os usavam como reservatório de água para beber, ou como esgoto. Depois dos fossos, começavam os muros. Muros que escondiam casas ou jardins, grandes ou pequenos, ricos ou miseráveis. Nas cidades, as casas em geral tinham dois andares, eram sem graça, com a forma de um caixote, algumas de tijolo, outras de argila, algumas com reboco, mas quase todas escondidas. A maioria tinha chão de terra, poucas possuíam água corrente, eletricidade e algum tipo de instalação sanitária.

O tráfego aumentou com uma rapidez espantosa. Bicicletas, motocicletas, ônibus, caminhões, carros de todos os tamanhos, marcas e idades, desde os mais novos até os mais velhos, quase todos amassados, alguns decorados com pinturas de várias cores e pequenas luzes, de acordo com a fantasia do dono. Eriki passara diversas vezes por ali, nos últimos anos, e conhecia todos os locais de engarrafamento possíveis. Mas não havia nenhum outro caminho, nenhum desvio contornando a cidade, embora houvesse um antigo plano para isso. Sorriu desdenhosamente, tentando ignorar o ruído, e pensou: Nunca farão esse desvio, os moradores não aguentariam o silêncio. Os habitantes de Qazvin e de Rasht, no mar Cáspio, eram alvos de muitas piadas iranianas.

Desviou-se de um destroço queimado, depois colocou uma fita cassete de Beethoven e aumentou o volume para abafar o barulho. Mas não adiantou muito.

— Este tráfego está pior do que o normal! Onde está a polícia? — disse Azadeh, agora totalmente desperta. — Você está com sede?

— Não, obrigado. — Olhou para ela, de suéter e com os cabelos soltos realçando-lhe a beleza.

Sorriu. — Mas estou com fome... com fome de você.

— Eu não estou só com fome, estou faminta — disse rindo, e lhe deu o braço.

— Ótimo! — Eles eram felizes juntos.

Como sempre, a estrada estava ruim, com vários buracos — em parte pelo uso, em parte por causa dos reparos e obras infundáveis,

embora raramente houvesse sinalização ou barreiras de segurança.

Ele se desviou de um buraco bastante fundo e depois passou devagar por outro destroço que fora empurrado de qualquer maneira para um dos lados. Nesse momento, um caminhão amassado veio da direção oposta, com a buzina tocando furiosamente. Estava brilhantemente decorado, tinha os pára-lamas amarrados com arame, a cabine aberta e sem vidro, e a tampa do tanque era um pedaço de pano. Na traseira, uma pilha alta de galhos de árvore, e três passageiros precariamente pendurados.

O motorista estava embrulhado num casaco esfarrapado de pele de carneiro. Havia dois outros homens a seu lado. Quando Erikki passou, percebeu, surpreso, que todos o olhavam. Poucos metros adiante, um ônibus amassado e superlotado veio pesadamente em sua direção. Com muito cuidado, desviou para mais perto do fosso, raspando com o lado do carro para dar passagem ao ônibus, suas rodas bem na beirada, e então parou. Mais uma vez, viu que o motorista e todos os passageiros o olharam ao passar, mulheres de chador, rapazes barbados e bem agasalhados contra o frio. Um deles sacudiu o punho para ele. Um outro gritou um palavrão.

Nós nunca tivemos nenhum problema antes, pensou Erikki, pouco à vontade. Para onde quer que olhasse, via os mesmos olhares zangados. Da rua e dos veículos. Tinha que ir devagar por causa dos enxames de motocicletas e bicicletas que passavam no meio dos carros, dos ônibus e dos caminhões que disputavam espaço na única pista — sem obedecer a nenhuma outra lei de tráfego a não ser às que lhes agradavam — e agora um rebanho de ovelhas saía de uma rua lateral e inundava a estrada, com os motoristas xingando os pastores e os pastores xingando de volta, todo mundo zangado e impaciente, e as buzinas tocando sem parar.

— Maldito tráfego! Ovelhas estúpidas! — disse Azadeh, impacientemente, agora bem acordada. — Toque a buzina, Erikki!

— Tenha paciência, volte a dormir. Não há jeito de ultrapassar ninguém — gritou por cima do tumulto, consciente da inimizade que o cercava. — Seja paciente!

Para atravessar outros trezentos metros, levaram meia hora, com mais tráfego vindo de ambos os lados para se juntar ao fluxo que foi

ficando cada vez mais lento. Vendedores de rua, pedestres e lixo. Agora ele se arrastava atrás de um ônibus que ocupava quase toda a estrada, quase arranhando os carros do outro lado, andando a maior parte do tempo com uma das rodas sobre a borda do fosso.

Os motociclistas passavam sem o menor cuidado, batendo na carroceria do Range Rover e dos outros veículos, xingando-se uns aos outros e a todo mundo que estava em volta, empurrando e chutando as ovelhas, fazendo-as debandar. Vindo de trás, um pequeno carro encostou nele e o motorista enfiou a mão na buzina num paroxismo de raiva que fez o ódio subir à cabeça de Erikki. Feche os ouvidos, ordenou a si mesmo. Tenha calma! Não há nada que você possa fazer! Tenha calma!

Mas achou isso cada vez mais difícil. Depois de meia hora, as ovelhas entraram numa picada e o tráfego andou um pouco mais depressa. Então, depois da curva seguinte, apareceu um conserto na estrada sem nenhuma sinalização, e um buraco com mais de um metro de profundidade, cheio de água, impedia a passagem. Um grupo de trabalhadores insolentes estava agachado ali perto, gritando palavrões e fazendo gestos obscenos.

Era impossível avançar ou recuar. Todo o tráfego foi obrigado a se desviar para uma ruazinha estreita, e o ônibus que estava na frente não conseguiu fazer a curva, tendo que parar e manobrar, causando mais tumulto e mais gritos de raiva, e quando Erikki deu marcha à ré para dar espaço para o ônibus, um carro azul todo amassado que estava atrás dele desviou para o lado oposto da estrada, ultrapassando-o, e enfiando-se na pequena abertura, obrigando o carro que vinha em sentido contrário a frear e derrapar. Uma das rodas do carro entrou no fosso e o carro balançou perigosamente. O tráfego agora estava totalmente enrolado.

Furioso, Erikki puxou o freio de mão, abriu a porta e foi até o carro que estava pendurado no fosso, usando toda a sua força para puxá-lo para a estrada. Ninguém mais ajudou, apenas xingavam e contribuía para aumentar a confusão. Então Erikki caminhou em direção ao carro azul mas, neste momento, o ônibus fez a curva e houve espaço para andar e o motorista do carro azul engrenou e arrancou com um gesto obsceno.

Com esforço, Erikki relaxou os punhos. Os veículos dos dois lados da estrada buzinavam para ele.

Entrou no carro e engrenou.

— Tome — disse Azadeh, inquieta. E lhe passou uma xícara de café.

— Obrigado. — Tomou o café, guiando com uma das mãos, o tráfego mais uma vez ficando lento. O carro azul desaparecera. Quando pôde falar calmamente, ele disse: — Se eu tivesse posto as mãos nele ou no carro, eu os teria feito em pedaços.

— Sim. Sim, eu sei. Erikki, você notou como todo mundo está hostil conosco? Como estão zangados?

— Sim, notei.

— Mas por quê? Nós já passamos por Qazvin mais de vinte ve...

— Azadeh recuou involuntariamente quando um monte de lixo bateu de repente na sua janela, e chegou para perto dele, assustada. Erikki praguejou e fechou os vidros, depois estendeu o braço por cima dela e trancou a porta. Um monte de estrume foi jogado no pára-brisa.

— O que está havendo com esses matyeryebyets! — resmungou.

— É como se estivéssemos exibindo uma bandeira americana e acenando com retratos do xá. — Uma pedra foi jogada não se sabe de onde e ricocheteou do lado do carro. Então o ônibus que estava na frente deles saiu da ruazinha lateral e entrou na ampla praça com uma mesquita ao fundo, onde havia barracas de feira e duas pistas de tráfego de cada lado. Para alívio de Erikki, puderam aumentar a velocidade. O tráfego ainda estava pesado, mas já começava a fluir e ele colocou em segunda, buscando a saída para Teerã, do outro lado da praça. No meio do caminho, as duas pistas começaram a ficar mais congestionadas à medida que mais veículos se juntavam aos que se dirigiam para a estrada de Teerã.

— Isso nunca esteve tão ruim — resmungou. — O que será que está impedindo o tráfego?

— Deve ser outro acidente — disse Azadeh, muito inquieta. — Ou obras na estrada. Vamos voltar?

O tráfego não está tão ruim daquele lado.

— Temos muito tempo — disse para animá-la. — Vamos sair daqui em um minuto. Assim que sairmos da cidade, tudo estará bem. — Lá na frente, estava tudo parado de novo e o barulho aumentou. As duas pistas tornavam a se unir, engarrafando, com muita gritaria, improperios, com os carros andando, parando e se arrastando a dez quilômetros por hora, as barracas e as carroças invadindo a estrada e subindo pelo fosso. Estavam quase na saída quando alguns jovens começaram a correr ao lado do carro gritando insultos, alguns obscenos. Um dos rapazes bateu na janela.

— Cão americano...

— Porco americano...

A estes homens se juntaram outros e algumas mulheres vestindo o chador, com os punhos levantados.

Erikki estava encurralado e não podia sair da estrada nem aumentar a velocidade, nem podia retroceder. Sentiu a raiva crescer com a impotência. Alguns homens batiam no capô, nas laterais e nas janelas do Range Rover. Agora já havia um bando deles e os que estavam do lado de Azadeh provocavam-na, fazendo gestos obscenos, tentando abrir a porta. Um dos rapazes pulou no capô mas escorregou e caiu mas conseguiu sair do caminho antes que Erikki passasse por cima dele.

O ônibus da frente parou. Imediatamente, houve uma confusão frenética de passageiros que queriam entrar e outros que queriam sair. Então Erikki viu uma abertura, pisou no acelerador, atirando um homem no chão, ultrapassou o ônibus, quase atropelando os pedestres que andavam displicentemente pelo meio dos veículos, e entrou numa rua lateral que estava milagrosamente livre, acelerou e entrou em outra, evitou por pouco um bando de motocicletas e prosseguiu. Logo ficou inteiramente perdido, pois a única coisa igual nas cidades grandes ou pequenas eram os vira-latas, o lixo e o tráfego, mas ele se orientou pela sombra do sol e finalmente chegou numa rua mais larga, enfiou o carro no fluxo do tráfego, tornou a sair, e logo chegou a uma rua que reconheceu, uma rua que o levou para outra praça, em frente a outra mesquita e depois de volta à estrada de Teerã.

— Está tudo bem agora, Azadeh, eram apenas uns vândalos.

— Sim — respondeu, abalada. — Deviam ser chicoteados.

Erikki vinha observando as multidões próximas à mesquita, nas ruas e nos veículos, tentando encontrar uma pista para aquela hostilidade inesperada. Há algo de estranho, pensou. O que era?

Então sentiu um vazio no estômago.

— Não vi nenhum soldado nem nenhum caminhão do Exército, desde que saímos de Tabriz. Nenhum.

Você viu?

— Não, não vi.

— Alguma coisa aconteceu. Alguma coisa séria.

— Guerra? Os soviéticos invadiram a fronteira? — Seu rosto perdeu ainda mais a cor.

— Duvido. Haveria tropas indo para o norte, ou aviões. Não se preocupe — disse, mais para convencer a si mesmo. — Vamos nos divertir em Teerã, Xarazade está lá e também muitos amigos seus. Já estava na hora de você mudar um pouco. Talvez eu tire a licença a que tenho direito.

Podíamos ir para a Finlândia por uma ou duas semanas...

Estavam saindo do centro da cidade e entrando nos subúrbios. Os subúrbios estavam em ruínas, com as mesmas casas e muros e ruas esburacadas. Aqui, a estrada para Teerã se alargava em quatro pistas, duas de cada lado, e embora o tráfego ainda estivesse lento e pesado, mal chegando a vinte quilômetros por hora, ele não se importou. Um pouco à frente, a estrada Abadan—Kermanshah bifurcava-se em direção a sudoeste, e ele sabia que ela escoaria bastante o tráfego. Automaticamente, seus olhos examinaram os mostradores da mesma forma que examinariam os instrumentos de sua cabine, e não foi a primeira vez que desejou estar voando, longe de toda aquela bagunça. O mostrador de gasolina registrava menos de um quarto. Em pouco tempo teria que reabastecer, mas isso não seria problema, com tanto combustível de reserva no carro.

Diminuíram a marcha para ultrapassar outro caminhão estacionado displicentemente perto de alguns vendedores de beira de estrada, o ar pesado com o cheiro do diesel. Então mais lixo surgiu não se sabe de onde e se espalhou pelo pára-brisa.

— Talvez fosse melhor voltarmos, Erikki e regressar a Tabriz. Talvez pudéssemos passar por fora de Qazvin.

— Não — disse, estranhando que ela estivesse amedrontada; normalmente, ela não tinha medo de nada. — Não — repetiu com mais delicadeza.

— Vamos para Teerã descobrir qual é o problema, depois decidiremos o que fazer.

Ela chegou mais para perto dele e pôs a mão no seu joelho.

— Aqueles vândalos me assustaram. Que Deus os amaldiçoe — murmurou, os dedos brincando nervosamente com o colar de turquesas que usava em volta do pescoço. A maioria das mulheres iranianas usava turquesas ou contas azuis, ou uma única pedra azul contra o mau-olhado. — Aqueles cães danados! Por que fizeram aquilo? Demônios. Que Deus os amaldiçoe eternamente! — Logo na saída da cidade havia um grande campo de treinamento do Exército e uma base aérea. — Por que não há soldados aqui?

— Eu também gostaria de saber.

O desvio para a estrada Abadan—Kermanshah surgiu à direita. Grande parte do tráfego se dirigia para lá. Cercas de arame farpado dividiam as duas estradas — como em quase todas as rodovias do Irã. As cercas eram necessárias para evitar que ovelhas, bodes, vacas, cachorros — e pessoas — atravessassem as estradas. Os acidentes eram muito frequentes e a mortalidade alta.

Mas isso é normal para o Irã, pensou Erikki. Como aqueles pobres idiotas que caíram da encosta da montanha. Ninguém para tomar conhecimento, ninguém para comunicar o fato, ninguém para enterrá-los. Exceto os falcões, os animais selvagens e as matilhas de cães danados.

Com a cidade atrás deles, sentiram-se melhor. O campo tornou a surgir, mais uma vez os pomares para além do fosso e do arame farpado. As montanhas Elburz ao norte e os campos se ondulando para o sul. Mas em vez de andar mais depressa, as duas pistas ficaram ainda mais vagarosas e congestionadas, depois fundiram-se outra vez numa só, com mais batidas, gritaria e raiva. Cansado, ele xingou as inevitáveis obras que deviam estar causando a retenção, diminuiu a marcha, suas mãos e pés trabalhando automaticamente,

mal notando o anda-pára, anda-pára, com os motores rangendo e esquentando, o barulho e a frustração crescendo em cada veículo. De repente, Azadeh apontou para a frente.

— Olhe!

Uns cem metros à frente havia uma barreira. Grupos de homens a cercavam. Alguns estavam armados, todos eram civis e estavam pobremente vestidos. A barreira ficava próxima a uma pequena aldeia, com barracas na margem da estrada e na campina do lado oposto. Aldeões, mulheres e crianças, se misturavam com os homens. Todas as mulheres usavam o chador negro ou cinzento. A cada carro que parava, papéis eram verificados para que o veículo tivesse permissão de passar.

Vários carros tinham sido retirados da estrada e levados para a campina, onde grupos de homens interrogavam os ocupantes. Erikki viu mais armas no meio deles.

— Não são Faixas Verdes — disse.

— Não há nenhum mulá. Você está vendo algum?

— Não.

— Não são nem do Tudeh, nem mujahedins, nem fedayins.

— É melhor você ficar com a carteira de identidade preparada — e sorriu para ela. — Vista o casaco para não se resfriar quando eu abrir a janela, e ponha o chapéu. — Não era o frio que o preocupava. Era a curva dos seus seios, por baixo do suéter, a delicadeza da sua cintura e o seu cabelo solto.

No porta-luvas havia uma faca pukoh pequena, dentro de um estojo. Ele a escondeu na bota direita. A outra, a sua faca grande, estava por baixo do casaco, nas costas.

Quando finalmente chegou a vez deles, homens rudes e barbados cercaram o Range Rover. Alguns tinham rifles americanos, um tinha um AK47. Havia algumas mulheres, apenas rostos dentro do chador, que olharam para Azadeh com reprovação.

— Papéis — um dos homens disse em farsi, estendendo a mão, com um hálito fedorento, e o cheiro desagradável de roupas e corpos sujos invadiu o carro. Azadeh ficou olhando para a frente, tentando não prestar atenção aos olhares e comentários e na proximidade, a que não estava acostumada.

Educadamente, Erikki entregou sua carteira de identidade e a de Azadeh. O homem segurou-as, olhou-as e passou-as para um rapaz que sabia ler. Todos os outros esperaram em silêncio, observando, batendo com os pés por causa do frio. Finalmente, o rapaz disse em farsi: — Ele é um estrangeiro de algum lugar chamado Finlândia. Vem de Tabriz. Não é americano.

— Ele parece americano — disse alguém.

— A mulher se chama Gorgon, ela é mulher dele... pelo menos é isso que está nos papéis.

— Eu sou mulher dele — disse Azadeh, ríspidamente. — Se...

— Quem lhe perguntou alguma coisa? — O primeiro homem interrompeu-a rudemente. — O seu nome de família é Gorgon, que é um sobrenome de latifundiários, e o seu sotaque é sofisticado como os seus modos e é mais do que provável que você seja uma inimiga do povo.

— Eu não sou inimiga de ninguém. Por...

— Cale-se. As mulheres devem ter modos, devem ser castas e cobrir-se e ser obedientes mesmo num Estado socialista. — O homem se virou para Erikki. — Para onde vocês vão?

— O que foi que ele disse, Azadeh? — perguntou Erikki. Ela traduziu.

— Para Teerã — disse calmamente para o sujeito. — Azadeh, diga a ele que estamos indo para Teerã. — Tinha contado seis rifles e uma automática. Estava preso pelo tráfego, não havia nenhuma maneira de escapar. Ainda.

— Meu marido não fala farsi — acrescentou Azadeh, depois de traduzir.

— Como podemos ter certeza disso? E como vamos saber se vocês são mesmo casados? Onde está a certidão de casamento?

— Não está comigo. Na minha carteira de identidade está escrito que eu sou casada.

— Mas esta carteira é do tempo do xá. Uma carteira ilegal. Onde está sua carteira nova?

— Uma carteira dada por quem? Assinada por quem? — retrucou agressivamente. — Devolva os nossos documentos e nos deixe passar!

A firmeza dela perturbou-os. O homem hesitou.

— Você deve compreender que há muitos espiões e inimigos do povo que precisam ser apanhados...

Erikki podia sentir o coração batendo. Caras fechadas, pessoas da Idade Média. Feias. Mais homens se juntaram ao grupo que estava em volta deles. Um deles acenou raivosa e barulhentosamente para os carros e caminhões que estavam atrás, mandando-os passar para serem examinados. Ninguém buzina. Todo mundo esperava pacientemente a sua vez. E por cima de todo o barulho do tráfego, crescia um pavor silencioso.

— O que está havendo aqui? — Um homem atarracado abriu caminho através da multidão. Os outros lhe deram passagem respeitosamente. Sobre o ombro, trazia uma metralhadora tcheca. O outro explicou e entregou-lhe os papéis. O rosto do homem atarracado era redondo e barbado, seus olhos escuros e suas roupas pobres e sujas. Um tiro foi disparado de repente e todas as cabeças se viraram para a campina.

Um homem estava caído no chão ao lado de um carro pequeno que tinha sido retirado da estrada. Um dos rebeldes debruçava-se sobre ele com uma automática na mão. O outro passageiro fora empurrado contra o carro, com as mãos em cima da cabeça. De repente, ele conseguiu se livrar e correu. O homem que tinha a arma levantou-a e atirou, errou e tornou a atirar. Desta vez o homem que corria gritou e caiu, gemendo em agonia, tentando se arrastar, sem poder mais mexer com as pernas.

Lentamente, o homem com o revólver foi até lá, esvaziou o tambor em cima dele, matando-o aos poucos.

— Ahmed! — gritou o homem atarracado. — Por que desperdiçar balas quando podia fazer isso com suas botas? Quem são eles?

— Savak! — Um murmúrio de satisfação percorreu a multidão e os aldeões, e alguém bateu palmas.

— Idiota! Então por que matá-los tão depressa? Traga-me os papéis deles.

— Os cães tinham papéis dizendo que eram negociantes de Teerã, mas eu conheço um Savak quando o vejo. Você quer os papéis falsos?

— Não. Rasgue-os. — O homem atarracado tornou a virar-se para Erikki e Azadeh. — É assim que os inimigos do povo serão exterminados.

Ela não respondeu. As identidades deles estavam naquelas mãos pegajosas, E se os nossos papéis também forem considerados falsos? Insha'Allah!

Quando o homem atarracado terminou de examinar as identidades, ele encarou Erikki. Depois a ela.

— Você afirma ser Azadeh Gorgon Yokkonen... mulher dele?

— Sim.

— Ótimo. — Ele enfiou as identidades deles no bolso e fez um sinal com o polegar em direção à campina. — Diga a ele para guiar até lá. Vamos revistar o carro.

— Mas o...

— Faça isso. AGORA! — O homem atarracado subiu no páralama, com as botas arranhando a pintura. — O que é aquilo? — perguntou, apontando para a cruz azul sobre fundo branco que estava pintada no teto.

— É a bandeira finlandesa — disse Azadeh. — Meu marido é finlandês.

— Por que ela está lá?

— Porque ele gosta.

O homem atarracado cuspiu, depois tornou a apontar na direção da campina.

— Depressa! Para lá. — Quando chegaram num lugar vazio, com a multidão atrás, ele desceu. — Fora. Quero revistar o carro para ver se tem armas e contrabando.

— Nós não temos nem armas nem...

— Fora! E você, mulher, guarde a língua! — As velhas da multidão o apoiaram. Ele fez um sinal, iradamente, para os dois corpos abandonados na lama. — A justiça do povo é rápida e definitiva, não se esqueça disso. — Apontou para Erikki. — Diga ao gigante do seu marido o que eu falei. Se é que ele é seu marido.

— Erikki, ele está dizendo que a justiça... que a justiça do povo é rápida e definitiva e que não se esqueça disso. Tome cuidado, meu querido. Nós, nós temos que sair do carro. Eles querem revistá-lo.

— Está bem. Mas saia pelo meu lado.

Elevando-se acima da multidão, Erikki saiu. Protetoramente, pôs o braço em volta dela, com homens, mulheres e algumas crianças cercado-os, deixando-lhes pouco espaço. O fedor de corpos sujos era esmagador. Ele podia senti-la tremer, por mais que tentasse ocultá-lo. Juntos, viram o homem atarracado e outros subirem no carro impecável, pisando nos assentos com suas botas enlameadas.

Outros destrancaram a porta de trás, tirando e espalhando negligentemente as coisas deles, mãos sujas mexendo em bolsos, abrindo tudo — as malas dele e as dela. Então um dos homens exibiu as roupas de baixo e as camisolas finas de Azadeh para os assovios e zombarias da multidão. As velhas resmungaram sua desaprovação. Uma delas esticou a mão e tocou-lhe o cabelo. Azadeh recuou mas os que estavam atrás não se afastaram. Imediatamente, Erikki se moveu para ajudar, mas a massa não saiu do lugar, embora os que estavam perto dele tenham gritado, quase esmagados, e seus gritos enfureceram os outros que se aproximaram ainda mais, ameaçadoramente, gritando com ele.

De repente, Erikki percebeu, pela primeira vez, que não podia proteger Azadeh. Sabia que podia matar uma dúzia antes que o dominassem e o matassem, mas isso não a protegeria.

Isso o abalou profundamente.

Suas pernas ficaram fracas e ele sentiu uma vontade incontrolável de urinar, o cheiro do seu próprio medo o sufocou e teve que lutar contra o pânico que o invadia. Entorpecido, observou seus pertences serem profanados. Alguns homens se afastavam com os galões de gasolina que eram vitais para eles, sem os quais nunca chegariam a Teerã, uma vez que todos os postos de gasolina estavam em greve.

Tentou obrigar as pernas a se mexerem, mas elas não funcionaram, nem sua boca. Então uma das velhas gritou com Azadeh que sacudiu a cabeça como se estivesse tonta, e os homens gritaram junto, empurrando-os, fechando o cerco em volta deles, com seu cheiro fétido enchendo-lhes as narinas, os ouvidos dele entupidos de farsi.

O braço de Erikki ainda estava em volta dela, e no meio do barulho Azadeh olhou para cima e ele percebeu o seu terror, mas não conseguiu ouvir o que ela estava dizendo. Novamente tentou abrir mais espaço para os dois, mas tornou a fracassar. Desesperado, procurou conter o pânico selvagem, claustrofóbico e o desejo crescente de lutar que estavam começando a tomar conta dele, sabendo que se começasse, isso iniciaria o tumulto que os destruiria. Mas não pôde conter-se e atacou cegamente com o cotovelo livre, no exato momento em que uma camponesa robusta, com olhos estranhos e raivosos abriu caminho pela multidão e atirou o chador no peito de Azadeh, despejando um paroxismo de farsi em cima dela, distraíndo a atenção do homem que caíra atrás dele, e que agora estava deitado sob seus pés, com o peito amassado pelo golpe de Erikki.

A multidão berrava com ela e com ele, dizendo a ela para pôr o chador, e Azadeh gritava: — Não, não, deixem-me em paz... — completamente desorientada. Durante toda a sua vida, nunca fora ameaçada daquela maneira, nunca estivera no meio de uma multidão como aquela, nunca estivera tão perto de camponeses, nem nunca sentira tanta hostilidade.

- Vista-o, meretriz...
- Em nome de Deus, vista o chador...
- Não em nome de Deus, mulher, em nome do povo...
- Deus é grande, obedeça a palavra...
- Dane-se Deus, em nome da revolução...
- Cubra seu cabelo, rameira e filha de uma rameira...
- Obedeça ao Profeta cujo nome seja louvado...

Os gritos e as vaias aumentaram, pés pisavam o homem que estava morrendo no chão, então alguém puxou o braço de Erikki que ainda estava em volta de Azadeh e ela sentiu que a outra mão dele procurava a faca grande e gritou: — Não, Erikki, não, eles vão matá-lo...

Em pânico, empurrou a camponesa e vestiu o chador, repetindo "Allah-u Akbarr" e isso abrandou um pouco os que estavam perto, as vaias diminuíram, embora as pessoas de trás continuassem empurrando para ver melhor, amassando os outros de encontro ao

Range Rover. Naquela confusão, Azadeh e Erikki ganharam um pouco mais de espaço em volta, embora ainda estivessem encurralados. Ela não o olhou, simplesmente agarrou-se nele, tremendo como um cachorrinho apavorado, envolvida naquela mortalha grosseira. Houve uma gargalhada quando um dos homens colocou o sutiã dela no próprio peito e desfilou afetadamente.

O vandalismo continuou até que, subitamente, Erikki sentiu alguma coisa diferente em volta deles. O homem atarracado e seus seguidores tinham parado e estavam olhando fixamente na direção de Qazvin. Enquanto os observava, viu que se misturavam com a multidão. Em questão de segundos tinham desaparecido. Outros homens perto da barreira estavam entrando nos carros e arrancavam rápido em direção à estrada de Teerã. Agora os aldeões também olhavam na direção da cidade, depois os outros, até que toda a multidão ficou paralisada. Aproximando-se pela estrada, em meio às fileiras de veículos, vinha um outro grupo de homens, conduzidos por mulás. Alguns mulás e muitos homens estavam armados.

— Allah-u Akbar — gritavam. — Deus e Khomeiini! — e depois começaram a correr, atacando a barreira.

Soaram tiros, o fogo foi respondido pelo pessoal da barreira e as forças opostas se enfrentaram com pedaços de pau, pedras, barras de ferro e alguns revólveres. O resto da multidão se espalhou. Os aldeões correram para a proteção de suas casas, os motoristas e passageiros fugiram dos carros, correram para as valas ou se lançaram ao chão.

Os gritos, os tiros, o barulho do conflito tiraram Erikki de sua paralisia. Empurrou Azadeh em direção ao carro, apanhando apressadamente seus pertences que estavam mais próximos, atirando-os na mala do carro e batendo a porta. Uma meia dúzia de aldeões começaram também a recolher as coisas, mas eles os tirou do caminho com um empurrão, pulou para o banco do motorista, deu a partida, manobrou e saiu em disparada pela campina, costeando a estrada. Bem na frente, à direita, viu o homem atarracado, com três dos seus seguidores, entrando num carro e se lembrou que ainda estavam com seus documentos. Durante um

segundo pensou em parar, mas rejeitou a ideia e manteve o curso em direção às árvores que margeavam a estrada. Mas então viu o homem atarracado tirar a metralhadora do ombro, apontar e atirar. A rajada foi um pouco alta e Erikki, com os reflexos estimulados pelo ódio, deu um golpe na direção e enfiou o pé no acelerador, enquanto o homem recarregava a arma. O pára-choque maciço do carro atirou o homem de encontro à lataria, esmagando-o, e a metralhadora continuou atirando até acabarem as balas, que furaram o metal, estilhaçando o pára-brisa, com o Range Rover funcionando como um aríete. Furioso, Erikki deu marcha à ré e tornou a atacar, passando por cima dos destroços, achatando-os, e teria saído e continuado a carnificina com as próprias mãos, mas nesse momento viu pelo espelho retrovisor que havia homens correndo na direção deles, então manobrou e fugiu.

O Range Rover fora construído para aquele tipo de terreno, com os pneus para neve aderindo à superfície acidentada. Em poucos instantes, estavam no meio das árvores e fora de alcance, e ele virou em direção à estrada, mudou de marcha, travou os diferenciais e subiu por cima do fosso, arrebatando a cerca de arame farpado. Uma vez na estrada, destravou os diferenciais, mudou de marcha e foi embora depressa.

Só quando já estava bem longe foi que a nuvem de sangue saiu dos seus olhos. Apavorado, ele se lembrou da rajada de balas caindo em cima do carro, e que Azadeh estava com ele. Em pânico, procurou-a com os olhos. Mas ela estava bem, embora paralisada de medo e encolhida no assento, agarrada nele com as duas mãos. Havia buracos de bala no vidro e no teto do carro, mas Azadeh nada sofrerá, embora, por um segundo, não conseguisse reconhecê-la, vendo apenas um rosto iraniano enfeiado pelo chador — como qualquer um das dezenas de milhares que se viam no meio da multidão.

— Oh, Azadeh — murmurou, e puxou-a para ele, guiando com uma só mão. Em seguida, diminuiu a marcha, parou no acostamento e abraçou-a enquanto os soluços a sacudiam. Não notou que o marcador de gasolina indicava que o tanque estava quase vazio nem

que o tráfego aumentava, nem os olhares hostis dos passantes, nem que muitos carros transportavam revolucionários para Teerã.

17

EM ZAGROS TRÊS: 15:18H. Os quatro homens estavam deitados em tobogãs, descendo a encosta atrás da base, com Scot Gavallan um pouco à frente de Jean-Luc Sessonne, que estava lado a lado com Nasiri, o gerente da base e com Nitckak Khan uns vinte metros atrás. Era uma corrida organizada por Jean-Luc, o Irã contra o Mundo, e todos quatro tentavam excitadamente aumentar a velocidade. A neve parecia uma poeira branca — uma neve muito leve em cima de uma camada dura de gelo — e sem trilha. Todos tinham subido até o cume atrás da base, com Rodrigues e um aldeão como juízes da partida. O prêmio para o vencedor era de cinco mil riais — cerca de sessenta dólares — e uma das garrafas de uísque de Lochart: — Tom não vai se importar — dissera Jean-Luc, com imponência. — Ele está tirando uma licença extra, gozando das delícias de Teerã, enquanto temos que ficar na base! E não sou eu que estou no comando? É claro. Este comandante está requisitando a garrafa para a glória da França, o bem das minhas tropas e para os nossos gloriosos senhores, os Yazdek Kash'kais — acrescentara, sob aplausos generalizados.

Era uma linda tarde de sol, a dois mil e quinhentos metros de altura, o céu sem nuvens e muito azul, o ar gelado. Durante a noite, a neve tinha parado de cair. Nevara desde que Lochart partira para Teerã, há três dias. Agora a base e as montanhas em volta eram um reino encantado de pinheiros, neve e cumes que atingiam quatro mil metros de altura — com cerca de setenta centímetros de neve fresca.

À medida que os competidores desciam, a encosta ficava mais íngreme, com algumas saliências encobertas fazendo-os pular de vez em quando. Ganharam velocidade, quase desaparecendo às vezes, sob o esguichos de neve, todos alegres e determinados a vencer.

Na frente, agora, havia um grupo de pinheiros. Scot freou habilmente, com a ponta das botas de esqui, agarrando os suportes curvos da frente com as mãos enluvadas, e contornou

graciosamente as árvores, depois fez uma curva e começou a descer o último declive em direção à linha de chegada, onde o resto da base e os aldeões aplaudiam e gritavam. Nasiri e Jean-Luc frearam uma fração de segundo depois, contornaram as árvores uma fração de segundo mais depressa e fizeram a curva em meio a uma cascata de neve, alcançando-o, fazendo com que a diferença entre os três ficasse mínima.

Nitchak Khan não freou nem se desviou. Ele se entregou a Deus pela centésima vez, fechou os olhos e entrou no meio dos pinheiros.

— Insha'Allahhhh!

Passou a poucos centímetros da primeira árvore, mais perto ainda da seguinte, abriu os olhos bem a tempo de evitar por um centímetro uma colisão, arrancou uma dúzia de galhos ganhando velocidade, voou pelos ares ao passar por uma saliência, evitando milagrosamente uma árvore caída e voltou ao chão batendo com o peito com tal força que ficou sem fôlego. Mas se segurou, empinando, deslizou em direção a um dos competidores por um instante, depois recuperou o equilíbrio e voou para fora da floresta mais depressa do que os outros, numa linha mais reta do que os outros, dez metros na frente dos outros, com todos os aldeões berrando entusiasticamente.

Os quatro agora convergiam, agarrados nos tobogãs, procurando aumentar ao máximo a velocidade, Scot, Nasiri e Jean-Luc aproximando-se cada vez mais de Nitchak Khan. Ali, a neve não estava tão boa e algumas pequenas saliências os fizeram pular, obrigando-os a se segurarem com mais força.

Mais duzentos metros, cem — os homens da base e os aldeões gritando e pedindo a Deus pela vitória — oitenta, setenta, sessenta, cinquenta e então...

Havia uma pedra grande bem escondida. Estando na liderança, Nitchak Khan foi o primeiro a se descontrolar e cair, perdendo a respiração, depois Scot e Jean-Luc voaram e se esparramaram, com seus tobogãs lançando nuvens de flocos de neve. Nasiri tentou desesperadamente se desviar deles e da pedra, e inclinou o tobogã, derrapando violentamente e despencando pela encosta até parar um pouco à frente dos outros, também sem fôlego.

Nitchak Khan se ergueu e limpou a neve do rosto e da barba.

— Louvado seja Deus — murmurou, estarelecido por não estar com nenhum membro quebrado, e olhou em volta, à procura dos outros. Estes também estavam-se levantando, Scot morrendo de rir de Jean-Luc que também estava ileso mas que continuava deitado de costas, gritando palavras em francês. Nasiri tinha entrado de cabeça num monte de neve e Scot, ainda rindo, foi ajudá-lo. Ele também estava só um pouco avariado, mas sem nada de grave.

— Ei, vocês aí em cima — alguém gritava lá de baixo. Era Effer Jordon.

— E essa maldita corrida? Ainda não terminou.

— Vamos, Scot. Vamos, Jean-Luc, pelo amor de Deus!

Scot esqueceu Nasiri e começou a correr em direção à chegada, uns cinquenta metros adiante, mas escorregou e caiu na neve pesada, levantou-se e tornou a escorregar, os pés pesando como chumbo.

Jean-Luc se ergueu e saiu correndo atrás dele, seguido de perto por Nasiri e Nitchak Khan. Os gritos da multidão redobram à medida que os homens lutavam contra a neve, caindo, engatinhando, levantando e tornando a cair no terreno difícil, esquecidos das dores. Scot ainda estava um pouco à frente.

— Vamos Nitchak Khan, vamos, Jean-Luc, vamos Nasiri — o mecânico Fowler Joines, com a cara vermelha, os animava, acompanhado dos aldeões.

Mais dez metros. O velho Khan estava um metro na frente quando tropeçou e caiu de cara no chão.

Scot passou à frente, com Nasiri quase do lado e Jean-Luc poucos centímetros atrás. Todos corriam com dificuldades, escorregando, tropeçando, arrancando com esforço suas botas da neve fofa. Então todo mundo começou a gritar quando Nitchak Khan se pôs a engatinhar pela neve nos últimos metros, e Jean-Luc e Scot deram um mergulho desesperado em direção à linha de chegada, e todos eles se estatelaram num monte de neve em meio a gritos e aplausos.

— Scot venceu...

— Não, foi Jean-Luc...

— Não, foi o velho Nitchak...

Depois de recuperar o fôlego, Jean-Luc disse: — Já que não há nenhuma opinião definida e que até o nosso venerável mulá não tem certeza, eu, Jean-Luc, declaro Nitchak Khan o vencedor, por um nariz de vantagem. — Houve aplausos que aumentaram quando ele acrescentou: — E como os derrotados perderam bravamente, eu os recompensarei com outra das garrafas de uísque de Tom, que ordeno que seja dividida entre todos os estrangeiros ao cair da tarde.

Todo mundo apertou a mão de todo mundo. Nitchak Khan concordou com uma corrida no mês seguinte e, como ele obedecia à lei e não bebia, regateou avaramente mas vendeu o uísque que ganhara para Jean-Luc pela metade do seu valor. Todo mundo tornou a aplaudir e, de repente, alguém deu um grito de alerta.

Na direção norte, lá no alto das montanhas, um clarão vermelho caiu na direção do vale. O silêncio foi imediato. O clarão desapareceu. Depois um outro surgiu e tornou a cair: SOS urgente.

— Emergência — disse Jean-Luc, apertando os olhos para ver melhor.

— Deve ser na plataforma Rosa ou na plataforma Bellissima.

— Já vou indo — Scot Gavallan saiu apressado.

— Vou com você — disse Jean-Luc. — Vamos levar um 212 e acompanhá-lo num voo de verificação.

Em poucos minutos já estavam no ar. A plataforma Rosa era uma das plataformas que eles tinham conseguido através do antigo contrato da Guerny, Bellissima era uma das regulares. Todas as onze plataformas daquela área tinham sido instaladas por uma companhia italiana para a IranOil, e embora todas fossem ligadas por rádio com Zagros Três, a conexão nem sempre era possível por causa das montanhas e da estática. Os foguetes de sinalização eram um substituto.

O 212 subiu com estabilidade, passando dos três mil e quinhentos metros, com os vales cobertos de neve brilhando à luz do sol. O teto operacional deles era seis mil metros, dependendo da carga.

Agora a plataforma Rosa estava bem à frente, numa clareira sobre um pequeno platô a três mil e oitocentos metros. Havia apenas uns poucos trailers para moradia e galpões espalhados ao acaso em volta da torre. E um heliporto.

— Plataforma Rosa, aqui é Jean-Luc. Está me ouvindo? — Esperou pacientemente.

— Alto e claro, Jean-Luc! — Era a voz alegre de Mimmo Sera, o homem da companhia, o posto mais elevado no campo, um engenheiro encarregado de todas as operações. — O que vocês têm para nós, hein?

— *Niente*, Mimmo! Vimos um clarão vermelho e estamos verificando.

— Madonna, emergência? Não fomos nós. — Imediatamente, Scot interrompeu a aproximação, fez uma curva e dirigiu-se para o novo alvo, subindo mais. — Bellissima?

— Vamos checar.

— Mantenha-nos informados, hein? Não conseguimos contato com vocês desde a última tempestade.

Quais são as últimas novidades?

— As últimas notícias que tivemos foram há dois dias atrás: A BBC noticiou que em Doshan Tappeh os Imortais tinham sufocado uma rebelião de cadetes da Força Aérea e de civis. Não temos notícias do nosso QG em Teerã nem de mais ninguém. Se tivermos notícias, passo um rádio para vocês.

— Eh, rádio! Jean-Luc, vamos precisar de mais 12 carregamentos de canos de seis polegadas e a quantidade normal de cimento a partir de amanhã, OK?

— Bien sôr! — Jean-Luc ficou encantado com o serviço extra e com a oportunidade de provar que eles eram melhores do que a Guerney. — Como vão as coisas?

— Perfuramos até dois mil e quinhentos metros e tudo indica que vai ser outra mina. Quero correr o poço na próxima segunda-feira, se possível. Será que você podia chamar a Schlumberger para mim?

Schlumberger era uma firma de renome internacional, que fabricava e fornecia equipamentos para coletar amostras e medir eletronicamente, com enorme precisão, a quantidade de petróleo

que o poço poderia fornecer e a qualidade das diversas camadas, instrumentos para guiar as brocas, instrumentos para retirar brocas quebradas, instrumentos para perfurar, por explosão, o revestimento de aço do buraco para que o petróleo pudesse fluir no interior do cano, além dos especialistas que os utilizam.

Extremamente caro, mas absolutamente necessário. 'Correr um poço' era a última tarefa antes de cimentar o revestimento de aço no lugar e fazer o poço jorrar.

— Onde quer que eles estejam, Mimmo, nós os traremos na segunda-feira... se Khomeini quiser.

— Mamma mia, diga a Nasiri que precisamos deles. A transmissão estava ficando cada vez mais fraca.

— Não há problema. Chamo você quando estiver voltando. — Jean-Luc olhou para fora da cabine, Estavam voando sobre um dos picos, ainda subindo, com os motores começando a vibrar. — Merde, estou com fome — disse, e se espreguiçou no assento. — Eu me sinto como se tivesse sido massageado por uma perfuratriz, mas foi uma grande corrida.

— Você sabe, Jean-Luc, você chegou na linha um segundo antes de Nitchak Khan. Pelo menos.

— É claro, mas nós franceses somos magnânimos, diplomatique, e muito práticos. Eu sabia que ele nos revenderia o nosso uísque pela metade do preço; se ele fosse declarado perdedor, isso nos teria custado uma fortuna. — Jean-Luc riu. — Mas se não fosse por aquela pedra, eu não teria hesitado.

Teria vencido facilmente.

Scot sorriu e não disse nada, respirando com facilidade, mas consciente da sua respiração. Acima de quatro mil metros, de acordo com o regulamento, os pilotos deveriam usar máscaras de oxigênio se fossem ficar lá em cima por mais de meia hora. Mas eles nunca carregavam nenhuma e, até agora, nenhum piloto tinha sentido qualquer outro desconforto além de uma dor de cabeça, embora levasse uma semana mais ou menos para a pessoa se acostumar a viver a dois mil e quinhentos metros de altura. Era mais duro para os trabalhadores de Bellissima.

As paradas deles em Bellissima costumavam ser muito curtas. Apenas se arrastavam até lá com uma carga de, no máximo, duas toneladas. Canos, bombas, diesel, guinchos, geradores, produtos químicos, comida, trailers, tanques, homens e lama — o nome genérico dado ao líquido que era bombeado para dentro do poço para remover resíduos, para manter a broca lubrificada, para controlar o óleo ou o gás, e sem o qual era impossível uma perfuração profunda. Depois saíam de lá, leves ou com uma carga completa de homens ou de equipamentos para serem reparados ou substituídos.

Nós não passamos de um caminhão de entregas, pensou Scot, seus olhos examinando o céu, os instrumentos e tudo em volta. Sim, mas que maravilha estar voando e não dirigindo. Embaixo, os penhascos estavam bem próximos, a linha das árvores ficara para trás há muito tempo. Eles ultrapassaram o último cume. Agora podiam ver o poço.

— Bellissima, aqui é Jean-Luc, estão me ouvindo?

A plataforma Bellissima era a mais alta da cordilheira, ficava exatamente 4.100 metros acima do nível do mar. A base estava encarapitada numa saliência, logo abaixo do topo. Do outro lado da saliência, a montanha descia dois mil metros, quase a prumo, até um vale de 16 mil quilômetros de largura por cinquenta quilômetros de comprimento, um enorme talho na superfície da terra.

— Bellissima, aqui é Jean-Luc. Estão me ouvindo? Ainda nenhuma resposta. Jean-Luc mudou de canal.

— Zagros Três, está me ouvindo?

— Alto e claro, capitão — veio a resposta imediata do seu operador de rádio iraniano, Aliwari. — Excelência Nasiri está aqui ao meu lado.

— Espere nesta frequência. A emergência é em Bellissima, mas não conseguimos nenhum contato pelo rádio. Vamos pousar.

— Roger. Esperando.

Como sempre acontecia em Bellissima, Scot ficou maravilhado com a monumental convulsão geológica que criara o vale. E, como todos que visitavam este poço, mais uma vez pensou na enormidade do risco, do esforço e do dinheiro necessários para encontrar o

campo de petróleo, escolher o lugar, levantar a torre e perfurar milhares de metros para tornar os poços lucrativos. Mas eles o eram, extremamente lucrativos, assim como toda esta enorme área com seus vastos depósitos de óleo e gás, encurralados em cones de calcário, dois a três mil metros abaixo da superfície. E mais um enorme investimento e um enorme risco para ligar este campo ao oleoduto que cavalgava as montanhas Zagros, unindo as refinarias de Isfahan, no centro do Irã às de Abadan, no golfo — outro extraordinário feito de engenharia da velha Companhia de Petróleo Anglo-Iraniana, agora nacionalizada e rebatizada de IranOil.

"Roubada, Scot, meu rapaz, roubada é a palavra certa", seu pai dissera muitas vezes. Scot Gavallan sorriu consigo mesmo, pensando em seu pai, com um sentimento de afeto. Tenho muita sorte em tê-lo, pensou. Ainda sinto falta de mamãe, mas foi melhor que ela tivesse morrido. É terrível para uma mulher ativa e bonita se tornar um corpo impotente, parálítico, e com a mente intacta até o fim, e ela foi a melhor mãe que uma pessoa poderia desejar.

Foi uma tragédia a morte dela, principalmente para papai. Mas estou feliz por ele ter se casado de novo, Maureen é um barato, papai é um barato, minha vida é ótima e o futuro cor-de-rosa. Ainda tenho muito tempo para voar, um bocado de garotas, e dentro de dois anos eu me caso: que tal Tess?

Seu coração acelerou. É uma droga que Linbar seja tio dela e que ela seja a sua sobrinha favorita, mas por sorte não tenho nada a ver com ele, ela só tem dezoito anos, então ainda temos muito tempo..

— De que lado você vai pousar, mon vieux? — ouviu através dos fones — Vou descer pelo lado oeste — disse, voltando à realidade.

— Ótimo. — Jean-Luc estava tentando ver alguma coisa. Não havia nenhum sinal de vida. O lugar estava todo coberto de neve, quase enterrado. Só o heliporto estava limpo. Rolos de fumaça saíam dos trailers. — Ah! Veja!

Viram a figura de um homem, todo agasalhado, em pé perto do heliporto e acenando para eles — Quem é?

— Acho que é Pietro. — Scot concentrara-se no pouso. Naquela altitude e por causa da posição sobre a saliência, havia rajadas

súbitas de vento, turbulências e redemoinhos, não se podia errar. Ele se aproximou por cima do abismo, com os redemoinhos fazendo-os balançar, depois corrigiu o aparelho com precisão e pousou.

— Ótimo. — Jean-Luc voltou sua atenção para o homem agasalhado que agora reconhecia como sendo Pietro Fieri, um dos chefes da plataforma, o segundo em importância depois do homem da companhia. Eles o viram fazer um gesto com a mão como se estivesse cortando a garganta, o sinal para desligar os motores, indicando que a emergência não exigia uma decolagem imediata. Jean-Luc fez sinal para o homem se aproximar da janela e a abriu. — Qual é o problema, Pietro? — gritou por sobre o barulho dos motores.

— Guineppa está doente — Pietro gritou em resposta. Mario Guineppa era o 'homem da companhia'.

E Pietro bateu com a mão no lado esquerdo do peito. — Nós achamos que pode ser o coração. E isso não é tudo. Olhe lá! — Ele apontou para cima. Scot e Jean-Luc levantaram a cabeça para ver melhor mas não conseguiram ver o que o deixava tão agitado. Jean-Luc saltou. O frio o atingiu e ele apertou os olhos que se encheram de água por causa dos redemoinhos provocados pelos rotores, os óculos escuros não ajudando grande coisa. Então ele viu o problema e seu estômago deu um salto. A algumas centenas de metros próximo ao cume, e exatamente em cima do acampamento, havia um enorme bloco de neve e gelo.

— Madonna!

— Se isso se soltar, vai causar uma enorme avalanche por toda a encosta e talvez nos leve junto e a tudo o que existe no vale. — O rosto de Pietro estava azulado do frio. Ele era gordo e muito forte, tinha uma barba grisalha e seus olhos castanhos e perspicazes estavam apertados por causa do vento.

— Guineppa quer conversar com você. Venha até o trailer dele, sim?

— E aquilo? — Jean-Luc fez sinal com o polegar para cima.

— Se descer, desceu — Pietro disse com uma risada, seus dentes muito brancos contrastando com a cor do seu casaco manchado de óleo. — Vamos!

— Afastou-se do helicóptero, agachado e saiu andando. —
Vamos!

Jean-Luc analisou, inquieto, o bloco de gelo. Aquilo podia ficar lá por várias semanas ou cair a qualquer momento. Acima do cume o céu estava límpido, mas o calor que vinha do sol da tarde era muito fraco.

— Fique aqui, Scot, mantenha-o ligado — gritou, e então seguiu Pietro, com dificuldade, através da neve.

O trailer de dois cômodos de Mario Guineppa estava aquecido e desarrumado, havia mapas nas paredes, roupas manchadas de óleo, luvas e chapéus pendurados em cabides, além de toda a parafernália de quem trabalhava com petróleo espalhada pelo escritório/sala de estar. Ele estava no quarto, deitado na cama, completamente vestido a não ser pelas botas, um homem alto e grande de 45 anos, com um nariz imponente, geralmente corado e resistente, mas agora pálido, com os lábios estranhamente azulados. O chefe do outro turno, Enrico Banastasio, estava com ele — um homenzinho moreno, de olhos escuros e rosto fino.

— Ah, Jean-Luc! Que bom ver você — disse Guineppa, com uma voz cansada — Eu digo o mesmo,, mon ami.

Muito preocupado, Jean-Luc abriu sua jaqueta de voo e sentou-se ao lado da cama. Guineppa era o responsável por Bellissima há dois anos — doze horas de trabalho, doze de descanso, dois meses lá, dois de licença — conseguira três poços muito produtivos, com espaço para perfurar mais quatro. — Você vai para o hospital em Shiraz.

— Isso não é importante, primeiro temos que cuidar daquele bloco. Jean-Luc, eu estava..

— Evacuaremos o lugar e deixaremos aquele stronzo nas Mãos de Deus — disse Banastasio.

— Mamma mia, Enrico — retrucou Guineppa, irritado. — Torno a dizer que acho que podemos dar uma ajuda a Deus, com a ajuda de Jean-Luc. Pietro concorda. Hein, Pietro?

— Sim — disse Pietro da porta, com um palito na boca. — Jean-Luc, eu fui criado em Aosta, nos Alpes italianos, então eu entendo de montanhas e de avalanches e acho...

— Si, e sei pazzo, sim, e você é maluco — disse rispidamente Banastasio.

— Nel tuo culo, no teu cu — Pietro fez um gesto obsceno. — Com a sua ajuda, Jean-Luc, é fácil deslocar aquele stronzo.

— O que você quer que eu faça? — perguntou Jean-Luc.

— Leve Pietro e sobrevoe o cume, até um lugar que ele vai-lhe mostrar, na face norte. Ele vai atirar uma banana de dinamite na neve, de lá, e isso afasta o perigo daqui — respondeu Guineppa.

— Basta isso e o bloco desaparece. — Pietro sorriu radiante.

— Pelo amor de Deus, vou tornar a repetir que é muito arriscado. Nós deveríamos evacuar primeiro.

Depois, se você quiser, experimente a sua dinamite — disse Banastasio ainda com mais raiva, com seu inglês de sotaque americano.

O rosto de Guineppa crispou-se de dor. Ele levou uma das mãos ao peito.

— Se evacuarmos, teremos que fechar tudo e...

— E daí? Então fechamos. E daí? Se você não liga para sua própria vida, pense nos outros. Eu sou a favor da evacuação imediata. Depois dinamitar. Jean-Luc, não é mais seguro?

— É claro que é mais seguro — respondeu cautelosamente Jean-Luc, sem querer agitar ainda mais o doente. — Pietro, você diz que entende de avalanches. Quanto tempo esta vai aguentar?

— Meu nariz diz que vai acontecer logo. Há rachaduras por baixo. Talvez amanhã, talvez esta noite.

Eu sei onde dinamitar. E é muito seguro. — Pietro olhou para Banastasio. — Posso fazê-lo, não importa o que esse stronzo ache.

— Jean-Luc, eu e o meu pessoal vamos sair. Imediatamente. O que quer que se decida. — Banastasio levantou-se e saiu.

— Jean-Luc, leve Pietro lá para cima. Agora. — Pediu Guineppa, virando-se na cama.

— Antes nós vamos levar todo mundo para a plataforma Rosa, e você vai ser o primeiro — disse rispidamente Jean-Luc —, e depois dinamitar. Se funcionar, você volta para cá, se não, há bastante espaço para você na plataforma Rosa, por algum tempo.

— O primeiro não, o último... não há necessidade de evacuar. Jean-Luc mal o escutou. Estava calculando o número de homens a retirar.

Cada um dos dois turnos tinha nove homens — o chefe, seu assistente, o químico que controlava a lama e decidia a respeito dos seus componentes e do seu peso, o perfurador, que cuidava da perfuratriz, o operador de motores, responsável por todos os guinchos, bombas e assim por diante, e quatro operários para fixar ou soltar os canos e sondas.

— Vocês não têm sete iranianos, cozinheiros e operários?

— Sim. Mas estou dizendo que não é necessário evacuar — disse Guineppa, exausto.

— É mais seguro, mon vieux. — Jean-Luc virou-se para Pietro. — Diga a todo mundo para levar pouca coisa e andar depressa.

— Sim ou não? — perguntou Pietro, olhando para Guineppa.

— Solicite um voluntário para ficar aqui. Se ninguém quiser, Mãe de Deus, feche — concordou Guineppa, cansado do esforço.

Pietro estava claramente desapontado. Ainda pautando os dentes, saiu. Guineppa tornou a virar-se na cama, tentando encontrar uma posição mais confortável, e começou a praguejar. Parecia mais fraco do que antes.

— É melhor evacuar, Mario — disse baixo Jean-Luc.

— Pietro tem juízo e é inteligente mas esse porco mísero do Banastasio não presta, só causa problemas, e foi por culpa dele que o rádio quebrou, eu sei!

— O quê?

— O rádio quebrou durante o turno dele. Agora nós precisamos de um novo, você tem um de reserva?

— Não, mas vou ver se posso lhe arranjar um. Pode ser consertado? Talvez um dos nossos mecânicos possa...

— Banastasio disse que escorregou e caiu em cima dele, mas eu o ouvi batendo no rádio com um martelo porque ele não queria funcionar... Mamma mia! — Guineppa fechou os olhos, apertou o peito e começou a praguejar de novo.

— Há quanto tempo você está sentindo dores?

— Há dois dias. Hoje está pior. Aquele stronzo do Banastasio! — Guineppa resmungou. — Mas o que se podia esperar? Está no sangue. A família dele é meio-americana, não? Dizem que o lado americano tem ligações com a Máfia.

Jean-Luc sorriu consigo mesmo, sem acreditar, não prestando muita atenção ao que ele dizia. Sabia que eles se odiavam. Guineppa, o nobre português-romano, e Banastasio, o camponês siciliano-americano. Mas isso não é tão surpreendente assim, pensou, ilhados aqui em cima, com doze horas de trabalho e doze de folga, dia após dia, mês após mês, por melhor que seja o salário.

Ah, o salário! Como eu gostaria de ter o salário deles! Até o operário mais humilde ganha em uma semana o que eu ganho em um mês — umas miseráveis 1.200 libras esterlinas por mês para mim, um capitão, e encarregado do treinamento, com quatro mil e oitocentas horas! Mesmo com as míseras 500 libras de bonificação mensais por estar no exterior, não é suficiente para sustentar minha mulher, meus filhos, pagar colégio, prestações e os malditos impostos... quanto mais a melhor comida e o melhor vinho e a minha querida Sayada. Ah, Sayada, como eu senti saudades suas!

Se não fosse por causa de Lochart...

Que merda! Tom Lochart podia ter-me deixado ir com ele e eu poderia estar agora em Teerã nos braços dela! Meu Deus, como eu preciso dela. E de dinheiro. Dinheiro! Que os sacos de todos os cobradores de impostos se desfaçam em pó e seus perus desapareçam! Eu mal tenho com o que viver e se o Irã entrar pelo cano então, o que vai acontecer? Aposto que a S-G não vai sobreviver. Azar o deles; sempre haverá trabalho para um piloto de helicóptero bom como eu, em qualquer parte do mundo.

— Sim, mon vieux! — perguntou, ao ver que Guineppa o observava.

— Só vou embarcar na última viagem.

— É melhor ir na frente, há um médico na plataforma Rosa.

— Eu estou bem, honestamente.

Então Jean-Luc ouviu seu nome sendo chamado e vestiu o casaco.

— Posso fazer alguma coisa por você?

— Apenas levar Pietro lá para cima com a dinamite. — Sorriu cansado Guineppa.

— Farei isso, mas por último, e se tiver sorte, antes do anoitecer. Não se preocupe.

Lá fora, o frio tornou a atingi-lo. Pietro esperava por ele. Os homens já estavam reunidos perto do helicóptero, com sacolas e malas de vários tamanhos. Banastasio passou, levando um grande pastor alemão.

— O homem disse para só levar coisas leves — disse-lhe Pietro.

— É o que estou fazendo — respondeu Banastasio, com a mesma rispidez.

— Eu tenho os meus papéis, o meu cachorro e os meus homens. O resto pode ser substituído pela maldita companhia. — Depois, virando-se para Jean-Luc: — Você tem uma carga grande, é melhor se apressar.

Jean-Luc checou os homens a bordo, e o cachorro, depois chamou Nasiri pelo rádio e disse-lhe o que iam fazer.

— OK, Scot, pode ir. Você pilota — disse Jean-Luc e saltou. Viu Scot arregalar os olhos.

— Sozinho?

— Por que não, mon bravei Você já completou as horas necessárias. Este é o seu terceiro voo de treinamento. Você tem que começar em algum momento. Ande logo.

Observou Scot levantar voo. Em menos de cinco segundos o helicóptero estava sobre o abismo, a dois mil e quinhentos metros de altura, e ele sabia o quanto esta primeira decolagem solitária de Bellissima seria impressionante e maravilhosa, invejando a sensação que o rapaz devia estar sentindo. O jovem Scot merece, pensou, observando-o criticamente.

— Jean-Luc!

Desviou os olhos do helicóptero que se afastava e procurou em volta, imaginando o que havia de diferente. Então percebeu que era o silêncio, tão grande que pensou estar surdo. Por um momento, sentiu-se estranhamente desequilibrado, até um pouco enjoado, depois o barulho do vento voltou e ele se sentiu bem de novo.

— Jean-Luc, aqui! — Pietro estava na sombra, com um grupo de homens, do outro lado do acampamento, fazendo sinal para ele. Caminhou com dificuldade até eles. Estavam estranhamente silenciosos.

— Olhe lá — disse nervosamente Pietro, e apontou para cima. — Bem embaixo do bloco. Lá! Uns dez ou vinte metros abaixo. Está vendo as rachaduras?

Jean-Luc viu-as. Seus testículos se encolheram. Enquanto eles olhavam houve um grande rugido.

Toda aquela massa pareceu se mover um bocadinho. Um pequeno naco de gelo e neve despencou.

Foi ganhando velocidade e aumentando de tamanho ao descer pela encosta íngreme. Eles ficaram paralisados de horror. A avalanche, agora uma massa com toneladas de neve e gelo, caiu a apenas uns cinquenta metros deles.

Um dos homens quebrou o silêncio.

— Vamos torcer para que o helicóptero não volte rodopiando como um camicase. Isso poderia ser o detonador, amico. Mesmo um ligeiro ruído poderia fazer despencar aquele stronzo inteiro.

18

NOS CÉUS, PERTO DE QAZVIN: 15:17H.

Desde que Charlie Pettikin saíra de Tabriz, há quase duas horas, com Rakoczy — o homem que ele conhecia como Smith — tinha mantido o 206 o mais estável possível, na esperança de embalar o homem da KGB, fazendo-o dormir ou, pelo menos, baixar a guarda. Pela mesma razão, evitara conversar, tirando os fones do ouvido e pendurando-os no pescoço. No fim, Rakoczy desistira, passando apenas a observar o ter reno lá embaixo. Mas permaneceu alerta, com a arma no colo e o polegar na trava de segurança. E Pettikin ficou imaginando quem seria ele, o que faria, a que grupo de revolucionários pertenceria — fedayim, mujahedins ou partidário de Khomeini — ou se pertenceria aos legalistas, à polícia, ao Exército ou à Savak, e, neste caso, por que era tão importante para ele chegar a Teerã. Nunca ocorreu a Pettikin que o homem era russo e não iraniano.

Em Bandar-e Pahlavi, onde o reabastecimento foi terrivelmente lento, ele não tinha feito nada para quebrar a monotonia, apenas gastara seus últimos dólares americanos, observara enquanto os tanques eram reabastecidos, e depois assinara a nota oficial da IranOil. Rakoczy tentara puxar conversa como empregado que estava reabastecendo o helicóptero, mas o homem foi hostil, estava visivelmente assustado de ser visto reabastecendo aquele helicóptero estrangeiro, e ainda mais assustado com a metralhadora que estava no assento dianteiro.

Durante todo o tempo em que estiveram no chão, Pettikin tinha pesado as chances de tentar agarrar a metralhadora. Mas não houve nenhuma chance. A metralhadora era tcheca. Na Coreia ele tinha visto muitas. E também no Vietnã. Meu Deus, pensou, parece ter sido há um milhão de anos.

Decolara de Bandar-e Pahlavi e agora se dirigia para o sul a uma altura de trezentos e cinquenta metros, seguindo a estrada de Qazvin. A leste, podia ver a praia onde tinha deixado o capitão Ross e seus dois paraquedistas. Mais uma vez ficou imaginando como souberam que voaria para Tabriz e qual seria a missão deles. Espero que consigam — seja lá o que for que tenham que fazer. Deve ser alguma coisa urgente e importante. Espero tornar a ver Ross, isso me agradaria...

— Por que está sorrindo, capitão?

A voz veio através dos fones. Automaticamente, na hora de decolar, ele os tinha posto. Olhou para Rakoczy e deu de ombros, depois voltou a controlar seus instrumentos e o chão lá embaixo. Quando estava sobre Qazvin, inclinou-se para sudeste, seguindo a estrada de Teerã, novamente se retraindo.

Seja paciente, disse a si mesmo, e aí viu Rakoczy ficar tenso e aproximar o rosto da janela, olhando para baixo.

— Incline-se para a esquerda... um pouco para a esquerda — ordenou Rakoczy, com urgência na voz, a atenção inteiramente concentrada no solo. Pettikin inclinou suavemente o helicóptero, com Rakoczy no lado baixo.

— Não, mais! Incline 180 graus.

— O que é? — perguntou Pettikin. Aumentou a inclinação, subitamente consciente de que o homem se esquecerara da metralhadora que estava no seu colo. Seu coração disparou.

— Lá, na estrada. Aquele caminhão.

Pettikin não prestou nenhuma atenção ao que se passava lá embaixo. Manteve os olhos na metralhadora, calculando a distância cuidadosamente, com o coração batendo.

— Onde? Não estou vendo nada... — aumentou ainda mais a inclinação, para tomar um novo rumo.

— Que caminhão? Você diz...

Com a mão esquerda ele agarrou a arma pelo cano e atirou-a, de qualquer jeito, para a parte de trás da cabine. Ao mesmo tempo, sua mão direita puxou o controle ainda mais para a esquerda, depois para a direita e de novo esquerda-direita, fazendo o helicóptero sacudir terrivelmente. Rakoczy foi apanhado totalmente de surpresa

e sua cabeça bateu na lateral do aparelho, ficando momentaneamente tonto. Rápido, Pettikin fechou o punho esquerdo e lançou-o contra o queixo do homem para deixá-lo inconsciente. Mas Rakoczy, treinado em karatê, com reflexos rápidos, conseguiu deter o golpe com o antebraço. Ainda meio tonto, ele se agarrou no pulso de Pettikin, recuperando as forças a cada segundo. Enquanto os dois homens lutavam, o helicóptero continuava perigosamente inclinado, com Rakoczy ainda na parte de baixo. Eles se agarraram um ao outro, praguejando, atrapalhados pelos cintos de segurança. Os dois ficavam cada vez mais nervosos, e Rakoczy, que estava com as duas mãos livres, começou a dominar.

De repente, Pettikin segurou o controle com os joelhos, e com a mão direita tornou a golpear o rosto de Rakoczy. O golpe não pegou direito, mas o esforço o desequilibrou, empurrando a alavanca para a esquerda e prejudicando o delicado equilíbrio dos seus pés nos pedais de direção. Imediatamente, o helicóptero virou de lado, perdeu toda a sustentação — nenhum helicóptero pode voar sozinho nem mesmo por um segundo — com a força centrífuga puxando ainda mais o seu peso para um lado e, na confusão, a alavanca geral foi empurrada para baixo. O helicóptero despencou, descontrolado.

Em pânico, Pettikin abandonou a luta. Às cegas, lutou para recuperar o controle, com os motores roncando e os instrumentos enlouquecidos. Mãos, pés e treinamento lutando contra o pânico, tentando corrigir as manobras. Caíram trezentos metros antes que conseguisse endireitar e equilibrar o aparelho, com o coração na boca, e o chão coberto de neve a 15 metros.

Suas mãos tremiam. Era difícil respirar. Então sentiu alguma coisa dura enfiada no lado do corpo e ouviu Rakoczy praguejando. Embotadamente, percebeu que a língua não era iraniana, mas não a reconheceu. Olhou para ele e viu o rosto contorcido de ódio e o metal cinzento da arma e se xingou por não ter pensado nisso. Com raiva, tentou empurrar a arma, mas Rakoczy a apertou contra o seu pescoço.

— Pare ou vou explodir sua cabeça, seu matyeryebyets!

Rápido, Pettikin inclinou violentamente o aparelho, mas a arma foi pressionada com mais força, machucando-o. Sentiu a trava de

segurança sendo solta.

— Sua última chance!

O chão estava muito próximo, passando por eles vertiginosamente. Pettikin viu que não conseguiria abalá-lo.

— Está bem. Está bem — disse, endireitando o aparelho e começando a subir. A pressão da arma aumentou e, com ela, a dor. — Pelo amor de Deus, você está me machucando e tirando meu equilíbrio! Como posso pilotar se...

Rakoczy simplesmente apertou a arma com mais força, gritando com ele, xingando-o, batendo com a cabeça dele contra as traves da porta.

— Pelo amor de Deus! — gritou desesperado Pettikin, tentando colocar os fones de ouvido que tinham sido arrancados durante a luta. — Como é que eu posso pilotar com uma arma no pescoço? — A pressão cedeu um pouco e ele endireitou o aparelho. — Quem é você, afinal?

— Smith! — Rakoczy também estava nervoso. Mais um segundo, pensou, e nos teríamos esparramado como um monte de merda. — Você pensa que está lidando com um matyeryebyets amador? — Antes que pudesse se controlar, seus reflexos o levaram a atingir Pettikin na boca.

Pettikin desequilibrou-se com o golpe e o helicóptero balançou mas foi controlado. Sentiu o calor se espalhando pelo rosto.

— Faça isso de novo e eu viro o aparelho de cabeça para baixo — disse com grande decisão.

— De acordo — disse imediatamente Rakoczy. — Peço desculpas por essa... por essa estupidez, capitão. — Cuidadosamente, voltou a se endireitar no assento mas manteve a arma pronta e apontada.

— Sim, não havia necessidade disso. Sinto muito.

— Você está se desculpando? — Pettikin encarou-o confuso.

— Sim. Por favor, me desculpe. Eu não sou um bárbaro. — Rakoczy se recompôs. — Se você me der a sua palavra de que vai parar de tentar me atacar, eu largo a arma. Juro que você não corre nenhum perigo.

— Está bem — disse, depois de refletir por um momento. — Se me disser quem você é e o que faz.

— Você me dá a sua palavra?

— Sim.

— Muito bem, eu aceito a sua palavra, capitão. — Rakoczy tornou a travar a arma e guardou-a. — Meu nome é Ali bin Hassan Karakose e eu sou curdo. A minha casa, a minha aldeia, fica na encosta do monte Ararat, na fronteira entre o Irã e a União Soviética. Pela Graça de Deus, sou um Combatente pela Liberdade contra o xá e contra qualquer outra pessoa que queira nos escravizar.

Isso o satisfaz?

— Sim. Sim, estou satisfeito. Então se...

— Por favor, mais tarde. Primeiro vá até lá. Depressa. — Rakoczy apontou para baixo. — Desça e chegue mais perto.

Estavam a duzentos e cinquenta metros, à direita da estrada Qazvin— Teerã. Uma aldeia estendia-se pelos dois lados da estrada um quilômetro para trás e eles podiam ver a fumaça sendo espalhada pelo vento forte.

— Onde?

— Lá, ao lado da estrada.

A princípio, Pettikin não conseguiu ver o que o homem estava apontando, sua mente estava cheia de perguntas a respeito dos curdos e dos seus séculos de guerra contra os xás persas. Então, viu um monte de carros e caminhões parados de um dos lados da estrada, e homens cercando uma caminhonete moderna que tinha uma estrela azul sobre um fundo branco no teto, e o resto do tráfego se arrastando lentamente.

— Você quer dizer lá? Você quer se aproximar daqueles carros e daqueles caminhões? — perguntou, com o rosto ainda ardendo e o pescoço doendo. — Aquele grupo de caminhões perto da caminhonete com a cruz azul no teto?

— Sim.

Obedientemente, Pettikin iniciou a descida.

— O que há de tão importante neles? — perguntou, levantando os olhos. Viu o homem encará-lo com suspeita. — O que é agora?

— Você realmente não sabe o que significa uma cruz azul sobre um fundo branco?

— Não. O que é? — Pettikin olhava para a caminhonete que estava muito mais perto agora, perto o bastante para ver que se tratava de um Range Rover vermelho, cercado por uma multidão enfurecida, e que um dos homens estava arrebentando as janelas traseiras com a coronha de um rifle.

— É a bandeira da Finlândia — ouviu através dos fones e o nome 'Erikki' surgiu em sua mente.

— Erikki tinha um Range Rover — exclamou e viu a janela ser despedaçada. — Você acha que é Erikki?

— Sim... sim, é possível.

Imediatamente, ele desceu e aumentou a velocidade, esquecendo-se da dor, com a excitação sobrepujando todas as perguntas que lhe vieram à cabeça, de como e por que este Combatente pela Liberdade conhecia Erikki. Agora podia ver a multidão se virando para eles e pessoas se dispersando. Passou muito rápido e baixo, mas não conseguiu ver Erikki.

— Conseguiu vê-lo?

— Não. Não pude ver o interior do carro.

— Nem eu — disse ansiosamente Pettikin —, mas alguns daqueles bandidos estão armados e estão quebrando as janelas. Você os viu?

— Sim, devem ser fedayins. Um deles atirou em nós. Se você... Rakoczy parou, segurando-se firme, enquanto o helicóptero fazia uma curva de 180 graus, a cinco metros do chão, e tornava a voltar.

Desta vez a multidão fugiu, com as pessoas tropeçando umas nas outras. Os veículos, que trafegavam nas duas direções, tentaram aumentar a velocidade ou pararam subitamente, com um caminhão carregado derrapando e batendo em outro. Vários carros e caminhões saíram da estrada e um deles quase virou dentro do fosso.

Quando estava bem emparelhado com o Range Rover, Pettikin fez uma volta de noventa graus para vê-lo de frente — levantando uma nuvem de neve — por tempo suficiente para reconhecer Erikki, depois fez outra volta de noventa graus para subir.

— É ele mesmo. Você viu os buracos de balas no pára-brisa? — perguntou, chocado. — Pegue a metralhadora aí atrás. Vou firmar o

aparelho e depois vamos pegá-lo. Depressa, quero mantê-los atordoados.

Imediatamente, Rakoczy abriu o cinto de segurança, esticou a mão pela janela de comunicação mas não conseguiu apanhar a arma que estava no chão. Com grande dificuldade, ele se virou no assento e engatinhou pela abertura, tentando alcançá-la, e Pettikin viu que o homem estava nas suas mãos. Seria tão fácil abrir a porta e empurrá-lo para fora. Tão fácil. Mas impossível.

— Ande logo! — Gritou e ajudou-o a voltar ao assento. — Coloque o cinto.

Rakoczy obedeceu, tentando recuperar o fôlego, abençoando o fato de Pettikin ser amigo do finlandês, sabendo que se suas posições estivessem invertidas ele não hesitaria em abrir a porta.

— Estou pronto — disse levantando a metralhadora, estarrecido com a burrice de Pettikin. Os ingleses são tão burros que os filhos da mãe merecem perder. — O que...

— Aqui vamos nós! — Pettikin acelerou o aparelho, fazendo a curva e mergulhando. Ainda havia alguns homens armados perto da caminhonete, com as armas apontadas para eles. — Vou amaciá-los e quando eu disser 'fogo' dê uma rajada por cima da cabeça deles!

O Range Rover se aproximou rapidamente, hesitou e depois rodopiou como um bêbado — não havia nenhuma árvore perto — tornou a hesitar e partiu em direção ao helicóptero que dançava em volta deles. Pettikin freou subitamente, a uns vinte metros de distância, a trinta metros do chão.

— Fogo! — ordenou.

Imediatamente, Rakoczy lançou uma rajada de balas pela janela, mirando não acima das cabeças, mas bem no meio de um grupo de homens e mulheres que estavam agachados atrás da caminhonete de Erikki, fora da linha de visão de Pettikin, matando ou ferindo alguns deles. Todos os que estavam perto fugiram em pânico — os gritos dos feridos se misturando ao ronco dos motores.

Motoristas e passageiros saltaram dos carros e caminhões e foram engatinhando pela neve como podiam. Mais uma rajada e mais pânico, agora todo mundo corria para se proteger, e o tráfego estava todo parado. Na estrada, alguns rapazes saíram de trás de

um caminhão carregando rifles. Rakoczy atirou neles e nos que estavam perto.

— Faça 360 graus — gritou.

Imediatamente, o helicóptero fez uma pirueta, mas não havia ninguém perto. Pettikin viu quatro corpos na neve.

— Eu disse sobre as cabeças, pelo amor de Deus! — gritou, mas nesse momento a porta do Range Rover se abriu e Erikki saltou, com a faca numa das mãos. Por um momento ficou sozinho, depois uma mulher coberta com o chador apareceu do lado dele. Na mesma hora Pettikin pousou o aparelho mantendo-o quase no ar.

— Venham! — Gritou, acenando para eles. Começaram a correr, com Erikki quase carregando Azadeh, a quem Pettikin ainda não reconhecera.

Ao lado dele, Rakoczy abriu a porta, saltou, abriu a porta de trás e se virou, pondo-se em guarda.

Deu mais uma rajada em direção aos carros. Erikki parou, perplexo ao ver Rakoczy.

— Depressa! — gritou Pettikin, sem entender o motivo da hesitação de Erikki. — Erikki, venha! — Então reconheceu Azadeh. — Meu Deus... — murmurou, depois gritou: — Venha, Erikki!

— Rápido, eu não tenho mais muita munição! — gritou Rakoczy, em russo.

Erikki levantou Azadeh no colo e correu. Algumas balas passaram perto. Quando chegaram ao helicóptero, Rakoczy ajudou a colocar Azadeh na traseira do aparelho, depois empurrou Erikki com o cano da metralhadora.

— Largue sua faca e entre na frente! — Ordenou em russo.

Meio paralisado de susto, Pettikin viu Erikki hesitar, com o rosto contorcido de raiva.

— Por Deus, há munição mais do que suficiente para ela, para você e para este imbecil deste piloto.

Suba!

De algum lugar no meio do tráfego, uma metralhadora começou a atirar. Erikki jogou a faca na neve e subiu no assento da frente, Rakoczy deslizou para o lado de Azadeh e Pettikin decolou e

acelerou, ziguezagueando como uma perdiz assustada, e depois subiu para os céus.

— Que diabo está acontecendo? — perguntou, quando pôde falar. Erikki não respondeu. Virou a cabeça para se certificar de que Azadeh estava bem. Ela estava com os olhos fechados, encolhida num canto, ofegante, tentando recuperar o fôlego. Viu que Rakoczy tinha fechado o cinto de segurança dela, mas quando Erikki estendeu a mão para tocá-la, o russo fez sinal com a arma para ele parar.

— Ela ficará bem, eu prometo — ele continuou a falar em russo —, desde que você se comporte como o seu amigo foi ensinado a se comportar. — Manteve os olhos nele enquanto enfiava a mão na sua sacola e apanhava outro pente de balas. — Você já sabe. Agora faça o favor de virar para a frente.

Tentando controlar sua fúria, Erikki obedeceu. Colocou os fones no ouvido. Não havia meio de Rakoczy ouvir o que eles dissessem — não havia nenhum intercomunicador lá atrás — e pareceu-lhes estranho estarem tão livres e no entanto tão aprisionados.

— Como você nos encontrou, Charlie, quem mandou você? — perguntou, com a voz grave.

— Ninguém — disse Pettikin. — O que é que há com aquele filho da mãe? Fui para Tabriz para apanhar você e Azadeh, fui sequestrado por aquele filho da puta lá atrás e ele me obrigou a ir para Teerã. Foi pura sorte, por Deus, o que foi que houve com vocês?

— Nós ficamos sem gasolina. — Erikki contou-lhe brevemente o que tinha acontecido. — Quando o motor parou, pensei que estava liquidado. Todo mundo parecia ter enlouquecido. Num momento estava tudo bem, depois estávamos outra vez cercados, como na barreira. Tranquei todas as portas, mas era só uma questão de tempo... — Ele se virou novamente. Azadeh estava com os olhos abertos e tinha tirado o chador do rosto. Sorriu para ele, cansada, esticou o braço para tocá-lo, mas Rakoczy impediu-a.

— Por favor, desculpe-me, Alteza — disse em farsi —, mas espere até pousarmos. Tudo ficará bem.

— Repetiu isso em russo, acrescentando para Erikki: — Tenho um pouco d'água aqui. Você gostaria que eu desse para sua mulher?

— Sim, por favor. — E observou Azadeh bebendo, agradecida.

— Você quer um pouco?

— Não, obrigado — disse educadamente, embora estivesse sedento, não querendo receber nenhum favor. Sorriu para ela encorajadoramente. — Azadeh, foi como um maná dos céus, hein? Charlie foi como um anjo.

— Sim... sim. Foi a Vontade de Deus. Estou bem agora, Erikki, graças a Deus. Agradeça a Charlie por mim...

Ele escondeu sua preocupação. O segundo tumulto a aterrorizara. E ele, ele tinha jurado que se conseguisse escapar vivo daquela confusão, nunca mais viajaria sem um revólver e, de preferência, granadas de mão. Viu Rakoczy observando-o. Balançou a cabeça e tornou a virar para a frente.

— Matyerybyets — resmungou, automaticamente verificando os instrumentos.

— Esse sujeito é um lunático; não havia necessidade de matar ninguém, eu disse a ele para atirar por cima das cabeças. — Pettikin baixou ligeiramente a voz, inquieto por estar falando tão abertamente, embora não houvesse nenhum modo de Rakoczy escutar. — O filho da mãe quase me matou duas vezes. Como você o conhece, Erikki? Você ou Azadeh já estiveram metidos com os curdos?

— Curdos? Você está se referindo àquele matyerybye lá atrás? — Erikki olhou para ele espantado. — É claro que sim, Ali bin Hassan Karakose. Ele vem do monte Ararat. Ele é curdo, faz parte dos Combatentes pela Liberdade.

— Ele não é nenhum curdo, é russo e trabalha para a KGB.

— Meu Deus! Você tem certeza? — Pettikin estava visivelmente chocado.

— Oh, sim. Ele afirma ser muçulmano, mas aposto que isso também é mentira. Ele me disse que o nome dele é Rakoczy, outra mentira. Todos eles são mentirosos, por que nos contariam alguma coisa, a seus inimigos?

— Mas ele jurou que era verdade e eu lhe dei a minha palavra. — Furioso, Pettikin contou-lhe a respeito da luta e do trato que tinham feito.

— Você é que é idiota, Charlie, não ele. Você nunca leu Lenin? Stalin? Marx? Ele só está fazendo o que todos os membros da KGB e todos os comunistas fazem: fazer qualquer coisa a favor da causa 'sagrada', poder total e absoluto para o partido comunista da União Soviética, e fazer com que nós nos enforcemos para poupar-lhes o trabalho. Meu Deus, eu gostaria de uma vodca.

— Um conhaque duplo seria melhor.

— Os dois juntos seria melhor ainda. — Erikki analisou o chão lá embaixo. Eles estavam voando bem, com os motores funcionando perfeitamente e com bastante combustível. Seus olhos examinaram o horizonte procurando Teerã. — Não falta muito agora. Ele já disse onde devemos pousar?

— Não.

— Então talvez a gente tenha uma chance.

— Sim. — A apreensão de Pettikin aumentou. — Você mencionou uma barreira na estrada. O que aconteceu lá?

— Fomos parados. Esquerdistas. Tivemos que fugir. Não temos mais documentos, nem Azadeh nem eu. Nada. Um filho da mãe gordo que estava na barreira ficou com eles e não houve tempo de recuperá-los. — Estremeceu. — Eu nunca senti tanto medo, Charlie. Nunca. Estava impotente no meio daquele tumulto e quase cagando de medo porque não podia protegê-la. Aquele gordo fedorento filho da mãe ficou com tudo, passaporte, identidade, licença para pilotar, tudo.

— Mac vai-lhe arranjar outros documentos, e sua embaixada lhes dará novos passaportes.

— Eu não estou preocupado comigo. E Azadeh?

— Ela também vai conseguir um passaporte finlandês. Como Xarazade conseguiu um canadense, não se preocupe.

— Ela ainda está em Teerã, não está?

— Com certeza. Tom também deve estar lá. Ele estava sendo esperado ontem, devia chegar de Zagros, trazendo correspondência de casa... — Que estranho, pensou Pettikin. Eu ainda me refiro à

Inglaterra como 'casa', mesmo depois de ter perdido Claire, de ter perdido tudo. — Ele acabou de chegar de licença.

— Era isto o que eu queria, sair de licença. Estou com uma licença vencida. Talvez Mac possa mandar alguém me substituir. — Erikki deu um soco de leve em Pettikin. — O que tiver de ser, será, hein? Ei, Charlie, aquele foi um voo e tanto. Quando eu o vi, pensei que estava sonhando ou então que já estava morto. Você viu a minha bandeira finlandesa?

— Não, foi o Ali... como foi que você o chamou? Rekowski?

— Rakoczy.

— Rakoczy a reconheceu. Se ele não a tivesse reconhecido eu não saberia. Sinto muito. — Pettikin olhou para ele. — O que ele quer com você?

— Não sei, mas seja o que for, é para atender a propósitos soviéticos. — Erikki praguejou. — Então nós devemos a vida a ele, hein?

— Sim, eu não poderia fazer aquilo tudo sozinho. — Olhou em torno. Rakoczy estava totalmente alerta. Azadeh cochilava, com o lindo rosto cheio de sombras. Balançou ligeiramente a cabeça e depois virou-se. — Azadeh parece estar bem.

— Não, Charlie, não está. — Disse Erikki, sentindo uma dor por dentro. — Hoje foi um dia terrível para ela. Ela disse que nunca tinha estado tão perto de camponeses antes... Quero dizer cercada, presa. Hoje eles a fizeram sentir-se desprotegida. Agora ela viu a verdadeira face do Irã, a realidade do seu povo. Isto e mais o fato de ter sido obrigada a usar o chador. — Mais uma vez um arrepio percorreu-o. — Foi um estupro. Eles estupraram a sua alma. Agora acho que tudo vai ser diferente para ela, para nós. Acho que ela vai ter que escolher. A família ou eu, o Irã ou o exílio. Eles não nos querem aqui, Charlie. A nenhum de nós.

— Não, você está errado. Talvez para você e Azadeh seja diferente, mas eles ainda vão precisar do petróleo e por isso precisarão de helicópteros. Nós ainda vamos servir por alguns anos, por uns bons anos. Com os contratos da Guernsey e todo... — Pettikin parou, sentindo uma batida no ombro e virou a cabeça.

Azadeh estava acordada agora. Ele não ouviu o que Rakoczy disse e então tirou um dos fones.

— O quê?

— Não use o rádio, capitão e prepare-se para pousar fora da cidade, onde eu disser.

— Eu... eu tenho que pedir permissão.

— Não seja idiota! Permissão de quem? Está todo mundo ocupado demais lá embaixo. O aeroporto de Teerã está sitiado, assim como Doshan Tappeh e Galeg Morghi. Aceite o meu conselho e desça no pequeno aeroporto de Rudrama, depois de me deixar.

— Eu tenho que me comunicar. Os militares insistem.

— Os militares? — E Rakoczy riu sardonicamente. — E o que você iria comunicar? Que pousou ilegalmente perto de Qazvin, ajudou a matar cinco ou seis civis e apanhou dois estrangeiros que estavam fugindo. Fugindo de quem? Do povo.

Pettikin virou para a frente com a cara fechada, disposto a se comunicar, mas Rakoczy inclinou-se e sacudiu-o rudemente.

— Acorde! Os militares não existem mais. Os generais aceitaram a vitória de Khomeini. Os militares não existem mais. Eles se renderam!

Todos olharam para ele estupefatos. O helicóptero balançou. Apressadamente, Pettikin fez a correção.

— Do que é que você está falando?

— Na noite passada os generais ordenaram que todas as tropas voltassem aos seus quartéis. De todas as armas — todos os homens. Eles abandonaram o campo de batalha em favor de Khomeini e da sua revolução. Agora não há mais nem exército nem polícia entre Khomeini e o poder. O povo venceu!

— Não é possível — discordou Pettikin.

— Não — Azadeh disse assustada. — Meu pai teria sabido.

— Ah, Abdullah, o Grande? — Rakoczy retrucou com um sorriso de deboche. — Ele agora já deve saber, se ainda estiver vivo.

— Não é verdade.

— É... é possível que seja, Azadeh — disse Erikki, chocado. — Isto explicaria por que nós não vimos nem policiais nem soldados, e também por que a multidão estava tão hostil.

— Os generais nunca fariam isso — ela afirmou, abalada, depois virou-se para Rakoczy. — Seria suicídio, para eles e para milhares de pessoas. Dig; a verdade, por Alá!

O rosto de Rakoczy mostrou a sua satisfação, o seu prazer por distorcer as palavras e semear a dissensão para perturbá-los.

— Agora o Irã está nas mãos de Khomeini, dos seus mulás e da sua guarda revolucionária.

— É mentira.

— Se isto é verdade — disse Pettikin—, Bakhtiar está acabado. Elenun...

— Aquele fraco imbecil nem começou! — Rakoczy começou a rir. — O aiatolá Khomeini fez os generais se borrarem de medo e agora vai cortar as suas gargantas por medida de segurança.

— Então a guerra está terminada.

— Ah, a guerra — repetiu Rakoczy, sombriamente. — Está acabada. Para alguns.

— Sim — disse Erikki, preparando-lhe uma armadilha. — E se o que você diz é verdade, está tudo terminado para você também. Para todos os do Tudeh e para todos os marxistas. Khomeini vai massacrar vocês todos.

— Oh, não, capitão. O aiatolá foi a espada para destruir o xá, mas foi o povo quem empunhou a espada.

— Ele, os seus mulás e o povo vão destruir você. Ele é tão anticomunista quanto antiamericano.

— É melhor esperar para ver, em vez de se iludir, hein? Khomeini é um homem prático e adora o poder, não importa o que ele diga agora.

Pettikin viu Azadeh empalidecer e sentiu uma sensação igual.

— E os curdos? — perguntou asperamente. — O que você me diz deles? Rakoczy inclinou-se para a frente, com um estranho sorriso.

— Eu sou um curdo, não importa o que o finlandês tenha dito a você a respeito de Rússia e KGB. Ele pode provar o que diz? É claro que não. Quanto aos curdos, Khomeini vai tentar nos esmagar, se o deixarem, junto com todas as minorias tribais ou religiosas, os estrangeiros e a burguesia, os proprietários de terra, os agiotas, os partidários do xá e — ele acrescentou com um sorriso de deboche —

e todas as pessoas que não aceitarem a sua interpretação do Corão. Ele vai derramar rios de sangue em nome do seu Alá, do seu, não do único e verdadeiro Deus. Se aquele filho da mãe puder. — Olhou para baixo, conferindo o rumo, depois acrescentou ainda mais sardonicamente. — Aquela Espada de Deus herética já cumpriu sua tarefa e agora vai ser transformada numa relha de arado... e enterrada.

— Você quer dizer assassinado? — perguntou Erikki.

— Enterrado — mais uma vez ele riu —, quando der na veneta do povo.

Azadeh tentou arranhar-lhe o rosto, amaldiçoando-o. Ele a dominou facilmente e segurou-a, enquanto ela se debatia. Erikki olhava, pálido de raiva. Não havia nada que ele pudesse fazer. Por enquanto.

— Pare! — disse rudemente Rakoczy. — Você mais do que ninguém deveria querer esse herege morto. Ele vai esmagar Abdullah Khan e todos os Gorgons e você junto com eles, se vencer. — Ele a empurrou. — Comporte-se ou vou ser obrigado a machucá-la. É verdade, você, mais do que ninguém, deveria querer vê-lo morto. — Levantou a metralhadora. — Virem-se, vocês dois.

Eles obedeceram, com ódio do homem e da arma. Lá na frente, surgiam os arredores de Teerã, a uns quinze quilômetros de distância. Seguiam a estrada e a ferrovia, com as montanhas Elburz à esquerda, aproximando-se da cidade pelo lado oeste. O céu estava carregado de nuvens pesadas, e não havia sol.

— Capitão, está vendo o rio, lá, onde a ferrovia o atravessa? E a ponte?

— Sim, estou vendo — disse Pettikin, tentando fazer um plano para dominá-lo, assim como Erikki também estava fazendo, imaginando se poderia virar e agarrá-lo, mas estava do outro lado.

— Pouse um quilômetro ao sul, atrás daqueles arbustos. Está vendo? Não muito longe dos arbustos havia uma estrada secundária que ia para Teerã. Com pouco tráfego.

— Sim, e depois?

— E depois você está dispensado. Por enquanto. — Rakoczy riu e esfregou a nuca de Pettikin com o cano da arma. — Com os meus

agradecimentos. Mas não se vire mais. Mantenham-se virados para a frente, vocês dois, fiquem com os cintos amarrados e saibam que estou vigiando atentamente. Quando aterrissar, faça-o com segurança e habilidade e quando eu estiver livre, decole. Mas não se virem ou eu posso me assustar. Homens assustados puxam o gatilho. Entendido?

— Sim. — Pettikin estudou o local de pouso. Ajustou os fones. — Parece bem para você, Erikki?

— Sim. Cuidado com os montes de neve. — Erikki tentou manter o nervosismo fora da sua voz.

— Deveríamos ter um plano.

— Acho que ele... que ele é esperto demais, Charlie.

— Talvez ele cometa algum erro.

— Eu só preciso de um.

O pouso foi simples e fácil. A neve, levantada pelas hélices, formava ondas ao lado das janelas.

— Não se virem!

Os nervos dos dois homens estavam em pandarecos. Ouviram a porta se abrir e sentiram o ar gelado.

Então Azadeh gritou: — Erikkiiii!

Apesar das ordens, os dois homens se viraram. Rakoczy já estava do lado de fora, arrastando Azadeh com ele, resistindo, lutando e tentando se agarrar na porta, mas ele a dominou facilmente. A arma já estava pendurada no ombro dele. Imediatamente, Erikki abriu a porta e saltou, deslizou sob a fuselagem e atacou. Mas chegou tarde. Uma rajada de balas o fez parar. A dez metros de distância, livre das hélices, Rakoczy apontava a arma para eles com uma das mãos e com a outra agarrava com firmeza a gola do chador de Azadeh. Por um instante, ela também ficou parada, depois redobrou os esforços, gritando e chorando, batendo nele, pegando-o desprevenido. Erikki atacou.

Rakoczy agarrou-a com as duas mãos e empurrou-a violentamente na direção de Erikki, interrompendo o ataque e fazendo os dois caírem no chão. No mesmo instante, deu um pulo para trás, virou-se e saiu correndo, tornou a virar, com a arma apontada, o dedo no gatilho. Mas não houve necessidade de atirar,

pois o finlandês e a mulher ainda estavam de joelhos, meio aturdidos. Ele viu Erikki recuperar o controle e empurrá-la protetoramente para trás dele, preparando-se para tornar a atacar.

— Pare — ordenou —, ou desta vez eu vou matar todos vocês. PARE! — Deu uma rajada de metralhadora na neve. — Voltem para o helicóptero. Vocês dois! — Agora totalmente alerta, Erikki olhou-o com suspeita. — Andem! Vocês estão livres. Vão!

Terrivelmente assustada, Azadeh subiu no banco de trás. Erikki foi recuando devagar, protegendo-a com o seu corpo. Rakoczy manteve a arma apontada. Viu o finlandês se sentar atrás, com a porta ainda aberta, os pés escorados no esqui. Imediatamente os motores aceleraram. O helicóptero subiu meio metro do chão, girou devagar ficando de frente para ele, com a porta de trás sendo fechada. Seu coração bateu ainda mais depressa. Agora, pensou, mato vocês todos ou nós vivemos para lutar ainda uma outra vez?

O momento pareceu-lhe durar uma eternidade. O helicóptero recuou, aos poucos, ainda um alvo muito tentador. Apertou de leve o dedo no gatilho. Mas não o suficiente. Alguns metros mais adiante o aparelho balançou, se afastou rapidamente sobre os campos cobertos de neve e se dirigiu para o céu.

Ótimo, pensou, quase vencido pelo cansaço. Teria sido melhor se eu tivesse conseguido levar a mulher como refém, mas não importa. Nós poderemos agarrar a filha do velho Abdullah Khan amanhã ou depois. Ela pode esperar e Yokkonen também. Enquanto isso há um país a ser dominado, há generais, mulás e aiatolás para matar... e outros inimigos.

19

NO AEROPORTO DE TEERÃ: 17:05H.

McIver guiava cuidadosamente pela estrada que acompanhava a cerca de arame farpado, dirigindo-se para o portão que levava à área de carga. A estrada cobrira-se de uma neve escorregadia. A temperatura estava muito baixa, o céu carregado, e faltava menos de uma hora para anoitecer. Mais uma vez ele olhou para o relógio. Não há muito tempo, pensou, ainda aborrecido com o fechamento do seu escritório pelo komiteh, na noite anterior.

De manhã bem cedo tentara entrar no edifício, mas ainda estava guardado e todas as suas tentativas de obter permissão para verificar o telex mostraram-se infrutíferas.

— Maldita gente — dissera Genny quando ele regressou ao apartamento, furioso, — Deve haver alguma coisa que possamos fazer. Que tal George Talbot? Ele não pode ajudar?

— Duvido, mas vale a pena tentar. Se Valik estivesse... — McIver parou. — Tom já deve ter reabastecido nesta altura e já deve estar chegando. Onde quer que seja.

— Tomara que sim — disse ela, fazendo uma prece silenciosa. — Vamos torcer pelo melhor. Viu alguma loja aberta?

— Nenhuma, Gen. O almoço vai ser sopa em lata e uma cerveja.

— Sinto muito, mas a cerveja acabou.

Ele tentara se comunicar com Kowiss e com as outras bases no seu HF, mas não obteve resposta de nenhuma delas. Também não conseguiu pegar nem a BBC nem a AFN. Ele tinha ouvido por algum tempo os inevitáveis comentários antiamericanos da Rádio Livre do Irã em Tbilisi e desligara com raiva. O telefone estava mudo. Tentara ler, mas não conseguira, com a mente cheia de preocupações a respeito de Lochart, Pettikin, Starke e todos os outros, detestando estar proibido de usar seu escritório e o telex e, no momento, sem controle da situação. Isso nunca acontecera antes, nunca.

Maldito xá por ter partido e deixado tudo desmoronar. Antigamente era tudo maravilhoso. Qualquer problema era só ir até o aeroporto, pegar um avião para Isfahan, Tabriz, Abadan, Ormuz, Al Shargaz ou qualquer outro lugar, depois fazer o resto do percurso de helicóptero, sempre que se tivesse vontade. As vezes Genny ia junto, para passear — faziam piqueniques e tomavam uma cerveja bem gelada.

— Que droga!

Logo depois do almoço, o HF se manifestara. Era Freddy Ayre, de Kowiss, para comunicar que o 212 estaria no aeroporto de Teerã por volta das 17 horas, vindo de Al Shargaz, um pequeno território independente que ficava a mil e trezentos quilômetros ao sul de Teerã, do outro lado do golfo, e onde a S-G tinha um escritório.

— Ele disse se tinha uma licença, Freddy? — perguntara McIver, nervosamente.

— Não sei. A única coisa que o nosso QG em Al Shargaz disse foi: "ETA Teerã 1700, avise a McIver. Não consigo me comunicar com ele", e repetiu isso várias vezes.

— Como estão as coisas por aí?

— Tudo bem — respondera Ayre. — Starke ainda está em Bandar Delam e não conseguimos nenhum contato com eles exceto por um snafu* há meia hora atrás.

**Snafu — Situation normal, ail fucked-up. (Situação normal, merda geral.)*

— Rudi enviou isso? — McIver tentara manter a voz calma.

— Sim.

— Mantenha-se em contato com eles e conosco. O que foi que aconteceu com seu operador de rádio hoje de manhã? Tentei me comunicar durante umas duas horas e não consegui.

Houve uma longa pausa.

— Ele foi detido.

— Mas por quê?

— Não sei, Mac... capitão McIver. Assim que souber eu comunicarei. Também assim que puder vou mandar Marc Dubois de volta para Bandar Delam, mas, bem, as coisas estão um pouco confusas por aqui. Estamos limitados ao território da base, há... há

uma amável e encantadora patrulha armada na torre, todos os voos estão cancelados exceto as emergências e mesmo assim temos que ir acompanhados por guardas. E nenhum voo fora da nossa área está autorizado.

— Por que tudo isso?

— Não sei. O nosso adorado comandante, coronel Peshadi, me assegurou que era uma coisa temporária, só por hoje e talvez amanhã. Aliás, às 15:16h, nós recebemos um breve chamado do capitão Scragger, em Charlie Eco Zulu Zulu, a caminho de Bandar Delam, num voo especial.

— Por que diabo ele está indo para lá?

— Não sei, senhor. O velho Ser... o capitão Scragger disse que foi requisitado por de Plessey, em Siri. Eu, ahn, eu acho que não tenho mais muito tempo. O nosso amável guarda está ficando nervoso, mas se o senhor conseguir mandar o 125 para cá, Peshadi disse que dará permissão para ele pousar.

Vou tentar tirar Manuela daqui, mas não tenha muita esperança, ela está mais nervosa que um coelho dentro de um canil, sem notícias de Starke.

— Posso imaginar. Diga-lhe que estou mandando Gen. Vou desligar agora, Deus sabe quanto tempo vou levar até o aeroporto.

— E dirigiu sua atenção para Genny. — Gen, faça a mala...

— O que você quer levar, Duncan? — ela perguntou com uma voz doce.

— Não sou eu que vou, é você.

— Não seja bobo, querido. Se você quer esperar o 125, é melhor se apressar, mas tenha cuidado e não se esqueça dos retratos! Ah, por falar nisso, esqueci de dizer que, enquanto você estava tentando entrar no escritório, Xarazade mandou um dos empregados dela até aqui nos convidar para jantar.

— Gen, você vai partir com o 125 e está decidido!

A discussão não tinha durado muito. Ele saíra e usara estradas secundárias, quase todos os principais cruzamentos estavam bloqueados pela multidão. Todas as vezes que o pararam, mostrou o retrato de Khomeini com a frase VIDA LONGA PARA O AIATOLÁ escrita em farsi e o deixaram passar. Não viu nem soldados nem

policiais, então não precisou do retrato do xá com a frase LONGA VIDA PARA O GLORIOSO IRÃ escrita embaixo. Ainda assim, levou duas horas e meia para fazer um percurso que levava, normalmente, uma hora, a ansiedade por chegar atrasado crescendo a cada minuto.

Mas o 125 não estava em nenhuma das pistas, nem na área de carga, nem perto do terminal que ficava do outro lado do campo. Olhou outra vez para o relógio: 17:17h. Só mais uma hora de claridade. Ele vai chegar por pouco, se é que vai chegar, pensou. Só Deus sabe, eles podem ter voltado.

Perto do terminal, vários jatos civis ainda estavam presos no chão. Um deles, um 747 da Royal Iranian Air era uma ruína retorcida, destruído pelo fogo. Os outros pareciam em boas condições — estava longe demais para enxergar os emblemas, mas entre eles devia estar o avião da Alitalia. Paula Giancani ainda estava hospedada com eles, com Nogger Lane de plantão. Ela é uma garota simpática, pensou distraidamente.

Na frente dele, agora, erguia-se o portão da área de carga e depósito. O depósito estava fechado desde a última quarta-feira. E automaticamente, ficara fechado também na quinta e na sexta — o dia sagrado dos muçulmanos — era este o fim-de-semana iraniano, e nem ele, nem ninguém da sua equipe tinha conseguido chegar lá no sábado ou no domingo. O portão estava aberto e desguarnecido.

Passou por ele e se dirigiu para o pátio dianteiro. Na sua frente estava o galpão de carga da alfândega e cercas com avisos em inglês e em farsi: PROIBIDA A ENTRADA, CHEGADA, PARTIDA, MANTENHA DISTÂNCIA, além das tabuletas com os nomes das diversas companhias internacionais de aviões e de helicópteros que tinham escritórios permanentes ali. Normalmente, era quase impossível entrar com o carro no pátio. Havia mil homens trabalhando vinte e quatro horas, descarregando a enorme quantidade de produtos, civis e militares, que entravam no Irã em troca de parte dos noventa milhões de dólares diários de petróleo que eram exportados. Mas agora a área estava deserta. Centenas de caixotes de madeira e caixas de papelão de todos os tamanhos estavam espalhados na neve — muitos abertos e saqueados, a

maioria encharcada. Havia alguns carros e caminhões abandonados, e um caminhão queimado. Os galpões estavam cheios de buracos de balas.

O portão da alfândega, que impedia a entrada no pátio de manobras, estava fechado, preso apenas por um ferrolho. O aviso, em inglês e em farsi, dizia: PROIBIDA A ENTRADA SEM APROVAÇÃO DA ALFÂNDEGA. Ele esperou, depois buzinou e tornou a esperar. Ninguém atendeu, então saltou, abriu o portão e voltou para o carro. Poucos metros depois parou, tornou a fechar o portão e se dirigiu para o complexo da S-G: escritório, depósitos, hangares e oficina com espaço para quatro 212 e cinco 206, contendo agora três 206 e um 212.

Para seu alívio, as portas ainda estavam trancadas. Estava com medo que os depósitos e o hangar tivessem sido arrombados e saqueados ou destruídos. Aquele era o depósito principal da companhia, no Irã, para peças de reposição e consertos. Mais de dois milhões de dólares em peças de reposição e ferramentas especializadas estavam guardadas lá, além das bombas de reabastecer e os tanques subterrâneos contendo uma carga secreta de duzentos mil litros de combustível para helicóptero que McIver tinha 'perdido' quando começaram as agitações.

Examinou o céu. O vento indicava que o 212 pousaria pelo lado oeste, na pista 29 da esquerda, mas não havia nenhum sinal dele. Destrancou a porta, fechando-a de novo, e caminhou rapidamente pelo saguão gelado até o escritório principal onde ficava o telex. Estava desligado.

— Malditos idiotas — murmurou em voz alta. As ordens eram para que ficasse ligado o tempo todo.

Quando o ligou, nada aconteceu. Experimentou as luzes, mas elas também não acenderam. — Maldito país. — Irritado, foi até os receptores-transmissores em HF e UHF e ligou-os. Ambos funcionavam à bateria, para o caso de emergências. O zumbido deles o reconfortou.

— Eco Tango Lima Lima — disse alto no microfone, fornecendo as letras de matrícula do 125: ETLL. — Aqui é McIver, estão me ouvindo?

— Eco Tango Lima Lima. Se estamos, meu velho — a resposta lacônica chegou imediatamente. — Aqui em cima está um bocado solitário. Nós estamos chamando há meia hora. Onde você está?

— No escritório de carga. Sinto muito, Johnny — disse, reconhecendo a voz do seu principal comandante. — Foi difícil como o diabo chegar até aqui. Acabei de chegar. Onde você está?

— Trinta quilômetros rumo sul, a três mil metros de altitude e descendo em aproximação de rotina, esperando pousar na pista 29 esquerda. O que está havendo, Mac? Não conseguimos falar com a torre de Teerã. De fato, não recebemos nenhum chamado desde que entramos no espaço aéreo do Irã.

— Meu Deus! Nem do radar de Kish?

— Nem deles, meu velho. O que está havendo?

— Não sei. A torre estava operando ontem... até a meia-noite de ontem. Os militares nos deram licença para um voo para o sul. — McIver estava perplexo, sabendo que o radar de Kish era muito meticuloso com relação a todo o tráfego que entrava e saía, principalmente através do golfo. — O aeroporto está deserto, o que é muito esquisito. No caminho havia uma multidão de gente nas ruas, algumas barricadas, mas nada fora do comum, nenhum tumulto nem nada.

— Algum problema para pousar?

— Duvido que algum dos aparelhos auxiliares de pouso esteja funcionando, mas o lençol de nuvens está a uns mil e quinhentos metros, e a visibilidade é de quinze quilômetros. A pista parece boa.

— O que você acha?

McIver pesou os prós e os contras de uma aterrissagem sem assistência ou licença da torre.

— Você tem combustível suficiente para uma viagem de volta?

— Oh, sim. Você está sem combustível?

— No momento, só para uma emergência.

— Estou atravessando a camada de nuvens a mil e quinhentos metros e já estou vendo vocês.

— OK, Eco Tango Lima Lima. O vento está soprando do leste a uma velocidade aproximada de dez nós. Normalmente você pousaria na 29 esquerda. A base militar parece estar fechada e deserta,

portanto não deve haver nenhum outro tráfego. Todos os voos civis, entrando ou saindo, foram cancelados. Sugiro que você sobrevoe o aeroporto e se estiver tudo bem desça imediatamente. Não fique aí por cima, há muitos brincalhões pregando peças por aqui. Assim que pousar, posicione o aparelho de modo a poder decolar rapidamente, só por precaução. Eu vou me encontrar com você.

— Eco Tango Lima Lima.

McIver tirou um lenço e enxugou as mãos e a testa. Mas quando se levantou, o seu coração deu um salto no peito.

Havia um guarda da alfândega na porta, com a mão displicentemente pousada no coldre do revólver.

Seu uniforme estava sujo e amarrotado, o rosto arredondado mostrava uma barba de três ou quatro dias.

— Oh — disse McIver, lutando para aparentar calma. — Salaam, aga. — Não o reconheceu como sendo um dos guardas habituais.

O homem trocou ostensivamente a mão que segurava o revólver, com os olhos indo de McIver para os aparelhos de rádio e de volta para McIver. Hesitantemente, pois McIver falava muito pouco farsi, ele disse: — Inglissi me danid, Agha? Be bahk shid man zaban-e shoma ra khoob nami danam. O senhor fala inglês? Desculpe-me por favor, mas eu não falo a sua língua.

— O que está fazendo aqui? — resmungou o guarda, num inglês hesitante, com os dentes manchados de fumo.

— Eu... eu sou o capitão McIver, chefe da S-G Helicópteros — respondeu, devagar e com cuidado.

— Eu só estou... só estou checando o meu telex e estou aqui para esperar um dos meus aviões.

— Avião? Que avião? O que...

Neste momento, o 125 passou diretamente sobre o aeroporto, a trezentos metros de altura. O guarda saiu correndo do escritório, seguido de perto por McIver. Eles viram as belas linhas do jato de dois motores contra um céu escuro e pesado, e ficaram olhando por um momento enquanto ele fazia uma curva pronunciada para pegar a pista.

— Que avião, hein?

— E o nosso voo regular... o nosso voo regular de Al Shargaz.

Este nome fez com que o homem despejasse uma torrente de palavras.

— Be bahk shid nana dhan konan. Sinto muito, não compreendo.

— Não pousar... não pousar, compreende? — O homem apontou furioso em direção ao avião e ao escritório onde estava o HF. — Avise avião!

McIver concordou calmamente, não se sentindo nada calmo, e fez sinal para que ele tornasse a entrar no escritório. Contou dez mil reais, cerca de 110 dólares, e ofereceu ao homem.

— Por favor, aceite a taxa de pouso; o dinheiro do pouso.

O homem soltou mais uma torrente de farsi. McIver pôs o dinheiro sobre a mesa e depois se dirigiu para o depósito. Destrancou uma porta. No pequeno cômodo, construído ali exatamente com este objetivo, havia vários tipos de peças e três latões de vinte litros, cheios de gasolina. Pegou um latão e o colocou do lado de fora, lembrando-se do que o general Valik dissera: um pishkesh não era um suborno, mas um presente e um ótimo costume iraniano. Depois de pensar um segundo, McIver decidiu sair e deixar a porta aberta — três latões eram mais do que suficientes para garantir que não houvesse problemas.

— Be bahk shid, Agha. Por favor, com licença Excelência. — Depois acrescentou em inglês: — Eu preciso encontrar com meus patrões.

O homem saiu do edifício e entrou no carro, sem olhar para trás.

— Maldito filho da mãe, quase me causou um ataque do coração! — murmurou McIver, depois tirou o homem da cabeça e se dirigiu para a pista. A neve tinha só uns poucos centímetros de profundidade e não estava muito ruim. As marcas que seu carro tinha deixado eram as únicas, e as outras pistas estavam igualmente intactas. O vento aumentara, piorando o frio, mas ele não notou, concentrado no avião.

O 125 surgiu, fazendo uma curva pronunciada, com o trem e os flaps abaixados, deslizando de lado habilmente para perder altura e diminuir a distância de aproximação. John Hogg freou e pousou, deixando o avião rodar até estar em segurança e mesmo então usando os freios com muito cuidado.

Entrou na pista de taxiar, acelerou para se encontrar com McIver e parou perto do primeiro caminho de acesso de volta à pista.

Quando McIver se aproximou, a porta estava aberta e John Hogg esperava, enrolado num casaco, batendo com os pés no chão por causa do frio.

— Oi, Mac — exclamou, um homem esbelto e elegante de rosto fino e bigode. — Que ótimo ver você. Venha aqui para dentro, está mais quente.

— Boa ideia. — McIver desligou o carro e seguiu-o, subindo os degraus e entrando no avião. Lá dentro estava aconchegante, as luzes acesas, o café pronto, jornais de Londres nas prateleiras.

McIver sabia que havia vinho e cerveja na geladeira, um toailete com vaso sanitário e papel macio lá atrás. Era a civilização outra vez. Trocou um aperto de mão caloroso com Hogg e acenou para o copiloto.

— Prazer em vê-lo, Johnny. — E abriu a boca de espanto. Sentado em uma das poltronas do avião de oito lugares, sorrindo para ele, estava Andy Gavallan.

— Olá, Mac!

— Meu Deus! Meu Deus, Chinês, que bom ver você — disse McIver, apertando-lhe a mão. — Que diabo você está fazendo aqui? Por que não me avisou que vinha? Que foi...

— Devagar, rapaz. Café?

— Meu Deus, sim. — McIver sentou-se em frente a ele. — Como vai Maureen? E a pequena Electra?

— Estão ótimas. Maravilhosas! Ela ainda vai fazer dois anos e já é um terror! Achei que precisávamos conversar, então entrei neste pássaro e aqui estou.

— Você nem sabe o quanto estou contente. Você está com uma aparência ótima — disse McIver.

— Obrigado, rapaz, você também não está mal. Como é que você está passando, de verdade, Mac?

— perguntou Gavallan, mais atentamente.

— Muito bem. — Hogg colocou o café na frente de McIver. Com uma pequena dose de uísque para ele e outra para Gavallan.

— Ah, obrigado, Johnny — disse McIver, animando-se. — Saúde!
— Brindou com Gavallan e engoliu a bebida satisfeito. — Estou mais gelado que um cadáver. Acabei de ter um pega com um maldito guarda da alfândega! Por que você está aqui? Algum problema, Andy? Oh, e quanto ao 125?

Tanto os revolucionários quanto os legalistas andam muito exaltados. Qualquer um deles pode chegar aqui e apreendê-lo à força.

— Johnny Hogg está vigiando. Vamos conversar a respeito dos meus problemas num instante, mas achei que era melhor vir até aqui e ver com os meus próprios olhos. Temos muita coisa em jogo agora, aqui e fora daqui, com os novos contratos e os aparelhos que estão para chegar. O X63 é um espetáculo, Mac, é o que pode haver de melhor.

— Ótimo, formidável. Quando vamos tê-lo?

— No ano que vem, depois conversamos mais sobre ele. Agora, o Irã é o problema prioritário.

Temos que fazer alguns planos de emergência, como manter contato e assim por diante. Ontem eu levei horas em Al Shargaz tentando conseguir uma licença iraniana para vir a Teerã, mas não consegui. Até a embaixada estava fechada; fui pessoalmente ao prédio, em Al Mullah, mas estava fechada. Pedi ao nosso representante para ligar para a casa do embaixador, mas ele tinha saído para almoçar... o dia inteiro. No fim, fui até o controle de tráfego aéreo de Al Shargaz e bati um papo com eles. Eles sugeriram que nós esperássemos, mas eu os convenci a nos dar uma licença e deixar-nos tentar e aqui estamos. Em primeiro lugar, em que estado estão as nossas operações?

McIver relatou o que sabia.

Grande parte do bom humor de Gavallan desapareceu.

— Então Charlie sumiu, Tom Lochart está arriscando o pescoço e todos os nosso negócios no Irã, estúpida ou corajosamente, dependendo do ponto de vista. Duke Starke está passando dificuldades em Bandar Delam com Rudi, Kowiss está sitiada e nós fomos expulsos dos nossos escritórios.

— Sim — acrescentou sombriamente McIver —, eu autorizei o voo de Tom.

— Provavelmente eu teria feito o mesmo se estivesse aqui, embora isso não justifique o perigo para ele, para nós ou para aquele pobre infeliz do Valik e sua família. Mas eu concordo, a Savak não é prato para ninguém. — Gavallan estava inteiramente desconcertado, embora seu rosto não o demonstrasse. — Ian estava certo de novo.

— Ian? Dunross? Você o viu? Como está aquele doido?

— Ele me ligou de Shangai. — Gavallan contou-lhe o que ele dissera. — Quais são as últimas novidades na situação política por aqui?

— Você deve saber mais do que nós. Nós só conseguimos notícias através da BBC ou da Voz da América. Os jornais ainda não estão circulando e só há boatos — disse McIver, mas ele estava se lembrando dos bons tempos que tinha passado com Dunross em Hong Kong. Ele o ensinara a pilotar um pequeno helicóptero, um ano antes de se juntar a Gavallan em Aberdeen, e embora não tivessem feito uma grande amizade, McIver tinha gostado muito da sua companhia. — Bakhtiar ainda está no poder, com as Forças Armadas por trás dele, mas Bazargan e Khomeini estão lhe mordendo os calcanhares... Oh, maldição, eu esqueci de contar, o chefe Kyabi foi assassinado.

— Meu Deus, que coisa horrível! Mas por quê?

— Nós não sabemos por que nem como nem por quem. Freddy Ayre contou-nos velada...

— Desculpe interromper, senhor — ouviu-se pelo alto-falante, e havia uma nota de urgência na voz plácida de Hogg. — Três carros cheios de homens e de armas estão vindo nesta direção, vindos da área do terminal.

Os dois homens espiaram pelas janelinhas redondas. Conseguiram ver os carros. Gavallan apanhou o binóculo e o ajustou.

— Há cinco ou seis homens em cada carro. Há um mulá no banco da frente do primeiro carro. É gente de Khomeini. —

Pendurou o binóculo no pescoço e saiu rapidamente do assento. — Johnny!

— Sim, senhor? — respondeu Hogg, já na porta.

— Plano B! — Imediatamente, Hogg fez um sinal com os polegares para cima para o copiloto que, na mesma hora, começou a abrir os manetes enquanto Gavallan se enfiava num casaco e apanhava uma sacola de viagem. — Vamos, Mac! — Desceu os degraus de dois em dois, com McIver atrás dele. Assim que eles saíram os degraus foram puxados, a porta fechada, os motores ligados e o 125 taxiou, ganhando velocidade. — Fique de costas para os carros, Mac, não olhe para eles, olhe o avião decolando!

Tudo aconteceu tão depressa que McIver mal teve tempo de puxar o fecho eclair do casaco. Um dos carros avançou para interceptar o avião mas, nessa altura, o 125 já corria pela pista. Em segundos ele decolou e se afastou. Então eles se viraram para enfrentar os carros que chegavam.

— E agora, Andy?

— Isso depende do comitê de recepção.

— Que diabo era o Plano B?

— Melhor que o Plano C, cara — disse Gavallan, rindo. — Este era uma merda. Plano B: Eu salto, Johnny decola imediatamente e não diz a ninguém que teve que sair correndo, amanhã ele volta para me apanhar no mesmo horário; se não houver nenhum contato, visual ou pelo rádio, então Johnny pula um dia e vem uma hora mais cedo. E assim por diante durante quatro dias. Então ele fica estacionado em Al Shargaz e aguarda novas instruções.

— Plano A?

— Esse era se nós pudéssemos ter passado a noite aqui. Eles montando guarda e eu com você.

Os carros pararam, o mulá e os Faixas Verdes os cercaram, apontando as armas para eles, todo mundo gritando. De repente, Gavallan berrou: — Allah-u Akbar — e todo mundo parou, estatelado. Com um floreio, levantou o chapéu para o mulá, que também estava armado, tirou um documento de aparência oficial do bolso, escrito em farsi, que estava selado com lacre vermelho na ponta. Entregou-o ao mulá. — É uma licença para pousar em Teerã

concedida pelo 'novo' embaixador em Londres — disse a McIver enquanto os homens se juntavam em volta do mulá espiando para o papel. — Eu parei em Londres para apanhá-lo. Ele diz que eu sou um VIP, em missão oficial e que posso entrar e sair do país sem ser incomodado.

— Como você conseguiu isso? — perguntou McIver, com admiração.

— Influência, meu rapaz, influência e um grande heung yau. — E cuidadosamente usou o equivalente cantonês a pishkesh.

— Vocês vêm conosco — disse um jovem de barba que estava perto do mulá, com um sotaque americano. — Vocês estão presos!

— Sob que acusação, meu caro senhor?

— Pouso ilegal sem permis...

— Isto aqui é uma licença concedida pelo seu próprio embaixador em Londres! Viva a Revolução!

Vida longa para o aiatolá Khomeini!

O jovem hesitou, depois traduziu para o mulá. Houve uma troca furiosa de palavras entre eles.

— Vocês vêm conosco!

— Nós os seguiremos no nosso carro! Vamos, Mac — disse Gavallan, com firmeza e entrou no carro. McIver ligou o motor. Por alguns instantes os homens ficaram sem ação, depois o homem que sabia falar inglês e mais um outro entraram atrás. Ambos carregavam uma AK47.

— Vá para o terminal! Vocês estão presos!

No terminal, perto da seção de Imigração, havia mais homens hostis e um funcionário da Imigração muito nervoso.

Imediatamente, McIver mostrou o seu passe para o aeroporto, sua carteira de trabalho, explicou quem eles eram e que trabalhavam para a IranOil e tentou convencê-los a deixá-los passar, mas o mandaram calar a boca. O funcionário examinou meticulosamente o papel e o passaporte de Gavallan — com os rapazes o tempo todo em volta deles, com seus corpos fedorentos.

Depois abriu a valise de Gavallan e a revistou grosseiramente, mas ela continha apenas um aparelho de barbear, uma camisa, roupa de baixo e roupa de dormir. E um quarto de litro de uísque.

Imediatamente a garrafa foi confiscada por um dos rapazes, aberta e despejada no chão.

— Dew neh loh moh — Gavallan disse docemente em cantonês, e McIver quase caiu na gargalhada.

— Viva a revolução.

O mulá interrogou o funcionário, e eles puderam ver o medo e o suor dele. No fim, o rapaz que sabia falar inglês disse: — As autoridades vão ficar com o papel e o passaporte e vocês vão ter que dar mais explicações mais tarde.

— Eu vou ficar com o meu passaporte — disse Gavallan, tranquilamente.

— O passaporte vai ficar com as autoridades. Os inimigos vão sofrer. Aqueles que desrespeitarem as leis... pousos ilegais e entradas no país. Sofrerão castigos islâmicos. Sua Excelência quer saber quem estava no avião com você.

— Só a minha tripulação, de duas pessoas. Estão no registro anexo à permissão para pousar. Agora, o meu passaporte, por favor, e este documento.

— Vão ficar com as autoridades. Onde você vai ficar? — McIver deu o endereço dele.

O homem traduziu. Mais uma vez houve uma discussão acalorada.

— Informo-lhes que agora seus aviões não podem voar nem pousar sem antes pedir permissão.

Todos os aviões são do Irã. Todos os aviões que estão no Irã agora pertencem ao Estado e..

— Os aviões pertencem aos seus donos legais — disse McIver.

— Sim — disse o homem com um riso de deboche —, o nosso Estado islâmico é o dono. Se não gostarem das leis, saiam. Saiam do Irã. Nós não os convidamos para virem aqui.

— Ah, mas você se engana. Nós, da S-G Helicópteros, fomos convidados para vir para cá. Nós trabalhamos para o seu governo e temos servido à IranOil há anos.

— A IranOil é uma companhia do xá. — E o homem cuspiu no chão. — O Estado islâmico é o dono do petróleo, e não os

estrangeiros. Vocês logo serão presos junto com todos os outros por um grande crime: roubar o petróleo do Irã.

— Bobagem! Nós não roubamos nada. — disse McIver — Nós ajudamos o Irã a entrar no século vinte! Nós.

— Saiam do Irã, se quiserem — tornou a dizer o porta-voz, sem prestar atenção nele. — Agora todas as ordens vêm do imã Khomeini, que Alá o proteja! Ele diz: nenhum pouso ou decolagem sem permissão. E sempre um dos guardas de Khomeini acompanhará cada avião. Entendido?

— Compreendemos o que você diz — respondeu educadamente Gavallan. — Posso pedir-lhe para nos dar isso por escrito, já que o governo de Bakhtiar pode não concordar.

O homem traduziu e houve muitas gargalhadas.

— Bakhtiar partiu — disse rindo o homem. — Aquele cão do xá está escondido. Escondido, vocês compreendem? O imã é o governo. Só ele!

— Sim, é claro — disse Gavallan, sem acreditar nele. — Nós podemos ir, então?

— Vão. Amanhã apresentem-se às autoridades.

— Onde, e a que autoridades?

— Às autoridades de Teerã.

O homem traduziu para os outros e mais uma vez todo mundo riu. O mulá pôs o passaporte e o papel no bolso e saiu andando com imponência. Alguns guardas foram com ele, levando junto o suado funcionário da Imigração. Os outros ficaram andando por ali, aparentemente a esmo. Alguns ficaram vigiando-os, encostados na parede, fumando, com seus rifles do exército americano pendurados de qualquer jeito.

Estava muito frio no terminal. E muito vazio.

— Ele está com toda a razão, sabe? — disse uma voz. Gavallan e McIver olharam para trás. Era George Talbot, da embaixada britânica, um homem baixo e seco de 55 anos, vestindo uma capa de chuva grossa e um chapéu de pele, de estilo russo. Estava na porta de um escritório da alfândega, acompanhado por um homem alto, de ombros largos, de uns sessenta anos, de olhos azuis, cabelos e bigode grisalhos, vestido displicentemente, usando um

cachecol, um chapéu mole e uma capa de chuva velha. Ambos estavam fumando.

— Oh, olá, George, prazer em vê-lo. — Gavallan foi até ele e estendeu a mão. Ele o vinha encontrando através dos anos, tanto no Irã quanto na Malásia, o antigo posto de Talbot, onde a S-G também operava em grande escala. — Há quanto tempo você está aqui?

— Há poucos minutos apenas. — Talbot apagou o cigarro e tossiu distraidamente. — Alô, Duncan!

Bem, isto aqui está uma confusão, hein?

— Se está. — Gavallan olhou para o outro homem.

— Ah, posso lhe apresentar o sr. Armstrong?

— Olá — cumprimentou-o Gavallan, imaginando onde o vira antes e quem era ele, notando a dureza do olhar e o rosto forte. Aposto cinquenta libras como ele é da CIA, se for americano, pensou. — O senhor também é da embaixada? — perguntou como quem não quer nada.

— Não, senhor — respondeu o homem, sorrindo.

Gavallan tinha preparado os ouvidos, mas não detectou um sotaque nem genuinamente inglês nem americano. Pode ser uma coisa ou outra, ou canadense, pensou, é difícil dizer com duas palavras.

— Você está aqui em missão oficial, George? — perguntou McIver.

— Sim e não. — Talbot foi andando para a porta que levava ao pátio do aeroporto, onde o carro de McIver estava estacionado, afastando-os dos ouvidos indiscretos. — Na verdade, assim que ouvimos o barulho do jato de vocês, nós, ahn, nós corremos para cá na esperança de que vocês pudessem levar, ahn, alguns despachos para o governo de Sua Majestade. O embaixador ficaria imensamente grato, mas, bem, nós chegamos bem na hora em que o avião estava decolando. Uma pena!

— Gostaria de ajudar no que for possível — disse Gavallan, também em voz baixa. — Talvez amanhã? — Viu o olhar trocado entre os dois homens e ficou imaginando o que mais estaria errado.

— Será possível, sr. Gavallan? — Perguntou Armstrong.

— É possível. — Gavallan chegou à conclusão que ele era inglês, embora sem muita certeza.

— Você vai partir com ou sem permissão do Irã, uma permissão oficial, nem passaporte? — Talbot sorriu e tossiu sem notar.

— Eu, ahn, tenho uma cópia da permissão. E outro passaporte. Eu pedi um de reserva, oficialmente, no caso de alguma eventualidade — Irregular, mas prudente — suspirou Talbot. — Sim. Oh, aliás, eu gostaria muito de ter uma cópia da sua permissão para pousar.

— Talvez não seja uma ideia muito boa... oficialmente. Você nunca sabe o tipo de roubo que algumas pessoas andam fazendo hoje em dia.

— Se você, ahn, partir amanhã, nós ficaríamos gratos se tivesse a gentileza de levar o sr. Armstrong.

Suponho que Al Shargaz será a sua primeira parada — disse Talbot.

— Isto é um pedido formal? — perguntou Gavallan, hesitante.

— Formalmente informal. — E Talbot sorriu.

— Com ou sem permissão do Irã, visto e passaporte?

— Você tem toda a razão em perguntar. — Disse Talbot dando uma risada. — Eu garanto que os papéis do sr. Armstrong estarão perfeitamente em ordem. — E acrescentou incisivamente para terminar a conversa: — Como você salientou, não há limites para os furtos que estão ocorrendo hoje em dia.

— Muito bem, sr. Armstrong, eu estarei na casa do capitão McIver. O senhor decide se quer entrar em contato comigo. O primeiro ETD será por volta das 17 horas, mas eu não vou ficar esperando.

Está bem?

— Obrigado, senhor.

Mais uma vez, Gavallan prestou atenção no sotaque do homem, mas não conseguiu ter certeza.

— George, quando nós começamos a conversar, você disse, referindo-se àquele filho da mãe arrogante: "Ele está com toda a razão, sabe." Está com a razão a respeito de quê? Que agora eu vou

ter que procurar ou me apresentar a alguma nebulosa autoridade em Teerã?

— Não. Que Bakhtiar renunciou e está escondido.

— Meu Deus, você tem certeza? — E os dois homens o olharam de boca aberta.

— Bakhtiar renunciou formalmente há umas duas horas atrás e, sabiamente, desapareceu. — A voz de Talbot era suave e calma, a fumaça do cigarro pontuava suas palavras. — Na verdade, a situação se tornou subitamente muito arriscada, daí a nossa, ahn, ansiedade em, bem, não importa. Ontem à noite, o chefe do Estado-Maior, general Ghara-Baghi, apoiado pelos generais, ordenou a todas as tropas que voltassem aos quartéis, declarando que as Forças Armadas, de agora em diante, eram 'neutras', deixando assim o primeiro-ministro totalmente indefeso e entregando o Estado a Khomeini.

— Neutras? — repetiu Gavallan, sem acreditar. — Isso não é possível. Não é possível. Eles estariam cometendo suicídio.

— Concordo, mas é verdade.

— Cristo!

— Evidentemente, apenas algumas unidades vão obedecer, outras vão lutar — disse Talbot. — Certamente a polícia e a Savak não foram afetadas por essa ordem; eles não vão desistir, embora a batalha agora esteja perdida. Insha'Allah, meu velho. Enquanto isso, muito sangue vai correr pelos esgotos, isto eu lhe garanto.

— Mas... se Bakhtiar... isso não significa que tudo terminou? — disse McIver, animando-se. — A guerra civil está terminada, graças a Deus. Os generais impediram um verdadeiro banho de sangue...

um banho de sangue completo. Agora voltaremos à normalidade. Os problemas terminaram.

— Oh, não, meu caro — disse Talbot, com mais calma ainda. — Os problemas estão só começando.

20

NA PLATAFORMA BELLISSIMA: 18:35H.

O pôr-do-sol foi glorioso, com nuvens colorindo o horizonte de vermelho, um céu límpido e claro, a estrela vésper brilhando, uma lua quase cheia. Mas fazia muito frio, a quatro mil metros de altitude, e como já estava escuro a leste, Jean-Luc teve dificuldade em enxergar o 212 que se aproximava.

— Lá vem ele, Gianni — Jean-Luc gritou para o perfurador.

Era a terceira viagem de Scot Gavallan. Todo mundo — operários, cozinheiros, três gatos, quatro cachorros e um canário que pertencia a Gianni Salubrio — já tinha sido transportado em segurança para a plataforma Rosa, com exceção de Mario Guineppa, que teimara em esperar até o fim, apesar da insistência de Jean-Luc, e de Gianni, Pietro e mais dois, que estavam ainda fechando a plataforma.

Jean-Luc ficou de olho no bloco que se mexia de vez em quando, dando-lhe arrepios na espinha.

Quando o helicóptero voltou da primeira viagem, todo mundo tinha prendido a respiração por causa do barulho, embora Pietro lhes tivesse assegurado que aquilo não passava de lenda — só dinamite começaria uma avalanche, ou um Ato de Deus. E então, como que para desmenti-lo, o bloco tornou a se mover, só um bocadinho, mas o suficiente para fazer os que ainda estavam na plataforma se sentirem mal.

Pietro desligou o último interruptor e as turbinas dos geradores a diesel pararam. Cansado, enxugou o rosto, deixando uma mancha de óleo. Suas costas doíam, e suas mãos também, por causa do frio, mas o poço estava selado e tão seguro quanto possível. Lá adiante, sobre o abismo, viu o helicóptero se aproximando cautelosamente.

— Vamos embora — disse para os outros, em italiano. — Não há mais nada para fazer aqui. Mais nada, a não ser explodir aquele

bloco de merda lá em cima.

Os outros se benzeram com irritação e foram andando para o helicóptero, deixando-o sozinho. Ele olhou para o cume.

— Você parece que está vivo — resmungou. — Um monte de merda monstruoso esperando para apanhar a mim e aos meus lindos poços. Mas você não vai conseguir, seu desgraçado!

Foi até o pequeno depósito de dinamite e apanhou os dois explosivos que tinha fabricado — seis bananas de dinamite em cada um, amarradas em volta de um pavio de trinta segundos.

Cuidadosamente, colocou-os numa pequena sacola, com um isqueiro e fósforos.

— Mãe de Deus — rezou com simplicidade — faça com que estes desgraçados funcionem.

— Pietro! Ei, Pietro!

— Estou indo, estou indo, ainda temos muito tempo! — Lá fora, ele viu o rosto branco e assustado de Gianni. — O que foi?

— É Guineppa. É melhor dar uma olhada nele.

Mario Guineppa estava deitado de costas, com a respiração difícil e as pálpebras tremendo. Jean-Luc estava ao lado da cama, com a mão no pulso do homem.

— Uma hora está muito rápido... depois eu não consigo pegá-lo — disse, nervoso.

— Mario fez um exame médico rigoroso há quatro semanas, o que ele faz todo ano... cardiograma, tudo. Muito rigoroso. Ele estava perfeito! — Pietro cuspiu no chão. — Médicos!

— Ele foi louco de insistir em ficar — disse Gianni.

— Ele é o chefe, ele faz o que achar melhor. Vamos colocá-lo na maca e sair — Pietro estava com a fisionomia séria. — Não há nada que possamos fazer por ele aqui. Para o inferno com a dinamite, podemos tratar disso mais tarde ou amanhã.

Cuidadosamente, eles o levantaram, o enrolaram em cobertores e o levaram para fora do trailer, debaixo da neve, em direção ao helicóptero. Assim que chegaram lá, a montanha rugiu. Eles olharam para cima. Neve e gelo começaram a cair, ganhando peso. Em segundos, a avalanche avançava com toda a força. Não havia tempo para correr, a única coisa a fazer era esperar. O rugido aumentou. A

neve rolou pela montanha, arrastando para o abismo um trailer e um dos enormes tanques de aço que continham lama. Depois terminou.

— Mamma mia — murmurou Gianni, benzendo-se. — Pensei que dessa vez estivéssemos perdidos.

Jean-Luc também se benzera. Agora o bloco estava ainda mais ameaçador, milhares de toneladas pousadas sobre o campo, com parte da rocha exposta. Neve esfarelada continuava a cair sem parar.

— Jean-Luc! — Era Guineppa. Seus olhos estavam abertos. — Não.. Não espere... dinamite agora...

é preciso...

— Ele tem razão, é agora ou nunca — disse Pietro.

— Por favor, estou bem... Mamma mia, faça isto agora! Estou bem! Eles correram para o helicóptero.

A maca foi colocada na primeira fila de cadeiras e amarrada no lugar. Os outros colocaram os cintos de segurança. Jean-Luc entrou na cabine e sentou-se no assento da esquerda, colocando os fones no ouvido.

— OK, Scot?

— Fantástico, cara — disse Scot Gavallan. — Como está Guineppa?

— Nada bem. — Jean-Luc checou os instrumentos. Estavam todos no verde e havia bastante combustível. — Merde! Aquele bloco vai cair a qualquer momento; vamos prestar atenção nos deslocamentos de ar, vão ser muito fortes. Allonsyl — Tome. Eu consegui isso para o Pietro enquanto estava esperando na plataforma Rosa. — Scot entregou a Jean-Luc os fones extras, que agora estavam ligados aos deles.

— Darei a ele quando estivermos no ar. Não me sinto seguro aqui. Suba! Imediatamente, Scot abriu os manetes e tirou o 212 do chão, recuou um pouco, virou o aparelho e ergueu-se sobre o abismo.

Quando começaram a subir, Jean-Luc virou-se e se arrastou até a cabine.

— Tome, coloque isto, Pietro, agora você está ligado conosco lá na frente.

— Bom, muito bom. — Pietro estava sentado perto da porta.

— Quando começarmos, pelo amor de Deus, pela minha saúde, e pela sua mãe, não vá cair.

Pietro riu nervosamente. Jean-Luc verificou como estava Guineppa, que parecia um pouco melhor agora, tornou a ir para a frente e colocou os fones.

— Está me ouvindo, Pietro?

— Si. Si, a mico.

O helicóptero foi subindo em círculos. Agora eles estavam no mesmo nível do cume. Daquele ângulo, o bloco não parecia tão perigoso. Estavam começando a sacudir um pouco.

— Suba mais uns trinta metros, amico — ouviram através dos fones —, e rume para o norte.

— Roger, Pietro. Você é o navegador agora — disse Scot.

Os dois pilotos se concentraram. Pietro mostrou-lhes o lugar na face norte onde a dinamite poderia soltar o bloco provocando uma avalanche que não atingisse a plataforma.

— Pode funcionar — murmurou Scot. Fizeram uma volta para se certificarem.

— Amico, quando estivermos sobre aquele ponto, a trinta metros, fique planando; eu vou acender o pavio e jogar os explosivos. Buono? — Eles notaram o tremor na voz de Pietro.

— Não se esqueça de abrir a porta, meu velho — disse Scot, secamente. Houve uma torrente de xingamentos em italiano, em resposta. Scot sorriu.

Então, uma corrente de ar os fez cair vinte metros antes que ele pudesse controlar o aparelho. Um minuto depois estavam na altitude e na posição certas.

— Ótimo, amico. Fique aí.

Jean-Luc virou-se para observar. Atrás, na cabine, os outros olhavam para Pietro, fascinados. Ele apanhou a primeira carga e esticou o pavio, cantarolando Aida.

— Mãe de Deus, Pietro — disse Gianni. — Você tem certeza que sabe o que está fazendo?

Pietro fechou o punho esquerdo, pôs o direito, que segurava a dinamite, no antebraço esquerdo e fez um gesto significativo.

— Preparem-se aí na frente — falou ao microfone, e abriu o cinto de segurança. Checou a posição lá embaixo e balançou a cabeça. — Ótimo, mantenha-o firme. Gianni, cuide da porta. Abra-a só um pouquinho que eu faço o resto.

O aparelho balançava, por causa das correntes de ar giratórias, quando Gianni soltou o cinto e foi para a porta.

— Rápido — disse, sentindo-se muito desprotegido, depois falou com o homem que estava mais perto: — Segure o meu cinto! Abra a porta, Gianni!

Gianni conseguiu abrir uns trinta centímetros e a manteve assim, esquecido do doente na maca. O ar rugiu dentro da cabine. O aparelho girou, com a sucção da porta aberta tornando ainda mais difícil para Scot controlá-lo. Pietro segurou o pavio e tentou acender o isqueiro. Falhou. Uma vez, e mais outra, cada vez mais nervoso.

— Mãe de Deus, ande! — O suor caía da testa de Pietro quando o isqueiro finalmente acendeu. O pavio faiscou. Segurando-se com uma das mãos, ele se inclinou para a porta, açoitado pelo vento. O aparelho deu um pinote e os dois homens desejaram ter tomado a precaução de trazer uma corda para se amarrarem.

Cuidadosamente, Pietro jogou o explosivo pela abertura. No mesmo instante, Gianni fechou a porta e trancou-a. E então começou a suar.

— Bomba atirada, vamos embora! — ordenou Pietro, com os dentes batendo por causa do frio, e tornou a colocar o cinto. Na mesma hora, o helicóptero se afastou e ele ficou tão aliviado por ter terminado que começou a rir. Histericamente, os outros o imitaram e todos começaram a contagem regressiva: —... seis... cinco... quatro... três... dois... um! — Nada aconteceu. As risadas terminaram tão depressa quanto tinham começado.

— Você o viu cair, Jean-Luc?

— Não. Nós não vimos nada — respondeu sombriamente o francês, sem querer repetir a manobra. — Talvez tenha batido numa pedra e o pavio tenha se soltado. — Mas por dentro ele estava dizendo: Italiano estúpido, não consegue nem prender umas poucas

bananas de dinamite num maldito pavio. — Vamos tentar de novo, está bem?

— Por que não? — disse Pietro, Confiantemente. — O detonador estava perfeito. O fato dele não explodir foi um Ato do Demônio. Sim, sem dúvida. Isso acontece muito na neve. Muito mesmo. A neve é uma vagabunda e você nunca...

— Não culpe a neve, Pietro, e foi um Ato de Deus, e não do Demônio — disse supersticiosamente Gianni, benzendo-se. — Por favor, chega de Demônio enquanto estamos no ar.

Pietro apanhou a segunda carga e a examinou cuidadosamente. O arame que amarrava as bananas de dinamite estava firme e o pavio também.

— Olha aí, está vendo, perfeito, como o outro. — Ele o atirou de uma mão para a outra e depois sacudiu-o com força para ver se o pavio se soltava.

— Mama mia — disse um dos homens, com o estômago revirado. — Você está louco?

— Isto aqui não é como nitroglicerina, amico — Pietro disse a ele e bateu no explosivo com mais força ainda. — Olha aí, você está vendo que está bem apertado.

— Não tanto quanto o meu cu — disse Gianni, zangado, em italiano. Quer fazer o favor de parar com isso?

Pietro deu de ombros e olhou pela janela. O cume estava se aproximando. Ele podia ver o lugar exato — Prepare-se, Gianni. — E então falou no microfone: — Só um pouco mais para leste, signor piloto.

Mantenha-o aí... firme... não pode mantê-lo mais firme? Prepare-se Gianni. — Levantou o pavio, com o isqueiro perto da ponta. — Abra esta maldita porta!

Irritado, Gianni soltou o cinto e obedeceu, o helicóptero balançou e ele gritou, perdeu o equilíbrio, caindo sobre a porta, e seu peso fez com que a porta se abrisse mais e ele foi projetado para fora.

Mas o homem que estava segurando seu cinto aguentou firme, com Gianni com metade do corpo para dentro e metade para fora e a sucção puxando-os violentamente. No instante em que Gianni abriu a porta, Pietro tinha acendido o isqueiro e o fogo já tinha

incendiado o pavio, mas no meio do pânico por causa de Gianni, Pietro tinha se distraído. Instintivamente, ele também tentou agarrar Gianni e a dinamite caiu da sua mão. Todos ficaram olhando estatelados, enquanto ele engatinhava pelo chão, enfiando a mão debaixo das poltronas, enquanto a dinamite rolava de um lado para o outro, com o pavio queimando alegremente — e os fones arrancados do ouvido. Quase desmaiando de medo, Gianni agarrou-se na porta com uma das mãos e começou a se arrastar para dentro, apavorado que o seu cinto arrebentasse e se xingando por ter usado aquele cinto fino ao invés daquele que a mulher tinha-lhe dado de Natal...

Os dedos de Pietro tocaram a dinamite. O pavio encostou nele, queimando-o, mas ele não sentiu dor.

Agarrou a dinamite, ainda no chão, virou-se, se apoiou numa cadeira e atirou a dinamite e o que restava do pavio para fora, depois esticou a mão que estava livre e agarrou uma das pernas do amigo, ajudando a puxá-lo para dentro. O outro homem bateu a porta e os dois, Pietro e Gianni, caíram no chão.

— Afaste-se daqui, Scot — disse Jean-Luc, com uma voz fraca.

O helicóptero se inclinou e afastou-se da face norte, sessenta metros abaixo deles. Por um momento, o cume continuou puro, desolado e imóvel. Então houve uma grande explosão, que ninguém no helicóptero ouviu nem sentiu. A neve subiu em espiral e depois começou a assentar. Depois, com um rugido poderoso, toda a face norte desmoronou, a avalanche desceu pelo vale, cortando a encosta da montanha, deixando uma trilha de meio quilômetro de largura até parar.

— Meu Deus, oíne! — disse Scot, apontando para a frente. O bloco unha desaparecido Sobre a plataforma Bellissima havia apenas uma ligeira inclinação, o lugar estava intacto exceto onde o trailer e o tanque tinham sido carregados pela primeira avalanche.

— Pietro! — exclamou excitadamente Jean-Luc — Você... — Ele parou. Pietro e Gianni ainda estavam caídos no chão, se recuperando. Os fones de Pietro tinham desaparecido. — Scot, eles não vão conseguir ver pelas janelas. Chegue mais perto e faça a volta para eles poderem ver!

Animadamente, Jean-Luc engatinhou novamente para a cabine e começou a dar tapas em Pietro, cumprimentando-o. Todo mundo olhou para ele com cara de idiota, e quando entenderam o que ele estava gritando por sobre o barulho dos motores, esqueceram o medo e espiaram pelas janelas. E quando viram como a explosão afastara completamente o perigo, deram gritos de alegria. Gianni abraçou Pietro, emocionado, jurando amizade eterna, abençoando-o por salvá-lo, por salvar-lhes as vidas e o emprego.

— Niente, caro — disse Pietro, expansivamente. — Eu não sou um homem de Aosta?

Jean-Luc se debruçou sobre a maca e sacudiu delicadamente Mario Guineppa.

— Mario! Pietro conseguiu! Com perfeição. Bellissima está salva... Guineppa não respondeu. Ele já estava morto.

TERÇA-FEIRA

13 de fevereiro

21

NA FACE NORTE DO MONTE SABALAN: 22H.

A noite estava terrivelmente fria sob um céu sem nuvens, coberto de estrelas e com uma lua brilhante, e o capitão Ross e seus dois gurkhas avançavam cautelosamente pelo alto da montanha, seguindo o guia e o homem da CIA. Os soldados usavam macacões brancos, com capuz, por cima do uniforme de batalha, além de luvas e roupas de baixo térmicas, e ainda assim o frio os incomodava. Estavam a cerca de dois mil e quinhentos metros, caminhando a favor do vento em direção ao seu objetivo, que estava a um quilômetro de distância, do outro lado do topo. Sobre eles, o vasto cone do vulcão extinto se erguia a cinco mil metros de altura.

— Meshgi, vamos parar para descansar — disse o homem da CIA, em turco, para o guia. Ambos vestiam roupas grossas, usadas pelos homens das tribos.

— Se é isso o que o senhor deseja, aga, então que seja.

O guia indicou o caminho, deixando a trilha e caminhando através da neve até uma pequena caverna que nenhum deles tinha notado. Ele era velho e retorcido como uma oliveira velha, magro e cabeludo, com uma roupa em farrapos, e, no entanto, ainda era o mais forte deles depois de quase dois dias de escalada.

— Ótimo — disse o homem da CIA. Depois, virando-se para Ross: — Vamos ficar escondidos aqui até estarmos prontos.

Ross tirou a carabina do ombro, sentou-se e arriou com satisfação a mochila, com as batatas da perna, as coxas e as costas doendo.

— Meu corpo está todo doído — disse aborrecido —, e eu pensei que estivesse em forma.

— O senhor está em forma, sahib — o sargento gurkha, chamado Tenzing, disse com um sorriso. — Na nossa próxima licença vamos escalar o Everest, hein?

— Nem que você me pague — retrucou Ross, em inglês e os três soldados riram juntos.

— Deve ser fantástico ir até o topo dessa montanha — disse pensativo o homem da CIA.

Ross viu-o olhar para a noite lá fora e para os milhares de metros de montanha lá embaixo. Quando eles tinham se encontrado pela primeira vez perto de Bandar-e Pahlavi, há dois dias, se não soubesse quem ele era, teria pensado que fosse meio-mongol, nepalês ou tibetano, pois o homem da CIA tinha cabelos escuros, uma pele amarelada, olhos asiáticos e se vestia como um nômade.

— O seu contato da CIA é Rosemont, Vien Rosemont, ele é meio-vietnamita, meio-americano — dissera o coronel da CIA. — Ele tem 26 anos, está aqui há um ano, fala farsi e turco, faz parte da segunda geração da CIA e você pode confiar sua vida a ele.

— Parece que vou ter que fazê-lo de qualquer maneira, o senhor não acha?

— Hein? Oh, é claro. Sim, acho que sim. Encontre-se com ele ao sul de Bandar-e Pahlavi, nestas coordenadas, e ele estará lá com o barco. Mantenham-se perto da costa até chegarem ao sul da fronteira soviética, e então voltem para terra.

— Ele é o guia?

— Não. Ele apenas, ahn, sabe a respeito de Meca... este é o nosso código para o posto de radar.

Arranjar o guia é problema dele, mas ele vai conseguir. Se ele não estiver no local combinado, espere até sábado à noite. Se ele não chegar até o amanhecer é porque foi apanhado e você desiste.

OK?

— Sim. E quanto aos boatos de insurreição no Azerbaijão?

— Pelo que eu sei, está havendo luta em Tabriz e na parte ocidental, nada na região de Ardabil.

Rosemont deve saber mais sobre isso. Nós, ahn, nós sabemos que os soviéticos estão de prontidão e prontos para invadir se os habitantes do Azerbaijão expulsarem os partidários de Bakhtiar. Depende dos líderes deles. Um deles é Abdullah Khan. Se você tiver problemas, vá procurá-lo. Ele é um dos nossos. É leal.

— Está bem. E esse piloto, Charles Pettikin. Digamos que ele não queira levar-nos?

— Obrigue-o. De um jeito ou de outro. Esta operação tem a aprovação dos chefões, tanto do seu lado quanto do meu, mas não podemos ter nada por escrito. Certo, Bob?

O outro homem presente ao encontro, um tal de Robert Armstrong que ele também nunca tinha visto antes, balançara a cabeça, concordando.

— Sim.

— E os iranianos? Eles também aprovaram?

— Isso é uma questão de, ahn, de segurança nacional, sua e nossa. Deles também, mas eles... eles estão ocupados. Bakhtiar, bem, pode ser que ele não dure.

— Então é verdade. Os Estados Unidos estão puxando o tapete?

— Não sei dizer, capitão.

— Uma última pergunta: por que não estão mandando o seu próprio pessoal?

— Eles estão todos ocupados. Nós não podemos trazer mais gente para cá com rapidez. Não gente treinada como vocês. — Robert Armstrong respondera pelo coronel.

Não há dúvida que nós somos bem treinados, pensou Ross, relaxando os ombros em carne viva por causa das alças da mochila — escalar, saltar, esqui, mergulhar, matar silenciosamente ou fazendo barulho, mover-se com a rapidez do vento contra terroristas ou inimigos públicos, e explodir qualquer coisa, em cima ou debaixo d'água, se for preciso. Mas eu tenho muita sorte, tenho tudo o que quero: saúde, diploma universitário, Sandhurst, paraquedistas, Serviços Aéreos Especiais e até os meus bem-amados gurkhas. Sorriu para os dois e disse uma obscenidade em gurkhali, um dialeto

vulgar, que os fez rir às gargalhadas. Então viu Vien Rosemont e o guia olhando para ele.

— Perdão, Excelências — disse em farsi —, eu só estava dizendo aos meus irmãos para se comportarem.

Meshgi não disse nada, apenas tornou a prestar atenção na noite. Rosemont tinha tirado as botas e estava massageando os pés por causa do frio.

— Os caras que eu tenho visto, oficiais britânicos, eles não fazem amizade com os seus soldados, não como você.

— Talvez eu tenha mais sorte que os outros. — Com o canto dos olhos, Ross vigiava o guia que tinha se levantado e estava agora em pé na entrada da caverna, escutando. O velho vinha ficando cada vez mais inquieto nas últimas horas. Até onde eu posso confiar nele?, pensou, e então olhou para Gueng que estava mais perto. Na mesma hora, o homenzinho entendeu a mensagem e concordou com a cabeça, imperceptivelmente.

— O capitão é um dos nossos, senhor — dizia Tenzing para Rosemont, orgulhosamente. — Como seu pai e seu avô. E todos dois eram Sheng'khan.

— O que é isso?

— É um título gurkhali — disse Ross, disfarçando o orgulho. — Significa Senhor da Montanha. Não tem muito sentido fora do regimento.

— Três gerações na mesma unidade. Isso é comum?

É claro que não, Ross teve vontade de dizer, incomodado com as perguntas pessoais, embora estivesse gostando de Vien Rosemont. O barco chegara na hora, a viagem pela costa fora rápida e segura, com eles escondidos debaixo da carga. Ao anoitecer, desembarcaram com facilidade e se dirigiram para o próximo ponto de encontro, onde o guia esperava. Depois caminharam depressa para as montanhas, sem que Rosemont reclamasse nenhuma vez, apenas mantendo uma marcha puxada, com pouca conversa e sem fazer muitas perguntas.

Rosemont esperou com paciência, notando que Ross estava distraído. Então viu o guia sair da caverna, hesitar, depois voltar e se agachar na entrada da caverna com o rifle no colo.

— O que é, Meshgi? — perguntou Rosemont.

— Nada, aga. Há rebanhos no vale, de cabras e ovelhas.

— Ótimo. — Rosemont encostou-se na parede, confortavelmente.

Foi sorte encontrar esta caverna, pensou, é um bom lugar para se esconder. Tornou a olhar para Ross e viu que este o observava.

Depois de um intervalo, acrescentou: É ótimo fazer parte de uma equipe.

— Qual é o plano de agora em diante? — perguntou Ross.

— Quando sairmos daqui, eu vou na frente. Você e os seus homens esperem atrás, até eu me certificar de que está tudo bem, certo?

— Como quiser, mas leve o sargento Tenzing com você. Ele pode proteger sua retaguarda. Eu e Gueng cobriremos vocês dois.

— Claro, parece uma boa ideia. Está bem, sargento? — perguntou Rosemont, depois de uma pausa.

— Sim, sahib. Por favor, diga-me o que quer com palavras simples. Meu inglês não é bom.

— Tudo bem — disse Rosemont, disfarçando o nervosismo. Sabia que estava sendo avaliado por Ross do mesmo modo como o avaliava. Havia muito em jogo.

— Faça Meca ir pelos ares — dissera-lhe o seu diretor. — Temos uma equipe de especialistas para ajudá-lo; não sabemos o quanto eles são bons, mas foi o melhor que pudemos conseguir. O líder é um capitão, John Ross, aqui está o retrato dele e está acompanhado por dois gurkhas, não sei se falam inglês, mas vêm muito bem recomendados. Ross é um oficial de carreira. Ouça, como você nunca trabalhou com ingleses antes, vou-lhe dar um aviso. Não tente fazer amizade nem o chame logo pelo primeiro nome... eles são sensíveis como o diabo no que diz respeito a perguntas pessoais, então vá com calma, OK?

— É claro.

— Pelo que sabemos, vocês vão encontrar Meca vazia. Nossos outros postos, mais próximos da Turquia, ainda estão operando. Estamos querendo aguentar o máximo que pudermos; até lá os chefões já terão feito um acordo com os novos mandachucas, Bakhtiar ou Khomeini. Mas Meca...

malditos sejam os filhos da mãe que nos causaram tanto risco.

— Quanto risco?

— Achamos que eles simplesmente partiram com muita pressa e não destruíram nada. Você já esteve lá, pelo amor de Deus! Meca está cheia de instrumentos altamente secretos, aparelhagem de escuta, de espia, radares de longo alcance, lá estão guardados códigos cifrados de satélites, códigos e computadores em quantidade suficiente para fazer com que o nosso antipático chefe da KGB, Andropov, seja eleito o Homem do Ano, se ele os pegar. Pode acreditar nisso: aqueles filhos da mãe simplesmente deixaram tudo para trás!

— Traição?

— Duvido. Apenas estupidez, burrice. Não havia nem mesmo um plano de emergência em Sabalan, pelo amor de Deus. Nem em nenhum outro lugar. Acho que a culpa não é inteiramente deles. Nenhum de nós calculou que o xá fosse se entregar tão depressa, nem que Khomeini acabasse com Bakhtiar tão depressa. Não tivemos nenhum aviso. Nem mesmo da Savak...

E agora temos que catar os pedaços, pensou Vien. Ou, mais corretamente, mandá-los pelos ares.

Olhou para o relógio, sentindo-se muito cansado. Examinou a noite e a lua. É melhor esperar mais uma meia hora. Suas pernas doíam, e também a cabeça. Viu Ross observando-o e sorriu por dentro: Eu não vou falhar, inglês. Mas, e você?

— Mais uma hora e partimos — disse Vien.

— Por que esperar?

— A lua estará mais favorável. Aqui é seguro e temos tempo. Você sabe tudo o que temos que fazer?

— A minha parte é explodir a entrada da caverna e tudo o mais que você mandar em Meca, depois sair correndo até chegar em casa.

— Em casa, para você, é onde? — perguntou Rosemont sorrindo e sentindo-se melhor.

— Não sei realmente — disse Ross, apanhado desprevenido. Nunca fizera esta pergunta a si mesmo.

Alguns instantes depois, mais para ele mesmo do que para o americano, acrescentou: — Talvez a Escócia, talvez o Nepal. Minha mãe e meu pai estão em Katmandu, são escoceses como eu, mas estão morando lá desde 1951, quando ele se aposentou. Eu até nasci lá, embora tenha feito quase todos os meus estudos na Escócia. — Os dois lugares são a minha casa, pensou. — E você?

— Washington D.C., na verdade, Falls Church, Virgínia, que quase faz parte de Washington. Eu nasci lá. — Rosemont queria um cigarro mas sabia que podia ser perigoso. — Papai era da CIA. Ele já está morto, mas passou os seus últimos anos em Langley, que fica perto... o QG da CIA é em Langley.

— Estava satisfeito em conversar. — Mamãe ainda está em Falls Church, há uns dois anos que eu não vou lá. Você já esteve nos Estados Unidos?

— Não, ainda não. — O vento tinha aumentado um pouco e, por alguns instantes, eles observaram a noite.

— Vai diminuir depois da meia-noite — disse Rosemont, confiante. Ross viu o guia mudar de posição outra vez. Será que ele vai fugir?

— Você já trabalhou com o guia antes?

— Claro. Andei por todas estas montanhas com ele no ano passado; passei um mês aqui. Rotina. Tem um bocado de gente da oposição infiltrada por esta área e nós tentamos vigiá-los. Como eles fazem conosco. — Rosemont observou o guia. — Meshgi é um cara legal. Os curdos não gostam dos iranianos, nem dos iraquianos ou dos nossos amigos do outro lado da fronteira. Mas você tem razão em perguntar.

— Tenzing, vigie tudo aqui por perto, você come depois — falou Ross em gurkhali. Imediatamente, Tenzing se levantou de onde estava e saiu. — Eu o mandei ficar de guarda.

— Ótimo — concordou Rosemont. Ele os observara cuidadosamente na subida e ficara muito impressionado com o modo como eles trabalhavam em equipe, trocando de posições, sempre com um deles cobrindo a retaguarda, sempre parecendo saber o que fazer, sem precisar de ordens, sempre com as armas destravadas. — Isto não é um tanto perigoso? — perguntara.

— Sim, sr. Rosemont, se a pessoa não sabe o que está fazendo — dissera o inglês sem nenhuma arrogância aparente. — Mas quando qualquer árvore, esquina ou pedra pode esconder inimigos, a diferença entre uma arma travada e outra destravada pode significar matar ou morrer.

Vien Rosemont recordou como o outro acrescentara francamente: "Faremos tudo o que for possível para ajudá-lo e tirá-lo de lá" — e ele se perguntou mais uma vez se conseguiriam entrar, quanto mais sair. Fazia quase uma semana que Meca fora abandonada. Ninguém sabia o que esperar quando chegassem lá. Poderia estar intacta, já saqueada ou até ocupada.

— Você sabe que toda esta operação é loucura?

— Não nos cabe questionar isso.

— Nosso papel é obedecer ou morrer? Acho que é uma sacanagem.

— Também acho que é uma sacanagem, se isso ajuda alguma coisa. Foi a primeira vez que eles riram juntos. Rosemont se sentiu muito melhor.

— Ouça, não tive ainda oportunidade de dizer, mas estou contente por ter vocês três a bordo.

— Bem, ahn, prazer em estar aqui. — Ross disfarçou seu embaraço pelo cumprimento. — Aga — disse para o guia —, por favor, coma conosco.

— Obrigado, aga, mas não estou com fome — respondeu o velho, sem se mexer da entrada da caverna.

— Vocês têm muitas unidades especiais no Irã? — perguntou Rosemont, enquanto calçava as botas.

— Não, uma meia dúzia. Nós estamos aqui para treinar os iranianos. Você acha que Bakhtiar vai durar? — Abriu a mochila e distribuiu as latas de carne enlatada.

— Não. O que dizem nas montanhas, ente as tribos, é que ele vai ser deposto, provavelmente morto, até o fim da semana.

— As coisas estão tão ruins assim?

— Piores. Dizem que dentro de um ano o Azerbaijão será um protetorado soviético.

— Que merda!

— Sim. Mas nunca se sabe — Vien sorriu. — É isso que torna a vida interessante.

— Tome — disse Ross, oferecendo-lhe o cantil —, é a melhor pinga iraniana que se pode comprar.

Rosemont fez uma careta e provou um pouco, então sorriu.

— Cristo, é uísque escocês legítimo! — Preparou-se para dar um gole de verdade, mas Ross estava atento e puxou o cantil.

— Vá com calma. É só o que temos, aga.

Rosemont sorriu. Eles comeram rapidamente. A caverna era aconchegante e segura.

— Você esteve no Vietnã? — perguntou Rosemont, com vontade de conversar, achando que o momento era propício.

— Não, nunca estive. Quase fui lá uma vez, quando meu pai e eu estávamos indo para Hong Kong, mas de Saigon fomos desviados para Bangkok.

— Com os gurkhas!

— Não, isso foi há muitos anos, mas agora, de fato, nós temos um batalhão lá.

Ross pensou por um momento: eu tinha sete ou oito anos, meu pai tinha uns parentes em Hong Kong, Dunross, sim, este era o nome deles, e havia uma espécie de reunião de clã. Não me lembro muito de Hong Kong, exceto de um leproso deitado no chão ao lado da estação das barcas. Tinha que passar por ele todo dia. Quase todo dia.

— Meu pai esteve em Hong Kong em 1963 — Vien falou com orgulho. — Ele era o diretor adjunto local da CIA. — Pegou uma pedra e ficou brincando com ela. — Você sabe que eu sou meio-vietnamita?

— Sim, eles me disseram.

— O que mais lhe contaram?

— Só que eu podia confiar minha vida a você.

— Esperemos que eles tenham razão. — E Rosemont sorriu, encabulado. Pensativamente, começou a checar a mira do seu M16. — Eu sempre quis visitar o Vietnã. Meu pai, meu verdadeiro pai, era vietnamita, um agricultor, mas ele foi morto pouco antes de eu nascer; isto foi quando os franceses eram os donos da Indochina.

Ele foi apanhado pelos vietcongues perto de Dien Bien Phu. Mamãe..

— A tristeza foi embora e ele sorriu. — Mamãe é tão americana quanto um Big Mac e quando ela tornou a casar, escolheu o que havia de melhor. Nenhum pai de verdade teria me amado mais...

— Sahib! — gritou Gueng, de repente, levantando a carabina. Ross e Rosemont agarraram suas armas, então ouviu-se um som agudo, trazido pelo vento, e Ross e Gueng relaxaram.

— É Tenzing.

O sargento apareceu tão silenciosamente quanto saíra. Mas agora seu rosto estava sério.

— Sahib, há muitos caminhos na estrada lá embaixo.

— Em inglês, Tenzing.

— Sim, sahib. Muitos caminhos, eu contei onze, em comboio, na estrada que fica no fundo do vale...

— Aquela estrada leva a Meca. A que distância estavam? — praguejou Rosemont.

— No fundo do vale. Eu fui até o outro lado do cume e há um...

— Ele disse uma palavra em gurkhali e Ross lhe deu a tradução em inglês. — Um promontório. A estrada contorna o vale e depois começa a subir como uma cobra. Se o rabo da cobra está no vale e a cabeça onde quer que a estrada termine, então os quatro caminhos já estavam bem depois do rabo.

— Uma hora no máximo. — Rosemont tornou a praguejar. — É melhor... Neste momento, houve um pequeno tumulto e eles olharam para a entrada da caverna. Ainda tiveram tempo de ver o guia fugir correndo, com Gueng atrás dele.

— Que diabo...

— Por algum motivo, ele está abandonando o navio — disse Ross. — Esqueça-o. Uma hora nos dá uma chance?

— Claro. Uma boa chance. — Colocaram rapidamente as mochilas e Rosemont armou sua metralhadora. — E quanto a Gueng?

— Ele vai nos alcançar.

— Nós vamos direto. Eu vou primeiro. Se me acontecer alguma coisa, você desiste. Certo?

O frio era quase uma barreira física que eles tinham que vencer, mas Rosemont conduziu-os bem, a neve não estava muito ruim, a lua ajudava, e as botas de alpinismo davam-lhes uma boa tração.

Rapidamente alcançaram o topo e começaram a descer do outro lado. Estava mais escorregadio, a encosta coberta de neve, com uns poucos brotos lutando para crescer acima da neve. Na frente estava a boca da caverna, a estrada entrava por ela, com muitas marcas de veículos na neve.

— Podem ter sido feitas pelos nossos caminhões — disse Rosemont, disfarçando a inquietação. — Há umas duas semanas que não neva. — Fez sinal para os outros esperarem e prosseguiu, saindo da estrada e correndo para a entrada da caverna. Tenzing seguiu-o, usando o chão como cobertura, movendo-se também rapidamente.

Ross viu Rosemont desaparecer na escuridão. Em seguida Tenzing. Sua ansiedade aumentou. De onde estava, não podia enxergar muito além, pois a estrada fazia uma curva, descendo íngreme. O luar tornava os rochedos e o enorme vale ainda mais ameaçadores, e ele se sentiu desprotegido e solitário, odiando a espera. Mas estava confiante. "Se os gurkhas estiverem com você, sempre terá uma chance, meu filho", dissera seu pai. "Proteja-os, e eles sempre o protegerão. E nunca se esqueça, com um pouco de sorte, um dia você será Sheng'Khan." Ross sorria interiormente, orgulhoso, pois o título era dado muito raramente: só para uma pessoa que tivesse trazido alguma glória para o regimento, que tivesse escalado sozinho um pico bem difícil do Nepal, que tivesse usado o kookri e salvo a vida de um gurkha a serviço do Grande Raj. Seu avô, o capitão Kirk Ross, condecorado com a Cruz de Combate, morto em 1915 na batalha de Somme, recebera-o postumamente; seu pai, o tenente-coronel Gavin Ross, Medalha de Serviços de Guerra, recebeu-o em Burma, em 1943. E eu?

Bem, eu escalei um pico difícil, o K4, e isso é tudo até agora, mas ainda tenho muito tempo...

Seus sentidos bem treinados mandaram-lhe um aviso e ele empunhou o kookri, mas era apenas Gueng. O homenzinho estava em pé ao lado dele, respirando com dificuldade.

— Não fui bastante rápido, sahib — murmurou, satisfeito, em gurkhali. — Poderia tê-lo apanhado antes. — Levantou a cabeça decepada e sorriu radiante. — Trago-lhe um presente.

Era a primeira que Ross via. Os olhos estavam abertos. O terror ainda contorcia o rosto do velho.

Gueng matou-o, mas fui eu que dei a ordem, pensou, desgostoso. Será que ele era apenas um velho apavorado que queria escapar enquanto havia tempo? Ou seria um espião ou um traidor correndo para entregar-nos ao inimigo?

— O que foi, sahib! — murmurou Gueng, com a testa franzida.

— Nada. Ponha a cabeça no chão.

Gueng atirou-a para o lado. A cabeça rolou um pouco pela ladeira e depois parou.

— Eu o revistei, sahib, e encontrei isto. — Entregou-lhe um amuleto. — Estava em volta do pescoço dele, e isto — entregou-lhe uma pequena bolsa de couro —, isto estava pendurado no saco dele.

O amuleto era apenas uma pedra azul barata, usada contra o mau-olhado. Dentro do pequeno saco havia um cartão plastificado. Ross examinou-o e seu coração quase parou. Neste momento ouviram outro som agudo, numa nota diferente. Imediatamente, apanharam as armas e correram para a boca da caverna, sabendo que Tenzing lhes enviava o sinal de que estava tudo bem e que deviam apressar-se.

Dentro da caverna a escuridão pareceu ainda maior mas quando seus olhos se acostumaram, viram uma réstia de luz. Era uma lanterna, com o foco parcialmente coberto.

— Aqui, capitão. — Embora isso fosse dito baixinho, a voz de Rosemont ecoou alto. — Por aqui. — Ele os conduziu para o interior da caverna e quando teve certeza de que era seguro, acendeu a lanterna, iluminando as paredes de pedra e tudo em volta, para tomar conhecimento do terreno. — Vocês podem usar as lanternas. — A caverna era imensa, com muitos túneis e passagens que davam para o exterior, alguns naturais, alguns construídos, e o teto de pedra ficava a uns 15 metros de altura.

— Esta é a área de descarga — disse. Quando encontrou o túnel que estava procurando, iluminou-o com a lanterna. No final do túnel,

havia uma pesada porta de aço, entreaberta. — Deveria estar trancada — cochichou, com a voz rouca. — Não sei se a deixaram assim ou não, mas é por ali que nós temos que passar.

Ross fez um sinal para Tenzing. No mesmo instante, ele empunhou o kookri e avançou, desaparecendo lá dentro. Automaticamente, Ross e Gueng assumiram posições defensivas. Contra quem? Ross perguntou a si mesmo, sentindo-se desamparado e preso numa armadilha. Poderia haver cinquenta homens escondidos num desses túneis.

Os segundos se arrastavam. Mais uma vez eles ouviram aquele som agudo. Ross avançou na frente e passou pela porta, seguido por Gueng e depois por Rosemont. Quando Rosemont transpôs a porta, viu que Tenzing tomara posição ali perto e cobria o avanço deles. Fechou a porta e acendeu as luzes.

A súbita claridade fez os outros perderem o fôlego.

— Aleluia! — exclamou Rosemont, visivelmente aliviado. — Os chefões calcularam que se os geradores ainda estivessem funcionando, nós teríamos uma boa chance. Esta porta é à prova de luz.

— Correu os pesados ferrolhos e pendurou a lanterna no cinto.

Estavam em outra caverna, muito menor, que fora adaptada, o chão tinha sido nivelado e atapetado, as paredes eram mais lisas. Era uma espécie de ante-sala, com mesas, telefones e lixo por toda parte.

— Os caras não perderam mesmo tempo em dar o fora, hein? — disse com amargura, dirigindo-se rapidamente para um outro túnel, atravessando-o e entrando em outra caverna com mais mesas, algumas telas de radar e mais telefones, cinzentos e verdes.

— Os cinzentos são internos, os verdes estão ligados com a torre e com os mastros que ficam no topo, e de lá, por satélite, com Teerã; a mesa telefônica principal fica na embaixada e há outras em vários locais altamente secretos. Eles têm dispositivos automáticos que impedem que as ligações sejam ouvidas sem aparelhos especiais. — Rosemont levantou um aparelho. Estava mudo. — Talvez os caras da Comunicação tenham feito o seu trabalho, afinal de contas. — No extremo oposto da sala havia um túnel. — Aquele

túnel conduz à sala do gerador e à seção onde está todo o equipamento que temos que explodir. Quartos, cozinhas, refeitórios, oficinas, tudo isso fica em outras cavernas fora da área de descarga. Cerca de oitenta homens trabalhavam aqui, 24 horas por dia.

— Existe alguma outra saída? — perguntou Ross. Sua sensação de estar enclausurado era mais intensa do que nunca.

— Claro, lá em cima, onde vamos agora.

Os degraus irregulares subiam em direção ao teto abobadado. Rosemont começou a subir. No patamar havia uma porta: **ÁREA DE SEGURANÇA MÁXIMA — PROIBIDA A ENTRADA SEM AUTORIZAÇÃO ESPECIAL.** Também estava aberta.

— Merda — murmurou.

Esta caverna estava bem equipada, o chão era mais liso, as paredes brancas. Dezenas de computadores, telas de radar e equipamentos eletrônicos estavam espalhados pela sala. Havia mais mesas e cadeiras e telefones, cinzentos e verdes. E dois telefones vermelhos numa mesa central.

— Para que servem estes?

— Estão ligados diretamente com Langley, por satélite militar. — Rosemont levantou um deles.

Estava mudo. Puxou um pedaço de papel e verificou-o, depois foi até um painel de interruptores e ligou alguns. Soltou outro palavrão quando se ouviu um chiado baixinho, os computadores começaram a vibrar, esquentando, e três telas de radar ganharam vida, com o traço central se movendo, deixando um desenho difuso na tela. — Malditos filhos da mãe! Deixar tudo assim! — Apontou para quatro computadores que ficavam nos cantos. — Exploda aqueles desgraçados; são os núcleos.

— Gueng!

— Sim, sahib. — O gurkha tirou a mochila e começou a preparar os explosivos plásticos e os detonadores.

— Pavios de meia hora? — perguntou Rosemont.

— Isso mesmo. — Ross olhava fixamente para uma das telas, fascinado. Para o norte ele podia ver grande parte do Cáucaso, todo o mar Cáspio, e para leste até uma parte do mar Negro, tudo com uma clareza extraordinária. — Há um bocado de espaço para vigiar.

Rosemont foi até o painel e ligou um interruptor.

Por alguns instantes, Ross ficou paralisado. Tirou os olhos da tela.

— Agora eu compreendo por que estamos aqui.

— Isto é só uma parte.

— Cristo! Então é melhor andarmos depressa. E quanto à entrada da caverna?

— Não há tempo para fazermos um trabalho decente; e do outro lado desta porta só há mesmo material de rotina, que eles roubaram por aí. Vamos explodir os túneis atrás de nós e usar a saída de emergência.

— E onde é isso?

O americano foi até uma porta. Estava trancada. Apanhou um molho de chaves e encontrou a que queria. A porta se abriu. Atrás dela, havia um lance de escadas que subia em espiral.

— Dá para uma saída na montanha.

— Tenzing, certifique-se de que o caminho está livre. — Tenzing subiu as escadas de dois em dois.

— E depois?

— A sala de código e os cofres, vamos explodi-los. Depois as comunicações. Por último a sala do gerador, certo?

— Sim. — Ross apreciava cada vez mais a força e a decisão do americano.

— Antes de começarmos, é melhor você ver isto. — E estendeu o pequeno cartão plastificado. — Gueng alcançou o nosso guia. Isso estava com ele.

O rosto de Rosemont perdeu toda a cor. No cartão havia uma impressão digital, algumas coisas escritas em russo e uma assinatura.

— Uma carteira de identidade! Uma carteira de identidade comunista!

— Atrás deles, Gueng parou um momento.

— Era isso que eu achava. O que diz exatamente?

— Não sei, também não sei ler russo, mas aposto a minha vida como isto é um salvo-conduto. — Sentiu uma onda de frio quando se lembrou de todos os dias e noites que passara na companhia do

velho, vagando pelas montanhas, dormindo ao lado dele ao ar livre, sentindo-se muito seguro. E todo aquele tempo estava sendo enganado. Sacudiu a cabeça, atordoado. — Meshgi estava conosco há anos. Ele pertencia ao bando de Ali bin Hassan Karakose. Ali é um líder da resistência e um dos nossos melhores contatos nas montanhas. Um grande cara que opera até em Baku, lá no extremo norte.

Jesus, talvez ele tenha sido traído. — Tornou a olhar para o cartão. — Não consigo entender.

— Acho que isso mostra que nós podemos ter sido deliberadamente plantados aqui, alvos fáceis — disse Ross. — Talvez o comboio esteja associado a isso, cheio de tropas para nos pegar. É melhor andarmos depressa, não acha?

Rosemont balançou a cabeça, concordando, tentando dominar o medo que o invadiu, ajudado pela calma do outro homem.

— Sim, sim, você tem razão. — Ainda abalado, atravessou um pequeno corredor, em direção a outra porta. Trancada. Enquanto procurava pela chave no molho, disse: — Eu devo uma desculpa a você e a seus homens. Não sei como fomos enganados nem como esse filho da mãe escapou do controle da segurança, mas ele o fez e você provavelmente está certo: nós fomos plantados aqui. Sinto muito, merda, mas isso não resolve nada.

— Mas ajuda. — Ross sorriu e o medo abandonou-o. — Isso ajuda.

— Obrigado, sim, obrigado. Gueng matou-o?

— Bem — disse Ross, secamente —, Gueng me entregou a cabeça dele. Geralmente eles trazem de volta as orelhas.

— Jesus! Você está com eles há muito tempo?

— Com os gurkhas! Há quatro anos.

Enfiou a chave na fechadura e a porta se abriu. A sala de código estava cuidadosamente arrumada.

Telex, impressora e máquinas de copiar. Uma estranha impressora de computador, com um teclado, tinha uma mesa própria.

— Este é o decodificador... Vale o que que você quiser pedir, para a oposição. — Sobre as mesas, havia lápis alinhados. E meia dúzia

de manuais. Ross apanhou-os.

— Jesus Cristo... — eram todos livros de código marcados MECA, APENAS UMA CÓPIA. — Bem, pelo menos o código-mestre está trancado.

— Foi até o cofre moderno, com fechadura eletrônica, digital, de zero a nove, que estava encaixado numa parede, leu a combinação no seu pedaço de papel e tocou nos números. Mas a luz que indicava Aberto não acendeu. — Talvez eu tenha pulado um número. Leia para mim, sim?

— Claro. — Ross começou a ler a longa série de números. Atrás deles, Tenzing entrou sem fazer barulho. Nenhum dos dois escutou. —... 125... 721...

— Então eles sentiram, ao mesmo tempo, que havia alguém lá e se viraram, momentaneamente em pânico.

Tenzing disfarçou a satisfação e se fez de surdo aos palavrões. O Sheng'-Khan não dissera a ele para treinar seu filho e fazê-lo conhecer os meios de ataque e assassinato? Não tinha jurado protegê-lo e ser, secretamente, seu professor? "Mas, Tenzing, pelo amor de Deus, não deixe meu filho saber que eu lhe disse isso. Mantenha isso como um segredo entre nós..." Há semanas que tem sido difícil pegar o sahib desprevenido, pensou, satisfeito. Mas Gueng pegou-o hoje e eu também. Melhor sermos nós do que um inimigo; e eles agora estão nos cercando que nem abelhas.

— A escada tem 75 degraus que levam até uma porta de ferro — disse Tenzing, no seu melhor tom de relatório. — A porta está enferrujada, mas eu a forcei. Lá fora há uma caverna, fora da caverna está a noite; é uma boa rota de fuga, sahib. O que não é bom é que de lá eu enxerguei o primeiro caminhão do comboio. — Fez uma pausa, não querendo se enganar. — Talvez ainda reste uma meia hora.

— Volte para a primeira porta, Tenzing, a que nós trancamos. Mine o túnel até a nossa porta de modo que ela não seja atingida. Vinte minutos de pavio a contar de agora. Diga a Gueng para pôr os pavios exatamente com o mesmo tempo a partir de agora — Sim, sahib.

Ross virou-se. Notou o suor na testa de Rosemont.

— OK?

Claro. Chegamos até 103.

— Os dois últimos números são 660 e 31. — Viu o americano tocar nos números. A luz começou a piscar. Rosemont estendeu a mão para a alavanca.

— Pare! — Ross enxugou o suor do seu próprio queixo, sentindo a barba espetar. — Isto não estará preparado para explodir?

— É possível. Claro. É possível — disse Rosemont, olhando para o cofre — Então vamos apenas explodir o desgraçado, sem nos arriscar.

— Eu, eu tenho que checar. Tenho que checar se o código-mestre está lá dentro ou não. Ele e o decodificador são as minhas prioridades. — Tornou a olhar para a luz que piscava. — Volte para a outra sala, proteja-se junto com Gueng, grite quando estiverem prontos. Eu... essa tarefa é minha.

Ross hesitou. Então concordou, apanhou as duas mochilas que continham explosivos e detonadores.

— Onde fica a sala de comunicações? Aí ao lado.

— A sala do gerador é importante?

— Não. Só este cofre, o decodificador e aqueles quatro computadores lá atrás, embora fosse melhor que todo este andar fosse pelos ares. — Rosemont observou Ross se afastar e então virou de costas e tornou a olhar para a alavanca. Sentia um aperto no peito. Aquele filho da puta do Meshgi! Teria apostado minha vida; aliás eu o fiz, todos nós o fizemos, até Ali Karakose. — Está pronto? — gritou impaciente — Espere! — Mais uma vez seu estômago revirou. Ross estava de volta, atrás dele, sem que tivesse percebido, em suas mãos havia uma corda fina e comprida de náilon que, rapidamente, ele amarrou na alavanca — Puxe a alavanca quando eu disser, mas não abra a porta. Vamos abri-la lá de fora. — Ross correu para fora. — Agora!

Rosemont respirou fundo para acalmar o coração e colocou a alavanca na posição Abrir, depois correu para a outra caverna. Ross fez sinal para que ele se abaixasse perto da parede.

— Mandei Gueng avisar Tenzing. Pronto?

— Claro.

Ross esticou a corda e depois puxou com força. A corda permaneceu esticada. Puxou com mais força ainda, então ela cedeu um pouco mas depois não veio mais. Silêncio. Nada. Os dois homens suavam.

— Bem — disse Ross, bastante aliviado, e se levantou. — É melhor prevenir do que re... — A explosão abafou suas palavras, uma grande nuvem de fumaça e pedaços de metal voaram para dentro da caverna em que eles estavam, arrancando o ar dos seus pulmões, espalhando mesas e cadeiras.

Todas as telas de radar explodiram, as luzes desapareceram, um dos telefones vermelhos soltou-se e voou pela sala, arrebatando-se de encontro à cobertura de aço de um computador. Aos poucos, a poeira assentou, com os dois homens tossindo desesperadamente na escuridão.

Rosemont foi o primeiro a se recuperar. A sua lanterna ainda estava pendurada no cinto. Ele a agarrou.

— Sahib! — Tenzing chamou ansiosamente, correndo para dentro da sala, com a lanterna acesa, e com Gueng ao lado dele.

— Eu... eu estou bem. — Disse Ross, ainda tossindo muito. Tenzing encontrou-o deitado no meio do entulho. Havia um pouco de sangue escorrendo pelo seu rosto, mas era apenas uma ferida superficial causada pelos vidros que tinham voado.

— Graças a todos os deuses — murmurou Tenzing, e ajudou-o a levantar-se.

— Jesus Cristo! — Olhou abobalhado para toda aquela destruição e depois foi tropeçando atrás de Rosemont pela passagem até a sala de código. O cofre desaparecera, e com ele o decodificador, os manuais, os telefones, deixando um enorme buraco na rocha. Todo o equipamento eletrônico tinha virado um monte de metal e fios retorcidos. Pequenos incêndios já começavam a arder.

— Jesus — foi tudo o que Rosemont conseguiu dizer, sua voz pouco mais que um murmúrio, a mente tumultuada pela proximidade da morte, gritando: corra, fuja deste lugar mortal...

— Deus Todo-Poderoso!

Rosemont tentou dizer alguma coisa, não conseguiu, foi até um canto e vomitou.

— É melhor nós... — Ross achou difícil falar, seus ouvidos ainda ecoavam, a cabeça doía violentamente, a adrenalina bombeava-lhe o sangue, e ele tentou dominar a vontade de fugir. — Tenzing, você já terminou?

— Em dois minutos, sahib. — O homem correu para fora.

— Gueng?

— Sim, sahib. Mais dois minutos também. — E também saiu rapidamente.

Ross foi até o outro canto e vomitou. Então se sentiu melhor. Encontrou o cantil e tomou um longo gole, enxugou a boca na manga da sua roupa de combate e foi até onde estava Rosemont, encostado numa parede, e sacudiu-o.

— Você está bem?

— Sim, claro. — Rosemont ainda estava tonto, mas agora sua mente trabalhava. Sentiu um gosto horrível na boca e cuspiu no meio do entulho. Havia pequenos incêndios na sala, lançando sombras estranhas nas paredes e no telhado. Tomou um gole, devagar. Depois de alguns instantes disse: — Não existe nada no mundo que se compare a um uísque escocês. — Tomou mais um gole e devolveu o cantil. — Acho melhor nós darmos o fora daqui.

Com a lanterna, deu uma rápida busca no meio dos destroços, encontrou os restos retorcidos do importantíssimo decodificador e andou com cuidado até a caverna seguinte, colocando os restos perto da carga que estava na base dos computadores.

— O que eu não entendo, é como tudo isso não explodiu e nos mandou para o inferno, com os nosso explosivos todos espalhados por aí.

— Eu... Antes de voltar com a corda e mandar Gueng atrás de Tenzing, eu disse a Gueng para remover os explosivos e os detonadores por medida de segurança.

— Você sempre pensa em tudo?

— Tudo isso faz parte do serviço — disse sorrindo. — Sala de comunicações?

O local foi minado rapidamente. Rosemont olhou para o relógio.

— Oito minutos para a explosão. Vamos esquecer da sala do gerador.

— Ótimo. Tenzing, você vai na frente.

Subiram a escada de emergência. A porta de ferro rangeu quando eles abriram. Uma vez na caverna, Ross tomou a dianteira. Espiou, cautelosamente, para fora, observando tudo em volta. A lua ainda estava alta. A trezentos ou quatrocentos metros de distância, o caminhão da frente subia a última encosta.

— Para que lado, Vien? — perguntou e Rosemont se sentiu animado.

— Para cima — disse, sem demonstrá-lo. — Vamos subir. Se houver soldados atrás de nós, esquecemos a costa e rumamos para Tabriz. Se não houver nenhum soldado, fazemos a volta e regressamos pelo caminho por onde viemos.

Tenzing ia na frente. Ele era como uma cabra das montanhas, mas escolhia o caminho mais fácil, sabendo que os dois homens ainda estavam muito abalados. Aqui a encosta era bem íngreme, mas não muito difícil, e havia pouca neve para atrapalhar. Mal tinham começado a caminhada quando o chão estremeceu, e o som da primeira explosão chegou até eles totalmente abafado. Em rápida sucessão, houve outros pequenos tremores.

Só falta uma, pensou Rosemont, satisfeito com o frio que clareava sua cabeça. A última explosão, na sala de comunicações, onde tinham usado todo o resto dos explosivos, foi muito mais forte e sacudiu realmente a terra. Abaixo deles e à direita, parte da montanha cedeu, com a fumaça saindo da cratera resultante.

— Cristo — murmurou Ross.

— Provavelmente um respiradouro.

— Sahib! Olhe lá!

O caminhão que liderava o comboio tinha parado na entrada da caverna. Havia homens pulando para fora, outros olhando para a encosta, iluminada pelos faróis dos outros caminhões. Todos os homens tinham rifles. Ross e os outros se embrenharam ainda mais nas sombras.

— Vamos subir até aquele cume — disse baixinho Rosemont, apontando para cima e para a esquerda. — Ficaremos fora do ângulo de visão deles e bem protegidos. Depois seguimos em direção a Tabriz, quase no rumo leste. Certo?

— Tenzing, adiante!

— Sim, sahib.

Atingiram o cume e o atravessaram, rumando para leste, sem conversar, guardando as energias pois ainda teriam muitos e muitos quilômetros para caminhar. O terreno era acidentado e a neve os atrapalhava. Em pouco tempo, as luvas estavam rasgadas, as mãos e os pés feridos, as pernas doíam mas, não tendo mais as pesadas mochilas para atrapalhar, progrediam bem e o moral estava alto.

Chegaram a um dos caminhos que ziguezagueava pelas montanhas. Sempre que o caminho se bifurcava, eles escolhiam o que fosse mais alto. Havia aldeias no vale, mas muito poucas naquela altura.

— É melhor ficarmos aqui por cima — disse Rosemont —, e... e torcer para não dar de cara com ninguém.

— Você acha que todos são hostis?

— Claro. Esta região não é só antixá, mas também anti-Khomeini, anti todo mundo. — Rosemont estava ofegando. — É aldeia contra aldeia o tempo todo e é uma região de bandidos. — Fez sinal para Tenzing avançar, grato pelo luar e pelo fato de estar com os três.

Tenzing manteve o passo, mas era um passo de montanhista, uniforme, sem pressa, constante e puxado. Depois de uma hora, Gueng tomou a liderança, depois Ross, Rosemont e depois Tenzing de novo. Três minutos de descanso para cada hora, depois recomeçando.

A lua desceu mais no céu. Eles agora já estavam bem longe, o caminho mais fácil, menos íngreme.

Este ainda contornava a montanha, mas conduzia para leste, em direção a uma fenda de formato curioso na encosta. Rosemont a reconheceu.

— Lá naquele vale há uma estrada secundária que vai para Tabriz. No inverno, é pouco mais do que uma trilha, mas consegue-se passar com relativa facilidade. Vamos continuar até amanhecer, depois paramos para descansar e fazer um plano. Certo?

Estavam agora bem abaixo da linha das árvores, no início da floresta de pinheiros, andando bem mais devagar e sentindo o

cansaço.

Tenzing ainda ia na frente. A neve abafava o barulho dos seus passos e o ar puro o fazia sentir-se muito bem. De repente, pressentiu o perigo e parou. Ross estava bem atrás dele e parou também.

Todo mundo ficou esperando, imóvel. Então Ross avançou cautelosamente. Tenzing examinava a escuridão à sua frente, com o luar lançando estranhas sombras. Vagarosamente, os dois homens olharam para os lados. Nada. Nenhum sinal nem cheiro. Esperaram. Um pouco de neve caiu de uma das árvores. Ninguém se moveu. Então uma ave noturna saiu de um galho na frente à direita e voou ruidosamente. Tenzing apontou naquela direção, fazendo sinal a Ross para esperar, tirou o seu kookri e avançou sozinho, sumindo na noite.

Poucos metros depois, Tenzing viu um homem agachado atrás de uma árvore, a uns cinquenta metros de distância e sua excitação aumentou. Chegando mais perto, percebeu que o homem não o vira.

Aproximou-se mais. Então, com o canto dos olhos, viu uma sombra mover-se à esquerda, outra à direita e compreendeu.

— Emboscada! — gritou com toda a força dos pulmões e mergulhou no chão para se proteger.

A primeira rajada de balas passou perto mas não o atingiu. A segunda rajada perfurou seu pulmão esquerdo, abriu um buraco nas suas costas e lançou-o de encontro a uma árvore caída. Mais armas começaram a atirar no lado oposto do caminho, com o fogo cruzado castigando Ross e os outros, que tinham se arrastado para baixo de troncos de árvores e se enfiado nas valas.

Por um momento, Tenzing ficou deitado lá, impotente. Podia ouvir o tiroteio, mas este parecia muito distante, embora soubesse que devia ser bem próximo. Com um tremendo esforço, conseguiu se levantar e atirou na direção das armas que o haviam matado. Viu alguns dos seus atacantes virarem-se para ele e ouviu balas passando, algumas raspando o seu capuz. Uma delas entrou no seu ombro, mas ele nem sentiu, satisfeito por estar morrendo como os homens do regimento deviam morrer.

Avançando. Sem medo. Eu não sinto realmente nenhum medo. Eu sou hindu e vou me encontrar com Shiva alegremente, e quando nascer de novo, peço a Brahma, a Vishnu e a Shiva que torne a nascer um gurkha.

Quando ele alcançou a emboscada, seu kookri arrancou o braço de alguém, suas pernas cederam e uma luz monstruosa, incomparável, explodiu em sua cabeça e ele se entregou à morte sem dor.

— Cessem o fogo — ordenou Ross, examinando o terreno, recuperando o controle da luta. Concluiu que havia dois grupos de atiradores contra eles, mas não havia nenhum jeito de alcançar nenhum deles. A emboscada fora bem planejada e o fogo cruzado era mortal. Tinha visto Tenzing ser ferido.

Precisou de toda a sua força de vontade para não correr em sua ajuda, mas primeiro tinha que vencer esta batalha e proteger os outros. Os tiros ecoavam pela montanha. Tirou a mochila, encontrou as granadas, certificando-se de que sua arma era totalmente automática, sem saber como sair daquela armadilha. Então vira Tenzing levantar-se com um grito de guerra e avançar pela encosta, criando a distração que Ross precisava. Imediatamente, ordenou a Rosemont: — Proteja-me — e a Gueng: — Vá! — apontando na direção do mesmo grupo que Tenzing estava atacando.

No mesmo instante, Gueng saiu da sua vala e correu para eles, que estavam distraídos pela ação de Tenzing. Quando viu seu camarada tombar, sua raiva explodiu, soltou o pino da granada e atirou-a no meio deles, jogando-se na neve. Assim que a granada explodiu, ele se levantou, atirando na direção dos gritos, fazendo calar a maioria deles. Viu um homem fugindo, e outro se arrastando, desesperado, para o meio dos arbustos. Um golpe do kookri arrancou parte da cabeça do homem que se arrastava.

Uma curta rajada cortou o outro em pedaços e mais uma vez Gueng desviou-se para se proteger, sem saber de onde viria o perigo. Outra granada explodindo desviou sua atenção para o outro lado do caminho.

Ross arrastara-se para a frente. As balas choveram sobre ele, mas Rosemont deu várias rajadas de metralhadora, desviando o

fogo, dando a Ross a ajuda que ele precisava, e este alcançou a árvore seguinte, em segurança, encontrou uma vala funda na neve e se atirou lá dentro. Por um segundo esperou, recuperando o fôlego, depois arrastou-se pela neve dura e gelada em direção ao fogo.

Agora estava fora da vista dos atacantes e avançou com facilidade. Então ouviu a granada explodir e os gritos e rezou para que Gueng e Tenzing estivessem bem.

O fogo inimigo se aproximava, e quando achou que estava em posição, tirou o pino da primeira granada, com a carabina na mão esquerda e se levantou. Assim que saiu da vala, viu os homens, mas não onde tinha esperado que estivessem. Eram cinco, a uns vinte metros de distância. Eles viraram os rifles em sua direção, mas suas reações foram um pouco mais rápidas e ele já estava no chão, atrás de uma árvore, com a granada preparada e contando antes que dessem os primeiros tiros. Ao contar quatro, saiu de trás da árvore e atirou a granada na direção deles, protegendo a cabeça com os braços. A explosão levantou-o do chão, arrebentou o tronco de uma árvore próxima, enterrando-o sob um monte de galhos e neve.

Mais abaixo, Rosemont esvaziara a arma na direção em que supunha estarem os atacantes.

Praguejando em sua ansiedade, enfiou outro pente na arma e tornou a atirar.

Na colina do outro lado do caminho, Gueng agachara-se atrás de uma rocha, esperando que alguém se movesse. Então, perto da árvore que explodira, viu um homem fugindo, abaixado. Atirou e o homem caiu, com o tiro ecoando. Depois, silêncio.

Rosemont sentiu o coração acelerar. Não podia esperar mais.

— Cubra-me, Gueng — gritou, e dando um salto, correu em direção à árvore. Um brilho de fogo à sua direita, as balas assoviando muito próximo, então Gueng começou a atirar lá do outro lado.

Houve um grito e o fogo cessou. Rosemont correu para a frente até chegar ao lugar da emboscada, com a carabina pronta. Os três homens estavam inteiramente destroçados, o último ainda morrendo, seus rifles totalmente retorcidos. Todos usavam roupas tribais. Enquanto olhava, o último homem engasgou e morreu. Ele

se virou e correu para a outra árvore, arrancando galhos, abrindo caminho na neve para chegar até Ross.

Do outro lado, Gueng esperava e vigiava, para matar qualquer coisa que se movesse. Houve um ligeiro movimento atrás das pedras, onde sua granada explodira os três homens. Ele esperou, mal respirando, mas era apenas um roedor mastigando. Em pouco tempo eles vão limpar o terreno, deixando-o intacto de novo, pensou, maravilhado pelo ciclo dos deuses. Seus olhos examinaram tudo vagarosamente. Viu Tenzing caído de um lado da rocha, com o kookri ainda apertado nas mãos.

Antes de partir, vou pegar o kookri, pensou; a família dele vai gostar e seu filho vai usá-lo com a mesma honra. Tenzing Sheng'Khan viveu e morreu como um homem e renascerá da forma que os deuses decidirem. Carma.

Outro movimento. Lá na frente, na floresta. Ele se concentrou.

Do outro lado da trilha, Rosemont puxava os galhos, lutando para arrancá-los, com os braços doendo. Finalmente, alcançou Ross e seu coração quase parou. Ross estava caído no chão, com os braços sobre a cabeça, a carabina perto dele. O sangue manchava a neve e as costas do macacão branco. Rosemont se ajoelhou e virou-o e quase chorou de alívio quando viu que Ross estava respirando. Por um momento, seus olhos olharam sem entender, depois entraram em foco. Ele se ergueu e piscou.

— Tenzing? E Gueng?

— Tenzing foi atingido. Gueng está do outro lado, protegendo-nos. Ele está bem.

— Graças a Deus. Pobre Tenzing.

— Experimente os seus braços e as suas pernas. —

Desajeitadamente, Ross moveu os membros.

Estava tudo em ordem.

— Minha cabeça está explodindo, mas estou bem. — Olhou em volta e viu os atacantes mortos. — Quem são eles?

— Homens de tribos, bandidos, talvez. — Rosemont examinou o caminho. Nada se mexia. A noite estava bonita. — É melhor darmos o fora daqui antes que surjam mais desses filhos da mãe. Você acha que pode continuar?

— Sim. Dê-me alguns segundos. — Ross limpou a neve do rosto. O frio estava ajudando. — Obrigado, hein?

— É tudo parte do serviço — disse sorrindo, sem jeito. Seus olhos desviaram-se para os assaltantes.

Mantendo-se bem abaixado, foi até eles e revistou-os como pôde. Não encontrou nada. — Provavelmente gente daqui ou bandidos. Esses filhos da mãe podem ser bem cruéis quando nos pegam vivos.

Ross concordou com a cabeça e sentiu outro espasmo de dor.

— Estou bem agora, eu acho. É melhor dar o fora. O tiroteio deve ter sido ouvido a quilômetros de distância, e não convém ficarmos por aqui.

— Espere mais um pouco — disse Rosemont que percebera o sofrimento dele.

— Não, eu me sinto melhor andando. — Ross juntou as forças, depois gritou em gurkhali: — Gueng, vamos prosseguir. — Começou a se levantar, mas parou quando ouviu um assovio agudo indicando perigo. — Abaixese! — E puxou Rosemont com ele.

Uma única bala de rifle surgiu no meio da noite, escolhendo Rosemont e se alojando em seu peito, ferindo-o mortalmente. Então houve tiros do outro lado da encosta e um grito, e depois silêncio de novo.

Em seguida, Gueng juntou-se a Ross.

— Sahib, acho que este era o último. Por enquanto.

— Sim. — Esperaram com Vien Rosemont até que ele morresse, depois fizeram o que tinham que fazer por ele e por Tenzing. E depois foram embora.

BASE AÉREA MILITAR DE ISFAHAN: 5:40H.

A leste, o dia começava a clarear. A base estava calma, não havia ninguém por lá exceto os guardas islâmicos armados que, junto com a população de Isfahan, aos milhares e liderada por mulás, tinham invadido a base ontem e agora a controlavam, com todos os oficiais e soldados do Exército e da Força Aérea confinados aos seus alojamentos, sob escolta ou livres — tendo-se declarado a favor de Khomeini e da revolução.

O sentinela Relazi tinha 18 anos e sentia muito orgulho da sua faixa verde e de estar de guarda do lado de fora do barracão onde estavam o traidor general Valik e sua família, que tinham sido apanhados na véspera, se esgueirando pelo refeitório dos oficiais com o seu piloto estrangeiro da CIA. Deus é grande, pensou. Amanhã eles serão mandados para o inferno junto com todo o infame povo da Mão Esquerda.

Há anos que os Relazi eram sapateiros numa pequena barraca do velho bazar de Isfahan. Sim, pensou, eu fui um bazaari até uma semana atrás, quando o nosso mulá chamou a mim e a todos os fiéis para a batalha de Deus, deu-me a braçadeira de Deus e esta arma e me ensinou como usá-la. Como são maravilhosos os desígnios de Deus.

Ele estava abrigado da neve sob uma saliência da cabana, mas a umidade e o frio o atravessavam apesar de estar usando todas as roupas que possuía no mundo — camiseta, uma camisa grossa por cima, um casaco e uma calça comprados de segunda mão, um velho suéter e um antigo casacão do exército que pertencera a seu pai. Seus pés estavam dormentes.

— Seja como Deus quiser — disse em voz alta e se sentiu melhor. — Vou ser substituído logo e então vou comer. Meu Deus, os soldados vivem como verdadeiros paxás, fazem pelo menos duas

refeições por dia, uma com arroz, imagine só, e são pagos toda semana... dinheiro de Satã, mas mesmo assim dinheiro. — Teve um acesso de tosse, com o peito chiando, trocou a carabina do exército americano para o outro ombro, encontrou a guimba de cigarro que estava guardando e acendeu-a.

Pelo Profeta, pensou, satisfeito, quem poderia imaginar que tomaríamos a base tão facilmente, com tão poucos dos nossos mortos e mandados para o paraíso antes que dominássemos os soldados no portão e entrássemos no campo — nossos irmãos na base bloqueando o caminho com caminhões, e outros ocupando os aviões e helicópteros para evitar a fuga dos traidores do xá. Fugindo das balas do inimigo, com o Nome de Deus nos lábios. "Juntem-se a nós, irmãos", nós gritamos, "juntem-se à revolução de Deus, ajudem-nos a fazer o trabalho de Deus! Venham para o paraíso... não vão para o inferno..."

O rapaz tremeu e começou a pronunciar as palavras impressas nele por uma dúzia de mulás, tirados do Corão e interpretadas: "... para viver lá para sempre com todos os pecadores e o povo amaldiçoado da Mão Esquerda, sem provar de nenhuma outra bebida a não ser água fervendo ou metal derretido e matéria em decomposição. E quando o fogo do inferno lhes tiver arrancado toda a pele, eles criarão peles novas de modo que seu sofrimento não cesse nunca..."

Fechou os olhos com a intensidade das suas orações: "Deixe-me morrer com um dos nomes de Deus nos meus lábios, para que eu possa ir diretamente para o jardim do paraíso com todo o povo da Mão Direita, para ficar lá para sempre, para nunca mais sentir fome, para nunca mais ver os irmãos e as irmãs das aldeias com suas barrigas inchadas, lamuriando-se até morrer, para não gritar mais no meio da noite por causa do horror da vida, mas viver no paraíso: para me deitar em almofadas de seda, vestido com roupas de seda verde, servido por jovens rosadas, carregando taças e copos transbordantes de vinho, e provando das frutas mais deliciosas e da carne das aves mais tenras. E a nós pertencerá a rapariga de olhos grandes e escuros, como pérolas escondidas na sua concha, sempre jovem, sempre virgem, no meio de árvores carregadas de frutos,

repousando na sombra perto de um riacho, sem nunca envelhecer, sem..."

O golpe de rifle esmagou-lhe o nariz e amassou-lhe o crânio, cegando-o e privando-o para sempre da sua normalidade, mas sem matá-lo, antes que ele caísse no chão, inconsciente. Seu atacante era um soldado, da mesma idade que ele, e este homem apanhou rapidamente a carabina e usou-a para arrebentar a fechadura da porta e abri-la.

— Rápido — murmurou o soldado, suando de medo. Um instante depois, o general Valik pôs a cabeça para fora, cautelosamente. O homem agarrou-lhe o braço. — Vamos, depressa, pelo amor de Deus — sussurrou.

— Que Deus o abençoe... — disse Valik, com os dentes batendo, depois tornou a entrar e saiu com dois embrulhos grandes de dinheiro que o homem enfiou no uniforme de campanha, desaparecendo tão silenciosamente quanto tinha chegado. Valik hesitou um momento, com o coração disparado. Viu a carabina na neve e apanhou-a, carregou-a e pendurou-a no ombro, depois agarrou a maleta, agradecendo a Deus pelo fato dos revolucionários terem sido apressados demais na sua revista para descobrir o fundo falso da maleta antes de os terem enfiado ali para esperar a sentença dos tribunais.

— Sigam-me — sussurrou para sua família. — Mas em nome de Deus, não façam barulho. Sigam-me com cuidado. — Fechou bem o casaco e foi mostrando o caminho no meio da neve. Sua esposa, Annoush, seu filho de oito anos, Jalal, e sua filha Setarem, de seis, hesitavam na porta. Todos estavam usando roupas de esqui. Annoush tinha um casaco de visom por cima, e os guardas islâmicos tinham-na ridicularizado por causa disso, como sendo uma exibição pública de pecado. "Guarde-o com você", tinham dito com desprezo, "só isso já basta para condená-la!" Durante a noite ela tinha ficado satisfeita pelo seu calor, encolhida no chão de terra da cabana sem aquecimento, enrolando as crianças com ele.

— Venham, meu queridos — murmurou, tentando disfarçar o próprio medo.

O corpo do sentinela bloqueava o caminho, ali deitado na neve, gemendo baixinho.

— Mamãe, por que ele dorme na neve? — cochichou a garotinha.

— Não ligue para isso, minha querida. Vamos depressa. Não façam nenhum barulho agora.

Silenciosamente, ela pulou por cima do corpo. A garotinha não conseguiu e teve que pisar nele, tropeçando e caindo na neve. Mas ela não gritou, apenas se levantou, ajudada pelo irmão. Juntos, de mãos dadas, foram avançando rapidamente.

Valik conduziu-os cautelosamente. Quando chegaram ao hangar onde o 212 ainda estava parado, ele respirou com mais facilidade.

Esta área ficava bem longe do campo principal, do outro lado da enorme pista. Depois de se certificar de que não havia nenhum guarda por perto, ele correu até o helicóptero e espiou o interior da cabine. Para seu grande alívio, não havia guardas dormindo lá dentro. Experimentou a porta. Não estava trancada. Ele a abriu o mais silenciosamente possível e fez sinal para os outros. Também em silêncio, eles se juntaram a Valik. Ele os ajudou a subir e entrou em seguida, trancando a porta por dentro. Rapidamente, acomodou as crianças com alguns cobertores sob os assentos, recomendando-lhes que não deixassem ninguém perceber sua presença ali, o que quer que acontecesse. Então sentou-se ao lado da mulher, pôs um cobertor em volta dos ombros, pois estava com muito frio, e deu-lhe a mão. As lágrimas desciam pelo rosto dela.

— Tenha paciência, não chore. Não vai demorar muito — cochichou, confortando-a. — Não vamos ter que esperar muito. Insha'Allah.

— Insha'Allah — ela repetiu com a voz entrecortada —, mas o mundo inteiro enlouqueceu... fomos atirados numa cabana imunda como se fôssemos criminosos... o que vai acontecer conosco...

— Com a ajuda de Deus nós conseguiremos chegar até aqui, então por que não conseguimos chegar até o Kuwait?

Eles tinham chegado lá na véspera, pouco antes do meio-dia. Fora um voo sem incidentes, com todas as estações de rádio silenciosas. Ele confiava no seu motorista, que estava com ele há 15 anos, e que tinha levado o carro de volta para Teerã, com ordens de

não dizer a ninguém que eles "tinham ido para a casa deles no mar Cáspio".

— Nesta fuga, não podemos confiar em ninguém — dissera Valik para a esposa enquanto estavam esperando a chegada do helicóptero.

— É claro, mas deveríamos ter trazido Xarazade, isso teria ajudado a ela e a Tom Lochart e teria sido uma garantia de que ele nos levaria até o fim.

— Não, ela nunca teria partido, por que o faria? — respondera-lhe Valik. — Com ou sem Xarazade, não se pode confiar nele; ele é estrangeiro, não é um de nós.

— Teria sido mais sábio trazê-la.

— Não — dissera, sabendo o que teria que ser feito com Lochart.

Durante a viagem de Teerã para Isfahan ele se sentara na frente com Lochart. Tinham voado baixo, evitando cidades e aeroportos. Quando Lochart chamou a base militar de Isfahan, já eram esperados.

A torre dera-lhes instruções de onde pousar, com ordens para não tornar a chamar e manter o rádio silencioso. O brigadeiro-do-ar Muhammad Seladi, tio de Valik, que tinha conseguido licença para que eles pousassem e reabastecessem o helicóptero, encontrou-os na pista. O brigadeiro cumprimentara-os sombriamente. Como estava quase na hora do almoço, dissera que eles deveriam comer na base antes de continuar.

— Mas Muhammad, Excelência, temos bastante comida no aparelho — retrucara Valik.

— Eu insisto — respondera nervosamente Seladi. — Eu insisto, Excelência. Você deve apresentar seus cumprimentos ao comandante. É necessário e nós, ahn, precisamos conversar.

Foi nesse intervalo que os Faixas Verdes e a multidão invadiram a base, prenderam todos eles e levaram Lochart para uma outra parte da base. Filhos de cães, Valik pensou zangado, que todos eles queimem no inferno! Eu sabia que nós deveríamos ter reabastecido e partido imediatamente. Seladi é um idiota. É tudo culpa dele...

No andar de cima de um quartel, a meio quilômetro de distância, Tom Lochart dormia. Subitamente, foi despertado por uma agitação

no corredor, a porta foi aberta e ele se viu meio cego pela luz de uma lanterna.

— Rápido — disse uma voz, em inglês com sotaque americano e dois homens o ajudaram a se levantar. Em seguida, as duas figuras que ele mal distinguira se viraram e saíram correndo.

Ele levou um segundo para se refazer e depois correu atrás deles pelo corredor, desceu três lances de escada e saiu para o ar livre. Aí ele parou junto com os outros, respirando ofegante. Mal tivera tempo de ver que os dois eram oficiais, um capitão e um major, antes que saíssem correndo de novo no meio da escuridão. O dia começava a clarear. A neve caía levemente, ajudando a ocultá-los e abafando os seus passos.

À frente estava a casa da guarda, com uma fogueira do lado de fora e alguns revolucionários sonolentos amontoados em volta. Os três homens desviaram e correram pelo meio de uma fileira de barracas, tornaram a desviar-se para uma travessa quando um caminhão cheio de guardas entoando cânticos apareceu numa esquina, depois correram pela estrada em direção ao hangar onde estava o 212. Quando chegaram ao hangar, pararam para recuperar o fôlego.

— Ouça, piloto — disse o major, ofegante —, quando eu der o sinal, nós corremos para o helicóptero e decolamos. Pronto?

— E os outros? — perguntou Lochart, sentindo uma pontada do lado e quase sem poder falar. — E o general Valik e a família dele?

— Esqueça-se deles. AH — o major fez um sinal para o outro homem —, Ali vai na frente com você e eu vou atrás. Quanto tempo vai demorar para subir depois que você der a partida?

— Quase nada.

— Faça ainda por menos — disse o major. — Vamos!

Eles correram para o 212, Lochart e Ali, o capitão, em direção à cabine do piloto. Neste momento, Lochart viu um carro sem faróis vindo pela estrada na direção deles e seu coração quase parou.

— Olhe!

— Em Nome de Deus, rápido, piloto!

Lochart redobrou seus esforços, pulou para o assento do piloto, empurrou os interruptores, ligou os motores e começou a aquecer o

aparelho. Neste mesmo instante, o major alcançou a porta de correr e abriu-a. Quase desmaiou quando Valik empurrou a carabina na sua cara.

— Oh, é você, major! Deus seja louvado..

— Deus seja louvado pelo senhor ter conseguido escapar, Excelência — o major gaguejou, conseguiu dominar o pânico e subiu no aparelho, que já estava com as hélices girando, mas ainda não estava em condições de voar. — Louvado seja Deus pelo senhor ter escapado... mas onde está o soldado?

— Ele apanhou o dinheiro e fugiu.

— Ele trouxe as armas?

— Não, isto é tudo...

— Filho de um cão! — disse furioso o major, depois gritou para Lochart: — Em nome de Deus, depreeeeessa! — Ele se virou e olhou para o carro que se aproximava. E que se aproximava depressa.

Arrancou a carabina da mão de Valik, ajoelhou-se na porta, mirou o motorista e puxou o gatilho. O tiro foi alto — enquanto atrás dele Annoush e as crianças gritavam de terror — o carro saiu da estrada e passou por trás de uma fileira de cabanas, tornando a aparecer por um instante antes de dar a volta no hangar e desaparecer.

Lochart estava com os fones no ouvido e observava os mostradores subirem, louco para apressá-los.

— Vamos, droga — resmungou, com as mãos e os pés preparados nos controles, o barulho dos jatos aumentando e o capitão ao lado dele rezando alto. Não podia ouvir Annoush soluçando lá atrás nem as crianças apavoradas que tinham engatinhado para fora do esconderijo para enfiar o rosto no colo da mãe, nem Valik e o major gritando para ele andar depressa.

Agulhas subindo. Ainda subindo. Ainda subindo. Quase no verde. Agora! Sua mão esquerda começou a levantar a alavanca de comando, mas o carro saiu de trás do hangar e veio de frente na direção deles, parando a 15 metros de distância. Cinco homens saltaram. Um deles correu diretamente para a cabine do piloto e apontou um rifle automático para ele, os outros se dirigiram para a porta de trás.

Tom já estava quase no ar, mas sabia que seria um homem morto se continuasse e viu o homem fazer sinal para ele parar. Obedeceu, depois virou-se para olhar para trás. Os outros homens estavam subindo no aparelho. Eram todos oficiais, Valik e o major os abraçavam, então ele ouviu: — Decole, pelo amor de Deus! — E sentiu uma cotovelada nos quadris. Era Ali, o capitão, do lado dele.

— Decole! — repetiu Ali, com seu inglês de sotaque americano, e fez um sinal com os polegares para cima para o homem que estava lá fora, ainda com o rifle apontado para eles. O homem correu, entrou e fechou a porta. — Depressa, droga, olhe para lá! — Apontou para o outro lado da pista.

Havia mais carros vindo naquela direção. Alguém atirava com uma metralhadora pela janela. Em segundos, Lochart decolou, com todos os sentidos concentrados na fuga.

Atrás dele, alguns oficiais aplaudiram, se seguraram quando o helicóptero se inclinou para escapar, e se espalharam pelos assentos. Muitos eram coronéis. Alguns estavam abalados, particularmente o brigadeiro Seladi, que se sentou entre Valik e o major.

— Não sabia ao certo se era o senhor, brigadeiro Excelência — o major estava dizendo —, então atirei para o alto como um aviso. Deus seja louvado pelo plano ter funcionado tão bem.

— Mas vocês iam decolar. Vocês iam nos deixar! Vocês...

— Oh, não, tio Excelência — Valik interrompeu delicadamente —, foi o piloto inglês, ele estava entrando em pânico e não queria esperar! Eles não têm colhões, os ingleses! Mas não se preocupe — acrescentou —, nós estamos armados, temos comida e estamos salvos! Louvado seja Deus! E mais louvado ainda por eu ter tido tempo para planejar. — Sim, pensou, se não fosse por mim e pelo meu dinheiro, estaríamos todos mortos. Dinheiro para subornar o homem que soltou a nós e a você, e para subornar o major e o capitão para que soltassem Lochart, de quem eu ainda preciso mais um pouco.

— Se tivéssemos ficado, teríamos sido mortos! — O brigadeiro Seladi estava furioso, seu rosto estava roxo de raiva. — Maldito seja esse piloto! Por que você perdeu tempo em soltá-lo? Ali sabe pilotar um 212.

— Sim, mas Lochart tem mais experiência e nós precisamos dele para atravessar este labirinto.

Valik sorriu encorajadoramente para Annoush, que estava sentada do outro lado do corredor, de frente para ele, com a garotinha tremendo nos braços e o filho sentado no chão, cochilando com a cabeça em seu colo. Ela sorriu de volta, debilmente, mudando a criança de posição para aliviar a dor que sentia no corpo inteiro. Ele esticou o braço e tocou nela, depois acomodou-se mais confortavelmente no assento e fechou os olhos, muito cansado, mas muito satisfeito. Você é um homem muito esperto, disse a si mesmo. No fundo do coração ele sabia que sem o estratagema de fingir para McIver que a Savak ia prendê-lo — e principalmente a sua família — nem McIver nem Lochart os teriam ajudado a fugir. Você os avaliou perfeitamente, como fez com Gavallan.

Idiotas!, pensou com desprezo.

Quanto a você, Seladi, meu estúpido e ganancioso tio, que trocou um reabastecimento seguro em Isfahan, que falhou em nos abastecer, para conseguir uma saída segura para você e para 11 dos seus amigos, você é pior. Você é um traidor. Se eu não tivesse um informante antigo no Estado-Maior do QG, eu nunca teria sabido da grande traição dos generais a tempo de fugir. Teríamos sido capturados como moscas num pote de mel em Teerã. Os legalistas ainda podem vencer, a batalha ainda não está perdida, mas enquanto isso eu e minha família vamos observar os acontecimentos da Inglaterra, de St. Moritz ou de Nova York.

Ele se deixou embalar pela força maravilhosa dos jatos que os estavam levando para a segurança, para uma casa em Londres, uma casa de campo em Surrey, outra na Califórnia, e para as contas bancárias que tinha na Suíça e nas Bahamas. Ah, sim, disse a si mesmo com satisfação, e isso me faz lembrar da nossa conta conjunta com a S-G bloqueada nas Bahamas, mais quatro milhões de dólares para nos enriquecer — e fáceis de arrancar das patas de Gavallan. Mais do que suficiente para manter a mim e à minha família em segurança o que quer que aconteça aqui — até que possamos voltar. Mesmo que vença, Khomeini não vai viver para sempre — que Deus o amaldiçoe! Logo nós poderemos voltar para

casa, logo o Irã voltará ao normal, enquanto isso, temos tudo que precisamos.

Ele ouviu Seladi ainda resmungando a respeito de Lochart e do fato de quase ter sido deixado para trás.

— Acalme-se, Excelência — disse, e deu-lhe o braço, apaziguando-o, e pensou: Você e os seus cães fujões ainda têm um valor temporário. Talvez como reféns, talvez como iscas, quem sabe? Nenhum pertence à família exceto você, e você nos traiu. — Acalme-se meu querido tio, com a ajuda de Deus, o piloto vai ter o que merece.

Sim. Lochart não devia ter entrado em pânico. Ele devia ter esperado pela minha ordem. É revoltante entrar em pânico.

Valik fechou os olhos e dormiu, muito satisfeito consigo mesmo.

23

NA REFINARIA IRA-TODA, BANDAR DELAM: 12:04H.

Scragger assoviava enquanto bombeava manualmente combustível para o interior dos seus tanques principais, tirando-o de grandes tambores alinhados ao lado do recém-lavado 206, que brilhava ao sol. Ali perto, estava um jovem Faixa Verde acocorado na sombra, apoiado no seu M16 e meio adormecido.

O sol do meio-dia estava quente e uma leve brisa tornava o dia agradável, diminuindo a constante umidade que havia ali na costa. Scragger vestia roupas leves, camisa branca com as insígnias de capitão, calças e sapatos pretos além dos inevitáveis óculos escuros e boné.

Agora os tanques estavam transbordando.

— É isso aí, meu filho — disse para o japonês designado para ajudá-lo.

— Hai, Anjin-san. Sim, sr. piloto — disse o homem. Como todos os empregados da refinaria, ele usava um macacão branco, imaculado, e luvas, com o emblema das Indústrias Irã-Toda nas costas, e com o mesmo escrito em farsi mais acima, e o equivalente em caracteres japoneses embaixo.

— Hai, é isso — disse Scragger, usando uma das palavras que aprendera com Kasigi na véspera, ao voltar de Lengeh. E apontou. — Agora os nossos tanques de longo percurso, e depois vamos encher os de reserva. — Para a viagem que de Plessey tinha generosamente autorizado no domingo à noite, para comemorar a vitória sobre os sabotadores, Scragger retirara o banco de trás e amarrara no lugar dois tambores de duzentos litros.

— Só por precaução, sr. Kasigi. Eu os liguei aos tanques principais. Podemos usar uma bomba manual e até mesmo reabastecer no ar, se formos obrigados, se o senhor concordar em bombear.

Então não precisaremos mais pousar para reabastecer. Nunca se sabe como vai estar o tempo no golfo, há sempre tempestades repentinas, nevoeiro, ventos que podem nos pregar peças. Nossa melhor opção é ficarmos um pouco afastados, na direção do mar.

— E o tubarão?

— Aquele velho tubarão-martelo de Kharg? Com um pouco de sorte poderemos vê-lo; se chegarmos tão longe e não formos desviados.

— Não há ainda nenhuma resposta do radar de Kish?

— Não, mas isso não importa. Eles nos deram permissão para ir até Bandar Delam. O senhor tem certeza que pode me reabastecer na sua fábrica?

— Sim, nós temos estoques de tanques, capitão. Campo de pouso, hangar e oficina. Foram as primeiras coisas que construímos; nós tínhamos um contrato com a Guernsey.

— Sim, sim, eu sabia disso, mas eles desistiram, não?

— Sim, há cerca de uma semana mais ou menos. Talvez a sua companhia possa assumir o contrato?

— Talvez eles possam encarregá-lo disso; há trabalho para três 212 e talvez dois 206 constantemente, enquanto estamos em construção.

— Isso faria o velho Andy e Gav ficarem tão felizes quanto um gato num barril de peixe e faria o Dirty Dunc soltar puns! — E Scragger rira.

— O quê?

Scragger tentou explicar a piada a respeito de McIver. Mas quando terminou, Kasigi não tinha rido, dizendo apenas: — Oh, agora eu compreendo.

Eles são esquisitos, pensou Scragger.

Quando terminou de reabastecer, fez uma nova verificação: motor, rotores, sistema de voo — embora não esperasse partir hoje. De Plessey pedira-lhe para esperar por Kasigi, para levá-lo para onde ele precisasse, e trazê-lo de volta a Lengeh na quinta-feira. O 206 estava perfeito. Satisfeito, deu uma olhada no relógio, depois apontou para o estômago e esfregou-o.

— Hora do grude, hai?

— Hai! — Seu ajudante sorriu e fez um sinal em direção ao pequeno caminhão que estava ali perto, depois apontou para o prédio de quatro andares que ficava a uns duzentos metros dali, onde ficavam os escritórios dos executivos.

— Prefiro andar — disse, sacudindo a cabeça e fez um gesto com dois dedos para explicar o que era andar, então o jovem se inclinou cumprimentando-o e foi embora no caminhão. Ele ficou parado lá por um momento, observando e sendo observado pelo guarda. Agora que o caminhão tinha partido e que os tanques estavam fechados, podia sentir o cheiro do mar e dos entulhos ali perto, na praia.

Estava quase na hora da maré baixa — só havia uma maré por dia no golfo, assim como no mar Vermelho, porque ele era raso e sem acesso ao mar, a não ser através do estreito de Ormuz.

Ele gostava do cheiro do mar. Tinha crescido em Sydney, sempre com a visão do mar. Depois da guerra, tinha se instalado lá de novo. Pelo menos, disse a si mesmo, eu ia para lá entre um trabalho e outro e a mulher e as crianças viviam lá, e ainda vivem, mais ou menos. Seu filho e suas duas filhas já estavam casados e tinham filhos. Sempre que ia para casa de licença, talvez uma vez por ano, ele os via. Tinham um relacionamento distante e amigável.

Nos primeiros anos, sua esposa e filhos vieram morar no golfo. Mas no fim de um mês voltaram para Sydney.

— Nós estaremos em Bondi, Scrag — dissera Nell. — Chega de lugares estranhos para nós, rapaz.

— Durante um dos seus longos períodos de serviço no Kuwait, ela tinha encontrado outro homem.

Quando Scragger voltou, na vez seguinte, ela lhe disse: — Acho que é melhor nos divorciarmos, rapaz. É melhor para as crianças, e também para você e para mim. — E então eles o fizeram. O novo marido dela viveu mais alguns anos e depois morreu. Scragger e ela voltaram ao seu antigo padrão de amizade. Não que tenhamos deixado de ser amigos, pensou. Ela é uma ótima pessoa, as crianças estão felizes e eu estou voando. Ele ainda lhe mandava dinheiro todos os meses. Ela sempre dizia que não precisava de dinheiro.

— Então guarde-o para uma época de dificuldade, Nell — sempre respondia. Até agora, deixa eu bater na madeira, eles ainda não tinham tido nenhum período de necessidade, nem ela nem as crianças e nem seus netos.

A madeira mais próxima era a coronha do rifle que o revolucionário segurava. O homem o olhava com ar de ódio. Maldito filho da mãe, você não vai estragar o meu dia. Sorriu para ele, depois virou de costas, se espreguiçou e olhou em volta.

Este é um ótimo local para uma refinaria, disse a si mesmo, fica bastante perto de Abadan, dos oleodutos principais que ligam os campos de petróleo do norte aos do sul. É uma grande ideia tentar economizar todo esse gás que está sendo queimado, bilhões de toneladas no mundo todo. É um desperdício criminoso, pensando bem.

A refinaria ficava num promontório, com seu próprio ancoradouro que se estendia por quatrocentos metros golfo adentro, e que Kasigi dissera ser capaz de suportar dois superpetroleiros ao mesmo tempo, qualquer que fosse seu tamanho. Em volta dos campos de pouso para helicópteros havia muitos hectares de instalações para destilação do petróleo e edifícios, tudo aparentemente interligado por quilômetros de canos de plástico e de aço de todos os tamanhos, um verdadeiro labirinto, com enormes torneiras e válvulas, estações de bombeamento e, em toda a parte, guindastes, tratores e enormes pilhas de todo o tipo de materiais de construção, montanhas de concreto e areia, malhas de aço reforçadas, além de áreas para entulho do tamanho de campos de futebol, de caixotes e recipientes protegidos por lonas plastificadas, e estradas, fundações, ancoradouros e escavações semiterminados. Mas quase tudo parado, homens e máquinas.

Quando pousaram, havia um comitê de recepção de uns vinte ou trinta japoneses esperando no campo de pouso, reunidos apressadamente, e uns cem grevistas iranianos e guardas islâmicos armados, alguns usando braçadeiras da OILP, as primeiras que Scragger vira. Depois de muitos gritos e ameaças e de examinar os papéis deles e a licença pelo radar de Kish, o intérprete dissera que

podiam ficar, mas que nenhum dos dois poderia partir, nem o helicóptero poderia decolar, sem permissão do komiteh.

A caminho dos escritórios, o engenheiro-chefe Watanabe, que sabia falar inglês, explicara que o komiteh de greve já dava as ordens lá há mais de dois meses. Durante esse tempo quase nada progredira e todo o trabalho tinha cessado.

— Eles não permitem nem mesmo que façamos a manutenção do nosso equipamento. — Era um homem rude, de rosto severo e cabelos grisalhos, de uns sessenta anos, com mãos fortes de operário.

Acendeu outro cigarro na ponta do que tinha acabado de fumar.

— E o rádio de vocês?

— Há seis dias eles trancaram a sala de rádio, proibindo o seu uso, e confiscaram a chave. Os telefones estão mudos há semanas, é claro, e o telex não funciona há mais de uma semana. Ainda temos cerca de mil japoneses aqui, dependentes nunca foram permitidos, é claro, as provisões de comida estão no fim e não recebemos nenhuma correspondência há mais de seis semanas. Não podemos sair, não podemos trabalhar. Somos quase prisioneiros e não podemos fazer nada sem muito aborrecimento. Mas, pelo menos, estamos vivos para proteger o que construímos e para esperar pacientemente até que eles nos deixem prosseguir. Estamos realmente muito honrados em vê-lo, Kasigi-san, e ao senhor, capitão.

Scragger deixara-os a tratar dos negócios, sentindo a tensão entre os dois homens, por mais que eles tentassem ocultá-la. À noite, ele tinha feito uma refeição leve, como sempre, permitindo-se apenas uma cerveja japonesa bem gelada. Ora bolas, ela não é tão boa quanto a Foster's. Depois tinha feito seus 11 minutos de exercícios da Força Aérea canadense e fora para cama.

Poucos antes da meia-noite, enquanto ele ainda estava lendo, alguém batera de leve na porta. Kasigi entrara nervoso, pedindo desculpas por incomodá-lo, mas achava que Scragger devia tomar conhecimento, imediatamente, de que ele acabara de ouvir uma transmissão feita por um porta-voz de Khomeini em Teerã, dizendo que todas as Forças Armadas tinham-se declarado a favor dele, que

o primeiro-ministro Bakhtiar renunciara e que agora o Irã estava totalmente livre da corja do xá, que por ordens pessoais de Khomeini toda luta deveria cessar, todas as greves deveriam ser interrompidas, que a produção de petróleo deveria recomeçar, que todos os bazares e lojas deveriam reabrir, que todos os homens deveriam entregar suas armas e voltar ao trabalho e, acima de tudo, que todos deveriam agradecer a Deus por ter-lhes concedido a vitória.

— Agora podemos começar de novo. Graças a todos os deuses, hein? Agora as coisas vão voltar ao normal. — E Kasigi sorria radiante.

Depois que Kasigi saiu, Scragger ficara deitado, com a luz acesa, e a mente trabalhando, imaginando o que poderia acontecer agora. Como tudo aconteceu rápido, pensou. Teria apostado que o xá nunca seria expulso, apostaria mais ainda que Khomeini nunca teria permissão para voltar, e apostaria tudo num golpe militar.

— Isso só serve para mostrar, Scrag, meu velho, que você não sabe nada. — E tinha apagado a luz.

De manhã, tinha acordado cedo, aceitara o chá verde no lugar do chá que costumava tomar de manhã — indiano, muito forte, e sempre com leite condensado — e fora checar, limpar e reabastecer o helicóptero e agora, depois de tudo pronto, estava com muita fome. Cumprimentou levemente o guarda, que não lhe deu nenhuma atenção, e caminhou em direção ao prédio de escritórios.

Kasigi estava em pé diante de uma das janelas do último andar onde ficavam os escritórios dos executivos. Estava na sala de reuniões, um escritório espaçoso, de esquina, com uma mesa enorme e lugar para vinte pessoas sentadas, e tinha estado observando o 206 e Scragger distraidamente, com a cabeça num turbilhão, determinado a conter a raiva. Desde cedo, nessa manhã, ele verificara projeções de custos, relatórios, quantias a serem recebidas, projeções de trabalho, e assim por diante, e tudo isso se resumia num único fato: mais um bilhão de dólares e mais um ano para iniciar a produção. Esta era apenas a segunda vez que ele visitava a refinaria, que não estava na sua esfera de responsabilidades, embora fosse um dos diretores e membro do

comitê executivo da presidência, que era o escalão mais alto de poder decisório do conglomerado.

Atrás dele, o engenheiro-chefe Watanabe estava sentado sozinho na ampla mesa, parecendo paciente, mas fumando sem parar como sempre. Ele fora o responsável nos últimos dois anos, chefe adjunto desde que o projeto começara em 1971 — um homem de grande experiência. O antigo engenheiro-chefe morrera na refinaria, de um ataque cardíaco.

Não é de admirar, pensou Kasigi, furioso. Há dois anos — talvez quatro — ele deve ter visto que o nosso orçamento limite, de três e meio bilhões de dólares, não seria suficiente, que já fora ultrapassado e que os prazos de entrega estavam totalmente fora da realidade.

— Por que o engenheiro-chefe Kasusaka não nos informou? Por que ele não fez um relatório especial?

— Ele fez, Kasigi-san — disse educadamente Watanabe —, mas por ordem da direção do convênio aqui. todos os relatórios têm que passar pelos nossos sócios indicados pela corte. E uma praxe iraniana, embora o empreendimento seja sempre considerado uma joint venture, meio a meio, com divisão de responsabilidades, aos poucos os iranianos conseguem manobrar as reuniões, os contratos e as cláusulas, geralmente usando a corte ou o xá como desculpa, até terem o controle de fato e então... — Ele deu de ombros.

"O senhor não tem ideia de como eles são espertos... piores do que um comerciante chinês, muito piores. Concordam em comprar o animal inteiro, mas dão para trás e levam só o filé, deixando o resto da carcaça nas suas mãos.

— Apagou o cigarro fumado pela metade e acendeu outro. — Houve uma reunião de diretoria com todos os sócios, com Gyokotomo-sama, o próprio Yoshi Gyokotomo, presidente do Sindicato, aqui neste escritório, pouco antes do engenheiro-chefe Kasusaka-san morrer. Eu estava presente.

Kasusaka-san avisou a todo mundo que os atrasos e complicações burocráticas dos iranianos, pressão é a palavra certa, iriam atrasar o início da produção e causar um grande aumento nos custos.

Eu estava presente, eu o ouvi dizer isso com meus próprios ouvidos, mas ele foi vencido pelos sócios iranianos que garantiram ao presidente que tudo seria reformulado, que Kasusaka-san não entendia o Irã nem o modo deles fazerem negócios no Irã. — Watanabe examinou a ponta do seu cigarro. — Kasusaka-san até disse a mesma coisa em particular para Gyokotomo-sama, implorando-lhe para tomar cuidado, e lhe deu um relatório detalhado por escrito.

— Você esteve presente a esse encontro? — perguntou Kasigi fechando a cara.

— Não, mas ele me contou o que tinha dito, que Gyokotomo-sama aceitara o relatório e dissera que ele mesmo o entregaria aos mais altos escalões, em Teerã e no Japão. Mas nada aconteceu, Kasigi-san. Nada.

— Onde está a cópia do relatório?

— Não há nenhuma cópia. No dia seguinte, antes de partir para Teerã, Gyokotomo ordenou que as cópias fossem destruídas. — Mais uma vez o homem deu de ombros. — A obrigação do engenheiro-chefe Kasusaka, e a minha, era e é construir a refinaria, quaisquer que fossem os problemas, e não interferir com o trabalho do Sindicato. — Watanabe acendeu outro cigarro com a ponta do anterior, tragou profundamente, apagou o outro delicadamente, com vontade de esmagá-lo, e de esmagar o cinzeiro, a mesa, o edifício e a refinaria, junto com aquele intruso do Kasigi que ousava interrogá-lo, que não sabia de nada, que nunca tinha trabalhado no Irã, e que tinha essa posição na companhia porque era parente dos Toda. — Ao contrário do engenheiro-chefe Kasusaka — ele acrescentou suavemente —, eu venho guardando as cópias dos meus relatórios mensais.

— So ka? — disse Kasigi, tentando parecer natural.

— Sim — Watanabe confirmou. E há cópias dessas cópias guardadas em lugar bem seguro, pensou, apanhando uma pasta grossa na sua maleta e colocando-a em cima da mesa, caso você tente responsabilizar-me pelos fracassos. — O senhor pode lê-los se quiser.

— Obrigado — com esforço, Kasigi resistiu à tentação de agarrar a pasta imediatamente.

Watanabe esfregou o rosto fatigado. Tinha ficado acordado a maior parte da noite, preparando-se para este encontro.

— Quando voltarmos ao normal, o trabalho vai progredir rapidamente. Estamos com oitenta por cento do trabalho prontos. Estou confiante de que poderemos terminar, com planejamento correto.

Está tudo nos meus relatórios, inclusive a questão do encontro de Kasusaka com os sócios e depois com Gyokotomo-sama.

— O que você sugere como uma solução global para a Irã-Toda?

— Não pode haver nenhuma enquanto não voltarmos ao normal.

— Estamos voltando agora. Você ouviu a transmissão.

— Eu ouvi, Kasigi-san, mas normal para mim significa quando o governo de Bazargan estiver inteiramente sob controle.

— Isso acontecerá em poucos dias. E a sua solução?

— A solução é simples: arranjar novos sócios que queiram cooperar, arranjar o financiamento de que precisamos, e dentro de um ano, em menos de um ano, estaremos produzindo.

— Os sócios podem ser mudados?

— Os antigos foram todos apontados ou aprovados pela corte, portanto homens do xá, agora, portanto, suspeitos e inimigos — disse Watanabe com uma voz tão fina quanto os seus lábios. — Nós não vimos nem um deles depois que Khomeini voltou, nem ouvimos falar mais deles. Ouvimos boatos de que tinham todos fugido mas...

— Watanabe sacudiu seus ombros enormes. — Não tenho nenhum meio de checar sem telex, sem telefones, sem transporte. Duvido que os novos 'sócios'

tenham uma atitude diferente.

Kasigi concordou com a cabeça e olhou pela janela, sem ver nada. Era fácil culpar iranianos e homens mortos e reuniões secretas e relatórios destruídos. O presidente Yoshi Gyokotomo nunca mencionara nenhum encontro com Kasusaka nem nenhum relatório por escrito. Por que Gyokotomo omitiria um relatório tão vital? Ridículo, porque ele e sua companhia estão correndo o mesmo risco

que a nossa. Por quê? Se Watanabe estiver dizendo a verdade, e seus relatórios puderem provar isso, por quê?

Então, por um momento que Watanabe notou, o rosto de Kasigi desmoronou ao perceber a resposta: porque o enorme orçamento e o fracasso gerencial do complexo Irã-Toda, somado ao desastroso declínio da frota mercante mundial, levarão à falência as Indústrias Toda de Navegação, levarão à falência o próprio Hiro Toda e nos deixarão prontos para sermos encampados! Por quem?

Evidentemente por Yoshi Gyokotomo. É claro que por aquela família de camponeses enriquecidos que nos detestam por termos uma origem nobre, por descendermos de samurais...

Então, mais uma vez, Kasigi pensou que seu cérebro iria explodir: É claro que por Yoshi Gyokotomo, mas ajudado e acobertado pelos nossos aqui-rivais, as Indústrias Mitsuwari! Oh, Gyokotomo vai perder uma fortuna, mas eles podem aguentar esta perda enquanto molharem as mãos certas sugerindo que irão, em conjunto, absorver as perdas da Toda, desmembrá-la e, com a benevolência do Ministério de Indústria e Comércio, colocá-la sob uma outra administração. Junto com os Toda irão os seus parentes: os Kasigi e os Kayama. Bem que eu queria estar morto.

Oh ko!

E agora sou eu que terei que levar estas terríveis notícias. Os relatórios de Watanabe não provarão nada, pois é claro que Gyokotomo vai negar tudo, amaldiçoando-me por tentar acusá-lo e gritando que os relatórios de Watanabe provam conclusivamente a má administração de Hiro Toda durante todos aqueles anos. Então eu vou ter problemas de qualquer maneira. Talvez o plano de Hiro Toda tenha sido colocar-me no meio desta confusão! Talvez ele queira substituir-me por um dos seus irmãos ou dos seus sobri...

Neste instante houve uma batida na porta e esta foi aberta violentamente. O jovem assistente de Watanabe entrou correndo, desculpando-se profusamente por interrompê-los.

— Oh, sinto muito, Watanabe-san, oh, sinto muito.

— O que é? — Watanabe disse, interrompendo-o.

— Há um grande komiteh chegando, Watanabe-San, Kasigi-sama! Olhem! — O jovem, pálido, apontou para as outras janelas

que davam para a frente do prédio.

Kasigi chegou lá primeiro. Diante da porta principal havia um caminhão cheio de revolucionários, e outros caminhões e carros vinham atrás. Saltaram vários homens deles e começaram a se juntar em grupos.

Scragger estava se aproximando e eles o viram parar, depois continuar em direção à porta principal, mas fizeram sinal para ele se afastar enquanto uma grande Mercedes se aproximava. Do banco de trás saltou um homem robusto vestido de preto, com um turbante preto e uma barba branca, acompanhado por outro homem bem mais jovem, de bigode, vestido com roupas leves, com a camisa aberta no pescoço. Todos dois usavam óculos. Watanabe prendeu a respiração.

— Quem são eles? — perguntou Kasigi.

— Não sei, mas um aiatolá significa encrenca. Mulás usam turbantes brancos, aiatolás usam turbantes pretos. — Cercados por meia dúzia de guardas, os dois homens entraram no prédio. — Traga-os aqui em cima, Takeo, com toda a cerimônia. — O rapaz saiu correndo no mesmo instante. — Nós até hoje só fomos visitados por um aiatolá uma vez, no ano passado, um pouco antes do incêndio de Abadan.

Ele chamou todo o nosso pessoal iraniano para uma reunião, discursou para eles por uns três minutos, e depois mandou que entrassem em greve em nome de Khomeini. — Seu rosto virou uma máscara. — Esse foi o começo dos nossos problemas aqui. Nós, estrangeiros, temos tentado fazer o melhor possível desde então.

— E desta vez? — perguntou Kasigi.

Watanabe deu de ombros, foi até uma escrivaninha e apanhou uma fotografia de Khomeini que Kasigi não tinha notado, pendurado-a na parede.

— Apenas por delicadeza — disse com um sorriso sardônico. — Vamos nos sentar? Eles esperam que sejamos formais. Por favor, sente-se na cabeceira.

— Não, Watanabe-san, por favor. O encarregado é você. Eu sou apenas um visitante.

— Como quiser. — Watanabe sentou-se no seu lugar de sempre e olhou para a porta.

— Como foi isso, sobre o incêndio de Abadan? — perguntou Kasigi, quebrando o silêncio.

— Ah, desculpe — disse Watanabe, sentindo-se na verdade indignado pelo fato de Kasigi ignorar um fato assim tão importante. — Foi em agosto passado, durante o mês sagrado de Ramadan quando nenhum crente pode comer nem beber desde o nascer até o pôr-do-sol e os ânimos geralmente ficam exaltados. Nessa época houve apenas algumas demonstrações de protesto contra o xá, principalmente em Teerã e em Qom, mas nada de sério, e os tumultos foram facilmente contidos pela polícia e pela Savak. No dia 15 de agosto, incendiários puseram fogo num cinema, o Cinema Rex, em Abadan.

Todas as portas, 'por acaso', estavam trancadas ou obstruídas, os bombeiros e a polícia, 'por acaso', custaram a chegar, e no pânico morreram quase quinhentas pessoas, na maioria mulheres e crianças.

— Que horror!

— Sim. A nação inteira ficou indignada. Na mesma hora a Savak foi acusada, e portanto o xá, o xá pôs a culpa nos esquerdistas e jurou que a polícia e a Savak não tinham nada a ver com aquilo. É claro que ele determinou um inquérito que se arrastou por semanas. Infelizmente, a questão da responsabilidade não foi esclarecida. — Watanabe estava prestando atenção no barulho de passos.

— Esta foi a centelha que uniu as oposições sob o comando de Khomeini e arrancou os Pahlavi do trono.

— Na sua opinião, quem foi que pôs fogo no cinema? — perguntou Kasigi, depois de uma pausa.

— Quem é que queria destruir os Pahlavi? É tão fácil acusar a Savak! — Watanabe ouviu o elevador parar. — O que significam quinhentas mulheres e crianças para um fanático... de qualquer seita?

A porta foi aberta pelo assistente Takeo. O aiatolá e o civil entraram com um ar importante, com seis homens armados em

volta. Watanabe e Kasigi levantaram-se educadamente e se curvaram.

— Sejam bem-vindos — Watanabe disse em japonês embora soubesse falar farsi muito bem. — Eu sou Naga Watanabe, o encarregado daqui, este é o sr. Kasigi da nossa matriz no Japão. A quem eu tenho o prazer de me dirigir, por favor?

Takeo, que falava farsi perfeitamente, começou a traduzir, mas o civil, que já tinha sentado, o interrompeu.

— Vous parlez français? — perguntou com rudeza a Watanabe.

— Iye. Não — disse Watanabe, em japonês.

— Bien sùr, m'sieur — disse Kasigi, hesitante, pois seu francês era medíocre. — Je parle un peu, mais je parle anglais mieux et m'sieur Watanabe aussi. Eu falo um pouco de francês, mas falo melhor inglês e o sr. Watanabe também.

— Muito bem — disse o homem secamente, em um inglês com sotaque parisiense. — Então falaremos em inglês. Eu sou Muzadeh, encarregado da região de Abadan pelo primeiro-ministro Bazargan e...

— Mas Bazargan não faz a lei, quem faz é o imã — o aiatolá o interrompeu vivamente. — O imã nomeou temporariamente Bazargan como primeiro-ministro, até que, com a Vontade de Deus, nosso Estado islâmico seja formado. — Ele tinha sessenta e muitos anos, um rosto redondo, sobrancelhas e barba brancas e usava uma roupa preta bem cortada. — Sob a liderança do imã — acrescentou significativamente.

— Sim, é claro — disse Muzadeh, depois continuou a falar como se não tivesse havido nenhuma interrupção —, e devo informar-lhes oficialmente que a Irã-Toda está, a partir de agora, sob nosso controle direto. Haverá uma reunião dentro de três dias para organizar as formas de controle e as futuras operações. Todos os antigos contratos, feitos pelos xá e portanto ilegais, estão suspensos. Eu vou indicar uma nova junta fiscalizadora da qual serei presidente, com representantes dos operários, um operário japonês e o senhor mesmo. O senhor...

— E eu mesmo e um mulá de Bandar Delam — disse o aiatolá, olhando fixamente para ele.

— Nós podemos discutir a formação do comitê mais tarde. — Muzadeh falava zangado, em farsi, e havia uma certa tensão na sua voz. — O importante é que os operários estejam representados.

— O importante é fazer o Trabalho de Deus.

— Nisso o trabalho do povo e o Trabalho de Deus são iguais.

— Não se o 'trabalho do povo' for um disfarce para o trabalho de Satã!

Os seis guardas iranianos mudaram de posição, inquietos. Inconscientemente, eles se reagruparam em dois grupos, quatro de um lado e dois do outro. No silêncio que se seguiu, seus olhos examinaram um a um todos os homens sentados na mesa. Um dos guardas calmamente destravou uma arma.

— O senhor estava dizendo? — Watanabe disse rapidamente e quase acrescentou Banzai, aliviado, quando viu todos voltarem a prestar atenção nele.

— O senhor quer formar um novo comitê?

— Sim. — Com algum esforço, Muzadeh tirou os olhos do aiatolá e continuou: — Você deverá ter todos os livros preparados para serem examinados por nós e será considerado responsável por qualquer... qualquer problema que possa ocorrer, e por crimes passados ou futuros contra o Irã, passados ou futuros.

— Nós temos trabalhado em conjunto com o governo do Irã desde o...

— Com o xá, não com o povo iraniano — Muzadeh interrompeu. Atrás dele, os guardas, rapazes, alguns adolescentes, alguns quase imberbes, começaram a cochichar.

— É verdade, sr. Muzadeh — disse Watanabe, imperturbável. Eleja tinha passado por este tipo de confronto muitas vezes nos últimos meses. — Mas nós somos japoneses. A Irã-Toda está sendo construída por técnicos japoneses com a maior ajuda possível de operários iranianos, e é financiada inteiramente com dinheiro japonês.

— Isso não tem nada...

— Sim, nós sabemos — disse alto o aiatolá, mas Simpaticamente, adiantando-se ao outro —, nós sabemos disto e vocês são bem-vindos no Irã. Nós sabemos que os japoneses não

são americanos canalhas, nem ingleses mentirosos, e embora vocês não sejam muçulmanos, para infelicidade de vocês, seus olhos não estando ainda abertos para Alá, nós os consideramos bem-vindos. Mas agora, com a ajuda de Deus, temos o nosso país de volta, agora temos que fazer... que fazer novos acordos para futuras operações. O nosso povo vai ficar aqui, fazendo perguntas. Por favor, cooperem com ele... vocês não têm nada a temer. Lembrem-se, nós queremos esta obra pronta e operando tanto quanto vocês. Meu nome é Ismael Ahwazi, e eu sou o aiatolá desta região. — Ele se levantou com uma rapidez que fez alguns dos homens darem um pulo.

— Nós voltaremos dentro de quatro dias.

Muzadeh falou veementemente em farsi.

— Há outras ordens para estes estran...

Mas o aiatolá já tinha saído. Furioso, Muzadeh se levantou e saiu pisando duro, seguido pelos seus homens.

Quando ficaram sozinhos, Kasigi permitiu-se apanhar um lenço e enxugar a testa. O jovem Takeo ainda estava em estado de choque. Watanabe revistou os bolsos à procura de cigarros, mas o maço estava vazio. Ele o amassou. Takeo despertou e correu até uma gaveta e trouxe um maço novo, abriu-o e ofereceu-o.

— Obrigado, Takeo — disse Watanabe e aceitou fogo. — Pode ir agora.

— Ele olhou para Kasigi. — Então, tudo vai começar de novo.

— Sim — respondeu Kasigi, compreendendo as implicações de um novo komiteh empenhado em terminar a obra. — Esta foi a melhor notícia que poderíamos receber. Isto será muito bem recebido no Japão. — De fato, pensou, cada vez mais animado, esta notícia vai neutralizar o relatório de Watanabe e talvez, de algum modo, nós, Hiro Toda e eu, possamos, juntos, neutralizar Gyokotomo. E se, o que seria ainda melhor, Hiro renunciasse em favor do seu irmão, seria perfeito!

— O quê? — perguntou, vendo que Watanabe estava olhando para ele.

— Eu não quis dizer que o trabalho vai recomeçar, Kasigi-san — disse o engenheiro-chefe, rispidamente. — O novo komiteh não vai ser melhor do que os outros; de fato, será pior. Com os sócios, o

inevitável pishkesh abria portas e você sabia em que pé estava. Mas com esses fanáticos, com esses amadores? — Irritado, Watanabe passou a mão nos cabelos. Que os deuses e os espíritos me deem forças para não xingar este idiota pela sua estupidez, pensou. Seja esperto. Acalme-se, ele não passa de um macaco, não tão bem-nascido quanto você, que é um descendente direto dos senhores do norte.

— Então o aiatolá mentiu? — A alegria de Kasigi evaporou-se.

— Não. Aquele pobre idiota acreditava no que estava dizendo, mas nada disso vai acontecer. A polícia e a Savak, qualquer que seja o seu novo nome, ainda controlam Abadan e esta área. Os habitantes locais são na maioria árabes, sunitas, não iranianos xiitas. Eu estava querendo dizer que a matança vai começar de novo. — Watanabe explicou a discussão que os dois homens tinham tido em farsi. — Agora vai ser muito pior com cada facção tentando conseguir o poder.

— Estes bárbaros não vão obedecer a Khomeini? Não vão depor as armas?

— Eu estou dizendo que os esquerdistas como Muzadeh vão continuar com a guerra, ajudados e acobertados pelos soviéticos, que estão loucos para tomar o Irã, eles sempre quiseram o Irã, sempre desejarão o Irã. Não por causa do petróleo, mas por causa do estreito de Ormuz. Pois com um pé no estreito, eles tomam conta do mundo ocidental... e do Japão. Pelo que me diz respeito, o Ocidente, a América e o resto do mundo podem apodrecer, mas nós seremos obrigados a entrar em guerra se o estreito for proibido para os nossos navios.

— Concordo. É claro que eu concordo. — Kasigi também estava irritado. — Nós todos sabemos disto. É claro que isso significa guerra, enquanto formos dependentes com relação ao petróleo.

— Sim — Watanabe sorriu melancolicamente. — Dez anos, não mais do que isso.

— Sim.

Os dois homens estavam a par do enorme esforço nacional em projetos de pesquisa, conhecidos e secretos, para desenvolver as

fontes alternativas de energia que tornariam o Japão auto-suficiente — o Projeto Nacional. As fontes* o sol e o mar.

— Dez anos, sim, só mais dez anos. — Kasigi estava confiante. — Se tivermos dez anos de paz e de acesso livre ao mercado americano, então teremos a nossa fonte alternativa e então seremos os donos do mundo. Mas enquanto isso — acrescentou, com a raiva aumentando —, durante os próximos dez anos teremos que nos submeter a bárbaros e bandidos de toda a espécie.

— Khrushchev não disse que não tinham que fazer nada a respeito do Irã porque "o Irã é uma maçã podre que vai cair nas nossas mãos"? — Watanabe estava furioso. — Eu garanto que aqueles comedores de merda estão sacudindo a árvore com toda a força.

— Nós os derrotamos uma vez — Kasigi disse sombriamente, lembrando-se da guerra naval de 1904, de que seu avô tinha participado. — Poderemos derrotá-los de novo. Aquele homem...

Muzadeh? Talvez ele seja apenas progressista e antimulá; nem todos eles são partidários fanáticos de Khomeini. Eu concordo, Kasigi-san. Mas alguns são igualmente fanáticos pelo seu Deus Lenin-Marx e igualmente estúpidos. Aposto como Muzadeh é um desses pseudo-intelectuais, antigo aluno de uma universidade francesa, cujos estudos foram pagos com bolsas de estudo dadas pelo xá, que foi adotado, treinado e adulado por professores de esquerda na França. Passei dois anos na Sorbonne fazendo um curso de pós-graduação. Eu conheço esses intelectuais, esses cretinos e alguns dos professores. Eles tentaram me catequizar uma vez... Um tiroteio lá fora o interrompeu. Por um momento, os dois homens ficaram imóveis, depois correram para a janela. Lá embaixo, o aiatolá e Muzadeh estavam parados nos degraus da frente. Abaixo deles, no pátio, um homem os ameaçava com um rifle automático, sozinho no meio de um semi-círculo de outros homens armados, os outros estavam espalhados, perto dos caminhões, alguns gritando e todos hostis. Scragger estava ali perto e viram-no procurar um lugar melhor para se proteger. O aiatolá levantou os braços e falou com eles.

Watanabe não podia ouvir o que o homem estava dizendo. Cuidadosamente, abriu a janela e espiou para fora.

— Ele está dizendo: "Em Nome de Deus, entreguem suas armas, o imã o ordenou. Todos vocês ouviram a transmissão da mensagem dele. Vou repetir, obedecem-no e entreguem suas armas".

Houve mais gritos zangados, com homens ameaçando uns aos outros. Na confusão, ele viu Scragger se esgueirar e desaparecer atrás de um edifício. Watanabe se debruçou mais, tentando ouvir melhor.

— O homem que os está ameaçando com a arma, não consigo ver se ele está usando uma braçadeira ou não... ah, não está, então deve ser fedayin ou tudeh... — Fez-se um grande silêncio no pátio.

Imperceptivelmente, os homens começaram a procurar posições melhores, todos armados, cada um vigiando o seu vizinho, todos com os nervos à flor da pele. O homem que ameaçava os dois levantou a arma e berrou para o aiatolá: — Mande seus homens largarem as armas!

Muzadeh deu um passo à frente, sem querer um confronto ali, sabendo que estava em desvantagem.

— Pare com isto Hassan! Você vai...

— Nós não lutamos, e nem os nossos irmãos morreram para entregarmos as nossas armas e o poder para os mulás!

— O governo tem poder! O governo! — Muzadeh aumentou ainda mais o tom da voz. — Todos podem ficar com suas armas agora, mas deverão entregá-las no meu escritório, já que eu represento o novo governo e o...

— Você não representa — gritou o aiatolá. — Em primeiro lugar, em Nome de Deus, todos os guardas não-islâmicos vão colocar as suas armas no chão e partir em paz. Em segundo lugar, o governo está subordinado ao komiteh revolucionário que está ligado diretamente ao imã, e este homem Muzadeh ainda não foi confirmado, portanto não tem nenhuma autoridade! Obedecem ou serão desarmados!

— Eu sou o governo aqui. — Não é não!

— Allah-u Akbarr! — alguém gritou e puxou o gatilho e Hassan, o jovem que estava no centro, foi atingido nas costas e dançou a

dança da morte. Imediatamente, outras armas foram disparadas e os homens correram para se abrigar ou se voltaram contra o vizinho. A batalha foi curta e terrível.

Muitos morreram, mas os homens de Muzadeh estavam em minoria. Os Faixas Verdes foram impiedosos. Alguns tinham agarrado Muzadeh e agora o mantinham de joelhos no chão, implorando piedade.

Sobre os degraus estava o aiatolá. Uma rajada de balas o atingira no peito e no estômago e agora ele estava caído nos braços de um homem, com o sangue manchando suas vestes. Um filete de sangue escorreu pela sua barba.

— Deus é Grande... Deus é Grande... — murmurou, e depois deu um gemido rouco de dor.

— Mestre — disse o homem que o estava segurando, com lágrimas correndo pelo rosto —, diga a Deus que nós tentamos protegê-lo, diga ao Profeta.

— Deus... é... Grande — murmurou.

— E quanto a Muzadeh? — perguntou alguém. — O que vamos fazer com ele?

— Faça o trabalho de Deus. Mate-o... mate-o como devem matar todos os inimigos do islã. Não existe nenhum outro deus além de Deus...

A ordem foi obedecida imediatamente. Cruelmente. O aiatolá morreu sorrindo, com o Nome de Deus nos lábios. Os outros soluçavam abertamente — invejando-lhe o paraíso.

NA BASE DA FORÇA AÉREA DE KOWISS: 14:32H.

Manuela Starke estava na cozinha do bangalô fazendo chili. Música country enchia o pequeno aposento, vinda de um toca-fitas de pilha, colocado no parapeito da janela. No fogão a gás butano havia um panelão cheio de caldo e de alguns dos ingredientes, e quando começou a ferver, ela diminuiu o fogo e deu uma olhada no relógio para calcular o tempo. Bem na hora, pensou. Vamos comer por volta das sete e as velas vão embelezar a mesa!

Havia cebolas e outras coisas para picar e carne de cabra para moer e ela continuou a trabalhar alegremente, cantarolando distraída ou dando uns passos de dança ao som da música. A cozinha era pequena e difícil para se trabalhar, ao contrário da enorme cozinha da velha e linda hacienda espanhola que sua família possuía há quase um século, onde ela, seu irmão e sua irmã foram criados.

Mas ela não se importava de estar apertada nem de cozinhar sem os utensílios apropriados. Estava satisfeita de ter alguma coisa para fazer para não pensar em quando tornaria a ver seu marido.

Foi no sábado que Conroe partiu para Bandar Delam com o mulá, pensou, tentando tranquilizar-se.

Hoje é terça-feira, então só se passaram três dias e o dia hoje ainda nem acabou. Na noite passada ele lhe falara pelo rádio: "Oi, querida, está tudo bem aqui, não precisa se preocupar. Desculpe, mas tenho que ir. O tempo de transmissão está controlado no momento, eu te amo e estarei aí logo". A voz dele parecia firme e confiante, mas, mesmo assim, ela teve certeza de ter percebido um nervosismo que tomara conta de sua mente e permeara seus sonhos. Isso é imaginação sua. Ele vai voltar logo — deixe os sonhos

para a noite e concentre-se pensando que está tudo bem.
Concentre-se na cozinha!

Trouxera os pacotes de chili em pó de Londres, junto com temperos, páprica, pimenta-malagueta, gengibre, alho fresco e pimentas de chili secas e feijões secos e pouca coisa mais, além de uma maleta com roupas de dormir e papel higiênico, que pudera carregar no 747. Trouxera os ingredientes para o chili porque Starke adorava comida mexicana, principalmente chili, e ambos achavam que, fora o caril, era a única forma de tornar a carne de cabra suportável. Não teve necessidade de trazer roupas nem qualquer outra coisa porque ainda tinha algumas coisas no apartamento de Teerã. Além disso, o único presente que trouxe foi uma pequena garrafa de Marmite, que ela sabia que Genny e Duncan McIver adoravam passar na torrada amanteigada feita com o pão que Genny assava — quando ela conseguia comprar farinha e fermento.

Hoje Manuela tinha feito pão. As três fôrmas estavam esfriando na prateleira, cobertas com um pano para evitar as moscas. Malditas moscas, pensou. As moscas estragam o verão, mesmo em Lubbock...

Ah, Lubbock, imagino como estarão as crianças.

Billyjoe, Conroe Júnior e Sarita. Sete, cinco e três. Ah, meus amores, pensou satisfeita. Estou tão contente de ter mandado vocês para casa, para o meu pai e os nossos cinco mil hectares de terreno para vocês se esbaldarem, e com o vovô Starke por perto: "Mas não deixem de usar botas por causa das cobras, estão ouvindo?" — com aquela sua voz rude e tão terna.

— Texas para sempre — disse em voz alta e riu sozinha, com os dedos ágeis cortando, moendo e mexendo, provando o cozido de vez em quando, pondo mais sal ou alho. Pela janela, viu Freddy Ayre cruzando a pequena praça para subir para a torre de rádio. Com ele estava Pavoud, o chefe dos empregados. Ele é um homem simpático, pensou. Temos sorte de ter empregados leais. Mais além, ela podia ver a pista principal e grande parte da base, coberta de neve, com o céu coberto de nuvens que ocultavam os cumes das montanhas. Alguns pilotos e mecânicos jogavam bola distraidamente.

Marc Dubois, que tinha transportado o mulá de volta de Bandar Delam, estava entre eles.

Não havia mais nada acontecendo ali, apenas manutenção dos aparelhos, verificação de peças, pintura — nenhum voo desde domingo, quando houve o ataque à base. E o motim. No domingo à noite, três amotinados, um piloto e dois sargentos do regimento de tanques, foram submetidos à corte marcial e, de madrugada, foram mortos. Durante todo o dia de ontem e de hoje a base estivera calma.

Ontem eles viram passar dois aviões de combate, mas nenhum outro avião, o que era estranho, pois era uma base de treinamento e geralmente havia muito movimento. Nada parecia mover-se. Apenas uns poucos caminhões, nenhum tanque nem soldados — nem visitantes do lado de cá. Durante a noite tinha havido tiros e gritaria, mas durara pouco.

Ela se olhou criticamente no espelho que estava pendurado num prego sobre a pia, cheia de pratos e panelas sujas, além de talheres e copos. Virou o rosto de um lado para o outro e examinou o que pôde enxergar do seu corpo.

— Você está muito bem, querida — disse para o seu reflexo — mas é melhor você se mexer e começar a dar umas corridas e largar o pão, o chili, o vinho, as torradas, a manteiga, os tacos, os feijões e as panquecas da mamãe cheias de mel, os ovos fritos, o bacon e as batatas fritas...

O ensopado começou a transbordar, distraíndo-a. Ela diminuiu mais o fogo, provou o caldo grosso e avermelhado, ainda forte demais por não estar totalmente cozido.

— Puxa vida — disse satisfeita —, isto vai fazer Conroe mais feliz do que um porco na lama... — Sua expressão mudou. Faria, pensou, se ele estivesse aqui. Não faz mal, os rapazes vão gostar.

Começou a lavar a louça, mas não conseguia deixar de pensar em Bandar Delam. Sentiu as lágrimas caindo.

— Oh, merda! Controle-se!

— Emergência! — O grito que foi dado lá fora a assustou e ela olhou pela janela. O futebol tinha parado. Todos os homens estavam olhando para Ayre que corria pelas escadas externas da torre,

gritando por eles. Ela os viu juntarem-se em volta dele, e depois se espalharem. Ayre dirigiu-se para o bangalô. Apressadamente, tirou o avental, ajeitou o cabelo, limpou os olhos e foi encontrá-lo na porta.

— O que foi, Freddy?

— Não quis deixar de contar-lhe que a torre deles se comunicou comigo e mandou que eu aprontasse um 212 para uma emergência em Isfahan — disse sorrindo. — Eles conseguiram o consentimento da IranOil.

— Isto não é um tanto longe?

— Oh, não. Fica apenas a trezentos quilômetros, umas duas horas, e ainda está bem claro. Marc vai passar a noite lá e volta amanhã. — Mais uma vez Ayre sorriu. — É bom ter alguma coisa para fazer.

Curiosamente, eles pediram que Marc fosse o encarregado.

— Por que ele?

— Não sei. Talvez porque ele seja francês e foram os franceses que ajudaram Khomeini. Bem, tenho que ir. O seu chili está com um cheiro maravilhoso. Marc vai ficar danado por perdê-lo. — E saiu em direção ao escritório, alto e bonito.

Ela ficou parada na porta. Os mecânicos estavam tirando um 212 do hangar e Marc Dubois, fechando seu macacão de voo, acenou alegremente e correu para observar a verificação do aparelho. Então, viu quatro carros em procissão se aproximando pela estrada. Freddy Ayre também viu. Franziu a testa e entrou no escritório.

— O senhor está com a licença de voo pronta, sr. Pavoud?

— Sim, Excelência. — Pavoud estendeu-a.

Ayre não notou a tensão do homem, nem que suas mãos estavam tremendo.

— Obrigado. É melhor o senhor vir também, caso eles só falem farsi.

— Mas, Excel...

— Venha! — Abotoando a jaqueta por causa do vento, Ayre saiu apressado. Pavoud enxugou as mãos suadas. Os outros iranianos o observavam, também ansiosos.

— Seja como Deus quiser — disse um deles, agradecendo a Deus por ser Pavoud e não ele.

No 212, a verificação prosseguia. Ayre chegou lá junto com os carros. Seu sorriso desapareceu. Os carros estavam cheios de homens armados, Faixas Verdes, e eles cercaram o helicóptero, com alguns aviadores uniformizados no meio deles.

O mulá Hussein Kowissi saltou do banco da frente do primeiro carro, com um turbante branco e roupas escuras bem novas, e botas velhas e gastas. No seu ombro havia um AK47. Era óbvio que ele estava no comando. Outros homens abriram as portas traseiras do primeiro carro e puxaram o coronel Peshadi para fora, e depois sua esposa. Peshadi gritou com eles, xingando-os, e eles recuaram um pouco. O coronel ajeitou o casaco do uniforme e seu quepe. Sua mulher usava um pesado casacão de inverno e luvas, além de um pequeno chapéu e uma bolsa a tiracolo. Seu rosto estava pálido e abatido, mas, como o marido, mantinha a cabeça orgulhosamente erguida. Ela se voltou para apanhar a maleta que estava no carro, porém um dos Faixas Verdes agarrou-a mas, depois de uma ligeira hesitação, entregou a ela.

— O que está havendo, senhor? — Ayre tentou disfarçar o choque.

— Nós... nós estamos sendo mandados para Isfahan sob escolta! Sob escolta! Minha base... minha base foi traída e está nas mãos de rebeldes! — O coronel não disfarçou sua fúria ao gritar para Hussein em farsi: — Estou-lhe dizendo de novo, o que é que a minha mulher tem a ver com isso?

Hein? — acrescentou com um rugido. Um dos nervosos Faixas Verdes empurrou um rifle nas costas dele. Sem desviar os olhos, o coronel empurrou o rifle. — Filho de uma cadela!

— Pare! — Hussein disse em farsi. — São ordens de Isfahan. Eu lhe mostrei as ordens de que o senhor e sua mulher deviam ser enviados imediatamente...

— Ordens? Um pedaço de papel imundo com uma letra ilegível e assinado por um aiatolá de quem eu nunca ouvi falar?

— Entrem no aparelho, todos dois, ou serão arrastados para lá — disse Hussein indo até ele.

— Quando o aparelho estiver pronto! — Insolentemente, o coronel apanhou um cigarro. — Dê-me fogo — ordenou ao homem

que estava mais perto, e quando o homem hesitou, ele berrou: — Você é surdo? Fogo!

O homem sorriu com timidez e pegou um fósforo, e todos em volta mostraram sua aprovação, até o mulá, admirando a coragem em face da morte — e do inferno, pois sem dúvida este homem era um homem do xá e iria para o inferno. É claro que sim! Ele não tinha gritado "Longa vida para o xá" há apenas duas horas, durante a noite, quando nós invadimos e ocupamos o campo e sua bela residência, ajudados por todos os soldados e aviadores da base e por alguns dos oficiais, sendo que o resto dos oficiais estava agora atrás das grades? Deus é Grande! Foi a Vontade de Deus, um milagre que os generais tenham desmoronado como o monte de merda que os mulás diziam que eles eram. O imã estava certo de novo, que Deus o proteja.

Hussein foi até Ayre, que estava rígido, perplexo com o que estava acontecendo, tentando compreender. Marc Dubois estava ao seu lado, igualmente chocado, e o exame do aparelho fora interrompido.

— Salaam — disse o mulá, tentando ser educado. — Vocês não têm nada a temer. O imã ordenou que tudo voltasse ao normal.

— Normal? — repetiu Ayre, com raiva. — Este é o coronel Peshadi, comandante de tanques, herói da força expedicionária iraniana enviada a Oman para sufocar uma rebelião apoiada pelos marxistas e uma invasão do Iêmen do Sul! — Isso aconteceu em 1973, quando o sultão de Oman pediu ajuda ao xá. — O coronel Peshadi não recebeu o Zolfaghar, sua medalha mais importante, concedida apenas por heroísmo em combate?

— Sim. Mas agora precisam que o coronel Peshadi responda perguntas relativas a crimes contra o povo iraniano e contra as leis de Deus! Salaam, capitão Dubois, fico satisfeito de que seja o senhor que vai nos levar.

— Eu fui solicitado para uma emergência. Isso não é uma emergência — retrucou Dubois.

— É uma evacuação de emergência. O coronel e sua mulher devem ser evacuados para o quartel-general de Isfahan. — Hussein

acrescentou com um sorriso sardônico. — Talvez eles sejam emergências.

— Sinto muito — disse Ayre —, mas os nossos aparelhos estão a serviço da IranOil. Não podemos fazer o que estão pedindo.

— Excelência Esvandiary! — gritou o mulá.

Kuram Esvandiary, ou 'Pé-quente' como era apelidado, tinha cerca de trinta anos, era muito popular com os estrangeiros, muito eficiente e treinado pela S-G. Estivera por dois anos em treinamento no QG da S-G em Aberdeen, com uma bolsa concedida pelo xá. Ele veio lá de trás e, por um momento, nenhum dos homens da S-G reconheceu seu administrador. Normalmente, ele se vestia meticulosamente e andava bem barbeado, mas agora estava com uma barba de três ou quatro dias, e usava roupas grosseiras, com uma braçadeira verde, um chapéu mole e um M16 pendurado no ombro.

— A permissão para a viagem está aqui — disse, entregando a Ayre os formulários habituais. — Eu os assinei e estão carimbados.

— Mas, 'Pé-quente', não está vendo que não é uma verdadeira emergência?

— Meu nome é Esvandiary, sr. Esvandiary — disse sem sorrir e Ayre enrubesceu. — E é uma ordem legítima da IranOil que o tem sob contrato aqui no Irã. — Seu rosto endureceu. — Se o senhor recusar uma ordem legítima, em boas condições de voo, estará quebrando o contrato. Se fizer isso sem motivo, então teremos o direito de nos apoderar de todos os aparelhos, hangares, peças, casas, equipamentos, além de expulsá-los do Irã, imediatamente.

— Você não pode fazer isto.

— Eu agora sou o representante da IranOil aqui — disse Esvandiary, secamente. — A IranOil pertence ao governo. O komiteh revolucionário, sob a liderança do imã Khomeini, que a paz esteja com ele, é o governo. Leia o seu contrato com a IranOil... e também o contrato entre a S-G e a Irã Helicópteros. Vocês vão fazer o voo ou se recusam a fazê-lo?

— E quanto... — E Ayre controlou a raiva. — Quanto ao primeiro-ministro Bakhtiar e o gov...

— Bakhtiar? — Esvandiary e o mulá olharam-no espantados. — Você ainda não soube? Ele renunciou e fugiu, os generais capitularam ontem de manhã, o imã e o komiteh revolucionário são o governo do Irã agora.

Ayre e Dubois e os estrangeiros que estavam perto ficaram sem fala. O mulá disse alguma coisa em farsi que eles não compreenderam. Os homens riram.

— Capitularam? — foi tudo o que Ayre conseguiu dizer.

— Foi a Vontade de Deus que os generais caíssem em si — disse Hussein, com os olhos brilhando.

— Todo o Estado-Maior foi preso. Todos eles. Assim como todos os inimigos do islã serão presos agora. Nós também pegamos Nasiri, já ouviu falar nele? — perguntou exultante o mulá. Nasiri era o odiado chefe da Savak, que o xá tinha mandado prender há poucas semanas atrás e que estava na prisão aguardando julgamento. — Nasiri foi julgado, considerado culpado de crimes contra a humanidade e executado, junto com outros três generais, Rahimi, o chefe da lei marcial de Teerã, Naji, governador-geral de Isfahan, e o comandante dos paraquedistas, Khosrowdad. Vocês estão perdendo tempo. Vão fazer o voo ou não?

Ayre mal era capaz de pensar. Se o que eles dizem é verdade, então Peshadi e sua mulher estão praticamente mortos. É tudo tão rápido, tão impossível.

— Nós... é claro que faremos um voo legal. O que vocês querem exatamente?

— Transportar Sua Excelência o mulá Hussein Kowissi para Isfahan, imediatamente. Com o seu pessoal. Imediatamente — disse Esvandiary, impaciente. — Com o prisioneiro e sua esposa.

— Eles... O coronel Peshadi e sua mulher não estão citados na licença. Ainda mais impacientemente, Esvandiary arrancou-lhe o papel das mãos e escreveu alguma coisa nele: — Agora estão! — Fez um sinal para onde Manuela estava, um pouco mais atrás, com o cabelo enfiado dentro de um chapéu, usando um macacão. Ele a notara assim que ela chegou, atraente como sempre, perturbadora como sempre. — Eu deveria prendê-la por invasão — disse com voz rouca. — Ela não tem o direito de estar nesta base. Não há

alojamento para casais, nem estes são permitidos, de acordo com as regras da base e da S-G.

Perto do 212, o coronel Peshadi gritou, zangado, em inglês: — Vocês vão voar hoje ou não? Estamos ficando com frio. Depressa, Ayre. Quero passar o mínimo de tempo possível com esses vermes.

Esvandary e o mulá enrubesceram. Ayre respondeu, sentindo-se melhor com a coragem do homem: — Sim, senhor. Sinto muito. OK, Marc?

— Sim. — Dubois voltou-se para Esvandary: — Onde está minha permissão militar?

— Anexa à licença. Vale também para sua volta amanhã. — Esvandary acrescentou em farsi para o mulá: — Sugiro que o senhor embarque, Excelência.

O mulá se adiantou. Os guardas fizeram sinal para Peshadi e sua mulher subirem a bordo. Com as cabeças erguidas, eles subiram os degraus com firmeza. Homens armados entraram no aparelho atrás deles e o mulá sentou-se na frente, ao lado de Dubois.

— Um momento! — disse Ayre, já passado o choque. — Não vamos transportar homens armados. É contra os regulamentos... os seus e os nossos. Esvandary gritou uma ordem, e fez um sinal na direção de Manuela. Imediatamente, quatro homens armados a cercaram. Outros se aproximaram de Ayre.

— Agora, faça sinal para Dubois partir.

Consciente do perigo, Ayre obedeceu. Dubois respondeu e começou a subir. Em pouco tempo estava no ar.

— Agora para o escritório — disse Esvandary, acima do ruído dos motores. Mandou que os homens se afastassem de Manuela e voltassem para os carros. — Deixem um carro aqui e quatro guardas.

Tenho mais algumas ordens para dar a estes estrangeiros. Você — acrescentou severamente para Pavoud —, verifique todos os aparelhos que existem aqui, todas as peças, todos os tipos de transporte, bem como a quantidade de gasolina, e também o número de empregados, estrangeiros e iranianos, seus nomes, profissões, números de passaporte, vistos de residência, vistos de trabalho, permissões para pilotar. Entendido?

— Sim, sim, Excelência Esvandiary. Sim, cer...

— E eu quero ver todos os passaportes e vistos amanhã. Ande!

O homem saiu apressadamente. Esvandiary foi na frente até o escritório de Starke e sentou-se na cadeira maior, atrás da escrivaninha, seguido por Ayre.

— Sente-se.

— Obrigado, você é muito gentil — disse ironicamente Ayre, sentando-se em frente a ele. Os dois homens eram da mesma idade e ficaram se estudando mutuamente.

— De agora em diante este será o meu escritório. — O iraniano apanhou um cigarro e o acendeu. — Agora que finalmente o Irã está outra vez em mãos iranianas, podemos começar a fazer as mudanças necessárias. Durante as próximas duas semanas você vai agir sob minhas ordens, até que eu tenha certeza de que os nossos hábitos foram entendidos. Eu sou a autoridade mais alta da IranOil em Kowiss e eu é que darei todas as permissões de voo; ninguém decola sem uma aprovação por escrito e sempre com um guarda armado e...

— É contra a lei aérea e contra a lei iraniana e está proibido. Além disso é muito perigoso. E fim!

Houve um longo silêncio. Então Esvandiary concordou.

— Vocês levarão guardas armados, mas sem munição. — E sorriu. — Está vendo, nós podemos chegar a um acordo. Nós podemos ser razoáveis, oh, sim. Você vai ver, a nova era vai ser boa para vocês também.

— Espero que sim. Para vocês também.

— O que você está querendo dizer?

— Estou querendo dizer que toda revolução de que já ouvi falar sempre acaba por se desgastar, os amigos se transformam rapidamente em inimigos e morrem mais depressa ainda.

— Não a nossa. — Esvandiary estava totalmente confiante. — Não vai ser assim conosco. Nossa revolução é uma revolução realmente popular, de todo o povo. Todo mundo queria a saída do xá. E dos seus patrões estrangeiros.

— Espero que você tenha razão. — Seu filho da mãe imbecil, pensou Ayre, tendo gostado dele um dia. Se os seus líderes podem

julgar, condenar e executar quatro generais, todos homens bons com exceção de Nasiri, em menos de 24 horas, podem prender e maltratar bons patriotas como Peshadi e sua mulher, que Deus nos ajude. — Você já terminou comigo por ora?

— Quase. — Esvandary sentiu uma onda de raiva. Pela janela viu Manuela voltando para o bangalô com alguns dos pilotos, e o desejo aumentou-lhe a raiva. — Seria bom que aprendesse bons modos e que o Irã é um país asiático, oriental, uma potência mundial e que nunca mais será explorado por ingleses, americanos ou mesmo soviéticos. Nunca mais. — Ele se recostou na cadeira e pôs os pés sobre a mesa, como tinha visto Starke e Ayre fazerem uma centena de vezes, as solas dos pés viradas para Ayre, o que sempre fora considerado um insulto daquele lado do mundo. — Os ingleses foram piores do que os americanos. Eles foram motivo de vergonha nacional por 150 anos, tratando o Trono do Pavão e o nosso país como se fossem um feudo deles, usando a defesa da Índia como desculpa. Eles deram ordens aos nossos governantes, ocuparam o nosso país três vezes, nos obrigaram a assinar tratados injustos, subornaram os nossos líderes para conceder-lhes vantagens.

Durante 150 anos os ingleses e os russos dividiram o meu país, os ingleses ajudaram aquelas outras hienas a roubar as nossas províncias do norte, o nosso Cáucaso, e ajudaram a colocar Reza Khan no trono. Eles nos invadiram, junto com os soviéticos, durante a sua guerra mundial e só os nossos grandes esforços conseguiram partir os grilhões e expulsá-los. — Repentinamente, o rosto do homem se contorceu e ele gritou: — Não é verdade?

Ayre não tinha se mexido e nem piscado.

— 'Pé-quente', e eu prometo que nunca mais vou chamá-lo assim — disse tranquilamente —, não quero discursos, vou apenas fazer o meu trabalho. Se não conseguirmos um método de trabalho satisfatório, isto é outra coisa. Aí teremos que ver. Se quer este escritório, fique com ele. Se quer fazer uma cena, faça. Dentro dos limites, você tem direito de comemorar. Você venceu, tem o poder, e agora é o encarregado. E você está certo, este é o seu país. Então vamos ficar por aqui, hein?

Esvandary ficou olhando para ele, com a cabeça doendo do ódio acumulado durante anos e que agora não precisava mais ser reprimido. E embora soubesse que a culpa não era de Ayre, também sabia que há poucos instantes atrás o teria enchido de balas e a todos os outros, se não tivessem obedecido e levado o mulá e o traidor Peshadi para o julgamento e o inferno que ele merecia. Eu não me esqueci do soldado que Peshadi assassinou — aquele que queria abrir os portões para nós — nem os outros, assassinados há dois dias atrás, quando Peshadi nos derrotou e centenas morreram, meu irmão e dois dos meus melhores amigos entre eles. E todos os outros, centenas, talvez milhares deles que morreram em todo o Irã... Não me esqueci de nenhum deles.

Um fio de saliva escorria-lhe pelo queixo e ele o limpou com as costas da mão, recuperando o controle ao lembrar-se da importância de sua missão.

— Está bem, Freddy. — Disse 'Freddy' involuntariamente. — Está bem... esta é a última vez que eu chamo você assim. Está bem, vamos ficar por aqui.

Ele se levantou, muito cansado, mas orgulhoso pelo modo como os dominara e muito confiante de que conseguiria fazer esses estrangeiros trabalharem e se comportarem até serem expulsos. Isto está bem perto, agora, pensou. Não terei dificuldades em colocar em prática o plano a longo prazo dos sócios aqui. Concordo com Valik. Temos muitos pilotos iranianos e não precisamos de estrangeiros.

Posso dirigir esta operação — como um dos sócios. Louvado seja Deus por Valik ter sido sempre um partidário secreto de Khomeini! Logo terei uma casa grande em Teerã e meus dois filhos irão para a universidade lá, bem como minha querida Fatmeh, embora talvez ela também deva passar um ou dois anos na Sorbonne.

— Voltarei às nove horas. — Não fechou a porta ao sair.

— Maldição! — resmungou Ayre. Uma mosca começou a se debater contra a vidraça. Ele não a notou e nem o barulho que fazia. Tendo uma ideia súbita, foi para o outro gabinete. Pavoud e os outros estavam nas janelas, vendo a saída dos estrangeiros. — Pavoud!

— Sim... sim, Excelência?

Ayre notou que o rosto do homem estava cinzento e que ele parecia muito mais velho do que habitualmente.

— Você sabia sobre os generais, que eles tinham capitulado? — perguntou, sentindo pena dele.

— Não, Excelência. — Pavoud mentiu com facilidade, acostumado a mentir. Ele estava fechado em si mesmo, tentando recordar, apavorado, se teria escorregado nos últimos três anos e se traído para Esvandiary, sem nunca ter sonhado que o homem pudesse ser, secretamente, um guarda islâmico. — Nós... nós tínhamos ouvido boatos acerca da capitulação deles, mas o senhor sabe como os boatos circulam.

— Sim, sim, tem razão.

— Eu... o senhor se importa que eu me sente?

Pavoud agarrou uma cadeira, sentindo-se muito velho. Ele vinha dormindo muito mal nesta última semana e o trajeto de três quilômetros de bicicleta até ali nesta manhã, da pequena casa de quatro cômodos em Kowiss que ele dividia com a família do irmão — cinco adultos e seis crianças — tinha sido mais cansativa do que o normal. É claro que ele e todo o povo de Kowiss tinham ouvido falar na rendição covarde dos generais. As primeiras notícias tinham vindo da mesquita, espalhadas pelo mulá Hussein, que disse tê-las recebido pelo rádio, secretamente, do quartel-general de Khomeini em Teerã, então devia ser verdade.

Imediatamente, o seu líder do Tudeh tinha convocado uma reunião, todos eles perplexos com a covardia dos generais: — Isto só demonstra a péssima influência dos americanos, que os traíram e os enfeitçaram de tal maneira que eles se castraram e cometeram suicídio, pois é evidente que todos eles têm que morrer, seja pelas nossas mãos ou pelas daquele louco do Khomeini.

Todos estavam decididos mas, ao mesmo tempo, tinham medo da luta que se aproximava contra os fanáticos e os mulás, o ópio do povo, e o próprio Pavoud sentiu-se imensamente aliviado quando o líder disse que eles ainda não deveriam sair para as ruas, mas permanecer escondidos e esperar, esperar até vir uma ordem para a revolta geral.

— Camarada Pavoud, é vital que você mantenha o melhor relacionamento possível com os pilotos estrangeiros da base aérea. Nós vamos precisar deles e dos seus helicópteros; ou vamos precisar impedir o seu uso pelos inimigos do povo. Nossas ordens são para calar a boca e esperar, ter paciência. Quando finalmente recebermos ordem de tomar as ruas contra Khomeini, os nossos camaradas do norte virão através da fronteira com suas legiões... Ele viu Ayre observando-o.

— Eu estou bem, capitão, só estou preocupado com tudo isso, e com a... com a nova era.

— Simplesmente faça tudo o que Esvandiary pedir. — Ayre refletiu por um momento. — Vou até a torre para comunicar ao QG o que aconteceu. Você tem certeza de que está bem?

— Sim, sim, obrigado.

Ayre franziu a testa, depois caminhou pelo corredor e subiu as escadas. A espantosa mudança de Esvandiary, que fora afável durante anos, que fora simpático, sem demonstrar nada do ódio que havia dentro dele contra os ingleses. Pela primeira vez desde que estava no Irã, sentiu o futuro deles ameaçado.

Para sua surpresa, a torre estava vazia. Desde o motim de domingo, tinha havido uma guarda permanente lá. Ao justificar a guarda, o major Changiz tinha dado de ombros, com sangue manchando o uniforme: — Tenho certeza que vocês compreendem, 'emergência nacional'. Muitos homens leais foram mortos aqui hoje e nós não encontramos nenhum traidor, ainda. Até novas ordens, o senhor só deverá transmitir durante o dia, e só o que for absolutamente necessário. Todos os voos estão cancelados até decisão posterior.

— Está bem, major. Por falar nisso, onde está nosso operador de rádio, Massil?

— Ah, sim, o palestino. Ele está sendo interrogado.

— Posso perguntar por quê?

— Ligações com a OLP e atividades terroristas.

Ontem ele fora informado de que Massil confessara e que fora executado — sem uma chance de ver as provas nem de vê-lo. Pobre infeliz, Ayre pensou, fechando a porta da torre e ligando o

equipamento. Massil foi sempre leal a nós e agradecido pelo emprego, mesmo sendo superqualificado — diploma de engenheiro de comunicações da Universidade do Cairo, primeiro da classe, mas sem ter onde praticar e sem pátria. Maldição! Nós não damos valor aos nossos passaportes. Como seria não ter passaporte e ser, digamos, palestino? Deve ser terrível não saber o que vai acontecer em cada fronteira, onde cada funcionário da Imigração, policial, burocrata ou empregado é um inquisidor em potencial.

Graças a Deus eu nasci britânico e isto nem mesmo a Rainha da Inglaterra pode me tirar, embora o maldito governo trabalhista esteja alterando nossa herança ultramarina. Malditos sejam por cada australiano, canadense, neozelandês, africano, queniano, chinês e centenas de outros cidadãos britânicos que dentro em breve terão que ter um maldito visto para entrar em casa!

— Imbecis — resmungou. — Será que eles não percebem que esses são os filhos e filhas de homens que construíram o Império e morreram por ele, em muitos casos?

Esperou os rádios esquentarem. O zumbido deu-lhe prazer, luzes verdes e vermelhas piscando, e não se sentiu mais afastado do mundo. Espero que Angela e o pequeno Frederick estejam bem. Que droga não ter correio nem telefone e o telex estar mudo. Bem, talvez dentro em breve tudo esteja funcionando de novo.

Ligou o botão de transmissão, esperando que McIver ou alguém estivesse na escuta. Então notou que, por hábito, junto com o UHF e o HF, tinha ligado o radar. E se debruçou para desligá-lo. Nesse momento, um pequeno sinal apareceu na margem externa — na linha de trinta quilômetros a noroeste, quase oculto no meio da pesada cortina de montanhas. Perplexo, ele o estudou. A experiência mostrou-lhe logo que era um helicóptero. Certificou-se de que estava ligado em todas as frequências e quando tornou a olhar, viu o sinal desaparecer. Esperou, mas o sinal não tornou a aparecer. Ou ele desceu ou foi abatido, ou está se mantendo fora do alcance do radar, pensou.

Os segundos se arrastaram. Nenhuma mudança, só as linhas passando. Ainda nenhum sinal.

Seus dedos ligaram o botão de transmissão do UHF, e ele trouxe o microfone mais para perto, então hesitou, mudou de ideia e desligou-o. Não há necessidade de alertar os operadores da torre da base, se houver alguém de serviço lá, pensou. Franziu a testa para a tela. Com um lápis vermelho macio marcou a possível rota de aproximação a oitenta nós. Os minutos se passaram. Podia ter mudado para uma varredura a curta distância, mas não o fez, caso o sinal não estivesse se aproximando, mas sim, e isso era altamente irregular, estivesse se esgueirando por aquela área.

Agora ele deve estar a uns oito ou dez quilômetros, pensou. Apanhou o binóculo e começou a examinar o céu, de norte para oeste até o sul. Seus ouvidos ouviram passos leves na escada. Com o coração disparando, desligou o radar. A tela começava a ficar branca quando a porta se abriu.

— Capitão Ayre? — perguntou o aviador, vestido com um uniforme bem arrumado, um rosto persa, forte, bem barbeado, de vinte e tantos anos, e uma carabina do exército americano nas mãos.

— Sim, sou eu.

— Eu sou o sargento Wazari, o novo controlador de tráfego aéreo. — O homem encostou a carabina na parede, estendeu a mão e cumprimentou Ayre. — Olá, eu recebi um treinamento de três anos na Força Aérea americana e sou controlador militar. Cheguei a trabalhar seis meses no aeroporto Van Nuys. — Seus olhos tinham examinado todo o equipamento. — Isto aqui é bem completo.

— Sim, ahn, sim, obrigado. — Ayre se atrapalhou com o binóculo e finalmente se livrou dele. — O que, ahn, acontece no aeroporto Van Nuys?

— É uma pequena pista em San Fernando Valley, em Los Angeles, mas é o terceiro aeroporto mais movimentado dos Estados Unidos e deixa qualquer um maluco! — Wazari sorriu. — O tráfego é amador, a maioria dos caras são alunos que ainda não aprenderam a distinguir entre o próprio rabo e uma hélice, você tem que lidar com uns vinte ao mesmo tempo, oito no mínimo, todos querendo bancar o ás da aviação. — Ele riu. — É um grande lugar para se aprender controle de tráfego, mas depois de seis meses você está biruta.

— Este lugar aqui é bem tranquilo. Mesmo em épocas normais. Nós, ahn, nós não temos voos para fora, como você sabe. Acho que você não vai ter muito o que fazer. — Ayre forçou um sorriso, controlando-se para não examinar o céu.

— Claro. Eu só queria dar uma olhada já que vamos começar bem cedo amanhã. — Tirou do bolso do uniforme um papel e entregou-o a Ayre. — Temos três voos marcados para as plataformas locais, começando às oito horas, certo? — Sem pensar, ele apanhou um pano e limpou a tela do radar, arrumando também a mesa. O lápis vermelho voltou para o estojo.

— Estes voos foram autorizados por Esvandary? — E Ayre tornou a examinar a lista.

— Quem é ele? Ayre lhe disse.

— Bem, capitão — disse o sargento sorrindo —, o major Changiz ordenou-os pessoalmente, então pode apostar que eles estão confirmados.

— Ele... ele não foi preso junto com o coronel?

— É claro que não, capitão. O mulá Hussein Kowissi, indicou o major Changiz para ser o comandante temporário da base, dependendo de confirmação de Teerã. — Ele mexeu com segurança nos canais, ligando o rádio na frequência da base. — Alô, base, aqui é Wazari na S-G. Precisamos da autorização de Esvandary, da IranOil, para os voos de amanhã?

— Negativo — ouviu-se pelo alto-falante, de alguém com um sotaque americano. — Está tudo bem por aí?

— Sim. A decolagem foi realizada sem incidentes. Eu estou com o capitão Ayre agora. — O sargento examinou o céu enquanto falava.

— Ótimo. Capitão Ayre, aqui é o controlador-chefe de tráfego. Qualquer voo autorizado pelo major Changiz está automaticamente aprovado pela IranOil.

— Eu poderia ter isso por escrito, por favor?

— O sargento terá isso para você, com cópia, às oito horas da manhã, certo?

— Obrigado.

— Obrigado, base — disse Wazari, começando a desligar, então seus olhos se fixaram em alguma coisa. — Espere, base, temos um pássaro se aproximando. Helicóptero, 270 graus...

— Onde? Onde... Estou vendo! Como foi que ele passou pelo radar? Vocês estão com o radar ligado?

— Negativo. — O sargento ajeitou o binóculo. — Bell 212, registro... Não consigo ver, ele está de frente para nós. — Ligou o UHF. — Aqui é o controle militar de Kowiss! Helicóptero se aproximando, qual é o seu registro, qual é o seu destino e qual foi o seu ponto de embarque?

Silêncio, exceto pelo ruído de estática. A mesma coisa foi repetida pela base. Nenhuma resposta.

— Aquele filho da puta está em apuros — resmungou Wazari. Mais uma vez ele ajeitou o binóculo.

Ayre estava com um outro binóculo e seu coração disparara. Quando o helicóptero começou as manobras de pouso, ele leu o registro: — EP-HBX.

— Eco Peter Hotel Boston Xadrez! — disse o sargento, ao mesmo tempo.

— HBX — confirmou a base. Mais uma vez eles tentaram contato pelo rádio. Nenhuma resposta.

— Ele está dentro dos padrões regulares de pouso. Ele é daqui? Capitão Ayre, ele é um dos seus?

— Não, senhor, não é um dos meus, não está baseado aqui — acrescentou cautelosamente Ayre. — Mas HBX pode ser um registro da S-G.

— Baseado aonde?

— Não sei.

— Sargento, assim que esse sujeito pousar, prenda-o e a todos os passageiros, mande-os para o QG

sob escolta, depois faça-me um relatório rápido dizendo quem, por quê e de onde.

— Sim, senhor.

Pensativamente, Wazari escolheu um lápis vermelho e traçou na tela do radar a mesma linha que Ayre tinha desenhado e apagado. Ficou olhando para ela por um momento, sabendo que Ayre o

observava atentamente. Mas não disse nada, apenas tornou a limpar a tela e voltou a atenção para o 212.

Em silêncio, os dois homens na torre viram o aparelho fazer uma volta normal e depois frear corretamente e se dirigir para eles. Mas o helicóptero não fez nenhuma tentativa de pousar, apenas permaneceu na altitude correta e fez uma volta bem menor, balançando-se para os dois lados.

— O rádio não está funcionando. Ele quer uma permissão — disse Ayre, e estendeu a mão para as luzes de sinalização. — Certo?

— Claro, pode dar permissão, mas ele ainda está encencado.

Ayre verificou se as luzes estavam ligadas no verde, permissão para pousar. Dirigiu-as para o helicóptero e acendeu-as. O helicóptero fez um sinal, balançando para os dois lados e começou a se aproximar. Wazari apanhou a carabina e saiu. Mais uma vez Ayre ajustou o binóculo, mas não conseguiu reconhecer o piloto nem o homem que estava ao lado dele, os dois com roupas de inverno e óculos de voo. Então desceu correndo as escadas.

Outros funcionários da S-G, pilotos e mecânicos, tinham-se juntado para ver. Do lado da base, um carro se aproximava velozmente pela estrada. Manuela estava parada na porta do bangalô. As pistas de aterrissagem ficavam em frente ao prédio de escritórios. Agachados, sob um abrigo, estavam os quatro Faixas Verdes que tinham ficado para trás, com Wazari entre eles. Ayre notou que um deles era muito jovem, quase um adolescente, se atrapalhando com a metralhadora. No seu nervosismo, o rapaz deixou-a cair no chão, com o cano apontando diretamente para Ayre. Mas ela não disparou.

Enquanto olhava, o garoto apanhou-a pelo cabo, bateu com a coronha no chão para tirar a neve, e retirou descuidadamente um pouco mais de neve do gatilho. Havia algumas granadas penduradas no seu cinto — pelos pinos. Apressadamente, Ayre foi para perto dos mecânicos, protegendo-se.

— Maldito garoto! — disse um deles, nervosamente. — Ele vai mandar a ele mesmo para o inferno e nós vamos junto. O senhor está bem, capitão? Nós ouvimos 'Pé-quente' gritando como um louco.

— É, foi mesmo. HBX, de onde é ele, Benson?

— De Bandar Delam — respondeu Benson. Era um inglês gorducho, de cara vermelha. — Aposto que é Duke.

Quando o 212 baixou os deslizadores e cortou os motores, Wazari liderou a correria, com alguns dos guardas gritando "Allah-u Akbarr!" Cercaram o aparelho, com as armas apontadas.

— Malditos imbecis! — disse nervosamente Ayre. — Parecem personagens de comédia-pastelão.

Ainda não conseguia ver o piloto claramente, então se aproximou, rezando para ser Starke. As portas da cabine se abriram. Homens armados pularam lá de dentro, indiferentes aos rotores que ainda estavam girando, gritando saudações, dizendo aos outros para abaixarem as armas. No meio do pandemônio, alguém deu uma rajada de boas-vindas para o ar. Momentaneamente, todo mundo começou a se espalhar, depois, com mais gritos, se agruparam em frente às portas quando o carro chegou e mais homens correram para se juntar aos outros. Várias mãos ajudaram a retirar um mulá.

Ele estava gravemente ferido. Depois saiu uma maca. Depois mais feridos e Ayre viu Wazari correndo em sua direção.

— Vocês têm algum médico aqui? — perguntou com urgência na voz.

— Sim. — Ayre virou-se e pôs as mãos em volta da boca. — Benson, vá buscar o doutor e o assistente bem depressa. — Depois disse para o sargento, que voltava junto com ele para perto do helicóptero: — Que diabo está acontecendo?

— Eles estão vindo de Bandar Delam. Houve uma contra-revolução lá, os malditos fedayins...

Ayre viu a porta do piloto se abrir e Starke sair, e não ouviu o resto do que Wazari disse, correndo para a frente.

— Alô, Duke, meu velho. — Deliberadamente, manteve o rosto impassível e a voz normal, embora estivesse tão feliz por dentro que sentiu que podia explodir. — Por onde andou?

— Pescando, meu velho — disse Starke sorrindo, acostumado com a reserva britânica. — De repente, Manuela apareceu correndo no meio da multidão e caiu nos braços dele. Ele a levantou com facilidade e girou com ela.

— Ora, querida — disse com uma voz arrastada —, estou vendo que você gosta de mim, afinal.

Ela estava rindo e chorando ao mesmo tempo e ficou abraçada nele.

— Oh, Conroe, quando eu vi você tive vontade de morrer...

— Nós quase morremos mesmo, querida — disse involuntariamente, mas ela não ouviu e ele a abraçou mais uma vez e colocou-a no chão. — Fique aqui um instante enquanto eu ajeito as coisas.

Venha, Freddy.

Ele foi na frente, no meio da confusão. O mulá ferido estava no chão, encostado num dos deslizadores, inconsciente. O homem da maca já estava morto.

— Ponham o mulá na maca — Starke ordenou em farsi. Os Faixas Verdes que ele trouxera no helicóptero obedeceram imediatamente. Wazari, o único de uniforme ali, e os outros homens da base estavam estarecidos. Nenhum deles se dera conta da presença de Zataki, o líder revolucionário sunita que comandara a resistência em Bandar Delam e que agora estava encostado no helicóptero, observando tudo cautelosamente, disfarçado pela jaqueta de voo da S-G.

— Deixe-me dar uma olhada, Duke — disse o médico, sem fôlego por causa da corrida, com um estetoscópio pendurado no pescoço.

— Estou feliz por você estar de volta. — O dr. Nutt tinha uns cinquenta anos, era muito corpulento, tinha pouco cabelo e um nariz de beberrão. Ele se ajoelhou ao lado do mulá e começou a examinar o seu peito que estava empapado de sangue.

— É melhor o levarmos para a enfermaria o mais rápido possível. E os outros também.

Starke mandou dois homens que estavam perto carregarem a maca e seguirem o médico. Mais uma vez ele foi obedecido sem discussão pelos homens que trouxera com ele; os outros Faixas Verdes ficaram olhando para ele. Agora havia nove deles, incluindo Wazari e os quatro que tinham ficado.

— O senhor está preso — disse Wazari. Starke olhou para ele.

— Sob que acusação? — perguntou Starke, encarando-o.

— Ordens superiores, capitão. Eu apenas cumpro ordens — respondeu Wazari, hesitante.

— Eu também. Estarei aqui se quiserem conversar comigo, sargento. — Starke sorriu tranquilizadamente para Manuela que tinha empalidecido. — Volte para casa, querida. Não há motivo para se preocupar. — Ele se virou e foi para perto da porta lateral para olhar o que acontecia lá dentro.

— Sinto muito, capitão, mas o senhor está preso. Entre no carro. O senhor tem que ir para a base imediatamente.

Quando Starke se virou, deu de cara com o cano de uma arma. Dois Faixas Verdes pularam sobre ele, agarraram-lhe os braços, imobilizando-o. Ayre lançou-se para a frente, mas um dos Faixas Verdes enfiou-lhe um revólver no estômago. Os dois homens começaram a arrastar Starke para o carro. Outros vieram ajudar enquanto ele lutava, amaldiçoando-os. Manuela olhava, em pânico.

Então ouviu-se um berro de raiva e Zataki avançou, arrancou a carabina da mão de Wazari e lançou-a contra a cabeça dele. Só os ótimos reflexos de Wazari, bem treinado em boxe, fizeram com que ele desviasse a cabeça bem a tempo. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, Zataki gritou: — O que é que este cão está fazendo com uma arma? Vocês, seus idiotas, não sabem que o imã ordenou que todos os soldados depusessem as armas?

— Ouça, eu estou autorizado a... — Wazari parou, em pânico. Agora havia uma pistola na sua garganta.

— Você não está autorizado nem mesmo a cagar, até que o komiteh dê licença — disse Zataki. — Você já foi aprovado pelo komiteh!

— Não... não, mas...

— Então, por Deus e pelo Profeta, você é suspeito! — Zataki apertou a pistola contra a garganta de Wazari, depois fez um sinal com a outra mão. — Soltem o piloto e larguem as armas, ou por Deus e pelo Profeta, eu matarei todos vocês. — Quando ele agarrou a arma de Wazari, seus homens já tinham cercado os outros e agora os cobriam por trás. Nervosamente, os dois homens que mantinham Starke imobilizado o soltaram.

— Por que deveríamos obedecê-lo? — perguntou um deles. — Hein? Quem é você para nos dar ordens?

— Eu sou o coronel Zataki, membro do komiteh revolucionário de Bandar Delam, com a graça de Deus. O americano ajudou a nos salvar de um contra-ataque dos fedayins e trouxe o mulá e os outros que precisavam de assistência médica para cá. — Subitamente, sua raiva passou. Ele empurrou Wazari e o sargento se esparramou no chão. — Deixem o piloto em paz! Estão ouvindo? — Apontou e puxou o gatilho e a bala atravessou a gola do casaco de um dos homens que estavam ao lado de Starke. Manuela quase desmaiou e todos se espalharam. — Da próxima vez eu enfio uma bala no meio dos seus olhos! Você — ele rosnou para Wazari —, você está preso. Acho que você é um traidor, portanto vamos investigar. O resto pode ir com Deus, digam ao seu komiteh que eu terei prazer em vê-los. Aqui.

Fez sinal para que fossem embora. Os homens começaram a cochichar e Ayre aproveitou para se aproximar de Manuela e pôr a mão no seu ombro.

— Vá para dentro — murmurou. — Está tudo bem agora. — Viu Starke fazer sinal para eles saírem.

Concordou com a cabeça. — Vamos, Duke está dizendo para sairmos.

— Não... por favor, Freddy, eu... eu estou bem, juro. — Ela forçou um sorriso e continuou a rezar para que o homem com a pistola conseguisse dominar os outros e que tudo aquilo terminasse. Por favor, meu Deus, faça com que isso termine.

Todos ficaram observando em silêncio enquanto Zataki esperava, com a pistola na mão, o sargento ao chão, perto dos seus pés, aqueles que eram contra ele olhando-o fixamente, e Starke em pé no meio deles, sem saber se Zataki venceria. Zataki examinou o tambor da arma.

— Vão com Deus, todos vocês — disse de novo, com mais dureza desta vez, enfurecendo-se. — Vocês estão surdos?

Relutantemente, eles saíram. O sargento se levantou, lívido, e ajeitou o uniforme. Ayre viu que ele tentava, bravamente, esconder o terror.

— Você fique ali até eu dizer que pode se mexer. — Zataki olhou para Starke, que observava Manuela. — Piloto, temos que acabar de descarregar o aparelho. Depois os meus homens precisam comer.

— Sim. E obrigado.

— De nada. Essas pessoas não sabiam, eles não têm culpa. — Mais uma vez ele olhou para Manuela, com os olhos escuros examinando-a. — Sua mulher, piloto?

— Minha esposa — respondeu Starke.

— Minha esposa está morta, morreu no incêndio de Abadan com meus dois filhos. Foi a Vontade de Deus.

— Às vezes a Vontade de Deus é insuportável.

— A Vontade de Deus é a Vontade de Deus. Vamos terminar de descarregar.

— Sim. — Starke subiu para a cabine, com o perigo afastado apenas por enquanto, uma vez que Zataki era tão volátil quanto nitroglicerina. Dois feridos ainda estavam amarrados nos assentos bem como duas maçãs. Ele se ajoelhou ao lado de um deles. — Como está, meu velho? — perguntou baixinho, em inglês.

Jon Tyrer abriu os olhos e piscou, com uma bandagem suja de sangue em volta da cabeça.

— Bem... sim, bem. O que... o que aconteceu?

— Você está enxergando?

Tyrer pareceu surpreso. Olhou para Starke, depois esfregou os olhos e a testa. Para alívio de Starke, ele disse: — Claro, só que você está um pouco fora de foco e minha cabeça está doendo um bocado, mas posso vê-lo bem. É claro que posso vê-lo, Duke. O que foi que aconteceu?

— Durante o contra-ataque fedayim, hoje de madrugada, você foi apanhado por um fogo cruzado, uma bala pegou sua cabeça de raspão e você começou a correr em círculos como uma galinha degolada, gritando: "Não consigo enxergar... Não consigo enxergar..." Aí você desmaiou e ficou inconsciente até agora.

— Até agora? Maldição! — O americano espiou pela porta da cabine. — Onde estamos?

— Em Kowiss, achei melhor trazer você e os outros para cá depressa.

— Eu não me lembro de nada. Nada. Fedayims! Pelo amor de Deus, Duke, eu não me lembro nem de ter sido trazido para bordo.

— Fique quieto, meu velho. Eu explico mais tarde. — Ele se virou e chamou: — Freddy, arranje alguém para carregar Jon Tyrer para o médico — acrescentando em farsi, para Zataki, que olhava da porta: — Excelência Zataki, por favor, arranje gente para carregar seus homens para a enfermaria.

— Fez uma pausa. — Meu lugar-tenente, capitão Ayre, vai providenciar comida para todo mundo. O senhor gostaria de comer comigo? Na minha casa?

Zataki deu um sorriso estranho e sacudiu a cabeça.

— Obrigado, piloto — disse em inglês. — Vou comer com os meus homens. Esta noite nós precisamos conversar. O senhor e eu.

— Quando quiser. — Starke saltou para o chão. Os homens começaram a levar todos os feridos. Ele apontou para o bangalô. — Aquela é minha casa, o senhor é bem-vindo lá, Excelência.

Zataki agradeceu e foi embora, empurrando o sargento Wazari na frente. Ayre e Manuela juntaram-se a Starke. Ela tomou-lhe a mão.

— Quando ele puxou o gatilho, eu pensei... — Ela sorriu de leve e mudou para farsi. — Ah, meu amado, como o dia ficou belo agora que você está em segurança ao meu lado.

— E você ao meu lado — Starke sorriu para ela.

— O que aconteceu? Em Bandar Delam? — perguntou em inglês.

— Houve uma maldita batalha entre Zataki e seus homens e uns cinquenta esquerdistas, na base.

Ontem Zataki tomou a base em nome de Khomeini e da revolução. Eu tive um pega com ele quando cheguei lá, mas agora está tudo mais ou menos bem, embora ele seja psicótico, e mais perigoso que uma víbora. Mas o fato é que, de madrugada, os fedayins esquerdistas invadiram o aeroporto em caminhões e a pé. Zataki estava dormindo, bem como o resto dos seus homens, não havia sentinelas, nada. Você já soube que os generais capitularam e que Khomeini é o novo ditador?

— Sim, acabamos de saber.

— Quando percebi o ataque, já estava um pandemônio, balas por todo lado, entrando pelas paredes dos trailers. Eu, você me conhece, eu me abaixei e me arrastei para fora do trailer. Você está com frio, querida?

— Não, não querido. Vamos para casa. Estou precisando de um drinque... Oh, meu Deus...

— O que foi?

Mas ela já estava correndo para casa.

— O chili — eu deixei o chili no forno.

— Jesus Cristo — murmurou Ayre —, pensei que iam atirar em nós ou algo parecido.

— Vamos ter chili? — perguntou Starke rindo.

— Sim. Bandar Delam?

— Não há muito o que contar, Freddy. — Eles começaram a caminhar para casa. — Eu evacuei o trailer. Acho que os atacantes imaginaram que Zataki e seus homens estavam dormindo lá, mas Zataki tinha posto todo mundo para dormir nos hangares, guardando os helicópteros. Freddy, eles são paranoicos em relação aos helicópteros, acham que vamos fugir neles, ou usá-los para retirar a Savak, os generais ou os inimigos da revolução. De qualquer modo, o velho Rudi e eu, nós estávamos abrigados atrás de um reservatório de lama, então alguns daqueles novos filhos da mãe, não se conseguia distinguir uns dos outros, exceto pelo fato dos homens de Zataki gritarem "Allah-u Akbar" enquanto morriam, alguns dos fedayins começaram a atirar nos hangares bem na hora em que Jon Tyrer saía do trailer. Eu o vi cair e fiquei louco. Não vá contar para Manuela. Aí tirei o revólver de um deles e comecei minha guerrinha particular para chegar até Jon. Rudi... — Starke começou a rir. — Aquele é um filho da puta! Rudi também conseguiu uma arma e nós parecíamos Butch Cassidy e Sundance Kid...

— Deus Todo-Poderoso, vocês deviam estar malucos!

— E estávamos, mas conseguimos tirar Jon da linha de fogo e então Zataki e três dos seus homens saíram de um hangar e atacaram como selvagens. Mas, que diabo, ficaram sem munição. Os pobres filhos da mãe ficaram lá parados e eu nunca vi ninguém tão desprotegido. — Ele deu de ombros. — Rudi e eu achamos que não

era justo deixar que eles fossem mortos como patos e Zataki tinha sido legal depois que o mulá Hussein saiu, e nós, ahn, chegamos a um acordo. Então atiramos por cima da cabeça dos atacantes e isso deu uma chance a Zataki e aos outros para se abrigarem. — Mais uma vez ele deu de ombros. — Foi isso o que aconteceu — disse. Estavam perto do bangalô. Starke farejou o ar. — Vamos ter chili mesmo, Freddy?

— Sim, a não ser que tenha queimado. Foi só o que aconteceu?

— Claro, exceto que quando o tiroteio acabou achei melhor que viéssemos para Kowiss e para o doutor Nutt. O mulá parecia mal e eu estava assustado com Jon. Zataki disse: "Claro, por que não, eu preciso ir para Isfahan" e aqui estamos. O rádio escangalhou no caminho; eu podia ouvir mas não podia transmitir. Só isso.

Ayre viu-o farejar o ar de novo, sabendo que um psicopata como Zataki jamais teria dado a Starke a autoridade que lhe dera — nem o teria protegido — por tão pouco.

O texano abriu a porta do bangalô. Imediatamente, o cheiro gostoso dos temperos o invadiu, transportando-o para casa, para o Texas, a terra de Deus, e milhares de refeições. Manuela tinha um drinque pronto para ele, do jeito que ele gostava. Mas não bebeu, foi direto para a cozinha, apanhou a colher de pau e provou o ensopado. Manuela ficou olhando, quase sem respirar. Ele provou uma segunda vez.

— O que acham disso? — disse alegremente. Era o melhor chili que ele já tinha comido.

25

EM DEZ DAM: 16:31H.

O 212 de Lochart estava estacionado do lado de fora do barracão que servia de hangar, perto de uma área de pouso bem cuidada que ficava ao lado do pátio de pedras da casa. Lochart estava trepado no helicóptero, checando a coluna do rotor com a sua infinidade de juntas, pinos de segurança — e pontos perigosos — mas não encontrou nada de errado.

Cuidadosamente, desceu e limpou as mãos sujas de graxa.

— Tudo bem? — perguntou Ali Abbasi, estendido ao sol. Ele era o jovem e bonito piloto de helicóptero iraniano que ajudara a soltar Lochart na base aérea de Isfahan pouco antes do amanhecer, e viera com ele na cabine até aqui. — Está tudo bem?

— Claro — disse Lochart. — Está perfeito e pronto para partir.

Era um dia bonito, quente e sem nuvens. Quando o sol se pusesse, dentro de uma hora mais ou menos, a temperatura cairia uns vinte graus ou mais, mas isso não tinha importância. Ele sabia que não sentiria frio porque os generais sempre se cuidam — e cuidam daqueles que são necessários à sua sobrevivência.

No momento eu sou necessário para Valik e para o general Seladi, mas só no momento, pensou.

Risos abafados vieram da casa e também dos que estavam tomando sol ou nadando nas águas azuis do lago, lá embaixo. A casa parecia incongruente no meio daquele deserto — um bangalô moderno, de um só andar, espaçoso, com quartos, e aposentos separados para empregados. Localizava-se numa pequena elevação dando para o lago e para a represa, e era a única naquela região. Em volta do lago e da represa havia uma zona árida — com colinas rochosas projetando-se de um platô alto, desprovido de vegetação. Os únicos meios de acesso eram a pé ou por ar, de helicóptero ou

num avião leve, que pudesse pousar na estreita pista de terra que fora aberta no terreno acidentado.

Duvido que um pequeno avião de dois motores consiga pousar aqui, pensara Lochart, ao vê-la pela primeira vez. Tem que ser de um monomotor. E não há jeito de subir de novo — se descer tem que ficar. Mas é um ótimo esconderijo, quanto a isto não há dúvida — simplesmente ótimo.

Ali se levantou e se espreguiçou.

Tinham chegado lá de manhã, depois de um voo sem incidentes. Seguindo as ordens e as instruções do general Seladi, modificadas em voz baixa pelo capitão Ali, Lochart se mantivera perto do chão, esgueirando-se pelos desfiladeiros, evitando todas as cidades e aldeias. O rádio ficara ligado todo o tempo. A única transmissão que escutaram foi um comunicado maldoso de Isfahan, repetido várias vezes, sobre um 212 cheio de traidores que estava fugindo em direção ao sul e que deveria ser interceptado e abatido.

— Eles não deram os nossos nomes, nem o nosso registro — disse excitadamente Ali. — Devem ter esquecido de anotá-los.

— E que diferença faz? — retrucara Lochart. — Devemos ser o único 212 no céu.

— Não faz mal. Mantenha-se no máximo a trinta metros e vire para oeste. Lochart ficara estarecido, pois pensara estarem se dirigindo para Bandar Delam, que ficava quase na rota sui.

— Para onde estamos indo?

— Esqueça-se das marcações, eu vou guiá-lo daqui em diante.

— Para onde estamos indo?

— Para Bagdá. — Ali rira.

Ninguém dissera a ele para onde estavam indo até estarem prontos para pousar, e nessa altura, a pouco mais de trezentos quilômetros de Isfahan, voando muito baixo o tempo todo, com ventos contrários, consumindo exageradamente combustível, muito além do máximo previsto — com o ponteiro no vazio. Ali rezava abertamente.

— Se nós pousarmos neste ermo, nunca mais sairemos daqui, e quanto ao combustível?

— Há muito combustível lá, quando chegarmos... Deus seja louvado! — Dissera Ali, excitado quando passaram sobre um cume e viram o lago e o dique. — Deus seja louvado!

Lochart repetira o agradecimento e pousara rapidamente. Ao lado da pista de pouso havia um tanque subterrâneo de vinte mil litros e o barracão-hangar. Lá havia algumas ferramentas e bombas de ar para os pneus, e esquis aquáticos e equipamentos de barco.

— Vamos guardar o aparelho — disse Ali. Juntos, empurraram o 212 para o barracão, onde ele entrou com dificuldade, colocando calços nas rodas. Enquanto Lochart ajustava a tranca do rotor, notou três asas voadoras numa prateleira. Estavam cobertas pela poeira e rasgadas.

— De quem são?

— Este costumava ser o local de fim-de-semana do general da Força Aérea Imperial, Hassayn Aryani. Eram dele.

Lochart assoviou. Aryani era o chefe lendário da Força Aérea que, segundo boatos, também fora uma espécie de capitão da Guarda Pretoriana do tempo dos romanos para o xá, seu confidente e casado com uma de suas irmãs. Ele tinha morrido num acidente com uma asa voadora há dois anos.

— Foi aqui que ele morreu?

— Sim. — Ali apontou para o outro lado do lago. — Dizem que ele pegou uma turbulência e caiu naqueles penhascos.

— Dizem? Você não acredita nisto? — perguntou Lochart.

— Não. Tenho certeza de que ele foi assassinado. Na Força Aérea a maioria pensa como eu.

— Você quer dizer que a asa dele foi sabotada?

— Não sei. — Ali deu de ombros. — Talvez sim, talvez não, mas ele era muito cuidadoso e era um piloto bom demais para entrar numa turbulência. Aryani nunca voaria com mau tempo. — Lá embaixo, podiam ouvir vozes e risos e ver os filhos de Valik brincando perto do lago. — Ele usava um barco a motor para levantar voo. Colocava esquis aquáticos, segurava numa corda comprida, amarrada ao barco que corria pelo lago e quando já estava a grande velocidade, largava os esquis e subia até uns

duzentos, trezentos metros, depois descia em espiral até pousar a poucos centímetros daquele flutuador.

— Ele era assim tão bom?

— É, era sim. Era bom demais e por isso é que foi assassinado.

— Por quem?

— Não sei. Se eu soubesse, ele ou eles já estariam mortos há muito tempo.

— Você o conhecia, então? — perguntou Lochart, percebendo o tom de adoração na voz dele.

— Fui seu ajudante-de-ordens, um dos seus ajudantes-de-ordens, durante um ano. Ele foi o homem mais fantástico que conheci... o melhor general, o melhor piloto, o melhor esportista, esquiador, tudo.

Se estivesse vivo agora, o xá nunca teria sido enganado por estrangeiros ou enfeitado pelo nosso arquiinimigo Carter, o xá nunca teria partido, o Irã não mergulharia no abismo e os generais não nos teriam traído. — O rosto de Ali Abbasi contorceu-se de raiva. — É impossível conceber que pudéssemos ser atraídos desse modo, com ele vivo.

— Então quem o matou? Os partidários de Khomeini?

— Não, não há três anos atrás. Ele era notoriamente nacionalista, xiita, embora moderno. Quem? O Tudeh, os fedayins ou qualquer fanático da esquerda, da direita ou do centro que quisesse ver o Irã enfraquecido. — Ali olhou para ele, olhos escuros num rosto esculpido em pedra. — Existem até os que dizem que certas pessoas em altos postos temiam seu poder e sua popularidade crescentes.

Você quer dizer que o xá poderia ter ordenado a sua morte?

— Não. Não, é claro que não, mas ele era uma ameaça para aqueles que desencaminharam o xá. Ele era um *farmandeh*, um comandante do povo. Era uma ameaça para muita gente: para os interesses britânicos, porque apoiou o primeiro-ministro Mossadegh que nacionalizou a Petróleo Anglo-Iraniana, apoiou o xá e a OPEP quando quadruplicaram o preço do petróleo. Ele era pró-Israel, embora não antiárabe, era, portanto, uma ameaça para a OLP e para Yasir Arafat. Também podia ser considerado uma ameaça aos

interesses americanos... para uma ou todas as Sete Irmãs, porque não ligava a mínima para elas nem para ninguém. Ninguém. Pois era, acima de tudo, um patriota.

— Ali tinha um olhar estranho. — O assassinato é uma arte antiga no Irã. Ibn-al-Sabbah não foi um de nós? — Sorriu com os lábios, mas não com os olhos.

— Nós somos diferentes aqui.

— Desculpe, quem é Ibn-al-Sabbah?

— O Velho Homem das Montanhas, Hassan Ibn-al-Sabbah, o líder religioso Isma'ili que criou, no século XI, os Assassinos, e o culto ao assassinato político.

— Oh, claro, desculpe, não estava raciocinando. Ele não era amigo de Ornar Khayyam?

— Algumas lendas dizem que sim. — A expressão de Ali era dura. — Ayrani foi assassinado, por quem, ninguém sabe. Ainda. — Juntos, fecharam a porta do barracão.

— E agora? — perguntou Lochart.

— Agora nós vamos esperar. Depois prosseguimos. — Para o exílio, pensou Ali. Não importa, será apenas temporário e pelo menos eu sei para onde estou indo, não como o xá, pobre homem, que é um proscrito. Eu posso ir para os Estados Unidos.

Só ele e seus pais sabiam que ele tinha um passaporte americano. Como papai foi esperto, ele pensou: — Nunca se sabe, meu filho, o que Deus nos reserva — dissera seu pai em tom grave. — Eu o aconselho a pedir um passaporte enquanto pode. As dinastias nunca duram, só as famílias. Os xás vêm e vão, devoram-se uns aos outros, e os dois Pahlavi juntos somam apenas 54 anos como Suas Majestades Imperiais. Quem era Reza Khan antes de se coroar Rei dos Reis? Um soldado aventureiro, filho de camponeses analfabetos de Mazandaran, perto do Cáspio.

— Mas, papai, não há dúvida de que Reza Khan foi um homem especial. Sem ele e Muhammad Reza nós ainda seríamos escravos dos ingleses.

— Os Pahlavi foram úteis para nós, meu filho, de muitas maneiras. Mas o Rez Xá falhou, ele falhou consigo mesmo e conosco, por acreditar estupidamente que os alemães ganhariam a

guerra e por tentar apoiar o Eixo, dando aos ingleses uma desculpa para depô-lo e exilá-lo.

— Mas, papai, o Muhammad Xá não pode falhar! Ele é mais forte do que seu pai jamais o foi.

Nossas Forças Armadas causam inveja ao mundo todo. Temos mais aviões que os ingleses, mais tanques que os alemães, mais dinheiro que Crespo, a América é nossa aliada, somos a maior potência militar e política do Oriente Médio e Próximo, e os líderes estrangeiros se curvam diante dele... até Brezhnev.

— Sim, mas ainda não sabemos qual é a Vontade de Deus. Consiga o passaporte.

— Mas um passaporte americano pode ser muito perigoso, você sabe como dizem que quase tudo passa pela Savak e chega até o xá! E se ele ficasse sabendo, ou o general Aryani? Isto seria a minha ruína na Força Aérea.

— E por quê? Pois é claro que você lhes diria orgulhosamente que tinha tirado o passaporte e o mantivera em segredo para o dia em que pudesse usá-lo para o bem dos Pahlavi. Hein?

— É claro!

— Abra os olhos para o mundo, meu filho, as promessas dos reis não têm nenhum valor, elas são feitas por conveniência. Se este xá ou o próximo, ou mesmo o seu grande general tivessem que escolher entre a sua vida e alguma coisa de mais valor para eles, o que escolheriam? Não confie em príncipes, nem em generais, nem em políticos, eles o venderão, a você, à sua família, à sua herança por uma pitada de sal para pôr num prato de arroz que nem se darão ao trabalho de provar...

Como isso era verdade! Carter vendeu a nós e também seus generais, depois vendeu o xá e seus generais, e nossos generais fizeram o mesmo conosco. Mas como puderam ser tão estúpidos a ponto de decretar seu próprio fim? Ele se perguntou, estremeando ao pensar no quanto estivera perto da morte em Isfahan. Devem ter enlouquecido!

— Está frio na sombra — disse Lochart.

— Sim, está. — Ali o olhou e tentou esquecer a ansiedade. Os generais são todos iguais. Meu pai tinha razão. Mesmo estes dois

filhos da mãe, Valik e Seladi, eles nos teriam vendido a todos se fosse necessário, e ainda são capazes disso. Precisam de mim porque sou o único que pode pilotar para eles, fora esse pobre idiota que não sabe da encrenca em que está metido.

— Livre-se deste Lochart — dissera Seladi. — Por que levá-lo para um lugar seguro? Ele deveria ter-nos deixado em Isfahan, por que não deixá-lo aqui? Morto. Não podemos deixá-lo vivo, ele nos conhece e nos trairia.

— Não, meu tio Excelência — respondera Valik. — Ele nos é mais útil como presente para os kuwaitianos ou os iraquianos, eles podem prendê-lo ou extraditá-lo. Foi ele quem roubou um helicóptero iraniano e concordou em transportar-nos por dinheiro. Não foi?

— Sim. Mesmo assim, ele ainda pode dar os nossos nomes para os revolucionários.

— Nessa hora já estaremos em segurança com nossas famílias.

— Eu digo para acabar com ele... ele nos teria sacrificado. Acabe com ele e vamos para Bagdá, não para o Kuwait.

— Por favor, Excelência, reconsidere. Lochart é o piloto mais experiente..

Ali olhou para o relógio. Só faltavam trinta minutos para a partida. Viu Lochart olhar para a casa onde Valik e Seladi estavam. Eu me pergunto quem venceu, Valik ou Seladi? É uma prisão kuwaitiana ou iraquiana para este pobre imbecil ou uma bala na cabeça? Imagino se o enterrarão depois de matá-lo ou se apenas o deixarão para os abutres.

— O que foi? — perguntou Lochart.

— Nada. Nada, capitão, só estava pensando como tivemos sorte em escapar de Isfahan.

— Sim, e ainda acho que lhe devo a vida. — Lochart estava certo de que se Ali e o major não o tivessem libertado ele teria acabado diante de um tribunal do komiteh. E se ele fosse apanhado agora? A mesma coisa. Não se permitira pensar em Xarazade nem em Teerã e nem em um plano. Isso vem depois, tornou a dizer a si mesmo. Depois que você vir o que vai acontecer e onde você vai parar.

Para onde eles estão planejando ir? Para o Kuwait? Ou talvez saltar rapidamente sobre a fronteira até o Iraque? O Iraque

geralmente é hostil com os iranianos, isso seria arriscado. O Kuwait é fácil de alcançar daqui e a maioria dos kuwaitianos é sunita e portanto anti-Khomeini. Mas para chegar lá, você tem que atravessar um bocado de espaço aéreo problemático com iranianos ou iraquianos nervosos, agitados e rápidos no gatilho. Nos próximos cem quilômetros deve haver umas vinte bases aéreas iranianas, prontas para o combate, com aviões preparados e dezenas de pilotos apavorados, loucos para provar sua lealdade ao novo regime. E quanto à sua promessa a McIver de não levá-los na última parte da viagem? Por causa de Isfahan, você agora está marcado. Não há chance dos revolucionários terem esquecido seu nome e seu registro. Viu alguém anotar seu nome? Não, acho que não. Mesmo assim, é melhor dar o fora enquanto pode, você está envolvido numa fuga, homens foram mortos em Isfahan. Para qualquer lado que se vire, você está marcado. E quanto a Xarazade? Não posso deixá-la. Talvez tenha que fazê-lo. Ela está a salvo em Teerã. E se eles forem procurá-lo e Xarazade abrir a porta e eles quiserem levá-la em seu lugar?



— Gostaria de uma bebida gelada — disse, com a boca subitamente seca. — Poderia tomar uma Coca, ou algo assim?

— Vou ver. — Ambos viraram a cabeça quando os filhos de Valik vieram correndo pelo caminho que dava no lago, seguidos de perto por Annoush.

— Ah — ela lhes disse com seu sorriso alegre, mas com olheiras fundas em volta dos olhos. —, está um dia maravilhoso, não é? Estamos com muita sorte.

— Sim — responderam e ficaram imaginando como uma mulher como ela podia ter casado com um homem daqueles. Ela era uma mulher agradável de se olhar e uma mãe maravilhosa.

— Capitão Abbasi, onde está meu marido?

— Está na casa, Alteza, junto com os outros — disse Ali. — Posso acompanhá-la? Estava indo para lá.

— O senhor poderia procurá-lo, por favor, e pedir-lhe para vir falar comigo?

Ali não queria deixá-la sozinha com Lochart, pois ela estava presente quando Valik e Seladi contaram seu plano a ele, pedindo-lhe conselho quanto ao destino da viagem — embora não tivessem mencionado a eliminação de Lochart, isso fora dito mais tarde.

— Não gostaria de incomodar o general sozinho, Alteza, talvez pudéssemos ir juntos.

— Por favor, encontre-o para mim. — Ela era tão autoritária quanto o general, embora falasse educadamente e sem ofender.

Ali deu de ombros. Insha'Allah, pensou, e afastou-se. Quando estavam a sós, com as duas crianças correndo em volta do barracão, brincando de esconder, Annoush tocou gentilmente em Lochart.

— Ainda não lhe agradei pelas nossas vidas, Tommy.

Lochart ficou perplexo. Era a primeira vez que ela o chamava pelo nome. Ele tinha sido sempre 'capitão Lochart' ou 'meu primo' ou 'Sua Excelência, o marido de Xarazade'.

— Fiquei feliz em poder ajudar.

— Sei que você e o velho Mac fizeram isso pelas crianças e por mim. Não fique tão surpreso, meu caro, eu conheço os pontos positivos do meu marido e... e as suas fraquezas. Qual é a mulher que não conhece? — Seus olhos encheram-se de lágrimas. — Sei o que isso significa para você. Você arriscou a vida, a de Xarazade, o seu futuro no Irã e talvez a sua companhia.

— Não a de Xarazade. Não, ela está perfeitamente segura. Seu pai, Excelência Bakravan, vai mantê-la em segurança até que ela possa sair. É claro que está segura. — Ele viu os olhos castanhos de Annoush e o que leu neles fez seu coração se contrair.

— Rezo por isso com toda a minha alma, Tommy, e peço a Deus que me conceda este desejo. — Ela afastou as lágrimas. — Nunca me senti tão triste em toda a minha vida. Nunca pensei que pudesse sentir tanta tristeza. Tristeza por estar fugindo, por aquele pobre soldado morrendo na neve, pela nossa família e pelos nossos amigos que têm que ficar, tristeza por ninguém estar mais seguro no Irã.

Tenho tanto medo de que todo o nosso círculo vá ser perseguido pelos mulás, nós sempre fomos, como posso dizer? Modernos demais e... progressistas demais. Ninguém mais está seguro aqui. Nem mesmo o próprio Khomeini.

Lochart viu-se respondendo Insha'Allah, mas já não estava prestando atenção nela, subitamente apavorado com a ideia de nunca mais tornar a ver Xarazade, de nunca mais poder voltar ao Irã ou conseguir tirá-la de lá.

— Tudo vai voltar ao normal em breve, poderemos viajar e tudo o mais. É claro que vai. Em poucos meses, tem que ser. É claro que tudo vai voltar ao normal em breve.

— Espero que sim, Tommy, pois eu amo a sua Xarazade e odiaria não poder tornar a vê-la e nem ao pequenino.

— Hein? — Ele a olhou embasbacado.

— Oh, mas é claro que você ainda não sabe — disse ela, depois enxugou o resto das lágrimas. — Era muito cedo para você saber. Xarazade me disse que tinha certeza que estava carregando o seu primogênito.

— Mas... mas, bem ela... — Não pôde continuar, ao mesmo tempo horrorizado e extasiado. — Ela não pode estar!

— Oh, ela ainda não tinha certeza, Tommy, mas sentia que sim. Às vezes uma mulher sabe. A gente se sente tão diferente, tão diferente e tão bem, tão realizada — acrescentou, agora com uma voz plena de felicidade.

Lochart tentava fazer a cabeça trabalhar, completamente consciente de que seria impossível para ela compreender o turbilhão que criara dentro dele. Deus Todo-Poderoso, pensou, Xarazade?

— Ainda faltam alguns dias para ela ter certeza — dizia Annoush. — Acho que três ou quatro.

Deixe-me pensar. Sim, incluindo hoje, terça-feira, mais quatro dias para ter certeza. Seria no dia seguinte à visita ao pai dela — disse delicadamente. — Você deveria vê-lo neste dia santo, sexta-feira, dia 16, pelas suas contas, não é?

— Sim — disse Lochart. Como se eu pudesse esquecer. — A senhora sabia disso?

— É claro. — Annoush ficou espantada com a pergunta. — Um pedido tão extraordinário como este, e uma decisão tão importante teriam que ser conhecidos por todos nós. Oh, não seria maravilhoso se ela estivesse esperando bebê? Você não disse a Excelência Bakravan que queria filhos? Espero que ela tenha sido abençoada por Deus, pois isto certamente fará com que ela fique feliz durante o tempo que levaremos para tirá-la de lá. O Kuwait não é longe. Só lamento que ela não tenha vindo conosco.

Isso teria tornado as coisas perfeitas.

— Kuwait?

— Sim, mas não ficaremos lá. Iremos para Londres. — Mais uma vez ela mostrou tristeza. — Não quero deixar a nossa casa e os nossos amigos e... eu não...

Atrás dela, Lochart viu a porta da casa se abrir. Valik e Seladi saíram acompanhados por Ali. Ele notou que os três homens estavam usando armas agora. Devia haver um esconderijo de armas aqui, pensou distraidamente enquanto Ali batia continência e corria pelo caminho em direção ao lago.

Radiantes, as duas crianças vieram correndo de trás do barracão e se jogaram nos braços de Valik.

Ele girou a garotinha no ar e colocou-a no chão.

— Sim, Annoush? — perguntou à esposa.

— Você queria que eu e as crianças estivéssemos aqui exatamente nesta hora.

— Sim. Por favor arrume Setarem e Jalal. Partiremos em breve.

— Imediatamente, as crianças saíram correndo para dentro da casa.

— Capitão, o helicóptero está pronto?

— Sim, está.

— Por favor, apronte-se, querida.

— Eu só preciso apanhar o meu casaco. Estou pronta para partir.

— Ela sorriu e não se moveu. O resto dos oficiais vinha se aproximando. Vários carregavam rifles automáticos.

Lochart tirou da cabeça Xarazade e o dia santo e mais quatro dias e quebrou o silêncio.

— Qual é o plano?

— Bagdá. Nós partiremos em poucos minutos — respondeu Valik — Pensei que fôssemos para o Kuwait — disse Annoush.

— Decidimos ir para Bagdá. O general Seladi acha que será mais seguro do que se dirigir para o sul.

— Valik não parava de observar Lochart. — Quero estar no ar dentro de dez minutos.

— Eu o aconselharia a esperar até duas ou três horas da manhã e..

— Nós poderíamos ficar presos aqui. — Seladi interrompeu friamente. — Soldados poderiam preparar-nos uma emboscada. Há uma base aérea aqui perto, eles poderiam mandar uma patrulha. Você não entende de assuntos militares. Vamos partir imediatamente para Bagdá.

O Kuwait é melhor e mais seguro, mas em ambos os lugares o helicóptero será apreendido sem uma certidão iraniana. — disse Lochart.

— Talvez sim, talvez não — respondeu Valik, calmamente. — Baksheesh e algumas ligações farão muita diferença. — Você, intruso na minha família, pensou satisfeito, você e mais a oferta do 212 serão um presente que satisfará até os iraquianos, pois nós certamente concordamos que você o pilotou ilegalmente. Até mesmo o certificado que você conseguiu em Teerã foi ilegal. Os iraquianos vão compreender e não nos molestarão. A maioria deles odeia e teme Khomeini e a sua versão do Islã. Com você, o 212 e um pouco mais por fora, por que eles me criariam problemas?

Percebeu que Lochart o observava.

— Sim?

— Eu acho Bagdá uma má escolha.

— Vamos partir agora. — Disse o general Seladi, com rispidez. Lochart enrubesceu com a grosseria.

Alguns dos outros homens se mexeram nervosamente.

— Não há dúvida que o senhor vai partir quando o aparelho estiver pronto e o piloto também. O senhor já voou por estas montanhas?

— Não... não, nunca, mas o 212 tem teto e é para Bagdá que nós vamos. Agora!

— Então eu lhe desejo sorte. Eu ainda aconselho o Kuwait e que partam mais tarde, mas o senhor faça como quiser, porque não vou levá-los.

Houve um silêncio ainda mais longo. Seladi ficou vermelho.

— Você vai se preparar para partir, agora.

— No caminho para Isfahan — Lochart disse a Valik —, eu lhe informei que não faria a última parte da viagem. Não vou levá-los para fora do país. Ali pode fazer isso, ele é perfeitamente qualificado.

— Mas agora você está sendo tão procurado quanto nós — disse Valik, estarecido com a estupidez dele. — É claro que você vai pilotar na última parte da viagem.

— Não, não vou. Vou sair daqui a pé. É claro que vocês não podem perder tempo deixando-me em algum lugar. Ali pode levá-los, ele esteve baseado nesta região e conhece o radar. Deixe-me apenas um rifle e eu vou para Bandar Delam. Certo?

Os outros olharam de Lochart para Seladi e Valik. Esperando.

Valik refletiu sobre este novo problema. Seladi também. Os dois homens chegaram à mesma conclusão: Insha'Allah\ Lochart escolhera ficar e portanto escolhera as consequências.

— Muito bem — disse calmamente Valik. — Ali vai nos levar. — Ele sorriu e então, porque respeitava Lochart como piloto, acrescentou rapidamente: — Como somos um povo muito democrático, eu sugiro que votemos: Iraque ou Kuwait?

— Kuwait — disse imediatamente Annoush, e os outros fizeram coro com ela antes que Seladi pudesse interromper.

Ótimo, Valik pensou, eu me deixei convencer porque Seladi afirmou conhecer o chefe de polícia de Bagdá e disse que uma permissão de trânsito para mim e minha família e para ele não custaria mais de vinte mil dólares em moeda americana, o que seria muito mais barato do que no Kuwait. Quanto os outros terão que pagar é problema deles: espero que tenham dinheiro com eles ou uma maneira de arranjá-lo rapidamente.

— O senhor concorda, é claro, meu tio Excelência? Kuwait. Obrigado, capitão. Talvez o senhor possa comunicar a Ali que ele vai pilotar. Ele está lá embaixo no lago.

— Claro. Vou apanhar as minhas coisas. O senhor vai me deixar um rifle?

— É claro.

Lochart entrou no barracão.

— Tirem o helicóptero para podermos partir — disse Seladi. Eles foram cumprir as ordens. Lochart saiu, colocou sua mochila de voo e sua mala ao lado da porta e foi andando em direção ao lago.

Seladi ficou observando-o, depois caminhou impaciente em direção ao 212.

— Sim, Annoush? — perguntou Valik, ao perceber que sua mulher o observava.

— O que está planejado para o capitão Lochart? — Ela perguntou baixinho embora ninguém pudesse ouvi-los.

— Ele... você ouviu o que ele disse. Ele se recusa a nos levar e quer ficar. Ele vai sair daqui a pé.

— Eu sei como a sua cabeça trabalha, querido. Você vai mandar matá-lo? — Havia um sorriso gentil no seu rosto. — Assassiná-lo?

— Assassinato não seria a palavra correta. — Ele sorriu. — Tenho certeza que você concorda que Lochart representa um grande perigo agora. Eles nos conhece, sabe os nossos nomes. As nossas famílias vão sofrer quando ele for preso, torturado e condenado. É a Vontade de Deus. Ele fez a escolha. Seladi queria que isto fosse feito de qualquer maneira. Uma decisão militar. Eu disse que não, que ele nos levaria adiante.

— Para ser sacrificado no Kuwait, ou em Bagdá?

— Seladi deu as ordens para Ali, não eu. Lochart está marcado, pobre homem. É trágico mas necessário. Você concorda, não?

— Não, meu querido, sinto muito mas não concordo... Então, se ele for ferido, se tocarem nele aqui, muita gente vai se arrepender.

— O sorriso de Annoush não mudou. — Você também, meu querido.

O rosto dele ficou vermelho. Os homens já tinham puxado o 212 para fora e agora o empurravam. Ele baixou a voz.

— Você não ouviu, Annoush querida, ele é uma ameaça! Ele não é um de nós, Jared mal o tolera e eu juro que ele é um grande perigo para nós, para aqueles que ficaram para trás. Tanto para a sua família quanto para a minha, — Você não ouviu o que eu disse,

marido? Eu juro que conheço muito bem os perigos, mas se ele for morto aqui, assassinado, você também será morto.

— Não seja ridícula!

— Um dia você vai dormir e não vai acordar. Será a Vontade de Deus. — Seu sorriso não mudou e nem a doçura da sua voz.

Valik hesitou, depois fechou a cara e se dirigiu apressadamente para o lago. As crianças vieram correndo da casa e ela disse gentilmente: — Esperem aqui, meus queridos, eu volto num instante. Projetada sobre o lago, apoiada em estacas, havia uma área aberta dos lados para churrasco e bar, sob uma cobertura elegante, com alguns degraus que iam até a água para esquiadores ou para o barco a motor que estava amarrado ali perto.

Lochart estava na beira da água, de mãos para cima.

Ali estava com a automática apontada. As ordens de Seladi tinham sido claras: "Vá para o lago e espere. Ou nós o chamaremos de volta ou mandaremos o piloto buscá-lo. Se o piloto for procurá-lo, mate-o e volte imediatamente."

Ele detestara aquela ordem. Bombardear ou atacar revolucionários ou revoltosos de cima de um helicóptero de combate não era assassinato, mas isto era assassinato. Seu rosto estava pálido, ele nunca tinha matado antes e pediu perdão a Deus, mas uma ordem era uma ordem.

— Sinto muito — disse, quase sem poder falar e começou a puxar o gatilho.

Neste instante, as pernas de Lochart pareceram ceder e ele caiu de lado na água. Automaticamente, Ali seguiu-lhe o movimento, mirou no meio das costas como se estivesse praticando tiro ao alvo, sabendo que nunca poderia errar daquela distância. Fogo!

— Pare!

A fração de segundo em que ele hesitou foi tempo suficiente para que o seu cérebro ouvisse a ordem e a obedecesse de boa vontade. Aliviado, sentiu o dedo aliviar a pressão no gatilho. Valik correu até ele e os dois examinaram a água, escura e profunda. Esperaram. Lochart não apareceu.

— Talvez ele esteja debaixo dos degraus, ou do flutuador — disse Ali, enxugando o suor do rosto e das mãos, e agradecendo a Deus

por não ter o sangue do piloto na consciência.

— Sim — Valik também estava suando, mas de medo.

Ele nunca vira aquele olhar no rosto de sua mulher antes, o sorriso que prometia a morte durante a noite. São os seus ancestrais assassinos, pensou. Ela é uma qajar, na sua linhagem estão os qjars que cegavam ou matavam os seus rivais ao trono — ou os filhos dos seus rivais — não é verdade que apenas um dos xás qajar, numa dinastia que durou 146 anos, deixou o trono por morte natural? Valik olhou em volta, viu-a em pé no alto do caminho, e então virou-se para Ali.

— Dê-me a arma.

Tremendo, Valik colocou a arma sobre o chão de madeira e gritou: — Lochart, deixei uma arma aqui para você. Tudo isso foi um erro. O capitão estava enganado.

— Mas, general...

— Suba no helicóptero — ordenou Valik, em voz alta. — Seladi é um idiota. Nunca deveria ter-lhe dado ordens para matar o pobre homem. Vamos partir para o Kuwait imediatamente e não para Bagdá. Ali, vá ligar o aparelho.

Ali saiu. Quando passou perto de Annoush, ele a olhou com curiosidade, depois continuou depressa.

Ela desceu e se juntou a Valik.

— Você viu? — Ele perguntou.

— Sim.

Esperaram. Não se ouvia nenhum som, não havia nenhuma onda batendo nos pilares. Estava bonito e tranquilo, a superfície do lago transparente e parada.

— Eu... eu rezo para que ele esteja escondido em algum lugar — disse ela, sentindo um grande vazio na alma, mas agora estava na hora de fazer as pazes. — Estou contente do sangue dele não estar nas nossas mãos. Seladi é um monstro.

— É melhor voltarmos. — Estavam ocultos do helicóptero e da casa. Ele tirou a sua automática e deu um tiro para o chão. — Para Seladi. Eu, ahn, acho que atingi Lochart quando... quando ele veio à tona. Hein?

— Você é um homem bom e inteligente. — Ela lhe deu o braço e eles voltaram de braços dados. — Sem você, sem a sua coragem e a sua esperteza, nunca teríamos escapado de Isfahan. Mas o exílio?

Por...

— Exílio temporário — corrigiu jovialmente, sentindo-se enormemente aliviado por ter passado o momento de tensão entre eles. — Depois tornaremos a voltar para casa.

— Seria maravilhoso — disse, forçando-se a acreditar. Tenho que acreditar, ou então vou ficar maluca. Tenho que acreditar por causa das crianças! — Estou contente por você ter escolhido o Kuwait. Jamais gostei de Bagdá e daqueles iraquianos, arg! — Ainda havia sembras nos seus olhos.

— Aquilo que Lochart disse sobre esperar até anoitecer estava errado?

— Há uma base aérea a poucas milhas daqui. Nós poderíamos ter sido vistos pelo radar, Annoush, ou por observadores nas montanhas. Nisso Seladi tem razão. A base vai mandar uma patrulha atrás de nós. — Eles chegaram ao topo. As crianças esperavam por eles na porta da cabine e todo mundo já embarcara. Apertaram o passo. — O Kuwait é muito mais seguro. Eu já tinha resolvido ignorar aquele idiota do Seladi. Não se pode confiar nele.



Em poucos minutos estavam no ar, rumando para o norte margeando as montanhas, costeando os penhascos, mantendo-se perto do chão para evitar o perigo da base aérea. AH Abbasi era um bom piloto e conhecia bem a região. Uma vez passada a cadeia de montanhas, desceram sobre o vale e viraram para oeste, esgueirando-se por um desfiladeiro para evitar o perímetro externo do campo de aviação, com a fronteira iraquiana a uns oitenta quilômetros à frente. Os cumes das montanhas estavam cobertos de neve bem como parte das encostas, embora o chão de alguns vales

estivesse verde, no meio do deserto de rochas. Passaram sobre uma aldeia inesperada e desconhecida, depois desviaram-se quase que para o sul, mais uma vez seguindo o rio, correndo paralelamente à fronteira que ficava à direita. O voo devia durar apenas duas horas, dependendo dos ventos, e os ventos eram favoráveis.

Os que estavam na cabine perto das janelas observavam satisfeitos a paisagem que passava depressa, as crianças nos melhores lugares, o major segurando Jalal, Valik com a filha no colo, ao lado de Annoush. Todos estavam contentes, alguns rezavam silenciosamente. Não faltava muito para o pôr-do-sol e este seria bonito, com as nuvens coloridas de vermelho — céu vermelho à noite, felicidade para os pastores — Annoush cantou para Setar em inglês — e, lá na frente, os motores funcionavam bem, com todos os mostradores no verde.

Ali estava contente de estar pilotando, contente por não ter matado Lochart, que tinha ficado diante dele, sem dizer nada, sem implorar por sua vida e sem rezar, apenas lá, em pé, com as mãos levantadas, esperando. Tenho certeza de que ele está a salvo sob os pilares, graças a Deus...

Deu uma olhada rápida no mapa, refrescando a memória. Mas não precisava olhar, tinha passado muitos anos ali, voando pelos despenhadeiros. Em breve sairia das montanhas e desceria para as planícies pantanosas do Tigre e do Eufrates, ficando perto do chão, costeando Dezful, depois Ahwaz e Khor-ramshahr, depois atravessaria o estuário do Shatt-al-Arab e a fronteira, chegando ao Kuwait e à liberdade.

Na sua frente estava a elevação com o cume saliente que estava esperando, e ele subiu, saindo de um vale para entrar em outro, possuído pela alegria de voar. Então a frase "HBC, suba para trezentos metros e reduza a velocidade" encheu os seus fones e o seu cérebro. Ele não estava no ar nem há seis minutos.

A ordem fora dada em farsi e foi repetida em inglês e depois em farsi e mais uma vez em inglês, e durante todo o tempo em que escutava ele tinha mantido o aparelho baixo, tentando desesperadamente fazer a cabeça funcionar.

— Helicóptero HBC, você está ilegal, saia do vale e reduza a velocidade. Ali Abbasi olhou para cima, examinando o céu, mas não viu nenhum avião. O chão do vale passava vertiginosamente. À sua frente havia outra cadeia de montanhas e depois haveria uma sucessão de vales e montanhas que levavam até às planícies. A fronteira do Iraque ficava a oeste, a uns sessenta quilômetros de distância — vinte minutos.

— Helicóptero HBC, pela última vez, você está ilegal, saia do vale e reduza a velocidade!

Seu cérebro gritou: Você tem três opções: obedeça e morra, tente escapar ou desça e espere cair a noite e tente voar assim que o dia começar a clarear. Se você sobreviver aos foguetes e balas.

Na sua frente, à esquerda, ele viu as árvores e a paisagem descendo, com os lados do vale precipitando-se numa garganta, então lançou-se para lá, decidindo-se pela fuga. Agora sua mente trabalhava bem. Arrancou os fones e se colocou nas mãos de Deus, sentindo-se melhor por causa disto. Diminuiu a velocidade ao se aproximar do final da garganta, desviou-se de algumas árvores e se enfiou em outro vale pequeno, reduzindo ainda mais a velocidade, acompanhando cautelosamente o leito do rio. Surgiram mais árvores e arbustos e o helicóptero se esgueirou entre eles.

Mantenha-se baixo e devagar, poupe combustível e vá com calma para o sul, pensou, mais confiante.

Aproxime-se da fronteira quando puder, não se afobe. Eles nunca o pegarão se você usar a cabeça.

Vai escurecer dentro em breve e você sabe o bastante de voo por instrumento para chegar ao Kuwait.

Mas como foi que eles nos localizaram? Como souberam? É como se estivessem esperando. Será que eles nos viram no radar indo para Dez Dam?

— Cuidado!

As árvores eram mais densas ali e ele contornou um grupo delas na encosta da montanha, chegou mais perto das rochas e subiu para o topo em direção ao próximo vale. Passou sobre ele e desceu para a proteção das rochas, com os olhos examinando à frente e acima, procurando sempre um bom lugar para descer caso o motor

falhasse. Estava atento e confiante e fazia bem o seu trabalho. Todos os instrumentos estavam dentro da margem de segurança. Os minutos passavam e embora examinasse cuidadosamente o céu, não viu nada.

No início do próximo vale, girou o helicóptero num ângulo de 360° e examinou novamente o céu.

Não havia nada lá em cima.

Salvos! Escapamos dele! Insha'Allah! Respirou fundo e, muito satisfeito, tornou a rumar para o sul.

Passou pelo próximo cume. E pelo seguinte e lá na frente estavam as planícies. Os dois aviões de combate estavam esperando. Eram F14.

26

NO AEROPORTO DE TEERÃ — ESCRITÓRIO DA S-G: 17:48H.

—...você não tem permissão para aterrissar! — ouviu-se pelo HF, junto com um bocado de estática. Gavallan, McIver e Robert Armstrong estavam agrupados em volta do rádio, escutando atentamente; pelas janelas, a vista era cansativa e pesada, a noite se aproximava.

A voz apagada de John Hogg tornou a soar, vinda do 125 que se aproximava: — Controle de Teerã, aqui é Eco Tango Lima Lima, como ontem, nós temos permissão de Kish para pousar e...

— ETLL, você não pode pousar! — A voz do controlador de tráfego estava rouca e assustada e McIver praguejou baixinho. — Vou repetir: negativo, todo o tráfego aéreo civil está retido em terra e todas as chegadas canceladas até novas ordens do imã... — No fundo, eles podiam ouvir outras vozes conversando em farsi, vários microfones abertos para aquela frequência. — Volte ao ponto de partida.

— Repito, nós temos permissão do radar de Kish para pousar, ele nos passou para o controle de tráfego aéreo de Isfahan, que confirmou a permissão. Longa vida para o aiatolá Khomeini e para a vitória do Islã. Estou a sessenta quilômetros ao sul do posto de controle de Varamin, pronto para descer na pista 29, esquerda. Por favor, confirme se o seu ILS está funcionando. Vocês têm mais tráfego no sistema?

Por alguns momentos, vozes em farsi dominaram a torre, e depois ouviu-se: — Tráfego negativo, ETLL, ILS negativo, mas você não pode... — A voz em inglês com sotaque americano foi interrompida bruscamente, ouvindo-se uma voz zangada, com um sotaque carregado, dizendo: — Pousos não! Komiteh dá ordens

Teerã! Kish não Teerã. Isfahan não Teerã. Nós damos ordens Teerã! Se pousar, você preso.

A voz alegre de John Hogg respondeu imediatamente: — Eco Tango Lima Lima. Compreendo que vocês não querem que nós pousemos, torre de Teerã, e querem rejeitar as nossas permissões, o que eu acredito que seja um erro de acordo com os regulamentos de tráfego aéreo. Alerta Um, por favor. — Então, imediatamente, na frequência particular da S-G, misturada com a estática, veio a sua voz tensa: — Chamando QG!

Imediatamente, McIver trocou de canal e falou ao microfone: — Três sessenta, Alerta Um — o que significava: dê uma volta e aguarde uma resposta. Olhou para Gavallan, que estava com a fisionomia preocupada. Robert Armstrong assoviava baixinho. — É melhor o mandarmos voltar. Se pousar, podem prendê-lo e apreender o aparelho — disse McIver.

— Com permissões oficiais? — perguntou Gavallan. — Você disse à torre que nós temos a carta do embaixador britânico aprovada pelo gabinete de Bazargan...

— Mas não pelo próprio Bazargan, senhor — disse Robert Armstrong —, e mesmo assim, para todos os efeitos, aqueles patifes da torre são a lei no momento. Eu sugiro que... — Ele parou e apontou, com o rosto ainda mais preocupado. — Olhem lá! — Dois caminhões e um carro equipado com rádio, com sua longa antena balançando, estavam se aproximando pela estrada. Enquanto olhavam, os caminhões foram diretamente para a pista 29 esquerda e estacionaram bem no meio dela. Faixas Verdes armados saltaram e tomaram posições defensivas. O carro com rádio continuou andando na direção deles.

— Merda! — resmungou McIver.

— Mac, você acha que eles estão controlando a nossa frequência?

— É mais seguro presumir que sim, Andy. Gavallan apanhou o microfone.

— Interrompa. B repito B.

— Eco Tango Lima Lima! — Então, na frequência da torre, ouviu-se uma voz simpática e gentil: — Torre de Teerã: nós concordamos

com o seu pedido para cancelar a nossa licença e solicitamos formalmente permissão para pousar amanhã ao meio-dia para entregar peças de reposição urgentes, repetimos urgentes, requisitadas pela IranOil, e desembarcar tripulação com licença vencida, e retornar imediatamente.

— Johnny foi sempre rápido nas suas respostas — resmungou McIver, e depois disse para Armstrong: — Nós vamos colocá-lo...

— Alerta Um, Eco Tango Lima Lima. — Sua voz foi abafada pela torre.

— Nós vamos colocá-lo na lista de passageiros quando pudermos, sr. Armstrong. Sinto, mas hoje não deu certo. E quanto aos seus papéis?

Armstrong tirou os olhos do carro que se aproximava.

— Eu, ahn, eu preferiria ser um consultor da S-G, saindo em licença, se você não se importar. Sem salário, evidentemente. — Ele olhou para Gavallan.

— O que é B repito B?

— Tente outra vez amanhã, à mesma hora.

— E se eles concordarem com o pedido do ETLL?

— Então será amanhã. Você vai ser um consultor.

— Obrigado. Vamos torcer para ser amanhã. — Armstrong olhou para o carro que se aproximava e acrescentou rapidamente: — O senhor vai estar em casa por volta das dez da noite, sr. Gavallan?

Talvez eu pudesse dar uma passada por lá. Só para conversar, nada importante.

— Claro. Estarei esperando. Nós já nos encontramos antes, não?

— Sim. Se eu não estiver lá até dez e quinze é que eu me atrasei e não pude ir. O senhor sabe como é. E então me comunicarei com o senhor de manhã.

— Armstrong levantou-se para sair. — Obrigado.

— Está bem. Onde foi que nos encontramos?

— Em Hong Kong. — Robert Armstrong cumprimentou educadamente e saiu, alto e elegante. Eles o viram atravessar o escritório e abrir a porta que levava ao hangar e à porta dos fundos que dava para o estacionamento da S-G, onde ele deixara o seu indescritível carro. O carro de McIver estava parado na frente.

— É como se ele já tivesse estado aqui antes — disse McIver, Pensativamente.

— Hong Kong? Não me lembro dele de jeito nenhum. Você se lembra?

— Não. — McIver franziu a testa. — Vou perguntar a Gen, que tem uma boa memória para nomes.

— Não estou certo de gostar ou de confiar neste tal de Robert Armstrong, não importa o que Talbot diga.

Ao meio-dia, eles tinham ido ver Talbot para descobrir quem era esse Armstrong. Tudo o que George Talbot disse foi: — Oh, ele é um bom sujeito, e nós, ahn, nós apreciaríamos muito se vocês lhe dessem uma carona, sem fazer muitas perguntas. Vocês ficam para almoçar, é claro? Nós ainda temos um bom filé de linguado de Dover, congelado, bastante caviar ou salmão defumado se quiserem, duas garrafas de La Doucette 76 no gelo, ou salsichas com purê de batata e o vinho da casa, que eu recomendo se vocês preferirem. Pudim de chocolate ou torta de cerejas, e ainda temos metade de um bom Stilton. O mundo pode pegar fogo, mas pelo menos nós podemos vê-lo queimar como cavalheiros. Que tal um gim antes do almoço?

O almoço tinha sido muito bom. Talbot informara que Bakhtiar estava deixando o terreno para Bazargan e que Khomeini poderia evitar mais problemas.

— Agora que não há mais chance de golpe, as coisas vão acabar voltando ao normal.

— Quando você acha que isso vai acontecer?

— Quando 'eles', seja lá quem forem 'eles', ficarem sem munição. Mas, meu velho, o que eu acho não importa. O que importa é o que Khomeini acha, e só Deus sabe o que ele acha.

Gavallan recordou a gargalhada que Talbot tinha dado da sua própria piada e sorriu.

— O que foi? — perguntou McIver.

— Eu estava me lembrando de Talbot no almoço. — O carro ainda estava a uns cem metros de distância. — Talbot está escondendo uma montanha de segredos. Sobre o que você acha que Armstrong quer 'conversar'?

— Provavelmente quer distrair a nossa atenção um pouco mais. Afinal de contas, Mac, nós fomos à embaixada para nos informar sobre ele. Curioso! Geralmente eu não esqueço... Hong Kong? Eu o associo com as corridas em Happy Valley. Vou acabar me lembrando. Uma coisa é preciso dizer a favor dele: é pontual. Eu disse cinco horas e ele estava aqui, embora parecesse ter saído de dentro da parede. — Os olhos de Gavallan brilharam sob as espessas sobrancelhas, depois ele tornou a olhar para o carro que estava estacionado do lado de fora. — Tão certo quanto Deus ter criado a Escócia, ele não quis se encontrar com o nosso simpático komiteh. Eu me pergunto por quê.

O komiteh consistia de dois rapazes armados, um mulá — não o mesmo da véspera — e de Sabolir, o suado funcionário da imigração, ainda muito nervoso.

— Boa noite, Excelências — disse McIver, com as narinas se rebelando contra o cheiro de suor rançoso. — Os senhores gostariam de um pouco de chá?

— Não, não obrigado — respondeu Sabolir. Ele ainda estava muito em guarda, embora tentasse esconder isso sob uma máscara de arrogância. Sentou-se na melhor cadeira. — Nós temos novos regulamentos para vocês.

— Oh? — McIver tinha feito negócios com ele há uns dois anos e de vez em quando dava-lhe uma caixa de uísque, fornecia-lhe gasolina e, uma vez ou outra, passagens e acomodações para ele e a família, para passarem as férias de verão em diversos locais no mar Cáspio: "Nós reservamos acomodações para alguns dos nossos executivos e eles não podem ir, caro sr. Sabolir. É uma pena desperdiçar os quartos, não é?" Uma vez ele tinha arranjado uma viagem de uma semana para duas pessoas, para Dubai. A garota era muito jovem e muito bonita, e por sugestão de Sabolir fora colocada na folha de pagamento da S-G como uma especialista iraniana. — O que podemos fazer pelos senhores?

Para surpresa deles, Sabolir apanhou o passaporte de Gavallan e o formulário de permissão anterior e colocou-os sobre a mesa.

— Aqui estão o seu passaporte e os formulários, ahn, aprovados — disse, com a voz automaticamente untuosa do funcionalismo. —

O imã ordenou que as operações normais começassem imediatamente. O, ahn, o Estado islâmico do Irã está de volta à normalidade e o aeroporto será reaberto dentro de três dias, para todo o tráfego normal, já estabelecido. Vocês agora devem voltar a operar normalmente.

— Nós vamos recomeçar a treinar a Força Aérea iraniana? perguntou McIver, quase sem conseguir disfarçar o contentamento, pois este era um contrato muito grande e muito lucrativo.

Sabolir hesitou.

— Sim, eu suponho que s...

— Não — disse firmemente o mulá, em bom inglês. — Não. Não até que o imã ou o Komiteh Revolucionário concorde. Vou providenciar para que o senhor tenha uma resposta certa. Não acho que esta parte da sua operação vá começar agora. Enquanto isso, o trabalho normal: transporte de peças para as bases, voos destinados a ajudar a IranOil e retomar a sua produção de petróleo, ou para a Madeira Iraniana, e assim por diante. Desde que os voos sejam aprovados com antecedência, podem começar depois de amanhã.

— Excelente — disse Gavallan, e McIver concordou.

— Os voos para substituição de pessoal, tanto da tripulação dos aviões quanto do pessoal das plataformas, desde que aprovados com antecedência e caso os papéis estejam em ordem — o mulá continuou — serão reiniciados depois de amanhã. A produção de petróleo será uma prioridade. Um guarda islâmico acompanhará cada um dos voos internos.

— Se isto for solicitado com antecedência e se o homem chegar na hora. Mas não armado — disse educadamente McIver, preparando-se para a inevitável discussão.

— Guardas islâmicos armados serão levados para a proteção de vocês, para evitar sequestros por parte dos inimigos do Estado — disse rispidamente o mulá.

— Teremos muito prazer em cooperar, Excelência — Gavallan interrompeu calmamente — muito prazer mesmo, mas estou certo de que o senhor não vai querer arriscar vidas nem colocar em risco o Estado islâmico. Peço formalmente ao senhor para pedir ao imã para concordar com a proibição de armas. É evidente que o senhor

tem acesso direto a ele. Enquanto isso, todos os nossos aparelhos ficarão em terra até que eu obtenha uma licença, ou permissão do meu governo.

— Os aparelhos não ficarão em terra, e o senhor voltará a operar normalmente! — O mulá estava furioso.

— Talvez possamos fazer um acordo até a decisão do imã: os seus guardas levam as armas, mas o capitão fica com a munição durante o voo. De acordo?

O mulá hesitou.

— O imã ordenou que TODAS as armas fossem devolvidas, não foi?

— Sim. Muito bem, eu concordo.

— Obrigado. Mac, prepare um papel para Sua Excelência assinar e informe a todos os nossos rapazes. Agora, nós vamos precisar de novas licenças de voo, Excelência. As que temos são as velhas, ahn, sem valor, do antigo regime. O senhor nos dará a autorização necessária? O senhor mesmo, Excelência? Obviamente, o senhor é um homem importante e sabe o que está acontecendo. — Ele observou o mulá, que pareceu aumentar de estatura com o elogio. O homem tinha uns trinta anos, sua barba era gordurosa e a roupa puída. Pelo seu sotaque, Gavallan calculou que ele tivesse estudado na Inglaterra, um dos milhares de iranianos que o xá tinha mandado para o estrangeiro com bolsas de estudo, para obterem uma educação ocidental. — O senhor sem dúvida nos dará papéis novos imediatamente, para nos tornar legais com a nova era?

— Bem, ahn, nós forneceremos novos documentos para cada um dos nossos aparelhos, é claro. — O mulá tirou alguns papéis da sua pasta e pôs uns óculos velhos, de lentes grossas, uma delas rachada.

O papel que ele procurava estava no fundo. — O senhor tem em sua guarda treze 212 iranianos, sete 206 e quatro Alouettes espalhados por diversos lugares, todos com registro iraniano e pertencentes à Companhia de Helicópteros Iraniana. Está correto?

— Não exatamente. — Gavallan sacudiu a cabeça. — No momento, eles ainda pertencem à S-G

Helicópteros de Aberdeen. A Companhia de Helicópteros Iraniana, a nossa sociedade com iranianos, só tomará posse dos aparelhos depois que eles forem pagos.

O mulá franziu a testa, depois aproximou o papel dos olhos.

— Mas o contrato dando a posse dos aparelhos à Companhia Iraniana está assinado, não?

— Sim, mas está sujeito a pagamentos que estão... estão atrasados.

— O imã disse que todas as dívidas serão pagas, então eles serão pagos.

— É claro, mas enquanto isso a posse definitiva depende do pagamento. — Gavallan continuou, cautelosamente, esperando ao mesmo tempo que a torre concordasse com a inteligente solicitação feita por Johnny Hogg de pousar no dia seguinte. Será que este cretino hipócrita poderia ordenar uma permissão? Se Khomeini ordenou que tudo voltasse ao normal, tudo voltará ao normal e eu poderei voltar para Londres em segurança. Com um pouco de sorte, poderia fechar o contrato da ExTex, que cobre as prestações dos novos X63, durante o fim-de-semana.

— Há meses que fazemos os pagamentos destes aparelhos pela CHI, com juros, bancando os custos com os nossos próprios fundos e...

— O Islã proíbe a usura e o pagamento de juros — disse o mulá, com uma determinação que abalou a Gavallan e McIver. — Os bancos não podem cobrar juros. De nenhum tipo. Isto é agiotagem.

Gavallan olhou para McIver, depois voltou a dar toda a atenção ao mulá.

— Se os bancos não podem cobrar juros, como é que os negócios vão funcionar interna e externamente?

— De acordo com a lei islâmica. Só com a lei islâmica. O Corão proíbe a agiotagem. — O mulá acrescentou aborrecido. — O que os bancos estrangeiros fazem é diabólico. Foi por causa deles que o Irã teve tantos problemas. Os bancos são instituições diabólicas e não serão tolerados. Quanto à Companhia de Helicópteros Iraniana, o Komiteh Revolucionário islâmico ordenou que todas as sociedades fossem suspensas, dependendo de uma revisão. — O mulá sacudiu

os papéis. — Todos estes aparelhos são iranianos, com registro iraniano, iranianos! — Mais uma vez ele examinou os papéis. — Aqui em Teerã, vocês têm três 212, quatro 206 e um 47G4 aqui no aeroporto, não é?

— Eles estão espalhados — McIver disse cautelosamente —. Aqui, em Doshan Tappeh e em Galeg Morghi.

— Mas estão todos aqui, em Teerã?

McIver o avaliara enquanto Gavallan conversava, tentando, ao mesmo tempo, ler os papéis de cabeça para baixo. O que estava na mão do mulá continha uma lista de todos os aparelhos deles com seus números de registro e era uma cópia da relação que ficavam na torre, que a S-G era obrigada a manter sempre atualizada. Seu estômago revirou quando ele viu um círculo vermelho em volta do EP-HBC — o 212 de Lochart — e também do EP-HFC, o 206 de Pettikin.

— Nós temos um 212 que está emprestado em Bandar Delam — disse, resolvendo se precaver, maldizendo Valik e torcendo para que Tom Lochart estivesse a salvo em Bandar Delam ou voltando de lá. — Os outros estão aqui.

— Emprestado... será o EP... EP-HBC? — disse o mulá, muito satisfeito consigo mesmo. — Agora, por...

— A voz do controlador de tráfego interrompeu-o: — Eco Tango Lima Lima, pedido recusado. Chame Isfahan em 118.3. Bom dia.

— Correto. Ótimo. — O mulá balançou a cabeça, satisfeito.

Gavallan e McIver praguejaram por dentro e Sabolir, que estivera silencioso, observando a conversa, entendendo perfeitamente que os dois homens tentavam manobrar o mulá, riu consigo mesmo, evitando cuidadosamente cruzar os olhos com qualquer um deles, olhando, por segurança, para o chão. Uma vez, há poucos instantes, quando o mulá estava prestando atenção em outra coisa, ele tinha encarado McIver e sorrira para ele, encorajadoramente, fingindo amizade, temeroso que McIver pudesse acabar com todos os favores anteriores que foram apenas um pagamento por ter facilitado a entrada das peças e a saída do pessoal. Naquela manhã, pelo rádio, um porta-voz do Komiteh Revolucionário islâmico incitara todos os cidadãos leais a denunciar qualquer pessoa que tivesse cometido

crimes "contra o Islã". Durante o dia, três dos seus colegas foram presos, o que causou uma onda de horror em todo o aeroporto. Os guardas islâmicos não deram nenhuma razão específica, apenas arrastaram os homens e os colocaram na prisão Evin, a temida prisão da Savak, onde, dizia-se, meia centena de 'inimigos do Islã' tinham sido fuzilados hoje, depois de julgamentos sumários. Entre os detidos estava um dos seus homens, que aceitara os dez mil riais e os três tambores de vinte litros de gasolina do depósito de McIver, ontem. O homem guardara um, e os outros dois ele próprio levava para casa na noite passada, como era seu direito. Oh, Deus, fazei com que eles não revistem a minha casa.

Pelo HF, ouviu-se a voz ainda distante de Johnny Hogg: — Eco Tango Lima Lima, obrigado. Viva a revolução e bom dia. — Depois, no canal deles, nervosamente: — QG, confirme!

McIver estendeu a mão e mudou de canal.

— Alerta Um! — ordenou, profundamente consciente da presença do mulá. — Você acha...

— Ah. Você fala diretamente com o aparelho; é um canal particular?

— Canal da companhia, Excelência. E a prática habitual.

— Habitual. Sim. Então o EP-HBC está em Bandar Delam? — perguntou o mulá e leu no papel: — Entregando peças. Correto?

— Sim. — Disse McIver, rezando.

— Quando ele deve retornar?

McIver podia sentir o peso da atenção do mulá sobre ele.

— Não sei. Não consegui comunicar-me com Bandar Delam. Assim que souber, comunicarei ao senhor. Agora, Excelência, com relação às autorizações para os nossos diversos voos, o senhor ach...

— EP-HFC. EP-HFC está em Tabriz?

— Está na pequena pista de Forsha. — Disse McIver, não se sentindo nada à vontade, rezando para que a loucura que tinha acontecido na barreira de Qazvin não tivesse sido comunicada e fosse esquecida. Mais uma vez, ele imaginou onde estaria Erikki que devia ter ido encontrá-los no apartamento às três horas para vir para o aeroporto, mas não tinha aparecido.

— Pista de Forsha?

Ele viu o mulá olhando-o fixamente e fez um esforço para se concentrar.

— O EP-HFC foi para Tabriz no sábado, para entregar peças de reposição e apanhar pessoal. Voltou na noite passada. Estará na nova relação que será entregue amanhã.

— Mas qualquer aparelho que chegue ou que parta deve ser comunicado imediatamente. Nós não temos registro de nenhuma permissão de chegada dada ontem — disse o mulá, aborrecido.

— O capitão Pettikin não conseguiu se comunicar com a torre de controle de Teerã ontem. Os militares estavam tomando conta, acho. Ele tentou se comunicar várias vezes. — McIver acrescentou rapidamente: — Se temos que retomar as operações, quem vai autorizar os nossos voos para a IranOil? O sr. Darius, como de costume?

— Ahn, sim, presumo que sim. Mas por que a chegada deste voo não foi comunicada hoje?

— Estou muito impressionado com a sua eficiência, Excelência. — Gavallan falou com uma animação forçada. — É uma pena que os controladores de tráfego, militares, que estavam de serviço ontem não partilhassem desta eficiência. Estou vendo que a nova república islâmica vai suplantará qualquer operação ocidental. Será um prazer servir aos nossos novos patrões. Viva os novos patrões!

Posso saber o seu nome?

— Eu, meu nome é Muhammad Tehrani — disse o homem, distraído de novo.

— Então, Excelência Tehrani, posso pedir-lhe para nos conceder o benefício da sua autoridade? Se o meu Eco Tango Lima Lima pudesse ter a sua permissão para pousar amanhã, poderíamos melhorar imensamente nossa eficiência para igualar a sua. Poderei então certificar-me de que a nossa companhia dê ao aiatolá Khomeini e aos seus assistentes pessoais, como o senhor, o serviço a que têm direito. As peças que o ETLL vem buscar porão dois 212 a mais em funcionamento e eu poderei voltar a Londres para intensificar o nosso apoio à Grande Revolução. O senhor concorda, não é mesmo?

— Isso não é possível. O komiteh...

— Estou certo de que o komiteh aceitará o seu conselho. Oh, eu notei que o senhor teve a infelicidade de quebrar os seus óculos. É terrível. Eu mal consigo enxergar sem os meus. Talvez eu pudesse mandar o 125 trazer-lhe um novo par amanhã, de Al Shargaz?

O mulá ficou indeciso. Sua vista era muito ruim. O desejo de uns óculos novos, bons óculos, quase o subjugou. Oh, seria um tesouro inacreditável, um presente de Deus. É claro que Deus é que tinha posto este pensamento na cabeça do estrangeiro.

— Eu não acho... Eu não sei. O komiteh não poderia fazer o que o senhor está pedindo assim tão depressa.

— Eu sei que é difícil, mas se o senhor interceder por nós junto ao seu komiteh, eles certamente vão ouvir. Isto nos ajudaria imensamente e nós ficaríamos em débito com o senhor — Gavallan acrescentou, usando a expressão consagrada pelo tempo que, em qualquer língua, significava: o que o senhor deseja em troca? Ele viu McIver trocar para a frequência da torre e oferecer-lhe o microfone.

— O senhor aperta o botão para falar, Excelência. Se o senhor nos quiser honrar com a sua ajuda...

O mulá Tehrani hesitou, sem saber o que fazer. Enquanto ele olhava para o microfone, McIver lançou um olhar significativo para Sabolir.

Sabolir compreendeu imediatamente, com os reflexos perfeitos.

— É claro que o seu komiteh vai concordar com qualquer decisão sua, Excelência Tehrani — disse, com sua voz untuosa. — Mas amanhã, pelo que eu entendi, o senhor tem que visitar os outros campos de aviação para se certificar de quantos helicópteros civis estão na sua área, que compreende toda Teerã, e onde eles estão. Não é?

— Minhas ordens são essas, sim — concordou o mulá. — Eu e alguns membros do meu komiteh temos que visitar os outros campos de aviação amanhã.

Sabolir suspirou profundamente, fingindo decepção, e McIver teve dificuldade em prender o riso, tão forçada era a sua performance.

— Infelizmente, não seria possível o senhor visitar todos eles de carro ou a pé e ainda estar de volta para supervisionar, pessoalmente, a chegada e o retorno imediato deste aparelho que, sem nenhuma culpa, foi recusado por causa de controladores de tráfego arrogantes, em Kish e em Isfahan, que ousaram não consultá-lo primeiro.

— É verdade — concordou o mulá. — A culpa foi deles!

— Sete horas seria conveniente para o senhor, Excelência Tehrani? — disse imediatamente McIver.

— Nós teríamos prazer em ajudar o seu komiteh de aeroportos. Eu lhe darei o meu melhor piloto e o senhor estará de volta com tempo de sobra para, ahn, para supervisionar a operação. Quantos homens iriam com o senhor?

— Seis... — disse distraidamente o mulá, radiante com a ideia de ser capaz de executar as suas ordens, trabalho de Deus, de uma forma tão conveniente e confortável, como um verdadeiro aiatolá.

— Isto... isto poderia ser feito?

— É claro! — disse McIver. — Às sete horas, aqui. O capitão, ahn, o capitão Nathaniel Lane terá um 212 pronto. Sete pessoas incluindo o senhor, e no máximo sete esposas. O senhor, evidentemente, voará na cabine junto com o piloto. Considere tudo combinado.

O mulá só tinha voado duas vezes na vida: para a universidade na Inglaterra e de volta para casa, apertado num voo especial de estudantes da Iran Air. Ele sorriu e estendeu a mão para o microfone: — Às sete horas.

McIver e Gavallan não demonstraram o seu alívio pela vitória. Nem Sabolir.

Sabolir estava satisfeito pelo mulá ter sido enrolado. Como Deus quiser! Agora, se eu for acusado falsamente, terei um aliado, disse a si mesmo. Este idiota, este falso mulá filho de um cão, não aceitou um suborno? Não um pishkesh, mas dois: óculos novos e uma viagem aérea desnecessária e não autorizada. Ele não permitiu deliberadamente que esses ingleses mentirosos, que ainda pensam que podem seduzir-nos com quinquilharias e roubar as nossas riquezas por uns poucos riais, o fizessem de bobo? Escutem só o idiota, dando aos estrangeiros o que eles desejam!

Ele olhou para McIver, significativamente. E encarou-o. Depois, mais uma vez, tornou a olhar para o chão. Agora, você, seu ocidental arrogante, filho de um cão, ele pensou, qual o favor que me prestará em troca da minha ajuda?

NO CLUBE FRANCÊS: 19:10H. Gavallan aceitou o copo de vinho tinto e McIver o de vinho branco, que o garçom francês, uniformizado, ofereceu-lhes.

Brindaram e beberam satisfeitos, cansados depois da viagem de volta do aeroporto. Estavam sentados com outros convidados, na maioria europeus, homens e mulheres, no salão que dava para os jardins cobertos de neve e para as quadras de tênis, cheio de cadeiras modernas e confortáveis, com um bar completo. Havia muitas outras salas para banquetes, bailes, jantares, jogos, e sauna em outras partes deste edifício que ficava na melhor região de Teerã. O clube francês era o único clube de estrangeiros que ainda estava em funcionamento. O clube americano, com seu enorme complexo de diversões, campos de esporte e de beisebol, bem como os clubes britânico, alemão e muitos outros tinham sido fechados, seus bares e estoques de bebida destruídos.

— Meu Deus, isso é bom — disse McIver, com o vinho branco gelado livrando-o do cansaço. — Não conte a Gen que paramos aqui.

— Não é preciso, Mac, ela vai saber.

— Você tem razão, não faz mal. Conseguí reservar lugar para jantar aqui esta noite. Custa os olhos da cara, mas vale a pena. Antes, só havia lugar em pé, a esta hora da noite... — Ele virou a cabeça ao ouvir uma gargalhada de algum francês do outro lado da sala. — Por um instante, pensei que fosse Jean-Luc. Parece que já se passaram anos desde a festa natalina que ele deu aqui. Eu me pergunto se algum dia teremos outra.

— É claro que sim — disse Gavallan, para animá-lo, preocupado porque o amigo parecia ter perdido toda a animação. — Não deixe aquele mulá entristecê-lo.

— Ele me deu arrepios. E Armstrong também, pensando bem. E Talbot. Mas você tem razão, Andy, não devo deixar isso me abater. Estamos em melhor situação do que estávamos há dois dias atrás...

— Mais risadas o distraíram e ele começou a pensar em todas as vezes que tinha se divertido ali com Genny, Pettikin e Lochart... não vou pensar nele agora... e com todos os outros pilotos e seus muitos amigos, ingleses, americanos, iranianos. Todos tinham partido, a maioria deles. Costumava ser assim: "Gen, vamos até o clube francês, as finais de tênis são hoje à tarde"... Ou: "Valik está dando um coquetel, a partir das oito horas, no clube de oficiais iranianos"... Ou: "Há um jogo de pólo, um jogo de beisebol, uma competição de natação, uma competição de esqui"... Ou: "Sinto muito, este fim-de-semana nós não podemos, vamos para a casa do embaixador, no Cáspio"... Ou: "Eu adoraria, mas Genny não pode ir, ela está comprando tapetes em Isfahan"...

— É que nós tínhamos tanta coisa para fazer aqui, Andy, a vida social era a melhor possível, quanto a isso não há dúvida. Agora é duro ficar só tentando entrar em contato com os nossos operadores.

— Mac — disse bondosamente —, responda francamente: você quer sair do Irã e deixar uma outra pessoa assumir?

— Meu Deus, onde você foi buscar essa ideia? Não, absolutamente. Só porque eu estava um pouco deprimido você pensou que... Meu Deus, não — ele disse, mas sua mente foi subitamente sacudida pela mesma indagação, impensável há alguns dias atrás: você está perdendo a força de vontade, o controle, a necessidade de seguir em frente. Está na hora de largar? Não sei, pensou, dolorosamente abalado pela verdade, mas seu rosto sorriu. — Está tudo bem, Andy. Nada que não possamos resolver.

— Ótimo. Desculpe, espero que não tenha se importado com a pergunta. Acho que me senti encorajado pelo mulá. A não ser quando ele falou a respeito "dos nossos aparelhos iranianos".

— A verdade é que Valik e os sócios agiram como se os aparelhos fossem deles desde a assinatura do contrato.

— Graças a Deus é um contrato britânico, que vigora sob leis britânicas. — Gavallan olhou por sobre o ombro de McIver e arregalou os olhos. A moça que estava entrando na sala tinha vinte e tantos anos, cabelos e olhos escuros e era estonteante. McIver seguiu-lhe o olhar, animou-se e levantou-se.

— Alô, Sayada — disse, acenando para ela. — Posso apresentar-lhe Andrew Gavallan? Andy, esta é Sayada Bertolin, uma amiga de Jean-Luc. Você gostaria de se sentar conosco?

— Obrigada, Mac, mas não posso, só vim aqui para jogar squash com uma amiga. Você está ótimo.

Prazer em conhecê-lo, sr. Gavallan. — Ela estendeu a mão para ele. — Sinto muito, tenho que correr, dê lembranças a Genny.

— O mesmo, garçom, por favor — disse Gavallan, e tornaram a sentar-se. — Mac, aqui entre nós, essa beldade me deixou fraco.

— Geralmente é o contrário. — McIver riu. — Ela é muito popular, trabalha na embaixada do Kuwait, é libanesa e Jean-Luc está enfeitado.

— E não é para menos... — O sorriso de Gavallan murchou. Robert Armstrong estava entrando pela porta do lado oposto, com um iraniano alto, de feições marcadas, de uns cinquenta anos. Ele viu Gavallan, cumprimentou-o rapidamente e continuou a conversar, dirigindo-se para o andar de cima onde havia outras salas. — Que diabo será que esse homem... — Gavallan parou, lembrando-se de repente de quem ele era. — Robert Armstrong, superintendente-chefe da Scotland Yard em Kowloon, é isto que ele é, ou foi!

— Scotland Yard? Você tem certeza?

— Tenho, Scotland Yard ou Departamento Especial... espere um minuto... ele, sim, está certo, ele era amigo de Ian, foi lá que eu o conheci, na Casa Grande da montanha, não nas corridas, embora eu possa tê-lo visto lá também com Ian. Se me lembro bem, foi na noite em que Quillan Gornt chegou como um convidado indesejável... não consigo me lembrar exatamente, mas acho que era a festa de aniversário de casamento de Ian e Penélope, pouco antes de eu sair de Hong Kong... meu Deus, isto foi há quase 16 anos, não admira que eu não me lembrasse dele.

— Tive a sensação de que ele se lembrou de você no momento em que nos encontramos no aeroporto ontem.

— Eu também. — Eles terminaram os drinques e saíram, ambos estranhamente inquietos.

UNIVERSIDADE DE TEERÃ: 19:32H. O comício de mais de mil estudantes esquerdistas no pátio quadrangular estava barulhento

e perigoso, com facções demais, fanáticos demais e armas demais.

Estava frio e úmido, ainda não havia escurecido, mas algumas luzes e tochas já brilhavam no lusco-fusco.

Rakoczy estava atrás, misturado no meio da multidão, vestido como os outros, parecendo-se com eles, embora agora o seu disfarce tivesse mudado e ele não fosse mais nem Smith nem Fedor Rakoczy, o muçulmano russo, o simpatizante islâmico-marxista, mas, aqui em Teerã, tivesse virado Dimitri Yazernov, representante soviético no Comitê Central do Tudeh — um papel que ele assumia de vez em quando nos últimos anos. Estava em pé num dos cantos do pátio com cinco dos líderes estudantis do Tudeh, ao vento cortante, com o rifle pendurado no ombro, armado e atento, e esperava pelo primeiro tiro.

— A qualquer momento agora — disse baixinho.

— Dimitri, quem eu pego primeiro? — perguntou um dos líderes, nervoso.

— O mujahedins, aquele filho da mãe, aquele que está ali — disse, calmamente, apontando para um homem de barba negra, muito mais velho do que os outros. — Não tenha pressa, Farmad, e siga o meu comando. Ele é profissional e pertence à OLP.

Os outros o encararam, perplexos.

— Por que ele, se pertence à OLP? — perguntou Farmad. Ele era atarracado, quase disforme, com uma cabeça grande e olhos pequenos e inteligentes. — A OLP tem sido nossa amiga durante todos esses anos, dando-nos treinamento, apoio e armas.

— Porque agora a OLP vai apoiar Khomeini — explicou pacientemente. — Khomeini não convidou Arafat para vir aqui na próxima semana? Ele não deu as instalações da missão israelense para a OLP? A OLP pode fornecer todos os técnicos que Bazargan e Khomeini precisam para substituir os israelenses e os americanos, especialmente nos campos de petróleo. Você não quer ver Khomeini forte, quer?

— Não, mas a OLP tem sido...

— O Irã não é a Palestina. Os palestinos devem ficar na Palestina. Vocês venceram a revolução. Por que entregar a vitória para os estrangeiros?

— Mas a OLP tem sido nossa aliada — insistiu Farmad, e Rakoczy ficou satisfeito de perceber-lhe os defeitos antes que esse homem obtivesse algum poder.

— Os aliados que se tornam inimigos não têm nenhum valor. Lembre-se do objetivo.

— Eu concordo com o camarada Dimitri — disse um outro, com a voz tensa, os olhos frios e muito duros. — Nós não queremos a OLP dando ordens aqui. Se você não quiser pegá-lo, Farmad, eu o farei. Todos eles, e todos os cães Faixas Verdes também.

— Não se pode confiar na OLP. — disse Rakoczy, continuando a mesma lição, plantando as mesmas sementes. — Olhe como eles vacilaram e mudaram de posição mesmo em casa, num momento dizendo que eram marxistas, no outro que eram muçulmanos, no outro flertando com o arquitraidor Sadat, depois o atacando. Nós temos documentos que provam isso — acrescentou, com a informação truncada encaixando-se perfeitamente —, e documentos que provam que eles planejam assassinar o rei Hussein e tomar a Jordânia, e fazer a paz em separado com Israel e com a América. Eles mantêm encontros secretos com a CIA e com Israel. Eles não são verdadeiramente anti-Israel...

Ah, Israel, ele pensava, enquanto continuava a lição bem preparada, o quanto você é importante para a mãe Rússia, tão bem localizado ali no meio do caldeirão, uma maneira sempre garantida de enfurecer todos os muçulmanos, especialmente os xeques milionários do petróleo, uma forma garantida de jogar todos os muçulmanos contra todos os cristãos, nossos maiores inimigos — seus aliados americanos, ingleses e franceses — e assim restringir o seu poder e mantê-los, e a todo o Ocidente, desequilibrados, enquanto conquistamos prêmios vitais — o Irã este ano, o Afeganistão também, a Nicarágua no próximo ano, depois o Panamá e o resto, sempre com o mesmo plano: apoderar-nos do estreito de Ormuz, do Panamá, de Constantinopla, e do cofre dos tesouros da África do Sul. Ah, Israel, você é o nosso coringa do jogo mundial de Monopólio. Mas nunca para ser descartado ou vendido! Nós não o abandonaremos! Oh, nós deixaremos que você perca muitas batalhas, mas nunca a guerra, permitiremos que você passe fome,

mas não que morra, permitiremos que seus compatriotas banqueiros nos financiem e portanto financiem sua própria destruição. Nós o apoiaremos para sangrar a América até a morte, fortaleceremos os nossos inimigos — mas não demais — e assistiremos à sua devastação. Mas não se preocupe, nunca deixaremos que você desapareça. Oh, não! Nunca. Você é valioso demais.

— Os membros da OLP são arrogantes e cheios de si — um estudante alto disse soturnamente —, e nunca são educados, nem têm noção da importância do Irã no mundo e não conhecem nada do nosso passado.

— É verdade! Eles são camponeses e têm agido como parasitas por todo o Oriente Médio e o nosso Golfo, roubando os melhores empregos.

— Sim — um outro concordou. — Eles são piores que os judeus...

Rakoczy riu consigo mesmo. Ele gostava muito do seu trabalho, gostava de trabalhar com estudantes universitários — sempre um campo fértil — gostava de ensinar. Mas é isso o que eu sou, pensou satisfeito, um professor de terrorismo, de poder e de como tomar o poder. Talvez eu seja mais como um agricultor: planto a semente, alimento-a, protejo-a e depois colho os frutos, trabalhando em qualquer hora e em qualquer estação, como devem fazer os agricultores. Alguns anos são bons e alguns são ruins, mas a cada ano eu avanço um pouco, ganho mais experiência, fico conhecendo um pouco melhor a terra, cada vez mais paciente — primavera verão outono inverno — sempre a mesma terra, o Irã, sempre com o mesmo objetivo: na melhor das hipóteses, o Irã se transformar em solo russo, na pior, transformar-se num satélite russo, para proteger a sagrada terra da Rússia. Com o nosso pé no estreito de Ormuz...

Ah, pensou, com fervor religioso, se eu pudesse dar o Irã para a mãe Rússia, minha vida não teria sido vivida em vão.

O Ocidente merece perder, particularmente os americanos. São tão imbecis, tão egocêntricos, mas principalmente tão estúpidos. É inconcebível que este Carter não enxergue o valor de Ormuz em geral e do Irã em particular e a catástrofe que será para o Ocidente

a sua perda. Mas os fatos estão aí: para todos os efeitos ele nos deu o Irã.

Rakoczy recordou o choque de incredulidade que sentiu quando os seus contatos em Washington murmuraram que Carter abandonaria o xá. Ah, que aliado Carter foi para nós. Se acreditasse em Deus, eu rezaria: Deus é Grande, Deus é Grande, proteja o nosso melhor aliado, o presidente amendoim, e permita que ele consiga se reeleger! Com ele reeleito, nós conquistaremos a América e dominaremos o mundo! Deus é Grande, Deus é...

De repente, ele sentiu um calafrio. Fingia ser muçulmano há tanto tempo que às vezes o disfarce virava o seu verdadeiro eu, e ele começava a se questionar e a ter dúvidas.

Eu ainda sou Igor Mzytryk, capitão da KGB, casado com a minha querida Delaurah, minha linda armênia, que está esperando por mim em casa, em Tbilisi? Ela estará em casa, ela que, secretamente, acredita em Deus — o Deus dos cristãos, que é o mesmo Deus dos muçulmanos e dos judeus?

Deus. Deus que tem mil nomes. Existirá um Deus?

Não há nenhum Deus, disse a si mesmo como uma ladainha, e guardou de volta esse pensamento no seu compartimento e se concentrou na batalha que estava por acontecer.

Em volta deles, a tensão estava crescendo no meio da massa estudantil, com gritos zangados de todos os lados: — Nós não derramamos o nosso sangue para que os mulás ficassem com todo o poder! Unam-se, irmãos e irmãs! Unam-se sob a divisa do Tudeh...

— Abaixo o Tudeh! Unam-se pela causa sagrada islâmico-marxista, nós, mujahedins, derramamos o nosso sangue e somos os mártires do imã Ali, Senhor dos Mártires, e de Lenin...

— Abaixo os mulás e Khomeini, arquitraidor do Irã...

Grandes aplausos acompanhavam esses gritos e outros juntavam-se a eles, então aos poucos, mais uma vez, a palavra que prevalecia era: — Unam-se, irmãos e irmãs, unam-se aos verdadeiros líderes da revolução, o Tudeh, unam-se para proteger o...

Rakoczy observou a multidão criticamente. Ela ainda estava fragmentada, amorfa, não era ainda uma massa que pudesse ser

comandada e usada como uma arma. Alguns espectadores, islâmicos, observavam com graus variados de descontentamento ou raiva. Os poucos moderados balançavam a cabeça e se afastavam, deixando o palco para a grande maioria que estava profundamente comprometida e era anti-Khomeini.

Em volta deles, os edifícios eram altos, de tijolos, a universidade tinha sido construída pelo Reza Xá na década de 30. Há cinco anos, Rakoczy passara algum tempo ali, fingindo ser natural do Azerbaijão, embora os membros do Tudeh o conhecessem como Dimitri Yazernov e soubessem que ele fora enviado — continuando um modelo — para organizar células estudantis. Desde o início, a universidade foi sempre um lugar de oposição, antixá, embora o Muhammad Xá, mais do que qualquer monarca na história da Pérsia, tivesse dado todo o apoio à educação. Os estudantes de Teerã tinham sido a vanguarda da rebelião, muito antes de Khomeini ter-se transformado no seu pólo aglutinador.

Sem Khomeini, nós nunca teríamos conseguido, pensou. Khomeini foi a chama em torno da qual todos nós pudemos nos unir para tirar o xá do trono e expulsar os Estados Unidos. Ele não é nem senil nem fanático como muitos dizem, mas um líder impiedoso, com um plano perigosamente claro, um enorme carisma e um enorme poder entre os xiitas. E agora está na hora dele se juntar ao Deus que nunca existiu.

Rakoczy riu de repente.

— O que foi? — perguntou Farmad.

— Eu só estava pensando no que Khomeini e todos os mulás vão dizer quando descobrirem que não existe e que nunca existiu nenhum Deus. Que não existe nem céu, nem inferno, nem huris e que tudo isso não passa de um mito.

Os outros riram também. Menos um deles. Ibrahim Kyabi. Não havia mais nenhuma alegria nele, só o desejo de vingança. Quando ele fora em casa na véspera, tinha achado sua casa em polvorosa, sua mãe prostrada, chorando, seus irmãos e irmãs desesperados. Acabara de chegar a notícia de que seu pai, engenheiro, tinha sido assassinado por guardas islâmicos do lado de fora do QG da IranOil em Ahwaz e que seu corpo fora abandonado aos abutres.

— Por que razão? — ele gritara.

— Por... por crimes contra o Islã — disse seu tio, Dewar Kyabi, que trouxera a terrível notícia, através das lágrimas. — Foi isso que eles nos disseram... os seus assassinos. Eles eram de Abadan, fanáticos, quase todos analfabetos, e nos disseram que ele era um traidor vendido aos americanos, que durante anos ele tinha colaborado com os inimigos do Islã, ajudando-os a roubar o nosso petróleo, o...

— Mentira, tudo mentira — gritara Ibrahim. — Papai era anti-xá, um patriota, um crente! Quem são esses cães? Quem? Eu vou queimá-los e a seus pais. Como eles se chamam?

— Foi a Vontade de Deus, Ibrahim. Insha'Allah\ Oh, meu pobre irmão! A Vontade de Deus...

— Não existe nenhum Deus!

Os outros tinham olhado para ele, chocados. Era a primeira vez que Ibrahim exprimia um pensamento que vinha sendo construído há anos, alimentado por colegas que voltavam do estrangeiro, amigos da universidade, por alguns dos professores que nunca tinham dito isso abertamente, apenas encorajado-os a questionar tudo.

— Insha'Allah é para os idiotas — ele dissera —, uma blasfêmia supersticiosa que serve de proteção para os idiotas.

— Você não deve dizer isso, meu filho! — exclamara sua mãe, assustada. — Vá até a mesquita, peça perdão a Deus. O fato de seu pai estar morto é a Vontade de Deus, nada mais. Vá até a mesquita.

— Eu irei — ele disse, mas no seu coração sabia que sua vida tinha mudado. Nenhum Deus poderia ter permitido que isso acontecesse. — Quem eram os homens, tio? Descreva-os.

— Eles eram comuns, Ibrahim, como eu já lhe disse, mais moços do que você, a maioria deles. Não havia nenhum líder ou mulá com eles, embora houvesse um no helicóptero dos estrangeiros que veio de Bandar Delam. Mas o meu pobre irmão morreu maldizendo Khomeini; se ao menos ele não tivesse voltado no helicóptero dos estrangeiros, se ao menos... não importa, Insha'Allah, eles estavam esperando por ele de qualquer jeito — Havia um mulá no helicóptero?

— Sim, havia.

— Você vai à mesquita, Ibrahim? — Sua mãe tinha tornado a perguntar.

— Sim — ele tinha respondido, a primeira mentira que lhe dizia. Ele não demorara a encontrar os líderes universitários do Tudeh e Dimitri Yazernov, para jurar fidelidade, conseguir uma metralhadora e, acima de tudo, pedir-lhes para descobrir o nome do mulá que estava no helicóptero de Bandar Delam. E agora estava ali esperando, desejando vingança, com a alma gritando contra o ultraje cometido contra seu pai em nome do falso Deus.

— Dimitri, vamos começar! — disse, sua fúria espicaçada pela gritaria da multidão.

— Nós temos que esperar, Ibrahim — disse delicadamente Rakoczy, muito satisfeito por ter o jovem com eles. — Não se esqueça de que a multidão não passa de um meio para um determinado fim.

Lembre-se do plano! — Quando ele o relatara, há uma hora atrás, eles tinham ficado estarecidos.

— Atacar a embaixada americana?

— Sim — dissera calmamente —, um ataque rápido, entrar e sair, amanhã ou depois. Esta noite, o comício vai se transformar numa batalha. A embaixada fica a pouco mais de um quilômetro de distância. Vai ser fácil mandar a multidão enfurecida avançar naquela direção. Que disfarce pode ser mais perfeito para um ataque do que um tumulto? Nós deixamos os mujahedins e os fedayins lutarem contra os guardas islâmicos e matarem-se uns aos outros enquanto tomamos a iniciativa. Esta noite vamos plantar mais sementes. Amanhã ou depois atacaremos a embaixada dos Estados Unidos.

— Mas isso é impossível, Dimitri, impossível.

— É fácil. É só um ataque, não uma tentativa de tomar a embaixada, isso virá mais tarde. Um ataque será uma coisa inesperada, simples de executar. Pode-se prender facilmente o embaixador e todas as outras pessoas durante uma hora mais ou menos, enquanto se saqueia a embaixada. Os americanos não têm capacidade de resistência. Esta é a chave para chegar a eles! Aqui

estão as plantas do edifício e o número de fuzileiros e eu estarei lá para ajudar. A ação de vocês será importantíssima.

Ela irá para as manchetes mundiais e deixará Khomeini e Bazargan, e principalmente os americanos, numa situação terrivelmente embaraçosa. Não se esqueçam de quem é o verdadeiro inimigo e que agora vocês têm que agir depressa para tirar a iniciativa de Khomeini...

Tinha sido fácil convencê-los. Será fácil criar a oportunidade, ele pensou. E será fácil ir diretamente para o escritório da CIA no porão, e para a sala de rádio, explodir e limpar o cofre e limpá-lo de todos os documentos e livros de códigos, depois subir as escadas dos fundos até o segundo andar, virar à esquerda, ir até o terceiro quarto à esquerda, o quarto do embaixador, e explodir o cofre que fica atrás do quadro pendurado sobre a cama. Súbito, rápido e violento — se não houver nenhuma oposição.

— Dimitri! Olhe!

Rakoczy virou-se rapidamente. Centenas de jovens vinham descendo a rua, com Faixas Verdes e mulás na frente. Imediatamente, Rakoczy urrou: — Morte a Khomeini! — e deu uma rajada de tiros para o ar. Aqueles tiros inesperados fizeram com que todo mundo ficasse frenético, com gritos e tiros por toda parte, e a multidão começou a se espalhar, tropeçando uns nos outros e gritando.

Antes que pudesse detê-lo, viu Ibrahim mirar nos Faixas Verdes que se aproximavam e atirar. Alguns homens da fila da frente caíram, um urro de raiva explodiu no meio deles e começaram também a atirar naquela direção. Ele mergulhou no chão, praguejando. A torrente de balas não o atingiu, mas pegou Farmad e outros que estavam perto, mas não Ibrahim nem os outros três líderes do Tudeh. Ele gritou e todos se atiraram no chão, enquanto estudantes apavorados abriam fogo com carabinas e pistolas.

Muitos ficaram feridos antes que o grande mujahedins que Rakoczy tinha marcado para ser executado juntasse seus homens e atacasse os guardas islâmicos, fazendo-os recuar. Imediatamente, outros vieram em sua ajuda e o recuo se transformou em fuga, os

estudantes soltaram um urro triunfante e o comício se transformou numa batalha.

Rakoczy agarrou Ibrahim, que já ia começar a atirar a esmo.

— Siga-me — ordenou, e foi empurrando Ibrahim e os outros para o abrigo do prédio, depois, quando se certificou de que estavam todos com ele, saiu correndo numa retirada desesperada.

Numa encruzilhada no meio dos jardins cobertos de neve, ele parou um instante para recobrar o fôlego. O vento estava gelado e a noite já tinha caído.

— E Farmad? — perguntou Ibrahim, sem fôlego. — Ele foi ferido!

— Não — respondeu —, ele estava morrendo. Vamos!

Mais uma vez ele disparou pelo jardim, continuou pela rua que ficava perto da faculdade de Ciências, atravessou o estacionamento e só parou quando o ruído do tumulto ficou distante. Sentia uma pontada do lado e quase não conseguia respirar. Quando conseguiu falar, disse: — Não se preocupem com nada. Voltem para suas casas ou para seus dormitórios. Façam com que todos fiquem preparados para o ataque amanhã ou depois. O comitê dará a ordem. — E se afastou no meio da noite.

NO APARTAMENTO DE LOCHART: 19:30H. Xarazade estava deitada numa banheira de espuma, com a cabeça enfiada num travesseiro à prova d'água, os olhos fechados, com uma toalha em volta da cabeça.

— Oh, Azadeh, minha querida — disse sonolenta, com o suor escorrendo pela testa —, estou tão feliz.

Azadeh também estava na banheira e estava deitada com a cabeça para o outro lado, desfrutando do calor, da intimidade, da água docemente perfumada e do conforto. Seus longos cabelos também estavam envoltos por uma toalha branca e a banheira era grande, funda e confortável. Mas ainda havia círculos escuros sob os seus olhos, e ela não conseguia livrar-se dos terrores da véspera na estrada e no helicóptero. Lá fora, a noite tinha chegado. Tiros soavam ao longe. Nenhuma das duas deu atenção a eles.

— Eu gostaria que Erikki voltasse — disse Azadeh.

— Ele não vai demorar, ainda há muito tempo, querida. O jantar não será antes das nove, temos quase duas horas para nos

aprontarmos. — Xarazade abriu os olhos e pôs a mão na coxa esguia de Azadeh, feliz em tocá-la. — Não se preocupe, querida Azadeh, ele vai voltar logo, o seu gigante de cabelos vermelhos. E não se esqueça de que vou passar a noite com os meus pais, assim vocês poderão andar nus por aí a noite inteira! Desfrute do nosso banho, alegre-se e desmaie quando ele voltar. — Elas riram juntas.

— Está tudo maravilhoso agora, você está em segurança, nós todos estamos seguros, o Irã está salvo.

Com a ajuda de Deus o imã venceu e o Irã está livre e salvo.

— Eu gostaria de poder acreditar nisso, gostaria de poder acreditar como você acredita — disse Azadeh. — Não consigo explicar o quanto aquelas pessoas lá na estrada eram horríveis. Era como se eu estivesse sendo sufocada pelo ódio delas. Por que elas odiariam, a mim e ao Erikki? O que fizemos contra elas? Nada, e no entanto elas nos odiavam.

— Não pense mais nisso, querida. — Xarazade abafou um bocejo.

— Os esquerdistas são todos loucos, dizendo-se muçulmanos e ao mesmo tempo marxistas. Eles são contra Deus e portanto amaldiçoados. Os camponeses? Eles são ignorantes, como você sabe muito bem, e simplórios na maioria. Não se preocupe. Isso ficou para trás, agora tudo vai melhorar, você vai ver.

— Eu espero, oh, como espero que você tenha razão. Eu não quero que melhore, só quero que volte a ser como era, como sempre foi.

— Oh, voltará — Xarazade sentia-se tão bem, a água estava tão agradável, tão macia, como um útero. Ah, ela pensou, só faltam três dias para que eu tenha certeza e então Tommy diz a papai que é claro que ele deseja filhos e então, no dia seguinte, o grande dia, eu vou ter certeza, embora já tenha certeza agora. Não fui sempre tão regular? Então poderei dar a Tommy o meu presente de Deus e ele ficará muito orgulhoso. — O imã faz o trabalho de Deus. Como pode deixar de ser bom?

— Eu não sei, Xarazade, mas na nossa história os mulás nunca foram dignos de confiança. Eram apenas parasitas dos camponeses.

— Ah, mas agora é diferente — disse Xarazade, sem querer realmente discutir questões assim tão sérias. — Agora nós temos um líder de verdade. Agora ele tem o Irã sob controle pela primeira vez.

Ele não é o mais piedoso dos homens, o que mais conhece o Islã e a lei? Ele não faz o trabalho de Deus? Ele não conseguiu o impossível, expulsando o xá e sua terrível corrupção, impedindo os generais de darem um golpe aliados aos americanos? Papai diz que nós estamos mais seguros agora do que jamais estivemos.

— Estamos mesmo? — Azadeh lembrou-se de Rakoczy no helicóptero e do que ele dissera acerca de Khomeini e do retrocesso na história, e ela sabia que muitas vezes ele falara a verdade, e ela o atacara, odiando-o, desejando que ele estivesse morto, pois é claro que ele era um daqueles que usariam os imbecis dos mulás para escravizar todo mundo. — Você quer ser governada por leis islâmicas do tempo do Profeta, de quase mil e quinhentos anos? Ser forçada a usar o chador, perder seu direito de votar, tão duro de conseguir, de trabalhar, de ser tratada como igual?

— Eu não quero votar nem trabalhar nem ser igual. Como pode uma mulher ser igual a um homem?

Eu só quero ser uma boa esposa para Tommy, e no Irã, eu prefiro usar o chador na rua. — Delicadamente, Xarazade disfarçou outro bocejo, sonolento por causa do calor. — Insha'Allah, Azadeh querida. É claro que tudo será como antes, mas papai diz que vai ser melhor porque agora nós somos donos de nós mesmos, da nossa terra, do nosso petróleo, de tudo o que existe na terra.

Não haverá nenhum general nem político estrangeiro para nos arruinar, e com o malvado xá fora daqui, nós todos viveremos felizes para sempre, você com o seu Erikki, eu com Tommy e muitos e muitos filhos. Como poderia ser diferente? Deus está com o imã e o imã está conosco. Nós temos muita sorte. — Ela sorriu e abraçou afetuosamente a perna da amiga. — Estou tão contente em ter você aqui, Azadeh. Faz tanto tempo que você não vinha a Teerã!

— Sim. — Elas eram amigas há muitos anos. Primeiro na Suíça, onde tinham se conhecido no colégio, embora Xarazade só tivesse ficado um período, infeliz por estar longe da família e do Irã, depois, mais tarde, na universidade, em Teerã. E agora, há pouco mais de

um ano, como ambas tinham se casado com estrangeiros que trabalhavam na mesma companhia, elas se aproximaram ainda mais, como duas irmãs, ajudando-se mutuamente a se adaptar às esquisitices estrangeiras: — Às vezes eu não consigo entender o Tommy, Azadeh — dissera Xarazade chorando no começo. — Ele gosta de ficar sozinho, sozinho mesmo, só eu e ele, a casa vazia, até mesmo sem os empregados.

Ele me disse até que gosta de ficar só, lendo, sem ninguém por perto, sem a família, sem os filhos, sem amigos, sem conversar. Oh, às vezes é horrível.

— Erikki é igualzinho — dissera Azadeh. — Os estrangeiros não são como nós. Eles são muito estranhos. Eu gosto de passar dias com amigos, crianças, família, mas o Erikki não. É bom que Erikki e Tommy trabalhem durante o dia. Você tem mais sorte, o Tommy fica fora duas semanas de cada vez e você pode agir normalmente. Aliás, outra coisa, Xarazade, eu levei meses para me acostumar a dormir numa cama e...

— Eu nunca consegui! Oh, fica tão acima do chão, tão fácil de se cair, sempre com uma enorme depressão do lado deles, de modo que a gente fica muito desconfortável e acorda com dor nas costas.

Uma cama é horrível, comparada com almofadas macias em lindos tapetes sobre o chão, tão mais confortável e civilizado.

— Sim, mas Erikki não quer usar almofadas nem tapetes. Ele insiste numa cama. Ele simplesmente não quer mais tentar. Às vezes, é um alívio quando ele está fora.

— Oh, nós agora dormimos direito, Azadeh. Eu acabei com aquela besteira de uma cama ocidental depois do primeiro mês.

— Como você conseguiu?

— Oh, eu suspirava a noite inteira e não deixava o pobrezinho dormir. Depois eu dormia de dia, para poder estar descansada de novo para suspirar a noite inteira. — Xarazade rira, encantada. — Depois de sete noites, o pobrezinho cedeu, dormiu como um bebê por três noites seguidas da maneira correta, e agora ele sempre dorme como uma pessoa civilizada. Até quando está em Zagros! Por que você não experimenta? Eu garanto que você vai conseguir, querida, especialmente se também reclamar um pouco que a cama

lhe deu dor nas costas e que é claro que você ainda adora fazer amor mas que ele, por favor, tenha cuidado.

— O meu Erikki é mais esperto do que o seu Tommy — Azadeh riu. — Quando o Erikki experimentou dormir nas almofadas em cima do tapete, foi ele que suspirou a noite inteira e ficou se virando de um lado para o outro e não me deixou dormir. Fiquei tão exausta que depois de três noites passei a gostar da cama. Quando visito minha família, eu durmo civilizadamente, embora quando Erikki está no palácio a gente use uma cama. Sabe querida, há outro problema: eu adoro o meu Erikki, mas às vezes ele é tão grosseiro que eu quase morro. Ele fica repetindo 'sim' e 'não' quando pergunto alguma coisa. Como se pode conversar só com sim e não?

Ela sorriu para si mesma. Sim, é muito difícil viver com ele, mas viver sem ele agora é inimaginável.

Todo o seu amor, o seu bom humor, o seu tamanho e a sua força, e sempre fazendo o que eu quero, só que com muita facilidade, de modo que eu tenho pouca chance de afiar as minhas garras.

— Nós duas temos muita sorte, Xarazade, não é verdade?

— Oh, sim, querida. Você pode ficar aqui uma ou duas semanas? Mesmo que Erikki tenha que voltar, você fica, por favor?

— Eu gostaria de ficar. Quando Erikki voltar... talvez eu peça a ele. Xarazade se mexeu dentro d'água, fazendo a espuma subir sobre os seios, soprando-a das mãos.

— Mac disse que eles viriam direto do aeroporto para cá, se estivessem atrasados. Genny vem direto do apartamento, mas não antes das nove. Eu também convidei Paula, a garota italiana, mas não para Nogger, para Charlie. — Ela riu. — Charlie quase desmaia quando ela o olha.

— Charlie Pettikin? Oh, mas isso é maravilhoso. Então temos que ajudá-lo. Nós devemos tanto a ele!

Vamos ajudá-lo a enfeitiçar a italiana sexy.

— Ótimo! Vamos planejar como dar Paula a ele.

— Como amante ou como esposa?

— Amante. Bem... deixe-me pensar. Quantos anos ela tem? Deve ter no mínimo 27. Você acha que ela daria uma boa esposa para ele?

Ele devia ter uma esposa. Todas as garotas que Tommy e eu mostramos discretamente para ele, apenas ele sorri e sacode o ombro. Eu trouxe até a minha prima em terceiro grau que tem 15 anos, achando que isso iria tentá-lo, mas que nada. Oh, que ótimo, agora nós temos algo para planejar. Temos bastante tempo para planejar, e para nos vestirmos e nos aprontarmos. E eu tenho uns vestidos lindos para você escolher.

— É tão estranho, Xarazade, não ter nada. Nada. Nem dinheiro, nem documentos... — Por um momento, Azadeh viu-se de volta ao Land Rover, perto do bloqueio da estrada, e diante dela estava o mujahedins gordo que roubara seus documentos, com sua metralhadora atirando enquanto Erikki o jogava de encontro ao outro carro, esmagando-o como a uma barata, com sangue e porcaria saindo-lhe da boca. — Não ter nada — disse, tentando não lembrar —, nem mesmo um batom.

— Não faz mal, eu tenho tudo isso aos montes. E Tommy vai ficar tão contente em ter você e Erikki aqui. Ele não gosta que eu fique sozinha. Pobre querida, não se preocupe. Agora você está em segurança.

Eu não me sinto nada segura, pensou Azadeh, odiando o medo, que era completamente desconhecido para ela e que, mesmo agora, parecia tirar o calor da água. Não me sinto segura desde que deixamos Rakoczy em terra e mesmo então durara apenas um momento, o êxtase de escapar daquele demônio: eu, Erikki e Charlie ilesos. Mesmo a alegria de achar um carro com gasolina na pequena pista não me livrou do medo. Detesto sentir medo.

Ela se enfiou mais na banheira, depois estendeu o braço e abriu a torneira de água quente, fazendo a água circular.

— Está tão bom aqui — murmurou Xarazade, sentindo a espuma densa e a sensualidade do contato com a água. — Estou muito contente que você queira ficar.

Na noite anterior, quando Azadeh, Erikki e Charlie chegaram ao apartamento de McIver, já estava escuro. Tinham encontrado Gavallan lá, de modo que não havia lugar para eles. Azadeh estava assustada demais para ficar no apartamento do pai, mesmo estando junto com Erikki. Então perguntara a Xarazade se podiam ficar com

ela até Lochart voltar. Xarazade ficara encantada, feliz por ter companhia. Tudo começara a ficar bem de novo, mas, durante o jantar, ouviram-se tiros por perto, que a fizeram saltar.

— Não precisa se preocupar, Azadeh — dissera McIver. — São só uns arruaceiros, provavelmente comemorando. Você não ouviu Khomeini ordenar que depusessem todas as armas? — Todo mundo concordara e Xarazade afirmara: — O imã será obedecido. — Sempre se referindo a Khomeini como 'imã', associando-o, assim, aos 12 imãs dos xiitas, os descendentes diretos de Maomé, o Profeta, quase uma divindade, certamente um sacrilégio: — Mas o que o imã conseguiu foi quase um milagre, não foi? — Xarazade tinha dito isso com sua cativante inocência. — Não há dúvida de que nossa liberdade é uma dádiva de Deus.

Depois estava tão bom na cama com Erikki, mas ele estava estranho e preocupado, não como o Erikki que ela conhecia.

— O que há de errado, o quê?

— Nada, Azadeh, nada. Amanhã eu vou pensar num plano. Não houve tempo esta noite para conversar com Mac ou Gavallan. Amanhã vamos planejar. Agora durma, querida.

Duas vezes durante a noite ela acordara com terríveis pesadelos, tremendo e gritando por Erikki.

— Está tudo bem, Azadeh, eu estou aqui. Foi só um sonho, agora você está em segurança.

— Não, não, não estamos, eu não me sinto segura, Erikki. O que está acontecendo comigo? Vamos voltar para Tabriz, ou então vamos embora para longe dessas pessoas horríveis.

De manhã, Erikki deixara-a para se encontrar com McIver e Gavallan, e ela dormira mais um pouco, mas isso não fez com que ela se sentisse mais descansada. Tinha passado o resto da manhã pensando ou ouvindo as novidades de Xarazade a respeito da sua ida a Galeg Morghi, ou escutando os últimos boatos contados pelos empregados: mais generais fuzilados, novas prisões, a multidão invadindo as prisões, hotéis ocidentais incendiados ou atacados. Boatos de que Bazargan tomara as rédeas do governo, de que os mujahedins tinham-se rebelado no sul, de que os curdos se rebelaram no norte, que o Azerbaijão declarara-se independente,

que as tribos nômades dos kash kai e dos bakhtiaris queriam livrar-se do jugo de Teerã; que todo mundo estava depondo as armas ou que ninguém depusera as armas. Rumores de que o primeiro-ministro Bakhtiar fora capturado e morto ou de que escapara para as montanhas, para a Turquia ou para a América; de que o presidente Carter estava preparando uma invasão ou de que Carter reconheceria o governo de Khomeini; de que havia tropas soviéticas na fronteira, prontas para invadir ou de que Brejnev estava vindo para Teerã para cumprimentar Khomeini; de que o xá iria pousar no Curdistão, apoiado pelas tropas americanas, ou de que ele fora morto no exílio.

Depois ela tinha ido almoçar com os pais de Xarazade na casa dos Bakravan, perto do bazar, mas só depois de Xarazade ter insistido para que usasse o chador, ela que odiava o chador e tudo o que ele representava. Mais rumores na enorme casa, mas lá eles eram favoráveis, não havia medo, mas uma confiança absoluta. Muita abundância, como sempre, exatamente como em sua própria casa, em Tabriz, com os empregados sorrindo, sentindo-se seguros e dando graças a Deus pela vitória. Jared Bakravan dissera a eles, jovialmente, que agora que o bazar ia ser reaberto, e todos os bancos estrangeiros fechados, os negócios voltariam a ser maravilhosos como eram antes das maléficas leis que o xá tinha instituído.

Depois do almoço, elas voltaram para o apartamento de Xarazade. A pé. Envoltas no chador. Não houvera qualquer problema e todos os homens trataram-nas com deferência. O bazar estava apinhado de gente, com pouca coisa para vender, embora cada comerciante anunciasse uma abundância de mercadorias prontas para serem embarcadas por caminhão, trem ou avião, dizendo que os portos estavam abarrotados de navios carregados de mercadorias. Nas ruas, milhares de pessoas andavam de um lado para o outro, o nome de Khomeini estava nos lábios de todo mundo, entoando Allah-u Akbarr, quase todos os homens e rapazes armados — mas nenhum velho. Em algumas áreas, Faixas Verdes, em vez da polícia, dirigiam o tráfego amadoristicamente, ou ficavam por ali, loucos por uma briga. Em outras áreas, havia a polícia, como sempre. Dois tanques passaram por elas, dirigidos por soldados,

com montes de guardas e civis em cima, acenando para os pedestres que aplaudiam.

Mesmo assim, todo mundo estava tenso sob essa capa de alegria, principalmente as mulheres, enroladas em suas mortalhas. Num determinado momento, ao virarem uma esquina, viram um grupo de rapazes cercado uma mulher de cabelos escuros, vestida com roupas ocidentais, debochando dela, gritando insultos, fazendo gestos obscenos, muitos deles se exibindo, sacudindo os pênis para ela. A mulher tinha cerca de trinta anos, estava elegantemente vestida, com um casaco curto e uma saia, pernas e cabelos compridos e um pequeno chapéu. De repente, um homem abriu caminho no meio da multidão e juntou-se a ela, gritando que eles eram ingleses e que os deixassem em paz, mas os homens não lhe deram atenção, empurrando-o e concentrando-se na mulher. Ela estava apavorada.

Não havia nenhuma maneira de Xarazade e Azadeh contornarem a multidão, que crescia rapidamente, e elas se viram obrigadas a presenciar tudo, até que apareceu um mulá que disse à multidão para ir embora, e fez uma preleção para os dois estrangeiros sobre a necessidade de obedecerem aos costumes islâmicos. Quando, finalmente, chegaram em casa, estavam cansadas e se sentiam sujas.

Tiraram a roupa e se atiraram na cama.

— Estou satisfeita de ter saído hoje — dissera Azadeh, com uma voz cansada, profundamente preocupada. — É melhor que nós, mulheres, organizemos um protesto antes que seja tarde demais. É melhor que marchemos pelas ruas, sem véu nem chador, para mostrarmos aos mulás o nosso ponto de vista: que não somos escravas, que temos direitos, e que usar o chador é uma coisa que depende de nós e não deles.

— Sim, vamos fazer isso! Afinal de contas, nós também ajudamos nesta vitória! — Xarazade bocejara, semi-adormecida. — Oh, eu estou tão cansada.

Aquela soneca tinha ajudado.

Azadeh observava preguiçosamente as bolhas de espuma estourando, a água agora mais quente, sentindo o cheiro adocicado

e agradável do vapor. Ela se ergueu por um momento, alisando a espuma dos seios e braços.

— E curioso, Xarazade, mas eu fiquei contente por estar usando o chador hoje. Aqueles homens eram tão horríveis.

— Os homens nas ruas são sempre horríveis, querida Azadeh. — Xarazade abriu os olhos e observou-a, sua pele dourada brilhando, os seios orgulhosos. — Você é tão linda, querida Azadeh.

— Ah, obrigada, mas você é que é linda. — Azadeh pôs a mão no estômago da amiga e afagou-a. — Mamãezinha, hein?

— Oh, eu espero tanto que sim. — Xarazade suspirou, fechou os olhos e deixou-se embalar pelo calor. — Eu não consigo me imaginar como mãe. Vou saber daqui a três dias. Quando é que você e Erikki vão ter filhos?

— Daqui a um ou dois anos. — Azadeh manteve sua voz calma ao contar a mesma mentira que já tinha contado tantas vezes. Mas ela estava com muito medo de ser estéril, pois não usava anticoncepcionais desde o casamento e desejara, desde o começo, dar um filho a Erikki. Ela era perseguida sempre pelo mesmo pesadelo: de que o aborto tivesse acabado com qualquer possibilidade de ter filhos, por mais que o médico alemão a tranquilizasse. Como pude ser tão burra?

Tão fácil. Tão apaixonada. Eu tinha apenas 17 anos e estava apaixonada, profundamente apaixonada.

Não como agora, com Erikki, por quem daria de bom grado a minha vida. Com Erikki é de verdade e para sempre e gentil e apaixonado e seguro. Com o meu Johnny de olhos claros era como um sonho.

Ah, eu me pergunto onde Johnny estará agora, o que estará fazendo, tão alto e louro, com seus olhos azuis-acinzentados e tão britânico. Com quem terá se casado? Quantos corações mais você partiu, meu querido?

Naquele verão ele estava no colégio em Rougemont — a cidadezinha próxima da que ela estava — ostensivamente para aprender francês. Foi depois que Xarazade voltou. Ela o conhecera no Sonnenhof, apanhando sol, apreciando toda a beleza de Gstaad, cercada de montanhas. Ele tinha 19 anos, ela ia fazer 17 daí a três

dias, e durante todo aquele verão eles andaram por toda parte, pelas montanhas e florestas, nadando nos riachos, brincando, fazendo amor, sempre mais aventureiro lá no alto das nuvens.

Mais nuvens do que eu gosto de pensar, disse a si mesma sonhadoramente, eu estava com a cabeça nas nuvens naquele verão, aprendendo a respeito dos homens e da vida, mas sem aprender. Então, no outono, ele lhe dissera: — Sinto muito, mas agora tenho que partir, tenho que voltar para a universidade, mas estarei de volta no Natal.

E nunca voltou. E muito antes do Natal ela descobrira. Toda a angústia e o terror onde só deveria ter havido felicidade. Apavorada de que a escola descobrisse, pois aí os seus pais teriam que ser informados. Era contra a lei fazer um aborto na Suíça sem o consentimento dos pais e ela foi para a Alemanha onde aquilo era possível, tendo a sorte de encontrar o médico gentil que a tranquilizara.

Não tinha havido nenhuma dor, nenhum problema — só uma pequena dificuldade para conseguir dinheiro. Ela ainda estava apaixonada por Johnny. No ano seguinte, terminada a escola, tudo mantido em segredo, ela voltara para Tabriz. A madrastra, de algum modo, descobrira — tenho certeza que Najoud, minha irmã de criação, me traiu, não foi ela que me emprestou o dinheiro? E depois, também papai descobriu.

Ela fora mantida em reclusão durante um ano. Depois o perdão e a paz — uma espécie de paz. Ela implorara para ir para a universidade em Teerã.

— Eu concordo, contanto que você jure por Deus que não vai ter nenhum caso, vai me prestar obediência absoluta e só vai se casar com quem eu escolher — dissera o khan.

A primeira da classe. Depois pedira para entrar para o Corpo de Professores, qualquer desculpa para sair do palácio.

— Eu concordo, mas só se for nas nossas propriedades. Nós temos aldeias mais do que suficientes para você tomar conta — ele tinha dito.

Muitos homens em Tabriz queriam se casar com ela, mas seu pai os recusara, com vergonha dela. E então Erikki.

— E quando esse estrangeiro, esse... esse gigante pobretão, vulgar, mal-educado, herege, que não sabe falar nem uma palavra de farsi nem de turco, que não sabe nada a respeito dos nossos costumes nem da nossa história, que não sabe se comportar numa sociedade civilizada, cujo único talento é beber enormes quantidades de vodca e pilotar um helicóptero... quando ele descobrir que você não é virgem, que foi maculada, estragada, talvez arruinada para sempre?

— Eu já contei a ele, papai — ela dissera em lágrimas. — Também disse que sem a sua permissão eu não posso me casar.

Então aconteceu o milagre do ataque ao palácio e seu pai quase foi assassinado, e Erikki comportou-se como um guerreiro vingador das antigas lendas. A permissão para o casamento foi outro milagre.

A compreensão de Erikki, outro milagre. Mas até agora, nenhum filho. O velho dr. Nutt diz que eu sou normal e perfeita e que tenho que ter paciência. Com a ajuda de Deus, em breve vou ter um filho, e então só haverá felicidade, como com Xarazade, tão linda, com seu belo rosto, seus seios, suas costas, o cabelo e a pele como seda.

Ela sentiu a maciez da amiga em suas mãos e isso lhe deu um enorme prazer. Distraidamente, começou a acariciá-la, deixando-se levar pelo calor e pela ternura. Nós somos abençoadas por sermos mulheres, pensou, podendo tomar banho juntas e dormir juntas, nos beijarmos e nos tocarmos e amar sem nos sentirmos culpadas.

— Ah, Xarazade — murmurou, entregando-se também —, como eu adoro sentir você.

NA CIDADE VELHA: 19:52H. O homem atravessou apressado a praça coberta de neve, perto da antiga mesquita Mehrid, e entrou pelo portão principal do bazar, saindo do frio congelante para uma semi-escuridão quente, apinhada e familiar. Ele tinha uns cinquenta anos, era corpulento e estava sem fôlego, com o chapéu de astracã meio de lado, vestido com roupas caras. Um burro carregado bloqueou seu caminho pela estreita passagem e ele praguejou, recuou para deixar o animal e seu dono passarem, depois continuou andando apressado, virou à esquerda numa passagem e entrou na rua dos vendedores de roupas.

Não corra, disse a si mesmo muitas vezes, sentindo dor no peito e nas pernas. Agora você está seguro, vá devagar. Mas o terror era mais forte e, ainda em pânico, ele continuou depressa, desaparecendo no enorme labirinto. No seu rastro, com um intervalo de poucos minutos, surgiu um grupo de Faixas Verdes armados. Eles não tinham pressa.

À frente, a estreita rua de lojas de arroz estava bloqueada por multidões maiores do que habitualmente, todos disputando a pequena quantidade que havia para vender. Ele parou por um momento e enxugou a testa, depois prosseguiu. O bazar parecia uma colmeia, palpitando de vida, com centenas de caminhos de terra, corredores e passagens, alinhados de ambos os lados, com lojas mal-iluminadas dando para fora — algumas de dois andares — além de cubículos, muitos não passando de nichos abertos nas paredes, com mercadorias e serviços de todos os tipos — desde comida até relógios estrangeiros, de açougueiros a comerciantes de ouro, de agiotas a negociantes de armas — todos esperando por um freguês, embora, no momento, não houvesse muito o que vender nem o que fazer. Acima do barulho, das vozes e das pessoas que regateavam, o teto alto e abobadado tinha claraboias para ventilação e para deixar entrar luz durante o dia. O ar era pesado, com o cheiro característico do bazar — cheiro de fumaça e de comida rançosa, de fruta podre e churrasco, de temperos, fezes, poeira, gasolina, mel, tâmaras e restos de comida, tudo misturado com o cheiro dos corpos e do suor da multidão que nascia, vivia e morria aqui.

Pessoas de todas as idades e de todos os tipos comprimiam-se nas passagens — naturais de Teerã, turcomanos, curdos, kash kai, armênios, árabes, libaneses e levantinos — mas o homem não prestou atenção nenhuma nelas, nem nas constantes súplicas para parar e comprar, ele simplesmente foi abrindo caminho no meio da multidão, atravessou rapidamente a sua própria rua, a dos ourives, desceu a rua dos vendedores de especiarias, a dos joalheiros, enfiando-se cada vez mais para o interior do labirinto, com o cabelo molhado de suor por baixo do chapéu de astracã, e o rosto vermelho. Dois vendedores que repararam nele riram e comentaram:

— Por Deus, nunca vi o velho Paknouri andar tão depressa antes. Aquele cão velho deve estar indo receber uma dívida de dez riais.

— É mais provável que o avarento Paknouri tenha um garoto suculento esperando por ele, com a bunda sacudindo para o ar.

A alegria deles depressa acabou, quando os Faixas Verdes armados passaram. Quando eles já estavam a uma distância segura, alguém resmungou: — O que será que esses filhos de uma cadela querem aqui?

— Eles estão procurando alguém. Deve ser isso. Que seus pais queimem no inferno! Vocês não ouviram dizer que eles têm prendido gente o dia inteiro?

— Estão prendendo pessoas? E o que estão fazendo com elas?

— Colocando-as na cadeia. Eles agora controlam as cadeias. Não ouviram dizer que eles arrombaram a porta da prisão de Evin e soltaram todo mundo e prenderam os carcereiros e que agora estão controlando tudo? Eles organizaram seus próprios pelotões de fuzilamento e seus tribunais e ouvi dizer que fuzilaram vários generais e policiais. E está havendo um tumulto agora mesmo, na universidade.

— Que Deus nos proteja! O meu filho Farmad está num comício lá, o idiota! Eu disse a ele para não ir.

Jared Bakravan, o pai de Xarazade, estava em sua loja, na sala particular que ficava sobre a loja, na rua dos Agiotas, que pertencia à sua família há cinco gerações e que ficava num dos melhores pontos.

Sua especialidade era empréstimo e financiamento. Estava sentado numa espessa pilha de tapetes, tomando chá com seu velho amigo, Ali Kia, que conseguira ser nomeado funcionário público no governo de Bazargan. O filho mais velho de Bakravan, Meshang, sentara-se atrás dele, ouvindo e aprendendo — um rapaz bonito de uns trinta anos, com propensão a uma confortável corpulência. Ali Kia usava óculos e estava barbeado, mas Bakravan tinha uma barba branca e era corpulento. Ambos tinham cerca de sessenta anos e se conheciam quase que a vida inteira.

— E como o empréstimo será pago, e em que prazo? — Bakravan perguntou.

— Com os lucros do petróleo, como sempre — Kia respondeu, pacientemente —, da mesma forma que o xá teria feito, num prazo acima de cinco anos, a um por cento ao mês, como de costume. Meu amigo, Mehdi... Mehdi Bazargan, diz que o Parlamento vai garantir o empréstimo assim que se reunir. — Ele sorriu e acrescentou, exagerando um pouco: — Como eu não estou apenas no gabinete de Mehdi, mas também no seu gabinete particular, posso vigiar pessoalmente a negociação.

Evidentemente, você sabe o quanto o empréstimo é importante, e que é importante também para o bazar.

— É claro. — Bakravan deu um puxão na barba para evitar cair na gargalhada. Pobre Ali, pensou, pretensioso como sempre! — Não me compete falar nisso, meu amigo, mas alguns dos lojistas me perguntaram sobre os milhões em ouro já adiantados para apoiar a revolução. Adiantados para o fundo em favor do aiatolá Khomeini, que Deus o proteja — acrescentou polidamente, pensando no fundo do coração: Que Deus o tire de nós depressa agora que vencemos, antes que ele e os seus mulás, gananciosos, parasitas, bitolados, façam muito estrago. Quanto a você, Ali, meu velho amigo, deturpador da verdade, que exagera a sua própria importância, você pode ser o meu amigo mais antigo, mas se você acha que eu confiaria em você... Como se algum de nós fosse confiar em qualquer iraniano fora da nossa própria família, e mesmo assim com muita cautela.

— É claro que eu sei que o aiatolá nunca viu, precisou ou tocou num único rial — disse, com franqueza —, mas mesmo assim, nós, lojistas, adiantamos enormes somas de dinheiro, de ouro, de moeda estrangeira, em favor dele, financiando a sua campanha. É claro que pela glória de Deus e do nosso amado Irã.

— Sim, nós sabemos. E Deus os abençoará por isso. E também o aiatolá. É claro que estes empréstimos serão pagos assim que tivermos o dinheiro. Imediatamente! Os empréstimos feitos pelos lojistas de Teerã são os primeiros da fila de pagamento, dentre todas as dívidas internas. Nós, do governo, compreendemos o quanto a ajuda de vocês tem sido importante. Mas, Jared, Excelência, velho amigo, antes de mais nada, nós precisamos tocar a produção de

petróleo, e, para isso, precisamos de dinheiro. Os cinco milhões de dólares que precisamos de imediato serão como um grão de arroz dentro de um barril, agora que os bancos estrangeiros vão ser controlados e, na grande maioria, expulsos. O pre...

— O Irã não precisa de nenhum banco estrangeiro. Nós, os lojistas, podemos fazer tudo o que for necessário. Se nos pedirem. Tudo. Se procurarmos com afinco, pela glória do Irã, talvez, talvez possamos descobrir que temos todas as habilidades e ligações em nosso próprio meio. — Bakravan tomou um gole do seu chá com uma elegância estudada. — O meu filho Meshang tem um diploma da Escola de Administração de Harvard. — A mentira não incomodou a nenhum deles. — Com a ajuda de estudantes brilhantes como ele... — E deixou a ideia no ar.

— Oh, mas você certamente não poderia ceder os serviços dele para o meu Ministério das Finanças — atalhou Ali Kia, compreendendo logo a insinuação. — Na certa, ele é importante demais para você e seus colegas? É claro que sim, deve ser!

— Sim, sim, ele é. Mas as necessidades do nosso amado país vêm antes dos nossos desejos pessoais. Isso, evidentemente, se o governo quisesse utilizar o seu raro talento.

— Mencionarei isso para Mehdi amanhã de manhã. Sim, no meu encontro diário com o meu velho amigo e colega meu. — disse Ali Kia, imaginando quando conseguiria obter sua primeira audiência, muito adiada, desde que fora nomeado ministro interino das Finanças. — Posso também dizer a ele que você concorda com o empréstimo?

— Vou consultar os meus colegas imediatamente. A decisão, evidentemente, será deles e não minha — Bakravan acrescentou com um ar de tristeza que não enganou a nenhum dos dois. — Mas vou defender a ideia, velho amigo.

— Obrigado. — Mais uma vez, Kia sorriu. — Nós, do governo, e o aiatolá, apreciaremos a ajuda dos lojistas.

— Estamos sempre prontos para ajudar. Como você sabe, nós temos sempre ajudado — disse suavemente o velho, lembrando o apoio financeiro maciço dado pelo bazar aos mulás, a Khomeini, ao

longo dos anos. Ou a qualquer figura política íntegra, como Ali Kia, que fazia oposição a ambos os xás.

Que Deus amaldiçoe os Pahlavis, pensou Bakravan, eles são a causa de todos os nossos problemas.

Malditos sejam por todos os problemas que causaram com sua exigência precipitada de modernização, com o seu descaso insano pelos nossos conselhos e nossa influência, por ter convidado os estrangeiros para virem para cá, só de americanos eram cinquenta mil há um ano, deixando-os se apossarem dos melhores empregos e de todos os negócios bancários. O xá desprezou nossa ajuda, quebrou nosso monopólio, nos sufocou e destruiu nossa herança histórica. Em toda parte, por todo o Irã.

Mas tivemos a nossa vingança. Apostamos o resto da nossa influência e do nosso tesouro no ódio implacável de Khomeini e no seu poder sobre as massas sujas e ignorantes. E vencemos. E agora, com os bancos estrangeiros fechados, com os estrangeiros fora daqui, seremos mais ricos e influentes do que nunca. Este empréstimo será fácil de conseguir, mas Ali Kia e seu governo podem suar um pouco. Nós somos os únicos capazes de levantar o dinheiro. O pagamento oferecido não é ainda suficientemente alto, nem de longe nos compensa pelo fechamento do bazar durante todos estes meses. Mas quanto deveríamos exigir? perguntou a si mesmo, muito satisfeito com as negociações.

Talvez a percentagem devesse...

A porta se abriu com violência e Emir Paknouri entrou correndo na sala.

— Jared, eles vão me prender — gritou, com as lágrimas correndo pelo rosto.

— Quem? Quem vai prender você e por quê? — explodiu Bakravan, vendo perturbada a calma habitual da sua casa, com as caras assustadas de ajudantes, vendedores e gerentes se comprimindo na porta.

— Por... por crimes contra o Islã! — Paknouri chorava abertamente.

— Deve haver algum erro! É impossível!

— Sim, é impossível, mas eles... eles vieram à minha casa com o meu nome... há meia hora atrás nós...

— Quem? Diga-me o nome deles e eu destruirei os seus pais! Quem foi na sua casa?

— Eu já disse! Guardas, guardas revolucionários, Faixas Verdes, sim, eles, é claro — disse Paknouri e continuou a falar, sem ouvir o sinal para calar a boca. Ali Kia empalideceu e alguém murmurou "Deus nos proteja!"

— Há meia hora atrás, com o meu nome num pedaço de papel... meu nome, Emir Paknouri, chefe da liga dos ourives que deu milhões de riais... eles foram na minha casa, acusando-me, mas os criados...

e minha mulher estava lá e eu... por Deus e pelo Profeta, Jared — ele gritou caindo de joelhos —, eu não cometi nenhum crime, eu sou um dignitário do bazar, eu dei milhões e...

— De repente ele parou, vendo Ali Kia. — Kia, Ali Kia, Excelência, o senhor sabe perfeitamente o que eu fiz para ajudar a revolução!

— É claro — Kia estava pálido, com o coração disparado. — Deve haver algum erro. — Ele conhecia Paknouri como um lojista muito influente, respeitado, primeiro marido de Xarazade, e um dos seus mais antigos patrocinadores. — Tem que haver um erro!

— É claro que há um erro! — Bakravan abraçou o pobre homem e tentou acalmá-lo. — Tragam um chá imediatamente — ordenou.

— Um uísque. Por favor, você tem uísque? — murmurou Paknouri. — Tomarei chá depois, você tem uísque?

— Não aqui, meu pobre amigo, mas é claro que há vodca. — Trouxeram-na imediatamente. Paknouri tomou-a e engasgou um pouco. E não quis outra. Em seguida ficou mais calmo e tornou a contar o que tinha acontecido.

Ele percebera que algo estava errado quando ouviu vozes alteradas na entrada da sua mansão, que ficava bem ao lado do bazar. Estava no andar de cima com a esposa, preparando-se para jantar.

— O líder dos guardas, havia cinco, estava sacudindo aquele pedaço de papel e pedindo para me ver. É claro que os criados não ousariam incomodar-me, nem deixariam um gorila daqueles entrar,

então o chefe dos criados disse que ia ver se eu estava e subiu. Ele nos disse que o papel estava assinado por alguém chamado Uwari, em nome do Komiteh Revolucionário. Em nome de Deus, quem são eles? Quem é esse homem Uwari? Você já ouviu falar nesse homem, Jared?

— É um nome bastante comum — disse Bakravan, seguindo o costume iraniano de ter sempre uma resposta pronta para algo que não se sabe. — O senhor já ouviu falar, Excelência Ali?

— Como você disse, é um nome comum. Este homem mencionou alguma outra pessoa, Excelência Paknouri?

— Pode ter mencionado. Que Deus nos proteja! Mas quem são eles, este Komiteh Revolucionário?

Ali Kia, o senhor deve saber.

— Muitos nomes têm sido mencionados — disse Kia, com imponência, disfarçando a inquietação que sentia cada vez que se mencionava o Komiteh Revolucionário. Como todo mundo, dentro e fora do governo, pensou aborrecido, não tenho nenhuma informação verdadeira sobre a sua composição ou quando ou onde ele se reúne, só que surgiu no momento em que Khomeini voltou ao Irã, há menos de duas semanas e, desde ontem, quando Bakhtiar fugiu, vem agindo como se fosse a própria lei, governando em nome de Khomeini e com a sua autoridade, indicando precipitadamente novos juizes, a maioria sem treinamento legal de espécie alguma, autorizando prisões, tribunais revolucionários e execuções imediatas, totalmente fora da lei e da jurisprudência normais. E contra a nossa Constituição! Que todas as suas casas se incendeiem e que eles vão para o inferno que merecem!

— Hoje mesmo de manhã o meu amigo Mehdi — começou confiante, depois parou, fingindo notar pela primeira vez os empregados que ainda estavam amontoados na porta, e fez um sinal imperioso para que eles se afastassem. Quando, com relutância, a porta foi fechada, ele baixou a voz, passando adiante o boato como se fosse uma informação particular: — Hoje de manhã, ahn, com a nossa bênção, Mehdi foi ao aiatolá e ameaçou renunciar a menos que o Komiteh Revolucionário parasse de passar por cima

dele e da sua autoridade, e assim os colocou no devido lugar daqui por diante.

— Graças a Deus! — disse Paknouri, muito aliviado. — Nós não vencemos a revolução para deixar que novas ilegalidades substituíssem a Savak, a dominação estrangeira e o xá!

— É claro que não! Graças a Deus, agora o novo governo está nas melhores mãos. Mas por favor, Excelência Paknouri, por favor, continue com a sua história.

— Não há muito mais o que contar, Ali — disse Paknouri, mais calmo e com mais coragem agora, cercado por amigos tão poderosos. — Eu, ahn, eu desci imediatamente para ver aqueles intrusos e disse a eles que aquilo era um erro estúpido, mas aquele cabeça dura, ignorante, bosta de cão apenas sacudiu o papel na minha cara, disse que eu estava preso e que deveria acompanhá-los. Eu disse a eles que esperassem... disse que esperassem e fui apanhar alguns papéis, mas minha esposa... minha esposa me disse para não confiar neles, que talvez eles fossem do Tudeh ou mujahedins ou fedayins, eu concordei com ela e decidi que seria melhor vir aqui consultar vocês e os outros. — Ele afastou da memória os fatos reais, que ele tinha fugido, assim que ouvira o líder anunciar, em nome do Komiteh Revolucionário e de Uwari, que Paknouri, o agiota, seria submetido ao julgamento divino por crimes contra Deus.

— Meu pobre amigo — disse Bakravan. — Meu pobre amigo, como você deve ter sofrido! Não se importe, você agora está seguro. Fique aqui esta noite. Ali, logo depois da primeira prece amanhã, vá ao gabinete do primeiro-ministro e certifique-se de que este assunto seja resolvido e esses idiotas punidos. Nós todos sabemos que Emir Paknouri é um patriota, que ele e todos os ourives apoiaram a revolução e que são essenciais para este empréstimo. — Cansado, fechou os ouvidos a todas as banalidades que Ali Kia estava dizendo.

Ele estudou Paknouri, vendo-lhe o rosto ainda pálido e o cabelo molhado de suor. Pobre sujeito, que choque ele deve ter tido. É lastimável. Com toda a sua riqueza e o seu nome ilustre — ligado aos Qajars através de Annoush, esposa do primo Valik — é uma pena que todo o meu trabalho por Xarazade tenha dado em nada. É

uma lástima que eles não tenham tido filhos e assim unido as nossas famílias. Bastava um único filho, pois então, certamente, nunca teria havido o divórcio e os meus problemas não teriam aumentado, com esse estrangeiro, Lochart. Por mais que esse estrangeiro tente aprender os nossos costumes, ele nunca vai conseguir. E como é caro sustentá-lo para manter a reputação da família! Preciso tornar a falar com o primo Valik e pedir-lhe mais uma vez para que Lochart receba um dinheiro extra. Valik e os seus gananciosos sócios da CHI podem muito bem fazer isso por mim, com os milhões que ganham, a maior parte em moeda estrangeira! O que custaria a eles? Nada! O custo seria repassado a Gavallan e à S-G. Os sócios me devem mil favores, a mim que durante anos lhes ensinei como conseguir tanto poder e tanta riqueza com tão pouco esforço!

— Pague a Lochart você mesmo, Excelência Jared — Valik respondera rudemente da última vez em que tinha falado com ele.
— Essa responsabilidade é sua. Você participa de tudo o que nós ganhamos. E o que representa uma quantia tão insignificante para o meu primo favorito e o mais rico lojista de Teerã?

— Mas devia ser uma despesa partilhada. Nós podemos usá-lo quando tivermos cem por cento de controle. Com o novo plano para o futuro da CHI, a sociedade vai ficar mais rica do que nunca e...

— Eu vou consultar os outros sócios imediatamente. É claro que a decisão será deles e não minha...

Mentiroso, pensou o velho, tomando o seu chá, mas eu também teria dito o mesmo. E abafou um bocejo, cansado e com fome. Uma soneca antes do jantar me faria bem.

— Sinto muito, Excelências, mas tenho negócios urgentes para tratar. Paknouri, velho amigo, estou contente de que esteja tudo resolvido. Fique aqui esta noite, Meshang vai arranjar colchões e almofadas, e não se preocupe! Ali, meu amigo, venha comigo até o portão do bazar. Você tem condução? — Ele perguntou por perguntar, sabendo que a primeira regalia de um assessor seria um carro com motorista e gasolina à vontade.

— Sim, obrigado. O primeiro-ministro insistiu para que eu tivesse um carro. Pela importância do nosso ministério, suponho.

— Seja como Deus quiser! — disse Bakravan.

Satisfeitos, eles saíram da sala, desceram as escadas estreitas e entraram no pequeno corredor que levava à loja. Mas os sorrisos desapareceram e suas bocas se encheram de bÍlis.

Lá, esperando, estavam os mesmos cinco Faixas Verdes, encostados nas mesas e cadeiras, todos armados com carabinas do exército americano, todos na casa dos vinte, com ou sem barba, com as roupas pobres e gastas, alguns com sapatos furados, alguns sem meias. O líder pautava os dentes silenciosamente, os outros estavam fumando, deixando a cinza cair descuidadamente nos valiosos tapetes kash 'kai de Bakravan. Um desses jovens tossia muito enquanto fumava, com a respiração chiada.

Bakravan sentiu uma fraqueza nos joelhos. Todos os seus empregados estavam paralisados, encostados numa das paredes. Todo mundo. Até o seu servidor favorito. Lá fora, na rua, tudo estava muito quieto, não havia ninguém por perto. Até os agiotas das lojas em frente pareciam ter desaparecido.

— Salaam, aga, que a bênção de Deus esteja com o senhor — disse educadamente, com a voz soando estranha. — O que posso fazer pelo senhor?

O líder não prestou nenhuma atenção nele, apenas manteve os olhos fixos em Paknouri, com seu rosto bonito mas marcado pela moléstia parasitária transmitida pelos mosquitos e quase endêmica no Irã.

Tinha pouco mais de vinte anos, cabelos e olhos escuros e mãos marcadas pelo trabalho, que brincavam com a carabina. Seu nome era Yusuf Senvar — Yusuf, o pedreiro.

O silêncio cresceu e Paknouri não pôde mais suportar a tensão.

— É tudo um engano — gritou. — Vocês estão cometendo um erro!

— Você pensou que poderia escapar da vingança de Deus fugindo? — A voz de Yusuf era macia, quase gentil, embora com um sotaque rude de camponês que Bakravan não conseguiu localizar.

— Que vingança de Deus? — gritou Paknouri. — Eu não fiz nada de errado, nada.

— Nada? Você não trabalhou para os estrangeiros, associando-se a eles durante anos, ajudando-os a roubar a riqueza da nossa

nação?

— É claro que não foi para isso, mas para criar empregos e ajudar a econ...

— Nada? Você não serviu a Satã, o xá, durante anos?

— Não — gritou novamente Paknouri —, eu era da oposição, todo mundo sabe que eu... eu era da opôs...

— Mas assim mesmo você o serviu e cumpriu as suas ordens?

O rosto de Paknouri estava contorcido e quase sem controle. Ele mexeu com a boca mas não conseguiu falar. Então disse com voz rouca: — Todo mundo o serviu. É claro que todo mundo o serviu, ele era o xá, mas nós trabalhamos pela revolução. O xá era o xá, é claro que todo mundo o serviu enquanto ele esteve no poder...

— O imã não — disse Yusuf, com súbita violência. — O imã Khomeini nunca serviu ao xá. Em nome de Deus, ele o serviu? — Vagarosamente, ele olhou rosto por rosto. Ninguém respondeu.

No silêncio que se seguiu, Bakravan observou o homem pôr a mão no bolso rasgado, apanhar um pedaço de papel e examiná-lo, e viu que ele era o único ali que podia acabar com aquele pesadelo.

— Por ordem do Komiteh Revolucionário — começou Yusuf — e de Ali'allah Uwari, agiota Paknouri você é levado a julgamento. Submeta-se...

— Não, Excelência — Bakravan disse educadamente, mas com firmeza, com as batidas do coração ressoando nos ouvidos. — Aqui é o bazar. Desde o início dos tempos o senhor sabe que o bazar tem as suas próprias leis, os seus próprios líderes. Emir Paknouri é um deles, ele não pode ser preso nem levado contra a sua vontade. Ele não pode ser tocado. Isto é uma lei bazaari que existe desde o começo dos tempos. — Ele olhou para o rapaz, sem medo, sabendo que nem o xá, nem mesmo a Savak, tinham ousado desafiar aquelas leis ou o direito de proteção.

— A lei do bazar é maior do que a lei de Deus, agiota Bakravan? Ele sentiu um arrepio gelado percorrê-lo.

— Não... não, é claro que não.

— Ótimo. Eu obedeco à lei de Deus e faço o trabalho de Deus.

— Mas você não pode prend...

— Eu obedeco à lei de Deus e faço apenas o trabalho de Deus.
— Os olhos do homem eram castanhos e francos sob as sobranceiras pretas. Ele apontou para a sua carabina. — Eu não preciso desta arma. Nenhum de nós precisa de armas para fazer o trabalho de Deus. Eu rezo de todo o coração para ser um mártir de Deus, pois assim irei diretamente para o paraíso, sem a necessidade de ser julgado, com todos os meus pecados perdoados. Se for hoje, então eu morrerei abençoando o meu assassino porque sei que terei morrido fazendo o trabalho de Deus.

— Deus é grande — disse um dos homens, e os outros repetiram.

— Sim, Deus é grande. Mas você, agiota Bakravan, você hoje rezou cinco vezes como o Profeta ordenou?

— É claro, é claro — respondeu Bakravan, sabendo que esta mentira não era pecado por causa do taqiyah, ocultamento, a permissão que o Profeta dá a qualquer muçulmano para mentir a respeito do Islã se a sua vida estiver ameaçada.

— Ótimo. Fique quieto e seja paciente, depois eu me encarregarei de você. — Outro arrepio percorreu Bakravan enquanto ele via o homem voltar a atenção para Paknouri. — Por ordem do Komiteh Revolucionário e de Ali'allah Uwari: agiota Paknouri, submeta-se a Deus pelos crimes contra Deus.

— Eu... eu... você não pode... — Paknouri tentou falar mas não conseguiu. Um pouco de espuma escorreu-lhe pelos cantos dos lábios. Todos o observavam, os Faixas Verdes sem emoção, os outros com horror Ali Kia Pigarreou.

— Ouça, talvez fosse melhor deixar isso para amanhã — começou, tentando manter um tom importante. — Emir Paknouri está obviamente perturbado pelo err...

— Quem é você? — Os olhos do líder o transpassaram, como haviam feito com Paknouri e Bakravan. — Hein?

— Eu sou o ministro interino Ali Kia — respondeu Ali, mantendo a coragem sob a força daqueles olhos — do Ministério das Finanças, membro do gabinete do primeiro-ministro Bazargan, e sugiro que você espere até...

— Em nome de Deus: você, o seu Ministério das Finanças, o seu gabinete, o seu Bazargan não têm nada a ver comigo ou conosco. Nós obedecemos ao mulá Uwari, que obedece ao Komiteh Revolucionário, que obedece ao imã, que obedece a Deus. — O homem se coçou displicentemente e voltou a atenção outra vez para Paknouri. — Para a rua! — ordenou, com a voz ainda gentil. — Ou nós o arrastaremos.

Paknouri deu um gemido e desmaiou. Os outros ficaram olhando, impotentes. Alguém murmurou: "É a vontade de Deus", e o pequeno copeiro começou a chorar.

— Fique quieto, garoto — disse Yusuf, sem raiva. — Ele está morto? Um dos homens se agachou perto de Paknouri.

— Não. Seja como Deus quiser.

— Seja como Deus quiser. Hassan, levante-o e ponha a cabeça dele na tina de água, e se ele não acordar nós o carregaremos.

— Não — interrompeu corajosamente Bakravan —, não, ele vai ficar aqui, ele está doente e...

— Você é surdo, velho? — Havia uma nova tensão na voz de Yusuf. Uma onda de medo varreu a sala. O garoto enfiou o punho na boca para não soluçar. Yusuf manteve os olhos em Bakravan enquanto o homem chamado Hassan, forte e de ombros largos, levantou Paknouri facilmente e saiu da loja.

— Seja como Deus quiser — disse, com os olhos em Bakravan. — Hein?

— Onde... por favor, para onde vocês o estão levando?

— Para a prisão, é claro. Para onde mais?

— Que... que prisão, por favor? Um dos homens riu.

— E importa que prisão?

Para Jared Bakravan e para os outros a sala agora estava abafada como uma cela, embora o ar não tivesse mudado e a abertura para a rua estivesse como sempre esteve.

— Eu gostaria de saber, Excelência — disse Bakravan, com a voz rouca, tentando disfarçar o ódio.

— Por favor.

— Evin.

Era a mais infame das prisões de Teerã. Yusuf percebeu uma nova onda de medo. Eles devem ser todos culpados, já que sentem tanto medo, pensou. Olhou para seu irmão mais moço, que estava atrás dele.

— Dê-me o papel.

Seu irmão não tinha nem 15 anos, estava imundo e tossia muito. Apanhou meia dúzia de papéis e folheou-os. Encontrou o que estava procurando.

— Aqui está, Yusuf.

— Tem certeza de que este é o certo? — perguntou o líder, examinando o papel.

— Sim. — O jovem apontou para o nome com um dedo grosso. Vagarosamente, ele soletrou o nome.

— J-a-r-e-d B-a-k-r-a-v-a-n.

— Que Deus nos proteja! — murmurou alguém. E no enorme silêncio que se seguiu, Yusuf apanhou o papel e estendeu-o para Bakravan. Os outros observavam, paralisados.

Quase sem respirar, o velho apanhou-o, com os dedos trêmulos. Por um momento, não conseguiu focalizar os olhos. Então viu as palavras: "Jared Bakravan, do bazar de Teerã, por ordem do Komiteh Revolucionário e de Ali'allah Uwari, está intimado a comparecer diante do Tribunal Revolucionário, na prisão de Evin, amanhã, imediatamente após a primeira oração, para responder a algumas perguntas." O papel estava assinado: "Ali'allah", com uma letra de analfabeto.

— Que perguntas? — perguntou, bestificado.

— As que Deus quiser. — O líder pôs a carabina no ombro e se levantou.

— Até amanhã. Traga o papel com você e não chegue atrasado.

— Nesse momento, ele notou a bandeja de prata, as taças e a garrafa de vodca pela metade que estavam numa mesa baixa, quase escondida por uma cortina na passagem escura, brilhando à luz de algumas velas. — Por Deus e pelo Profeta — disse indignado —, você esqueceu as leis de Deus?

As pessoas se afastaram do seu caminho enquanto ele virava a garrafa, derramando o seu conteúdo no chão de terra e a atirava

longe. Um pouco do líquido escorreu para um dos tapetes.

Instintivamente, o copeirinho caiu de joelhos e começou a enxugá-lo.

— Pare com isso!

Apavorado, o garoto saiu correndo. Com o pé, Yusuf espalhou a poça.

— Deixe que a mancha o faça lembrar das leis de Deus, velho — disse.

— Se manchar. — Por um momento ele examinou o tapete. — Que cores! Lindo! Lindo! — Suspirou e se coçou, depois voltou-se para Bakravan e Kia.

— Se vocês juntassem toda a riqueza que nós, pasadan, temos, e a juntasse à de toda a nossa família, e à da família dos nossos pais, ainda assim não poderíamos comprar nem um cantinho de um tapete desses. — Yusuf deu um sorriso debochado. — Mas mesmo que eu fosse tão rico quanto você, agiota Bakravan... você sabe que agiotagem também é contra a lei de Deus? Mesmo que eu fosse assim tão rico, não quereria comprar esse tapete. Eu não preciso de um tesouro como esse. Eu não tenho nada, nós não temos nada, nós não precisamos de nada. Só de Deus.

E saiu majestosamente.

PERTO DA EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS: 20:15H.

Erikki esperava há quase quatro horas. De onde estava sentado, na janela do apartamento do primeiro andar, do seu amigo Christian Tollonen, ele podia ver os muros altos cercando as instalações americanas, bem iluminadas, fuzileiros uniformizados perto dos enormes portões batendo com os pés para espantar o frio, e o grande prédio da embaixada mais atrás. O trânsito ainda estava pesado, com retenções aqui e ali, todo mundo buzinando e tentando avançar, com os pedestres tão impacientes e egocêntricos como sempre. Nenhum sinal estava funcionando. Não havia polícia. Não que isso fizesse alguma diferença, pensou, os habitantes de Teerã não ligam a mínima para as leis do trânsito, nunca ligaram e nunca ligarão. Como aqueles loucos na estrada da montanha que se mataram. Como os habitantes de Tabriz.

Ou os de Qazvin.

Ele apertou os punhos enormes ao se lembrar de Qazvin. Na embaixada da Finlândia, naquela manhã, havia comunicados de que Qazvin estava em estado de rebelião, de que nacionalistas azerbaijanos em Tabriz tinham-se rebelado novamente e que prosseguia a luta contra as forças leais ao governo de Khomeini e que aquela província de fronteira, rica em petróleo e altamente estratégica, tinha mais uma vez se declarado independente de Teerã, independência pela qual vinha lutando através dos séculos, sempre ajudada pela Rússia, a inimiga permanente do Irã e que desejava o seu território.

Rakoczy e outros como ele deviam estar espalhados por todo o Azerbaijão.

— É claro que os soviéticos estão atrás de nós — dissera Abdullah Gorgon Khan indignado, durante a discussão, pouco antes dele e Azadeh terem partido para Teerã. — É claro que o seu Rakoczy e seus homens estão aqui por imposição. Nós andamos na mais fina corda bamba do mundo porque somos a chave deles para o golfo e para Ormuz, a jugular do Ocidente. Se não fosse por nós, Gorgons, por nossas relações tribais, e por alguns dos nossos aliados curdos, nós agora seríamos uma província soviética, junto com a outra metade do Azerbaijão que os soviéticos nos roubaram anos atrás, ajudados, como sempre, pelos insidiosos britânicos. Oh, como eu odeio os britânicos, mais ainda do que os americanos, que são apenas bárbaros estúpidos e sem educação. É verdade, não é?

— Eles não são assim, não os que eu conheço. E a S-G tem me tratado bem.

— Até agora. Mas vão traí-lo. Os britânicos traem todo mundo que não é britânico e até a eles mesmos, se for preciso.

— Insha'Allah!

Abdullah Gorgon Khan rira sem vontade.

— Insha'Allah! E Insha'Allah que em 1946 os soviéticos tenham recuado da fronteira e que então nós tenhamos destruído os traidores e acabado com a sua 'República Democrática do Azerbaijão' e com a 'República Popular Curda'. Mas eu admiro os soviéticos, eles planejam apenas vencer e mudar as regras em seu próprio benefício. O verdadeiro vencedor da sua guerra mundial foi

Stalin. Ele era um colosso. Ele não dominou tudo em Potsdam, Yalta e Teerã? Ele não manobrou Churchill e Roosevelt? Roosevelt não chegou até a ficar com ele em Teerã, na embaixada soviética? Como nós, os iranianos, rimos! O grande presidente deu o futuro para Stalin quando poderia tê-lo mantido atrás das suas próprias fronteiras. Que gênio! Ao lado dele, o seu aliado Hitler era um covarde desajeitado. Como Deus quiser, hein?

— A Finlândia só se juntou a Hitler para lutar contra Stalin e recuperar as nossas terras.

— Mas vocês perderam, vocês escolheram o lado errado e perderam. Até um idiota podia ver que Hitler ia perder. Como pôde o Reza Xá ser tão estúpido? Ah, capitão, eu nunca entendi por que Stalin deixou vocês, finlandeses, vivos. Se fosse eu, teria arrasado a Finlândia como uma lição.

Como ele dizimou dezenas de outras terras. Por que ele deixou vocês todos vivos? Por que vocês resistiram a ele na sua Guerra do Inverno?

— Não sei. Talvez. Eu concordo que os soviéticos não vão desistir nunca.

— Nunca, capitão. Mas nós também não. Nós, azerbaijanos, vamos sempre manobrá-los e mantê-los ao largo. Como em 1946.

Mas naquela época o Ocidente era forte, havia a Doutrina Truman para fazer frente ao intervencionismo dos soviéticos, Erikki pensou melancolicamente. E agora? Agora com Carter no comando? Que comando?

Pesadamente, ele se inclinou e tornou a encher o copo, impaciente para voltar para perto de Azadeh.

Estava frio no apartamento e ele ainda estava usando o sobretudo — o aquecimento central estava desligado e as janelas deixavam entrar vento. Mas a sala era grande, agradável e masculina, com velhas poltronas, as paredes decoradas com tapetes persas, pequenos mas de boa qualidade, e objetos de bronze. Livros, revistas e jornais estavam espalhados por toda parte, em cima de mesas, cadeiras e estantes — finlandeses, russos e iranianos. Um par de sapatos femininos estava jogado numa das prateleiras. Ele tomou um gole de vodca, apreciando o calor que ela

Ihe dava, depois tornou a olhar pela janela em direção à embaixada. Por um momento, ele se perguntou se valeria a pena emigrar para os Estados Unidos com Azadeh.

— Os bastiões estão caindo — murmurou em voz alta. — O Irã não é mais seguro, a Europa é muito vulnerável, a Finlândia tem uma espada sobre sua cabeça...

Sua atenção focalizou-se lá embaixo. Agora o tráfego estava totalmente bloqueado por enxames de jovens vindos de duas ruas — a embaixada dos Estados Unidos ficava na esquina de Tahkt-e-Jamshid com a rua principal, chamada Roosevelt. Chamava-se Roosevelt, pensou. Como se chama agora? Rua Khomeini? Rua da Revolução?

A porta da frente do apartamento se abriu.

— Oi, Eriki — disse o jovem finlandês, com um sorriso. Christian Tollonen usava um chapéu de pele em estilo russo e um casaco impermeável debruado de pele que ele comprara em Leningrado, num fim-de-semana de bebedeira com outros amigos da universidade. — O que há de novo?

— Estou esperando há quatro horas.

— Três horas e vinte e dois minutos e meia garrafa da melhor Moskava russa que o dinheiro pode comprar, e nós combinamos três ou quatro horas. — Christian Tollonen tinha trinta e poucos anos, era solteiro, louro de olhos cinzentos, e adido cultural da embaixada da Finlândia. Eles eram amigos desde que ele viera para o Irã, há alguns anos. — Sirva-me uma, por Deus, eu bem que preciso.

Estão fazendo uma outra manifestação e eu tive um bocado de dificuldade para passar. — Ele manteve o casaco vestido e foi até a janela.

Agora, as duas partes da multidão tinham se juntado, com as pessoas se comprimindo em frente às instalações da embaixada. Todos os portões tinham sido fechados. Inquieto, Eriki notou que não havia nenhum mulá no meio dos jovens. Eles podiam ouvir os gritos.

— Morte à América, morte a Carter — traduziu Christian — ele sabia falar farsi fluentemente porque seu pai também servira como diplomata no Irã e ele tinha passado cinco anos da sua juventude

numa escola em Teerã. — É a mesma merda de sempre, abaixo Carter e o imperialismo americano.

— Nenhum Allah-u Akbar—disse Erikki. Por um momento, sua mente o levou de volta ao bloqueio da estrada, e ele sentiu um frio no estômago. — Nenhum mulá.

— Não. Eu não vi nenhum aqui por perto. — Na rua, diferentes facções se revezavam diante dos portões de ferro. — A maioria é de estudantes universitários. Eles pensaram que eu era russo e me contaram que houve uma terrível batalha na universidade, esquerdistas contra Faixas Verdes, com uns vinte ou trinta mortos ou feridos e a luta ainda continua. — Enquanto eles olhavam, cinquenta ou sessenta jovens começaram a bater nos portões. — Eles estão loucos por uma briga.

— E não há nenhuma polícia para impedi-los. — Erikki entregou-lhe o copo.

— O que faríamos sem vodca?

— Beberíamos conhaque. — Erikki riu. — Você tem tudo aí?

— Não, mas tenho um começo. — Christian sentou-se numa das poltronas perto da mesa baixa, em frente a Erikki, e abriu a pasta. — Aqui está uma cópia da sua certidão de casamento e da sua certidão de nascimento. Graças a Deus nós temos cópias. Novos passaportes para vocês dois.

Conseguí que uma pessoa do gabinete de Bazargan os carimbasse com um visto de residência temporário, válido por três meses.

— Você é um mágico!

— Eles prometeram, que lhe dariam uma nova licença iraniana para pilotar, mas não disseram quando. Com sua carteira de identidade da S-G e a fotocópia da sua licença britânica, eles disseram que você está legalizado. Mas o passaporte de Azadeh é temporário. — Ele o abriu e mostrou o retrato. — Não é o comum. Eu tirei um retrato da foto que você me deu, mas servirá até você arranjar um direito. Faça-a assiná-lo assim que estiver com ela. Ela já esteve fora do país depois que vocês se casaram?

— Não, por quê?

— Se ela viajar com um passaporte finlandês... bem, eu não sei como isso afetará sua cidadania iraniana. As autoridades sempre foram muito sensíveis a esse respeito, principalmente com relação aos nativos. Khomeini parece ser ainda mais xenófobo, portanto seu regime deverá ser ainda mais severo. Eles podem interpretar isso como se ela tivesse renunciado à sua nacionalidade. Acho que eles não a deixariam voltar.

Uma explosão de gritos da massa de jovens na rua distraiu-os por um momento. Centenas deles brandiam os punhos fechados e em algum lugar, alguém com um alto-falante os instruía.

— Do modo como eu me sinto neste momento, contanto que possa tirá-la daqui, o resto não importa — disse Erikki.

O homem mais jovem fitou-o. Depois de um momento, disse: — Talvez ela deva ser prevenida do perigo, Erikki. Não há nenhuma maneira de conseguir uma outra via dos documentos dela, nem um passaporte iraniano, mas seria muito arriscado para ela sair sem eles. Por que você não pede ao pai dela para consegui-los? Ele poderia fazer isso facilmente. Ele é dono de Tabriz quase toda, não é?

Erikki balançou a cabeça, tristemente.

— Sim, mas nós tivemos outra briga pouco antes de partirmos. Ele ainda desaprova o nosso casamento.

Depois de uma pausa, Christian disse: — Talvez seja porque vocês não têm filhos ainda, você sabe como os iranianos são.

— Nós temos muito tempo para ter filhos — disse Erikki, com dor no coração. Nós teremos filhos no devido tempo, pensou. Não há pressa e o dr. Nutts disse que ela é perfeita. Merda! Se eu não contar a ela o que Christian disse a respeito dos seus documentos iranianos, ela nunca me perdoará, e de qualquer maneira ela nunca partiria sem a permissão do pai. — Para conseguir-lhe novos documentos, nós teremos que voltar, e, bem, eu não quero voltar.

— Por que, Erikki? Geralmente você mal pode esperar a hora de voltar para Tabriz.

— Rakoczy. — Erikki contara-lhe tudo o que acontecera, exceto o assassinato do mujhaditn no bloqueio da estrada e que Rakoczy

matará outros durante o resgate. Não vale a pena contar certos detalhes, pensou amargamente.

Christian Tollonen tomou um gole da sua vodca.

— Qual é o verdadeiro problema?

— Rakoczy. — Erikki sustentou-lhe o olhar.

Christian deu de ombros. Tornou a encher os copos, esvaziando a garrafa.

— Prosit! — Prosit! Obrigado pelos papéis e pelos passaportes.

A gritaria lá fora tornou a distrair-lhes a atenção. A multidão estava disciplinada embora mais barulhenta. No pátio da embaixada, havia agora mais holofotes acesos, e eles podiam ver claramente os rostos nas janelas.

— Ainda bem que eles têm os seus próprios geradores.

— Sim, e seu próprio sistema de aquecimento, bombas de gasolina, PX, tudo. — Christian foi até o aparador e trouxe outra garrafa. — Isso, e mais o status especial que gozam no Irã. O fato de não necessitarem de vistos, e de não estarem sujeitos às leis iranianas tem causado um bocado de ódio.

— Por Deus, está frio aqui dentro, Christian. Você não tem nenhuma lenha?

— Nem um pedacinho. O maldito aquecimento está desligado desde que eu me mudei para cá, há três meses, quase todo o inverno.

— Talvez seja melhor. — Erikki apontou para o par de sapatos de mulher. — Você recebe bastante calor, hein?

— Às vezes. — E Christian sorriu. — Admito que Teerã é um... costumava ser um dos melhores lugares do mundo para todos os tipos de prazeres. Mas agora, meu amigo... — Uma sombra passou-lhe pelo rosto. — Eu acho que agora o Irã não será o paraíso que esses filhos da mãe lá fora acreditam que conquistaram, mas um inferno na terra para a maioria deles. Principalmente as mulheres. — Ele tomou outro gole de vodca. Houve uma corrente de excitação ao lado do muro da embaixada quando um jovem, com um rifle do exército americano, subiu nos ombros dos outros e tentou, sem sucesso, alcançar o alto do muro. — Fico imaginando o que faria se

este muro fosse meu e aqueles filhos da mãe começassem a tentar entrar à força.

— Você arrancaria a cabeça deles. O que seria legal. Não seria? Christian subitamente riu.

— Só se conseguisse. — Ele olhou para Erikki. — E quanto a você? Qual é o seu plano?

— Eu não tenho um plano. Só depois que eu falar com McIver. Não houve chance esta manhã. Ele e Gavallan estavam ambos ocupados tentando achar os sócios iranianos, depois eles tiveram um encontro na embaixada britânica com alguém chamado... eu acho que eles disseram Talbot...

Christian disfarçou o seu súbito interesse.

— George Talbot?

— É, isso mesmo. Você o conhece?

— Sim, ele é segundo secretário. — Christian não acrescentou: Talbot também é, secretamente, o chefe do Serviço Secreto do Irã, há anos, e é um agente muito importante. — Eu não sabia que ele ainda estava em Teerã. Pensei que ele tivesse partido há uns dois dias. O que McIver e Gavallan querem com ele?

Erikki deu de ombros e virou-se, observando distraidamente mais jovens tentando escalar o muro, preocupado com o que fazer a respeito dos documentos de Azadeh.

— Eles disseram qualquer coisa a respeito de querer mais informações a respeito de um amigo dele que encontraram no aeroporto ontem. Alguém chamado Armstrong. Robert Armstrong.

Christian Tollonen quase deixou cair o copo.

— Armstrong? — perguntou, forçando-se a parecer calmo, satisfeito de que Erikki estivesse de costas para ele.

— Sim. — Erikki virou-se para ele. — Significa alguma coisa para você?

— É um nome bastante comum — disse o rapaz, satisfeito em ver que sua voz estava normal. Robert Armstrong, MI6, ex-Unidade Especial, que estivera no Irã sob contrato por vários anos, supostamente emprestado pelo governo britânico, supostamente conselheiro-chefe do Serviço Secreto do Irã; um homem raramente

visto em público e conhecido apenas por poucos, na maioria gente que pertencia à comunidade de informações.

Como eu, ele pensou, e ficou imaginando o que Erikki diria se soubesse que ele era um agente de informações especializado no Irã, que sabia um bocado sobre Rakoczy e muitos outros agentes estrangeiros, que a sua principal tarefa era saber tudo a respeito do Irã mas não fazer nada e nunca interferir em nenhum dos grupos combatentes, internos ou externos, apenas esperar, observar, manter-se informado e se lembrar. O que será que Armstrong ainda está fazendo aqui?

Ele se levantou para disfarçar a inquietação, fingindo querer ver melhor a multidão.

— Eles descobriram o que queriam? — perguntou. Mais uma vez Erikki deu de ombros.

— Não sei. Não fui me encontrar com eles. Eu estava... — ele parou e examinou o outro homem. — É importante?

— Não. Não, nem um pouco. Você está com fome? Você e Azadeh estão livres esta noite?

— Desculpe, esta noite não. — Erikki deu uma olhada no relógio. — É melhor eu voltar. Mais uma vez obrigado pela ajuda.

— De nada. O que você estava dizendo a respeito de McIver e Gavallan? Eles têm um plano de mudar as operações aqui?

— Acho que não. Eu deveria encontrá-los às três horas para ir ao aeroporto, mas era mais importante para mim encontrar-me com você e conseguir os passaportes. — Erikki se levantou e estendeu a mão.

— Mais uma vez obrigado.

— De nada. — Christian trocou um aperto de mão caloroso com ele. — Vejo-o amanhã.

Agora, na rua, a gritaria cessara substituída por um silêncio pesado. Os dois homens correram para a janela. Toda a atenção se voltara para a rua principal, cujo nome fora Roosevelt. Então eles ouviram a ladainha cada vez mais alta: "Allahhhh-uuuuu Akbarrrr!"

— Existe uma saída pelos fundos neste prédio? — murmurou Erikki.

— Não, não existe.

A turba que se aproximava tinha mulás e Faixas Verdes nas primeiras filas, a maioria deles armados, bem como a massa de rapazes que os seguiam. Todos gritavam em uníssono, Deus é grande, Deus é grande, e eram muito mais numerosos do que os estudantes que estavam em frente à embaixada, embora estes também estivessem armados.

Imediatamente, os esquerdistas tomaram posições defensivas nas soleiras das portas e no meio do tráfego. Homens, mulheres e crianças, presos nos carros e caminhões, começaram a se espalhar. Os islâmicos estavam se aproximando depressa. À medida que as primeiras filas passavam pelas calçadas e por entre os veículos engarrafados e se aproximavam dos muros iluminados, o ritmo da sua gritaria aumentava, o passo apertava, e todo mundo se colocava em posição. Então, surpreendentemente, os estudantes começaram a recuar. Silenciosamente. Os Faixas Verdes hesitaram, desconcertados.

A retirada foi pacífica e a turba se acalmou. Em pouco tempo os manifestantes se afastaram e agora nenhum deles ameaçava a embaixada. Os mulás e os Faixas Verdes começaram a dirigir o tráfego. Os espectadores, que tinham fugido ou abandonado os seus veículos, respiraram de novo, agradeceram a Deus por sua interferência e voltaram. Imediatamente, as buzinas e os xingamentos recomeçaram, à medida que carros, caminhões e pedestres lutavam por espaço. Os enormes portões de ferro da embaixada não foram abertos, embora abrissem uma pequena porta lateral.

Christian sentiu a garganta seca.

— Eu teria apostado que ia haver uma batalha terrível. Erikki também estava estarecido.

— É quase como se eles estivessem esperando os Faixas Verdes e soubessem quando e de onde eles viriam. É quase como se fosse um ensaio para algu... Ele parou e chegou mais perto da janela, com o rosto subitamente vermelho. — Olhe! Lá na porta, aquele é Rakoczy.

— Onde? On... Oh, você diz o homem de jaqueta de voo conversando com o sujeito baixo? — Christian apertou os olhos para

enxergar melhor na escuridão lá embaixo. Os dois homens estavam meio na sombra, mas nesse momento eles apertaram-se as mãos e vieram para a luz. Era mesmo Rakoczy. — Você tem certeza que...

Mas Erikki já tinha aberto a porta da frente e estava no meio das escadas. Christian teve apenas um vislumbre dele tirando a sua grande faca pukoh do cinto e escorregando-a para a manga, com metade dela na palma da mão.

— Erikki, não seja idiota — gritou, mas Erikki já tinha desaparecido. Christian correu de volta para a janela e chegou bem a tempo de ver Erikki sair correndo pela porta, abrir caminho no meio da multidão atrás de Rakoczy, que não estava mais à vista.

Mas Erikki não o perdera de vista. Rakoczy estava a uns cinquenta metros de distância e ele tinha acabado de vê-lo virando para o sul na Roosevelt antes de desaparecer. Quando Erikki chegou na esquina, viu o soviético lá adiante, andando depressa, mas não demais, com muitos pedestres entre eles, o tráfego lento e muito barulhento. Desviando-se de um grupo de caminhões, Rakoczy desceu o meio-fio, esperou que um velho e amassado Volkswagen passasse e olhou em volta. E viu Erikki.

Teria sido quase impossível deixar de vê-lo. Ele era quase trinta centímetros mais alto do que todo mundo. Sem hesitação, Rakoczy saiu correndo, ziguezagueando no meio da multidão e tomou uma rua lateral, correndo muito depressa. Erikki o viu sair correndo e foi atrás dele. Os pedestres xingaram os dois, um velho foi derrubado no chão imundo quando Rakoczy abriu caminho para entrar em outra rua.

A rua lateral era estreita, cheia de lixo, sem iluminação e sem nenhuma loja aberta àquela hora, apenas uns poucos pedestres cansados caminhavam para casa, com milhares de portas e arcos desembocando em pardieiros ou em escadas que levavam a outros pardieiros, tudo cheirando a urina, lixo e comida podre.

Rakoczy estava a pouco mais de quarenta metros à frente. Ele virou num beco, esbarrando nos bancos de rua onde famílias dormiam — e davam urros de raiva ao serem acordadas —, mudou de direção e voou de uma passagem para outra, entrou num beco, já completamente perdido, depois em outro e outro. Apavorado, ele

parou, vendo que estava num beco sem saída. Ele fez menção de pegar sua automática, então notou uma passagem bem à sua frente e correu para ela.

As paredes ficavam tão próximas umas das outras que ele podia tocar nelas enquanto corria, com a respiração ofegante, penetrando cada vez mais naqueles formigueiros sinuosos. À sua frente, uma velha estava despejando a sujeira da noite no meio da podridão e ele a derrubou, enquanto outros se encostavam nas paredes para sair da sua frente. Agora Erikki estava apenas uns vinte metros atrás, fortalecido pelo ódio, e ele pulou por cima da velha que ainda estava esparramada no chão, e redobrou seus esforços, diminuindo a distância. Virando a esquina, o seu adversário parou e empurrou um velho banco de rua para o meio do caminho. Antes que Erikki pudesse evitar, chocou-se com ele e caiu, meio tonto. Com um berro de raiva, ele se levantou, cambaleou por um momento, pulou por cima do banco e saiu correndo de novo, com a faca na mão, dobrando a esquina.

Mas o beco estava vazio. Erikki parou. Ele respirava com dificuldade e estava banhado em suor. Era difícil enxergar embora a sua visão noturna fosse muito boa. Então ele notou um pequeno arco.

Cautelosamente, ele o atravessou, com a faca preparada. A passagem dava para um pátio aberto, cheio de lixo, onde havia uma carcaça enferrujada de um carro. Muitas portas e aberturas davam para este pequeno espaço, algumas conduzindo a escadas precárias e andares superiores. Estava silencioso — um silêncio sinistro. Ele podia sentir olhos observando-o. Ratos saíram do meio do lixo e desapareceram sob uma pilha de entulho.

Num dos lados, havia um outro arco. Sobre ele havia uma antiga inscrição em farsi que ele não soube ler. Do outro lado do arco, a escuridão parecia ainda mais profunda. Essa entrada escura terminava numa porta aberta. A porta era de madeira e ferro e estava com metade das dobradiças quebradas.

Do outro lado, parecia haver um cômodo. Quando ele chegou mais perto, viu uma vela acesa.

— O que você quer?

A voz masculina veio da escuridão e a nuca de Erikki ficou eriçada. A voz tinha falado em inglês — não era a de Rakoczy — com um sotaque estrangeiro, e uma rouquidão estranha.

— Quem... quem é você? — Ele perguntou nervoso, com os sentidos alerta na escuridão, imaginando se era Rakoczy fingindo ser outra pessoa.

— O que você quer?

— Eu... eu quero... eu estou seguindo um homem — ele disse, sem saber em que direção falar, com sua voz ecoando estranhamente no teto alto e que ele não podia ver.

— O homem que você procura não está aqui. Vá embora.

— Quem é você?

— Isso não importa. Vá embora.

A chama da vela era apenas uma réstia de luz no meio da escuridão, fazendo com que esta parecesse ainda maior.

— Você viu alguém passar por aqui, passar correndo por aqui?

O homem riu baixinho e disse alguma coisa em farsi.

Imediatamente, pés se arrastando e gargalhadas abafadas cercaram Erikki e ele se virou, protegendo-se com a faca.

— Quem são vocês?

O arrastar de pés continuou. De todos os lados. Em algum lugar, derramaram água numa cisterna. O ar tinha um cheiro úmido e rançoso. Ele ouviu barulho de tiros ao longe. Outro arrastar de pés. Ele tornou a virar-se, sentindo que havia alguém perto dele, mas não vendo ninguém, só o arco e a noite escura lá fora. O suor escorria pelo seu rosto. Cautelosamente, ele foi até a porta e encostou as costas na parede, certo agora de que Rakoczy estava lá. O silêncio tornou-se mais pesado.

— Por que você não responde? — disse. — Você viu alguém? Mais uma vez um risinho abafado.

— Vá embora. — Depois o silêncio.

— Por que você está com medo? Quem é você?

— Quem eu sou não lhe interessa, e não existe medo aqui, exceto o seu. — A voz era tão gentil como antes. Então o homem acrescentou alguma coisa em farsi e houve mais risadas em volta dele.

— Por que você fala inglês comigo?

— Eu falo inglês com você porque nenhum iraniano ou leitor da língua do Livro viria aqui de dia ou de noite. Só um idiota viria aqui.

A visão periférica de Erikki viu alguma coisa ou alguém passar entre ele e a chama da vela.

Imediatamente, ele preparou a faca.

— Rakoczy?

— É este o nome do homem que você procura?

— Sim. É este. Ele está aqui, não está?

— Não.

— Eu não acredito em você, seja você quem for. Silêncio, depois um profundo suspiro.

— Seja como Deus quiser — e deu uma ordem baixa em farsi que Erikki não entendeu.

Fósforos foram acesos em volta dele. Velas e lamparinas a óleo brilharam. Erikki engasgou. Havia trouxas esfarrapadas encostadas nas paredes e colunas da caverna. Centenas delas. Homens e mulheres. Os doentes, restos podres de homens e mulheres deitados em palha ou farrapos. Olhos em rostos deformados olhando para ele. Pedacos de membros. Um velho encarquilhado estava quase nos pés dele e ele deu um salto, apavorado, para o meio do portal.

— Somos todos leprosos aqui — disse o homem. Ele estava encostado numa coluna, um monte de farrapos. Outro farrapo cobria-lhe os buracos dos olhos. Não havia sobrado quase nada do seu rosto, exceto os lábios. Fracamente, ele fez um gesto com um toco de braço. — Somos todos leprosos aqui.

Impuros. Esta é uma casa de leprosos. Você está vendo esse homem entre nós?

— Não. Não. Eu... eu sinto muito. — Disse Erikki, tremendo.

— Sente muito? — A voz do homem era cheia de ironia. — Sim. Nós todos sentimos muito.

Insha'Allah! Insha'Allah!

Erikki queria desesperadamente virar-se e fugir, mas suas pernas não se mexiam. Alguém tossiu, uma tosse rouca, assustadora. Então a sua boca disse: — Quem... quem é você?

— Eu fui um professor de inglês. Agora sou um impuro, um dos mortos-vivos. Como Deus quiser. Vá embora. Deus seja abençoado por sua misericórdia.

Apatetado, Eriki viu o homem fazer um sinal com o resto dos braços. Obedientemente, as luzes começaram a se apagar, com os olhos ainda a observá-lo.

Lá fora, no ar da noite, ele teve que fazer um esforço para não sair correndo, aterrorizado, sentindo-se sujo, com vontade de arrancar as roupas imediatamente e se lavar e ensaboar e tornar a se lavar, sem parar.

— Pare com isso — murmurou, com a pele arrepiada. — Não há nada para temer.

QUARTA-FEIRA

14 de fevereiro

27

NA PRISÃO DE EVIN: 6:29H.

A prisão era igual a qualquer outra prisão moderna — nos bons ou maus dias — cinzenta, melancólica, cercada de muros altos, e terrível.

Hoje, o amanhecer estava estranho, o clarão abaixo do horizonte curiosamente vermelho. Não havia nuvens no céu, pela primeira vez em semanas, e embora ainda estivesse frio, prometia ser um dia incomum. Sem neblina. Com o ar fresco e puro para variar. Um vento ameno expulsou a fumaça dos destroços ainda fumegantes dos carros e das barricadas dos combates da noite anterior entre os Faixas Verdes, agora legais, e os legalistas, esquerdistas, combinados com policiais e militares, agora ilegais, bem como a fumaça de inúmeros fogões e lareiras dos milhões de habitantes de Teerã.

Os poucos pedestres que passavam pelos muros da prisão e pelo seu enorme portão, que estava quebrado e com as dobradiças arrancadas, evitavam olhar para os Faixas Verdes que se recostavam indolentemente nos muros, e apressavam o passo. Havia pouco tráfego. Um outro caminhão cheio de prisioneiros e guardas se aproximou e parou um momento no portão principal para ser inspecionado.

A barricada provisória foi aberta e tornou a ser fechada. Do lado de dentro dos muros houve uma súbita rajada de tiros de rifle. Do lado de fora, os Faixas Verdes bocejaram e se espreguiçaram.

Com a chegada do sol, começou a chamada dos muezins nos minaretes. Na maior parte das mesquitas, suas vozes eram gravadas em cassete e transmitidas por alto-falantes. E onde quer que o chamado fosse ouvido, os fiéis paravam o que estivessem fazendo, viravam-se de frente para Meca e se ajoelhavam para a primeira oração.

Jared Bakravan tinha parado o carro um pouco mais adiante. Agora, junto com o seu motorista e os outros, ele se ajoelhou e rezou. Tinha passado grande parte da noite tentando encontrar seus amigos e aliados mais importantes. A notícia da prisão ilegal de Paknouri e da sua própria intimação ilegal tinha corrido o bazar. Todo mundo ficou indignado, mas ninguém se ofereceu para organizar um protesto ou uma greve ou para fechar o bazar. Ele tinha recebido muitos conselhos: protestar junto ao próprio Khomeini, junto ao próprio ministro Bazargan, não aparecer no tribunal, aparecer mas se recusar a responder a qualquer pergunta. "Seja como Deus quiser", mas ninguém tinha se oferecido para ir com ele, nem mesmo o seu grande amigo e um dos maiores advogados de Teerã, que jurou que era mais importante que intercedesse por ele junto aos juizes da Corte Suprema. Ninguém se ofereceu, a não ser sua mulher, seu filho e suas três filhas que rezavam nos seus próprios tapetes de oração, atrás dele.

Ele terminou a oração e se levantou, tremendo. Imediatamente, o motorista começou a recolher os tapetes de rezar. Jared estremeceu. Esta manhã ele se vestira cuidadosamente e estava usando um casaco pesado, um terno e um chapéu de astracã, mas nenhuma joia.

— Eu... eu vou a pé daqui — disse.

— Não, Jared — sua mulher, chorosa, começou a falar, mal notando os tiros a distância. — Sem dúvida, é melhor chegar como cabe a um líder. Você não é o lojista mais importante de Teerã? Não ficaria bem para um homem da sua posição chegar a pé.

— Sim, sim, sim, você tem razão. — Ele sentou no banco de trás do carro. Era uma Mercedes azul, nova e bem tratada. Sua mulher, uma matrona gorda, com o penteado caro escondido sob um chador que também cobria o seu longo visom marrom, sentou-se ao lado

dele e deu-lhe o braço, com a maquilagem marcada de lágrimas. Seu filho, Meshang, estava igualmente choroso. E suas filhas, Xarazade entre elas, todas usavam o chador, — Sim, você tem razão. Que Deus amaldiçoe esses revolucionários!

— Não se preocupe, papai — disse Xarazade. — Deus irá protegê-lo. Os Guardas Revolucionários estão apenas cumprindo as ordens do imã e o imã cumpre apenas as ordens de Deus. — Ela parecia muito confiante, mas estava com uma aparência tão abatida que ele se esqueceu de lhe dizer para não se referir a Khomeini como imã.

— Sim — disse a ela — é claro que tudo isso é um engano.

— Ali Kia jurou sobre o Corão que o primeiro-ministro Bazargan ia parar com toda essa bobagem — disse sua esposa. — Ele jurou que iria se encontrar com ele na noite passada. As ordens provavelmente já chegaram a... já chegaram lá Na noite anterior, ele dissera a Ali Kia que sem Paknouri não haveria nenhum empréstimo, que se ele próprio fosse perturbado, o bazar se rebelaria e todos os fundos para o governo, para Khomeini, para as mesquitas, e para Ali Kia pessoalmente seriam suspensos.

— Ali não vai falhar — disse com severidade. — Ele não ousaria. Eu sei demais a respeito de todos eles.

O carro parou do lado de fora do portão principal. Preguiçosamente, os Faixas Verdes olharam para ele. Jared Bakravan tomou coragem.

— Eu não vou me demorar.

— Que Deus o proteja. Nós vamos esperar por você aqui. Vamos esperar aqui. — Sua mulher beijou-o e os outros também, e houve mais lágrimas e depois ele se viu diante dos Faixas Verdes.

— Salaam — disse. — Eu... eu sou uma testemunha no tribunal do mulá Ali'allah Uwari.

O líder dos guardas apanhou o papel, olhou-o de cabeça para baixo e entregou-o a um dos outros que sabia ler.

— Ele é do bazar — disse o outro rapaz. — Jared Bakravan. O líder deu de ombros.

— Mostre-lhe o caminho.

O outro homem foi na frente, entrando pelo portão quebrado. Bakravan seguiu-o, e quando a barricada fechou-se atrás dele, grande parte da sua confiança desapareceu. Era sombrio e úmido naquela pequena área suja que ficava entre os muros e o edifício principal. O ar fedia. A leste, havia centenas de homens amontoados, sentados ou deitados, encolhidos por causa do frio. Muitos usavam uniformes — oficiais. A oeste, o espaço estava vazio. À frente, havia um portão alto de ferro que foi aberto para que ele entrasse. Na sala de espera havia dezenas de outros homens, homens cansados e assustados, sentados em fileiras de bancos, em pé ou simplesmente sentados no chão, alguns oficiais uniformizados, e ele notou até um coronel. Alguns dos outros ele reconheceu, importantes homens de negócios, favoritos da corte, administradores, assessores — mas ele não conhecia intimamente nenhum deles. Alguns o reconheceram. Houve um súbito silêncio.

— Depressa — disse o guarda, mal-humorado. Era um rapaz com o rosto marcado de varíola e ele fez um sinal para o funcionário exausto que estava sentado na escrivaninha. — Aqui está mais um para Sua Excelência, o mulá Uwari.

O funcionário recebeu o papel e dirigiu-se a Bakravan.

— Sente-se, será chamado quando precisarem de você.

— Salaam, Excelência — disse Bakravan, chocado com a grosseria do homem. — E quando será isso? Era para eu estar aqui logo depois da primeira...

— Quando Deus quiser. Será chamado quando precisarem de você — repetiu o homem, despachando-o.

— Mas eu sou Jared Bakravan do baz...

— Eu sei ler, aga! — disse o homem, com mais grosseria ainda.

— Quando precisarem de você, eles o chamarão. O Irã é um Estado islâmico agora, com uma lei para todos, não uma lei para os ricos e outra para o povo.

Bakravan foi empurrado por outros que estavam sendo levados para junto do funcionário. Tonto de ódio, ele abriu caminho em direção a uma parede.

De um dos lados, um homem usava um balde como sanitário, que já estava cheio, com urina derramando no chão. Vários olhos

observaram Bakravan. Alguns murmuraram: — Que a paz de Deus esteja com você. — A sala fedia terrivelmente. Seu coração estava acelerado. Alguém abriu um espaço para ele num banco e, agradecido, ele se sentou.

— Que as bênçãos de Deus caiam sobre vocês, Excelências.

— E sobre você também, aga. Você é acusado?

— Não, não. Eu fui chamado como testemunha — disse, chocado.

— Vossa Excelência é uma testemunha diante do mulá Uwari?

— Sim, sim. Sou, Excelência. Quem é ele?

— Um juiz, um juiz revolucionário — murmurou o homem. Ele tinha uns cinquenta anos, era pequeno, seu rosto era mais vincado do que o de Bakravan e seu cabelo crescia em tufos. Ele se contorceu nervosamente. — Ninguém aqui parece saber o que está acontecendo nem por que foi chamado, nem quem é Uwari. Sabem apenas que ele foi indicado pelo aiatolá e julga em seu nome.

Bakravan olhou o homem nos olhos e viu o seu terror e se sentiu ainda mais nervoso.

— Vossa Excelência também é uma testemunha?

— Sim, sim, sou, embora por que me chamaram, a mim, que era apenas um gerente nos correios, eu não saiba.

— O correio é muito importante. Eles provavelmente precisam dos seus conselhos. O senhor acha que vamos esperar muito tempo?

— Insha'Allah. Eu fui convocado para ontem, depois da quarta oração, e estou esperando desde então. Eles me mantiveram aqui a noite inteira. Nós temos que esperar até sermos chamados. Aquele é o único banheiro — disse o homem, apontando para o balde. — Foi a pior noite que eu já passei.

Terrível. Durante a noite, eles... houve um bocado de tiroteio; há boatos de que mais três generais e uma dúzia de oficiais da Savak foram executados.

— Cinquenta ou sessenta — disse o homem que estava do outro lado, saindo do seu estupor. — O número deve estar mais próximo de sessenta. A prisão tem mais gente do que percevejos num colchão. Todas as celas estão lotadas. Há dois dias, os Faixas Verdes

arrombaram os portões, dominaram os guardas e os puseram nos calabouços, soltando a maioria dos prisioneiros e começando a encher as celas com outros — ele baixou ainda mais a voz — todas as celas estão lotadas, muito mais do que no tempo do xá, que Deus o amaldiçoe por não... A cada hora que passa, os Faixas Verdes estão trazendo mais gente, fedayim, mujahedins, do Tudeh, misturados a nós, inocentes, os fiéis...

— Ele tornou a baixar a voz, com o branco dos olhos aparecendo —, e gente boa que nunca deveria ser tocada... quando a multidão invadiu a prisão, eles acharam instrumentos elétricos e chicotes e... e camas de tortura e... — O canto da sua boca se encheu de espuma. — ...dizem que os novos carcereiros os estão usando e... e que quando a pessoa entra aqui não sai mais. — Lágrimas começaram a formar-se nos seus pequenos olhos, encravados num rosto redondo.

— A comida é horrível, a prisão é horrível e... e eu tenho úlcera de estômago e aquele filho da mãe daquele funcionário não entende que eu tenho que comer uma comida especial...

Houve um tumulto do outro lado e a porta foi aberta com violência. Meia dúzia de Faixas Verdes entraram na sala e começaram a abrir caminho com seus rifles. Atrás deles, outros guardas cercavam um oficial da Força Aérea que caminhava orgulhosamente, com a cabeça erguida, com as mãos amarradas nas costas, o uniforme desganhado, com as dragonas arrancadas. Bakravan ficou perplexo. Era o coronel Peshadi, comandante da Base Aérea de Kowiss — outro primo seu.

Outros reconheceram o coronel, pois muito se tinha falado da vitoriosa expedição iraniana a Dhofar, no sul de Omã, da vitória sobre os marxistas do Iêmen do Sul, que tinham desfechado um ataque quase letal contra o Omã, e também da bravura pessoal de Peshadi liderando os tanques iranianos numa batalha-chave.

— Aquele não é o herói de Dhofar? — perguntou alguém, sem poder acreditar.

— Sim, é ele...

— Que Deus nos proteja! Se prenderam até a ele...

Impaciente, um dos guardas empurrou Peshadi por trás, tentando obrigá-lo a andar depressa.

Imediatamente, o coronel voltou-se contra ele, embora embaraçado pelas algemas.

— Filho de um cão! — gritou, com a raiva explodindo — Eu estou andando o mais depressa que posso. Que o seu pai queime no inferno! — O Faixa Verde xingou-o de volta, depois enfiou a coronha do rifle no estômago do coronel. Este perdeu o equilíbrio e caiu, à sua mercê. Mas ainda assim ele xingou os seus captores. E os xingou enquanto estes o levantavam, dois de cada lado, e o arrastavam para fora, para o espaço a oeste entre os muros. E lá ele os xingou, a Khomeini, aos falsos mulás e depois gritou: — Vida longa para o xá, não existe nenhum outro Deus além de Deus. — As balas o silenciaram.

Na sala de espera fez-se um silêncio terrível. Alguém choramingou. Um velho começou a vomitar.

Outros se puseram a sussurrar, muitos começaram a rezar, e Bakravan achou que tudo aquilo era um pesadelo, seu cérebro cansado rejeitando a realidade. O ar fétido era frio, mas ele se sentia num forno, sufocando. Será que estou morrendo? perguntou a si mesmo, e abriu o colarinho da camisa.

Então alguém tocou nele e ele abriu os olhos. Por um momento, não pôde focalizar a vista nem calcular aonde estava. Ele estava deitado no chão, com o homem pequeno inclinando-se ansiosamente sobre ele.

— Você está bem?

— Sim, sim, acho que sim — disse com voz fraca.

— Você desmaiou, Excelência. Tem certeza que está bem?

Várias mãos o ajudaram a se levantar. Ele agradeceu, embotadamente. Seu corpo parecia muito pesado, seus sentidos estavam entorpecidos, os olhos pesados.

— Ouça — murmurou o homem que tinha úlcera — isso é como a Revolução Francesa, a guilhotina e o terror, mas como isso pode acontecer com o aiatolá Khomeini no poder é o que não consigo entender.

— Ele não sabe — disse o homem pequeno, igualmente amedrontado. — Ele não pode saber, ele não é um homem de Deus, piedoso e o mais sábio dos aiatolás?

O cansaço tomou conta de Bakravan e ele se encostou na parede, deixando sua mente divagar.

Mais tarde, uma mão rude despertou-o.

— Bakravan, eles o chamam. Venha!

— Sim, sim — resmungou, e se levantou, sentindo dificuldade em andar, reconhecendo Yusuf, o líder dos Faixas Verdes que tinha ido ao bazar na noite anterior. Foi tropeçando atrás dele, passando no meio dos outros, saiu da sala e caminhou por um corredor, subiu alguns degraus e atravessou um outro corredor sem aquecimento, com celas dos dois lados, vigias nas portas, passando por guardas e outras pessoas que o olharam estranhamente, enquanto alguém chorava ali por perto.

— Para onde... para onde estão me levando?

— Poupe suas energias, você vai precisar delas.

Yusuf parou numa porta, abriu-a e empurrou-o para dentro. A sala era pequena, claustrofóbica, apinhada de homens. No meio, havia uma mesa de madeira com um mulá e quatro rapazes sentados de cada lado dele, alguns papéis e um livro grande do Corão sobre a mesa, uma pequena janela de grades no alto da parede, um raio de sol contra o azul do céu. Havia Faixas Verdes encostados nas paredes.

— Jared Bakravan, o lojista do bazar, o agiota — disse Yusuf. O mulá levantou os olhos da lista que estava examinando.

— Ah, Bakravan, salaam.

— Salaam, Excelência — disse Bakravan, tremendo. O mulá tinha uns quarenta anos, olhos e barba pretos, um turbante branco e uma veste preta. Os homens que o ladeavam estavam na casa dos vinte, com a barba por fazer ou de barba e pobremente vestidos, com suas armas encostadas na parede atrás deles. — Como... como posso ajudá-lo? — perguntou, tentando manter a calma.

— Eu sou Ali'allah Uwari, indicado pelo Komiteh Revolucionário como juiz, e estes homens também são juizes. Esta corte é governada pela Palavra de Deus e pelo Livro Sagrado. — A voz do

mulá era áspera e o seu sotaque Qazvin. — Você conhece este Paknouri, conhecido como agiota Paknouri?

— Sim, mas com licença, Excelência, de acordo com a nossa Constituição e com as antigas leis do bazar, o...

— É melhor responder às perguntas — interrompeu um dos rapazes —, nós não podemos perder tempo com discursos! Você o conhece ou não?

— Sim, sim, é ciar...

— Excelência Uwari — Yusuf interrompeu da porta. — Por favor, quem o senhor quer ver em seguida?

— Paknouri, depois... — O mulá consultou a sua lista de nomes. — Depois o sargento Jufrudi, da polícia.

Um dos que estavam sentados na mesa disse: — Esse cão foi julgado por um outro tribunal revolucionário na noite passada e foi executado hoje de manhã.

— Seja como Deus quiser. — O mulá riscou o nome. Todos os nomes acima daquele tinham sido riscados. — Então traga Hassen Turlak, da cela 573.

Bakravan quase deu um grito. Turlak era um jornalista e escritor altamente respeitado, meio-iraniano, meio-afegão, um crítico zeloso e corajoso do regime do xá, que tinha até passado alguns anos na prisão por causa da sua oposição.

O rapaz barbado que estava ao lado do mulá coçou, irritado, as perebas do rosto.

— Quem é Turlak, Excelência? O mulá leu na lista.

— Um repórter de jornal.

— É uma perda de tempo ouvi-lo. É claro que ele é culpado — disse um outro. — Não foi ele que afirmou que a Palavra devia ser mudada, que as Palavras do Profeta não serviam para hoje? Ele é culpado, é claro que é culpado.

— Seja como Deus quiser. — O mulá voltou a sua atenção para Bakravan. — Paknouri. Ele alguma vez praticou agiotagem?

Bakravan tirou Turlak da cabeça.

— Não, nunca, e ele...

— Ele emprestava dinheiro a juros.

O estômago de Bakravan ardeu. Ele viu os frios olhos pretos e tentou fazer o seu cérebro trabalhar.

— Sim, mas numa sociedade moderna os ju...

— Não está escrito de forma clara no Sagrado Corão que emprestar dinheiro a juros é agiotagem e contra a lei de Deus?

— Sim. A agiotagem é contra a lei de Deus, mas na sociedade moder...

— O Sagrado Corão é perfeito. A Palavra é clara e eterna. Agiotagem é agiotagem. A lei é a lei. — Os olhos do mulá fixaram-no. — Você defende alei?

— Sim, sim, Excelência, é claro que sim.

— Você pratica os Cinco Mandamentos do Islã? — Esses eram obrigatórios para todos os muçulmanos: recitar o Shahada; orar cinco vezes por dia; dar voluntariamente o Zakat, uma taxa anual, um décimo; jejuar do amanhecer até o anoitecer durante o mês sagrado do Ramadan; e, finalmente, fazer o Haji, a viagem ritual a Meca uma vez na vida.

— Sim, sim, exceto... exceto o último. Eu ainda não fiz a minha peregrinação a Meca. Ainda não.

— Por que não? — O jovem com o rosto marcado perguntou. — Você tem mais dinheiro do que moscas em bosta de burro. Com o seu dinheiro você podia ir em qualquer máquina voadora, qualquer uma! Por que não?

— É... é a minha saúde — disse Bakravan, mantendo os olhos baixos e rezando para a mentira soar convincente. — O meu... meu coração é fraco.

— Quando você esteve na mesquita pela última vez? — perguntou o mulá.

— Na sexta-feira passada, na mesquita do bazar — respondeu. Era verdade, só que ele não tinha ido lá para rezar, mas para uma reunião de negócios.

— Este Paknouri, ele praticava os Cinco Mandamentos como um verdadeiro crente? — perguntou um dos jovens.

— Eu... eu acho que sim.

— Todo mundo sabe que não, todo mundo sabe que ele era um partidário do xá. Hein?

— Ele era um patriota, um patriota que apoiou financeiramente a revolução e o aiatolá Khomeini, que as bênçãos de Deus caíam sobre ele, que tem apoiado financeiramente os mulás ao longo dos anos e...

— Mas ele falava americano e trabalhava para os americanos e para o xá, ajudando-os a explorarem e roubarem as riquezas do nosso solo, não é?

— Ele, ele era um patriota que trabalhava com os estrangeiros para o bem do Irã.

— Quando o Satã, o xá, ilegalmente formou um partido, Paknouri se alistou, e serviu ao xá nos Majlis, não é? — perguntou o mulá.

— Ele foi um representante, sim — respondeu Bakravan. — Mas ele trabalhou para a rev...

— E ele votou a favor da chamada Revolução Branca do xá que roubou terras das mesquitas, decretou a igualdade das mulheres, implantou tribunais civis e educação estatal contra as leis do Sagrado Corão...

É claro que ele tinha votado a favor disso, Bakravan teve vontade de gritar, com o suor escorrendo pelo rosto e pelas costas. É claro que todos nós votamos a favor! O povo não votou a favor, em massa, e até mesmo muitos aiatolás e mulás? O xá não controlava o governo, a polícia, a Savak, as Forças Armadas e não possuía quase toda a terra? O xá era o poder máximo. Maldito xá, pensou, fora de si de raiva, maldito xá e maldita Revolução Branca de 1963, que começou a confusão, enlouqueceu os mulás e continua a nos prejudicar, todas as suas 'reformas modernas' que foram diretamente responsáveis pela notoriedade do então obscuro aiatolá Khomeini. Nós, os lojistas do bazar, não avisamos mil vezes aos conselheiros do xá? Como se alguma daquelas reformas tivesse importância. Como se alguma daquelas reformas..

— Sim ou não?

Ele voltou subitamente à realidade e amaldiçoou a si mesmo. Concentre-se! pensou em pânico. Este maldito filho de um cão leproso está tentando apanhá-lo! O que foi que ele perguntou? Tenha cuidado. Pela sua vida, tenha cuidado! Ah, sim, a Revolução Branca!

— Emir Paknouri...

— Em nome de Deus, sim ou não! — O mulá interrompeu-o rudemente.

— Ele... sim... sim, ele votou a favor da... da Revolução Branca quando era representante nos Majlis.

Sim, sim, ele o fez.

O mulá suspirou e os rapazes se mexeram nas cadeiras. Um deles bocejou e se coçou, brincando distraidamente com o próprio sexo.

— Você é um representante?

— Não, não, eu renunciei quando o aiatolá Khomeini ordenou.

O...

— Você quer dizer quando o imã Khomeini, o imã ordenou?

— Sim, sim — disse Bakravan, agitado. — Eu renunciei, ahn, assim que o imã ordenou, eu... eu renunciei imediatamente — disse, e não acrescentou: Nós todos renunciamos por sugestão de Paknouri quando se teve certeza de que o xá decidira partir e passar o poder para o moderado e sensato primeiro-ministro Bakhtiar, mas não para o poder ser usurpado por Khomeini, ele teve vontade de gritar, este nunca foi o plano! Que Deus amaldiçoe os americanos que nos venderam, os generais que nos entregaram, o xá que é o responsável! — Todo mundo sabe... sabe que eu apoiei o imã, que ele viva para sempre.

— Sim, que a bênção de Deus caia sobre ele — repetiu o mulá junto com os outros. — Mas você, Jared Bakravan do bazar, você alguma vez praticou a agiotagem?

— Nunca — Bakravan disse imediatamente, acreditando nisso, embora entrando em pânico. Eu tenho emprestado dinheiro a minha vida inteira, mas os juros têm sido sempre justos e razoáveis, nunca de agiota, nunca. E todas as vezes que eu agi como conselheiro para diversas pessoas e ministros, conseguindo empréstimos, públicos e privados, transferindo fundos para fora do Irã, privados e públicos, ganhando dinheiro, um bocado de dinheiro, isso foi apenas bom negócio e não contra a lei.

— Eu me opus à... eu me opus à Revolução Branca e ao xá, sempre que pude. Todo mundo sabia que eu me opu...

— O xá cometeu crimes contra Deus, contra o Islã, contra o Sagrado Corão, contra o imã, que Deus o proteja, contra a fé xiita. Todos aqueles que o ajudaram são igualmente culpados. — Os olhos do mulá eram implacáveis. — Quais são os crimes cometidos por você contra Deus e a Palavra de Deus?

— Nenhum — ele exclamou, chegando ao limite das suas forças. — Em nome de Deus, eu juro, nenhum!

A porta se abriu. Yusuf entrou na sala com Paknouri. Bakravan quase desmaiou de novo. As mãos de Paknouri estavam algemadas para trás. Fezes e urina manchavam as suas calças e havia vômito na frente do seu casaco. Sua cabeça balançava incontrolavelmente, seu cabelo estava embaraçado e imundo, ele havia perdido a razão. Quando ele viu Bakravan, seu rosto se contorceu numa careta.

— Ah, Jared, Jared, velho amigo e colega, Excelência, você veio se juntar a nós no inferno? — Ele deu uma gargalhada. — Não é como eu imaginava, os demônios ainda não chegaram, nem o óleo fervente nem as chamas, mas não existe ar, só fedor, e você fica apertado contra os outros e não pode nem deitar nem sentar, então você fica em pé e aí os gritos recomeçam e os tiros e, o tempo todo, você está sobre um ovo, apertado como uma ova de caviar, mas mas... — Ele interrompeu aquele delírio meio incoerente quando viu o mulá. O terror tomou conta dele. — Você é... você é Deus?

— Paknouri — disse gentilmente o mulá — você é acusado de crimes contra Deus. Esta testemunha de acusação diz que...

— Sim, sim, eu cometi crimes contra Deus, eu sou culpado — Paknouri gritou. — Se não, por que eu estaria no inferno? — Ele caiu de joelhos, num acesso de choro, delirando. — Não há nenhum deus além de Deus não é Deus, não há nenhum Deus e Maomé é o seu Profeta de nenhum Deus e... — De repente, ele parou. Seu rosto estava ainda mais contorcido quando ele levantou a cabeça. — Eu sou Deus. Você é Satã!

Um dos rapazes quebrou o silêncio, chocado.

— Ele é um blasfemador. Ele está possuído por Satã. Ele se declarou culpado. Seja como Deus quiser.

Todos os outros balançaram a cabeça, concordando. O mulá disse: — Seja como Deus quiser. — Ele fez um sinal para um Faixa

Verde, que levantou Paknouri e o levou embora e olhou para Bakravan que olhava fixamente para o amigo, horrorizado pela rapidez com que ele fora destruído da noite para o dia. — Agora, Bakravan, você...

— Eu estou com este Turlak esperando lá fora — disse Yusuf, interrompendo-o.

— Ótimo — disse o mulá. Então ele tornou a olhar para Bakravan e este soube que estava tão perdido quanto o seu amigo Paknouri, e que a sentença seria a mesma. Ele sentia o sangue bater nos seus ouvidos. Ele viu os lábios do mulá se movendo, até que pararam e todo mundo olhava para ele — Por favor? — perguntou, sem entender. — Eu... eu sinto muito, mas não ouvi o que o senhor... o que o senhor disse.

— Você pode sair. Por ora. Faça o trabalho de Deus. — Impaciente, o mulá olhou para um dos Faixas Verdes, um homem alto e feio. — Ahmed, leve-o para fora! — Depois para Yusuf: — Depois de Turlak, o capitão de polícia Muhammad Dezi, cela 917...

Bakravan sentiu um puxão no braço e se virou e saiu. No corredor, ele quase caiu, mas Ahmed o segurou e, com uma gentileza inesperada, encostou-o na parede.

— Recupere o seu fôlego, Excelência — disse.

— Eu... eu estou livre para partir?

— Eu estou tão surpreso quanto o senhor, aga — disse o homem. — Diante de Deus e do Profeta, eu estou tão surpreso quanto o senhor, o senhor é o primeiro a ser libertado hoje, entre acusados e testemunhas.

— Eu... há... há um pouco d'água aqui?

— Aqui não. Mas há muita água lá fora. É melhor o senhor sair.

— Ahmed baixou ainda mais a voz.

— É melhor sair, hein? Apóie-se no meu braço.

Agradecido, Bakravan apoiou-se nele, mal respirando.

Vagarosamente, eles voltaram pelo mesmo caminho por onde tinham vindo. No corredor que levava à sala de espera, Ahmed passou por uma porta lateral, que dava para o espaço que ficava a oeste. O pelotão de fuzilamento estava lá, com três homens

amarrados em postes em frente a eles. Um dos postes estava vazio. A bexiga e os intestinos de Bakravan se esvaziaram sem ele querer.

— Depressa, Ahmed! — disse o encarregado, irritado.

— Seja como Deus quiser — disse Ahmed. Alegrementemente, ele quase carregou Bakravan para o poste vazio que ficava ao lado do de Paknouri, que estava delirando, perdido no seu próprio inferno. — Então você não vai escapar, afinal. Está certo, nós todos ouvimos as suas mentiras, mentiras diante de Deus. Nós todos o conhecemos, conhecemos os seus métodos, conhecemos a sua falta de piedade, sabemos como você tentou comprar o seu caminho para o paraíso com presentes para o imã, que Deus o proteja. Onde você conseguiu todo esse dinheiro, senão através da agiotagem e do roubo?

A rajada de balas não foi bem dada. O encarregado usou displicentemente um revólver para silenciar um dos condenados, depois Bakravan.

— Eu não o teria reconhecido — disse secamente o homem. — Isso mostra o quanto os jornais são traiçoeiros e mentirosos.

— Este não é Hassen Turlak — disse Ahmed —, ele vem depois. O homem olhou para ele.

— Então quem é esse?

— Um lojista do bazar — disse Ahmed. — Os lojistas são agiotas e ímpios. Eu sei. Durante anos eu trabalhei lá, para Farazan, recolhendo o lixo da noite, como meu pai antes de mim, até me tornar pedreiro como Yusuf. Mas esse aí... — Ele arrotou. — Ele era o agiota mais rico. Eu não me lembro de muita coisa a respeito dele, a não ser de como ele era rico, mas me lembro de tudo a respeito das mulheres dele; ele nunca dobrou nem educou as suas mulheres, que nunca usaram o chador, e viviam se exibindo. Eu me lembro muito bem daquela filha dele que visitava a rua dos Agiotas de vez em quando, semi despida, com a pele fresca como creme, o cabelo solto, os seios balançando, as nádegas convidativas, aquela chamada Xarazade, que é a imagem perfeita de uma huri. Eu me lembro de tudo a respeito dela e de como eu a amaldiçoava por colocar maldade na minha cabeça, enlouquecendo-me, como a todos nós, por nos tentar. — Ele coçou o saco, sentindo o pênis

endurecer. Que Deus a amaldiçoe e a todas as mulheres que desobedecem à lei de Deus e nos provocam maus pensamentos contra a palavra de Deus. Oh, Deus, deixe-me penetrá-la ou faça de mim um mártir para que eu vá diretamente para o paraíso e faça isso lá. — Ele era culpado de todos os crimes — disse, virando-se.

— Mas... mas ele foi condenado? — perguntou o encarregado do pelotão de fuzilamento.

— Deus o condenou, é claro. Ele o fez. O poste estava vazio e você disse para eu me apressar. Foi a Vontade de Deus. Deus é grande. Deus é grande. Agora eu vou buscar Turlak, o blasfemador. — Ahmed deu de ombros. — Foi a Vontade de Deus.

PERTO DE BANDAR DELAM: 11:58H.

Estava na hora da oração de meio-dia e o ônibus velho, vacilante, superlotado, parou na faixa de acostamento. Obedientemente, seguindo o comando de um mulá que era também um dos passageiros, todos os muçulmanos desembarcaram, abriram os seus tapetes de oração e agora encomendavam suas almas a Deus. Exceto pela família hindu, que ficou com medo de perder os lugares, a maioria dos passageiros não-muçulmanos tinha também desembarcado — Tom Lochart entre eles — contente pela oportunidade de esticar as pernas ou aliviar a bexiga. Armênios cristãos, judeus orientais, um casal de nômades kash'kaique, embora muçulmanos, estavam desobrigados por um antigo costume, de fazer a oração do meio-dia e suas mulheres não precisavam usar nem o véu nem o chador, dois japoneses, alguns árabes cristãos — todos eles conscientes do europeu solitário.

O dia estava quente, nublado e úmido por causa da proximidade das águas do golfo. Tom Lochart recostou-se fatigado sobre o capô, que fervia com o motor superaquecido, com a cabeça doendo, as juntas doendo, os músculos doendo, por causa da marcha forçada desde Dez Dam — que estava agora a mais de trezentos quilômetros para o norte — e por causa do desconforto do ônibus lotado e barulhento. Desde Ahwaz, onde conseguira passar uma conversa nos Faixas Verdes e entrar no ônibus, ele estivera espremido num assento que mal dava para dois, que dirá três homens, um deles, um jovem Faixa Verde que carregava o seu M14 junto com o filho, enquanto sua mulher grávida viajava em pé no estreito corredor, junto com mais trinta, no espaço de quinze. Todos os outros lugares estavam igualmente lotados com homens, mulheres e crianças de todas as idades. O ar era fétido, vozes tagarelavam numa confusão

de línguas. Acima das cabeças e sob os pés, malas, pacotes e sacolas, bolsas cheias de legumes ou galinhas semimortas, uma ou duas cabras subnutridas — os bagageiros do teto do ônibus estavam igualmente lotados.

Mas eu tenho muita sorte em estar aqui, pensou, com o desespero voltando, mal ouvindo a ladainha do Shahada.

Na véspera, ao entardecer, depois de ouvir o 212 decolar de Dez Dam, saíra de baixo do pequeno ancoradouro, agradecendo a Deus por ter escapado. A água estava muito fria e ele tremia, mas pegou a automática, verificando seu mecanismo, e depois subiu até a casa que estava aberta. Havia comida e bebida na geladeira que ainda funcionava perfeitamente, impulsionada por um gerador. Estava quente dentro de casa. Tirou as roupas e secou-as sobre um aquecedor, xingando Valik e Seladi e desejando que fossem para o inferno. Filhos da puta! O que foi que eu fiz para eles, além de salvar os seus malditos pescoços?

O calor e o conforto da casa eram tentadores. Seu cansaço chegava a doer. Tinha passado a noite anterior em Isfahan quase em claro. Podia dormir e partir de madrugada, pensou. Tenho uma bússola e conheço mais ou menos o caminho: contornar o campo de aviação de Ali Abbasi, depois tomar o rumo leste para pegar a estrada Kermanshah—Ahwaz—Abadan. Não deve haver problema para se conseguir apanhar um ônibus ou pegar uma carona. Ou podia partir agora — o luar vai iluminar o caminho e assim não serei apanhado aqui, se a base aérea enviar uma patrulha. — Ali estava tão nervoso por causa disso quanto Seladi e poderíamos ter sido localizados facilmente. Facilmente.

Mas de qualquer maneira, caso seja apanhado, qual vai ser a história?

Pensou sobre isso enquanto preparava um conhaque com soda e um pouco de comida. Valik e os outros tinham aberto duas latas de meio quilo do melhor caviar cinzento beluga e tinham-nas abandonado displicentemente na mesa da sala, parcialmente cheias. Comeu com grande avidez e depois jogou as latas no lixo que estava do lado de fora da porta dos fundos. Depois trancou a casa e partiu.

A marcha forçada pelas montanhas fora difícil, mas não tão difícil quanto esperara. Pouco depois do amanhecer, descera até a estrada Kermanshah—Ahwaz—Abadan. Quase imediatamente, conseguira uma carona com alguns operários coreanos que estavam deixando a usina de aço que construíam sob contrato em Kermanshah — era quase um costume os estrangeiros ajudarem outros estrangeiros na estrada. Eles se dirigiam ao aeroporto de Abadan onde ouviram dizer que havia um avião esperando para levá-los de volta à Coreia.

— Há muita luta em Kermanshah — disseram, num inglês hesitante.

— Todo mundo tem arma. Iranianos matam uns aos outros. Todos malucos, bárbaros, piores que japoneses. — Os coreanos o deixaram perto do terminal de ônibus de Ahwaz. Milagrosamente, conseguira arranjar um lugar no próximo ônibus que passava por Bandar Delam.

— Sim. Mas e agora? Sombriamente, recordou como, depois de ter jogado as latas vazias de caviar no lixo, pensara melhor e voltara para recolhê-las e enterrá-las, limpando o copo que usara e até a maçaneta da porta. Você tem que mandar examinar a cabeça, como se eles fossem verificar impressões digitais! Sim, mas na hora eu achei melhor não deixar nenhum traço de que estivera lá.

Você está doido! Seu nome está na licença de voo de Teerã, há o transporte não-autorizado de Valik e sua família, a fuga de Isfahan, o fato de 'ter transportado inimigos do Estado, ajudando-os a escapar' para explicar — seja à Savak ou a Khomeini! E como é que a S-G ou McIver vão justificar a falta de um helicóptero iraniano que vai aparecer no Kuwait ou em Bagdá ou seja lá onde for?

Que maldita confusão! Sim. E há Xarazade...

— Não se preocupe, aga — seu pensamento foi interrompido —, estamos todos nas mãos de Deus.

Era o mulá e estava sorrindo para ele. Era um homem jovem, barbado, que entrara no ônibus em Ahwaz com a mulher e três filhos. Trazia um rifle pendurado no ombro.

— O motorista me disse que você fala farsi, que vem do Canadá e é um seguidor do Livro?

— Sim, sim, eu sou, aga — respondeu Lochart, reunindo toda a sua força de vontade. Viu que a oração terminara e que agora todo mundo se amontoava na porta do ônibus.

— Então você irá para o céu, como o Profeta prometeu, se for julgado merecedor, embora não para a nossa parte do céu. — O mulá sorriu timidamente. — O Irã será o primeiro Estado islâmico verdadeiro do mundo, desde o tempo do Profeta. — Mais uma vez o sorriso tímido. — Você é...

você é o primeiro estrangeiro seguidor do Livro que eu conheço. Você aprendeu a falar farsi no colégio?

— Fui para um colégio, Excelência, mas a maior parte do tempo eu tive professores particulares. — Lochart apanhou sua valise de piloto, que trazia com ele por precaução, e foi para a fila. Seu lugar já estava ocupado. Na margem da estrada, vários passageiros aliviavam a bexiga ou evacuavam, homens, mulheres e crianças.

— E Vossa Excelência trabalha com petróleo? — O mulá foi para a fila junto com ele, e imediatamente as pessoas saíram do caminho para dar-lhe passagem. Dentro do ônibus, os passageiros já estavam discutindo, e alguns gritavam com o motorista para que se apressasse.

— Sim, para a grande IranOil — disse Lochart, bem consciente de que os que estavam por perto também escutavam, tentando chegar mais perto para ouvir melhor. Não falta muito agora, pensou, o aeroporto não pode estar mais de alguns quilômetros à frente. Pouco antes do meio-dia avistara um 212 se preparando para descer, vindo da direção do golfo. O aparelho estava muito distante para que pudesse ver se era civil ou militar, mas ia na direção do aeroporto. Vai ser formidável encontrar Rudi e os outros, dormir e...

— O motorista disse que o senhor estava de férias perto de Kermanshah?

— Em Luristan, ao sul de Kermanshah. — Lochart se concentrou. Tornou a contar a história que tinha preparado, a mesma que contara ao vendedor de passagens em Ahwaz, e aos Faixas Verdes que também quiseram saber quem ele era e por que estava em Ahwaz. — Eu estava viajando de carona pelo norte de Luristan, nas montanhas, e fiquei preso numa aldeia por causa de uma nevasca,

por uma semana. O senhor está indo para Shiraz? — Essa era a destinação final do ônibus.

— É em Shiraz que fica a minha mesquita e foi lá que eu nasci. Venha. Vamos nos sentar juntos. — O mulá pegou o lugar mais próximo, ao lado de um velho, pôs um dos seus filhos no colo, junto com a arma, e deixou espaço para Lochart do lado do corredor. Relutante, Lochart obedeceu, sem muita vontade de se sentar ao lado de um mulá falante e inquisidor, mas ao mesmo tempo grato por conseguir um lugar. O ônibus estava enchendo rapidamente. As pessoas passavam por ele tentando arranjar lugar ou ir mais para trás.

— O seu país, o Canadá, faz fronteira com o Grande Satã, não?

— O Canadá e a América têm fronteiras comuns — disse Lochart, com a bile subindo à boca. — A grande maioria dos americanos são Gente do Livro.

— Ah, sim, mas muitos são judeus e sionistas, e judeus e sionistas e cristãos são contra o Islã, são inimigos do Islã, e portanto inimigos de Deus. Não é verdade que os judeus e os sionistas governam o Grande Satã?

— Se o senhor está se referindo à América, aga, não é verdade.

— Mas se o imã diz que é, então é. — O mulá foi bastante gentil e confiante e citou o Corão: — Pois Deus está zangado com eles, e eles viverão atormentados para sempre. — E depois acrescentou: — Se o imã...

Houve um tumulto no fundo do ônibus e eles se viraram e viram um dos iranianos puxar raivosamente o indiano de turbante para fora do seu assento para tomar o lugar dele. O indiano deu um sorriso forçado e ficou em pé. De acordo com o costume, era sempre o primeiro a se sentar que tinha o direito de ficar sentado sem ser molestado. A torrente de vozes recomeçou e agora um outro homem, apertado no corredor, começou a xingar todos os estrangeiros em voz alta. Estava malvestido, armado, e ao lado de dois japoneses que estavam apertados num banco junto com um velho curdo maltrapilho, olhando para eles.

— Por que estrangeiros infiéis podem ficar sentados enquanto eu estou em pé? Com a ajuda de Deus, não somos mais lacaios de

infiéis! — disse o homem, com mais raiva ainda e fez um sinal para eles, dizendo: — Fora!

Nenhum dos dois japoneses se mexeu. Um deles tirou os óculos e sorriu para o homem. O homem hesitou, começou a avançar mas pensou melhor e então virou-se e gritou para o motorista andar depressa. Pouco antes do japonês tornar a pôr os óculos, seu olhar cruzou com o de Lochart, e ele o cumprimentou com a cabeça e sorriu.

Lochart devolveu o sorriso. Em Ahwaz, enquanto estavam todos se dirigindo para o ônibus, um dos japoneses dirigira-se a Lochart num inglês razoável: — Siga-nos, senhor, na hora do rush, os ônibus e trens de Tóquio são muito piores. — Demonstrando extrema gentileza, os dois abriram espaço rapidamente, encontraram um lugar para ele e foram sentar-se no fundo do ônibus. Durante a parada de meio-dia, tinham conversado rapidamente, eles disseram que eram engenheiros voltando de uma licença e que estavam indo para a Irã-Toda.

— Ah — disse alegremente o mulá, vendo o motorista voltar para o seu lugar —, agora nós vamos continuar, graças a Deus.

Com um grande floreio, o motorista ligou o motor e o ônibus saiu se arrastando.

— Próxima parada: Bandar Delam — gritou. — Se Deus quiser.

— Se Deus quiser. — O mulá estava muito satisfeito. Mais uma vez voltou a atenção para Lochart e gritou por sobre o barulho: — Aga, o que o senhor estava dizendo a respeito do Grande Satã?

Lochart estava com os olhos fechados e fingiu que não tinha ouvido.

— O que o senhor estava dizendo, aga, sobre o Grande Satã? — repetiu o mulá, tocando nele.

— Eu não estava dizendo nada, aga.

— O quê? Eu não ouvi.

Lochart manteve um ar gentil, sabendo do perigo que corria, e disse mais alto: — Eu não estava dizendo nada, aga. Viajar é cansativo, não? — Tornou a fechar os olhos. — Acho que vou dormir um pouco.

— Por que não diz nada? — Um rapaz que estava em pé no corredor gritou para ele acima do barulho do motor. — A América é responsável por todos os nossos problemas. Se não fosse pela América, haveria paz no mundo inteiro!

Obstinadamente, Lochart manteve os olhos fechados e tentou fechar os ouvidos, sabendo que estava quase explodindo. Uma parte dele desejando estar com a automática no bolso, a outra parte satisfeita por ela estar na mala. Ele sentiu o mulá sacudindo-o.

— Antes de dormir, aga, o senhor não concorda que o mundo seria muito melhor sem a maldade dos americanos?

Lochart lutou para controlar a raiva e conservou os olhos fechados. Outra sacudidela, bem mais rude, desta vez vinda do corredor, e o homem gritou no seu ouvido: — Responda à Sua Excelência!

De repente, ficou cheio de toda a propaganda antiamericana e de todas as mentiras que eram impostas continuamente a eles. Branco de raiva, abriu os olhos, empurrou a mão do homem e explodiu em inglês: — Bem, eu vou lhe dizer, mulá, é melhor você agradecer a Deus pelo fato da América existir, porque sem ela não haveria nada no mundo e nós todos estaríamos num maldito gulag ou debaixo da maldita terra, você, eu, esse idiota e até Khomeini!

— O quê?

Viu o mulá olhando espantado para ele — e percebeu que tinha falado em inglês. Pondo um freio na língua, disse em farsi, sabendo que não havia nenhuma maneira de explicar logicamente: — Eu estava citando a Sagrada Bíblia em inglês — disse, inventando uma mentira. — Estava citando Abraão quando este estava muito zangado. Abraão disse: "A maldade entra na terra sob muitas formas... é dever do fiel proteger-se contra a maldade, qualquer maldade... toda a maldade". Não é?

O mulá o olhou estranhamente e citou o Corão: — "E Deus disse a Abraão, Eu farei de você um líder da humanidade, e Abraão disse, e também dos meus descendentes! Deus disse: As minhas promessas não incluem os ímpios."

— Concordo — disse Lochart. — E agora preciso meditar sobre Deus, o único Deus, o Deus de Abraão e Moisés e Jesus e Maomé,

cujo Nome seja louvado! — Lochart fechou os olhos. Seu coração disparara. A qualquer momento, esperava que o rapaz batesse com a coronha do rifle na sua cara ou que o mulá mandasse parar o ônibus. Não esperava nenhuma piedade. Mas o momento passou e eles o deixaram entregue às suas supostas orações.

O mulá suspirou, apertado contra o infiel pela falta de espaço. Eu me pergunto como um infiel pode rezar, estava pensando. O que será que ele diz para Deus — mesmo sendo uma pessoa do Livro?

Como eles são dignos de pena!

NO AEROPORTO DE BANDAR DELAM: 12:32H. O carro da Força Aérea iraniana passou pelos guardas sonolentos do portão, com a bandeira verde de Khomeini esvoaçando, e parou numa nuvem de poeira ao lado do trailer que servia de escritório para Rudi. Dois oficiais elegantemente uniformizados saltaram. Junto com eles, havia três Faixas Verdes.

Rudi Lutz saiu para se encontrar com os oficiais — um major e um capitão. Quando viu o capitão, o seu rosto se iluminou.

— Alô, Hushang. Eu estava imaginando como você estaria... O oficial mais velho interrompeu-o com raiva.

— Eu sou o major Qazani. Serviço Secreto da Força Aérea. O que pretendia um helicóptero iraniano sob o seu controle ao tentar sair do espaço aéreo iraniano, desobedecendo várias vezes as instruções de um interceptador e ignorando totalmente as ordens de terra?

Rudi olhou-o sem compreender.

— Só há um helicóptero meu no ar, e ele está atendendo a uma emergência pedida pelo controle de radar de Abadan.

— Qual é o seu registro?

— EP-HXX. Do que se trata, afinal?

— É isso que eu quero saber. — O major Qazani passou por ele, entrou no trailer e se sentou. Os seus Faixas Verdes ficaram esperando. — Venha! — disse o major, irritado. — Sente-se, capitão Lutz.

Rudi hesitou, depois sentou-se na sua mesa. Alguns buracos de bala na parede deixavam entrar luz atrás deles. Os Faixas Verdes e o outro oficial entraram e fecharam a porta.

— O HXX é um 206 ou um 212? — perguntou o major.

— É um 212. O que...

— Quantos 212 o senhor tem aqui?

— Dois. HXX e HGC. O radar de Abadan deu permissão para o HXX sair para atender a uma emergência em Kowiss ontem, com feridos por causa de um ataque dos fedayins na madrugada de ont...

— Sim, nós soubemos disso. E soubemos que vocês ajudaram os guardas a mandá-los para o inferno que eles merecem, e agradeço muito por isso, O EP-HBC é um 212 registrado pela S-G?

Rudi hesitou.

— Eu não sei dizer assim de pronto, major. Não tenho os registros aqui de todos os nossos 212, mas poderia descobrir, se conseguisse me comunicar com a nossa base em Kowiss. O rádio não está funcionando desde ontem. Agora, por favor, vou ajudar, se puder, mas do que se trata?

O major Qazani acendeu um cigarro, ofereceu um a Rudi, que sacudiu a cabeça.

— Trata-se de um 212, EP-HBC, acreditamos que seja um 212 operado pela S-G, com um número desconhecido de pessoas a bordo, que atravessou a fronteira do Iraque pouco antes do pôr-do-sol na noite passada, sem nenhuma autorização, ignorando, como já disse, ignorando ordens explícitas do radar para pousar.

— Eu não sei nada sobre isso. — A mente de Rudi estava trabalhando depressa. Tinha que ser alguém fugindo, pensou. — Esse pássaro não é nosso. Nós não podemos nem ligar os motores sem licença do controle de Abadan. É o procedimento obrigatório.

— Como você explicaria então o HBC?

— Pode ser um aparelho da Guerny levando embora uma parte do seu pessoal, ou da Bell, ou de qualquer uma das outras companhias de helicópteros. Tem sido difícil, às vezes impossível, registrar um plano de voo ultimamente. O senhor sabe o quanto, ahn, o quanto o radar tem estado instável nas últimas semanas.

— Instável não é uma boa palavra — disse o capitão Hushang Abbasi. Ele era um homem esbelto, muito bonito, com um bigode bem aparado e óculos escuros, e usava insígnias no seu uniforme.

Durante todo o ano anterior tinha servido em Kharg, onde ele e Rudi vieram a se conhecer. — E se fosse um aparelho da S-G?

— Então haverá uma explicação plausível. — Rudi estava satisfeito por Hushang ter resistido à revolução, especialmente por ele ter sempre criticado francamente o fato dos mulás se meterem no governo. — O senhor tem certeza que era ilegal?

— Eu tenho certeza que aviões legais possuem autorização, que aviões legais obedecem aos regulamentos aéreos e que aviões legais não empreendem manobras de fuga e correm para a fronteira — disse Hushang.

— E estou quase certo de que vi um emblema da S-G na minha primeira passagem, Rudi.

Os olhos de Rudi se estreitaram. Hushang era um piloto muito bom.

— Era você que estava pilotando o interceptador?

— Eu conduzi a operação de defesa. Fez-se silêncio no trailer.

— O senhor se importa que eu abra uma janela, major? A fumaça — ela me dá dor de cabeça.

— Se o HBC for um helicóptero da S-G, alguém vai ter mais do que uma dor de cabeça — respondeu irritado o major.

Rudi abriu a janela. HBC parece o registro de um dos nossos helicópteros. O que será que está havendo? Parece que estamos sob algum feitiço nos últimos dias: primeiro foi aquele psicopata do Zataki e o assassinato do nosso mecânico, depois o pobre do Kyabi, depois o ataque dos malditos esquerdistas fedayins na madrugada de ontem, quase nos matando e ferindo Jon Tyrer. Cristo, espero que Jon esteja bem! E agora mais encrenca.

Tornou a se sentar, sentindo-se muito cansado.

— O melhor a fazer é perguntar.

— Até onde vocês operam para o norte? — perguntou o major.

— Normalmente? Até Ahwaz. Dezful seria o nosso ponto extre...

O telefone interno da base tocou.

Ele atendeu e não viu o olhar trocado entre os dois oficiais. — Alô?

Era Fowler Joines, seu mecânico-chefe.

— Você está bem?

— Sim. Obrigado. Nenhum problema.

— Grite se precisar de ajuda, meu velho, e nós todos iremos correndo.

— O telefone foi desligado.

Ele virou-se para o major, sentindo-se melhor. Desde que enfrentara Zataki, todos os seus homens e pilotos vinham-no tratando como se ele fosse o próprio lorde Gavallan. E desde ontem, quando os fedayins foram derrotados, até mesmo o komiteh de Faixas Verdes vinha se mostrando respeitoso — todos menos o gerente da base, Yemeni, que ainda estava tentando ser durão.

— Dezful é o nosso limite, de mão única. Uma vez nós levamos...

— Ele parou. Ia dizer: Uma vez nós levamos o nosso gerente de área para Kermanshah. Mas aí a lembrança do modo brutal e sem sentido pelo qual Kyabi fora assassinado o assaltou e ele tornou a sentir-se mal.

Viu o major e Hashang olhando-o fixamente.

— Sinto muito, eu ia dizer, major, que uma vez nós levamos um grupo até Kermanshah. Podendo reabastecer, como o senhor sabe, nós somos versáteis.

— Sim, capitão Lutz, sim, nós sabemos. — O major apagou o cigarro e acendeu outro. — O primeiro-ministro Bazargan, é claro que com a aprovação do aiatolá Khomeini — acrescentou cautelosamente, sem confiar em Abbasi nem nos Faixas Verdes que talvez pudessem, secretamente, falar inglês —, deu ordens estritas acerca de todos as aeronaves existentes no Irã, especialmente helicópteros. Vamos chamar Kowiss agora.

Foram para a sala de rádio. Imediatamente, Yemeni protestou dizendo que não podia aprovar a chamada, sem permissão do komiteh local, do qual ele tinha nomeado a si mesmo como membro, uma vez que era o único que sabia ler e escrever. Um dos Faixas Verdes foi chamá-los, mas o major ignorou Yemeni e fez o que queria. Kowiss não atendeu ao chamado.

— Seja como Deus quiser. Vai melhorar depois que escurecer, aga — disse o operador de rádio, Jahan, em farsi.

— Sim, obrigado — respondeu o major.

— O que é que o senhor está precisando, aga? — Yemeni disse grosseiramente, odiando a intrusão, com os uniformes do xá fazendo-o ficar frenético. — Eu apanho para o senhor.

— Não preciso de você para nada, filho de um cão — gritou o major, furioso, todo mundo pulou e Yemeni ficou paralisado. — Se você me criar problemas, eu vou arrastá-lo diante do nosso tribunal por interferir com o trabalho do primeiro-ministro e do próprio Khomeini! Saia!

Yemeni saiu voando. Os Faixas Verdes riram e um deles disse: — Quer que eu arrebente a cabeça dele para o senhor, aga?

— Não, não, obrigado. Ele não é mais importante do que uma mosca comendo bosta de camelo. — O major Qazani deu uma baforada no cigarro, envolvendo-se na fumaça e olhou Pensativamente para Rudi. As notícias de como este alemão salvara Zataki, o comandante revolucionário mais importante daquela região, tinham alcançado a base aérea.

Ele se levantou e foi até a janela. Lá fora, podia ver seu carro e a bandeira verde de Khomeini e os Faixas Verdes vagando por ali. Escória, pensou. Filhos da mãe, todos eles. Nós não nos livramos do controle e da influência dos americanos nem ajudamos a expulsar o xá para passar o controle das nossas vidas e dos nossos lindos aviões para uns mulás piolhentos, por mais corajosos que alguns possam ser.

— Espere aqui, Hushang. Vou deixar dois guardas com você — disse. — Espere aqui e faça a chamada junto com ele. Depois eu mando o carro de volta para apanhá-lo.

— Sim senhor.

O major olhou para Rudi, com um olhar severo. Em inglês, ele disse: — Eu quero saber se o HBC é um helicóptero da S-G, onde está sediado, como veio parar nesta área e quem estava a bordo. — Deu as ordens necessárias e partiu numa nuvem de poeira.

Hushang mandou os guardas dizerem aos outros o que estava acontecendo. Agora os dois estavam sozinhos.

— Então — disse, e sorriu estendendo a mão. — Estou feliz em vê-lo, Rudi.

— Eu também. — Eles trocaram um caloroso aperto de mão. — Eu estava imaginando como você, ahn, como você estava passando.

— Você quer dizer se eu tinha sido liquidado? — E Hushang riu. — Oh, não acredite nessas histórias todas, Rudi. Não. Está tudo ótimo. Quanto eu deixei Kharg, passei algum tempo em Doshan Tappeh, depois vim para a base aérea de Abadan.

— E depois?

— E depois? — Hushang pensou por um momento. — E então, quando Sua... quando o xá deixou o Irã, o comandante da base nos reuniu, a todos, e disse que considerava cancelado o nosso voto de obediência. Todos nós, das Forças Armadas, juramos obediência ao xá pessoalmente, mas quando ele partiu, foi como se nossos votos tivessem sido renegados. O nosso comandante pediu-nos para escolher o que queríamos fazer, oficiais e soldados, ficar ou partir, mas nos disse: "Nesta base, a transferência de poder para o novo governo legal será feita com disciplina:" Ele nos deu 12 horas para decidir. — Hushang franziu as sobrancelhas. — Uns poucos partiram, na maioria oficiais mais graduados. O que você teria feito, Rudi?

— Teria ficado. É claro. Heimat ist immer Heimat.

— O quê?

— A sua pátria é sempre a sua pátria.

— Ah, sim. Sim, foi isso que eu pensei. — Uma sombra passou por Hushang. — Depois que todos tínhamos escolhido, nosso comandante chamou o aiatolá Ahwazi, o nosso aiatolá-chefe, e realizou formalmente a transferência de poder. Depois matou-se. Ele deixou um bilhete dizendo: "Durante toda a minha vida eu servi a Muhammad Reza Xá assim como meu pai serviu ao Reza Xá, seu pai. Eu não posso servir a mulás ou a políticos, nem viver com este fedor de traição que invade esta terra".

— Ele estava se referindo aos americanos? — perguntou Rudi, hesitante.

— O major acha que ele estava se referindo aos generais. Alguns de nós achamos que ele se referia...

à traição do Islã.

— Por parte de Khomeini? — Rudi viu Hushang olhando para ele, com seus olhos castanhos sinceros, seu rosto bem talhado, e por um

segundo Rudi teve a sensação desconfortável de que aquele não era mais o seu amigo, mas alguém que tinha o mesmo rosto. Alguém que podia estar pronto para armar-lhe uma armadilha. Que espécie de armadilha?

— Seria traição pensar assim. Não seria? — disse Hushang. Foi uma afirmação, não uma pergunta, e Rudi se pôs mais em guarda ainda. — Eu estou com medo pelo Irã, Rudi. Estamos muito expostos, somos muito valiosos para qualquer uma das superpotências, e somos muito odiados e invejados por tantos aqui em volta.

— Ah, mas suas forças militares são as mais numerosas e bem equipadas daqui. Vocês são a maior potência do golfo. — Ele foi até a pequena geladeira. — Que tal racharmos uma garrafa de cerveja bem gelada?

— Não, obrigado.

Normalmente, ele teria aceito com satisfação.

— Você está de dieta? — Rudi perguntou.

O outro sacudiu a cabeça e deu um sorriso estranho.

— Não. Eu parei. É o meu presente ao novo regime.

— Então vamos tomar chá, como nos velhos tempos — disse Rudi, sem hesitação e foi até a cozinha pôr a chaleira no fogo. Mas estava pensando: Hushang realmente mudou. Mas se você fosse ele teria mudado também, o mundo dele está de pernas para o ar, como a Alemanha Ocidental e a Alemanha Oriental, mas não tão ruim assim. — Como vai o Ali? — perguntou. Ali era o adorado irmão mais velho de Hushang, um piloto de helicóptero que Rudi não conhecia, mas de quem Hushang estava sempre falando, rindo de suas lendárias aventuras e conquistas em Teerã, Paris e Roma nos velhos tempos.

Os bons e velhos tempos, pensou enfaticamente.

— Ali, o Grande, também vai muito bem — disse Hushang, com um sorriso radiante. Pouco antes do xá partir, eles tinham discutido as suas opções secretamente e tinham resolvido que, acontecesse o que acontecesse, eles ficariam: "Nós ainda somos a força de elite, nós ainda passamos as nossas licenças na Europa!" Hushang sorriu, tão orgulhoso dele, sem nenhuma inveja do seu sucesso, mas

desejando que tivesse um décimo daquele sucesso. — Mas ele vai ter que ir mais devagar agora.

Pelo menos no Irã.

A chaleira começou a apitar. Rudi preparou o chá.

— Você se importa que eu pergunte a respeito do HBC? — Ele olhou para a outra sala. Seu amigo o observava. — Tudo bem?

— O que você quer saber?

— O que foi que aconteceu? Depois de uma pausa, Hushang disse: — Eu era o líder da esquadrilha. Fomos colocados em alerta e recebemos ordens de interceptar um helicóptero que fora localizado esgueirando-se pela área. Era um aparelho civil que estava voando baixo pelos vales perto de Dezful. Ele não respondeu às chamadas de rádio, nem em farsi nem em inglês. Nós esperamos, seguindo o seu rastro. Assim que ele se expôs, eu fiz um voo rasante em cima dele, foi quando pensei ter reconhecido o emblema da S-G. Mas ele me ignorou completamente, simplesmente virou em direção à fronteira e saiu a toda velocidade. O meu segundo-piloto fez sinal para ele, mas ele fez outra manobra de fuga.

Os olhos de Hushang se estreitaram quando ele recordou a excitação que havia tomado conta dele, caçador e caça, ele que nunca tinha caçado antes, com os ouvidos cheios do grito doce dos seus jatos, de estática e de ordens: "Preparem os mísseis!" Com as mãos e os dedos obedecendo.

Apertando o gatilho, o foguete errando da primeira vez enquanto o helicóptero fazia uma pirueta, atirando-se para um lado e para o outro, ligeiro como uma libélula, com o seu segundo-piloto também atirando e errando por um triz — os mísseis não eram atraídos pelo calor. Tornando a errar.

Agora ele já estava sobre a fronteira. Sobre a fronteira e a salvo, mas não a salvo de mim, da justiça, então continuando com o ataque, a impressão de rostos nas janelas, vendo-o dissolver-se numa bola de fogo e quando eu saí do mergulho violento para tornar a olhar ele tinha desaparecido. Só restava uma nuvem de fumaça. E o prazer.

— Eu o destruí — disse. — Eu o fiz explodir no céu.

Rudi virou o rosto para disfarçar o choque. Presumira que o HBC tivesse escapado — seja quem for que estivesse pilotando.

— Não houve nenhum... nenhum sobrevivente?

— Não, Rudi. Ele explodiu — disse Hushang, tentando manter a voz calma. E profissional. — Foi...

Foi a primeira vez que eu matei... eu nunca pensei que seria tão difícil.

Não foi um grande combate, pensou Rudi, zangado e desgostoso. Mísseis e canhões contra nada, mas suponho que ordens são ordens e o HBC estava errado, seja quem for que estivesse pilotando, seja quem for que estivesse a bordo. Ele devia ter parado — eu teria parado. Teria mesmo? Se eu fosse o piloto do avião de combate e aqui fosse a Alemanha e o helicóptero estivesse fugindo em direção a uma fronteira controlada pelo inimigo, sabe Deus com quem a bordo, e eu recebesse ordens de...

Espere um minuto, será que Hushang fez isto no espaço aéreo iraquiano? Bem, eu não vou perguntar.

Tão certo quanto Deus não fala com Khomeini, Hushang não me diria se o tivesse feito. Eu não diria.

Melancolicamente, encheu o bule com a água da chaleira e lembrou-se da outra da sua infância, depois olhou pela janela. Um velho ônibus estava parando na estrada, do lado de fora do perímetro do aeroporto. Ele viu o homem alto saltar. Por um momento, não o reconheceu. Então, com um sobressalto de alegria, reconheceu-o e disse apressadamente.

— Dê-me licença um momento..

Eles se encontraram no portão, com os Faixas Verdes observando-os curiosamente.

— Tom Wiegehts! Como vai? Que diabo você está fazendo aqui? Por que você não nos avisou que estava vindo? Como vai Zagros, e Jean-Luc? — Estava tão feliz que não notou o cansaço de Lochart e nem o estado das suas roupas: sujas, rasgadas e manchadas da viagem.

— Há um bocado que contar, Rudi — disse Lochart. — Um bocado que contar, mas estou exausto.

Preciso de um pouco de chá e de um pouco de sono. Está bem?

— É claro. — Rudi sorriu para ele. — É claro. Venha, vou abrir a minha última garrafa secreta de uísque, que eu finjo até para mim mesmo que não existe e então nós... — De repente, ele notou o estado em que o amigo se encontrava e seu sorriso desapareceu. — Que diabo aconteceu com você?

Você parece que foi arrastado de costas por um matagal. — Ele viu Lochart olhar imperceptivelmente para os guardas que estavam ali perto escutando.

— Nada, Rudi, nada. Primeiro um banho, hein?

— Claro, sim, é claro. Você, ahn, pode usar o meu trailer. — Muito perturbado, ele caminhou ao lado de Lochart, em direção ao aeroporto. Nunca o tinha visto tão envelhecido e tão vagaroso. Ele parece muito abalado, quase., quase como se tivesse sofrido um acidente grave...

Lá no hangar, viu Yemeni espiando para eles de uma das janelas do escritório. Fowler Joines e o outro mecânico tinham parado de trabalhar e estavam começando a dar uma volta. Então, do outro lado do acampamento, viu Hushang chegar na escada do seu trailer e a cabeça de Rudi pareceu explodir — Oh, Cristo — exclamou. — Não o HBC?

Lochart parou bruscamente, sem um pinga de cor no rosto — Como é que você sabe a respeito dele?

— Mas ele disse que o HBC tinha sido destruído, que tinha explodido no ar! Como você conseguiu escapar? Como?

— Destruído? — Lochart estava em choque. — Jesus, quem... quem disse isso?

Os reflexos ajudaram Rudi, e sem dar muito na vista, ele virou as costas para Hushang.

— O oficial iraniano que está na porta. Não olhe, pelo amor de Deus. Ele pilotou o aparelho interceptador, um F14. Ele explodiu o helicóptero! — Colocou um sorriso forçado nos lábios, agarrou Lochart pelo braço, e mais uma vez tentando não dar na vista, conduziu-o para o trailer mais próximo. — Você pode ficar no quarto de Jon Tyrer — disse com uma jovialidade forçada, e assim que fechou a porta atrás deles, cochichou depressa: — Hushang disse que abateu o HBC perto da fronteira do Iraque ontem, ao pôr-do-

sol. Destruíu-o completamente. Como você escapou? Quem estava a bordo? Rápido, conte-me o que aconteceu. Rápido!

— Eu... eu não pilotei na última parte da viagem, eu não estava lá — disse Lochart, tentando fazer a cabeça trabalhar e também mantendo a voz baixa, pois as paredes do trailer eram muito finas.

— Eles me deixaram em Dez Dam. Eu caminhei...

— Dez Dam? Que diabo você estava fazendo lá? Quem deixou você? Lochart hesitou. Tudo estava acontecendo muito depressa.

— Eu não sei se deveria... se deveria contar por...

— Pelo amor de Deus, eles estão atrás do HBC, nós temos que fazer alguma coisa depressa. Quem estava pilotando, quem estava a bordo?

— Eram todos iranianos fugindo do Irã. Todos da Força Aérea de Isfahan: general Seladi, oito coronéis e majores de Isfahan, eu não sei o nome deles, e o general Valik, sua mulher e... — Lochart mal conseguiu dizer — e seus dois filhos.

Rudi ficou horrorizado. Ele tinha ouvido falar em Annoush e nas duas crianças e tinha encontrado Valik várias vezes.

— Isso é terrível, terrível. Que diabo eu vou dizer?

— O quê? A respeito de quê? As palavras jorraram: — O major Qazani e Hushang, eles chegaram há menos de meia hora atrás. O major acabou de sair, mas mandou que eu descobrisse se o HBC é da S-G, onde estava sediado e quem estava a bordo. Eu recebi ordens de ligar para Kowiss para saber e Hushang vai estar escutando e ele não é nenhum idiota, nenhum idiota, ele tinha certeza de ter visto o emblema da S-G antes de explodir o aparelho.

Kowiss vai ter que dizer que o pássaro era nosso e eles vão chamar Teerã e fim.

Lochart sentou-se numa das camas. Apatetado.

— Eu os avisei. Eu os avisei para esperar até a noite! Que diabo eu posso fazer?

— Saia correndo. Talvez vo... — Houve uma batida na porta e eles ficaram paralisados.

— Skipper, sou eu, Fowler. Trouxe-lhe um pouco de chá, achei que Tom podia estar precisando.

— Obrigado, só um instante, Fowler — disse, e então baixou a voz. — Tom, qual é a sua história?

Você tem alguma?

— A melhor que eu pude inventar é que eu estava voltando de umas férias, pegando carona, em Luristan, ao sul de Kermanshah. Fiquei preso numa aldeia por causa de uma nevasca, durante aproximadamente uma semana e no fim consegui uma carona para sair.

— Serve. Onde é a sua base?

— Em Zagros.

— Bom. Alguém já pediu para ver a sua identidade?

— Sim. O vendedor de passagens em Ahwaz e alguns Faixas Verdes.

— Scheissel — Rudi abriu a porta. Fowler Joines entrou com a bandeja de chá.

— Como vai, Tom? — disse com o seu sorriso desdentado.

— É bom ver você, Fowler. Praguejando muito?

— Não tanto quanto Effer Jordon. Como vai o meu velho companheiro? O cansaço tomou conta de Lochart e ele se recostou na parede. Zagros e Effer Jordon, Rodrigues, Jean-Luc, Scot Gavallan e os outros pareciam estar muito distantes.

— Ainda está usando o seu chapéu — disse com grande esforço, aceitou o chá, agradecido, e engoliu-o. Quente, forte, com leite condensado, o maior estimulante do mundo. O que foi que Rudi disse? Sair correndo? Eu não posso, pensou enquanto o sono tomava conta dele. Não sem Xarazade...

Rudi terminou de contar a Fowler a história inventada por Lochart.

— Espalhe por aí.

— Férias pedindo carona? — O mecânico pestanejou. — Tom Lochart? Sozinho? Com você sabe quem em Teerã? Você ficou maluco, meu velho?

Rudi olhou para ele.

— Como quiser, meu velho. — Fowler virou-se para falar com Lochart, mas este já estava dormindo, com o rosto marcado de cansaço. — Puxa! Ele... — Seus astutos olhos azuis, enfiados na sua

cara torta, tornaram a olhar para Rudi. — Eu vou espalhar esta história como se fosse o maldito Gênesis. — E saiu.

Pouco antes da porta fechar-se, Rudi viu Hushang esperando ao lado do trailer e arrependeu-se de tê-lo deixado tanto tempo sozinho. Olhou para Lochart. Pobre Tom. Que diabo ele estaria fazendo em Isfahan? Deus do céu, que confusão! Que diabo eu vou fazer agora? Cuidadosamente, tirou a xícara da mão de Tom, mas o canadense acordou assustado.

— Por um momento, Lochart não soube se estava acordando ou sonhando. Seu coração disparara, sentia uma dor de cabeça terrível e estava de volta à represa na beira da água, com Rudi em pé contra a luz, exatamente como Ali, e Lochart sem saber se pulava em cima dele ou se se arriscava a mergulhar, com vontade de gritar: Não atire, não atire...

— Cristo, eu pensei que você fosse Ali — disse. — Sinto muito, estou bem agora. Não foi nada.

— Ali?

— O piloto, o piloto do HBC, Ali Abbasi, ele ia me matar. — Meio adormecido, Lochart contou-lhe o que tinha acontecido. Então notou que Rudi tinha ficado pálido. — O que foi?

Rudi fez um sinal para fora.

— Aquele é o irmão dele: Hushang Abbasi. Foi ele que derrubou o HBC...

29

TEERÃ: 16:17H.

Os dois homens olhavam ansiosamente para o aparelho de telex no escritório de cobertura da S-G.

— Vamos, pelo amor Deus! — murmurou McIver e tornou a olhar para o relógio. O 125 estava marcado para as cinco e meia. — Nós vamos ter que sair daqui a pouco, Andy, nunca se sabe como estará o tráfego.

Gavallan estava se balançando distraidamente numa velha cadeira que rangia.

— Sim, mas Genny ainda não chegou. Assim que ela chegar nós saímos. Se acontecer o pior, eu posso ligar para Aberdeen de Al Shargaz.

— Se Johnny Hogg conseguir passar pelo espaço aéreo de Kish e Isfahan, e se a autorização valer em Teerã.

— Desta vez ele vai pousar, estou com o pressentimento de que o nosso mulá Tehrani quer os óculos novos. Só espero que Johnny os tenha conseguido.

— Eu também.

Era a primeira vez que o komiteh permitia que um estrangeiro tornasse a entrar no edifício. A maior parte da manhã fora gasta fazendo a limpeza e tornando a ligar o gerador que, evidentemente, estava sem combustível. Na mesma hora, o telex começou a funcionar: — Urgente! Por favor confirme se o seu telex está funcionando e informe o sr. McIver que eu tenho um telex Avisyard para o patrão. Ele ainda está em Teerã? O telex era de Elizabeth Chen em Aberdeen. 'Avisyard' era um código da companhia, usado raramente, que significava que uma mensagem que só podia ser lida por McIver e que ele mesmo deveria operar o telex. Teve que fazer quatro tentativas para conseguir receber a mensagem de Aberdeen.

— Contanto que não tenhamos perdido nenhum aparelho — disse Gavallan, fazendo uma prece silenciosa.

— Eu estava pensando a mesma coisa. — McIver relaxou os ombros. — Tem alguma ideia do que poderia merecer um Avisyard?

— Não. — Gavallan escondeu a tristeza, pensando no verdadeiro Avisyard, o Castelo Avisyard, onde tinha passado anos tão felizes com Kathy, que foi quem sugeriu o código. Não pense em Kathy agora, disse a si mesmo. Agora não.

— Eu detesto estas malditas máquinas de telex, elas estão sempre enguiçando — disse McIver, com o estômago pegando fogo, principalmente por causa da briga que tivera com Genny na noite anterior, insistindo que ela deveria partir hoje no 125, e também porque ainda não recebera nenhuma notícia de Lochart. Além disso, mais uma vez nenhum empregado iraniano se apresentara para trabalhar, só os pilotos, que tinham chegado naquela manhã. McIver mandara todos embora, exceto Pettikin, a quem colocou de sobreaviso. Nogger Lane aparecera lá por volta de meio-dia, para comunicar que seu voo com o mulá Tehrani, seis Faixas Verdes e cinco mulheres tinha corrido bem.

— Acho que o nosso amigo mulá quer dar outro passeio amanhã. Ele o espera às cinco e meia em ponto no aeroporto.

— Está bem, Nogger, você vai revezar com Charlie.

— Vamos, Mac, meu velho, eu trabalhei a manhã inteira, acima e além do dever, e Paula ainda está na cidade.

— Eu sei disso muito bem, meu velho, e do jeito que as coisas estão, ela vai ficar aqui a semana inteira! Você vai ajudar o Charlie, vai sentar o seu rabo numa cadeira, atualizar os papéis dos nossos aparelhos e se der mais uma palavra eu mando você para a maldita Nigéria!

Eles esperaram, sabendo que os telex tinham que passar pelas linhas telefônicas.

— Há um bocado de fio entre Aberdeen e Teerã — resmungou McIver.

— Assim que Genny chegar, nós partimos — disse Gavallan. — Eu vou me certificar de que ela esteja a salvo em Al Shargaz, antes de ir para casa. Você fez muito bem em insistir.

— Eu sei disso, você sabe, e o Irã inteiro sabe, mas ela não.

— Mulheres — disse Gavallan, diplomaticamente. — Há mais alguma coisa que eu possa fazer?

— Acho que não. Espremer os dois sócios restantes ajudou um bocado.

Gavallan tinha conseguido localizá-los, Muhammad Siamaki e Turiz Bakhtiar — um sobrenome bastante comum no Irã para aqueles que descendiam da rica, poderosa e numerosa tribo dos Bakhtiar, da qual o ex-primeiro-ministro era um dos chefes. Gavallan tinha conseguido tirar cinco milhões de reais em dinheiro deles — um pouco mais de sessenta mil dólares, uma miséria perto do que os sócios estavam devendo. Com promessas de mais algum dinheiro toda semana, em troca da promessa, e de uma nota, escrita a mão, de que eles seriam reembolsados "fora do país, caso fosse necessário, e de que poderiam viajar no 125 caso fosse necessário".

— Está bem, mas onde está Valik? Como posso comunicar-me com ele? — Gavallan tinha perguntado, fingindo não saber nada a respeito da sua fuga.

— Nós já dissemos a você: ele está de férias com a família — respondera Siamaki, rude e arrogante como sempre. — Ele vai entrar em contato com você em Londres ou em Aberdeen. Existe a questão dos nossos fundos nas Bahamas.

— Os nossos fundos comuns, caro sócio, e existe a questão dos quase quatro milhões de dólares que temos para receber por serviços já prestados, além dos pagamentos pelo aluguel dos nossos aparelhos, já bastante atrasados.

— Se os bancos estivessem abertos, você receberia o dinheiro. Não é nossa culpa que os aliados pestilentos do xá o tenham arruinado e arruinado o Irã. A culpa dessas catástrofes não é nossa.

Quanto ao dinheiro que estamos devendo, nós não pagamos no passado?

— Sim. Geralmente com um atraso de seis meses, mas eu concordo, caros amigos, que no fim nós sempre conseguíamos arrancar a nossa parte. Mas se todos os negócios feitos em regime de joint venture estão suspensos, como o mulá Tehrani me disse, como vamos operar de agora em diante?

— Alguns negócios, não todos. A sua informação é exagerada e incorreta, Gavallan. Nós fomos avisados para voltar ao normal o mais cedo possível. As tripulações podem partir assim que os seus substitutos estiverem em segurança aqui. Os campos de petróleo devem voltar a operar a todo o vapor. Não haverá nenhum problema. Mas para evitar qualquer problema, mais uma vez nós negociamos a sociedade. Amanhã, o meu ilustre primo, o ministro das finanças Ali Kia, vai entrar para o conselho...

— Espere um minuto! Eu tenho que aprovar de antemão qualquer mudança no conselho.

— Você tinha esse poder, mas o conselho votou pela mudança desta regra. Se você quiser ir contra o conselho, pode levantar esta questão na próxima reunião em Londres. Mas nestas circunstâncias a mudança é necessária e razoável. O ministro Kia assegurou-nos que estaremos isentos. — E claro que os honorários e as porcentagens do ministro Kia sairão da parte de vocês...

Gavallan tentou não olhar para a máquina de telex mas teve muita dificuldade, enquanto tentava imaginar uma maneira de escapar da armadilha.

— Uma hora as coisas parecem estar bem, na outra está tudo ruim de novo.

— Sim. Sim, Andy, eu concordo. Talbot foi o ponto crucial de hoje. Nessa manhã, bem cedo, eles tinham tido um breve encontro com Talbot.

— Oh, sim, meu velho, as joint ventures são definitivamente persona non grata, sinto muito — ele dissera secamente. — Uma 'decisão superior' decretou a suspensão de todas as joint ventures, até novas instruções, embora que instruções e de quem, eles não tenham revelado. Ou quem tomou esta decisão superior. Nós achamos que o decreto olímpico veio do velho e querido komiteh, sejam eles quem forem! Por outro lado, meu velho, o aiatolá e o primeiro-ministro Bazargan disseram que todas as dívidas com estrangeiros serão honradas. É claro que Khomeini passa por cima de Bazargan e dá outras instruções, Bazargan dá instruções que o Komiteh Revolucionário modifica, os komitehs locais consideram a sua própria versão da lei como sendo uma verdade indiscutível, e

nem um único garoto sujo entregou a sua arma até agora. As cadeias estão se enchendo lindamente, cabeças estão rolando e, fora a guilhotina, tudo isto me soa tediosamente familiar, meu velho, e sugere que nós todos deveríamos nos retirar para Margate até tudo isso acabar.

— Você está falando sério?

— O nosso conselho para evacuar todo o pessoal que não seja essencial ainda está valendo para assim que o aeroporto abrir, o que Deus sabe quando será, mas que está prometido para sábado. Nós conseguimos que a BA cooperasse com 747 fretados. Quanto ao ilustre Ali Kia, ele é um funcionário de importância secundária, bem secundária mesmo, sem nenhum poder e que joga em todos os times.

Aliás, eu acabei de ouvir que o embaixador dos Estados Unidos em Kabul foi sequestrado por mujahedins fundamentalistas xiitas, anticomunistas, que tentaram trocá-lo por outro mujahedins preso pelo governo pró-soviético. No tiroteio que se seguiu, ele foi morto. As coisas estão esquentando...

O telex deu sinal de vida, atraindo a atenção deles, mas a máquina não funcionou. Todos dois praguejaram.

— Assim que eu chegar em Al Shargaz, posso telefonar para o escritório e descobrir qual é o problema... — Gavallan olhou para a porta que se abria. Para surpresa deles, era Erikki. Ele e Azadeh deveriam encontrá-los no aeroporto. Erikki tinha no rosto o seu sorriso habitual, mas não havia nenhuma alegria nele.

— Olá, patrão; olá, Mac.

— Oi, Erikki. O que foi que houve? — McIver olhou-o atentamente.

— Uma ligeira mudança de planos. Nós, ahn, bem, Azadeh e eu vamos voltar a Tabriz primeiro.

Na noite anterior, Gavallan tinha sugerido que Erikki e Azadeh partissem imediatamente. "Nós encontraremos alguém para substituí-lo. Que tal virem comigo amanhã? Talvez nós consigamos outros documentos para Azadeh em Londres..."

— Por que a mudança, Erikki? — perguntou. — Azadeh se arrependeu de deixar o Irã sem documentos iranianos?

— Não. Há uma hora atrás nós recebemos uma mensagem. Eu recebi uma mensagem do pai dela.

Aqui está. Leia você mesmo. — Erikki entregou a mensagem a Gavallan, que leu junto com McIver.

O bilhete manuscrito dizia: "De Abdullah Khan para o capitão Yokkonen: Preciso que minha filha venha aqui imediatamente e peço que lhe dê permissão para isso". Estava assinado Abdullah Khan. A mensagem estava repetida em farsi do outro lado.

— Você tem certeza de que é a letra dele? — perguntou Gavallan.

— Azadeh tem certeza, e ela também conhecia o mensageiro. — Erikki acrescentou: — O mensageiro não nos contou mais nada, só que há muita luta por lá.

— Por terra está fora de questão. — McIver virou-se para Gavallan. — Talvez o nosso mulá, Tehrani, dê uma autorização a Erikki? De acordo com Nogger, ele estava um carneirinho depois do seu passeio da manhã. Nós podíamos equipar o 206 de Charlie com tanques de longa-distância, e Erikki podia pilotá-lo, talvez com Nogger ou um dos outros para trazê-lo imediatamente de volta?

— Erikki, você sabe o risco que está correndo? — perguntou Gavallan.

— Sim. — Erikki ainda não havia contado nada a respeito dos assassinatos.

— Você já pensou bem... em tudo? Rakoczy, a barreira da estrada, a própria Azadeh? Nós podíamos mandar Azadeh de volta sozinha e você podia seguir no 125 e nós a mandaríamos no voo de sábado.

— Vamos, patrão, o senhor nunca faria isso e nem eu. Eu não poderia deixá-la.

— É claro, mas isso tinha que ser dito. Está bem, Erikki, você se encarrega dos tanques, nós vamos tentar conseguir a autorização. Eu sugiro que vocês voltem para Teerã o mais depressa possível e embarquem no 125 no sábado. Todos dois. Seria aconselhável você pedir uma transferência e passar uns tempos em outro lugar: Austrália, Cingapura, talvez, ou Aberdeen, mas lá podia ser frio

demais para Azadeh. Você me avisa. — Gavallan estendeu-lhe a mão animadamente. — Feliz Tabriz, hein?

— Obrigado. — Erikki hesitou. — Alguma notícia de Tom Lochart?

— Não, ainda não. Ainda não consegui comunicar-me nem com Kowiss nem com Bandar Delam. Por quê? Xarazade está ficando ansiosa?

— Mais do que isso. O pai dela está na prisão de Evin e...

— Jesus Cristo. — McIver explodiu, e Gavallan ficou igualmente chocado, conhecendo os boatos acerca das prisões e dos pelotões de fuzilamento. — Por quê?

— Para ser interrogado por um komiteh, ninguém sabe por quê, nem por quanto tempo ele vai ficar detido.

— Bem, se for só para interrogatório... o que aconteceu, Erikki? — perguntou Gavallan, apreensivo.

— Xarazade chegou em casa há meia hora atrás banhada em lágrimas. Quando ela foi para a casa dos pais na noite passada, depois do jantar, estava havendo o diabo. Aparentemente, alguns Faixas Verdes foram ao bazar, agarraram Emir Paknouri... o senhor sabe, o ex-marido dela. — Acusaram-no de "crimes contra o Islã" e mandaram que Bakravan comparecesse à prisão logo depois do amanhecer para interrogatório. Por que motivo ninguém sabe. — Erikki tomou fôlego. — Eles foram com ele até a prisão hoje de manhã, ela, a mãe, as irmãs e o irmão. Chegaram lá logo depois do amanhecer e esperaram horas e ainda estariam esperando se não recebessem ordens para dar o fora, por volta das duas horas da tarde, dos Faixas Verdes que estavam de guarda lá. Houve um silêncio de perplexidade.

— Mac, tente falar com Kowiss. Faça-os entrarem em contato com Bandar Delam. Tom deve ser informado a respeito do pai de Xarazade. — Erikki notou o olhar que os dois homens trocaram. — O que está havendo com Tom?

— Ele está num voo fretado para Bandar Delam.

— Sim, você já me disse isso. Mac me disse isso e Xarazade também. Tom disse a ela que voltaria dentro de poucos dias. — Erikki esperou. Gavallan apenas olhou para ele. — Bem, vocês devem ter boas razões.

— Acho que sim — disse Gavallan. Tanto ele quanto Mac estavam convencidos de que Tom Lochart não teria ido para o Kuwait por sua livre e espontânea vontade, qualquer que fosse o suborno que Valik oferecesse a ele. Ambos estavam com medo de que ele tivesse sido forçado a ir.

— Está bem, o senhor é o patrão. Bem, eu já vou. Sinto muito por trazer más notícias, mas achei melhor vocês saberem. — Erikki forçou um sorriso. — Xarazade não estava bem. Encontro vocês em Al Shargaz.

— Quanto mais cedo melhor, Erikki. McIver disse: — Se você cruzar com Gen, não fale nada sobre o pai de Xarazade, sim?

— É claro.

Depois de Erikki ter saído, McIver disse: — Bakravan é um lojista importante demais para ser sumariamente preso.

— Concordo. — Depois de uma pausa, Gavallan disse: — Espero que Erikki não esteja caindo numa armadilha. Aquela tal mensagem cheira muito mal, muito mal...

O barulho do telex fez os dois pularem. Eles leram o telex, linha por linha, à medida que ele foi sendo passado. Gavallan começou a praguejar e continuou praguejando até a máquina parar.

— Que Deus amaldiçoe a Imperial Helicópteros! — Ele arrancou a folha do telex, e Mac mandou de volta o sinal de chamada e 'Alerta Um'. Gavallan tornou a ler a mensagem.

Era novamente de Liz Chen: "Caro Patrão, nós tentamos nos comunicar com você de hora em hora deste que Johnny nos disse que você tinha ficado em Teerã. Sinto trazer más notícias, mas de manhã cedo na segunda-feira, a Imperial Air e a Imperial Helicópteros anunciaram em conjunto 'novos acordos financeiros para revitalizar a sua posição competitiva no mar do Norte'. A IH foi autorizada a cancelar uma dívida de 17,1 milhões de libras esterlinas de dinheiro dos contribuintes e capitalizaram mais 48 milhões do seu débito de 68 milhões emitindo papel para a principal companhia ao invés do débito. Nós acabamos de saber secretamente que 18 dos nossos 19 contratos no mar do Norte que estavam para ser renovados por diferentes companhias foram entregues à IH

abaixo do preço real. Thurston Dell, da ExTex precisa falar urgentemente com você. Os nossos operadores na Nigéria precisam urgentemente de três, repito, três 212 — você pode providenciá-los entre os que estão sobrando no Irã? Suponho que você irá para Al Shargaz ou Dubai com John Hogg hoje. Por favor, avise! Mac, se ele já tiver partido, por favor avise. Lembranças a Genny."

— Estamos fritos! — disse Gavallan. — É um verdadeiro assalto com o dinheiro dos contribuintes.

— Então, então leve-os para os tribunais — disse McIver, nervosamente, chocado com a palidez de Gavallan. — Uma competição desleal!

— Eu não posso, pelo amor de Deus — e disse ainda mais alto e mais zangado —, a não ser que o governo se manifeste, não há nada que eu possa fazer! Sem ter que honrar os seus débitos legítimos, eles podem dar um preço muito mais baixo do que o nosso! Dew neh loh moh para Callaghan e todos os seus comunistas!

— Vamos, Andy, nem todos são comunistas!

— Eu sei disso, pelo amor de Deus — rugiu Gavallan — mas parecem!

— Então o seu bom gênio superou a fúria e ele riu, embora seu coração ainda estivesse disparado.

— Maldito governo — acrescentou com amargura — eles não sabem distinguir os seus cus de um buraco no chão.

— Cristo, Andy, eu pensei que você fosse ter um infarto. — McIver sentiu as mãos tremendo. Ele estava perfeitamente consciente das implicações do telex. Todas as suas economias estavam em ações da S-G. — Dezoito contratos em dezenove, isso arrasa as nossas operações no mar do Norte!

— Isso nos arrasa em toda parte. Com esta quantidade de dívidas canceladas, a IH pode oferecer preços inferiores aos nossos no mundo inteiro. E Thurston está querendo falar urgentemente comigo?

Isso quer dizer que a ExTex vai recuar, a última renegociação que faltava, por causa de uma nova oferta 'ajustada' da IH, e eu assinei os contratos para os nossos X63.

— Gavallan tirou o lenço do bolso e enxugou a testa. Então viu Nogger Lane olhando, boquiaberto, da porta. — Que diabo você quer?

— Ahn, nada, senhor, eu pensei que o lugar estivesse pegando fogo...

— Nogger Lane fechou a porta apressadamente.

— Andy — McIver disse baixinho, depois que a porta estava bem fechada —, a Struan's. Eles não podem ajeitar as coisas para você?

— A Struan's poderia, embora não com muita facilidade este ano. Mas Linbar não o fará. — Gavallan também manteve sua voz baixa. — Quando ele souber de tudo isso, vai pular de alegria. A ocasião não podia ser melhor para ele. — E sorriu desanimadamente, pensando no telefonema de Ian Dunross e nos seus avisos. Não tinha contado isto a McIver. McIver não fazia parte da Struan's, embora fosse também um velho amigo de Ian. Onde será que o Ian consegue as suas informações?

Alisou a folha de telex. Isso era o auge de um grande número de problemas com a Imperial Helicópteros. Há seis meses atrás, a IH tinha contratado um dos seus executivos mais graduados, que levara com ele muitos segredos da S-G. No mês anterior, Gavallan perdera uma concorrência muito importante com a North Sea Board of Trade para a IH, depois de um ano de trabalho e enormes investimentos. As especificações da junta de comércio estabeleciam o desenvolvimento de equipamentos eletrônicos para uma operação de salvamento no mar por helicóptero, em qualquer condição de tempo, de dia ou de noite, de modo que os helicópteros pudessem avançar em segurança 150 quilômetros sobre o mar do Norte, flutuar, tirar oito homens do mar e voltar em segurança — em condições zero-zero e com ventos fortes — rapidamente. Nos meses de inverno, mesmo com um traje de sobrevivência no mar, uma hora era a expectativa máxima de vida e de resistência naquelas águas.

Incentivado pelo entusiasmo de Ian Dunross: "Não se esqueça, Andy, uma tal habilidade e um equipamento desses também serviriam perfeitamente para os empreendimentos que pretendemos fazer nos mares da China", Gavallan tinha investido meio milhão de libras e um ano de trabalho para desenvolver os sistemas eletrônicos

e de orientação necessários e também uma companhia de eletrônica. Então, no grande dia, o piloto oficial de teste descobriu que não conseguia operar o equipamento, embora seis pilotos de linha da S-G, inclusive Tom Lochart e Rudi Lutz, não tivessem nenhum problema em utilizá-lo mais tarde. Mesmo assim, a IH não conseguiu o certificado necessário a tempo. "A injustiça de todo este maldito negócio", ele escrevera para McIver, "é que a IH conseguiu o contrato usando um Guernsey 661 com equipamento dinamarquês sem certificado a bordo. Nós conseguimos evasivas e eles conseguem dispensas. São uns filhos da mãe. Aliás, é claro que não posso provar, mas apostaria qualquer dinheiro que o piloto de teste foi comprado — ele foi enviado 'para um longo período de descanso'. Oh, nós vamos recuperar o dinheiro e vamos conseguir o contrato daqui a um ano mais ou menos porque o nosso equipamento é melhor, mais seguro e de fabricação britânica. Enquanto isso, a Imperial está operando em níveis de segurança que, eu acho, podem ser melhorados."

É isso que conta realmente, pensou, relendo o telex, segurança. Em primeiro lugar a segurança e em último lugar a segurança.

— Mac, poderia enviar minha resposta para Liz: "Estou de partida para Al Shargaz agora e telefonarei quando chegar". Passe um telex para Thurston e pergunte qual o acordo que ele estaria disposto a oferecer caso eu dobrasse o número de X63 encomendados até agora. S...

— Hein?

— Bem, não custa nada perguntar. A IH vai saber dos nossos problemas aqui e eu não vou deixar aqueles cretinos começarem a falar mal de nós. É melhor deixá-los na dúvida. De qualquer maneira, poderíamos usar dois X63 aqui para atender a todos os contratos da Guernsey, se as coisas mudarem.

Termine o telex, vejo você daqui a pouco.

— Está bem.

Gavallan encostou-se na poltrona e deixou a mente divagar, recuperando as forças. Vou ter que ser muito forte. E muito esperto. Uma coisa dessas pode enterrar a mim e à S-G e dar a Linbar tudo de que ele precisa. Isto é o problema do Irã. Sim, e foi estupidez

perder a calma desse jeito! O que você precisa é da Árvore de Gritar de Kathy... Ah, Kathy, Kathy.

A Árvore de Gritar era um velho costume do clã, uma árvore especial escolhida pelo membro mais velho do clã, em algum lugar por perto, onde você pudesse ir, sozinho, quando o *dimônio* — como a velha vovó Dunross, avó de Kathy, o chamava: "Quando você estiver possuído pelo *dimônio* e lá você pode xingar e berrar e reclamar e tornar a xingar até que não tenha mais palavras para dizer.

Assim haverá sempre paz em casa e nunca haverá necessidade de xingar um marido ou uma esposa ou um amante ou um filho. Sim, apenas uma pequena árvore, pois uma árvore pode aguentar todos os xingamentos, mesmo aqueles inventados pelo próprio dimônio"

A primeira vez que ele usou a Árvore de Gritar de Kathy foi em Hong Kong. Lá, era um jacarandá, no quintal da Casa Grande, a residência do tai-pan da Struan's. O irmão de Kathy, Ian, era o tai-pan na época. Gavallan sabia exatamente o dia: foi numa quarta-feira, 21 de agosto de 1963, na noite em que ela lhe contou.

Pobre Kathy, a minha Kathy, pensou, ainda amando-a — Kathy, nascida sob uma má estrela.

Apaixonando-se perdidamente por um dos Eleitos — John Selkirk, tenente da aeronáutica, Cruz do Mérito Militar e RAF — casando-se imediatamente, sem ter completado dezoito anos, ficando viúva imediatamente, nem três meses depois, ele desaparecido em combate. Terríveis anos de guerra e mais tragédia, dois amados irmãos mortos em combate — um deles seu irmão gêmeo. Conhecendo você em Hong Kong em 1946, e eu me apaixonando imediatamente, desejando de todo o coração poder compensar um pouco toda aquela infelicidade. Sei que Melina e Scot o fizeram — eles sempre foram maravilhosos. E então, em 1963, antes do seu trigésimo oitavo aniversário, a esclerose múltipla.

De volta à Escócia como você sempre quis. Eu para pôr em prática os planos de Ian, você para recobrar a saúde. Mas esta parte não aconteceria. Vendo você morrer. Vendo o sorriso doce que você usava para disfarçar o inferno que sentia por dentro, tão corajosa e

delicada e sábia e amorosa, mas piorando aos poucos. Tão devagar, e no entanto tão depressa, tão inexoravelmente. Em 1968 numa cadeira de rodas, com a mente ainda cristalina, a voz clara, o resto uma casca, fora de controle e tremendo. Então chegou 1970.

Naquele Natal eles estavam no Castelo Avisyard. E no segundo dia do novo ano, depois que os outros já tinham partido e que Melinda e Scot estavam esquiando na Suíça, ela tinha dito: — Andy, meu querido, eu não posso suportar um outro ano, um outro mês, um outro dia.

— Sim — ele disse simplesmente.

— Desculpe, mas eu vou precisar de ajuda. Eu preciso partir e eu, eu sinto muito que tenha demorado tanto... mas eu preciso partir agora, Andy. Eu tenho que fazer isso sozinha, mas vou precisar de ajuda. Sim?

— Sim, minha querida.

Eles tinham passado um dia e uma noite conversando, conversando sobre coisas boas e sobre os bons tempos e o que ele deveria fazer por Melinda e Scot, e que ela queria que ele se casasse de novo, e ela lhe disse como a vida com ele tinha sido maravilhosa e eles riram, juntos, e suas lágrimas só foram derramadas mais tarde. Ele segurou-lhe a mão parálitica com as pílulas de dormir e apoiou a cabeça dela em seu peito e ajudou-a com o copo d'água — com um pouco de uísque dentro para dar sorte — e só a soltou quando o tremor tinha parado.

O médico dissera delicadamente: "Eu não a culpo. Se eu fosse ela, já teria feito isso há anos, pobre mulher".

Então ele tinha ido até a Árvore de Gritar. Mas sem gritar nenhuma palavra — só lágrimas.

— Andy?

— Sim, Kathy?

Gavallan levantou os olhos e viu que era Genny, na porta com McIver, os dois observando-o.

— Oh, olá, Genny, sinto muito, eu estava a quilômetros de distância. — Ele se levantou. — Eu acho que foi o Avisyard que me fez meditar.

— Oh, um telex Avisyard? Nenhum aparelho caiu? — Perguntou Genny, ansiosamente.

— Não, não, graças a Deus, só a Imperial Helicópteros com mais um dos seus truques.

— Oh, graças a Deus — disse Genny, francamente aliviada. Ela estava usando um casaco pesado e um bonito chapéu. Sua mala estava na ante-sala onde Nogger Lane e Charlie Pettikin esperavam.

— Bem, Andy — disse —, a menos que você passe por cima do sr. McIver, acho que temos que ir. Eu estou tão pronta quanto o possível.

— Vamos, Gen, não há neces... — McIver parou quando ela levantou a mão imperiosamente.

— Andy — ela disse docemente —, por favor, diga ao sr. McIver que a guerra foi declarada.

— Gen! Você...

— Declarada, por Deus! — Imperiosamente, ela afastou Nogger Lane, apanhou sua mala, tropeçou um pouco por causa do peso, e saiu dizendo com um ar mais imperioso ainda: — Eu posso carregar a minha própria mala, muito obrigada.

Houve um grande silêncio atrás dela. McIver suspirou. Nogger Lane teve dificuldade em conter uma gargalhada. Gavallan e Pettikin acharam melhor se manterem neutros.

— Bem, ahn, não há necessidade de você ir conosco, Charlie — disse Gavallan, rispidamente.

— Mas eu gostaria de ir se o senhor não se importar — disse Pettikin, sem muita vontade de ir, mas McIver tinha pedido a ele em particular para ajudá-lo com Genny. — Este chapéu é uma beleza, Genny — Pettikin tinha dito a ela logo depois de um maravilhoso café da manhã com Paula. Genny sorriera docemente.

— Não tente me amansar, Charlie Pettikin, ou você também vai se ver comigo. Eu já estou cheia dos homens em geral. De fato, eu estou mesmo de saco cheio...

Gavallan vestiu o casaco, apanhou o telex e enfiou-o no bolso.

— Na verdade, Charlie — disse, e mostrou um pouco da sua preocupação —, se você não se importar, eu preferiria que você não fosse. Tenho alguns assuntos inacabados para discutir com Mac.

— Claro, tudo bem. — Pettikin estendeu a mão e disfarçou o contentamento. O fato de não ir ao aeroporto lhe daria algumas horas a mais sozinho com Paula. Paula, a Loura, era como ele pensava nela desde o café, mesmo ela sendo castanha. Para McIver, ele disse: — Vejo você em casa.

— Por que não espera aqui? Quero me comunicar com todas as bases assim que escurecer e nós poderemos voltar juntos. Eu gostaria que assumisse o controle. Nogger, você pode ir. — Nogger Lane ficou radiante e Pettikin praguejou silenciosamente.

McIver foi guiando, com Gavallan ao seu lado e Genny atrás. — Mac, vamos falar sobre o Irã.

Eles enumeraram as suas opções. E todas as vezes chegaram à mesma conclusão melancólica: tinham que confiar que a situação voltaria ao normal, os bancos reabririam, eles receberiam o dinheiro que lhes era devido, a sociedade deles seria liberada e eles não seriam presos.

— Você tem que tocar adiante, Mac. Enquanto pudermos operar, você tem que ir tocando, sejam quais forem os problemas.

McIver estava igualmente sério.

— Eu sei. Mas como vou operar sem dinheiro? E os pagamentos do contrato?

— Eu vou dar um jeito de lhe conseguir dinheiro para operar. Dentro de uma semana vou trazer dinheiro vivo de Londres. Posso continuar a cobrir o pagamento dos contratos de arrendamento dos seus aparelhos e peças por mais alguns meses; talvez possa até fazer o mesmo com os X63 se conseguir reprogramar os pagamentos mas, bem, não tinha planejado perder tantos contratos para a IH... talvez eu consiga recuperar alguns. De qualquer maneira, vai ser complicado por algum tempo, mas nada de muito preocupante. Espero que Johnny consiga vir; eu tenho que voltar para casa agora, há tanto o que fazer...

McIver evitou por pouco uma colisão de frente com um carro que saiu de uma rua lateral, quase caiu na vala e tornou a voltar para a estrada.

— Maldito idiota! Você está bem, Gen? — ele olhou pelo espelho retrovisor e estremeceu ao ver a sua fisionomia fechada.

Gavallan também sentiu o ambiente gelado, começou a dizer alguma coisa mas pensou melhor e ficou calado. Fico imaginando se vou conseguir encontrar Ian. Talvez ele pudesse me ajudar a sair do abismo. Ao pensar nisso, lembrou-se da trágica morte de David MacStruan. Tantos dentre eles, os Struans, MacStruans, Dunrosses, seus inimigos os Gornts, Rothwells, Brocks, dos velhos tempos, tiveram mortes violentas ou desapareceram — perdidos no mar — ou mortos em estranhos acidentes.

Até agora, Ian tem sobrevivido. Mas por quanto tempo mais? Não muito mais vezes.

— Acho que já estou vivendo a oitava, Andy — dissera Dunross, da última vez que eles se encontraram.

— O que foi agora?

— Nada demais. Um carro-bomba explodiu em Beirute logo depois que eu passei. Nada com que se preocupar, já disse isso antes, não há um padrão. Acontece, simplesmente, que eu tenho uma vida encantada.

— Foi como Macau?

Dunross era um corredor entusiástico e competira em muitos dos Grandes Prêmios de Macau. Em 1965 — a corrida na época ainda era de amadores — ele vencera a corrida, mas o pneu da frente, do lado direito, do seu modelo e, estourou na linha de chegada e atirou-o de encontro à barricada, fazendo-o dar cambalhotas pela pista, com os outros carros desviando, exceto um que se chocou contra ele. Retiraram-no dos destroços com tudo intacto, ileso, exceto pelo pé esquerdo, que ele perdeu.

— Como Macau, Andy — dissera Dunross, com um sorriso estranho. — Só um acidente. Ambas as vezes.

Da outra vez, seu motor explodira mas ele escapara ileso. Houve boatos de que seu motor fora sabotado, e apontavam para seu inimigo Quillan Gornt, mas não publicamente.

Quillan está morto e Ian está vivo, pensou Gavallan. E eu também. E Linbar também; aquele filho da mãe vai viver para sempre... Cristo, eu estou ficando mórbido e estúpido — tenho que parar com isto. Mac já tem preocupações suficientes. Tenho que encontrar uma saída.

— Numa emergência, Mac, enviarei mensagens através de Talbot, e você faça o mesmo. Estarei de volta dentro de poucos dias, sem falta, e então terei as respostas. Enquanto isso, vou usar o 125 como base até segunda ordem. Johnny pode servir de mensageiro para nós. Isso é o melhor que posso fazer por ora...

Genny, que não pronunciara nenhuma palavra e se recusara, educadamente, a ser incluída na conversa, embora ouvisse atentamente, também estava bastante preocupada. É óbvio que não há nenhum futuro aqui para nós, e eu ficaria contentíssima em partir — desde que Duncan fosse também.

No entanto, nós não podemos simplesmente fugir com o rabo entre as pernas e deixar que todo o trabalho de Duncan e todos as suas economias sejam roubadas, isso o mataria da mesma forma que uma bala de revólver. Ugh! Como eu gostaria que ele me ouvisse. Ele deveria ter-se aposentado no ano passado quando o xá ainda estava no poder. Homens! Uns idiotas, todos eles! Cristo! Como os homens são tolos!

O trânsito estava muito lento. Por duas vezes eles tiveram que desviar por causa de barricadas erguidas no meio da rua, guardadas por homens armados, não Faixas Verdes, que fizeram sinal para eles se afastarem. Havia cadáveres no meio do lixo, carros queimados e um tanque. Cachorros fuçavam no meio do lixo. Uma hora, houve um súbito tiroteio ali por perto e eles entraram numa rua lateral, evitando uma batalha feroz entre facções que nunca puderam identificar. Uma cápsula perdida de bazuca encravou-se num edifício próximo, mas sem nenhum perigo para eles. McIver contornou devagar a carcaça queimada de um ônibus, mais satisfeito do que nunca ter insistido para que Genny saísse do Irã. Mais uma vez ele olhou para ela pelo espelho retrovisor e viu-lhe o rosto branco debaixo do chapéu e seu coração se comoveu. Ela é tão boa, pensou orgulhosamente, tão corajosa. É maravilhosa, mas bem teimosa. Odeio aquele maldito chapéu. Ela não fica bem de chapéu. Por que diabo ela não faz o que eu mando sem discutir? Pobre Gen, vou ficar aliviado quando ela estiver em segurança.

Perto do aeroporto, o trânsito praticamente parou, havia centenas de carros apinhados de gente, muitos europeus, homens,

mulheres e crianças, indo para lá por causa do boato de que o aeroporto tinha sido reaberto. Faixas Verdes enraivecidos mandando todo mundo embora, avisos rabiscados em farsi e num inglês mal escrito pendurados nas árvores e nos muros: AEROPORTO PROIBIDO; AEROPORTO ABERTO SEGUNDA-FEIRA — COM PASSAGEM E VISTO DE SAÍDA.

Eles levaram meia hora para conseguir passar pela barreira. Foi Genny quem finalmente conseguiu.

Como a maioria das esposas, que tinham que fazer compras e lidar com os empregados e com o dia-a-dia da casa, ela falava um pouco de farsi — e embora não tivesse dito uma só palavra durante toda a viagem, ela se debruçou para a frente e falou com os Faixas Verdes amavelmente. Imediatamente, eles os deixaram passar.

— Meu Deus, Gen, foi maravilhoso — disse McIver. — O que foi que você disse aos desgraçados?

— Andy — ela disse altivamente —, por favor, diga ao sr. McIver que eu disse a eles que ele era um caso suspeito de varíola que estava sendo retirado do país.

Havia mais Faixas Verdes no portão que levava à área de carga e aos escritórios da companhia, mas desta vez foi mais fácil e tornou-se evidente que eles eram esperados. O 125 já estava na pista, cercado por Faixas Verdes armados e caminhões. Dois Faixas Verdes de motocicleta fizeram sinal para que eles os seguissem e saíram roncando pela pista.

— Por que vocês estão atrasados? — perguntou o mulá Tehrani, irritado, descendo os degraus do 125, seguido por dois revolucionários armados. Tanto Gavallan quanto McIver notaram que ele estava usando óculos novos. Viram, de relance, que John Hogg estava dentro da cabine e que havia um revolucionário no alto da escada com uma submetralhadora apontada.

— O aparelho tem que decolar imediatamente. Por que vocês estão tão atrasados?

— Sinto muito, Excelência, o trânsito. Insha'Allah\ Sinto muito — McIver disse cautelosamente. — Eu entendi, pelo que disse o capitão Lane, que sua missão para o aiatolá, que ele viva eternamente, foi satisfatória?

— Não houve tempo necessário para completar todo o trabalho. Seja como Deus quiser. É, ahn, é necessário tornar a ir amanhã. O senhor, por favor, providencie isso. Para as nove horas.

— Com prazer. Aqui está a relação dos passageiros. — McIver entregou-lhe o papel. Gavallan, Genny e Armstrong estavam nele. Armstrong ia de licença.

Tehrani leu o papel com facilidade desta vez, visivelmente extasiado com os óculos.

— Onde está esse Armstrong?

— Oh, eu supus que ele estivesse a bordo.

— Não há ninguém a bordo além da tripulação — disse o mulá, irritado, o grande prazer de ser capaz de enxergar superando o seu nervosismo por ter permitido que o 125 aterrissasse. Mas ele estava contente de ter permitido, os óculos eram um presente de Deus e o segundo par prometido pelo piloto para a próxima semana seria uma proteção caso o outro quebrasse e o terceiro par apenas para ler... Oh, Deus é grande. Deus é grande, muito obrigado a Deus por ter posto esta ideia na cabeça do piloto e por ter-me deixado enxergar (tai) bem. — O aparelho tem que partir imediatamente.

— O sr. Armstrong não costuma se atrasar, Excelência — Gavallan disse, franzindo a testa. Nem ele nem McIver tinham tido notícias de Armstrong desde a véspera, e ele não tinha ido ao apartamento na noite anterior. Naquela manhã, Talbot tinha dado de ombros, dizendo que Armstrong se atrasara, mas que não precisavam se preocupar que ele estaria no aeroporto na hora marcada. — Talvez ele esteja esperando no escritório — disse Gavallan.

— Não há ninguém lá além dos empregados. O aparelho vai partir e não vai esperar. Subam a bordo, por favor! O aparelho vai partir imediatamente.

— Perfeito — disse Gavallan. — Seja como Deus quiser. Por falar nisso, gostaríamos de uma autorização para o 125 voltar no sábado e de uma autorização para mandar um 206 a Tabriz amanhã.

— Com grande formalidade, ele estendeu-lhe os papéis, caprichosamente preenchidos.

— O, ahn, o 125 pode voltar, mas nada de voos para Tabriz. Talvez no sábado.

— Mas, Excelência, o senhor não..

— Não — disse o mulá, consciente dos outros observando-o. Ele ordenou que o caminhão que estava bloqueando a pista se afastasse e olhou para Genny quando ela saltou do carro, balançando a cabeça aprovadamente. Gavallan e McIver ficaram surpresos ao notar que ela tinha enfiado o cabelo para dentro do lenço que fazia parte do chapéu, de modo que o cabelo não aparecia e, com o casaco comprido, ela dava a impressão de estar usando um chador.

— Por favor, suba a bordo.

— Obrigada, Excelência — disse adequadamente em farsi, depois de ter ensaiado a manhã inteira com a ajuda de um dicionário, e com a dose certa de seriedade, — mas com sua permissão eu vou ficar. Meu marido não está tão bem da cabeça quanto deveria, temporariamente, mas o senhor, sendo um homem de tão grande inteligência, o senhor deve compreender que embora uma esposa não possa ir contra os desejos do marido, está escrito que até o próprio Profeta precisou de cuidados.

— É verdade — disse o mulá e olhou Pensativamente para McIver. McIver devolveu o olhar, perplexo, sem entender. — Fique se desejar.

— Obrigada — disse Genny, com grande deferência. — Então vou ficar Obrigada, Excelência, por sua permissão e sua sabedoria. — Ela disfarçou o contentamento por sua esperteza e disse em inglês: Duncan, o mulá Tehrani concorda que eu devo ficar. — Ela viu a fúria nos olhos dele e acrescentou apressadamente: — Eu vou esperar no carro.

Ele estava lá antes dela.

— Você trate de entrar naquele avião — disse —, ou eu mesmo ponho você lá dentro.

— Não seja tolo, Duncan querido! — Ela estava tão solícita. — E não grite, é muito ruim para a sua pressão. — Ela viu Gavallan se aproximando e perdeu um pouco da confiança. Em volta havia uma neve desagradável e um céu desagradável e uns garotos azedos

olhando para ela. — Você sabe como eu adoro este lugar — disse animadamente —, como poderia partir?

— Você... você vai partir agora mesmo — McIver estava tão zangado que mal podia falar e por um segundo Genny teve medo de ter ido longe demais — Eu irei se você for, Duncan. Agora mesmo. Eu não vou, repito, não vou sem você e se você tentar me obrigar, vou fazer um escândalo tão grande que vai explodir o 125, o aeroporto e o país inteiro!

Andy, explique a esse... a essa pessoa! Oh, eu sei que vocês dois podem arrastar-me para dentro do avião mas se fizerem isto vão ficar totalmente desautorizados e eu conheço vocês muito bem!
Andy!

— Mac, você perdeu! — Gavallan riu.

Apesar da raiva, McIver riu também, e o mulá balançou a cabeça, espantado com a maluquice dos infieis.

— Gen, você... você planejou isso o tempo todo — McIver explodiu.

— Quem, eu? — Ela era o próprio retrato da inocência. — Nem pense nisso!

— Está bem, Gen — disse McIver, ainda com a expressão carregada de raiva. — Está bem, você ganhou, mas vai se arrepender.

— A bordo! — ordenou o mulá.

— E quanto a Armstrong? — perguntou McIver.

— Ele conhece as regras e a hora. — Gavallan deu um abraço em Genny e trocou um aperto de mão com McIver.

— Vejo vocês em breve, cuidem-se. — Ele subiu a bordo, o jato decolou e durante a longa viagem de volta ao escritório nem Genny nem Duncan McIver notaram o tempo passar. Ambos estavam preocupados. Genny sentou-se na frente. Ela estava muito cansada mas muito satisfeita.

— Você é uma boa mulher, Gen — ele tinha dito assim que ficaram sozinhos —, mas não está perdoada.

— Sim, Duncan — ela respondera humildemente, como uma boa esposa costuma fazer. De vez em quando.

— Você não está absolutamente perdoada.

— Sim, Duncan.

— E não fique dizendo sim Duncan! — Ele continuou dirigindo por algum tempo, depois disse severamente: — Eu preferia vê-la em segurança em Al Shargaz, mas estou contente por você estar aqui.

Ela não disse nada, sabiamente. Apenas sorriu. E pôs a mão no joelho dele. Ambos em paz agora.

Foi outra viagem terrível, com muitos desvios, tiroteios, e mais corpos e cachorros e multidões enfurecidas, e lixo, pois havia meses que as ruas não eram limpas, e as valas há muito tempo estavam entupidas. A noite caiu rapidamente e o frio aumentou. Um ou outro carro e alguns caminhões do exército passaram por eles, sem ligar para a segurança da estrada, cheios de soldados.

— Você está cansado, Duncan. Quer que eu dirija?

— Não, eu estou bem, obrigado — ele respondeu, sentindo-se muito cansado, e ficando muito contente quando finalmente entraram na rua do escritório, escura e ameaçadora como todo o resto, sendo que a única luz vinha da cobertura. Ele teria preferido deixar o carro na rua, mas tinha certeza de que quando voltasse a gasolina teria sido roubada, embora houvesse um cadeado no tanque; isso se o próprio carro não tivesse sido levado. Ele entrou na garagem, trancou o carro, trancou a garagem e eles subiram as escadas.

Charlie Pettikin recebeu-os no patamar, com o rosto pálido.

— Oi, Mac. Graças a Deus você.. — Então ele viu Genny e parou. — Oh, Genny! O que, o que aconteceu? O 125 não conseguiu pousar?

— Ele pousou — disse McIver. — O que foi que aconteceu, Charlie? Pettikin fechou a porta do escritório, e lançou um olhar a Genny que disse, cansada: — Está bem, eu vou ao banheiro.

Cristo, ela pensou, isso tudo é tão estúpido. Será que eles nunca vão aprender? Duncan vai me contar assim que estivermos sozinhos, então eu vou ficar sabendo de qualquer maneira e seria muito melhor ouvir em primeira mão. Fatigada, ela se arrastou até a porta.

— Não, Gen — disse McIver e ela parou, assustada. — Você escolheu ficar, então... — Ele deu de ombros. Ela notou algo de

diferente nele e não soube se era para melhor ou para pior. — Diga, Charlie.

— Rudi falou pelo HF há menos de meia hora atrás — disse Pettikin, rapidamente. — O HBC foi derrubado, explodiu no céu, não há nenhum sobrevivente, m...

Tanto Genny quanto McIver ficaram brancos.

— Oh, meu Deus! Ela se agarrou numa cadeira.

— Eu não entendo o que está acontecendo — Pettikin disse, perplexo. — É tudo uma loucura, parece um sonho, mas Tom Lochart não teve nada, ele está em Bandar Delam com Rudi. E...

— Tom está bem? — Exclamou McIver, revivendo. — Ele escapou?

— Ninguém escapa de um helicóptero que explode no céu. Nada faz sentido, a menos que seja um disfarce. Tom estava transportando peças, sem passageiros, mas o oficial disse que ele estava cheio de gente, e Rudi disse: "Diga ao sr. McIver que o capitão Lochart voltou de licença". Eu cheguei até a falar com ele!

McIver olhou para ele, pasmo.

— Você falou com ele? Ele está bem? Você tem certeza? Voltou de que licença, pelo amor de Deus?

— Eu não sei, mas falei com ele.

— Espere um minuto, Charlie. Como foi que Rudi conseguiu se comunicar conosco? Ele está em Kowiss?

— Não, ele disse que estava falando do Controle de Tráfego Aéreo de Abadan.

McIver resmungou uma obscenidade, muitíssimo aliviado por causa de Lochart, mas ao mesmo tempo horrorizado por causa de Valik e sua família. Cheio de gente? Só devia haver quatro pessoas! Havia mais de cinquenta perguntas que ele queria que fossem respondidas imediatamente, e sabia que não havia saída para a enrascada em que ele e Tom estavam metidos. Ele não tinha contado a ninguém sobre a verdadeira missão de Tom nem sobre o seu próprio dilema em autorizá-la, a não ser a Gavallan.

— Vamos começar desde o princípio, Charlie, palavra por palavra. Você está bem, Gen?

— Sim, sim. Eu... eu vou preparar um chá. — Os dois notaram a fraqueza da sua voz e ela foi para a quitinete.

Abalado, Pettikin sentou-se na beirada da escrivaninha.

— Vou contar o mais exatamente possível. Rudi disse: "Estou com um oficial da Força Aérea Iraniana aqui e preciso saber oficialmente". Então uma outra voz apareceu no alto-falante. "Aqui é o major Qazani, do Serviço Secreto da Força Aérea! Exijo uma resposta imediata. O HBC é ou não é um 212 da S-G?" Para ganhar tempo, eu disse: "Espere um momento, vou apanhar a pasta". Eu esperei, torcendo para Rudi me dar uma dica, mas isso não ocorreu, então eu calculei que não havia problema. "Sim, o EP-HBC é um dos nossos 212." Imediatamente, Rudi explodiu e praguejou como eu nunca tinha visto antes e disse algo como "Por Deus, isso é terrível, por que o HBC tentou fugir para o Iraque e a Força Aérea Iraniana derrubou o aparelho, explodiu-o com todos os que estavam a bordo, mandando-os para o inferno que é o que eles merecem, quem estava pilotando e quem estava a bordo, com os diabos!" Pettikin enxugou um filete de suor.

— Acho que eu também praguejei um pouco, fiquei um tanto abalado, não posso me lembrar exatamente, Mac, depois disse algo como: "Isso é terrível! Espere um momento, vou apanhar o livro de voo", esperando que a minha voz soasse mais ou menos normal. Apanhei o livro e vi o nome de Nogger riscado, com 'alegou doença' escrito ao lado, e então o de Tom Lochart, e a sua assinatura autorizando o voo. — Ele levantou os olhos para McIver, desamparadamente. — Era óbvio que Rudi não queria que eu dissesse Tom, então eu disse apenas: "De acordo com o nosso livro, ele não foi entregue a ninguém"...

McIver ficou vermelho.

— Mas se você...

— Foi o melhor que eu pude fazer na hora, pelo amor de Deus. Eu disse. "Ele não foi entregue a ninguém". Rudi começou a praguejar de novo mas eu achei que a voz dele estava diferente, mais aliviada. "Que diabo você está dizendo?" Ele disse. "Estou-lhe dizendo, capitão Lutz, de acordo com os nossos registros, o HBC ainda está guardado num hangar em Doshan Tappeh. Se ele saiu,

deve ter sido sequestrado", eu disse, esperando que a minha voz fosse convincente. Mac, eu estava improvisando e ainda não entendo qual é o problema. Então aquela outra voz disse: "Esta questão vai ser entregue imediatamente aos canais competentes. Quero verificar imediatamente o seu livro de voo". Eu disse a ele que estava bem, para onde deveria mandá-lo? Isto o abalou um pouco porque é claro que não há nenhuma maneira de entregar o livro a ele imediatamente. No fim, ele disse para guardarmos os nossos registros com cuidado e que receberíamos instruções mais tarde. Então Tom entrou na linha e disse algo como: "Capitão Pettikin, por favor peça desculpas ao sr. McIver pelo meu atraso, mas eu fiquei preso por causa de uma nevasca numa aldeia ao sul de Kermanshah. Assim que puder irei para casa." — Pettikin suspirou, olhou para Genny e depois outra vez para McIver. — Foi isto. O que você acha?

— Quanto a Tom? Não sei. — McIver caminhou pesadamente até a janela e Pettikin e Genny viram o peso que ele estava carregando. Havia neve no parapeito e o vento tinha aumentado um pouco. Tiros esporádicos soavam à distância, de rifle e de pistola, mas nenhum deles notou.

— Genny?

— Eu... isso não faz sentido, nenhum sentido, Charlie, isso sobre Tommy não faz nenhum sentido.

Ela despejou a água fervendo no bule de chá, já tendo aquecido as xícaras antes, satisfeita por ter algo para fazer com as mãos, sentindo-se desamparada e com vontade de chorar, com vontade de gritar por causa de toda aquela injustiça, sabendo que Duncan e Tom estavam numa enrascada, o seu Duncan tinha assinado o plano de voo; sabendo que ela não podia falar nada a respeito de Annoush e das crianças e nem de Valik, se eles tivessem a bordo, e eles deviam estar a bordo, mas se Tom não estava pilotando, quem estaria?

— O sequestro... bem, obviamente o nome de Tommy está na autorização e o de Duncan também. As autoridades de Teerã ainda têm a autorização. A autorização tem o nome de Duncan então um sequestro não é... não faz muito sentido.

— Eu estou vendo isso agora, mas na hora a história me pareceu boa. — Pettikin estava se sentindo péssimo. Ele apanhou o livro de autorizações. — Mac, e se nós perdêssemos isto, nos livrássemos disto?

— O controle de Teerã está com o original, Charlie. Tom reabasteceu o aparelho, deve haver um registro.

— Em tempos normais, sem dúvida. Agora? Com toda essa confusão?

— Talvez.

— Quem sabe a gente consegue recuperar o original?

— Vamos, pelo amor de Deus, não há nenhuma chance.

Genny começou a servir o chá. O silêncio foi ficando mais pesado. Cheio de aflição, Pettikin disse: — Eu ainda não vejo como, se Tom saiu de Doshan Tappeh e então... a menos que ele tenha sido sequestrado no meio do caminho, ou quando estava reabastecendo o aparelho. — Ele passou nervosamente as mãos pelo cabelo. — Tem que ser um sequestro. Onde foi que ele reabasteceu? Em Kowiss? Talvez eles pudessem ajudar.

McIver não respondeu, apenas ficou olhando para a noite lá fora, Pettikin esperou, depois folheou o livro de voo, encontrou a cópia certa e olhou para as costas do papel.

— Isfahan? — disse, surpreso. — Por que Isfahan? Mais uma vez, McIver não respondeu.

Genny pôs leite condensado no chá e deu uma xícara a Pettikin.

— Eu acho que você se saiu muito bem, Charlie — ela disse, sem saber o que mais poderia dizer.

Então levou a outra xícara para McIver.

— Obrigado, Gen.

Ela viu as lágrimas e suas próprias lágrimas começaram a rolar. Ele pôs o braço em volta dela, pensando em Annoush e na festa de Natal que ele e Genny tinham dado para todos os filhos dos seus amigos, há tão pouco tempo atrás — a pequena Setarem e Jalal, as estrelas das brincadeiras, crianças tão maravilhosas, agora transformadas em cinzas ou em carne para os abutres.

— Foi bom saber que Tommy está bem, querido — ela disse através das lágrimas, esquecendo-se de Pettikin. Embaraçado,

Pettikin saiu e fechou a porta e nenhum dos dois notou que ele tinha saído. — É bom saber do Tommy — ela tornou a dizer. — Esta foi uma coisa boa.

— Sim, Gen, esta foi uma coisa boa.

— O que podemos fazer?

— Esperar. Vamos esperar para ver. Vamos esperar que eles não tenham seguido... mas eu sinto que eles estavam a bordo. — Ternamente, ele enxugou suas lágrimas. — Mas no domingo, Gen, quando o 125 partir você vai junto — disse gentilmente. — Eu prometo que é só até nós resolvermos isso. Mas desta vez você precisa ir.

Ela concordou. Ele tomou o chá. Estava muito bom. Ele sorriu.

— Você faz um chá muito bom, Gen — disse, mas isso não afastou nem o medo nem a tristeza que ela estava sentindo.

E nem o seu ódio por toda aquela matança e aquele desperdício e a tragédia e a usurpação do meio de vida deles, ou pelo mal que estava fazendo ao seu marido. A preocupação o está matando.

Matando, ela pensou com mais raiva ainda. Então, de repente, ela teve a resposta. Olhou em volta para certificar-se de que Pettikin não estava lá.

— Duncan — ela sussurrou — se você não quer que esses filhos da mãe roubem o nosso futuro, por que não partimos e levamos tudo conosco?

— Hein?

— Aparelhos, peças e pessoal.

— Não podemos fazer isso, Gen. Eu já lhe disse isso cinquenta vezes.

— Oh, sim, nós podemos. Se quisermos e se tivermos um plano.

— Ela disse isto com tanta confiança que o contagiou. — Tem o Andy para ajudar. Andy pode fazer o plano, nós não podemos.

Você pode executá-lo, ele não. Eles não nos querem aqui, então que seja, nós partiremos. Mas com os nossos helicópteros, as nossas peças e o nosso respeito próprio. Teremos que manter tudo em sigilo absoluto, mas podemos fazê-lo. Nós podemos. Eu sei que sim.

Livro Dois



SÁBADO

17 de fevereiro

30

EM KOWISS: 6:38H.

O mulá Hussein estava sentado de pernas cruzadas no fino colchão, checando o funcionamento do AK47. Com um movimento experiente, ele colocou no lugar o novo pente de balas.

— Ótimo — disse.

— Vai haver mais luta hoje? — Sua mulher perguntou. Ela estava do outro lado da sala, em pé, ao lado de um fogão a lenha, esquentando uma panela de água para o primeiro café do dia. O seu chador preto farfalhava quando ela se movia, disfarçando o fato dela estar outra vez grávida.

— Seja como Deus quiser.

Ela repetiu as palavras dele, tentando disfarçar o medo, temerosa do que aconteceria com eles quando seu marido obtivesse o martírio que buscava com tanto ardor, desejando do fundo do coração gritar do alto dos minaretes que era demais suportar que Deus exigisse um tal sacrifício dela e dos seus filhos. Sete anos de casamento e três filhos vivos e quatro mortos e a extrema pobreza de todos aqueles anos — um contraste tão grande com sua vida anterior, com sua própria família, que possuía um açougue no bazar, sempre com o suficiente para comer, e alegria e andar sem o chador, piqueniques e até cinema — tudo isso enrugara seu rosto que um dia fora atraente. Seja como Deus quiser, mas não é justo, não é justo! Nós vamos morrer de fome. Quem vai querer sustentar a família de um mulá morto?

O filho mais velho deles, Ali, um garotinho de seis anos, estava agachado ao lado da porta da cabana de um só cômodo que ficava ao lado da mesquita, seguindo atentamente todos os movimentos do seu pai. Seus dois irmãozinhos, de dois e três anos, dormiam num colchão de palha sobre o chão de terra, enrolados num velho casaco do exército. Eles estavam encolhidos como dois gatinhos. No cômodo, havia uma mesa tosca de madeira e dois bancos, algumas painéis, o colchão grande e um pequeno sobre velhos tapetes. Para iluminar, havia uma lamparina a óleo. A vala lá fora era para se fazer as necessidades e para se lavar. Não havia nenhum enfeite nas paredes de barro caiadas de branco. Uma torneira que às vezes funcionava, moscas e insetos e, num nicho, virado para Meca, no lugar de honra, estava o velho e gasto livro do Corão.

Tinha acabado de amanhecer, o dia estava frio e nublado, e Hussein já chamara os fiéis para a oração da manhã na mesquita e limpou e lubrificou cuidadosamente a arma, tirando a pólvora da coronha e tornado a carregar o pente. Agora está ótimo, pensou satisfeito, pronto para fazer de novo o trabalho de Deus e há muita utilidade para uma arma como esta. O AK47 é muito melhor do que o M14, mais simples, mais forte, e tão preciso quanto o outro à queima-roupa. Estúpidos americanos, estúpidos por fabricarem uma arma de infantaria que era complexa e precisa a uma distância de mil metros, quando grande parte da luta era feita a menos de trezentos e você podia arrastar o AK47 na lama o dia inteiro e ele continuava fazendo o que tinha que fazer: matar. Morte a todos os inimigos de Deus!

Já tinha havido alguns conflitos entre os Faixas Verdes e os marxistas-islâmicos e outros esquerdistas em Kowiss, e outros conflitos em Gach Saran, uma cidade a noroeste onde havia uma refinaria de petróleo. Na véspera, depois de escurecer, ele tinha conduzido os Faixas Verdes a um dos esconderijos secretos do Tudeh. A reunião tinha sido denunciada por um dos membros, em troca de piedade. Mas não haveria nenhuma. A batalha foi súbita, rápida e sangrenta. Onze homens foram mortos, ele esperava que alguns fossem líderes. Até agora o Tudeh ainda não tinha se mostrado publicamente, mas tinha marcado uma demonstração para

o dia seguinte à tarde, em apoio à demonstração Tudeh de Teerã, embora Khomeini tivesse se mostrado francamente contrário a isto. O confronto já estava planejado. Os dois lados sabiam disso. Muitos irão morrer, pensou implacavelmente. Morte a todos os inimigos do Islã!

— Aqui — disse ela, entregando-lhe o café preto quente e doce, o único luxo que ele se permitia, exceto nas sextas-feiras, Dias Santos, e em outros dias especiais e durante todo o mês sagrado de Ramadan, quando ele desistia de bom grado do café.

— Obrigado, Fátima — disse educadamente. Quando ele foi nomeado mulá, seu pai e sua mãe tinham-na encontrado para ele e seu mentor, aiatolá Isfahani, tinha dito a ele para se casar, então ele obedecera.

Ele tomou o café, com grande prazer, e devolveu-lhe a pequena xícara. O casamento não o desviara do seu caminho, embora de vez em quando ele sentisse prazer em dormir encostado nela, suas nádegas grandes e quentes no frio do inverno, às vezes fazendo-a virar, penetrando-a, e depois dormindo de novo, mas nunca realmente em paz. Eu só estarei em paz no paraíso, só então, ele pensou, com a excitação aumentando, tão perto agora. Agradeço a Deus pelo fato de ter recebido o nome do imã Hussein, Senhor dos Mártires, segundo filho do imã Ali, ele, o do Grande Martírio, há treze séculos atrás na Batalha de Karbala.

Nós nunca o esqueceremos, ele pensou, seu êxtase aumentando, revivendo a dor de Ashura, o décimo dia de Muharram — há poucas semanas atrás — o aniversário daquele martírio, o dia de luto mais sagrado dos xiitas. Suas costas ainda traziam os vergões. Naquele dia ele tinha estado de novo em Qom, como no ano anterior e no outro, tomando parte nas procissões de Ashura, as procissões purificadoras, com dezenas de milhares de outros iranianos — chicoteando a si mesmos para lembrarem-se do divino martírio, açoitando-se com chicotes e correntes, castigando-se com ferros.

Ele levava muitas semanas para se recuperar, para ser capaz de ficar em pé sem sentir dor. Seja como Deus quiser, disse a si mesmo orgulhosamente. A dor não é nada, este mundo não é nada, eu enfrentei Peshadi na base aérea, dominei-o e o levei preso para

Isfahan como me ordenaram. E agora, hoje, eu vou à base para investigar os estrangeiros e dobrá-los e a este sunita, Zataki, que pensa que é Gengis Khan, e esta tarde eu vou tornar a conduzir os fiéis contra os ateus do Tudeh, fazendo o trabalho de Deus em obediência ao imã que só obedece a Deus. Rezo para que hoje eu seja admitido no paraíso, "para recostar-me em almofadas enfeitadas com fio de ouro, e o fruto dos dois jardins estará ao meu alcance", as palavras tão familiares do Corão ecoaram em sua cabeça.

— Não temos comida — disse sua mulher, interrompendo-lhe os pensamentos.

— Haverá comida na mesquita hoje — ele disse, e seu filho Ali ficou mais atento, momentaneamente distraído de cocar as feridas de mosca e as mordidas de outros insetos. — De agora em diante você e as crianças não vão mais passar fome. Nós daremos refeições diárias de horisht e arroz para os necessitados como fizemos sempre através da história. — Ele sorriu para Ali, estendeu a mão e despenteou-lhe os cabelos. — Deus sabe que nós estamos entre os necessitados.

Desde a volta de Khomeini, as mesquitas tinham começado outra vez este antigo papel de fornecer refeições diárias de uma comida simples, mas nutritiva, comida que era doada como parte do Zakat — o imposto voluntário a que todos os muçulmanos estavam sujeitos — ou comprada com dinheiro do Zakat que agora era de novo uma prerrogativa exclusiva das mesquitas. Hussein soltou mais imprecações contra o xá, que tinha cancelado o subsídio anual concedido aos mulás e às mesquitas há dois anos, trazendo-lhes tanta pobreza e angústia.

— Junte-se às pessoas que esperam na mesquita — disse a ela. — Quando todos estiverem alimentados, tire o suficiente para você e as crianças. Faça isto diariamente.

— Obrigada.

— Agradeça a Deus.

— Eu agradeço, oh, sim, eu agradeço.

Ele enfiou as botas e pendurou a arma no ombro — Posso ir com você, pai? — Ali perguntou na sua vozinha fina. — Eu também quero

fazer o trabalho de Deus.

— É claro, venha.

Ela fechou a porta e se sentou num banco, com o estômago roncando de fome, sentindo-se fraca e doente, cansada demais para espantar as moscas que pousavam no seu rosto. Estava grávida de oito meses. A parteira tinha lhe dito que desta vez seria mais difícil do que das outras, porque o bebê estava na posição errada. Ela começou a chorar, lembrando-se da agonia do último parto e do anterior.

— Não se preocupe — dissera a velha parteira, complacente —, você está nas mãos de Deus. Um pouco de bosta fresca de camelo espalhada no seu estômago vai livrá-la das dores. É dever de uma mulher ter filhos e você é jovem.

— Jovem? Eu tenho 22 anos e sou velha, velha, velha. Eu sei disso e sei por que, e tenho um cérebro e tenho olhos, sei até escrever meu nome e sei que vamos poder melhorar como o imã sabe, quando os estrangeiros forem expulsos e os seus maus hábitos forem banidos. O imã, que Deus o proteja, é sábio e bom e fala com Deus, só obedece a Deus, e Deus sabe que as mulheres não são escravas para serem exploradas e tratadas como nos tempos do Profeta como alguns fanáticos desejam. O imã nos protegerá dos extremistas e não permitirá que eles revoguem a Lei da Família, do xá, que nos deu o direito de votar e a proteção contra o divórcio sumário — ele não permitirá que os nossos votos e direitos e liberdades nos sejam tirados, ou o nosso direito de escolher se queremos ou não usar o chador, ele nunca o fará quando vir o quanto nós somos contrárias a isso. Não quando ele vir a nossa firmeza inabalável. No país inteiro.

Fátima secou as lágrimas e se sentiu mais feliz ao pensar nas demonstrações que estavam programadas para dali a três dias, e sentiu menos dor. Sim, nós, mulheres, vamos fazer uma demonstração pelas ruas de Kowiss, apoiando orgulhosamente as nossas irmãs das grandes cidades de Teerã, Qom e Isfahan, é claro que eu vou usar o chador por minha livre escolha, por causa de Hussein. Oh, como é maravilhoso poder mostrar a nossa solidariedade tanto como mulheres quanto pela revolução.

A notícia das planejadas demonstrações em Teerã tinham percorrido todo o país, ninguém sabe como. Mas todas as mulheres sabiam. Em toda parte, as mulheres tinham decidido aderir e todas elas aprovavam — mesmo aquelas que não ousavam confessar.

NA BASE AÉREA: 10:20H. Starke estava na torre da S-G observando a chegada do 125 com os flaps todos abertos para pousar, revertendo em seguida os motores para parar. Zataki e Esvandary também estavam lá com dois Faixas Verdes. Zataki agora estava barbeado.

— Vire à direita no final da pista, Eco Tango Lima Lima — disse o sargento Wazari, o jovem controlador de tráfego aéreo, treinado na Força Aérea dos Estados Unidos, com voz rouca. Ele estava usando roupas civis grosseiras em vez do seu elegante uniforme. Seu rosto estava bem inchado, o nariz amassado, faltavam três dentes e as orelhas estavam inchadas da surra que Zataki dera nele em público. No momento, ele não podia respirar pelo nariz. — Estacione em frente à torre principal.

— Roger. — A voz de John Hogg saiu do alto-falante. — Repito que temos autorização para apanhar três passageiros e para entregar peças urgentes, partindo em seguida para Al Shargaz. Por favor, confirme.

Wazari virou-se para Zataki, nitidamente apavorado.

— Excelência, por favor, desculpe-me, mas o que devo responder?

— Não diga nada, verme. — Zataki apanhou a metralhadora. Para Starke ele disse: — Diga ao seu piloto para estacionar, para desligar os motores e depois colocar todo mundo que está no aparelho no meio da pista. O aparelho vai ser revistado e se for liberado por mim, vai poder prosseguir, se não for, não vai poder. Você vem comigo, e você também — acrescentou para Esvandary. E saiu.

Starke obedeceu e virou-se para segui-lo, mas por um segundo ele e o sargento ficaram sozinhos.

Wazari segurou-o pelo braço e murmurou pateticamente: — Pelo amor de Deus, ajude-me a embarcar nesse aparelho, capitão, eu farei qualquer coisa, qualquer coisa..

— Eu não posso, é impossível — disse Starke, com pena dele. Há dois dias atrás Zataki tinha enfileirado todo mundo e tinha surrado o homem até ele perder os sentidos, por 'crimes contra a revolução', depois fez com que ele recobrasse os sentidos, obrigou-o a comer lixo e tornou a bater nele até ele perder os sentidos de novo. Só Manuela e os que estavam muito doentes tiveram permissão para não assistir. — Impossível!

— Por favor... Eu lhe imploro, Zataki é louco, ele vai me ma... Wazari voltou-se em pânico quando um Faixa Verde tornou a aparecer na porta Starke passou por ele, desceu as escadas e foi até a pista, disfarçando a inquietação. Freddy Ayre estava na direção de um jipe. Manuela estava lá dentro, junto com um dos pilotos britânicos, e também Jon Tyrer, com uma bandagem nos olhos. Manuela usava umas calças largas, um casaco comprido e seu cabelo estava amarrado sob um boné de piloto.

— Siga-nos, Freddy — disse Starke e entrou ao lado de Zataki no banco de trás do carro. Esvandiary engrenou e saiu para interceptar o 125 que agora estava saindo da pista principal, acompanhado por um enxame de caminhões cheios de Faixas Verdes e de dois motociclistas zigzagueando perigosamente em volta deles. — Loucos! — resmungou Starke — Entusiastas, piloto, não loucos. — E Zataki riu, mostrando os dentes muito brancos — Seja o que Deus quiser Zataki olhou para ele, sem caçoar mais.

— Você fala a nossa língua, você já leu o Corão e você conhece os nossos costumes. Já era tempo de você recitar o Shahada diante de duas testemunhas e se tornar muçulmano. Eu ficaria honrado em ser uma testemunha.

— Eu também — disse imediatamente Esvandiary, também querendo ajudar a salvar uma alma, embora não pelas mesmas razões: A IranOil iria precisar de pilotos experientes para manter a produção enquanto substitutos iranianos estivessem sendo treinados e um Starke muçulmano poderia ser um deles Eu também ficaria honrado de servir de testemunha — Obrigado — respondeu-lhes Starke, em farsi. Ao longo dos anos, essa ideia lhe ocorrera. Uma vez, quando o Irã estava calmo e só o que ele tinha que fazer era pilotar o máximo que podia e tomar conta dos seus homens e rir

com Manuela e as crianças. Será que foi mesmo só há seis meses atrás?

Ele dissera a Manuela: — Sabe, Manuela, há muita coisa interessante no islamismo.

— Você estaria pensando em quatro esposas, querido? — ela tinha perguntado com uma voz bem doce e no mesmo instante ele se pôs em guarda.

— Vamos, Manuela, eu estava falando sério. Há muita coisa boa no islamismo.

— Para os homens, não para as mulheres. O Corão não diz: "E os fiéis", aliás, todos homens, "deitar-se-ão em almofadas de seda e haverá huris que nem homens nem djins jamais tocaram"? Conroe, meu bem, eu nunca consegui entender isso. Por que elas devem ser perpetuamente virgens? Será que isso é muito importante para um homem? E será que as mulheres conseguem a mesma coisa, juventude e tantos jovens com chifres quanto queiram?

— Quer prestar atenção, pelo amor de Deus! Eu estava querendo dizer que se você vivesse no deserto, no deserto da Arábia Saudita ou do Saara — você se lembra da vez que estivemos no Kuwait e fomos, só nós dois, para o deserto, com as estrelas grandes como ostras e o silêncio tão vasto, a noite tão límpida e infinita, e nós tão insignificantes, você se lembra como ficamos tocados pelo infinito? Você se lembra que eu disse que podia entender como um nômade nascido numa tenda podia ser possuído pelo Islã?

— E você se lembra, querido, que eu disse que nós não tínhamos nascido em nenhuma tenda?

Ele sorriu, lembrando-se de como a havia abraçado e beijado e eles tinham se amado sob as estrelas.

Mais tarde ele dissera: — Eu me referia ao ensinamento de Maomé, ao fato de que num espaço tão grande, tão aterrador na sua vastidão, você precisa de um abrigo seguro e que o Islã pode ser esse abrigo, talvez o único, o seu ensinamento original, não as interpretações distorcidas dos fanáticos.

— Ora, é claro, querido — ela respondera na sua voz mais doce —, mas nós não moramos no deserto, nunca o faremos, e você é Conroe 'Duke' Starke, piloto de helicóptero, e no momento em que

começar a pensar nessas quatro esposas eu estou fora, eu e as crianças, e nem o Texas vai ser suficientemente grande para você escapar da lição que vai levar de Manuela Rosita Santa de Cuellar Perez, meu amorzinho querido...

Ele viu Zataki olhando para ele e sentiu o cheiro forte de gasolina, neve e inverno.

— Talvez eu o faça um dia — disse a Zataki e Esvandary. — Talvez eu o faça. Mas no tempo determinado por Deus, não por mim.

— Que Deus apresse esse tempo. Você está se desperdiçando como infiel. Mas agora toda a atenção de Starke estava no 125 que se aproximava do estacionamento, e em Manuela, que devia partir hoje.

Seria difícil para ela, tremendamente difícil, mas ela tinha que ir.

Naquela manhã bem cedo, McIver dissera a Starke, de Teerã, pelo HF, que tinham conseguido autorização para o 125 pousar em Kowss, desde que Kowiss também autorizasse, que o aparelho estaria trazendo peças de reposição e que haveria lugar para três passageiros. No fim, o major Changiz e Esvandary concordaram, mas só depois de Starke dizer, irritado, na frente de Zataki: — Vocês sabem que a nossa substituição de pessoal está muito atrasada. Um dos nossos 212 está esperando por peças e dois dos 206 estão prontos para a revisão das mil e quinhentas horas. Se eu não conseguir novas tripulações e peças, não vou poder operar, e serão vocês os responsáveis por não obedecermos às ordens do aiatolá Khomeini, não eu.

O carro parou ao lado do 125, que desacelerava os motores. A porta ainda não estava aberta e ele pôde ver John Hogg espiando pela janela da cabine. Caminhões e armas cercaram o aparelho, com os excitados Faixas Verdes se movimentando em volta.

Zataki tentou fazer-se ouvir, então, exasperado, atirou para o ar.

— Afastem-se do avião — ordenou. — Por Deus e pelo Profeta, só os meus homens irão revistá-lo!

Afastem-se! — Mal-humorados, os outros Faixas Verdes recuaram um pouco. — Piloto, diga a ele para abrir a porta depressa, e faça todo mundo sair logo, antes que eu mude de ideia!

Starke fez sinal para Hogg de que estava tudo bem. Num instante a porta foi aberta pelo copiloto. A escada foi baixada. Imediatamente, Zataki subiu os degraus e ficou em pé no alto com a arma preparada.

— Excelência, não é preciso isso — disse Starke. — Todo mundo para fora, o mais depressa possível, está bem?

Havia oito passageiros — quatro deles pilotos, três mecânicos e Genny McIver.

— Meu Deus, Genny! Não esperava vê-la.

— Olá, Duke. Duncan achou melhor... não importa. Manuela vai... — Ela a viu e foi até onde estava Manuela. Elas se abraçaram e Starke notou como Genny tinha envelhecido.

Ele seguiu Zataki até o aparelho vazio. Assentos extras tinham sido colocados. No fundo, perto do toalete, havia vários engradados.

— Peças e o motor sobressalente que você precisava — disse Johnny Hogg do assento do piloto, entregando-lhe o formulário. — Olá, Duke!

Zataki pegou o formulário e fez um sinal para Hogg.

— Fora!

— Se o senhor não se importar, eu sou o responsável pelo aparelho, sinto muito — disse Hogg.

— Pela última vez, fora!

— Saia do seu lugar por um momento, Johnny. — interveio Starke. — Ele só quer verificar se não há nenhuma arma. Excelência, seria mais seguro se o piloto pudesse ficar aqui. Eu me responsabilizo por ele.

— Fora!

Relutante, John Hogg saiu da pequena cabine. Zataki certificou-se de que não havia nada nos bolsos que ficavam dos lados do assento, depois fez sinal para ele voltar ao seu lugar e examinou a cabine.

— Aquelas são as peças de que você precisa?

— Sim — disse Starke e, gentilmente, abriu espaço para ele no patamar da escada, de onde Zataki chamou alguns homens para carregarem os engradados para a pista. Os homens fizeram isso sem

o menor cuidado, batendo com os engradados na porta e nos degraus, fazendo os pilotos estremecerem.

Então Zataki revistou o aparelho minuciosamente, não encontrando nada que o irritasse. Exceto o vinho na geladeira e a bebida que havia no armário.

— Nada mais de bebidas no Irã. Nenhuma. Confiscadas! — Ele quebrou as garrafas na pista e ordenou que abrissem os engradados. Havia um motor a jato e muitas outras peças. Tudo estava no formulário. Starke observava da porta da cabine, tentando passar despercebido.

— Quem são esses passageiros? — perguntou Zataki. O segundo-oficial entregou-lhe uma lista de nomes. Estava escrita em inglês e em farsi: "Pilotos e mecânicos temporariamente desnecessários, todos com licenças vencidas". Ele começou a examinar a lista e os homens.

— Duke — Johnny Hogg disse cautelosamente da cabine —, tenho algum dinheiro para você e uma carta de McIver. É seguro?

— Por enquanto.

— São dois envelopes que estão no bolso de dentro do meu uniforme. McIver disse que a carta é particular.

Starke encontrou-os e enfiou-os no bolso de dentro do casaco.

— Como estão as coisas em Teerã? — perguntou com o canto da boca.

— O aeroporto está uma casa de loucos, com milhares de pessoas tentando entrar nos três ou quatro aviões que eles permitiram que pousassem até agora — disse rapidamente Hogg —, com pelo menos seis jumbos amontoados, esperando por uma autorização para aterrissar. Eu, ahn, eu simplesmente furei a fila, entrei sem autorização e disse: "Oh, sinto muito, pensei que estivesse autorizado", apanhei o meu pessoal e escapuli. Mal tive tempo de conversar com McIver. Ele estava cercado por revolucionários com o dedo no gatilho e por um ou dois mulás, mas ele parece estar bem. Pettikin, Nogger e os outros também parecem bem. Eu estou sediado em Al Shargaz por pelo menos uma semana, para ir e vir como for possível. — Al Shargaz não era longe de Dubai, onde a S-G tinha o seu QG deste lado do golfo. — Nós tivemos

permissão da torre de controle de Teerã para trazer peças e pessoal para substituir aqueles que tencionamos levar. Parece que eles vão nos manter mais ou menos na medida de um para um e fornecendo tudo, com voos marcados para sábados e quartas-feiras. — Ele parou para respirar. — Mac disse para você encontrar uma desculpa para eu vir aqui de vez em quando. Eu vou ser uma espécie de mensageiro dele e de Andy Gavallan até as coisas se normalizarem...

— Cuidado — Starke disse disfarçadamente, ao ver Zataki olhar para o avião. Ele observara Zataki inspecionar os passageiros e seus documentos. Então viu-o fazer-lhe um sinal e desceu a escada.

— Sim, Excelência?

— Este homem não tem visto de saída.

O homem era Roberts, um dos montadores, de meia-idade, muito experiente. A ansiedade transparecia no seu rosto marcado de rugas.

— Eu disse a ele que não consegui um visto, capitão, nós não pudemos, os escritórios de imigração ainda estão fechados. Não houve nenhum problema em Teerã.

Starke deu uma olhada no documento. O prazo só havia expirado há quatro dias.

— Talvez o senhor pudesse deixar passar desta vez, Excelência. É verdade que o escritório..

— Sem visto de saída ele não vai. Ele fica! Roberts ficou branco.

— Mas Teerã me deixou sair e eu tenho que estar em Londres... Zataki agarrou-o pelo casaco e arrancou-o da fila, atirando-o no chão.

Enfurecido, Roberts levantou-se.

— Por Deus, eu tenho uma autor... — Ele parou. Um dos Faixas Verdes estava com um rifle encostado no seu peito, outro estava atrás dele, ambos prontos para puxar o gatilho.

— Espere ao lado do jipe, Roberts. Droga! Espere ao lado do jipe — disse Starke.

Um dos Faixas Verdes empurrou rudemente o mecânico em direção ao jipe enquanto Starke tentava disfarçar sua preocupação. Jon Tyrer e Manuela também não tinham papéis atualizados.

— Sem visto de saída ninguém sai! — Zataki repetiu maldosamente e apanhou os papéis do homem seguinte.

Genny, que era a próxima da fila, estava muito assustada, odiando Zataki e a violência e o cheiro de medo que a cercava, com pena de Roberts que precisava voltar à Inglaterra porque um dos seus filhos estava muito doente, suspeitava-se de pólio, e não havia nem correio nem telefones, e telex só esporadicamente. Ela observou Zataki examinando vagorosamente os papéis do piloto que estava na frente dela. Maldito filho da mãe!, pensou. Eu tenho que entrar naquele avião. Tenho que entrar. Oh, como eu gostaria de que todos nós estivéssemos partindo. Pobre Duncan, ele simplesmente se recusa a cuidar dele mesmo, não se preocupa em comer adequadamente e com certeza vai tornar a ter uma úlcera.

— O meu visto de saída não está atualizado — disse ela, tentando mostrar-se tímida, e deixando algumas lágrimas brilharem nos olhos.

— Nem o meu — disse Manuela, num fio de voz. Zataki olhou para elas e hesitou.

— Mulheres não são responsáveis, só os homens. Vocês duas podem partir. Desta vez. Subam a bordo.

— Será que o sr. Roberts não pode vir também? — perguntou Genny, apontando para o mecânico. — Ele real..

— Subam a bordo! — Gritou Zataki, num dos seus súbitos e loucos ataques de raiva, com o sangue subindo para o rosto.

As duas mulheres subiram as escadas correndo, com todo mundo momentaneamente em pânico, e até os Faixas Verdes se agitaram nervosos.

— Excelência, o senhor tem razão — Starke falou em farsi, obrigando se a aparentar calma. — Mulheres não devem discutir. — E esperou e todo mundo também esperou, mal respirando, com os olhos escuros cravados nele. Mas Starke sustentou-lhe o olhar. Zataki balançou a cabeça concordando e continuou a examinar, carrancudo, os papéis que tinha nas mãos.

Na véspera Zataki voltara de Isfahan e Esvandiary autorizara um voo para o dia seguinte de tarde para levá-lo de volta a Bandar Delam. Quanto mais cedo melhor, pensou Starke.

E no entanto, ele tinha pena de Zataki. Na noite anterior ele o encontrara encostado num dos helicópteros com as mãos apertando as têmporas, com muita dor. O que é, aga!

— Minha cabeça. Eu... é a minha cabeça.

Ele o convencera a ver o dr. Nutt e o levava reservadamente ao bangalô do médico.

— Dê-me apenas aspirina ou codeína, doutor, o que o senhor tiver — tinha dito Zataki.

— Talvez fosse melhor deixar-me examiná-lo e...

— Nada de exames! — gritara Zataki. — Eu sei o que há de errado comigo. É a Savak o que há de errado, e a prisão... — E mais tarde, quando a codeína tinha diminuído a dor, Zataki contara a Starke que há cerca de um ano e meio ele tinha sido preso, acusado de propaganda contra o xá. Na época, ele trabalhava como jornalista para um dos jornais de Abadan. Tinha ficado preso por oito meses e então, logo depois do incêndio de Abadan, fora solto. Ele não contou a Starke o que tinham feito com ele. — Como Deus quiser, piloto — tinha dito com amargura. — Mas desde então, eu agradeço a Deus todos os dias por mais um dia de vida para exterminar mais gente da Savak e gente do xá, seus lacaios da polícia e seus lacaios soldados e todos aqueles que assistiram a sua maldade. Um dia eu o apoiei, ele não pagou pela minha educação, aqui e na Inglaterra? Mas ele foi o culpado da Savak! Ele foi o culpado! Essa parte da vingança é só por mim. Eu ainda não comecei a me vingar pela minha mulher e pelos meus filhos assassinados no incêndio de Abadan.

Starke ficara em silêncio. Quem, como ou o porquê do incêndio que causara quase quinhentas mortes jamais viera a público.

Ele observou Zataki trabalhar devagar e meticulosamente percorrendo a fila de possíveis passageiros. Quantos mais com papéis incompletos ou desatualizados Starke não sabia, todo mundo tenso, uma nuvem agourenta sobre eles. Logo seria a vez de Tyrer e Tyrer tinha que ir. O dr. Nutt tinha dito que seria mais seguro que Tyrer fosse examinado em Al Shargaz ou em Dubai o mais cedo possível, onde havia ótimos hospitais.

— Eu tenho certeza de que ele está bem, mas é melhor ele descansar os olhos por enquanto. E ouça, Duke, pelo amor de Deus, mantenha-se fora do caminho de Zataki e avise aos outros para fazerem o mesmo. Ele está prestes a explodir e só Deus sabe o que poderá acontecer então.

— O que há com ele?

— Medicamente eu não sei. Psicologicamente ele é perigoso, muito perigoso. Eu diria que é maníaco-depressivo, certamente paranoico, provavelmente em consequência direta das suas experiências na prisão. Ele contou a você o que fizeram com ele?

— Não. Não contou.

— Se dependesse de mim, eu recomendaria que ele fosse mantido sob sedativos e não se aproximasse de uma arma.

Ótimo, pensou Starke, desanimado. E como eu poderia fazer isso? Pelo menos Manuela e Genny estão a bordo e em breve estarão em Al Shargaz, que é um paraíso compa..

Um grito de aviso interrompeu seus pensamentos. Do outro lado do 125, vindo de trás da saída da torre principal, estava o mulá Hussein com mais Faixas Verdes e eles pareciam muito hostis.

Imediatamente, Zataki esqueceu os passageiros, empunhou sua metralhadora e, segurando-a frouxamente numa das mãos, se colocou entre Hussein e o avião. Dois dos seus homens se colocaram ao lado dele, e os outros se aproximaram do avião, tomando posições defensivas, cobrindo a aeronave.

— Matem os malditos corvos — alguém murmurou. — O que há agora?

— Preparem-se para se abaixar — disse Ayre.

— Capitão — Roberts cochichou desesperado. — Eu tenho que entrar naquele avião, tenho que entrar, a minha filhinha está muito mal, será que o senhor pode conseguir alguma coisa com aquele filho da mãe?

— Vou tentar.

Zataki observava Hussein, com ódio dele. Há dois dias ele fora a Isfahan, convidado a ir lá para entendimentos com o komiteh secreto. Todos os 11 membros eram aiatolás e mulás, e lá, pela primeira vez, ele vira a verdadeira face da revolução pela qual ele

tanto lutara e tanto tinha sofrido: "Os hereges serão destruídos. Nós teremos apenas Tribunais Revolucionários. A justiça será rápida e definitiva, sem apelação..." Os mulás estavam tão seguros de si, tão seguros do seu direito divino de governar e de administrar justiça já que só eles interpretavam o Corão e o Sharia.

Cautelosamente, Zataki guardara seu horror e seus pensamentos para si mesmo, mas ele sabia que, mais uma vez, fora traído.

— O que você quer, mulá? — disse Zataki, pronunciando esta palavra como se fosse um xingamento.

— Primeiro eu quero que você entenda que não tem nenhum poder aqui. O que você faz em Abadan é problema dos aiatolás de Abadan, mas aqui você não tem nenhum poder sobre esta base, sobre estes homens, ou sobre este avião. — Rodeando Hussein havia uma dúzia de jovens armados, de caras fechadas, todos Faixas Verdes.

— Nenhum poder, hein? — Desdenhosamente, Zataki virou as costas para o mulá e gritou em inglês: — O avião vai partir agora! Todos os passageiros subam a bordo! — Iradamente, ele fez um sinal para o piloto partir, depois tornou a encarar Hussein. — Bem? E em segundo lugar? — perguntou, enquanto, atrás dele, os passageiros se apressaram em obedecer, e como os Faixas Verdes estavam concentrados em Zataki e Hussein, Starke mandou que Roberts subisse para o avião, e depois fez sinal para Ayre ajudá-lo a encobrir a fuga do mecânico. Juntos, eles ajudaram Tyrer a sair do jipe.

Zataki brincava com a arma, com toda a sua atenção fixada em Hussein.

— Bem? E em segundo lugar? — Ele tornou a perguntar.

Hussein estava perplexo, e seus homens também estavam conscientes das armas apontadas para eles.

Os motores começaram a rugir. Ele viu os passageiros subindo apressadamente, Starke e Ayre ajudando um homem com bandagens nos olhos a subir as escadas, depois os dois pilotos outra vez ao lado do jipe, os motores a jato esquentando, e assim que o último homem entrou, a escada foi levantada e o avião começou a taxiar.

— Bem, aga, e depois?

— Depois... depois o komiteh de Kowiss ordena que você e os seus homens saiam de Kowiss.

Desdenhosamente, Zataki gritou para os seus homens por sobre o barulho dos motores, com os pés plantados na pista de concreto, pronto para lutar se fosse necessário e morrer se fosse necessário, com o ar superaquecido soprando em cima dele enquanto o avião se movia em direção à pista.

— Vocês ouviram, o komiteh de Kowiss ordenou que nós partíssemos! Seus homens começaram a rir, e um dos Faixas Verdes de Hussein, um adolescente imberbe que estava no final do grupo, levantou a carabina e morreu imediatamente, quase cortado ao meio pela rajada precisa de balas dos homens de Zataki que o escolheram cuidadosamente. O silêncio foi quebrado apenas pelo som distante dos jatos. Hussein ficou momentaneamente confuso pela rapidez e pela poça de sangue que jorrou no concreto.

— Seja como Deus quiser — disse Zataki. — O que você quer mulá?

Foi então que Zataki notou o garotinho que o olhava petrificado, escondido atrás das vestes do mulá, agarrando-se a elas para se proteger, tão parecido com o seu próprio filho, o mais velho, que por um momento ele foi levado de volta aos dias felizes antes do incêndio, quando tudo parecia bem e havia alguma forma de futuro — a maravilhosa Revolução Branca do xá, a reforma agrária, o controle dos mulás, a educação universal e outras coisas — os bons tempos em que eu era um pai, o que não serei nunca mais. Nunca. Os choques elétricos e as tenazes destruíram essa possibilidade.

Uma pontada violenta de dor nos seus testículos inundou sua cabeça junto com as lembranças e ele teve vontade de gritar. Mas não o fez, apenas reprimiu o sofrimento, como sempre, e se concentrou naquela morte. Ele pôde ver a expressão implacável do rosto do mulá e se preparou. Matar com a metralhadora dava-lhe grande prazer. O quente staccato, a arma viva explodindo em pequenos arrancos, o cheiro acre de cordite, o sangue dos inimigos de Deus e do Irã jorrando. Os mulás são inimigos, e mais do que eles todos, Khomeini, que comete o sacrilégio de permitir que o seu

retrato seja venerado e que os seus seguidores o chamem de imã, e coloca os mulás entre nós e Deus, contra todos os ensinamentos do Profeta.

— Ande logo — ele berrou —, eu estou perdendo a paciência!

— Eu... eu quero aquele homem — disse Hussein, apontando.

Zataki olhou em volta. O mulá estava apontando para Starke.

— O piloto? Por quê? Para quê? — Ele perguntou, perplexo.

— Para interrogatório. Eu quero interrogá-lo.

— Sobre o quê?

— Sobre a fuga dos oficiais de Isfahan.

— E o que ele poderia saber a respeito disso? Ele estava comigo em Bandar Delam, a centenas de quilômetros, quando isso aconteceu, ajudando a revolução contra os inimigos de Deus! — Zataki acrescentou maldosamente: — Os inimigos de Deus estão em toda parte, em toda parte! O sacrilégio existe em toda parte, a adoração de ídolos é praticada em toda parte. Não é?

— Sim, sim, os inimigos abundam e sacrilégio é sacrilégio. Mas ele é um piloto de helicópteros, foi um infiel que pilotou o helicóptero da fuga, ele pode saber alguma coisa. Eu quero interrogá-lo.

— Não enquanto eu estiver aqui.

— Por quê? Por que não? Por que você não...

— Você não vai interrogá-lo enquanto eu estiver aqui, por Deus! Não enquanto eu estiver aqui! Mais tarde ou amanhã ou depois, como Deus quiser, mas não agora.

Zataki tinha manobrado Hussein e viu no rosto dele e nos seus olhos que ele tinha cedido e que não era mais uma ameaça. Cautelosamente, cercavam o mulá, mas não detectou mais nenhum perigo. A morte súbita e rápida de um deles, pensou sem nenhum sentimento de culpa, controla os outros.

— Vocês devem querer voltar à sua mesquita agora, está quase na hora das orações. — Ele se virou de costas e caminhou para o jipe, sabendo que os seus homens o estariam protegendo, fez um sinal para Starke e Ayre, chamando-os, e entrou no banco da frente, com a metralhadora apontada, mas não tão ostensivamente como antes. Um por um, seus homens recuaram até os carros. E partiram.

Hussein estava lívido. Seus Faixas Verdes esperavam. Um deles acendeu um cigarro, todos eles conscientes do corpo aos seus pés. E do sangue que ainda jorrava.

— Por que você os deixou ir, papai? — O garotinho perguntou na sua vozinha fina.

— Eu não deixei, meu filho. Nós temos coisas mais importantes a fazer no momento, depois voltaremos.

31

EM ZAGROS TRÊS: 12:05H.

Scot Gavallan olhava fixamente para o cano de uma metralhadora apontada para ele. Ele tinha acabado de pousar o 212 depois da primeira viagem do dia para a plataforma Rosa, para entregar outro carregamento de canos de aço e cimento, e assim que desligara os motores, Faixas Verdes armados vieram correndo do hangar para cercá-lo.

Odiando o medo que tomou conta dele, desviou os olhos da arma e olhou para os olhos pretos e maldosos.

— O que... o que quer? — perguntou, e depois falou num farsi hesitante: — Cheh karbarehi O homem que estava com a arma soltou uma torrente de palavras zangadas e incompreensíveis.

Ele tirou os fones da cabeça.

— Man zaban-eshoma ra khoob namidanam, Aghal — gritou por sobre o barulho dos motores. — Eu não falo a sua língua, Excelência! — contendo-se para não dizer a obscenidade que teve vontade de acrescentar. Mais palavras zangadas e o homem fez sinal para ele sair da cabine. Então ele viu Nasiri, o gerente de base da IranOil, desgrenhado e machucado, sendo levado em direção ao 212 por mais guardas revolucionários. Ele se inclinou um pouco para fora da janela.

— Que diabo está acontecendo?

— Eles... eles querem que você saia do helicóptero, capitão — respondeu Nasiri. — Eles... por favor, depressa!

— Espere até eu completar a aterrissagem! — Nervosamente, Scot terminou os procedimentos de pouso. O cano da metralhadora não se movera, nem diminuía a hostilidade em volta dele. Os rotores giravam mais devagar e quando deu para sair, ele tirou o cinto e saltou. Imediatamente, foi empurrado para fora do caminho.

Homens excitados, gritando, abriram completamente a porta da cabine, espiaram para o interior, enquanto outros abriam a porta da cabine principal e subiam a bordo.

— Que diabo aconteceu com você, aga! — perguntou a Nasiri, ao ver a extensão dos seus ferimentos.

— O... o novo komiteh cometeu um erro — disse Nasiri, tentando manter a dignidade — achando que eu era... um partidário do xá e não um homem da revolução e do imã.

— Quem são estes homens? Eles não são de Yazdek.

Mas antes que Nasiri pudesse responder, o Faixa Verde que estava com a metralhadora abriu caminho pelo meio do grupo.

— Para o escritório! AGORA! — disse o homem, num mau inglês, depois estendeu a mão e agarrou Scot pela manga da jaqueta de voo para fazê-lo andar mais depressa. Automaticamente, Scot empurrou-lhe o braço. Uma arma foi-lhe enfiada nas costelas.

— Está bem, pelo amor de Deus — resmungou e caminhou em direção ao escritório com a cara fechada.

No escritório, Nitchak Khan, calênder da aldeia, e o velho mulá estavam em pé ao lado da escrivaninha, de costas para a parede ao lado da janela aberta. Ambos tinham um ar grave. Scot os cumprimentou e eles responderam com a cabeça, pouco à vontade. Atrás dele, muitos Faixas Verdes encheram a sala atrás de Nasiri.

— Cheh karbareh, Kalandar? — perguntou Scot. — O que está havendo?

— Estes homens são... afirmam ser o nosso novo komiteh — Nitchak Khan respondeu com dificuldade. — Eles foram mandados de Sharpur para assumir a nossa... a nossa aldeia e o nosso... campo de aviação.

Scot ficou perplexo. O que o líder da aldeia dissera não fazia sentido. Embora Sharpur fosse a cidade mais próxima e tivesse jurisdição nominal sobre aquela região, o costume sempre deixara as tribos kash'kai das montanhas governarem a si mesmas — desde que eles aceitassem a suserania do xá de Teerã, obedecessem às leis e permanecessem desarmados e pacíficos.

— Mas vocês sempre gover...

— Quietos! — disse o líder dos Faixas Verdes, brandindo a metralhadora, e Scot viu Nitchak enrubescer. O líder usava barba, tinha cerca de trinta anos, estava pobremente vestido e seus olhos escuros eram maus. Ele arrastou Nasiri para a frente do grupo e falou rapidamente em farsi.

— Eu... eu devo servir de intérprete, capitão — disse Nasiri, nervosamente. — O líder, Ali-sadr, diz que o senhor deve responder às perguntas. Eu já respondi a quase todas, mas ele quer... — Ali-sadr xingou-o e começou o interrogatório, lendo de uma lista preparada e com Nasiri traduzindo: — O senhor está no comando aqui?

— Sim, temporariamente.

— Qual é a sua nacionalidade?

— Britânica. Agora que dia...

— Há algum americano aqui?

— Não que eu saiba — Scot disse imediatamente e manteve o rosto com uma expressão afável, torcendo para que Nasiri, que sabia que Rodrigues, o mecânico, era americano com uma falsa identidade inglesa, não tivesse respondido a esta pergunta. Nasiri traduziu sem hesitação. Um dos outros Faixas Verdes estava anotando as respostas.

— Quantos pilotos há aqui?

— No momento eu sou o único.

— Onde estão os outros, quem são e qual é a nacionalidade deles?

— O nosso piloto mais graduado, capitão Lochart, é canadense, e está em Teerã. Ele está pilotando um charter fora de Teerã, eu acho, mas é esperado de volta a qualquer momento. O outro, o segundo em comando, é o capitão Sessonne, francês, ele teve que partir para Teerã hoje, num voo urgente para a IranOil.

O líder levantou os olhos, com o olhar duro — O que havia de tão urgente?

— A plataforma Rosa está pronta para medir um novo poço.

Ele esperou enquanto Nasiri explicava o que isso significava e que os per furadores precisavam da ajuda urgente de especialistas da Schulumberger, agora sediados em Teerã. Esta manhã, Jean-Luc

tinha ligado para a torre de controle local em Shiraz para tentar conseguir uma autorização para ir a Teerã. Para sua surpresa e alegria, a torre de Shiraz deu a aprovação imediatamente.

— O imã decretou que a produção de petróleo deveria começar — eles tinham dito —, então ela vai começar.

Jean-Luc decolara em poucos minutos. Scot Gavallan sorriu consigo mesmo sabendo que a verdadeira razão pela qual Jean-Luc tinha dado três cambalhotas na cabine do 206 era porque agora ele ia poder dar uma fugida para ver Sayada. Scot a tinha visto uma vez. "Ela tem uma irmã?", perguntara esperançoso.

O líder escutou com impaciência, depois tornou a interromper e Nasiri encolheu-se.

— Ele, Ali-sadr, diz que no futuro todos os voos serão autorizados por ele, ou por este homem — Nasiri apontou para o jovem Faixa Verde que estava anotando as respostas de Scot. — No futuro, todos os voos terão que levar a bordo um dos seus homens. No futuro, não haverá decolagens sem autorização prévia. Dentro de uma hora, o senhor deverá levar a ele e aos seus homens a todas as plataformas da região.

— Explique a ele que não é possível fazer isso porque temos que entregar mais canos e cimento na plataforma Rosa. Do contrário, quando Jean-Luc voltar amanhã, eles não estarão prontos.

Nasiri começou a explicar. O líder interrompeu-o rudemente e se levantou.

— Diga ao infiel, o piloto, para estar pronto dentro de uma hora e então melhor ainda, diga-lhe para vir conosco até a aldeia onde eu posso vigiá-lo. Você vem também. E diga-lhe para ser muito obediente, pois embora o imã queira que a produção de petróleo comece imediatamente, todas as pessoas no Irã estão sujeitas à lei islâmica, sejam ou não iranianas. Nós não precisamos de estrangeiros aqui. — O homem olhou para Nitchak Khan. — Agora voltaremos para a aldeia — ele disse e saiu. Nitchak Khan enrubesceu. Ele e o mulá o seguiram.

— Capitão, nós temos que ir com ele — disse Nasiri —, para a aldeia.

— Para quê?

— Bem, o senhor é o único piloto aqui e conhece a região — disse Nasiri, prontamente, imaginando qual seria o motivo verdadeiro.

Ele estava com muito medo. Não tinha havido nenhum aviso de mudanças imediatas, nem eles sabiam na aldeia que a estrada já tinha sido aberta depois da última nevasca. Mas nesta manhã, o caminhão com doze Faixas Verdes chegara na aldeia.

Imediatamente, o líder do komiteh apresentara o pedaço de papel assinado pelo Komiteh Revolucionário de Sharpur, dando-lhes jurisdição sobre Yazdek e "toda a produção da IranOil, instalações e helicópteros desta área". Quando, a pedido de Nitchak Khan, Nasiri dissera que se comunicaria pelo rádio com a IranOil para protestar, um dos homens começara a espancá-lo. O líder tinha feito o homem parar, mas não se desculpara, nem demonstrara a Nitchak Khan o respeito que lhe era devido como calênder deste ramo dos kash'kai. Outro arrepio de medo percorreu Nasiri e ele desejou estar de volta a Sharpur com sua mulher e sua família. Que Deus amaldiçoe todos os komitehs e fanáticos e estrangeiros e o Grande Satã, a América, que causou todos os nossos problemas.

— É... é melhor nós irmos — disse.

Eles saíram. Os outros já estavam bem mais à frente no caminho que levava à aldeia. Quanto Scot passou pelo hangar, viu os seus seis mecânicos reunidos sob o olhar vigilante de um guarda armado.

O guarda estava fumando e um arrepio o percorreu. Havia avisos em farsi e em inglês por toda parte.

PROIBIDO FUMAR — PERIGO! De um lado, o segundo 212 estava na fase final da verificação das mil e quinhentas horas, mas sem os dois 206 que completavam sua frota atual de aviões, o hangar parecia vazio e deprimente.

— Aga — ele disse para Nasiri, fazendo um sinal na direção dos guardas que os acompanhavam —, diga-lhes que eu preciso tomar providências em relação ao helicóptero e diga àquele imbecil para não fumar no hangar.

— Eles disseram que está bem — traduziu Nasiri —, mas que é para o senhor se apressar. — O guarda que estava fumando atirou displicentemente o cigarro no concreto. Um dos mecânicos correu

para apagá-lo. Nasiri gostaria de ficar, mas os guardas lhe fizeram sinal para continuar. Relutante, ele saiu.

— Encha o tanque do FBC e faça uma inspeção nele — disse Scot, cuidadosamente, sem saber se algum dos guardas entendia inglês. — Dentro de uma hora eu tenho que levar o nosso komiteh para uma visita a todos os campos. Parece que temos um novo komiteh vindo de Sharpur.

— Oh, merda — resmungou alguém.

— E quanto ao material para a plataforma Rosa? — perguntou Effer Jordon. Ao lado dele estava Rod Rodrigues. Scot podia ver sua ansiedade.

— Isso vai ter que esperar. Apenas encha o tanque do FBC, Effer, e faça todo mundo checá-lo. Rod — disse para animar o homem mais velho —, agora que estamos voltando à normalidade, você em breve vai ter a sua licença em Londres, capito!

— Claro, obrigado, Scot.

O guarda ao lado de Scot fez sinal para ele prosseguir.

— Baleh Agha, sim, está bem, Excelência — disse Scot, depois acrescentou para Rodrigues: — Rod, faça uma inspeção cuidadosa para mim.

— Claro.

Scot saiu, com os guardas seguindo-o. Jordon perguntou ansioso: — O que está acontecendo e onde você vai?

— Vou dar uma volta — disse sarcasticamente. — Como é que eu vou saber? Estive voando a manhã inteira. — E continuou andando, sentindo-se cansado, impotente e ineficiente, desejando que Lochart ou Jean-Luc estivessem ali em seu lugar. Malditos filhos da mãe do komiteh! Um bando de malditos idiotas.

Nasiri estava uns cem metros à frente, caminhando rapidamente, os outros já tinham desaparecido na curva do caminho que serpenteava através das árvores. A temperatura estava um pouco abaixo de zero e a neve rangia sob os pés, e embora Scot se sentisse aquecido em sua roupa de piloto, era difícil caminhar com as botas de voo e ele se arrastava desanimado, querendo alcançar Nasiri mas não conseguindo. Havia montes de neve dos lados do

caminho e muita neve nas árvores, mas o céu estava claro. Meio quilômetro adiante, no fim do caminho sinuoso, ficava a aldeia.

Yazdek ficava num pequeno platô, agradavelmente protegida dos ventos. As cabanas e casas eram feitas de madeira, pedra e tijolos de barro e agrupadas em volta da praça em frente à pequena mesquita. Ao contrário da maioria das aldeias, ela era próspera, com bastante lenha para dar calor no inverno, bastante caça nas redondezas, com rebanhos de carneiros e cabras pertencentes à comunidade, alguns camelos e trinta cavalos e éguas de raça que eram o seu orgulho. A casa de Nitchak Khan tinha dois andares, era uma habitação coberta de telhas, de quatro cômodos, ficava ao lado da mesquita e era maior do que as outras.

Ao lado ficava a escola, o edifício mais moderno. Tom Lochart projetara a estrutura simples e persuadira McIver a financiá-la no ano anterior. Até poucos meses, a escola fora dirigida por um jovem do Corpo de Professores do xá — a aldeia era quase toda analfabeta. Quando o xá partiu, o rapaz desapareceu. De vez em quando, Tom Lochart e outros da base faziam palestras lá — que eram mais sessões de perguntas e respostas — em parte para manter boas relações, e em parte para ter algo que fazer quando não havia voos. As sessões eram bastante frequentadas, tanto por adultos como por crianças, encorajados a comparecer por Nitchak Khan e sua esposa.

Ao descer a pequena elevação, Scot viu os outros entrarem na escola. O caminhão que trouxera os Faixas Verdes estava estacionado do lado de fora. Os aldeões reuniam-se em grupos, observando silenciosamente. Homens, mulheres e crianças, nenhum deles armado. As mulheres kash 'kai não usavam nem véus nem chador, e sim roupas coloridas.

Scot subiu a escada da escola. Da última vez que estivera lá, há poucas semanas, ele tinha feito uma palestra sobre a Hong Kong que ele conheceu quando seu pai ainda trabalhava lá e que ele costumava visitar durante as férias do colégio interno que frequentava na Inglaterra. Fora difícil explicar como era Hong Kong, com suas ruas apinhadas de gente, tufões, pauzinhos e escrita em caracteres, e sua comida e seu capitalismo pirata, a imensidade de

toda a China. Estou contente de termos voltado para a Escócia, pensou, e pelo velho ter iniciado a S-G que um dia eu vou dirigir.

— O senhor deve sentar-se, capitão — disse Nasiri. — Ali. — Ele indicou uma cadeira no fundo da sala lotada. Ali-sadr e quatro outros Faixas Verdes estavam sentados na mesa onde o professor costumava sentar. Nitchak Khan e o mulá sentavam-se em frente a eles. Os aldeões estavam em pé, em volta.

— O que está acontecendo?

— É... é uma reunião.

Scot percebeu o medo que Nasiri sentia e imaginou o que faria se os Faixas Verdes comesçassem a bater nele. Eu devia ser faixa preta ou lutador de boxe, pensou fatigado, tentando entender o que o líder estava dizendo em farsi.

— O que ele está dizendo, aga! — cochichou para Nasiri.

— Eu... ele está... ele está dizendo a Nitchak Khan como a aldeia vai ser governada de agora em diante. Por favor, eu explico depois. — Nasiri se afastou.

Depois de algum tempo, o palavrório terminou. Todo mundo olhou para Nitchak Khan. Ele se levantou lentamente. Seu rosto estava grave e suas palavras foram poucas. Até Scot entendeu.

— Yazdek é kash 'kai. Yazdek vai continuar a ser kash 'kai. — Ele voltou as costas para a mesa e começou a se retirar, com o mulá o seguindo.

A uma ordem zangada do líder, dois Faixas Verdes barraram-lhe o caminho. Desdenhosamente, Nitchak Khan afastou-os, então outros o agarraram, com a tensão crescendo na sala, e Scot viu um dos aldeões se esgueirar para fora da sala sem ser observado. Os Faixas Verdes que estavam segurando Nitchak Khan viraram-no de frente para Ali-sadr e os outros quatro, que estavam em pé, enraivecidos e gritando. Ninguém tocara no velho mulá. Ele levantou a mão e começou a falar, mas o líder gritou para ele se calar e um murmúrio percorreu os aldeões. Nitchak Khan não lutou contra os homens que o imobilizavam, apenas olhou para Ali-sadr e Scot sentiu o ódio dele como se fosse um golpe físico.

O líder tornou a falar com os aldeões, depois apontou um dedo acusador para Nitchak Khan e mais uma vez ordenou que ele

obedecesse e mais uma vez Nitchak Khan disse calmamente: — Yazdek é kash'kai e vai continuar sendo kash'kai.

Ali-sadr sentou-se. Os outros quatro fizeram o mesmo. Mais uma vez Ali-sadr apontou e disse algumas palavras. Os aldeões levaram um choque. Os quatro homens ao lado dele concordaram com a cabeça. Ali-sadr disse uma única palavra. Ele cortou o silêncio como uma lâmina.

— Morte! — E se levantou e saiu, com os aldeões e os Faixas Verdes levando Nitchak Khan atrás dele, e Scot ficou esquecido. Scot se abaixou, tentando passar despercebido. Em pouco tempo ele estava sozinho.

Lá fora, os Faixas Verdes arrastaram Nitchak Khan para o muro da mesquita e o colocaram lá. A praça estava vazia. À medida que os outros aldeões saíam da escola, eles também se afastavam rapidamente. Exceto o mulá. Vagarosamente, ele foi até onde estava Nitchak Khan e se colocou ao lado dele, de frente para os Faixas Verdes que, a vinte metros de distância, preparavam as armas. A uma ordem de Ali-sadr, dois deles afastaram o velho. Nitchak Khan esperava em silêncio, orgulhosamente, depois cuspiu no chão.

O único tiro de rifle veio não se sabe de onde. Ali-sadr estava morto antes mesmo de cair no chão. O silêncio foi súbito e enorme, e os Faixas Verdes se viraram em pânico, depois ficaram paralisados quando uma voz gritou: — Allah-u Akbarr, larguem suas armas!

Ninguém se moveu, depois um dos guardas do pelotão de fuzilamento apontou a arma para Nitchak Khan mas morreu antes de poder puxar o gatilho.

— Deus é grande, larguem as armas!

Um dos Faixas Verdes deixou a arma cair no chão. Um outro fez o mesmo, um outro correu para o caminhão mas morreu antes de andar dez metros. Agora todas as armas estavam no chão. E todos que continuavam em pé ficaram imóveis.

Então a porta da casa de Nitchak Khan se abriu e sua esposa saiu com uma carabina, apontada, seguida de um rapaz também empunhando uma carabina. Ela parecia feroz no seu orgulho, dez anos mais jovem que o marido, e o único som na praça era o tilintar

dos seus brincos e correntes e o farfalhar das suas longas vestes marrons e vermelhas.

Os olhos estreitos de Nitchak Khan no seu rosto de maçãs salientes ficaram ainda mais estreitos, e as profundas rugas que tinha no canto dos olhos se acentuaram. Mas não disse nada a ela, apenas olhou para os oito Faixas Verdes que tinham sobrado. Sem piedade. Eles olharam para Nitchak, e um deles tentou apanhar a arma, e ela atirou no seu estômago e ele gritou, contorcendo-se na neve. Ela o deixou gritar por um momento. Depois deu um segundo tiro e os gritos cessaram.

Agora havia sete.

Nitchak Khan sorriu silenciosamente. Agora, das casas e cabanas, os homens e mulheres da aldeia saíram para a praça. Todos estavam armados. Ele voltou a atenção para os sete.

— Entrem no caminhão, deitem-se e ponham as mãos para trás.
— Os homens obedeceram de má vontade. Ele ordenou que quatro aldeões os vigiassem, depois voltou-se para o rapaz que tinha saído da sua casa. — Há mais um no campo de aviação, meu filho. Leve alguém com você e trate dele.

Traga o corpo de volta mas cubram os seus rostos com lenços para que os infiéis não possam reconhecê-los.

— Seja como Deus quiser. — O rapaz apontou para a escola. A porta estava aberta, mas não havia sinal de Scot. — O infiel — disse baixinho. — Ele não é da nossa aldeia. — E se afastou rapidamente.

A aldeia esperou. Nitchak Khan coçou a barba Pensativamente. Então seus olhos dirigiram-se para Nasiri que estava escondido ao lado da escada da escola.

O rosto de Nasiri ficou lívido.

— Eu... eu não... eu não vi nada, nada, Nitchak Khan — ele falou com voz rouca e se levantou e pulou por cima dos corpos. — Eu sempre... nos dois anos em que estou aqui eu sempre fiz tudo o que pude pela aldeia. Eu... eu não vi nada — disse mais alto, covardemente, e então o terror o dominou e ele saiu correndo da praça. E morreu. Uma dúzia de homens tinha atirado nele.

— É verdade que a única testemunha da maldade destes homens devia ser Deus.

Nitchak Khan suspirou. Ele gostava de Nasiri. Mas ele não era do seu povo. Sua mulher se aproximou e ele lhe sorriu. Ela apanhou um cigarro, entregou-lhe e o acendeu para ele, depois tornou a guardar os cigarros e os fósforos no bolso. Ele fumou Pensativamente. Alguns cachorros latiram no meio das casas e uma criança chorou, e a fizeram calar rapidamente.

— Haverá uma pequena avalanche para destruir a estrada no lugar em que ela foi interrompida antes, para manter todo mundo afastado até o degelo, — disse finalmente. — Nós poremos os corpos no caminhão e jogaremos gasolina por cima e o empurraremos para a ravina do Camelo Quebrado.

Parece que o komiteh decidiu que nós podemos nos governar como sempre e que deveríamos ser deixados em paz como sempre, então eles foram embora e levaram o corpo de Nasiri com eles. Eles mataram Nasiri aqui na praça, como nós todos vimos, quando ele tentou escapar da justiça.

Infelizmente, eles sofreram um acidente na volta. É uma estrada muito perigosa, como todos nós sabemos. Provavelmente eles levaram o corpo de Nasiri para provar que tinham cumprido o seu dever e livrado a montanha de um conhecido partidário do xá e o mataram quando ele tentou escapar.

Ele certamente era um partidário do xá quando o xá tinha poder e antes do xá fugir. — Os aldeões concordaram satisfeitos e esperaram. Todos queriam saber a resposta para a última pergunta: e quanto à última testemunha? E quanto ao infiel que ainda estava dentro da escola?

Nitchak Khan coçou a barba. Isso sempre o ajudava na hora de tomar uma decisão difícil.

— Outros Faixas Verdes virão em breve, atraídos pelo magnetismo das máquinas voadoras, fabricadas pelos estrangeiros e pilotadas pelos estrangeiros para o benefício dos estrangeiros por causa do petróleo que é retirado da nossa terra para o benefício dos inimigos Tehranis e dos inimigos cobradores de impostos e de mais estrangeiros. Se não houvesse poços, não haveria estrangeiros, portanto não haveria Faixas Verdes. A terra é rica em petróleo em outros lugares, fácil de ser retirado em outros lugares. O nosso não

é. Os nossos poucos poços não são importantes e as 11 bases são de acesso difícil e perigoso. Eles não tiveram que explodir o topo da montanha para salvar um deles de uma avalanche, há uns poucos dias atrás?

Houve concordância geral. Ele continuou fumando despreocupadamente. As pessoas olhavam para ele, confiantes. Ele era o calênder, o chefe que tinha governado sabiamente por 18 anos, em épocas boas e más.

— Se não houvesse máquinas voadoras, não poderia haver poços. Então, se esses estrangeiros partissem — ele continuou na mesma voz grossa e vagarosa —, eu duvido que outros estrangeiros se aventurassem a vir aqui para consertar e reabrir as 11 bases, pois as bases com certeza tornariam a ser avariadas, talvez até saqueadas por bandidos. Então nós seríamos deixados em paz. Sem a nossa benevolência, ninguém pode operar nas nossas montanhas. Nós, kash'kai, procuramos viver em paz.

Mas seremos livres e governados pelos nossos próprios hábitos e costumes. Portanto, os estrangeiros devem partir, por sua própria vontade. E partir depressa. E também os poços. E tudo o que for estrangeiro. — Cuidadosamente, ele apagou o cigarro na neve. — Vamos começar: ponham fogo na escola.

Ele foi obedecido imediatamente. Um pouco de gasolina e a madeira ressecada logo pegou fogo.

Todo mundo esperou. Mas o infiel não apareceu, e quando eles revistaram as cinzas não encontraram nenhum resto dele.

32

PERTO DE TABRIZ: 11:49H. Erikki Yokkonen subia com o 206 pelo alto desfiladeiro que ia dar na cidade. Nogger Lane estava ao seu lado e Azadeh atrás. Ela usava um grosso casaco de voo sobre as roupas de esquí, mas no porta-bagagem havia um chador: — Só por segurança — dissera. Ela estava usando o terceiro par de fones que Erikki lhe conseguira.

Tabriz Um, está me ouvindo? — Ele tornou a dizer. Esperaram. Nenhuma resposta ainda e já estava bem dentro da sua faixa. — Pode estar abandonada, pode ser uma armadilha, como aconteceu com Charlie.

— É melhor darmos uma boa olhada antes de pousar — disse Nogger, pouco à vontade, com os olhos examinando o céu e a terra.

O céu estava claro, a temperatura bem abaixo de zero, e as montanhas estavam cobertas de neve. Eles tinham reabastecido sem incidentes num depósito da IranOil muito próximo de Bandar-e Pahlavi, seguindo instruções da torre de Teerã.

— Khomeini está com tudo sob controle, com a torre de controle querendo ajudar e o aeroporto aberto de novo — Erikki tinha comentado, tentando espantar a depressão que pesava sobre eles.

Azadeh ainda estava muito abalada pela notícia da execução de Emir Paknouri por "crimes contra o Islã" e pela notícia ainda mais terrível a respeito do pai de Xarazade.

— Isso é assassinato — exclamara horrorizada, ao saber. — Que crimes ele poderia ter cometido, ele que tem apoiado Khomeini e os mulás há gerações?

Nenhum deles tivera qualquer resposta. A família recebera ordem de recolher o corpo e agora estava em luto profundo, Xarazade quase louca de tristeza — a casa fechada até mesmo para Azadeh e Erikki. Azadeh não queria sair de Teerã, mas tinha chegado uma segunda mensagem, enviada por seu pai a Erikki, repetindo a primeira: "Capitão, necessito urgentemente da presença da minha filha em Tabriz". — E agora eles estavam quase chegando em casa.

Antigamente, era a nossa casa, Erikki pensou. Agora eu não tenho mais certeza.

Perto de Qazvin, ele sobrevoara o lugar onde o seu Range Rover tinha ficado sem gasolina e onde Pettikin e Rakoczy os salvaram da multidão. O Range Rover não estava mais lá. Depois passara sobre a aldeia miserável onde ficava a barreira, e de onde ele fugira para esmagar o mujahedins de cara redonda que lhes roubara os papéis. É loucura voltar, pensou.

— Mac tem razão — Azadeh tinha dito, implorando. — Vá para Al Shargaz e deixe Nogger levar-me para Tabriz e trazer-me de volta para pegar o próximo voo. Eu vou me encontrar com você em Al Shargaz não importa o que meu pai diga.

— Eu vou levá-la para casa e trazê-la de volta — respondera. — Está acabado.

Eles tinham decolado de Doshan Tappeh pouco depois do amanhecer. A base estava quase vazia, com muitos edifícios e hangares transformados em ruínas, destroços de aviões da Força Aérea iraniana, de caminhões, e um tanque incendiado com o emblema dos Imortais do lado. Não havia ninguém limpando aquela bagunça. Não havia nenhum guarda. Os catadores de lixo estavam levando para casa qualquer coisa que pudessem queimar — não havia quase nenhum combustível para vender, nem comida, mas ainda havia muitas batalhas diurnas e noturnas entre Faixas Verdes e esquerdistas.

O hangar e a oficina da S-G estavam quase intatos. Havia muitos buracos de balas nas paredes, mas nada fora saqueado até agora e eles estavam operando, precariamente, com alguns mecânicos e funcionários fazendo o trabalho normal. O pagamento de alguns salários atrasados, com o dinheiro que McIver conseguira espremer de Valik e dos outros sócios, fora a isca. Ele dera mais algum dinheiro para Erikki pagar o pessoal de Tabriz Um: — Comece a rezar, Erikki! Hoje eu tenho um encontro marcado no Ministério para tratar das nossas finanças e do dinheiro que nos estão devendo — McIver tinha dito a eles pouco antes de decolarem —, e para renovar todas as nossas licenças vencidas. Foi Talbot, da embaixada, quem marcou o encontro para mim. Ele acha que há uma boa

chance de Bazargan e Khomeini conseguirem controlar a situação agora e desarmar os esquerdistas. Nós só temos que manter o ânimo e a calma.

É fácil para ele, pensou Erikki.

Chegaram ao alto do desfiladeiro. Ele se inclinou e baixou depressa.

— Lá está a base! — Os dois pilotos se concentraram. A biruta era a única coisa que se movia. Não havia nenhum veículo estacionado em lugar algum. Não saía fumaça de nenhuma das cabanas. — Devia haver fumaça. — Fez uma volta apertada a duzentos metros. Ninguém apareceu para recebê-los. — Vou dar uma olhada mais de perto.

Tornaram a dar outra volta. Nada se moveu e eles subiram para trezentos metros. Erikki pensou por um momento.

— Azadeh, eu podia pousar no pátio da frente do palácio ou do lado de fora dos muros.

Imediatamente, Azadeh sacudiu a cabeça.

— Não, Erikki, você sabe como os guardas estão nervosos, e como ele é sensível a alguém aparecer lá sem ter sido chamado.

— Mas ele nos chamou, pelo menos a você. Ordenou é uma palavra melhor. Podíamos ir até lá, dar uma volta e olhar, e se estiver tudo bem, nós pousamos.

— Podíamos pousar bem longe e andar...

— Nada de andar. Não sem armas. — Ele não tinha conseguido arranjar uma arma em Teerã.

Qualquer maldito vândalo tem tantas quantas quiser, pensou irritado. Tenho que arranjar uma. Já não me sinto mais seguro. — Vamos dar uma olhada e depois decidimos. — Ele ligou para a frequência da torre de Tabriz e chamou. Nenhuma resposta. Tornou a chamar, depois virou e foi para a cidade.

Ao passarem sobre a pequena aldeia de Abu Mard, Erikki apontou para baixo e Azadeh viu a escolinha onde passara tantos momentos felizes, a clareira ali perto e lá, ao lado do riacho, o lugar onde ela vira Erikki pela primeira vez e tinha achado que ele era um gigante da floresta e se apaixonara, milagre dos milagres, para ser

salva por ele de uma vida de tormentos. Ela estendeu a mão e tocou-o através da pequena janela.

— Você está bem? Está aquecida? — E sorriu para ela.

— Oh, sim, Erikki. A aldeia nos deu muita sorte, não? — Ela conservou a mão no ombro dele. O contato agradava a ambos.

Logo eles puderam ver o aeroporto e a estrada de ferro que ia para o norte, para o Azerbaijão soviético que ficava a poucos quilômetros de distância, e depois até Moscou. A sudeste ela fazia uma curva e voltava a Teerã, que ficava a seiscentos quilômetros de distância. A cidade era grande.

Agora eles podiam ver a cidadela e a mesquita azul, as fábricas de aço poluidoras, as cabanas e casas dos seiscentos mil habitantes.

— Olhem ali! — Parte da estação estava pegando fogo, com a fumaça subindo em ondas. Havia mais incêndios perto da cidadela e nenhuma resposta da torre de Tabriz e nenhuma atividade na pista do aeroporto, embora houvesse alguns pequenos aviões parados lá. Havia um bocado de atividade na base militar, com caminhões e carros indo e vindo, mas pelo que eles podiam ver, não havia tiroteios nem lutas nem multidões nas ruas. Toda a região próxima à mesquita estava estranhamente vazia.

— Não quero descer muito — ele disse —, não quero tentar nenhum maníaco do gatilho.

— Você gosta de Tabriz, Erikki? — perguntou Nogger, para disfarçar a inquietação. Ele nunca estivera ali antes.

— E uma cidade e tanto, velha e sábia, aberta e livre — a mais cosmopolita do Irã. Passei momentos maravilhosos aqui, comida e bebida do mundo todo barata e fácil de encontrar: caviar e vodca da Rússia e salmão defumado da Escócia e uma vez por semana, nos bons tempos, a Air France trazia pão fresco e queijos franceses. Mercadorias turcas e caucasianas, inglesas, americanas, japonesas, qualquer coisa. Ela é famosa pelos seus tapetes, Nogger, e pela beleza das suas mulheres... — Azadeh puxou-lhe a orelha e ele riu. — É verdade, Azadeh, você não é de Tabriz? É uma ótima cidade, Nogger. Eles falam um dialeto do farsi que é mais turco do que qualquer outra coisa. Durante séculos ela tem sido um grande centro comercial, parte iraniano, mas também russo, turco, curdo e

armênio, sempre rebelde e independente e sempre desejada pelos czares e agora pelos soviéticos...

Aqui e ali grupos de pessoas olhavam para eles.

— Nogger, você está vendo alguma arma?

— Muitas, mas ninguém está atirando em nós. Ainda.

Cautelosamente, Erikki contornou a cidade e dirigiu-se para leste. Lá, a cidade se elevava em colinas próximas umas das outras e no alto de uma delas ficava o palácio dos Gorgons, com uma estrada que ia até lá. Não havia nenhum trânsito na estrada. No interior dos altos muros, havia muitos acres de terra: pomares, uma fábrica de tapetes, garagens para vinte carros, abrigos para rebanhos de ovelhas durante o inverno, cabanas e acomodações para cerca de cem empregados e guardas, e o enorme edifício principal de cinquenta cômodos, com a pequena mesquita e o minarete. Alguns carros estavam estacionados perto da entrada principal. Ele fez um círculo a duzentos metros.

— Que lugar! — disse Nogger Lane, maravilhado.

— Foi construído para o meu bisavô pelo príncipe Zergeyev, por ordem dos czares Romanovs, Nogger, como um pishkesh — disse distraidamente Azadeh, observando o local. — Foi em 1890, quando os czares já tinham roubado as nossas províncias caucasianas e estavam, mais uma vez, tentando separar o Azerbaijão do Irã e queriam a ajuda dos kans Gorgons. Mas a nossa linhagem foi sempre leal ao Irã, embora tenham procurado manter um certo equilíbrio. — Ela estava observando o palácio lá embaixo. Havia pessoas saindo da casa principal e das outras casas: empregados e guardas armados. — A mesquita foi construída em 1907 para celebrar a assinatura de um novo acordo entre a Rússia e a Inglaterra, a respeito da divisão do nosso território, e algumas esferas de infl... Oh, olhe, Erikki, aqueles não são Najoud e Fazulia e Zadi... e, oh, olhe, Erikki, aquele não é o meu irmão Hakim? O que Hakim está fazendo lá?

— Onde? Oh, estou vendo. Não, eu não...

— Talvez... talvez Abdullah Khan o tenha perdoado — ela disse excitadamente. — Oh, isso não seria maravilhoso?

Erikki olhou para as pessoas lá embaixo. Ele só tinha visto o irmão dela uma vez, no dia do seu casamento, mas tinha gostado muito dele. Abdullah Khan permitira que ele viesse só por esse dia e depois o mandara de volta para Khoi, na parte setentrional do Azerbaijão, perto da fronteira da Turquia, onde tinha grandes negócios de exploração de minério.

— A única coisa que Hakim sempre desejou foi ir para Paris estudar piano — Azadeh tinha dito a ele. — Mas meu pai não quis ouvi-lo, simplesmente amaldiçoou-o e expulsou-o por traição.

— Não é Hakim — disse Erikki, pois seus olhos eram muito melhores do que os dela.

— Oh — Azadeh apertou os olhos por causa do vento. — Oh. — Ela ficou desapontada. — Sim, tem razão, Erikki.

— Lá está Abdullah Khan! — Não havia nenhuma dúvida sobre o homem imponente e corpulento, com a longa barba, que saíra pela porta principal e parara na escada, com dois guardas armados atrás. Havia dois outros homens com ele. Todos vestiam pesados sobretudos por causa do frio. — Quem são eles?

— Desconhecidos — ela respondeu, tentando superar a decepção. — Eles não têm armas e não há nenhum mulá, logo não são Faixas Verdes.

— Eles são europeus — disse Nogger. — Você tem um binóculo, Erikki?

— Não.

Erikki parou de circular, desceu para 150 metros e ficou pairando, observando atentamente Abdullah Khan. Ele o viu apontar para o helicóptero e depois falar com os outros homens, voltando a observar o helicóptero outra vez. Outras irmãs de Azadeh e pessoas da família, algumas usando chador, bem como alguns empregados, tinham-se juntado, protegendo-se do frio. Erikki desceu mais trinta metros.

Ele tirou os óculos escuros e os fones e abriu a janela, perdendo o fôlego quando o ar gelado o atingiu, pôs a cabeça para fora para que o pudessem ver claramente, e acenou. Todos os olhos se voltaram para Abdullah Khan. Depois de uma pausa, o Khan acenou de volta. Sem nenhum prazer.

— Azadeh! Tire os fones e faça a mesma coisa.

Ela obedeceu na mesma hora. Algumas das suas irmãs acenaram animadamente, falando umas com as outras. Abdullah Khan ignorou-a, apenas esperou. Matyeryebyets, pensou Erikki, depois inclinou-se para fora da cabine e apontou para o amplo espaço ao lado da piscina gelada, em mosaico, que havia no pátio, obviamente pedindo permissão para pousar. Abdullah Khan concordou com a cabeça e apontou para lá, falou brevemente com os guardas, depois virou-se e entrou na casa. Os outros homens o seguiram. Um dos guardas ficou. Ele desceu a escada em direção ao local de pouso, verificando o seu rifle.

— Nada como um comitê de recepção amigável — resmungou Nogger.

— Não precisa se preocupar, Nogger — disse Azadeh, com uma risada, nervosa. Eu vou saltar primeiro, Erikki, é mais seguro eu ser a primeira.

Eles pousaram imediatamente. Azadeh abriu a porta e foi cumprimentar suas irmãs e a madrastra, a terceira esposa de seu pai, que era mais moça do que ela. A primeira mulher, Khanan, tinha a mesma idade que ele, mas agora estava enferma e nunca saía do quarto. Sua segunda mulher, mãe de Azadeh, morrera há muitos anos.

O guarda interceptou Azadeh. Educadamente. Erikki respirou mais forte. Estava muito longe para ouvir o que eles estavam falando e, de qualquer modo, nem ele nem Nogger falavam farsi ou turco. O guarda fez um sinal em direção ao helicóptero. Ela balançou a cabeça e acenou para eles, chamando-os. Erikki e Nogger completaram o pouso, observando o guarda que os olhava com ar sério.

— Você detesta armas tanto quanto eu, Erikki? — perguntou Nogger.

— Mais ainda. Mas pelo menos esse homem sabe usar uma arma. São os amadores que me assustam.

— Erikki desligou os motores e guardou a chave da ignição no bolso.

Eles se dirigiram para onde estavam Azadeh e suas irmãs, mas o guarda ficou no caminho. Azadeh gritou: — Ele diz que vocês devem ir para o salão de recepção imediatamente e esperar lá. Sigam-me, por favor.

Nogger era o último. Uma das bonitas irmãs chamou-lhe a atenção, e ele sorriu consigo mesmo e subiu os degraus de dois em dois.

O salão de recepção era grande, frio e ventoso e cheirava a mofo, tinha uma pesada mobília vitoriana, muitos tapetes e almofadões e antiquados aquecedores a vapor. Azadeh ajeitou o cabelo num dos espelhos. Suas roupas de esqui eram elegantes e modernas. Abdullah Khan nunca tinha exigido que suas esposas e filhas, ou suas empregadas, usassem o chador, ele não aprovava o chador.

Então por que Najoud estava usando um hoje? Ela se perguntou, com o nervosismo aumentando. Um empregado trouxe chá. Eles esperaram meia hora, depois outro guarda chegou e falou com ela. Ela deu um profundo suspiro.

— Nogger, é para você esperar aqui — disse. — Erikki, eu e você devemos acompanhar este guarda.

Erikki seguiu-a, tenso mas confiante de que o armistício que ele tinha negociado com Abdullah Khan ainda estivesse valendo. O contato da sua faca pukoh tranquilizou-o. O guarda abriu uma porta no final do corredor e fez sinal para eles entrarem.

Abdullah Khan estava recostado em algumas almofadas, reclinado sobre um tapete em frente à porta, com guardas atrás dele; a sala era luxuosa, vitoriana, formal e, de certa forma, decadente e suja. Os dois homens que eles tinham visto na escada estavam sentados de pernas cruzadas ao seu lado. Um era europeu, um homem grande e conservado, de uns sessenta anos, com ombros fortes e olhos eslavos num rosto amigável. O outro era mais jovem, tinha cerca de trinta anos, com feições asiáticas e pele amarelada. Ambos usavam roupas pesadas de inverno. A cautela de Erikki aumentou enquanto ele esperava na porta que Azadeh fosse até o pai, se ajoelhasse diante dele, beijasse as suas mãos gordas, cheias de anéis, e lhe pedisse a bênção. Impassível, seu pai fez sinal

para que ela se afastasse e manteve os olhos fixos em Erikki, que o cumprimentou educadamente da porta mas permaneceu perto dela. Disfarçando a vergonha e o medo, Azadeh tornou a se ajoelhar no tapete e olhou-o. Erikki viu os dois estranhos examinarem-na apreciativamente, e sua temperatura subiu um ponto. O silêncio ficou mais pesado.

Ao lado do khan, havia um prato de halvah, pequenos quadrados de doces de mel turcos que ele adorava, e ele comeu alguns, brincando com os anéis.

— Então — disse com dureza — parece que você mata indiscriminadamente como um cachorro louco.

Os olhos de Erikki estreitaram-se e ele não disse nada.

— Bem?

— Se eu mato, não é como um cachorro louco. Quem dizem que eu matei? Um velho no meio de uma multidão perto de Qazvin. Com um golpe de cotovelo, seu peito foi achatado. Há testemunhas.

Depois, três homens num carro e um do lado de fora, que era um importante combatente da liberdade.

Há mais testemunhas. Mais adiante, cinco mortos e mais feridos durante o resgate do helicóptero.

Mais testemunhas. — Houve um outro silêncio. Azadeh não se movera, embora o sangue lhe tivesse fugido do rosto. — Bem?

— Se existem testemunhas, o senhor deve saber também que nós estávamos pacificamente tentando chegar a Teerã, que não estávamos armados, que fomos atacados por uma multidão e que se não fosse por

Charlie Pettikin e

Rakoczy, provavelmente estaríamos...

Erikki interrompeu-se momentaneamente, notando o olhar repentino trocado entre os dois homens. Então, mais cautelosamente ainda, ele continuou: — Nós estaríamos provavelmente mortos. Nós estávamos desarmados mas Rakoczy não estava, e eles atiraram em nós primeiro.

Abdullah Khan também notara a mudança nos homens que estavam ao seu lado. Pensativo, ele olhou para Erikki.

— Rakoczy? O mesmo que atacou a sua base junto com o mulá e os soldados marxistas-islâmicos? O muçulmano soviético?

— Sim. — Erikki olhou para os dois desconhecidos, com um olhar duro. — O agente da KGB, que dizia vir da Geórgia, de Tbilisi.

Abdullah Khan sorriu levemente.

— KGB? Como você sabe?

— Eu os conheço bem. — Os dois desconhecidos olharam para ele inocentemente. O mais velho tinha um sorriso simpático que gelou Erikki.

— Este Rakoczy, como foi que ele entrou no helicóptero? — perguntou o khan.

— Ele capturou Charlie Pettikin na minha base no domingo passado. Pettikin é um dos nossos quatro pilotos e ele tinha vindo a Tabriz para nos apanhar, a mim e Azadeh. A minha embaixada tinha pedido para eu me comunicar com eles a respeito do meu passaporte. Foi no dia em que a maioria dos governos, o meu também, mandou que todos os estrangeiros que não fossem essenciais deixassem o Irã — disse, exagerando com facilidade. — Na segunda-feira, o dia em que saímos daqui, Rakoczy obrigou Pettikin a transportá-lo para Teerã. — Erikki contou rapidamente o que tinha acontecido. — Se ele não tivesse notado a bandeira da Finlândia no teto do carro, nós estaríamos mortos.

O homem de feições asiáticas riu baixinho.

— Isso seria uma grande perda, capitão Yokkonen — disse em russo. O homem mais velho, com os olhos eslavos, perguntou num inglês perfeito: — Este Rakoczy, onde ele está agora?

— Não sei. Em algum lugar em Teerã. Posso perguntar quem são os senhores? — Erikki estava tentando ganhar tempo e não esperava nenhuma resposta. Estava tentando decidir se Rakoczy era amigo ou inimigo desses dois, que eram, obviamente, soviéticos, obviamente da KGB ou da GRU, a polícia secreta das forças armadas.

— Qual era o primeiro nome dele, por favor? — O homem mais velho perguntou gentilmente.

— Fedor, como o revolucionário húngaro — Erikki não percebeu nenhuma reação e poderia ter prosseguido, mas era esperto demais para fornecer qualquer informação para a KGB ou a GRU.

Azadeh estava ajoelhada no tapete, com as costas retas, imóvel. Suas mãos pousavam no colo, e seus lábios vermelhos contrastavam com a palidez do rosto. De repente ele sentiu muito medo por ela.

— Você admite ter matado esses homens? — perguntou o khan, e comeu outro doce.

— Admito ter matado um homem, há um ano e pouco, salvando a sua vida, Alteza, e...

— E a sua! — disse Abdullah Khan, raivosamente. — Os assassinos o teriam matado também. Foi a Vontade de Deus que nós dois vivêssemos.

— Eu não comecei o conflito nem o provoquei — Erikki tentava escolher as palavras com inteligência, sentindo-se burro, inseguro e inadequado. — Se eu matei esses outros não foi por minha vontade, mas apenas para proteger sua filha e minha esposa. Nossas vidas estavam em perigo.

— Ah, você considera que é seu direito matar todas as vezes que considera que sua vida está em perigo?

Erikki viu o rubor no rosto do khan, e percebeu os dois soviéticos observando-o e lembrou da sua própria herança e das histórias do seu avô sobre os tempos antigos nas Terras do Norte, quando gigantes povoavam a terra e os duendes e demônios não eram apenas um mito, há muito tempo atrás, quando a terra era pura e o mal era o mal e o bem era o bem, e o mal não podia usar nenhuma máscara.

— Se a vida de Azadeh for ameaçada, ou a minha, eu matarei qualquer um — respondeu.

Os três homens sentiram um sopro gelado passando por eles. Azadeh ficou apavorada com aquela ameaça e os guardas que não falavam nem russo nem inglês se agitaram, sentindo a violência.

A veia no meio da testa de Abdullah Khan pulsou.

— Você irá com este homem — disse sombriamente. — Você irá com este homem e fará o que ele mandar.

Erikki olhou para o homem de feições asiáticas.

— O que você quer de mim?

— Apenas a sua habilidade como piloto, e o 212 — disse o homem, amistosamente, em russo.

— Sinto muito, mas o 212 está na revisão das mil e quinhentas horas e eu trabalho para a S-G e para a Madeira Iraniana.

— O 212 está pronto, já foi revisado pelos seus mecânicos e a Madeira Iraniana o emprestou a... a mim.

— Para fazer o quê?

— Para voar — disse o homem, irritado. — Você é surdo?

— Não, mas parece que você é.

O homem espumou. O homem mais velho sorriu estranhamente. Abdullah Khan virou-se para Azadeh que quase deu um salto de medo.

— Você, vá apresentar os seus respeitos a Khanan!

— Sim... sim... papai — gaguejou e se levantou de um salto.

Erikki deu um passo para a frente, mas os guardas estavam prontos, um deles apontava para ele e Azadeh disse, quase chorando: — Não, Erikki, é... eu... eu devo ir... — E saiu correndo antes que ele pudesse impedi-la.

O homem com o rosto asiático quebrou o silêncio.

— Você não tem nada a temer. Nós só precisamos dos seus serviços. Erikki Yokkonen não respondeu, certo de que estava encurralado, que tanto ele quanto Azadeh estavam encurralados e perdidos, e sabendo que, se não houvesse nenhum guarda ali ele teria atacado agora, sem hesitação, teria matado Abdullah Khan e provavelmente os outros dois. Os três homens sabiam disto.

— Por que o senhor mandou chamar minha mulher, Alteza? — perguntou na mesma voz calma, já sabendo a resposta agora. — O senhor mandou duas mensagens.

Abdullah Khan disse com um esgar de desprezo: — Ela não tem nenhum valor para mim, mas tem para os meus amigos: para trazê-lo de volta e fazê-lo comportar-se. E por Deus e pelo Profeta, você vai se comportar. Você vai fazer o que este homem mandar.

Um dos guardas fez um pequeno movimento com a metralhadora e o barulho ecoou na sala. O soviético e o homem de feições asiáticas se levantaram.

— Primeiro a sua faca, por favor.

— Você pode vir buscá-la. Se realmente a quiser.

O homem hesitou. Repentinamente, Abdullah Khan deu uma gargalhada. A gargalhada foi cruel e os fez ficar tensos.

— Deixe a faca com ele. Isto vai tornar a sua vida mais interessante. — Então voltou-se para Erikki: — É aconselhável você ser obediente e se comportar.

— Seria mais aconselhável deixar-nos partir em paz.

— Você gostaria de ver o seu copiloto pendurado pelo dedão do pé agora mesmo? — Os olhos de Erikki apertaram-se ainda mais. O soviético mais velho inclinou-se para cochichar com Abdullah Khan, cujo olhar não se afastou de Erikki. Suas mãos brincavam com a adaga coberta de joias.

Quando o homem terminou de falar, ele balançou a cabeça. — Erikki, você vai dizer ao seu copiloto que é para ele obedecer enquanto estiver em Tabriz. Nós vamos mandá-lo para a base, mas o seu pequeno helicóptero vai ficar aqui. Por enquanto. — Ele fez sinal para o homem de feições asiáticas sair.

— Meu nome é Cimtarga, capitão. — O homem não era tão alto quanto Erikki, mas era muito forte, com ombros largos. — Primeiro nós...

— Cimtarga é o nome de uma montanha, a leste de Samarcanda. Qual é o seu verdadeiro nome? E o seu posto?

O homem deu de ombros.

— Meus antepassados andavam com Timur Tamerlão, o Mongol, aquele que gostava de erguer montanhas de crânios. Primeiro nós vamos para a sua base. Vamos de carro. — Passou por ele e abriu a porta, mas Erikki não se moveu, ainda olhando para o khan.

— Eu verei minha mulher esta noite.

— Você a verá quando... — Abdullah Khan parou porque o homem mais velho mais uma vez se inclinou e cochichou. Novamente o khan balançou a cabeça, concordando. — Ótimo. Sim, capitão, você a verá esta noite e a cada duas noites. Desde que... — Ele deixou a expressão no ar. Erikki virou-se e saiu.

Quando a porta se fechou atrás deles, a tensão abandonou a sala. O homem mais velho riu.

— Alteza, o senhor foi perfeito, perfeito como sempre.

Abdullah Khan relaxou o ombro esquerdo, incomodado pela dor que sentia na articulação atacada de artrite.

— Ele vai ser obediente, Petr — disse —, mas só enquanto a minha desobediente e ingrata filha estiver ao meu alcance.

— Filhas são sempre difíceis — respondeu Petr Oleg Mzytryk. Ele vinha do norte da fronteira, de Tbilisi, Tiflis.

— Não é assim, Petr. Todas as outras me obedecem e não me causam problemas, mas esta... ela me deixa furioso.

— Então mande-a embora assim que o finlandês tiver feito o que é preciso. Mande os dois embora.

— Os olhos eslavos brilharam na face bondosa e ele acrescentou alegremente: — Se eu fosse trinta anos mais jovem, e ela fosse livre, eu me candidataria a livrá-la dela.

— Se você tivesse pedido antes deste louco aparecer, você poderia tê-la com a minha bênção — Abdullah Khan disse com amargura, embora tivesse notado uma esperança oculta, e ocultasse a surpresa, pondo-a de lado para consideração posterior. — Eu me arrependo de tê-la dado a ele.

Achei que ela também o levaria à loucura. Arrependo-me do meu juramento diante de Deus de deixá-lo vivo. Foi um momento de fraqueza.

— Talvez não. É bom ser generoso, às vezes. Ele realmente salvou sua vida.

— Insha'Allah! Foi um Ato de Deus. Ele foi apenas um instrumento.

— É claro — Mzytryk disse apaziguadoramente. — É claro.

— Este homem é um demônio, um demônio ateu que tem sede de sangue. Se não fosse pelos meus guardas, você mesmo viu, nós estaríamos lutando por nossas vidas.

— Não, não enquanto ela estiver em seu poder para ser manobrada... impropriamente. — Petr sorriu estranhamente.

— Se Deus quiser, eles logo estarão no inferno — disse o khan, ainda furioso por ter tido que manter Erikki vivo para ajudar Petr Oleg Mzytryk, quando poderia tê-lo entregue ao mujahedins esquerdista e assim livrar-se dele para sempre.

O mulá Mahmud, um dos líderes em Tabriz da facção mujahedins islâmico-marxista que tinha atacado a base, viera até ele há dois dias e lhe contara o que tinha acontecido na barreira da estrada.

— Aqui estão os papéis dele como prova — dissera o mulá com truculência. — Dos dois estrangeiros, que devem ser da CIA, e da moça, sua filha. Assim que ele voltar a Tabriz, nós o levaremos diante do komiteh, o julgaremos, o levaremos para Qazvin e o executaremos.

— Pelo Profeta, vocês não o farão, não enquanto eu não tiver aprovado. — Ele tinha respondido imperiosamente, apanhando os papéis. — Aquele cão danado estrangeiro é casado com a minha filha, não é da CIA, está sob minha proteção até que eu a cancele, e se você tocar num único fio daquele cabelo vermelho ou se meter com ele ou com a base sem minha permissão, eu retirarei todo o meu apoio secreto e nada vai impedir os Faixas Verdes de acabarem com os esquerdistas de Tabriz! Ele será entregue a você quando eu decidir, não você — O mulá se retirara aborrecido e Abdullah tinha imediatamente acrescentado Mahmud à sua lista de prioridades. Quando ele examinou com cuidado os papéis e encontrou o passaporte e a identidade de Azadeh e outros documentos, tinha ficado encantado, pois isso lhe dava um poder extra sobre ela e o marido.

Sim, pensou, olhando para o soviético, ela agora fará qualquer coisa que eu mandar. Qualquer coisa.

— Seja como Deus quiser, mas ela pode ficar viúva muito em breve.

— Vamos esperar que não depressa demais! — A gargalhada de Mzytryk foi gostosa e contagiante.

— Não antes do marido terminar a sua missão.

Abdullah Khan estava satisfeito com a presença do homem e com o seu conselho inteligente, e contente por Mzytryk fazer o que tinha que ser feito. Mas eu vou ter que ser um manipulador de fantoches melhor do que nunca, ele pensou, se quiser sobreviver e se quiser que o Azerbaijão sobreviva.

Por toda a província e em Tabriz a situação agora era muito delicada, com insurreições de vários tipos e facções lutando contra

facções, com dezenas de milhares de soldados soviéticos a postos, do outro lado da fronteira. E tanques. E nada entre eles e o golfo para atrapalhá-los. Exceto eu, ele pensou. E uma vez de posse do Azerbaijão — com Teerã indefensável como a história já provou diversas vezes — então o Irã cairá nas mãos deles como a maçã podre que Krushchev previu. Junto com o Irã, o golfo, o petróleo mundial e Ormuz.

Ele queria urrar de raiva. Maldito xá que não quis ouvir, não quis esperar, não teve o bom senso de esmagar uma rebelião de segunda classe instigada pelos mulás há vinte anos e mandar o aiatolá Khomeini para o inferno como eu aconselhei e pôs em risco o nosso domínio absoluto, inevitável, sobre o mundo inteiro exceto a Rússia, czarista ou soviética — o nosso verdadeiro inimigo.

Nós estávamos tão perto: os Estados Unidos estavam comendo nas nossas mãos, adulando-nos e empurrando-nos as suas armas mais avançadas, implorando-nos para policiar o golfo e assim dominar os malditos árabes, absorver o seu petróleo, torná-los nossos vassalos assim como os seus malditos parasitas, os xeques sunitas, da Arábia Saudita até Omã. Nós poderíamos ter dominado o Kuwait num dia, o Iraque numa semana os xeques sauditas e dos emirados árabes teriam fugido para o deserto implorando piedade! Nós poderíamos conseguir qualquer tecnologia que quiséssemos, navios, aviões, tanques, armas à vontade, até mesmo a bomba atômica, por Deus! — os nossos reatores alemães teriam feito isso para nós.

Tão perto de cumprir a vontade de Deus, nós, os xiitas do Irã, com nossa inteligência superior, nossa história milenar, nosso petróleo e nosso domínio do estreito que, no fim, deverá pôr de joelhos todo o Povo da Mão Esquerda. Tão perto de conquistar Jerusalém e Meca, controlar Meca — a mais Santa das Santas.

Tão perto de nos tornarmos os primeiros sobre a terra, como é nosso direito, mas agora, agora tudo isso está ameaçado e nós temos que começar de novo, e mais uma vez superar os bárbaros satânicos do norte, e tudo por causa de um único homem.

Insha'Allah!, ele pensou, e isso o acalmou um pouco. Mesmo assim, se Mzytryk não estivesse na sala, ele teria gritado e

esbravejado e batido em alguém, em qualquer um. Mas o homem estava aqui e tinha que ser manobrado, os problemas do Azerbaijão tinham que ser contornados, então ele controlou a raiva e meditou sobre a sua próxima jogada. Apanhou o último doce e enfiou-o na boca.

— Você gostaria de se casar com Azadeh, Petr?

— Você gostaria de ter-me, eu que sou mais velho do que você, como genro? — O homem disse com uma risada.

— Se esta fosse a Vontade de Deus — ele respondeu com a quantidade certa de sinceridade e sorriu para si mesmo, pois tinha visto o brilho súbito nos olhos do amigo, rapidamente disfarçado. Então, pensou, você já a deseja tendo-a visto apenas pela primeira vez. E se eu realmente a entregasse a você quando me livrasse do monstro, que vantagem isso me traria? Muitas! Você é qualificado, você é poderoso, politicamente isso seria muito sábio, muito sábio, e você poria algum juízo na cabeça dela e a trataria como ela precisa ser tratada, não como o finlandês, que a trata com mimos. Você seria um instrumento de vingança sobre ela. Há muitas vantagens...

Há três anos, Petr Oleg Mzytryk tinha tomado posse da imensa propriedade que pertencera a seu pai — também um velho amigo dos Gorgons — perto de Tbilisi, onde, por gerações, os Gorgons também possuíam muitas importantes ligações comerciais. Desde então, Abdullah Khan viera a conhecê-lo intimamente, hospedando-se na propriedade durante suas frequentes viagens de negócios. Ele tinha achado Petr Oleg, como todos os russos, muito discreto, revelando muito pouco. Mas, ao contrário da maioria, extremamente prestativo e simpático — e mais poderoso do que qualquer soviético que conhecia, um viúvo com uma filha casada, um filho na marinha, netos — e hábitos estranhos. Ele morava sozinho na enorme propriedade, exceto pelos empregados e por uma mulher de uma beleza estranha e cruel, uma russa-eurasiana chamada Vertinskya, de uns trinta e tantos anos, com quem ele só tinha aparecido duas vezes em três anos, quase como se fosse um tesouro particular. Ela parecia ser ao mesmo tempo escrava, prisioneira, companheira de bebida, meretriz, torturadora e gata selvagem.

— Por que você não a mata e acaba com isso, Petr? — Ele tinha dito um dia em que assistiu a uma violenta discussão e Mzytryk a tinha chicoteado, com a mulher cuspiendo e xingando e lutando até que os empregados a levaram embora arrastada.

— Não... ainda não — dissera Mzytryk, com as mãos trêmulas — ela é... é valiosa demais.

— Ah, sim, sim, agora eu compreendo — dissera Abdullah Khan, igualmente provocado, sentindo quase a mesma coisa a respeito de Azadeh: a relutância em se livrar de um objeto antes que estivesse realmente acovardado, humilhado e rastejante. E ele se lembrou de como tinha invejado Mzytryk pelo fato de Vertinskya ser amante e não filha, de modo que o ato final de vingança pudesse ser consumado.

Que Deus amaldiçoe Azadeh, pensou. Amaldiçoe-a porque podia ser a gêmea da mãe que me deu tanto prazer, ela que me faz lembrar constantemente a minha perda, ela e seu maldito irmão, ambos cópias da mãe na aparência e nos modos mas não em qualidade, ela que era como uma huri do Jardim de Deus. Eu pensei que os nossos dois filhos me amassem e respeitassem, mas não, assim que Naphtala foi para o paraíso a verdadeira natureza deles se manifestou. Eu sei que Azadeh estava conspirando com o irmão para me matar. Eu não tenho a prova? Oh, Deus, eu gostaria de poder espancá-la como Petr faz com a sua Nêmesis, mas não posso, não posso. Toda vez que eu levanto a mão contra ela, eu vejo a minha bem-amada, maldita Azadeh, que Deus a mande para o inferno...

— Acalme-se — disse Mzytryk gentilmente.

— O quê?

— Você parecia tão perturbado, meu amigo. Não se preocupe, tudo vai dar certo. Você encontrará um meio de exorcizá-la.

Abdullah Khan balançou a cabeça gravemente.

— Você me conhece bem demais. — Isso é verdade, ele pensou, pedindo um chá para si mesmo e vodca para Mzytryk, o único homem com quem ele sempre se sentira à vontade.

Eu me pergunto quem você realmente é, ele pensou, observando-o. Há muitos anos, no tempo do seu pai, quando nos encontrávamos na propriedade, você costumava dizer que estava de

licença, mas nunca dizia de licença de quê, eu nunca consegui descobrir, por mais que tentasse. Primeiro, eu achei que fosse do exército soviético, pois uma vez, quando estava bêbado, você me disse que tinha sido comandante de tanques durante a Segunda Guerra Mundial em Sebastopol, indo até Berlim. Mas então eu mudei de ideia e achei mais provável que você e seu pai fossem da KGB ou da GRU, pois ninguém em toda a URSS se recolhe a uma propriedade dessas na Geórgia, a melhor parte do país, sem ter ligações muito importantes e muita influência. Você diz que está aposentado — aposentado de onde?

Ao tentar descobrir a extensão do poder de Mzytryk nos primeiros tempos, Abdullah Khan mencionara que uma célula clandestina de comunistas do Tudeh em Tabriz estava planejando assassiná-lo e ele gostaria que a célula fosse destruída. Isto só era verdadeiro em parte, a verdadeira razão era o fato do filho de um homem que ele secretamente odiava e não podia atacar abertamente fazer parte do grupo. Na mesma semana, todas as cabeças dos membros do grupo foram enfiadas em estacas perto da mesquita com um aviso: ASSIM MORRERÃO TODOS OS INIMIGOS DE DEUS.

Ele tinha derramado lágrimas fingidas no funeral e rido em particular. O fato de Petr Mzytryk ter poder para eliminar uma das suas próprias células significava que ele tinha mesmo poder. E Abdullah Khan viu também a importância que tinha para eles.

— Por quanto tempo você vai precisar do finlandês? — perguntou Abdullah.

— Por algumas semanas.

— E se os Faixas Verdes o impedirem de voar ou o interceptarem? O soviético deu de ombros.

— Vamos esperar que ele conclua a missão. Duvido que haja algum sobrevivente — seja ele ou Cimtarga — caso sejam encontrados deste lado da fronteira.

— Ótimo. Agora voltemos ao que conversávamos antes de sermos interrompidos: você concorda que não haverá apoio ostensivo para os membros do Tudeh aqui, desde que os americanos fiquem de fora e Khomeini não inicie um programa contra eles?

— O Azerbaijão tem sido sempre um foco de interesse para nós. Sempre dissemos que ele deveria ser um Estado independente. Tem riqueza, poder, minerais e petróleo em quantidade mais do que suficiente para sustentá-lo e... — Mzytryk sorriu — e uma liderança esclarecida. Você poderia levantar esta bandeira, Abdullah. Tenho certeza de que você conseguiria todo o apoio necessário para ser presidente. Com nosso reconhecimento imediato.

E então eu seria assassinado no dia seguinte enquanto os tanques estivessem entrando pelas fronteiras, o khan disse a si mesmo sem maldade. Oh, não, meu bom amigo, o golfo é uma tentação grande demais até mesmo para você.

— E uma grande ideia — disse veementemente —, mas eu precisaria de tempo. Enquanto isso eu poderia contar também com o fato dos comunistas do Tudeh virem se voltar contra os insurretos?

O sorriso de Petr Mzytryk permaneceu o mesmo, mas seu olhar mudou.

— Seria estranho se o Tudeh atacasse os seus irmãos de criação. O marxismo-islâmico é defendido por muitos intelectuais muçulmanos. Eu ouvi dizer que até você os apoia.

— Concordo que deve haver um equilíbrio no Azerbaijão. Mas quem mandou os esquerdistas atacarem o campo de aviação? Quem os mandou atacar e incendiar a nossa estação de trem? Quem ordenou que o nosso oleoduto fosse destruído? Obviamente ninguém de bom senso. Ouvi dizer que foi o mulá Mahmud, da mesquita Hajsta. — Ele observou Petr cuidadosamente. — Um dos seus.

— Eu nunca ouvi falar nele.

— Ah — Abdullah Khan disse com uma jovialidade fingida, sem acreditar. — Estou contente, Petr, porque ele é um falso mulá, não é nem mesmo um verdadeiro islâmico-marxista, ele é um agitador.

Foi ele que invadiu a base de Yokkonen. Infelizmente, ele tem quinhentos combatentes apoiando-o, todos igualmente indisciplinados. E recebe dinheiro de algum lugar. E tem ajudantes como Fedor Rakoczy. O que Rakoczy significa para você?

— Não muito — disse Petr, imediatamente, com o mesmo sorriso e o mesmo tom de voz, esperto demais para evitar a pergunta. —

Ele é um engenheiro mecânico em Astará, na fronteira, um dos nossos conterrâneos muçulmanos que parece ter-se juntado aos mujahedins como um dos Combatentes da Liberdade, sem permissão nem aprovação.

Petr manteve o rosto impassível, mas por dentro estava praguejando obscenamente, com vontade de gritar: Meu filho, meu filho, você nos traiu? Você foi mandado para espionar, para se infiltrar no meio dos mujahedins e nos manter informados, só isso! E desta vez você foi enviado para tentar recrutar o finlandês, depois para ir para Teerã e organizar os estudantes universitários, não para se aliar a um cão danado de um mulá ou para atacar campos de aviação ou matar uns vagabundos numa estrada. Você enlouqueceu? Seu idiota, e se você fosse ferido e apanhado? Quantas vezes eu lhe disse que eles — e nós — podemos quebrar a resistência de qualquer um no devido tempo e esvaziá-lo dos seus segredos? É burrice se arriscar assim! O finlandês é importante agora, mas não o suficiente para que você desobedeça as ordens, arrisque o seu futuro, o futuro do seu irmão — e o meu!

Se o filho é suspeito, o pai também é. Se o pai é suspeito, a família também é. Quantas vezes eu lhe disse que a KGB trabalha de acordo com o Livro, destrói aqueles que não obedecem ao Livro, que pensam por si mesmos, que se arriscam e que ultrapassam as instruções.

— Este Rakoczy não é importante — respondeu com suavidade. Fique calmo, ele ordenou a si mesmo, começando a ladainha: Não há com o que se preocupar. Você sabe segredos demais para ser importunado. Assim como o meu filho. Ele é bom, devem estar enganados sobre ele. Ele foi testado muitas vezes, por você e por outros especialistas. Você está seguro. Você é forte, você tem saúde, e você podia surrar e trepar com aquela lindeza da Azadeh e ainda estuprar Vertinskya no mesmo dia.

— O importante é que você é o foco principal do Azerbaijão, meu amigo — ele disse na mesma voz apaziguadora. — Você vai ter todo o apoio de que necessitar e suas opiniões a respeito dos islâmicos-marxistas vão chegar à fonte certa. Você terá o equilíbrio que deseja.

— Ótimo, conto com isso — disse o khan.

— Enquanto isso — e Mzytryk voltou ao motivo principal da sua súbita visita —, e quanto ao capitão inglês? Você pode nos ajudar?

Há dois dias, chegara em sua casa, perto de Tbilisi, um telex altamente secreto, em código, informando-o que o posto secreto da CIA de escuta de radar na face norte de Sabalan fora explodido por sabotadores pouco antes da chegada de grupos simpatizantes locais, que tinham sido enviados para remover todos os livros de código, máquinas cifradas e computadores. "Veja Ivanovitch pessoalmente imediatamente", continuava o telex, usando o nome em código de Abdullah Khan.

"Diga-lhe que os sabotadores eram britânicos — um capitão e dois gurkhas — e um agente da CIA chamado Rosemont (nome de código Abu Kurd), guiados por um dos nossos mercenários que foi morto por eles antes de conseguir conduzi-los até a emboscada. Um dos soldados e o agente da CIA foram mortos durante a fuga e acredita-se que os dois sobreviventes estejam indo para o setor de Ivanovitch. Providencie a cooperação dele. Seção 16/a. Acuse recebimento." Seção 16 significava: esta pessoa ou pessoas são inimigos importantes e devem ser interceptados, detidos e trazidos para interrogatório por quaisquer meios que forem necessários. O Va significava: se isto não puder ser feito, elimine-os sem demora.

Mzytryk tomou um gole de vodca, esperando.

— Nós apreciaríamos a sua ajuda.

— Vocês sempre tiveram a minha ajuda — disse Abdullah. — Mas encontrar dois sabotadores experientes no Azerbaijão, que certamente devem estar disfarçados, é quase impossível. Eles devem ter lugares seguros para se esconder. Há um consulado britânico em Tabriz, e dezenas de rotas pelas montanhas desviando-se daqui. — Ele se levantou e foi até a janela, olhando para fora. Dali ele podia ver o 206 estacionado no pátio, sob guarda. O dia ainda estava sem nuvens. — Se eu estivesse conduzindo esta operação, fingiria estar indo para Tabriz, e em seguida faria a volta e atravessaria o Cáspio. Como foi que eles entraram?

— Cáspio. Mas a pista deles foi seguida vindo para cá. Dois corpos foram encontrados na neve, e as pegadas dos dois homens

se dirigiam para cá.

O fracasso da missão Sabalan tinha causado acessos de raiva. O fato de haver tanto equipamento secreto da CIA assim tão perto provocara infiltrações e compra de informações durante anos. Nas últimas duas semanas, a informação de que alguns postos de radar tinham sido evacuados mas que não foram destruídos na fuga e no pânico que eles tinham ajudado a espalhar, tinha feito os gaviões se prepararem para avançar imediatamente, com força total. Mzytryk, conselheiro-chefe desta região, aconselhara cautela, que eles usassem grupos locais em lugar de soviéticos, para não entrar em choque com Abdullah Khan — seu contato exclusivo e agente mais importante — para não arriscar um incidente internacional.

— É totalmente desaconselhável arriscar um confronto — ele tinha dito, mantendo-se dentro do Livro. E do seu plano particular. — O que é que nós ganhamos com uma ação imediata? Se é que não nos forneceram informações erradas e Sabalan não passa de uma grande cilada, o que é provável?

Uns poucos livros de código que talvez até já tenhamos. Quanto aos computadores avançados, a nossa operação Zatopek já tem isso nas mãos.

Esta era uma operação secreta da KGB altamente controvertida e inovadora, que recebera o nome do corredor tcheco, e que fora preparada em 1965. Com uma verba inicial de 10 milhões de dólares, moeda estrangeira tremendamente escassa, a operação Zatopek deveria adquirir um suprimento contínuo da melhor e mais avançada tecnologia ocidental pela simples compra através de uma rede de companhias fictícias e não pelo método convencional e muito caro do roubo e da espionagem.

"O dinheiro não é nada comparado com os lucros", seu primeiro relatório altamente confidencial para a Central informara quando ele voltou pela primeira vez do Extremo Oriente em 1964. "Há dezenas de milhares de negociantes corruptos e companheiros de viagem que nos venderão o melhor e o mais moderno para ter lucro. Um lucro enorme para um único indivíduo seria uma ninharia para nós — porque economizaremos bilhões em pesquisa e desenvolvimento, que poderemos gastar na nossa Marinha, Força Aérea e Exército. E,

igualmente importante, poderemos economizar anos de suor, trabalho e fracasso. A um custo quase inexistente, podemos nos manter a par de tudo o que seus inventores puderem conceber. Uns poucos dólares por baixo da mesa poderão comprar todos os seus tesouros."

Petr Mzytryk sentiu uma onda de satisfação quando recordou como o seu plano fora aprovado.

Embora naturalmente apresentado por seus superiores como sendo ideia deles, da mesma forma que ele o roubara de um dos seus agentes secretos em Hong Kong, um francês chamado Jacques de Ville, do grande conglomerado da Struan's que lhe tinha aberto os olhos: "Não é contra a lei americana despachar produtos com tecnologia avançada para a França ou para a Alemanha Ocidental ou uma dúzia de outros países, e não é contra a lei desses países uma companhia enviá-los para outros países onde não existam leis suíças contra o embarque de mercadorias para a União Soviética. Negócios são negócios, Gregor, e o dinheiro é que faz o mundo girar. Através da própria Struan's, nós poderíamos fornecer-lhe toneladas de equipamentos que os Estados Unidos proibiram que fossem fornecidos aos soviéticos. Nós negociamos com a China — por que não com vocês? Gregor, vocês marinheiros não entendem de negócios..."

Mzytryk sorriu consigo mesmo. Naquela época ele era conhecido como Gregor Suslev, capitão de um pequeno cargueiro soviético que transitava entre Vladivostok e Hong Kong, o seu disfarce para o trabalho altamente secreto como superintendente do setor da KGB na Ásia.

Durante os anos que se seguiram a 1964, quando eu propus o esquema pela primeira vez, pensou orgulhosamente, com uma despesa total até agora de 85 milhões de dólares, a operação Zatopek economizou bilhões para a Mãe Rússia e proporcionou um fluxo constante e cada vez maior de instrumentos desenvolvidos pela NASA, pelos japoneses, pelos europeus, maravilhas eletrônicas, hardware, software, planos, robôs, micros, remédios e todo o tipo de mágicas para serem copiadas à vontade — equipamento

desenvolvido pelo próprio inimigo e comprado com dinheiro emprestado por eles, que nunca pagaremos. Que idiotas eles são!

Ele quase riu alto. E o que é mais importante ainda, a operação Zatopek me dá uma liberdade de ação para continuar a operar e agir como eu quiser nesta região, para jogar o Grande Jogo que os estúpidos britânicos deixaram escorregar dos seus dedos.

Ele observou Abdullah Khan em pé na janela, esperando pacientemente que ele decidisse qual o favor que ia pedir em troca da captura dos sabotadores. Vamos, Gordo Mau, ele pensou com severidade, usando o apelido que secretamente lhe dera, nós dois sabemos que você pode pegar aqueles matyeryebyets se quiser, se eles ainda estiverem no Azerbaijão.

— Eu farei o que puder — disse Abdullah Khan, ainda de costas para ele, e Mzytryk não disfarçou o sorriso. — Se eu os interceptar, o que faço então, Petr?

— Comunique a Cimtarga. Ele tomará todas as providências.

— Muito bem. — Abdullah Khan balançou a cabeça para si mesmo e voltou a sentar-se. — Está combinado, então.

— Obrigado — disse Petr, muito satisfeito. Uma tal determinação por parte de Abdullah Khan prometia um sucesso rápido.

— Este mulá de que estávamos falando, Mahmud — disse o Khan —, ele é muito perigoso. E também o seu bando de assassinos. Eu acho que eles são uma ameaça para todo mundo. O Tudeh deveria ser instruído para lidar com eles. Em segredo, é claro.

Mzytryk imaginou até que ponto Abdullah sabia do seu apoio secreto a Mahmud, um dos seus convertidos melhores e mais fanáticos.

— Os membros do Tudeh devem ser protegidos, e seus amigos também — Ele viu a súbita onda de irritação, então concordou e acrescentou imediatamente: — Talvez este homem possa ser transferido e substituído. Uma ruptura completa e um fratricídio só ajudariam ao inimigo.

— Esse mulá é um falso mulá e não é um verdadeiro crente de coisa alguma.

— Então ele deverá partir. Rapidamente. — Petr Mzytryk sorriu Abdullah Khan não.

— Muito rapidamente, Petr. Permanentemente. E o seu grupo dissolvido O preço era alto, mas a Seção 16/a tinha-lhes dado suficiente autoridade.

— Por que não rápida e permanentemente, já que você diz que é necessário? Eu concordo em, ahn, passar adiante as suas recomendações. — Mzytryk sorriu e agora Abdullah Khan sorriu também, igualmente satisfeito.

— Estou feliz por concordarmos, Petr. Torne-se um muçulmano para a salvação da sua alma.

— No devido tempo — riu Mzytryk. — Enquanto isso, torne-se um comunista para sua satisfação terrena.

O khan riu, inclinou-se para frente, e tornou a encher o copo de Petr.

— Eu não posso convencê-lo a ficar por uns dias?

— Não, mas obrigado. Depois que tivermos comido, acho que vou iniciar a minha viagem de volta.

Tenho um bocado de coisas para fazer.

O khan estava muito satisfeito. Agora eu já posso esquecer aquele incômodo mulá e seu bando, e é uma preocupação a menos. Mas eu me pergunto o que você faria, Petr, se soubesse que os sabotadores que você procura, o seu capitão e o soldado, estão aqui, na minha propriedade, esperando poder sair em segurança? Mas para onde? Para Teerã ou para você? Eu ainda não decidi.

Oh, eu sabia que você viria implorar a minha ajuda, por que outro motivo eu os mantive em segurança, por que outro motivo eu me encontrei secretamente com eles em Tabriz há dois dias e os trouxe para cá em segredo, senão por sua causa? Talvez. É uma pena que Vien Rosemont tenha sido morto, ele era útil. Mesmo assim, a informação e o aviso contidos no código que ele deu ao capitão para me entregar são mais do que úteis. Ele será difícil de substituir.

Sim, e também é verdade que quando você recebe um favor você tem que prestar outro. O infiel Erikki é só um deles. Ele tocou uma campainha e quando o criado apareceu, ele disse: — Diga a minha filha Azadeh que ela jantará conosco.

33

EM TEERÃ: 16:17H.

Jean-Luc Sessonne bateu com a aldrava de cobre na porta do apartamento de McIver. Ao lado dele estava Sayada Bertolin. Agora que estavam longe da rua e sozinhos, ele agarrou-lhe os seios através do casaco e beijou-a.

— Prometo que. não vamos demorar, e depois voltamos para a cama!

— Ótimo — ela riu.

— Você reservou uma mesa no Clube Francês?

— É claro. Temos bastante tempo.

— Sim, chérie..

Ele estava usando uma grossa e elegante capa de chuva por cima do uniforme de piloto. Seu voo de Zagros fora tumultuado, ninguém respondia aos seus frequentes chamados pelo rádio, embora os canais estivessem cheios de vozes excitadas falando em farsi, que ele não falava nem entendia.

Ele se mantivera na altitude normal e fizera uma aproximação de acordo com os padrões no Aeroporto Internacional de Teerã. Assim mesmo não obteve nenhuma resposta aos seus chamados. A biruta estava cheia e indicava haver um forte vento cruzado. Quatro jumbos estavam no pátio, perto do terminal, junto com outros jatos, um deles uma carcaça queimada. Viu que alguns estavam sendo carregados, cercados por homens, mulheres e crianças demais, sem nenhuma ordem, com as escadas perigosamente apinhadas de gente, e malas e bagagens espalhadas por toda parte. Não viu nenhum policial nem guarda de trânsito, nem do outro lado do terminal onde todas as estradas de acesso estavam entupidas de veículos, formando um enorme engarrafamento. O estacionamento

estava lotado, mas havia ainda mais carros tentando entrar e as calçadas estavam cheias de pessoas carregadas de bagagem.

Jean-Luc agradeceu a Deus por estar voando e não andando e parou no campo próximo de Galeg Morghi, sem problemas. Guardou o 206 no hangar da S-G e conseguiu imediatamente transporte para a cidade, com a ajuda de uma nota de dez dólares. Primeiro parou no escritório de Schlumberger e marcou a viagem de volta para Zagros. Depois foi para o apartamento dela. Sayada estava em casa.

Como sempre, a primeira vez depois de estarem separados há tanto tempo foi imediata, impaciente, bruta, egoísta e mutuamente explosiva.

Ele a conhecera numa festa de Natal em Teerã há um ano, dois meses e três dias atrás. Ele se lembrava daquela noite com todos os detalhes. A sala estava cheia e assim que entrou, ele a percebeu, como se a sala estivesse vazia. Ela estava sozinha, tomando uma bebida, com um vestido branco e transparente.

—Vous parlez français, madame? — ele tinha perguntado, estonteado com sua beleza.

— Sinto muito, m'sieur, só umas poucas palavras. Prefiro falar inglês.

— Então em inglês: estou radiante por tê-la conhecido, mas estou num dilema.

— Oh? Qual?

— Gostaria de fazer amor imediatamente.

— Hein?

— Você é a personificação de um sonho... — Isso teria soado muito melhor em francês, mas não faz mal, ele tinha pensado. — Eu venho procurando por você a vida inteira e preciso fazer amor com você, você é extremamente desejável.

— Mas... mas o meu... marido está ali. Eu sou casada.

— Isto é um empecilho, madame, não um impedimento.

Ela tinha rido e ele soube que ela seria sua. Só mais uma coisa tornaria tudo perfeito.

— Você sabe cozinhar?

— Sim — ela respondera com tanta confiança que ele percebeu que ela seria soberba, que na cama seria divina, e o que ela não

soubesse ele poderia ensinar-lhe. Que sorte ela tem por ter-me conhecido, pensou alegremente, e tornou a bater na porta.

Seus meses juntos tinham voado. O marido dela raramente visitava Teerã. Ele era um banqueiro libanês em Beirute, de ascendência francesa.

— E portanto civilizado — dissera Jean-Luc com total confiança —, e portanto, evidentemente, ele aprovaria a nossa liaison, chérie, caso venha a descobrir. Ele é muito velho comparado com você, é claro que ele aprovaria.

— Eu não tenho tanta certeza, chéri, e ele só tem cinquenta anos e você é...

— Divino — ele dissera, ajudando-a —, como você. — Para ele, isso era verdade. Ele nunca tinha visto um cabelo e uma pele tão macios, pernas tão longas e uma paixão ardente que era um presente dos céus. — Mon Dieu — ele tinha gemido uma noite, mantido no auge da paixão pela magia dela. — Eu morro nos seus braços.

Mais tarde, ela o beijara e trouxera-lhe uma toalha quente, voltando para a cama. Isto foi numas férias em Istambul, no outono do ano anterior, e a sensualidade daquela cidade os envolvera.

Para ela, o caso era excitante, mas não o fim de todos os casos. Ela tinha discutido Jean-Luc com o marido na noite da festa.

— Ah — ele tinha dito, achando graça —, foi por isso que você quis conhecê-lo!

— Sim, eu o achei interessante. Embora sendo francês e totalmente egocêntrico como todos eles. Mas ele me excitou, sim, é verdade.

— Bem, você ficará aqui em Teerã por dois anos, eu não posso ficar mais do que alguns dias por mês; é perigoso demais. E seria uma pena você ficar sozinha toda noite. Não seria?

— Ah, então eu tenho a sua permissão?

— Onde está a esposa dele?

— Na França. Ele fica dois meses no Irã e depois passa um mês com ela.

— Talvez fosse uma boa ideia, esta ligação. Boa para o seu ânimo, boa para o seu corpo, e boa para o nosso trabalho. E o que é

mais importante, desviaria a atenção.

— Sim, isso também me ocorreu. Eu disse a ele que não falava francês e ele oferece muitas vantagens. Ele é membro do Clube Francês.

— Ah! Então eu concordo. Ótimo, Sayada. Diga-lhe que eu sou um banqueiro de ascendência francesa, o que em parte é verdade. Meu trisavô não foi soldado de Napoleão na sua caminhada pelo Oriente Médio em direção à Índia? Diga ao seu francês que nós somos libaneses de várias gerações, não de poucos anos.

— Sim, você está sendo esperto, como sempre.

— Consiga que ele a faça sócia do Clube Francês. Isso seria perfeito! Há um bocado de poder lá. De algum modo, o acordo Irã-Israel tem que ser rompido, de algum modo o xá tem que ser dobrado, de algum modo nós temos que afastar Israel do petróleo do Irã ou o maldito Begin ficará tentado a invadir o Líbano para expulsar os nossos soldados. Com o petróleo iraniano ele conseguiria, e seria o fim de outra civilização. Eu estou cansado de me mudar.

— Sim, sim, eu concordo...

Sayada estava muito orgulhosa. Tanta coisa acontecera naquele ano, era inacreditável! No próximo ano, o líder Yasir Arafat estava convidado para vir a Teerã para um encontro triunfal com Khomeini, em agradecimento ao seu apoio à revolução; as exportações de petróleo para Israel tinham sido suspensas, Khomeini, inimigo fanático de Israel estava instalado no poder — e o xá, pró-Israel, tinha sido expulso, coberto de vergonha. Tantos progressos desde que ela conheceria Jean-Luc. Um progresso inacreditável! E ela sabia que tinha ajudado o marido, que ocupava um lugar de destaque na OLP, agindo como mensageira especial, levando e trazendo mensagens e cassetes de Istambul, do Clube Francês em Teerã — oh, quanta intriga fora necessária para convencer os iraquianos a permitirem a ida de Khomeini para a França, onde ele não seria mais amordaçado — e de todos os tipos de lugares, escoltada pelo meu belo amante. Oh, sim, pensou satisfeita, os amigos e contatos de Jean-Luc foram muito úteis. Em breve voltaremos para Gaza e recuperaremos nossas terras, nossas casas, lojas e vinhedos...

A porta do apartamento de McIver se abriu. Era Charlie Pettikin.

— Meu Deus, Jean-Luc, que diabo você está fazendo aqui? Olá, Sayada, você está mais linda do que nunca, entrem! — Ele trocou um aperto de mão com Jean-Luc e beijou-a dos dois lados do rosto, sentindo o calor que emanava dela.

O longo casaco e o capuz a escondiam quase toda. Ela conhecia os perigos de Teerã e se vestia de acordo: — Isso poupa tantos problemas, Jean-Luc; eu concordo que é estúpido e arcaico, mas eu não quero ser atacada, nem quero que algum imbecil fique sacudindo o pênis para mim ou se masturbe quando eu passar. Isso aqui não é nem nunca será a França. Concordo que é inacreditável que agora, em Teerã, eu tenha que usar uma espécie de chador para ficar segura, quando, há um mês atrás, isso não era preciso. Diga você o que disser, chéri, a velha Teerã acabou para sempre...

De certo modo é uma pena, pensou, entrando no apartamento. Ela tinha o que havia de melhor no Ocidente e no Oriente — e o pior. Mas agora, agora eu tenho pena dos iranianos, principalmente das mulheres. Por que será que os muçulmanos, principalmente os xiitas, são tão bitolados e não deixam suas mulheres se vestirem de uma maneira moderna? Será por serem tão reprimidos e maníacos por sexo? Ou por que eles têm medo delas se destacarem? Por que eles não podem ser abertos como nós, palestinos, ou como os egípcios, shargazianos, dubaianos, ou como os indonésios, paquistaneses e tantos outros? Deve ser impotência. Bem, nada vai me impedir de comparecer à Marcha de Protesto das Mulheres. Como Khomeini ousa tentar trair a nós, mulheres, que fomos lutar por ele nas barricadas?

Estava frio dentro do apartamento, com o aquecimento ainda trabalhando apenas com a metade da potência, e ela conservou o casaco, apenas desabotoou-o para ficar mais confortável, e se sentou num dos sofás. Seu vestido era quente, parisiense, e aberto até a coxa. Os dois homens notaram. Ela estivera ali muitas vezes e achava o apartamento sem vida e desconfortável, embora gostasse muito de Genny.

— Onde está Genny?

— Foi para Al Shargaz esta manhã, no 125.

— Então Mac partiu? — perguntou Jean-Luc.

— Não, só ela, Mac está...

— Não acredito! — disse Jean-Luc. — Ela jurou que jamais partiria sem o velho Duncan!

Pettikin riu.

— Eu também não acreditava. Mas ela foi que nem um carneirinho. — Há tempo de sobra para contar a Jean-Luc o verdadeiro motivo da sua partida, ele pensou.

As corsas andaram ruins por aqui?

— Sim, e estão piorando. Houve muitas outras execuções. — Pettikin achou melhor não mencionar o pai de Xarazade na frente de Sayada. Não havia nenhum motivo para preocupá-la. — Que tal um chá? Eu acabei de preparar Você soube o que aconteceu com a prisão Qasr hoje?

— O quê?

— Foi invadida por uma multidão — disse Pettikin, indo até a cozinha buscar mais xícaras. — Eles arrombaram o portão e soltaram todo mundo, e prenderam alguns Savaks e policiais, e agora corre o boato de que os Faixas Verdes organizaram tribunais ilegais e estão enchendo as celas com quem quer que seja e esvaziando-as ainda mais depressa diante de pelotões de fuzilamento.

Sayada teria dito que a prisão fora libertada e que agora os inimigos da revolução, os inimigos da Palestina, estavam recebendo um castigo justo. Mas ficou calada e escutou atentamente enquanto Pettikin prosseguia: — Mac foi cedo com Genny para o aeroporto, depois para o Ministério, depois vem para cá. Ele deve chegar logo. Como estava o trânsito no aeroporto, Jean-Luc?

— Com quilômetros de engarrafamento.

— O velho mandou o 125 ficar em Al Shargaz umas duas semanas para tirar todo o nosso pessoal, se for necessário, ou para trazer novas turmas.

— Ótimo. Scot Gavallan já está com a licença vencida, e também alguns mecânicos. O 125 pode conseguir uma autorização para parar em Shiraz?

— Vamos tentar na próxima semana. Khomeini e Bazargan querem que a produção de petróleo volte a ser feita com força total,

por isso nós achamos que eles vão cooperar.

— Vocês vão conseguir trazer turmas novas, Charlie? — disse Sayada, perguntando-se se um 125 britânico deveria ter licença para operar tão livremente. Malditos britânicos, sempre sendo coniventes.

— Esse é o plano, Sayada. — Pettikin despejou mais água fervendo no bule e não notou a careta no rosto de Jean-Luc. — A embaixada britânica nos mandou evacuar todo o pessoal que não fosse essencial. Nós já retiramos algum pessoal supérfluo, e Genny, e Johnny Hogg foi apanhar Manuela Starke em Kowiss.

— Manuela está em Kowiss? — Sayada estava tão surpresa quanto Jean-Luc.

Pettikin contou-lhes que ela tinha chegado e que McIver a mandara para lá — Tem tanta coisa acontecendo que é difícil se manter a par de tudo. O que você está fazendo aqui e como vão as coisas em Zagros? Vocês vão ficar para jantar? Quem cozinha esta noite sou eu — Jean-Luc disfarçou o seu horror.

— Sinto muito, mon vieux, hoje é impossível. Quanto a Zagros, lá as coisas estão perfeitas, como sempre; afinal, é o setor francês. Eu estou aqui para apanhar o pessoal da Schlumberger. Volto amanhã de madrugada e terei que trazê-los de volta dentro de dois dias. Como poderia resistir a esse voo extra? — Ele sorriu para Sayada e ela lhe devolveu o sorriso. — Na verdade, Charlie, estou com um fim-de-semana vencido há muito tempo. Onde está Tom Lochart? Quando ele vai voltar para Zagros?

Pettikin sentiu o estômago revirar. Desde que eles receberam a chamada de Rudi Lutz da torre de Abadan há três dias, comunicando que o HBC fora derrubado ao tentar atravessar a fronteira e que Tom Lochart estava "de volta da licença", eles não tinham obtido mais nenhuma informação, exceto uma chamada formal, feita através de Kowiss, dizendo que Lochart estava voltando a Teerã por terra.

Ainda não houvera nenhum inquérito oficial a respeito do sequestro.

Gostaria muito que Tom estivesse de volta, pensou Pettikin. Se Sayada não estivesse aqui, eu contaria tudo a Jean-Luc, ele é mais amigo de Tom do que eu, mas eu não sei quanto a Sayada.

Afinal, ela não faz parte da família, ela trabalha para os kuwaitianos, e este negócio do HBC pode ser considerado como traição.

Distraidamente, ele encheu uma xícara e entregou a Sayada, e serviu outra para Jean-Luc, de chá quente, preto, com açúcar e leite de cabra que nenhum deles gostava, mas aceitaram por delicadeza.

— Tom fez o que tinha de fazer — disse cautelosamente, fazendo isso parecer sem importância. — Ele partiu anteontem de Bandar Delam, por terra. Deus sabe quanto tempo ele vai levar para chegar, mas já devia ter chegado ontem à noite. Facilmente. Esperemos que chegue hoje.

— Isso seria perfeito — disse Jean-Luc. — Então ele poderia levar o grupo da Schlumberger para Zagros e eu tiraria alguns dias de licença.

— Você acabou de ter uma licença. E está no comando.

— Bem, pelo menos ele pode voltar comigo, assumir a base e eu volto para cá no domingo. — Jean-Luc sorriu para Sayada. — Voilà, está tudo arranjado. — Sem perceber, ele tomou um gole do chá e quase engasgou. — Mon Dieu, Charlie, eu o amo como a um irmão, mas isso é merde.

Sayada riu e Pettikin o invejou. De qualquer modo, pensou, com o coração disparando, o voo da Alitalia de Paula deve estar voltando a qualquer momento... o que eu não daria para que os seus olhos se iluminassem por mim como os de Sayada pelo M'sieur Sedução.

É melhor ir com calma, Charlie Pettikin. Você poderia fazer papel de idiota. Ela tem 29 anos, você tem 56, e só conversou com ela umas poucas vezes. Sim. Mas ela me excita mais do que eu me lembro de ter-me sentido excitado há anos e agora eu posso entender por que Tom Lochart se apaixonou por Xarazade.

A campainha do transmissor-receptor de alta frequência que estava na mesinha começou a tocar. Ele se levantou e aumentou o volume.

— QG de Teerã, vá em frente!

— Aqui é o capitão Ayre em Kowiss para o capitão McIver. Urgente. — A voz estava baixa e acompanhada de estática.

— Aqui é o capitão Pettikin, o capitão McIver não está aqui no momento. Você está em dois por cinco. — Era uma medida, de um a cinco, relativa à força do sinal. — Posso ajudar?

— Alerta Um. Jean-Luc resmungou.

— O que há entre Freddy e você? Capitão Ayre e capitão Pettikin?

— É apenas um código — disse Pettikin, distraidamente, olhando para o aparelho, e a atenção de Sayada aumentou. — Está apenas sendo desenvolvido e significa que alguém está presente ou está ouvindo, alguém que não deveria estar. Um inimigo. Respondendo com a mesma formalidade, você dá a entender que compreendeu a mensagem.

— Isso é muito inteligente — disse Sayada. — Vocês têm muitos códigos, Charlie?

— Não, mas estou começando a desejar que tivéssemos. É horrível não saber o que está acontecendo na realidade. Nenhum contato direto, nenhuma correspondência, nem telefones e o telex uma droga com tantos malucos armados se metendo conosco. Por que eles não entregam as armas e nos deixam viver em paz?

O HF zumbia sem parar. Lá fora, o dia estava nublado e feio, com as nuvens prometendo mais neve, e a luz do cair da tarde fazia os telhados e até as montanhas parecerem sem vida. Eles esperaram impacientemente.

— Aqui é o capitão Ayre de Kowiss... — Mais uma vez a voz estava acompanhada de estática e eles tiveram que se concentrar para poder ouvir. — ...primeiro vou transmitir uma mensagem recebida de Zagros Três há poucos minutos atrás, do capitão Gavallan. — Jean-Luc ficou tenso. — A mensagem dizia exatamente: "Pan pan pan" — o sinal de socorro da aviação aérea internacional que vinha logo abaixo de Mayday. — "Acabei de ser informado pelo komiteh local que não somos mais persona grata em Zagros e que devemos evacuar da área todos os estrangeiros das nossas plataformas, dentro de 48 horas, senão... Solicito instruções imediatas". Fim da mensagem. Você anotou?

— Sim — disse Pettikin, apressadamente, rabiscando algumas anotações.

— Isso foi tudo o que ele disse, mas pareceu perturbado.

— Vou informar ao capitão McIver e chamá-lo de volta o mais depressa possível. — Jean-Luc inclinou-se para a frente e Pettikin deixou que ele tomasse o microfone.

— Aqui é Jean-Luc, Freddy, por favor comunique-se com Scot e diga a ele que estarei de volta, conforme o planejado, amanhã, antes do meio-dia. Foi bom falar com você, obrigado. Charlie vai falar. — E devolveu o microfone, tendo perdido todo o bom humor.

— Farei isso, capitão Sessonne. Foi bom falar com você. Outra coisa: o 125 recolheu o nosso pessoal bem como a sra. Starke, inclusive o capitão Jon Tyrer que tinha sido ferido num contra-ataque mal sucedido de grupos de esquerda, em Bandar Delam...

— Que ataque? — murmurou Jean-Luc.

— E a primeira vez que ouço falar nisso. — Pettikin ficou tão perturbado quanto ele.

— ...e, de acordo com o planejado, trará de volta equipes de substituição dentro de poucos dias.

Outra coisa: o capitão Starke... — Todos eles perceberam a hesitação e a ansiedade, e a transmissão curiosamente artificial, como se a informação estivesse sendo lida: — O capitão Starke foi levado para Kowiss para ser interrogado por um komiteh ...— Os dois homens prenderam a respiração. — ...para esclarecer fatos relativos a uma fuga em massa num helicóptero, de oficiais da Força Aérea, pró-xá, de Isfahan, no dia 13, terça-feira passada, que se acredita estivesse sendo pilotado por um europeu. E mais: as operações aéreas continuam a melhorar sob a estrita supervisão da nova gerência. O sr. Esvandiary agora é o nosso novo gerente de área da IranOil e quer que assumamos todos os contratos da Guernsey. Para fazer isso, precisaríamos de mais três 212 e um 206. Por favor, envie instruções. Nós precisamos de peças de reposição para HBN, HGX e HKJ, e de dinheiro para pagamento de salários atrasados. Isso é tudo, por enquanto.

Pettikin continuou a escrever, com o cérebro mal funcionando.

— Eu, ahn, anotei tudo e vou informar ao capitão McIver assim que ele voltar. Você disse, ahn, você disse "um ataque em Bandar Delam". Por favor, informe os detalhes.

Só se ouvia o barulho da estática. Eles esperaram. Então mais uma vez ouviu-se a voz de Ayre, agora não mais artificial: — A única informação que tenho é que houve um ataque anti-aiatolá Khomeini, que o capitão Starke e o capitão Lutz ajudaram a sufocar. Depois, o capitão Starke trouxe os feridos para cá para tratamento. Do nosso pessoal, só Tyrer foi ferido. Isso é tudo.

Pettikin sentiu um filete de suor no rosto e enxugou-o.

— O que... o que aconteceu com Tyrer? Silêncio. Então: — Um ligeiro ferimento na cabeça. O dr. Nutt diz que ele vai ficar bom.

— Charlie, pergunte a ele o que significa isso sobre Isfahan — disse Jean-Luc.

Como num sonho, Pettikin viu os seus dedos apertarem o botão de transmissão.

— O que significa isso sobre Isfahan? Eles esperaram em silêncio. Então: — Não possuo nenhuma outra informação além da que dei a vocês.

— Tem alguém dizendo-lhe o que falar — murmurou Jean-Luc. Pettikin apertou o botão de transmissão, depois mudou de ideia. Havia tanta coisa a perguntar que Ayre não poderia responder.

— Obrigado, capitão — ele disse, satisfeito de que sua voz soasse mais firme. — Por favor, peça a 'Pé-quente' para enviar por escrito o seu pedido de helicópteros extras, sugerindo a duração do contrato e o plano de pagamento. Mande pelo 125 quando ele for levar o pessoal substituto.

Mantenha-nos... mantenha-nos informados a respeito do capitão Starke. McIver se comunicará com você o mais cedo possível.

— Entendido. Desligo.

Agora só havia estática. Pettikin mexeu nos botões. Os dois homens olharam um para o outro, sem se lembrarem de Sayada, que ficou sentada, quieta, no sofá, sem perder nada.

— Estrita supervisão? Isso parece mau, Jean-Luc.

— Sim. Provavelmente significa que eles têm que voar com Faixas Verdes armados. — Jean-Luc praguejou, com o pensamento em Zagros e em como o jovem Scot reagiria sem a sua liderança. — Merde! Quando eu parti, hoje de manhã, estava tudo ótimo, com a

torre de Shiraz tão prestativa quanto um hoteleiro suíço fora da estação. Merde!

Pettikin lembrou-se subitamente de Rakoczy e de como ele estivera perto de um desastre. Por um segundo, pensou em contar a Jean-Luc, depois resolveu não fazê-lo. Notícias velhas!

— Talvez devêssemos contatar o controle de Shiraz para pedir ajuda?

— Mac pode ter alguma ideia. Mon Dieu, as coisas também não parecem boas para o lado de Duke: esses komitehs estão se espalhando como praga. É melhor Bazargan e Khomeini lidarem com eles depressa, antes que sejam engolidos. — Jean-Luc levantou-se, muito preocupado, e espreguiçou-se, então viu Sayada enroscada no sofá, com sua xícara de chá intacta na mesinha ao lado e sorrindo para ele.

Imediatamente, o seu bom humor voltou. Não há nada mais que eu possa fazer pelo jovem Scot no momento, ou por Duke, mas há algo que posso fazer por Sayada.

— Sinto muito, chérie, disse com um sorriso. — Você está vendo, sempre acontecem problemas em Zagros quando eu não estou lá. Charlie, nós vamos agora. Eu tenho que dar uma olhada no apartamento, mas voltamos aqui antes do jantar. Digamos às oito horas; nessa altura Mac já deve ter chegado, não?

— Sim. Vocês não querem um drinque? Sinto muito, mas não temos vinho. Uísque? — Ele ofereceu meio sem vontade, porque era a última garrafa.

— Não, obrigado, mon vieux. — Jean-Luc vestiu o casaco, certificou-se no espelho de que estava tão elegante como sempre, e pensou nos caixotes de vinho e nas latas de queijo que tivera o bom senso de mandar a esposa estocar no apartamento. — À bientôt, vou trazer-lhes uma garrafa de vinho.

— Charlie — disse Sayada, controlando-se cuidadosamente, como vinha fazendo desde que o HF

começou a se manifestar —, o que Scotty quis dizer a respeito de uma fuga de helicóptero?

Pettikin deu de ombros.

— Há todo o tipo de boatos a respeito de fugas, por terra, mar e ar. E sempre dizem que os 'europeus'

estão envolvidos — ele respondeu, esperando parecer convincente. — Nós levamos a culpa de tudo.

E por que não?, vocês são responsáveis, pensou Sayada Bertolin, sem malícia. Politicamente, ela estava encantada por vê-los suando. Pessoalmente, não. Ela gostava dos dois e da maioria dos pilotos, especialmente de Jean-Luc, que lhe dava enorme prazer e sempre a divertia. Eu tenho sorte em ser palestina, disse a si mesma, e cristã copta, de uma linhagem antiga. Isso me dá forças que eles não têm, a consciência de uma herança que remonta aos tempos bíblicos, uma compreensão da vida que eles nunca poderiam alcançar, bem como a capacidade de dissociar política de amizade e cama — enquanto for necessário e prudente. Nós não tivemos trinta séculos de treinamento de sobrevivência? Gaza não existe há três mil anos?

— Existe um boato de que Bakhtiar fugiu do país e foi para Paris.

— Eu não acredito nisso, Charlie — disse Sayada. — Mas há outro boato em que acredito — acrescentou, notando que ele não tinha respondido à sua pergunta sobre o helicóptero de Isfahan. — Parece que o general Valik e sua família fugiram para se juntar aos outros sócios em Londres. Parece que eles ficaram com milhões de dólares.

— Sócios? — Jean-Luc disse desdenhosamente. — Ladrões, todos eles, seja aqui ou em Londres, a cada ano que passa ficam piores.

— Nem todos são assim tão maus — disse Pettikin.

— Aqueles crétins roubam o suor da nossa testa, Sayada. Eu estou estarecido com o velho Gavallan por tê-los deixado fazer isso — retrucou Jean-Luc.

— Deixe disso, Jean-Luc — disse Pettikin. — Ele os enfrenta passo a passo.

— Passo a passo do nosso caminho, meu velho. Somos nós que pilotamos, não ele. Quanto a Valik...

— Jean-Luc deu de ombros com um exagero gaulês. — Se eu fosse um iraniano rico, teria partido há meses atrás, com tudo que pudesse juntar. Há meses já era óbvio que o xá perdera o controle

da situação. Agora é a Revolução Francesa e o Terror se repetindo de novo, mas sem o nosso estilo, inteligência, civilização ou educação. — Ele sacudiu a cabeça, desgostoso. — Que desperdício!

Quando se pensa em todos os séculos de ensinamentos e riqueza que nós, franceses, empregamos tentando ajudar este povo a sair da Idade Média, e o que foi que eles aprenderam? Nem mesmo a fazer um pão decente.

Sayada riu e, ficando na ponta dos pés, beijou-o.

— Ah, Jean-Luc, eu amo você e a sua segurança. Agora, mon vieux, temos que ir, você tem um monte de coisas para fazer.

Depois que eles saíram, Pettikin foi até a janela e olhou para os telhados lá fora. Havia os inevitáveis tiroteios esporádicos e um pouco de fumaça perto de Jaleh. Não era um incêndio grande.

Uma brisa gelada espalhava a fumaça. As nuvens cobriam as montanhas. O frio que vinha da janela era muito forte; gelo e neve cobriam o parapeito. Na rua, lá embaixo, havia muitos Faixas Verdes. A pé ou de caminhão. Então, de todos os minaretes, os muezins começaram a chamar para a oração da tarde. Os chamados pareciam cercá-lo.

Subitamente, ele se encheu de horror.

NO MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA: 17:04H.

Duncan McIver estava sentado, exausto, numa cadeira de madeira num canto da ante-sala lotada do ministro. Estava com frio e com fome e muito irritado. Seu relógio mostrou-lhe que esperava há quase três horas.

Havia uns 12 homens espalhados pela sala, iranianos, franceses, americanos, ingleses e um kuwaitiano usando um galabia — um longo camisolão árabe — e um turbante. Há alguns minutos atrás, os europeus tinham parado educadamente de conversar, uma vez que, em resposta aos chamados dos muezins, que ainda soavam

através das altas janelas, os muçulmanos tinham-se ajoelhado, de frente para Meca, para fazerem a oração da tarde. Esta foi curta e terminou logo e mais uma vez a conversa recomeçou, superficial. Não era conveniente discutir nada de importante num escritório do governo, principalmente agora. A sala era arejada e o ar estava gelado. Todos usavam seus sobretudos, todos igualmente cansados, alguns estoicos, a maioria com ódio, pois todos, como McIver, tinham hora marcada para muito antes.

— Insha'Allah, ele murmurou, mas isso não o ajudou.

Com um pouco de sorte, Gen já estará em Al Shargaz, pensou. Estou muito feliz dela estar fora daqui, e muito feliz por ela ter concordado por si mesma: — Sou eu que tenho que falar com Andy. Não se pode pôr nada por escrito.

— Isso é verdade — ele tinha dito, apesar das suas dúvidas, acrescentando relutantemente: — Talvez Andy consiga fazer um plano que possamos realizar. Mas que não tenhamos que fazê-lo. É perigoso demais. Há rapazes e aviões demais espalhados por aí. É perigoso demais. Gen, você se esquece que nós não estamos em guerra apesar de estarmos no meio de uma.

— Sim, Duncan, mas não temos nada a perder.

— Podemos perder vidas, bem como aparelhos.

— Nós só vamos ver se é exeqüível, não é, Duncan?

A velha Gen é sem dúvida a melhor mensageira que poderíamos ter — se realmente precisássemos de uma. Ela está certa, é perigoso demais escrever isto numa carta: "Andy, a única maneira de sairmos desta confusão é ver se podemos organizar um plano para retirar todos os nossos aparelhos e peças, que estão atualmente sob registro iraniano e que, tecnicamente, são propriedade de uma companhia iraniana chamada CHI..."

— Cristo! Isso é conspiração!

— Partir não é a solução. Nós temos que ficar e trabalhar e pegar o nosso dinheiro quando os bancos abrirem. De algum modo, eu tenho que convencer os sócios a ajudar — ou talvez este ministro possa nos dar uma ajuda. Se ele ajudar, não importa o quanto isso custe, nós poderíamos esperar a tempestade passar aqui mesmo.

Qualquer governo precisa de ajuda para extrair o seu petróleo, eles têm que ter helicópteros e nós vamos conseguir o nosso dinheiro...

Ele levantou os olhos quando a porta se abriu e um funcionário fez sinal para alguém entrar no gabinete. Pelo nome. Não parecia haver nenhuma lógica no modo das pessoas serem recebidas.

Mesmo no tempo do xá, não era nunca por ordem de chegada. Era somente por influência. Ou dinheiro.

Talbot, da embaixada britânica, tinha conseguido o encontro para ele com o assessor do ministro e tinha-lhe dado uma carta de apresentação.

— Sinto muito, meu velho, nem mesmo eu consigo falar com o primeiro-ministro, mas Antazam é uma boa pessoa, fala bem inglês. Não é um desses birutas revolucionários. Ele vai atendê-lo.

McIver tinha voltado do aeroporto pouco antes do almoço e estacionara o mais perto possível dos escritórios do governo. Ao apresentar a carta, em inglês e em farsi, para o guarda da porta principal, ainda com bastante antecedência, o homem o mandara falar com outro guarda, num outro edifício, e depois de mais interrogatórios, para este edifício e de escritório em escritório, até que ele tinha chegado ali, uma hora atrasado e fumegando de raiva.

— Ah, não se preocupe, aga, o senhor tem muito tempo — dissera o funcionário da recepção, amavelmente, para seu alívio em bom inglês, e devolvera-lhe o envelope contendo a carta de apresentação. — Este é o escritório certo. Por favor, entre por aquela porta e sente-se na ante-sala. O ministro Kia vai vê-lo o mais breve possível.

— Eu não quero vê-lo! — McIver explodira. — O meu encontro é com o ministro Antazam!

— Ah, ministro Antazam, sim, aga, mas ele não faz mais parte do gabinete do primeiro-ministro Bazargan. Insha'Allah — disse o jovem, agradavelmente. — O ministro Kia lida com tudo o que diz respeito a, ahn, estrangeiros, finanças e aviões.

— Mas eu insisto... — McIver parou quando atentou para o nome e se lembrou do que Talbot dissera sobre Kia e de como os sócios restantes da CHI tinham plantado esse homem no conselho em

troca de uma enorme soma e nenhuma garantia de assistência. —
Ministro Ali Kia?

— Sim, aga, o ministro Ali Kia vai recebê-lo o mais breve possível. — O recepcionista era um jovem simpático, bem vestido, com um terno, camisa branca e gravata azul, exatamente como nos velhos tempos. McIver tivera a ideia de colocar um pishkesh de 5.000 riais no envelope junto com a apresentação, exatamente como nos velhos tempos. O dinheiro tinha desaparecido.

Talvez as coisas estejam mesmo voltando ao normal, pensou McIver. Ele entrou na outra sala e sentou-se num canto e começou a esperar. No seu bolso havia um outro maço de notas e ele imaginou se deveria tornar a encher o envelope com a quantia certa. Por que não?, pensou, nós estamos no Irã, funcionários sem importância precisam de quantias sem importância, funcionários graduados precisam de dinheiro grosso — perdão, pishkesh. Certificando-se de que não estava sendo observado, colocou algumas notas altas no envelope, depois acrescentou mais algumas por segurança. Talvez esse idiota possa realmente ajudar-nos — os sócios costumavam ter a corte nas mãos, talvez tenham feito o mesmo com Bazargan.

De vez em quando, funcionários apressados passavam com um ar de importância pela ante-sala, com papéis nas mãos, e tornavam a sair. Ocasionalmente, um dos homens que estava esperando era gentilmente convidado a entrar. Sem exceção, eles ficavam lá dentro apenas por poucos minutos e saíam com o rosto pálido, ou vermelho, furiosos, e obviamente de mãos vazias. Aqueles que ainda estavam esperando iam se sentindo cada vez mais frustrados. O tempo passava muito devagar.

— Aga McIver! — A porta do gabinete estava aberta e um funcionário fazia sinal para ele entrar.

Ali Kia estava sentado atrás de uma enorme escrivaninha, sem nenhum papel em cima. Tinha um sorriso nos lábios, mas seus olhos eram pequenos e duros e McIver não gostou dele instintivamente.

— Ah, ministro, quanta gentileza em receber-me — disse McIver, forçando o bom humor e oferecendo-lhe a mão. Ali Kia sorriu educadamente e estendeu-lhe uma mão flácida.

— Por favor, sente-se, sr. McIver. Obrigado por vir ver-me. O senhor tem uma apresentação, eu creio.

O seu inglês era bom, com um sotaque de Oxford, onde ele frequentara a universidade, pouco antes da Segunda Guerra Mundial, com uma bolsa dada pelo xá, ficando lá durante toda a guerra. Ele fez um aceno de mão cansado para o funcionário que estava ao lado da porta. O homem saiu.

— Sim, ahn, era para o ministro Antazam, mas percebo que deveria ser dirigida ao senhor. — McIver entregou-lhe o envelope. Kia tirou a carta, verificou a quantia que havia no envelope, atirou displicentemente o envelope em cima da mesa para mostrar que mais dinheiro seria bem-vindo, leu a nota manuscrita com cuidado, depois colocou-a na sua frente.

— O sr. Talbot é um honrado amigo do Irã, embora seja representante de um governo hostil — disse Kia, com voz suave. — Que ajuda posso dar ao amigo de uma pessoa tão honrada?

— Há três coisas, ministro. Mas talvez eu tenha permissão para dizer o quanto estamos felizes na S-G pelo senhor ter concordado em nos conceder o benefício da sua valiosa experiência, juntando-se ao nosso conselho.

— Meu primo foi muito insistente. Duvido que eu possa ajudar, mas seja como Deus quiser.

— Seja como Deus quiser. — McIver o observava cuidadosamente, tentando compreendê-lo, e não conseguiu explicar o seu desagrado imediato, que teve muito trabalho para esconder. — Primeiro, existe um boato de que todas as joint ventures estão suspensas, dependendo de uma decisão do Komiteh Revolucionário.

— Dependendo de uma decisão do governo — Kia corrigiu-o secamente. — E daí?

— Como isto afetará a nossa sociedade, a CHI?

— Eu duvido que a afete de algum modo, sr. McIver. O Irã precisa dos helicópteros para a produção de petróleo. A Guernsey Aviation fugiu. Parece que o futuro da sua companhia promete ser melhor do que nunca.

McIver disse cautelosamente: — Mas há muitos meses que não somos pagos por serviços prestados no Irã. Temos feito todos os

pagamentos de leasing das aeronaves com dinheiro de Aberdeen e estamos com os aparelhos sobrecarregados em relação à quantidade de trabalho que temos para fazer.

— Amanhã os bancos... o Banco Central deve abrir. Por ordem do primeiro-ministro. E do aiatolá, é claro. Uma parte do dinheiro devido será paga, tenho certeza.

— O senhor poderia nos dar uma ideia de quanto podemos esperar, ministro? — McIver sentiu-se mais esperançoso.

— Mais do que o suficiente para... para continuar com as operações. Eu já providenciei para que o senhor retire as suas turmas, uma vez que os substitutos estejam aqui. — Ali Kia tirou uma pasta fina de uma gaveta e entregou-lhe um papel. Era uma ordem dirigida ao Serviço de Imigração dos aeroportos de Teerã, Abadan e Shiraz, para permitir a saída de pilotos e mecânicos da CHI à medida que outros fossem chegando. A ordem estava mal datilografada mas era legível, em farsi e em inglês, e estava assinada em nome do komiteh responsável pela IranOil e datada da véspera. McIver nunca tinha ouvido falar nele.

— Obrigado. Posso pedir também a sua autorização para que o 125 faça ao menos três viagens por semana nas próximas semanas? É claro que só até que os seus aeroportos internacionais voltem ao normal, para trazer turmas, peças, equipamentos, peças de substituição, e assim por diante, e — ele acrescentou com naturalidade —, para retirar pessoal supérfluo.

— Poderia ser possível aprovar isso — disse Kia. McIver estendeu-lhe o bolo de papéis.

— Eu tomei a liberdade de colocar isso por escrito, para poupar-lhe o trabalho, ministro, com cópias dirigidas ao Controle de Tráfego Aéreo de Kish, Kowiss, Shiraz, Abadan e Teerã.

Kia leu cuidadosamente a primeira cópia. Estava escrita em farsi e em inglês, de uma forma simples e direta, com as formalidades corretas. Seus dedos tremiam. Assiná-las seria ir muito além da sua autoridade, mas agora que o assistente do primeiro-ministro caíra em desgraça, bem como o seu próprio superior — ambos aparentemente destituídos pelo ainda misterioso Komiteh Revolucionário — e com o caos cada vez maior no governo, ele sabia

que tinha que assumir o risco. A necessidade absoluta que tinha de que ele, sua família, e seus amigos tivessem acesso imediato a um avião particular, especialmente um jato, compensava o risco.

Eu posso sempre alegar que o meu superior mandou que eu assinasse, pensou, mantendo o nervoso longe do rosto e dos olhos. O 125 é um presente de Deus — no caso de serem espalhadas mentiras contra mim. Maldito Jared Bakravan! A minha amizade com o cão do bazar quase me envolveu na sua traição contra o Estado; eu nunca emprestei dinheiro na minha vida, nem me meti em conspirações com estrangeiros, nem apoiei o xá.

Para manter McIver na incerteza, ele atirou os papéis ao lado da carta de apresentação, quase com raiva.

— Isso poderia ser aprovado. Haveria uma taxa de 500 dólares por pouso. Isso era tudo, sr. McIver?

— perguntou, sabendo que não. Seu inglês cínico! Você acha que pode me enganar?

— Só mais uma coisa, Excelência — McIver entregou-lhe o último papel. — Nós temos três aparelhos que precisam desesperadamente de manutenção e reparos. Eu preciso de uma autorização de saída para poder mandá-los para Al Shargaz. — Ele prendeu a respiração.

— Não há necessidade de mandar para fora aparelhos tão valiosos, sr. McIver. Conserte-os aqui.

— Oh, eu o faria se pudesse, Excelência, mas não é possível. Nós não temos nem as peças nem os técnicos. E cada dia que um dos nossos helicópteros fica parado custa uma fortuna aos nossos sócios.

Uma fortuna — ele repetiu.

— E claro que o senhor pode consertá-los aqui, sr. McIver, basta trazer as peças e os técnicos de Al Shargaz.

— Fora o custo do aparelho, há o pagamento e as diárias das equipes. É tudo muito caro; talvez eu devesse mencionar que este custo cabe aos sócios iranianos, isso faz parte do acordo... fornecer todas as autorizações de saída necessárias. — McIver continuou a se lamentar. — Nós precisamos ter todo o equipamento existente pronto para cumprir todos os novos contratos da Guernsey se o aia...

se, ahn, quisermos obedecer ao decreto do novo governo de que a produção de petróleo deve ser normalizada. Sem equipamento...

— Ele deixou a frase no ar e mais uma vez prendeu a respiração, rezando para ter escolhido a isca certa.

Kia franziu a testa. Qualquer coisa que custasse dinheiro aos sócios iranianos, agora, sairia parcialmente do seu próprio bolso.

— Em quanto tempo eles seriam consertados e trazidos de volta?

— Se eu puder levá-los dentro dos próximos dois dias, deve levar mais ou menos uma semana.

Mais uma vez Kia hesitou. Os contratos da Guerny, somados aos contratos da CHI já existentes, aos helicópteros, equipamentos, acessórios e peças valiam milhões, dos quais ele agora tinha uma sexta parte — sem ter investido nada, ele riu por dentro.

Principalmente quando tudo era executado, sem custos, por esses estrangeiros. Autorização de saída para três helicópteros? Ele deu uma olhada no relógio. Era um Cartier todo enfeitado — um pishkesh de um banqueiro que, há duas semanas atrás, tinha precisado ter acesso por meia hora, em particular, a um telex que estivesse funcionando. Daqui a poucos minutos, ele tinha um encontro marcado com o chefe do Controle de Tráfego Aéreo e poderia facilmente embrulhá-lo e conseguir a autorização.

— Muito bem — disse, encantado por ser tão poderoso, um funcionário em ascensão, por poder ajudar na implementação da política de petróleo do governo e ao mesmo tempo economizar o dinheiro dos sócios.

— Muito bem, mas as autorizações de saída só serão válidas por duas semanas, a licença vai custar — ele pensou um momento — vai custar cinco mil dólares por aparelho, em dinheiro, antes da saída, e eles deverão estar de volta em duas semanas.

— Eu, eu não vou conseguir arranjar este dinheiro a tempo. Eu poderia dar-lhe um vale, ou cheques para serem descontados num banco suíço — de dois mil dólares por aparelho.

Eles barganharam por alguns momentos e chegaram a 3.100 dólares.

— Obrigado, Aga McIver. — Ali Kia disse gentilmente. — Por favor, saia cabisbaixo para não encorajar aqueles patifes que estão

esperando lá fora.

Quando McIver estava mais uma vez no seu carro, ele apanhou os papéis e olhou para as assinaturas e para o carimbo oficial.

— É quase bom demais para ser verdade — murmurou alto. Agora o 125 está legalizado, Kia diz que a suspensão não vai se aplicar a nós, nós temos vistos de saída para três 212 que são necessários na Nigéria, por 9.310 dólares, contra o valor deles de três milhões, é mais do que justo! Eu nunca achei que iríamos conseguir! — E disse alegremente: — McIver, você merece um uísque! Um uísque bem grande!

NOS ARREDORES, AO NORTE: 18:50H.

Tom Lochart saiu do táxi velho e amassado, e deu uma nota de vinte dólares ao homem. Sua capa de chuva e seu uniforme de piloto estavam amassados e ele parecia muito cansado, sujo, com a barba por fazer e se sentia imundo, mas a sua alegria por estar defronte ao seu próprio edifício e perto de Xarazade depois de tanto tempo espantava qualquer cansaço. Uns poucos flocos de neve estavam caindo, mas ele mal notou ao correr para dentro e subir as escadas — não adiantava tentar o elevador, ele não funcionava há meses.

O carro que tomara emprestado com um dos pilotos em Bandar Delam ficara sem gasolina na véspera, no meio do caminho para Teerã, e com um defeito no marcador de gasolina. Ele o deixara numa garagem e conseguira pegar um ônibus e, depois outro, depois de enguiços, atrasos e desvios, chegara ao terminal de Teerã há duas horas. Sem lugar para se lavar, sem água corrente, os banheiros sempre os mesmos imundos buracos no chão.

Não havia nenhum táxi no ponto nem nas ruas. Nenhum ônibus ia para perto da sua casa. Era longe demais para ir a pé. Então um táxi apareceu e ele o fez parar. Embora estivesse quase lotado, de acordo com o hábito, abriu a porta e forçou a entrada, suplicando

aos outros passageiros que permitissem que ele partilhasse do seu transporte. Foi feito um acordo razoável. Eles ficariam honrados em levá-lo e ele ficaria honrado em pagar por todos eles, ser o último e pagar ao motorista em dinheiro. Dinheiro americano. Era a sua última nota.

Apanhou a chave e tentou abrir a porta, mas a tranca estava passada por dentro, então tocou a campainha, esperando impacientemente pela empregada; Xarazade nunca viria abri-la. Tamborilou alegremente na porta, com o coração cheio de amor por ela. Sua excitação aumentou ao ouvir os passos da empregada se aproximando, a tranca sendo tirada, a porta se abrindo. Uma mulher estranha, usando o chador, encarou-o.

— O que o senhor deseja, aga! — Sua voz era tão rude quanto o seu farsi.. Sua excitação desapareceu, deixando no lugar um grande vazio.

— Quem é você? — perguntou com a mesma grosseria. A mulher começou a fechar a porta, mas ele pôs o pé na frente, impedindo-a. — O que você está fazendo na minha casa? Eu sou Excelência Lochart e esta é a minha casa! Onde está Sua Alteza, minha mulher? Hein?

A mulher olhou-o com um ar ameaçador, depois caminhou até a porta da sala e abriu-a. Lochart viu pessoas estranhas lá, homens e mulheres, e armas encostadas na parede.

— Que diabo está havendo aqui? — resmungou em inglês e entrou na sua sala de estar. Dois homens e quatro mulheres levantaram os olhos dos seus tapetes, onde estavam sentados de pernas cruzadas ou recostados em almofadas, fazendo uma refeição em frente à sua lareira, onde um fogo crepitava alegremente, com os pratos espalhados ao acaso, sem sapatos, de pés sujos. Um dos homens, mais velho do que os outros, com cerca de quarenta anos, estava com a mão numa automática enfiada no cinto.

Lochart ficou cego de raiva, sentindo a presença daqueles estranhos como se fosse um estupro e um sacrilégio.

— Quem são vocês? Onde está minha mulher? Por Deus, saiam Já da m... Parou. O revólver estava apontado para ele — Quem é você, aga!

Com um esforço supremo, Lochart dominou a fúria, com dor no peito — Eu sou... eu sou... esta é... é a minha casa... eu sou o dono.

— Ah, o dono. Você é o dono? — O homem chamado Teymour interrompeu-o com uma risada breve.

— O estrangeiro, o marido da mulher Bate ravan? Vo... — A automática foi apontada quando Lochart fez menção de atacá-lo. — Não faça isso! Eu atiro com muita rapidez e muita pontaria. Revistem-no.

— Disse ao outro homem, que se levantou imediatamente. O homem correu as mãos por ele, demonstrando experiência, tirou-lhe a maleta das mãos e revistou-a.

— Nenhuma arma. Manuais de voo, bússola.. Você é o piloto Lochart?

— Sim — disse Lochart, com o coração batendo forte. — Sente-se ali. Agora!

Lochart sentou-se na cadeira, bem distante do fogo. O homem colocou o revólver no tapete ao seu lado e apanhou um papel.

— Dê isto a ele.

O outro homem obedeceu. O papel estava escrito em farsi. Todos o observavam cuidadosamente.

Lochart levou um certo tempo para decifrar a letra: "Ordem de confisco. Por crimes contra o Estado islâmico, todas as propriedades de Jared Bakravan estão confiscadas, exceto a casa da sua família e sua loja no bazar". Estava assinado em nome de um komiteh por alguém, que ele não conseguiu entender e datava de dois dias atrás.

— Isso... isso é ridículo — Lochart começou a dizer, desamparadamente.

— Sua... Sua Excelência Bakravan foi um dos maiores sustentadores do aiatolá Khomeini. Um dos maiores. Deve haver algum engano.

— Não há nenhum engano. Ele foi preso, condenado por agiotagem e executado.

Lochart encarou-o, perplexo.

— Tem... tem que haver algum erro!

— Não há nenhum erro, aga. Nenhum — disse Teymour, com uma ponta de delicadeza na voz, vigiando Lochart cuidadosamente,

vendo o perigo que ele representava. — Nós sabemos que você é canadense, um piloto, que esteve fora, que é casado com uma das filhas do traidor e que não é responsável pelos crimes dele, nem pelos dela, caso ela tenha cometido algum. — Sua mão buscou a arma, ao ver Lochart enrubescer. — Eu disse 'se', aga, controle a sua raiva.

— Ele esperou e não apanhou a sua bem conservada Luger, embora estivesse preparado. — Nós não somos agitadores despreparados, nós somos Combatentes da Liberdade, profissionais, e deram-nos estas instalações para guardar para personalidades retardatárias. Nós sabemos que você não é um inimigo, então acalme-se. É claro que isto deve ser um choque para você. Nós entendemos, é claro que entendemos, mas temos o direito de tomar o que é nosso.

— Direito? Que direito vocês têm de..

— Direito de conquista, aga. Algum dia foi diferente? Vocês, britânicos, deviam saber disso melhor do que ninguém. — Sua voz se manteve calma. As mulheres observavam com olhos frios e duros. — Acalme-se. Nenhum dos seus pertences foi tocado. Ainda. — Ele fez um gesto com a mão. — Veja por si mesmo.

— Onde está minha mulher?

— Eu não sei, aga. Não havia ninguém aqui quando chegamos. Nós chegamos esta manhã.

Lochart estava quase louco de preocupação. Se o pai foi condenado, será que a família iria pagar?

Todo mundo? Espere um minuto! Tudo confiscado "...exceto a casa", não era isto que estava escrito no papel? Ela tem que estar lá... Cristo, fica a quilômetros de distância e eu não tenho carro..

Ele estava tentando fazer a cabeça trabalhar.

— Você disse, você disse que nada foi tocado 'ainda'. Você quer dizer que será tocado em breve?

— Um homem inteligente protege os seus bens. Seria aconselhável levar os seus bens para um lugar seguro. Tudo que pertencia a Bakravan ficará aqui, mas e os seus bens? — Ele deu de ombros. — É claro que pode levá-los, nós não somos ladrões — E os bens da minha esposa?

— Os dela também. É claro. Coisas pessoais. Eu já disse que não somos ladrões.

— Quanto... quanto tempo eu tenho?

— Até às cinco horas da tarde de amanhã.

— Isso não é suficiente. Não pode ser até depois de amanhã?

— Até às cinco da tarde de amanhã. Você gostaria de comer alguma coisa?

— Não, não, obrigado.

— Então até logo, aga, mas primeiro dê-me as suas chaves, por favor. Lochart enrubesceu apesar do controle. Tirou as chaves do bolso e entregou-as ao outro homem, que estava próximo. — Você falou em personalidades. Que personalidades?

— Personalidades, aga. Este lugar pertencia a um inimigo do Estado, agora ele é de propriedade do Estado para dar para quem ele quiser. Sinto muito, mas é claro que você compreende.

Lochart olhou para ele, depois para o outro homem e depois para ele de novo. Seu cansaço agora lhe pesava. E sua impotência.

— Eu, ahn, antes de sair eu gostaria de fazer a barba e trocar de roupa. Está bem?

Depois de uma pausa, Teymour disse: — Sim. Hassan, vá com ele.

Lochart saiu, acompanhado por Hassan com ódio deles e de tudo o que estava acontecendo. Seguiu pelo corredor e entrou no seu próprio quarto. Nada fora tocado, embora todos os armários estivessem abertos, bem como as gavetas, e houvesse um cheiro de fumaça de cigarro, mas não havia nenhum sinal de uma partida apressada nem de violência. A cama tinha sido usada. Acalme-se e faça um plano. Eu não posso. Muito bem, então tome um banho, faça a barba e vá até a casa de Mac, não fica muito longe e você pode caminhar até lá. Ele vai ajudá-lo, ele vai emprestar-lhe dinheiro e um carro e você vai encontrar Xarazade na casa de sua família. E não pense em Jared — simplesmente não pense.

PERTO DA UNIVERSIDADE: 20:10H.

Rakoczy chegou a lamparina para mais perto do maço de papéis, diários, pastas e documentos que tinha roubado do cofre da embaixada dos Estados Unidos, e continuou a separá-los. Ele estava sozinho no pequeno quarto de uma casa de cômodos — um de uma série de cômodos semelhantes, a maioria de estudantes, que lhe fora alugado por Farmad, o líder estudantil do Tudeh que tinha sido morto na noite do comício. O quarto era sujo, sem aquecimento, e tinha apenas uma cama, uma mesa trôpega, uma cadeira, e uma janela minúscula. As vidraças estavam rachadas e cobertas com papelão.

Ele riu alto. Tanta coisa acontecera e a um custo tão pequeno. O plano tinha sido muito bom. O tumulto encenado do lado de fora dos portões da embaixada — depois o súbito tiroteio dos telhados em frente, criando pânico, a rápida invasão do prédio — a única oposição tinha vindo dos fuzileiros armados de metralhadoras, e mesmo assim com ordens para não atirar — no tempo justo antes da chegada dos partidários de Khomeini para sufocar a rebelião, matar-nos ou capturar-nos. Protegido pelo pandemônio, correrá para os fundos do prédio, arrombando a porta lateral, depois subirá as escadas dos fundos sozinho, enquanto o seu grupo criava mais tumulto do lado de fora, atirando para o ar, gritando, tomando cuidado para não matar ninguém mas fazendo um bocado de barulho. Um andar, depois o outro, depois correrá pelo corredor gritando com os americanos, duas velhas assustadas e um rapaz: — Para o chão, deitem-se, ou todo mundo morre.

Eles obedeceram apavorados, assim como todos os outros — eu não os culpo, o ataque fora tão súbito e eles estavam tão despreparados, desarmados e foram levados ao pânico. Dentro do quarto.

Vazio, exceto por um empregado iraniano paralisado de medo, com os braços sobre a cabeça, e metade do corpo debaixo da cama. Explodira o cofre rapidamente, pondo tudo na mala, tornara a sair, descendo a escada de três em três degraus, depois fugira em direção à multidão, com Ibrahim Kyabi e os outros a protegê-lo, recuando com perfeição, tendo alcançado todos os objetivos.

A chefia tem que ficar impressionada, ele tornou a pensar, a minha promoção a major tem que estar garantida, e papai vai ficar tão orgulhoso de mim.

— Por Deus e pelo Profeta — disse involuntariamente, enquanto outra onda de felicidade o invadia, sem notar que falara alto. — Eu nunca me senti tão realizado em minha vida.

Ele voltou alegremente ao trabalho. Até agora o cofre não havia revelado nenhum tesouro, mas um monte de documentos a respeito do envolvimento da CIA no Irã, alguns carimbos particulares do embaixador, um livro de código que podia ser importante, contas particulares, algumas joias de pouco valor, algumas moedas antigas. Não importa, pensou. Ainda falta examinar muita coisa, diários e papéis pessoais.

O tempo passou depressa para ele. Em breve Ibrahim Kyabi estaria lá para discutir a Marcha das Mulheres. Ele queria saber como prejudicá-la em favor dos objetivos do Tudeh e contra Khomeini e o xiismo. Khomeini é o verdadeiro perigo, pensou, o único perigo. Aquele velho estranho, ele e a sua intransigência monolítica. Quanto mais cedo ele for levado à presença do Não-Deus, melhor.

Uma corrente de ar gelado entrou pelas vidraças quebradas. Isso não o perturbou. Ele se sentia aquecido, pois estava usando a sua grossa jaqueta de couro, suéter, camisa, roupa de baixo, meias e sapatos grossos. "Use sempre meias e sapatos de boa qualidade para o caso de ter que correr", tinham dito seus professores. "Esteja sempre preparado para correr..."

Ele se lembrou, divertido, da perseguição de Erikki Yokkonen, de tê-lo levado para dentro do labirinto e de tê-lo deixado perdido perto da Casa dos Leprosos. Tenho certeza de que vou ter que matá-lo um dia, pensou. E a gata brava da sua mulher. E quanto a Azadeh? E quanto à filha de Abdullah Khan, Abdullah, o Cruel, que embora valioso como agente duplo está se tornando arrogante demais, independente demais e poderoso demais para a nossa segurança? Sim, mas agora eu gostaria que tanto o marido quanto a mulher estivessem de volta a Tabriz, fazendo o que precisamos que façam. E quanto a mim, eu gostaria de estar de licença de novo. Em casa,

em segurança, outra vez Igor Mzytryk, capitão da KGB, em casa com Delaurah, envolvendo-a com os meus braços, na nossa linda cama com os mais finos lençóis da Irlanda, seus olhos verdes brilhando, sua pele macia como pêsego, e tão linda. Daqui a sete semanas nasce o nosso primogênito. Oh, eu espero que seja um filho...

Com parte da audição — já que seu ouvido estava sempre atento a qualquer sinal de perigo — ele ouviu os muezins chamando para a oração da noite. Começou a limpar a pequena mesa. Muito em breve Ibrahim Kyabi estaria lá e não havia necessidade do rapaz tomar conhecimento de coisas que não lhe diziam respeito. Ele guardou tudo, rapidamente, na sacola. Levantou uma tábua do assoalho e colocou a sacola no buraco que havia por baixo e que continha também uma automática carregada, de reserva, cuidadosamente embrulhada em oleado e meia dúzia de granadas britânicas. Um pouco de terra espalhada nas fendas e não havia mais sinal do esconderijo. Diminuiu a chama da lamparina e afastou as cortinas. Havia um pouco de neve do lado de dentro do parapeito. Satisfeito, ficou esperando. Passou-se meia hora. Kyabi não costumava se atrasar.

Então ele escutou passos. Apontou a automática para a porta. O código da batida foi impecável; mesmo assim, quando destrancou a porta, encostou-se na parede e escancarou-a, pronto para atacar, caso fosse um inimigo. Mas era Ibrahim Kyabi, todo agasalhado e satisfeito por estar lá.

— Sinto muito, Dimitri — disse, batendo com os pés, com um pouco de neve presa no seu cabelo escuro e crespo —, mas os ônibus são quase inexistentes.

Rakoczy tornou a trancar a porta.

— A pontualidade é importante. — Você queria saber quem era o mulá que estava no helicóptero de Bandar Delam quando o seu pai foi assassinado, pobre homem. Eu consegui o nome para você. — Ele viu os olhos do rapaz se iluminarem e disfarçou um sorriso. — Seu nome é Hussein Kowissi e ele é o mulá de Kowiss. Você conhece o lugar?

— Não, não, eu nunca estive lá. Hussein Kowissi? Ótimo. Obrigado.

— Eu o chequei para você. Ele parece ser um anticomunista fanático, fanático por Khomeini, mas na realidade ele é um agente da CIA.

— O quê?

— Sim — disse Rakoczy, com a informação errada perfeitamente justificada. — Ele passou alguns anos nos Estados Unidos, mandado pelo xá, fala inglês fluentemente e foi secretamente aliciado por eles quando era estudante. O seu antiamericanismo é tão falso quanto o seu fanatismo.

— Como é que você consegue fazer isso, Dimitri? Como consegue descobrir tanta coisa tão depressa... sem telefones, telex, nem nada?

— Você se esquece que cada ônibus leva alguns dos nossos, cada táxi, caminhão, aldeia, agência de correios. Não se esqueça — ele acrescentou com convicção —, não se esqueça de que as massas estão do nosso lado. Nós somos as massas.

— Sim.

Ele viu a dedicação do rapaz e compreendeu que Ibrahim era o instrumento correto e que estava pronto.

— O mulá Hussein ordenou que os Faixas Verdes matassem seu pai, acusando-o de ser um fantoche dos estrangeiros.

A cor fugiu do rosto de Kyabi.

— Então... então eu quero pegá-lo. Ele é meu.

— Isso deveria ser deixado para profissionais. Eu vou providenciar.

— Não. Por favor. Eu tenho que me vingar.

Rakoczy fingiu pensar a respeito, disfarçando a satisfação. Hussein Kowissi já fora marcado para morrer há algum tempo.

— Dentro de poucos dias eu vou arranjar armas, um carro e um grupo para ir com você.

— Obrigado. Mas eu só vou precisar disto. — Kyabi tirou uma faca do bolso, com as mãos tremendo. — Isto e uma ou duas horas, e um pouco de arame farpado e eu mostro a ele até onde vai a vingança de um filho.

— Ótimo. Agora a Marcha das Mulheres. Está definitivamente marcada para daqui a três dias. O qu... — Ele parou horrorizado,

deu um pulo repentino em direção à parede lateral, puxando um nó meio disfarçado. Uma parte da parede se abriu dando acesso à escada de incêndio às escuras. — Venha — ele ordenou e saiu correndo pelas escadas, com Kyabi seguindo-o às cegas, aterrorizado.

Nesse momento, sem nenhum aviso, a porta foi violentamente aberta, sendo quase arrancada das dobradiças, e os dois homens que a haviam arrombado quase caíram dentro do quarto, seguidos por outros. Eram todos iranianos, todos usavam faixas verdes e saíram correndo atrás deles, com as armas prontas.

Eles desceram as escadas pulando os degraus, perseguidores e perseguidos, tropeçando e quase caindo, tornando a se equilibrar e correndo para o meio da rua e para o meio da noite para o meio da multidão, e então Rakoczy foi direto para a armadilha e para os braços deles. Ibrahim Kyabi não hesitou, apenas mudou de direção e atravessou a rua voando, entrou numa ruazinha apinhada de gente e foi engolido pela escuridão.

Num velho carro estacionado em frente à saída de incêndio, Robert Armstrong tinha visto os seus homens entrarem, Rakoczy ser apanhado e Kyabi escapar. Rakoczy fora rapidamente enfiado num caminhão que estava esperando, antes que as pessoas que estavam na rua percebessem o que estava acontecendo. Dois dos Faixas Verdes caminharam na direção de Armstrong, ambos mais bem vestidos do que comumente. Ambos possuíam cartucheiras no cinto para as suas Mausers. As pessoas se afastavam deles, inquietas, olhando-os disfarçadamente, querendo evitar problemas. Os dois homens entraram no carro e Armstrong se afastou, e os Faixas Verdes restantes se misturaram com os pedestres.

Em poucos minutos, Robert Armstrong era parte do tráfego engarrafado. Os dois homens tiraram as suas faixas verdes e as guardaram no bolso.

— Sinto muito termos perdido aquele filho da mãe, Robert — disse o mais velho dos dois, num inglês fluente, com sotaque americano. Era um homem de cara raspada, de uns cinquenta anos, coronel Hashemi Fazir, superintendente-chefe do Serviço Secreto,

treinado nos Estados Unidos e membro da Savak antes da formação do Serviço Secreto.

— Não se preocupe, Hashemi — disse Armstrong. O mais jovem, sentado no banco de trás, disse: — Nós temos Kyabi no filme tirado durante o tumulto na embaixada, aga. E na universidade. — Ele estava na casa dos vinte, tinha um vasto bigode e seus lábios se curvavam cruelmente. — Nós o apanharemos amanhã.

— Agora que ele está fugindo, se eu fosse você não teria tanta certeza, tenente — disse Armstrong, dirigindo cuidadosamente. — Já que ele está marcado, apenas siga-o. Ele pode levá-lo a peixes mais graúdos. Ele o levou a Dimitri Yazernov. Os outros riram.

— Sim. Sim, é verdade.

— E Yazernov vai nos levar a todo tipo de pessoas e lugares interessantes.

— Hashemi acendeu um cigarro, oferecendo-o. — Robert?

— Obrigado. — Armstrong deu uma tragada e fez uma careta. — Meu Deus, Hashemi, estes cigarros são horríveis. Eles vão matá-lo.

— Como Deus quiser. — Então Hashemi citou em farsi: — "Lave-me com vinho quando eu morrer, /

No meu funeral, leia um texto que se refira a vinho, / Se quiser me encontrar no dia do Juízo Final, /

Procure por mim na poeira da loja de vinho."

— São os cigarros que vão matá-lo, não o vinho — disse Armstrong secamente, com a bela melodia das palavras em farsi ecoando.

— O coronel estava citando um trecho do Rubaiyat de Ornar Khayyam — o rapaz falou lá de trás, em inglês. — Isso quer dizer...

— Ele sabe o que significa, Muhammad — interrompeu-o Hashemi. — O sr. Armstrong fala perfeitamente o farsi. Você ainda tem muito o que aprender. — Ele fumou por algum tempo, observando o tráfego. — Pare o carro um momento, sim, Robert?

Quando o carro parou, Hashemi disse: — Muhammad, volte para o QG e espere por mim lá. Certifique-se de que ninguém. Ninguém!

Chegue a Yasernov antes de mim. Diga à equipe para verificar, somente, se está tudo pronto. Eu quero começar à meia-noite.

— Sim, coronel. — O homem mais moço deixou-os. Hashemi observou-o desaparecer no meio da multidão.

— Eu bem que gostaria de um uísque com soda bem grande. Continue dirigindo mais um pouco, Robert.

— Claro. — Armstrong saiu com o carro, e olhou para ele, percebendo alguma coisa. — Problemas?

— Muitos. — Hashemi observou o trânsito e os pedestres com a fisionomia fechada. — Eu não sei até quando vamos poder operar, até quando estaremos seguros, nem em quem confiar.

— O que há de novo nisso? — Armstrong sorriu sombriamente. — Esta é uma das contingências do ofício — disse, com a lição bem aprendida depois de 11 anos como consultor do Serviço Secreto, tendo passado antes disso vinte anos na polícia de Hong Kong.

— Você quer estar presente quando Yazernov for interrogado, Robert?

— Sim, se não for atrapalhar.

— O que é que o MI6 quer com ele?

— Eu sou apenas um ex-membro da Divisão Especial da CID, contratado para ajudá-los a montar um serviço equivalente, lembra-se?

— Eu me lembro muito bem. Dois contratos de cinco anos, o último prolongado até o próximo ano, quando você se aposentará com uma pensão.

— Grande esperança! — disse Armstrong, desgostoso. — Khomeini e o governo vão pagar a minha pensão? Grande esperança. — Ele estava bem consciente de que todo o seu trabalho no Irã fora desperdiçado, e com a desvalorização do dólar de Hong Kong, desde que ele se aposentara em 1966, sua verdadeira aposentadoria não valeria nada. — Minha pensão foi por água abaixo. Os olhos escuros endureceram.

— Robert, o que é que o MI6 quer com este desgraçado?

Robert Armstrong franziu a testa. Havia algo muito errado esta noite. O jovem Kyabi não deveria ter escapado da rede e Hashemi está mais nervoso do que um novato no seu primeiro trabalho.

— Pelo que eu sei, eles não querem nada. Sou eu que estou interessado nele. Eu — disse despreocupadamente.

— Por quê?

É uma história tão longa, pensou Armstrong. Será que eu deveria contar-lhe que Dimitri Yasernov é um disfarce para Fedor Rakoczy, o islâmico-marxista russo que vocês estão tentando apanhar há meses? Será que eu deveria contar-lhe que o verdadeiro motivo pelo qual me mandaram ajudá-lo a agarrá-lo hoje à noite é que, inteiramente por acaso, o MI6 descobriu através de um desertor tcheco que o seu verdadeiro nome é Igor Mzytryk, filho de Petr Oleg Mzytryk, que nos meus dias de Hong Kong costumava ser conhecido como Gregor Suslev, o grande espião, que julgávamos morto há muito tempo?

Não, nós não queremos Yasernov, mas nós queremos — eu quero — o pai, que se supõe morar em algum lugar ao norte da fronteira, ao nosso alcance, oh, Deus, fazei com que ele esteja vivo e ao nosso alcance, pois nós adoraríamos arrancar informações daquele desgraçado por todos os meios possíveis — ex-chefe do serviço de espionagem no Extremo Oriente, conferencista em espionagem na Universidade de Vladivostok, membro graduado do Partido e Deus sabe o que mais desde então.

— Eu acho... nós achamos que Yazernov é mais importante do que apenas um elo de ligação entre o Tudeh e os estudantes. Ele é um sócia perfeito do seu dissidente curdo, Ali bin Hassan Karakose.

— Você quer dizer que eles são o mesmo homem?

— Sim.

— Impossível.

Armstrong deu de ombros. Tinha atirado um osso; se ele não quisesse roê-lo, isso era problema dele.

O trânsito estava engarrafado de novo, com todo mundo buzinando e xingando. O homem corpulento fechou os ouvidos ao barulho e apagou o cigarro iraniano.

Hashemi franziu a testa, observando-o.

— Qual é o seu interesse em Karakose e nos curdos, se é verdade o que você está dizendo?

— Os curdos estão espalhados por todas as fronteiras — disse sem hesitação. — O movimento curdo nacional é muito sensível e fácil para os soviéticos explorarem, com grandes implicações

internacionais por toda a Ásia Menor. É claro que estamos interessados.

O coronel ficou olhando pela janela, pensativo, com a neve caindo levemente. Um ciclista passou por eles, batendo descuidadamente no lado do carro. Para surpresa de Armstrong — geralmente Hashemi era bem-humorado — ele baixou furiosamente o seu vidro e xingou o rapaz e toda a sua geração. Ele apagou o cigarro com um ar soturno.

— Deixe-me aqui, Robert. Nós começamos com Yazernov à meia-noite. Você é bem-vindo. — Ele fez menção de abrir a porta.

— Espere, meu velho — disse Armstrong. — Nós somos amigos há muito tempo. Que diabo está acontecendo?

O coronel hesitou. Então fechou a porta.

— A Savak foi declarada ilegal pelo governo, assim como todos os departamentos do serviço secreto, inclusive nós, e recebemos ordens de debandar imediatamente.

— Sim, mas o primeiro-ministro já disse a vocês para continuarem, em segredo. Você não tem nada a temer, Hashemi. Você não foi atingido. Você recebeu ordens de esmagar o Tudeh, os fedayins, e os islâmicos-marxistas... você me mostrou as ordens. A operação desta noite não estava dentro dessa linha?

— Sim. Sim, estava. — Mais uma vez Hashemi parou, com a cara fechada e a voz rouca. — Sim, estava, mas... O que você sabe a respeito do Komiteh Revolucionário Islâmico?

— Só que ele parece consistir de homens escolhidos pessoalmente por Khomeini — Armstrong começou a dizer, com honestidade. — Eles têm plenos poderes, nós não sabemos quem são, quantos são, quando ou onde se reúnem, nem se é o próprio Khomeini que o preside.

— Eu sei com certeza que, com a aprovação de Khomeini, no futuro, este komiteh será investido de todo o poder, que Bazargan é apenas um testa de ferro momentâneo enquanto o Komiteh Revolucionário elabora a nova constituição islâmica que nos fará regredir aos tempos do Profeta.

— Maldição! — resmungou Armstrong. — Nenhum governo eleito?

— Nenhum. — Hashemi estava fora de si de raiva. — Não o que nós entendemos por isso.

— Talvez a constituição não seja aprovada, Hashemi. O povo terá que votar, nem todo mundo é partidário fanático de...

— Por Deus e pelo Profeta, não tente se enganar, Robert! — o coronel disse rispidamente. — A grande maioria é de fundamentalistas, eles só precisam se apoiar nisso. A nossa burguesia, os ricos e a classe média são de Teerã, Tabriz, Abadan, Isfahan, todos apadrinhados pelo xá, um mero punhado se comparados com os outros 36 milhões, a maioria dos quais não sabe ler nem escrever. É claro que qualquer coisa que Khomeini aprove será votada. E nós dois sabemos qual é a sua visão de Islã, do Corão e do Sharia.

— Daqui a quanto tempo... daqui a quanto tempo eles terão a constituição pronta?

— Você entende tão pouco a nosso respeito, depois de todo esse tempo? — disse Hashemi, irritado.

— Assim que conquistamos o poder, nós o usamos antes que ele nos escape. A nova constituição começou a vigorar assim que o pobre infeliz do Bakhtiar foi traído por Carter, traído pelos generais e obrigado a fugir. Quanto a Bazargan, piedoso, honesto, justo e com tendências democráticas, indicado por Khomeini, legalmente primeiro-ministro até as eleições, o pobre imbecil não passa de um bode expiatório para qualquer coisa que dê errado daqui para a frente.

— Você quer dizer que ele vai ser o bode expiatório? Que vai ser levado a julgamento?

— Julgamento? Que julgamento? Eu já não lhe disse o que o Komiteh Revolucionário considera como julgamento? Se eles o acusarem, ele está morto. Insha'Allah! E por último, o motivo pelo qual eu não consigo raciocinar direito e estou tão zangado que preciso me embriagar, é porque eu ouvi dizer hoje à tarde, muito em particular, que a Savak foi secretamente reorganizada, que vai ser rebatizada de Savama — e que Abrim Pahmudi foi nomeado diretor!

— Jesus Cristo! — Armstrong sentiu como se tivesse levado um soco no estômago. Abrim Pahmudi era um dos três amigos de infância do xá, que fora colega de escola dele no Irã e depois na Suíça, que se tornara muito importante no conselho imperial, na Savak. Dizia-se que depois da família do xá ele era o seu conselheiro mais ouvido. Supunha-se que estivesse escondido, esperando por uma oportunidade de negociar com o governo de Bazargan, em nome do xá, a instituição de uma monarquia constitucional e a abdicação do xá em favor do seu filho Reza. — Jesus Cristo! Isso explica muita coisa.

— Sim — disse Hashemi com amargura. — Durante anos o filho da mãe tomou parte em quase todas as reuniões militares ou políticas importantes, em toda conferência de cúpula, todo acordo secreto, e nos últimos dias tomou parte em todas as reuniões importantes com o embaixador dos Estados Unidos, com os generais americanos, participou de toda decisão importante do xá, dos nossos generais, e esteve presente todas as vezes em que se discutiu a respeito de um golpe de Estado, e se rejeitou essa possibilidade. — Ele estava tão zangado que as lágrimas corriam pelo seu rosto. — Nós fomos todos traídos. O xá, a revolução, o povo, você, eu, todo mundo! Quantas vezes nós demos informações a ele durante todos esses anos em que trabalhamos juntos, você e eu, mais de uma dúzia de vezes? Com listas, nomes, contas bancárias, ligações, segredos que só nós poderíamos descobrir e saber. Tudo — tudo por escrito mas com uma única cópia — a regra não era esta? Fomos todos traídos.

Armstrong ficou gelado. É claro que Pahmudi sabia tudo a respeito do seu envolvimento com o Serviço Secreto. Pahmudi tinha que saber tudo de importante a respeito de George Talbot, de Masterson, o seu equivalente na CIA, de Lavenov, o seu equivalente soviético, de todos os nossos planos a curto e longo prazo, nossos planos de invasão, nossas operações para neutralizar as instalações de radar altamente secretas da CIA com homens como o jovem capitão Ross.

— Maldição — ele resmungou, ao mesmo tempo furioso porque suas próprias fontes não o haviam prevenido. Pahmudi, maneiroso,

inteligente, poliglota e discreto. Nem uma vez em todos aqueles anos tinha havido a menor suspeita contra ele. Nunca. Como ele podia ter escapado tão limpo, até do xá que estava constantemente mandando checar e tornar a checar os seus auxiliares mais importantes?

Com todo o direito, pensou. Cinco tentativas de assassinato contra ele, balas no seu corpo e no seu rosto, ele não era o governante de um povo conhecido pela violência, tanto a dirigida contra os seus governantes quanto a dirigida pelos governantes contra o povo?

Cristo! Onde vai acabar tudo isso?

AINDA NO MESMO TRÂNSITO: 9:15H.

McIver se arrastava, bem mais ao sul, dirigindo-se à área do bazar, onde ficava a casa de Jared Bakravan, com Tom Lochart ao seu lado.

— Tudo vai dar certo — disse McIver, doente de preocupação.

— Claro, Mac. Não esquenta.

— Sim, nada de preocupações.

Quando McIver voltou para o seu apartamento depois do encontro com Ali Kia, muito satisfeito, Tom Lochart estava lá, tinha chegado poucos momentos antes. Sua alegria por ter visto Tom Lochart são e salvo dissipou-se imediatamente quando notou a aparência deste e pelas notícias que Pettikin lhe deu a respeito da comunicação por rádio feita por Freddy Ayre sobre Scot Gavallan em Zagros, e sobre o fato de Starke ter sido levado pelo komiteh de Kowiss para interrogatório a respeito da 'fuga de Isfahan'.

— A culpa é toda minha, Mac — tinha dito Tom Lochart.

— Não, a culpa não é sua, Tom. Nós dois caímos numa cilada. De qualquer modo, fui eu que dei permissão para o voo, não que isso tenha ajudado Valik. Eles estavam todos a bordo; como foi que você conseguiu sair? Conte-nos o que aconteceu, depois eu chamo Freddy. Você quer um drinque?

— Não, não, obrigado. Ouça, Mac, tenho que encontrar Xarazade. Ela não estava em casa, eu estou com esperanças de que ela esteja na casa do pessoal dela e eu tenho...

— Ela está lá, eu sei que está, Tom. Erikki me disse, pouco antes de partir esta manhã para Tabriz.

Você já soube o que aconteceu com o pai dela?

— Sim, eu soube, uma coisa terrível! Você tem certeza de que ela está lá?

— Tenho. — McIver caminhou pesadamente até o aparador e preparou um drinque enquanto continuava: — Ela não esteve no apartamento desde que você partiu e ela estava bem até... Erikki e Azadeh a viram anteontem. Ontem eles...

— Erikki disse como ela estava?

— Ele disse que ela estava tão bem quanto se poderia esperar. Você sabe como estas famílias iranianas são unidas. Não sabemos mais nada sobre o pai dela, a não ser o que Erikki nos contou: que ele recebera ordens de ir até a prisão como testemunha, e em seguida a família recebeu ordens de apanhar o corpo e foi informada de que ele tinha sido fuzilado por 'crimes contra o Islã". Erikki disse que eles apanharam o, ahn, o corpo e, bem, ontem eles estavam de luto. Sinto muito, mas é tudo. — Ele tomou um gole da bebida e se sentiu melhor. — Ela está em casa, em segurança. Primeiro conte-nos o que aconteceu com você, e depois eu vou ligar para Freddy e nós vamos procurar Xarazade.

Lochart contou rapidamente. Eles escutaram, perplexos.

— Quando Rudi me disse que aquele oficial da Força Aérea iraniana, Abbasi, é que tinha derrubado o HBC, eu quase enlouqueci. Eu... eu desmaiei, e a próxima coisa que me lembro é do dia seguinte.

Abbasi e os outros já tinham ido embora e estava tudo sob controle. Mac, a ideia de Charlie a respeito de um sequestro, isso não vai colar... não tem jeito!

— Nós sabemos disso, Tom — respondera MacIver. — Termine a sua história.

— Eu não consegui uma autorização para voar de volta, então arranjei um carro emprestado, cheguei há umas duas horas e fui

direto para o apartamento. O pior é que ele foi confiscado pelos Faixas Verdes, assim como todas as propriedades do sr. Bakravan, exceto a loja do bazar e a casa onde mora a família.

Lochart contou a eles o que acontecera, acrescentando: — Eu... eu agora sou como um órfão no meio de uma tempestade. Não tenho mais nada, nós não temos nada, Xarazade e eu. — Ele riu e foi uma risada infeliz e McIver pôde ver que ele estava morrendo por dentro. — É verdade que o prédio era de Jared, e também o apartamento e tudo o que está lá dentro, embora... embora uma parte seja o dote de Xarazade... Vamos embora, sim, Mac?

— Primeiro deixe-me ligar para Freddy. O...

— Oh, é claro, desculpe. Estou tão preocupado que não consigo pensar direito.

McIver terminou o seu drinque e foi até o HF. Ele ficou olhando para o aparelho.

— Tom — disse tristemente — o que você quer fazer a respeito de Zagros?

Tom Lochart hesitou.

— Eu podia levar Xarazade para lá comigo.

— É perigoso demais, meu rapaz. Sinto muito, mas é isso. — McIver viu Lochart olhar para dentro de si mesmo, como que a medir-se, e suspirou, sentindo-se muito velho.

— Se Xarazade estiver bem, eu vou voltar com Jean-Luc amanhã de manhã e nós vamos analisar o problema de Zagros, e ela vai no próximo voo para Al Shargaz — disse Lochart. — Dependendo do que encontrarmos em Zagros... se tivermos que fechar, Insha 'Allah, despacharemos todos os nossos operários para Shiraz, para embarcarem nos voos regulares. A companhia vai dizer-lhes para onde ir, e nós removeremos tudo para Kowiss, aparelhos, peças e pessoal. Certo?

— Sim. Enquanto isto, eu irei ao ministro amanhã bem cedo e verei se posso ajeitar as coisas. — McIver ligou o botão de transmissão. — Kowiss, aqui é QG. Está me ouvindo?

Quase instantaneamente: — QG, aqui é Kowiss, capitão Ayre, continue por favor, capitão McIver.

— Primeiro, quanto a Zagros Três: diga ao capitão Gavallan que o capitão Lochart e Sessonne estarão de volta amanhã por volta de meio-dia com instruções. Enquanto isto, prepare planos para obedecer ao komiteh. — Malditos filhos da mãe, pensou, então continuou para o benefício daqueles que estavam escutando: — O gerente de base da IranOil em Zagros deve lembrar ao komiteh que o aiatolá e o governo ordenaram claramente que a produção de petróleo voltasse ao normal. O fechamento de Zagros interferira seriamente com a produção daquela área. Informe ao capitão Gavallan que eu cuidarei disto pessoalmente com o ministro Kia, que, há uma hora atrás, me confirmou esta ordem e me deu permissões por escrito para retirar e substituir turmas com o nosso 125 até...

— Cristo, Mac, que ótimas notícias — ouviu-se pelo rádio.

— Sim... com o nosso 125 até que o serviço regular se normalize. Substituição de pessoal e substituição de aparelhos para executar todo o trabalho extra e cumprir os contratos da Guerney que o governo está nos pedindo para as sumir; portanto eu não entendo as ações do komiteh local.

Entendeu, capitão Ayre?

— Sim senhor. Mensagem perfeitamente clara — O capitão Starke já voltou? Houve um longo silêncio, depois.

— Negativo, QG.

A voz de McIver tornou-se ainda mais fria.

— Chame-me imediatamente assim que ele voltar. Capitão Ayre, cá entre nós, se ele tiver qualquer problema e não estiver de volta à base são e salvo ao amanhecer, eu prenderei todos os nossos aparelhos no solo, em todo o Irã, interromperei todas as nossas operações e mandarei todo o nosso pessoal para fora do Irã.

— Ótimo, Mac — disse baixinho Pettikin. McIver estava concentrado demais para ouvi-lo.

— Entendeu isto, Kowiss? Silêncio. E depois: — Afirmativo.

— No que diz respeito a você — McIver acrescentou, tendo uma ideia repentina —, informe ao major Changiz e a 'Pé-quente' de minha parte que eu estou mandando que você interrompa todas as

operações, inclusive emergências até que Starke esteja de volta à base. Entendeu?

Silêncio, depois: — Afirmativo. A mensagem será transmitida imediatamente.

— Ótimo. Mas apenas a informação que diz respeito à sua base. O resto é segredo até o amanhecer.

— Ele sorriu implacavelmente e depois acrescentou: — Eu farei uma viagem de inspeção assim que o 125 voltar, portanto certifique-se de que todos os relatórios estejam em dia. Mais alguma coisa?

— Não senhor. No momento não. Estamos ansiosos pela sua visita e ficaremos na escuta como sempre Entendido e desligo.

— Isso deve resolver as coisas, Mac, isso vai colocar um marimbondo nos seus rabos — disse Pettikin.

— Talvez sim, talvez não. Nós não podemos interromper as emergências Além das razões humanitárias, isso nos coloca numa posição ilegal e eles podem nos tirar tudo. — McIver terminou o seu drinque e deu uma olhada no relógio.

— Vamos, Tom, não vamos esperar por Jean-Luc, vamos procurar Xarazade.

O trânsito tinha diminuído um pouco mas ainda se arrastava, com a neve grudando no pára-brisa. A estrada estava escorregadia e cheia de neve suja dos lados.

— Vire a direita na próxima esquina — disse Lochart — Certo, Tom. — Eles continuaram em silêncio. McIver virou a esquina — Tom, você assinou a nota do combustível em Isfahan?

— Não, não assinei — Alguém o entrevistou, perguntou o seu nome, alguma coisa desse tipo? Faixas Verdes? Alguma pessoa?

Lochart desviou a mente de Xarazade — Não, não que eu me lembre. Eu era só o "capitão" e parte do cenário. Até onde posso me lembrar, não fui apresentado a ninguém. Valik e... Annoush e as crianças foram almoçar assim que nós pousamos com o outro general. Cristo, eu não consigo nem mesmo me lembrar do nome dele — ah, sim, Seladi. Todo mundo me chamava de "capitão". Eu era apenas uma parte do cenário. Aliás, eu fiquei no hangar com o helicóptero durante todo o tempo em que estivemos lá, vigiando o reabastecimento e checando o aparelho. Eles até me trouxeram

comida numa bandeja e eu comi sentado na cabine. Fiquei lá o tempo todo até que aqueles malditos Faixas Verdes caíram em cima de mim e me arrastaram para fora e me trancaram num quarto. Não houve nenhum aviso, Mac. Eles simplesmente cercaram a base; devem ter tido muita ajuda de dentro. Os desgraçados que me agarraram estavam frenéticos, gritando que eu era da CIA, americano. Eles insistiram nisso o tempo todo, mas estavam mais preocupados em tomar a base do que comigo. Entre à esquerda, Mac. Não está muito longe agora.

McIver continuou a dirigir, inquieto, a região era muito pobre e os transeuntes os observavam atentamente.

— Talvez a gente consiga fazer essa história colar: fingir que o HBC foi sequestrado de Doshan Tappeh por algum desconhecido. Talvez eles não sigam o rastro dele a partir de Isfahan.

— Então por que eles agarraram Duke Starke?

— Rotina. — McIver suspirou profundamente. — Sei que é muito arriscado, mas pode dar certo.

Talvez a história do "americano da CIA" continue valendo e pronto. Deixe crescer um bigode ou uma barba, por via das dúvidas.

Lochart sacudiu a cabeça.

— Isso não vai adiantar. Meu nome está na primeira licença. Nós dois estamos... este é que é o problema.

— Quando você decolou de Doshan Tappeh, quem o viu sair? Lochart pensou por um momento.

— Ninguém. Eu acho que foi Nogger quem supervisionou o abastecimento do aparelho na véspera. O...

— Está certo. Agora eu me lembro, ele estava uma fera, disse que eu estava dando trabalho demais para ele com a jovem Paula na cidade. Havia algum empregado iraniano ou guardas por lá? Você pagou baksheesh para alguém?

— Não, não havia ninguém. Mas eles podem ter gravado a minha voz nos seus gravadores automáticos... — Lochart espiou pela janela. Sua excitação aumentou e ele apontou. — Lá está a curva, estamos perto.

McIver entrou na rua estreita, que só dava para dois carros passarem. Havia neve dos lados subindo pelos muros altos — e

portas e portões dos dois lados. McIver nunca tinha estado ali antes e estava surpreso de que Bakravan, tão rico, morasse numa região tão pobre. Ele era rico, lembrou, estremeçando involuntariamente, e agora está morto por "crimes contra o Estado" — e o que constitui um crime contra o Estado? Mais uma vez ele estremeceu.

— Lá está a porta, ali à esquerda.

Eles pararam ao lado de um monte de neve cheio de lixo. Uma porta indescritível estava cavada no muro alto e mofado. A porta tinha uma faixa de ferro coberta de ferrugem.

— Vamos entrar, Mac.

— Vou esperar um momento, se tudo estiver bem eu vou embora. Estou exausto. — Só há uma solução, pensou McIver, e esticou o braço fazendo Lochart parar. — Tom, nós temos permissão para retirar três 212. Você leva um. Amanhã. Zagros que vá para o diabo. Jean-Luc pode lidar com isso.

Quanto a Xarazade, eu não sei se eles vão deixá-la ir ou não, mas é melhor você sair o mais depressa possível. É a única coisa a fazer; saia enquanto pode. Nós a poremos no próximo voo do 125.

— E quanto a você, Mac?

— Eu? Não precisa se preocupar. Você sai, e se eles a deixarem ir, leve-a também. Jean-Luc pode cuidar de Zagros. Parece que vamos ter que fechar, de qualquer maneira. Está bem?

Lochart olhou para ele.

— Deixe-me pensar a respeito, Mac. Mas obrigado. — Ele saiu. — Eu estarei lá antes do amanhecer. Não deixe Jean-Luc partir sem mim. Podemos decidir lá, está bem?

— Sim. — McIver viu o amigo usar a aldrava antiquada. O som era alto. Os dois homens esperaram, Lochart doente de ansiedade, preparando-se para ser cercado pela família, para as lágrimas de boas-vindas e para as perguntas, tendo que ser gentil quando tudo o que queria era levá-la para o quarto deles e abraçá-la e se sentir seguro, vendo todo aquele pesadelo acabar. Esperando em frente à porta. Depois batendo de novo, mais alto. Esperando. McIver desligara o motor para economizar gasolina, o silêncio fazia a espera ainda pior. Flocos de neve se amontoavam no pára-brisa. Pessoas passavam como fantasmas, todo mundo desconfiado e hostil.

Passos abafados se aproximaram e a vigia abriu só um pedacinho. Os olhos que espiaram Lochart eram frios e duros e ele não reconheceu o pequeno pedaço de rosto que conseguiu ver.

— Sou eu, Excelência Lochart — disse em farsi, tentando parecer normal. — Minha mulher, a senhora Xarazade, está aqui.

Os olhos o examinaram com mais atenção para ver se ele estava sozinho ou acompanhado, examinando o carro atrás dele e McIver sentado na direção — Espere por favor, aga.

A vigia foi fechada. Mais uma vez esperando, batendo com os pés por causa do frio, esperando, depois batendo impacientemente na porta de novo, com vontade de arrombá-la, sabendo que não podia. Mais passos. A vigia tornou a abrir-se. Olhos e rosto diferentes.

— Qual é o seu nome, aga!

Lochart teve vontade de gritar com o homem, mas não o fez.

— Meu nome é aga piloto Thomas Lochart, marido de Xarazade. Abra a porta. Está frio, eu estou cansado e vim ver minha mulher.

Silenciosamente, a vigia foi fechada. Um momento de espera angustiante, depois para o seu alívio ele ouviu a porta sendo destravada. A porta se abriu. O empregado segurava uma lamparina a óleo bem no alto. Mais adiante estava o pátio cercado de muros altos, com uma fonte delicada no meio, árvores e plantas protegidas contra o frio. Do outro lado havia uma outra porta, guarnecida com ferro. Esta porta estava aberta e ele a viu, com sua silhueta se destacando contra a luz. Ele correu e tomou-a nos braços, gemendo e chorando.

A porta da rua foi fechada e as trancas recolocadas.

— Espere! — Lochart gritou para o empregado, lembrando-se de McIver. Então ele ouviu o carro sendo ligado e se afastando.

— O que é, aga! — perguntou o empregado.

— Nada — respondeu e ajudou Xarazade a entrar em casa. Quando ele a viu na luz, seu estômago encheu-se de gelo e sua felicidade desapareceu. O rosto dela estava inchado e sujo, seu cabelo sujo e despenteado, seus olhos vagos, suas roupas amassadas.

— Jesus Cristo... — murmurou, mas ela não prestou nenhuma atenção, apenas continuou agarrada nele, fora de si, gemendo numa mistura de farsi e inglês, com as lágrimas escorrendo pelo rosto. — Xarazade, está tudo bem agora... — ele disse, tentando acalmá-la. Mas ela continuou com aquele lamento monótono. — Xarazade, Xarazade, minha querida, eu estou de volta... está tudo bem... — Ele parou. Era como se não tivesse dito nada e, de repente, ficou apavorado de que ela tivesse enlouquecido. Começou a sacudi-la gentilmente, mas isso também não teve nenhum efeito. Então ele notou o velho empregado em pé perto da escada, esperando suas ordens. — Onde... onde está Sua Alteza Bakravan? — perguntou, com Xarazade agarrada ao seu pescoço.

— Ela está nos seus aposentos, aga.

— Por favor, diga-lhe que estou aqui e... e que gostaria de vê-la.

— Oh, ela não recebe mais ninguém agora, aga. Ninguém. Seja como Deus quiser. Ela não viu ninguém desde aquele dia. — As lágrimas brilharam nos seus velhos olhos. — Vossa Excelência esteve fora, talvez não saiba que...

— Eu soube. Sim, eu soube.

— Insha'Allah, aga, Insha'Allah, mas que crimes poderia o Mestre ter cometido? Insha'Allah que ele tivesse sido escolhido, Insh...

— Insha'Allah. Por favor, diga a Sua Alteza... Xarazade, pare com isso! Vamos querida — disse em inglês, enlouquecido pelos seus gemidos —, para com isso! Depois disse em farsi para o criado: — Por favor peça a Sua Alteza para receber-me.

— Oh, sim, eu vou pedir-lhe, aga, mas Sua Alteza não abre a porta nem responde, nem vai recebê-lo, mas eu vou cumprir a sua ordem imediatamente. — Ele começou a se afastar.

— Espere, onde estão todos?

— Quem, aga!

— A família. Onde está o resto da família?

— Ah, a família. Sua Alteza está nos seus aposentos, e a senhora Xarazade está aqui.

Mais uma vez Lochart sentiu a raiva crescer com os gemidos dela.

— Eu quero saber onde estão Excelência Meshang, sua mulher e filhos e minhas cunhadas e seus maridos.

— Onde mais poderiam estar a não ser em suas casas, aga?

— Então diga a Excelência Meshang que eu estou aqui — ele disse. Meshang, o filho mais velho e sua família eram os únicos que residiam lá em caráter semipermanente.

— Certamente, aga. Como Deus quiser, eu irei ao bazar pessoalmente.

— Ele está no bazar?

O velho balançou a cabeça.

— É claro, aga, ele está lá esta noite, ele e sua família. Agora ele é o Mestre e tem que tomar conta dos negócios. Seja como Deus quiser, aga, ele é o chefe da casa dos Bakravan agora. Eu irei imediatamente.

— Não, mande outra pessoa. — O bazar era perto e não seria nenhuma intromissão. — Há alguém...

Xarazade, Xarazade, pare com isso! — Ele disse com severidade, mas ela não pareceu escutar. — Tem água quente na casa?

— Deveria ter, aga. A fornalha está em perfeito estado, mas não está ligada.

— Vocês não têm combustível?

— Oh, deve haver combustível, aga. O senhor gostaria que eu verificasse?

— Sim, acenda a fornalha e traga-nos comida e chá.

— Certamente, aga. O que é que Vossa Excelência deseja?

Lochart manteve a calma com dificuldade, cada vez mais nervoso com os gemidos dela.

— Qualquer coisa. Não, arroz e horisht, horisht de frango — ele disse, citando um prato fácil e comum. — Horisht de frango.

— Se o senhor desejar, aga, mas o cozinheiro tem orgulho do seu horisht de frango e vai levar horas para prepará-lo. — O velho esperou educadamente, com os olhos indo de Lochart para a moça.

— Então... então, oh, pelo amor de Deus, traga apenas fruta. Fruta e chá, qualquer fruta que tiver...

Lochart não podia mais suportar aquilo e levantou Xarazade no colo e subiu as escadas, atravessou os corredores até os aposentos

que costumavam usar nesta casa de três andares, de teto chato e que era rica, suntuosa e cheia de meandros. Ele abriu a porta e fechou-a com o pé.

— Xarazade, ouça... Xarazade, ouça! Ouça pelo amor de Deus!

Mas ela continuou encostada nele, gemendo e balbuciando incoerentemente. Ele a levou para o outro quarto, abafado por causa das janelas e vidraças fechadas e obrigou-a a sentar-se na cama desarrumada, depois correu para o banheiro que era moderno — a maior parte do encanamento era moderno — exceto o vaso.

Não havia água quente. A água fria correu e não pareceu muito salobre. Ele encontrou algumas toalhas, molhou uma delas e voltou, com o peito doendo, sabendo que estava enfrentando um problema muito difícil. Ela não se havia movido. Ele tentou lavar-lhe o rosto, mas ela resistiu e começou a espumar, piorando ainda mais a sua aparência. Saliva escorria-lhe pelos cantos da boca.

— Xarazade... Xarazade, minha querida, pelo amor de Deus, minha querida... — Ele a ergueu e abraçou-a, mas nada parecia tocá-la. Só os gemidos mantinham-se constantes, fazendo-o ficar cada vez mais nervoso. — Controle-se — disse alto, sentindo-se desamparado, e se levantou, mas as mãos dela agarraram as suas roupas e tentaram arrastá-lo de volta.

— Oh, Deus, dê-me forças... — ele viu sua mão atingir-lhe o rosto. Por um momento, o gemido parou, ela o olhou, incrédula, depois seu olhar tornou a ficar vago, a ladainha recomeçou e ela se agarrou às suas roupas. — Deus me ajude — disse desesperado, e então começou a esbofeteá-la, cada vez com mais força, tentando desesperadamente ser duro, mas não duro demais e depois enfiou o rosto dela na cama e bateu-lhe nas nádegas, até ficar com a palma da mão doendo e de repente ele ouviu gritos que eram gritos de verdade e não gemidos: — Tommyyyy... pare oh, por favor Tommy, por favor pareeee... Tommy você está me machucando, o que foi que eu fiz? Eu juro que não pensei em mais ninguém, oh, Deus, Tommy, pare por favor...

Ele parou. O suor escorria pelos seus olhos, suas roupas estavam molhadas e ele saiu da cama tropeçando. Ela se contorcia de dor, com as nádegas e o rosto vermelhos, mas suas lágrimas eram

lágrimas de verdade e seu olhar era o seu olhar de sempre e seu cérebro estava normal.

— Oh, Tommyyyy, você me machucou, você me machucou — ela soluçou como uma criança espancada. — Por quê? Por quê? eu juro que o amo... Eu não fiz nada... nada... para feri-lo e... fazer você me machucar... — Desesperada de dor e vergonha por tê-lo enfurecido, sem entender por quê, sabendo apenas que tinha que acalmá-lo, ela se arrastou para fora da cama e caiu aos pés dele, implorando perdão através das lágrimas.

Suas lágrimas pararam quando sua mente foi penetrada pela realidade e ela levantou os olhos para ele.

— Oh, Tommy — disse cheia de tristeza —, papai está morto... assassinado... assassinado pelos Faixas Verdes... assassinado...

— Sim... sim, minha querida, eu sei, oh, eu sei... Sinto tanto...

Ele a ergueu e suas lágrimas se misturaram com as dela e ele a abraçou bem apertada e deu-lhe um pouco da sua força e fez com que ela se sentisse inteira e ela também lhe deu um pouco da sua força e também ele se sentiu inteiro. Então eles dormiram um pouco — acordando algumas vezes, mas tornando a adormecer em paz, recuperando as forças, com a chama da lamparina lançando sombras bondosas. Pouco antes de meia-noite, ele acordou. Ela o observava e fez um esforço para beijá-lo, mas uma onda de dor impediu-a.

— Oh, você está bem?. — Ele a abraçou.

— Oh, tenha cuidado... desculpe, sim... é... — Com dificuldade, ela tentou enxergar as costas, então viu que suas roupas estavam imundas. Fez uma careta. — Ugh, estas roupas, por favor, me dê licença, querido... — Ela se levantou com dificuldade e tirou-as. Com muito esforço, apanhou a toalha molhada, limpou o rosto e escovou o cabelo. Então, quando ela chegou mais perto da luz, ele viu que um dos seus olhos estava ficando preto e que suas nádegas estavam cheias de manchas roxas.

— Por favor, perdoe-me... o que foi que eu fiz para ofendê-lo?

— Nada, nada — respondeu horrorizado e contou a ela como a encontrara.

Ela o olhou sem entender.

— Mas... você está dizendo que eu... eu não me lembro de nada disso, só... só de estar sendo espancada.

— Eu sinto tanto, mas foi a única maneira de... sinto muito.

— Oh, não, meu querido. — Tentando lembrar-se, ela voltou para a cama e se deitou de bruços, com cuidado. — Se não fosse por você... Seja como Deus quiser, mas se foi como você disse... estranho, e eu não me lembro de nada, de nada desde a hora em que... — Sua voz falseou um pouco, depois ela continuou, tentando ser firme: — Se não fosse por você, talvez eu tivesse enlouquecido para sempre.

— Ela chegou mais para perto dele e beijou-o. — Eu o amo, meu bem-amado — disse em farsi.

— E eu a amo, minha bem-amada — ele respondeu, subjugado. Depois de um momento, ela disse numa voz estranha: — Tommy, eu acho que sei o que me deixou louca... eu vi papai... eu o vi ontem, anteontem,... não consigo me lembrar... ele parecia tão pequeno morto, tão pequenino, morto, com todos aqueles buracos no rosto e na cabeça. Eu não me lembrava dele ser tão pequeno, mas eles o diminuíram, eles tiraram...

— Não — ele disse gentilmente, vendo as lágrimas caírem. — É Insha'Allah. Não pense nisso.

— Certamente, marido, se é o que você diz — ela disse imediatamente, de modo formal, em farsi. — É claro que é a Vontade de Deus, sim, mas é importante para mim contar para você, me livrar da vergonha do modo como você me encontrou... eu gostaria de contar-lhe algum dia.

— Então conte-me agora, Xarazade, e depois deixaremos que fique no passado para sempre — ele respondeu, com o mesmo formalismo. — Por favor, conte-me agora.

— É que eles tornaram o maior homem do mundo... depois de você... eles o tornaram insignificante.

Sem nenhum motivo. Ele sempre foi contra o xá e era um grande partidário desse mulá Khomeini. — Ela disse isso calmamente e ele escutou a palavra "mulá" e não aiatolá ou imã ou farmandeh e sentiu isso como um aviso. — Eles assassinaram meu pai sem nenhum motivo, sem julgamento e de forma ilegal e o fizeram ficar

pequeno, eles tiraram tudo o que tinha enquanto homem, enquanto pai, um pai bem-amado. Seja como Deus quiser, era o que eu deveria dizer e vou tentar. Mas não posso acreditar que seja esta a Vontade de Deus. Pode ser a vontade de Khomeini. Eu não sei. Nós mulheres vamos saber logo.

— O quê? O que você quer dizer com isso?

— Dentro de três dias nós, mulheres, vamos fazer uma marcha em protesto — todas as mulheres de Teerã.

— Contra o quê?

— Contra Khomeini e os mulás que estão contra os direitos das mulheres. Quando ele nos vir marchando sem o chador ele não fará o que é errado.

Lochart só estava prestando atenção pela metade, lembrando-se dela há poucos dias atrás — foi mesmo há poucos dias atrás que este pesadelo começou? Xarazade tão contente consigo mesma e usando o chador, tão satisfeita em ser apenas uma esposa e não uma mulher moderna como Azadeh.

Ele viu os seus olhos, percebeu a sua determinação e compreendeu que ela estava comprometida.

— Eu não quero que você tome parte nesse protesto.

— Sim, é claro, marido, mas toda mulher de Teerã vai marchar e tenho certeza de que você não gostaria de me envergonhar diante da memória de meu pai, diante dos representantes dos seus assassinos, gostaria?

— É uma perda de tempo — disse Lochart, sabendo que estava derrotado, mas querendo continuar a discussão. — Meu amor, eu desconfio que uma marcha de protesto de todas as mulheres do Irã ou de todo o Islã não vai sensibilizar Khomeini nem um pouco. As mulheres no seu Estado islâmico não farão nada que não esteja determinado no Corão, nada. Nem ninguém mais. Não é esta a sua força?

— É claro que você tem razão. Mas nós vamos marchar em protesto e então Deus vai abrir os seus olhos e tornar tudo claro para ele. É como Deus quer, não como Khomeini quer. No Irã nós temos formas históricas de lidar com esses homens.

Seus braços estavam em volta dela. Marchar não é a resposta, ele pensou. Oh, Xarazade, há tanto que decidir, que dizer, que contar, agora não é a hora. Mas existe Zagros e um 212 para embarcar. Mas isso deixa Mac sozinho para tocar as coisas, se houver alguma coisa que tocar. E se eu a levasse também? Eu não poderia, a não ser à força.

— Xarazade, talvez eu tenha que fazer um transporte. Levar um 212 para a Nigéria. Você viria comigo?

— É claro, Tommy. Quanto tempo nós ficaríamos ausentes? Ele hesitou.

— Algumas semanas. Talvez mais. — Ele sentiu uma pequena mudança nela, imperceptível.

— Quando você gostaria de partir?

— Muito em breve. Talvez amanhã. Ela saiu dos seus braços sem se afastar.

— Eu não seria capaz de deixar mamãe, não por enquanto. Ela... ela está desesperada, Tommy, e... e se eu fosse, não sei o que aconteceria com ela. E há o pobre Meshang. Ele tem que administrar o negócio, ele precisa de ajuda; há tanta coisa para fazer e para cuidar.

— Você sabe a respeito da ordem de confisco?

— Que ordem?

Ele lhe contou. Seus olhos tornaram a se encher de lágrimas e ela se ergueu, esquecendo-se da dor.

Ficou olhando para a chama da lamparina e para as sombras que ela lançava.

— Então nós não temos mais casa, mais nada. Seja como Deus quiser — disse deprimida. Então, quase na mesma hora, ela falou com um tom de voz diferente: — Não, não é como Deus quiser! É como os Faixas Verdes querem. Agora nós temos que nos juntar para salvar a família, ou então eles terão derrotado papai. Nós não podemos permitir que eles o assassinem e também o derrotem, isso seria terrível.

— Sim, eu concordo, mas este transporte resolveria os nossos problemas por algumas semanas...

— Você tem razão, Tommy, como sempre, sim, sim, resolveria se nós precisássemos partir, mas esta é a nossa casa, como sempre foi, se agora não for mais ainda, oh, como seremos felizes aqui! De manhã eu vou pegar os criados e trazer tudo que é nosso do apartamento. Ora! O que são uns poucos tapetes e quinquilharias quando temos esta casa e a nós mesmos? Vou providenciar tudo. Oh, nós vamos ser felizes aqui.

— Mas e se vo...

— Este roubo faz com que seja ainda mais importante que fiquemos aqui, para resistir, para protestar. Ele torna a marcha muito mais importante. — Ela colocou um dedo nos lábios dele quando viu que ele ia falar. — Se você precisa fazer este transporte... e é claro que você precisa fazer o seu trabalho... então vá, meu querido, mas volte depressa. Dentro de poucas semanas Teerã terá voltado ao normal e será agradável de novo e eu sei que esta é a Vontade de Deus.

Oh, sim, pensou cheia de confiança, com a alegria vencendo a dor, eu já estarei no segundo mês e Tommy ficará tão orgulhoso de mim e, enquanto isso, será tão maravilhoso viver aqui, cercada pela família, tendo vingado papai, com a casa cheia de alegria novamente.

— Todo mundo vai nos ajudar — disse, tornando a deitar nos braços dele, cansada, mas feliz. — Oh, Tommy, estou tão contente que você esteja em casa, que nós estejamos em casa, vai ser tudo tão maravilhoso, Tommy. — Suas palavras tornaram-se mais lentas à medida que o sono tomava conta dela. — Nós vamos todos ajudar a Meshang... e os que estão no estrangeiro vão voltar, tia Annoush e as crianças... eles vão ajudar... e tio Valik vai orientar Meshang..

Lochart não teve coragem de lhe contar.

34

NO PALÁCIO DO KHAN, TABRIZ: 3:13H.

Na escuridão do pequeno quarto, o capitão Ross abriu a tampa de couro do seu relógio e deu uma olhada nos números fosforescentes.

— Tudo pronto Gueng? — murmurou em gurkhali.

— Sim, sahib — Gueng sussurrou, contente da espera ter terminado.

Cautelosamente e sem fazer barulho, os dois homens saíram de suas enxergas que estavam sobre tapetes velhos e fedorentos, no chão de terra. Eles estavam inteiramente vestidos e Ross foi até a janela e espiou para fora. O guarda estava estirado ao lado da porta, profundamente adormecido, com o rifle no colo. A duzentos metros dali, depois dos pomares cobertos de neve e das construções externas, estava o palácio de quatro andares de Gorgon Khan. A noite estava escura e fria, com algumas nuvens e uma nebulosidade em volta da lua que brilhava de vez em quando.

Mais neve, pensou, depois abriu a porta com cuidado. Os dois homens ficaram lá perscrutando a escuridão. Não havia luz em lugar nenhum. Sem fazer barulho, Ross foi até o guarda e o sacudiu, mas o homem não despertou do sono drogado que ainda duraria umas duas horas. Fora fácil dar-lhe a droga num pedaço de chocolate, guardado para este propósito no seu equipamento de sobrevivência — alguns dos chocolates drogados, outros envenenados. Mais uma vez ele se concentrou na noite, esperando pacientemente que a lua fosse encoberta por uma nuvem. Distraidamente ele coçou uma mordida de pulga. Estava armado com o seu kookri e uma granada.

— Se formos parados, Gueng, só estávamos dando um passeio — tinha combinado mais cedo. — É melhor deixarmos as armas

aqui. Para que levar kookris e uma só granada? É um velho costume gurkha. Uma ofensa contra o nosso regimento andar desarmado.

— Eu acho que gostaria de levar todas as nossas armas agora e voltar para as montanhas e seguir para o sul, sahib.

— Se isto não der certo, é o que vamos ser obrigados a fazer, mas é um bocado arriscado — respondera Ross. — É um bocado arriscado. Nós vamos ficar desguarnecidos; aqueles caçadores ainda estão à nossa procura e não vão desistir enquanto não formos apanhados. Não se esqueça de que só com muita dificuldade foi que conseguimos chegar ao esconderijo. Foram as roupas que nos salvaram. — Depois da emboscada em que Vien Rosemont e Tenzing tinham sido mortos, ele e Gueng tinham despido alguns dos seus agressores e colocado vestes tribais por cima dos seus uniformes. Ele tinha pensado em largar os uniformes, mas achou que não era aconselhável. — Se formos apanhados é porque fomos e ponto final.

Gueng tinha sorriso.

— Então é melhor você se tornar um bom hindu agora. Aí, se formos mortos, não é um fim mas um começo.

— Como eu faço isso, Gueng? Tornar-me um hindu? — Ele sorriu ao se lembrar do ar espantado de Gueng e de como ele tinha dado de ombros. Então eles tinham amarrado os corpos de Vien Rosemont e Tenzing e tinham-nos deixado juntos na neve, de acordo com o costume das montanhas: — Este corpo não tem mais valor para o espírito, e por causa da imutabilidade da reencarnação, ele é legado aos animais e pássaros que são outros espíritos lutando com seu próprio carma para chegar ao Nirvana, o lugar da Paz Celestial.

Na manhã seguinte, eles tinham localizado os seus perseguidores. Quando eles desceram das colinas nos arredores de Tabriz, os seus perseguidores estavam no máximo meio quilômetro atrás. Só a sua camuflagem os salvara, permitindo que eles se misturassem com a multidão, muitos nativos tão altos quanto ele e de olhos azuis, muitos tão bem armados. Eles tiveram sorte e logo da primeira vez encontraram a porta dos fundos da garagem imunda, tinham dito o nome de Vien Rosemont e o homem que

estava lá os escondera. Naquela noite, Abdullah Khan fora lá com seus guardas, muito hostil e desconfiado.

— Quem lhe disse para perguntar por mim?

— Vien Rosemont. Ele também nos contou a respeito deste lugar

— Quem é este Rosemont? Onde ele está agora?

Ross contara a ele o que tinha acontecido na emboscada, e vira um novo interesse nos olhos do homem, embora ele continuasse hostil.

— Como vou saber que você está dizendo a verdade? Quem é você?

— Antes de Vien morrer, ele me pediu para transmitir-lhe uma mensagem. Ele estava delirando e sofrendo, mas me fez repetir três vezes para se certificar. Ele disse: "Diga a Abdullah Khan que Peter está atrás da cabeça da Górgona e que o filho de Peter é pior do que Peter.

O filho joga com os curtos, assim como o pai, que vai tentar usar uma Medusa para agarrar a Górgona." — Ele viu os olhos do homem brilharem, mas não de alegria. — Então isso significa alguma coisa para você?

— Sim. Significa que você conhece Vien. Então Vien está morto. Seja como Deus quiser, mas é uma pena. Vien era bom, muito bom, e um grande patriota. Quem é você? Qual era a sua missão? O que você estava fazendo nas nossas montanhas?

Mais uma vez ele hesitou, lembrando-se de que Armstrong dissera a ele para não confiar demais no homem. No entanto, Rosemont, em quem ele confiara, dissera ao morrer: "Você pode confiar cegamente naquele velho filho da mãe. Eu confiei, uma dúzia de vezes, e ele nunca me falhou. Vá até ele, ele vai livrá-lo..."

Abdullah Khan estava sorrindo, com a boca tão cruel quanto os olhos.

— Você pode confiar em mim. Acho que vai ter que confiar.

— Sim. — Mas não demais, ele acrescentou silenciosamente, odiando a palavra, a palavra que custa a vida, a vida de milhões, a liberdade de milhões e a paz de espírito de todo adulto na terra mais cedo ou mais tarde. — Foi para neutralizar Sabalan — respondeu e contou-lhe o que tinha acontecido lá.

— Deus seja louvado! Vou passar a informação para Wesson e Talbot.

— Quem?

— Ah, não importa. Vou fazer vocês chegarem ao sul. Venham comigo. Não é seguro aqui. Há uma ordem de captura, com recompensa, de "dois sabotadores britânicos, dois inimigos do Islã". Quem são vocês?

— Ross. Capitão Ross, e este é o sargento Gueng. Quem eram os homens que nos perseguiram?

Iranianos ou soviéticos? Ou conduzidos por soviéticos?

— Os soviéticos não operam abertamente no Azerbaijão. Ainda não. — Os lábios do Khan torceram-se num sorriso estranho. — Eu tenho uma caminhonete aí fora. Subam rapidamente e deem na traseira. Eu vou escondê-los, e quando for seguro farei vocês chegarem a Teerã. Mas vocês têm que obedecer às minhas ordens. Explicitamente.

Isto foi há dois dias atrás, mas a vinda dos estrangeiros soviéticos e a chegada do helicóptero tinham tornado tudo diferente. Ele viu a lua se esconder atrás de uma nuvem e bateu no ombro de Gueng. O homenzinho desapareceu no pomar. Quando ouviu o sinal de que estava tudo bem, ele o seguiu. Eles se movimentaram muito bem até chegarem na ala norte da enorme casa. Nenhum guarda nem cachorro por enquanto, embora Gueng tivesse visto alguns dobermans acorrentados.

Foi uma subida fácil até a varanda do primeiro andar. Gueng foi na frente. Ele correu metade da sua extensão, atravessou o corredor de janelas fechadas até a escada que levava à próxima varanda. No alto ele esperou, verificando o terreno. Ross alcançou-o. Gueng apontou para o segundo grupo de janelas e tirou o seu kookri, mas Ross sacudiu a cabeça e apontou para uma porta lateral que percebera, onde a escuridão era profunda. Ele experimentou a maçaneta. A porta rangeu alto. Alguns pássaros saíram voando do pomar, chamando uns aos outros. Os dois homens se concentraram na direção de onde os pássaros tinham vindo, esperando ver uma patrulha. Não apareceu nenhuma.

Esperaram mais um pouco para terem certeza, depois Ross entrou na frente, com a adrenalina aumentando a sua tensão.

O corredor era longo, com muitas portas dos dois lados e algumas janelas viradas para o sul. Em frente à segunda porta, ele parou, e experimentou a maçaneta cautelosamente. A porta se abriu silenciosamente e ele entrou depressa, seguido de Gueng, com o kookri e a granada preparados. O aposento parecia uma ante-sala: tapetes, almofadões, uma mobília vitoriana antiquada e sofás. Havia duas portas. Rezando para estar escolhendo certo, Ross abriu a porta que ficava mais perto do canto do edifício e entrou. As cortinas estavam fechadas, mas uma réstia de luar mostrou-lhes claramente a cama e o homem que eles procuravam e uma mulher dormindo sob uma pesada colcha. Era o homem certo, mas eles não tinham esperado encontrar uma mulher. Gueng fechou a porta. Sem hesitação, eles se colocaram dos dois lados da cama, Ross do lado do homem e Gueng do lado da mulher. Ao mesmo tempo, eles taparam a boca dos dois com lenços, fazendo pressão suficiente para evitar que eles gritassem.

— Nós somos amigos, piloto, não grite — Ross murmurou perto do ouvido de Erikki, sem saber o nome dele nem quem era a mulher, apenas reconhecendo-o como sendo o piloto. Ele viu o susto se transformar em ódio à medida em que o sono desaparecia e as mãos enormes ergueram-se para despedaçá-lo. Ele as evitou, aumentando a pressão sob o nariz de Erikki, subjugando-o com facilidade. — Eu vou soltá-lo, não grite, piloto. Somos amigos, somos britânicos. Soldados britânicos. Apenas balance a cabeça se estiver acordado e se tiver compreendido. — Ele esperou, depois sentiu mais do que viu o enorme homem balançar a cabeça, vigiando os seus olhos. Os olhos gritavam perigo. — Mantenha-a amordaçada, Gueng, até termos resolvido as coisas do lado de cá — disse baixinho em gurkhali, e depois para Erikki: — Piloto, não tenha medo, somos amigos.

Ele diminuiu a pressão e deu um pulo para trás quando Erikki atirou-se em cima dele, depois rolou na cama para pegar Gueng, mas parou, rígido. O luar se refletia no kookri de lâmina curva, mantido perto da garganta dela. Os olhos de Azadeh estavam

arregalados e ela estava apavorada — Não! Deixem-na em paz... — disse Erikki em russo com uma voz rouca, vendo apenas os olhos orientais de Gueng, pensando que era um dos homens de Cimtarga, ainda confuso e em pânico. Ele estivera dormindo profundamente, com a cabeça doendo das horas de voo, a maior parte do tempo por instrumentos e em péssimas condições. — O que quer?

— Fale inglês. Você é inglês, não é?

— Não, não, eu sou finlandês. — Erikki olhou para Ross, que não passava de uma silhueta ao luar.

— Que diabo você quer?

— Desculpe acordá-lo desse jeito, piloto — Ross disse apressadamente, chegando um pouco mais perto, mantendo a voz baixa. — Desculpe, mas eu tinha que falar com você em segredo. É muito importam.

— Diga àquele desgraçado para soltar a minha mulher! Agora!

— Mulher? Oh, sim., sim, é claro, desculpe. Ela... ela não vai gritar? Por favor, diga-lhe para não gritar — Ele viu o homem enorme virar-se para a mulher que estava deitada imóvel sob a pesada colcha, com a boca ainda coberta, o kookri imóvel. Ele o viu estender a mão cautelosamente e tocá-la, com os olhos no kookri. Sua voz era gentil e animadora, mas ele não falou nem em inglês nem em farsi, mas numa outra língua. Em pânico, Ross pensou que fosse russo e ficou ainda mais desorientado, tendo esperado encontrar um piloto britânico da S-G, sem uma companheira de cama, não um finlandês com uma esposa russa, e ficou apavorado de ter levado Gueng para uma armadilha.

Os olhos do homem voltaram-se para ele e ele viu mais perigo ainda lá.

— Diga-lhe para soltar a minha mulher — disse Erikki, em inglês, achando difícil concentrar-se. — Ela não vai gritar.

— O que foi que você disse a ela? Foi em russo?

— Sim, foi em russo e eu disse: "Este desgraçado vai soltar você em um segundo. Não grite, apenas venha para trás de mim. Não se mova depressa, apenas venha para trás de mim. Não faça nada a menos que eu ataque o outro desgraçado, então lute pela sua vida.

— Você é russo?

— Já disse que sou finlandês e eu me canso facilmente de homens com facas no meio da noite, sejam eles britânicos, russos ou até mesmo finlandeses.

— Você é um piloto da S-G Helicópteros?

— Sim, ande logo e solte-a, seja você quem for, ou vou começar alguma coisa.

Ross ainda não tinha se recuperado do seu próprio pânico.

— Ela é russa?

— Minha mulher é iraniana, ela fala russo e eu também — disse Erikki, friamente, movendo-se ligeiramente para fora do raio de luar em direção às sombras. — Vá para a luz, eu não posso vê-lo, e pela última vez, diga a este desgraçado para soltar a minha esposa, diga-me o que quer e depois saia.

— Sinto muito tudo isso. Gueng solte-a agora.

Gueng não se moveu. Nem a lâmina curva. Em gurkhali, ele disse: — Sim, sahib, mas primeiro pegue a faca que está debaixo do travesseiro do homem.

Em gurkhali, Ross respondeu: — Se ele tentar pegá-la, irmão, se tocar nela, mate-a, eu cuido dele. — Então, em inglês, ele disse gentilmente: — Piloto, você tem uma faca debaixo do travesseiro. Por favor, não toque nela, sinto muito, mas se o fizer antes que tenhamos esclarecido tudo... por favor, seja paciente. Solte-a, Gueng — disse, sem tirar os olhos do homem. Com o canto do olho, ele viu a forma vaga de um rosto, com os cabelos longos e despenteados ocultando-a, depois ela se moveu para trás dos ombros enormes, agasalhando-se com a camisola de mangas compridas. Ross estava de costas para a luz e não viu quase nada dela, só o ódio nos seus olhos, mesmo no escuro. — Sinto muito chegar como um ladrão no meio da noite. Peço desculpas — disse a ela, que não respondeu. Ele repetiu o pedido de desculpas em farsi. Ela também não respondeu. — Por favor, peça desculpas por mim à sua esposa.

— Ela fala inglês. Que diabo você quer? — Erikki sentia-se um pouco melhor agora que ela estava segura, embora bem consciente da proximidade do outro homem com a faca curva.

— Nós somos uma espécie de prisioneiros do khan, piloto, e eu vim avisá-lo e pedir a sua ajuda.

— Avisar-me sobre o quê?

— Eu ajudei um dos seus capitães há poucos dias atrás. Charles Pettikin — Ele viu o nome ser reconhecido imediatamente, então relaxou um pouco. Rapidamente, contou a Erikki a respeito de Doshan Tappeh e do ataque da Savak e como eles tinham escapado, descrevendo Pettikin minuciosamente para não haver nenhum engano.

— Charlie contou-nos sobre você — disse Erikki, estarecido, sem sentir mais nenhum medo — mas não disse que o deixara perto de Bandar-e Pahlavi; só que alguns paraquedistas britânicos o salvaram de um Savak que ia estourar os seus miolos.

— Eu pedi a ele que esquecesse o meu nome. Eu, ahn, nós estávamos numa missão.

— Sorte para Charlie e para você, nós...

Ross viu a mulher cochichar no ouvido do marido, distraíndo-o. O homem balançou a cabeça e tornou a olhar na direção dele.

— Você pode ver-me, mas eu não, venha para a claridade. Quanto a Abdullah, se vocês fossem seus prisioneiros, estariam acorrentados, ou num calabouço, não soltos no palácio.

— Fui informado de que o khan nos ajudaria se tivéssemos problemas. Nós tivemos problemas e ele disse que nos esconderia até que pudesse nos mandar de volta para Teerã, em segurança. Enquanto isso, ele nos botou numa cabana, escondida, do outro lado da propriedade. Há um guarda vigiando-nos permanentemente.

— Escondê-los de quê?

— Nós estávamos numa missão e estávamos sendo perseguidos e...

— Que missão? Eu ainda não posso vê-lo, venha para a claridade. Ross moveu-se, mas não o bastante.

— Nós tivemos que explodir alguns equipamentos secretos americanos de radar para evitar que fossem roubados pelos soviéticos ou por seus partidários. Eu..

— Sabalan?

— Como você sabe disso?

— Eu estou sendo obrigado a levar um soviético e alguns esquerdistas para saquear postos de radar perto da fronteira e

depois levar o material para Astara, na costa. Um deles foi destruído na face norte. Eles não conseguiram tirar nada dali e até agora o resto não revelou nada que valesse a pena, pelo que eu sei.

Continue, avisar-me sobre o quê?

— Você está sendo forçado?

— Minha mulher é refém do khan e dos soviéticos, em troca da minha cooperação e bom comportamento. — disse Erikki, com simplicidade.

— Cristo! — A cabeça de Ross trabalhava em alta velocidade. — Eu, ahn, eu reconheci o emblema da S-G quando vocês estavam voando em círculos e vim avisar que os soviéticos estavam aqui, eles chegaram de manhã bem cedo e estão planejando raptá-lo com a ajuda do khan. Parece que ele está jogando dos dois lados contra o meio; um agente duplo. — Ele viu o espanto de Erikki.

— A nossa gente precisa saber disso depressa.

— Raptar-me para fazer o quê?

Não sei exatamente. Mandei Gueng espionar depois que o seu helicóptero chegou. Ele se escondeu atrás de uma janela dos fundos. Conte a eles, Gueng.

— Foi depois que eles acabaram de almoçar, sahib, o khan e o soviético, e eles estavam ao lado do carro do soviético na hora que ele ia embora. Eu estava atrás de um arbusto ali perto e pude ouvir muito bem. No início, não consegui entender o que eles diziam, mas depois ouvi o khan dizer: "Vamos falar inglês; há criados por perto." O soviético respondeu: "Obrigado pela informação e pela oferta." Então o khan disse: "Quer dizer que estamos de acordo? Com relação a tudo, Patar?" O soviético disse: "Sim, eu vou recomendar tudo o que você deseja. Vou providenciar para que o piloto não o incomode nunca mais. Quando ele tiver terminado aqui, ele será levado para o norte..."

Gueng parou por causa do ruído feito por Azadeh. — Sim, mensahib.

— Nada.

Gueng concentrou-se, querendo transmitir a mensagem perfeitamente para eles: — O soviético disse: "Vou providenciar para que o piloto não torne a incomodá-lo. Quando ele tiver terminado

aqui, será levado para o norte, em caráter permanente". E... — Ele pensou por um minuto.

— Ah, sim! E ele disse: "O mulá não vai incomodá-lo mais e em troca você vai prender os sabotadores ingleses para mim? Vivos, eu gostaria de tê-los vivos, se for possível". O khan respondeu: "Sim, eu os apanharei, Patar, você..."

— Petr — disse Azadeh, com a mão no ombro de Erikki — Seu nome é Petr Mzytryk.

— Cristo! — murmurou Ross, entendendo.

— O quê? — perguntou Erikki.

— Eu lhe contarei mais tarde. Termine, Gueng.

— Sim, sahib. O khan disse: "Eu os pegarei, Patar, vivos, se puder. Qual será o meu prêmio se eles estiverem vivos?" O soviético riu. "Qualquer coisa, dentro do razoável, e o meu?" O khan disse: "Eu a levarei comigo na próxima visita." Sahib, isso foi tudo. Então o soviético entrou no carro e partiu.

Azadeh estremeceu.

— O que foi? — disse Erikki.

— Ele estava se referindo a mim — ela disse num fio de voz.

— Não estou entendendo — disse Ross.

Erikki hesitou, com uma pressão ainda maior na cabeça. Ela lhe contara que fora chamada pelo pai para participar do almoço e que Petr Mzytryk a convidara para ir a Tbilisi — "Junto com o seu marido, é claro, se ele estiver livre; eu adoraria mostrar-lhe o nosso campo..." — e como o soviético tinha sido atencioso.

— Isso... isso é uma coisa pessoal. Não é importante — disse ele.

— Parece que você me fez um grande favor. Como eu posso ajudar?

— Ele sorriu fatigado e estendeu a mão. — Meu nome é Yokkonen, Erikki Yokkonen, e esta é minha esposa, Az...

— Sahib! — Gueng sussurrou, alertando-o.

Ross imobilizou-se. Ele viu a outra mão de Erikki debaixo do travesseiro.

— Não mova um músculo — disse, com o kookri subitamente fora da bainha. Erikki percebeu o tom de voz e obedeceu. Cautelosamente, Ross puxou o travesseiro, mas a mão não estava perto da faca.

Ele apanhou a faca. A lâmina brilhou ao luar. Pensou por um momento, depois entregou-a a Erikki.

— Sinto muito, mas é preciso tomar cuidado. — Ele apertou a mão esticada que não se movera e sentiu a sua enorme força. Sorriu para ele e virou-se ligeiramente, com a luz caindo no seu rosto pela primeira vez. — Meu nome é Ross, capitão John Ross, e este é Gueng...

Azadeh prendeu a respiração e se ergueu de um pulo. Todos olharam para ela e agora Ross a viu claramente pela primeira vez. Era Azadeh, a sua Azadeh de dez anos atrás, Azadeh Gorden, como ele a conhecera então, Azadeh Gorden do High Country olhando para ele, mais linda do que nunca, com os olhos maiores do que nunca, ainda uma visão do paraíso.

— Meu Deus, Azadeh, eu não tinha visto o seu rosto...

— Nem eu o seu, Johnny.

— Azadeh... Meu Deus — gaguejou Ross. Ele estava radiante e ela também, e então ele ouviu a voz de Erikki e viu que ele o olhava, com a enorme faca na mão, e uma onda de medo percorreu-o e também a ela.

— Você é Johnny Olhos Claros? — disse Erikki numa voz neutra.

— Sim, sim, sou eu... Eu tive o privilégio de conhecer a sua esposa há anos, muitos anos... Meu Deus, Azadeh, como é bom vê-la de novo!

— Eu também... — Sua mão não havia deixado o ombro de Erikki.

Erikki podia sentir a mão e ela o queimava, mas não se moveu, hipnotizado pelo homem que estava diante dele. Ela lhe contara a respeito de John Ross e do verão que passaram juntos e do resultado do verão, que o homem não soubera nada a respeito da criança, e ela nunca tentara encontrá-lo para contar-lhe, nem queria que jamais soubesse.

— A culpa foi minha, Erikki, não dele — ela dissera com simplicidade.

— Eu estava apaixonada, eu só tinha 17 anos e ele 19. Eu costumava chamá-lo de Johnny Olhos Claros; eu nunca tinha visto um homem com olhos tão azuis antes. Nós estávamos perdidamente

apaixonados, mas foi só uma paixão de verão, não como o nosso amor que é para sempre, o meu é e eu me casarei com você se meu pai permitir, oh, sim, por favor, meu Deus, mas só se você puder ser feliz mesmo sabendo que um dia, há muito tempo atrás, eu estava crescendo. Você precisa prometer-me, jurar que pode ser feliz como homem e como marido, pois talvez um dia nós o encontremos. Eu ficarei feliz em encontrá-lo e sorrirei para ele, mas a minha alma será sua, meu corpo será seu, minha vida será sua, e tudo o mais que possuo...

Ele tinha jurado conforme ela queria, sinceramente e de todo o coração, afastando a inquietação. Ele era moderno, compreensivo e finlandês — a Finlândia não foi sempre progressista, a Finlândia não foi o segundo país no mundo, depois da Nova Zelândia, a conceder às mulheres o direito de votar?

Não havia nenhuma inquietação nele. Nenhuma. Ele só estava triste por ela, por ela não ter sido mais cuidadosa, pois ela lhe contara a respeito da ira do pai — uma ira que ele podia entender.

E agora ali estava o homem, forte, jovem e bonito, de um tamanho muito mais próximo do dela, de uma idade muito mais próxima da dela. Ele se sentiu despedaçado pelo ciúme.

Ross estava tentando recobrar a calma, dominado pela presença dela. Tirou os olhos dela e da lembrança dela e tornou a olhar para Erikki. E leu tudo claramente em seus olhos.

— Eu conheci sua mulher há muito tempo atrás, na Suíça... eu estive num colégio lá por algum tempo.

— Sim, eu sei — disse Erikki. — Azadeh me contou. Eu... eu... é um encontro repentino para todos nós. — Ele saiu da cama, muito mais alto do que Ross, com a faca ainda na mão, todos eles bem conscientes da faca. Ele viu que Gueng, do outro lado da cama, ainda estava com o seu kookri na mão. — Bem. Mais uma vez obrigado, capitão, pelo aviso.

— Você disse que estava sendo obrigado a pilotar para os soviéticos?

— Azadeh está como refém para que eu me comporte — disse Erikki, com simplicidade.

Ross balançou a cabeça Pensativamente.

— Não há muito que você possa fazer a respeito disso se o khan lhe é hostil. Cristo, que confusão! A minha ideia era que já que você estava sendo ameaçado, também iria querer fugir e que nos daria uma carona no helicóptero.

— Se eu pudesse daria, sim... sim, é claro. Mas há vinte guardas comigo toda vez que estou voando e Azadeh... minha esposa e eu somos vigiados muito de perto quando estamos aqui. Há um outro soviético chamado Cimtarga que é como se fosse a minha sombra, e Abdullah Khan é... muito cauteloso. — Ele ainda não tinha decidido o que fazer a respeito de Ross. Ele olhou para Azadeh e viu que o seu sorriso era sincero, que o toque no seu ombro era sincero, e que este homem não significava nada mais do que um velho amigo para ela agora. Mas isso não afastou o seu impulso quase cego de atacar. — Nós temos que ter cuidado, Azadeh.

— Muito cuidado.

Ela tinha sentido a tensão sob sua mão quando ele dissera "Johnny Olhos Claros" e sabia que, dos três, só ela podia controlar esse perigo extra. Ao mesmo tempo, o ciúme de Erikki, que ele estava tentando com todas as forças esconder dela, a excitava, bem como a evidente admiração do seu antigo amor. Oh, sim, pensou, Johnny Olhos Claros, você está mais maravilhoso do que nunca, mais esbelto do que nunca, mais forte do que nunca — mais excitante, com a sua faca curva e o seu rosto mal barbeado, as suas roupas imundas e o seu cheiro de homem — como pude não reconhecê-lo?

— Há um momento atrás, quando eu corrigi este homem, dizendo que era Petr e não Patar, isto significou alguma coisa para você, Johnny. O quê?

— Foi uma mensagem em código que eu transmiti ao khan — disse Ross, dolorosamente consciente do fato de que ela ainda o enfeitiçava. — "Diga a Abdullah Khan que Peter"... este podia ser o Patar ou Petr de Gueng, o soviético. "Que Peter está atrás da cabeça da Górgona e que o filho de Peter é pior do que Peter. O filho joga com os curtos como o pai, que vai tentar usar uma Medusa para agarrar a Górgona.

— Isso é fácil, Erikki? — perguntou Azadeh.

— Sim — disse Erikki, distraído. Mas por que "joga com os curtos"?

— Talvez seja isso — ela exclamou, com a excitação aumentando. "Diga a Abdullah Khan que Petr Mzytryk, KGB, está atrás da sua cabeça, que o filho de Mzytryk", vamos supor que também seja da KGB — "é pior do que o pai. O filho joga com os curtos. Talvez isso signifique que o filho está envolvido com os curdos e sua rebelião que ameaça o poder de Abdullah Khan no Azerbaijão, que a KGB, o pai e o filho também estão envolvidos, e que Petr Mzytryk "usará uma Medusa para agarrar a Górgona" — ela pensou por um momento. — Isso poderia ser um outro enigma e significar "usará uma mulher", talvez uma mulher má para agarrar o meu pai.

— Ross ficou chocado.

— O khan é... meu Deus, o khan é seu pai?

— Sim. Gorgon é o meu nome de família — disse Azadeh — e não Gorden. Mas a diretora da escola em Château d'Or me disse no primeiro dia que eu não devia usar um nome como Gorgon; iriam debochar de mim sem parar, que eu devia ser apenas Azadeh Gorden. Era divertido para mim, e a diretora achou melhor que eu fosse apenas Azadeh Gorden e não a filha de um khan.

Erikki quebrou o silêncio.

— Se a mensagem está correta, o khan não confiará nem um pouco nesse matyeryebyets.

— Sim, Erikki. Mas meu pai não confia em ninguém. Em ninguém mesmo. Se papai está jogando dos dois lados como Johnny acha, ninguém pode dizer o que ele fará. Johnny, quem lhe passou a mensagem que você transmitiu a ele?

— Um agente da CIA que disse que eu podia confiar a vida a seu pai. Erikki disse ironicamente: — Eu sempre soube que o pessoal da CIA era louco.

— Este cara era muito normal — disse Ross, mais rispidamente do que pretendia. Ele viu Erikki enrubescer e o sorriso dela desaparecer.

Mais um silêncio. Mais tenso. A claridade do quarto diminuiu quando a lua se escondeu atrás de uma nuvem. A escuridão era

inquietante. Gueng, que tinha observado e ouvido sentiu a inquietação e silenciosamente invocou todos os deuses para livrá-los da Medusa, o demônio pagão com serpentes em lugar de cabelo sobre quem os missionários haviam falado na sua primeira escola no Nepal.

Então o seu sexto sentido percebeu a aproximação do perigo, ele sussurrou um aviso, foi até a janela e espiou para fora. Dois guardas armados com um doberman numa corrente estavam subindo as escadas em frente.

Os outros também estavam rígidos. Eles ouviram os guardas caminharem pelo terraço, com o cão farejando e puxando a corrente. Depois eles foram em direção à porta. Mais uma vez ela rangeu. Os homens entraram na casa.

Ouviram-se vozes abafadas do lado de fora da porta do quarto e o som do cão farejando. Depois perto da porta da ante-sala. Gueng e Ross puseram-se à espreita, com os kookris prontos. Depois de algum tempo, os guardas atravessaram o corredor, saíram da casa e tornaram a descer as escadas.

Azadeh movimentou-se nervosamente.

— Normalmente eles não vêm até aqui. Nunca. Ross murmurou apressadamente: — Talvez eles nos tenham visto entrar aqui. É melhor sairmos. Se ouvirem tiros, vocês não nos conhecem. Se ainda estivermos em liberdade amanhã à noite, podemos vir até aqui, digamos logo depois da meia-noite? Talvez pudéssemos pensar num plano.

— Sim — disse Eriki. — Mas venham mais cedo. Cimtarga avisou-me que talvez tivéssemos que partir antes do amanhecer. Venha por volta das onze horas. É melhor termos vários planos prontos.

Vai ser muito difícil sair, muito difícil.

— Quanto tempo você vai ficar trabalhando para eles, antes de terminar?

— Não sei. Talvez uns três ou quatro dias.

— Ótimo. Se não fizermos contato com você, esqueça-se de nós. Certo?

— Que Deus o proteja, Johnny — Azadeh falou com ansiedade.
— Não confie no meu pai, você não deve deixar... não deve deixar que ele ou os outros o levem.

Ross sorriu e isto iluminou o quarto, até mesmo para Erikki.

— Não há problema. Boa sorte para nós todos. — Ele acenou despreocupadamente e abriu a porta.

Em poucos segundos, ele e Gueng tinham partido tão silenciosamente quanto tinham chegado. Erikki olhou pela janela e viu-lhe apenas a sombra descendo as escadas, observando como os dois homens faziam uso da noite de uma forma inteligente e silenciosa, invejando a elegância natural dos movimentos e das maneiras de Ross.

Azadeh estava em pé ao lado dele, uma cabeça mais baixa, com o braço passado pela cintura dele, vigiando também. Depois de um momento, o braço dele rodeou-lhe os ombros. Eles esperaram, esperando ouvir gritos e tiros, mas a noite permaneceu tranquila. A lua tornou a sair de trás das nuvens. Não havia movimento em parte alguma. Ele olhou para o relógio. Eram 4:23h.

Ele olhou para o céu, não havia nenhum sinal do amanhecer ainda. Ao amanhecer ele teria que partir, não para a face norte de Sabalan, mas para outros postos de radar mais para oeste. Cimtarga dissera-lhe que a CIA ainda estava operando certos postos perto da fronteira com a Turquia, mas que hoje o governo de Khomeini tinha ordenado que eles fossem fechados, evacuados e deixados intatos.

— Eles nunca farão isso — dissera Erikki. — Nunca.

— Talvez sim, talvez não. — Cimtarga rira. — Assim que recebermos ordens, você e eu iremos voar até lá com os meus "nativos" para apressá-los...

Matyer! Matyer Johnny Olhos Claros chegando para complicar as nossas vidas. No entanto, agradeço a todos os deuses pelo aviso que ele trouxe. O que estará Abdullah planejando para Azadeh? Eu gostaria de matar aquele porco velho e acabar com isso. Sim, mas não posso. Eu jurei pelos antigos deuses, e esse juramento não pode ser quebrado, de não tocar no pai dela — da mesma forma que ele jurou pelo único Deus que não nos prejudicaria, embora ele vá encontrar um jeito de quebrar a promessa. Será que eu posso

fazer o mesmo? Não. Um juramento é um juramento. Como o que você fez a ela de que poderia viver feliz com ela sabendo a respeito dele — ele — não foi? Sua mente escureceu de ódio e ele ficou contente pela escuridão.

Então a KGB planeja sequestrar-me. Se for um plano verdadeiro eu estou perdido. E quanto a Azadeh? O que estará o demônio do Abdullah planejando para ela agora? E agora este Johnny chega para nos perturbar — eu nunca pensei que ele fosse tão bonito e duro, um homem com quem ninguém deve se meter, ele e aquela maldita faca, aquela faca assassina...

— Volte para a cama, Erikki — ela disse. — Está muito frio, não está? Ele balançou a cabeça e se deitou do lado dela, muito perturbado. Quando eles estavam de novo debaixo da enorme colcha, ela se aconchegou nele. Não o bastante para provocar uma reação, mas o suficiente para parecer normal e tranquila.

— Que coisa extraordinária descobrir que era ele, Erikki! John Ross. na rua eu certamente não o teria reconhecido. Oh, foi há tanto tempo que eu já tinha esquecido como ele era. Estou tão contente de que você tenha se casado comigo, Erikki — ela disse, com a voz calma e amorosa, certa de que a mente dele estava remoendo aquele antigo amor. — Eu me sinto tão segura com você... se não fosse por você eu teria morrido de medo. — Ela disse isso como se estivesse esperando uma resposta.

Mas não estou esperando nenhuma resposta, meu querido, pensou satisfeita e suspirou.

Ele a ouviu suspirar e imaginou o que significaria aquele suspiro, sentindo o seu calor de encontro a ele, odiando a raiva de que estava possuído. Será que ela tinha sorrido para o seu amante do modo como o fez porque está arrependida? Ou está furiosa comigo — ela deve ter notado o meu ciúme. Ou ela está triste porque esqueci a minha promessa, ou está me odiando porque eu odeio o homem? Eu juro que vou exorcizá-la dele...

Ah, Johnny Olhos Claros, ela estava pensando, quanto êxtase eu desfrutei em seus braços, mesmo da primeira vez quando dizem que dói, mas nunca doeu. Só uma dor que se transformou num fogo que se transformou numa fusão que me arrancou a vida e tornou a

devolvê-la, melhor do que antes, oh, muito melhor do que antes! E então Erikki...

Estava muito mais quente agora debaixo das cobertas. Sua mão foi até o sexo dele. Ela sentiu que ele se mexia ligeiramente e ocultou um sorriso, certa de que o seu calor o estava atingindo agora, seria tão fácil excitá-lo ainda mais. Mas desaconselhável. Muito desaconselhável, pois ela sabia que ele a tomaria com Johnny na cabeça, tomando-a para se vingar de Johnny e não para amá-la — talvez até pensando que, concordando, ela estaria se sentindo culpada e tentando expiar a culpa. Oh, não, meu amor, eu não sou uma criança boba, é você o culpado, não eu. E embora você fosse ser mais forte do que o normal e mais violento, o que normalmente aumenta o meu prazer, desta vez não aumentaria, pois, querendo ou não, eu iria resistir ainda mais do que você, consciente do meu outro amor. Então, meu querido, é dez mil vezes melhor esperar. Até o amanhecer. Até lá, meu querido, se eu tiver sorte, você já terá se convencido de que está errado em odiar e ter ciúmes e será o meu Erikki de novo. E se não tiver? Então eu recomencarei — há dez mil maneiras de curar o meu homem.

— Eu o amo, Erikki — disse e beijou a coberta sobre o seu peito, virou-* se e ajeitou as costas de encontro a ele e adormeceu, sorrindo.

NA BASE AÉREA DE KOWISS: 8:11H.

Freddy Ayre cerrou os punhos. Por Deus, não! Você ouviu as ordens de McIver: Se Starke não estiver de volta ao amanhecer, todos os voos estarão cancelados. Já passa das oito horas e Starke ainda não voltou, portanto todos os..

— Você vai obedecer às minhas ordens! — Esvandary, o gerente da IranOil, gritou, e sua voz ecoou por toda a base da S-G. — Eu ordenei que você entregasse um novo tanque de lama e um cano, do contrato com a Guerny, na Plataforma S., — Não haverá nenhum voo enquanto o capitão Starke não estiver de volta — disse Ayre. Eles estavam na pista de decolagem, perto dos três 212 que Esvandary escalara para as operações do dia, com os três pilotos equipados e prontos desde o amanhecer, com o resto dos estrangeiros observando, nos mais variados graus de nervosismo e raiva. Em volta deles havia um caminhão com Faixas Verdes hostis e empregados da base que tinham acabado de chegar com Esvandary. Quatro dos homens de Zataki estavam agachados perto dos helicópteros, mas nenhum deles se movera desde o início da discussão, embora todos eles observassem com atenção.

— Todos os voos estão cancelados! — repetiu Ayre. Furiosamente, Esvandary gritou em farsi.

— Esses estrangeiros se recusam a obedecer a ordens legítimas da IranOil.

— Um murmúrio de raiva elevou-se entre os assecas de Esvandary que apontaram as armas para os estrangeiros, e ele apontou para Ayre. — Eles precisam de um exemplo.

Sem nenhum aviso, mãos rudes agarraram Ayre e a surra começou. Um dos pilotos, Sandor Petrofi, correu para impedir, mas

foi empurrado para trás, escorregou e foi chutado de volta para onde estavam os outros, impotentes, sob a mira das armas.

— Pare com isso! Pop Kelly, o capitão alto, gritou, com o rosto lívido.

— Deixe Ayre em paz, nós vamos executar as missões.

— Ótimo. — Esvandary disse aos seus homens para parar. Eles puseram Ayre em pé. — Decolem todos. Imediatamente!

Quando os aparelhos estavam no ar, ele ordenou que todos os estrangeiros se afastassem.

— Não haverá motins contra o Estado islâmico nunca mais. Por Deus, todas as ordens da IranOil serão... serão... cumpridas instantaneamente. — Muito satisfeito consigo mesmo por ter terminado com o motim, conforme prometera ao comandante da base, ele entrou no prédio principal, foi até o escritório de Starke, do qual se apossara, e ficou em pé na janela, observando os seus domínios.

Ele viu dois helicópteros bem afastados agora, o terceiro flutuava a vinte pés de altura sobre o tanque de lama, esperando que o pessoal de terra prendesse o gancho na grande corrente de aço que estava presa ao reboque. Em frente ao edifício, Ayre, cercado por outros estrangeiros, estava sendo socorrido pelo dr. Nutt. Maldito filho da mãe, tinha que me dar tanto trabalho, pensou Esvandary, e deu uma olhada no seu relógio, admirando-o. Era um rolex de ouro que ele comprara no mercado negro naquela manhã, conforme convinha à sua importância, com o dinheiro do pishkesh dado por um lojista do bazar que queria que o filho trabalhasse na IranOil.

— O senhor precisa de alguma coisa, Excelência? — Pavoud perguntou servilmente da porta. — Posso dar-lhe os parabéns pelo modo como lidou com os estrangeiros? Há anos que eles precisavam levar uma boa surra para serem colocados nos seus lugares; como o senhor foi inteligente.

— Sim. De agora em diante a base vai funcionar perfeitamente. Assim que haja um problema, qualquer um que esteja como responsável será usado como exemplo. Graças a Deus que aquele filho de um cão do Zataki vai partir dentro de uma hora, com os seus assassinos, para Abadan.

— Este voo vai partir na hora, Excelência. — Os dois homens riram.

— Sim, traga-me um pouco de chá, Pavoud. — Deliberadamente, Esvandiary não usou as regras normais de educação e notou que o servilismo do homem aumentou. Ele tornou a olhar pela janela. O dr. Nutt estava tratando de um corte no supercílio de Ayre. Eu me diverti vendo Freddy apanhar, ele pensou. Sim, foi muito divertido.

Sob o vento gelado, o dr. Nutt tinha envolvido Ayre com um outro casaco.

— É melhor você vir até a enfermaria, rapaz.

— Eu estou bem — disse Ayre, com dor em todo o corpo. — Acho... acho que não há nada quebrado.

— Filhos da mãe — alguém disse. — Freddy, é melhor nós pensarmos numa maneira de darmos o fora daqui.

— Eu vou sair no primeiro avião... Não vou me arriscar a...

Todos eles olharam para cima quando os motores a jato do helicóptero que estava flutuando se aceleraram. Era muito arriscado levantar um peso daqueles — especialmente com este vento — mas isso não era nenhum problema para um profissional como Sandor. O gancho prendeu logo da primeira vez e assim que o pessoal de terra ficou com as mãos livres, ele aumentou a força, os motores generaram com força total, aguentando a tensão, e depois helicóptero e carga subiram para o céu. O guarda que estava no banco da frente ao lado de Sandor acenou nervosamente, bem como o que estava na cabine.

— Você está indo muito bem, capitão... nenhum problema — Sandor ouviu Wazari dizer da torre nos fones de ouvido. Sandor calculou a distância, ganhando altura, com mãos e pés perfeitamente coordenados, vendo apenas Esvandiary na janela do escritório, sentindo-se furioso pela surra violenta levada por Ayre, dada por um bando de homens armados comandados por um covarde. Isso o levou de volta à sua infância em Budapeste, durante a Revolução Húngara. Ele era impotente então — mas não agora.

— Você está indo bem, HFD, mas um pouco perto demais. — A voz de Wazari avisou-o. — Você está um pouco perto, vá mais para o sul...

Sandor aumentou a potência, dirigindo-se para a torre que ficava no alto do edifício.

— A carga está direita? — perguntou. — Parece um pouco estranha.

— Parece direita, sem problemas, mas vá mais para o sul à medida que subir. Está tudo perfeito... vá mais para o sul, está me ouvindo?

— Você tem certeza, pelo amor de Deus? O aparelho está parecendo muito lento...

A agulha subiu até trinta metros. Sandor fechou a cara e sua mão jogou o comando para a direita, ao mesmo tempo em que empurrava o leme para a direita. No mesmo instante, o helicóptero oscilou perigosamente, o guarda que estava ao lado dele perdeu o equilíbrio, bateu de encontro à porta e depois agarrou Sandor, tentando equilibrar-se e deu um encontrão nos controles. Mais uma vez Sandor corrigiu, xingando o guarda como se o homem apavorado fosse um verdadeiro risco.

Por um momento pareceu que o balanço faria o helicóptero despencar do céu, então Sandor empurrou o guarda que estava aterrorizado.

— Mayday. Carga fora de controle — ele gritou, com os ouvidos surdos a Wazari, os olhos concentrados embaixo, esquecido de tudo que não fosse a necessidade de vingança. — A carga está fora de controle!

Sua mão puxou o liberador de carga de emergência, o gancho soltou-se e o tanque de aço despencou do céu diretamente sobre o escritório. Aquela tonelada e meia de aço caiu sobre o telhado, pulverizando alicerces, paredes, vidro, metal, mesas, fazendo desmoronar todo aquele canto, e parou encravada nos destroços da parede interior.

Um momento de silêncio horrorizado tomou conta de toda a base, depois o barulho dos motores encheu o céu quando, livre da carga, o helicóptero ficou fora de controle. Os reflexos de Sandor lutaram para recuperar o domínio do aparelho, mas sua mente não estava se importando se ia conseguir dominá-lo ou não, se conseguiria pousar ou não, sabendo apenas que ele se vingara de

um dos bandidos. Ao lado dele, o guarda estava vomitando e pelos fones ele ouvia "Jesus Cristo... Jesus Cristo..." vindo da torre.

— Cristo, cuidadooooo! — alguém gritou quando o helicóptero desabou em cima deles. Todo mundo saiu correndo, mas os reflexos de Sandor cortaram os motores e tentaram um pouso de emergência impossível. As pás foram se arrastando pela neve, não se vergaram, e o helicóptero deslizou para frente até parar, intacto, a quarenta metros de distância.

Ayre foi o primeiro a chegar à cabine. Ele abriu a porta violentamente. Sandor estava lívido, abobalhado, olhando para a frente.

— A carga ficou fora de controle... — disse com voz rouca.

— Sim.

Foi tudo o que Ayre pôde dizer, sabendo que era mentira, depois outros foram chegando e ajudaram Sandor, que estava com as pernas bambas, a descer da cabine. Atrás dele, perto do edifício, Ayre viu Faixas Verdes olhando estarecidos para os destroços, depois Pavoud e o outro funcionário saíram cambaleando pela porta da frente, em estado de choque. A janela e o canto onde Esvandiary estivera tinham virado pó. O dr. Nutt abriu caminho no meio das pessoas e correu em direção às ruínas, enquanto Wazari descia a escada de emergência, saindo da torre que oscilava perigosamente, com metade dela solta no ar. Cristo, pensou Ayre, Wazari deve ter visto tudo. Ele se ajoelhou ao lado do amigo.

— Você está bem, Sandy?

— Não — disse Sandor, abalado. — Acho que enlouqueci. Eu não podia parar.

Wazari abria caminho no meio das pessoas em direção à cabine, ainda em pânico por ter visto o tanque caindo em cima dele, sabendo que o piloto desobedecera propositalmente às suas instruções.

— Você está louco, porra? — Ele explodiu com Sandor por cima do barulho dos motores.

Ayre enfureceu-se.

— Porra, a carga ficou fora de controle! Nós todos vimos e você também.

— Você tem toda a razão, eu vi e você também. — Wazari olhou, apavorado, para todos os lados, à procura de Faixas Verdes, mas não havia nenhum por perto. Então ele viu Zataki se aproximando, vindo de um dos bangalôs. Seu terror aumentou. Ele ainda estava muito machucado da surra que levara de Zataki, seu nariz amassado, sua boca doendo, de onde tinham sido arrancados três dentes, e ele sabia que admitiria qualquer coisa para evitar outra surra. Ele se ajoelhou ao lado de Sandor, arrastando Ayre com ele. — Ouça — sussurrou, desesperado — você jura por Deus que vai me ajudar? Você promete?

— Eu já disse que faria o que pudesse! — Ayre livrou-se dele, furioso, sentindo muita dor por ter-se abaixado. Ele se ergueu e deu de cara com Zataki. O susto o paralisou... e os olhos do homem. Todos os outros tinham recuado para longe deles.

— Piloto, você fez isto para matar Esvandiary, não foi? Sandor levantou os olhos para ele.

— A carga ficou fora de controle, coronel.

Zataki pôs os olhos em Ayre, que se lembrou do que o dr. Nutt dissera a respeito do homem, com a cabeça doendo, o saco, o corpo inteiro.

— A... ahn, a operação é muito difícil, foi o vento. A carga ficou fora de controle. Foi um Ato de Deus, Excelência...

Wazari deu um passo para trás quando Zataki se virou para ele.

— É verdade, Excelência, disse imediatamente. — Os ventos lá em cima são muito perigosos. — Ele gritou quando o punho de Zataki golpeou o seu estômago e se dobrou de dor, depois Zataki agarrou-o e atirou-o de encontro ao helicóptero.

— Agora diga-me a verdade, verme!

— É verdade — Wazari murmurou, no meio da náusea, quase sem poder falar. — É verdade! Foi Insha'Allah! — Ele viu o punho de Zataki preparado e gritou numa mistura de farsi e inglês: — Se você me bater, eu vou dizer qualquer coisa que queira ouvir, qualquer coisa. Eu não posso suportar outra surra e vou jurar qualquer coisa que você queira, mas a carga fugiu ao controle. Por Deus, eu juro por Deus que a carga fugiu ao controle.

Zataki olhou fixamente para ele.

— Deus o mandará para o fogo do inferno por toda a eternidade se você tiver dito uma mentira em Seu Nome. Você jura que foi só a Vontade de Deus? Que a carga ficou fora de controle? Você jura que foi um Ato de Deus?

— Sim, sim, eu juro! — disse Wazari, tremendo, ainda seguro por ele. E tentou demonstrar sinceridade no olhar, sabendo que sua única chance de viver estava com Ayre, provando-lhe o seu valor. — Eu juro por Deus e pelo Profeta que foi um acidente, um... um Ato de Deus. Insha'Allah...

— Como Deus quiser. — Zataki balançou a cabeça, absolveu-o e soltou-o. Wazari escorregou para a neve, vomitando, e todos os outros agradeceram a Deus, aos céus ou ao carma o fato de que, por enquanto, a crise tivesse passado. Zataki fez um sinal para os destroços. — Tirem de lá o que restar de Esvandiary.

— Sim... sim, imediatamente — disse Ayre.

— A menos que o capitão volte, você levará a mim e a meus homens para Bandar Delam. — Zataki se afastou. Seus Faixas Verdes foram com ele.

— Cristo! — alguém murmurou, todos eles imensamente aliviados. Eles ajudaram Sandor a se levantar e também Wazari.

— Você está bem, sargento? — perguntou Ayre.

— Não, maldição, não, não estou! — Wazari cuspiu um pouco de vômito. Quando ele viu que os Faixas Verdes tinham ido embora com Zataki, seu rosto contorceu-se de ódio. — Aquele maldito filho da mãe! Espero que ele vá para o inferno!

Ayre puxou Wazari para um lado e baixou a voz.

— Eu não me esquecerei que prometi tentar ajudá-lo. Quando Zataki partir você estará bem. Eu não me esquecerei.

— Nem eu — disse Sandor, com voz fraca. — Obrigado, sargento.

— Você me deve a sua maldita vida — disse o homem e tornou a cuspir, com os joelhos fracos e o peito ardendo. — Você poderia ter-me matado também com aquele maldito tanque.

— Sinto muito. — Sandor estendeu a mão. Wazari olhou para a mão estendida e depois para o seu rosto.

— Eu apertarei a sua mão quando estiver em segurança, fora deste maldito país. — E saiu mancando.

— Freddy! — O dr. Nutt estava no meio dos destroços com dois mecânicos, tentando retirar as vigas e o resto e acenou chamando-o. Os Faixas Verdes estavam em volta, vigiando. — Dê-nos uma ajuda aqui, sim?

Todos foram ajudar. E nenhum deles queria ser o primeiro a ver Esvandary.

Eles o encontraram desmaiado numa abertura sob um dos lados do tanque. O dr. Nutt agachou-se ao lado dele, examinando-o com dificuldade.

— Ele está vivo — gritou, e Sandor sentiu o estômago revirar. Rapidamente todos ajudaram a retirar os pedaços de viga e os restos da escrivainha de Starke e arrastaram gentilmente o homem.

— Acho que ele está bem — disse o dr. Nutt, com a voz rouca. — Levem-no para a enfermaria. Ele está com um galo feio na cabeça mas os braços e pernas parecem direitos e não há nada esmagado.

Alguém vá buscar uma maca.

As pessoas se apressaram em cumprir as suas ordens, sentindo-se mais aliviadas, todas odiando 'Pé-quente' mas desejando que ele estivesse bem. Sem ninguém ver, Sandor foi para trás do edifício, tão aliviado que podia até chorar, e vomitou violentamente.

Quando voltou, só Ayre e Nutt estavam esperando.

— Sandy, é melhor você vir também, deixe-me dar uma olhada em você disse Nutt. — Maldita ala de acidentados, é o que nós temos agora — Tem certeza de que 'Pé-quente' vai ficar bom?

— Tenho certeza absoluta. — Os olhos do médico estavam lacrimejando, de um azul pálido e um tanto injetados. — O que houve de errado, Sandy? — perguntou calmamente.

— Não sei, doutor. Tudo o que eu queria era apanhar aquele desgraçado e na hora, largar o tanque me pareceu a coisa perfeita para fazer Você sabe que isso seria assassinato? Ayre disse, inquieto: — Doutor, o senhor não acha que é melhor deixar as corsas corno estão? Não, não acho. — A voz de Nutt tornou-se mais severa. — Sandy, você sabe que isso foi uma tentativa de assassinato.

— Sim. — Sandor olhou para ele. — Sim, eu compreendo e sinto muito.

— Você sente que ele não esteja morto?

— Juro por Deus, doutor. Eu agradeço a Deus que ele esteja vivo. Eu ainda acho que ele se tornou uma pessoa má e covarde e tudo que eu detesto e não posso perdoá-lo por... por ordenar a surra em Freddy, mas isso não é desculpa para o que fiz. O que eu fiz foi uma loucura, não há desculpa para isso, e eu realmente agradeço a Deus por ele estar vivo.

— Sandy — disse Nutt, com a voz mais calma —, é melhor você não voar por um dia ou dois. Você sofreu uma pressão forte demais. Não precisa preocupar-se, rapaz, desde que compreenda. Apenas vá com calma por um ou dois dias. Você vai ter uma tremedeira esta noite, mas não se preocupe.

Você também, Freddy. É claro que isso fica entre nós três e a carga se desequilibrou. Eu vi. — Ele ajeitou os tufo de cabelo sobre a cabeça calva, que o vento tinha despenteado. — A vida é estranha, muito estranha, mas aqui entre nós três, Deus estava com você hoje, Sandy, se é que existe um Deus.

— Ele se afastou, curvado como um velho saco de batatas.

Ayre ficou olhando para ele.

— O doutor é boa pessoa, sabe, nós tivemos muita sorte, tão próximos de um desastre, tão...

Houve um grito e eles olharam naquela direção. Um dos pilotos perto do portão principal gritou de novo e apontou. O coração deles deu um salto. Starke caminhava pela estrada vindo da cidade.

Estava sozinho. Tanto quanto podiam ver dali, ele estava ileso, andando com passos largos.

Acenaram excitadamente e ele acenou de volta, e a notícia se espalhou pelo campo e Ayre saiu correndo para recebê-lo, esquecido da dor. Talvez exista um Deus no céu afinal de contas, pensava alegremente.

36

EM LENGEH: 14:15H.

Scragger estava tomando sol na grande plataforma de madeira ancorada a cem metros da praia, com uma pequena balsa de borracha presa a ela. A plataforma consistia em pranchas de madeira presas em tambores vazios de petróleo. Na balsa havia equipamento de pesca e um walkie-talkie, e sob ela estava pendurada uma gaiola de arame com os doze peixes que ele e Willi Neuchtreiter já tinham apanhado para o jantar — o golfo estava cheio de camarões, cavalas, atuns, percas, robalos e dúzias de outras espécies.

Willi, um outro piloto, nadava preguiçosamente nas águas rasas e mornas ali perto. Na praia ficava a base deles — meia dúzia de trailers, cozinha, dormitórios para a turma de iranianos, um trailer-escritório com torre de rádio e antena, hangares com espaço para uma dúzia de 212 e 206.

No momento, a tripulação completa compunha-se de cinco pilotos, inclusive ele, sete mecânicos, 15 empregados iranianos, diaristas, cozinheiros e serventes, e o gerente da IranOil, Kormani, que estava doente. Dos outros pilotos, dois eram britânicos e o último, Ed Vossi, americano.

Na base estavam três 212 — no momento com trabalho suficiente para apenas um — e dois 206 Jet Rangers, sem trabalho praticamente nenhum. Fora o Consórcio Francês com os seus contratos de Siri de Georges de Plessey, todos os outros contratos tinham sido cancelados ou suspensos até o fim das agitações. Ainda havia rumores de muita agitação na grande base naval de Bandar Abbas, que ficava a leste, e de lutas ao longo de toda a costa. Há dois dias, a agitação tinha alcançado a base pela primeira vez. Agora eles tinham um komiteh permanente de Faixas Verdes, polícia e um

mulá: — Para proteger a base contra os esquerdistas, capitão Excelência.

— Mas mulá Excelência, meu velho, nós não precisamos de proteção.

— Seja como Deus quiser, mas as nossas importantes instalações de petróleo da ilha de Siri foram atacadas e avariadas por aqueles cães. Os nossos helicópteros nos são vitais e não serão estragados.

Mas não se preocupem, nada será mudado por nós. Nós compreendemos o nervosismo de vocês em voar com armas, portanto nenhum dos nossos irá armado, embora um de nós vá voar sempre com vocês. Para a sua proteção.

— Scragger e os outros tinham ficado mais tranquilos com a presença no komiteh do sargento da polícia local, Qeshemi, com quem eles tinham sempre mantido boas relações. Os problemas de Teerã, Qom e Abadan mal os tinham alcançado aqui no estreito de Ormuz. As greves foram poucas e muito ordeiras. De Plessey estava pagando as contas da EPF, portanto estava tudo ótimo, exceto pela falta de trabalho.

Scragger olhou preguiçosamente em direção à praia. A base estava em ordem, e ele podia ver os homens cumprindo as suas tarefas, limpando, consertando, com alguns membros do komiteh sentados descansadamente na sombra. Ed Vossi estava perto do 206 fazendo a revisão.

— Não há trabalho suficiente — murmurou Scragger. Tinha sido assim nos últimos meses e ele sabia muito bem o quanto isso podia ser desastroso. A falta de voos regulares e a necessidade de comprar equipamento moderno é que o tinham convencido a vender a Sheik Aviation para Andrew Gavallan há muitos anos atrás.

Mas não me arrependo, pensou. Andy é fantástico, ele tem sido correto comigo. Eu tenho um pedacinho da companhia e posso pilotar enquanto estiver em forma. Mas o Irã é terrível para Andy no momento. Ele não está sendo pago nem pelo trabalho que já foi feito nem pelo que está sendo feito agora, exceto aqui, o que é uma pena. Os bancos já estão fechados há uns quatro ou cinco meses, e ele vem sustentando as operações no Irã com o dinheiro do seu próprio bolso. Alguma coisa tem que acontecer. Com apenas Siri

funcionando, não há o suficiente para pagar nem a metade dos nossos compromissos.

Há três dias, quando Scragger trouxe Kasigi de volta do canteiro de obras da Iran-Toda perto de Bandar Delam, Kasigi perguntara a de Plessey se podia fretar um 206 para ir para Al Shargaz ou Dubai.

— Eu tenho que entrar em contato imediatamente, por telefone e telex, com o meu escritório principal no Japão para confirmar os acordos feitos com você a respeito dos seus preços e sobre a elevação dos preços dos futuros fornecimentos. — De Plessey concordara imediatamente. Scragger decidira que ele mesmo ia pilotar e estava satisfeito por isso. Em Al Shargaz, ele estivera com Manuela e Johnny Hogg. E com Genny.

Ela o pusera a par de tudo, e em particular, principalmente a respeito de Lochart.

— Deus do céu! — dissera, chocado com a rapidez com que as operações estavam se desintegrando e com que a revolução os estava envolvendo pessoalmente. — Pobre velho Tom.

— Tom devia ter chegado de Bandar Delam na véspera da minha partida, mas não chegou, e não sabemos ainda o que realmente aconteceu. Eu, pelo menos, não sei — ela disse. — Scrag, só Deus sabe quando vamos poder conversar em particular outra vez, mas há outra coisa: só entre nós dois, sim?

— Prometido.

— Eu não acho que o governo volte ao normal algum dia. Eu queria perguntar a você: mesmo que volte, será que os sócios, com ou sem ajuda oficial, ou a IranOil poderiam forçar-nos a sair e ficar com os nossos aparelhos e equipamentos?

— Por que eles fariam isso? Eles precisam dos helicópteros... mas, se quisessem, é claro que poderiam — respondera, dando um assvio de espanto, pois esta possibilidade jamais lhe ocorrera antes. — Maldição, se eles decidissem que não precisavam de nós, Genny, isso seria muito fácil, muito fácil. Eles podiam conseguir outros pilotos, iranianos ou mercenários, não é isso que nós somos? É claro que eles poderiam nos expulsar e ficar com o nosso equipamento. E se perdermos tudo o que temos aqui, adeus S-G.

— Foi o que Duncan pensou. Será que poderíamos partir com os nossos aviões e peças, se eles decidissem fazer isso?

Ele tinha rido.

— Seria um roubo perfeito. Mas não poderia ser feito, Genny. Se nós tentássemos e eles nos apanhassem, eles nos mandariam para a cadeia. Não há nenhuma maneira de fazer isso. Não sem a aprovação do DAC do Irã.

— E se fosse a Sheik Aviation?

— Não faria nenhuma diferença, Genny.

— Então você simplesmente os deixaria roubar tudo o que lutou a vida inteira para conseguir, Scrag?

Eu não acredito.

— Nem eu — ele disse na mesma hora —, embora só Deus saiba o que eu faria.

Ele viu o rosto bondoso observando-o, com os óculos escuros empoleirados na cabeça, com os olhos cheios de ansiedade, sabendo que sua preocupação não era só por McIver e tudo o que ele construía, não só pelas suas próprias economias que, como as dele, estavam presas à S-G, mas também por Andy Gavallan e por todos os outros.

— O que eu faria? — disse vagarosamente. — Bem, nós temos quase tanto em peças no Irã quanto em aparelhos. Nós teríamos que começar a retirá-las, embora não saiba como fazer isso sem que as pessoas fiquem desconfiadas. Nós não poderíamos tirar todas elas, mas poderíamos diminuir o prejuízo. Então nós todos teríamos que partir ao mesmo tempo, todo mundo, todos os helicópteros, de Teerã, Kowiss, Zagros, Bandar Delam e daqui. Nós... — Ele pensou um pouco. — Nós teríamos que vir para cá, Al Shargaz... Mas, Genny, nós todos teríamos que percorrer distâncias diferentes e alguns teriam que parar uma ou duas vezes para reabastecer e mesmo que chegássemos a Al Shargaz, eles ainda poderiam apreender os aparelhos por falta de autorizações apropriadas. — Ele a examinou. — Andy acredita que é isso que os sócios pretendem fazer?

— Não, não, ainda não, e nem Duncan, ele não tem certeza. Mas é uma possibilidade e o Irã está piorando dia a dia. É por isso que

estou aqui, para perguntar a Andy. Não se pode colocar isso numa carta ou num telex.

— Você telefonou para Andy?

— Sim, e disse tanto quanto ousei. Duncan me pediu para tomar cuidado; e Andy me disse que tentaria se informar em Londres e que quando chegasse, dentro de uns dois dias, decidiria o que deveríamos fazer. — Ela tornou a colocar os óculos. — Nós devemos estar preparados, você não acha, Scrag?

— Eu estava imaginando por que você tinha deixado o Dunc sozinho. Ele mandou você?

— É claro. Andy vai estar aqui dentro de uns dois dias.



A mente de Scragger trabalhava furiosamente. Se tentarmos enganá-los, alguém vai se machucar. O que eu faria com os radares de Kish, Lavan e Lengeh, que podem lançar vinte aviões de combate atrás de nós em questão de minutos, antes de termos alcançado céus amigos, caso decolássemos sem permissão?

— Dunc acha que eles vão nos passar a perna?

— Não — ela respondera. — Ele não, mas eu acho.

— Neste caso, Genny, aqui entre nós, é melhor pensarmos num plano.

Ele recordou como o seu rosto se iluminara, e tornou a pensar no quanto Duncan McIver era sortudo, embora fosse o mais intratável e dogmático dos homens.

Seus olhos estavam observando o mar quando ele ouviu o 206 levantar voo. Ed é um grande piloto, pensou.

— Ei, Scrag!

— Sim, Willi?

— Você nada e eu fico olhando. — Willi subiu para a plataforma.

— Está bem, companheiro.

Além da grande quantidade de peixes comestíveis, havia também predadores, tubarões e arraias e outros e, às vezes, águas-vivas venenosas, mas eram raros em águas pouco profundas como aquelas, e desde que se conservasse os olhos abertos, podia-se ver a sombra deles a tempo de alcançar a plataforma. Scragger bateu na madeira, como sempre, antes de mergulhar na água morna.

Willi Neuchtreiter também estava nu. Ele era um homem baixo e atarracado de 48 anos, de cabelos castanhos e mais de cinco mil horas de voo em helicópteros, dez anos com o exército alemão e oito com a S-G — trabalhando na Nigéria, no mar do Norte, em Uganda e aqui. O seu boné estava na plataforma e ele o colocou e também os óculos escuros, espiou o 206 que ia na direção do golfo, e depois observou Scragger. Em poucos minutos, o sol já o secara. Ele gostava do sol, do mar e de estar em Lengeh.

Tão diferente de casa, pensou. Sua casa era em Kiel, no norte da Alemanha, no mar Báltico, onde o clima era severo e quase sempre frio. Sua mulher e seus três filhos tinham ido para casa no ano anterior por causa da educação das crianças, e ele resolvera ficar dois meses aqui e um em Kiel, e conseguira uma transferência para voltar para o mar do Norte, para ficar mais perto de casa. No próximo mês, depois que terminasse a sua licença, ele não voltaria mais para Lengeh.

Droga de mar do Norte com seu clima terrível e constante perigo, preso nos alojamentos vagabundos, tendo que suportar a chateação de passar duas semanas voando numa plataforma a cem milhas da costa, para ter direito a uma semana em casa, em Kiel, ganhando apenas o suficiente para pagar a hipoteca e o colégio e guardar um pouco para as férias. Mas você vai estar perto das crianças e de Hilda e da mãe e do pai, e a sua terra é sempre a sua terra. Sim, é verdade, e com um pouco de sorte, em breve, todos os alemães poderão misturar-se livremente uns com os outros. A mãe vai poder visitar a sua família em Schwerin sempre que quiser. E Schwerin e todas as outras Schwerins não estarão mais ocupadas. Deus permita que eu viva para ver este dia.

— Scrag, tem uma sombra se aproximando.

Scrag a vira quase ao mesmo tempo, e nadou de volta para a plataforma. A sombra se aproximou depressa. Era um tubarão.

— Papagaio — ele disse. — Olhe o tamanho dele!

O tubarão diminuiu a velocidade e começou a nadar em círculos, com o dorso cortando a superfície calma da água. Cinza claro, mortal e sem pressa. Os dois homens observaram silenciosamente, fascinados. Então Scragger riu.

— Que tal, Willi?

— Sim, Nossa Senhora, ele não é o Tubarão, mas é o maior que eu já vi. Acho que podemos pegá-lo.

— Alegrementemente, ele apanhou a vara de pesca que estava no barco. — E quanto à isca? O que você acha que devemos usar?

— A perca, aquela grande.

Rindo, Willi enfiou a mão na gaiola e tirou o peixe que se debatia e enfiou-o no anzol de aço próprio para tubarões. Havia sangue em suas mãos e ele lavou-as na água, vigiando a presa. Depois ele se levantou, verificou a corrente presa ao anzol, amarrou-a cuidadosamente à grossa linda de náilon que estava no carrete.

— Aqui está, Scrag.

— Nada disso! Foi você quem viu primeiro!

Excitadamente, Willi enxugou o sal da testa com as costas da mão, ajeitou o boné e olhou para o tubarão que ainda nadava em círculos a uns vinte metros de distância. Com muito cuidado, ele atirou a isca diretamente no caminho dele, esticando delicadamente a linha. O tubarão passou pela isca e continuou a circular. Os dois homens praguejaram. Willi recolheu a linha. A perca se debatia espasmodicamente, morrendo. Havia uma fina trilha de sangue no mar. Mais uma vez Willi atirou a isca com perfeição. Mais uma vez nada aconteceu.

— Maldição — disse Willi. Desta vez ele deixou a isca onde estava, vendo-a afundar cada vez mais até chegar ao fundo, mantendo apenas uma ligeira tensão na linha. O tubarão se aproximou, passou por cima dela, quase tocando-a com a barriga e continuou a circular.

— Talvez ele não esteja com fome.

— Esses filhos da puta estão sempre com fome. Talvez ele saiba que estamos esperando por ele. Ou esteja nos preparando uma cilada. Scrag, pegue um peixe menor e atire exatamente onde está a isca quando ele estiver passando.

Scragger escolheu um robalo. Ele o atirou com destreza. O peixe caiu no mar dez metros na frente do tubarão, pressentiu o perigo e escapuliu para o fundo. O tubarão não deu a menor atenção a ele, nem à perca que estava tão pertinho, simplesmente deu uma rabanada e continuou a circular.

— Deixe a isca ficar onde está — disse Scragger. — Não é possível que esse desgraçado não tenha sentido o cheiro dela.

Agora eles podiam ver os olhos amarelos e os três peixinhos pilotos flutuando sobre a sua cabeça, a linha fina da enorme boca sob o nariz rombudo, a pele escorregadia e o poder do enorme rabo. Mais uma volta. Um pouco mais perto desta vez.

— Aposto que ele tem mais de dois metros, quase três, Willi.

— Aquele filho da puta está nos vigiando, Scrag — disse Willi apreensivo, perdendo toda a animação.

Scragger franziu a testa, com a mesma sensação. Ele afastou os olhos do tubarão e olhou para o barco. Não havia nenhuma arma aproveitável lá, só um canivete pequeno, um arpão leve de alumínio e alguns remos. Mesmo assim, ele puxou o barco mais para perto, ajoelhou-se e esticou a mão para apanhar a faca e o arpão. Gostaria de ter um revólver, pensou.

Um grito súbito de Willi o fez dar um pulo para trás e ele mal teve tempo de ver o tubarão vindo diretamente na direção dele em grande velocidade. Ele bateu contra o barco de borracha, com a feia cabeça fora da água, as mandíbulas se abrindo ao se lançar contra ele, batendo de encontro aos tambores de petróleo, fazendo a popa do barco sair da água. E então foi embora, deixando os dois homens apavorados.

— Meu Deus, Harry... — Willi gritou e apontou. O tubarão estava atacando a isca. Eles o viram engolir a isca e o anzol e se afastar, com a linha cantando no carretel. Willi prendeu o fôlego; depois, segurando a vara com as duas mãos, puxou com força.

— Pegueiiii eleeeee! — gritou, aguentando a pressão, com o carretel chiando enquanto a linha corria, com o anzol bem preso.

— O maldito filho da mãe quase me pegou — disse Scragger, com o coração disparado, observando a linha esticada. — Não deixe o desgraçado enganá-lo.

Willi pôs mais pressão na linha e começou a enfrentá-lo, com a linha esticada.

— Preste atenção nele, Willi, ele vai virar e voltar rapidamente...

— Mas o tubarão não fez isso, ele simplesmente diminuiu a velocidade e lutou freneticamente para se livrar da linha e do anzol, enchendo a água à sua volta de bolhas, com metade do corpo para fora, rolando e girando. Mas o anzol aguentou e a linha era bastante forte e Willi deu ao peixe liberdade suficiente, permitindo que ele se afastasse, e depois mais uma vez começando a recolher a linha. Os minutos foram passando. O esforço de lutar contra um peixe desses sem um arreio ou uma cadeira, sem poder usar as pernas para se apoiar, era enorme. Mas Willi ficou firme. Repentinamente, o tubarão parou de lutar, começando a nadar em círculos novamente. Mais devagar.

— Boa, Willi, você o pegou, Willi.

— Scrag, se ele se aproximar depressa, veja se pode evitar que a linha se embarace, e quando eu o trouxer para uma distância suficiente, dê-lhe um golpe com o arpão. — Willi sentia dor nas costas e nas mãos, mas agora ele estava motivado, esperando pela próxima jogada. Ela veio rapidamente.

O tubarão virou-se e nadou para cima deles. Willi começou a recolher a linha freneticamente para diminuir a folga, caso o tubarão tornasse a virar e partisse a linha, mas ele continuou avançando e foi para baixo da plataforma. Milagrosamente, a linha não se embarçou e quando o tubarão saiu do outro lado para se lançar em direção a águas mais profundas, Willi deu bastante linha e aos poucos voltou a recolher. Mais uma vez o tubarão tentou livrar-se do anzol num paroxismo de raiva, fazendo a água ficar branca de espuma, e mais uma vez Willi aguentou. Mas os seus músculos estavam se enfraquecendo, ele sabia que não poderia segurá-lo sozinho e praguejou baixo.

— Dê-me uma mão, Scrag.

— Está bem, companheiro.

Juntos, os dois homens seguraram a vara, com Willi manejando o carretel, puxando o tubarão, manobrando-o, cada vez mais perto. O tubarão estava mais lento.

— Ele está ficando cansado, Willi. — Eles o foram puxando, centímetro por centímetro. Agora o tubarão estava a trinta metros da plataforma, quase sem avançar, com o grande rabo balançando vagorosamente para frente e para trás, quase se espojando na água. Para respirar, um tubarão precisa se movimentar para a frente. Se parar, ele se afoga.

Pacientemente, eles continuaram a combatê-lo, com o seu peso enorme machucando-os. Agora eles podiam ver o seu tamanho, os olhos amarelos, as mandíbulas cerradas, os peixes pilotos. Vinte e cinco metros, vinte, dezoito, dezessete...

Então aconteceu. O tubarão criou forças e saiu nadando numa velocidade incrível por cinquenta metros, com a linha do carretel correndo, depois fez uma curva de noventa graus em alta velocidade e ia fugir mas Willi conseguiu controlar a tensão da linha, obrigando o peixe a circular, mas sem conseguir trazê-lo mais para perto. Mais uma volta, com Willi usando toda a sua força no carretel, sem nenhum resultado. Na volta seguinte ele recuperou um pouco de linha. Mais um centímetro. Mais um, então os dois homens perderam o equilíbrio e quase caíram dentro d'água quando a linha se soltou.

— Nós o perdemos, Harry...

Os dois estavam sem fôlego, cheios de dores e muito desapontados. Não havia nem sinal do tubarão.

— Maldita linha — disse Willi, enrolando-a, praguejando em duas línguas. Mas não foi a linha. Foi a corrente. Os elos próximos ao anzol estavam amassados.

— Aquele desgraçado deve ter mastigado a corrente! — disse Scragger, fascinado.

— Ele estava brincando conosco, Scrag — disse Willi desgostoso.
— Ele poderia ter escapado quando quisesse. Ele nos estava passando a perna. — Eles examinaram a água em volta, mas não

havia sinal dele. — Ele pode estar no fundo esperando — disse Pensativamente.

— E mais provável que esteja a dois quilômetros de distância, louco como um cão raivoso.

— Aposto como ele é louco, Scrag. Aquele anzol não serviu de nada contra ele. — Os dois homens examinaram o mar. Nada. Então eles notaram que o barco de borracha estava pendurado pela proa e meio submerso. Scragger abaixou-se e examinou-o cuidadosamente, com o olho no mar e debaixo da plataforma.

— Olhe — disse. Havia um grande rasgão numa das câmaras de ar. — O desgraçado deve ter feito isso quando nos atacou. — O ar estava escapando depressa. — Não há problema. Nós podemos nadar até a praia facilmente. Vamos.

Willi olhou para a plataforma, depois para o mar.

— Você vai, Scrag. Eu vou esperar pelo barco de madeira com alguém sentado na frente com uma metralhadora.

— Não há problema, pelo amor de Deus. Vamos embora.

— Scrag — Willi disse docemente —, eu o amo como a um irmão, mas não vou sair daqui. Aquele bichão me assustou horrivelmente. — Ele se sentou no meio da plataforma e abraçou os joelhos. — Aquele filho da mãe está escondido em algum lugar, esperando para atacar. Se você quiser ir, tudo bem, mas eu, eu sei o que diz o Livro, quando estiver em dúvida, esconda-se. Mande vir outro barco pelo walkie-talkie.

— Eu mesmo vou trazê-lo. — O barco de borracha cedeu quando Scragger pisou cuidadosamente dentro dele, quase virou, e ele engatinhou de volta para a plataforma, praguejando, mais rápido do que pretendia. — Do que é que você está rindo?

— Você saiu daí como se tivesse uma água-viva atrás de você. — Willi ainda estava rindo. — Scrag, por que você não nada até em casa?

— Não amola. — Scragger olhou para a praia, com o coração batendo. Hoje ela parecia muito longe, quando nos outros dias era tão perto.

— Você é louco de ir nadando — disse Willi, desta vez seriamente. — Não faça isso.

Scragger não prestou atenção nele. Sabe de uma coisa? Ele estava pensando. Você está morto de medo. Aquele desgraçado era pequeno e você o fisgou e ele fugiu e agora ele está a milhas de distância no golfo. Sim, mas onde?

Ele enfiou o dedão na água. Alguma coisa atraiu-lhe a atenção lá embaixo. Ele se ajoelhou num dos lados da plataforma e puxou a gaiola. Ela estava vazia. Um dos lados tinha sido arrancado.

— Papagaio!

— Eu vou chamar o barco — disse Willi, estendendo a mão para apanhar o walkie-talkie. — Com uma metralhadora.

— Não há necessidade disso, Willi — disse Scragger, para se mostrar. — Vamos ver quem chega na praia primeiro.

— Nem brincando! Scrag, pelo amor de Deus, não... — Willi ficou apavorado quando Scragger mergulhou. Ele o viu subir à superfície e dar algumas braçadas, depois, de repente, ele voltou e subiu na plataforma, engasgando-se de tanto rir.

— Enganei você, hein? Você tem razão, meu filho, qualquer pessoa que nadar até a praia está louca!

Chame o barco, eu vou pescar alguma coisa para o jantar Quando o barco chegou, um dos mecânicos estava no leme com dois excitados Faixas Verdes na proa e os outros observando na praia. Eles estavam no meio do caminho quando o tubarão surgiu repentinamente e começou a nadar em círculos. Os Faixas Verdes começaram a atirar e, na sua excitação, um deles caiu na água. Scragger conseguiu agarrar a sua arma e abriu fogo contra o tubarão que corria em direção ao homem apavorado, em pé no raso. As balas entraram na cabeça e nos olhos do tubarão, e simplesmente deu uma cambalhota se debatendo, com as mandíbulas e o rabo trabalhando, e então atacou a sua presa. Mas sem a ajuda do olfato e da visão ele errou o homem e foi em direção à areia, encalhando com metade do corpo para fora da água.

— Scrag — disse Willi quando conseguiu falar —, você tem uma sorte dos diabos. Se você tivesse voltado nadando ele o teria apanhado. Você tem uma sorte dos diabos.

NA PLATAFORMA ROSA — ZAGROS: 15:05H.

Tom Lochart saltou do 206 e trocou um aperto de mão com Mimmo Sera, o 'homem da companhia' que o cumprimentou calorosamente. Com Lochart estava o especialista da Schlumberger, Jesper Almqvist, um jovem sueco alto, de quase trinta anos.

Ele trazia uma maleta especial com as ferramentas necessárias — o restante do equipamento já estava lá, no lugar.

— Buon giorno, Jesper, prazer em vê-lo. Ele está esperando por você.

— Certo, sr. Será, vou trabalhar. — O rapaz se afastou em direção à plataforma. Ele tinha verificado a maioria dos poços no campo.

— Vamos até lá dentro um instante, Tom. — Será foi na frente através da neve até o trailer-escritório. Lá dentro estava quente e havia um bule de café na fornalha de ferro, cheia de lenha, no canto da parede. — Café?

— Obrigado, eu estou exausto, a viagem de Teerã até aqui foi muito cansativa.

Será estendeu-lhe uma xícara.

— Que diabo está acontecendo?

— Obrigado. Não sei exatamente. Eu só deixei o Jean-Luc na base, tive uma conversa breve com Scot, e então achei melhor trazer logo Jesper e vir falar com você pessoalmente. Ainda não estive com Nitchak Khan; vou fazer isto assim que voltar, mas Scot foi bem claro: Nitchak Khan disse a ele que o komiteh tinha-nos dado 48 horas para partir. Mel...

— Mas por quê? Mamma mia, se vocês saírem, nós vamos ter que fechar o campo.

— Eu sei. Meu Deus, o café está ótimo! Nitchak sempre foi razoável no passado. Você já soube que este komiteh matou Nasiri e pôs fogo na escola?

— Sim, que coisa terrível. Ele era um cara legal, embora fosse pró-xá.

— Assim como todos nós, quando o xá estava no poder — disse Lochart, pensando em Xarazade e Jared Bakravan e Emir Paknouri e no HBC, seu pensamento voltando sempre ao HBC e a Xarazade.

Ele saíra ao amanhecer, odiando ter que deixá-la. Ela ainda dormia profundamente. Ele tinha pensado em acordá-la, mas não havia mais nada que pudesse dizer. Zagros era responsabilidade dele, e ela parecia tão exausta, a marca no seu rosto tão nítida. O seu bilhete dizia: "Volto dentro de dois dias. Se houver qualquer problema procure Mac ou Charlie. Todo o meu amor." Ele tornou a olhar para Será.

— McIver tem um encontro esta manhã com um alto funcionário do governo, então, com um pouco de sorte, talvez ele consiga resolver isso. Ele disse que nos mandaria uma mensagem assim que voltasse. O seu rádio está funcionando?

Será deu de ombros.

— Como sempre: de vez em quando.

— Se eu souber de alguma coisa, mandarei um recado para você, ou hoje à noite ou amanhã bem cedo. Espero que tudo não passe de uma tempestade num balde de merda. Mas se tivermos que dar o fora, McIver mandou que eu ficasse temporariamente perto de Kowiss. Não há nenhuma maneira de atender vocês de lá. O que você acha?

— Se você for obrigado a sair, nós vamos ter que evacuar o campo. Você vai ter que nos transportar para Shiraz. Há um QG da companhia lá. Eles podem nos alojar lá ou mandar-nos para fora até podermos voltar. Madona, seriam onze bases fechadas, com dois turnos.

— Nós podemos usar os dois 212, não se preocupe.

— É muita coisa, Tom. — Será estava muito preocupado. — Não há nenhuma maneira de fechar e retirar os homens em 48 horas. Não há jeito.

— Talvez não seja necessário. Vamos torcer. — Lochart levantou-se.

— Se tivermos que evacuar, a maioria do pessoal vai ficar contente. Nós não temos nenhuma substituição há várias semanas e eles estão com as licenças vencidas. — Será levantou-se e olhou pela janela. Podia-se ver o sol da tarde brilhando no pico que ficava sobre a plataforma Bellissima.

— Você soube do ótimo trabalho que Scot fez, com Pietro?

— Sim. Os rapazes o chamam de Pietro Bombardeiro agora. Sinto muito sobre Mario Guineppa.

— Che sarà, sarà! Os médicos são todos stronzi. Ele fez um exame no mês passado. Estava perfeito.

Stronzo! — o italiano olhou-o com atenção. — O que há, Tom?

— Nada.

— Como estava Teerã?

— Nada bom.

— Scot disse-lhe alguma coisa que eu não saiba?

— O motivo para as ordens do komiteh'! Não, não disse. Talvez eu consiga arrancar alguma coisa de Nitchak Khan. — Lochart trocou um aperto de mão com ele e saiu. Depois que decolou, ele pensou na história que Scot tinha contado a ele, Jean-Luc e Jesper sobre o que havia acontecido na aldeia depois que o komiteh condenou Nitchak Khan à morte: — Assim que eles levaram Nitchak Khan para fora da escola e eu fiquei sozinho, pulei pela janela dos fundos e corri para a floresta o mais silenciosamente possível. Uns dois minutos depois, eu ouvi uma porção de tiros e voltei correndo para a base, o mais depressa que pude. Devo admitir que estava morto de medo. Isso levou um bom tempo, a maldita neve tem montes de mais de três metros de altura. Não muito tempo depois de eu ter chegado, Nitchak Khan e o mulá e alguns dos aldeões apareceram. Meu Deus, eu fiquei tão aliviado! Eu estava certo de que Nitchak e o mulá tinham sido fuzilados e acho que eles também ficaram aliviados, porque me olharam com os olhos arregalados, pensando que eu também estivesse morto.

— Por quê? — Tom tinha perguntado.

— Nitchak disse que pouco antes do komiteh ir embora eles tocaram fogo na escola, supostamente comigo ainda lá dentro. E disse que eles tinham ordenado que todos os estrangeiros saíssem de Zagros. Todo mundo, mas principalmente nós, com os nossos helicópteros, no máximo até amanhã à noite.

Lochart olhava a terra lá embaixo, a base não ficava muito longe dali, com a aldeia nas suas proximidades. O sol da tarde descia por trás das montanhas. Havia bastante claridade, mas não havia mais sol para esquentá-los. Um pouco antes dele ter saído com Jesper para a plataforma Rosa, quando não havia ninguém por perto, Scot tinha contado a ele o que tinha realmente acontecido.

— Eu vi tudo, Tom. Eu não fugi na hora em que disse que tinha fugido. Eu não tive coragem de contar a ninguém mas eu estava espiando pela janela da escola, apavorado, e vi tudo. Tudo aconteceu tão depressa. Meu Deus, você devia ter visto a mulher do velho Nitchak com o rifle, parecia uma tigresa.

E dura! Ela atirou na barriga do Faixa Verde, então deixou ele gritar um pouco e... baanggg! acabou com ele. Aposto que foi ela quem atirou no primeiro filho da mãe, o líder, quem quer que ele fosse.

Nunca vi uma mulher como aquela, nunca pensei que ela fosse assim.

— E quanto a Nasiri?

— Nasiri não teve nenhuma chance. Saiu correndo e eles o mataram. Tenho certeza que eles o mataram porque ele era uma testemunha e não era da aldeia. Isso me fez criar coragem e pôr as pernas para trabalhar, eu pulei a janela como disse e quando Nitchak apareceu aqui, eu fingi acreditar na história dele. Mas eu juro por Deus, Tom, todos aqueles filhos da mãe do komiteh estavam mortos quando eu saí da aldeia, então Nitchak deve ter ordenado que pusessem fogo na escola.

— Nitchak Khan não faria isto, não com você lá dentro. Alguém deve ter visto você sair.

— Espero que você esteja errado porque então eu sou uma ameaça viva para a aldeia, a única testemunha Lochart pousou e caminhou até a aldeia. Ele foi sozinho. Nitchak Khan e o mulá

esperavam por ele no café, conforme fora combinado. E muitos aldeões, mas nenhuma mulher. O café era o lugar das reuniões, uma choupana de um só cômodo feita de troncos de madeira e pau a pique com um telhado inclinado e uma chaminé primitiva, com as vigas pretas de anos de fumaça. Havia grossos tapetes para a pessoa sentar.

— Salaam, calênder, que a paz esteja com você — disse Lochart, usando o título honorífico para dar a entender que Nitchak Khan era também o líder da base.

— Que a paz esteja com você, calênder dos Homens Voadores — o velho disse educadamente.

Lochart sentiu a bofetada e viu que não havia nada da amizade dos velhos tempos nos olhos dele. — Por favor, sente-se e esteja à vontade. Sua viagem foi proveitosa?

— Como Deus quiser. Eu senti falta da minha casa aqui em Zagros e dos meus amigos de Zagros. O senhor é abençoado por Deus, calênder. — Lochart sentou-se no tapete desconfortável e trocou as intermináveis gentilezas, esperando que Nitchak Khan permitisse que ele fosse diretamente ao assunto. A sala era claustrofóbica e tinha um cheiro rançoso, o ar estava pesado com o cheiro das pessoas, de cabras e carneiros. Os outros homens observavam silenciosamente.

— O que traz Vossa Excelência até a aldeia? — perguntou Nitchak Khan e uma onda de expectativa passou por ele.

— Eu fiquei chocado quando soube que estranhos vieram até a nossa aldeia e tiveram a impertinência de pôr as mãos no senhor.

— Como Deus quiser. — Nitchak Khan apertou ligeiramente os olhos.

— Os estranhos vieram à nossa aldeia mas foram embora deixando-a como ela sempre foi. O seu acampamento, infelizmente, não será mais o mesmo.

— Mas por quê, calênder? Nós temos sido bons para a aldeia e empregamos muita gente do seu povo...

— Não cabe a mim questionar o nosso governo nem os komitehs do nosso governo ou o nosso Comandante do Povo, o próprio

aiatolá. O jovem piloto viu e ouviu, então não resta mais nada a dizer.

Lochart percebeu a armadilha.

— O jovem piloto só viu e ouviu o que aconteceu na escola, calênder. Eu peço que nós, como hóspedes antigos e conhecidos — ele escolheu cuidadosamente as palavras —, que nós tenhamos tempo de procurar mudar uma ordem que parece ir contra os interesses de Zagros.

— Zagros se estende por mil quilômetros e atravessa as terras dos kash 'kai, entra na terra dos Bakhtiari e de mais uma centena de tribos. Yazdek é Yazdek — Nitchak falou asperamente, e depois citou o Rubaiyat: — "Entregue o seu corpo ao destino e suporte a dor, *Porque o que a Pena escreveu para você, Ela não vai apagar.*"

— É verdade, mas Ornar Khayyam escreveu também: "A bondade e a maldade que estão no coração do homem, *A alegria e a dor que são a nossa sorte e o nosso destino, Não se opõem à roda do paraíso porque, à luz da razão, / A roda é mil vezes mais impotente que você.*"

Um murmúrio correu entre os aldeões. O velho mulá balançou a cabeça, satisfeito e não disse nada.

Os olhos de Nitchak Khan sorriram embora sua boca não, e Lochart soube que o encontro iria melhorar agora. Ele abençoou Xarazade que abrisse os seus olhos, seus ouvidos e seus sentidos para o Rubaiyat que, em farsi, possuía enorme beleza.

Todo mundo esperou. Nitchak Khan coçou a barba, pôs a mão no bolso e encontrou uma carteira de cigarros. Lochart, como quem não quer nada, apresentou o pishkesh, um isqueiro Dunhill folheado a ouro que tinha comprado de Effer Jordon exatamente para isso: "Effer, eu mato você se ele não funcionar logo da primeira vez!" Ele acariciou a pedra. O pavio acendeu e ele tornou a respirar. Sua mão estava bem firme quando ele se inclinou e ofereceu fogo ao velho.

Nitchak Khan hesitou, depois acendeu o cigarro e deu uma longa tragada.

— Obrigado. — Seus olhos se estreitaram quando Lochart pôs o isqueiro no tapete em frente a ele.

— Talvez o senhor pudesse aceitar este presente de todos nós do campo, que estamos gratos pela sua orientação e pela sua proteção. Afinal, o senhor não arrombou os portões e tomou posse da base em nome do povo? O senhor não venceu a corrida de tobogã, derrotando o melhor dos nossos corredores, por causa da sua coragem?

Outro murmúrio percorreu os aldeões, todos esperavam, cheios de contentamento pelo acirramento da disputa, embora todos soubessem que o infiel só falara a verdade. O silêncio cresceu, então o khan esticou a mão e apanhou o isqueiro e examinou-o atentamente. O seu polegar retorcido levantou a tampa como ele havia visto outros fazerem no acampamento. Com um pequeno movimento, o isqueiro acendeu logo da primeira vez e todo mundo ficou tão contente quanto ele pela qualidade do pishkesh, — Qual a orientação que Vossa Excelência precisa?

— Nada em particular, calênder Excelência — disse Lochart, em tom desgostoso, prosseguindo com o jogo de acordo com os costumes.

— Mas deve haver alguma coisa que poderia melhorar o grupo de Vossa Excelência? — O velho apagou o cigarro no chão.

Finalmente Lochart deixou-se convencer.

— Bem, já que Vossa Excelência tem a bondade de perguntar, se Vossa Excelência pudesse interceder por nós no komiteh, para que este nos dê um pouco mais de tempo, eu ficaria muito agradecido. Vossa Excelência, que conhece estas montanhas como o fundo do seu próprio prato, sabe que não podemos cumprir ordens de estranhos que obviamente não sabem que não podemos tirar todo o pessoal das plataformas, nem salvaguardar as plataformas, a propriedade que o ramo ilustre dos kash'kai, os Yazdek, possuem em Zagros, nem tirar todas as nossas máquinas e peças até amanhã ao pôr-do-sol.

— É verdade, os estranhos não sabem de nada — disse Nitchak Khan, satisfeito. Sim, ele pensou, os estranhos não entendem nada e aqueles cães que ousaram tentar implantar seus sujios costumes estrangeiros foram rapidamente punidos por Deus. — Talvez o komiteh possa conceder mais um dia.

— Isto seria mais do que eu ousaria pedir. Mas, calênder, isto não seria o bastante para mostrar-lhes como eles sabem pouco sobre o seu Zagros. Talvez eles precisem de uma lição. Eles deveriam dar pelo menos duas semanas. Afinal de contas, o senhor é o calênder de Yazdek e de todas as 11 plataformas e todo o Zagros conhece Nitchak Khan, Nitchak Khan ficou muito orgulhoso e também os aldeões, que se deixaram levar pela lógica do infiel. O khan apanhou o seu cigarro e o seu isqueiro.

Este acendeu na primeira tentativa.

— Duas semanas — disse, e todo mundo ficou muito satisfeito, inclusive Lochart. Então ele acrescentou, para dar a si mesmo tempo para pensar se duas semanas não seria tempo demais: — Eu vou mandar um mensageiro solicitando duas semanas.

Lochart levantou-se e agradeceu profusamente ao khan. Duas semanas dariam tempo a McIver. Do lado de fora, o ar tinha gosto de vinho e ele encheu os pulmões agradecido, feliz com a maneira pela qual conduzira a delicada negociação.

— Salaam, Nitchak Khan, que a paz esteja com você.

— E com você também.

Do outro lado da praça ficava a mesquita e ao lado dela, as ruínas da escola. Do outro lado da mesquita ficava a casa de dois andares de Nitchak Khan e, na porta, estavam sua mulher e dois dos seus filhos junto com outras mulheres da aldeia, também usando roupas coloridas.

— Por que a escola foi queimada, calênder?

— Ouvimos um dos homens do komiteh dizer: "Assim deve terminar tudo o que for estrangeiro.

Assim vai desaparecer a base e tudo o que ela contém. Nós não precisamos de estrangeiros aqui, não queremos nenhum estrangeiro aqui."

Lochart ficou triste. Isto é o que a maioria de vocês acredita, se não todos, pensou. E no entanto, muitos dentre nós tentam fazer parte do Irã, falar a língua, desejam ser aceitos, mas nunca o serão.

Então por que ficamos, por que tentamos? Talvez pela mesma razão pela qual Alexandre, o Grande, ficou, por que ele e dez mil dos seus oficiais se casaram com mulheres iranianas numa única grande

cerimônia. Porque existe uma magia nelas e no Irã que é indefinível, totalmente obsessiva, que consome como eu estou sendo consumido.

As mulheres que estavam cercando a esposa de Nitchak Khan deram uma gargalhada por algo que ela dissera.

— É melhor quando as esposas estão felizes, não? Elas são um presente de Deus para os homens, hein? — disse o khan, jovialmente.

Lochart concordou, pensando na sorte fantástica que Nitchak Khan tivera e no presente de Deus que era a sua esposa — como Xarazade para ele e, pensando nela, mais uma vez o horror da noite anterior tomou conta dele, o seu terror de quase tê-la perdido, sua loucura e tristeza, depois ter que bater nela e ver as marcas, quando tudo o que ele queria era a felicidade dela neste mundo e no outro, se houvesse um outro.

— E que sorte a minha por Deus tê-la feito uma atiradora tão boa, hein?

— Sim — disse Lochart, sem pensar. Ele sentiu um frio no estômago e xingou a si mesmo por ter deixado a sua mente divagar. Ele viu os olhos astutos observando-o e acrescentou apressadamente: — Atiradora? A sua mulher é uma boa atiradora? Por favor, desculpe-me, Excelência, eu não ouvi direito. O senhor quis dizer com um rifle?

O velho não disse nada, apenas examinou-o e depois balançou a cabeça Pensativamente. Lochart manteve o olhar firme e tornou a olhar para o outro lado da praça, imaginando se teria sido uma cilada proposital.

— Ouvi dizer que muitas mulheres kash 'kai sabem usar um rifle. Parece que, ahn, que Deus o abençoou de muitas maneiras, calênder.

Depois de alguns momentos Nitchak Khan disse: — Eu mando avisar a você amanhã, quanto tempo mais o komiteh permite. Que a paz esteja com você.

Ao voltar para a base, Lochart perguntou a si mesmo: Será que eu caí numa armadilha? Se a observação foi involuntária, feita por causa do orgulho que ele sente dela, então talvez, talvez nós

estejamos seguros e Scot esteja seguro. De qualquer modo, nós temos tempo — nós talvez tenhamos, mas Scot talvez não tenha.

O sol já tinha ido embora daquela parte do platô e a temperatura caíra rapidamente para abaixo de zero outra vez. O frio ajudou a clarear-lhe a mente mas não eliminou sua ansiedade nem venceu o cansaço.

Uma semana, duas semanas ou alguns dias, você não tem muito tempo, pensou. Em Teerã, McIver contara a ele que conseguira licenças de saída para três 212, para irem para Al Shargaz para 'reparos'.

— Tom, eu vou mandar um dos seus, um daqui, e um de Kowiss. E de lá para a Nigéria, mas pelo amor de Deus, guarde esta parte para você. Aqui estão os papéis de saída datados da próxima quarta-feira. Eu acho que você mesmo deveria ir e dar o fora enquanto pode. Você pode sair e ficar em Al Shargaz. Há muitos pilotos lá para levar adiante os 212.

Mac simplesmente não compreende, pensou. Ele saiu do meio das árvores e avistou a base, Scot e Jean-Luc esperando por ele ao lado de um 212.

Eu vou mandar Scot no helicóptero de carga aconteça o que acontecer, pensou Lochart, e tendo tomado a decisão, ficou um pouco menos preocupado. A decisão mais importante é: começamos a evacuar ou não? Para decidir isso, você tem que decidir até onde pode confiar em Nitchak Khan. Não se pode confiar muito, de jeito nenhum.

NO QG DO SERVIÇO SECRETO: 18:42H.

Fazia menos de 23 horas desde que Rakoczy fora capturado, mas ele já estava vencido e balbuciava o terceiro nível — a verdade. Os primeiros dois níveis foram camuflagens compostas de verdades parciais ensaiadas repetidas vezes por todos os agentes profissionais até que estivessem embebidas em seus subconscientes, na esperança de que essas meias-verdades desviassem a atenção dos inquiridores, evitando que eles cai/assem mais fundo, ou fazendo-os acreditar que tinham descoberto toda a verdade. Infelizmente para Rakoczy, os seus inquiridores eram especialistas e estavam ansiosos para ir ainda mais a fundo. O problema deles era evitar que a tortura o matasse antes. O problema de Rakoczy era como morrer rapidamente.

Quando ele fora apanhado na noite anterior, tinha imediatamente tentado morder a ponta do colarinho onde estava costurado o frasco de veneno — uma ação reflexa. Mas os seus captores tinham previsto isso, mantendo sua cabeça para trás enquanto lhe davam clorofórmio, depois o despiram cuidadosamente, procuraram algum dente falso de veneno em sua boca e examinaram o seu ânus para ver se havia alguma cápsula. Ele tinha esperado apanhar e ter que tomar drogas psicodélicas: — Se eles usarem isso em você, capitão Mzytryk, você está acabado — disseram seus professores.

— Não há muito a fazer exceto tentar morrer antes de revelar os segredos. É melhor morrer antes que eles acabem com você. Nunca se esqueça de que nós o vingaremos. Podemos esperar cinquenta anos, mas apanharemos aqueles que o traíram.

Mas ele não tinha esperado o grau de agonia a que eles o levaram tão depressa, nem as coisas inenarráveis que haviam feito com ele, enfiando-lhe eletrodos no nariz, boca, estômago, reto, nos

seus testículos e globos oculares — com injeções que o faziam dormir, que o faziam acordar, com poucos minutos de intervalo entre sono e vigília, sono e vigília, desorientado, de cabeça para baixo, do lado avesso.

— Pelo amor de Deus, Hashemi — dissera Robert Armstrong, enojado, logo no início — por que vocês simplesmente não lhe dão o soro da verdade, vocês têm estas drogas, não há necessidade de toda essa merda.

O coronel Hashemi Fazir tinha dado de ombros.

— Um pouco de crueldade faz bem à alma. Por Alá, você viu os arquivos, você viu o que a KGB fez com alguns dos nossos cidadãos que nem mesmo eram espiões?

— Isso não é desculpa.

— Nós precisamos desta informação depressa, por Deus. Nós precisamos alcançar o terceiro nível que você está sempre repisando. Eu não tenho tempo para a sua ética distorcida, Robert. Se você não quiser ficar, saia.

Armstrong tinha ficado. Ele tinha tapado os ouvidos para não ouvir os gritos, odiando aquela brutalidade. Não há mais necessidade disso hoje em dia, ele dissera para si mesmo, sabendo que ele já teria morrido há muito tempo.

Ele observou os dois homens através do espelho de uma só face enquanto eles trabalhavam em Rakoczy na câmara pequena e bem equipada, sentindo pena dele de uma certa forma — afinal, Rakoczy era um profissional como ele, um homem corajoso que tinha resistido de uma forma extraordinária.

Repentinamente os gritos cessaram e Rakoczy estava outra vez inerte. Hashemi falou no microfone que estava ligado aos fones do homem lá embaixo.

— Ele está morto? Eu disse a vocês, seus cães estúpidos, para terem cuidado.

Um dos dois homens era um médico. Os fones que ele usava cortavam todos os sons exceto as instruções dos inquiridores. Irritado, ele ergueu as pálpebras de Rakoczy e examinou os seus olhos, e com o estetoscópio ouviu o seu coração.

— Ele está vivo, coronel. Ele... ainda há uma forma de lidar com ele.

— Dê-lhe cinco minutos e depois acorde-o. E não o mate até que eu mande. — Furioso, Hashemi desligou o microfone e xingou o homem. — Não quero ele morto agora que estamos tão perto de saber de tudo. — Ele olhou para Armstrong, com os olhos brilhando. — Ele é o melhor que já tivemos, hein? Por Deus, Robert, ele é uma mina de ouro.

Rakoczy já balbuciara as suas duas camuflagens há muito tempo atrás e depois o seu nome verdadeiro, o seu número na KGB, onde tinha sido educado, onde tinha nascido, se casado, onde morava, seus superiores em Tbilisi, o seu envolvimento no Irã, o Tudeh, os mujahedins, como e onde eles apoiaram o movimento de independência dos curdos, quem eram os seus contatos.

— Quem é o agente principal da KGB no Azerbaijão?

— Eu... pare por favor... por favor pareeee... é Abdullah Khan de Tabriz. .. ele, só ele de importância e ele... ele era... ele é para ser o primeiro presidente quando o Azer... Azerbaijão se tornar independente mas agora ele ficou importante demais e inde... independente então... então ele agora é uma Seção 16/a...

— Você não está nos dizendo toda a verdade. Deem-lhe uma lição!

— Oh eu estou, eu estou, por favor...

Depois tornando a reanimá-lo e mais uma vez ele balbuciando, a respeito de Ibrahim Kyabi, do pai de Ibrahim, do mulá Kowissi, quem eram os líderes estudantis do Tudeh, sobre a sua própria esposa, seu pai e onde ele morava em Tbilisi, e sobre seu avô que esteve na polícia secreta do czar antes de ser membro fundador da Cheka, depois GPU, NKVD e finalmente KGB — fundada em 1954 por Kruchev depois de Beria ter sido fuzilado como espião ocidental.

— Você acredita que Beria era um espião nosso, Mzytryk?

— Sim... sim... ele era, a KGB tem provas oh sim... por favor paree... pareeee eu vou contar tudoooo...

— Como eles poderiam ter provas dessa mentira?

— Sim, era uma mentira mas nós tínhamos que acreditar nisso... nós tínhamos tínhamos tínhamos...

por favor pareeeee eu imploro0000...

— Parem de machucá-lo, seus demônios. — A voz de Armstrong veio como uma deixa. — Não há necessidade de machucá-lo se ele está cooperando... quantas vezes eu preciso repetir! Enquanto ele estiver dizendo a verdade não toquem nele. Deem-lhe um copo d'água. Agora, Mzytryk, conte-nos o que sabe sobre Gregor Suslev.

— Ele... ele é um espião, eu acho.

— Você não está dizendo a verdade! — Hashemi berrou com ele. — Deem-lhe uma lição!

— Não... não... por favor pare pelo amor de Deus pareeee... ele ele é Petr Oleg Mzytryk, meu pai meu pai... Suslev era o seu nome falso no Extremo Oriente perto de Vlad... Vladivostok e o outro nome falso era Brodnin... e e e ele mora em em Tbilisi e é conselheiro-chefe para assuntos iranianos e supervisor de Abdullah Abdullah Khan...

— Você está mentindo de novo. Como você poderia saber de todos esses segredos? Deem-lhe uma li...

— Por favor, não, eu juroooo que não estou mentindo eu... li o seu dossiê secreto e sei que é verdade... Brodnin foi o último e então ele... Alá me ajudeeeee... — Mais uma vez ele desmaiou. Mais uma vez eles o reanimaram.

— E como Abdullah Khan entra em contato com o seu supervisor?

— Ele... meu... eles se encontram sempre que... às vezes na... na fazenda, às vezes em Tabriz...

— Em que lugar em Tabriz?

— No... no palácio do khan...

— Como eles marcam o encontro?

— Por código... telex em código de Teerã... do QG...

— Que código?

— O... G16...G16...

— Qual é o nome de código de Abdullah Khan?

— Ivanovitch.

— E do seu supervisor? — Armstrong teve o cuidado de não perturbar o prisioneiro impotente fazendo-o lembrar que tinha traído o pai.

— Ali... Ali Khoy...

— Quem eram os contatos de Brodnin?

— Eu... eu não... eu não me lembro...

— Ajudem-no a lembrar-se!

— Por favor, por favor, oh Deus, oh Deus, espere, deixe-me pensar, eu não consigo me lembrar era era...

espere ele me disse que havia que havia três... era algo parecido com uma cor uma cor... espere, sim, Grey sim era Grey... e o outro era e o outro era Broad alguma coisa... Broad alguma coisa... eu acho que era Julian Broad alguma coisa...

— Quem mais? — perguntou Armstrong, disfarçando o seu choque. — O terceiro?

— Eu... não consigo me lem... não espereeee deixe-me pensarrrr... havia havia um outro... ele me disse que havia ele me contou sobre quatro... sobre quatro... um... um era... Ted... Ever... Ever alguma coisa... Everly e havia um outro... se... eu... por favorrrr deixe-me pensar e era era Peter... não Percy...

Percy Smedley sim Smedey Tailer ou Smidley...

A cor fugiu do rosto de Armstrong.

— ... foi só isso foi só isso que ele ele me contou...

— Diga-nos tudo o que sabe sobre Roger Crosse! Nenhuma resposta.

Pelo espelho eles viram o homem se contorcendo na mesa de operações, debatendo-se contra os fios enquanto sofria mais um castigo e, misturadas com os gemidos as palavras tornaram a jorrar: — Ele ele... pareeee ele era era chefe não chefe-adjunto do MI6 e foi quase o nosso agente secreto inglês mais importante por por... vinte anos ou mais e... e Brodnin Brod meu pai descobriu que ele era um agente duplo... triplo e ordenou-lhe Seção 16/a... Crosse nos enganou durante anos enganou enganou...

— Quem deu a dica para Brodnin a respeito de Crosse?

— Eu não sei, eu juro que não sei, eu não posso saber tudo, saber tudo, só o que estava no dossiê e o que ele me contou...

— Quem era o supervisor de Roger Crosse?

— Eu não sei, não sei, como eu poderia saber, eu só sei o que li escondido no dossiê do meu pai... vocês têm que acreditar em

mimmmm...

— Conte-me tudo o que havia no dossiê — disse Hashemi, tão interessado agora quanto Armstrong.

Eles ouviram, separando as palavras dos gritos. Às vezes uma mistura quase incoerente de russo e farsi enquanto Rakoczy continuava a produzir mais nomes e endereços e disfarces e postos em resposta às suas perguntas, com a memória estimulada por novos níveis de dor, até que ficou vazio e repetitivo e confuso, e sem valor. Então, misturado com as palavras sem sentido veio.

— Pah... mud... Pah... mudi...

— O que é que tem Pahmudi? — perguntou Hashemi, abruptamente.

— Eu... ele... me ajudou...

— O que é que tem Pahmudi? Ele é um agente soviético? Agora só havia palavras incoerentes, choro e confusão.

— É melhor dar-lhe um descanso, Hashemi. A memória dele é boa demais para ser destruída. Nós podemos saber o que Pahmudi significa amanhã e rever as informações. — Armstrong também estava esgotado, secretamente maravilhado com as informações que Rakoczy tinha fornecido. — Eu aconselho um período de descanso, deixe-o dormir por umas cinco horas, depois podemos recomeçar.

Na câmara, os dois homens aguardavam instruções. O médico consultou o relógio. Ele estava naquilo há seis horas, sem descanso, suas costas doíam e também a sua cabeça. Mas ele era um especialista da Savak há muito tempo e estava muito satisfeito por ter levado Rakoczy ao nível da verdade sem drogas. Ateu filho da mãe! Ele pensou com nojo.

— Deixem-no dormir por quatro horas, depois vamos recomeçar — ouviu-se pelo alto-falante.

— Sim, coronel. Muito bem. — Ele examinou os olhos debaixo das pálpebras, depois disse cuidadosamente para o seu assistente, que era surdo-mudo mas podia ler lábios: — Deixe-o como está. Vai poupar tempo quando voltarmos. Ele vai precisar de uma injeção para acordar. — O homem balançou a cabeça e, quando a porta foi aberta pelo lado de fora, os dois homens saíram.

No quarto por trás do espelho o ar estava seco e enfumaçado.

— E quanto a Pahmudi.

— Ele tem que estar ligado com Mzytryk, Petr Oleg. — Armstrong estava repassando as informações de Rakoczy, fascinado.

Hashemi tirou os olhos do homem que estava deitado na mesa e desligou o gravador, apertando o botão de reenrolar. Numa gaveta entreaberta, havia mais sete fitas cassete.

— Posso ter cópias? — Armstrong perguntou.

— Por que não? Os olhos de Hashemi estavam vermelhos e já havia uma sombra de barba no seu rosto embora ele se tivesse barbeado há poucas horas.

— O que havia de tão importante sobre Brodnin e aqueles outros nomes, Grey, Julian Broad alguma coisa, Ted Ever alguma coisa e Percy Smedley ou Smidley Tailler?

Armstrong levantou-se para aliviar a dor no ombro e também para ter tempo para pensar.

— Brodnin era um homem de negócios soviético, da KGB, mas um agente duplo nosso. Nunca houve nenhuma suspeita de que ele nos estivesse enganando. Julian Broad alguma coisa tem que ser Julian Broadhurst. Nós nunca soubemos de nada sobre ele, nunca houve nenhum boato, nada. Ele é um líder da Sociedade Fabian, um membro altamente respeitado do partido trabalhista, com livre entrada no gabinete, conselheiro e confidente de primeiros-ministros.

— E acrescentou aborrecido: Patriota.

— Então agora você o tem nas mãos. Traidor. Então ponha-o numa mesa por algumas horas, tire tudo dele e depois afogue-o no Tâmisa. Grey?

— Lord Grey, agitador da esquerda, ex-sindicalista, líder fanático do grupo anti-China e anti-Hong Kong, educadamente anticomunista, mandado para a Câmara dos Lordes há alguns anos para criar mais confusão. Nós fizemos uma investigação sobre ele há alguns anos, mas ele saiu limpo. Nada exceto a sua política. — Meu Deus, Armstrong estava pensando, se ambos são espões e traidores, e se pudermos provar, isso destruiria o Partido Trabalhista, sem falar na explosão que Percy causaria nos

Conservadores. Mas como provar e continuar vivo? — Nós nunca tivemos nada contra ele.

— Então agora você o tem nas mãos também. Traidor. Tire tudo dele e mate-o. Ted Ever alguma coisa?

— Everly — menino de ouro da TUC sendo preparado para o gabinete. Impecável político centrista.

Nunca houve nem um cheiro de cor-de-rosa, quanto mais de comunista.

— Agora você o tem nas mãos. Torture-o. Smedley ou Smidley Tailler?

Robert Armstrong ofereceu-lhe um cigarro. Percy Smedley-Taylor: nobreza rural, rico, Trinity College... um anormal apolítico que consegue manter as suas aberrações fora da imprensa quando é apanhado. Conhecido crítico de dança, editor de revistas eruditas, com ligações impecáveis e intocáveis com as fontes mais altas e mais delicadas do poder inglês. Cristo todo-poderoso, se ele é um espião soviético... É impossível! Não seja idiota, você já está nisso há muitos anos, conhece segredos demais para se surpreender com alguém.

— Não significa nada, mas eu vou checá-lo, Hashemi — ele disse, sem querer dividir o que sabia até que tivesse resolvido o que fazer.

O gravador desligou quando acabou de reenrolar a fita. Hashemi tirou-a, colocou-a junto com as outras na gaveta de baixo e trancou-a cuidadosamente.

— Então lide com eles à nossa maneira: envie um emissário até eles, Robert, eles e seus nojentos amigos importantes. Eles lhe darão suficiente pishkesh para compensar a sua falta de pensão. — Hashemi riu alegremente, inserindo uma outra fita. — Mas não vá pessoalmente ou acabará numa travessa com uma faca nas costas ou veneno na cerveja. Esses filhos da mãe importantes são todos iguais. — Ele estava muito cansado, mas a sua excitação com todo o maravilhoso conhecimento que Rakoczy proporcionara a eles espantou-lhe o sono. — Nós já tiramos dele o suficiente para dinamitar o Tudeh, controlar os curdos, impedir a insurreição no Azerbaijão, colocar Teerã em segurança, Kowiss em segurança, e fortalecer Khomeini no poder, disse para si mesmo.

— É isso o que você quer? E quanto a Abrim Pahmudi? O rosto de Hashemi ficou sombrio.

— Que Alá me deixe lidar com ele convenientemente! Rakoczy me deu uma chave de ouro, talvez até mesmo para chegar a ele. — E olhou para Armstrong. — De ouro para você também, hein? Este Suslev, Petr Oleg, que assassinou o grande Roger Crosse, hein?

— Sim. Você também. Agora você sabe quem é o seu maior inimigo.

— O que significa Mzytryk, este Suslev, para você?

— Eu tive um pega com ele há anos, em Hong Kong. — Armstrong tomou um gole de café frio, atirando a isca. — Ele podia fornecer a você, e a mim, mais ouro do que o filho. Ele podia entregar Abrim Pahmudi e entregar, Deus sabe a quem mais. Talvez o Komiteh Revolucionário? Eu faria qualquer coisa para tirar informações de Suslev. Como podemos conseguir isto?

Hashemi desviou a atenção de Pahmudi e colocou-a de volta no perigo que estavam correndo ele e sua família — Em troca você me arranja um passaporte britânico, uma maneira segura de sair e uma pensão substancial, caso eu precise?

Armstrong estendeu a mão.

— Feito — disse ele.

Os dois homens apertaram-se as mãos, nenhum deles acreditando que aquele gesto tivesse qualquer outro valor além da delicadeza, ambos sabendo que cumpririam a promessa se pudessem, mas só se fosse em proveito próprio.

— Se o pegarmos, Robert, eu controlo o interrogatório e pergunto o que quiser primeiro.

— É claro, você é o chefe. — Armstrong disfarçou o seu contentamento.

— Você seria capaz de apanhá-lo?

— Talvez eu pudesse convencer Abdullah Khan de arranjar um encontro deste lado da fronteira.

Rakoczy já nos disse o suficiente sobre ele para fazê-lo contorcer-se, embora tenhamos que ser cautelosos... ele é um dos nossos melhores agentes também.

— Fale sobre a Seção 16/a. Aposto que ele não sabe que foi traído. Hashemi concordou.

— Se conseguirmos fazer Petr Oleg atravessar a fronteira, não há necessidade de trazê-lo para cá.

Nós podemos tratar dele no nosso posto em Tabriz.

— Eu não sabia que vocês tinham um posto lá.

— Há um monte de coisas que você não sabe sobre o Irã, Robert. — Hashemi apagou o cigarro.

Quanto tempo ainda me resta? ele pensou nervosamente, totalmente desacostumado a se sentir como a caça e não como o caçador.

— Pensando bem, dê-me o passaporte amanhã.

— Quanto tempo você vai levar para 'convencer' Abdullah Khan?

— Nós vamos ter que agir com cuidado. Aquele desgraçado é todo-poderoso no Azerbaijão. — Ambos olharam para Rakoczy, que se mexeu, gemeu e tornou a mergulhar no seu pesadelo. — Temos que ter muito cuidado.

— Quando?

— Amanhã. Assim que terminarmos com Rakoczy, visitaremos Abdullah. Você providencia o avião, ou helicóptero. Você está em bons termos com a CHI, não está?

Armstrong sorriu.

— Você sabe de tudo, não?

— Só a respeito do que acontece em Teerã, dos assuntos islâmicos e iranianos.

Hashemi ficou imaginando o que McIver e os outros estrangeiros que trabalhavam com petróleo fariam se soubessem que o ministro interino Ali Kia, recentemente nomeado para o conselho da ATC, tinha, há poucos dias, recomendado a nacionalização imediata de todas as companhias estrangeiras ligadas ao petróleo, de todos os aviões com registro iraniano, de todas as companhias de aviação, e a expulsão de todos os pilotos e empregados estrangeiros.

— E como o senhor vai atender aos campos de petróleo, ministro Excelência? — ele perguntara quando soube.

— Nós não precisamos de estrangeiros. Os nossos próprios pilotos podem atender aos nossos campos. Nós não temos centenas

de pilotos que precisam provar a sua lealdade? Eu suponho que o senhor tenha arquivos secretos a respeito de todos os pilotos estrangeiros, executivos e assim por diante. O, ahn, o komiteh os está solicitando.

— Eu acho que não temos nada, Excelência. Esses arquivos foram organizados pela Savak — Hashemi dissera suavemente. — Eu suponho que o senhor saiba que essas pessoas horríveis possuem uma pasta completa sobre Vossa Excelência?

— Que pasta? Eu? Savak? Você deve estar enganado.

— Talvez. Eu nunca a li, Excelência, mas soube da sua existência. Contaram-me que ela cobre os últimos vinte anos. Talvez ela só contenha mentiras...

Ele deixara o ministro Kia muito abalado, com a promessa de que tentaria obter a pasta secretamente e entregaria a ele e tinha rido até estar de volta ao QG do Serviço Secreto. A pasta sobre Ali Kia — sua pasta — cobria mesmo vinte anos e continha provas irrefutáveis de todo o tipo de negociatas, usura, ações pró-xá, junto com práticas sexuais altamente originais — fotografadas — que fariam os conservadores fundamentalistas terem um ataque.

— Qual é a piada? — Armstrong perguntou.

— A vida, Robert. Há duas semanas eu tinha à minha disposição toda a Força Aérea, se precisasse, agora eu preciso pedir a você para arranjar um avião. Você arranja o avião, eu arrango a licença. — E sorriu. — Você vai me entregar o passaporte britânico, perfeitamente válido, como diria Talbot, antes de decolarmos, certo?

— Certo. — Armstrong disfarçou um bocejo. — Enquanto estamos esperando, não podemos ouvir o último cassete?

Hashemi estendeu a mão para apanhar a chave, mas parou ao ouvir uma batida na porta.

Demonstrando cansaço, ele se levantou e abriu-a. Sua fadiga desapareceu. Havia quatro homens do lado de fora. Um dos seus próprios homens, lívido, e três Faixas Verdes. Armados. Ele conhecia o mais velho deles.

— Salaam, general — disse polidamente, com o coração apertado. — Que a paz esteja com o senhor.

— Salaam, coronel. Que a paz esteja com o senhor. O general Janan tinha uma fisionomia dura e sua boca era uma linha. Savak. Ele olhou friamente para Armstrong, depois apanhou um papel e entregou-o a Hashemi. — Você deve entregar-me o prisioneiro Yazernov imediatamente.

Hashemi pegou o papel, agradecendo a Deus por ter arriscado tudo para capturar Rakoczy e fazê-lo chegar rapidamente ao terceiro nível. "Ao coronel Hashemi Fazir, Serviço Secreto. Urgente. Por ordem do Komiteh Revolucionário: O Departamento de Serviço Secreto está dissolvido e todo o pessoal será absorvido imediatamente por esta organização sob o comando do general Janan. O senhor está suspenso de suas funções até novas ordens. Deverá entregar imediatamente ao general Janan o prisioneiro Yazernov e todas as fitas do interrogatório. (Assinado) Abrim Pahmudi, Diretor, Savama."

— O espião ainda está no segundo nível e o senhor vai ter que esperar. É perigoso removê-lo e...

— Ele não está mais sob sua responsabilidade.

O general fez um sinal para um dos seus homens, que saiu, chamou os outros para o corredor depois desceu as escadas e entrou na câmara lá embaixo. O médico, pálido e muito nervoso, estava junto com eles. Quando os Faixas Verdes viram o homem nu sobre a mesa, os instrumentos e a forma como ele estava cheio de fios, seus olhos faiscaram. O médico começou a tirar os fios. Lá em cima, na sala de interrogatório, Hashemi olhou para o general.

— Eu advirto, formalmente, que é perigoso removê-lo. O senhor é responsável.

— Insha'Allah. Apenas entregue-me as fitas.

Hashemi deu de ombros e destrancou a gaveta de cima e entregou-lhe as doze fitas do primeiro e do segundo nível, praticamente sem valor nenhum.

— E as outras também! Agora!

— Não há mais nenhuma.

— Abra a outra gaveta!

Mais uma vez Hashemi deu de ombros, escolheu uma chave e usou-a cuidadosamente. Ela girou corretamente. A chave punha em

funcionamento o magnetizador e apagava as fitas. Só ele e Armstrong conheciam o segredo — bem como as instalações secretas dos gravadores em duplicata: — Nunca se sabe, Hashemi, quando se pode ser traído e por quem — Armstrong dissera-lhe há anos, quando, juntos, eles haviam instalado o equipamento. — Você pode querer apagar as fitas e depois usar as fitas secretas para negociar a sua liberdade. Nunca se é cuidadoso demais num jogo desses.

Hashemi abriu a gaveta, rezando para que os dois mecanismos estivessem funcionando. Insha'Allah, pensou e entregou as oito fitas. — Estou-lhe dizendo que elas estão vazias.

— Se estiverem, aceite as minhas desculpas, se não estiverem... Insha'Allah! — O general olhou para Armstrong, com os olhos duros como pedra. — É melhor você deixar o Irã depressa. Dou-lhe um dia e uma noite pelos serviços prestados no passado.

NA CASA DE BAKRAVAN, PERTO DO BAZAR: 20:57H.

Xarazade estava deitada de bruços na cama, tomando uma massagem, e gemeu de prazer enquanto a velha passava óleo nas suas manchas roxas e na pele — Oh, tenha cuidado, Jari.

— Sim, sim, minha princesa — murmurou Jari, com as mãos fortes e suaves aliviando a dor.

Ela tinha sido babá e empregada de Xarazade desde o seu nascimento e a amamentara quando o seu próprio bebê, nascido uma semana antes, morrera. Durante dois anos ela amamentou Xarazade e depois, porque Jari era uma mulher tranquila e gentil, agora viúva, ficara encarregada de tomar conta dela. Quando Xarazade se casou com Emir Paknouri, ela a acompanhou para a casa dele e então, quando o casamento terminou, elas voltaram para casa alegremente. Estúpido casar uma flor daquelas com um homem que preferia garotos, por mais dinheiro que ele tivesse, Jari sempre pensara assim, mas nunca dissera nada. Nunca nunca

nunca. Era perigoso ir contra o chefe da casa — qualquer chefe da casa — mais ainda quando se tratava de um avarento como Jared Bakravan, pensou, nada triste por ele estar morto.

Quando Xarazade se casara pela segunda vez, Jari não fora para o apartamento. Mas isso não tinha importância, porque Xarazade passava os dias lá quando o infiel estava fora. Todos os empregados o chamavam assim e o toleravam por causa da felicidade dela, que só as mulheres compreendiam.

— Eeee, que demônios são os homens — ela disse e disfarçou um sorriso, compreendendo muito bem. Todos eles tinham ouvido os gritos e os soluços na noite passada, e embora todos soubessem que um marido tinha o direito de bater na mulher e que Deus tinha permitido que os golpes do infiel tirassem a sua senhora do seu ataque, ela própria ouvira gritos diferentes, pouco antes do amanhecer, os gritos dos dois no jardim de Deus.

Ela mesma nunca estivera lá. Outras lhe contavam como tinham sido transportadas, e Xarazade também, mas as poucas vezes que o seu marido tinha deitado com ela fora para o prazer dele e não dela. A parte dela tinha sido sofrimento e seis filhos antes dos vinte anos, sendo que quatro tinham morrido quando ainda eram bebês. Depois ele morrera, livrando-a de morrer de parto, o que ela sabia que de outro modo seria inevitável. Como Deus quiser! Oh, sim, disse a si mesma, contente, Deus me salvou e o fez morrer e agora, com toda a certeza, ele está ardendo no fogo do inferno, pois ele era um blasfemador que mal rezava uma vez por dia. Deus também me deu Xarazade!

Ela olhou para o lindo corpo macio e para os longos cabelos escuros. Eeee, disse a si mesma, que bênção ser tão jovem, tão elástica, tão disposta para fazer o trabalho de Deus por longo tempo — Vire-se, princesa, e..

— Não, Jari, está doendo muito.

— Sim, mas eu preciso massagear os músculos do seu estômago e fortalecê-los. — Jari deu uma risadinha. — Eles precisam ficar bem fortes.

Imediatamente, Xarazade virou-se e olhou para ela, esquecendo-se da dor: — Oh, Jari, você tem certeza?

— Só Deus pode ter certeza, princesa. Mas você alguma vez atrasou tanto? Você não está atrasada?, e atrasada também em ter um filho?

As duas mulheres riram juntas, depois Xarazade deitou-se de costas e entregou-se às mãos dela e ao futuro e ao momento feliz quando dissesse a ele: Tommy, sinto-me honrada em comunicar... não, não está bom. Tommy, Deus nos abençoou... não, assim também não está bom embora seja verdade. Se ao menos ele fosse muçulmano e iraniano, seria tão mais fácil. Oh, Deus, e Profeta de Deus, faça com que Tommy se torne muçulmano para salvá-lo do inferno, faça com que meus filhos sejam fortes e faça-os crescer para terem filhos e filhas e estes terem filhos... oh, como somos abençoados por Deus..

Ela deixou a mente divagar. A noite estava calma, ainda caía um pouco de neve e não havia muito tiroteio. Daqui a pouco eles jantariam e depois ela jogaria gamão com a prima Karim ou com Zarah, mulher do seu irmão Meshang, depois iria dormir satisfeita, tendo passado bem o dia.

De manhã, quando Jari a acordara, o sol já estava alto, e embora ela tivesse chorado um pouco por causa da dor, o óleo e a massagem a fizeram sentir-se logo aliviada. Depois veio o banho ritual e a primeira oração do dia, ajoelhada diante do pequeno altar num canto do quarto, com o seu sajadeh, a pequena tapeçaria quadrada, finamente tecida, com sua tigela de areia sagrada de Cabella e, além disso, a fileira de contas de rezar e sua cópia do Corão, lindamente decorada. Um rápido café da manhã composto de chá, pão fresco ainda quente do forno, manteiga, mel e leite, um ovo cozido como sempre — isso raramente faltava, mesmo durante os maus momentos — e depois a caminhada rápida até o bazar, de véu e chador, para ver Meshang, o seu adorado irmão.

— Oh, Meshang, meu querido, você parece tão cansado. Soube o que houve com o nosso apartamento?

— Sim, soube — respondeu taciturno, com sombras negras sob os olhos. Aqueles quatro dias desde que seu pai fora para a prisão Evin tinham-no envelhecido. — Filhos de um cão, todos eles! Mas eles não são do nosso povo. Ouvi dizer que são membros da OLP

agindo em nome deste Komiteh Revolucionário. — E deu de ombros.
— Seja como Deus quiser!

— Como Deus quiser, sim. Mas meu marido disse que um homem chamado Teymour, o líder, este homem disse que nós tínhamos até a hora da oração da tarde de hoje para retirar as nossas coisas.

— Sim, eu sei. Seu marido deixou um recado para mim antes de partir esta manhã para Zagros. Eu mandei Ali e Hassan e alguns outros empregados, disse a eles para fingirem ser transportadores e recolherem tudo o que pudessem.

— Oh, obrigado, Meshang, que esperteza a sua. — E ficou mais aliviada. Ela não podia nem imaginar ter que ir lá pessoalmente. Seus olhos se encheram de lágrimas. — Eu sei que é a Vontade de Deus, mas me sinto tão vazia sem papai.

— Sim, sim... eu sinto a mesma coisa... Insha'Allah.

Não havia mais nada que ele pudesse fazer. Ele fizera tudo corretamente, supervisionando a limpeza do corpo, envolvendo-o com a melhor musselina, e depois o funeral. Agora a primeira parte do luto estava terminada. No quadragésimo dia haveria outra cerimônia no cemitério quando mais uma vez eles chorariam e rasgariam suas roupas e todos estariam inconsoláveis. Mas depois, como agora, cada um deles mais uma vez retomaria o fardo da vida, havia o Shahada para ser recitado cinco vezes por dia, os Cinco Pilares do Islã para obedecer, para garantir que a pessoa fosse para o céu e não para o inferno — o único motivo importante para viver. Eu certamente irei para o paraíso, pensou com total confiança.

Eles ficaram sentados, em silêncio, na pequena sala sobre a loja que há tão pouco tempo atrás era o domínio particular de Jared Bakravan. Será que fora só há quatro dias que papai estivera lá negociando o novo empréstimo com Ali Kia — quando nós ainda tínhamos algo a oferecer — e que Paknouri entrou e todos os nossos problemas começaram? Filho de um cão! É tudo culpa dele. Ele levou os Faixas Verdes até lá. Sim, ele era uma maldição há anos. Se não fosse pela sua fraqueza, Xarazade já teria tido uns cinco ou seis filhos e nós não teríamos que aturar o infiel que nos torna alvo das zombarias dos lojistas.

Ele viu a mancha em volta do seu olho esquerdo mas não comentou nada. Esta manhã ele agradecera a Deus e concordara com sua mulher que a surra a trouxera de volta do seu ataque.

— Não há nenhum mal numa boa surra de vez em quando, Zarah — ele concluíra com prazer, e pensara: todas as mulheres precisam de uma boa surra de vez em quando, com suas constantes reclamações, choros, picuinhas, ciúmes, interferências e toda essa conversa de votação e marchas e protestos. Contra o quê? Contra as leis de Deus!

Eu nunca entenderei as mulheres. Entretanto, até o Profeta, cujo nome seja louvado, ele, o homem mais perfeito que já viveu, até ele teve problemas com as mulheres e mais dez esposas depois que Khadija, a primeira, morreu após ter-lhe dado seis filhos — que pena que nenhum dos seis filhos sobrevivesse, exceto sua filha Fátima. Mesmo depois de toda essa experiência com mulheres, está escrito que até o Profeta, até ele, tinha que se afastar de vez em quando para ter um pouco de paz.

Por que as mulheres não podem contentar-se em ficar em casa, em serem obedientes, ficarem caladas e não se meterem?

Há tanto o que fazer. Tantos fios de meada para desenrolar e descobrir, tantos segredos para revelar, contas e notas promissórias e débitos para descobrir, e tão pouco tempo. Todas as nossas propriedades roubadas, aldeias, a propriedade no mar Cáspio, casas e apartamentos e edifícios em toda Teerã — tudo o que é do conhecimento daqueles demônios! Demônios! O Komiteh Revolucionário, os mulás e os Faixas Verdes são demônios na terra. Como vou lidar com todos eles?

Mas tenho que fazê-lo de algum modo. Tenho, e então, no ano que vem, farei a peregrinação a Meca.

— Seja como Deus quiser — disse e se sentiu um pouco melhor. E Deus quis que eu me encarregasse de tudo muito mais cedo do que eu esperava, muito embora eu esteja tão bem treinado quanto qualquer filho estaria para assumir um império, até mesmo o império Bakravan.

Também foi do desejo de Deus que eu já conhecesse a maioria dos segredos, revelados a mim por meu pai nos últimos anos,

quando ele descobriu que podia confiar em mim, que eu era mais inteligente do que ele tinha esperado. Não fui eu que sugeri as contas numeradas na Suíça há quase sete anos, e expliquei sobre os títulos do Tesouro dos Estados Unidos, o investimento imobiliário na América, e, principalmente, sobre as Sete Irmãs? Nós fizemos milhões, e tudo a salvo desses filhos de um cão, graças a Deus! Em segurança na Suíça, em ouro, terras, ações, dólares, marcos alemães, iens e francos suíços...

Viu Xarazade olhando para ele, esperando.

— Os empregados farão tudo antes do pôr-do-sol, Xarazade, não se preocupe — disse com amor, mas desejando que ela fosse embora para que pudesse prosseguir com o seu trabalho. Mas estava na hora de tratar de outros assuntos: — Este seu marido, ele concordou em se tornar muçulmano, não?

— Quanta gentileza a sua em se lembrar, querido Meshang. Meu marido concordou em pensar nisso — respondeu defensivamente. — Eu o tenho instruído sempre que posso.

— Ótimo. Quando ele voltar, por favor diga-lhe que venha me ver.

— Sim, é claro — ela disse imediatamente. Meshang era o chefe da família agora e, como tal, tinha que ser obedecido sem perguntas.

— O prazo de um ano e um dia já venceu, não? — O rosto de Xarazade iluminou-se.

— Sinto-me honrada em dizer-lhe, Meshang querido, que talvez Deus nos tenha abençoado. Eu estou um ou dois dias atrasada.

— Que Deus seja louvado. Isto merece ser celebrado! Papai teria ficado tão feliz. — Ele deu-lhe um tapinha na mão. — Ótimo. Agora, e quanto a ele, o seu marido? Este seria o momento perfeito para um divórcio, não?

— Não! Oh, como você pode dizer uma coisa dessas? — Ela exclamou, antes de poder controlar-se.

— Oh, absolutamente não, oh, não, isto seria terrível, eu morreria, seria terr...

— Fique quieta, Xarazade! Pense! — Meshang estava estarecido pela sua falta de educação. — Ele não é iraniano nem muçulmano,

ele não tem dinheiro, não tem futuro, não merece fazer parte dos Bakravans, você não concorda?

— Sim, sim, é claro, eu... eu concordo com tudo o que você está dizendo, mas se puder dizer uma coisa... — ela falou apressadamente, mantendo os olhos baixos para disfarçar o choque, amaldiçoando-se por não ter percebido o quanto Meshang se opunha ao seu Tommy, e que, portanto, era um inimigo contra quem ela devia se proteger. Como pode ser tão estúpida e ingênua? — Eu concordo que pode haver problemas, meu querido, e concordo com tudo o que você disse... — Ela se ouviu dizendo com sua voz mais melosa, enquanto sua cabeça trabalhava na velocidade da luz, analisando, descartando, tentando fazer um plano, para agora e para o futuro, pois sem a benevolência de Meshang a vida seria muito dura. — Você é o homem mais sábio que eu conheço... mas permita-me dizer que Deus talvez o tenha posto no meu caminho, papai concordou com o nosso casamento, então até que Deus o tire do meu caminho eme...

— Mas agora eu sou o chefe da família e tudo mudou. Os aiatolás mudaram tudo — ele disse secamente. Ele jamais gostara de Lochart, ressentia-se por ele ser um infiel, a causa de todos os seus problemas passados e presentes; desprezava-o por ser um intruso e uma despesa injustificada, mas como não pudera interferir e por causa do acordo tácito do pai, ele sempre mantivera esse sentimento oculto. — Não preocupe a sua linda cabecinha, mas a revolução mudou tudo. Nós vivemos num mundo diferente, e é nessa perspectiva que eu preciso considerar o seu futuro e o futuro do seu filho.

— Você tem toda a razão, Meshang, e eu o abençoo por pensar em mim e no meu filho, como você é maravilhoso e que sorte você estar aqui para tomar conta de nós — disse, tendo recuperado o controle. E continuou a elogiar e a bajular, mostrando-se arrependida por sua falta de educação, usando toda sua astúcia, não dando a ele nenhuma indicação e desviando a conversa para outros assuntos. Então, na hora certa, ela disse: — Eu sei que você deve estar muito ocupado. — E se levantou sorrindo. — Você e Zarah

estarão em casa para o jantar? O primo Karim vem jantar, e conseguir escapar da base, não vai ser divertido?

Eu não o vejo desde... — ela parou em tempo. — Pelo menos há uma semana, mas o mais importante, Meshang, é que o cozinheiro vai fazer o seu horisht favorito, exatamente do modo como você gosta.

— Oh, vai? Oh, bem, sim, sim, nós estaremos em casa. Mas diga a ele para não usar alho demais.

Agora, quanto ao seu marido...

— Oh, isto me faz lembrar, querido Meshang — disse, jogando sua última cartada. Por enquanto. — Ouvi dizer que Zarah agora tem a sua permissão para ir à Marcha das Mulheres, depois de amanhã, que bondade a sua. — Ela viu ficar vermelho e riu consigo mesma, sabendo que Zarah estava decidida ir e ele estava decidido a que ela não fosse. Sua fúria explodiu. Ela ouviu pacientemente, com os olhos inocentes, concordando de vez em quando, na hora certa.

— Meu marido concorda totalmente com você, Meshang querido — disse com o fervor apropriado.

— Sim, totalmente, querido irmão, e eu vou falar com Zarah, caso ela comente alguma coisa a respeito dos seus sentimentos...

— Não que isso faça a menor diferença para ela, ou para mim, porque a esta marcha de protesto nós iremos de qualquer maneira. Ela o beijou de leve. — Até logo, meu querido, tente não trabalhar demais. Eu vou providenciar o horisht.

Então ela fora imediatamente falar com Zarah e a avisara que Meshang ainda estava furioso por causa da marcha.

— Ridículo! Todas as nossas amigas vão estar lá, Xarazade. Será que ele quer nos envergonhar diante das nossas amigas? — Juntas elas tinham feito um plano. E como a tarde já estava no fim ela correria para casa para mandar fazer o horisht.

— Exatamente como o mestre gosta e se você usar alho demais e não estiver perfeito, eu... eu vou mandar o velho Ashabageh, o adivinho, botar mau-olhado em você! Vá até o mercado e compre o melão que ele adora!

— Mas senhora, há tempo que não há melões...

— Arranje um! — gritara, batendo com os pés. — É claro que você pode conseguir um.

Depois supervisionara Jari enquanto ela arrumava todas as suas roupas e as de Tommy, derramando uma lágrima de vez em quando, não pela perda do apartamento, que ele desejara mais do que ela, mas de felicidade por estar de novo em casa. Um descanso, uma oração, depois um banho, e agora a massagem.

— Pronto, princesa — disse Jari, com os braços cansados. — Agora você deve se vestir para o jantar. O que gostaria de usar?

Ela escolhera a roupa que mais agradaria a Meshang, a saia de lã colorida e a blusa que ele admirava. Então, mais uma vez, fora verificar o horisht e o polo — a maneira iraniana de cozinhar o arroz, com uma crosta dourada de dar água na boca — e a outra especialidade de Meshang, o melão, cheiroso, suculento e perfeitamente esculpido.

Esperando por seu primo Karim Peshadi — amando-o, lembrando-se de como tinham crescido juntos, suas famílias sempre unidas, os verões nas propriedades do mar Cáspio, nadando e velejando e, no inverno, esquiando perto de Teerã, nada além de festas, bailes e alegria, Karim alto como o pai, o coronel-comandante de Kowiss, e tão bonito quanto ele. Ela sempre associava Karim àquela primeira noite de setembro em que vira o estrangeiro alto com olhos azuis-acinzentados — olhos que brilharam com o fogo celestial de que falavam os antigos poetas, no mesmo instante em que pousaram nela...

— Alteza, Sua Excelência, seu primo capitão Karim Peshadi, pede permissão para vê-la.

Ela correria alegremente para recebê-lo. Ele estava olhando por uma das janelas do menor dos salões de recepção, que tinha as paredes forradas de espelhos e as janelas seguindo um desenho artístico persa, e cuja única mobília era o tradicional sofá baixo que circundava as paredes, uns poucos centímetros para fora do tapete grosso, macio e revestido da mais fina fazenda persa — como o encosto que ficava preso nas paredes.

— Querido Karim, que bom — Ela parou. Era a primeira vez que o via desde o dia em que tinham ido juntos ao comício de Doshan

Tappeh, há uma semana, e agora ele parecia um estranho. Com a pele esticada sobre as maçãs do rosto, terrivelmente pálido, com círculos negros em volta dos olhos, mal barbeado, mal vestido, quando geralmente ele se mostrava impecavelmente vestido e arrumado.

— Oh, Karim, o que foi?

Os lábios dele se moveram mas não saiu nenhum som. Ele tornou a tentar.

— Papai está morto, fuzilado por crimes contra o Islã, eu fui considerado suspeito, fui suspenso e posso ser preso a qualquer momento — disse amargamente. — Quase todos os nossos amigos são suspeitos, o coronel Jabani desapareceu, acusado de traição. Você se lembra dele, o que conduziu o povo contra os Imortais e perdeu quase toda a mão numa explosão...

Apatetada, ela ficou sentada, escutando, olhando para ele.

— ...mas o pior ainda está para vir, querida Xarazade. O tio... tio Valik e Annoush e os pequenos Jalal e Setarem estão todos mortos, foram mortos tentando fugir para o Iraque num 212 civil...

Seu coração parecia que tinha parado e o pesadelo começou.

— ...eles foram interceptados e derrubados perto da fronteira do Iraque. Eu estive no QG hoje, esperando para responder às perguntas do nosso komiteh quando o telex da base de Abadan chegou — aqueles filhos de um cão do komiteh não sabem ler, então pediram-me para ler, sem saber que eu tinha ligação com Valik, que nós éramos parentes. O telex estava marcado como secreto e dizia que os generais traidores Valik e Seladi tinham sido identificados por seus documentos, encontrados nos destroços do 212, junto com outros e... e uma mulher e duas crianças... e pedia-nos para checar o helicóptero, supostamente um dos helicópteros da companhia de Tom que tinha sido sequestrado, EP-HBC...

Ela desmaiou.

Quando voltou a si, Jari passava uma toalha molhada em sua testa, com outros empregados rodeando-a, ansiosos, e Karim, pálido e arrependido mais atrás. Ela o olhou com um ar vago. Então tudo o que ele contara veio à sua cabeça, bem como o que Erikki dissera e

a estranheza de Tom. E mais uma vez tudo se embaralhou e outra onda de terror começou a invadi-la.

— Excelência... Excelência Meshang já chegou? — Ela perguntou com voz fraca.

— Não, não, princesa. Deixe-me ajudá-la a ir para a cama, você vai se sentir me...

— Eu estou... não, obrigada, Jari, eu... eu estou bem. Por favor, deixe-nos a sós.

— Mas prince...

— Deixe-nos a sós!

Eles obedeceram. Karim estava angustiado.

— Por favor, desculpe-me, querida Xarazade, eu não deveria tê-la preocupado com todos esses problemas, mas eu... eu só soube o que... o que houve com papai hoje de manhã. Eu sinto muito, Xarazade, não compete a uma mulher se preocupar com...

— Karim, ouça, eu imploro — ela interrompeu-o com um desespero cada vez maior. — Aconteça o que acontecer, não fale nada a Meshang sobre o tio Valik, não diga nada sobre ele... e os outros, ainda não, por favor, ainda não! Não diga nada sobre Valik!

— Mas por quê?

— Porque... porque... — Oh, Deus, oh, Deus, o que vou fazer? Ela estava pensando, com vontade de gritar: tenho certeza de que Tommy estava pilotando o HBC, oh, Deus, fazei com que eu esteja errada, mas tenho certeza de que foi isso que Erikki disse quando eu perguntei a ele quanto tempo Tommy iria ficar fora. Erikki disse: "Não se preocupe, o voo de Tommy é para Bandar Delam: HBC com peças sobressalentes. Não deve levar mais de um dia ou dois." Bandar Delam não fica próximo a Abadan que fica na fronteira? O tio Valik não veio falar com Tommy tarde da noite, muito tarde, o que mostra que o assunto era muito urgente, e então, depois que ele saiu, Tommy não estava diferente, infeliz, olhando fixamente para o fogo? "A família precisa olhar pela família", não foi isto que ele murmurou? Oh, Deus, ajude-me...

— O que é, Xarazade, o que é?

— Não tenho coragem de contar-lhe, Karim, embora confie cegamente em você, mas preciso proteger Tommy... se Meshang

descobrir sobre Tommy, será o nosso fim, o fim de tudo! Ele o denunciaria, ele não se arriscaria a ter mais problemas... ou crimes contra Deus! Eu não posso me opor à família, Meshang me obrigaria a me divorciar dele. Deus me ajude, o que devo fazer? Sem Tommy eu... eu morreria, eu sei que sim... o que foi mesmo que Tommy disse sobre levar um aparelho para fazer um transporte? Um transporte para Al Shargaz? Era para lá ou para a Nigéria? Eu não tenho coragem de lhe contar, Karim, não tenho coragem...

Mas quando compreendeu como ele estava preocupado, sua boca se abriu e ela despejou tudo o que não tivera coragem de contar.

— Mas é impossível — ele gaguejou —, impossível. O telex disse que não houve sobreviventes, é impossível que ele estivesse pilotando.

— Sim, mas ele estava, ele estava, eu tenho certeza, tenho certeza. Oh, Karim, o que vou fazer? Por favor, ajude-me, por favor, eu imploro, por favor ajude-me! — As lágrimas escorriam pelo seu rosto e ele a abraçou, tentando consolá-la. — Por favor, não diga nada a Meshang, por favor me ajude, seu o meu Tommy... eu morreria.

— Mas Meshang vai fatalmente descobrir! Ele tem que saber.

— Por favor me ajude. Deve haver algo que você possa fazer, deve haver alguma...

A porta se abriu e Meshang entrou apressado, junto com Zarah.

— Xarazade, minha querida, Jari me disse que você desmaiou, o que aconteceu, você está bem?

Karim, como vai? — Meshang parou, estarecido com a aparência desleixada de Karim e sua palidez. — O que foi que aconteceu?

No silêncio que se seguiu, Xarazade tapou a boca com a mão, apavorada de tornar a soltar tudo. Ela viu Karim hesitar. O silêncio ficou mais pesado, então ela o ouviu dizer rapidamente.

— Eu tenho notícias terríveis. Primeiro... primeiro sobre meu pai. Ele foi fuzilado, fuzilado por... por crimes contra o Islã...

Meshang explodiu.

— Não é possível! O herói de Dhofar? Você deve estar enganado!

— Também não era possível que isso acontecesse com Sua Excelência Jared Bakravan, mas ele está morto e papai também está morto, e há mais notícias, todas ruins...

Xarazade começou a chorar desamparadamente, Zarah abraçou-a e Karim, penalizado, resolveu deixar que outros trouxessem as notícias a respeito de Valik, sua mulher e seus filhos.

— Insha'Allah — ele disse, odiando essa desculpa que ele não podia mais aceitar por crimes profanos cometidos por homens em nome de um Deus que esses homens jamais conheceriam. O aiatolá é realmente um presente de Deus. Precisamos apenas segui-lo para livrar o Islã desses blasfemadores nojentos, pensou. Deus vai puni-los depois da morte assim como nós, os vivos, devemos puni-los com a morte.

— Minhas notícias são todas ruins; eu fui considerado suspeito, assim como a maioria dos meus amigos, a Força Aérea está em julgamento. Tolamente, eu contei a Xarazade... eu queria que você soubesse, Meshang, mas tolamente contei a ela e foi por isso que ela desmaiou. Por favor, perdoe-me. Sinto muito, mas não vou ficar, não posso, preciso... preciso voltar. Eu só vim contar a vocês... eu tinha que contar a alguém...

NO ESCRITÓRIO DE McIVER: 22:20H.

McIver estava sozinho nos escritórios de cobertura, sentado em sua cadeira, com os pés descansando confortavelmente na mesa, lendo — a luz era boa e a sala estava quente graças ao gerador. O telex estava ligado, assim como o HF Já era tarde, mas não fazia sentido ir para casa ainda, onde estava frio, úmido e não tinha Genny. Ele levantou os olhos.

Alguém subia apressadamente a escada externa. A batida foi nervosa.

— Quem é?

— Capitão McIver? Sou eu, capitão Peshadi, Karim Peshadi. Estarrecido, McIver destrancou a porta, pois conhecia muito bem o homem, como aluno do curso de pilotos de helicóptero e como primo favorito de Xarazade. Estendeu a mão, disfarçando o espanto com a aparência do rapaz.

— Entre Karim; o que posso fazer por você? Fiquei muito penalizado quando soube da prisão do seu pai.

— Ele foi fuzilado há dois dias.

— Oh, Cristo!

— Sim. Desculpe, mas isso não vai ser nada agradável. — Apressadamente, Karim fechou a porta e baixou a voz. — Sinto muito, mas preciso andar depressa, já estou horas atrasado mas venho da casa de Xarazade. Fui até o seu apartamento mas o capitão Pettikin disse que o senhor estava aqui. Esta noite eu li um telex secreto enviado pela nossa base em Abadan. — E contou o que estava escrito no telex.

McIver ficou apavorado e tentou disfarçar.

— Você contou ao capitão Pettikin?

— Não, não. Achei que só devia contar ao senhor.

— Pelo que eu sei, o HBC foi sequestrado. Nenhum dos nossos pilotos esteve envolvido...

— Não estou aqui oficialmente, e só vim contar ao senhor porque Tom não está aqui. Eu não sabia o que fazer. Estive com Xarazade esta noite e descobri, por acaso, sobre Tom. — Ele repetiu o que Xarazade lhe dissera. — Como é possível que Tom esteja vivo e todos os outros mortos? McIver sentiu a dor no peito começando de novo.

— Ela está enganada.

— Em nome de Deus, diga-me a verdade! O senhor deve saber! Tom deve ter-lhe contado, o senhor pode confiar em mim — explodiu o rapaz, fora de si de preocupação. — O senhor tem que confiar em mim. Talvez eu possa ajudar. Tom está correndo um perigo terrível, bem como Xarazade e toda a nossa família! O senhor tem que confiar em mim! Como foi que Tom conseguiu sair?

McIver sentiu o laço sendo apertado em volta de todos eles — Lochart, Pettikin, ele. Não perca a calma, disse a si mesmo, tenha

cuidado. Você não deve admitir nada. Não admita nada!

— Pelo que sei, Tom não chegou perto do HBC.

— Mentiroso! — disse o rapaz, furioso, e despejou o que concluía no trajeto até chegar lá, andando, lutando por um lugar num ônibus, tornando a andar, com a neve caindo, com frio e desesperado, e ainda tendo que comparecer diante do komiteh. — O senhor deve ter assinado a autorização, o senhor ou Pettikin, e o nome de Tom deve constar da autorização. Eu conheço você muito bem, vocês e seus sermões sobre respeitar as regras, assinando formulários, sempre com um formulário para assinar. O senhor assinou, não foi? Não foi? — gritou.

— Acho melhor o senhor sair, capitão — disse secamente McIver.

— O senhor está tão envolvido quanto Tom, será que não compreende? O senhor está numa encrenca tanto quanto...

— Acho que é melhor você esquecer isso. Eu sei que você está esgotado e foi terrível o que houve com seu pai — disse bondosamente. — Lastimo profundamente.

Não havia nenhum outro som além do zumbido suave do HF e do gerador que ficava sobre o telhado.

McIver esperou. Karim também. Então o rapaz balançou a cabeça.

— O senhor tem razão — disse abatido —, por que confiaria em mim? Não existe mais confiança. O nosso mundo se transformou num inferno e tudo por causa do xá. Nós confiamos nele e ele traiu a nossa confiança, deu-nos falsos aliados, amordaçou os nossos generais, fugiu e nos deixou na fogueira, envergonhados, abandonou-nos aos falsos mulás. Juro por Deus que o senhor pode confiar em mim, mas que diferença isso faz para o senhor ou para qualquer pessoa? Não existe mais confiança. — Seu rosto contorceu-se. — Talvez Deus tenha nos abandonado. — O HF na outra sala deu um estalo, por causa da estática produzida por uma tempestade elétrica em algum lugar. — O

senhor pode falar com Zagros? Xarazade disse que Tom foi para lá hoje de manhã.

— Eu tentei, mas não consegui. — McIver disse com sinceridade. — Nesta época do ano é quase impossível, mas eu soube que ele

chegou bem. A nossa base em Kowiss transmitiu um relatório pouco depois do meio-dia.

— É melhor... é melhor o senhor contar a Tom, contar-lhe o que eu disse. Diga-lhe para dar o fora.

— A voz de Karim era inexpressiva. — Vocês são abençoados, vocês podem voltar para casa. — Então o seu desespero explodiu e as lágrimas rolaram-lhe pelo rosto.

— Ora, rapaz...

Penalizado, McIver pôs o braço em volta dos seus ombros e consolou-o, o rapaz era da mesma idade que seu filho que estava a salvo na Inglaterra, que nascera inglês, que estava a salvo no chão, era médico e não tinha nada a ver com aviação, em segurança... Meu Deus, quem está seguro?

Pouco depois sentiu que o rapaz estava mais calmo. Para poupar-lhe o embaraço, afastou-se e olhou para a cozinha.

— Eu ia tomar um chá, você quer me fazer companhia?

— Eu... quero apenas um copo d'água e depois vou embora, obrigado. Imediatamente, McIver foi buscar água. Pobre rapaz, pensou, que coisa terrível o que houve com seu pai — um sujeito fantástico, forte, linha dura mas correto e leal, e não uma pessoa de duas caras. Terrível. Meu Deus, se eles o fuzilaram, são capazes de fuzilar qualquer um. Nós todos estaremos mortos em breve, de uma maneira ou de outra.

— Aqui está — disse, revoltado, entregando o copo a Karim.

O rapaz aceitou-o, envergonhado por ter perdido o controle na frente de um estrangeiro.

— Obrigado. Boa noite. — E viu McIver olhar estranhamente para ele. — O que é?

— Apenas uma ideia súbita, Karim. Você poderia ter acesso à torre de Doshan Tappeh?

— Não sei. Por quê?

— Se você pudesse, sem que ninguém soubesse o que estava querendo, você talvez pudesse apanhar a autorização do HBC. Tem que estar no livro de decolagens, caso eles estivessem usando um naquele dia. Então nós saberíamos quem estava pilotando, não é?

— Sim, mas de que adiantaria isso? — Karim observou os olhos claros no rosto anguloso. — Eles estariam com os gravadores automáticos ligados.

— Talvez sim, talvez não. Tinha havido luta por lá... talvez eles não tenham podido ser tão eficientes. Pelo que eu sei, quem levou o HBC não teve autorização verbal da torre. Ele simplesmente decolou. Talvez no meio de toda a excitação eles não tenham gravado qualquer autorização. — A esperança de McIver foi crescendo à medida que ele desenvolvia este raciocínio.

— Só o livro poderia dizer, o livro de autorização de decolagens. Karim tentou compreender aonde McIver queria chegar.

— E se estiver escrito que foi Tom Lochart?

— Não sei como poderia, porque então a minha assinatura teria que estar lá, o que seria, ahn, uma assinatura forjada. — McIver odiava mentiras, e a sua história improvisada cada vez soava mais falsa. — A única autorização que eu assinei foi para Nogger Lane levar algumas peças para Bandar Delam, mas cancelei-a. As peças não eram importantes e as coisas estavam muito tumultuadas, e então o HBC já tinha sido sequestrado.

— A autorização é a única prova?

— Isso só Deus pode saber com certeza. Se a autorização mencionar Tom Lochart e estiver assinada por mim, é falsa. Uma falsificação que pode causar muitos problemas. Portanto ela não deveria existir. Não acha?

Karim balançou a cabeça vagorosamente, com a sua imaginação já levando-o até a torre, passando pelos guardas — haveria guardas lá? — encontrando o livro e a página correta e vendo... vendo o Faixa Verde na porta, matando-o, apanhando o livro e fugindo, tão silenciosamente e secretamente como tinha entrado, indo até o aiatolá, contando-lhe a respeito do crime monstruoso cometido contra seu pai, o aiatolá sábio, prestando atenção, e não como os cães que tinham abusado da Palavra, ordenando imediatamente vingança em nome do Único Deus. Depois indo até Meshang e contando-lhe que a família estava salva, e mais importante, sabendo que Xarazade, que ele amava e desejava com loucura, mas que lhe

era proibida nesta vida — prima em primeiro grau e contra a lei do Corão — também estava salva.

— A autorização não deveria existir — repetiu, muito cansado. E se levantou. — Eu vou tentar. Sim, vou tentar. O que aconteceu com Tom?

Atrás de McIver, o telex começou a se manifestar. Os dois deram um pulo. McIver tornou a prestar atenção em Karim.

— Quando você o encontrar, pergunte-lhe, esta é a coisa certa a fazer. Não é? Pergunte a Tom.

— Salaam.

Trocaram um aperto de mão e ele saiu. McIver tornou a trancar a porta. O telex era de Genny, em Al Shargaz: "Alô número um criança. Conversei com Chinês que chega amanhã à noite, segunda-feira, e estará no 125 para Teerã, terça-feira. Ele diz que é imperativo que você se encontre com ele para uma conferência no aeroporto. Tudo acertado aqui para consertos nos 212 e retorno rápido. Acuse recebimento. Falei com as crianças na Inglaterra e está tudo bem. Estou me divertindo muito aqui, farreando pela cidade, satisfeita por você não estar aqui, por que você não está? MacAllister."

MacAllister era o seu nome de solteira e ela só o usava quando estava muito zangada com ele.

— Grande Gen — disse alto, sentindo-se melhor ao pensar nela. Estou contente que ela esteja a salvo e fora desta confusão. Estou contente dela ter falado com as crianças, isso deve tê-la alegrado.

Grande Gen. Tornou a ler o telex. O que há de tão urgente com Andy? Vou saber logo. Pelo menos estamos em contato através de Al Shargaz. Ele se sentou na cadeira da secretária e começou a datilografar a resposta.

Ao cair da tarde, recebeu um telex do QG em Aberdeen, mas estava completamente truncado. Só a assinatura era legível: "Gavallan." Imediatamente, passou um telex pedindo repetição e estava esperando desde então. Esta noite, a recepção do rádio também estava ruim. Havia rumores de grandes tempestades de neve nas montanhas e o BBC World Service, com uma transmissão pior do que de costume, falava em grandes tempestades por toda a

Europa e na costa leste dos Estados Unidos e em inundações no Brasil. As notícias, de um modo geral, eram péssimas: greves na Grã-Bretanha, combates no Vietnã entre exércitos chineses e vietnamitas, a derrubada, por guerrilheiros, de um avião rodesiano que se preparava para pousar, um provável racionamento de gasolina a ser ordenado por Carter, os soviéticos testando um míssil de 2.500 quilômetros de alcance, e no Irã: "Yasir Arafat foi recebido pelo aiatolá Khomeini, num encontro tumultuado, em que os dois líderes abraçaram-se publicamente, e a OLP assumiu o QG da Missão Israelense em Teerã. Mais quatro generais foram fuzilados. Continuam os combates no Azerbaijão entre forças pró e anti-Khomeini, o primeiro-ministro Bazargan mandou os Estados Unidos fecharem dois postos de escuta de radar na fronteira Irã-União Soviética e acertou um encontro com o embaixador soviético e o aiatolá Khomeini nos próximos dias para discutir importantes diferenças"...

Deprimido, McIver desligara, e a tensão de tentar entender as notícias com toda a estática tinha aumentado a sua dor de cabeça. Ele tinha tido dor de cabeça o dia inteiro. Ela começara depois do seu encontro daquela manhã com o ministro Ali Kia. Kia aceitara as notas promissórias de um banco suíço, 'taxas de licença' para a partida dos três 212 e também para seis aterrissagens e decolagens do 125 e prometera descobrir o motivo das expulsões de Zagros: — Diga ao komiteh de Zagros, enquanto isso, que suas ordens foram revogadas por este ministério, aguardando investigação.

Isso vai mesmo adiantar muita coisa diante do cano de uma arma!, pensou. O que será que Erikki e Nogger estão fazendo agora? Naquela tarde tinha chegado um telex da Madeira Iraniana, passado pela ATC de Tabriz: "Os capitães Yokkonen e Lane estão requisitados para um trabalho de emergência de três dias. Termos habituais para o frete. Obrigado." Estava assinado como de costume pelo gerente de área e era um pedido normal. Para Nogger, isso é melhor do que ficar coçando o saco, pensara McIver. O que será que o pai de Azadeh queria com ela?

Exatamente às 19:30h Kowiss tinha chamado, mas a transmissão estava péssima, apenas parcialmente audível e com muita estática.

Freddy Ayre comunicava que Starke voltara ileso.

— Graças a Deus!

— Diga de n... estou ouvindo um por cinco, cap...er.

— Vou repetir — disse devagar e com cuidado. — Diga a Starke que estou muito contente por ele estar de volta. Ele está bem?

— ...tão Starke...pondeu per...iteh j....toriamente.

— Repita, Kowiss.

— Eu repito, capit...arke...resp...guntas do ...iteh ..sa...

— Vocês estão um por cinco. Torne a tentar às nove horas; não, eu vou ficar aqui até tarde e tentarei por volta das 11 horas.

— Compreendo o se... tar mais tarde... olta... 11 desta noite?

— Sim, por volta das 11 horas desta noite.

— Capi...hart e Jean-Luc cheg... Zagros... a salvo...

O resto da transmissão foi incompreensível. Depois ele se preparara para esperar. Enquanto esperava, dormiu e leu um pouco, e agora, sentado em frente à máquina de telex, tornou a olhar para o relógio: 22:30h.

Assim que acabar aqui, vou chamar Kowiss — disse em voz alta. Terminou cuidadosamente o telex para sua mulher, acrescentando, por causa de Manuela, que estava tudo bem em Kowiss. Está tudo bem, pensou, uma vez que Starke está de volta, está bem, e os rapazes estão bem.

Colocou a fita pontilhada no transmissor, bateu o número de Al Shargaz, esperou um tempo interminável pela resposta, depois apertou o botão de transmissão. A fita começou a correr. Outra longa espera, mas o código de aceitação de Al Shargaz apareceu.

— Ótimo. — Ele se levantou e se espreguiçou. Na gaveta da escrivaninha estavam as suas pílulas e ele tomou a segunda do dia.

— Maldita pressão — resmungou. Sua pressão estava 16 por 11 no último exame médico. As pílulas a fizeram baixar para 13 por 8: — Mas olhe, Mac, isso não significa que você possa abusar de uísque, vinho, ovos e creme. O seu colesterol também está alto...

— Que uísque e cremes o quê, pelo amor de Deus, doutor! Nós estamos no Irã...

Ele recordou como ficara mal-humorado quando Genny perguntou: — Como foi? — respondera: — Ótimo, melhor do que da

última vez e não chateia!

Para o inferno com isso! Gostaria de um bom uísque com soda e gelo e depois mais um.

Normalmente haveria uma garrafa no cofre, e soda e gelo na geladeira. Agora não havia mais nada.

As provisões estavam a zero. Preparou uma xícara de chá. E quanto a Karim e o HBC? Pensarei sobre isso mais tarde: 23h.

— Kowiss, aqui é Teerã, está me ouvindo? — Pacientemente, ele chamou e tornou a chamar e depois parou. Quinze minutos depois, tornou a tentar. Nenhum contato. — Deve ser a tempestade — disse, já sem paciência. — Para o diabo, vou tentar de casa.

Vestiu um casaco grosso e subiu a escada em espiral até o telhado para verificar o nível de combustível do gerador. A noite estava muito escura e quieta, não se ouvia quase nenhum tiroteio e o que havia era abafado pela neve. Não havia luz em parte alguma. A neve continuava a cair devagar, quase 15 centímetros desde o amanhecer. Ele tirou a neve do rosto e iluminou o mostrador com a lanterna. O nível de combustível estava bom, mas eles teriam que arranjar outro suprimento nos próximos dias. Que amolação. E quanto ao HBC? Se Karim conseguisse apanhar o livro e ele pudesse ser destruído, não haveria nenhuma prova, haveria? Sim, mas e quanto a Isfahan, o reabastecimento em Isfahan?

Pensativo, ele voltou, trancou tudo e, usando a lanterna para iluminar o caminho, começou a descer os cinco lances de escada. E não ouviu o telex começar a funcionar atrás dele.

Na garage, foi até o carro e abriu a porta. Seu coração deu um salto quando viu uma figura alta se aproximando. Savak e HBC surgiram em sua cabeça; ele quase deixou cair a lanterna, mas era Armstrong, com uma capa escura e um chapéu.

— Desculpe, capitão McIver, não quis assustá-lo.

— Bem, mas assustou — disse, furioso, com o coração ainda disparado. — Por que você não se anunciou nem subiu até o escritório ao invés de ficar escondido nas sombras como um bandido?

— O senhor poderia estar com visitas. Eu vi uma delas saindo, então achei melhor esperar.

Desculpe. Por favor, apague a lanterna.

Zangado, McIver fez o que ele pediu — desde que Gavallan tinha localizado Armstrong, ele tinha vasculhado a sua própria memória mas não se lembrava de tê-lo visto nunca. — 'Seção Especial e CID' não fizeram nada para diminuir a sua antipatia.

— Onde esteve? Nós o esperamos no aeroporto mas você não apareceu. Sim, sinto muito sobre isso.

Quando é que o 125 volta para Teerã? Na terça-feira, se Deus quiser Por quê?

— A que horas aproximadamente?

— Ao meio-dia. Por quê?

— Excelente. Isto seria perfeito. Eu preciso ir para Tabriz; eu e um amigo poderíamos fretá-lo?

— De jeito nenhum. Eu jamais conseguiria arranjar uma autorização. E quem é o amigo?

— Eu garanto a autorização. Desculpe, capitão, mas é muito importante.

— Ouvi dizer que tem havido muitos combates em Tabriz; estava no noticiário hoje. Desculpe, mas eu não poderia autorizar isso, seria um risco desnecessário para a tripulação.

— O sr. Talbot ficaria feliz em reforçar este pedido — Armstrong falou na mesma voz baixa e paciente.

— Não. Sinto muito. — McIver virou-se mas estacou ao ouvi-lo perguntar num tom carregado de veneno: — Antes de ir, eu poderia perguntar a respeito do HBC e de Tom Lochart e do seu sócio Valik, sua mulher e dois filhos?

McIver ficou paralisado de choque. Podia ver o rosto esculpido em pedra, a boca dura e os olhos que brilhavam com a luz refletida da lanterna.

— Eu... eu não sei do que você está falando.

Armstrong pôs a mão no bolso, tirou um pedaço de papel e levantou-o até a altura do rosto de McIver. McIver dirigiu o foco da lanterna para ele. O papel era a fotocópia de uma anotação num livro de autorizações. A letra era boa. "EP-HBC autorizado às 6:20h para um voo da CHI para Bandar Delam, entrega de peças; piloto capitão T. Lochart, voo autorizado pelo capitão McIver." A parte de

baixo do papel era uma fotocópia da própria autorização, assinada por ele com o nome do capitão N. Lane riscado e marcado 'doente', e substituído pelo do capitão Lochart, — Um presente, com os meus cumprimentos.

— Onde conseguiu isso?

— Quando o 125 entrar no espaço aéreo de Teerã, fale com o capitão Hogg pelo rádio e diga-lhe que terá de voar imediatamente até Tabriz. Você receberá a autorização a tempo.

— Não, eu não...

— Se você não providenciar tudo e não mantiver tudo em segredo, só entre nós — Armstrong falou com uma determinação que assustou a McIver —, os originais vão para a Savak, agora rebatizada de Savama.

— Isto é chantagem!

— É uma barganha. — Armstrong enfiou o papel na mão dele e começou a se afastar.

— Espere! Onde... onde estão os originais?

— Não estão nas mãos deles, ainda não.

— Se... se eu fizer o que você pede, eu os tenho de volta, certo?

— Você deve estar brincando! É claro que você não terá nada de volta.

— Isso não é justo. Não é nada justo!

Armstrong voltou e encarou-o, seu rosto parecendo uma máscara.

— É claro que não é justo. Se você os conseguir de volta, estará livre, não? Todos vocês. Enquanto esses papéis existirem, vocês farão o que for preciso, não farão?

— Você é um maldito filho da mãe!

— E você é um idiota que devia cuidar da sua pressão. McIver engasgou.

— Como você sabe disso?

— Você ficaria estarecido com o que eu sei sobre você e Genevere MacAllister e Andrew Gavallan e a Casa Nobre e muitas outras coisas que ainda não comecei a usar. — A voz de Armstrong tornou-se mais dura, com o cansaço e a tensão fazendo-o perder o controle. — Será que você não entende que há uma forte

possibilidade de que os tanques e os aviões soviéticos estacionem permanentemente deste lado de Ormuz e que o Irã se torne uma província soviética? Eu estou cansado de bancar o idiota com vocês, uns avestruzes. Faça o que eu estou pedindo sem discutir, porque se não fizer eu vou acabar com vocês todos.

TERÇA-FEIRA

20 de fevereiro

39

TABRIZ: 5:12H.

Na pequena cabana quase no limite da propriedade do khan, Ross acordou de repente. Ficou deitado imóvel, mantendo a respiração regular, mas com todos os sentidos atentos.

Aparentemente, não havia nada de diferente, só os mosquitos de sempre e o abafamento do quarto.

Pela janela ele pôde ver que a noite estava escura, o céu encoberto. Do outro lado do quarto, no outro catre, Gueng dormia encolhido, respirando normalmente. Por causa do frio, os dois homens tinham se deitado completamente vestidos. Sem fazer barulho, Ross foi até a janela e examinou a escuridão. Nada ainda. Então, junto ao seu ouvido, Gueng cochichou: — O que foi, sahib!

— Não sei. Provavelmente nada.

Gueng cutucou-o e apontou. Não havia nenhum guarda na cadeira do lado de fora, na varanda.

— Talvez ele só tenha ido dar uma volta.

Havia sempre, pelo menos, um guarda. De dia ou de noite. Na noite anterior, havia dois, e Ross fizera um boneco na sua cama e deixara Gueng para distraí-los, pulando pela janela dos fundos, indo sozinho ao encontro de Erikki e Azadeh. Ao voltar, quase tropeçara

numa patrulha, mas eles estavam sonolentos e distraídos, e não repararam nele.

— Dê uma olhada pela janela dos fundos — murmurou Ross.

— Sahib, talvez tenha sido apenas um espírito da montanha — Gueng disse baixinho. No país do Alto do Mundo, havia uma superstição de que, à noite, os espíritos visitavam a cama dos que dormiam, com boas ou más intenções, e que os sonhos eram histórias que eles cochichavam.

O homenzinho apurou os olhos e os ouvidos para sentir a escuridão.

— Acho que talvez seja melhor prestarmos atenção aos espíritos.

E voltou para a cama, enfiou as botas, tornou a colocar o talismã que tinha guardado debaixo do travesseiro no bolso do uniforme, depois vestiu suas roupas tribais e seu turbante. Rapidamente, checkou o seu rifle, as granadas e a mochila que continha munição, granadas, água e um pouco de comida. Não havia necessidade de checar sua kookri, esta nunca estava longe do seu alcance, era sempre limpa e lubrificada toda noite — e afiada — pouco antes de dormir.

Agora Ross também estava pronto. Mas pronto para quê?, perguntou a si mesmo. Não se passaram nem cinco minutos desde que você acordou e aí está você, com a kookri solta na bainha, com a trava de segurança solta e para quê? Se Abdullah quisesse fazer-lhe algum mal, ele teria tirado as suas armas — ou tentado tirá-las.

Na tarde anterior eles tinham ouvido o 206 decolar e pouco depois Abdullah Khan fora vê-los.

— Ah, capitão, desculpe pelo atraso, mas a confusão está maior do que nunca. Os nossos amigos soviéticos estão oferecendo um prêmio muito alto por suas cabeças — disse jovialmente. — O suficiente até para tentar-me, quem sabe?

— Esperemos que não, senhor. Quanto tempo vamos ter que esperar?

— Uns poucos dias, não mais do que isso. Parece que os soviéticos querem muito pegar vocês.

Recebi outra delegação deles pedindo-me para ajudá-los a capturar vocês, a primeira foi antes de vocês chegarem. Mas não se

preocupe, eu sei onde está o futuro do Irã.

Na noite anterior, Erikki tinha confirmado a questão da recompensa: — Hoje eu estava perto de Sabalan, limpando outro posto de radar. Alguns dos operários pensaram que eu era russo. Há muitas pessoas que falam russo entre os povos da fronteira, e disseram que esperavam que fossem eles a capturar o Sabotador britânico alto e seu ajudante. A recompensa são cinco cavalos, cinco camelos e cinquenta ovelhas. Isso é uma fortuna, e se eles sabem da existência de vocês aqui tão ao norte, pode apostar que estão procurando por aqui.

— Os soviéticos estavam supervisionando vocês?

— Só Cimtarga, mas mesmo assim ele não parecia estar controlando. Só a mim e ao aparelho. Os que falavam russo ficavam me perguntando quando avançaríamos pela fronteira com as tropas.

— Meu Deus. Eles tinham algo em que se basear para perguntar isso?

— Eu duvido, só boatos. O pessoal aqui se alimenta de boatos. Eu disse: Nunca. Mas o homem zombou e disse que sabia que nós tínhamos 'quilômetros' de tanques e exércitos esperando, que ele os vira. Eu não sei falar farsi, portanto não sei se ele era um outro agente da KGB disfarçado de nativo.

— Este 'material' que você está transportando, é importante?

— Não sei. Alguns computadores e um bocado de caixas pretas e papéis. Eles me mantêm afastado, mas nada disso é desmontado por especialistas, é apenas arrancado da parede, os fios são cortados, ficam pendurados e são enfiados para dentro de qualquer jeito. Os operários só estão interessados nos mantimentos, principalmente em cigarros.

Eles tinham conversado a respeito de fugir. Era impossível fazer planos. Havia muitos elementos imponderáveis.

— Não sei por quanto tempo eles vão querer que eu pilote — Erikki tinha dito. — Esse filho da mãe do Cimtarga me disse que o primeiro-ministro Bazargan ordenou que os ianques abandonassem dois postos, mais para leste, perto da Turquia, os últimos que eles tinham aqui, mandou que eles os evacuassem imediatamente e deixassem o equipamento intacto. Nós devemos voar até lá amanhã.

— Você usou o 206 hoje?

— Não. Aquele era Nogger Lane, um dos nossos capitães. Ele veio para cá conosco, para levar o 206 de volta para Teerã. O nosso gerente da base me disse que eles convenceram Nogger a colaborar para verificar alguns lugares onde os combates continuam. Quando McIver não tiver notícias nossas, ele vai levar um choque e mandar uma turma de busca. Isto talvez nos dê uma outra chance. E quanto a você?

— Talvez a gente dê o fora. Estou ficando muito nervoso naquela maldita cabana. Se resolvermos sair, talvez a gente vá em direção à base de vocês e se esconda na floresta. Se for possível, entraremos em contato com você, mas não nos espere. Certo?

— Sim. Mas não confie em ninguém na base, exceto nos nossos dois mecânicos, Dibble e Arberry.

— Posso fazer alguma coisa por você?

— Você poderia deixar-me uma granada?

— É claro, você alguma vez usou uma?

— Não, mas sei como funciona.

— Ótimo. Olhe aqui. Puxe o pino e conte até três... não, quatro, e atire. Você precisa de um revólver?

— Não, não obrigado, eu tenho a minha faca. Mas a granada pode ser útil.

— Lembre-se de que pode ser bem perigosa. É melhor eu ir andando. Boa sorte.

Ross estava olhando para Azadeh ao dizer isto, vendo o quanto ela estava linda, sabendo que o tempo deles já estava escrito nas estrelas ou no vento ou no badalar dos sinos que eram tão característicos das Terras Altas no verão quanto os próprios picos. Imaginando por que ela nunca respondera às suas cartas, depois a escola informando-o que ela tinha partido. Ido embora para casa.

No último dia que eles passaram juntos, ela dissera: — Tudo o que aconteceu aqui talvez não volte a acontecer nunca mais, meu Johnny Olhos Claros.

— Eu sei. Se não voltar a acontecer, posso morrer feliz porque sei o que é o amor. De verdade. Eu te amo, Azadeh.

Um último beijo. Depois dando adeus do trem, até ela desaparecer. Desaparecer para sempre. Talvez nós dois soubéssemos que era para sempre, pensou, esperando ali na escuridão da pequena cabana, tentando decidir o que fazer, se devia esperar mais um pouco, dormir ou fugir. Talvez seja como disse o khan e nós estejamos seguros aqui — por enquanto. Não há razão para desconfiar inteiramente dele. Vien Rosemont não era nenhum imbecil e ele disse para confiar...

— Sahib!

Ele tinha ouvido os passos furtivos no mesmo instante. Os dois homens se esconderam, um protegendo o outro, ambos satisfeitos por ter chegado a hora de agir. Alguém abriu a porta silenciosamente. Era um espírito fantasmagórico das montanhas que estava em pé ali olhando para a escuridão da cabana — uma silhueta e um rosto indistinto. Espantado, ele reconheceu Azadeh, o chador fazendo com que ela se dissolvesse na escuridão, com o rosto inchado de chorar.

— Johnny? — Ela sussurrou ansiosamente.

Por um instante, Ross não se moveu, com a arma apontada e esperando pelos inimigos.

— Azadeh, aqui, ao lado da porta, cochichou, tentando se acostumar.

— Rápido, sigam-me, vocês dois estão em perigo! Rápido! — Imediatamente, ela saiu correndo para o meio da noite.

Ele viu Gueng sacudir a cabeça, inquieto, e hesitou. Então se decidiu, agarrando a mochila.

— Nós vamos.

E se esgueirou pela porta e correu atrás dela, sob a luz fraca do luar, seguido por Gueng, protegendo-o automaticamente. Ela esperava ao lado de umas árvores. Antes que ele a alcançasse, fez sinal para que ele a seguisse, e foi correndo na frente, atravessando o pomar e rodeando algumas construções.

A neve abafava seus passos, mas deixava uma trilha e ele o notou claramente. Ele seguia a uma distância de dez passos, observando cuidadosamente o terreno, imaginando qual seria o perigo, por que ela estivera chorando e onde estaria Erikki.

As nuvens brincavam com a lua, escondendo-a quase completamente. Sempre que a lua aparecia, ela parava e fazia sinal para que ele parasse e esperasse, depois tornava a avançar, protegendo-se bem, e ele imaginou onde ela teria aprendido a se movimentar na floresta, então lembrou-se de Erikki e sua enorme faca e dos finlandeses e da Finlândia — terra de lagos, florestas, montanhas e caça.

Concentre-se, idiota, você vai ter muito tempo para deixar a mente divagar mais tarde, não agora quando você pode pôr todo o mundo em perigo! Concentre-se!

Seus olhos perscrutavam a escuridão, esperando problemas, desejando que aparecessem logo. Em pouco tempo estavam perto do muro que circundava a propriedade. O muro tinha três metros de altura e era todo de pedra, com uma faixa larga e vazia entre ele e as árvores. Mais uma vez ela fez sinal para ele parar e se proteger e caminhou para a frente, em campo aberto, procurando um determinado lugar. Encontrou-o sem dificuldade e fez sinal para ele avançar. Antes que a alcançasse, ela já estava subindo, enfiando facilmente os pés nas fendas e saliências, algumas naturais, outras preparadas para tornar a subida mais fácil. A lua apareceu e ele se sentiu nu e subiu com mais rapidez. Quando chegou no topo, ela já estava descendo pelo outro lado. Ele se deixou escorregar e encontrou alguns buracos para pôr os pés e se abaixou, esperando por Gueng. A sua ansiedade aumentou até que ele viu a sombra de Gueng se projetando no chão, alcançando o muro em segurança.

A descida foi mais difícil e ele escorregou e caiu nos últimos dois metros, praguejou e olhou em volta para se localizar. Ela já atravessara a estrada e se dirigia para um lugar cheio de pedras na montanha íngreme, a duzentos metros de distância. Para baixo e à esquerda, ele podia ver parte de Tabriz, com fogueiras no outro extremo da cidade, perto do aeroporto. Agora ele ouvia barulho de tiros a distância.

Gueng aterrissou ao lado dele, sorriu e fez sinal para prosseguirem. Quando chegou nas pedras ela tinha desaparecido.

— Johnny! Aqui!

Ele viu a pequena fenda na rocha e avançou. Havia uma abertura que mal dava para uma pessoa passar. Ele esperou por Gueng e depois entrou através da abertura da rocha para a escuridão. Ela estendeu a mão e guiou-o para um dos lados. Ela fez sinal para Gueng e também o ajudou, depois moveu uma pesada cortina de couro fechando a abertura. Ross abriu a mochila para apanhar a lanterna, mas antes que a tirasse um fósforo foi aceso. Ela o protegia com a mão. Estava ajoelhada e acendeu a vela do nicho. Ele olhou em volta rapidamente. A cortina na entrada parecia ser à prova de luz, a caverna era espaçosa, quente e seca, com alguns cobertores e tapetes velhos no chão, alguns utensílios de comer e beber e alguns livros e brinquedos numa prateleira natural. Ah, o esconderijo de uma criança, pensou, e olhou para ela. Tinha ficado ajoelhada perto da vela, de costas para ele, e agora, quando tirou o chador pela cabeça, se transformou em Azadeh de novo.

— Aqui. — Ele ofereceu um pouco d'água do seu cantil. Ela aceitou agradecida mas evitou seus olhos. Ele olhou para Gueng e leu o seu pensamento.

— Azadeh, você se importa que apaguemos a luz, agora que já vimos onde estamos, para podermos abrir a cortina e vigiar melhor? Eu tenho uma lanterna, caso precisemos de luz.

— Oh, oh, sim... sim, é claro. — Ela tornou a se virar para a vela. — Eu... oh, só um minuto, desculpe... — Havia um espelho na prateleira, que ele não tinha notado. Ela o apanhou e olhou para o seu reflexo, odiando o que viu, as manchas de suor e os olhos inchados. Rapidamente, limpou algumas manchas, apanhou o pente e se ajeitou o melhor que pôde. Deu uma última olhada no espelho e soprou a vela. — Desculpe — disse.

Gueng afastou a cortina e atravessou a rocha, ficando em pé lá fora, ouvindo. Houve mais tiroteio dos lados da cidade. Alguns edifícios pegaram fogo do outro lado da única pista do campo de aviação que ficava à direita. Não havia nenhuma luz lá e muito poucas na cidade. Poucos faróis de automóvel nas ruas. O palácio estava escuro e silencioso e ele não conseguiu perceber nenhum perigo. Voltou e disse a Ross o que tinha visto, falando em ghurkali, e acrescentou.

— É melhor eu ficar lá fora, é mais seguro, não resta muito tempo, sahib.

— Sim. — Ross tinha percebido a inquietação na voz dele, mas não fez nenhum comentário. Sabia o motivo. — Você está bem, Azadeh? — perguntou baixinho — Sim. Agora estou. É melhor no escuro. Desculpe-me por estar tão desarrumada. Sim, estou melhor agora.

— O que está havendo? Onde está o seu marido? — Ele usou a palavra deliberadamente e ouviu-a mover-se na escuridão.

— Logo depois que você partiu, na noite passada, Cimtarga e um guarda vieram e disseram a Erikki que ele tinha que se vestir imediatamente e partir. Este homem, Cimtarga, disse que sentia muito mas que tinha havido uma mudança de planos e que queria partir imediatamente. E eu, eu fui chamada pelo meu pai. Deveria ir imediatamente. Antes de entrar no quarto dele, eu o ouvi dando ordens para que vocês dois fossem presos e desarmados pouco antes do amanhecer. — Havia tensão na voz dela.

— Ele estava planejando mandar buscar vocês dois a pretexto de discutir a sua partida amanhã, mas vocês seriam levados para uma cilada perto dos edifícios da fazenda, amarrados, colocados num caminhão e enviados para o norte imediatamente.

— Para que lugar no norte?

— Tbilisi. — Nervosamente, ela continuou: — Eu não sabia o que fazer, não havia nenhuma maneira de avisá-los. Eu sou vigiada tão de perto quanto vocês e mantida afastada dos outros. Quando eu vi meu pai, ele disse que Erikki ficaria fora alguns dias, que hoje, ele, meu pai, ia fazer uma viagem de negócios para Tbilisi e que... que eu iria com ele. Ele... ele disse que ficaríamos fora dois ou três dias e que então Erikki já teria terminado e nós poderíamos voltar para Teerã. — Ela estava quase chorando. — Eu estou tão assustada. Estou tão assustada de que tenha acontecido alguma coisa com Erikki.

— Erikki deve estar bem — disse, sem entender a respeito de Tbilisi, tentando decidir sobre o khan.

Sempre pensando no que Vien tinha dito: "Confie sua vida a Abdullah e não acredite nas mentiras que disserem sobre ele". E no

entanto, aqui estava Azadeh dizendo o contrário. Ele olhou para onde ela estava, sem enxergá-la, odiando a escuridão, querendo ver-lhe o rosto, os seus olhos, pensando que talvez pudesse ler algo neles. Gostaria que ela me tivesse contado tudo isso do outro lado do maldito muro ou na cabana, pensou, seu nervosismo aumentando. Cristo, o guarda!

— Azadeh, o guarda, você sabe o que aconteceu com ele?

— Oh, sim. Eu... eu o subornei, Johnny, eu o subornei para se afastar por meia hora. Era a única maneira de chegar... era a única maneira.

— Meu Deus... ele murmurou. — Você pode confiar nele?

— Oh, sim. Ali é... ele está com meu pai há anos. Eu o conheço desde os sete anos e dei-lhe um pishkesh de algumas joias, o bastante para sustentar a ele e à sua família durante anos. Mas, Johnny, quanto a Erikki... estou tão preocupada!

— Não precisa preocupar-se, Azadeh. Erikki não disse que eles talvez o mandassem para perto da Turquia? — Ele disse para animá-la, ansioso para fazê-la voltar em segurança. — Não sei como agradecer-lhe por ter-nos avisado. Vamos, primeiro nós vamos levá-la de volta e...

— Oh, não, eu não posso — ela exclamou. — Você não compreende? Papai vai me levar para o norte e eu nunca vou conseguir fugir, nunca. Meu pai me odeia e vai me deixar com Mzytryk, eu sei que vai, eu sei.

— Mas e quanto a Erikki? — ele perguntou, chocado. — Você não pode simplesmente fugir!

— Oh, sim, eu tenho que fugir, Johnny. Eu tenho. Não tenho coragem de ficar esperando, não tenho coragem de ir para Tbilisi, é muito mais seguro para Erikki que eu fuja agora. Muito mais seguro.

— Do que é que você está falando? Você não pode simplesmente fugir assim! Isso é loucura!

Digamos que Erikki volte esta noite e descubra que você partiu? O que...

— Eu deixei um bilhete para ele. Nós combinamos que numa emergência eu deixaria um bilhete num lugar secreto do nosso quarto. Nós não tínhamos como saber o que papai iria fazer

enquanto ele estivesse fora. Erikki vai entender. Há mais uma coisa. Papai vai ao aeroporto hoje, por volta de meio-dia. Ele vai esperar um avião, alguém que vem de Teerã, eu não sei quem é, nem do que se trata, mas achei que talvez você pudesse... você pudesse convencê-los a nos levar de volta para Teerã ou que nós pudéssemos subir a bordo sem sermos vistos ou que você... você pudesse obrigá-los a nos levar...

— Você está louca — ele disse, zangado. — Isso tudo é loucura, Azadeh. É loucura partir e deixar Erikki. Como você sabe que não é como o seu pai falou, pelo amor de Deus? Você diz que o khan odeia você. Meu Deus, se você fugir assim, quer ele a odeie ou não, ele vai ficar furioso. De qualquer maneira, você vai colocar Erikki num perigo ainda maior.

— Como você pode ser tão cego? Você não percebe? Enquanto eu estiver aqui, Erikki não tem nenhuma chance, nenhuma. Se eu não estiver aqui, ele só precisa pensar em si mesmo. Se ele souber que eu estou em Tbilisi, ele vai para lá e estará perdido. Você não está vendo? Eu sou a isca. Em nome de Deus, Johnny, abra os olhos! Por favor, ajude-me!

Ele a ouviu chorar, baixinho, e isto apenas aumentou a sua fúria. Cristo, nós não podemos levá-la.

Isso é totalmente impossível. Seria assassinato — se o que ela diz sobre o khan é verdade, haverá um batalhão atrás de nós dentro de duas horas e teremos sorte se ainda estivermos vivos ao pôr-do-sol.

— Já devem estar atrás de nós, pelo amor de Deus, raciocine direito! É maluquice fugir! Você tem que voltar. É melhor — disse.

O choro parou.

— Insha'Allah — ela disse num tom de voz diferente. — Como você achar melhor, Johnny. É melhor vocês partirem depressa. Vocês não têm muito tempo. Para que lado vocês vão?

— Eu... eu não sei. — Ele estava contente com a escuridão, que ocultava o seu rosto. Meus Deus, por que tinha que ser Azadeh? — Vamos, nós vamos levá-la de volta.

— Não há necessidade. Eu... eu vou ficar aqui mais um pouco. Ele percebeu a mentira e seus nervos ficaram ainda mais tensos.

— Você vai voltar. Tem que voltar.

— Não — ela respondeu desafiadoramente. — Eu não posso voltar nunca mais. Vou ficar aqui. Ele não vai me encontrar. Eu já me escondi aqui antes. Uma vez eu fiquei aqui dois dias. Aqui eu estou segura. Não se preocupe comigo. Eu ficarei bem. Vá você. É o que você tem que fazer.

Exasperado, ele conseguiu controlar o impulso de erguê-la à força, e ao invés disso tornou a recostar-se na parede da caverna. Eu não posso deixá-la, não posso carregá-la de volta contra a vontade e não posso levá-la. Não posso deixá-la, não posso levá-la. Oh, você pode levá-la com você, mas por quanto tempo? E quando ela for capturada, estaria envolvida com sabotadores e só Deus sabe do que mais eles a acusariam e eles atiram pedras nas mulheres por isso.

— Quando descobrirem que não estamos lá, e que você também não está, o khan vai saber que você nos avisou. Se você ficar aqui, acabará sendo descoberta e o khan vai saber de qualquer maneira que você nos avisou e isto vai tornar as coisas piores do que nunca para você, e para o seu marido. Você precisa voltar.

— Não, Johnny. Eu estou nas mãos de Deus e não estou com medo.

— Pelo amor de Deus, Azadeh, raciocine.

— Eu estou raciocinando. Eu estou nas mãos de Deus, você sabe disso. Nós não conversamos sobre isso lá nas montanhas uma dezena de vezes? Eu não estou com medo. Deixe-me uma granada como a que você deu a Erikki. Eu estou em segurança nas mãos de Deus. Por favor, vá agora.

Naquela época, eles conversavam muito sobre Deus. Numa montanha na Suíça, era fácil e normal, e não havia do que se envergonhar — não com a sua bem-amada que sabia o Corão e lia em árabe e se sentia muito perto do Infinito e que acreditava piamente no Islã. Aqui no escuro da pequena caverna não era a mesma coisa. Nada era igual.

— Insha'Allah — ele disse e decidiu. — Nós vamos voltar, você e eu, e eu vou mandar Gueng prosseguir. — E se levantou.

— Espere — ele a ouviu levantar-se e sentiu o seu hálito e a sua proximidade. A mão dela tocou-lhe o braço. — Não, meu querido — ela disse, com a voz de antigamente. — Não, meu querido, isso destruiria o meu Erikki... e você e o seu soldado. Você não vê, eu sou o instrumento para destruir Erikki. Remova o instrumento e ele terá uma chance. Fora dos muros do meu pai você também tem uma chance. Quando você vir Erikki, diga a ele... diga a ele.

O que devo dizer a Erikki? ele se perguntou. Na escuridão, ele tomou-lhe a mão e, sentindo o seu calor, viu-se de volta à enorme cama, com uma violenta tempestade de verão sacudindo as janelas, os dois contando os segundos entre os relâmpagos e o trovão que ecoava no vale — às vezes apenas um ou dois segundos, oh, Johnny, deve estar quase aqui em cima, Insha'Allah se nos apanhar, não importa já que estamos juntos — de mãos dadas assim. Mas não assim, ele pensou com tristeza.

Levou a mão dela aos lábios e beijou-a.

— Você mesma pode dizer a ele. Nós vamos tentar... juntos. Preparada?

— Você quer dizer prosseguir? Juntos?

— Sim.

Depois de uma pausa, ela disse: — Primeiro pergunte a Gueng.

— Ele faz o que eu digo.

— Sim, é claro. Mas por favor, pergunte a ele. Mais um favor. Sim? Ele foi até a entrada da caverna.

Gueng estava encostado nas rochas do lado de fora. Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, Gueng disse baixinho em ghurkali:

— Nenhum perigo ainda, sahib. Lá fora.

— Ah, você ouviu?

— Sim, sahib.

— O que você acha?

Gueng sorriu.

— O que eu acho, sahib, não pesa nada, não afeta nada. Carma é carma. Eu faço o que o senhor diz.

NO AEROPORTO DE TABRIZ: 12:40H.

Abdullah Khan estava em pé ao lado do seu Rolls à prova de balas no pátio de concreto coberto de neve perto do terminal do aeroporto. Ele estava vermelho de raiva, observando o 125 terminar o pouso, rezando para que ele explodisse. Na véspera, um telex passado através do QG da polícia fora-lhe entregue por seu sobrinho, coronel Mazardi, o chefe de polícia. "Por favor, espere pelo voo G-ETLL, ETA 1240 amanhã, terça-feira, (assinado) coronel Hashemi Fazir." O nome o fizera tremer e a todos os que tiveram acesso à mensagem. O Serviço Secreto sempre estivera acima da lei e o coronel Hashemi Fazir era o seu grande inquisidor, um homem cuja crueldade era uma lenda até no Irã, onde a crueldade era desejada e admirada.

— O que ele quer aqui, Alteza? Mazardi perguntara, muito amedrontado.

— Discutir o Azerbaijão — respondera, escondendo o temor e abalado pela segura do telex, completamente desorientado por esta chegada inesperada e indesejada. — É claro que é para perguntar como pode me ajudar. Ele tem sido um amigo secreto há anos — acrescentou, mentindo automaticamente.

— Vou ordenar uma guarda de honra e um comitê de boas-vindas e..

— Não seja idiota! O coronel Fazir gosta de ficar incógnito. Não faça nada, não chegue perto do aeroporto, apenas certifique-se de que as ruas estão tranquilas e... ah, sim, aumente a pressão sobre o Tudeh. Aliás, obedeça às ordens de Khomeini de arrasá-los. Incendeie o quartel-general deles hoje à noite e prenda os líderes conhecidos. — Será um pishkesh perfeito, caso eu precise de um, pensara, encantado com a própria esperteza. Fazir não é fanaticamente anti-Tudeh? Graças a Deus que Petr Oleg já aprovou.

Então ele tinha mandado Mazardi embora e xingara todos os que estavam por perto, mandando-os embora também. O que será que esse filho de um cão do Fazir quer comigo?

Ao longo dos anos, eles tinham se encontrado diversas vezes e tinham trocado informações, vantajosas para ambos. Mas o coronel Hashemi Fazir era um desses homens que acreditavam que a única proteção do Irã repousava num governo absolutamente centralizado, com sede em Teerã, e que os chefes tribais eram arcaicos e representavam um perigo para o Estado — e, acima de tudo, Fazir era um teerani com o poder para descobrir muitos segredos, segredos que poderiam ser usados contra ele. Que Deus amaldiçoe todos os teeranis e os mande para o inferno. E Azadeh, e o seu maldito marido!

Azadeh! Será que eu gerei mesmo aquele demônio? Não é possível! Alguém deve ter... Deus me perdoe por desconfiar da minha amada Naphtala! Azadeh está possuída pelo demônio. Mas ela não vai escapar, oh não, eu juro que a levarei para Tbilisi e que deixarei Petr usá-la..

O sangue começou a rugir nos seus ouvidos e o aperto no peito recomeçou, uma dor incômoda. Pare, disse a si mesmo, ansiosamente, acalme-se. Deixe-a de lado, você vai ter sua vingança mais tarde.

Pare ou você se matará! Pare com isso, deixe-a de lado e pense em Fazir, você vai precisar de toda a sua astúcia para lidar com ele. Ela não pode escapar.

Quando, logo depois do amanhecer, os guardas apavorados tinham corrido para lhe dizer que os dois prisioneiros haviam desaparecido e, quase ao mesmo tempo, viram que ela não estava lá, a sua violência não teve limites. Imediatamente ele mandara homens revistarem o esconderijo dela nos rochedos, de cuja existência ele sabia há anos e ordenara que eles não voltassem sem ela e os sabotadores. Mandara decepar o nariz do guarda da noite, os outros guardas foram açoitados e atirados na prisão, acusados de conspiração, as criadas dela foram chicoteadas. Por fim, saíra bufando para o aeroporto, deixando uma nuvem de terror por todo o palácio.

Que Deus amaldiçoe todos eles, pensou, fazendo um esforço enorme para se acalmar, sem tirar os olhos do jato. O céu estava parcialmente azul, com nuvens ameaçadoras e um vento mau que

varria a pista coberta de neve. Ele estava usando um chapéu de astracã, um sobretudo com gola de pele e botas forradas de pele, e o frio embaçava-lhe os óculos. No bolso, trazia um pequeno revólver. Atrás dele, o pequeno prédio do terminal estava vazio, exceto pelos seus homens que guardavam o aeroporto e a estrada de acesso ao lado. Em cima, no telhado, colocara um atirador com instruções para matar Fazir caso ele tirasse do bolso um lenço branco e assoasse o nariz. Eu fiz tudo o que podia, agora está nas mãos de Deus. Exploda, seu filho da mãe!

Mas o 125 fez uma aterrissagem perfeita, com a neve espirrando das rodas. O seu temor aumentou. E também o som das batidas do seu coração.

Seja como Deus quiser — murmurou e entrou no banco de trás do carro, separado do motorista e de Ahmed, seu conselheiro de maior confiança e guarda-costas, pelo vidro móvel, à prova de balas.

— Intercepte-o — ordenou e verificou o revólver, deixando-o destravado. O 125 saiu do final da pista e foi para a área de abastecimento, virou a favor do vento e parou. Tudo estava deserto, só havia montes de neve e espaços vazios. O grande Rolls parou ao lado do avião e a porta do jato se abriu. Ele viu Hashemi Fazir em pé na porta, acenando para ele: — Salaam! Que a paz esteja com Vossa Alteza, venha a bordo. Abdullah Khan abriu o vidro e respondeu: — Salaam, que a paz esteja com Vossa Excelência, venha para cá. — Você deve achar que eu sou um idiota em colocar a minha cabeça numa armadilha dessas, pensou. — Ahmed, suba a bordo, vá armado e finja que não sabe falar inglês.

Ahmed Dursak era um turcomano muçulmano, muito forte, muito rápido com um revólver ou uma faca. Ele saiu do carro, com a metralhadora na mão, e subiu rapidamente os degraus, com o vento levantando o seu casaco comprido.

— Salaam, coronel Excelência — disse em farsi, parando no último degrau. — O meu mestre pede que o senhor se junte a ele no carro. As cabines de jatos pequenos o fazem sentir-se mal. No carro os senhores podem conversar em particular e em paz, totalmente sozinhos se desejarem. Ele pergunta se o senhor honrará a sua pobre casa ficando com ele durante sua permanência aqui.

Hashemi ficou chocado de que Abdullah tivesse tido a ousadia — e a confiança — de mandar um emissário armado. Ir para o carro também não convinha a ele, era muito fácil haver aparelhos escondidos.

— Diga a Sua Alteza que eu às vezes fico enjoado em carros e que peço que ele venha até aqui. Aqui nós podemos conversar em particular, também podemos ficar a sós e isto seria um favor que ele me faria. É claro que você deve revistar a cabine, para o caso de um inimigo ter-se escondido a bordo.

— O meu mestre preferiria, Excelência, que...

Hashemi chegou mais perto dele e seus lábios eram uma linha e sua voz dura.

— Reviste o avião! Agora! E faça isso depressa, Ahmed Dursak, três vezes assassino. Uma delas de uma mulher chamada Najmeh. E faça o que estou mandando ou você não durará mais nem uma semana nesta terra.

— Então estarei mais depressa no paraíso, porque servindo o khan eu estou fazendo o trabalho de Deus — disse Ahmed Dursak — mas vou fazer a revista como o senhor deseja. — Ele entrou na cabine e viu os dois pilotos. Armstrong estava na cabine. Seus olhos se estreitaram, mas não disse nada, apenas passou por ele educadamente e abriu a porta do toailete, certificando-se de que estava vazio. Não havia nenhum outro lugar onde alguém pudesse esconder-se.

— Se o que o senhor sugere for possível, Excelência, os pilotos sairão? Antes, Hashemi tinha perguntado ao capitão, John Hogg, se ele se importaria de sair caso fosse necessário.

— Desculpe, senhor — dissera Hogg — mas eu não gosto nem um pouco dessa ideia.

— Seria apenas por alguns minutos. O senhor pode levar a chave da ignição, e os disjuntores — dissera Robert Armstrong. — Eu me responsabilizo pessoalmente de que ninguém entre na cabine do piloto nem toque em nada.

— Eu ainda não gosto da ideia, senhor.

— Eu sei — respondera Armstrong. — Mas o capitão McIver lhes disse que obedecessem às instruções. Dentro do razoável. E isso

está dentro do razoável.

Hashemi viu a arrogância no rosto de Ahmed e teve vontade de arrancá-la dali. Isto vem mais tarde, prometeu a si mesmo.

— Os pilotos esperarão no carro.

— E o infiel?

— Este infiel fala farsi melhor do que você, e se você for esperto, verme, será educado com ele e o chamará de Excelência, pois posso lhe assegurar, e aos seus ancestrais turcomanos, que ele tem uma memória tão boa quanto a minha e pode ser muito mais cruel do que você imagina.

Ahmed esboçou um sorriso.

— E Sua Excelência, o infiel, ele também vai esperar na pista?

— Ele fica aqui. Os pilotos vão esperar dentro do carro. Se Sua Alteza quiser trazer um guarda com ele, para certificar-se de que não há nenhum assassino escondido, ele será bem-vindo. Se este acordo não estiver bom para ele, talvez nós possamos nos encontrar na chefatura de polícia. Agora dê o fora.

Ahmed agradeceu educadamente, desceu e contou ao khan o que fora dito, acrescentando: — Acho que aquele cão deve estar muito seguro de si mesmo para ter sido tão grosseiro. — E no avião, Hashemi dizia em inglês: — Robert, aquele filho de um cão deve estar muito seguro de si para ter criados tão arrogantes.

— Você realmente arrastaria o khan de todos os Gorgons para a chefatura de polícia?

— Eu poderia tentar. — Hashemi acendeu outro cigarro. — Mas acho que não conseguiria. O sobrinho dele, Mazardi, ainda é o chefe de polícia e a polícia aqui ainda mantém grande parte do seu poder. Os Faixas Verdes e os komitehs ainda não estão dominando.

— Por causa de Abdullah?

— É claro que sim. Durante meses, por ordem dele, a polícia de Tabriz apoiou Khomeini. A única diferença dos tempos do xá para os tempos de Khomeini é que os retratos do xá foram substituídos pelos retratos de Khomeini, os emblemas do xá foram retirados de todos os uniformes e agora o poder de Abdullah é maior do que nunca. — Um vento gelado entrou pela porta entreaberta. — O povo do Azerbaijão é uma raça traiçoeira e cruel. Os xás Qajar vieram de

Tabriz, bem como o xá Abbas, que construiu Isfahan e tentou garantir a sua longevidade assassinando seu filho mais velho e cegando outro ..

Hashemi Fazir estava observando o carro pela janela, desejando que Abdullah cedesse. Ele agora se sentia melhor e mais confiante de que veria o Dia Santo desta semana do que estivera no sábado à noite, quando o general Janan invadira o seu QG com ordens para dissolver o Serviço Secreto e levava os cassetes e Rakoczy. Durante toda aquela noite ele tinha ficado apavorado, então, na madrugada de ontem, quando saiu de casa, descobriu que havia homens seguindo-o e, de manhã, sua mulher e seus filhos foram empurrados na rua. Ele só conseguira se livrar das pessoas que o seguiam no início da tarde. Nessa ocasião, um dos líderes do seu Grupo Quatro, secreto, estava esperando num esconderijo e naquela noite, quando o general Janan saltou da sua limusine à prova de balas para entrar em casa, um carro estacionado ali perto, cheio de explosivos plásticos, explodiu, matando a ele e a dois dos seus assistentes de maior confiança, destruindo totalmente sua casa, acabando com sua mulher, três filhos e sete criados — além do seu velho e enfermo pai. Homens gritando slogans esquerdistas dos mujahedins foram vistos fugindo do local. Na fuga, eles deixaram panfletos grosseiramente escritos: "Morte à Savak, agora Savana."

Nas primeiras horas da manhã, meia hora depois de Abrim Pahmudi ter deixado discretamente a cama de sua amante muito secreta, homens cruéis tinham-lhe feito uma visita. Mais slogans esquerdistas tinham sido ouvidos e a mesma mensagem fora rabiscada nas paredes, com sangue, vômito e fezes da moça em lugar de tinta. Às nove horas daquela manhã, com hora marcada, ele tinha ido apresentar as suas condolências a Abrim Pahmudi pelas duas tragédias — é claro que o Serviço Secreto o informara a respeito. Como pishkesh ele levou parte do testemunho de Rakoczy como uma informação que tivesse vindo parar em suas mãos através de outras fontes — contendo o estritamente necessário para ter valor.

— Estou certo, Excelência, de que se pudesse continuar com o meu trabalho, poderia conseguir muito mais. E se o meu

departamento fosse honrado com a sua confiança e tivesse permissão para operar como antes — mas reportando-se unicamente ao senhor e a nenhum outro poder — eu poderia evitar esses horrores e talvez remover esses cães terroristas da face da terra. Enquanto ele estava lá, um assistente entrara às pressas, desolado, para dizer que outros terroristas tinham assassinado um dos mais importantes aiatolás de Teerã — outro carro-bomba — e que o Komiteh Revolucionário exigia a presença imediata de Pahmudi. Pahmudi levantara-se imediatamente, mas antes de sair revogou suas ordens anteriores.

— Concordo, coronel Excelência. Por trinta dias. O senhor tem trinta dias para provar o seu valor.

— Obrigado, Excelência, a sua confiança me honra, pode ter certeza da minha lealdade. Posso ter Rakoczy de volta, por favor?

— Aquele cão, o general Janan deixou que ele fugisse.

Depois ele fora para o aeroporto e se encontrara com Robert Armstrong no 125 e, uma vez lá em cima, rira às gargalhadas. Era a primeira vez que um carro-bomba com um detonador de controle remoto era usado no Irã.

— Por Deus, Robert — dissera alegremente —, é totalmente eficiente. Você fica esperando a cem metros de distância até ter certeza de que é ele, depois liga o botão do controle que não é maior do que uma carteira de cigarros e... bum! mais um inimigo que se vai para sempre, e o seu pai! — E enxugou as lágrimas dos olhos, morrendo de rir. — Foi isso que abalou Pahmudi. Sim, e sem o Grupo Quatro teríamos sido eu e minha família.

O Grupo Quatro nascera de uma sugestão de Armstrong que ele aceitara e trabalhara: pequenos bandos de homens e mulheres bem selecionados, altamente treinados nas mais modernas táticas antiterroristas, muito bem pagos e cuidadosamente protegidos — todos não-iranianos, e todos desconhecidos entre si — conhecidos apenas por Hashemi e leais a ele. O seu anonimato significava que uns podiam ser usados contra os outros caso fosse necessário. Individualmente eles eram descartáveis e facilmente substituíveis — no Oriente Médio e no Oriente Próximo havia muita pobreza, muitas causas traídas, muito ódio, muitas crenças, muitos desabrigados, o

que fornecia um mar de homens e mulheres desesperados por um emprego desses.

Ao longo dos anos, o seu time do Grupo Quatro prosperara, seus golpes eram secretos, na grande maioria secretos até para Armstrong. Ele olhou para Armstrong e sorriu.

— Sem eles eu estaria morto.

— Eu também, provavelmente. Fiquei terrivelmente assustado quando aquele desgraçado do Janan disse: "Dou-lhe um dia e uma noite por causa dos serviços prestados." Aquele desgraçado nunca deveria ter-me deixado sair.

— E verdade. — Alguns milhares de metros abaixo deles a terra estava coberta de neve e o jato já estava sobrevoando as montanhas, a viagem até Tabriz levava pouco mais de meia hora.

— E quanto a Rakoczy? Você acredita no que Pahmudi disse, sobre ele ter fugido?

— É claro que não, Robert. Rakoczy era uma troca, um pishkesh. Quando Pahmudi viu que as fitas estavam vazias e viu o estado em que Rakoczy se encontrava, ele deixou de ter qualquer valor, exceto como um pagamento por favores prestados no passado. Ele não poderia saber da ligação com o seu Petr Oleg Mzytryk. Ou poderia?

— Não é provável — eu diria impossível.

— É provável que ele esteja no QG soviético, se não estiver morto. Os soviéticos vão querer saber o que ele revelou... ele poderia dizer-lhes?

— Duvido. Ele estava no limiar. — Armstrong sacudiu a cabeça.

— Duvido. O que você vai fazer agora que é outra vez o sr. Maioral? Alimentar Pahmudi com um pouco mais de informação sobre ele nos próximos trinta dias, se ele estiver vivo nos próximos trinta dias?

Hashemi sorriu de leve e não respondeu. Eu ainda não sou o sr. Maioral, pensou, nem estou seguro enquanto Pahmudi não estiver no inferno — junto com muitos outros. Eu talvez ainda tenha que usar o seu passaporte. Armstrong tinha-lhe dado o passaporte antes de decolarem. Ele o checara cuidadosamente.

Depois tinha fechado os olhos e relaxado, gozando do luxo e do conforto do jato particular que já estava sobre Qazvin, a apenas 15 minutos de Tabriz. Mas não cochilou. Passou o tempo pensando no

que fazer a respeito da Savama, de Pahmudi e Abdullah Khan, e no que fazer com Robert Armstrong, que sabia demais.

Pela janela da cabine, ele continuou a vigiar o Rolls, grande, imaculado, e possuído por tão poucos na terra. Por Deus e pelo Profeta, quanta riqueza, pensou, maravilhado com esta prova do poder e da posição do khan. Quanto poder ele tem para exhibir um tal bem, destemidamente, diante dos komitehs e de mim. Abdullah Khan não vai ser fácil de dobrar.

Sabia que ali no avião eles estavam perigosamente expostos — alvos fáceis se Abdullah ordenasse aos seus homens que atirassem neles —, mas tinha abandonado esta possibilidade, certo de que nem mesmo Abdullah Khan ousaria atacar tão abertamente três infiéis, um jato e ele. Mas para o caso do khan ter providenciado um 'acidente', dois times do Grupo Quatro já estavam a caminho por terra, um para Abdullah pessoalmente, o outro para a sua família, e só deixariam de agir se ouvissem dele mesmo o código combinado. Ele sorriu. Uma vez Robert Armstrong dissera-lhe que o castigo chinês para uma pessoa importante nos velhos tempos era "morte — e para todas as gerações".

— Eu gosto disso, Robert — comentara. — Isso tem estilo.

Ele viu a porta da frente do carro se abrir. Ahmed saltou, carregando a metralhadora, depois foi até a porta traseira e abriu-a para Abdullah.

— Você ganhou o primeiro round, Hashemi — disse Armstrong e foi até a frente do avião. — Pronto capitão, não demoraremos muito.

Relutantemente, os dois pilotos saíram da pequena cabine, enfiaram os casacos e desceram rapidamente os degraus. Eles cumprimentaram o khan educadamente. Ele fez sinal para que entrassem no carro e começou a subir a escada do avião, seguido por Ahmed.

— Salaam, Alteza, que a paz esteja com o senhor — disse Hashemi, calorosamente, cumprimentando-o na porta, uma deferência que Abdullah notou imediatamente.

— E também com o senhor, coronel Excelência. — Eles trocaram um aperto de mão. Abdullah passou por ele e entrou na cabine, com

os olhos fixos em Armstrong, e sentou-se na cadeira mais próxima da saída.

— Salaam, Alteza — disse Armstrong. — Que a paz esteja com o senhor — Este é um colega meu — disse Hashemi, sentando em frente ao khan.

— Um inglês, Robert Armstrong.

— Ah, sim, o Excelência que fala farsi melhor que o meu Ahmed e que é famoso por sua memória... e crueldade. — Atrás dele, Ahmed tinha fechado a pesada cortina por sobre a porta e estava em pé de costas para a cabine do piloto, de guarda, com a arma preparada, mas não de uma forma grosseira.

— Hein?

Armstrong sorriu.

— Isso foi uma brincadeira do coronel, Alteza.

— Não concordo. Mesmo em Tabriz nós já ouvimos falar do especialista do Departamento Especial, que ficou 12 anos a serviço do xá, como cão de caça dos seus cães de caça — Abdullah disse desdenhosamente em farsi. O sorriso desapareceu do rosto de Armstrong, e tanto ele quanto o coronel ficaram tensos com a grosseria. — Eu li a sua ficha. — Ele pousou os seus olhos negros em Hashemi, completamente seguro de que o seu plano iria funcionar: a um sinal dele Ahmed os mataria, sabotaria o avião, mandaria os pilotos de volta para uma rápida decolagem e uma explosão — nada a ver com ele, pela Vontade de Deus, e ele, depois de uma conversa tão proveitosa, em que prometera "apoio total ao governo central", ficaria muito triste.

— Então, Excelência — disse —, tornamos a nos encontrar. O que posso fazer pelo senhor? — Eu sei que, infelizmente, o seu tempo aqui conosco é curto.

— Talvez, Alteza, seja eu que possa fazer algo pelo senhor. Tal...

— Vá direto ao assunto, coronel — disse grosseiramente o khan, desta vez em inglês, totalmente seguro de si. — Nós conhecemos um ao outro, podemos dispensar os cumprimentos e os elogios e ir direto ao assunto. Eu sou muito ocupado. Se o senhor tivesse tido a delicadeza de vir até o meu carro, sozinho, eu me sentiria melhor,

nós poderíamos conversar em particular, com calma. Agora vá direto ao assunto!

— Eu quero conversar com o senhor a respeito do seu supervisor, coronel Petr Oleg Mzytryk — Hashemi disse com a mesma grosseria, mas sentindo-se de repente apavorado de que tivesse caído numa armadilha e que Abdullah fosse um partidário secreto de Pahmudi —, e sobre a sua longa ligação com a KGB através de Mzytryk, cujo nome de código é Ali Khoy.

— Supervisor? Que supervisor? Quem é este homem? — Abdullah escutou sua própria voz perguntando, mas sua cabeça rodava. Você não pode saber isso, é impossível. E através das batidas desordenadas do seu coração, ele viu o coronel abrir a boca e dizer outras coisas que tornaram tudo muito pior, muito pior, e, pior que tudo, estragaram o seu plano. Se o coronel estava falando a respeito de coisas tão secretas abertamente, na frente deste estrangeiro e de Ahmed, é que estes segredos deveriam estar gravados em algum lugar, guardados num lugar seguro para serem entregues ao Komiteh Revolucionário e aos seus inimigos no caso de algum acidente.

— O seu supervisor — insistiu Hashemi, notando a mudança e aproveitando-se da vantagem —, Petr Oleg, cuja fazenda fica no lago Tzvenghid no vale Oculto, a leste de Tbilisi, cujo nome de código é Ali Khoy, e o seu é Iv...

— Espere — disse Abdullah, com voz rouca, o rosto lívido. Nem mesmo Ahmed sabia disso, e não devia saber. — Eu... eu... dê-me um pouco d'água. Armstrong fez menção de se levantar, mas parou diante da arma de Ahmed apontada para ele.

— Por favor, sente-se, Excelência, eu vou buscar água. Coloquem os cintos de segurança, todos dois.

— Não há nenhu...

— Façam o que estou dizendo — Ahmed rosnou e levantou a arma, espantado com a mudança na aparência e nos modos do khan e preparado para pôr em prática o outro plano sozinho. — Coloquem os cintos!

Eles obedeceram. Ahmed estava perto do filtro e encheu um copo de plástico e entregou-o ao khan.

Hashemi e Armstrong ficaram olhando, sem ação. Nenhum deles tinha esperado uma capitulação tão imediata do khan. O homem parecia ter encolhido diante dos olhos deles, e estava muito pálido e respirando com dificuldade.

O khan terminou de beber a água e olhou para Hashemi, com os olhos injetados de sangue por trás dos óculos. Ele os tirou e limpou distraidamente, tentando recuperar as forças. Tudo parecia estar demorando mais do que o normal.

— Espere por mim ao lado do carro, Ahmed.

Inquieto, Ahmed obedeceu. Armstrong abriu o cinto e tornou a fechar a cortina. Por um momento, o khan sentiu-se melhor, o ar gelado que entrou ajudou a clarear a sua mente. — E então, o que vocês querem?

— O seu nome de código é Ivanovitch. Você tem sido um espião da KGB desde janeiro de 1944.

Durante este tempo, você...

— Tudo mentira. O que você quer?

— Eu quero me encontrar com Petr Oleg Mzytryk. Eu quero interrogá-lo seriamente. Em segredo.

O khan ouviu as palavras e pesou-as. Se esse filho de um cão sabia o nome de código de Petr e o seu próprio e sabia a respeito do vale Oculto e de janeiro de 1944 quando ele foi secretamente a Moscou para entrar para a KGB, então ele deveria saber coisas mais sérias. O fato de que ele estava jogando dos dois lados para o bem do seu Azerbaijão faria pouca diferença para os assassinos da direita ou da esquerda.

— Em troca de quê?

— Liberdade para agir no Azerbaijão, enquanto o senhor fizer o que for bom para o Irã, e um firme relacionamento de trabalho comigo. Eu lhe darei informações que porão o Tudeh, os esquerdistas e os curdos nas suas mãos, — e lhe darei provas de como os soviéticos o estão enganando. Por exemplo, o senhor foi declarado Seção 16/a.

O khan olhou-o boquiaberto. Seus ouvidos começaram a rugir.

— Eu não acredito nisso!

— Petr Oleg Mzytryk assinou a ordem — disse Hashemi.

— Pr... provas, eu... eu quero provas — ele gaguejou.

— Traga-o para o lado de cá da fronteira, vivo, e eu lhe darei provas... pelo menos ele dará.

— Você... você está mentindo.

— O senhor não planejou ir para Tbilisi hoje ou amanhã, a convite dele? O senhor não voltaria nunca. A versão seria que o senhor teria fugido do Irã.

O senhor seria denunciado, seus bens confiscados e sua família caíra em desgraça. .. e seria entregue aos mulás. — Agora que Hashemi sabia que tinha Abdullah nas mãos, a única coisa que o preocupava era o estado de saúde do homem. Sua cabeça apresentava uma ligeira contração, o rosto geralmente corado estava pálido, com uma estranha vermelhidão em volta dos olhos e nas têmporas, e a veia da sua testa estava saltada. — É melhor o senhor ir para o norte e dobrar a sua guarda. Eu poderia negociar Petr Oleg... melhor ainda, eu poderia permitir que o senhor o resgatasse e... bem, há muitas soluções caso eu me apodere dele.

— O que... o que você quer com ele?

— Informação.

— Eu... eu poderia tomar parte nisso? Hashemi sorriu.

— Por que não? Então está combinado?

A boca do khan moveu-se sem produzir nenhum som. Depois ele disse: — Eu vou tentar.

— Não — o coronel disse duramente, achando que tinha chegado a hora do coup de grace. — Não. O senhor tem quatro dias. Eu voltarei no sábado. Ao meio-dia de sábado eu estarei no seu palácio para receber a mercadoria. Ou, se o senhor preferir, poderá entregá-lo secretamente neste endereço. — E pôs um pedaço de papel na mesa entre eles. — Ou, terceira opção, se o senhor me disser a hora e o lugar em que ele atravessará a fronteira, eu providenciarei tudo. — Ele soltou o cinto de segurança e se levantou. — Quatro dias, Ivanovitch.

A raiva de Abdullah quase lhe arrebatou os tímpanos. Ele tentou levantar-se mas não conseguiu.

Armstrong ajudou-o e Hashemi foi até a cortina, mas antes de abri-la tirou a automática do coldre.

— Diga a Ahmed para não nos atrapalhar.

Fraco, o khan ficou em pé na porta e fez o que lhe tinha sido ordenado. Ahmed estava ao pé da escada, com a arma preparada. O vento mudara de direção, agora estava soprando em direção ao final da pista e tinha aumentado consideravelmente.

— Você não ouviu o que Sua Alteza disse? — O coronel gritou. — Está tudo bem, mas ele precisa de ajuda. — Manteve a voz calma. — Ele deve ver um médico o quanto antes.

Ahmed estava confuso, sem saber o que fazer. Lá estava o seu mestre, visivelmente pior do que antes, mas aqui estavam os homens que tinham causado isso — que deviam ser mortos.

— Ajude-me a entrar no carro, Ahmed — disse o khan, com um palavrão e isso resolveu tudo.

Ele obedeceu imediatamente. Armstrong segurou-o do outro lado e, juntos, eles desceram as escadas.

Rapidamente, os pilotos saíram e correram para o avião enquanto Armstrong ajudava o homem enfermo a entrar no banco de trás. Abdullah ajeitou-se com dificuldade, enquanto Armstrong sentia-se mais nu do que nunca, ali sozinho, desprotegido, enquanto Hashemi ficava em segurança na porta da cabine. Os motores a jato ganharam vida.

— Salaam, Alteza — ele disse. Espero que o senhor esteja bem — É melhor o senhor sair depressa da nossa terra — disse o khan. Depois falou para o motorista: — Volte para o palácio.

Armstrong ficou observando o carro se afastar, depois voltou-se. Viu o estranho sorriso de Hashemi, a automática semi-oculta na mão, e por um momento pensou que o homem ia atirar nele.

— Depressa, Robert!

Ele subiu correndo os degraus, com as pernas geladas. O copiloto já tinha apertado o botão de recolher a escada. A escada subiu, a porta foi fechada e eles começaram a se mover. Lá dentro, ele se sentiu revigorado.

— Está frio lá fora — disse. Hashemi não prestou atenção nele.

— Capitão, decole o mais rápido possível — ordenou, em pé atrás dos pilotos.

— Eu vou ter que taxiar para trás, senhor. Eu não ousou decolar deste lado, com o vento soprando por trás.

Hashemi praguejou e espiou pela janela da cabine de pilotagem. O outro lado da pista parecia estar a um milhão de quilômetros de distância, com o vento levantando bolos de neve. Para usar a rampa de saída correta, eles teriam que passar perto da área de estacionamento do terminal. Eles teriam que cruzá-la e usar a rampa oposta para a decolagem. O Rolls estava se afastando em direção ao terminal. Ele podia ver homens armados reunindo-se para esperá-lo.

— Recue pela pista e faça uma decolagem curta.

— Isso é altamente irregular sem autorização da torre — disse John Hogg.

— Você prefere uma bala na cabeça ou uma prisão da Savak? Aqueles homens são inimigos. Faça o que estou dizendo!

Hogg podia ver as armas. Ele ligou o seu botão de transmissão.

— ECO TANGO LIMA LIMA pedindo permissão para recuar — disse, não esperando nenhuma resposta.

Depois de saírem do espaço aéreo de Teerã, não tinha havido nenhuma resposta até ali, e nenhum contato com essa torre. Ele deslizou o jato de marcha à ré pela pista, derrapando, e acelerou um pouco mais, mantendo-se à esquerda, seguindo a trilha que deixaram ao descer. — Torre, aqui é Eco Tango Lima Lima, dando marcha à ré. — Gordon Jones, o copiloto, estava checando tudo, preparando a viagem de volta a Teerã. O vento os empurrava, as rodas incertas. Eles viram o Rolls parar no terminal e os homens o cercarem.

— O mais rápido que puder. Faça a volta, há pista suficiente — disse Hashemi.

— Assim que for possível, senhor — disse educadamente John Hogg, mas estava pensando, deixe de ser metido, coronel sei lá o quê, eu estou mais do que ansioso para subir, mas tenho que dar uma folga. Ele tinha visto a hostilidade dos homens no carro e, em Teerã, o nervosismo de McIver. Mas a torre de Teerã dera-lhes autorização imediatamente, dera-lhes prioridade como se ele estivesse levando o próprio Khomeini. Maldição, o que nós somos capazes de fazer pela Inglaterra e por uma caneca de cerveja! Suas

mãos e seus pés estavam sentindo a neve e o gelo e a superfície escorregadia. Ele diminuiu um pouco a aceleração.

— Olhe! — disse o copiloto. Um helicóptero a jato estava cruzando o espaço aéreo, mais ou menos a um quilômetro de distância. — É um 212, não é?

— É. Não parece que esteja vindo para cá — disse Hogg, observando atentamente em volta.

No terminal, um outro carro tinha-se juntado aos homens que rodeavam o Rolls; na frente, à esquerda, havia um clarão luminoso; agora o 212 tinha entrado atrás de uma colina; à direita havia um bando de pássaros; todos os mostradores estavam no verde; havia mais homens perto do Rolls e alguém no telhado do prédio do terminal; o combustível estava em bom nível; a neve não estava muito profunda, com um lençol de gelo por baixo; cuidado com o monte de neve aí na frente; vá um pouco mais para a direita; o rádio está sintonizado corretamente; o vento ainda está na nossa traseira; nuvens de tempestade estão se formando ao norte; diminua um pouco o motor esquerdo!

Hogg corrigiu a guinada, com o avião supersensível na superfície gelada.

— Talvez seja melhor o senhor voltar para o seu lugar, coronel — disse.

— Decole o mais rápido que puder. — Hashemi voltou. Armstrong estava espiando pela janela na direção do terminal. — O que eles estão fazendo lá, Robert? Algum problema? — perguntou.

— Ainda não. Meus parabéns. Você lidou brilhantemente com Abdullah.

— Se ele fizer a entrega. — Agora que estava tudo terminado, Hashemi estava se sentindo mal. Perto demais da morte desta vez, pensou, ele colocou o cinto de segurança, depois abriu-o, tirou a automática do bolso, colocou a trava de segurança e enfiou-a no coldre. Seus dedos tocaram no passaporte britânico que estava no seu bolso de dentro. Talvez eu não vá precisar dele afinal, pensou. Ótimo. Eu odiaria cair em desgraça para ter que usá-lo. Ele acendeu um cigarro.

— Você acha que ele vai durar até sábado? Pensei que ele fosse ter um ataque.

— Há anos que ele é assim gordo e horrível.

Armstrong percebeu o ódio latente. Hashemi Fazir era sempre perigoso, estava sempre tenso, o seu patriotismo fanático misturava-se ao seu desprezo pela maioria dos iranianos.

— Você lidou com ele maravilhosamente — disse e tornou a olhar pela janela. O Rolls e o outro carro e os homens em volta estavam muito longe e semi-ocultos pelas dunas de neve, mas ele podia ver muitas armas no meio deles e de vez em quando alguém apontava na direção deles. Vamos, pelo amor de Deus, pensou, vamos subir.

— Coronel — a voz de Hogg veio pelo intercomunicador — o senhor poderia vir até aqui?

Hashemi tirou o cinto e foi até a cabine de pilotagem.

— Lá, senhor — disse Hogg, apontando para a direita, depois do final da pista, para um grupo de pinheiros no começo da floresta. — O que o senhor acha daquilo? — O pequeno clarão de luz começou a piscar de novo. — É um SOS.

— Robert — Hashemi exclamou — olhe à frente e à direita.

Os quatro homens se concentraram. Mais uma vez a luz repetiu o SOS. — Não há nenhuma dúvida, senhor — disse Hogg. — Eu poderia sinalizar de volta. — Ele apontou para o flash de sinalização usado para emergências que produzia uma luz verde ou vermelha no caso do rádio falhar.

Hashemi tornou a falar para dentro da cabine — O que você acha, Robert?

— É um SOS sim!

O 125 estava descendo a pista em direção ao sinal. Eles esperaram, depois viram três pessoas saírem do meio das árvores, dois homens e uma mulher usando um chador. E viram as armas deles.

— É uma armadilha — disse Hashemi, imediatamente —, não se aproxime, dê meia-volta!

— Não posso — respondeu Hogg —, não há espaço suficiente. — Ele abriu um pouco mais as válvulas. O jato estava taxiando muito

depressa, seguindo a trilha de descida. Eles podiam ver as pessoas sacudindo as armas.

Armstrong gritou: — Vamos dar o fora daqui!

— Assim que eu puder, senhor. Coronel, talvez seja melhor o senhor voltar para o seu lugar, pode sacudir um pouco — disse Hogg, com voz neutra, depois tirou-os da mente. — Gordon, fique de olho naqueles desgraçados lá fora e no terminal.

— Claro. Não se preocupe.

O capitão virou-se momentaneamente para checar o outro lado da pista, achou que ainda não estavam na distância certa, mas diminuiu a aceleração e tocou nos freios. Começou a derrapar; então soltou os freios, mantendo o jato o mais reto possível, com o vento castigando-os. As figuras perto das árvores estavam maiores agora.

— Eles parecem gente das tribos. Duas carabinas automáticas. — Gordon Jones examinou o terminal. — O Rolls foi embora, mas tem um carro vindo pela rampa nesta direção.

— Desacelerando agora. Ainda muito depressa para virar.

— Cristo, eu acho... eu acho que um dos homens da tribo atirou — Jones disse nervosamente.

— Aqui vamos nós — Hogg falou no intercomunicador, freou, sentiu o avião derrapar, segurou-o, começou a fazer uma volta para a direita em toda a largura da pista, o impulso fazendo-os desequilibrarem-se e com o vento ainda hostil.

Na cabine, Armstrong e Hashemi estavam-se segurando fortemente, espiando pelas janelas. Eles viram uma das figuras correndo na direção deles, empunhando a arma. Armstrong resmungou: — Nós somos um alvo fácil. — Ele sentiu o jato derrapando ao fazer a volta, sem tração, e praguejou.

Na cabine de pilotagem, Hogg estava assoviando desafinadamente. O jato oscilou sobre as trilhas de descida, ainda derrapando, o lado oposto da pista bloqueado por dunas pesadas e sólidas. Ele não ousou acelerar ainda e esperou, com a boca seca, torcendo para que ele desse a volta mais depressa e entrasse no vento. Mas ele não o fez, apenas continuou a deslizar, com as rodas imprestáveis, os freios perigosos, os motores gemendo e o gelo na superfície.

Inexoravelmente, as dunas foram-se aproximando cada vez mais. Ele podia ver as lâminas de gelo que rasgariam a sua fina superfície. Não havia nada a fazer a não ser esperar. Então uma rajada de vento bateu na cauda do avião e o fez dar uma guinada e agora, embora ele ainda estivesse deslizando, estava de frente para o vento. Delicadamente, ele acelerou os dois motores, sentiu a derrapagem diminuindo e imediatamente começou a empurrar os aceleradores até conseguir alguma velocidade, conseguindo mais controle, depois controle completo e finalmente empurrou os aceleradores com força. O 125 pulou para a frente, suas rodas deixaram a superfície, ele recolheu o trem de aterrissagem e estavam planando.

— Podem fumar se desejarem — disse laconicamente no intercomunicador, inteiramente satisfeito consigo mesmo.

No campo de aviação, não muito longe das árvores, Ross tinha parado de correr e acenar, com dor no peito.

— Malditos filhos da mãe — gritou para o avião. — Será que vocês não têm olhos?

Profundamente desapontado, ele começou a caminhar de volta para onde estavam os outros, que tinham esperado obedientemente na beira da floresta. Todos estavam deprimidos. Tão perto, pensou.

Pelo binóculo, ele tinha visto o khan chegar, depois subir a bordo, depois, mais tarde, Armstrong descer as escadas com o khan, ajudando-o.

— Oh, deixe-me olhar, Johnny. — dissera Azadeh ansiosamente e focalizara o binóculo para enxergar melhor. — Oh, meu Deus, papai parece doente. Espero que ele esteja bem. O médico está sempre dizendo a ele para fazer uma dieta e trabalhar menos.

— Ele está indo muito bem, Azadeh — ele retrucara, tentando disfarçar o sarcasmo. Mas ela percebera e corara, dizendo: — Oh, desculpe... eu não tive a intenção... eu sei que ele..

— Eu não estava querendo dizer nada — ele atalhou, focalizando o binóculo em Armstrong, elaborando um plano para entrar a bordo. Tão fácil. Um avião da S-G, era fácil reconhecer pelo emblema, e Armstrong. Estamos salvos! Mas agora não estamos salvos, estamos numa enrascada, disse a si mesmo com mais amargura ainda,

caminhando pela neve, sentindo-se imundo e desejando um banho e louco de raiva. Eles têm que ter visto o SOS. Será que estavam com a cabeça nas nuvens? Por que diabo eles.

Ouviu o sinal de perigo emitido por Gueng e virou-se. Um carro estava a poucas centenas de metros de distância, dirigindo-se para lá. Ele correu e apontou para a floresta.

— Vamos para lá!

Já tinha planejado com antecedência. Primeiro o aeroporto, depois, se não desse certo, eles podiam ir para a base de Erikki. A base ficava a uns seis quilômetros de distância, a sudeste de Tabriz.

Protegido pelas árvores, ele parou e olhou para trás. O carro parou no final da pista e alguns homens saltaram, começaram a persegui-los mas acharam o caminho muito pesado no meio da neve. Então tornaram a entrar no carro e foram embora.

— Eles não vão conseguir nos alcançar — disse Ross. Ele foi caminhando na frente cada vez mais para dentro da floresta, mantendo-se necessariamente no caminho mais difícil.

Na beirada da floresta havia campos gelados que no verão possuíam uma vegetação abundante, a maior parte pertencia a um pequeno número de proprietários rurais, apesar das reformas agrárias do xá. Do outro lado dos campos ficavam as favelas de Tabriz. Eles podiam ver os minaretes da mesquita Azul e a fumaça dos inúmeros incêndios, carregada pelo vento.

— Nós podemos contornar a cidade, Azadeh?

— Sim, mas é... é um caminho bem longo.

Eles perceberam a sua preocupação. Até agora ela caminhara rapidamente e sem se queixar. Mas ainda era um estorvo. Eles estavam usando vestes tribais sobre os uniformes. Suas botas sujas poderiam passar despercebidas. Bem como suas armas. E o chador dela. Ele a olhou, ainda não estava acostumado a vê-la enfiada pelo chador. Ela percebeu o seu olhar e tentou sorrir. Ela compreendera. Tanto a respeito do chador quanto a ser um peso.

— Vamos atravessar a cidade — ela disse. — Nós podemos ficar nas ruas laterais. Eu tenho algum...

algum dinheiro e poderemos comprar comida. Johnny, você pode fingir ser um caucasiano de, digamos, de Astará, eu posso fingir que

sou sua mulher. Gueng, você fale em gurkhali ou numa língua estrangeira e pareça grosseiro e arrogante como os turcomanos do norte. Você poderia passar por um deles eles. Eles são descendentes de mongóis, muitos iranianos o são. Ou talvez eu pudesse comprar alguns lenços verdes e transformá-los em Faixas Verdes... É o melhor que posso fazer.

— Está bom, Azadeh. Talvez seja melhor nós não ficarmos todos juntos. Gueng, você pode nos seguir.

— Nas ruas, as esposas iranianas seguem os maridos. Eu... eu vou ficar um passo atrás de você, Johnny — disse Azadeh.

— É um bom plano, mensahib — disse Gueng. — Muito bom. A senhora pode guiar-nos.

Ela agradeceu-lhe com um sorriso. Em pouco tempo eles alcançaram os mercados, ruas e alamedas das favelas. Uma hora um homem deu um encontrão em Gueng. Sem hesitação, Gueng deu um soco na garganta do homem, fazendo-o cair esparramado na rua, desacordado, xingando-o alto num dialeto do gurkhali. Houve um momento de silêncio no meio da multidão, depois o barulho recomeçou e os que estavam perto conservaram os olhos baixos e seguiram adiante, alguns fazendo, disfarçadamente, o sinal contra o mau-olhado que todos aqueles que vinham do norte, os descendentes das hordas que não conheciam o único Deus, tinham a fama de possuir.

Azadeh comprou comida dos vendedores de rua, pão fresco, kebab de carneiro e horisht de feijão e legumes, com bastante arroz. Eles se sentaram em bancos toscos e comeram, depois continuaram a andar. Ninguém prestou atenção neles. Ocasionalmente, alguém oferecia-lhes algo para comprar, mas Azadeh intervinha e protegia-os, engrossando a voz e falando no dialeto turco local. Quando os muezins chamaram para a oração da tarde, ela parou, com medo. Em volta deles, homens e mulheres procuravam um pedaço de tapete, fazenda, papelão, jornal ou caixa para se ajoelharem e começarem a rezar. Ross hesitou; depois, atendendo ao seu olhar suplicante, fingiu rezar também e o momento passou. Na rua inteira, só uns quatro ou cinco permaneceram em pé, Gueng entre eles, encostados numa parede. Ninguém incomodou os que ficaram em

pé. Os habitantes de Tabriz descendiam de muitas raças, muitas religiões.

Continuaram andando, dirigindo-se para sudeste e agora estavam nos subúrbios, cheios de barracos, lixo e cachorros famintos, onde a vala era o único esgoto. Em breve não haveria mais barracos, começariam os campos e pomares, depois a floresta e a estrada principal para Teerã, que subia, cheia de curvas, em direção ao desfiladeiro que os levaria até Tabriz Um. Ross não sabia o que fazer quando chegassem lá, mas Azadeh dissera que conhecia várias cavernas nas redondezas onde eles poderiam esconder-se até que um helicóptero pousasse.

Atravessaram a última favela e saíram para a trilha coberta de neve. A neve da superfície estava suja de bosta de mula e de burro, escorregadia e traiçoeira, e eles juntaram-se a outros que caminhavam por ali, alguns conduzindo burros carregados, outros curvados sob o peso da carga que levavam, outros fazendo as suas necessidades, homens, mulheres e crianças — passavam um punhado de neve com a mão esquerda e continuavam a andar — um povo poliglota, gente de tribos, nômades, gente da cidade — que só tinham em comum a pobreza, e o orgulho.

Azadeh estava muito cansada, ressentindo-se da tensão de ter tido que atravessar a cidade. Ela tivera medo de cometer algum erro, medo deles serem reconhecidos, estava louca de preocupação com Erikki e sem saber o que fariam quando chegassem na base. Insha'Allah, ela disse a si mesma, muitas e muitas vezes. Deus vai velar por você, por ele e por Johnny.

Quando chegaram perto do lugar onde a trilha se juntava à estrada de Teerã, viram Faixas Verdes e homens armados em pé ao lado de uma barreira, examinando veículos e observando as pessoas que passavam. Não havia nenhum modo de evitá-los.

— Azadeh, você vai primeiro — cochichou Ross. — Espere por nós mais adiante na estrada. Se nos pararem, não interfira, apenas prossiga. Vá em direção à base. Vamos nos separar, é mais seguro. — E sorriu para ela. — Não se preocupe. — Ela concordou com a cabeça, com o rosto ainda mais pálido por causa do medo, e saiu andando. Ela estava carregando a mochila dele. Ao sair da cidade,

ela tinha insistido: — Olhe para as outras mulheres, Johnny. Se eu não carregar alguma coisa, vou chamar muita atenção.

Os dois homens esperaram, depois foram até a beira da estrada e urinaram no banco de neve. As pessoas continuaram passando. Algumas repararam neles. Umas poucas os xingaram de infiéis. Uma ou duas ficaram intrigadas — sem saber, eles estavam urinando na direção de Meca, um ato que nenhum muçulmano jamais faria.

— Depois que ela passar, vai você, Gueng. Eu o seguirei em dez minutos.

— É melhor o senhor ser o próximo — cochichou Gueng. — Eu sou um turcomano.

— Está bem, mas se me pararem, não interfira. Escape no meio da confusão e leve-a para um lugar seguro. Não vá falhar!

O homenzinho sorriu, com os dentes muito brancos.

— Não vá o senhor falhar, sahib. O senhor ainda tem muito o que fazer antes de ser o Senhor da Montanha. — Gueng olhou para a barreira a cem metros de distância. Ele viu que Azadeh estava passando agora. Um dos Faixas Verdes disse algo a ela, mas ela manteve os olhos desviados, respondeu e o homem fez sinal para que ela passasse. — Não espere por mim na estrada, sahib. Eu posso atravessar os campos. Não se preocupe comigo. Eu o encontrarei.

— E abriu caminho no meio dos pedestres e juntou-se ao grupo que estava voltando em direção à cidade. Uns cem metros adiante ele se sentou num caixote e desamarrou a bota como se esta o estivesse machucando. Suas meias estavam em frangalhos, mas isso não importava. As solas dos seus pés eram duras como ferro. Ganhando tempo, ele tornou a amarrar a bota, divertindo-se em ser um turcomano.

Na barreira, Ross juntou-se à fila dos que estavam deixando Tabriz. Ele reparou na polícia que estava junto com os Faixas Verdes, observando as pessoas. As pessoas estavam irritadas, como sempre, odiando qualquer autoridade e qualquer intromissão no seu direito de ir e vir à vontade.

Muitos estavam francamente zangados e alguns estavam a ponto de explodir.

— Você — um Faixa Verde falou com ele —, onde estão os seus papéis? Demonstrando raiva, Ross cuspiu no chão.

— Papéis? Minha casa foi queimada, minha mulher foi queimada e meus filhos foram queimados pelos cães esquerdistas. Só me resta esta arma e um pouco de munição. É a Vontade de Deus, mas por que vocês não vão queimar os partidários de Satã e fazer o trabalho de Deus ao invés de parar homens honestos?

— Nós somos honestos! — o homem disse zangado. — Nós estamos fazendo o trabalho de Deus. De onde você vem?

— De Astará. Astará, na costa. — E deixou a raiva aparecer. — Astará. E você?

O próximo homem na fila e o que estava atrás dele começaram a xingar e dizer aos Faixas Verdes para se apressarem e não os obrigarem a ficar esperando no frio. Um policial estava abrindo caminho em direção a eles, então Ross decidiu arriscar e passou com um palavrão, o homem que estava atrás o seguiu e o próximo e agora eles estavam do outro lado. O Faixa Verde gritou uma obscenidade e depois continuou a tomar conta da fila.

Ross levou um certo tempo para respirar com mais facilidade. Ele tentou não se apressar e os seus olhos examinaram a estrada. Não havia sinal de Azadeh. Havia carros e caminhões passando, subindo com dificuldade ou descendo depressa demais, com as pessoas se espalhando de vez em quando com a inevitável torrente de palavrões. O homem que estava atrás dele na fila alcançou-o, os pedestres agora estavam diminuindo, entrando em caminhos laterais que conduziam a cabanas do lado da estrada ou a aldeias dentro da floresta. Era um homem de meia-idade com um rosto forte, pobremente vestido e um rifle bem conservado.

— Aquele filho da mãe daquele Faixa Verde — disse com um forte sotaque. — O senhor tem razão, aga, eles deveriam estar fazendo o serviço de Deus, o serviço do imã, não o de Abdullah Khan.

Ross pôs-se imediatamente em guarda.

— Quem?

— Eu venho de Astará e pelo seu sotaque eu sei que o senhor não vem de Astará, aga. Os astaris nunca mijam na direção de Meca

nem com as costas para Meca. Somos todos bons muçulmanos em Astará. Pela sua aparência, o senhor deve ser o Sabotador pelo qual o Khan está oferecendo uma recompensa. — A voz do homem era calma, curiosamente amigável, e o velho rifle Enfield continuava pendurado no seu ombro.

Ross não disse nada, apenas resmungou, sem mudar de passo.

— Sim, o Khan está oferecendo um bom preço pela sua cabeça. Muitos cavalos, um rebanho de ovelhas, dez camelos ou mais. Um resgate digno de um xá para uma pessoa comum. O resgate é maior se o senhor for capturado vivo. Mais cavalos, ovelhas e camelos, o suficiente para a vida inteira. Mas onde está a mulher, Azadeh, a filha dele, a filha que o senhor raptou, o senhor e o outro homem?

Ross olhou-o espantado e o homem riu.

— O senhor deve estar muito cansado para se denunciar assim com tanta facilidade. — Repentinamente, o seu rosto endureceu-se, sua mão entrou no bolso da velha jaqueta, ele tirou um revólver e enfiou-o na cintura de Ross. — Caminhe um passo na minha frente, não se vire nem faça nada ou eu lhe darei um tiro na espinha. Agora, onde está a mulher? Há uma recompensa por ela também.

Nesse momento um caminhão que vinha descendo derrapou na curva, arremessou-se para o outro lado da estrada e foi para cima deles, buzinando alto. As pessoas se espalharam. Os reflexos de Ross foram mais rápidos e ele deu um passo para o lado, deu um encontrão no homem, fazendo-o rolar no meio do caminho do caminhão. As rodas da frente e de trás do caminhão passaram por cima do homem. O caminhão parou alguns metros à frente.

— Que Deus nos proteja, vocês viram isso? — disse alguém. — Ele pulou na frente do caminhão.

Ross arrastou o corpo para fora da estrada. O revólver tinha desaparecido na neve.

— Ah, o mártir de Deus é seu pai, aga? — uma velha perguntou.

— Não... não — Ross falou com dificuldade, em pânico, tudo acontecera depressa demais. — Eu...

ele é um estranho. Eu nunca o vi antes.

— Pelo Profeta, como os pedestres são descuidados! Será que eles não têm olhos? Ele está morto?

— o motorista do caminhão perguntou, subindo a colina. Era um homem robusto, rude, barbado. — Deus é testemunha de que ele se jogou na minha frente, como todos puderam ver! Você — ele disse para Ross —, você estava ao lado dele, deve ter visto.

— Sim... sim, é como você está dizendo, eu estava atrás dele.

— Seja como Deus quiser. — O motorista foi embora satisfeito, estava tudo certo e acabado. — Sua Excelência viu tudo. Insha'Allah!

Ross afastou-se no meio dos poucos que tinham se dado ao trabalho de parar e subir a colina, nem depressa nem devagar, tentando controlar-se, sem ousar olhar para trás. Depois da curva, ele apertou o passo, imaginando se fora certo reagir com tanta rapidez — quase sem pensar. Mas o homem teria vendido os dois. Não pense nele, carma é carma. Mais uma curva e ainda nenhum sinal de Azadeh.

Sua ansiedade aumentou.

Nesse ponto a estrada subia tortuosa. Ele passou por algumas cabanas meio escondidas na beira da floresta. Cachorros sarnentos catavam comida. Os poucos que chegaram perto dele, ele enxotou, havia muitos cães raivosos por lá. Mais uma curva, o suor escorria, e lá estava ela agachada do lado da estrada, descansando como uma dezena de outras velhas. Ela o viu no mesmo instante, sacudiu a cabeça para alertá-lo, levantou-se e continuou a andar. Ele seguiu uns vinte metros atrás. Então houve um tiroteio mais abaixo. Como todo mundo, eles pararam e olharam para trás. Não conseguiram ver nada. A barreira ficava muito atrás, muitas curvas abaixo, a meio quilômetro de distância. O tiroteio cessou logo. Ninguém disse nada, apenas começaram a subir mais depressa.

A estrada não era boa. Eles andaram mais ou menos um quilômetro, saindo da estrada quando havia trânsito. De vez em quando um ônibus passava, mas sempre superlotado e nenhum parava. Nessa época a pessoa podia esperar até um dia ou dois num ponto de ônibus antes de conseguir lugar. Às vezes um caminhão parava, em troca de dinheiro.

Mais adiante, um caminhão passou por ele e diminuiu a velocidade quando chegou perto de Azadeh.

— Por que andar quando os que estão cansados podem viajar aqui com ajuda de Ciro, o caminhoneiro, e de Deus? — gritou o motorista, rindo debochadamente, cutucando o seu companheiro, um homem de barba escura mais ou menos da idade dele. Eles a estavam observando há algum tempo, observando o balanço dos seus quadris que nem mesmo um chador conseguia esconder. — Por que uma flor de Deus deveria caminhar quando poderia estar aquecida num caminhão ou no tapete de um homem?

Ela levantou os olhos, disse um palavrão e gritou para Ross: — Marido, este leproso filho de um cão ousou insultar-me e fez comentários obscenos contra as leis de Deus... — Ross já estava ao lado dela e o motorista se viu olhando para o cano de uma arma.

— Excelência... eu estava perguntando se... se o senhor e ela não gostariam de uma carona — disse o motorista, em pânico. — Há lugar lá atrás... se Vossa Excelência quiser honrar o meu veículo...

O caminhão estava cheio de aparas de ferro, mas era melhor do que andar.

— Para onde você está indo?

— Para Qazvin, Excelência, Qazvin. O senhor vai nos dar a honra?

O caminhão não parou mas foi fácil para Ross ajudá-la a subir. Juntos, eles se abrigaram do vento.

As pernas dela estavam tremendo e ela estava gelada e muito nervosa. Ele abraçou-a.

— Oh, Johnny, se você não estivesse aqui...

— Não se preocupe, não se preocupe. — Ele lhe transmitiu um pouco do seu calor. Qazvin? Isto não fica no meio do caminho para Teerã? É claro que sim. Nós vamos ficar no caminhão até Qazvin, disse a si mesmo, recuperando as forças. Depois podemos conseguir outra carona, ou encontrar um ônibus ou roubar um carro, é isso que vamos fazer.

— A entrada para a base fica a dois ou três quilômetros daqui — ela disse, tremendo nos seus braços. — Para a direita.

Base? Ah, sim, a base. E Erikki. Mas, o mais importante, e Gueng? E quanto e Gueng? Faça a sua mente trabalhar. O que você vai fazer?

— Como é... como é o terreno lá? Aberto e desprotegido ou uma ravina ou o quê? — perguntou.

— É bastante liso. A nossa aldeia está chegando, Abu Mard. Nós passamos pela aldeia, depois a terra se achata numa espécie de platô onde fica a nossa estrada. Depois a estrada principal torna a subir em direção ao desfiladeiro.

Ele podia ver a estrada subindo tortuosa, aparecendo de vez em quando, ondulando precariamente pela encosta da montanha — Nós vamos saltar do outro lado da aldeia, antes da parte plana, vamos dar a volta pela floresta e chegar à base. Isso é possível?

— Sim. Eu conheço muito bem o terreno. Eu... eu ensinei na escola da aldeia e costumava levar as crianças para... para passear. Eu conheço os caminhos. — Mais uma vez ela estremeceu.

— Proteja-se do vento. Daqui a pouco você vai esquentar.

O velho caminhão subia com dificuldade, quase na mesma velocidade de alguém andando, mas era melhor do que andar. Ele manteve o braço em torno dela e em pouco tempo ela parou de tremer. Por cima da grade do caminhão ele viu um carro se aproximando depressa, com as mudanças gemendo, seguido de uma pick-up verde. O motorista do carro não tirou a mão da buzina. Não havia espaço para o caminhão se afastar, então o carro passou pela contra mão e seguiu em frente. Espero que você se mate, pensou, enraivecido pelo barulho e pela estupidez. Notou que estava cheio de homens armados, bem como a pick-up que vinha atrás, embora todos esses homens estivessem em pé na traseira, segurando-se em barras de metal, com a grade traseira abaixada e batendo violentamente.

Quando a pick-up passou, ele viu um corpo atirado debaixo dos pés deles. Primeiro pensou que fosse o velho. Mas não era. Era Gueng. Não havia dúvida por causa do que restava do uniforme. E do Kookri que estava enfiado na cintura de um dos homens.

— O que foi, Johnny?

Ele se viu ao lado dela, sem senti-la nem a qualquer outra coisa. Apenas que falhara com o segundo dos seus homens. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— O que foi? O que aconteceu?

— Nada. É só o vento. — Ele limpou as lágrimas, depois se ajoelhou e olhou em frente.

Serpenteando, a estrada desaparecia e tornava a aparecer. Assim como o carro e a pick-up. Ele podia ver a aldeia agora. Do outro lado, a estrada tornava a subir, depois ficava plana, como ela dissera. O carro e a pick-up passaram pela aldeia em alta velocidade. Ele tinha no bolso um binóculo pequeno mas muito potente. Firmando-se contra o balanço do caminhão, focalizou o carro. Assim que este chegou na parte plana, acelerou, virou à direita na estrada que ia dar na base e desapareceu.

Quando a pick-up chegou na interseção, ela parou, bloqueando a maior parte da estrada. Meia dúzia de homens saltaram, espalharam-se pela estrada e ficaram olhando na direção de Tabriz. Então a pick-up virou à direita e desapareceu atrás do carro.

O caminhão diminuiu a velocidade quando o motorista colocou ruidosamente a primeira. Bem à frente havia uma subida curta e íngreme, com um caminho que saía de lá, e não havia nenhum pedestre nesta parte da estrada.

— Onde vai dar aquele caminho, Azadeh?

Ela ficou de joelhos e olhou para onde ele estava apontando.

— Vai dar em Abu Mard, a nossa aldeia — respondeu. — Ele dá várias voltas mas termina dando lá.

— Prepare-se para pular. Há uma outra barreira lá na frente.

No momento certo ele escorregou pelo lado, ajudou-a a descer e correram para se esconder. O caminhão não parou e o motorista não olhou para trás. Em pouco tempo ele tinha tomado distância.

De mãos dadas, eles correram para o meio das árvores.

40

EM ZAGROS TRÊS: 16:05H.

Lochart recostou-se na cabine do 212, esperando para ir de novo até a plataforma Rosa com outro carregamento de canos — o céu estava sem nuvens, as montanhas tão claras e distintas que ele sentiu como se pudesse esticar a mão e tocá-las. Observava Rodrigues, o seu mecânico, que estava ajoelhado na neve, espiando o interior de um painel de inspeção.

— É uma tarde perfeita para se esquiar ou andar de tobogã, Rod, não para trabalhar.

— É um dia perfeito para dar o fora daqui, Tom.

— Talvez a gente não tenha que fazer isso — disse Lochart.

Desde sábado, quando tivera o confronto com Nitchak Khan, que não tinha mais tido notícias dele nem de qualquer pessoa da aldeia.

— Talvez o komiteh mude de ideia ou Mac consiga que a ordem seja cancelada. É loucura nos mandar embora quando estão precisando de todo o petróleo que puderem conseguir e o novo poço da Rosa é um maná. Jesper Almqvist calculou que ele daria 18 mil barris por dia quando começasse a funcionar. Isso significa quase 360 mil dólares por dia, Rod.

— Os mulás não ligam a mínima para petróleo ou qualquer outra coisa a não ser Alá, o Corão ou o paraíso, você disse isso um milhão de vezes. — Rodrigues limpou uma mancha de óleo. — Nós todos deveríamos ter ido com Jesper para Shiraz, e depois para fora do Irã. Nós não somos desejados. Nasiri teve os miolos estourados, certo? Para quê? Ele era um cara legal. Nunca fez mal a ninguém. Já nos mandaram ir embora. Que diabo estamos esperando?

— Talvez o komiteh mude de ideia. Nós temos 11 plataformas para manter.

— As plataformas estão operando com capacidade mínima, as turmas de trabalho estão loucas para darem o fora e não têm sido substituídas há semanas. — Rodrigues levantou-se, limpou a neve dos joelhos e começou a tirar o óleo das mãos. — É loucura ficar num lugar em que não se é desejado. O jovem Scot está agindo de um modo muito estranho. E você também, pensando bem.

— Bobagem — retrucou Lochart. Ele não tinha contado a ninguém o que Scot dissera que realmente acontecera na aldeia. Sua ansiedade voltou — por Scot, pela base, por Xarazade, pelo HBC, e de novo por Xarazade.

— Bobagem nada — disse Rodrigues —, você tem estado nervoso pra burro desde que voltou de Teerã. Você quer ficar no Irã, Tom, está bem, é diferente, você está casado com o Irã. Mas eu quero sair.

Lochart tirou Xarazade da mente. Ele viu o medo no rosto do amigo.

— Qual é o problema, Rod?

O homem troncado ajustou o cinto em cima da barriga e abotoou o casaco.

— Eu estou nervoso como o diabo com a minha identificação falsa, Tom. Merda, assim que eu abrir a boca eles vão saber que eu não sou britânico. Todos os meus vistos estão vencidos. Está acontecendo o mesmo com alguns dos rapazes, mas eu sou o único americano aqui, eu fiz uma palestra na escola sobre os Estados Unidos e os malditos mulás dizem que eu sou Satã, eu, um ótimo católico, pelo amor de Deus! Eu não consigo mais dormir de noite.

— Por que você não disse isso antes? Você não precisa ficar, Rod. 0212 deve partir amanhã. Que tai ir junto com Scot? Uma vez em Al Shargaz, você pode pedir transferência para a Nigéria, o Quênia ou qualquer outro lugar.

Por um momento Rodrigues não disse nada, com uma expressão desolada no rosto.

— Eu gostaria muito, Tom. Se você puder conseguir isso, é claro que estará tirando um peso enorme dos meus ombros.

— Está combinado. Nós temos que mandar um mecânico. Por que não você, você é mais antigo?

— Obrigado. Muito obrigado, Tom. — Rodrigues ficou radiante. — Eu vou só ajustar o pedal e ele estará como novo.

Lá embaixo, na área de abastecimento, Lochart viu que a carga de canos estava pronta para ser embarcada. Dois operários iranianos esperavam para guiar o gancho suspenso para dentro da cavilha. Ele começou a entrar na cabine, mas parou ao ver dois homens se aproximando pelo caminho que ia dar na aldeia, a uns cem metros de distância. Nitchak Khan e um outro homem carregando uma carabina. Mesmo àquela distância era fácil ver a faixa verde no braço.

Lochart foi ao encontro deles, preparando a mente para pensar e falar em farsi.

— Salaam, calênder, salaam, aga — ele disse para o outro homem, também barbado, mas muito mais jovem.

— Salaam — respondeu Nitchak. — Vocês conseguiram um prazo até o quinto pôr-do-sol.

Lochart tentou disfarçar o choque. Hoje era terça-feira, o quinto dia seria domingo.

— Mas, Excelência, o.

— Até o quinto pôr-do-sol — disse o Faixa Verde, sem nenhuma gentileza. Vocês não podem trabalhar nem voar no Dia Sagrado, é melhor dar graças a Deus, e no quinto pôr-do-sol a partir de hoje se todos os estrangeiros e seus aviões não tiverem partido, a base será incendiada.

Lochart olhou para ele em silêncio. Atrás do homem ficava a cozinha e ele viu Jean-Luc sair de lá e depois caminhar na direção deles.

— Em quatro dias úteis vai ser muito difícil, aga, e eu não acho..

— Insha'Allah.

— Se nós partirmos, todas as plataformas terão que parar. Só nós podemos abastecê-las e a seus homens. Isso vai prejudicar o Irã, isso...

— O Islã não precisa de petróleo. Os estrangeiros precisam de petróleo. No quinto pôr-do-sol. Se vocês não partirem, a responsabilidade é de vocês.

Nitchak Khan olhou de banda para o homem. Depois disse para Lochart: — Aga, eu gostaria de ir junto com este homem falar com o calênder dos italianos. Eu gostaria de ir agora, por favor.

— A honra é toda minha, calênder — disse Lochart, e pensou, Mimmo Sera está nas montanhas há anos, ele vai saber o que fazer. — Eu tenho uma carga de canos para entregar na plataforma Rosa; podemos ir imediatamente.

— Canos? — o rapaz falou rudemente. — Não há necessidade de canos. Vamos diretamente. Sem canos.

— A IranOil mandou entregar os canos e os canos vão, ou você não vai — disse Lochart, zangado.

— O aiatolá Khomeini ordenou que a produção de petróleo voltasse ao normal. Por que o komiteh o desobedece?

O rapaz olhou, mal-humorado, para o Khan que disse calmamente: — Seja como Deus quiser. O aiatolá é o aiatolá, o komiteh só obedece a ele. Vamos, aga.

Lochart tirou os olhos do rapaz.

— Está bem. Iremos imediatamente.

— Salaam, calênder — disse Jean-Luc, juntando-se a eles. — Tom, qual é a resposta? — perguntou em inglês.

— Pôr-do-sol de domingo. Nós já teremos que ter saído nessa hora e não podemos voar na sexta-feira.

Jean-Luc engoliu um palavrão.

— Nenhuma chance de negociação?

— Nenhuma. A não ser que você queira discutir com esse filho da mãe Insolentemente, o rapaz com a arma encarou Jean-Luc — Diga a este filho de um cão que ele cheira mal. Lochart tinha sentido um leve cheiro de alho.

— Ele está dizendo que a sua comida tem um cheiro ótimo, Jean-Luc. Ouça, eles querem falar com Mimmo Sera. Eu voltarei assim que puder, e então resolverei o que fazer. Calênder, nós podemos ir agora — disse em farsi e abriu a porta da cabine.

— Olhe! — disse Rodrigues, de repente e apontou para cima das montanhas na direção norte. Havia fumaça subindo para o céu. — É Maria?

— Pode ser Bellissima — disse Jean-Luc. Nitchak Khan estava tentando enxergar ao longe.

— Ali fica perto de onde nós vamos, não?

— Não fica muito fora da rota, calênder. O velho parecia muito preocupado.

— Talvez fosse melhor levar os canos no seu próximo voo, piloto. Há dias que temos ouvido dizer que os esquerdistas estavam-se infiltrando nas montanhas, querendo sabotar e criar problemas. Na noite passada, um dos meus pastores teve a garganta cortada e os testículos arrancados. Eu tenho homens lá fora procurando os assassinos. — Com o rosto preocupado, ele entrou na cabine. O Faixa Verde seguiu-o.

— Rod — disse Lochart — tire o 206 do hangar. Jean-Luc, fique na escuta HF. Eu vou me comunicar com você.

— Oui, pas problème. — Jean-Luc tornou a olhar para a fumaça. Lochart deixou o carregamento de canos na base e partiu rapidamente em direção ao norte. Era Bellissima e estava pegando fogo. De longe ele pôde ver as chamas subindo a dez metros de um dos trailers que, ressecado pelo ar sem umidade, estava quase todo destruído. De um dos lados, perto do aparelho de perfuração, lavrava outro incêndio. Perto do barracão de dinamite, havia um corpo na neve. Acima da base, o pico coberto de neve da montanha, reformado pela explosão de Pietro e pela consequente avalanche, estava agradável. Abaixo, a ravina caía dois mil e quinhentos metros.

Quando se aproximou, viu meia dúzia de figuras correndo pelo caminho tortuoso que descia até o vale — todos eles armados. Sem hesitação, virou e foi atrás deles, vendo-os à frente agora, exatamente em frente, praguejando por não estar num avião de combate. Não teria dificuldade em pegar todos eles. Seis homens, barbados, usando roupas nativas. Então viu um dos homens parar e mirar e depois o clarão familiar dos tiros e teve que se afastar, fazendo uma manobra de fuga, e quando tornou a voltar, numa altura mais segura, as figuras tinham desaparecido.

Virou-se para a cabine. Nitchak Khan e o Faixa Verde estavam olhando pelas janelas laterais, com os narizes apertados nas janelas. Gritou mas eles não escutaram, então bateu na parede da cabine

para atrair a atenção deles e fez um sinal chamando Nitchak Khan. O velho foi até a frente, se segurando, pouco à vontade no ar.

— Você os viu? — gritou.

— Sim, sim — Nitchak Khan gritou de volta. — Não é gente da montanha. São os terroristas.

Lochart voltou a pilotar.

— Jean-Luc, está me ouvindo?

— Alto e claro, Tom, continue.

Informou o que tinha visto e mandou que ele ficasse no rádio, depois concentrou-se no pouso, sobre a imensidão da ravina como sempre, com muitas correntes ascendentes e um vento forte. Esta era a primeira vez que ele vinha a Bellissima desde que voltara de Teerã. Com a morte de Guineppa, Bellissima estava operando, no mínimo, com apenas um turno. Quando pousou, viu Pietro, agora o chefe no lugar de Guineppa, que se afastou do incêndio e correu em direção a eles.

— Tom! Nós precisamos de ajuda — gritou na janela do piloto, quase chorando. — Gianni está morto e há dois feridos...

— Está bem. Não se preocupe. — Lochart começou a desligar o aparelho. — Nitchak está lá atrás com um Faixa Verde. Não se preocupe, está bem? — Ele tornou a se virar no assento e apontou para a porta. O velho concordou com a cabeça. — Que diabo aconteceu, Pietro? — perguntou, procurando os botões com os dedos.

— Não sei... eu não sei, amico. — Pietro pôs a cabeça mais perto da janela da cabine. — Nós estávamos almoçando quando aquela garrafa cheia de gasolina com um pano pegando fogo entrou pela janela e começamos a pegar fogo... — Ele olhou para trás quando as chamas alcançaram um tambor quase cheio de óleo e subiram para o céu, soltando uma fumaça preta. Os quatro homens que lutavam contra o fogo recuaram. — Si, o refeitório incendiou rapidamente e quando corremos para fora lá estavam aqueles homens, nativos, bandidos... Mamma mia, eles começaram a atirar e aí nós nos espalhamos e nos protegemos. Então, mais tarde, Gianni os viu pondo fogo na sala do gerador, perto de onde está a dinamite e... e ele simplesmente correu para avisá-los mas um deles atirou nele.

Mamma mia, não havia motivo para atirar nele! Bastardi, stronzi bastardi!

Rapidamente, Lochart e os outros desceram do avião. O único som era do vento e das chamas e da única mangueira de incêndio. Pietro desligara os geradores e bombas e fizera o vedamento de emergência de toda a plataforma. O telhado do trailer caiu e voaram fagulhas e pedaços de madeira em brasa, muitas caindo nos telhados próximos, mas como estavam cobertos de neve não representavam perigo. O fogo ainda estava fora de controle perto da sonda, alimentado por restos e vapores de óleo, e altamente perigoso. Os homens espalharam espuma, mas as chamas ainda subiam na direção do barracão de dinamite, lambendo uma parede de ferro ondulado.

— Quanto há lá dentro, Pietro?

— Demais.

— Vamos tirar de lá.

— Mamma mia... — Pietro seguiu Lochart, os dois protegendo o rosto das chamas com as mãos, e forçaram a porta. Não havia tempo de achar a chave. A dinamite estava arrumada em caixas. Havia uma dúzia de caixas. Lochart apanhou uma caixa e saiu, sentiu o bafo do calor e depois o ar fresco.

Um dos homens apanhou a caixa e correu com ela para um lugar seguro enquanto Lochart voltava para buscar outra.

Perto do helicóptero, Nitchak Khan e o Faixa Verde estavam abrigados do vento, fora de perigo — Seja como Deus quiser.

— Como Deus quiser — o Faixa Verde repetiu. — O que faremos agora?

— Temos que pensar nos terroristas. E no homem morto.

O rapaz olhou através da neve para a figura deitada como um boneco quebrado — Se ele não tivesse vindo para as nossas montanhas, não estaria morto. É dele a culpa por estar morto, de mais ninguém.

— É verdade. — Nitchak Khan ficou olhando para o fogo e para os homens que o combatiam e quando finalmente Lochart e Pietro acabaram de tirar a dinamite do barracão, os outros já tinham conseguido controlar o fogo.

Lochart recostou-se num trailer para recuperar o fôlego.

— Pietro, nós só temos até o pôr-do-sol de domingo. Então é dar o fora ou aguentar as consequências.

Pietro fechou a cara. Olhou para Nitchak Khan e para o Faixa Verde que estavam perto do helicóptero.

— Cinco dias? Isto me poupa de ter que tomar uma decisão, Tom. Nós evacuamos para Shiraz, via plataforma Rosa ou direto. — Pietro fez um sinal na direção do fogo com o punho cerrado, e a outra mão no bíceps. — No momento a plataforma Belíssima está arruinada. Eu vou precisar de Almqvist para tapar os poços. Mamma mia, há um bocado de homens pra transportar. Que desperdício! Estou contente que o velho Guineppa não esteja aqui para ver a destruição de hoje. É melhor eu ir ver Mimmo.

— Imediatamente, com os que estão feridos. E quanto a Gianni? Pietro olhou para o corpo.

— Nós o deixaremos para o final, meu pobre irmão de sangue — disse tristemente. — Ele não vai apodrecer.

NA PLATAFORMA ROSA

Mimmo Sera estava sentado em frente a Nitchak Khan e ao Faixa Verde no refeitório, e Lochart, Pietro e os três operários mais graduados também estavam na mesa.

Durante meia hora, Mimmo, que falava bem farsi, tinha tentado convencer o Faixa Verde a estender o prazo ou a permitir que ele deixasse turmas reduzidas de operários enquanto ele e Lochart iam com o Faixa Verde ver o chefe da IranOil em Shiraz.

— Chega, em nome de Deus! — disse o Faixa Verde, irritado.

— Mas, Excelência, sem os helicópteros nós vamos ter que fechar todo o campo e começar a evacuá-lo imediatamente. Sem dúvida, Excelência, uma vez que o aiatolá, que Deus o abençoe, e o primeiro-ministro Bazargan querem que a produção de petróleo volte ao normal, nós deveríamos consultar a IranOil em Sh...

— Chega! Calênder! — O Faixa Verde dirigiu-se a Nitchak Khan.
— Se esses cérebros de mosquito desobedecerem, a responsabilidade é sua, você está acabado, Yazdek está acabada e todo o seu povo! Se um só estrangeiro ou uma só máquina voadora ficar aqui depois do quinto pôr-do-sol, e você não tiver incendiado a base, nós o faremos. Depois incendiaremos a aldeia, por terra ou por ar.

Você — o Faixa Verde rosnou para Lochart —, ligue o aparelho. Nós vamos voltar. Agora! — E saiu furioso.

Todos o seguiram, desanimados. Lochart sentia-se triste por todos aqueles que tinham descoberto o petróleo, construído o campo e colocado tanta energia, talento, dinheiro, e risco nele. É escandaloso, pensou, mas não temos nenhuma opção. Não há nada a fazer. Vamos ter que sair. Vou cancelar a saída de Scot e usar todos os aparelhos para fazer isso. Vamos trabalhar como loucos durante cinco dias e esquecer Teerã e Xarazade e que hoje é o dia da marcha de protesto da qual ela foi proibida de participar.

— Calênder — disse. — Sem a sua benevolência e a sua ajuda nós somos obrigados a partir.

Nitchak Khan viu todos os olhos voltados para ele.

— Eu tenho que escolher entre a base e a minha aldeia — disse gravemente. — Isto não é uma escolha. Eu vou tentar encontrar os terroristas e entregá-los à justiça. Enquanto isso, é melhor vocês não se arrisquem. Estas montanhas estão cheias de esconderijos.

Com grande dignidade, ele se levantou e saiu, tendo a certeza de que não seria obrigado a incendiar a base, embora, se fosse a Vontade de Deus, ele soubesse que o faria sem um momento de hesitação, quer ela estivesse cheia ou vazia.

Ele se permitiu a sombra de um sorriso. O seu plano funcionara com perfeição. Todos os estrangeiros tinham aceitado Hassan, o pastor de cabras, como sendo um genuíno Faixa Verde, cuja falsa arrogância e agressividade foram uma maravilha de se ver; os estrangeiros engoliram a sua história a respeito de 'terroristas' que tinham assassinado um pastor e ele reparara no medo deles; esses mesmos 'terroristas' tinham atacado a plataforma de petróleo, a mais difícil de alcançar das 11 existentes e, na escuridão da noite,

esses mesmos 'terroristas' incendiariam parte da plataforma Rosa e depois desapareceriam para sempre — de volta à vida normal da aldeia de onde tinham saído. E ao amanhecer, pensou com satisfação, o terror já terá se espalhado, todos os estrangeiros estarão loucos para partir, a evacuação estará assegurada e a paz cairá sobre Yazdek.

Eles são idiotas em quererem jogar quando só nós conhecemos as regras do jogo! Mas ainda há o problema do jovem piloto. Ele foi ou não uma testemunha? Os mais velhos aconselharam um 'acidente' como sendo o mais prudente. Ontem teria sido perfeito, quando o rapaz estava caçando sozinho. Tão fácil escorregar e cair sobre a arma. Sim. Mas a minha esposa foi contra um 'acidente'

— Por quê?

— Porque a escola foi uma coisa maravilhosa — ela tinha dito. — Não foi a primeira que tivemos?

Sem os pilotos ela nunca teria existido. Mas agora nós sabemos e podemos facilmente construir outra sozinho; porque os pilotos foram bons para nós, sem eles nós não saberíamos muito do que sabemos agora, nem teríamos uma aldeia tão rica; porque eu acho que o rapaz falou a verdade. Eu o aconselho a deixá-lo partir, não se esqueça o quanto o rapaz nos fez rir com suas histórias sobre esse lugar chamado Kong na terra chamada China, onde há mil vezes mil vezes mil pessoas, onde todos os cabelos são negros, todos os olhos são negros e as pessoas comem com um pedacinho de pau.

Ele se lembrou de como havia rido junto com ela. Como podia existir tanta gente numa mesma terra, e todo mundo igual?

— Ainda há o perigo dele ter mentido.

— Então teste-o — ela dissera. — Ainda há tempo.

Sim, pensou, há quatro dias para descobrir a verdade. Cinco, incluindo o Dia Santo.

41

TEERÃ: 17:16H.

A Marcha das Mulheres terminara.

Ela começara de manhã com o mesmo ar de expectativa que envolvera Teerã por dois dias — quando inacreditavelmente, pela primeira vez na história, as mulheres, por si mesmas, como um grupo coeso, tomariam as ruas em protesto, para mostrar a sua solidariedade contra qualquer usurpação dos seus direitos duramente conquistados por parte dos novos governantes, e mesmo do próprio imã.

"O vestido apropriado para uma mulher é o hijab que exige que elas cubram os seus cabelos e braços e pernas e zinaat — suas partes tentadoras."

— Eu escolhi usar o chador em protesto contra o xá, Meshang — Zarah, sua mulher, berrara para ele.

— Eu escolhi! Eu o fiz! Eu nunca usarei um véu, um chador ou um lenço contra a minha vontade, nunca nunca nunca...

"A educação mista, introduzida pelo Satã xá há poucos anos, deixará de existir, porque na prática ela transformou muitas de nossas escolas em casas de prostituição."

— Mentira, tudo mentira! Ridículo! — Xarazade dissera a Lochart. — A verdade deve ser gritada do alto dos edifícios. Não é o imã que está dizendo estas coisas, são os fanáticos que o cercam...

"O abominável Ato de Proteção ao Casamento do Satã xá está abolido."

— Isso deve ser um engano, Hussain — a esposa do mulá dissera cautelosamente. — O imã não pode estar dizendo isso. O Ato nos protege contra a rejeição por parte do marido, contra a poligamia e nos garante o direito de divórcio, o direito de voto e protege a propriedade da esposa...

"Na nossa nação islâmica, todo mundo será governado unicamente pelo Corão e pelo Sharia. As mulheres não devem trabalhar, devem voltar para o lar, ficar no lar, para cumprir o seu dever sagrado, ordenado por Deus, de parir e criar filhos e cuidar dos seus Senhores."

— Pelo profeta, Erikki, por mais que eu deseje ter filhos e ser uma boa esposa para você — dissera Azadeh, juro que não posso ficar sentada sem fazer nada e ver as minhas irmãs menos afortunadas serem forçadas a voltar para a Idade Média, sem liberdade nem direitos. São os fanáticos, não Khomeini, que estão tentando fazer isso. Eu vou marchar esteja onde estiver...

Por todo o Irã, as mulheres tinham preparado marchas de solidariedade — em Qom, Isfahan, Meshed, Abadan, Tabriz, mesmo em pequenas cidades como Kowiss — mas não nas aldeias. Por todo o Irã tinha havido brigas e discussões entre pais e filhas, maridos e esposas, irmãos e irmãs, as mesmas brigas, súplicas, xingamentos, exigências, promessas, proibições e, Deus nos proteja, até mesmo rebeliões — às claras ou em segredo. E em todo o Irã a resolução secreta das mulheres era a mesma.

— Estou contente do meu Tommy não estar aqui. Isso torna as coisas bem mais fáceis — dissera Xarazade à sua imagem no espelho naquela manhã, a marcha estava marcada para começar ao meio-dia. — Estou contente dele estar longe, porque o que quer que ele dissesse eu iria desobedecer. — Um tremor de excitação, agradável e ao mesmo tempo doloroso percorreu-a.

Ela estava verificando a maquilagem no espelho, mais uma vez, para certificar-se de que a mancha em volta do olho esquerdo estava bem coberta com pó. Quase não aparecia mais. Ela sorriu para si mesma, satisfeita com o que viu. Seu cabelo estava ondulado e solto e ela usava uma blusa verde, uma saia da mesma cor, meias de náilon e botas de pelica russa, e quando saiu, tinha decidido vestir um casaco enfeitado de pele e um chapéu da mesma cor. O verde não é a cor do Islã?, pensou alegremente, esquecendo-se de toda a tristeza.

Atrás dela, a cama estava entulhada de roupas de esqui e outras roupas que ela pensara em usar e desistira. Afinal, as mulheres

nunca protestaram em grupo antes, então temos que estar com a nossa melhor aparência. Que pena que não estejamos na primavera, aí eu poderia usar o meu vestido de seda amarela e o chapéu amarelo e...

Uma súbita tristeza tomou conta dela. Seu pai lhe dera aquele vestido de presente de aniversário no ano anterior, e o lindo colar de pérolas. Pobre papai, pensou, sentindo a raiva subir. Que Deus amaldiçoe os homens maus que o mataram. Que Deus os atire no fogo do inferno para sempre! Que Deus proteja Meshang e toda a família e o meu Tommy, e que não permita que os fanáticos nos privem da nossa liberdade.

Agora havia lágrimas em seus olhos e ela as afastou. Insha'Allah, pensou. Papai está no paraíso para onde vão os fiéis, então não há motivo para lamentações. Não. Só o desejo de ver fazerem justiça contra os malditos assassinos. Assassinato! Tio Valik. HBC. Annoush e as crianças. HBC! Como eu odeio estas letras! O que aconteceu com Karim? Ela não tinha tido nenhuma notícia desde domingo e não sabia se ele estava detido, morto ou livre, nem tinha ouvido mais nada a respeito do telex — não havia nada a fazer a não ser rezar. E foi o que ela fez. Mais uma vez. E varreu da mente aqueles problemas, jogando-os para os ombros de Deus e sentiu-se limpa. Enquanto estava colocando o chapéu forrado de pele, a porta se abriu e Jari entrou apressada, também vestida com a sua melhor roupa.

— Está na hora, princesa, Sua Alteza Zarah já chegou, oh, como você está bonita!

Cheia de entusiasmo, Xarazade apanhou o casaco, correu pelo corredor, com a saia voando, e desceu as escadas para cumprimentar Zarah que esperava por ela no saguão.

— Oh, você está linda, Zarah querida — disse, abraçando-a. — Oh, eu achei que Meshang iria impedi-la no último minuto.

— Ele não teve nenhuma chance — disse Zarah, com uma gargalhada, com um lindo chapéu de pele elegantemente pousado sobre a cabeça. — Eu o atormentei ontem na hora do café e continuei o dia inteiro, a noite inteira e hoje de manhã a respeito do novo casaco de zibelina que eu tinha que possuir de qualquer

maneira ou morreria de vergonha na frente das minhas amigas. Ele fugiu para o bazar para escapar e se esqueceu da marcha. Vamos embora, já devemos estar atrasadas, eu tenho um táxi esperando. Parou de nevar, o dia está prometendo ser bonito, embora esteja muito frio.

Havia mais três mulheres no táxi, amigas e primas, duas usando orgulhosamente jeans e saltos altos e jaquetas de esqui, com os cabelos soltos, uma delas com um boné de esqui e todas estavam tão excitadas como se estivessem indo a um piquenique como nos velhos tempos. Nenhuma delas notou os resmungos de desaprovação do motorista de táxi, nem se incomodou com isso.

— Para a universidade — ordenou Zarah, e começaram a falar todas ao mesmo tempo como um bando de pássaros. Quando estavam ainda a duas ruas de distância dos portões da universidade, onde a marcha ia se concentrar, o táxi teve que parar, tão grande era a multidão.

Onde se havia esperado umas poucas centenas, havia milhares e chegavam mais a cada minuto, de todos os lados. Jovens e velhas, bem-nascidas e mal nascidas, cultas e analfabetas, camponesas e nobres, ricas e pobres — de jeans, saias, calças, botas, sapatos, farrapos, peles — e em todas o mesmo fervor, mesmo daquelas que tinham vindo usando o chador. Algumas das mais militantes já estavam fazendo discursos e outras gritavam slogans: — Abaixo o chador obrigatório..

— Unidade, luta, vitória...

— Mulheres unidas, nós nos recusamos a ser obrigadas a usar o purdah ou o chador...

— Eu estive em Doshan Tappeh lutando contra os Imortais. Nós não lutamos e sofremos para nos submeter ao despotismo...

— Morte ao despotismo seja qual for a sua forma...

— Simmmm! Hurra às mulheres — gritou Xarazade — abaixo o chador obrigatório e os véus e lenços! — Como as outras, ela foi tomada pela excitação. Zarah pagou ao homem e deu-lhe uma boa gorjeta, voltou-se alegremente, deu o braço a Xarazade e Jari, e nenhuma delas ouviu o motorista gritar: — Rameiras, todas vocês — e saiu com o carro.

A multidão estava um tanto dispersa, sem saber o que fazer, a maioria delas esmagada pelo enorme número e variedade de mulheres, roupas e idades — até alguns homens juntando-se a elas cheios de entusiasmo.

— Nós estamos protestando, Zara, estamos mesmo, não estamos?

— Oh, sim, Xarazade! E há tantas de nós...

Gritando no meio do barulho, ouvindo falar uma mulher bem vestida, uma conhecida advogada e ativista de Teerã, campeã de direitos femininos, Namjeh Lengehi. Uns poucos grupos de homens, estudantes e professores, pró e contra, junto com alguns mulás, todos contra, também ouvindo: — Alguns mulás dizem que nós mulheres não podemos julgar, não devemos receber educação e temos que usar o chador. Por três gerações nós permanecemos sem o véu, por três gerações nós temos tido direito a educação e há uma geração que temos o direito de votar. Deus é grande...

— Deus é grande — mil vozes ecoaram.

— Algumas de nós têm mais sorte que outras, algumas são mais educadas do que outras, algumas até possuem uma educação melhor do que a dos homens. Algumas dessas conhecem melhor as leis modernas, até mesmo a lei corânica, melhor do que muitos homens, por que essas mulheres não podem julgar? Por quê?

— Não há nenhum motivo! Queremos que essas mulheres sejam juízes!

— Zarah gritou junto com cem outras, abafando a voz dos mulás e seus partidários que gritavam: — Sacrilégio!

Quando conseguiu se fazer ouvir novamente, Namjeh Lengehi continuou: — Nós apoiamos o aiatolá de todo o coração... — Mais aplausos a interromperam, numa grande demonstração de afeição. — Nós o abençoamos pelo que ele fez e lutamos o melhor que pudemos, lado a lado com os homens, partilhamos o sofrimento deles e as celas de prisão e ajudamos a ganhar a revolução e a expulsar o déspota e agora estamos livres, o Irã está livre do seu jugo e do jugo estrangeiro. Mas isto não dá a ninguém, aos mulás, nem mesmo ao aiatolá, o direito de atrasar o ponteiros do relógio...

Ouviram-se gritos de: — Não, não, não! Nada de despotismo! Voto para as mulheres! Não ao despotismo sob qualquer forma! Lengehi para o Majlis! Lengehi para ministro da educação!

— Oh, Zarah, isso não é maravilhoso? — disse Xarazade. — Você já votou alguma vez?

— Não, querida, é claro que não. Mas isso não quer dizer que eu não quero ter o direito de poder votar caso queira. Eu já disse a Meshang uma centena de vezes que é claro que eu perguntaria a ele em quem votar, mas assim mesmo eu gostaria de entrar na cabine, sozinha, caso tivesse vontade!

— Você tem razão! — Xarazade virou-se e gritou: — Viva a revolução! Deus é grande! Deus é grande! Lengehi para a Suprema Corte! Mulheres para juízes! Nós insistimos nos nossos direitos...

Teymour, o iraniano treinado na OLP que tinha tomado o apartamento de Xarazade e que fora mandado para supervisionar a marcha e identificar os militantes, reconheceu-a das fotografias que tinha visto lá. A sua raiva aumentou.

— As mulheres devem obedecer às leis de Deus — ele gritou. — Nada de mulheres juizes! As mulheres devem fazer o trabalho de Deus! — Mas a voz dele foi abafada pelas outras milhares de vozes e ninguém prestou atenção nele.

Ninguém soube como a marcha começou. Elas simplesmente pareceram sair andando e em pouco tempo enchiam as avenidas, de parede a parede, interrompendo todo o tráfego, avançando alegremente, com uma força irresistível. Os que estavam em barracas, janelas e balcões de casas vizinhas olhavam de boca aberta para as manifestantes.

A maioria dos homens estava chocada.

— Olhe aquela ali, a jovem rameira com o casaco verde que abre na frente e mostra a abertura entre as pernas, olha, olha lá! Que Deus a amaldiçoe por tentar-me...

— Olha aquela ali com as calças apertadas.

— Onde? Ah, estou vendo, a de calças azuis! Que Deus nos proteja! Pode-se ver cada ondulação da sua zinaatl Ela está pedindo! Como aquela que está de braço dado com ela, a de casaco verde!

Meretriz! Ei, sua meretriz, o que você quer é um pau, é só isso que você quer...

Os homens olhavam e se inflamavam. O desejo seguia a marcha.

As mulheres olhavam e meditavam. Mais e mais mulheres esqueceram-se das compras ou das suas barracas e se juntaram às suas irmãs, tias, mães, avós, tirando destemidamente das cabeças os lenços e véus e o chador — aquela não era a capital, elas não eram todas teeranis, a elite do Irã, e não mais aldeãs? Era diferente aqui, não como lá na aldeia onde elas nunca teriam ousado gritar slogans e tirar os lenços, véus e o chador.

— Mulheres, unam-se! Deus é Grande! Deus é Grande! Vitória, unidade, luta. Igualdade para as mulheres! Voto! Não ao despotismo, qualquer despotismo...

Na frente das manifestações, atrás delas, em volta delas, nas avenidas e nas ruas laterais, grupos de homens começaram a se formar. Os que eram contra e os que eram a favor. As discussões tornaram-se cada vez mais violentas — a lei corânica exigia que todos os muçulmanos resistissem a qualquer tentativa contra o Islã. Algumas brigas começaram. Um homem puxou uma faca e morreu, com a faca de outro homem nas costas. Alguns tiros e ferimentos. Muitas brigas. Alguns tumultos entre liberais e fundamentalistas, entre esquerdistas e Faixas Verdes. Umas cabeças quebradas, mais um homem morto e, aqui e ali, crianças atingidas pelo fogo cruzado, algumas mortas, outras agachadas atrás de carros estacionados.

Ibrahim Kyabi, o líder estudantil do Tudeh que tinha escapado da emboscada na noite em que Rakoczy fora apanhado, correu para a rua e pegou uma das crianças apavoradas enquanto seus amigos lhe davam proteção. Ele chegou em segurança na outra esquina. Assim que se certificou de que a menina estava bem, ele gritou para os amigos: — Sigam-me — sabendo que eles estavam em minoria ali, e saiu correndo. Eles eram seis e correram para dentro dos becos e ruas laterais. Logo estavam a salvo, correndo em direção à avenida Roosevelt. Os partidários do Tudeh receberam ordens de evitar confrontos com os Faixas Verdes, de marchar junto com as mulheres, de se infiltrar nas fileiras e de conquistar adeptos. Ele estava contente de voltar à ativa depois de ficar escondido.

Meia hora depois de Rakoczy ter sido capturado, ele relatara a traição ao seu supervisor no QG do Tudeh. O homem lhe dissera para não ir para casa, para tirar a barba e se manter fora de circulação num esconderijo perto da universidade: — Não faça nada até a hora da marcha de protesto das mulheres, na terça-feira. Junte-se à marcha com a sua célula conforme o planejado, depois vá para Kowiss no dia seguinte. Isso deve mantê-lo em segurança por algum tempo.

— E quanto a Dimitri Yazernov? — Ele só conhecia Rakoczy por este nome.

— Não se preocupe. Nós os tiraremos das mãos daqueles bandidos. Torne a dizer-me como eles eram.

Ibrahim contara a ele o pouco que se lembrava sobre os Faixas Verdes e a emboscada. E então ele perguntara: — Quantos homens irão para Kowiss comigo?

— Você e mais dois devem ser suficientes para um maldito mulá. Sim, ele tornou a pensar, mas eu não preciso de ninguém. Logo o meu pai estará vingado. Suas mãos apertaram o M16 que fora roubado uma semana antes do arsenal de Doshan Tappeh.

— Liberdade! — gritou e correu pela avenida Roosevelt para se juntar às primeiras fileiras do protesto, espalhando-se com seus amigos.

Uns cem metros atrás, um caminhão aberto, cheio de jovens, se arrastava lentamente, cercado pelos milhares de manifestantes, acenando e gritando palavras de encorajamento. Eram pilotos sem uniforme. Entre eles estava Karim Peshadi. Durante horas ele procurara Xarazade no meio dos manifestantes mas não a tinha visto. Ele e os outros estavam estacionados em Doshan Tappeh, onde a ordem e a disciplina eram praticamente inexistentes, com os komitehs detendo o controle, expedindo ordens e contra-ordens, outras ordens vindo do Alto Comando subserviente ao primeiro-ministro Bazargan, outras do Komiteh Revolucionário — e outras do rádio onde, de vez em quando, o aiatolá Khomeini falava e determinava as normas.

Como todos os outros pilotos e oficiais por todo o país, Karim fora colocado diante de um komiteh para ser interrogado a respeito

da sua ficha, das suas crenças políticas e das suas ligações pré-revolucionárias. Sua ficha era boa e ele pôde jurar sinceramente que apoiava o Islã, Khomeini e a revolução. Mas o fantasma do seu pai pairava sobre ele, e Karim enterrara cuidadosamente o desejo de vingança no fundo do coração. Até agora ele não fora afetado.

Há duas noites ele tentara ir até a torre de Doshan Tappeh para procurar o livro de autorizações, mas fora obrigado a voltar. Esta noite ele ia tentar de novo — tinha jurado a si mesmo que não falharia.

Eu não posso falhar, pensou, Xarazade confia em mim... oh, Xarazade, é você que dá sentido à minha vida embora esteja proibida para mim.

Ansiosamente, ele a procurou no meio dos manifestantes, sabendo que ela estava lá, em algum lugar.

Na noite anterior ele e um grupo de amigos tinham ouvido uma transmissão incendiária feita por um aiatolá fundamentalista, opondo-se ao Protesto das Mulheres e exigindo que se fizessem protestos contrários por 'fiéis'. Ele ficara seriamente preocupado por causa de Xarazade, suas irmãs e parentes que ele sabia que também estariam na marcha. Seus amigos estavam igualmente preocupados com suas famílias. Então, esta manhã, eles tinham apanhado o caminhão e se juntaram ao protesto. Com armas.

— Igualdade para as mulheres — ele gritou. — Democracia para sempre! Islã para sempre!

Democracia, lei e Islã para sem... — As palavras morreram.

Na frente da marcha, os homens tinham formado uma grossa barreira na rua, impedindo o avanço. As mulheres que iam na frente viram o ódio deles e os punhos levantados. Instintivamente, as mulheres nas primeiras filas tentaram diminuir a marcha, mas não conseguiram. O impulso de milhares as empurrou inexoravelmente para a frente.

— Por que esses homens estão tão zangados? — perguntou Xarazade, sua alegria desaparecendo e os empurrões aumentando.

— Eles são apenas mal conduzidos, aldeões em sua maioria — disse corajosamente Namjeh Lengehi.

— Eles querem que sejamos escravas, escravas, não tenham medo! Deus é Grande...

— Deem os braços — gritou Zarah —, eles não podem nos fazer parar! Allahhh-u Akbarrr...

Entre os homens que bloqueavam a rua estava o homem que, na prisão Evin, levava Jared Bakravan para a morte. Ele reconheceu Xarazade na frente.

— Deus é Grande — ele murmurou em êxtase, com suas palavras abafadas pelos gritos —, Deus me fez o instrumento que mandou para o inferno o maldito lojista e agora Deus colocou nas minhas mãos a meretriz, sua filha. — Seus olhos a contemplaram com desejo, vendo-a nua nas almofadas, deitada, com os seios erguidos, os olhos cheios de paixão, a boca úmida, os lábios úmidos, ouvindo-a suplicar-lhe: "Possua-me, depressa, por você eu o faço de graça, penetre-me, depressa, por você eu faço qualquer coisa... oh, Satã, ajude-me a extrair Deus do seu membro..."

Ele empunhou a faca, com os testículos vibrando, sua macheza orgulhosa, e atirou-se em direção a ela.

— Deus é Grandeeee... — Sua corrida foi súbita e ele atravessou o espaço que os separava, derrubou uma dúzia, tentando alcançá-la, mas escorregou e, em sua excitação, caiu, com a faca atingindo algumas pessoas. Os que ele feriu gritavam e ele conseguiu se levantar e atirou-se para ela, vendo apenas a ela, com os olhos arregalados de terror, com a faca na mão pronta para matá-la, a três passos de distância, dois passos, um... sentindo-se inundado pelo seu perfume, o cheiro do demônio encarnado. Ele começou o golpe mortal, mas não chegou a tocá-la e soube que Satã tinha enviado um djinn diabólico para impedi-lo — sentiu um fogo no peito, seus olhos ficaram cegos e ele morreu com o nome de Deus nos lábios.

Xarazade olhou para a figura caída, com Ibrahim ao seu lado agora, uma arma na mão, gritos e berros e um urro de raiva de mil mulheres fazendo pressão atrás deles.

Outro tiro e um homem caiu gritando.

— Avançar em nome de Deus — gritou Lengehi, vencendo o próprio medo, e seu grito foi acompanhado por Ibrahim, que sacudiu Xarazade: — Não tenha medo, avante as mulheres...

Ela viu a confiança dele e por um momento confundiu-o com seu primo Karim, tão parecido em altura, corpo e rosto, depois seu terror e seu ódio pelo que acontecera explodiram e ela gritou: — Avante pelo meu pai... Abaixo os fanáticos e os Faixas Verdes... abaixo os assassinos! — Ela agarrou Zarah. — Vamos! Para a frente! — E deu o braço a ela e a Ibrahim, o seu salvador, tão parecido com Karim que poderiam ser irmãos, e continuaram a marchar. Mais homens corriam para a frente para ajudar, o caminhão com os pilotos entre eles.

Outro atacante de faca veio correndo para cima deles.

— Deus é Grande... — gritou Xarazade, a multidão junto com ela, mas antes de ser dominado o rapaz golpeou o braço de Namjeh Lengehi. Inexoravelmente, as filas de trás fizeram pressão para a frente, com os dois lados gritando "Deus é Grande", com os dois lados absolutamente certos de que estavam com a razão. Então a oposição cedeu.

— Deixem-nas marchar — gritou um homem. — As nossas mulheres também estão lá, algumas estão, há muitas mulheres... demais... — Os homens que estavam no caminho recuaram, outros se afastaram e então o caminho ficou livre. Um urro de triunfo elevou-se dos manifestantes: — Allahh-u Akbarr... Deus está conosco, irmãs!

— Para a frente — tornou a gritar Xarazade e a marcha prosseguiu. Os que estavam feridos foram carregados ou ajudados a saírem do caminho, os outros continuaram andando. Agora o protesto ficou outra vez disciplinado. Ninguém mais barrou-lhes o caminho, embora muitos homens observassem sombriamente das laterais, com Teymour e outros fotografando os militantes.

— É um sucesso — disse Namjeh Lengehi, com voz fraca, ainda andando na primeira fila, com um lenço estancando o sangue que jorrava do seu braço. — Nós somos um sucesso. Até mesmo o aiatolá vai saber da nossa determinação. Agora nós podemos voltar para os nossos maridos e as nossas famílias. Nós fizemos o que precisávamos fazer e agora podemos voltar para casa.

— Não — disse Xarazade, com o rosto pálido e sujo de terra, ainda não recuperada do choque. — Nós precisamos marchar

amanhã e amanhã e amanhã, até que o imã concorde publicamente com os nossos direitos e não nos obrigue a usar o chador.

— Sim — disse Ibrahim —, se vocês pararem agora os mulás vão esmagá-las.

— Você tem razão, aga, oh, como posso agradecer-lhe por termos salvo?

— Sim — concordou Zarah, ainda abalada. — Nós vamos marchar amanhã, senão esses... esses loucos vão nos destruir.

A marcha prosseguiu sem maiores problemas e o mesmo aconteceu nas outras cidades: confusão no início e depois o protesto continuando pacificamente.

Mas nas aldeias e pequenas cidades, a marcha foi interrompida antes de começar e mais ao sul, em Kowiss, houve silêncio na praça da cidade, exceto pelo barulho do chicote e dos gritos. Hussein estava lá quando a marcha se formou.

— Este protesto está proibido. Todas as mulheres que não estiverem vestidas de acordo com o hijab estão sujeitas a serem condenadas por nudez pública contra as ordens do Corão. — Só meia dúzia de mulheres, entre duzentas, estavam vestidas com roupas ocidentais.

— Onde está escrito no Corão que estaremos desobedecendo a Deus se não usarmos o chador! — gritou uma das mulheres. Ela era esposa do gerente do banco e frequentara a Universidade de Teerã.

Sua aparência era modesta, ela usava um casacão e uma saia, mas seus cabelos estavam soltos.

— Oh, Profeta, diga a suas esposas e filhas e mulheres crentes que usem os véus bem cerrados... O Irã é um Estado islâmico... o primeiro da história. O imã decretou o hijab. Então será o hijab. Vão para casa e vistam-se direito imediatamente!

— Mas as fiéis de outras terras não são obrigadas a usar o chador, e os seus líderes e os seus maridos não as obrigam a isso.

— Os homens são responsáveis pelo que diz respeito às mulheres, por isso Deus favoreceu a um deles... as mulheres direitas são, portanto, obedientes.. Aquelas que você achar que podem ser rebeldes, castigue-as; mande-as para a cama e bata nelas. Se então

elas lhe obedecerem, não faça nada contra elas. Vão e cubram suas cabeças.

— Eu não irei. Há mais de quarenta anos que as mulheres iranianas não usam mais o véu e...

— Quarenta chibatadas vão dobrar a sua desobediência! Deus é Grande! — Hussein fez sinal para um dos seus acólitos. Outros agarraram a mulher e imobilizaram-na. O chicote logo rasgou a fazenda nas costas dela debaixo das vaias dos homens que assistiam. Quando terminou, a mulher desmaiada foi carregada. Por outras mulheres. As outras voltaram para casa. Em silêncio.

Lá, Hussein olhou para a esposa, com o ventre inchado da gravidez.

— Como você ousou comparecer a um protesto de meretrizes e mulheres perdidas?

— Foi... foi um erro — disse ela, apavorada. — Foi um grande erro.

— Sim, você ficará sem comida, passando apenas a água, por dois dias, para se lembrar. Se você não estivesse grávida, sofreria o mesmo castigo, na praça.

— Obrigada por ter sido misericordioso, que Deus o abençoe e proteja Obrigada..

NO AEROPORTO DE TEERÃ: 18:40H. Com Andrew Gavallan ao seu lado, McIver saiu da área de descarga em direção ao 125, ETL, que estava parado no pátio de carga a meio quilômetro de distância. O aparelho tinha chegado de Tabriz há uma hora e estava reabastecido e pronto para o voo de volta através do golfo. Depois que ele pousou, Armstrong agradecera-lhes efusivamente por ter permitido que ele usasse o aparelho. Assim como o coronel Hashemi Fazir.

— O capitão Hogg disse que o 125 volta no sábado, sr. Gavallan — dissera Hashemi, educadamente.

— Eu gostaria de saber se o senhor terá a gentileza de nos dar uma carona até Tabriz. Só de ida desta vez, não será necessário esperar, nós voltaremos por nossa própria conta.

— É claro, coronel — Gavallan respondera gentilmente, sem se sentir nada satisfeito em relação aos dois homens.

Ao chegar de Al Shargaz naquela manhã, McIver contara-lhe imediatamente, em particular, por que era necessário cooperar — Eu vou tratar disso imediatamente com Talbot, Mac — ele dissera, furioso com a chantagem. — Não importa que seja CID ou Seção Especial!

Eles todos tinham tapado os ouvidos com as mãos quando um gigantesco avião de transporte dos Estados Unidos taxiou perto deles, em direção ao ponto de decolagem — um dos muitos aviões do governo americano enviados para evacuar o resto do pessoal americano de prestação de serviços e da embaixada, exceto por um pequeno grupo. O ar superaquecido dos jatos suspendeu a neve e atingiu-os. Quando Gavallan conseguiu fazer-se ouvir, ele disse: — Talbot deixou uma mensagem para o senhor, sr. Armstrong, e pediu que o senhor fosse vê-lo o mais cedo possível. — Ele viu o olhar trocado entre os dois homens e imaginou o que significaria.

— Ele disse onde, senhor?

— Não, apenas que fosse vê-lo o mais cedo possível. — Gavallan teve a atenção despertada por uma enorme limusine preta que vinha depressa em direção a eles, com a bandeira oficial de Khomeini no pára-lama. Dois homens saltaram e cumprimentaram Hashemi com deferência, segurando a porta para ele entrar.

— Até sábado. Mais uma vez obrigado, sr. Gavallan. — Hashemi entrou atrás.

— Como poderemos entrar em contato com o senhor, coronel, caso haja uma mudança nos planos?

— Através de Robert. Ele pode me mandar um recado. Há alguma coisa que eu possa fazer por vocês? Aqui no aeroporto?

McIver disse rapidamente.

— Com relação ao abastecimento, obrigado por ter providenciado, se o senhor conseguir que nós tenhamos um serviço assim tão rápido todas as vezes, eu agradeceria. E também as nossas autorizações.

— Vou cuidar disso. O senhor terá prioridade para o voo de sábado. Se houver alguma outra coisa, por favor, peça a Robert.

Vamos, Robert.

Robert Armstrong disse: — Mais uma vez obrigado, sr. Gavallan, vejo-o no sábado, se não o vir antes.

Quando Talbot esteve lá mais cedo para saber a hora em que Armstrong voltaria de Tabriz, Gavallan o chamara para um canto e tinha urrado de ódio por causa da chantagem.

— Pelo amor de Deus — dissera Talbot, chocado. — Que acusação terrível, terrivelmente não-britânica, Andrew, se me permite falar assim! Eu compreendo que Armstrong teve um trabalho considerável para tentar livrar você, a sua companhia, Duncan e Lochart... um bom homem aquele, linda esposa, que coisa triste o que houve com o pai dela... de um desastre que pode vir à tona a qualquer momento. Não pode? — E sorriu docemente. — Eu compreendo que Robert pediu, apenas pediu um modesto favor, fácil de providenciar, nada demais, Andrew.

— Ele é da Seção Especial, ex-CID em Hong Kong, não é? O sorriso de Talbot não perdeu a doçura.

— Eu não sei dizer. Mas ele parece querer prestar-lhe um favor. Simpático da parte dele, não?

Ele está com o livro de autorizações?

— Eu não sei de nada a respeito disso.

— Quem é esse coronel Fazir afinal de contas? Talbot tinha acendido um cigarro.

— Apenas um amigo. É um homem bom para se ter como amigo.

— Eu reparei nisso. Ele conseguiu combustível e prioridade para decolar como se fosse Deus Todo-Poderoso.

— Oh, ele não é, de jeito nenhum. É quase isso, mas não é Deus. Deus é inglês — Talbot dera uma gargalhada. — É é mulher. Nenhuma inteligência masculina poderia ter feito uma confusão tão completa no mundo. Uma palavra de advertência, meu chapa: eu ouvi dizer, seguindo o conselho do seu colega de diretoria, Ali Kia, que eles pretendem nacionalizar todas as companhias de aviação estrangeiras, especialmente a sua, se conseguirem organizar as coisas.

Gavallan ficou chocado.

— Quem são eles!

— Isso importa?

Depois que Talbot já tinha ido embora, Gavallan voltou para o escritório que estava com uma boa frequência hoje. Ainda não voltara ao normal, mas estava chegando lá — operador de rádio, operador de telex, gerente administrativo, almoxarifes e alguns secretários, não havia nenhuma mulher presente hoje, porque todas tinham pedido permissão para ir à marcha de protesto.

— Mac, vamos dar uma volta.

McIver levantou a cabeça de uma pilha de relatórios.

— Claro — disse, vendo a fisionomia grave do outro.

Eles não tinham tido tempo ainda de conversar em particular, era impossível fazer isso dentro ou perto dos escritórios, as paredes eram finas e os ouvidos estavam atentos em toda parte. Desde que Gavallan chegara há horas atrás, os dois tinham estado ocupados verificando o livro caixa, os contratos ainda em vigor, os contratos suspensos ou cancelados e o estado atual de cada base — todas elas comunicando, reservadamente, um mínimo de trabalho e um máximo de aborrecimento — a única notícia boa fora a permissão conseguida por McIver para exportar os três 212 e mesmo isso não era certo. Ainda.

Os dois homens saíram para o pátio de carga. Um jumbo da JAL roncou no céu.

— Dizem que ainda há dois ou três mil técnicos japoneses se divertindo na Iran-Toda — McIver disse distraidamente.

— O consórcio deles está levando uma tremenda surra. Hoje o Financial Times disse que o prejuízo deles já vai a meio bilhão de dólares, não há nenhuma chance deles terminarem este ano, nem de pularem fora. Isso e o excesso de frota mercante no mundo devem estar prejudicando imensamente a Toda. — Gavallan verificou se não havia ninguém por perto. — Pelo menos o nosso investimento de capital é móvel, Mac, a maior parte dele.

McIver olhou para ele, vendo o rosto marcado, as espessas sobrelhas grisalhas, os olhos castanhos.

— E este o motivo da "conferência urgente"?

— Um deles. — Gavallan contou-lhe o que Talbot dissera. — Nacionalizada! Isso significa que vamos perder tudo, a menos que

tomemos alguma providência. Genny tem razão, você sabe. Temos que fazer isso sozinhos.

— Eu não acho que seja possível. Ela lhe disse, não?

— É claro, mas eu acho que podemos. Analise isso: digamos que hoje é o Dia Um. Todo o pessoal supérfluo começa a deixar o Irã por transferência ou de licença; nós retiramos todas as peças que pudermos, seja pelo nosso 125 ou nas linhas regulares quando elas recomeçarem a operar, como obsoletas, supérfluas, para conserto ou como bagagem pessoal. Zagros Três recua para Kowiss, Tabriz fecha 'temporariamente' e o 212 de Erikki vai para Al Shargaz, depois para a Nigéria, junto com Tom Lochart de Zagros, e um 212 de Kowiss. Você fecha o QG em Teerã e o transfere para Al Shargaz para dirigir as operações e controlar as nossas três bases restantes de Lengeh, Kowiss e Bandar Delam 'esperando a volta à normalidade' de lá. Nós todos ainda estamos sob as ordens do nosso governo para evacuar todo o pessoal supérfluo.

— Certo, mas...

— Deixe-me terminar, rapaz. Digamos que possamos planejar e preparar tudo isso em trinta dias. O Dia Trinta e Um será o Dia D. No momento exato do Dia D, ou D mais um, dependendo do tempo ou Deus sabe lá de quê nós passamos pelo rádio uma palavra em código de Al Shargaz.

Simultaneamente, todos os pilotos restantes e helicópteros decolam e se dirigem para Al Shargaz através do golfo. Lá nós removemos os rotores, embarcamos os helicópteros em uns 747 de carga que eu terei fretado em algum lugar, eles voam para Aberdeen e pronto — Gavallan terminou com um sorriso radiante.

McIver ficou olhando para ele, estarrecido.

— Você está louco! Você está doido varrido, Chinês. Tem que haver algum furo nisso... você é doido.

— Aponte algum furo.

— Posso apontar cinquenta, pri...

— Um de cada vez, rapaz, e lembre-se da sua pressão. Como está ela, aliás? Genny pediu-me para perguntar.

— Ótima, e não comece. Primeiro, a mesma hora de decolagem: os helicópteros das diferentes bases vão levar tempos diferentes por

causa das distâncias que terão que percorrer. O que sair de Kowiss terá que ser reabastecido, não vai poder ir de uma vez só, nem mesmo através do golfo.

— Eu sei disso. Nós faremos diferentes subplanos para cada uma das três bases. Cada comandante de base fará o seu próprio plano de saída, nós seremos responsáveis por eles na chegada. Scrag pode atravessar o golfo facilmente, bem como Rudi de Bandar De...

— Ele não pode. Nem Rudi de Bandar Delam nem Starke de Kowiss podem atravessar o golfo direto até Al Shargaz, mesmo que consigam atravessar o golfo. Eles terão que atravessar o espaço aéreo do Kuwait, da Arábia Saudita e dos Emirados e só Deus sabe o que eles farão conosco, multas ou prisão. Al Shargaz também, não há nenhum motivo para que eles ajam de forma diferente. — McIver sacudiu a cabeça. — Os domínios dos xeques não podem fazer nada sem autorização iraniana. Eles, com toda a razão, estão apavorados que a revolução de Khomeini se espalhe até eles, todos têm grandes minorias xiitas e não são páreo para as Forças Armadas iranianas caso elas decidam endurecer.

— Uma coisa de cada vez — disse Gavallan calmamente. — Você tem razão quanto aos helicópteros de Rudi e Starke, Mac. Mas digamos que eles tenham autorização para voar sobre todos esses territórios?

— Hein?

— Eu passei um telex para todas as torres de controle do golfo pedindo autorização e recebi telex confirmando que os helicópteros da S-G em trânsito podem passar.

— Sim, mas., — Mas um ponto de cada vez, rapaz. Outra coisa, digamos que todos os nossos aparelhos voltassem a ter um registro britânico. Eles são britânicos, são nossos, nós estamos pagando por eles, nós somos os donos não importa o que os sócios tentem fazer. Sob registro britânico, eles não estão sujeitos ao Irã nem a nada que diga respeito a eles. Certo?

— Uma vez que você esteja fora, sim, mas você não vai conseguir que as autoridades da Aeronáutica Civil iraniana concordem com a transferência, logo você não vai poder fazê-los voltar a ser britânicos.

— Digamos que eu pudesse arranjar-lhes um registro britânico mesmo assim?

— E como você conseguiria uma coisa dessas?

— Pedindo. Pedindo, rapaz, você pede ao pessoal do registro em Londres para fazer isso. De fato, eu fiz isso antes de sair de Londres. "As coisas estão um tanto confusas no Irã", eu disse. "Uma bagunça completa, meu velho", eles disseram. "Eu gostaria de voltar a ter um registro britânico para os meus pássaros, temporariamente", disse, "talvez eu tenha que tirá-los de lá até que a situação se normalize.

É claro que as autoridades do Irã aprova, riam, mas eu não consigo que nenhum pedaço de papel seja assinado no momento, vocês sabem como é isso." "Certamente, meu velho", eles disseram, "acontece o mesmo com o nosso maldito governo, com qualquer maldito governo. Bem, os pássaros são seus, não há nenhuma dúvida, é um pouco irregular, mas eu imagino que possa ser feito. Você vai à festa dos Velhos Camaradas?"

McIver tinha parado de andar e estava olhando para ele, perplexo — Eles concordaram?

Ainda não, rapaz. O que mais?

— Eu tenho mais uma centena de dúvidas! — Irritado, McIver recomeçou a andar, com frio demais para ficar parado E então?

— E então, se eu fizer uma pergunta de cada vez, você vai me dar uma resposta... e uma possível solução, mas isso ainda não será o suficiente — Eu concordo com Genny, nós teremos que fazê-lo sozinhos. Talvez, mas terá que ser uma coisa viável. Outra coisa: nós temos permissão para retirar três 212, talvez conseguíssemos tirar o resto.

— Os três ainda não estão fora, Mac. Os sócios, e muito menos o DAC, não nos deixarão escapar do seu controle. Olhe para a Guernsey: todos os seus helicópteros foram confiscados. Quarenta e oito, inclusive todos os seus 212, cerca de 30 milhões de dólares apodrecendo, não podem nem mesmo fazer a manutenção deles. — Eles olharam para a pista. Um Hércules da RAF estava pousando.

Gavallan ficou observando-o, — Talbot me disse que lá para o fim da semana todo o pessoal de treinamento e técnicos do exército, marinha e aeronáutica britânicos estarão fora daqui e na embaixada

só ficarão três pessoas, incluindo ele. Parece que por causa do tumulto na embaixada dos Estados Unidos. Alguém entrou, aproveitando-se da confusão, explodiu cofres e agarrou papéis cifrados..

— Eles ainda tinham material secreto lá? — McIver estava horrorizado.

— Parece que sim. De qualquer maneira, Talbot disse que a infiltração fez palpitar cada um dos esfíncteres diplomáticos do mundo cristão, do mundo soviético e do mundo árabe. Todas as embaixadas estão fechando. Os árabes são os mais abalados. Nenhum dos xeques do petróleo quer ver Khomeini do outro lado do golfo e estão ansiosos, desejosos e prontos para gastar muitos petrodólares para evitar isto. Talbot disse: "Eu aposto cinquenta libras contra um alfinete quebrado que o Iraque agora está com um talão de cheques aberto, os curdos também, e todo mundo que seja árabe, pró-sunita e anti-Khomeini". O golfo inteiro está prestes a explodir. Mas enquanto isso o...

— Enquanto isso, ele não está tão obstinado quanto estava há alguns dias; nem tão certo de que Khomeini vai se retirar silenciosamente para Qom. "É o bom e velho Irã para os iranianos, meu velho, enquanto eles tiverem Khomeini e os mulás", ele disse. "É sim para o khomeinismo, se os esquerdistas não o assassinarem antes, e fora com tudo que for velho. Isto é, nós." — Gavallan bateu palmas com as mãos enluvadas para manter a circulação. — Eu estou gelado. Mac, está muito claro que nós estamos numa tremenda enrascada aqui. Nós temos que cuidar de nós mesmos.

— É um risco tremendo. Eu acho que vamos perder alguns aparelhos Só se a sorte estiver contra nós.

— Você está pedindo um bocado de sorte, Andy. Você se lembra daqueles dois mecânicos na Nigéria que ficaram presos por 14 anos só por terem feito a manutenção de um 125 que foi tirado ilegalmente do país?

— Isso foi na Nigéria. Os mecânicos ficaram para trás. Nós não vamos deixar ninguém — Se um só estrangeiro ficar para trás, será agarrado, atirado na prisão e se tornará um refém para todos nós e todos os aparelhos, a menos que você esteja preparado para deixá-

lo ser morto. Se não estiver, eles o usarão para nos obrigai a voltar e quando nós voltarmos, eles estarão bastante irritados E quanto a todos os nossos empregados iranianos?

Obstinadamente, Gavallan disse: — Se a sorte estiver contra nós, será um desastre não importa o que façamos. Eu acho que deveríamos preparar um plano bem-feito, com todos os detalhes finais, sob condição. Isto levará semanas, e é melhor mantermos o plano supersecreto, só entre nós McIver sacudiu a cabeça.

— Nós vamos ter quer consultar Rudi, Scragger, Lochart e Starke, se você quiser agir com seriedade — Você tem toda razão. — Gavallan estava com as costas doendo e se esticou. — Depois que estiver devidamente planejado.. Nós não precisamos sugar a última teta antes disso.

Eles caminharam em silêncio durante algum tempo, com a neve rangendo alto Agora estavam quase no final do pátio.

— Nós estaríamos exigindo um bocado dos rapazes — disse McIver Gavallan não pareceu ouvi-lo — Nós não podemos simplesmente abandonar 15 anos de trabalho, não podemos jogar fora as nossas economias, as suas, de Scrag, e todo o resto — disse ele. — O nosso Irã acabou. A maioria dos caras com quem nós trabalhamos durante anos fugiu, está escondida, está morta, ou está contra nós, quer queira quer não. O trabalho está reduzido a um mínimo. Dos 26 helicópteros que temos aqui, só nove estão operando. Nós não estamos sendo pagos pelo pouco que estamos fazendo, nem estamos recebendo os pagamentos atrasados. Eu acho que tudo isso é um cancelamento.

Obstinadamente, McIver disse: — Não é assim tão ruim como você pensa. Os só..

— Mac, você precisa entender que eu não posso desistir do dinheiro que nos devem mais os nossos aparelhos e peças e continuar a funcionar. Eu não posso. Os nossos treze 212 valem 13 milhões de dólares, os nove 206 valem um milhão e trezentos, os três Alouettes mais um milhão e meio, e três milhões em peças. Vinte milhões mais ou menos. Eu não posso desistir disso. Ian me avisou que a Struan's precisa de ajuda este ano, não existe dinheiro sobrando. Linbar tomou algumas decisões erradas e... bem, você

sabe o que eu penso dele e ele de mim. Mas ele ainda é o tai-pan. Eu não posso largar o Irã, não posso desfazer os contratos para os novos X63, não posso lutar contra a Imperial que, atualmente, está nos engolindo no mar do Norte com o dinheiro dos contribuintes. Não posso fazer nada disso.

— Você estaria pedindo um bocado dos rapazes, Chinês.

— E de você também, Mac, não se esqueça de você. Teria que ser um esforço conjunto, não apenas por mim, mas por eles também. Porque é isso ou afundar.

— A maior parte dos nossos rapazes pode arranjar empregos sem problemas. O mercado está desesperado atrás de pilotos de helicópteros bem treinados que trabalham com petróleo.

— E daí? Aposto que todos eles preferem trabalhar conosco, nós cuidamos deles, pagamos em dólar, temos a melhor ficha em matéria de segurança. A S-G é a melhor companhia de helicópteros da terra e eles sabem disso! Você e eu sabemos que fazemos parte da Casa Nobre, por Deus, e isso também significa alguma coisa. — Os olhos de Gavallan brilharam subitamente. — Seria um grande golpe se nós conseguíssemos sair dessa. Eu adoraria esfregar isto no nariz de Linbar. Quando chegar a hora, nós perguntaremos aos rapazes. Enquanto isso, a todo o vapor, hein, rapaz?

— Está bem — McIver disse sem entusiasmo. — Vamos ao planejamento. Gavallan olhou para ele.

— Eu conheço você bem demais, Mac. Daqui a pouco vai ser você que vai estar louco para começar e eu é que vou estar dizendo: espere um pouco, e quanto a isso assim assim..

Mas McIver não estava escutando. Sua mente estava tentando formular um plano, apesar das impossibilidades. Com exceção do registro britânico. Será que isso seria o ponto-chave?

— Andy, quanto ao plano. É melhor termos um nome em código para ele — Genny disse que deveríamos chamá-lo de 'Turbilhão'. Afinal nós estamos metidos em um.

Livro Três



A NOROESTE DE TABRIZ: 11:20H.

De onde estava sentado, nos degraus da cabine do 212 estacionado no alto da montanha, Erikki podia divisar o território da União Soviética. Lá embaixo, o rio Aras corria para leste em direção ao mar Cáspio, serpenteando através de gargantas e formando a maior parte da fronteira Irã-URSS. Para a esquerda, ele podia ver a Turquia, até onde se elevava o monte Ararat, a cinco mil metros de altura, e o 212 não estava parado muito longe da entrada da caverna onde havia o posto americano de escuta secreto.

Onde havia, pensou com um sorriso. Ao pousar ali na tarde da véspera — com o altímetro marcando 2. 825 metros — o bando de combatentes esquerdistas fedayins que levara com ele invadiu a caverna, mas não encontrou nenhum americano e quando Cimtarga revistou-a, viu que todo o equipamento importante tinha sido destruído e que não havia nenhum livro de códigos. Havia evidências de uma partida apressada, mas nada de valor para ser confiscado.

— Vamos esvaziá-la de qualquer maneira — dissera Cimtarga para seus homens, como fizeram com os outros. E perguntara a Erikki: — Você pode pousar ali? — E apontou lá para baixo, onde estavam os mastros com os radares. — Eu quero desmontá-los.

— Não sei — respondera Erikki. A granada que Ross lhe dera ainda estava presa debaixo do seu braço esquerdo. Cimtarga e seus captores não o haviam revistado e sua faca pukoh ainda estava nas costas. — Vou dar uma olhada.

— Nós vamos dar uma olhada, capitão. Vamos juntos — dissera Cimtarga, com uma gargalhada. — Assim você não ficará tentado a nos deixar.

Eles voaram até lá. Os mastros estavam presos em bases de concreto na face norte da montanha, numa pequena área plana em

frente.

— Se o tempo estiver como hoje, tudo bem, mas se começar a ventar, não dá. Eu poderia planar e içá-lo para baixo. — E sorria ferozmente.

— Não, obrigado. Eu não quero morrer cedo — rira Cimtarga.

— Para um soviético, especialmente da KGB, você não é um mau sujeito.

— Nem você, para um finlandês.

Desde domingo, quando Erikki começara a pilotar para Cimtarga, tinha começado a gostar dele — não que se pudesse realmente gostar de qualquer pessoa da KGB ou confiar nela, pensou. Mas o homem fora gentil e justo, dera-lhe uma porção correta de todos os alimentos, e na noite anterior, dividira uma garrafa de vodca com ele e dera-lhe o melhor lugar para dormir. Eles tinham dormido numa aldeia vinte quilômetros ao sul, em cima de tapetes sobre um chão de terra. Cimtarga dissera que embora aquele fosse em grande parte um território curdo, a aldeia era secretamente fedayim e segura.

— Então por que me manter sob vigilância?

— É segura para nós, capitão, não para o senhor.

Há duas noites atrás, no palácio do khan, quando Cimtarga e os guardas foram buscá-lo, logo depois de Ross ter partido, ele fora levado para a base aérea e, no escuro e contra os regulamentos do DAC

tinha voado para as montanhas a norte de Khoi. Lá, ao amanhecer, recolhera um carregamento completo de homens armados e voara para o primeiro dos dois postos de radar americanos. O posto estava destruído e vazio, como este aqui.

— Alguém deve ter avisado a eles que nós estávamos vindo — disse Cimtarga, aborrecido. — Espiões matyeryebyets!

Mais tarde, Cimtarga lhes disse que os nativos informaram que os americanos tinham partido há duas noites atrás, levados por helicópteros muito grandes e sem identificação.

— Teria sido muito bom apanhá-los espionando. Muito bom. Dizem que os filhos da mãe conseguem ver o que se passa a mil quilômetros no interior do nosso território.

— Você teve sorte deles não estarem aqui, vocês poderiam ter se envolvido numa luta que teria criado um incidente internacional.

— Não teria nada a ver conosco, nada — rira Cimtarga. — Teriam sido os curdos novamente, mais um trabalhinho deles, um bando de assassinos, hein? Eles teriam levado a culpa. Malditos yezdvas, hein? Eventualmente, os corpos seriam encontrados, em território curdo. Isso seria prova suficiente para Carter e a sua CIA Erikki se mexeu nos degraus do helicóptero, com o assento gelado por causa do metal, deprimido e cansado. Na noite anterior, ele tinha tornado a dormir mal, com pesadelos sobre Azadeh. Ele não dormia bem desde o aparecimento de Ross.

Você é um idiota, pensou pela milésima vez. Eu sei, mas isso não adianta. Nada parece adiantar.

Talvez o trabalho o esteja deixando esgotado. Você tem pilotado horas demais em condições ruins, muitos voos durante a noite. E também há a preocupação com Nogger — e Rakoczy e as mortes. E Ross. E principalmente Azadeh. Será que ela está em segurança?

Ele tentara fazer as pazes com ela a respeito do seu Johnny na manhã seguinte.

— Eu admito que fiquei com ciúmes. É estúpido ficar com ciúmes. Eu jurei pelos antigos deuses dos meus antepassados que poderia viver com a lembrança dele. Eu posso e o farei — dissera, mas dizer isso não o apaziguara. — Apenas não pensei que ele fosse tão... tão homem e tão... tão perigoso.

Aquele kookri é páreo para a minha faca.

— Nunca, meu querido, nunca. Eu estou muito feliz por você ser você e eu ser eu e por estarmos juntos. Como poderemos sair daqui?

— Nem todos juntos nem ao mesmo tempo — respondera com sinceridade. — É melhor os soldados darem o fora enquanto podem. Com Nogger e eles, e enquanto você está aqui... eu não sei, Azadeh.

Eu não sei como poderemos fugir, por enquanto. Vamos ter que esperar. Talvez pudéssemos entrar na Turquia...

Ele agora estava olhando para a Turquia, tão perto e tão longe, com Azadeh ainda em Tabriz — trinta minutos por ar até lá. Mas quando? Se entrássemos na Turquia e o meu helicóptero não fosse

apreendido, e se eu pudesse reabastecer e conseguíssemos voar até Al Shargaz, costeando a fronteira. Se se se! Deuses dos meus ancestrais, ajudem-me!

Tomando vodca na noite anterior, Cimtarga estivera tão taciturno como sempre, mas bebera bastante e eles partilharam a garrafa, de copo em copo, até a última gota.

— Tenho outra para amanhã à noite, capitão.

— Ótimo. Quando você terá terminado comigo?

— Vamos levar dois ou três dias para terminar aqui, depois vamos voltar para Tabriz.

— E depois?

— Depois eu vou saber.

Se não fosse pela vodca, Erikki teria praguejado. Ele se levantou e observou os iranianos empilhando o equipamento para ser embarcado. A maioria parecia ser bem comum. E quando ele caminhou pelo terreno incerto, com as botas esmagando a neve, o seu guarda foi junto. Não havia nenhuma chance de escapar; durante todos os cinco dias, ele não tivera nenhuma chance.

— Nós gostamos da sua companhia — dissera Cimtarga, lendo-lhe os pensamentos, com seus olhos orientais brilhando.

Mais acima, ele podia ver alguns homens trabalhando nos mastros de radar, desmontando-os. Perda de tempo, pensou. Até eu sei que não há nada de especial com relação a eles.

— Isso não importa, capitão — dissera Cimtarga. — O meu mestre gosta de quantidade. Ele disse para levar tudo. É melhor demais do que de menos.

Por que você se preocupa? Você é pago por hora. — Mais uma vez ele rira, sem provocação.

Sentindo os músculos do pescoço endurecidos, Erikki esticou os braços e tocou a ponta dos pés e, nesta posição, deixou os braços e a cabeça ficarem pendurados, depois girou a cabeça o mais que pôde, deixando o peso da cabeça esticar os tendões e ligamentos e músculos e estender as juntas, sem forçar nada, usando apenas o peso.

— O que está fazendo? — perguntou Cimtarga, aproximando-se dele — Isso é ótimo para dor no pescoço. — Ele tornou a colocar os

óculos escuros. Sem eles a luz refletida pela neve era desconfortável. — Se você fizer isso duas vezes por dia, jamais terá dor no pescoço.

— Ah, você também tem dores no pescoço? Eu estou sempre atacado. Tenho que ir a um quiroprático pelo menos três vezes por ano. Isso ajuda?

— É garantido. Uma garçonete me ensinou. Carregar bandejas o dia inteiro dá muita dor no pescoço e nas costas, como os pilotos; é uma maneira de viver. Experimente só. — Cimtarga curvou-se como Erikki tinha feito e moveu a cabeça. — Não, você está fazendo errado. Deixe solta a cabeça, os braços e os ombros, você está duro demais.

Cimtarga obedeceu e sentiu o pescoço estalar e as juntas se soltarem e quando tornou a se levantar, disse: — Isso é maravilhoso, capitão, estou-lhe devendo um favor.

— Foi em troca da vodca.

— Vale mais do que uma garrafa de vod...

Erikki ficou olhando para ele, espantado, enquanto o sangue jorrava do peito de Cimtarga, causado pela bala que o apanhara pelas costas. Então ouviu-se um urro acompanhado de outros enquanto nativos saíam dos esconderijos no meio das rochas e das árvores soltando gritos de combate e "Allah-u Akbarr" — atirando enquanto avançavam. O ataque foi breve e violento e Erikki viu os homens de Cimtarga caindo por todo o platô, rapidamente derrotados. O seu próprio guarda, um dos poucos que estava carregando uma arma, começara a atirar, mas foi imediatamente atingido, e agora um nativo barbado estava em pé sobre ele, terminando de matá-lo com a coronha do rifle. Outros entraram nas cavernas. Houve mais tiroteio, depois silêncio outra vez.

Dois homens correram em sua direção e ele levantou as mãos, sentindo-se nu e idiota, com o coração disparado. Um desses virou Cimtarga de frente e tornou a atirar nele. O outro passou por Erikki e entrou na cabine do 212 para certificar-se de que não havia ninguém escondido lá. Agora o homem que tinha atirado em Cimtarga estava parado diante de Erikki, respirando com dificuldade.

Ele era pequeno, de barba, com a pele cor de azeitona, olhos e cabelos escuros, usava roupas rasgadas e fedia.

— Abaixе as mãos — disse num inglês carregado. — Eu sou o xeque Bayazid, o chefe daqui. Nós precisamos de você e do seu helicóptero.

— O que vocês querem de mim?

Em volta deles, os nativos matavam os feridos e tiravam tudo o que os mortos possuíam de valor.

— Emergência. — Bayazid sorriu de leve ao ver o ar de espanto de Erikki. — Muitos de nós trabalham nas plataformas. Quem é este cão? — Ele fez um gesto na direção de Cimtarga, caído a seus pés.

— Ele dizia chamar-se Cimtarga. Era um soviético. Acho que era da KGB

— É claro que era soviético — disse o homem, grosseiramente. — É claro que era da KGB. Todos os soviéticos no Irã são da KGB. Papéis, por favor. — Erikki entregou-lhe sua identidade. O nativo leu-a e balançou a cabeça. E para surpresa de Erikki, devolveu-a. — Por que você está pilotando para o cão soviético? — E ouviu silenciosamente, com a fisionomia ficando mais fechada à medida que Erikki contava como Abdullah Khan armara-lhe uma cilada. — Abdullah Khan não é homem para a gente se meter. O braço de Abdullah, o Cruel, atinge muito longe, mesmo nas terras dos curdos.

— Vocês são curdos?

— Curdos — disse Bayazid, pois a mentira era conveniente. Ele se ajoelhou e revistou Cimtarga.

Não havia nenhum documento, só um pouco de dinheiro, que ele guardou. Além da automática e da munição, que também tomou. — Você está com o tanque cheio?

— Três quartos.

— Eu quero ir trinta quilômetros ao sul. Eu mostro o lugar. Apanhar uma emergência e depois ir para Rezaieh, para o hospital de lá.

— Por que não Tabriz? É muito mais perto.

— Rezaieh é no Curdistão. Os curdos estão seguros lá, em geral. Tabriz pertence aos nossos inimigos: iranianos, o xá ou Khomeini, não faz nenhuma diferença. Vá para Rezaieh.

— Está bem. O Hospital Overseas seria melhor. Eu já estive lá antes e eles têm uma pista para helicópteros. Eles estão acostumados com emergências. Nós podemos reabastecer o aparelho lá.

Eles têm combustível para helicóptero, pelo menos tinham nos... nos velhos tempos.

Bayazid hesitou.

— Bom. Sim. Vamos imediatamente.

— E depois de Rezaieh?

— E depois, se nos ajudar, talvez você seja solto para tirar a sua mulher do Gorgon Khan — o xeque Bayazid virou-se e gritou para os seus homens se apressarem e entrarem no helicóptero. — Ligue os motores, por favor.

— E quanto a ele? — Erikki apontou para Cimtarga. — E os outros?

— Os animais e os pássaros vão limpar isto logo.

Eles levaram algum tempo para embarcar e partir, com Erikki agora cheio de esperança. Não houve problema para encontrar o lugar na pequena aldeia. A emergência era uma mulher idosa.

— Ela é o chefe do nosso clã — disse Bayazid.

— Eu não sabia que as mulheres podiam ser chefes.

— Por que não, desde que sejam bastante sábias, bastante fortes, bastante espertas e venham de famílias certas? Nós somos muçulmanos ortodoxos não esquerdistas ou xiitas hereges que põem os mulás entre o homem e Deus. Deus é Deus. Vamos partir imediatamente.

— Ela fala inglês?

— Não.

— Ela parece estar muito doente. Talvez não aguento a viagem.

— Seja como Deus quiser.

Mas ela aguentou a viagem de uma hora e Erikki pousou na pista do hospital. O Hospital Overseas fora construído, equipado e era sustentado pelas companhias de petróleo. Ele voara baixo o tempo todo, evitando Tabriz e os campos de aviação militares. Bayazid fora na frente com ele, e seis guardas armados tinham ido atrás com a chefe. Ela estava deitada na maca, acordada mas imóvel.

Sentindo muitas dores, mas sem se queixar.

Segundos depois de pousarem, já havia um médico e alguns ajudantes perto do helicóptero. O médico usava um casaco branco com uma grande cruz vermelha na manga, por cima de pesados suéteres, aparentava cerca de trinta anos, era americano, e tinha círculos negros em volta dos olhos injetados de sangue. Ele se ajoelhou ao lado da maca enquanto os outros esperavam em silêncio. Ela gemeu um pouco quando ele tocou no seu abdômen, embora as suas mãos fossem experientes. Um instante depois, ele falou com ela num turco hesitante. Ela deu um pequeno sorriso e balançou a cabeça, agradecendo. Ele fez um sinal para os ajudantes e eles levantaram a maca e a levaram embora.

Obedecendo a uma ordem de Bayazid, dois dos seus homens foram junto com ela.

O médico disse para Bayazid num dialeto hesitante: — Excelência, eu preciso de nome e idade e... — ele procurou a palavra certa. — História. História médica.

— Fale em inglês.

— Ótimo. Obrigado, aga. Eu sou o dr. Newbegg. Temo que ela esteja no fim, aga, o pulso dela é quase zero. É velha e eu diria que está tendo uma hemorragia, sangrando, por dentro. Ela levou alguma queda recentemente?

— Fale mais devagar, por favor. Queda? Sim, sim, há dois dias atrás. — Bayazid parou por causa do barulho de tiros ali perto, depois continuou: — Sim, há dois dias atrás. Ela escorregou na neve e caiu em cima de uma pedra, bateu com o lado numa pedra.

— Acho que ela está sangrando por dentro. Vou fazer o possível, mas... sinto muito, não posso prometer boas notícias.

— Insha'Allah.

— Vocês são curdos?

— Curdos. — Novo tiroteio, ainda mais perto desta vez. Todos eles olharam na direção de onde veio o barulho. — Quem são?

— Não sei, são os mesmos, eu acho — falou o médico, inquieto. — Faixas Verdes contra esquerdistas, esquerdistas contra Faixas Verdes, contra curdos, muitas facções, e todos estão armados. — Ele esfregou os olhos. — Eu farei o que puder pela senhora. Talvez seja

melhor o senhor vir comigo, aga, o senhor pode ir me dando os detalhes enquanto andamos. — E saiu andando depressa.

— Doutor, o senhor ainda tem combustível aqui? — perguntou Erikki. O médico parou e olhou para ele sem entender.

— Combustível? Oh, combustível para helicóptero? Eu não sei. Os tanques de gasolina ficam nos fundos. — Ele subiu as escadas até a entrada principal, com as abas do casaco batendo.

— Capitão — disse Bayazid —, o senhor vai esperar aqui até eu voltar.

— Mas e o combustível? Eu...

— Espere aqui. Aqui. — Bayazid foi rapidamente atrás do médico. Dois dos seus homens foram com ele. Dois ficaram com Erikki.

Enquanto Erikki esperava, checkou tudo. Os tanques estavam quase vazios. De vez em quando, carros e caminhões chegavam com feridos para serem recebidos por médicos e estudantes. Muitos olhavam com curiosidade para o helicóptero, mas nenhum se aproximou. Os guardas cuidaram disso. Durante a viagem até ali, Bayazid tinha dito: — Durante séculos, nós, os curdos, temos tentado ser independentes. Nós, um povo diferente, com uma língua diferente e costumes diferentes. Agora existem talvez seis milhões de curdos no Azerbaijão, no Curdistão, na fronteira soviética, deste lado do Iraque e na Turquia. — Ele tinha quase cuspidado esta palavra. — Durante séculos nós temos lutado contra eles, juntos ou sozinhos. Nós dominamos as montanhas. Nós somos bons lutadores. Salah-al-din, ele era curdo. Você o conhece?

Salah-al-din... Saladino foi o cavaleiro muçulmano, oponente de Ricardo Coração de Leão durante as Cruzadas no século XII, que se fez sultão do Egito e da Síria e capturou o Reino de Jerusalém em 1187, depois de esmagar as forças aliadas dos cruzados.

— Sim, eu o conheço.

— Hoje há outros Salah-al-dins entre nós. Um dia nós tornaremos a conquistar os lugares santos.

Depois que Khomeini, o traidor do Islã, for atirado na sarjeta.

— Vocês armaram uma cilada para Cimtarga e para os outros e os mataram só por causa da emergência? — perguntara Erikki.

— É claro. Eles eram inimigos. Seus e nossos. — Bayazid sorria o seu sorriso torto. — Nada acontece nas nossas montanhas sem que saibamos. A nossa chefe estava doente e vocês por perto.

Nós vimos os americanos partirem, vimos os carneiros chegarem, e você foi reconhecido.

— Oh? Como?

— O Ruivo da Faca? O infiel que mata assassinos como piolhos e depois ganha uma filhote de Gorgon como recompensa! Piloto de emergências? — Os olhos escuros, quase pretos, estavam achando graça. — Oh, sim, capitão, nós o conhecemos bem. Muitos de nós trabalham com madeira e também com petróleo... um homem tem que trabalhar. Mesmo assim, é bom que o senhor não seja nem soviético nem iraniano.

— Depois da emergência, você e seus homens me ajudarão contra o Gorgon Khan?

— Essa maldita desavença é sua, não nossa — rira Bayazid. — Abdullah está conosco, por enquanto. Nós não somos contra ele. O que você fizer é lá com Deus.

Estava frio no pátio do hospital, um vento leve ainda aumentava mais o frio. Erikki andava para cima e para baixo para manter o sangue circulando. Eu tenho que voltar para Tabriz. Tenho que voltar e arranjar um jeito de apanhar Azadeh e partir com ela para sempre.

Um tiroteio ali perto o assustou e também aos guardas. Fora dos portões do hospital o tráfego ficou mais lento, com as buzinas tocando com irritação, depois engarrafou rapidamente. As pessoas começaram a passar correndo. Houve novo tiroteio e os que foram apanhados nos seus veículos saltaram para se proteger ou fugir. Do lado de dentro dos portões, havia uma área grande, o 212 estava parado de um dos lados. O tiroteio estava pior agora e muito mais perto. Algumas janelas de vidro no último andar do hospital se estilhaçaram. Os dois guardas deitaram na neve atrás do helicóptero, Erikki estava uma fera pelo fato do seu aparelho estar tão exposto e não sabia para onde correr nem o que fazer, sem tempo para decolar e sem combustível suficiente para ir a lugar nenhum.

Algumas balas ricochetearam e ele se abaixou enquanto a batalha prosseguia do lado de fora dos portões. Então ela terminou tão rapidamente como tinha começado. As pessoas começaram a sair de onde estavam, as buzinas começaram a tocar e logo o tráfego estava tão normal e horrível como sempre.

— Insha'Allah — disse um dos nativos, depois empunhou o rifle e se pôs em guarda. Um pequeno caminhão de gasolina se aproximava, vindo de trás do hospital, dirigido por um jovem iraniano com um largo sorriso. Eriki foi ao encontro dele.

— Oi, capitão — disse alegremente o motorista, com um sotaque carregado de Nova York. — Eu vou abastecer o seu aparelho. O seu destemido líder, xeque Bayazid, arranjou isto. — Ele cumprimentou os nativos num dialeto turco. Imediatamente eles relaxaram e o cumprimentaram de volta. — Capitão, vamos encher até a boca. O senhor tem algum tanque de reserva?

— Não. Só o normal. Eu sou Eriki Yokkonen.

— Claro. O Ruivo da Faca. — O rapaz sorriu. — O senhor é uma espécie de lenda por aqui. Eu abasteci o seu aparelho uma vez, há mais ou menos um ano. — Ele estendeu a mão. — Eu sou Ali 'Gasolina'... isto é, Ali Reza.

Eles trocaram um aperto de mão e, enquanto conversavam, o rapaz começou a encher o tanque.

—Você frequentou uma escola americana? — Eriki perguntou.

— Não. Eu fui adotado, por assim dizer, pelo hospital, há anos, muito antes deste aqui ter sido construído, quando eu era um garoto. Nos velhos tempos, o hospital atendia a um dos Guetos Dourados da parte leste da cidade. O senhor sabe, capitão, Apenas Pessoal Americano, um depósito da ExTex. — O rapaz sorriu, tampou cuidadosamente o tanque e começou a encher o outro. — O primeiro médico que me adotou foi Abe Weiss. Grande sujeito, grande. Ele me colocou na folha de pagamento, me ensinou a respeito de sabão, meias, Colheres e banheiros... diabo, todo o tipo de utensílios não-iranianos para ratos de rua como eu, sem família, sem casa, sem nome, sem nada. Ele costumava dizer que eu era o seu hobby. Ele me deu até o nome. Então, um dia, ele partiu.

Eriki viu a tristeza nos olhos do rapaz, rapidamente disfarçada.

— Ele me passou para o doutor Templeton e este fez o mesmo. Às vezes é meio difícil saber quem eu sou. Sou curdo mas não sou. Sou ianque mas não sou, sou judeu mas não sou, sou muçulmano mas não sou. — Ele deu de ombros. — É um pouco confuso, capitão. O mundo e tudo o mais, hein?

— Sim. — Erikki deu uma olhada na direção do hospital. Bayazid estava descendo as escadas com seus dois soldados, ao lado dos ajudantes que carregavam uma maca. A velha estava coberta agora, dos pés à cabeça.

— Vamos partir assim que estivermos abastecidos — disse Bayazid, secamente.

— Sinto muito — disse Erikki.

— Insha'Allah. — Eles ficaram olhando os ajudantes colocarem a maca na cabine. Bayazid agradeceu-lhes e eles foram embora. Em pouco tempo o aparelho estava abastecido.

— Obrigado, sr. Reza — Erikki estendeu a mão — Obrigado. O rapaz olhou fixamente para ele.

— Ninguém nunca me chamou de senhor antes, capitão, nunca. — Ele apertou a mão de Erikki. — Obrigado. A qualquer hora que o senhor precisar de gasolina, eu estou às ordens.

Bayazid subiu na cabine ao lado de Erikki, amarrou o cinto e colocou os fones no ouvido, com o motor esquentando.

— Agora vamos voltar para a aldeia de onde saímos.

— E depois? — perguntou Erikki.

— Vou consultar o novo chefe — disse Bayazid, mas ele estava pensando, este homem e o helicóptero devem valer um bom resgate, talvez para o khan, talvez para os soviéticos ou talvez para o seu próprio povo. O meu povo precisa de cada tostão que puder conseguir.

**PERTO DE TABRIZ UM — NA ALDEIA DE ABU MARD:
18:16H.**

Azadeh apanhou a tigela de arroz e a tigela de horisht, agradeceu à mulher do senhorio e atravessou a neve suja, coberta de lixo, até a cabana que ficava um pouco afastada. Seu rosto estava magro, sua tosse não era nada boa. Ela bateu na porta e depois entrou.

— Alô, Johnny, Como você se sente? Melhorou um pouco?

— Estou bem — ele disse. Mas não estava.

A primeira noite eles tinham passado numa caverna não muito longe dali, encolhidos, tremendo de frio.

— Não podemos ficar aqui, Azadeh — ele dissera ao amanhecer.
— Vamos morrer congelados.

Vamos ter que tentar a base.

Eles tinham caminhado através da neve e observado às escondidas. Viram os dois mecânicos e até Nogger Lane de vez em quando — e o 206 — mas havia homens armados por toda a base. Dayati, o gerente da base, tinha se mudado para a cabana de Azadeh e Erikki — ele, sua mulher e seus filhos.

— Filhos e filhas de um cão — Azadeh sibilou, vendo a mulher usando um par de botas suas. — Talvez pudéssemos nos esgueirar para as cabanas dos mecânicos. Eles nos protegerão.

— Eles só andam escoltados; eu aposto que eles são vigiados até de noite. Mas quem são os guardas, são Faixas Verdes, são os homens do khan, quem são?

— Eu não conheço nenhum deles, Johnny.

— Eles estão atrás de nós — disse, sentindo-se muito deprimido, sofrendo muito com a morte de Gueng. Tanto Gueng quanto Tenzing estavam com ele desde o começo. E tinha havido Rosemont. E agora Azadeh. — Mais uma noite desabrigados e estamos fritos.

— A nossa aldeia, Johnny. Abu Mard. Ela pertence à nossa família há mais de um século. Eles são leais, eu sei que são. Nós estaríamos seguros lá por um dia ou dois.

— Com a minha cabeça a prêmio? E a sua também? Eles mandariam avisar ao seu pai.

— Eu pediria a eles para não fazerem isso. Eu diria que os soviéticos estavam tentando raptar-me e que você estava me ajudando. Isso é verdade. Eu diria que precisamos nos esconder até

o meu marido voltar. Ele sempre foi muito popular, Johnny, os seus voos de emergência salvaram muitas vidas ao longo dos anos.

Ele a olhou, pensando numa dúzia de contras.

— A aldeia fica na estrada, quase na beira da estrada e...

— Sim, é claro que você tem toda a razão e faremos o que você achar melhor, mas a aldeia se estende para dentro da floresta. Nós poderíamos nos esconder lá. Ninguém esperaria isso.

Ele percebeu-lhe o cansaço.

— Como você se sente? Você se sente forte?

— Não me sinto forte, mas estou bem.

— Nós poderíamos pegar uma carona, seguir adiante mais algumas milhas. Teríamos que evitar as barreiras, é muito menos perigoso do que a aldeia, o que acha?

— Eu... eu preferia não ir. Eu poderia tentar. — Ela hesitou e depois disse: — Eu preferia não ir, hoje não. Você vai. Eu fico esperando. Erikki pode voltar hoje.

— E se ele não voltar?

— Eu não sei. Vai você.

Ele tornou a olhar para a base. Um ninho de víboras. Era suicídio ir para lá. De onde eles estavam, numa elevação, ele podia divisar a estrada principal. Ainda havia homens vigiando a barreira — ele supunha que fossem Faixas Verdes e a polícia — uma fila de automóveis estava parada, esperando para deixar a área. Ninguém vai nos dar uma carona agora, pensou, a não ser que seja para receber a recompensa.

— Você vai para a aldeia. Eu vou esperar na floresta.

— Sem você, eles simplesmente me devolverão a meu pai. Eu os conheço, Johnny.

— Talvez eles traiam você de qualquer jeito.

— Seja como Deus quiser. Mas nós poderíamos conseguir um pouco de comida e de calor, talvez até uma noite de descanso. Ao amanhecer, nós poderíamos fugir. Talvez possamos conseguir um carro ou um caminhão com eles. O calênder tem um velho Ford. — Ela abafou um bocejo. Os homens armados não estavam muito longe. Era mais do que provável que houvesse patrulhas na floresta. Ao ir para lá eles tiveram que fazer um desvio para evitar uma. A

aldeia é uma loucura, pensou. Rodear a barreira vai levar horas à luz do dia, e de noite... mas nós não podemos passar outra noite ao relento.

— Vamos para a aldeia — disse.

E eles foram, no dia anterior, e Mustafá, o calênder, escutara a história dela e evitara olhar para Ross. A notícia da chegada deles tinha corrido de boca em boca e em poucos minutos toda a aldeia sabia, e essas notícias foram somadas a outras, sobre a recompensa oferecida pelo Sabotador e raptor da filha do khan. O calênder tinha dado à Ross uma cabana de um só cômodo com chão de terra e velhos tapetes. A cabana ficava bem afastada da estrada, do outro lado da aldeia, e ele notou os olhos de aço, os cabelos emaranhados e a barba pontuda, e também sua carabina, o kookri e a mochila cheia de munição. Ele convidou Azadeh para ficar na sua casa. Era uma cabana de dois cômodos. Não tinha eletricidade nem água corrente. A vala era o banheiro.

Ao anoitecer, uma velha levava comida quente e uma garrafa de água para Ross.

— Obrigado — ele agradeceu, com a cabeça doendo e já com febre. — Onde está Sua Alteza? — A mulher deu de ombros. Ela era corpulenta, com a cara marcada de varíola e cacos marrons de dentes.

— Por favor, peça-lhe para me receber.

Mais tarde, mandaram chamá-lo. Na casa do chefe, vigiado pelo chefe, sua esposa, alguns dos seus filhos e uns poucos anciãos, ele cumprimentou Azadeh cautelosamente — como um estranho cumprimentaria um nobre. Ela estava usando o chador evidentemente, e estava ajoelhada sobre tapetes virados para a porta. Seu rosto tinha uma palidez amarelada, doentia, mas ele achou que poderia ser da luz da lamparina.

— Salaam, Alteza, a senhora está bem de saúde?

— Salaam, aga, sim, obrigada, e o senhor?

— Estou com um pouco de febre, eu acho.

Ela viu os seus olhos se levantarem do tapete por um instante.

— Eu tenho remédio. O senhor está precisando?

— Não. Não, obrigado.

Com tantos olhos e ouvidos atentos, o que ele queria dizer era impossível.

— Talvez eu possa cumprimentá-la amanhã — disse. — Que a paz esteja com a senhora, Alteza.

— E com o senhor também.

Ele levava algum tempo para dormir. E ela também. A aldeia despertou ao amanhecer, as fonalhas foram atiçadas, as cabras ordenhadas, o horisht de legumes foi posto para cozinhar — com pouca coisa para torná-lo mais nutritivo, exceto um pedaço de galinha, em algumas cabanas um pedaço de cabrito ou carneiro, a carne velha, dura, rançosa. Tigelas de arroz, mas nunca em número suficiente.

Comiam duas vezes por dia nas épocas melhores, de manhã e antes do anoitecer. Azadeh tinha dinheiro e pagou pela sua comida. Isso não passou despercebido. Ela pediu que fosse colocada uma galinha inteira no horisht da noite para ser partilhada por todos da casa e pagou por isso. O que também não passou despercebido.

Antes do anoitecer, ela disse: — Agora eu vou levar comida para ele.

— Mas, Alteza, não está certo a senhora servi-lo — disse a esposa do calênder. — Eu carrego as tigelas. Podemos ir juntas se a senhora quiser.

— Não, é melhor que eu vá sozinha porq...

— Deus nos proteja, Alteza. Sozinha? Ver um homem que não é seu marido? Oh, não, isto seria escandaloso, isto seria muito escandaloso. Venha. Eu carrego.

— Ótimo. Obrigada. Seja como Deus quiser. Na noite passada ele disse que estava com febre. Pode ser a peste. Eu sei que os infiéis carregam doenças ruins a que não estamos acostumados. Eu só queria poupá-la de uma provável agonia. Obrigada por me poupar.

Na noite anterior todo mundo vira o filete de suor no rosto do infiel. Todo mundo sabia como os infiéis eram maus, a maioria deles adoradores de Satã e feiticeiros. Quase todo mundo acreditava secretamente que Azadeh tinha sido enfeitçada, primeiro pelo Gigante da Faca, e agora outra vez pelo Sabotador.

Silenciosamente, a mulher do chefe entregara as tigelas a Azadeh e ela caminhou através da neve.

Agora ela o olhava na semi-escuridão do quarto, que tinha como janela um buraco na parede de barro, sem vidro, coberto apenas por um saco. O ar estava pesado com o cheiro de urina e lixo da vala lá fora.

— Coma, coma enquanto está quente. Eu não posso ficar muito tempo.

— Você está bem? — Ele estivera deitado sob o único cobertor, inteiramente vestido, cochilando, mas agora sentava-se com as pernas cruzadas e alerta. A febre diminuía um pouco com a ajuda de remédios que ele trazia no estojo de primeiros socorros, mas seu estômago estava embrulhado. — Você não parece muito bem.

— Nem você. — ela sorriu. — Eu estou bem. Coma.

Ele estava com muita fome. A sopa era rala, mas ele sabia que isso era melhor para o seu estômago.

Sentiu outro espasmo começando mas controlou-o e passou.

— Você acha que poderíamos fugir? — disse, entre uma colherada e outra, tentando comer devagar.

— Você poderia, eu não.

Enquanto cochilava durante o dia, tentando recuperar as forças, ele tinha tentado fazer um plano. Uma vez tentara sair da aldeia caminhando. Apareceram cem olhos em cima dele, todo mundo vigiando.

Ele foi até o final da aldeia e depois voltou. Mas tinha visto o velho caminhão.

— E quanto ao caminhão?

— Eu perguntei ao chefe. Ele disse que estava enguiçado. Não sei se estava mentindo ou não.

— Não podemos ficar aqui por muito mais tempo. Uma patrulha vai acabar aparecendo. Ou o seu pai vai ouvir falar sobre nós ou então alguém vai contar a ele. A nossa única esperança é fugir.

— Ou sequestrar o 206 junto com Nogger.

— Com todos aqueles homens lá?

— Uma das crianças me contou que eles voltaram para Tabriz hoje.

— Você tem certeza?

— Não tenho certeza, Johnny. — Uma onda de ansiedade invadiu-a. — Mas não há nenhum motivo para a criança mentir. Eu... eu costumava ensinar aqui antes de me casar. Eu fui a única professora que eles jamais tiveram e sei que eles gostavam de mim. A criança disse que só ficaram um ou dois lá. — Ela sentiu mais um arrepio de frio que a enfraqueceu. Tantas mentiras, tantos problemas nas últimas semanas, pensou. Foram apenas semanas? Tanto terror desde que Rakoczy e o mulá irromperam na nossa sauna. Está tudo tão difícil agora. Erikki, onde está você? Ela teve vontade de gritar, onde está você?

Ele terminou a sopa e o arroz e catou o último grão, pesando os prós e os contras, tentando planejar.

Ela estava ajoelhada em frente e ele viu o seu cabelo emaranhado, a sua sujeira, a sua exaustão e a sua gravidade.

— Pobre Johnny — ela murmurou e tocou-o. — Eu não lhe trouxe muita sorte, trouxe?

— Não seja boba. Nada disso é culpa sua. — Ele sacudiu a cabeça. — Nada disso. Ouça, nós vamos fazer o seguinte: vamos ficar aqui esta noite. Amanhã, assim que clarear, vamos sair daqui. Vamos tentar a base; se isto não funcionar, então pegamos uma carona. Você tenta fazer o chefe nos ajudar mantendo a boca fechada, a mulher dele também. Os resto dos aldeões deve se comportar se ele mandar, pelo menos para nos dar uma chance. Prometa-lhes uma grande recompensa quando as coisas estiverem normais de novo, e olhe aqui... — Ele enfiou a mão no esconderijo da sua mochila, encontrou as rúpias de ouro, dez delas. — Dê-lhe cinco e guarde as outras cinco para uma emergência.

— Mas... mas e quanto a você? — perguntou, com os olhos arregalados e mais esperançosa com tanto pishkesh potencial.

— Eu tenho mais dez — disse, mentindo com facilidade. — Fundos de emergência, cortesia do governo de Sua Majestade.

— Oh, Johnny, eu acho que agora temos uma chance. Isso é muito dinheiro para eles.

Os dois olharam pela janela quando começou a ventar, levantando o saco que cobria a janela. Ela se levantou e ajustou o

saco o melhor que pôde. Mas não conseguiu cobrir toda a abertura.

— Não tem importância — ele disse. — Venha cá e sente-se. — Ela obedeceu, sentando-se mais perto dele. — Tome. Por via das dúvidas. — Ele lhe entregou a granada. — Abaixei a alavanca, tire o pino, conte até três e atire. Três, não quatro.

Ela balançou a cabeça, levantou o chador e guardou a granada num dos bolsos da sua jaqueta de esqui. Suas calças de esqui estavam enfiadas nas botas.

— Obrigada. Agora eu me sinto melhor. Mais segura. — Involuntariamente, ela o tocou e desejou que não o tivesse feito, pois sentiu o seu fogo. — É... é melhor eu ir. Vou trazer-lhe comida assim que clarear. Depois partiremos.

Ele se levantou e abriu a porta. Lá fora estava escuro. Nenhum dos dois viu a figura se afastando da janela, mas os dois sentiram olhos observando-os de toda a parte.

— E quanto a Gueng, Johnny? Você acha que ele vai nos encontrar?

— Ele estará vigiando, esteja onde estiver. — Ele sentiu um novo espasmo começando. — Boa noite, durma bem.

— Durma bem.

Eles sempre diziam isso um para o outro nos velhos tempos. Seus olhos se trocaram bem como os seus corações e os dois se sentiram aquecidos e ao mesmo tempo cheios de pressentimentos. Então ela se virou, ficando imediatamente invisível por causa do chador escuro. Ele viu a porta da cabana do chefe se abrir, ela entrou e fechou a porta. Ele ouviu um caminhão subindo a estrada não muito longe, depois um carro buzinando, que passou e logo se afastou. O espasmo veio e foi muito forte e ele vomitou. A dor foi muito intensa, mas foi pouco o que ele pôs para fora e se sentiu agradecido por Azadeh já ter ido embora. Ele agarrou um pouco de neve com a mão esquerda e se limpou. Ainda havia olhos observando-o, de todos os lados. Filhos da mãe, pensou, depois tornou a entrar na cabana e se sentou no grosseiro colchão de palha.

Na escuridão, ele lubrificou o kookri. Não havia necessidade de afiá-lo. Já tinha feito isso mais cedo. Luzes refletiam-se na lâmina.

Dormiu com ele fora da bacia.

NO PALÁCIO DO KHAN: 23:19H.

O médico segurava o pulso do khan e tornou a checá-lo.

— O senhor precisa descansar bastante, Alteza — disse, preocupado — e tomar uma pílula destas de três em três horas.

— De três em três horas... está bem. — disse Abdullah Khan, com a voz fraca e respirando com dificuldade. Ele estava apoiado em almofadas na cama que fora feita sobre espessos tapetes. Ao lado da cama estava Najoud, sua filha mais velha, de 35 anos, e Aysha, sua terceira esposa, de 17. As duas mulheres estavam pálidas. Havia dois guardas na porta e Ahmed estava ajoelhado ao lado do médico. — Agora... deixe-me.

— Eu voltarei ao amanhecer com uma ambulância e...

— Nada de ambulância! Eu vou ficar aqui! — O rosto do khan ficou vermelho, e a dor atravessou-lhe o peito. Eles o observaram, mal respirando. Quando conseguiu falar, ele disse com voz rouca: — Eu vou ficar... aqui.

— Mas Alteza, o senhor já teve um ataque cardíaco, graças a Deus um ataque leve — o médico disse com a voz fraquejando. — Não se sabe quando o senhor poderia ter... eu não tenho nenhum equipamento aqui; o senhor precisa de tratamento urgente e de observação.

— Qualquer... qualquer coisa que o senhor precisa, traga para cá. Ahmed, providencie isto.

— Sim, Alteza. — Ahmed olhou para o médico.

O médico guardou o estetoscópio e o aparelho de pressão na sua maleta antiquada. Na porta, ele tornou a calçar os sapatos e saiu. Najoud e Ahmed o seguiram. Aysha hesitou. Ela era pequenina, estava casada há dois anos e tinha um filho e uma filha. O rosto do khan tinha uma palidez doentia e sua respiração era difícil. Ela se

ajoelhou perto dele e pegou-lhe a mão, mas ele a empurrou com raiva, esfregando o peito, xingando-a. O medo dela aumentou.

Lá fora no hall, o médico parou. Seu rosto era velho e enrugado, mais velho do que sua idade, seu cabelo era branco.

— Alteza — disse para Najoud —, era melhor ele estar num hospital. Tabriz não serve. Teerã seria muito melhor. Ele deveria ir para Teerã, embora a viagem até lá possa... Teerã é melhor do que aqui.

A pressão dele está muito alta, tem estado alta há anos mas, bem, seja como Deus quiser.

— Qualquer coisa que o senhor precise, nós podemos trazer — disse Ahmed.

O médico retrucou, zangado.

— Idiota, eu não posso trazer uma sala de operação, mais um dispensário e um ambiente esterilizado para cá.

— Ele vai morrer? — perguntou Najoud, com os olhos arregalados.

— Quando Deus quiser, só quando Deus quiser. A pressão dele está alta demais... eu não sou mágico e nós temos poucos recursos. Você tem ideia do que causou o ataque? Houve alguma discussão ou algo assim?

— Não, não houve nenhuma discussão, mas foi Azadeh com certeza. Foi ela de novo, aquela minha meia-irmã. — Najoud começou a torcer as mãos.

— Foi ela, fugindo com o Sabotador ontem de manhã, foi..

— Que Sabotador? — O médico perguntou estarrecido.

— O Sabotador que todo mundo está procurando, o inimigo do Irã. Mas eu tenho certeza que ele não a raptou, eu tenho certeza que ela fugiu com ele. Como ele poderia raptá-la de dentro do palácio? Foi ela que causou toda a raiva de Sua Alteza. Nós estamos todos aterrorizados desde ontem de manhã.

Bruxa idiota! pensou Ahmed. A explosão de ódio foi por causa dos homens de Teerã, Hashemi Fazir e o infiel que falava farsi, e o que eles pediram para o meu mestre fazer e ele concordou. Uma coisa tão insignificante, entregar-lhes um soviético, um pretenso amigo que era um inimigo, isso certamente não é motivo para

explodir. Foi esperteza do meu mestre dar início às coisas: depois de amanhã o desgraçado vem para o lado de cá da fronteira e vai cair na teia e os dois inimigos de Teerã vão voltar e também vão cair na teia. O meu mestre vai decidir logo e então eu vou agir. Enquanto isso, Azadeh e o Sabotador estão seguros na aldeia, conforme meu mestre deseja — o chefe mandou-lhe um recado assim que eles chegaram lá. Poucos homens na terra são tão espertos quanto Abdullah Khan e só Deus vai decidir quando ele deve morrer, não este cão deste médico.

— Vamos indo — ele disse. — Por favor, perdoe-me, Alteza, mas nós temos que apanhar uma enfermeira e remédios e alguns equipamentos. Doutor, temos que nos apressar.

A porta no final do corredor se abriu. Aysha estava ainda mais pálida.

— Ahmed, Sua Alteza quer falar um instante com você.

Quando estavam a sós, Najoud segurou o médico pela manga e murmurou: — Qual é a gravidade do estado de Sua Alteza? O senhor precisa dizer-me a verdade. Eu tenho que saber.

O médico levantou as mãos, impotente.

— Eu não sei, não sei. Eu venho esperando pelo pior há mais de um ano. O ataque foi leve. O próximo pode ser definitivo ou não, dentro de uma hora ou de um ano, eu não sei.

Najoud estivera em pânico desde que o khan desmaiara há duas horas atrás. Se o khan morresse, então Hakim, irmão de Azadeh, seria o seu herdeiro legítimo — os dois irmãos de Najoud tinham morrido na infância. O filho de Aysha ainda não tinha um ano. O khan não tinha nenhum irmão vivo, então o seu herdeiro seria Hakim. Mas Hakim caíra em desgraça e fora deserdado, logo teria que haver um regente. O seu marido, Mahmud, era o mais velho dos genros. Ele seria o regente, a menos que o khan determinasse outra coisa.

Por que ele determinaria outra coisa? pensou, sentindo mais uma vez um buraco no estômago. O khan sabe que eu dirijo o meu marido e fortaleço a todos nós. O filho de Aysha — ora, uma criança doentia, tão doentia quanto a mãe. Seja como Deus quiser, mas os

bebês costumam morrer. Ele não é uma ameaça, mas Hakim — Hakim é.

Ela se lembrou de ter ido procurar o khan quando Azadeh voltou da escola na Suíça: — Pai, eu lhe trago más notícias, mas o senhor precisa saber a verdade. Eu ouvi Hakim e Azadeh conversando. Alteza, ela contou a ele que ficou grávida, mas tirou o filho com a ajuda de um médico.

— O quê?

— Sim... eu a ouvi dizer isso.

— Azadeh não seria capaz... Azadeh não poderia ter feito uma coisa dessas!

— Pergunte a ela. Por favor, não diga quem lhe contou, mas pergunte a ela diante de Deus, pergunte a ela, faça com que um médico a examine, mas espere, isso não é tudo. Contra a sua vontade, Hakim está resolvido a tornar-se pianista e disse a ela que vai fugir e pediu a Azadeh para ir com ele para Paris. "Então você poderá casar-se com o seu amante", ele disse, mas ela disse, Azadeh disse: "Papai vai trazê-lo de volta, ele vai nos obrigar a voltar. Ele nunca nos deixará partir sem a sua permissão, nunca." Então Hakim disse: "Eu irei. Não vou ficar aqui e desperdiçar a minha vida. Eu irei!" E ela disse novamente: "Papai nunca permitirá isso, nunca." "Então é melhor que ele morra", disse Hakim e ela disse: "Eu concordo".

— Eu... eu não acredito nisso!

Najoud recordou o rosto dele ficando roxo e o terror que ela sentiu.

— Diante de Deus. Eu os ouvi dizendo isso, Alteza, diante de Deus. Então eles disseram que precisavam fazer um plano, nós... — Ela se encolhera quando ele gritou com ela, ordenando-lhe que contasse exatamente o que eles tinham dito.

— Ele disse exatamente, Hakim disse: "Um pouco de veneno no seu halvah, ou numa bebida, podemos subornar um criado, talvez possamos subornar um dos seus guardas para matá-lo ou poderíamos deixar os portões abertos de noite para os assassinos... há centenas de maneiras para que qualquer um dos seus milhares

de inimigos faça isso por nós, todo mundo o odeia. Nós precisamos refletir e ter paciência..."

Fora fácil para ela lançar o seu veneno, inventando cada vez mais mentiras, até que em pouco tempo ela própria estava acreditando nelas — mas não inteiramente.

Deus vai me perdoar, disse a si mesma, como costumava dizer sempre. Deus vai me perdoar. Azadeh e Hakim sempre nos odiaram, e a todo o resto da família, sempre quiseram nos ver mortos, banidos, para ficar com a nossa herança, eles e aquela bruxa da mãe deles que lançou um feitiço sobre papai para que ele nos virasse o rosto por tantos anos. Oito anos ele ficou sob o feitiço dela — Azadeh isso, Azadeh aquilo, Hakim isso, Hakim aquilo. Por oito anos ele nos ignorou e a nossa mãe, sua primeira esposa, não tomou nenhum conhecimento de mim, casou-me displicentemente com esse idiota, Mahmud, esse fedorento, impotente, mau, roncador, e arruinou a minha vida. Espero que o meu marido morra, comido pelos vermes, mas não antes de se tornar khan para que o meu filho possa ser khan depois dele.

Papai precisa livrar-se de Hakim antes de morrer. Que Deus o mantenha vivo para fazer isso — ele tem que fazer isso antes de morrer — e Azadeh tem que ser humilhada, expulsa, destruída também — melhor ainda, apanhada em adultério com o Sabotador, oh sim, então a minha vingança estará completa.

SEXTA-FEIRA

23 de fevereiro

43

PERTO DE TABRIZ UM, NA ALDEIA DE ABU MARD: 6:17H.

Ao amanhecer, o rosto de outro Mahmud, o mulá marxista-islâmico, estava contorcido de raiva.

— Você se deitou com este homem? — gritou. — Diante de Deus, você se deitou com ele?

Azadeh estava de joelhos diante dele, apavorada.

— O senhor não tem nenhum direito de invadir...

— Você se deitou com este homem?

— Eu... eu sou fiel ao meu... meu marido — ela gaguejou. Há poucos segundos atrás, ela e Ross estavam sentados nos tapetes da cabana, comendo apressadamente a refeição que ela trouxera, felizes juntos, prontos para partir imediatamente. O chefe aceitara com humildade e gratidão o pishkesh, quatro rúpias de ouro para ele e uma dada em segredo à sua esposa, e dissera a eles para escaparem da aldeia pelo lado da floresta assim que terminassem de comer, abençoando-a. Então a porta fora aberta com violência, estranhos tinham entrado, dominando-os e arrastando-os para fora, atirando-a aos pés de Mahmud e imobilizando Ross.

— Eu sou fiel, eu juro, eu sou fi...

— Fiel? Por que você não está usando o chador! — Ele gritara para ela, com quase toda a aldeia reunida em volta deles, em silêncio e com medo. Uma meia dúzia de homens armados apoiavam-se nas suas armas, dois dominavam Ross, que estava deitado de bruços na neve, inconsciente, com sangue escorrendo da testa.

— Eu estava... eu estava usando o chador mas eu... eu o tirei enquanto estava comendo...

— Você tirou o seu chador numa cabana com a porta fechada enquanto comia com um estranho? O que mais você tinha tirado?

— Nada, nada — disse mais apavorada ainda, apertando o seu casaco em volta do corpo. — Eu só estava comendo e ele não é um estranho, mas um velho amigo... um velho amigo do meu marido — ela se corrigiu apressadamente, mas o mulá havia notado a hesitação. — Abdullah Khan é meu pai e o senhor não tem nenhum direito...

— Velho amigo? Se você não é culpada, não tem nada a temer! Diante de Deus, você se deitou com ele? Jure!

— Calênder, mande chamar o meu pai, mande chamá-lo! — O calênder não se moveu. Todos os olhos estavam presos nela. Sem poder fazer nada, ela viu o sangue na neve, o seu Johnny gemendo, voltando a si. — Eu juro por Deus que sou fiel ao meu marido! — Ela gritou. O grito atingiu a todos eles e entrou na consciência de Ross e o fez acordar.

— Responda à pergunta, mulher! É sim ou não? Em nome de Deus, você se deitou com ele? — O mulá estava em pé, debruçado sobre ela como um corvo agourento, os aldeões esperando, todo mundo esperando, as árvores e o vento esperando... até mesmo Deus.

— Insha'Allah!

O medo a abandonou. Em seu lugar ficou o ódio. Ela encarou Mahmud enquanto se levantava. — Em nome de Deus, eu sou e sempre fui fiel ao meu marido — ela declarou. — Em nome de Deus, sim, eu amei este homem, há muitos anos atrás.

Suas palavras fizeram estremecer muitos dos que estavam lá e Ross ficou perplexo por ela ter admitido isso.

— Meretriz! Mulher perdida! Você admite abertamente a sua culpa. Você será punida de acordo com...

— Não — Ross gritou para ele. Ele se ajoelhou e embora os dois mujahedins tivessem armas apontadas para a sua cabeça, ele os ignorou. — Não foi culpa de Sua Alteza. O culpado sou eu, só eu, só eu!

— Você será punido, infiel, não se preocupe — disse Mahmud, depois voltou-se para os aldeões. — Todos vocês ouviram a meretriz admitir fornicação, todos vocês ouviram o infiel admitir fornicação.

Para ela só existe um castigo. Para o infiel... o que deve acontecer com o infiel?

Os aldeões esperaram. O mulá não era o mulá deles, nem da aldeia, nem era um mulá verdadeiro, mas um marxista-islâmico. Ele viera sem ser convidado. Ninguém sabia por que ele viera, só que ele aparecera subitamente como a fúria de Deus, junto com os esquerdistas, que também não eram da aldeia.

Não eram xiitas verdadeiros, apenas loucos. O imã não dissera cinquenta vezes que todos esses homens eram loucos, que só fingiam servir a Deus, secretamente adorando o Satã Marx-Lenin?

— Bem? Ele deve partilhar do castigo dela?

Ninguém respondeu. O mulá e seus homens estavam armados.

Azadeh sentiu todos os olhos cravados nela, mas não conseguiu mais se mover nem falar. Ela ficou lá em pé, com os joelhos tremendo, as vozes distantes, até mesmo a de Ross gritando: — Vocês não têm nenhum direito de julgar a ela nem a mim. Vocês estão desafiando a Deus... — um dos homens lhe deu um empurrão brutal que o fez cair no chão e depois pôs a bota no pescoço dele, imobilizando-o.

— Vamos castrá-lo e terminar com isso — disse o homem e outro retrucou: — Não, foi a mulher que o tentou. Eu a vi levantar o chador para ele na cabana na noite passada.

Olhe para ela agora, tentando-nos a todos. O castigo para ele não são cem chibatadas?

— Ele pôs as mãos nela, cortem as mãos dele — disse um outro.

— Ótimo — concordou Mahmud. — Primeiro as mãos, depois o chicote. Amarrem-no!

Azadeh tentou gritar contra esta maldade, mas nenhum som saiu da sua garganta, o sangue batia nos seus ouvidos, seu estômago estava revirado, sua mente confusa, enquanto eles arrastavam o seu Johnny, lutando e esperneando, para amarrá-lo com os braços e as pernas abertas entre duas estacas — lembrando-se de quando ela e Hakim eram crianças e ele, cheio de audácia, apanhara uma pedra e

atirara no gato, e o gato tinha berrado enquanto rolava no chão, ferido, e tentava fugir, berrando o tempo todo até que um guarda atirara nele, mas agora... agora ela sabia que ninguém iria atirar nela.

Ela se jogou em cima de Mahmud, com as unhas de fora, mas perdeu as forças e desmaiou.

Mahmud olhou para ela.

— Encostem-na na parede — disse para alguns dos seus homens —, depois tragam o seu chador. — Ele se virou e olhou para os aldeões. — Quem é o açougueiro aqui? Quem é o açougueiro da aldeia?

— Ninguém respondeu. Sua voz ficou mais dura. — Calênder, quem é o seu açougueiro?

Rapidamente, o chefe apontou para um homem no meio da multidão, um homem pequeno, vestido com roupas grosseiras.

— Abrim, Abrim é o nosso açougueiro.

— Vá buscar a sua faca mais afiada — disse-lhe Mahmud. Os outros vão apanhar as pedras.

Abrim foi fazer o que ele mandou. Seja como Deus quiser, os outros murmuraram.

— Vocês já assistiram a algum apedrejamento? — perguntou alguém. Uma mulher muito velha respondeu: — Eu assisti a um, uma vez. Foi em Tabriz, quando eu era menina. — Sua voz tremeu. — A adúltera era esposa de um lojista do bazar, sim, eu me lembro que era a esposa de um lojista. O seu amante também era um lojista e eles cortaram a cabeça dele em frente à mesquita, depois os homens a apedrejaram. As mulheres também podiam jogar pedras se quisessem, mas não jogaram, eu não vi nenhuma mulher fazer isso. O apedrejamento levou muito tempo e durante anos eu ouvi os gritos.

O adultério é um grande mal e tem que ser castigado, quem quer que seja a pecadora, até mesmo ela.

O Corão manda cem chicotadas para o homem... o mulá é o juiz, não nós. — disse o calênder Mas ele não é um mulá de verdade e o imã alertou contra a maldade deles!

— O mulá é o mulá, a lei é a lei — disse sombriamente o calênder, desejando secretamente ver o khan humilhado e esta mulher que ensinara coisas novas e perturbadoras para os seus filhos destruída. — Apanhem as pedras.

Mahmud estava parado na neve, ignorando o frio, os aldeões, o Sabotador que praguejava e gemia e, desesperado, tentava soltar-se das cordas e a mulher inerte no muro.

Naquela manhã, antes do amanhecer, quando viera para tomar a base, ele ouvira dizer que o Sabotador e ela estavam na aldeia. Ela, a da sauna, ele pensara, tomado pela raiva, ela que se exibira, a rameira, filha do maldito khan que finge ser o nosso protetor mas que traiu a nós e a mim, planejando uma tentativa de assassinato contra mim na noite passada, uma rajada de metralhadora do lado de fora da mesquita depois da última oração, que matou a muitos, mas não a mim. O khan quis que eu fosse morto, eu que estou protegido pela Palavra Sagrada de que o Islã junto com Marx-Lenin são a única maneira de ajudar o mundo a se erguer.

Ele a olhou, vendo as pernas longas vestidas com calças azuis de esqui, o cabelo solto, os seios salientes sob a jaqueta azul e branca. Rameira, pensou, odiando-a por tentá-lo. Um dos seus homens atirou o chador em cima dela. Ela gemeu um pouco mas não saiu do seu transe.

— Eu estou pronto — disse o açougueiro, empunhando a faca.

— Primeiro a mão direita — disse Mahmud aos seus homens. — Amarrem-no acima dos pulsos.

Eles amarraram tiras de saco, rasgadas da janela, bem apertadas, com os aldeões se aproximando para ver melhor, e Ross usou toda a sua energia para impedir que o terror o dominasse, vendo apenas a cara marcada de varíola por cima da faca de trinchar, o bigode e a barba desgrenhados, os olhos sem expressão, o polegar do homem experimentando a faca distraidamente. Então os seus olhos entraram em foco. Ele viu Azadeh sair do seu torpor e se lembrou.

— A granada! — berrou. — Azadeh, a granada!

Ela o ouviu claramente e procurou no bolso da jaqueta enquanto ele continuava a berrar, assustando o açougueiro, atraindo a atenção

de todo mundo para ele. O açougueiro se aproximou xingando-o, agarrou-lhe a mão direita com firmeza, fascinado por ela, moveu-a de um lado para o outro, com a faca preparada, decidindo onde cortar, dando a Azadeh o tempo necessário para atravessar o pequeno espaço que os separava e atirar-se contra ele, fazendo-o voar pela neve junto com a faca, depois virar-se para Mahmud, tirar o pino e ficar lá, tremendo, segurando a alavanca.

— Afastem-se dele — ela gritou. — Afastem-se!

Mahmud não se moveu. O resto todo se espalhou, alguns tropeçando, correndo através da praça para se abrigar, xingando e gritando.

— Rápido, para cá, Azadeh — gritou Ross. — Azadeh! — Ela escutou através do seu torpor e obedeceu, recuando na direção dele, vigiando Mahmud, com bolhas de espuma nos cantos da boca.

Então Ross viu Mahmud se virar e caminhar em direção a um dos seus homens que estava fora de alcance e gemeu, sabendo o que ia acontecer. — Rápido, apanhe a faca e solte-me — disse para distraí-la. — Não solte a alavanca — eu os vigio para você.

Atrás dela, ele viu o mulá pegar o rifle de um dos seus homens, destravá-lo e se virar para eles.

Agora ela estava com a faca do açougueiro e estendeu a mão para cortar as cordas que lhe prendiam a mão direita e ele sabia que a bala iria matá-la ou feri-la, a alavanca se soltaria, haveria quatro segundos de espera, e depois o esquecimento para ambos, mas rápido e limpo e sem obscenidades.

— Eu sempre a amei, Azadeh — sussurrou e sorriu, e ela levantou a cabeça, espantada, e sorriu de volta.

O rifle disparou, o coração dele parou, depois houve outro tiro e mais outro, mas eles não vieram de Mahmud e sim da floresta, e agora Mahmud gritava e se contorcia na neve. Então uma voz acompanhou os tiros: — Allah-u Akbar! Morte a todos os inimigos de Deus! Morte a todos os esquerdistas, morte a todos os inimigos do imã!

Com um urro de ódio, um dos mujahedins correu em direção à floresta e morreu. No mesmo instante, os outros fugiram, tropeçando uns nos outros na pressa de se esconder. Em poucos

segundos a praça da aldeia estava vazia, exceto pelos uivos de Mahmud, com o turbante fora da cabeça. Na floresta, o líder do grupo de quatro assassinos do Tudeh, que o tinham seguido desde o amanhecer, fez com que ele se calasse com uma rajada de metralhadora, depois os quatro se retiraram tão silenciosamente quanto tinham chegado.

Ross e Azadeh ficaram olhando espantados para a aldeia vazia.

— Não pode ser... não pode ser... — ela murmurou, ainda tonta.

— Não largue a alavanca — ele disse com voz rouca. — Não largue a alavanca. Rápido, solte-me...

rápido!

A faca era muito afiada. Suas mãos estavam trêmulas e vagarosas e ela o cortou, mas não muito fundo. Assim que ficou livre, ele agarrou a granada, com as mãos dormentes e doendo, mas segurou a alavanca, começando a respirar de novo. Ele entrou cambaleando na cabana, encontrou o kookri que ficara enrolado no cobertor durante a primeira luta, enfiou-o na bainha e pegou a carabina. Na porta, ele parou.

— Azadeh, rápido, apanhe o seu chador e a mochila e siga-me.

— Ela ficou olhando para ele. — Rápido!

Ela obedeceu como um autômato, e ele a levou para fora da aldeia e para dentro da floresta, com a granada na mão direita e a arma na esquerda. Depois de uma corrida de um quarto de hora, ele parou e escutou. Ninguém os seguia. Azadeh ofegava atrás dele. Ele viu que ela trouxera a mochila mas esquecera o chador. Sua roupa de esqui azul-clara sobressaía nitidamente na neve e no meio das árvores. Ele continuou a correr. Ela foi tropeçando atrás dele, sem conseguir falar. Mais cem metros sem problemas.

Não via ainda nenhum lugar para parar. Ele continuou, mais devagar agora, com uma dor violenta do lado, quase vomitando, com a granada ainda pronta. Azadeh fraquejando cada vez mais. Ele encontrou o caminho que levava aos fundos da base. Ainda não estavam sendo perseguidos. Perto da elevação, nos fundos da cabana de Erikki, ele parou, esperando por Azadeh, então seu estômago piorou, ele tropeçou e caiu de joelhos, vomitando. Muito fraco, ele se levantou e subiu a elevação para se proteger melhor.

Quando Azadeh o alcançou, respirava com dificuldade. Ela se atirou na neve ao lado dele, vomitando.

Lá embaixo, perto do hangar, ele viu o 206, sendo lavado por um dos mecânicos. Ótimo, pensou, talvez o estejam preparando para voar. Três revolucionários armados estavam numa varanda próxima, sob a projeção de um trailer, fumando, abrigados do vento. Não havia nenhum sinal de vida no resto da base, embora saísse fumaça da chaminé da cabana de Erikki e da que era partilhada pelos mecânicos, e da cozinha. Ele podia ver até a estrada. A barreira ainda estava lá, guardada por alguns homens, e havia alguns caminhões e carros parados.

Seus olhos voltaram-se novamente para os homens na varanda e ele pensou em Gueng e em como o seu corpo fora atirado como um saco de ossos velhos na sujeira da pick-up, debaixo dos pés deles, talvez desses mesmos homens, talvez não. Por um momento, sua cabeça doeu com a força do ódio.

Ele olhou para Azadeh. Ela respirava melhor, ainda mais ou menos em choque, sem enxergá-lo de verdade, com um filete de saliva e de vômito escorrendo pelo queixo. Com a manga, ele limpou-lhe o rosto.

— Nós estamos bem agora, descanse um pouco e depois continuamos.

Ela balançou a cabeça e a apoiou nos braços, mais uma vez no seu mundo particular. Ele voltou a se concentrar na base.

Passaram-se dez minutos. Quase nada mudou. Lá em cima, a camada de nuvens era um cobertor sujo, e a neve pesada. Dois dos homens armados entraram no escritório e ele podia vê-los de vez em quando através das janelas. O terceiro homem prestava pouca atenção ao 206. Não havia nenhum outro movimento. Então um cozinheiro saiu da cozinha, urinou na neve, e tornou a entrar. Mais algum tempo. Agora um dos guardas saiu do escritório e foi andando pela neve até o trailer dos mecânicos, com um M16 pendurado no ombro. Abriu a porta e entrou. Alguns instantes depois tornou a sair. Com ele, estava um europeu alto, vestindo roupa de piloto, e um outro homem. Ross reconheceu Nogger Lane e o outro mecânico. O mecânico disse alguma coisa a Lane, depois

acenou e tornou a entrar no trailer. O guarda e o piloto foram andando em direção ao 206.

Todo mundo localizado, pensou Ross, com o coração disparado. Desajeitadamente, ele checkou a carabina, com a granada na mão direita atrapalhando, depois colocou no bolso os dois últimos cartuchos e a última granada que ficara na mochila. De repente, o medo o invadiu e ele teve vontade de sair correndo, oh, Deus, ajude-me a fugir, a me esconder, a estar em casa, seguro, em qualquer lugar longe dali...

— Azadeh, eu vou até lá agora — ele se forçou a dizer. — Prepare-se para correr para o helicóptero assim que eu acenar ou gritar. Preparada? — E a viu olhar para ele e balançar a cabeça, formulando um sim com os lábios, mas ele não tinha certeza se ela realmente compreendera. Ele tornou a repetir e sorriu encorajadoramente. — Não se preocupe — Ela concordou com a cabeça.

Então abriu a bainha do kookri e saiu correndo como um animal selvagem atrás de alimento.

Ele deslizou por trás da cabana de Erikki, protegido pela sauna. Lá dentro havia barulho de crianças e uma voz de mulher. A boca seca, a granada morna nas mãos. Esgueirando-se de abrigo em abrigo, enormes tambores, pilhas de canos e serrotes e toras de reserva, sempre mais para perto do trailer-escritório. Olhando em volta para ver o guarda e o piloto aproximando-se do hangar, o homem da varanda observando-os preguiçosamente. A porta do escritório se abriu, um outro guarda saiu tendo ao seu lado um novo homem, mais velho, maior, sem barba, possivelmente europeu, usando roupas de melhor qualidade e armado com uma arma Sten. No cinto de couro grosso em volta da cintura dele, havia um kookri dentro da bainha.

Ross soltou a alavanca, ela pulou.

— Um, dois, três — e ele saiu de onde estava, atirou a granada nos homens que estavam na varanda, a quarenta metros de distância, e tornou a se abaixar atrás do tanque, já preparando outra.

Eles o tinham visto. Por um momento ficaram paralisados, depois enquanto se atiravam no chão para se proteger, a granada explodiu, destruindo a maior parte da varanda, matando um deles, atordoando o outro e mutilando o terceiro. No mesmo instante, Ross correu, com a carabina apontada, com a nova granada na mão direita, o dedo indicador no gatilho. Não havia nenhum movimento na varanda, mas perto do hangar o mecânico e o piloto se atiraram na neve e puseram os braços sobre a cabeça, em pânico, o guarda correu para o hangar e, por um momento, ficou desprotegido. Ross atirou e errou, correu para o hangar, notou uma porta nos fundos e desviou-se para lá. Ele abriu a porta e pulou para dentro. O inimigo estava do outro lado, atrás de um motor, com a arma apontada para a outra porta. Ross estourou a cabeça dele, com o tiro ecoando nas paredes de chapa ondulada, depois correu para a outra porta. Através dela, ele podia ver o mecânico e Nogger Lane deitados na neve, perto do 206. Ainda protegido, ele gritou para eles: — Rápido! Quantos inimigos há aqui? — Nenhuma resposta. — Pelo amor de Deus, respondam!

Nogger Lane levantou a cabeça, com o rosto branco.

— Não atire, nós somos civis, ingleses, não atire!

— Quantos inimigos existem aqui?

— Havia... havia cinco... cinco... este aqui e o resto no escritório... eu acho que no escritório...

Ross correu para a porta traseira, atirou-se no chão e espiou para fora, no nível do chão. Nenhum movimento. O escritório estava a cinquenta metros de distância — a única proteção era rodeando o caminhão. Ele ficou em pé e atirou-se para lá. Balas arrancaram pedaços de metal e depois pararam.

Ele tinha visto o clarão saindo de uma janela quebrada do escritório.

Depois do caminhão havia um espaço aberto, e neste espaço, um fosso que se estendia a perder de vista. Se eles continuarem lá dentro, eu os pego. Se eles saírem, e devem sair, sabendo que estou sozinho, as chances são maiores para eles.

Ele se arrastou para a frente, de barriga, pronto para a batalha. Estava tudo quieto, o vento, os pássaros, o inimigo. Estavam todos

esperando. Dentro do fosso agora. Avançando devagar.

Chegando mais perto. Vozes e uma porta rangendo. Silêncio de novo. Mais um metro. Mais um.

Agora! Ele preparou os joelhos, enfiou os dedos dos pés na neve, soltou a alavanca da granada, contou até três, ficou em pé de um salto, escorregou mas conseguiu manter o equilíbrio, e atirou a granada pela janela quebrada, mais à frente do homem que estava lá em pé, com a arma apontada para ele, e tornou a se atirar na neve. A explosão fez cessar a rajada de metralhadora, quase explodiu os seus próprios tímpanos e mais uma vez ele estava de pé, correndo em direção ao trailer, atirando enquanto corria. Pulou por cima de um cadáver e continuou, ainda atirando. De repente, a sua arma parou e o seu estômago revirou-se, até conseguir tirar o cartucho usado e enfiar um novo. Ele tornou a atirar no cara da metralhadora e depois parou.

Silêncio. Depois um grito ali perto. Cautelosamente, ele deu um chute na porta quebrada e saiu para a varanda. O que tinha gritado estava sem as pernas, enlouquecido, mas ainda vivo. Em volta da sua cintura estava o cinto de couro e o kookri que tinham sido de Gueng. Ross ficou cego de fúria, e arrancou o kookri da bainha.

— Você conseguiu isto na barreira? — gritou em farsi.

— Ajude-me ajude-me ajude-me... — Um paroxismo em alguma língua estrangeira e depois: — Quem é você quem... ajude-me... — O homem continuou a gritar e misturado com os gritos exclamava: — Ajude-me... sim eu matei o Sabotador... ajude-me...

Com um berro de gelar o sangue, Ross atirou-se sobre ele e quando sua vista clareou, ele estava olhando para a cabeça que pendia da sua mão esquerda. Enojado, ele a deixou cair e virou-se. Por um momento, não soube onde estava, depois sua mente clareou, suas narinas encheram-se com o cheiro de sangue e pólvora, ele se viu nos destroços do trailer e olhou em volta.

A base estava paralisada, mas havia homens correndo em direção a ela, vindos da barreira. Perto do helicóptero, Lane e o mecânico ainda estavam imóveis na neve. Correu para eles, procurando proteger-se.

Nogger Lane e o mecânico Arberry o viram chegando e ficaram apavorados — o maníaco nativo, fedayim ou mujahedins, de barba pontuda, cabelos desgrenhados e olhos selvagens, que falava um inglês perfeito, cujas mãos estavam manchadas de sangue da cabeça que há poucos instantes eles o viram arrancar de um único golpe e com um urro alucinado, a faca manchada de sangue ainda nas mãos, outra na bainha, a carabina na outra mão. Eles ficaram de joelhos, com as mãos para cima.

— Não nos mate. Nós somos amigos, civis, não nos ma...

— Calem a boca! Preparem-se para decolar. Rápido! — Nogger Lane ficou estarecido.

— O quê?

— Pelo amor de Deus, ande logo! — Ross disse zangado, furioso peio pavor do rosto deles, completamente esquecido da sua própria aparência. — Você — ele apontou para o mecânico com a faca de Gueng. — Você está vendo aquela elevação ali?

— Sim... sim, senhor — Arberry respondeu.

— Vá até lá o mais depressa que puder, há uma moça lá, traga-a até aqui... — Ele parou ao ver Azadeh sair da beirada da floresta e começar a correr pela colina em direção a eles. — Esqueça, vá buscar o outro mecânico, depressa pelo amor de Deus, os filhos da mãe da barreira estarão aqui a qualquer momento — Vá, ande! — Arberry saiu correndo, apavorado, mas mais apavorado ainda com os outros homens que podia ver vindo pela estrada. Ross virou-se para Nogger Lane: — Eu lhe disse para ligar o motor.

— Sim... sim senhor... aquela... aquela mulher... não é Azadeh, a Azadeh de Erikki, é?

— Sim. Eu lhe disse para ligar os motores.

Nogger Lane nunca decolou com um 206 tão depressa, nem os mecânicos nunca correram tanto.

Azadeh ainda tinha que atravessar uns cem metros e os inimigos já estavam muito perto. Então Ross se abaixou sob as hélices e se pôs entre ela e eles, esvaziando a arma na direção deles. Eles abaixaram as cabeças e se espalharam, e ele atravessou o espaço vazio na direção deles com um berro. Algumas cabeças se levantaram. Mais uma rajada de balas e mais outra, economizando

munição, fez com que eles conservassem as cabeças baixas, Azadeh se aproximando agora, mas mais devagar. Ela conseguiu fazer um último esforço e passou por ele, cambaleando em direção à cabine, sendo puxada para dentro pelos mecânicos. Ross tornou a atirar, recuando, pulou para o assento da frente e eles subiram.

BASE AÉREA DE KOWISS: 17:20H.

Starke pegou a carta que tinha recebido e olhou para ela. O ás de espadas. Ele resmungou, supersticioso como a maioria dos pilotos, mas colocou-a na mão junto com as outras cartas. Os cinco estavam no seu bangalô, jogando pôquer: Freddy Ayre, Doe Nutt, Pop Kelly e Tom Lochart, que chegara de Zagros Três na véspera com mais um carregamento de peças, prosseguindo com a evacuação, mas tarde demais para a volta. Por causa da ordem proibindo voos hoje, dia santo, ele estava retido lá até a madrugada do dia seguinte. Havia fogo na lareira, a tarde estava fria. Em frente a eles havia uma pilha de dinheiro, a maior era de Kelly, a menor de Doe Nutt.

— Quantas cartas, Pop? — perguntou Ayre.

— Uma — Kelly disse sem hesitação, descartou e colocou as quatro que conservara na mesa, viradas para baixo. Ele era um homem alto, magro, com o rosto enrugado, cabelos louros e ralos, ex-RAF e com cerca de quarenta anos. Seu apelido era 'Pop' porque ele tinha sete filhos e mais um a caminho.

Ayre entregou-lhe a carta fazendo um floreio. Kelly simplesmente olhou-a por um momento, depois, sem virá-la, misturou-a vagarosamente com as outras e, com muito cuidado e bem devagar, levantou as cartas, deu uma olhadinha no canto direito de cada carta e suspirou alegremente.

— Merda! — disse Ayre e todos riram. Exceto Lochart, que olhava sombriamente para as suas cartas. Starke franziu a testa, preocupado com ele mas muito contente de que estivesse lá. Havia a mensagem secreta de Gavallan, que Jonh Hogg trouxera no 125, para ser discutida.

— Eu abro com mil reais — disse Doe Nutt e todo mundo o olhou. Normalmente, ele apostava no máximo cem reais.

Distraidamente, Lochart estudou as suas cartas, sem muito interesse no jogo, com a mente em Zagros e em Xarazade. Na noite anterior, a BBC tinha relatado grandes agitações durante as marchas de protesto das mulheres em Teerã, Isfahan e Meshed, com novas marchas marcadas para hoje e amanhã.

— É muito para mim — ele disse, e jogou as cartas na mesa.

— Eu vou, Doe, e aumento para dois mil — disse Starke e a confiança de Doe Nutt desapareceu. Nutt tinha pedido duas cartas, Starke uma e Ayre três.

Kelly olhou para a sua sequência, de quatro a oito.

— Os seus dois mil, Duke, e aumento para três mil.

— Desisto — disse Ayre, na mesma hora, atirando na mesa dois pares, de reis e dez.

— Desisto — disse Doe Nutt, com um suspiro de alívio, chocado consigo mesmo por ter sido tão ousado e atirou na mesa as três damas que recebera, certo de que Starke tinha uma sequência, um flush ou um full.

— Os seus três mil, Pop e aumento para trinta... mil — disse Starke, suavemente, sentindo-se bem por dentro. Ele desistira de um par de seis para manter quatro copas, tentando um flush. Com o ás de espadas tinha apenas um flush incompleto, mas que se tornaria uma mão vitoriosa caso pudesse blefar e fazer Kelly recuar.

Todos os olhos estavam em Kelly. O aposento estava silencioso. Até Lochart ficou interessado.

Starke esperou pacientemente, controlando o rosto e as mãos, inquieto com o ar de confiança que cercava Kelly e imaginando o que faria se Kelly tornasse a aumentar a aposta, sabendo o que Manuela diria se descobrisse que ele estava disposto a colocar uma semana de salário num flush incompleto.

Ela ia ter um ataque, ele pensou e sorriu.

Kelly estava suando. Ele tinha visto o ligeiro sorriso de Starke. Já o apanhara blefando uma vez, mas isso fora há muitas semanas atrás e não por trinta mil, só por quatro. Não posso me arriscar a perder o salário de uma semana, mas esse sem-vergonha pode estar

blefando. Alguma coisa me diz que o velho Duke está blefando e eu bem que estou precisando de um salário extra. Kelly tornou a verificar as cartas para ter certeza de que a sua sequência era uma sequência — é claro que é uma maldita sequência, pelo amor de Deus, e Duke está blefando. E começou a dizer: — Eu aceito os seus trinta mil — mas parou e disse: — Pode levar, Duke. — Jogou as cartas na mesa e todo mundo riu. Exceto Starke. Ele pegou o baralho e enfiou as cartas lá dentro e embaralhou para ter certeza de que não seriam vistas.

— Eu aposto como você estava blefando, Duke — disse Lochart e riu.

— Eu? Com um straight flush? — disse Starke, inocentemente, dando uma risadinha. Ele olhou as horas. — Eu tenho que fazer a ronda. Vamos parar e continuar depois do jantar, certo? Tom, você quer vir comigo?

— Claro. — Lochart vestiu o casaco e saiu com Starke.

Esta era a melhor hora do dia para eles em épocas normais — pouco antes de escurecer, todos os voos terminados, todos os helicópteros lavados e reabastecidos, prontos para o dia seguinte, a expectativa de um drinque, tempo para ler um pouco, escrever algumas cartas, ouvir música, comer, ligar para casa e depois dormir.

A base estava em ordem.

— Vamos dar uma volta, Tom — disse Starke. Quando é que você vai voltar para Teerã?

— Que tal hoje à noite?

— Está mal, hein?

— Pior. Eu sei que Xarazade esteve na Marcha das Mulheres, embora eu tivesse dito a ela para não ir, além de tudo mais.

Na noite passada, Lochart contara a ele a respeito do pai dela, e tudo sobre a perda do HBC. Starke ficara estarrecido, ainda estava, e mais uma vez deu graças a Deus por não saber de nada quando foi levado para interrogatório por Hussein e seus Faixas Verdes.

— Mac já deve estar cuidando de Xarazade, Tom. Ele vai providenciar para que ela fique bem.

Quando Lochart chegou lá, eles conseguiram falar com McIver no HF, com a recepção boa para variar, e tinham pedido a ele para ver

se ela estava bem. Dentro de poucos minutos, eles tornariam a fazer a sua única ligação diária para o QG em Teerã.

— As chamadas estão restritas, mas só até a situação se normalizar, então vocês poderão ligar quantas vezes quiserem. Dentro em breve — dissera o comandante da base, major Changiz. E embora eles estivessem monitorizados pela torre principal que ficava na base da Força Aérea, o vínculo mantinha a sanidade deles e dava uma aparência de normalidade.

— Depois que Zagros Três estiver vazio, no domingo, e vocês todos estiverem aqui, por que não levar o 206 logo cedo na segunda-feira? Eu vou arranjar isto com Mac — disse Starke.

— Obrigado, seria ótimo. — Agora que a sua base estava fechada, Lochart estava nominalmente sob o comando de Starke.

— Você já pensou em dar o fora, pilotar o 212 no lugar de Scot? Uma vez fora de Zagros ele deverá ficar em segurança. Ou melhor ainda, vocês dois partirem? Eu vou falar com Mac.

— Não, obrigado, Xarazade não pode deixar a família neste momento.

Eles continuaram a caminhar mais um pouco. A noite estava caindo depressa, fria mas seca, o ar cheirando a gasolina por causa da enorme refinaria que ficava ali perto e que ainda estava quase que totalmente desativada e às escuras, exceto pelas altas chaminés queimando gás de petróleo. Na base, as luzes já estavam acesas na maioria dos bangalôs, hangares e na cozinha — eles tinham os seus próprios geradores para o caso de faltar eletricidade na base. O major Changiz dissera a Starke que não havia mais nenhuma possibilidade do sistema de geradores da base ser prejudicado.

— A revolução já acabou, capitão, o imã está no governo — E os esquerdistas?

— O imã ordenou que eles fossem eliminados a menos que se adaptassem ao nosso Estado islâmico — respondera o major Changiz, com voz dura e ameaçadora. — Esquerdistas, curdos, baha'is, estrangeiros, qualquer inimigo. O imã sabe o que fazer.

Imã. Foi a mesma coisa durante o interrogatório de Starke diante do komiteh de Hussein. Quase como se ele fosse um semideus, pensara Starke. Hussein fizera o papel de juiz e promotor e a sala,

no prédio da mesquita, estava lotada de homens hostis de todas as idades, todos Faixas Verdes, cinco juizes — nenhum advogado.

— O que você sabe sobre a fuga dos inimigos do Islã de Isfahan, de helicóptero?

— Nada Imediatamente, um dos outros quatro Juizes, todos jovens, rudes e quase analfabetos, disse: — Ele é culpado de crimes contra Deus e de crimes contra o Irã por ser um explorador a serviço dos demônios americanos. Culpado.

— Não — atalhou Hussein. — Isto é um tribunal, um tribunal corânico. Ele está aqui para responder a perguntas, não para ser acusado de crimes, ainda não. Ele não é acusado de crime algum. Capitão, diga-nos tudo o que sabe sobre o crime de Isfahan.

O ar da sala era fétido. Starke não viu nem um rosto simpático e, no entanto, todos sabiam quem ele era, todos sabiam sobre a sua batalha contra os fedayins em Bandar Delam. E seu medo era como uma dor incômoda, por saber que estava sozinho agora, à mercê deles.

Tomou fôlego e escolheu as palavras cuidadosamente.

— Em nome de Deus, o misericordioso, o compassivo — disse, começando do jeito que começam todas as surás do Corão, e uma agitação de surpresa percorreu a sala. — Eu mesmo não sei de nada, não testemunhei nada, nem tive nada a ver com isso. Eu estava em Bandar Delam na ocasião. Pelo que eu saiba, nenhum dos meus homens teve nada a ver com isso. Eu só sei o que Zataki de Abadan me contou quando voltou de Isfahan. Ele disse exatamente o seguinte: "Nós ouvimos dizer que na terça-feira alguns partidários do xá, todos oficiais, fugiram para o sul num helicóptero pilotado por um americano. Que Deus amaldiçoe todos os adoradores de Satã." Foi só isso o que ele disse. Isto é tudo o que sei.

— Você é um adorador de Satã — interrompeu um dos outros juizes triunfantemente —, você é americano. Você é culpado.

— Eu sou um seguidor do Livro e já provei que não sou nenhum adorador de Satã. Se não fosse por mim muitos aqui nesta sala estariam mortos.

— Se nós tivéssemos morrido na base estaríamos agora no paraíso — gritou um Faixa Verde, zangado, lá do fundo da sala. —

Nós estávamos fazendo o trabalho de Deus. Não tinha nada a ver com você, infiel — gritos de apoio. Subitamente, Starke soltou um urro de raiva.

— Por Deus e pelo Profeta de Deus — gritou — eu sou um seguidor do Livro e o Profeta nos concedeu privilégios e proteções especiais! — Ele estava tremendo de raiva, seu medo desaparecera, ele estava com ódio deste tribunal ilegal e da sua cegueira, estupidez, ignorância e intolerância. — O Corão diz; "Oh, Povo do Livro, não saia dos caminhos da verdade da sua religião; nem siga os desejos daqueles que já se perderam e que fizeram com que muitos outros se perdessem". Eu não o fiz — ele terminou com a voz áspera, erguendo o punho — e que Deus amaldiçoe aquele que disser o contrário.

Estarrecidos, todos ficaram olhando para ele, até Hussein.

Um dos juizes quebrou o silêncio.

— Você... você citou o Corão? Você lê árabe tão bem quanto fala farsi?

— Não, não, mas...

— Então você teve um professor, um mulá?

— Não, não, eu li...

— Então você é um feiticeiro! — Um outro gritou. — Como você pode conhecer o Corão se não teve professor nem sabe ler árabe, a língua sagrada do Corão?

— Eu o li em inglês, na minha própria língua.

O espanto e o descrédito foram maiores ainda, até que Hussein falou: — O que ele diz é verdade. O Corão está traduzido em muitas línguas estrangeiras.

Espanto ainda maior. Um jovem olhou para ele com os olhos míopes por trás de lentes grossas e rachadas, com o rosto marcado de varíola.

— Se está traduzido em outras línguas, Excelência, por que não foi traduzido para o farsi para que pudéssemos ler — caso soubéssemos ler?

— A língua do Sagrado Corão é o árabe — disse Hussein. — Para conhecer direito o Sagrado Corão o crente tem que ler o árabe. Os mulás de todos os países aprendem árabe por este motivo. O

Profeta, cujo nome seja louvado, era árabe, Deus falou com ele nesta língua para outros escreverem. Para conhecer verdadeiramente o Sagrado Corão, ele precisa ser lido da forma como foi escrito. — Hussein virou seus olhos negros para Starke. — Uma tradução fica sempre a dever ao original, não é verdade?

Starke notou a expressão estranha do mulá.

— Sim — disse, com a sua intuição dizendo-lhe para concordar.

— Sim, sim, é verdade. Eu gostaria de poder lê-lo no original.

Houve outro silêncio. O jovem de óculos disse: — Se você conhece tão bem o Corão que é capaz de citá-lo como se fosse um mulá, por que você não é muçulmano, por que não é um crente?

Uma agitação percorreu a sala. Starke hesitou, quase em pânico, sem saber como responder mas certo de que uma resposta errada o mandaria para a forca! O silêncio aumentou, então ele ouviu a própria voz dizendo: — Porque Deus ainda não retirou a pele que cobre os meus ouvidos, nem abriu ainda o meu espírito — depois acrescentou involuntariamente: — Eu não resisto e espero. Espero pacientemente.

A atmosfera da sala mudou. Agora o silêncio era gentil.

Compassivo. Hussein falou baixinho: — Vá até o imã e sua espera estará terminada. O imã abriria o seu espírito para a glória de Deus. O imã abriria o seu espírito. Eu sei. Eu já me sentei aos pés do imã. Eu ouvi o imã pregando a Palavra, ensinando a Lei, espalhando a Calma de Deus. — Um suspiro percorreu a sala e agora todos estavam concentrados no mulá, observavam seus olhos e a luz que havia neles, percebiam a modificação da sua voz e o êxtase que havia nela. Até Starke se sentia abatido e ao mesmo tempo exaltado. — O imã não veio para abrir o espírito do mundo? O imã não apareceu no meio de nós para limpar o Islã da maldade e para espalhar o Islã pelo mundo, para carregar a mensagem de Deus... como foi prometido? O imã é.

A palavra ficou soando na sala. Todos eles entenderam. E também Starke. Mahdi! ele pensou, disfarçando o seu choque. Hussein está dando a entender que Khomeini é, na realidade, o Mahdi, o legendário décimo-segundo imã que desapareceu há séculos e que os xiitas acreditam que esteja apenas oculto da vista

humana — o Imortal, que Deus prometeu que reapareceria algum dia para reinar sobre um mundo perfeito.

Viu todos eles olhando para o mulá. Muitos balançando a cabeça, com as lágrimas rolando pelo rosto, todos enlevados e satisfeitos e nenhum cético no meio deles. Meu Deus, pensou, atônito, se os iranianos cobrirem Khomeini com este manto, o seu poder não terá limites, haverá vinte, trinta milhões de homens, mulheres e crianças desesperados para cumprir as suas ordens, que caminharão alegremente para a morte a um sinal dele — e por que não? Mahdi poderia garantir-lhes um lugar no paraíso, garantir!

— Deus é grande — disse alguém e outros repetiram e começaram a conversar entre si, guiados por Hussein, esquecidos de Starke. Finalmente, se lembraram dele e o deixaram partir, dizendo: — Procure o imã, olhe e acredite...

Ao caminhar de volta para o acampamento, seus pés estavam estranhamente leves e ele agora recordava que o ar nunca lhe parecera tão perfumado, que nunca se sentira tão cheio da alegria de viver. Talvez seja porque eu estive muito perto da morte, pensou. Eu era um homem morto e de alguma forma recebi de volta o dom da vida. Por quê? E Tom, por que ele escapou de Isfahan, de Dez Dam e até o próprio HBC? Haverá uma razão? Ou foi apenas sorte?

E agora, no lusco-fusco, ele observava Lochart, muito preocupado com ele. Foi terrível o que houve com o HBC, terrível o que houve com o pai de Xarazade, terrível o beco sem saída em que ele e Xarazade se encontram. Em breve eles terão que escolher: irem juntos para o exílio, de onde provavelmente jamais poderão voltar — ou se separarem, provavelmente para sempre.

— Tom, existe algo de muito especial, muito secreto, só entre nós dois. Johnny Hogg trouxe uma carta de Andy Gavallan. — Eles estavam a uma distância segura da base, caminhando pela estrada, ao longo da cerca de arame farpado, e sem perigo de serem ouvidos. Mesmo assim, ele manteve a voz baixa. — Basicamente, Andy está muito pessimista com relação ao nosso futuro aqui e diz que está pensando em retirar tudo para diminuir o prejuízo.

— Não há necessidade disso — Lochart respondeu depressa, com uma certa impaciência. — As coisas vão voltar ao normal. Têm que

voltar. Andy tem que fazer força para isso. Nós estamos fazendo, então ele também pode.

— Ele está fazendo uma força danada, Tom. É apenas uma questão de finanças, você sabe disso melhor do que ninguém. Nós não estamos sendo pagos pelo trabalho feito há meses, não temos trabalho suficiente agora para os aparelhos e os pilotos que estão aqui estão sendo pagos com dinheiro de Aberdeen, o Irã está uma bagunça e nós estamos passando maus bocados aqui.

— Você está dizendo isso porque Zagros Três foi desativado e portanto vai dar um enorme prejuízo?

Não é culpa minha se...

— Acalme-se, Tom. Andy foi informado de que todas as companhias estrangeiras, associadas ou sejam lá o que forem, especialmente de helicópteros, serão nacionalizadas muito breve.

Lochart encheu-se de esperança. Isso não me daria uma desculpa perfeita para ficar? Se eles roubarem — nacionalizarem — os nossos aparelhos, vão precisar de pilotos treinados, eu sei falar farsi, poderia treinar iranianos, o que deve ser o objetivo deles e — e quanto ao HBC? Sempre de volta ao HBC, pensou desanimado, sempre de volta ao HBC.

— Como é que sabe disso, Duke?

— Andy disse que foi informado de fonte 'seguríssima'. O que ele está nos pedindo... a você, Scrag, Rudi e eu, é que se ele e Mac conseguirem arquitetar um plano viável, nós e quantos pilotos mais forem necessários saíamos daqui com os nossos aparelhos através do golfo.

Lochart olhou para ele de boca aberta.

— Jesus, você quer dizer simplesmente decolar, sem autorização nem nada?

— Claro... mas fale baixo.

— Ele está louco! Como conseguiríamos coordenar Lengeh, Bandar Delam, Kowiss e Teerã? Todo mundo teria que partir ao mesmo tempo e as distâncias são diferentes.

— De alguma forma isso terá que ser feito, Tom. Andy disse que é isso ou fechar.

— Eu não acredito! A companhia está operando no mundo inteiro.

— Ele diz que se perdermos o Irã estaremos acabados.

— É fácil para ele — Lochart disse com amargura. — É só dinheiro. É fácil forçar a nossa barra quando ele está bem e em segurança e só o que tem a arriscar é dinheiro. Ele está dizendo que se retirar só o pessoal e deixar o resto aqui a S-G vai estourar?

— Sim, é isso o que ele está dizendo.

— Eu não acredito nisso.

Starke deu de ombros. Seus ouvidos perceberam o suave lamento do banshee e eles se viraram para olhar para o outro lado da base, lá no fundo do campo. No lusco-fusco, eles puderam ver Freddy Ayre com suas gaitas de fole onde, com o consentimento de todos, ele tinha permissão para praticar.

— Maldição — Starke disse azedo —, esse barulho me deixa maluco. Lochart ignorou-o.

— Não é possível que você vá concordar com um maldito sequestro, porque é isso que vai ser! Eu não concordo com isso de jeito nenhum. — Ele viu Starke dar de ombros. — O que dizem os outros?

— Eles ainda não sabem e não serão consultados por enquanto. Como eu disse, isto fica só entre nós, no momento. — Starke consultou o relógio. — Está quase na hora de ligar para o Mac. — Ele viu Lochart estremecer. O lamento das gaitas de fole era levado pelo vento. — Não sei como alguém pode dizer que isso é música — disse. — A ideia de Andy merece ser levada em consideração, Tom.

Como um plano extremo.

Lochart não respondeu, sentindo-se mal, achando tudo ruim. Até o ar cheirava mal, poluído pela refinaria ao lado e ele desejou estar de volta a Zagros, lá perto das estrelas, onde o ar e a terra não eram poluídos, mas desejando também, desesperadamente, estar em Teerã que era ainda mais poluída — mas onde ela estava.

— Não conte comigo — disse.

— Pense nisso, Tom.

— Já pensei e estou fora, é loucura, a ideia toda. Assim que você pensar melhor, vai ver que é um plano maluco.

— Claro, meu velho. — Starke imaginou quando o seu amigo iria perceber que ele, Lochart, dentre todos eles, era o que teria mais necessidade de participar, de uma forma ou de outra.

NO HOTEL INTERNACIONAL, AL SHARGAZ: 18:42H.

—Você poderia fazer isso, Scrag? — perguntou Gavallan, quase ao pôr-do-sol.

— Para mim seria fácil retirar secretamente os meus homens e os meus cinco aparelhos de Lengeh, Andy — respondeu Scragger. — Teria que ser no dia certo e nós teríamos que nos esgueirar por baixo do radar de Kish, mas poderíamos fazê-lo, se os rapazes quisessem tomar parte na brincadeira.

Mas levando também todas as peças sobressalentes? Não há jeito, é impossível.

— Você o faria se fosse possível? — perguntou Gavallan. Ele tinha chegado hoje de Londres e todas as notícias de negócios que recebera de Aberdeen eram horríveis. A Imperial Air estava aumentando a pressão, boicotando-o no mar do Norte, as companhias de petróleo o estavam espremendo e Linbar pedia uma reunião especial de diretoria para investigar o 'possível' desmando da S-G. — Você o faria, Scrag?

— Apenas eu no meu pássaro e todo mundo em segurança fora daqui? Como um relâmpago.

— Os seus rapazes o fariam?

Scragger pensou por um momento e tomou um gole de cerveja. Eles estavam sentados numa mesa de um dos imaculados terraços que cercavam a piscina do hotel, um dos mais novos do pequeno domínio, com outros hóspedes espalhados ali por perto mas nenhum muito próximo, o ar perfumado e com uma brisa suficiente apenas para balançar as folhas das palmeiras e trazer a promessa de uma noite perfeita.

— Ed Vossi faria. — Ele riu. — Ele tem bastante de malandragem austríaca e da impetuosidade ianque. Não acho que Willi

Neuchtreiter o fizesse Seria duro para ele quebrar tantas regras quando não é ele quem está sendo ameaçado. O que diz Duke Starke? E Tom Lochart e Rudi?

— Ainda não sei. Eu mandei uma carta para Duke, via Johnny Hogg, na quarta-feira.

— Isso não é um tanto perigoso?

— Sim e não. Johnny Hogg é um mensageiro de confiança, mas este é um grande problema...

conseguir comunicar-me em segurança. Tom Lochart estará em Kowiss em breve. Você soube a respeito de Zagros?

— Se soube! Aquele pessoal da montanha é todo doido. E quanto ao velho Rudi?

— Ainda não sei como contactá-lo em segurança. Talvez Mac tenha alguma ideia. Vou viajar no 125 que vai de manhã para Teerã e nós vamos conversar no aeroporto. Depois eu torno a voltar para cá e tenho uma reserva no voo noturno para Londres.

— Você está exagerando um pouco, não está, meu velho?

— Estou com alguns problemas, Scrag.

Gavallan ficou olhando para o copo, girando distraidamente o uísque em volta dos cubos de gelo.

Outros hóspedes passavam de um lado para o outro Três eram moças, de biquíni, com a pele dourada, longos cabelos pretos, com as toalhas jogadas displicentemente nos ombros. Scragger viu-as, suspirou e depois tornou a concentrar a atenção em Gavallan.

— Andy, talvez eu tenha que levar Kasigi de volta para a Irã-Toda dentro de um ou dois dias... O velho George está lambendo os pés de Kasigi desde que ele concordou em pagar dois dólares a mais sem reclamar Kasigi acha que o barril vai subir para vinte dólares até o Natal A preocupação de Gavallan aumentou — Se isto acontecer, vai repercutir em todas as nações industrializadas A inflação vai tornar a subir.

Acho que ninguém sabe disso melhor do que eles — Mais cedo, assim que Scragger falara em Kasigi e em Toda, ele reagira imediatamente, uma vez que a Struan's forneceu pessoal e fretou muitos dos navios construídos pela Toda e eram velhos associados.

— Há anos, eu conheci o patrão desse Kasigi, um homem chamado Hiro Toda. Ele alguma vez mencionou isso?

— Não, não. Nunca. Onde você o conheceu? No Japão?

— Não, em Hong Kong. Toda estava tratando de negócios com a Struan's, a companhia para a qual eu trabalhava, naquela época era a Navegação Toda, construtores de navios, não o enorme conglomerado que é hoje. — O rosto de Gavallan endureceu. — Eu venho de uma família de antigos comerciantes de Xangai. A nossa companhia foi mais ou menos exterminada durante a Primeira Guerra, então nós nos juntamos à Struan's. O meu velho estava em Nanquim em 1931 quando os japoneses a saquearam e ele foi preso em Xangai logo depois de Pearl Harbor e nunca chegou a sair do campo de prisioneiros. — Ele observou os reflexos no seu copo, com a melancolia aumentando.

— Nós perdemos bons amigos em Xangai e em Hong Kong. Eu não poderei jamais perdoá-los pelo que fizeram na China, mas a vida continua, não é? A gente tem que enterrar o passado algum dia, embora seja bom conservar as cicatrizes.

— Comigo é a mesma coisa — Scragger deu de ombros. — Kasigi parece ser um bom sujeito.

— Onde ele está agora?

— No Kuwait. Ele vai voltar amanhã e eu tenho que levá-lo para Lengeh de manhã.

— Se você for até a Irã-Toda, acha que pode dar um jeito de se encontrar com Rudi? Quem sabe sondá-lo um pouco?

— Claro. É uma boa ideia, Andy — Quando você estiver com Kasigi, diga-lhe que eu conheço o seu presidente.

— Claro, claro que sim. Eu poderia perguntar-lhe se.. — ele parou e olhou por cima do ombro de Gavallan: — Veja Andy, que colírio para os olhos!

Gavallan olhou em direção ao poente. O pôr-do-sol estava maravilhoso — vermelhos, roxos, marrons e dourados colorindo as nuvens distantes, o sol já quase todo sob o horizonte, colorindo de sangue as águas do golfo, a brisa fazendo tremular a luz das velas sobre as mesas postas para o jantar no terraço.

— Você tem razão, Scrag — disse imediatamente. — É a hora errada para se falar em coisas sérias, isso pode esperar. Não há nada no mundo que se compare a um pôr-do-sol.

— Hein? — Scragger olhou para ele sem compreender. — Pelo amor de Deus, eu não estava me referindo ao pôr-do-sol, eu estava me referindo à garota.

Gavallan suspirou. A garota era Paula Giancani, que tinha acabado de sair da piscina, com um biquíni mínimo, as gotas de água brilhando na sua pele cor de azeitona. Ela enxugou as pernas, os braços e as costas e tornou a enxugar as pernas, vestindo um roupão atoalhado, totalmente consciente de que não havia nenhum homem nas redondezas que não estivesse apreciando a sua performance — e nenhuma mulher que não estivesse com inveja - Você é um tremendo filho da mãe, Scrag Scragger riu e carregou no sotaque — E a minha única alegria na vida, seu bode velho! Cristo, essa Paula é demais!

Gavallan examinou-a.

— Bem, as garotas italianas geralmente têm algo de especial, mas esta jovem... ela não é uma beleza estonteante como Xarazade nem tem o mistério exótico de Azadeh, mas eu concordo, Paula é demais.

E como os demais, eles ficaram olhando enquanto ela caminhava por entre as mesas, acompanhada pelo desejo e pela inveja, até desaparecer no vasto saguão do hotel. Eles iam jantar todos juntos mais tarde, Paula, Genny, Manuela, Scragger, Gavallan, Sandor Petrofi e John Hogg. O jumbo da Alitalia de Paula estava outra vez em Dubai, a poucos quilômetros dali, aguardando autorização para seguir para Teerã e buscar mais um carregamento de italianos, e Genny McIver tinha-se encontrado com ela por acaso, fazendo compras. Scragger suspirou.

— Andy, meu velho, não há dúvida de que eu gostaria de ir para a cama com ela.

— Não lhe faria o menor bem, Scrag.

Gavallan deu uma risada e pediu mais um uísque com soda a um garçom paquistanês sorridente, impecavelmente vestido, que veio na mesma hora. Alguns dos outros hóspedes já estavam elegante e

luxuosamente vestidos para jantar, na última moda de Paris, com muitos decotes, dinner jackets brancos e engomados — junto com roupas mais esportivas e igualmente caras. Gavallan usava um terno de tropical bem cortado, Scragger estava de uniforme, camisa branca de manga curta com dragonas, calças e sapatos pretos.

— Cerveja, Scrag?

— Não, obrigado, companheiro. Eu vou acabar esta e me preparar para a Estonteante Paula.

— Sonhador! — Gavallan tornou a se virar na direção do pôr-do-sol, sentindo-se melhor, mais confiante, na companhia desse velho amigo. O sol já estava quase todo abaixo do horizonte, mais lindo do que nunca, fazendo-o lembrar dos entardeceres da China nos velhos tempos, levando-o de volta a Hong Kong e Kathy e Ian, para a alegria da Casa Grande do Penhasco, a família inteira forte e saudável, a casa deles num promontório em Shek-o, quando eles eram jovens e estavam todos juntos, Melinda e Scot ainda crianças, amahs indo e vindo, sampanas, traineiras e navios de todos os tamanhos lá embaixo, ao pôr-do-sol, num mar sem perigos.

O restinho de sol desapareceu sob o mar. Com grande solenidade, Gavallan bateu palmas baixinho.

— Por que isso, Andy?

— Hum? Oh, sinto muito, Scrag. Nos velhos tempos nós costumávamos aplaudir o sol, Kathy e eu, assim que ele desaparecia. Para agradecer ao sol por existir, pelo espetáculo ímpar e por estarmos vivos e podermos desfrutá-lo... aquele pôr-do-sol estava sendo visto pela última vez. Como hoje.

Você nunca mais vai tornar a ver este pôr-do-sol. — Gavallan tomou um gole do seu uísque, admirando o entardecer. — A primeira pessoa que me fez pensar nisso foi um cara maravilhoso, nós nos tornamos grandes amigos... ainda o somos. Um grande homem, sua mulher também é formidável.

Algum dia vou contar-lhe a respeito deles. — Ele virou as costas para o poente, inclinou-se e disse baixinho: — Lengeh, você acha que é possível?

— Oh, sim, se fôssemos apenas nós em Lengeh. Ainda assim teríamos que planejar cuidadosamente, o radar de Kish está mais

sensível do que nunca, mas poderíamos esgueirar-nos por baixo dele no dia certo. O grande problema é que o nosso pessoal iraniano, bem como o nosso atualmente simpático mas zeloso komiteh e o nosso novo palhaço antipático da IranOil saberiam em poucos minutos do nosso golpe, não poderiam deixar de saber com todos os aparelhos no ar. Eles se comunicariam imediatamente com o DAC e eles mandariam um alerta para Dubai, Abu Dhabi, para cá, de fato desde Omã até a Arábia Saudita, Kuwait e Bagdá, ordenando que eles apreendessem os aparelhos assim que chegássemos. Mesmo que todos nós conseguíssemos chegar até aquibem, o velho xeque é um grande sujeito, um liberal e um amigo, mas que diabo, ele não poderia ir contra o DAC iraniano, se este estivesse com a razão... e mesmo que não estivesse. Ele não poderia comprar uma briga com o Irã, ele tem uma boa percentagem de xiitas entre os ortodoxos, não tão numerosos quanto outros Estados do golfo, mas em número maior do que muitos.

Gavallan levantou-se e caminhou até a beirada do terraço e olhou para a velha cidade lá embaixo — antigamente um porto de pérolas, um domínio de piratas e um mercado de escravos, um centro de comércio e como Sohar no Omã, chamada de Porto da China. Desde a antigüidade, o golfo era o traço de união marítimo entre o Mediterrâneo — na época o centro do mundo — e a Ásia.

Mercadores fenícios dedicados à navegação, que vinham originalmente de Omã, dominavam esta rota de comércio incrivelmente rica, descarregando as mercadorias da Ásia e da Índia em Shatt-al-Arab, e dali por uma curta rota de caravana até os seus mercados, eventualmente construindo os seus próprios impérios no Mediterrâneo, fundando cidade-estado como Cartago, que ameaçaram a própria Roma.

A velha cidade murada estava linda ao escurecer, com seus telhados chatos, protegida de construções modernas, com a fortaleza do xeque dominando-a. Ao longo dos anos, Gavallan passara a conhecer e admirar o velho xeque. O domínio estava cercado pelos Emirados mas era um território independente e soberano com pouco mais de trinta quilômetros de profundidade e dez quilômetros de costa. Mas no fundo do mar, numa extensão de

150 quilômetros até águas iranianas, havia uma lagoa de petróleo de muitos bilhões de barris, de extração fácil. Assim, Al Shargaz tinha a cidade velha e uma cidade nova com uma dúzia de hotéis modernos e arranha-céus e um aeroporto que podia receber um jumbo.

Em riqueza, não era nada comparada aos Emirados ou à Arábia Saudita ou ao Kuwait, mas havia abundância de tudo, se se escolhesse com sabedoria. O xeque era tão experiente quanto os seus ancestrais fenícios, tão ferozmente independente quanto eles, e embora ele próprio não soubesse ler nem escrever, seus filhos eram formados pelas melhores universidades do mundo. Ele, sua família e sua tribo eram os donos de tudo, a sua palavra era lei, ele era sunita, não um fundamentalista, e tolerante com os seus súditos e hóspedes estrangeiros, desde que estes se comportassem.

— Ele também detesta Khomeini e todos os fundamentalistas, Scrag.

— Sim, mas não vai ter coragem de comprar uma briga com Khomeini. Isso não vai nos ajudar.

— Mas também não vai nos prejudicar. — Gavallan sentia-se revigorado pelo pôr-do-sol. — Eu estou planejando fretar dois jumbos de carga, mandá-los para cá, e quando os nossos helicópteros chegarem, nós desmontamos os rotores, enchemos os jumbos e damos o fora. A chave é a rapidez da operação, e o planejamento.

Scragger assoviou.

— Você está realmente disposto a fazer isso?

— Estou disposto a ver se podemos fazer isso, Scrag, e quais são as chances. Esta é a questão mais importante, se perdermos todos os nossos helicópteros iranianos, equipamentos e peças, teremos que fechar. Nenhum seguro vai cobrir tudo isso e nós ainda temos que pagar o que devemos. Você é um dos sócios, vai poder ver os números hoje à noite. Eu os trouxe para você e para Mac.

Scragger pensou a respeito da sua participação na companhia, todo o interesse que ele tinha, e em Nell e nos seus filhos e nos filhos destes lá em Sydney, e na fazenda de Baldoon que fora durante um século a fazenda de criação dê gado e ovelhas da família

mas que tinha sido perdida na grande seca, e na qual ele estava de olho há anos e anos, querendo recuperar para eles.

— Eu não preciso olhar os números, Andy. Se você diz que está assim tão ruim é porque está. — Ele observava as cores do céu. — Vou lhe dizer uma coisa, eu cuido de Lengeh se você conseguir armar um plano e se os outros concordarem. Depois do jantar, talvez a gente pudesse discutir a logística por uma hora e terminar a discussão no café da manhã. Kasigi não estará de volta do Kuwait antes das nove. Nós vamos pensar em alguma coisa.

— Obrigado, Scrag. — Gavallan deu-lhe um tapa no ombro, inclinando-se para ele. — Estou muito contente por você estar aqui, por você ter estado conosco por todos esses anos. Pela primeira vez eu acho que temos uma chance e não estou sonhando.

— Com uma condição, meu velho — acrescentou Scragger. Gavallan ficou imediatamente em guarda, e disse: — Eu não posso consertar o seu exame médico se ele não estiver bom Não há nenhuma maneira de...

— Você me dá licença? — Scragger ficou triste. — Não tem nada a ver com o Dirty Duncan e o meu exame médico ele estará bom até eu ter 73 anos. Não, a condição é que no jantar você me ponha sentado ao lado da estonteante Paula, com Genny ao lado dela e Manuela do meu lado, e aquele húngaro chifrudo, Sandor, no outro extremo junto com Johnny Hogg.

— Feito!

— Grande! Agora, não se preocupe, meu velho. Eu já fui suficientemente sacaneado por generais de cinco estrelas para ter aprendido alguma coisa. Está na hora de trocar de roupa para o jantar. Lengeh já está ficando chata. — Ele se afastou, magro, ereto e animado.

Gavallan entregou o seu cartão de crédito para o sorridente garçom paquistanês.

— Não há necessidade, sahib, basta assinar a nota — disse o homem. Depois acrescentou suavemente: — Se me permite uma sugestão, effendi, quando o senhor pagar, não use o American Express, é o mais caro para a direção.

Espantado, Gavallan deixou uma gorjeta e se afastou.

Do outro lado do terraço, dois homens ficaram observando ele se afastar. Ambos estavam bem vestidos e tinham cerca de quarenta anos, um era americano, o outro do Oriente Médio. Ambos estavam usando pequenos aparelhos de surdez. O homem do Oriente Médio brincava com uma caneta-tinteiro antiquada, e quando Gavallan passou por um árabe bem vestido e uma jovem europeia muito atraente, o homem com a caneta-tinteiro ficou curioso, apontou a caneta para eles e a manteve apontada. Imediatamente, os dois homens ouviram nos seus fones de ouvido: — Minha querida, quinhentos dólares americanos está muito acima do preço de mercado — o homem estava dizendo.

— Isso depende do mercado a que você esteja se referindo, meu querido ela respondeu, com um agradável sotaque da Europa Central, e eles a viram sorrir docemente. — O preço inclui a roupa de baixo da melhor seda que você tem vontade de rasgar e o instrumento que você deseja inserido no momento apropriado. Eficiência é eficiência e serviços especiais exigem um tratamento especial e se a sua agenda só permite que seja executado entre seis e oito da noite de amanhã...

As vozes sumiram quando o homem virou a tampa e colocou a caneta na mesa com um sorriso irônico. Ele era bonito e tinha a pele cor de azeitona, trabalhava em importação e exportação de tapetes como gerações de antepassados seus, fora educado na América e seu nome era Aaron Ben Aaron — mas sua principal ocupação era no Serviço Secreto israelense.

— Eu nunca teria imaginado que Abu bin Talak fosse tão tarado — disse secamente.

O outro homem resmungou.

— Eles são todos tarados. Eu não teria imaginado que a garota fosse uma prostituta.

Os longos dedos de Aaron brincaram com a caneta, relutando em largá-la.

— Aparelhinho bom este, Glenn, poupa um bocado de tempo. Gostaria de ter tido um desses a mais tempo.

— A KGB lançou um novo modelo este ano, com um alcance de cem metros. — Glenn Wesson tomou um gole do seu bourbon com

gelo. Ele era americano, um antigo negociante de petróleo. Sua profissão verdadeira era agente da CIA — Não é tão pequena quanto esta mas funciona.

— Você pode arranjar-nos algumas?

— É mais fácil você fazer isso. Faça os seus amigos pedirem a Washington. — Eles viram Gavallan desaparecer no saguão. — Interessante.

— O que você acha? — perguntou Aaron.

— Acho que poderíamos atirar uma companhia britânica de helicóptero aos lobos de Khomeini quando quiséssemos, junto com todos os seus pilotos. Isto faria Talbot ter um ataque, assim como Robert Armstrong e todo o M16, o que não é uma má ideia. — Wesson riu baixinho. — Talbot precisa de um bom susto de vez em quando. Qual é o problema com a S-G? Você acha que eles são uma operação disfarçada do M16?

— Não temos certeza do que eles estão tramando, Glenn. Nós suspeitamos exatamente do contrário, foi por isso que eu achei que deveríamos investigar. Coincidências demais. Aparentemente eles são legítimos, no entanto eles têm um piloto francês, Sessonne, que está dormindo com uma mensageira muito bem relacionada da OLP, Sayada Bertolin; eles têm um finlandês, Eriki Yokkonen, intimamente associado com Abdullah Khan, e este é com toda a certeza um agente duplo inclinando-se mais para a KGB do que para o nosso lado e que é franca e violentamente anti-semita; Yokkonen é muito amigo do homem do Serviço Secreto da Finlândia, Christian Tollonen, que é suspeito por definição, as ligações familiares de Yokkonen na Finlândia colocam-no na posição certa para ser um perfeito agente soviético disfarçado e nós acabamos de receber uma informação de que ele está lá em Sabalan com o seu 212, ajudando os soviéticos a desmontar todos os postos de radar de vocês.

— Jesus. Você tem certeza?

— Não. Eu disse que foi uma informação. Mas nós estamos checando. Em seguida, o canadense Lochart: Lochart é casado com uma moça de uma conhecida família anti-sionista de lojistas do bazar, agentes da OLP estão morando no seu apartamento atualmente, e...

— Sim, mas nós soubemos que o lugar foi confiscado e não se esqueça de que ele tentou ajudar aqueles oficiais pró-xá e pró-Israel a escapar.

— Sim, mas eles foram abatidos lá em cima, estão todos mortos e, curiosamente, ele está vivo. Valik e o general Seladi estariam certamente incluídos ou apoiando qualquer gabinete formado no exílio.

Nós perdemos mais dois aliados muito importantes. Lochart é suspeito, sua mulher e a família dela são pró-Khomeini, o que significa contra nós. — Aaron sorriu sardonicamente. — Nós não somos o grande Satã depois de vocês? Depois: o americano Starke ajudou a sufocar um ataque fedayim a Bandar Delam, e se tornou muito amigo de outro feroz inimigo do xá e de Israel, o fanático Zataki que...

— Quem?

— Um inimigo do xá, intelectual, muçulmano sunita que organizou as greves dos campos de petróleo de Abadan, que explodiu três postos policiais e que agora está comandando o Komiteh Revolucionário de Abadan e que não deverá viver muito. Uma bebida?

— Claro, obrigado. O mesmo. Você mencionou Sayada Bertolin. Ela também está sendo vigiada por nós. Você acha que ela pode mudar de lado?

— Eu não confiaria nela. A melhor coisa a fazer com ela é simplesmente vigiá-la e ver a quem ela pode levar. Nós estamos atrás do seu controlador. Ainda não conseguimos identificá-lo. — Aaron pediu a bebida de Wesson e uma vodca para ele. — Vamos voltar à S-G. Então Zataki é um inimigo.

Starke fala farsi, como Lochart. Ambos andam em más companhias. Depois vem Sandor Petrofi: dissidente húngaro com a família ainda morando na Hungria, outro agente em potencial da KGB ou pelo menos um instrumento da KGB Rudi Lutz, alemão, com família do outro lado da Cortina de Ferro, sempre um suspeito; Neuchtreiter, em Lengeh, a mesma coisa. — Ele fez um sinal para onde Scragger estivera sentado. — O velho é simplesmente um assassino treinado, um mercenário capaz de apontar para nós, para

você, para qualquer um com o mesmo resultado. Gavallan? Você deveria mandar o seu pessoal em Londres vigiá-lo. Não se esqueça de que foi ele quem escolheu todos os outros, não se esqueça de que ele é britânico possivelmente a sua operação não passa de um disfarce para uma operação da KGB e...

— De jeito nenhum — disse Wesson, subitamente irritado. Maldição, pensou, por que esses sujeitos são tão paranoicos?, até o velho Aaron, que é um dos melhores. — É conveniente demais. De jeito nenhum.

— Por que não? Ele poderia estar enganando-os. Os britânicos são mestres nisso, como Philby, McLean, Blake e todo o resto.

— Como Crosse. — Os lábios de Wesson estreitaram-se. — Nisso você está certo, meu velho.

— Quem?

— Roger Crosse. Há uns dez anos atrás, o Senhor Espião-Mestre, mas morto e enterrado com toda a habilidade que os ingleses têm. Ele é um daqueles do clube dos Velhos Camaradas, o pior traidor de todos.

— Quem foi Crosse?

— O antigo patrão e amigo de Armstrong do Setor Especial de Hong Kong nos velhos tempos.

Oficialmente um diretor sem importância do M16, mas na verdade o chefe das suas operações mais importantes, do Serviço Secreto Especial, traidor, executado pela KGB a seu próprio pedido pouco antes de o pegarmos.

— Vocês provaram isto? Que eles o executaram?

— Claro. Um dardo envenenado a curta distância, foi isso que o matou. Nós o havíamos encurralado, não havia nenhum modo dele poder escapar como os outros. Nós o tínhamos nas mãos, agente triplo.

Nessa época, nós tínhamos um informante dentro da embaixada soviética em Londres, um cara chamado Brodnin. Ele nos entregou Crosse e desapareceu, pobre infeliz, alguém deve tê-lo entregue.

— Malditos britânicos, eles cultivam espiões como se fossem pulgas.

— Não é verdade, eles têm também alguns grandes pegadores. Todos nós temos traidores.

— Nós não temos.

— Não aposte nisso, Aaron. — Wesson disse com amargura. — Há traidores em toda parte. Com todos os vazamentos de informação que tem havido no Irã, antes e depois da saída do xá, tem que haver algum outro traidor muito bem posicionado do nosso lado.

— Talbot ou Armstrong? Wesson estremeceu.

— Se for um dos dois é melhor a gente pedir demissão.

— É isso que o inimigo quer que você faça, peça demissão e dê o fora do Oriente Médio. Mas nós não podemos fazer isso, por isso é que pensamos de modo diferente — disse Aaron, com os olhos escuros e frios, o rosto determinado, observando-o cuidadosamente. — Por falar nisso, por que o nosso velho amigo coronel Hashemi Fazir deveria escapar impune do assassinato do novo chefe da Savama, general Janan?

Wesson empalideceu.

— Janan está morto? Tem certeza?

— Uma bomba no carro, segunda à noite. — Os olhos de Aaron estreitaram-se. — Por que tanta tristeza? Ele era um dos seus?

— Poderia ter sido. Nós, ahn, estivemos negociando. — Wesson hesitou, depois suspirou. — Mas Hashemi ainda está vivo? Pensei que ele estivesse na lista de condenações prioritárias do Komiteh Revolucionário.

— Ele esteve, mas não está mais. Ouvi dizer esta manhã que o nome dele foi retirado, o seu posto confirmado, reintegrado no Serviço Secreto, tudo isto, supostamente, com a aprovação lá do alto.

Aaron tomou um gole do seu drinque.

— Se ele está outra vez por cima, depois de tudo o que fez pelo xá e por nós, ele tem que ter um protetor muito forte.

— Quem? — Wesson viu o outro dar de ombros, examinando o terraço com os olhos. O seu sorriso desapareceu. — Isso pode significar que ele esteve trabalhando para Khomeini o tempo todo.

— Talvez. — Aaron tornou a brincar com a caneta-tinteiro. — Uma outra curiosidade. Na terça-feira, Hashemi foi visto embarcando no 125 da S-G junto com Armstrong, no aeroporto de Teerã; eles foram para Tabriz e voltaram três horas depois.

— Não é possível!

— O que significa tudo isso?

— Jesus, eu não sei, mas acho melhor descobrirmos. — Wesson baixou ainda mais a voz. — Uma coisa é certa, para Hashemi ter recuperado o prestígio, ele tem que saber onde estão enterrados cadáveres muito importantes, hein? Uma informação dessas seria muito valiosa... muito valiosa, digamos! para o xá.

— O xá? — Aaron esboçou um sorriso mas parou quando viu a expressão de Wesson. — Você não imagina seriamente que o xá tenha alguma chance de voltar, não é?

— Coisas mais estranhas têm acontecido, meu velho — disse Wesson, Confiantemente, e terminou o seu drinque. Por que será que esses caras não entendem o que está acontecendo no mundo?, pensou.

Já estava na hora deles ficarem mais espertos, de pararem de só pensar em Israel, a OLP e o Oriente Médio, e dar-nos espaço para manobrar. — É claro que o xá tem uma chance, embora a chance do seu filho seja maior. Assim que Khomeini estiver morto e enterrado, haverá uma guerra civil, o exército assumirá e eles precisarão de um governante. Reza daria um bom monarca constitucional.

Aaron Ben Aaron disfarçou com dificuldade a sua descrença, espantado por Wesson ser tão ingênuo.

Depois de todos os anos que você passou no golfo e no Irã, pensou, como consegue se enganar tanto a respeito das forças que estão destruindo o Irã? Se ele fosse um homem diferente, teria xingado Wesson pela estupidez que ele representava, deixando de perceber as centenas de sinais de alarme, as montanhas de relatórios do serviço secreto, reunidos a custo de tanto sangue e deixados de lado sem serem lidos, os anos de súplicas a políticos, generais e serviços de espionagem — americanos e iranianos — avisando-os da revolução que estava se formando.

Tudo sem resultado. Durante anos e anos. É a Vontade de Deus, pensou Deus não quer que as coisas sejam fáceis para nós. Fáceis? Ao longo de toda a história, as coisas nunca foram fáceis para nós.

Nunca.

Ele viu Wesson observando-o.

— O quê?

— Espere e verá. Khomeini é um homem velho, não vai durar até o fim do ano. Ele está velho e o tempo está a nosso favor. Espere e verá.

— Vou esperar. — Aaron desistiu de discutir. — Enquanto isso, o problema que temos nas mãos é o seguinte: a S-G poderia ser uma fachada para células inimigas. Pensando bem, pilotos de helicóptero especializados em apoiar a indústria de petróleo seriam trunfos valiosos para todo tipo de sabotagens, se as coisas piorarem.

— Claro. Mas Gavallan quer sair do Irã. Você ouviu.

— Talvez ele soubesse que estávamos ouvindo, ou seja uma cilada que ele está armando.

— Vamos, Aaron. Eu acho que ele está limpo, e o resto é coincidência. — Wesson suspirou. — Está bem, eu vou mandar vigiá-lo e ele não vai nem cagar sem você ficar sabendo, mas que diabo, meu velho, os seus amigos veem inimigos até debaixo da cama, no telhado e debaixo do tapete.

— Por que não? Eles estão em toda parte: conhecidos, desconhecidos, ativos e passivos. — Aaron observava metodicamente à sua volta, checando os recém-chegados, esperando por inimigos, consciente da multidão de agentes inimigos em Al Shargaz e no golfo. E nós sabemos que há inimigos aqui, na cidade velha e na nova, subindo a estrada para Omã e descendo para Dubai, Bagdá e Damasco, para Moscou, Paris e Londres, do outro lado do mar em Nova York, indo para o sul em direção aos dois cabos, e para o norte em direção ao Círculo Ártico, onde quer que existam pessoas que não são judias. Só um judeu não é automaticamente suspeito e mesmo assim, hoje em dia, você precisa ser cuidadoso.

Há muitos entre os escolhidos que não querem o sionismo, que não querem ir para a guerra nem pagar por ela, que não querem

entender que Israel está pendurado na balança junto com o xá, o nosso único aliado no Oriente Médio e o único fornecedor da OPEP para os nossos tanques e aviões e que foi posto para fora, não querem saber que as nossas costas estão voltadas para o Muro das Lamentações e que nós temos que lutar e morrer para proteger a nossa terra sagrada de Israel, que recuperamos à custa de tantos sacrifícios, com a ajuda de Deus.

Ele olhou para Wesson, com amizade, perdoando-o pelos seus erros, admirando-o como profissional, mas com pena dele: ele não era um judeu e portanto era suspeito.

— Eu estou contente por ter nascido judeu, Glenn. Isso torna a vida muito mais fácil.

— Como?

— Você sabe onde está pisando.

NA DISCO TEX, HOTEL SHARGAZ: 23:52H.

Americanos, britânicos e franceses dominavam a sala — com alguns japoneses e outros asiáticos. A maioria era europeia, com muito mais homens do que mulheres, as idades variando entre 25 e 45 anos: a mão-de-obra estrangeira do golfo tinha que ser jovem, forte e de preferência solteira, para sobreviver à vida dura e solitária. Alguns bêbados, outros barulhentos. Feios e não tão feios, gordos e não tão gordos, a maioria deles elegantes, frustrados e vulcânicos. Alguns de Shargaz e de outras partes do golfo, mas só os ricos, os ocidentalizados, os sofisticados e os homens. Esses, em sua maioria, estavam sentados no nível superior tomando refrigerantes e apreciando as mulheres, e os poucos que dançavam, no pequeno salão lá embaixo, o faziam com mulheres europeias: secretárias, funcionárias de embaixadas, enfermeiras ou funcionárias do hotel — muito disputadas. Nenhuma mulher árabe ou de Shargaz ia lá.

Paula estava dançando com Sandor Petrofi, Genny com Scragger e Johnny Hogg estava de rosto colado com a moça com quem estivera conversando no terraço, dançando bem devagar.

— Quanto tempo você vai ficar aqui, Alexandra? — murmurou.

— Até a próxima semana, só até a próxima semana. Depois eu preciso me encontrar com meu marido, no Rio.

— Oh, mas você é tão jovem para ser casada! Você vai ficar aqui sozinha?

— Sim, sozinha, Johnny. É triste, não?

Ele não respondeu, apenas apertou-a um pouco mais e agradeceu a sorte de ter apanhado o livro que ela deixara cair no saguão. As luzes estroboscópicas o deixaram tonto por um momento, depois viu Gavallan no nível superior, em pé perto da grade, pensativo e mais uma vez sentiu pena dele. Mais cedo, providenciara para ele, relutantemente, o voo noturno para Londres, tentando persuadi-lo a descansar mais um dia.

— Eu sei como os atrasos dos aviões o prejudicam, senhor.

— Não há problema, Johnny, obrigado. A nossa partida para Teerã ainda está marcada para as dez horas?

— Sim, senhor. Ainda temos prioridade para decolar. Assim como o voo para Tabriz.

— Vamos torcer para que corra tudo bem, e possamos chegar lá e voltar imediatamente.

John Hogg sentiu o corpo da moça de encontro ao seu.

— Você quer jantar amanhã? Eu devo estar de volta lá pelas seis.

— Talvez. Mas não antes das nove.

— Perfeito.

Gavallan olhava os pares que dançavam, mal enxergando-os, depois virou-se, desceu a escada e saiu para o terraço. A noite estava linda, uma lua enorme, sem nuvens. Em volta havia uma grande extensão de jardins bem tratados, delicadamente iluminados, cercados de muros, com alguns dos chafarizes ligados.

O Shargaz era o maior hotel do país, de um lado o mar, do outro o deserto, sua torre tinha 18 andares, com cinco restaurantes, três bares, salão para coquetéis, café, discoteca, duas piscinas, saunas, salas de vapor, quadras de tênis, salão de ginástica, um local para

compras com uma dúzia de butiques e antiquários, uma loja de tapetes Aaron, salões de cabeleireiros, uma sala de vídeo, padaria, jogos eletrônicos, escritórios de telex, um grupo de datilógrafas e, como todos os modernos hotéis europeus, todos os quartos tinham ar-condicionado, banheiros completos, serviço de quarto 24 horas por dia — geralmente feito por sorridentes paquistaneses — lavagem de roupa para o mesmo dia, serviço instantâneo de passar roupa, uma TV a cores em todos os quartos, cinema, um canal ligado com o mercado de ações e ligações por satélite com todas as capitais do mundo.

É verdade, pensou Gavallan, mas ainda assim é um gueto. E embora os governantes de Al Shargaz, Dubai e Sharjah sejam liberais e tolerantes, os estrangeiros possam beber nos hotéis, e possam até comprar bebidas, que Deus o ajude se você revendê-las para muçulmanos. As nossas mulheres podem dirigir, fazer compras e passear, mas não há nenhuma garantia de que isso vá durar. A poucas centenas de metros de distância, os habitantes de Shargaz estão vivendo como têm vivido há séculos, a poucos quilômetros de distância, do outro lado da fronteira, a bebida é proibida, uma mulher não pode dirigir nem andar sozinha na rua e tem que cobrir o cabelo e os braços e ombros e usar calças folgadas, e lá no deserto verdadeiro, as pessoas levam uma vida miserável.

Há alguns anos, ele tinha alugado um Range Rover e um guia e, junto com McIver e Genny e sua nova mulher, Maureen, fora para o deserto para passar a noite num dos oásis na beira do Rub'al-Khali, a Região Vazia. Tinha sido um dia de primavera perfeito. Poucos minutos depois deles terem passado pelo aeroporto, a estrada transformara-se numa trilha que terminou rapidamente e eles se viram viajando através da vasta extensão de pedras, sob o céu. Fizeram um piquenique e depois continuaram, algumas vezes em terreno arenoso, ou-trás vezes em terreno rochoso, atravessando uma região selvagem onde não chovia nunca e não crescia nada. Nada. Quando pararam e desligaram o motor, o silêncio chegou até eles como se fosse uma presença física, o sol se pôs e o espaço os envolveu.

A noite era negra, as estrelas enormes, as tendas boas, os tapetes macios e o silêncio ainda maior, o espaço ainda maior, era inconcebível todo aquele espaço.

— Eu odeio isso, Andy — murmurara Maureen. — Isso me assusta barbaramente.

— A mim também. Não sei por que, mas assusta. — Em torno das palmeiras do oásis, o deserto se estendia em direção a todos os horizontes, ameaçador e sobrenatural. — A imensidão parece sugar a sua vida. Imagine como será no verão!

— Isto me faz sentir menos que um grão de areia — ela tremeu. — Está me esmagando, me fazendo perder o equilíbrio. Bem, rapaz, uma vez é o bastante para mim. O que serve para mim é a Escócia.

Londres um pouquinho, e aqui nunca mais.

E ela nunca mais tinha voltado. Como a Nell de Scrag, pensou. Eu não as culpo. Já é bastante duro para os homens aqui no golfo, imagine para as mulheres... Ele olhou em volta. Genny estava saindo do salão pelas janelas francesas, abanando-se, parecendo muito mais jovem do que em Teerã.

— Olá, Andy. Você é que é esperto, está tão abafado lá dentro, e a fumaça, ugh!

— Eu nunca fui muito de dançar.

— Eu só danço quando Duncan não está comigo. Ele é tão antiquado. — Ela hesitou. — No voo de amanhã, você acha que eu po...

— Não — ele disse bondosamente. — Ainda não. Daqui a uma semana, mais ou menos. Deixe a poeira assentar.

Ela concordou, sem esconder a decepção.

— O que foi que Scrag disse?

— Sim, se os outros concordarem e se for viável. Nós tivemos uma boa conversa e vamos tomar café juntos amanhã. — Gavallan pôs o braço em volta dela e deu-lhe um abraço. — Não se preocupe com Mac, eu vou me certificar de que ele esteja bem.

— Eu tenho outra garrafa de uísque para ele, você não se importa, não é?

— Vou colocar na minha valise. Nós recebemos ordens do DAC para não carregar bebidas no compartimento de bagagem dos

aviões, mas não há problema, eu levo na bagagem de mão.

— Então talvez seja melhor não levar, não desta vez. — Ela ficou perturbada pela seriedade dele, tão pouco comum. Pobre Andy, todo mundo pode ver que ele está fora de si de tão preocupado. — Andy, posso fazer uma sugestão?

— É claro, Genny.

— Use esse coronel e Robert, quer dizer, Armstrong, esse pessoal importante que você tem que transportar para Tabriz. Por que não pedir a elas para deixarem você voltar por Kowiss? Diga que você tem que apanhar alguns motores para consertar. Então você pode falar diretamente com Duke.

— Muito boa ideia. Você vai ser a primeira da classe.

Ela se inclinou e lhe deu um beijo fraterno.

— Você também não é assim tão mau. Bem, vou voltar para o baile. Desde a guerra que não sou tão popular. — Ela riu e ele também. — Boa noite, Andy.

Gavallan voltou para o seu hotel, que ficava um pouco adiante. Ele não notou os homens que o seguiam, nem que o seu quarto tinha sido revistado, seus papéis lidos, nem que tinham colocado aparelhos de escuta no quarto e no telefone.

SÁBADO

24 de fevereiro

46

NO AEROPORTO INTERNACIONAL DE TEERÃ: 11:58H.

A porta da cabine do 125 fechou-se atrás de Robert Armstrong e do coronel Hashemi Fazir. Lá da cabine do piloto, John Hogg levantou os polegares para Gavallan e McIver, que estavam em pé na pista, ao lado do carro, e saiu taxiando, em direção a Tabriz. Gavallan tinha acabado de chegar de Al Shargaz e este era o primeiro momento que ele tinha a sós com McIver.

— Como estão as coisas, Mac? — perguntou, com o vento gelado levantando as suas roupas de inverno e fazendo a neve rodopiar em volta deles.

— Problemas, Andy.

— Eu sei disso. Conte-me rapidamente. McIver aproximou-se.

— Eu acabei de saber que temos menos de uma semana antes que segurem os nossos aparelhos no chão aguardando a nacionalização.

— O quê? — Gavallan ficou subitamente estatelado. — Foi Talbot quem lhe contou?

— Não, Armstrong, há poucos minutos atrás, quando o coronel foi ao banheiro e nós ficamos sozinhos. — O rosto de McIver contorceu-se. — O filho da mãe me contou isso com aquela sua gentileza fingida: "Eu não contaria com mais de dez dias se fosse você. Uma semana seria mais seguro. E não se esqueça, sr. McIver, em boca fechada não entra mosca."

— Meu Deus, ele sabe que estamos planejando algum? coisa? —
Uma rajada de vento cobriu-os de neve.

— Eu não sei, simplesmente não sei, Andy.

— E quanto ao HBC? Ele disse alguma coisa?

— Não. Quando eu perguntei sobre os papéis, ele só disse: "Eles estão em segurança".

— Ele disse onde deveríamos nos encontrar hoje? McIver sacudiu a cabeça.

— "Se eu voltar em tempo, entrarei em contato". Filho da mãe.

— E puxou com violência a porta do carro.

Nervoso, Gavallan limpou a neve da roupa e entrou. As janelas estavam fechadas. McIver ligou o descongelador e o ventilador no máximo, o aquecimento também no máximo, depois colocou um cassete para tocar, aumentou o volume e depois tornou a baixar, praguejando.

— O que houve mais, Mac?

— Tudo — McIver explodiu. — Erikki foi sequestrado pelos soviéticos ou pela KGB e está em algum lugar perto da fronteira da Turquia com o 212, fazendo sabe Deus o quê. Nogger acha que ele foi forçado a ajudá-los a esvaziar os postos secretos de radar dos americanos. Nogger, Azadeh, dois dos nossos mecânicos e um capitão britânico escaparam vivos de Tabriz por um triz, eles chegaram ontem e estão na minha casa... pelo menos estavam quando saí hoje de manhã. Meu Deus, Andy, você precisava ter visto o estado em que eles estavam quando chegaram. O capitão é o mesmo que salvou a vida de Charlie em Doshan Tappeh e que Charlie deixou em Bandar-e Pahlavi...

— Ele o quê?

— Foi uma operação secreta. Ele é um capitão dos gurkhas... o nome é Ross, John Ross, ele e Azadeh estavam bastante incoerentes, Nogger também estava um bocado nervoso, e, bem, pelo menos eles estão seguros agora... — A voz de McIver falseou.
— Sinto dizer que perdemos um mecânico em Zagros, Effer Jordon, ele levou um tiro e...

— Jesus Cristo! O velho Effer está morto?

— Sim... sim, temo que sim e o seu filho foi atingido... nada de grave — McIver acrescentou apressadamente ao ver Gavallan empalidecer. — Scot está bem, ele...

— Como foi?

— A bala entrou na carne do ombro direito. Nenhum osso foi atingido, foi só uma ferida na carne.

Jean-Luc disse que eles têm penicilina, um médico e a ferida está limpa. Scot não poderá pilotar o 212 amanhã para Al Shargaz, então eu pedi a Jean-Luc para fazê-lo e levar Scot com ele, depois voltar para Teerã no próximo voo do 125 e então nós o faremos voltar para Kowiss.

— Que diabo aconteceu?

— Não sei exatamente. Recebi uma mensagem atrasada de Starke, esta manhã, e ele tinha acabado de receber a notícia de Jean-Luc. Parece que há terroristas agindo em Zagros, suponho que seja o mesmo bando que atacou Bellissima e Rosa, eles deviam estar emboscados na floresta ao redor da nossa base. Effer Jordon e Scot estavam levando peças para embarcar no 212 logo depois do amanhecer e foram atingidos. O pobre Effer levou a maior parte dos tiros, e Scot apenas um... — Mais uma vez McIver acrescentou apressadamente, vendo a expressão de Gavallan: — Jean-Luc me assegurou que Scot está bem, Andy, juro por Deus.

— Eu não estava pensando só em Scot — Gavallan falou sombriamente. — Effer estava conosco desde o começo. Ele não tem três filhos?

— Sim, sim, tem. É terrível. — McIver engrenou e saiu com o carro através da neve, em direção ao escritório. — Eles ainda estão no colégio, eu acho.

— Vou fazer algo por eles assim que voltar. Continue e falar sobre Zagros.

— Não há muito mais o que dizer. Tom Lochart não estava lá. Ele teve que passar a noite em Kowiss na sexta-feira. Jean-Luc disse que eles não viram nenhum dos atacantes, ninguém viu, os tiros saíram da floresta. A base está um caos com os nossos aparelhos fazendo hora-extra, trazendo homens das plataformas e transportando-os em grupos para Shiraz, todo mundo se matando

de trabalhar para tirar tudo antes do prazo final: amanhã ao pôr-do-sol.

— Eles vão conseguir?

— Mais ou menos. Vamos tirar todos os nossos operários e companheiros, a maior parte das peças mais valiosas e todos os helicópteros e mandá-los para Kowiss. O equipamento de apoio da plataforma terá que ser deixado, mas isso não é responsabilidade nossa. Deus sabe o que vai acontecer com a base e as plataformas, sem manutenção.

— Vai tudo voltar a ser um deserto.

— Vai mesmo, que maldito desperdício! Que estupidez! Eu perguntei ao coronel Fazir se havia algo que ele pudesse fazer. O filho da mãe apenas deu aquele seu sorriso safado e disse que já era difícil descobrir o que estava acontecendo no escritório ao lado em Teerã, imagine lá no sul. Eu perguntei a ele sobre o komiteh no aeroporto, se eles não poderiam ajudar? Ele disse que não, que os komitehs não têm quase nenhuma ligação com ninguém, nem mesmo em Teerã. Ele disse exatamente o seguinte: "Lá em Zagros, no meio de nômades semicivilizados e nativos, a menos que você tenha armas, que seja iraniano, de preferência um aiatolá, o melhor que você tem a fazer é obedecer." — McIver tossiu e assou o nariz com irritação. — O desgraçado não estava rindo de nós, Andy. Mas também não estava infeliz.

Gavallan sentia-se desanimado, tantas perguntas a serem respondidas, tudo ameaçado, aqui e em casa. Uma semana até o dia fatal, Graças a Deus que Scot... pobre Effer... Meu Deus, Scot ferido! Ele olhou sombriamente para fora e viu que estavam se aproximando da área de carga.

— Pare o carro um minuto, Mac, é melhor conversar em particular, não?

— Desculpe, sim, eu não estou raciocinando com clareza.

— Você está bem, isto é, a sua saúde?

— Oh, estou ótimo, se ao menos eu conseguisse me livrar dessa tosse... É só que... é só que estou com medo. — McIver disse isso sem se alterar, mas o fato dele admitir isso perturbou Gavallan. — Eu estou descontrolado, já perdi um homem, há o problema do HBC

como uma espada sobre as nossas cabeças, o velho Erikki está em perigo, todos nós estamos em perigo, a S-G e tudo o que lutamos para construir. — Ele brincou com a direção. — Gen está bem?

— Sim, está — Gavallan respondeu pacientemente, preocupado com ele. Era a segunda vez que respondia a essa pergunta. McIver havia-lhe perguntado isso assim que ele descera os degraus do 125. — Genny está ótima, Mac — respondeu, repetindo o que já dissera antes. — Estou trazendo uma carta dela, ela conversou com Hamish e Sarah, as duas famílias estão bem e o jovem Angus já tem o seu primeiro dente. Está tudo bem em casa e eu estou com uma garrafa de Loch Vay na minha maleta, que ela mandou para você. Ela tentou entrar no 125 sem que Johnny Hogg percebesse, para se esconder no banheiro, mesmo depois de eu ter dito que não. — Pela primeira vez ele viu a sombra de um sorriso no rosto de Mac.

— Genny é intratável, não há dúvida. Estou contente que ela esteja lá e não aqui, muito contente, mas é estranho como sentimos falta delas. — McIver ficou olhando para a frente. — Obrigado, Andy.

— De nada. — Gavallan pensou por um momento. — Por que mandar o Jean-Luc levar o 212? Por que não Tom Lochart? Não seria melhor tirá-lo daqui?

— É claro, mas ele não sai do Irã sem Xarazade... este é outro problema.

— A música do cassete acabou e ele pôs para tocar o outro lado. — Eu não consigo encontrá-la.

Tom estava preocupado com ela, pediu-me para ir até a casa da família dela perto do bazar, o que fiz. Não obtive resposta, não parecia haver ninguém lá, Tom tem certeza que ela foi à Marcha de Protesto das mulheres.

— Cristo! Nós soubemos dos tumultos e das prisões pela BBC, e das agressões de uns loucos contras algumas das mulheres. Será que ela foi presa?

— Espero que não. Você soube do que aconteceu com o pai dela? Oh, é claro que sim, eu mesmo lhe contei da última vez que você esteve aqui, não foi? — McIver limpou distraidamente o vidro da frente. — O que você quer fazer? Esperar aqui até o avião voltar?

— Não. Vamos para Teerã. Nós temos tempo? — Gavallan deu uma olhada no relógio. Eram 12:25h.

— Oh, sim. Nós temos uma carga de 'mercadorias supérfluas' para embarcar. Dará tempo se formos agora.

— Ótimo. Eu gostaria de ver Azadeh e Nogger, e este homem, Ross, e principalmente Talbot.

Poderíamos passar pela casa dos Bakravan para ver se temos sorte. O que acha?

— Boa ideia. Estou contente que esteja aqui, Andy, muito contente. — Ele engrenou o carro e saiu, com as rodas derrapando.

— Eu também, Mac. Na verdade, eu também nunca estive tão deprimido. McIver tossiu e pigarreou.

— As notícias de casa são muito ruins?

— Sim. — Gavallan limpou lentamente o vidro da janela do seu lado com as costas da luva. — Vai haver uma reunião especial de diretoria da Struan's na segunda-feira. Eu terei que aparecer com respostas a respeito do Irã. Uma chateação!

— Linbar estará lá?

— Sim. Aquele desgraçado vai arruinar a Casa Nobre antes de sair. É uma burrice expandir a companhia para a América do Sul quando a China está prestes a se abrir.

McIver franziu a testa ao perceber a tensão na voz de Gavallan, mas não disse nada. Há muito que sabia da rivalidade e do ódio que existia entre eles, das circunstâncias da morte de David MacStruan e da surpresa de todo mundo em Hong Kong por Linbar ter conseguido o posto mais alto. Ele ainda tinha muitos amigos na colônia que lhe enviavam recortes com os últimos boatos ou fofocas — a alma de Hong Kong — sobre a Casa Nobre e seus rivais. Mas ele nunca os discutira com o amigo.

— Sinto muito, Mac — Gavallan dissera rispidamente —, eu não quero discutir esse tipo de coisa, nem nada que diga respeito a Ian, Quillan, Linbar ou qualquer outra pessoa ligada à Struan's.

Oficialmente, eu não estou mais com a Casa Nobre. Vamos deixar as coisas como estão.

É justo, McIver pensara na época e tinha continuado a manter o acordo. Ele olhou para Gavallan. Os anos tinham sido bondosos com

Andy, disse a si mesmo, ele ainda é um homem bastante atraente, mesmo com todos esses problemas.

— Não se preocupe, Andy. Não há nada que você não possa resolver.

— Eu gostaria de poder acreditar nisso nesse momento, Mac. Sete dias representam um enorme problema, não?

— Problema é brincadeira — McIver notou que o marcador de gasolina estava no vazio e explodiu: — Alguém deve ter roubado gasolina enquanto estávamos estacionados. — Ele parou, saltou do carro e tornou a voltar, batendo a porta. — O maldito filho da mãe quebrou a fechadura. Vou ter que reabastecer. Felizmente nós ainda temos alguns tambores de vinte litros e o tanque do subsolo ainda está pelo meio com combustível de helicóptero para emergências. — E tornou a ficar em silêncio, com a mente perturbada por Zagros, Jordon, o HBC e os sete dias. Quem será que vamos perder em seguida? Silenciosamente, começou a praguejar e então ouviu a voz de Genny dizendo: "Nós podemos fazê-lo se quisermos, eu sei que podemos, eu sei..."

Gavallan pensava no filho. Eu não vou sossegar enquanto não o vir com os meus próprios olhos.

Amanhã, se tudo der certo. Se Scot não estiver de volta antes da hora do meu avião para Londres, eu cancelo e volto no domingo. E tenho que dar um jeito de ver Talbot — talvez ele possa me dar alguma ajuda. Meu Deus, só sete dias...

McIver reabasteceu o carro rapidamente, depois saiu do aeroporto e entrou no tráfego. Um grande jato de transporte da Força Aérea dos Estados Unidos passou voando baixo, pronto para aterrissar.

— Eles estão fazendo a manutenção de cerca de cinco jumbos por dia, com supervisores militares e Faixas Verdes 'supervisionando', todo mundo dando ordens, cancelando-as, e ninguém prestando atenção — disse McIver. — A BA me prometeu três lugares em cada um dos seus voos para os nossos compatriotas. Com bagagem. Eles esperam pousar um jumbo aqui dia sim, dia não.

— E o que eles querem em troca?

— As joias da Coroa! — disse McIver, tentando melhorar o ânimo deles, mas a piada soou sem graça. — Não, nada, Andy. O gerente da BA, Bill Shoesmith, é um grande amigo meu e está fazendo um grande trabalho. — Ele desviou o carro da carcaça queimada de um ônibus, que estava de lado tomando metade da estrada, como se estivesse perfeitamente bem estacionado. — As mulheres vão tornar a marchar hoje. Há rumores de que vão continuar até Khomeini ceder.

— Se elas permanecerem unidas, ele vai ter que ceder.

— Eu não sei mais o que pensar atualmente. — McIver continuou dirigindo por mais algum tempo e depois fez um sinal mostrando os pedestres que passavam para um lado e para o outro. — Eles parecem achar que está tudo bem. As mesquitas estão lotadas, as marchas de apoio a Khomeini atraem multidões, os Faixas Verdes estão combatendo destemidamente os esquerdistas, que também os combatem com a mesma coragem. — Ele tossiu. — Os nossos empregados, bem, eles me tratam com a costumeira gentileza e adulação iranianas e nunca se sabe o que eles estão realmente pensando. Mas tenho certeza que eles querem ver a gente F-O-R-A! — E subiu na calçada para evitar colidir com um carro que vinha pela contramão, tocando a buzina, andando depressa demais para as condições da estrada, depois prosseguiu. — Maldito idiota — disse. — Se não fosse pelo fato de que eu amo o velho Lulu, eu iria atrás deles e lhes daria uma lição! — Olhou para Gavallan e sorriu.

— Andy, estou muito contente por você estar aqui. Obrigado. Sinto-me melhor agora. Desculpe.

— Não há problema — Gavallan disse calmamente, mas por dentro estava fervendo. — E quanto a Turbilhão? — perguntou, incapaz de se conter.

— Bem, sejam sete dias ou setenta... — McIver desviou para evitar outro acidente, devolveu o gesto obsceno e continuou. — Vamos fingir que estamos todos de acordo e que poderíamos apertar o botão no dia D se quiséssemos, dentro de sete dias. Não, Armstrong disse que é melhor não contar com mais de uma semana, então vamos dizer seis dias a partir de hoje, na próxima sexta-feira. Uma sexta-feira seria o melhor dia de qualquer modo, não?

— Por ser o dia santo deles, sim, eu também pensei nisso.

— Então, resumindo o que Charlie e eu conseguimos imaginar:

Fase Um: De hoje em diante, mandaremos para fora todos os estrangeiros e peças que pudermos, de todas as maneiras que pudermos, no 125, de caminhão para o Iraque ou a Turquia, ou como bagagem e excesso de bagagem pela BA. De algum modo, eu vou fazer Bill Shoemsmith aumentar as nossas reservas de lugares e nos dar prioridade no espaço de carga. Nós já retiramos dois dos nossos 212 'para reparos' e o de Zagros está marcado para sair amanhã. Ainda temos cinco aparelhos aqui em Teerã, um 212, dois 206 e dois Alouettes. Vamos mandar o 212 e os Alouettes ostensivamente para atender ao pedido de helicópteros feito por 'Pé- quente', embora só Deus saiba para que ele os está querendo. Duke diz que não está usando todos os aparelhos. De qualquer maneira, vamos deixar os dois 206 aqui para disfarçar.

— Deixá-los?

— Não há nenhum modo de retirar todos os nossos helicópteros, Andy, não importa o tempo de que dispomos. Agora, no dia D menos dois, na quarta-feira, o resto do pessoal aqui do QG, Charlie, Nogger, o resto dos pilotos e mecânicos, e eu; nós embarcamos no 125 na quarta-feira e nos mandamos para Al Shargaz, a menos, é claro, que possamos retirar alguns pela BA. Não se esqueça que pensam que estamos trabalhando com força total, entra um, sai um. Depois nós...

— E quanto a papéis, vistos de saída?

— Vou tentar conseguir alguns em branco com Ali Kia. Vou precisar de alguns cheques em branco da Suíça, ele compreende pishkesh mas também é membro do conselho, muito esperto, louco por dinheiro, mas não está disposto a arriscar a pele. Se ele não puder, então nós vamos simplesmente utilizar o pishkesh para embarcar no 125. A nossa desculpa para os sócios, Ali Kia ou quem quer que seja, quando eles descobrirem que nós partimos, é que você convocou uma conferência urgente em Al Shargaz. É uma desculpa fraca, mas isso não importa. Assim termina a Fase Um. Se formos impedidos de partir, então aqui termina o Turbilhão, porque seremos usados como reféns para a devolução dos aparelhos, e eu

sei que você não vai concordar em nos sacrificar. Fase Dois: nós nos esta...

— E quanto aos pertences de vocês? E de todos os caras que têm apartamentos e casas em Teerã?

— A companhia vai ter que pagar uma indenização justa. Será parte dos lucros e prejuízos do Turbilhão. De acordo?

— E a quanto vai esse total, Mac?

— Não muito. Nós não temos outra opção.

— Sim, sim. Eu concordo.

— Fase Dois: Nós nos estabelecemos em Al Shargaz, e aí muita coisa já terá acontecido. Você já terá providenciado para que os jumbos 747 de carga cheguem a Al Shargaz na tarde do dia D menos um. Nessa ocasião, de alguma forma, Starke já terá escondido tambores de duzentos litros, em número suficiente para que eles atravessem o golfo. Outra pessoa terá escondido mais combustível em alguma ilha deserta perto da Arábia Saudita ou dos Emirados para Starke, caso ele necessite, e para Rudi e seus rapazes de Bandar Delam que precisarão dele com certeza. Scrag não tem problemas de combustível. Enquanto isso, você terá conseguido registros britânicos para todos os aparelhos que estamos planejando 'exportar', e terá conseguido permissão para atravessar o espaço aéreo do Kuwait, da Arábia Saudita e dos Emirados. Eu ficarei encarregado da operação Turbilhão propriamente dita. Na madrugada do dia D, você me diz sim ou não. Se for não, é definitivo. Se for sim, eu ainda posso cancelar esta ordem se achar prudente, e então também será definitivo. De acordo?

— Com duas condições, Mac: você me consultará antes de cancelar, da mesma forma que eu o consultarei antes de decidir sim ou não, e segundo, se não conseguirmos no dia D, tornaremos a tentar em D mais um e D mais dois.

— Está bem. — McIver deu um profundo suspiro. — Fase Três: na madrugada do dia D, ou D mais um ou D mais dois, três dias é o máximo que eu acho que podemos arriscar, nós enviaremos pelo rádio uma mensagem em código que significará 'Vá!' As três bases deverão indicar que receberam a mensagem e, imediatamente, todos os aparelhos deverão decolar e dirigir-se para Al Shargaz.

Deverá haver uma diferença de quatro horas entre a chegada de Scrag e a chegada do último aparelho, provavelmente o de Duke, se tudo correr bem. Assim que os aparelhos pousarem em qualquer lugar fora do Irã, nós substituiremos os registros iranianos por registros britânicos e estaremos legais. Assim que pousarem em Al Shargaz, os 747 serão carregados e decolarão com todo mundo a bordo. — McIver soltou o ar. — Simples.

Gavallan não respondeu imediatamente, examinando o plano, procurando os furos — a grande quantidade de riscos.

— Está bom, Mac.

— Não está, Andy, não está nada bom.

— Eu estive com Scrag ontem e tivemos uma longa conversa. Ele diz que para ele Turbilhão é possível e ele participa se pudermos realizá-lo. Disse que sondaria os outros durante o fim-de-semana e se comunicaria comigo, mas tinha certeza de que no dia marcado poderia retirar os seus aparelhos e os rapazes.

McIver balançou a cabeça mas não disse mais nada, apenas continuou a guiar, as ruas cobertas de gelo e perigosas, enfiando-se por ruazinhas para evitar as vias principais que sabia estarem congestionadas.

— Não estamos muito longe do bazar agora.

— Scrag disse que talvez pudesse ir até Bandar Delam nos próximos dias, conversar com Rudi e sondá-lo. Cartas são muito arriscadas. Por falar nisso, ele me deu um bilhete para você.

— O que está escrito, Andy?

Gavallan apanhou a sua maleta no banco de trás. Encontrou o envelope e colocou os óculos.

— Está endereçado a: "D.D. capitão McIver, Esq."

— Qualquer dia eu vou lhe dar uma lição por causa do seu maldito 'Dirty Duncan' — disse McIver.

— Leia para mim.

Gavallan abriu o envelope, tirou o papel que tinha um outro preso nele e resmungou.

— A carta diz apenas: "Foda-se." Junto vem um relatório médico... — Deu uma olhada nele — ...

assinado pelo dr. G. Gernin, consulado da Austrália, Al Shargaz. O velho filho da mãe está com o colesterol normal, sua pressão arterial é 13 por 8, açúcar normal... tudo normal e tem um P.S. na letra de Scrag: "Eu vou te dar um porre no meu aniversário, quando eu fizer 73 anos, seu velho corno!"

— Espero que sim, mas ele não vai conseguir, o tempo não está do lado dele. Ele... — McIver freou cuidadosamente. A rua ia dar na praça em frente à mesquita do bazar, mas a saída estava bloqueada por homens aos gritos, alguns sacudindo armas. Não havia nenhuma maneira de voltar ou desviar, então McIver diminuiu a marcha e parou. — São as mulheres de novo — disse, ao ver a demonstração mais adiante, com gritos e manifestações de violência. O tráfego dos dois lados da rua engarrafou imediatamente, com as buzinas tocando raivosamente. Não havia calçadas, só as costumeiras valas cheias de detritos e neve, umas poucas barracas de rua e pedestres.

Eles estavam bloqueados de todos os lados. Os assistentes começaram a juntar-se aos que estavam mais adiante, invadindo a rua, no meio dos carros e caminhões. Entre eles, havia garotos e rapazes, e um deles fez um gesto grosseiro para Gavallan pela janela lateral, um outro chutou o pára-lama e depois saíram correndo, rindo.

— Malditos filhos da mãe — McIver podia vê-los pelo espelho, com outros jovens se juntando em volta deles. Mais homens passaram, mais olhares hostis, e alguns bateram nos lados do carro com suas armas. Lá na frente, o grupo de mulheres gritando "Allah-u Akbarr" ... estava passando pela esquina.

O barulho de uma pedra batendo no carro os assustou, por pouco não atingindo a janela, depois o carro inteiro começou a balançar quando os garotos o cercaram, pulando para cima e para baixo nos pára-choques, fazendo mais gestos obscenos. A raiva de McIver explodiu e ele abriu violentamente a porta, atirando no chão uns dois garotos, depois saltou e avançou para o grupo, que se espalhou imediatamente. Gavallan saltou com a mesma rapidez, avançando contra os que estavam tentando virar o carro por trás. Agarrou um deles e o atirou longe. A maioria recuou, escorregando e gritando, em meio aos xingamentos de pedestres, mais dois dos

maiores atacaram Gavallan por trás. Ele os viu avançando e socou um no peito, empurrou o outro de encontro a um caminhão, deixando-o sem ação, e o motorista do caminhão riu e bateu na carroceria. McIver respirava com força. Os garotos estavam fora do seu alcance, gritando obscenidades.

— Cuidado, Mac!

McIver se abaixou. A pedra por um triz não o atingiu na cabeça e foi bater num caminhão e os garotos, dez ou doze deles, avançaram. Não havia nenhum lugar para onde McIver pudesse ir, e ele ficou firme ao lado do capô e Gavallan encostou as costas no carro, também preparado. Um dos garotos avançou para Gavallan com um pedaço de pau levantado como um cassetete enquanto outros três atacaram pelos lados. Ele se esquivou mas o pau atingiu seu ombro de raspão; ele prendeu a respiração, atirou-se sobre o garoto, atingiu-o no rosto, escorregou e caiu deitado na neve. Os outros vieram correndo para o linchamento. De repente, eleja não estava mais na neve, cercado de pés que chutavam, mas estava sendo ajudado a se levantar. Um Faixa Verde armado o ajudava, os garotos estavam encostados no muro sob a mira de outro, um velho mulá ali perto gritava com eles, zangado, pedestres os cercavam. Apalermado, viu que McIver também estava mais ou menos ileso perto da frente do carro, depois o mulá veio até ele e falou em farsi.

— Man zaban-e shoma ra khoob nami danam, Agha.

— Desculpe, mas não falo a sua língua, Excelência — disse Gavallan, com dor no peito.

O mulá, um velho de barba e turbante brancos e vestes pretas, virou-se e gritou por cima do barulho dos espectadores e das pessoas dos outros carros.

Relutante, um dos motoristas saltou, se aproximou e cumprimentou o mulá com deferência, ouviu o que ele disse, depois falou com Gavallan num inglês bom embora um pouco hesitante: — O mulá diz que os garotos erraram em atacá-lo, aga, e que desobedeceram à lei, e que o senhor não estava desobedecendo a nenhuma lei nem os estava provocando.

Mais uma vez ele ouviu o que o mulá dizia, depois tornou a voltar-se para Gavallan e McIver.

— Ele quer que vocês saibam que a República Islâmica é obediente às leis eternas de Deus. Os garotos desobedeceram à lei que proíbe que se ataquem estrangeiros desarmados que estão pacificamente ocupando-se dos seus negócios. — O homem, barbado, de meia-idade, com as roupas gastas, voltou-se para o mulá que agora se dirigia em voz alta à multidão e aos garotos e houve aprovação e concordância por parte de todos. — Vocês são testemunhas de que a lei é cumprida, os culpados são punidos e a justiça é feita imediatamente.

O castigo são cinquenta chicotadas, mas primeiro os garotos vão pedir perdão a vocês e a todos os outros que se encontram aqui.

Em meio ao tumulto da demonstração que acontecia ali ao lado, os garotos aterrorizados foram empurrados e chutados para perto de McIver e de Gavallan, foram colocados de joelhos e pediram perdão servilmente. Depois foram colocados contra o muro e açoitados com chicotes de carroceiros oferecidos prontamente pela multidão que assistia interessada. O mulá, os dois Faixas Verdes e outros escolhidos pelo mulá fizeram cumprir a lei. Sem piedade.

— Meu Deus — murmurou Gavallan, enojado. O motorista-tradutor disse rispidamente: — Este é o Islã. O Islã tem apenas uma lei para todo o povo, um castigo para cada crime e justiça imediata. A lei é a lei de Deus, intocável, eterna, não como no seu corrupto ocidente onde as leis podem ser distorcidas e a justiça distorcida e demorada, em proveito de advogados que vivem das distorções, corrupções, crimes ou infortúnios dos outros... — Os gritos de alguns dos garotos o interromperam. — Aqueles filhos de um cão não têm orgulho — disse o homem, revoltado, voltando para o seu carro.

Quando o castigo terminou, o mulá advertiu bondosamente os que ainda estavam conscientes, depois mandou-os embora e seguiu com os seus Faixas Verdes. A multidão debandou, deixando McIver e Gavallan ao lado do carro. Os seus atacantes agora eram trouxas patéticas de farrapos, inertes, sujos de sangue ou garotos que gemiam tentando levantar-se. Gavallan se aproximou para ajudar um deles, mas o garoto se afastou aterrorizado e ele parou e voltou. Os pára-lamas estavam amassados, havia arranhões na pintura por

causa das pedras que os garotos tinham atirado. McIver parecia mais velho do que antes.

— Não posso dizer que eles não mereceram o castigo — disse Gavallan.

— Nós teríamos sido pisoteados e mortos se o mulá não tivesse aparecido — McIver falou com a voz rouca, contente por Genny não estar lá. Ela teria sentido cada uma das chicotadas que eles levaram, pensou, com o peito e as costas doendo por causa dos golpes. Ele tirou os olhos do carro, e mexeu com os ombros, sentindo dor. Então notou o homem que traduzira as palavras do mulá para ele ainda preso no tráfego e caminhou com dificuldade através da neve até onde ele estava.

— Obrigado, obrigado por nos ajudar, aga — disse, gritando pela janela, por sobre o barulho. O carro era velho e estava arriado com o peso de mais quatro homens que se apertavam lá dentro.

O homem baixou o vidro.

— O mulá pediu um tradutor, eu estava ajudando a ele, não a vocês — ele disse. — Se vocês não tivessem vindo para o Irã, aqueles garotos idiotas não teriam sido tentados pela sua nojenta exibição de riqueza material.

— Desculpe, eu só queria agradecer...

— E se não fosse pelos seus filmes e programas de televisão igualmente nojentos, que glorificam as suas malditas gangues de rua e os seus estudantes revoltosos, que o xá importou sob a influência dos seus mestres para corromper a nossa juventude, inclusive o meu próprio filho e os meus próprios alunos, aqueles pobres imbecis seriam obedientes à lei. É melhor que vocês partam antes que sejam apanhados desobedecendo à lei. — Ele levantou o vidro e tocou a buzina com raiva.

NO APARTAMENTO DE LOCHART: 14:37H.

Ela bateu na porta da cobertura numa rápida sucessão de batidas combinadas. Estava usando um véu e um chador sujo de terra.

Uma série de batidas soou em resposta. Ela deu de novo quatro batidas rápidas e uma lenta. No mesmo instante, a porta se abriu um pouquinho e Teymour apareceu com um revólver na cara dela e ela riu.

— Você não confia em ninguém, meu querido? — disse em árabe, num dialeto palestino.

— Não, Sayada, nem mesmo em você — respondeu, e quando teve certeza de que ela era mesmo Sayada Bertolin e estava sozinha, ele abriu mais a porta, e ela tirou o véu e o lenço e caiu nos braços dele. Ele fechou e trancou a porta. — Nem mesmo em você. — Depois ele a beijou avidamente. — Você está atrasada.

— Não. Você é que está adiantado. — Mais uma vez ela riu, se afastou e entregou-lhe a sacola. — Aqui está a metade, trago o resto amanhã.

— Onde você deixou o resto?

— Num armário do Clube Francês. — Sayada Bertolin tirou o chador e se transformou. Estava usando uma jaqueta de esqui acolchoada, um suéter de gola alta, saia de lã, meias grossas e botas altas forradas de pele, tudo de costureiros famosos. — Onde estão os outros? — perguntou.

— Eu os mandei sair — disse, sorrindo com os olhos.

— Ah, amor na tarde. E quando eles voltam?

— No pôr-do-sol.

— Perfeito. Primeiro uma chuva. A água ainda está quente?

— Oh, sim, e o aquecimento central está ligado, assim como o cobertor elétrico. Quanto luxo!

Lochart e sua mulher sabiam como viver, esta é uma verdadeira... qual é mesmo a palavra francesa?

Ah, sim, garçonnière.

O riso dela o aqueceu.

— Você não tem ideia do pishkesh que é um chuveiro quente, meu querido, muito melhor do que uma banheira. Sem falar no resto. — Ela se sentou numa cadeira para tirar as botas. — Mas quem sabia viver era o velho safado do Bakravan, não Lochart. Originalmente, este apartamento era para uma amante.

— Você? — perguntou sem malícia.

— Não, meu querido, ele gostava delas bem jovens. Eu não sou amante de ninguém, nem mesmo do meu marido. Foi Xarazade quem me contou. O velho Jared sabia viver, é uma pena que não tenha tido mais sorte na morte.

— Ele já tinha cumprido o seu papel.

— Aquela não era a maneira de tratar um homem daqueles. Estupidez!

— Ele era um notório agiota e partidário do xá, apesar de ter dado dinheiro a rodo para Khomeini.

Ele tinha ofendido às leis de Deus e...

— As leis dos fanáticos, meu querido, dos fanáticos. Assim como você e eu quebramos todos os tipos de leis, hein? — Ela se levantou e o beijou de leve, caminhou sobre os lindos tapetes do corredor e foi para o quarto de Lochart e Xarazade, atravessou-o e entrou no banheiro coberto de espelhos, ligou o chuveiro e ficou lá esperando a água esquentar. — Eu sempre adorei este apartamento.

Ele se encostou na porta.

— Os meus superiores mandaram agradecer-lhe por tê-lo sugerido. Como estava a marcha?

— Horrível. Os iranianos são uns animais, gritando palavrões e obscenidades para nós, sacudindo os seus pênis para nós, tudo porque queremos um pouco de igualdade, queremos nos vestir ao nosso gosto, para tentarmos ser bonitas por algum tempo, nós só somos jovens tão pouco tempo. — Mais uma vez ela colocou a mão debaixo do chuveiro, experimentando a água. — O seu Khomeini vai ter que ceder.

— Nunca. Esta é a sua força. E só alguns são animais, Sayada, o resto não conhece outra coisa. Onde está a sua civilizada tolerância palestina?

— Os homens daqui transformaram isso num buraco fedorento, Teymour. Se você fosse uma mulher, entenderia. — Ela tornou a experimentar a água e sentiu o calor começando. — Está na hora de voltar para Beirute. Eu nunca me sinto limpa aqui. Há meses que não me sinto limpa.

— Eu também vou ficar feliz em voltar. A guerra aqui está terminada, mas não na Palestina, no Líbano ou na Jordânia. Eles

precisam de soldados treinados lá. Há judeus para matar, a maldição do sionismo para destruir e lugares sagrados para recuperar.

— Estou feliz por você voltar a Beirute — disse, com um olhar convidativo. — Eu recebi ordens de voltar para casa também dentro de duas semanas, o que me convém perfeitamente, porque assim eu ainda posso marchar. O protesto marcado para quinta-feira vai ser o maior de todos!

— Eu não entendo por que você se dá ao trabalho, o Irã não é problema seu e todas as suas marchas e protestos não vão levar a nada.

— Você está enganado. Khomeini não é nenhum idiota. Eu tomo parte nas marchas pela mesma razão pela qual trabalho para a OLP: Pela nossa terra, pela igualdade, igualdade para as mulheres da Palestina... e, sim, para as mulheres de toda parte. — Seus olhos castanhos tornaram-se selvagens e ele nunca a tinha visto mais linda. — As mulheres estão marchando, meu querido, e pelo Deus dos coptas, o único Deus, e pelo seu Marx-Lenin que você tanto admira secretamente, os dias da dominação dos homens estão chegando ao fim.

— Eu concordo — ele disse imediatamente e riu. Ela riu junto com ele.

— Você é um chauvinista, você que compreende. — A temperatura da água estava perfeita. Ela tirou a jaqueta de esqui. — Vamos tomar banho juntos.

— Ótimo, conte-me sobre os papéis.

— Depois. — Ela se despiu sem nenhuma vergonha e ele fez o mesmo, ambos excitados mas pacientes, pois eles eram amantes confiantes, amantes há três anos, no Líbano, na Palestina e aqui em Teerã. E eles ensaboaram-se e brincaram um com o outro, cada vez mais intimamente e mais sensualmente e mais eroticamente até que ela gritou e tornou a gritar e então, no momento em que ele a penetrou, eles se fundiram perfeitamente, com uma urgência cada vez maior, implodindo juntos.

Depois, mais tarde, em paz juntos, deitados na cama, com o cobertor elétrico os agasalhando, ela perguntou, sonolenta, com um grande suspiro: — Que horas são?

— Hora de amar.

Calmamente ela estendeu a mão para ele e ele recuou, despreparado, protestando, depois tomou-lhe a mão e abraçou-a.

— Ainda não, nem mesmo com você, meu amor! — ela disse, satisfeita, nos braços dele.

— Cinco minutos.

— Nem daqui a cinco horas, Teymour.

— Uma hora..

— Duas horas — ela disse sorrindo. — Dentro de duas horas você estará pronto outra vez, mas então eu não estarei aqui. Você terá que levar para a cama uma das prostitutas dos seus soldados.

— Ela abafou um bocejo, depois espreguiçou-se como um gato. —

Oh, Teymour, você é um amante maravilhoso, maravilhoso. —

Depois ela escutou um ruído. — Foi o chuveiro?

— Sim, eu o deixei correndo. Que luxo, hein?

— Sim, mas é também um desperdício.

Ela deslizou para fora da cama e fechou a porta do banheiro, usou o bidê, depois entrou no chuveiro e cantou para si mesma enquanto lavava os cabelos, depois se enrolou numa fina toalha, secou o cabelo com um secador elétrico e quando voltou, esperava encontrá-lo adormecido. Mas ele não estava dormindo. Estava deitado na cama com a garganta cortada. O cobertor que o cobria estava empapado de sangue, seus testículos cortados estavam arrumados no travesseiro ao lado dele e dois homens estavam ali olhando para ela. Ambos estavam armados, com os revólveres munidos de silenciadores. Pela porta aberta do quarto, ela viu um outro homem de guarda na porta da frente.

— Onde está o resto dos papéis? — um dos homens disse num inglês com um sotaque estranho, o revólver apontado para ela.

— No... no Clube Francês.

— Em que lugar do Clube Francês?

— Num armário. — Ela estava há muitos anos na OLP e era muito experiente para entrar em pânico.

Seu coração batia lentamente e ela tentava decidir o que fazer antes de morrer. Havia uma faca em sua bolsa, mas ela tinha deixado a bolsa na mesinha-de-cabeceira e agora ela estava em

cima da cama, com o seu conteúdo espalhado, e não havia nenhuma faca. Não havia nenhuma arma por perto para ajudá-la. Nada a não ser o tempo. Ao entardecer os outros voltariam. Mas ainda não estava perto do entardecer. — Na seção de senhoras — acrescentou.

— Em que armário?

— Não sei. Não há números e o costume é entregar o que se quer guardar para a atendente; assina-se o nome no livro que ela rubrica e ela devolve seja lá o que for quando se pede. Mas só para a própria pessoa.

O homem olhou para o outro que balançou a cabeça de leve. Os dois homens tinham cabelos e olhos escuros, usavam bigodes e ela não conseguiu localizar o sotaque. Eles podiam ser iranianos, árabes ou judeus — e de qualquer lugar, desde o Egito até a Síria ou o Iêmen.

— Vista-se. Se você tentar alguma coisa, não irá para o inferno sem dor como este homem. Nós não o acordamos antes. Está claro?

— Sim. — Sayada voltou e começou a se vestir. Ela não tentou se esconder. O homem ficou na porta e observou-a cuidadosamente, não o seu corpo, mas as suas mãos. Eles são profissionais, pensou, sentindo-se mal.

— Onde você conseguiu os papéis?

— De alguém chamado Ali. Eu nunca o havia visto antes...

— Pare! — A palavra soou cortante como uma faca embora tenha sido dita em voz baixa. — Da próxima vez que você mentir para nós, eu vou cortar fora o lindo bico do seu seio e vou fazê-la comê-lo, Sayada Bertolin. Uma mentira só, para experimentar, está perdoada. Mas nunca mais.

Continue.

Ela agora estava com medo.

— O nome do homem era Abdullah bin Ali Sabá, e hoje de manhã ele foi comigo até o velho prédio perto da universidade. Ele mostrou o caminho até o apartamento e nós procuramos onde nos tinham mandado.

— Quem tinha mandado?

— A 'Voz'. A voz no telefone. Eu só o conheço como uma voz. De vez em quando ele liga para mim com instruções especiais.

— E como você o reconhece?

— Pela sua voz, e há sempre um código. — Ela enfiou o suéter pela cabeça e agora estava vestida, exceto pelas botas. A automática com o silenciador não se movera. — O código é que ele sempre menciona o dia anterior de uma forma ou de outra nos primeiros minutos, qualquer que seja o dia.

— Continue.

— Nós revistamos debaixo do assoalho e encontramos o material: cartas, fichas e alguns livros. Eu os coloquei na bolsa e fui para o Clube Francês e... e então, como a alça da bolsa arrebentou, eu deixei a metade lá e vim.

— Quando foi que você conheceu o homem, Dimitri Yazernov?

— Eu não o conheci, apenas me mandaram ir lá com Abdullah e me certificar de que ninguém estava observando, para encontrar os papéis e entregá-los a Teymour.

— Por que Teymour?

— Eu não perguntei, eu nunca pergunto.

— Inteligente de sua parte. O que Teymour faz... fazia?

— Eu não sei exatamente, a não ser que ele era um iraniano, treinado como um Combatente da Liberdade pela OLP.

— Que ramo?

— Não sei. — Por trás do homem, ela conseguia enxergar o quarto, mas manteve os olhos longe da cama e no homem que sabia demais. Pelo interrogatório, eles podiam ser agentes da Savama, da KGB, da CIA, do M16, de Israel, da Jordânia, da Síria, do Iraque, até mesmo dos grupos extremistas da OLP que não reconheciam Arafat como líder. Qualquer um deles gostaria de se apoderar do conteúdo do cofre do embaixador dos Estados Unidos.

— Quando é que o francês, seu amante, volta?

— Não sei — disse imediatamente, deixando transparecer a sua surpresa.

— Onde ele está agora?

— Na sua base, em Zagros. Ela é chamada de Zagros Três. — Onde está o piloto Lochart?

— Eu acho que também está em Zagros.

— Quando é que ele volta para cá?

— Você quer dizer para cá? Para este apartamento? Eu acho que ele não vai mais voltar para cá.

— Para Teerã?

Seus olhos desviaram-se para o quarto apesar dela ter tentado resistir e ela viu Teymour. O seu estômago revirou, ela agarrou o vaso sanitário e vomitou violentamente. O homem observou sem emoção, satisfeito de que uma das suas barreiras tivesse sido rompida. Ele estava acostumado a que os corpos reagissem espontaneamente ao terror. Ainda assim, continuou a cobri-la com o revólver e ficou olhando cautelosamente, com medo de que fosse um truque.

Quando o espasmo passou, ela limpou a boca com um pouco d'água, tentando dominar a náusea, xingando Teymour por ter sido tão estúpido a ponto de mandar os outros embora. Estúpido! Teve vontade de berrar, uma coisa estúpida quando você está cercado de inimigos da direita, da esquerda e do centro. Eu alguma vez me importei de fazer amor quando havia outras pessoas em volta, contanto que a porta estivesse fechada? Ela tornou a se recostar na pia, encarando o seu destino.

— Primeiro nós vamos ao Clube Francês — ele disse. — Você vai apanhar o resto do material e me entregar. Está claro?

— Sim.

— De agora em diante você vai trabalhar para nós. Secretamente. Você vai trabalhar para nós. De acordo?

— Eu tenho escolha?

— Sim. Você pode morrer. Sofrendo. — Os lábios do homem estreitaram-se ainda mais e os seus olhos se tornaram venenosos. — Depois que você morrer, uma criança chamada Yassar Bialik receberá a nossa atenção.

O rosto dela ficou sem cor.

— Ah, bom! Então você se lembra do seu filhinho que mora com a família do seu tio na rua dos Mercadores de Flores de Beirute? — O homem olhou fixamente para ela e depois perguntou: — Bem, de acordo?

— Sim, sim, é claro — ela disse, mal conseguindo falar. É impossível eles saberem do meu querido Yassar, nem mesmo o meu marido sabe...

— O que aconteceu com o pai do garoto?

— Ele... ele foi morto... ele foi... morto.

— Onde?

— Nas colinas de Golan.

— É triste perder um jovem marido alguns meses depois do casamento — disse o homem. — Quantos anos você tinha?

— Dez... dezessete.

— A sua memória não falha. Ótimo. Agora, se você escolher trabalhar para nós, você, seu filho, seu tio e sua família estarão seguros. Se você não nos obedecer cegamente ou se tentar trair-nos, ou cometer suicídio, o menino Yassar deixará de ser um homem e deixará de ver. Está claro?

Ela balançou a cabeça desamparadamente, com o rosto cinzento.

— Se nós morrermos, outros se certificarão de que sejamos vingados. Não tenha dúvidas quanto a isso. Agora, qual é a sua escolha?

— Eu trabalharei para vocês. — E deixarei o meu filho seguro e me vingarei, mas como, como?

pensou.

— Ótimo, pelos olhos, testículos e pênis do seu filho, você trabalhará para nós?

— Sim. Por favor... para quem eu vou trabalhar? — Os dois homens sorriram. Sem humor.

— Nunca torne a perguntar isso, nem tente descobrir. Nós lhe diremos quando for necessário, se for necessário. Está claro?

— Sim.

O homem com o revólver retirou o silenciador e guardou-o no bolso, junto com o revólver.

— Nós queremos saber imediatamente quando o francês ou Lochart vão voltar. Será tarefa sua descobrir. E também quantos helicópteros eles têm aqui em Teerã e onde. Está claro?

— Sim. E como eu entro em contato com você, por favor?

— Você receberá um número de telefone. — Os olhos se tornaram ainda mais duros. — Só para você. Está claro?

— Sim.

— Onde Armstrong mora? Robert Armstrong?

— Eu não sei. — Ela ficou atenta. Havia boatos de que Armstrong era um assassino treinado, usado pelo M16.

— Quem é George Talbot?

— Talbot? Ele é um funcionário da embaixada britânica.

— Que tipo de funcionário? Qual é o trabalho dele?

— Não sei, é apenas um funcionário.

— Algum deles é seu amante?

— Não. Eles... eles vão ao Clube Francês algumas vezes. São conhecidos.

— Você vai se tornar amante de Armstrong. Está claro?

— Eu... eu vou tentar.

— Você tem duas semanas. Onde está a esposa de Lochart?

— Eu... eu acho que na casa dos Bakravan, perto do bazar.

— Trate de se certificar disso. E consiga uma chave da porta da frente. — O homem viu os olhos dela pestanejarem e disfarçou o seu divertimento. Se isso for contra os seus princípios, não faz mal.

Em breve você estará comendo merda satisfeita, se nós quisermos. — Apanhe o seu casaco, nós vamos sair imediatamente.

Ela estava com os joelhos bambos quando atravessou o quarto em direção à porta da rua.

— Espere! — O homem tornou a enfiar as coisas que estavam espalhadas dentro da bolsa dela e depois, pensando melhor, embrulhou displicentemente o que estava em cima do travesseiro num dos lenços de papel dela e colocou também dentro da bolsa. — Para você se lembrar que deve obedecer.

— Não, por favor. — As lágrimas escorreram. — Eu não posso... isso não.

O homem enfiou-lhe a bolsa nas mãos.

— Então jogue fora.

Ela cambaleou de volta para o banheiro e jogou aquilo na latrina, tornando a vomitar violentamente, mais do que antes.

— Depressa!

Quando recuperou o controle das pernas, ela o encarou.

— Quando os outros... quando eles voltarem e descobrirem... se eu não estiver aqui eles... eles vão saber que... que eu estou trabalhando para aqueles que... que fizeram isto e...

— É claro. Você acha que nós somos idiotas? Você acha que estamos sozinhos? Assim que eles voltarem, serão mortos e este lugar será incendiado.

NO APARTAMENTO DE McIVER: 16:20H.

— Eu não sei, sr. Gavallan — disse Ross. — Não me lembro de muita coisa depois que deixei Azadeh na colina e fui para a base, até mais ou menos a hora que chegamos aqui. — Ele estava usando uma das camisas do uniforme de Pettikin, um suéter preto, calças e sapatos pretos e estava limpo e barbeado, mas seu rosto mostrava completa exaustão.

— Mas antes disso, tudo aconteceu como... como eu lhe contei.

— Terrível — disse Gavallan. — Mas graças a Deus por você, capitão. Se não fosse por você, os outros estariam mortos. Sem você, todos eles estariam perdidos. Vamos tomar um drinque, está muito frio. Vamos tomar um uísque. — Ele se dirigiu a Pettikin. — Charlie?

Pettikin foi até o aparador.

— Claro, Andy.

— Eu não quero, obrigado, sr. McIver — disse Ross.

— Eu vou querer, e o sol ainda está alto. — atalhou McIver.

— Eu também — disse Gavallan. Os dois tinham chegado há pouco tempo, ainda abalados por causa do incidente e preocupados porque, na casa dos Bakravan, eles bateram várias vezes sem resultado.

Depois tinham vindo para cá. Ross, cochilando no sofá, dera um pulo quando a porta da rua se abriu, empunhando ameaçadoramente o seu kookri.

— Desculpe — dissera, tremendo, tornando a guardar a arma.

— Está tudo bem — fingira Gavallan, ainda apavorado. — Eu sou Andrew Gavallan. Oi Charlie!

Onde está Azadeh?

— Ela ainda está dormindo, lá dentro — respondeu Pettikin.

— Sinto muito tê-lo assustado — dissera Gavallan. — O que foi que aconteceu em Tabriz, capitão?

Então Ross contara a eles, de uma forma um tanto incoerente, numa narrativa bastante desordenada. O fato de ter sido acordado de um sono pesado o desorientara. Sua cabeça doía, tudo doía, mas ele estava satisfeito por estar contando o que tinha acontecido, reconstituindo tudo, enchendo aos poucos os espaços vazios, pondo as peças no lugar. Com exceção de Azadeh. Não, eu ainda não consigo encaixá-la.

Naquela manhã, ao acordar no meio de um pesadelo, ele estava aterrorizado, com as coisas todas embaralhadas, motores a jato, armas, pedras, explosões e frio, e olhara para as próprias mãos para ter certeza do que era sonho e do que era realidade. Então vira um homem olhando para ele e gritara: Onde está Azadeh?

— Ela ainda está dormindo, capitão Ross, ela está no quarto de hóspedes lá dentro — Pettikin dissera a ele, acalmando-o. — Lembra-se de mim? Charlie Pettikin? Doshan Tappeh?

Vasculhando a sua memória. As coisas voltando aos poucos, coisas medonhas. Grandes lacunas, muito grandes. Doshan Tappeh? O que houve em Doshan Tappeh? Tinha ido até lá para pegar carona num helicóptero e...

— Ah, sim capitão, como vai? Prazer em vê-lo. Ela está dormindo?

— Como um bebê.

— A melhor coisa para ela é dormir — dissera, ainda sem conseguir raciocinar direito.

— Primeiro uma xícara de café. Depois um banho, fazer a barba. Eu vou lhe arranjar algumas roupas e material para se barbear. Você é mais ou menos do meu tamanho. Está com fome? Nós temos ovos e um pouco de pão, o pão está meio azedo.

— Oh, não obrigado, não estou com fome. Você é muito gentil.

— Eu lhe devo um favor. Não, pelo menos dez. Estou muito satisfeito em vê-lo. Ouça, por mais que eu queira saber o que aconteceu... bem, McIver foi ao aeroporto apanhar o nosso patrão, Andy Gavallan. Eles vão voltar logo, você vai ter que contar a eles e então eu vou saber. Portanto, nenhuma pergunta até lá, você deve estar exausto.

— Obrigado, sim... as coisas ainda estão um pouco... eu não consigo me lembrar de quase nada do que aconteceu depois de ter deixado Azadeh na colina, apenas alguns pedaços, como um sonho, até acordar há um momento atrás. Quanto tempo eu dormi?

— Você esteve fora do ar umas 16 horas. Nós, Nogger e nossos dois mecânicos, ajudamos vocês dois a virem até aqui e depois vocês dois adormeceram. Nós pusemos você e Azadeh na cama como se fossem bebês, Mac e eu. Despimos vocês, limpamos parte da sujeira, carregamos vocês para a cama, não com muita delicadeza, aliás, mas vocês não acordaram, nenhum dos dois.

— Ela está bem? Azadeh?

— Oh, sim. Eu fui olhá-la umas duas vezes, mas ela ainda está dormindo. O que... desculpe, nada de perguntas! Primeiro tomar banho e fazer a barba. Desconfio que a água não está muito quente, mas eu coloquei um aquecedor elétrico no banheiro, não está muito ruim...

Agora Ross observava Pettikin, que estava servindo uísque a McIver e a Gavallan.

— Tem certeza de que não quer, capitão?

— Não, não, obrigado. — Sem perceber, ele sentiu o seu pulso direito e o esfregou. O seu nível de energia estava caindo rapidamente. Gavallan notou o cansaço do homem e viu que não tinha muito tempo.

— Quanto a Erikki. Você não consegue lembrar-se de mais nada para nos dar uma ideia de onde ele possa estar?

— Nada mais do que já contei a vocês. Talvez Azadeh possa ajudar. O nome do soviético era algo como Certaga, o homem com quem Erikki foi obrigado a trabalhar na fronteira. Como eu disse, eles a estavam usando para ameaçá-lo e houve alguma complicação a respeito do pai dela e uma viagem que eles iam fazer juntos.

Desculpe, não consigo me lembrar exatamente. O outro homem, o que era amigo de Abdullah Khan, chamava-se Mzytryk, Petr Oleg. — Isso fez Ross lembrar-se da mensagem de Vien Rosemont para o khan, mas ele decidiu que isso não era da conta de Gavallan, nem a matança, nem o fato de ter empurrado o velho na frente do caminhão na colina, nem que um dia ele voltaria à aldeia e arrancaria a cabeça do açougueiro e do calênder que, se não fosse pela graça de Deus ou pelos espíritos da montanha, teriam apedrejado a ela e mutilado a ele. Ele faria isso depois de prestar contas a Armstrong, ou a Talbot ou ao coronel americano, mas antes disso, perguntaria a eles quem havia traído a operação em Meca. Alguém traíra. Por um momento, a lembrança de Rosemont, Tenzing e Gueng o cegaram. Quando seus olhos clarearam, ele viu o relógio na lareira.

— Eu tenho que ir a um edifício perto da embaixada britânica. É muito longe daqui?

— Não, nós podemos levá-lo, se quiser.

— Poderia ser agora? Sinto muito, mas acho que vou apagar de novo se não fizer isso logo.

Gavallan olhou para McIver.

— Mac, vamos sair agora... talvez eu consiga encontrar Talbot. Nós ainda teremos tempo de voltar e falar com Azadeh e com Nogger, se ele estiver aqui.

— Boa ideia.

Gavallan se levantou e vestiu o casaco. Pettikin disse para Ross: — Vou lhe emprestar um casaco e umas luvas. — Ele viu os olhos dele desviarem-se para o corredor. — Você gostaria que eu acordasse Azadeh?

— Não, obrigado. Eu... eu vou só dar uma olhada nela.

— É a segunda porta à esquerda.

Eles o viram caminhar pelo corredor, com seu andar silencioso como o de um gato, abrir a porta sem fazer barulho e ficar lá em pé por um momento e depois tornar a fechá-la. Ele apanhou o seu rifle e os dois kookris, o dele e o de Gueng. Pensou por um momento e depois colocou o dele sobre a lareira.

— Caso eu não volte, diga a ela que é um presente, um presente para Erikki. Para Erikki e para ela.

NO PALÁCIO DO KHAN: 17:19H.

O calênder de Abu Mard estava de joelhos, apavorado.

— Não, não, Alteza, eu juro que foi o mulá Mahmud quem nos disse...

— Ele não é um mulá verdadeiro, seu filho de um cão, todo mundo sabe disto! Por Deus, vocês...

— vocês iam apedrejar a minha filha? — O khan berrou, com o rosto vermelho, respirando com dificuldade — vocês decidiram? vocês decidiram que iam apedrejar a minha filha?

— Foi ele, Alteza — gemeu o calênder —, foi o mulá que decidiu depois de interrogá-la e ela ter admitido ter cometido adultério com o Sabotador...

— Seu filho de um cão! Vocês ajudaram e protegeram o falso mulá... Mentiroso! Ahmed contou-me o que aconteceu! — O khan se ergueu nos travesseiros, com um guarda atrás dele e Ahmed e outros guardas perto do calênder que estava em frente a ele, Najoud, sua filha mais velha e Aysha, sua jovem esposa sentadas de um dos lados, tentando esconder o terror e o ódio e apavoradas que ele se virasse contra elas. Ajoelhado ao lado da porta, ainda vestido com as roupas sujas de viagem e cheio de horror, estava Hakim, irmão de Azadeh, que acabara de chegar e fora levado até lá sob escolta, em resposta a um chamado do khan, e que ouvira com igual raiva o relato de Ahmed sobre o que acontecera na aldeia.

— Seu filho de um cão! — O khan tornou a gritar, a saliva escorrendo pela boca. — Você deixou...

— você deixou o cão do Sabotador escapar... você o deixou arrastar a minha filha com ele... você abrigou o Sabotador e depois... depois ousou julgar alguém da minha... MINHA família e ia apedrejá-la... sem pedir a minha... MINHA aprovação?

— Foi o mulá... — o calênder gritou, e ficou repetindo a mesma coisa.

— Façam-no calar a boca!

Ahmed atingiu-o com força num dos ouvidos, deixando-o momentaneamente tonto. Depois colocou-o de novo de joelhos e sibilou: — Diga mais uma palavra e eu corto a sua língua. O khan estava tentando recuperar o fôlego.

— Aysha, dê-me... dê-me uma daquelas... daquelas pílulas.

Ela correu para obedecer, ainda de joelhos, abriu o frasco, colocou uma pílula na sua boca e limpou-a para ele. O khan manteve a pílula debaixo da língua como o médico recomendara e logo o espasmo passou, a pressão nos ouvidos diminuiu e o quarto parou de balançar. Seus olhos injetados voltaram a se fixar no velho que tremia e gemia incontrolavelmente.

— Seu filho de um cão! Então você ousa morder a mão do seu dono. Você, o seu açougueiro e a sua aldeia fedorenta. Ibrim — o khan disse para um dos guardas. — Leve-o de volta para Abu Mard e faça com que ele seja apedrejado, que os aldeões apedrejem a ele, depois corte fora as mãos do açougueiro.

Ibrim e outro guarda obrigaram o velho a se levantar, fizeram-no calar a boca e abriram a porta, parando quando Hakim disse severamente: — E depois ponha fogo na aldeia!

O khan olhou para ele, estreitando os olhos.

— Sim, e depois ponha fogo na aldeia — repetiu e manteve os olhos em Hakim que enfrentou seu olhar, procurando ter coragem. A porta se fechou e o silêncio ficou mais pesado, quebrado apenas pela respiração penosa de Abdullah.

— Najoud, Aysha, saiam! — disse.

Najoud hesitou, querendo ficar, querendo ouvir a sentença que seria pronunciada a respeito de Hakim, vibrando por Azadeh ter sido apanhada em adultério devendo portanto, ser punida quando fosse recapturada. Bom, bom, bom. Junto com Azadeh, eles dois desaparecem: Hakim e o Ruivo da Faca.

— Eu estarei aqui ao lado, Alteza — ela disse.

— Você pode ir para os seus aposentos. Aysha, espere no final do corredor. — As duas mulheres saíram. Ahmed fechou a porta,

satisfeito, estava tudo correndo conforme o planejado. Os outros dois guardas esperaram em silêncio.

O khan virou-se com dificuldade, fazendo um sinal para eles.

— Esperem lá fora. Ahmed, você fica. — Depois que todos saíram e só eles três estavam no quarto grande e frio, o khan tornou a olhar para Hakim.

— Ponha fogo na aldeia, você disse. Foi uma boa ideia. Mas isso não desculpa a sua traição, nem a da sua irmã.

— Nada desculpa a traição contra um pai, Alteza. Mas nem Azadeh nem eu traímos nem planejamos nada contra o senhor.

— Mentiroso! Você ouviu Ahmed! Ela admitiu ter dormido com o Sabotador, ela o admitiu.

— Ela admitiu 'amá-lo' Alteza, há muitos anos passados. Ela jurou por Deus que nunca cometeu adultério nem traiu o marido. Nunca! Na frente daqueles cães e filhos de cães e pior ainda, daquele mulá da esquerda, o que deveria dizer a filha de um khan? Ela não tentou proteger o seu nome na frente daquela gente maldita?

— Ainda torcendo palavras, ainda protegendo a prostituta em que ela se tornou?

O rosto de Hakim ficou cor de cera.

— Azadeh se apaixonou do mesmo modo que mamãe. Se ela é uma prostituta, então você prostituiu a minha mãe.

O sangue tornou a subir ao rosto do khan.

— Como você ousa dizer uma coisa dessas?

— É verdade. Você dormiu com ela antes de se casarem. Como ela o amava, deixou que você fosse secretamente ao quarto dela e se arriscou a morrer. Ela se arriscou a morrer porque o amava e você implorou. A nossa mãe não convenceu o pai a aceitá-lo como marido dela ao invés do seu irmão mais velho, que a desejava como segunda esposa para ele? — A voz de Hakim falhou, lembrando-se dela ao morrer, quando ele tinha sete anos e Azadeh seis, sem entender muito, só que ela estava sofrendo terrivelmente por causa de uma coisa chamada 'tumor' e que lá fora, no pátio, seu pai Abdullah estava desesperado. — Ela não tomou sempre a sua defesa contra o pai dela e seu irmão mais velho e depois, quando seu irmão

foi morto e você se tornou o herdeiro, não foi ela que negociou a paz com o pai?

— Você não pode... não pode saber dessas coisas, você era... era muito pequeno!

— A velha babá Fatemeh nos contou, ela nos contou antes de morrer, ela nos contou tudo o que conseguiu lembrar...

O khan mal ouvia, recordando também, recordando o acidente que o irmão sofrerá numa caçada e que ele arquitetara com tanta habilidade — a velha babá devia saber disso também e se ela sabia, então Hakim e Azadeh sabiam, e era mais um motivo para silenciá-los. Recordando, também, todo o tempo de magia que ele tivera com Naphala, a Fada, antes e depois do casamento e durante todos os anos até o início da dor. Eles ainda não estavam casados havia um ano quando Hakim nasceu, dois quando veio Azadeh, Naphala tinha apenas 16 anos na época, pequenina, fisicamente do mesmo tipo que Aysha, mas mil vezes mais bonita, seu longo cabelo era como ouro. Mais cinco anos maravilhosos, nenhum outro filho, mas isso nunca importou, ele finalmente não tinha um filho, alto e forte — quando os três filhos que teve com a primeira esposa tinham todos nascido doentes, morrendo logo, suas quatro filhas feias e faladeiras? Sua mulher não estava ainda com 22 anos, em boa saúde, tão forte e maravilhosa quanto as duas crianças que tinha gerado? Havia muito tempo para mais filhos.

Então a dor começara. E a agonia. Nenhuma ajuda de nenhum dos médicos de Teerã.

— Insha'Allah — eles disseram.

Nenhum alívio, exceto as drogas, cada vez mais fortes, enquanto ela se acabava. Que Deus lhe conceda a paz do paraíso e que eu possa me encontrar lá com ela.

Ele observava Hakim, vendo nele o mesmo tipo de Azadeh que era parecida com a mãe, ouvindo-o falar: — Azadeh apenas se apaixonou, Alteza. Se ela amava esse homem, o senhor não pode perdoá-la?

Ela não tinha apenas 16 anos quando foi mandada para uma escola na Suíça, da mesma forma que mais tarde eu fui mandado para Khoi?

— Porque vocês dois eram traiçoeiros, ingratos e perigosos! — O khan gritou, sentindo outra vez a pressão nos ouvidos. — Saia! Você vai... vai ficar longe dos outros, sob guarda, até eu mandar chamá-lo. Ahmed, providencie isso, depois volte aqui.

Hakim se levantou, quase em lágrimas, sabendo o que ia acontecer e sem poder evitá-lo. Ele saiu, Ahmed deu as ordens necessárias aos guardas e voltou. Agora os olhos do khan estavam fechados, seu rosto cinzento, sua respiração mais difícil do que antes. Por favor, meu Deus, não o deixe morrer ainda, rezou Ahmed.

O khan abriu os olhos e olhou para ele.

— Eu tenho que decidir a respeito dele, Ahmed. Depressa.

— Sim, Alteza — começou o seu conselheiro, escolhendo cuidadosamente as palavras —, o senhor só tem dois filhos, Hakim e o bebê. Se Hakim morrer ou — ele deu um sorriso estranho — se por acaso ficasse cego ou aleijado, então Mahmud, marido de Sua Alteza Najoud, seria regente até...

— Aquele idiota? As nossas terras e o nosso poder estarão perdidos em um ano! — Manchas vermelhas apareceram no rosto do khan e lhe parecia cada vez mais difícil pensar com clareza. — Dê-me outra pílula.

Ahmed obedeceu e deu-lhe água para beber, ajudando-o.

— O senhor está nas mãos de Deus, vai se recuperar, não se preocupe.

— Não me preocupar? — o khan resmungou, com dor no peito. — Deus quis que o mulá morresse a tempo... estranho. Petr Oleg manteve o acordo... embora ele... o mulá morreu depressa demais... depressa demais...

— Sim, Alteza.

O espasmo tornou a passar.

— Quai é o seu conselho... com relação a Hakim? Ahmed fingiu pensar um momento.

— O seu filho Hakim é um bom muçulmano, ele poderia ser treinado, ele tem cuidado bem dos seus negócios em Khoi e não fugiu embora talvez o pudesse ter feito. Ele não é um homem violento, exceto para proteger a irmã, não? Mas isso é muito

importante, pois aí está a solução. — Ele chegou mais perto e disse baixinho: — Declare-o seu herdeiro, Alte...

— Nunca!

— Desde que ele jure por Deus que vai proteger o seu irmão mais moço como protegeria a sua irmã, desde que, além disso, a sua irmã volte imediatamente por sua própria vontade para Tabriz. Na verdade, Alteza, o senhor não tem nenhuma prova real contra eles, só boatos. Permita-me descobrir a verdade a respeito dos dois e comunicar secretamente ao senhor.

O khan estava concentrado, ouvindo atentamente, embora o estorço cansasse.

— Ah, o irmão é a isca para atrair a irmã, assim como ela foi a isca para atrair o marido?

— Assim cada um deles serve de isca para o outro! Sim, Alteza, é claro que o senhor pensou nisso antes de mim. Em troca do senhor ter favorecido o irmão, ela deve jurar diante de Deus ficar aqui para ajudá-lo.

— Ela o fará, oh, sim, ela o fará.

— Então os dois estarão ao alcance do senhor e o senhor poderá se divertir com eles como quiser, dando e tomando à sua vontade, quer eles sejam culpados ou não.

— Eles são culpados.

— Se eles forem culpados, e eu vou descobrir rapidamente caso o senhor me conceda total autoridade para investigar o caso, então a Vontade de Deus será que eles morram lentamente, que o senhor declare o marido de Fazulia como o próximo khan, e ele não é muito melhor do que Mahmud.

Se eles não forem culpados, então deixe Hakim continuar como herdeiro, desde que ela fique. E se acontecer, mais uma vez pela Vontade de Deus, que ela fique viúva, ela poderia até desposar aquele que o senhor escolhesse, Alteza, para manter Hakim como seu herdeiro. Até um soviético, caso ele escape da armadilha, não?

Pela primeira vez naquele dia, o khan sorriu. Naquela manhã, quando Armstrong e o coronel Hashemi Fazir tinham chegado para prender Petr Oleg Mzytryk, eles tinham fingido estar devidamente

preocupados com a saúde do khan da mesma forma que ele fingira estar mais doente do que se sentia.

Tinha mantido a voz fraca e hesitante e muito baixa, de modo que os dois tiveram que se inclinar para ouvi-lo.

— Petr Oleg vem aqui hoje. Eu ia encontrá-lo, mas pedi que ele viesse até aqui por causa da minha...

porque estou doente. Mande um recado para que ele viesse aqui e ele deverá estar na fronteira ao entardecer. Em Julfa. Se vocês forem imediatamente, terão muito tempo... ele passa pela fronteira num pequeno helicóptero soviético e pousa numa estrada secundária próxima da estrada Julfa-Tabriz, onde seu carro o espera... não há como não encontrar o desvio, aquele é o único... alguns quilômetros ao norte da cidade... é a única estrada secundária, um lugar isolado, pouco mais do que uma trilha. O modo como vocês vão apanhá-lo é problema de vocês e... e como eu não posso estar presente, vocês me darão uma fita da... da investigação?

— Sim, Alteza — dissera Hashemi. — Como o senhor nos aconselharia a apanhá-lo?

— Interrompa a estrada nos dois lados do desvio com dois caminhões velhos, bem carregados... de lenha ou engradados de peixe... a estrada é estreita e sinuosa e cheia de buracos e tem muito tráfego, então uma emboscada deve ser fácil. Mas... mas tenham cuidado, sempre há alguns carros com membros do Tudeh para protegê-lo, ele é um homem esperto e corajoso... há uma cápsula de veneno na sua lapela.

— Em qual delas?

— Não sei... Eu não sei. Ele vai pousar na altura do pôr-do-sol. Vocês não podem errar o desvio, é o único...

Abdullah Khan suspirou, pensativo. Muitas vezes ele fora apanhado pelo mesmo helicóptero para ir para a fazenda em Tbilisi. Tinha passado temporadas muito boas lá, comida abundante, mulheres jovens e atenciosas, de lábios cheios e loucas para agradar. E depois, se estivesse com sorte, Vertinskya, a bruxa, para outros divertimentos. Ele viu Ahmed observando-o.

— Eu espero que Petr escape da armadilha. Sim, seria bom que ele... que ele a tivesse. — O cansaço o dominou. — Eu vou dormir agora. Mande de volta o meu guarda e depois que eu tiver comido esta noite, reúna a minha 'devotada' família aqui e faremos conforme você sugeriu. — O seu sorriso era cínico. — É bom não ter ilusões.

— Sim, Alteza. — Ahmed levantou-se. O khan invejou-lhe a agilidade e o corpo forte.

— Espere, há mais alguma coisa. — O khan pensou um momento, um processo estranhamente cansativo. — Ah, sim, onde está o Ruivo da Faca?

— Está com Cimtarga perto da fronteira, Alteza. Cimtarga disse que eles poderiam ficar alguns dias fora. Eles partiram na terça-feira à noite.

— Terça-feira? Que dia é hoje?

— Sábado, Alteza — respondeu Ahmed, disfarçando a preocupação.

— Ah, sim, sábado. — Outra onda de cansaço. Sentia uma sensação estranha no rosto e ergueu a mão para esfregá-lo, mas achou demais o esforço. — Ahmed, descubra onde ele está. Se alguma coisa acontecer... se eu tiver um outro ataque e... bem, providencie para que eu seja levado para Teerã, para o Hospital Internacional, imediatamente. Imediatamente. Entendido?

— Sim, Alteza.

— Descubra onde ele está e... e nos próximos dias mantenha-o por perto.. domine Cimtarga.

Mantenha o da faca por perto.

— Sim, Alteza.

Quando o guarda retornou ao quarto, o khan fechou os olhos e se sentiu afundando nas profundezas.

— Não há nenhum outro Deus além de Deus.. —murmurou, com muito medo.

**PERTO DA FRONTEIRA AO NORTE, A LESTE DE JULFA:
18:05H.**

Era quase hora do pôr-do-sol e o 212 de Erikki estava sob um alpendre rude, construído apressadamente, com mais de trinta centímetros de neve no telhado por causa da tempestade da véspera, e ele sabia que muito mais tempo de exposição numa temperatura abaixo de zero arruinaria o aparelho.

— O senhor não pode me dar cobertores ou palha ou alguma coisa para manter o aparelho aquecido?

— perguntara ao xeque Bayazid assim que eles voltaram de Rezaiyeh com o corpo da velha, a chefe, há dois dias. — O helicóptero precisa de calor.

— Nós não temos o suficiente nem para os vivos.

— Se ele congelar, não vai funcionar — retrucara, aborrecido pelo xeque não ter permitido que ele partisse imediatamente para Tabriz, que ficava a menos de cem quilômetros de distância, preocupadíssimo com Azadeh e imaginando o que teria acontecido com Ross e Gueng. Se ele não funcionar, como sairemos dessas montanhas?

De má vontade, o xeque ordenara ao seu povo que construísse o alpendre e lhe dera algumas peles de carneiro e cabra que ele usara onde achava que seriam mais necessárias. Logo depois do amanhecer, na véspera, ele tentara partir. Para seu total desespero, Bayazid tinha-lhe dito que ele e o 212 seriam usados para conseguir um resgate.

— O senhor pode ser paciente, capitão, e andar livremente pela aldeia com um guarda calmo, para cuidar do seu avião — dissera Bayazid secamente — ou o senhor pode ser impaciente e agressivo e então será amarrado e amordaçado como se fosse um animal selvagem. Eu não estou procurando confusão, capitão, não quero nem confusão nem discussão. Nós queremos um resgate de Abdullah Khan.

— Mas eu já disse que ele me odeia e que não vai contribuir para o meu res..

— Se ele disser que não, nós vamos procurar o resgate em outro lugar. Com a sua companhia em Teerã ou junto ao seu governo. Talvez com os seus patrões soviéticos. Enquanto isso, o senhor permanece aqui como hóspede, comendo como nós comemos, dormindo como nós dormimos, partilhando igualmente de tudo. Ou amarrado, amordaçado e com fome. Seja como for, o senhor fica até o resgate ser pago.

— Mas isto pode levar meses e..

— Insha'Allah!

Durante todo o dia anterior a metade da noite, Erikki tentara pensar numa maneira de escapar da armadilha. Eles tinham-lhe tirado a granada, mas deixaram a faca. Mas seus guardas eram atentos e constantes. Com toda aquela neve, ser-lhe-ia impossível descer até o vale com botas de pilotar e sem equipamento de inverno, e mesmo que conseguisse, estava em território hostil. Tabriz ficava a menos de trinta minutos de helicóptero, mas e a pé?

— Mais neve esta noite, capitão.

Erikki olhou em volta. Bayazid estava a um passo de distância e ele não o ouvira se aproximar — Sim, e mais uns dias com este tempo e o meu pássaro não vai mais voar. A bateria vai arriar e a maior parte dos instrumentos vai se estragar. Tenho que ligar o motor para carregar a bateria e esquentar o motor, tenho que fazer isso. Quem vai pagar um resgate para tirar um 212 enguiçado destas montanhas?

Bayazid pensou por um momento.

— Por quanto tempo o motor deve ser ligado?

— Dez minutos por dia. Isso é o mínimo.

— Está bem. Assim que estiver escuro, você pode fazer isso, todos os dias, mas primeiro me peça.

Nós o ajudaremos a arrastá-lo, aliás, é ele ou ela?

Erikki franziu a testa.

— Eu não sei. Naves são sempre tratadas no feminino, e esta é uma nave do céu. — E deu de ombros.

— Muito bem. Nós o ajudaremos a arrastá-lo para fora e você pode ligá-lo e enquanto o motor estiver esquentando, haverá cinco

armas apontadas a curta distância, para o caso de você ficar tentado.

Erikki riu.

— Então eu não ficarei tentado.

— Ótimo. — Bayazid sorriu. Ele era um homem bonito, apesar dos dentes estragados.

— Quando é que o senhor vai mandar um recado para o khan?

— Já mandei. Com toda esta neve, leva-se um dia para descer até a estrada, mesmo a cavalo, mas depois não leva muito tempo para chegar a Tabriz. Se o khan responder favorável e imediatamente, talvez a gente tenha uma resposta amanhã, talvez depois, dependendo da neve.

— Talvez nunca. Quanto tempo o senhor vai esperar?

— Todo o povo lá do Extremo Norte é assim tão impaciente?

Erikki fechou a cara.

— Os antigos deuses ficavam muito impacientes quando ficavam presos contra a vontade, e eles nos transmitiram isso. É ruim ficar preso contra a vontade, muito ruim.

— Nós somos um povo pobre, em guerra. Precisamos aceitar o que o Único Deus nos dá. Pedir resgate é um costume antigo. — Ele sorriu levemente. — Nós aprendemos com Saladino a ser cavalheirescos com os nossos prisioneiros, ao contrário de muitos cristãos. Os cristãos não são conhecidos por seu cavalheirismo. Nós somos tra... — Seus ouvidos eram mais aguçados do que os de Erikki, bem como os seus olhos. — Olhe lá embaixo no vale!

Agora Erikki também escutou o motor. Ele levou um momento para perceber o helicóptero camuflado voando baixo e se aproximando, vindo do norte.

— Um KaiychoKiv 16. Um aparelho de combate soviético... o que ele está fazendo?

— Está indo para Julfa. — O xeque cuspiu no chão. — Aqueles filhos de um cão vão e vêm à vontade.

— Costumam entrar muitos atualmente?

— Não muitos. Mas um já é o bastante.

PERTO DO DESVIO DE JULFA: 18:15H.

A sinuosa estrada secundária através da floresta estava coberta de neve. Havia umas poucas marcas de caminhão e de carroça além das feitas pelo velho Chevrolet que estava estacionado debaixo de uns pinheiros perto do descampado, a alguns metros da estrada principal. Pelo binóculo, Armstrong e Hashemi podiam ver dois homens usando casacos grossos e luvas sentados no banco da frente, com as janelas abertas, ouvindo atentamente.

— Ele não tem muito tempo — resmungou Armstrong.

— Talvez ele não venha, afinal.

Eles estavam vigiando, há meia hora, de uma pequena elevação no meio das árvores, que dava para a área de pouso. O carro deles e o resto dos homens de Hashemi tinham estacionado discretamente na estrada principal, abaixo e atrás de onde eles se encontravam. Estava tudo muito silencioso, havia pouco vento. Alguns pássaros passaram por cima deles, crocitando lamentosamente.

— Aleluia! — murmurou Armstrong, com sua excitação aumentando. Um dos homens tinha aberto a porta lateral e saíra. Agora ele olhava em direção ao norte. O motorista ligou o motor. Então, lá de cima, eles escutaram o barulho do helicóptero se aproximando, viram-no passar pela elevação e descer no vale, beirando o topo das árvores, com o motor funcionando bem. Ele fez um pouso perfeito, levantando uma nuvem de neve. Podiam ver o piloto e um outro homem ao lado dele. O passageiro, um homem pequeno saltou e foi se encontrar com o outro homem. Armstrong praguejou.

— Você o reconhece, Robert?

— Não, aquele não é Suslev. Não é Petr Oleg Mzytryk. Tenho certeza.

— Armstrong estava imensamente desapontado.

— Cirurgia plástica?

— Não, nada disso. Ele é um cara grande, corpulento, da minha altura.

— Eles o observaram encontrar-se com o outro e entregar-lhe alguma coisa.

— Aquilo era uma carta? O que foi que ele entregou, Robert?

— Parecia um embrulho, podia ser uma carta. — Armstrong resmungou outro palavrão, concentrando-se nos lábios deles.

— O que eles estão dizendo? — Hashemi sabia que Armstrong podia ler lábios.

— Eu não sei. Não é nem farsi nem inglês.

Hashemi praguejou e tornou a focalizar o seu binóculo, que já estava perfeitamente focalizado.

— Parecia ser uma carta. — O homem disse mais algumas palavras e depois voltou para o helicóptero. Imediatamente o piloto acelerou e decolou. O outro homem então voltou para o Chevrolet.

— E agora? — Hashemi perguntou irritado.

Armstrong observou o homem caminhando em direção ao carro.

— Duas opções: interceptar o carro conforme o planejado e descobrir o que foi entregue, desde que conseguíssemos neutralizar aqueles dois filhos da mãe antes deles destruírem o material... mas isso mostraria que nós sabemos o ponto de chegada do Senhor Importante, ou simplesmente seguir o carro, presumindo que seja uma mensagem para o khan marcando uma nova data. — Ele já tinha vencido a decepção pelo fato de Mzytryk ter evitado a armadilha. É preciso ter sorte no nosso jogo, lembrou a si mesmo. Não importa, da próxima vez nós vamos pegá-lo e ele vai nos levar até o traidor, até o quarto, quinto e sexto homem e eu vou mijar nos seus túmulos e no de Suslev, ou seja lá como Petr Oleg Mzytryk chame a si mesmo, se tiver a sorte do meu lado. — Nós não precisamos nem segui-los, vão direto para o khan.

— Por quê?

— Porque ele é uma peça vital no Azerbaijão, seja a favor ou contra os soviéticos, então eles vão querer saber em primeira mão o estado do coração dele, e quem foi que ele escolheu como regente até o bebê alcançar a maioridade. O poder não vai junto com o título, com as terras e com a riqueza?

— E com as contas numeradas na Suíça. Mais uma razão para vir imediatamente.

— Sim, mas não se esqueça de que algo sério pode ter acontecido em Tbilisi para explicar a demora.

Os soviéticos estão tão ansiosos e tão preocupados quanto nós a respeito do Irã.

Eles viram o homem entrar no Chevrolet e começar a falar abruptamente.

O motorista engrenou e virou em direção à estrada principal.

— Vamos voltar para o nosso carro.

A descida foi fácil, o tráfego estava pesado na estrada Julfa—Tabriz, lá embaixo, com alguns faróis já acesos e sem nenhuma maneira da sua presa escapar da emboscada caso eles decidissem levá-la avante.

— Hashemi, outra possibilidade é que Mzytryk tenha descoberto na última hora que foi traído pelo filho e que tenha mandado um aviso para o khan, cujo disfarce também teria sido descoberto. Não se esqueça que nós ainda não descobrimos o que aconteceu com Rakoczy desde que o seu finado amigo general Janan o deixou escapar.

— Aquele cão nunca faria isso por sua própria conta — Hashemi disse isso com um esgar, recordando a sua imensa alegria ao tocar no botão e ver a explosão do carro-bomba esmagar aquele inimigo junto com a sua casa, o seu futuro e o seu passado. — Isso deve ter sido ordenado por Abrim Pahmudi.

— Por quê?

Hashemi olhou para Armstrong mas não percebeu nenhuma astúcia oculta nele. Você conhece segredos demais, Robert, sabe a respeito das fitas de Rakoczy, e, pior ainda, sabe da existência do meu Grupo Quatro e da minha ajuda para Janan entrar no inferno, onde o velho khan em breve irá encontrá-lo, para onde Talbot deve ir dentro de poucos dias e você, meu velho amigo, quando eu quiser. Será que eu deveria contar-lhe que Pahmudi ordenou que Talbot fosse punido pelos seus crimes contra o Irã? Será que eu deveria contar-lhe que estou feliz em obedecer? Durante anos eu quis que Talbot desaparecesse, mas nunca ousei virar-me contra ele sozinho. Agora é Pahmudi o culpado, que Deus o faça arder, e mais uma pedra será tirada do meu caminho. Ah, sim, e o próprio Pahmudi na

próxima semana. Mas você, Robert, você será o assassino escolhido para fazer isso, provavelmente para morrer. Pahmudi não merece nenhum dos meus verdadeiros assassinos.

Ele riu consigo mesmo, descendo a colina, sem sentir o frio, sem se preocupar pelo fato de Mzytryk não ter aparecido. Eu tenho coisas mais importantes com que me preocupar, estava pensando. Eu tenho que proteger o meu Grupo Quatro de assassinos a qualquer custo. Eles são a minha garantia de um paraíso na terra com poder maior do que o do próprio Khomeini.

— Pahmudi é o único que poderia ter ordenado a libertação de Rakoczy — disse. — Em breve eu vou descobrir o porquê e onde ele está. Ou ele está na embaixada soviética, num esconderijo soviético ou num calabouço da Savama.

— Ou fora do país, numa hora dessas.

— Então ele está morto. A KGB não tolera traidores. — Hashemi sorriu sardonicamente. — Qual é a sua aposta?

Por um momento, Armstrong não respondeu, espantado com a pergunta pouco comum de Hashemi, que não aprovava apostas, assim como ele. Agora. A última vez que ele tinha apostado fora em Hong Kong em 1963, com dinheiro de suborno que fora colocado em sua gaveta quando ele era um superintendente da CID. Quarenta mil dólares de Hong Kong — cerca de sete mil dólares americanos então. Contra todos os seus princípios, ele tirara o heung yau, a graxa perfumada, como era chamado lá, da gaveta e, nas corridas daquela tarde, apostara tudo num cavalo chamado Pilot Fish, numa tentativa doida de recuperar as suas perdas no jogo — cavalos e mercado de ações.

Este fora o primeiro dinheiro de suborno que ele tirara em 18 anos embora sempre houvesse dinheiro disponível em abundância. Naquela tarde, ele ganhara uma bolada e devolvera o dinheiro antes que o sargento da polícia notasse que ele fora tocado — e ainda sobrara mais do que o suficiente para as suas dívidas. Mesmo assim, ele tinha ficado tão desgostoso consigo mesmo e tão apavorado com a sua estupidez, que nunca mais jogara, nem tocara em heung yau de novo, embora sempre houvesse oportunidade.

— Você é um idiota, Robert — alguns dos seus colegas costumavam dizer —, não há nenhum mal num dinheirinho extra para a aposentadoria.

— Aposentadoria? Que aposentadoria? Cristo, por vinte anos um policial em Hong Kong andando direito, 11 anos aqui, com a mesma honestidade, ajudando esses idiotas sanguinários, e foi tudo para o brejo. Graças a Deus eu só tenho a mim com que me preocupar, nem mulher, nem filhos, nem parentes próximos, só eu. Ainda assim, se eu pegar o maldito Suslev, que vai me levar até um dos nossos mais importantes traidores, terá valido a pena.

— Como você, eu não sou homem de apostas, Hashemi, mas se fosse... — parou e ofereceu-lhe um cigarro e eles acenderam os cigarros, satisfeitos. A fumaça se misturou com o ar frio e ficou bem visível na luz do entardecer.

— Se eu fosse, diria que Rakoczy foi o pishkesh do seu Pahmudi para algum chefe soviético, só como medida de precaução.

Hashemi riu.

— Você está se tornando mais iraniano a cada dia que passa. Eu vou ter que ser mais cuidadoso. — Eles já estavam quase no carro agora e o seu ajudante saltou para abrir a porta de trás para ele. — Nós vamos diretamente para a casa do khan, Robert.

— E quanto ao Chevrolet?

— Vamos mandar que outros o sigam, eu quero chegar na casa do khan primeiro. — O rosto do coronel endureceu. — Apenas para me certificar de que aquele traidor está mais do nosso lado do que do deles.

NA BASE AÉREA DE KOWISS: 18:35H.

Starke olhou para Gavallan inteiramente perplexo.

— 'Turbilhão' dentro de seis dias?

— Temo que sim, Duke. — Gavallan desabotoou o casaco e colocou o chapéu no cabide do hall. — Quis contar-lhe pessoalmente. Sinto muito, mas tem que ser. — Os dois homens estavam no bangalô de Starke e ele tinha colocado Freddy Ayre do lado de fora para ter certeza de que ninguém ouviria a conversa. — Eu soube hoje de manhã que todos os nossos aparelhos vão ser impedidos de voar, aguardando a nacionalização. Nós temos seis dias para planejar e executar o Turbilhão', caso o ponhamos em prática. Isso quer dizer na próxima sexta-feira. No sábado já estaremos fora do prazo.

— Jesus. — Distraidamente, Starke abriu a jaqueta e foi até o aparador, deixando uma pequena trilha de neve e água no tapete. No fundo da gaveta de baixo estava a sua última garrafa de cerveja. Ele tirou a tampa, despejou metade num copo e entregou a Gavallan. — Saúde — disse, bebendo da garrafa, e se sentou no sofá.

— Saúde.

— Quem está dentro, Andy?

— Scrag. Ainda não sei quanto ao resto dos rapazes dele, mas vou saber amanhã. Mac preparou um esquema e um plano de três fases, que está cheio de furos, mas é viável. Vamos dizer que seja viável.

E quanto a você e seus rapazes?

— Qual é o plano de Mac? Gavallan contou-lhe.

— Você tem razão, Andy. Está cheio de furos.

— Se você fosse tentar uma fuga, como planejaria, saindo daqui? Você tem a distância mais longa e o trajeto mais difícil.

Starke foi até o mapa de voo na parede e apontou para uma linha que ia de Kowiss até uma cruz no golfo, a algumas milhas da costa, indicando uma plataforma.

— Esta plataforma chama-se Destroços e é uma das que servimos regularmente — disse, e Gavallan notou como sua voz ficara tensa. — Nós levamos cerca de vinte minutos para alcançar a costa e mais dez para ir até a plataforma. Eu esconderia combustível na praia, perto deste lugar. Acho que isso poderia ser feito sem causar muita suspeita; só há dunas de areia e nenhuma casa numa distância de muitos quilômetros, e muitos de nós costumávamos fazer piqueniques lá. Um pouso de 'emergência'

para checar os mecanismos de flutuação antes de sair para o mar não faria o radar ficar muito agitado embora eles estejam ficando mais nervosos a cada dia que passa. Nós teríamos que esconder dois tambores de duzentos litros por helicóptero para atravessar o golfo e teríamos que reabastecer o aparelho no ar, manualmente.

Já estava quase anoitecendo. Das janelas divisava-se a pista e a base da Força Aérea. O 125, com prioridade para decolar para Al Shargaz, estava estacionado no pátio, esperando pela chegada do caminhão-tanque. Faixas Verdes nervosos e atarefados o cercavam. Não era realmente necessário reabastecê-lo, mas Gavallan dissera a Johnny Hogg que solicitasse o reabastecimento para lhe dar mais tempo de falar com Starke. Os outros dois passageiros, Arberry e Dibble, enviados em licença depois da sua fuga de Tabriz, estavam apertados no meio de um carregamento completo de engradados de peças, encaixotadas apressadamente e marcadas em inglês e em farsi: PARA CONSERTO IMEDIATO E DEVOLUÇÃO A TEERÃ, e não tiveram permissão para desembarcar, nem mesmo para esticar as pernas. Nem os pilotos, exceto para checar o aparelho e supervisionar o reabastecimento quando o caminhão chegasse.

— Você iria para o Kuwait? — perguntou Gavallan, quebrando o silêncio.

— Claro. O Kuwait seria a melhor escolha, Andy. Nós teríamos que reabastecer o aparelho no Kuwait, depois dar um jeito de seguir pela costa até Al Shargaz. Se dependesse de mim, acho que reservaria mais combustível para um caso de necessidade. — Starke apontou para um pontinho que representava uma ilha perto da Arábia Saudita. — Aqui seria bom. É melhor ficar ao largo da costa da Arábia Saudita, não se sabe o que eles fariam. — Ele ficou olhando desanimadamente para todas as distâncias. — A ilha se chama Jellet, o Sapo, que é com o que ela se parece. Nenhuma casa, nada, mas ótima para pescar. Manuela e eu estivemos lá uma ou duas vezes quando eu estava estacionado em Bahrein. Eu guardaria combustível lá.

Ele tirou o quepe e enxugou o suor da testa, depois tornou a colocar-lo, com o rosto mais vincado e cansado do que normalmente, pois os voos estavam mais confusos do que normalmente, cancelados, depois marcados de novo, e cancelados outra vez, Esvandiary, mais abominável do que nunca, todo mundo tenso e irritado, nenhuma correspondência nem contato com a família há semanas, a maioria do seu pessoal, inclusive ele, com licenças e substituições atrasadas. Além disso, ainda havia o problema do pessoal e dos aparelhos que estavam chegando de Zagros Três e a questão do que fazer com o corpo do velho Effer Jordon quando este chegasse amanhã. Esta fora a primeira pergunta de Starke ao se encontrar com Gavallan nos degraus do 125.

— Eu já tratei disso, Duke — dissera Gavallan, gravemente, com o vento gelado a dez nós. — Eu tenho permissão da ATC para o 125 voltar amanhã à tarde para apanhar o caixão. Vou mandá-lo para a Inglaterra no primeiro voo disponível. Terrível. Verei a mulher dele assim que voltar e farei o que puder.

— Que azar. Graças a Deus o jovem Scot está bem, não?

— Sim, mas é terrível que alguém tenha morrido, terrível. — E se fosse o corpo de Scot e o caixão de Scot? pensou de novo Gavallan, e essa pergunta o perseguia sem parar. E se tivesse sido Scot, você aceitaria a notícia do assassinato com tanta facilidade? Não, é claro que não. Só o que você pode fazer é agradecer aos deuses dessa vez e fazer o melhor que puder, apenas fazer o melhor que puder. —

Curiosamente, a ATC de Teerã e o komiteh do aeroporto ficaram tão chocados quanto nós e foram muito prestativos. Vamos conversar, eu não tenho muito tempo. Estou trazendo cartas para alguns dos rapazes e uma de Manuela. Ela está bem, Duke. Ela disse para você não se preocupar. As crianças estão bem e querem ficar no Texas. Os seus pais também estão bem; ela me pediu para lhe dizer isso assim que o encontrasse...

Depois, Gavallan tinha lançado a bomba dos seis dias e agora a mente de Starke estava enevoadada.

— Com os aparelhos de Zagros aqui, eu terei três 212, um Alouette e três 206 mais uma quantidade de peças. Nove pilotos, incluindo Tom Lochart e Jean-Luc e 12 mecânicos. Isso é demais para um plano como 'Turbilhão', Andy.

— Eu sei. — Gavallan olhou pela janela. O caminhão de combustível estava parando ao lado do 125 e ele viu Johnny Hogg descer a escada. — Quanto tempo vai levar para reabastecer?

— Se Johnny não os apressar, três quartos de hora, fácil.

— Não é muito para se fazer um plano. — disse Gavallan. Ele tornou a olhar para o mapa. — Mas nenhum tempo seria suficiente para isso. Há alguma plataforma perto desse lugar que esteja vazia, ainda fechada?

— Dezenas. Existem dezenas que ainda estão do mesmo jeito que os grevistas as deixaram há meses atrás. Portas soldadas, loucura, não? Por quê?

— Scrag disse que uma delas poderia ser o lugar ideal para guardar combustível e reabastecer.

Starke franziu a testa.

— Não na nossa área, Andy. Ele tem algumas plataformas grandes, as nossas são todas muito pequenas. Não temos nenhuma que pudesse aguentar mais de um helicóptero de cada vez, e nós não iríamos querer ficar esperando a vez. O que foi que o velho Scrag disse? Gavallan contou a ele.

— Você acha que ele vai ver Rudi?

— Ele disse que iria nos próximos dias. Agora, eu não posso mais esperar. Você poderia arranjar uma desculpa para ir até Bandar Delam?

Os olhos de Starke estreitaram-se.

— Claro. Talvez pudéssemos enviar dois dos nossos aparelhos para lá e dizer que os estamos redistribuindo, melhor ainda, dizer ao 'Pé-quente' que os estamos emprestando por uma semana.

Ainda podemos conseguir algumas autorizações ocasionais, desde que aquele filho da puta esteja fora do caminho.

Gavallan tomou um gole da cerveja, fazendo-a durar.

— Nós não podemos mais operar no Irã. O pobre velho Jordon não podia ter morrido e eu estou tremendamente arrependido de não ter ordenado uma evacuação há semanas. Terrivelmente arrependido.

— Você não tem culpa dele ter morrido, Andy.

— De uma certa forma, tenho. De qualquer modo, nós temos que dar o fora. Com ou sem os aparelhos. Temos que tentar salvar o que pudermos, sem arriscar a vida do pessoal.

— Qualquer retirada será tremendamente arriscada, Andy — A voz de Starke era gentil.

— Eu sei. Gostaria que você perguntasse aos seus rapazes se eles tomariam parte na operação 'Turbilhão'.

— Não há nenhuma maneira de retirarmos todos os helicópteros, nenhuma.

— Eu sei, por isso eu proponho que nos concentremos apenas nos 212. — Gavallan viu Starke olhá-lo com mais interesse. — Mac concordou. Você poderia retirar três?

Starke pensou por um momento.

— Dois é o máximo que eu posso conseguir. Nós precisaríamos de dois pilotos, digamos com um mecânico por helicóptero para emergências e alguma ajuda extra para lidar com os tambores de reserva ou reabastecimento durante o voo. Isso seria o mínimo. Seria arriscado, mas se tivermos sorte... — Ele assoviou desafinadamente. — Talvez pudéssemos mandar o outro 212 para o Rudi em Bandar Delam. Claro, por que não? Eu diria ao 'Pé-quente' que ele foi emprestado por dez dias. Você poderia me enviar um telex solicitando a transferência. Mas que diabo, Andy, ainda assim nós precisaríamos de três pilotos aqui e...

O telefone interno tocou.

— Droga — disse irritado, levantando-se para atender. — Estou tão acostumado com os telefones mudos que cada vez que um toca eu levo um susto. Alô, aqui é Starke. Sim?

Gavallan observou Starke, alto, magro e muito forte. Eu gostaria de ser assim tão forte, pensou.

— Ah, obrigado — Starke estava dizendo. — Sim, claro, obrigado, sargento. Quem?... Claro, ponha-o na linha. — Gavallan notou a mudança na voz dele e prestou mais atenção. — Esta noite... Não, não podemos, agora não... NÃO! Não podemos! Agora não, estamos ocupados. — Desligou o telefone e resmungou um "filho da puta". — 'Pé-quente' queria falar conosco. "Quero vocês dois no meu escritório imediatamente!" Veado! — Tomou um gole de cerveja e se sentiu melhor. — Era também Wazari lá da torre comunicando que o último dos nossos aparelhos acabou de pousar.

— Quem?

— Pop Kelly, ele está trabalhando na plataforma Destroços, transportando alguns operários de uma plataforma para outra. Eles estão com falta de pessoal, exceto os komitehs que estão mais preocupados com encontros para rezar e com tribunais ilegais do que com a extração de petróleo. — Ele estremeceu. — Vou-lhe dizer uma coisa, Andy, os komitehs são patrocinados pelo demônio. — Gavallan notou o termo mas não disse nada e Starke prosseguiu. — Eles são o inferno.

— Sim. Azadeh quase foi assassinada — apedrejada.

— O quê?

Gavallan contou-lhe sobre a aldeia e a fuga dela de lá.

— Nós ainda não sabemos onde está o velho Erikki. Eu a vi antes de partir e ela estava... apalermada é a palavra certa, ainda não tinha se recuperado do choque.

O rosto de Starke ficou ainda mais severo. Com esforço, ele abafou a raiva.

— Digamos que possamos retirar os 212, e os rapazes? Nós ainda temos três pilotos e talvez dez mecânicos para retirar antes da fuga, o que faremos com eles? E as peças? Nós estaríamos deixando para trás três 206 e o Alouette... e quanto aos nossos pertences, nossas contas bancárias, apartamentos em Teerã, fotografias e as

coisas das crianças. Droga, não apenas nossos mas de todos os outros caras, daqueles que retiramos durante o êxodo? Se dermos o fora, tudo estará perdido, tudo.

— A companhia reembolsará todo mundo. Eu não posso devolver os objetos, mas nós pagaremos pelas contas bancárias e cobriremos o resto. As contas, na maioria, são pequenas, uma vez que vocês guardam os seus fundos na Inglaterra e os vão retirando na medida em que precisam. Nos últimos meses, com certeza desde que os bancos entraram em greve, nós temos depositado todos os salários em Aberdeen. Nós os indenizaremos pela mobília e artigos pessoais. Eu acho que não poderíamos mesmo retirar quase nada. Os portos ainda estão fechados, as transportadoras são praticamente inexistentes, as estradas de ferro não estão funcionando, o transporte aéreo praticamente não existe.

Todo mundo será indenizado.

Starke balançou lentamente a cabeça. Ele terminou a cerveja até a última gota.

— Mesmo que consigamos retirar os 212, você vai ter um tremendo prejuízo.

Gavallan disse pacientemente.

— Não. Calcule você mesmo. Cada 212 vale um milhão de dólares, cada 206 150 mil, um Alouette 500 mil. Nós temos doze 212 no Irã. Se conseguíssemos retirá-los, ficaríamos em boa situação, ainda continuaríamos no negócio, e eu poderia absorver as perdas do Irã. Por pouco. Os negócios estão crescendo e doze 212 nos manteriam trabalhando. Quaisquer peças que conseguíssemos retirar seriam um bônus extra. Poderíamos também nos concentrar apenas nas peças dos 212. Com os 212, nós podemos continuar operando.

Ele tentou manter a confiança, mas ela estava diminuindo. Tantos obstáculos para vencer, tantas montanhas para escalar, precipícios para atravessar. Sim, mas não se esqueça de que uma viagem de dez mil léguas começa com o primeiro passo. Seja um pouquinho chinês, disse a si mesmo. Lembre-se da sua infância em Xangai e da velha babá Ah Soong e do que ela lhe contou a respeito do destino: em parte sorte, em parte carma: "O que está escrito

está escrito, jovem senhor, seja bom ou ruim. Às vezes se pode rezar por um destino bom e consegui-lo, às vezes não. Mas ayeeyah, não confie demais nos deuses — os deuses são como as pessoas. Eles dormem, vão almoçar, ficam bêbados, esquecem os seus deveres, mentem, prometem e tornam a mentir. Reze o quanto quiser, mas não se fie nos deuses — só em você e na sua família e mesmo com eles, fie-se em si mesmo. Lembre-se de que os deuses não gostam das pessoas, jovem senhor, porque as pessoas os fazem lembrar deles mesmos..."

— É claro que vamos conseguir retirar os rapazes, todos eles. Nesse meio tempo, você poderia pedir voluntários para pilotar os nossos dois aparelhos, se, se eu apertar o botão da operação 'Turbilhão'?

Starke tornou o olhar para o mapa. Então ele disse: — Claro. Serei eu e Freddy ou Pop Kelly. O outro pode levar o 212 para Rudi e se juntar a ele na sua operação, eles não têm que percorrer uma distância tão grande. — E deu um sorriso amargo. — Certo?

— Obrigado — disse Gavallan, sentindo-se melhor. — Obrigado. Você mencionou a operação 'Turbilhão' para Tom Lochart quando ele esteve aqui?

— Claro. Ele disse para não contar com ele, Andy.

— Oh. — A sensação agradável desapareceu. — Então é assim. Se ele ficar, não poderemos executar o plano.

— Ele vai ter que ir, Andy, queira ou não — Starke disse cheio de piedade. — Ele está comprometido. Com ou sem Xarazade. Esta é a parte dura... com ou sem ela. Ele não pode escapar do que houve com o HBC, com Valik e Isfahan.

Depois de um momento, Gavallan disse: — Acho que você tem razão. Injusto, não?

— Sim. Tom está bem, ele vai acabar compreendendo. Mas não tenho tanta certeza quanto a Xarazade.

— Mac e eu tentamos vê-la em Teerã. Fomos à casa dos Bakravan e batemos durante dez minutos.

Não houve resposta. Mac foi até lá ontem também. Talvez eles simplesmente não estejam atendendo à porta.

— Isto não é típico dos iranianos. — Starke tirou a jaqueta e pendurou-a no hall. — Assim que Tom chegar aqui amanhã, vou mandá-lo para Teerã se ainda houver clareza suficiente, ou no mais tardar na segunda-feira de manhã. Eu ia tratar disso com Mac hoje à noite durante a nossa comunicação diária.

— Boa ideia. — Gavallan passou para o problema seguinte. — Também não sei o que fazer com relação a Erikki. Estive com Talbot e ele disse que veria o que pode fazer, depois fui até a embaixada da Finlândia e falei com um primeiro-secretário chamado Tollonen e também contei a ele.

Ele pareceu muito preocupado, e sem saber o que fazer. "Este é um país selvagem e a fronteira é tão instável quanto a rebelião, insurreição ou luta que está acontecendo lá.

Se a KGB estiver envolvida..." Ele deixou isso solto no ar, Duke, assim mesmo: "Se a KGB estiver envolvida..."

— E quanto a Azadeh, o pai dela, o khan, não pode ajudar?

— Parece que todos tiveram uma briga danada. Ela estava muito abalada. Eu pedi a ela para esquecer os seus documentos iranianos e embarcar no 125 e esperar por Erikki em Al Shargaz, mas ela recusou terminantemente. Não vai arredar pé daqui até o Erikki aparecer. Eu mostrei a ela que o khan faz as suas próprias leis. Ele pode alcançá-la aqui em Teerã e raptá-la facilmente, se quiser. Ela disse: "Insha'Allah."

— Erikki está bem. Eu aposto. — Starke estava confiante. — Os seus deuses ancestrais vão protegê-lo.

— Espero que sim. — Gavallan não tinha tirado o casaco. Mesmo assim, ainda estava com frio. Pela janela, ele podia ver que o reabastecimento ainda não terminara. — Que tal uma xícara de café antes de partir?

— Claro. — Starke foi até a cozinha. Sobre a pia, havia um espelho e sobre o fogão em frente, uma velha tapeçaria emoldurada que uma amiga de Falls Church dera a Manuela de presente de casamento. PÉSSIMA COMIDA CASEIRA. Ele sorriu, lembrando-se de como eles tinham rido ao recebê-la, depois notou o reflexo de Gavallan no espelho, olhando para o mapa. Devo estar louco, pensou, voltando a se preocupar com os seis dias e com os dois

helicópteros. Como é que vamos conseguir limpar a base e ainda nos manter inteiros, porque de um jeito ou de outro Andy está com a razão, nós estamos acabados aqui. Devo estar louco para concordar em participar da operação. Mas que diabo, você não pode pedir a um dos seus rapazes para ser voluntário se você mesmo não for.

Sim, mas...

Houve uma batida na porta, que se abriu em seguida. Freddy Ayre disse baixinho: — 'Pé-quente' está vindo para cá com um Faixa Verde.

— Entre, Freddy, e feche a porta — disse Starke. Eles esperaram em silêncio. Houve uma batida imperiosa. Ele abriu a porta e viu o sorriso arrogante de Esvandary, reconhecendo instantaneamente o jovem Faixa Verde como sendo um dos homens do mulá Hussein e também um membro do komiteh do seu interrogatório.

— Salaam — disse educadamente.

— Salaam, aga — disse o Faixa Verde, com um sorriso tímido. Ele usava óculos de lentes grossas e rachadas, roupas puídas e um M16.

Por um momento, a mente de Starke falhou e ele se ouviu dizendo: — Sr. Gavallan, acho que o senhor conhece 'Pé-quente'.

— O meu nome é Esvandary. Sr. Esvandary! — O homem disse, zangado. — Quantos vezes eu vou ter que lhe dizer isso? Gavallan, seria bom para a sua operação livrar-se deste homem antes que o expulsemos como indesejável.

Gavallan enrubesceu com a grosseria do outro.

— Agora, espere um minuto, o capitão Starke é o melhor capi...

— Você é 'Pé-quente' e também um filho da puta — explodiu Starke, brandindo o punho, subitamente tão perigoso que Ayre e Gavallan ficaram apavorados, Esvandary recuou um passo e o jovem Faixa Verde abriu a boca. — Você sempre foi 'Pé-quente' e eu o chamaria de Esvandary ou de qualquer outro maldito nome que você quisesse se não fosse pelo que você fez com o capitão Ayre. Você é um filho da puta e merece uma lição e vai levar uma muito em breve!

— Eu vou levá-lo diante do komiteh aman..

— Você é um covarde comedor de merda, portanto vá tomar no cu. — Starke virou-se insolentemente para o Faixa Verde que ainda estava olhando para ele de boca aberta e, sem fazer uma pausa, mudou para farsi, com a voz agora educada e respeitosa. — Excelência, eu disse a este cão — ele fez um sinal grosseiro com o polegar na direção de Esvandary — que ele é um comedor de merda, um covarde, que precisa de homens armados para protegê-lo enquanto ele manda que outros homens surrem e ameacem membros desarmados e pacíficos da minha tribo, contra a lei, que não...

Sufocado de raiva, Esvandary tentou interromper, mas Starke não deixou.

— ... que não quer me enfrentar como homem, com faca, espada, revólver ou punhos, de acordo com o costume entre os beduínos, para evitar um duelo de sangue, e também de acordo com o meu costume.

— Duelo de sangue? Você enlouqueceu! Em nome de Deus, que duelo de sangue? Duelos de sangue são contra a lei... — Esvandary gritou e continuou a discussão, com Gavallan e Ayre assistindo sem poder fazer nada, sem entender farsi e completamente atônitos pela explosão de Starke.

Mas o jovem Faixa Verde não deu ouvidos a Esvandary, depois levantou a mão, ainda maravilhado com Starke e sua sabedoria e nem um pouco invejoso.

— Por favor, Excelência Esvandary — disse, com os olhos aumentados pela grossura das lentes velhas e rachadas, e quando se fez silêncio, ele disse a Starke: — O senhor reivindica o antigo direito de um duelo de sangue contra este homem?

Starke podia sentir o coração batendo e ouviu sua voz responder com firmeza: — Sim — sabendo que era um jogo perigoso, mas que ele tinha que ar riscar. — Sim.

— Como pode um infiel reivindicar esse direito? — disse Esvandary, furioso. — Isso aqui não é o deserto da Arábia Saudita, as nossas leis proíbem..

— Eu reivindico esse direito!

— Seja como Deus quiser — disse o Faixa Verde e olhou para Esvandiary — Talvez este homem não seja um infiel, não verdadeiramente. Este homem pode reivindicar o que quiser, Excelência.

— Você está louco? É claro que ele é um infiel e você não sabe que esses malditos duelos são contra a lei? Seu idiota, isso é contra a lei, é..

— O senhor não é um mulá! — disse o rapaz, zangado. — O senhor não é um mulá para dizer o que é contra a lei! Cale a boca! Eu não sou nenhum camponês analfabeto, eu sei ler e escrever e sou um membro do komiteh para manter a paz aqui e agora o senhor está ameaçando esta paz. — Ele olhou para Esvandiary, que mais uma vez recuou. — Eu vou perguntar ao komiteh e ao mulá Hussein — ele disse para Starke. — Há pouca chance deles concordarem, mas... seja como Deus quiser. Eu concordo que a lei é a lei e que um homem não precisa de outros homens armados para surrar homens inocentes contra a lei, nem mesmo para castigar o mal, por pior que seja, apenas da força de Deus. E se virou para sair — Um momento, aga — disse Starke. E estendeu a mão e apanhou um casaco de reserva que estava pendurado numa cabine ao lado da porta aberta.

— Tome — disse, oferecendo o casaco —, por favor, aceite este pequeno presente.

— Eu não poderia — disse o rapaz, com os olhos arregalados e cheios de desejo.

— Por favor, Excelência, é tão insignificante que nem merece agradecimentos.

Esvandiary começou a dizer alguma coisa mas parou quando o rapaz olhou para ele, depois este tornou a dirigir a atenção para Starke.

— Eu não poderia aceitar. É tão valioso que não poderia aceitá-lo de Sua Excelência.

— Por favor — Starke disse pacientemente, continuando com a formalidade, depois segurou o casaco para o rapaz vestir.

— Bem, se o senhor insiste... — disse o rapaz, fingindo relutância. Ele entregou o M16 a Ayre enquanto vestia o casaco, os

outros sem saber direito o que estava acontecendo, exceto Esvandiary, que olhava e esperava, jurando vingança. — É maravilhoso — disse o rapaz, fechando o zíper, sentindo-se aquecido pela primeira vez em muitos meses. Nunca na sua vida ele tivera um casaco parecido. — Obrigado, aga. — Ele viu o olhar no rosto de Esvandiary e seu desprezo por ele aumentou. Ele não estava apenas aceitando pishkesh como era o seu direito? — Eu vou tentar convencer o komiteh a conceder-lhe o direito que Vossa Excelência solicita — ele disse, e depois saiu satisfeito.

Imediatamente, Starke virou-se para Esvandiary.

— Agora, que diabo você quer?

— Há muitas licenças e vistos de permanência de pilotos vencidos.

— Não há nenhuma licença de pilotos americanos ou britânicos vencida, só de iranianos, e elas são automáticas se as outras estiverem em ordem! É claro que estão vencidas! Os seus escritórios não estão fechados há meses? Deixe de ser imbecil!

Esvandiary ficou rubro e assim que começou a responder, Starke virou-lhe as costas e olhou diretamente para Gavallan pela primeira vez.

— É evidente que não se pode mais operar aqui, sr. Gavallan. O senhor mesmo viu, nós estamos sendo impedidos, Freddy foi espancado, nós estamos atados e não há jeito de se trabalhar com toda essa confusão. Eu acho que o senhor deveria fechar a base por uns dois meses. Imediatamente!

Gavallan, de repente, compreendeu.

— Eu concordo — disse e pegou a dica. Starke suspirou de alívio, saiu de perto e sentou-se com uma raiva fingida, com o coração disparado. — Eu vou fechar a base imediatamente. Vamos mandar todos os nossos aparelhos e o nosso pessoal para outro lugar. Freddy, pegue cinco homens com licenças vencidas e embarque-os no 125 imediatamente com toda a sua bagagem, agora mesmo e...

— O senhor não pode fechar a base — gritou Esvandiary. Nem pode...

— Está fechada, por Deus — disse Gavallan, fingindo um ataque de raiva.

— São os meus aviões e os meus homens e nós não vamos nos submeter a todo esse aborrecimento e espancamento. Freddy, quem está com licenças vencidas?

Ayre começou a dar nomes e Esvandiary ficou em estado de choque. Fechar a base não lhe convinha de jeito nenhum. O ministro Ali Kia não estaria aqui na quinta-feira e ele não lhe ofereceria nesta ocasião um extraordinário pishkesh! Se a base fosse fechada, isso arruinaria os seus planos.

— O senhor não pode tirar os nossos helicópteros desta área sem a minha aprovação — gritou. — Eles são propriedade iraniana!

— Eles são propriedade da sociedade mista, caso sejam pagos — Gavallan gritou de volta, com um ódio ameaçador. — Eu vou me queixar às autoridades de que o senhor está interferindo com as ordens do imã de fazer a produção voltar ao normal. O senhor está! O...

— O senhor está proibido de fechar. Eu farei o komitech colocar Starke na cadeia por motim se...

— Conversa mole! Starke, eu estou ordenando que você feche a base. 'Pé-quente', você parece esquecer que nós somos bem relacionados. Eu vou me queixar diretamente com o ministro Ali Kia.

Ele faz parte do nosso conselho agora e vai cuidar de você e da IranOil!

Esvandiary empalideceu.

— O ministro Kia está no... no... no conselho?

— Sim, sim, está. — Por um segundo, Gavallan ficou sem saber o que dizer. Ele tinha usado o nome de Kia porque era o único que conhecia no atual governo e estava estarecido pelo impacto que isso causara em Esvandiary. Mas se aproveitou logo da vantagem. — O meu caro amigo Ali Kia vai cuidar de tudo isso! E de você também. Você é um traidor do Irã! Freddy, coloque cinco homens a bordo do 125 agora mesmo! E Starke, mande todos os aparelhos que temos para Bandar Delam assim que clarear. Assim que clarear!

— Sim senhor!

— Espere — disse Esvandiary, vendo o seu plano em ruínas. — Não há necessidade de fechar a base, sr. Gavallan. Pode ter havido algum mal-entendido, principalmente por causa de Petrofi e daquele

homem, Zataki. Eu não fui responsável por aquele espancamento, não fui eu! — E fez força para parecer razoável, mas por dentro queria gritar de raiva e ver todos eles na cadeia, açoitados e implorando uma piedade que nunca teriam. — Não há necessidade de fechar a base, sr. Gavallan. Os voos podem normalizar-se.

— Está fechada — disse Gavallan, autoritariamente e olhou para Starke pedindo ajuda. — Por mais que eu seja contra isso.

— Sim senhor. O senhor tem razão. — Starke foi muito respeitoso. — É claro que o senhor pode fechar a base. Nós podemos redistribuir os helicópteros ou mantê-los na reserva. Bandar Delam precisa imediatamente de um 212 para... para o contrato da Irã-Toda. Talvez pudéssemos enviar-lhe um dos nossos e fechar o resto.

Esvandiary disse rapidamente: — Sr. Gavallan, o trabalho está voltando ao normal rapidamente. A revolução foi bem-sucedida e já terminou, o imã está no poder. Os komitehs... os komitehs desaparecerão em breve. Há os contratos da Guernsey para cumprir, haverá necessidade do dobro de 212. Quanto à renovação de licenças vencidas, Insha'Allah, nós esperamos trinta dias. Não há necessidade de interromper as operações.

Não há necessidade de ser precipitado, sr. Gavallan, o senhor está nesta base há muito tempo, o senhor tem um grande investimento aqui e...

— Eu conheço o nosso investimento — Gavallan respondeu realmente com raiva, detestando aquele ar servil. — Muito bem, capitão Starke, eu vou seguir o seu conselho e por Deus, é melhor que o senhor esteja com a razão. Ponha dois homens no 125 esta noite, os substitutos estarão aqui dentro de uma semana. Mande o 212 para Bandar Delam amanhã. Ele vai ficar emprestado por quanto tempo?

— Seis dias, senhor. Estará de volta no domingo. Gavallan disse para Esvandiary: — Ele voltará dependendo da situação aqui.

— O 212 é nosso... o 212 pertence à base, sr. Gavallan — Esvandiary corrigiu-se rapidamente. — Ele está nos nossos relatórios. Terá que voltar. Quanto ao pessoal, a regra é que os

pilotos e mecânicos substitutos devem chegar primeiro para ficar no lugar daqueles que vão sair de licença e...

— Então nós vamos ter que quebrar as regras, sr. Esvandiary. Ou então eu fecho a base agora — Gavallan disse secamente e cruzou os dedos. — Starke, ponha dois homens no avião esta noite, deixe apenas um grupo reduzido aqui e embarque todo o resto do pessoal no voo de quinta-feira, e nós os mandaremos de volta com todos os substitutos na sexta-feira, caso a situação se normalize.

Starke viu a raiva de Esvandiary voltando, então disse rapidamente: — Nós não temos permissão para voar no Dia Santo, senhor. A equipe completa deve voltar no sábado de manhã. — E olhou para Esvandiary. — Você não concorda?

Por um momento, Esvandiary pensou que iria explodir, com o ódio quase se sobrepondo a sua determinação.

— Se você... se você pedir desculpas... pelos nomes feios e pela grosseria. Houve um longo silêncio, a porta ainda estava aberta, a sala gelada, mas Starke sentiu o suor escorrendo pelas suas costas enquanto decidia o que responder. Eles tinham conseguido muito — caso quisessem levar adiante a Operação Turbilhão — mas Esvandiray não era nenhum idiota e uma capitulação rápida o faria ficar desconfiado, assim como uma recusa poderia ameaçar o que eles tinham conseguido.

— Eu não peço desculpas por nada. Mas, no futuro, eu o chamarei de sr. Esvandiary.

Sem dizer uma palavra, Esvandiary virou as costas e saiu. Starke fechou a porta, com a camisa grudada no corpo debaixo do suéter.

— Que diabo significa tudo isso, Duke? — perguntou Ayre zangado. — Vocês estão malucos?

— Só um instante, Freddy. — disse Gavallan. — Duke, você acha que 'Pé-quente' vai concordar com tudo isso?

— Eu... eu não sei. — Starke sentou-se, com os joelhos tremendo. — Jesus.

— Se ele concordar... se ele concordar... Duke, você foi brilhante! Foi uma ideia brilhante, brilhante!

— Você pegou a bola no ar, Andy, e fez o gol.

— Se é que foi um gol. — Gavallan enxugou o suor da testa. Ele começou a explicar para Ayre, mas parou quando o telefone tocou.

— Alô? Aqui é Starke... Claro, espere um momento... Andy, é a torre. McIver está no HF. Wazari está perguntando se você quer atender agora ou se prefere ligar para ele depois. McIver mandou dizer que tem um recado para você de um cara chamado Avisyard.



Na sala de controle, Gavallan apertou o botão de transmissão quase doente de preocupação, com Wazari observando-o e outro Faixa Verde que falava inglês igualmente atento.

— Sim, capitão McIver?

— Boa noite, sr. Gavallan, estou contente por tê-lo alcançado. — A voz de McIver soava cheia de estática e neutra. — Como o senhor está recebendo?

— Três por cinco, capitão McIver, prossiga.

— Acabei de receber um telex de Liz Chen. Ele diz: "Por favor, transmita ao sr. Gavallan o seguinte telex, datado de 25 de fevereiro, que acabou de chegar: 'O seu pedido foi aprovado, [assinado]

Masson Avisyard'. Foi enviada uma cópia a Al Shargaz." — Fim da mensagem.

Por um momento Gavallan não acreditou no que estava ouvindo.

— Aprovado?

— Sim, eu repito: "O seu pedido foi aprovado." Telex assinado por Masson Avisyard. O que devo responder?

Gavallan teve dificuldade em evitar demonstrar sua alegria. Masson era o nome do seu amigo no escritório de registros aeronáuticos em Londres e o 'pedido' era para passar temporariamente todos os helicópteros baseados no Irã para registros britânicos.

— Apenas comunique o recebimento, capitão McIver.

— Nós podemos prosseguir com o plano.

— Sim. Eu concordo. Vou partir dentro de poucos minutos, há mais alguma coisa?

— No momento não, só rotina. Eu porei o capitão Starke a par de tudo esta noite, no horário habitual.

Estou muito satisfeito com a resposta de Masson, boa viagem.

— Obrigado, Mac. — Gavallan desligou o microfone e devolveu-o para o jovem sargento Wazari.

Ele tinha notado o rosto inchado, o nariz quebrado e os dentes que estavam faltando. Mas não disse nada. O que poderia dizer? "Obrigado, sargento?"

Wazari fez um sinal para o pátio lá embaixo onde a equipe de abastecimento tinha começado a enrolar as longas mangueiras.

— O tanque já está cheio, s... — Ele evitou o automático 'senhor'. — Nós, ahn, nós não temos luzes de pista, então é melhor embarcar o quanto antes.

— Obrigado. — Gavallan sentia-se leve ao caminhar em direção à escada. O HF interno começou a falar. — Aqui é o comandante da base. Chame o sr. Gavallan.

Imediatamente Wazari ligou o botão de transmissão.

— Sim senhor. — Nervosamente, ele entregou o microfone a Gavallan cuja cautela tinha aumentado.

— É o maj... desculpe, ele agora é coronel, coronel Changiz.

— Sim, coronel? Andrew Gavallan.

— Os estrangeiros não têm permissão de usar o HF para mensagens em código. Quem é Masson Avisyard?

— Um engenheiro projetista — disse Gavallan. Foi a primeira ideia que lhe ocorreu. Tome cuidado, este filho da mãe é esperto. — Eu não estava...

— Qual foi o seu 'pedido' e quem é... — Houve uma ligeira pausa e vozes abafadas — ... quem é Liz Chen?

— Liz Chen é a minha secretária, coronel. O meu pedido foi... — Foi o quê? Ele teve vontade de gritar, então, de repente, a resposta surgiu na sua cabeça. —... limitar os assentos a um grupo de seis filas de dois assentos de cada lado do corredor de um novo helicóptero, o X63. Os fabricantes queriam uma arrumação diferente, mas os nossos engenheiros acreditam que este grupo de

seis por quatro trará mais segurança e permitirá uma saída mais rápida em caso de emergência. Também economizaria dinheiro e...

— Sim, muito bem — o coronel interrompeu-o. — Eu repito, o HF não deve ser usado exceto com autorização prévia até que o estado de emergência tenha terminado, e de jeito nenhum em código. O seu reabastecimento está completo, o senhor está autorizado a decolar imediatamente. O pouso de amanhã para buscar o corpo do incidente de Zagros não foi aprovado. EcoTangoLimaLima pode pousar na segunda-feira entre 11 e 12 horas, dependendo de confirmação do QG, que será enviada pelo radar de Kish. Boa noite.

— Mas nós já temos uma aprovação formal de Teerã, senhor. O meu piloto entregou-a ao chefe da pista assim que chegou.

A voz do coronel ficou ainda mais dura: — A autorização de segunda-feira está sujeita a confirmação por parte do QG da Força Aérea Iraniana. QG da Força Aérea Iraniana. Esta é uma base da Força Aérea Iraniana, o senhor está sujeito ao regulamento e à disciplina da Força Aérea e agirá de acordo com ela. Entendeu?

Depois de uma pausa, Gavallan disse: — Sim, senhor, eu entendi, mas nós somos uma companhia civil...

— O senhor está no Irã, numa base da Força Aérea Iraniana e portanto sujeito aos regulamentos e à disciplina da Força Aérea. — O canal ficou mudo. Nervosamente, Wazari arrumou a sua mesa já meticulosamente arrumada.

DOMINGO

25 de fevereiro

49

ZAGROS — PLATAFORMA BELLÍSSIMA: 11:05H.

Num frio terrível, Tom Lochart observava Jesper Almqvist, o especialista em perfuração, manejar o enorme gancho que agora estava suspenso por um cabo sobre o poço. Em volta deles estavam os destroços queimados da plataforma e dos trailers, o resultado do ataque terrorista, já meio enterrados na neve.

— Pode baixar — gritou o jovem sueco. Imediatamente, o seu assistente, dentro da pequena cabine, movimentou o guincho. Lutando contra o vento, Jesper guiou, com dificuldade, o gancho para dentro do envólucro de metal do poço. O gancho levava uma carga explosiva sobre duas meias taças de metal presas em volta de um anel de borracha. Lochart podia ver o quanto os dois homens estavam cansados. Este era o décimo quarto poço que eles estavam tampando nos últimos três dias, ainda havia mais cinco para tampar, só faltavam sete horas para o pôr-do-sol e cada poço exigia duas ou três horas de trabalho em boas condições, uma vez que eles estivessem no local.

— Condições desgraçadas — resmungou Lochart, igualmente cansado. Horas demais de voo desde que o Faixa Verde do komiteh determinara o prazo, problemas demais: lutando para fechar todo o

campo com seus 11 poços diferentes, correndo até Shiraz para apanhar Jesper, transportando pessoal para Shiraz desde o amanhecer até o anoitecer, peças para Kowiss, decidindo o que levar e o que deixar, impossível fazer tudo em tão pouco tempo. Depois a morte de Jordon e o ataque a Scot.

— Isso aí, mantenha-o onde está! — gritou Jesper, depois correu até a cabine.

Lochart observou-o checar o nível de profundidade e depois apertar um botão. Houve uma explosão abafada. Uma nuvem de fumaça saiu do buraco. Imediatamente, o seu assistente içou os restos do cabo enquanto Jesper voltava, fechava os canos sobre o buraco, e estava pronto.

— A carga de explosivos junta as duas meias taças — Jesper explicara antes. — Isso força o selo de borracha de encontro ao revestimento de metal e ele está tampado, o selo dura uns dois anos. Quando você quiser abri-lo, nós voltamos e, com uma ferramenta especial, retiramos a tampa e ele fica novo.

Talvez.

Ele enxugou o rosto com a manga.

— Vamos dar o fora, Tom! — Voltou para a cabine, desligou o interruptor elétrico principal, enfiou todas as folhas de computador numa pasta, fechou e trancou a porta.

— E quanto a todo o equipamento?

— Fica. A cabine é boa. Vamos subir a bordo, eu estou gelado. — Jesper dirigiu-se para o 206 que estava parado na pista. — Assim que eu voltar para Shiraz, irei à IranOil e tentarei que eles nos deem permissão para voltar e apanhar a cabine, junto com as outras. Onze cabines são um investimento grande demais para deixar para trás, sem uso. Dependendo do tempo, elas duram um ano, trancadas. Elas são projetadas para aguentar um bocado de mau tempo, embora não um ataque.

— Ele fez um gesto em direção aos destroços em volta deles. — Que coisa estúpida!

— Sim.

— Estúpida! Tom, você deveria ter visto os executivos da IranOil quando eu lhes contei que vocês tinham sido expulsos e que o sr.

Será ia fechar o campo.

— Jesper sorriu, louro, de olhos azuis. — Eles berraram como porcos no matadouro e juraram que não havia nenhuma ordem dos komitehs para interromper a produção.

— Eu ainda não sei por que eles não voltaram com você para dominar estes filhos da mãe daqui.

— Eu os convidei e eles disseram que viriam na próxima semana. Isso aqui é o Irã, eles não virão nunca. — Ele tornou a olhar para o campo. — Só este poço produz 16 mil barris por dia. — Ele se sentou no assento da esquerda ao lado de Tom. Seu assistente, um bretão taciturno, entrou atrás e fechou a porta. Lochart ligou o motor, com o aquecimento no máximo.

— Agora, plataforma Maria, certo? Jesper pensou um momento.

— É melhor deixá-la para o fim. A plataforma Rosa é mais importante.

— E abafou outro bocejo. — Temos dois poços em funcionamento para tampar lá e o que está ainda sendo perfurado. Os pobres desgraçados não tiveram tempo de retirar cerca de sete mil pés de canos, então vamos ter que tampá-lo com tudo lá dentro. Um desperdício danado. — Ele fechou o cinto de segurança e se encolheu mais para perto da saída de ar quente.

— O que acontece depois?

— Rotina. — O rapaz riu. — Quando você quiser reabrir, nós tiramos a tampa e depois começamos a pescar o cano, peça por peça. Lento, cansativo e caro. — Mais um enorme bocejo. Ele fechou os olhos e adormeceu instantaneamente.

Mimmo Sera estava esperando o 206 na plataforma Rosa. Havia também um 212 na pista, com o motor trabalhando, Jean-Luc nos controles, homens carregando a bagagem e subindo a bordo.

— Buon giorno, Tom.

— Oi, Mimmo. Como está indo? — Lochart acenou para Jean-Luc.

— Estes são os meus últimos homens, exceto por um operário que vai ajudar Jesper. — Mimmo Será estava exausto. — Não houve tempo de recolher o cano do Três.

— Não há problema, vamos tampá-lo como está.

— Si. — Um sorriso cansado. — Pense em todo o dinheiro que você vai ganhar retirando-o.

— Dois mil e seiscentos metros a... talvez nós façamos um preço especial para você — riu Jesper Bem-humoradamente, o outro fez um gesto expressivo, bem italiano.

— Vou deixar vocês dois trabalhando. A que horas você quer que eu venha buscá-lo? — perguntou Lochart.

Jesper olhou o relógio. Era quase meio-dia.

— Venha às quatro e meia. Certo?

— Quatro e meia em ponto. O pôr-do-sol é às 6:37h. — Lochart foi até o 212.

Jean-Luc estava inteiramente agasalhado contra o frio, mas mesmo assim conseguia ser elegante.

— Vou levar este lote diretamente para Shiraz. São os últimos, exceto por Mimmo e a sua tripulação.

— Ótimo. Como estão as coisas lá embaixo?

— Um caos. — Jean-Luc praguejou com vontade. — E sinto cheiro de desgraça, mais desgraça.

— Você está sempre esperando alguma desgraça. A não ser quando está na cama. Não se preocupe, Jean-Luc.

— É claro que estou preocupado. — Jean-Luc observou por um momento o aparelho sendo carregado; estava quase terminado agora, malas, mochilas, dois cachorros, dois gatos, e uma carga completa de homens esperando impacientemente. Depois tornou a virar-se, baixou a voz e disse com seriedade: — Tom, quanto antes estivermos fora do Irã, melhor.

— Não. Zagros é um caso isolado. Eu ainda tenho esperança de que o Irã volte a funcionar. — O HBC apareceu diante dos olhos de Lochart, depois Xarazade e 'Turbilhão'. Ele não tinha contado a ninguém a respeito da operação 'Turbilhão' nem a sua conversa com Starke: — Vou deixar isto para você, Duke — tinha dito antes de partir. — Você pode apresentar o caso melhor do que eu. Eu sou totalmente contra.

— Claro. É um direito seu. Mac aprovou a sua viagem para Teerã na segunda-feira.

— Obrigado. Ele já esteve com Xarazade?

— Não, Tom, ainda não.

Onde ela se meteu? pensou, sentindo outro aperto no peito.

— Vejo você na base, Jean-Luc. Faça uma boa viagem.

— Certifique-se de que Scot e Rodrigues estejam prontos quando eu voltar. Terei que fazer uma parada rápida se quiser chegar em Al Shargaz hoje à noite. — Bateu a porta da cabine, olhou em volta e obteve autorização para subir, depois agradeceu, e voltou-se. — Vou subir. Certifique-se de que Scot suba a bordo discretamente, hein? Eu não quero ser atacado lá em cima. Eu ainda acho que Scot era o alvo deles, ninguém mais.

Lochart balançou a cabeça e foi para o 206.

Ele voltava de Kowiss, na véspera, quando a desgraça aconteceu. Jean-Luc tinha acabado de acordar na hora e, por acaso, estava olhando pela janela.

— Os dois, Scot e Jordon, estavam muito perto um do outro, transportando peças, carregando o HIW

— ele tinha contado a Lochart assim que este pousou. — Eu não vi os primeiros tiros, apenas ouvi, mas vi Jordon cambaleiar e gritar, atingido na cabeça, e Scot olhar na direção das árvores atrás do hangar. Depois Scot se curvou para ajudar Jordon. Eu já vi muitos homens atingidos por balas para saber que o pobre Effer estava morto antes mesmo de tocar o chão. Então houve mais tiros, três ou quatro, mas não era uma metralhadora, parecia mais um M16 automático. Desta vez Scot levou um tiro no ombro e caiu na neve ao lado de Jordon, meio encoberto por ele. Jordon estava entre ele e as árvores. Então as balas continuaram a chover... sobre Scot, Tom, eu tenho certeza.

— Como você pode ter certeza, Jean-Luc?

— Eu tenho certeza. Effer estava diretamente na linha de fogo, diretamente, e levou todos os tiros. Os atacantes não estavam atirando na base, só em Scot. Eu agarrei a minha pistola Very e saí, não vi ninguém, mas atirei na direção das árvores. Quando cheguei onde estava Scot, ele estava histérico e Jordon todo arrebatado, tinha levado uns oito tiros. Nós levamos Scot para a enfermaria. Ele está bem, Tom, foi uma ferida no ombro, eu o vi ser tratado, a ferida está limpa e a bala atravessou a carne.

Lochart tinha ido imediatamente ver Scot no trailer que eles chamavam de enfermaria. Kevin O'Sweeney, o médico, disse: — Ele está bem, capitão.

— Sim — repetiu Scot, com o rosto branco e ainda em estado de choque. — Estou bem sim, Tom.

— Deixe-me falar com Scot por um momento, Kevin. — Quando estavam a sós, ele disse baixinho: — O que houve enquanto eu estive fora, Scot, você esteve com Nitchak Khan? Com alguém da aldeia?

— Não, com ninguém.

— E você não contou a ninguém o que aconteceu na praça?

— Não, não, de jeito nenhum. Por quê, o que está havendo, Tom?

— Jean-Luc acha que você era o alvo, não Jordon nem a base, só você.

— Oh, Cristo! O velho Jeffer morreu por minha causa?

Lochart recordou o desespero de Scot. Todos na base ficaram muito tristes, mas as pessoas continuaram a trabalhar freneticamente, encaixotando peças, carregando os dois 212, o 206 e o Alouette para hoje, o último dia em Zagros. A única hora animada foi o jantar — um churrasco de perna de cabrito que Jean-Luc tinha cozinhado com bastante arroz e horisht.

— Grande churrasco, Jean-Luc — ele tinha dito.

— Sem alho francês e a minha habilidade, isto teria gosto de carneiro inglês, Ugh!

— O cozinheiro comprou-o na aldeia?

— Não, foi um presente. O jovem Darius, o que fala inglês, ele nos trouxe a carcaça inteira na sexta-feira, a mulher de Nitchak mandou de presente.

De repente, Lochart sentiu um gosto ruim na boca.

— A mulher dele?

— Oui. O jovem Darius disse que ela tinha caçado de manhã. Mon Dieu, eu não sabia que ela era uma caçadora, você sabia? O que foi que houve, Tom?

— Foi um presente para quem? Jean-Luc franziu a testa.

— Para mim e para a base... na verdade, Darius disse: "Isto aqui foi a senhora que mandou para a base e para agradecer a ajuda da França ao imã, que Deus o proteja." Por quê?

— Por nada. — dissera Lochart, mas mais tarde tinha levado Scot para um canto. — Você estava aqui quando Darius entregou o cabrito?

— Sim, sim, estava. Por acaso eu estava no escritório e agradei e... — O rosto de Scot perdeu a cor. — Agora que estou pensando nisto, Darius disse quando estava saindo: "É uma sorte a senhora ter tão boa pontaria, não?" Eu acho que eu disse: sim, fantástico. Isso foi uma dica, não foi?

— Sim. Se você juntar isto ao meu lapso, e que agora, refletindo melhor, começo a achar que foi uma armadilha proposital. Eu também fui enganado, e agora Nitchak sabe que nós dois poderíamos servir de testemunhas contra a aldeia.

Na noite anterior e durante todo aquele dia, Lochart tinha ficado imaginando o que fazer, como tirar a si mesmo e a Scot de lá, e ainda não tinha achado uma solução.

Distraidamente, ele subiu no 206, esperou até Jean-Luc se afastar e decolou. Agora ele voava sobre a ravina dos Camelos Quebrados. A estrada que conduzia à aldeia ainda estava enterrada debaixo de toneladas de neve trazidas pela avalanche. Eles nunca a desobstruirão, pensou. No platô montanhoso ele podia ver rebanhos de ovelhas e cabras com seus pastores. Na frente ficava a aldeia de Yazdek.

Ele a contornou. A escola era uma cicatriz na terra, preta no meio da brancura. Alguns aldeões estavam na praça e olharam para cima rapidamente e depois continuaram o que estavam fazendo. Não vou sentir pena de partir, pensou. Não depois de Jordon ter sido assassinado aqui. Zagros Três nunca mais será a mesma.

A base estava um caos, com os homens se movimentando por lá — os últimos a serem trazidos de outras plataformas e que deveriam ir para Shiraz e de lá para fora do Irã. Mecânicos exaustos xingavam enquanto continuavam a empacotar peças, empilhar caixas e bagagem para serem embarcadas para Kowiss. Antes de conseguir sair da cabine, o carro-tanque chegou com Freddy Ayre empoleirado

no capô. Na véspera, por sugestão de Starke, Lochart trouxera Ayre e outro piloto, Claus Schwartenegger, para substituírem Scot.

— Eu tomo conta dele agora, Tom — disse Ayre. — Você vai comer.

— Obrigado, Freddy. Como foram as coisas?

— Difíceis. Claus levou outro carregamento de peças para Kowiss e vai voltar a tempo de levar o último. Ao anoitecer eu vou levar o Alouette, ele está cheio até a borda e mais um pouco. Qual você quer pilotar?

— O 212. Eu vou levar Jordon. Claus pode levar o 206. Você vai para Shiraz?

— Sim. Nós ainda temos dez pessoas para levar para lá. Eu estava, ahn, pensando em levar cinco passageiros ao invés de quatro em duas viagens. Certo?

— Se eles forem pequenos, sem bagagem e desde que eu não veja. Certo? Ayre riu, com o frio realçando as suas manchas roxas.

— Eles estão tão ansiosos, acho que não estão ligando muito para bagagens. Um dos caras da plataforma Maria disse que eles ouviram tiros por perto.

— Provavelmente um dos aldeões caçando. — O fantasma da caçadora com o seu rifle possante, aliás, de qualquer um dos kash 'kai, todos atiradores experientes, o encheu de terror. Nós estamos tão desamparados, pensou, mas disfarçou. — Faça uma boa viagem, Freddy. — E foi até a cozinha e se serviu de um pouco de horisht.

— Aga — disse o cozinheiro, nervosamente, com os outros quatro ajudantes agrupados em volta dele. — Nós estamos com dois meses de salários atrasados. O que vai acontecer conosco e com o nosso salário?

— Eu já lhe disse, Ali. Nós vamos levá-los de volta a Shiraz, de onde vocês vieram. Esta tarde. Nós vamos pagar os seus salários lá e assim que eu puder, vou mandar o salário do mês de aviso prévio que estamos devendo a vocês. Vocês mantenham contato através da IranOil como sempre. Quando nós voltarmos, vocês terão os seus empregos de volta.

— Obrigado, aga. — O cozinheiro estava com eles há um ano. Ele era um homem magro, pálido, com uma úlcera de estômago. —

Eu não quero mais ficar no meio destes bárbaros — disse nervosamente.

— A que horas nós vamos?

— Antes do pôr-do-sol. Às quatro horas você começa a arrumar tudo e deixe tudo em ordem.

— Mas, aga, para que isso? Assim que nós partirmos os Yazdeks virão roubar tudo.

— Eu sei — disse Lochart, exausto. — Mas você vai deixar tudo em ordem e eu vou trancar a porta e talvez eles não roubem.

— Seja como Deus quiser, aga. Mas eles virão.

Lochart terminou de comer e foi para o escritório. Scot Gavallan estava lá, com o rosto abatido, o braço numa tipoia. A porta se abriu. Rod Rodrigues entrou, com olheiras negras e o rosto cansado.

— Oi, Tom, você não esqueceu, hein? — Ele perguntou ansiosamente. — Eu não estou na lista.

— Não há problema. Scot, Rod vai no HJX. Ele vai com você e Jean-Luc para Al Shargaz.

— Ótimo. Mas eu estou bem, Tom. Acho que prefiro ir para Kowiss.

— Pelo amor de Deus, você vai para Al Shargaz e não quero discussão!

Scot ficou vermelho.

— Sim, está bem, Tom. — Ele saiu. Rodrigues quebrou o silêncio.

— O que você quer que mandemos no HJX?

— Como é que eu vou saber, que diabo — Lochart parou. — Desculpe, eu estou ficando cansado.

Desculpe.

— Não se preocupe, Tom. Nós todos estamos cansados. Talvez possamos mandá-lo vazio, hein?

Com muito esforço, Lochart afastou o cansaço.

— Não, coloque o motor de reserva a bordo, e quaisquer outras peças de 212 para completar a carga.

— Claro. Isso seria bom. Talvez... A porta foi aberta e Scot entrou rapidamente.

— Nitchak Khan! Olhe pela janela!

Vinte homens ou mais estavam se aproximando pelo caminho que levava à aldeia. Todos estavam armados. Outros já estavam se espalhando pela base, e Nitchak Khan estava se dirigindo ao escritório. Lochart foi até a janela dos fundos, abriu-a.

— Scot, vá até a minha cabana, afaste-se das janelas, não deixe que eles o vejam e não se mexa até eu chegar. Rápido!

Scot pulou a janela com dificuldade e saiu correndo. Lochart fechou a janela.

A porta se abriu. Lochart levantou-se.

— Salaam, calênder.

— Salaam. Estranhos foram vistos aqui perto, na floresta. Os terroristas devem ter voltado, então eu vim proteger vocês. — Os olhos de Nitchak Khan eram duros. — Seja como Deus quiser, mas eu não gostaria que houvesse mais mortes antes de vocês partirem. Nós ficaremos aqui até o pôr-do-sol. — E saiu.

— O que foi que ele disse? — perguntou Rodrigues, sem entender farsi. Lochart contou a ele e o viu estremecer.

— Não há problemas, Rod — disse, disfarçando o seu próprio medo. Não havia nenhuma chance deles decolarem ou pousarem sem voar baixo pela floresta, um alvo perfeito. Terroristas? Conversa fiada! Nitchak sabe sobre Scot e sobre mim e eu aposto que ele tem atiradores plantados em toda parte, e se ele ficar aqui até o pôr-do-sol não há nenhuma maneira de fugir, ele vai saber em que helicóptero nós estamos. Insha'Allah. Insha'Allah, mas enquanto isso, que diabo você vai fazer?

— Nitchak Khan conhece os arredores — disse com tranquilidade, sem querer amedrontar Rod, já havia medo demais na base. — Ele vai nos proteger, Rod, caso eles estejam lá. O motor de reserva já está embalado?

— Hum? Claro, Tom, claro, está embalado.

— Você se encarrega de colocá-lo no helicóptero. Vejo você mais tarde Não se preocupe.

Durante um longo tempo, Lochart ficou olhando para a parede. Quando chegou a hora de voltar para a plataforma Rosa, Lochart foi procurar Nitchak Khan.

— Você não vai querer ver se a plataforma Rosa foi fechada direito, calênder? Ela fica na sua terra — disse e embora o velho estivesse relutante, ele conseguiu persuadi-lo com lisonjas a acompanhá-lo. Com o khan a bordo, Lochart sabia que estaria seguro por enquanto.

Até agora tudo bem, pensou. Eu vou ter que ser o último a partir. Até estarmos bem longe, Scot e eu, eu vou ter que ser muito esperto. Há muito a perder agora: Scot, os rapazes, Xarazade, tudo.

NA PLATAFORMA ROSA: 17H.

Jesper guiava o caminhão velozmente pelo caminho entre os pinheiros que levava ao último poço a ser tampado. Ao lado dele estava Mimmo Será. O operário e o seu assistente estavam atrás, e ele cantava baixinho, mais para se manter acordado. O platô era largo, havia quase um quilômetro entre cada poço, a paisagem era bonita e selvagem.

— Estamos atrasados — disse Mimmo, cansado, olhando para o sol que baixava no horizonte. — Stronzo!

— Nós vamos conseguir — retrucou Jesper. No seu bolso estava a última das barras de chocolate energizantes. Os dois homens a repartiram. — Isto se parece um bocado com a Suécia — disse Jesper, derrapando numa curva, animando-se com a velocidade.

— Nunca estive na Suécia. Lá está ele — exclamou Mimmo. O poço estava numa clareira, já em funcionamento e produzindo cerca de 12 mil barris por dia, todo o campo era imensamente rico.

Sobre o poço havia uma coluna gigantesca de válvulas e canos, chamada de árvore de Natal, que o ligava ao oleoduto principal. — Este foi o primeiro que perfuramos aqui — disse distraidamente. — Antes do seu tempo.

Quando Jesper desligou o motor, o silêncio foi estonteante, não havia necessidade de bombas para trazer o óleo para a superfície. A enorme pressão do gás, preso na camada de óleo a milhares de

metros de profundidade, fazia isto para eles e continuaria fazendo por muitos anos.

— Nós não temos tempo para tampá-lo direito, sr. Será. A menos que o senhor queira prolongar a nossa permanência.

O homem sacudiu a cabeça e puxou o gorro para cima das orelhas.

— Por quanto tempo as válvulas aguentarão? Jesper deu de ombros.

— Deveriam aguentar indefinidamente, mas sem conservação nem inspeção periódicas? Não sei.

Talvez indefinidamente, a menos que tenhamos um escapamento de gás, ou se uma das válvulas ou selos estiver com defeito.

— Stronzo!

— Stronzo — repetiu Jesper, depois fez um sinal para o seu assistente e para o operário e avançou.

— Vamos apenas fechá-lo, sem tampar. — A neve afundava sob os pés deles. O vento agitava a copa das árvores e então eles ouviram o barulho do helicóptero voltando da base. — Vamos acabar logo com isso.

Eles estavam ocultos da pista e dos prédios principais da plataforma Rosa, que ficavam a um quilômetro de distância. Irritado, Mimmo acendeu um cigarro e se encostou no capô, observando os três homens trabalharem, lutando com as válvulas, algumas emperradas, depois apanhando a enorme chave inglesa para soltá-las, depois a bala ricocheteou na árvore de Natal e o ruído que se seguiu ecoou pela floresta. Todos ficaram paralisados. E esperaram. Nada.

— Vocês viram de onde ela veio? — murmurou Jesper. Ninguém respondeu. Mais uma vez eles esperaram. Nada. — Vamos terminar — disse, e mais uma vez pôs o seu peso sobre a chave inglesa.

Os outros se adiantaram para ajudar. Imediatamente houve outro tiro e a bala entrou no pára-brisa do caminhão, abriu um buraco na parede da cabine, arrebentou a tela do computador e outros instrumentos elétricos antes de sair pelo outro lado. Silêncio.

Não havia nenhum movimento em parte alguma. Apenas o vento e a neve caindo, agitada pelo vento.

Barulho dos jatos do helicóptero na manobra de pouso.

Mimmo Sera gritou em farsi: — Estamos apenas fechando o poço, Excelências, para ficar mais seguro. Nós vamos fechá-lo e depois partiremos. — Mais uma vez eles esperaram. Nenhuma resposta. Mais uma vez: — Nós só estamos deixando o poço seguro! Seguro para o Irã, não para nós! Para o Irã e o imã. É o petróleo de vocês e não nosso.

Mais uma vez esperaram e não se ouviu nenhum som além dos sons da floresta. Galhos quebrando.

Ao longe, um animal gritou.

— Mamma mia — disse Mimmo Será, com a voz rouca de tanto gritar, depois se adiantou e apanhou a chave inglesa e a bala passou tão perto do seu rosto que ele sentiu a sua passagem. Ele levou um choque enorme. A chave inglesa escorregou-lhe das mãos. — Todo mundo para o caminhão. Vamos embora.

Ele recuou e entrou no banco da frente. Os outros o seguiram. Exceto Jesper. Ele foi buscar a chave inglesa e quando viu o estrago que a bala tinha feito na sua cabine, no seu equipamento, fechou a cara, sua raiva explodiu e ele sacudiu a chave inglesa na direção da floresta com um palavrão e ficou lá em pé um momento, com os pés ligeiramente afastados, sabendo que era um alvo fácil mas sem se importar.

— Forbannadesshitdjavlar — murmurou Jesper, satisfeito em dizer o palavrão em sueco, depois subiu para o assento do motorista. O caminhão voltou por onde tinha vindo e quando já estava fora da vista, uma saraivada de balas dos dois lados da floresta atingiu a árvore de Natal, arrancando pedaços de metal, que se espalharam pela neve e pelo ar. Depois silêncio. Então alguém riu e gritou: — Allahhhh-u Akbarrr...

O grito ecoou. Depois morreu.

EM ZAGROS TRÊS: 18:38H.

O sol tocou o horizonte. As últimas peças e bagagens estavam sendo colocadas a bordo. Todos os quatro helicópteros estavam alinhados, dois 212, o 206 e o Alouette, e os pilotos estavam prontos. Jean-Luc andava de um lado para o outro, a partida tinha sido atrasada por Nitchak Khan que, mais cedo, ordenara arbitrariamente que todos os aparelhos partissem ao mesmo tempo, o que tornava impossível para Jean-Luc alcançar Al Shargaz, apenas Shiraz, onde teria que passar a noite, uma vez que os voos noturnos eram proibidos no Irã.

— Explique outra vez a ele, Tom — disse Jean-Luc, furioso.

— Ele já disse a você que não, já me disse que não, então é não, e de qualquer maneira já está muito tarde. Está tudo pronto, Freddy?

— Sim — Ayre gritou irritado. — Estamos esperando há mais de uma hora!

Com uma expressão severa, Lochart dirigiu-se até onde estava Nitchak Khan, que percebera a raiva e a irritação dos estrangeiros e ficara secretamente encantado pelo transtorno que lhes causara. Ao lado de Nitchak Khan estava o Faixa Verde que Lochart presumia que fosse do komiteh e alguns aldeões. O resto tinha ido embora durante a tarde. Para a floresta, ele pensou, com a boca seca.

— Calênder, estamos quase prontos.

— Seja como Deus quiser. Lochart gritou: — Freddy, última carga, agora. — Ele tirou o seu gorro e os outros fizeram o mesmo enquanto Ayre, Rodrigues e dois mecânicos traziam o caixão que estava no hangar e o levavam cuidadosamente até o 212 de Jean-Luc. Depois de terminado, Lochart se aproximou. — Pessoal de Shiraz a bordo. — Ele apertou a mão de Mimmo Será, de Jesper, do operário e do assistente de Jesper à medida que eles foram subindo a bordo, ajeitando-se no meio da bagagem, das peças e do caixão. Inquietos, Mimmo Será e o seu operário italiano se benzeram, depois colocaram os cintos.

Jean-Luc subiu para o lugar do piloto com Rodrigues ao seu lado. Lochart virou-se para o resto dos homens.

— Todos a bordo!

Vigiados cuidadosamente por Nitchak Khan e pelo Faixa Verde, os restantes subiram a bordo, Ayre pilotava o Alouette, Claus Schwartenegger o 206, todos os lugares estavam ocupados, os tanques cheios, os compartimentos de bagagem cheios, os deslizadores externos carregados de lâminas de rotor avulsas. O 212 de Lochart estava entulhado até em cima: — Quando chegarmos em Kowiss já teremos gasto um bocado de combustível, então estaremos dentro da lei. De qualquer maneira, vamos descer o tempo todo — dissera a todos os pilotos ao falar com eles mais cedo.

Agora ele estava sozinho, em pé na neve de Zagros Três, todo mundo já tinha embarcado e as portas estavam fechadas.

— Decolem! — ordenou, com a tensão aumentando. Ele tinha dito a Nitchak Khan que decidira coordenar a decolagem.

Nitchak Khan e o Faixa Verde aproximaram-se de Lochart.

— O jovem piloto, aquele que foi ferido, onde está ele?

— Quem? Oh, Scot? Se ele não está aqui, está em Shiraz, calênder — disse Lochart e viu a raiva surgir na cara do velho e a boca do Faixa Verde se escancarar. — Por quê?

— Isso não é possível — discordou o Faixa Verde.

— Eu não o vi a bordo, ele deve ter ido num voo mais cedo... — Lochart teve que levantar a voz acima do ruído dos jatos, todos os motores agora estavam funcionando com força máxima — ...num voo mais cedo, quando nós estávamos nas plataformas Rosa e Maria, calênder. Por quê?

— Isso não é possível, calênder — repetiu o Faixa Verde, assustado, enquanto o velho virava-se para ele. — Eu estava vigiando cuidadosamente.

Lochart se abaixou para evitar as hélices e foi até a janela do piloto do 212 de Jean-Luc, entregando-lhe um grosso envelope branco.

— Tome, Jean-Luc. Bonne chance — disse. — Decole! — Por um instante ele viu o esboço de um sorriso antes de correr para se proteger. Jean-Luc acelerou ao máximo para decolar rapidamente e o aparelho subiu e se afastou, com o vento das hélices sacudindo as

suas roupas e as dos aldeões, os jatos abafando o que Nitchak Khan estava gritando.

Ao mesmo tempo — também como havia sido combinado antes — Ayre e Schwartenegger aceleraram, afastando-se um do outro antes de subir devagar em direção às árvores. Lochart ficou de dedos cruzados e então o furioso Faixa Verde o agarrou pela manga e o fez virar-se.

— Você mentiu — o homem estava gritando — você mentiu para o calênder. O jovem piloto não partiu mais cedo! Eu o teria visto, eu estava observando cuidadosamente. Diga ao calênder que você mentiu!

Repentinamente, Lochart arrancou a manga da mão do rapaz, sabendo que cada segundo significava mais alguns metros de altitude, mais alguns metros em direção à salvação.

— Por que eu mentiria? Se o jovem piloto não está em Shiraz, então ele ainda está aqui. Revistem o campo, revistem o meu aparelho! — E saiu andando em direção ao seu 212 e ficou em pé ao lado da porta aberta, vendo com o canto dos olhos o 212 de Jean-Luc agora sobre a linha das árvores, Ayre tão sobrecarregado que mal podia voar, e o 206 ainda subindo. — Em nome de Deus, vamos procurar — disse, atraindo a atenção deles para si e para longe dos helicópteros que se afastavam, desejando que eles não revistassem o avião, mas o próprio campo. — Como um homem poderia se esconder aqui? Impossível. Que tal o escritório ou os trailers talvez ele esteja escondido...

O Faixa Verde tirou a arma do ombro e apontou para ele.

— Diga ao calênder que você mentiu, senão vai morrer!

Quase sem nenhum esforço, Nitchak Khan arrancou a arma da mão do rapaz e a atirou na neve.

— Eu sou a lei em Zagros, não você! Volte para a aldeia! — Cheio de medo, o Faixa Verde obedeceu na mesma hora.

Os aldeões esperavam e observavam. O rosto de Nitchak Khan estava tenso e seus olhos iam de um helicóptero para outro. Eles estavam longe agora, mas não fora do alcance dos homens que ele tinha postado em volta da base — para atirar apenas se ele desse o sinal, só ele. Um dos helicópteros menores estava inclinado, subindo

ainda o mais depressa possível, fazendo um grande círculo. Para vigiar-nos, pensou Nitchak Khan, para ver o que vai acontecer. Seja como Deus quiser.

— É perigoso derrubar as máquinas voadoras — dissera sua mulher. — Isso nos trará azar.

— Os terroristas farão isto, não nós. O jovem piloto nos viu e o piloto-chefe que fala farsi sabe. Eles não devem escapar. Os terroristas não têm piedade, eles não se importam com a lei e a ordem, e como provar que eles não existem? Essas montanhas não estão cheias de bandidos? Nós não perseguimos esses terroristas o mais que pudemos? O que poderíamos ter feito para evitar a tragédia? Nada.

E agora, diante dele, estava o último dos infiéis, o seu principal inimigo, aquele que o enganara e mentira, conseguindo fazer o outro demônio partir escondido. Pelo menos este não vai escapar, ele pensou. Só havia um pedacinho de sol sobre o horizonte. Enquanto ele olhava, o sol desapareceu.

— Que a paz esteja com você, piloto.

— E com você também, calênder, que Deus o proteja — disse Lochart, secamente. — Aquele envelope que eu dei ao piloto francês. Você viu quando eu o entreguei?

— Sim, sim, eu vi.

— Aquela era uma carta endereçada ao Komiteh Revolucionário em Shiraz, com uma cópia para o calênder iraniano em Dubai, do outro lado do grande mar, assinada pelo jovem piloto, testemunhada por mim, contando exatamente o que aconteceu na praça da aldeia, quem o fez, a quem, quem foi morto, o número de homens amarrados no caminhão dos Faixas Verdes antes deste cair na ravina dos Camelos Quebrados, o assassinato de Nasiri, o seu...

— Mentiras, só mentiras! Pelo Profeta, o que significa esta palavra. Assassinato? Assassinato? Isso é para bandidos. O homem morreu. Foi a Vontade de Deus — disse teimosamente o velho, consciente dos aldeões com os olhos fixos em Lochart. — Ele era um partidário conhecido do satânico xá a quem você vai encontrar, com certeza, muito em breve, no inferno.

— Talvez sim, talvez não. Talvez o meu empregado leal que foi covardemente assassinado aqui por cães covardes já tenha falado com o Único Deus e o Único Deus saiba quem está dizendo a verdade.

— Ele não era muçulmano, ele não serviu ao Islã e...

— Mas ele era cristão e os cristãos servem ao Único Deus e o meu companheiro foi morto numa emboscada feita por covardes, filhos de um cão, que só tiveram coragem de atirar de tocaia, certamente comedores de merda e homens da Mão Esquerda e amaldiçoados! É verdade que ele foi assassinado como o outro cristão lá na plataforma. Por Deus e pelo Profeta de Deus, a morte deles será vingada!

Nitchak Khan deu de ombros.

— Terroristas — ele repetiu, amedrontado —, os terroristas fizeram isso, é claro que foram os terroristas! Quanto à carta, é tudo mentira, mentira, o piloto era mentiroso, nós todos sabemos o que houve na aldeia. Tudo o que ele disse é mentira.

— Mais uma razão para que a carta não seja entregue. — Lochart estava escolhendo as palavras com muito cuidado. — Portanto, por favor, proteja-me dos 'terroristas' enquanto eu me afasto. Só eu posso evitar que a carta seja entregue. — Seu coração batia desordenadamente enquanto ele observava o velho apanhar um cigarro, pesando os prós e os contras, e acender o cigarro com o isqueiro de Jordon e ele tornou a imaginar como poderia vingar-se da morte de Jordon, uma parte ainda não resolvida do plano que até agora tinha funcionado perfeitamente: ele tinha afastado o atento Nitchak Khan dali, Scot Gavallan se escondera no caixão e embarcara no 212 de Jean-Luc, o corpo de Jordon fora colocado no caixote que servia para carregar caudas de rotores e levado para o seu 212, depois a carta e os três helicópteros decolando juntos, tudo perfeitamente planejado.

E agora estava na hora de terminar. Ayre, no Alouette, estava circulando lá em cima, fora de alcance.

— Salaam, calênder. Que a justiça de Deus esteja com você — disse e se dirigiu à cabine de pilotagem.

— Eu não tenho controle sobre os terroristas! — E quando Lochart não parou, Nitchak gritou ainda mais alto: — Por que você impediria a entrega das mentiras, hein?

Lochart subiu para a cabine, desejando estar longe, detestando aquele lugar e aquele velho.

— Porque, diante de Deus, eu detesto mentiras.

— Diante de Deus, você impediria a entrega destas mentiras?

— Diante de Deus, eu providenciarei para que a carta seja queimada. Que a justiça de Deus esteja com você, calênder, e com Yazdek. — Ele deu partida no motor. O primeiro jato pegou. As hélices começaram a girar. Mais botões. Agora o segundo motor pegou e ele ficou observando o velho o tempo todo. Apodreça no inferno, desgraçado, pensou. Suas mãos estão manchadas com o sangue de Jordon, e de Gianni também, eu tenho certeza, embora não possa provar. Talvez o meu também.

Esperando. Agora todos os mostradores estavam no verde. Ele decolou.

Nitchak Khan observou o helicóptero balançar no ar, hesitar, depois virar lentamente e começar a subir. É tão fácil levantar a mão, pensou, e o infiel e esse monstro barulhento se transformariam numa pira funerária despencando do céu, e quanto à carta, mentiras, só mentiras.

Dois homens mortos? Todo mundo sabe que eles estão mortos por sua própria culpa. Nós os convidamos para virem aqui? Não, eles vieram para explorar a nossa terra. Se não tivessem vindo para cá, ainda estariam vivos e esperando pelo inferno que é o lugar deles.

Seus olhos não se afastaram nem por um momento das máquinas voadoras. Ainda havia muito tempo.

Ele fumou devagar, apreciando imensamente o cigarro, deliciando-se com a ideia de que poderia destruir uma máquina tão poderosa com um simples gesto. Mas não o fez. Ele se lembrou do conselho da esposa e acendeu um outro cigarro na ponta do anterior e o fumou, esperando pacientemente. Em pouco tempo, o barulho odioso das máquinas diminuiu, desaparecendo rapidamente e depois, lá em cima, ele viu o menor dos aparelhos parar de circular e também se dirigir para o sul e para oeste..

Quando todos os ruídos que lembravam os infiéis tinham desaparecido, ele achou que a paz voltara novamente a Zagros.

— Incendeiem a base — disse para os outros.

Em pouco tempo as chamas estavam altas. Sem nenhuma pena, ele atirou o isqueiro no meio das chamas e, satisfeito, caminhou para casa.

SEGUNDA-FEIRA

26 de fevereiro

50

PERTO DA BASE AÉREA DE BANDAR DELAM: 9.16H.

Debaixo de uma chuva torrencial, a caminhonete Subaru, com o símbolo da Irã-Toda na porta, corria pela estrada, com os limpadores do pára-brisas funcionando a todo o vapor, a estrada estava cheia de buracos e poças d'água, e o motorista era iraniano. Scragger estava sentado pouco a vontade ao lado dele, com o cinto de segurança amarrado e, atrás, um mecânico de rádio japonês se segurava o melhor que podia. Lá na frente, no meio do aguaceiro que caía, Scragger viu um ônibus velho atravancando quase toda a estrada e, não muito longe, o trânsito que vinha em sentido contrário.

— Minoru, diga-lhe para ir mais devagar novamente. Ele é um irresponsável.

O jovem japonês inclinou-se para a frente e falou asperamente em farsi, e o motorista balançou tranquilamente a cabeça e não deu a menor atenção, enfiou a mão na buzina e a manteve lá enquanto desviava para o outro lado da pista, ultrapassando o ônibus, acelerando quando deveria ter freado, derrapando, corrigindo, ao passar pelo pequeno espaço entre o ônibus e os carros que vinham na direção contrária, com os três veículos tocando freneticamente as buzinas.

Scragger tornou a praguejar. Sorrindo satisfeito, o motorista, um jovem barbudo, tirou os olhos da estrada e disse alguma coisa em farsi, caindo numa enorme poça d'água. Minoru traduziu: — Ele está dizendo que com a ajuda de Deus nós estaremos no campo de aviação dentro de poucos minutos, capitão Scragger.

— Com a ajuda de Deus nós chegaremos lá inteiros e não aos pedaços. — Scragger tinha querido dirigir, mas não permitiram, nenhum empregado da Irã-Toda tinha permissão para dirigir.

— Nós achamos que esta era uma boa política, capitão Scragger, as estradas, as regras e os iranianos sendo como são — dissera Watanabe, o engenheiro responsável. — Mas Muhammad é um dos nossos melhores motoristas e muito confiável. Vejo-o à noite.

Para alívio de Scragger, ele viu o campo de aviação um pouco à frente. Havia Faixas Verdes guardando os portões. O motorista não prestou nenhuma atenção neles, simplesmente foi passando e parou, respingando água para todos os lados, defronte ao prédio de dois andares.

— Allah-u Akbar — disse orgulhosamente. Scragger respirou aliviado.

— Allah-u Akbar — repetiu, soltou o cinto de segurança, abrindo o guarda-chuva enquanto olhava em volta, pois era a primeira vez que ia lá. Um grande pátio de manobras e uma torre pequena, algumas janelas quebradas, outras pregadas, o prédio de dois andares em ruínas, com mais janelas quebradas, trailers da S-G, bons hangares agora fechados por causa da tempestade, com buracos de balas por toda a parte, até nas paredes dos trailers. Ele deu um assovio, lembrando-se de ter ouvido falar na luta que tinha havido ali entre os Faixas Verdes e os mujahedins. Deve ter sido bem pior do que Duke contou, ele pensou.

Dois jatos de passageiros da Royal Iran Air estavam estacionados displicentemente — o 'Royal'

riscado grosseiramente com tinta preta — os pneus arriados, as janelas da cabine de pilotos quebradas e apodrecendo lá.

— Que sacrilégio — murmurou, ao ver a chuva entrar dentro da cabine.

— Minoru, meu filho, diga a Muhammad para não mover um músculo até estarmos prontos para partir, certo?

Minoru obedeceu, depois saiu para a chuva atrás de Scragger. Scragger ficou em pé ao lado do carro, sem saber para onde ir. Então a porta de um dos trailers se abriu.

— Mein Gott, Scrag! Eu achei que era você. Que diabo você está fazendo aqui? — era Rudi Lutz, sorrindo satisfeito. Então ele viu Starke juntar-se a Rudi e seu coração bateu mais rápido.

— Oi, meus filhos! — e trocou um caloroso aperto de mão com cada um deles, todos três falando ao mesmo tempo. — Bem, Duke, é uma surpresa agradável.

— Que diabo você está fazendo aqui, Scrag?

— Uma coisa de cada vez, meu filho. Este aqui é Minoru Fuyama, técnico de rádio da Irã-Toda. O meu UHF pintou o sete na viagem. Eu estou vindo de Lengeh. Minoru retirou o aparelho e ele está no carro, você pode substituí-lo?

— Não há problema. Venha, sr. Fuyama. — Rudi foi até o outro trailer para procurar Fowler Joines e tomar as providências.

— Estou um bocado contente em vê-lo, Scrag. Tenho muito o que conversar com você — disse Starke.

— A respeito de questões climáticas e turbilhões?

— Sim, sim. Eu diria que o clima não sai da minha cabeça. — Starke estava envelhecido, seus olhos percorreram a base, a tempestade parecia pior do que antes e o dia quente e úmido.

— Eu vi Manuela em Al Shargaz, ela está a mesma de sempre, linda, ansiosa, mas bem.

Rudi voltou, chapinhando na água e levou-os para o trailer-escritório.

— Você não vai poder voar com esse tempo, Scrag. Quer uma cerveja?

— Não obrigado, meu chapa, mas adoraria uma xícara de café. — Scragger respondeu automaticamente embora o seu desejo por uma cerveja gelada fosse imenso. Mas desde o seu primeiro exame médico com o dr. Nutt, logo depois dele ter vendido a Sheik Aviation para Gavallan, quando o dr. Nutt tinha dito: "Scrag, a menos que você deixe de fumar e diminua a cerveja, não poderá mais pilotar

dentro de uns dois anos", ele tinha sido supercuidadoso. É isso mesmo, pensou.

Nada de cigarros, nem de bebida, nem de comida, e um monte de garotas.

— Você ainda tem reservas, Rudi? Em Lengeh as coisas estão ficando pretas, exceto para de Plessey e seu vinho.

— Eu consegui um pouco num cargueiro que está atracado no porto — Rudi respondeu de dentro da pequena cozinha, onde estava pondo a chaleira no fogo. — Emergência, um marinheiro com a cabeça e o rosto arrebentados. O capitão disse que tinha sido uma queda, mas parecia mais uma boa briga.

Nada de surpreendente, aliás, o navio está ancorado há três meses. Mein Gott Scrag, você viu o engarrafamento no porto quando chegou? Deve haver mais de cem navios esperando para descarregar, ou para apanhar petróleo.

— Está acontecendo a mesma coisa em Kharg e ao longo de toda a costa, Rudi. Está tudo cheio. Os ancoradouros estão cheios até em cima de caixotes, sacos e sabe Deus o que mais, tudo apodrecendo no sol ou na chuva. Mas chega de falar sobre isso; o que você está fazendo aqui, Rudi?

— Eu trouxe um 212 de Kowiss ontem. Se não fosse pelo tempo, eu teria partido de madrugada.

Estou contente de não tê-lo feito.

Scragger percebeu a cautela na voz dele e olhou em volta. Pelo que pudesse ver, não havia ninguém ouvindo.

— Algum problema? — Ele viu Starke sacudir a cabeça. Rudi ligou o gravador. Wagner. Scragger detestava Wagner. — O que há?

— Estou sendo apenas precavido. Estas malditas paredes são finas demais, e eu peguei um dos empregados espionando. Eu acho que a maioria deles são espiões. E temos um novo administrador na base, Numir. Numir o Horrível, nós o chamamos. Ele está de folga hoje, senão você estaria explicando por que está aqui em triplicata. — Rudi baixou mais o tom de voz. — Temos que falar sobre os turbilhões. Mas o que você está fazendo aqui, Scrag? Por que não se comunicou conosco?

— Cheguei na Irã-Toda ontem, trazendo um cara chamado Kasigi, que é o grande comprador do petróleo de Siri e um dos chefões da Irã-Toda. O velho Georges de Plessey arrumou isto. Vou ficar só hoje, amanhã cedo eu devo partir. Andy me pediu para vê-lo e sondá-lo assim que eu pudesse. Não consegui me comunicar com você pelo UHF. Pode ter sido por causa da tempestade, eu cheguei bem na hora. Não consegui autorização para voar até aqui, então arranquei um fio do aparelho por via das dúvidas e 'precisei urgentemente de um conserto'.

Duke, Andy falou-lhe a respeito do que conversamos em Al Shargaz?

— Sim, sim, falou. E é melhor você saber que há mais uma complicação. Disseram a Andy que vamos ficar sem poder voar esperando a nacionalização e que só temos cinco dias... só cinco dias para agir. Se formos executar a operação, tem que ser no máximo até sexta-feira.

— Jesus Cristo! — Scragger sentiu um aperto no peito. — Duke, não há nenhuma possibilidade de me preparar até sexta-feira.

— Andy disse que só tiraremos os 212.

— Hein?

Starke explicou o que tinha acontecido em Kowiss e o que esperava que fosse acontecer "caso Andy dê sinal verde."

— Nada de "caso ele dê". Andy tem que dar. A questão é: vamos arriscar os nossos pescoços?

Starke riu.

— Você já arriscou o seu. Eu disse que estava dentro se todo o mundo estivesse. Com dois 212 é possível para mim, e agora que... bem, agora que o nosso pássaro terá outra vez um registro britânico assim que estivermos fora, isso torna as coisas legais.

— Torna uma ova — disse Rudi. — Não tem nada de legal. Eu disse isso a você ontem à noite e Pop Kelly concordou. Scrag, como...

— Pop está aqui?

— Claro — disse Starke. — Ele veio comigo. — E explicou o motivo e depois acrescentou: — 'Pé-quente' aprovou o 'empréstimo', nós pusemos dois caras no 125 e o resto deve sair na quinta-feira,

mas não tenho tanta certeza. O coronel Changiz disse que no futuro todo o movimento de pessoal deve ser aprovado por ele, não apenas por 'Pé-quente'.

— Como é que você vai voltar?

— Eu vou num 206. — Starke olhou pela janela, para a chuva. — Maldito aguaceiro!

— Deverá passar até de noite, Duke — Scragger disse com segurança.

— Como é que você vai retirar os seus homens, Scrag? Hein? — perguntou Rudi.

— Se forem apenas os meus dois 212, isso torna as coisas mais fáceis. Muito mais fáceis. — Scragger viu Rudi beber um bocado de cerveja bem gelada, as gotículas brilhando na lata, e a sua sede aumentou. — Sexta-feira será um bom dia para uma fuga porque os iranianos estarão rezando ou algo semelhante.

— Não tenho tanta certeza disto, Scrag — disse Rudi. — Eles continuam a operar o radar na sexta-feira, e forçosamente saberão que há algo errado com os meus quatro pássaros atravessando o golfo, imagine com os seus três e os dois de Duke. Abadan está um bocado sensível em relação a helicópteros, especialmente depois do HBC.

— Houve mais alguma investigação a respeito dele, Rudi?

— Sim, na semana passada Abbasi esteve aqui, ele é o piloto que explodiu o aparelho. As mesmas perguntas, nada mais.

— Ele sabe que o irmão dele era o piloto do HBC?

— Ainda não, Scrag.

— Tom Lochart teve um bocado de sorte, um bocado de sorte.

— Nós todos tivemos um bocado de sorte. Até agora — disse Starke. — Exceto Erikki. — E contou a Scragger o pouco que sabia.

— Cristo, o que mais? Como vamos executar a operação Turbilhão com ele ainda no Irã?

— Nós não podemos, Scrag. É o que eu acho — disse Rudi. — Nós não podemos deixá-lo aqui.

— Está certo, mas talvez... — Starke tomou um gole de café, um pouco enjoado por causa da ansiedade que estava sentindo. — Talvez Andy não aperte o botão. Enquanto isso, nós esperamos que

Erikki escape ou seja libertado antes de sexta-feira. Aí Andy vai poder apertar o botão. Merda, se dependesse de mim, só de mim, vê lá se eu me arriscaria numa operação como Turbilhão.

— Nem eu — disse Rudi, igualmente nervoso.

— Se fossem os seus aviões, a sua companhia e o seu futuro, eu aposto que você faria. Eu sei que eu o faria. — Scragger sorriu. — Eu sou a favor do Turbilhão. Tenho que ser, cara, nenhuma companhia me empregaria na minha idade, então eu tenho que manter Dirty Dunc e Andy Gav no negócio se quiser continuar voando. — A chaleira começou a apitar. Ele se levantou. — Eu estou dentro, Rudi.

E você? Você está dentro ou fora?

— Eu, eu estou dentro se vocês dois estiverem, e se for viável, mas não gosto disso nem um pouco e estou lhe dizendo francamente que só retirarei os meus quatro se eu realmente achar que temos uma chance. Nós conversamos com os outros pilotos na noite passada, Scrag. Marc Dubois e Pop Kelly disseram que tentariam, Block e Forsyth disseram não, obrigado, então nós temos três pilotos para quatro 212. Eu pedi a Andy para me mandar um voluntário. — Rudi mostrou a sua inquietação. — Mas reissen mit scheissen! Eu vou ter, de qualquer maneira, quatro para levantar voo, todos ao mesmo tempo, quando somos obrigados a ter autorização prévia, com Faixas Verdes por toda a base, o nosso operador de rádio, Jahan, não é nenhum idiota, e ainda temos Numi, o Horrível. — E franziu a testa.

— Você não vai ter nenhum problema, meu velho — disse Scrag, brincando. — Diga-lhes que vocês vão prestar uma homenagem à vitória de Khomeini voando sobre Abadan.

— Vá à merda, Scrag! — A música terminou e Rudi virou a fita. Então o seu rosto ficou sério. — Mas eu concordo com você que Andy vai mesmo apertar o botão na sexta-feira. Quanto a mim, eu acho que se um de nós desistir, todos desistem, de acordo?

Scragger quebrou o silêncio.

— Se Andy disser vai, eu vou. Tenho que ir.

PORTO DE BANDAR DELAM: 15:17H.

A caminhonete de Scragger saiu de uma rua principal no meio da cidade barulhenta e entrou numa rua secundária, atravessou-a e depois virou na praça em frente a uma mesquita, com Muhammad dirigindo como sempre, com a mão constantemente enfiada na buzina. A chuva tinha diminuído bastante, mas o dia ainda estava horrível. No banco de trás, Minoru cochilava, abraçado ao aparelho de rádio substituto. Scragger estava olhando distraidamente para a frente, tinha tanta coisa para pensar, planos, códigos, e Erikki? Que azar desgraçado! Mas se há alguém que possa dar um jeito é ele. Juro por Deus que o velho Erikki vai achar uma saída. Digamos que ele não consiga ou que o velho Andy não dê o sinal verde, o que você vai fazer para arranjar trabalho? Vou pensar nisso na semana que vem.

Ele não viu o carro de polícia sair correndo de uma rua lateral, derrapar na superfície escorregadia e bater na traseira deles. Muhammad não poderia ter evitado o acidente, e a velocidade do carro de polícia, mais a do deles, fez com que deslizassem pela rua, batessem numa barraca e atropelassem a multidão, matando uma velha, decapitando outra, ferindo muitos ao cair com as rodas dentro da vala, fazendo com que o carro virasse e batesse de encontro ao muro, com um estrondo.

Instintivamente, Scragger cobriu o rosto com as mãos, mas o choque final fez com que sua cabeça batesse na lateral do carro, deixando-o momentaneamente desacordado, só não tendo se machucado seriamente por causa do cinto de segurança. O motorista fora projetado pelo pára-brisa e estava agora com metade do corpo para fora do carro, bastante ferido. Atrás, o assento protegera Minoru e ele foi o primeiro a se recuperar, com o rádio ainda no colo. No meio dos gritos e do pandemônio, ele abriu a porta e saltou, passando despercebido no meio de pedestres e feridos, sem notarem que ele era um passageiro, uma vez que os japoneses da Irã-Toda eram comuns nas ruas.

Naquele momento, os ocupantes do carro da polícia que estava atravessado no meio da rua com a frente amassada chegaram

correndo. A polícia abriu caminho até a caminhonete, deu uma olhada no motorista, abriu a porta do outro lado e tirou Scragger lá de dentro.

Gritos zangados de "Americano!" e mais gritos e barulho, Scragger ainda estava tonto.

— Obrigado... eu... eu estou bem... — mas eles o seguraram com firmeza, gritando com ele.

— Pelo amor de Deus — gaguejou — eu não estava dirigindo... que diabo está... — Em volta dele, um tumulto de farsi, pânico e raiva e um dos policiais o algemou e depois o arrastaram para o outro carro, o enfiaram no assento de trás e entraram, ainda xingando-o. O motorista deu a partida.

Do outro lado da rua, Minoru tentava inutilmente abrir caminho no meio da multidão para ajudar Scragger. Ele parou, cabisbaixo, enquanto o carro se afastava pela rua.

PERTO DE DOSHAN TAPPEH: 15:30H.

McIver dirigia pela estrada vazia que costeava a cerca de arame farpado do campo de aviação militar. Os pára-choques estavam tortos e havia muito mais mossas do que antes. Um dos faróis estava rachado e preso com fita adesiva, a lâmpada de uma das lanternas estava faltando, mas o motor ainda funcionava bem e os pneus de neve rodavam com segurança. Havia neve dos lados da estrada. Não havia sol, o tempo estava nublado, com as nuvens cobrindo tudo, exceto a base das montanhas ao norte. Estava frio e ele estava atrasado.

Do lado de dentro do pára-brisa havia um grande cartão verde e, ao vê-lo, o grupo de Faixas Verdes e os guardas da Força Aérea parados perto do portão fizeram-no entrar, depois tornaram a se juntar em volta de uma fogueira para se manterem aquecidos. Ele se dirigiu para o hangar da S-G. Tom Lochart saiu de uma porta lateral para se encontrar com ele.

— Oi, Mac — disse, entrando rapidamente no carro. Ele estava usando o seu uniforme de piloto e carregava a sua maleta de voo, tendo acabado de chegar de Kowiss. — Como está Xarazade?

— Sinto ter demorado tanto, o trânsito estava horrível.

— Você a viu?

— Não, ainda não, sinto muito. — Ele viu a tensão imediata de Lochart. — Fui lá outra vez hoje cedo. Um empregado atendeu a porta mas não pareceu entender o que eu estava dizendo. Vou levar você até lá assim que puder. — Ele reduziu e virou no portão. — Como foi em Zagros?

— Um horror, vou lhe contar tudo num segundo — Lochart disse apressadamente. — Antes de sairmos, temos que nos apresentar ao comandante da base.

— Ah, é? Por quê? — McIver freou.

— Eles não disseram. Deixaram um recado com o empregado que quando você chegasse aqui hoje deveria falar com o comandante da base. Algum problema?

— Não que eu saiba. — McIver fez a volta. O que será agora? pensou, controlando a sua ansiedade.

— Pode ser por causa do HBC?

— Esperemos que não.

— O que aconteceu com Lulu? Você deu uma batida?

— Não, foram uns vândalos na rua — disse McIver, com a cabeça no HBC.

— Eles estão cada vez piores. Alguma notícia de Erikki?

— Nada. Ele simplesmente desapareceu. Azadeh passa o dia sentada ao lado do telefone, no escritório.

— Ela ainda está com você?

— Não, ela voltou para o apartamento dela no sábado. — McIver estava indo para os prédios que ficavam do outro lado da pista. — Conte-me sobre Zagros... — Ele escutou sem fazer comentários até que Lochart tivesse terminado. — Terrível, simplesmente terrível!

— Sim, mas Nitchak Khan não deu o sinal para nos derrubarem. Se tivesse dado, teria conseguido.

Seria muito difícil desmentir aquela história de terroristas. De qualquer maneira, quando chegamos a Kowiss, Duke e Andy tinham tido um pega com 'Pé-quente'. — Contou-lhe sobre isso. — Mas o arдил parece estar funcionando: ontem, Duke e Pop levaram o 212 para Rudi e esta manhã o EcoTangoLimaLima chegou para apanhar o corpo de Jordon.

— Terrível. Eu me sinto muito responsável pelo velho Effer.

— Acho que todos nós. — Lá na frente eles podiam ver o prédio do QG com sentinelas do lado de fora. — Nós todos carregamos o caixão até o helicóptero, o jovem Freddy tocou uma canção fúnebre na gaita, não havia muito mais a fazer. Curiosamente, o coronel Changiz enviou uma guarda de honra da Força Aérea e nos deu um caixão decente. Os iranianos são muito estranhos. Eles pareciam genuinamente compungidos. — Lochart estava falando automaticamente, doente de ansiedade por causa da demora. Tivera

que esperar em Kowiss, depois voara até aqui com a ATC perturbando-o, depois não havia nenhum meio de transporte e tivera que esperar interminavelmente por McIver e agora mais um atraso. O que aconteceu com Xarazade?

Eles estavam perto do prédio que abrigava a suíte do comandante da base e o refeitório dos oficiais, onde tinham passado tantos momentos agradáveis no passado. Doshan Tappeh fora uma base de elite — o xá mantinha parte da sua frota de jatos particulares lá e o seu Fokker Friendship. Agora as paredes do prédio de dois andares estavam furadas de balas e destruídas aqui e ali por bombas, a maioria das janelas estava quebrada, algumas cobertas por tábuas. Lá fora, alguns Faixas Verdes e aviadores desleixados estavam postados como sentinelas.

— Que a paz esteja com vocês! Excelência McIver e Lochart estão aqui para falar com o comandante do campo. — Lochart disse em farsi. Um dos Faixas Verdes fez sinal para eles entrarem. — Por favor, onde fica o escritório?

— Lá dentro.

Eles subiram os degraus em direção à porta principal, o ar estava pesado com cheiro de fumaça, pólvora e esgoto. Ao chegarem ao último degrau, a porta principal se abriu e apareceu um mulá com alguns Faixas Verdes, arrastando dois jovens oficiais da Força Aérea com as mãos amarradas e os uniformes sujos e rasgados. Lochart ficou de boca aberta, reconhecendo um deles.

— Karim! — exclamou e McIver também reconheceu o rapaz. Karim Peshadi, o adorado primo de Xarazade, o homem a quem ele havia pedido para tentar retirar a autorização do HBC da torre.

— Tom! Em nome de Deus, diga-lhes que eu não sou nem espião nem traidor — Karim gritou em inglês. — Tom, diga a eles!

— Excelência — Lochart disse em farsi para o mulá —, deve haver algum engano. Este homem é o capitão Peshadi, um leal partidário do aiatolá, um...

— Quem é você, Excelência? — perguntou o mulá, um homem de olhos escuros, baixo e atarracado.

— Americano?

— Meu nome é Lochart, Excelência, canadense, piloto da IranOil, e este é o chefe da nossa companhia que fica do outro lado do campo, capitão McIver, um...

— Como é que você conhece esse traidor?

— Excelência, estou certo de que há algum engano, ele não pode ser um traidor, eu o conheço porque ele é primo da minha esposa e fi...

— Sua esposa é iraniana?

— Sim, Exce...

— Você é muçulmano?

— Não, Excel...

— Então é melhor se divorciar e salvar a alma dela da perdição. Seja como Deus quiser. Não há engano algum a respeito desses traidores. Cuide da sua vida, Excelência. — O mulá fez um sinal para os Faixas Verdes. Imediatamente, eles desceram os degraus, arrastando os dois oficiais que gritavam e protestavam a sua inocência, depois ele se voltou para a porta da frente.

— Excelência — Lochart gritou atrás dele, alcançando-o. — Por favor, em nome do único Deus, eu sei que aquele rapaz é leal ao imã, é um bom muçulmano, um patriota, eu sei com certeza que ele foi um dos que lutaram contra os Imortais aqui em Doshan Tappeh, ele ajudou a revo...

— Pare! — Os olhos do mulá ficaram ainda mais duros. — Esse problema não é da sua conta, estrangeiro. Nós não somos mais governados por estrangeiros, nem por leis estrangeiras, nem por um xá dominado por estrangeiros. Você não é iraniano, nem juiz, nem legislador. Aqueles homens foram julgados e condenados.

— Eu imploro pela sua paciência, Excelência, deve haver algum erro, deve... — Lochart se virou ao ouvir uma sucessão de tiros de rifle ali perto. As sentinelas estavam olhando para algumas barracas e prédios do outro lado da estrada. Então os Faixas Verdes reapareceram, vindos de trás de uma das barracas, pondo as armas no ombro. Eles tornaram a subir os degraus. O mulá fez sinal para que eles entrassem.

— A lei é a lei — disse o mulá, observando Lochart. — A heresia tem que ser exterminada. Já que você conhece a família dele, pode

dizer-lhes para pedir perdão a Deus por ter abrigado uma tal criatura.

— E ele foi considerado culpado de que crime?

— Não foi 'considerado' culpado, Excelência — disse o mulá, com raiva na voz. — Karim Peshadi admitiu publicamente ter roubado um caminhão e ter deixado a base sem permissão, admitiu publicamente ter participado de demonstrações proibidas, declarou publicamente ser contra o nosso Estado absolutista islâmico, se opôs publicamente à abolição do Ato do Matrimônio, contrário aos princípios islâmicos, defendeu publicamente atos contrários à lei islâmica, foi apanhado em ações suspeitas de sabotagem, negou publicamente o total absolutismo do Corão, desafiou publicamente o direito do imã de ser faqira, aquele que está acima da lei e que é o árbitro final da lei. — Ele puxou as suas vestes mais para junto do corpo por causa do frio. — Que a paz esteja com você. — E tornou a entrar no prédio.

Por um momento, Lochart não conseguiu falar. Então ele explicou a McIver o que tinha sido dito.

— Suspeito de atos de sabotagem, Tom? Ele foi apanhado na torre?

— Que importância tem isso? — disse Lochart, com amargura. — Karim está morto. Por crimes contra Deus.

— Não, meu rapaz — McIver disse bondosamente —, não contra Deus, contra a versão deles da verdade expressa em nome do Deus que eles nunca irão conhecer. — Ele endireitou os ombros e entrou no prédio. No fim, acabaram encontrando o comandante da base e foram recebidos.

Atrás da mesa estava um major. O mulá sentava-se a seu lado. A única decoração da pequena sala desarrumada era uma grande fotografia de Khomeini.

— Eu sou o major Betami, sr. McIver — o homem disse secamente em inglês. — Este é o mulá Tehrani. — Depois ele olhou para Lochart e mudou para farsi. — Como Sua Excelência Tehrani não fala inglês, você traduzirá para mim. O seu nome, por favor.

— Lochart, capitão Lochart.

— Sentem-se por favor, vocês dois. Sua Excelência disse que você é casado com uma iraniana. Qual era o nome dela de solteira?

Os olhos de Lochart ficaram duros.

— A minha vida particular só interessa a mim, Excelência.

— Não você sendo um piloto de helicóptero estrangeiro no meio da nossa revolução islâmica contra a dominação estrangeira — disse o major, zangado. — Nem sendo uma pessoa que conhece traidores do país. O senhor tem algo a esconder, capitão?

— Não, não, é claro que não.

— Então, por favor, responda à pergunta.

— O senhor é da polícia? Com que autoridade...

— Eu sou um membro do komiteh de Doshan Tappeh — disse o mulá — O senhor prefere ser intimado oficialmente? Agora? Neste minuto?

— Eu prefiro não ser interrogado a respeito da minha vida privada.

— Se o senhor não tem nada a esconder, pode responder à pergunta. Por favor, escolha.

— Bakravan. — Lochart viu que os dois homens tinham identificado o nome. Seu estômago ficou ainda mais embrulhado.

— Jared Bakravan, o agiota do bazar? Uma de suas filhas?

— Sim.

— O nome dela, por favor.

Lochart controlou a raiva, aumentada ainda mais pelo assassinato de Karim. Foi um assassinato, ele teve vontade de gritar, não importa o que vocês digam.

— Sua Excelência Xarazade. McIver estava observando atentamente.

— Do que se trata, Tom?

— Nada. Nada, eu explico depois.

O major tomou nota num pedaço de papel.

— Qual é o seu relacionamento com o traidor Karim Peshadi?

— Eu o conheço há cerca de dois anos, ele foi um dos meus alunos no curso de pilotos. Ele é primo da minha esposa... era primo da minha esposa. E eu só posso repetir que é inconcebível que ele fosse um traidor do Irã ou do Islã.

O major fez outra anotação no bloco, com a pena rangendo.

— Onde o senhor está morando, capitão?

— Eu... eu não tenho certeza. Eu estava na casa dos Bakravan, perto do bazar. O nosso... nosso apartamento foi confiscado.

O silêncio cresceu na sala, tornando-a claustrofóbica. O major terminou de escrever, depois apanhou uma folha cheia de anotações e olhou diretamente para McIver.

— Primeiro, nenhum helicóptero estrangeiro pode entrar ou sair do espaço aéreo de Teerã sem autorização do QG da Força Aérea.

Lochart traduziu e McIver balançou a cabeça. Isso não era nenhuma novidade, exceto que o komiteh do Aeroporto Internacional de Teerã tinha acabado de dar instruções oficiais por escrito, em nome do todo-poderoso Komiteh Revolucionário, de que só o komiteh podia autorizar e conceder tais autorizações. McIver tinha conseguido permissão para mandar o 212 que faltava e um dos seus Alouettes para Kowiss "em empréstimo temporário" bem a tempo, ele pensou com amargura, concentrando-se no major, mas imaginando qual teria sido a discussão em farsi com Lochart.

— Segundo: nós queremos uma lista completa de todos os helicópteros sob sua responsabilidade, em que lugar do Irã eles se encontram, os números dos motores e a quantidade e o tipo de peças que vocês estão carregando em cada helicóptero.

Lochart viu McIver arregalar os olhos, mas sua mente estava presa em Xarazade e na razão pela qual eles queriam saber onde ele morava e qual era o seu relacionamento com Karim, mal ouvindo as palavras que estava traduzindo.

— O capitão McIver diz que: "Muito bem. Isso vai demorar um pouco por causa das comunicações, mas eu vou conseguir o mais cedo possível.

— Eu gostaria de ter isso amanhã.

— Se eu conseguir até lá, Excelência, fique certo de que o senhor a terá. O senhor a terá o mais cedo possível.

— Terceiro: todos os seus helicópteros na área de Teerã serão reunidos aqui a partir de amanhã, e de agora em diante o senhor os operará daqui.

— Eu irei certamente informar aos meus superiores da IranOil a respeito da sua solicitação, major.

Imediatamente.

O rosto do major endureceu.

— A Força Aérea é que decide isso.

— É claro. Eu informarei aos meus superiores imediatamente.

Isto é tudo, major?

— Quanto ao helicóptero. — E o mulá consultou uma anotação que estava na mesa em frente a ele.

— HBC. Nós...

— HBC! — McIver permitiu que o seu pânico explodisse numa raiva que Lochart teve dificuldade em transmitir: "A segurança é de responsabilidade da Força Aérea na base e eu não sei como eles puderam ser tão relapsos para deixar que o HBC fosse sequestrado! Eu já reclamei várias vezes sobre isso, sentinelas que não aparecem, nenhum guarda à noite. Um roubo de um milhão de dólares.

Insubstituível! Eu estou movendo uma ação contra a Força Aérea por negligência e...

— Não foi culpa nossa — começou o major, com raiva, mas McIver não prestou atenção e continuou na ofensiva, não dando nenhuma chance a ele de falar, e nem Lochart, que transformou a tirada de McIver em palavras e frases apropriadas para um ataque ainda mais esmagador sobre a negligência da Força Aérea.

— ... uma negligência inacreditável... eu poderia dizer mesmo uma traição deliberada e um complô por parte de outros oficiais, por permitir que algum americano desconhecido entrasse no nosso hangar, debaixo do nariz dos nossos supostos guardiães, recebesse autorização para voar, dada pelos nossos supostos protetores, e depois prejudicasse o grande Estado iraniano! Imperdoável! É claro que isso foi traição e planejada previamente por 'pessoas desconhecidas com posto de oficiais' e eu devo insis...

— Como o senhor ousa insinuar que...

— É claro que deve ter sido com a convivência de oficiais da Força Aérea. Quem é que controla a base? Quem é que controla o rádio, quem é que fica na torre, nós consideramos a Força Aérea responsável e eu estou registrando a queixa para os escalões mais altos da IranOil, exigindo restituição e... e na próxima semana, eu vou pedir uma indenização ao ilustre Komiteh Revolucionário e ao próprio imã, que Deus o proteja! Agora, Excelência, se me permite,

nós vamos tratar do nosso trabalho. Que a paz esteja com os senhores.

McIver dirigiu-se para a porta, seguido de Lochart, os dois homens cheios de adrenalina, McIver se sentindo mal, com dor no peito.

— Esperem! — ordenou o mulá.

— Sim, Excelência?

— Como você explica que o traidor Valik, que 'por acaso' era um sócio da sua companhia e parente e partidário do xá, Bakravan, tenha chegado em Isfahan nesse helicóptero para apanhar outros traidores, um dos quais era o general Seladi, outro parente de Bakravan, sogro de um dos seus pilotos-chefes? A boca de Lochart estava seca quando ele repetiu essas palavras, mas McIver não hesitou e voltou ao ataque.

— Não fui eu quem indicou o general Valik para o conselho, ele foi indicado por iranianos importantes de acordo com a lei daquela época. Nós não procuramos sócios iranianos, a lei iraniana é que nos obrigava a tê-los, eles nos foram impingidos. Eu não tenho, nada a ver com isso. Quanto ao resto, Insha'Allah, foi a vontade de Deus! — Com o coração disparado, ele abriu a porta e saiu.

Lochart terminou de traduzir.

— Salaam — ele disse e depois saiu.

— Isso não vai ficar assim — gritou o major, atrás deles.

PERTO DA UNIVERSIDADE: 18:07H.

Eles estavam deitados um ao lado do outro sobre macios tapetes em frente à lareira que crepitava alegremente no aposento agradável. Xarazade e Ibrahim Kyabi. Eles não estavam se tocando, apenas olhando o fogo, ouvindo a música do gravador, pensativos, todos dois muito conscientes da presença do outro.

— Tu, dádiva do universo — ele murmurou — tu dos lábios de rubi e hálito de vinho, tu, língua do paraíso...

— Oh, Ibrahim — ela riu — que é isso de "língua do paraíso"?

Ele se apoiou no cotovelo e olhou para ela, abençoando o destino que havia permitido que ele a salvasse do fanático louco na Marcha das Mulheres, o mesmo destino que em breve o levaria até Kowiss para vingar o assassinato do seu pai.

— Eu estava citando o Rubaiyat — ele disse, sorrindo para ela.

— Eu não acredito numa só palavra! Acho que você inventou tudo isso. — Ela lhe devolveu o sorriso, depois afastou os olhos do brilho do seu amor, tornando a olhar para as chamas.

Depois da primeira Marcha de Protesto, há seis dias, eles tinham conversado muito até esta noite, discutindo a revolução e encontrando uma causa em comum no assassinato do pai dele e do pai dela, ambos filhos da solidão agora, uma vez que suas mães não compreendiam, apenas choravam e repetiam Insha'Allah e nunca desejavam vingança. Suas vidas viraram do avesso assim como o seu país, Ibrahim não era mais um crente — acreditava apenas na força e no propósito do povo — a fé dela estava abalada, sendo questionada pela primeira vez, imaginando como Deus podia permitir tanta maldade e todas as outras maldades que tinham ocorrido desde então, a corrupção da terra e do seu espírito.

— Eu concordo, Ibrahim, você tem razão. Nós não nos livramos de um déspota para aceitar outro!

Você tem razão, o despotismo dos mulás se torna mais claro a cada dia — dissera. — Mas por que Khomeini se opõe aos direitos que o xá nos concedeu, direitos razoáveis?

— São direitos inalienáveis que pertencem a você enquanto ser humano, não são para serem concedidos pelo xá nem por ninguém, assim como o seu corpo pertence a você, e não é um "campo para ser arado".

— Mas por que o imã se opõe?

— Ele não é um imã, Xarazade, apenas um aiatolá, um homem e um fanático. Porque ele está fazendo o que os padres sempre fizeram no decorrer da história: ele está usando a sua versão da religião para anestésiar o povo, para mantê-lo dependente, inculto, para assegurar o poder dos mulás. Ele não quer que apenas os mulás se responsabilizem pela educação? Ele não afirma que só os

mulás compreendem a 'lei', estudam a 'lei', têm conhecimento da 'lei'? Como se eles sozinhos detivessem todo o saber!

— Eu nunca pensei nisto assim, eu aceitei tanta coisa, tanta. Mas você está certo, Ibrahim, você torna tudo claro para mim. Você tem razão, os mulás só acreditam no que está no Corão, como se o que era certo no tempo do Profeta, que a paz esteja com ele, servisse para o dia de hoje! Eu me recuso a ser uma escrava sem direito de votar e de escolher...

Encontraram muitas ideias em comum, ele, um moderno estudante universitário, ela, querendo ser moderna, mas insegura do caminho a seguir. Partilharam segredos e desejos, compreendendo instantaneamente um ao outro, usando as mesmas nuances, partilhando da mesma herança — ele tão parecido com Karim no discurso e na aparência que poderiam ser irmãos.

Naquela noite ela dormira tranquilamente e na manhã seguinte saíra cedo para se encontrar com ele de novo, tomando café numa pequena cafeteria, ela usando o chador para se proteger e se esconder, rindo tanto juntos, por tudo e por nada. Ambos conscientes das correntes, sem precisar falar nelas.

Depois uma segunda Marcha de Protesto, maior do que a primeira, melhor e com pouca oposição.

— Quando você tem que voltar, Xarazade?

— Eu, eu disse a mamãe que voltaria tarde, que ia visitar uma amiga do outro lado da cidade.

— Vou levá-la para lá agora, depressa, e você pode sair logo e então, se você quiser, nós poderemos conversar mais um pouco, ou melhor ainda, eu tenho um amigo que tem um apartamento e discos maravilhosos...

Isto foi há cinco dias atrás. As vezes o seu amigo, um outro líder estudantil do Tudeh, estava em casa, às vezes havia outros estudantes, rapazes e moças, nem todos comunistas — novas ideias, discussões livres, ideias embriagadoras a respeito da vida e do amor, e de viver livremente. Ocasionalmente, eles ficavam sozinhos. Dias maravilhosos, marchando, conversando, rindo e ouvindo discos e noites de paz em casa, perto do bazar.

Na véspera, a vitória. Khomeini cedera, publicamente, dizendo que as mulheres não estavam obrigadas a usar o chador desde que cobrissem os cabelos e se vestissem com discrição. Na noite passada eles tinham celebrado, dançando alegremente no apartamento, todos eles jovens, depois se beijaram e voltaram para casa. Mas na noite passada o seu sono fora perturbado pela visão dos dois juntos. Erótico. Naquela manhã ela tinha ficado deitada, sonolenta, amedrontada e no entanto excitada.

A fita terminou. Era dos Carpenters, lenta, romântica. Ele a virou e o outro lado era melhor ainda.

Será que eu vou ter coragem? Ela perguntou a si mesma sonhadoramente, sentindo a força dos olhos dele. Por uma fresta da cortina ela podia ver que o céu estava escurecendo.

— Está quase na hora de ir — disse sem se mover, com um tremor na voz.

— Jari pode esperar — ele disse ternamente. Jari, sua empregada, sabia das visitas secretas. — É melhor que ninguém saiba — ele tinha dito no segundo dia —, nem mesmo ela.

— Ela tem que saber, Ibrahim, ou eu nunca poderei sair sozinha, nunca poderei vê-lo. Eu não tenho nada a esconder, mas sou casada e é... — Não foi preciso dizer 'perigoso'. Todos os momentos que eles passavam a sós significavam perigo.

Então ele concordara e pedira ao destino que a protegesse, como fez agora.

— Jari pode esperar.

— Sim, pode, mas primeiro temos que fazer algumas compras e o meu querido irmão Meshang não...

esta noite eu tenho que jantar com ele e Zarah.

Ibrahim ficou assustado.

— O que é que ele quer? Ele não desconfia de você?

— Oh, não, é só um jantar de família, só isso. —

Langorosamente, ela o olhou. — E quanto ao seu negócio em Kowiss? Você vai esperar mais um dia ou vai amanhã?

— Não é urgente — ele disse despreocupadamente. Ele tinha adiado várias vezes embora o seu supervisor do Tudeh tivesse dito que cada dia a mais que ele ficava em Teerã aumentava o perigo: —

Você já esqueceu o que aconteceu com o camarada Yazernov? Nós soubemos que o serviço secreto estava envolvido! Eles devem ter visto você entrando no prédio com ele, ou saindo de lá.

— Eu tirei a barba, não voltei mais para casa e estou evitando a universidade. Aliás, camarada, é melhor que não nos encontremos por um dia ou dois, eu acho que estou sendo seguido. — Ele sorriu consigo mesmo, lembrando-se da rapidez com que o outro homem, um velho partidário do Tudeh, tinha desaparecido ao dobrar uma esquina.

— Por que o sorriso, meu querido?

— Por nada. Eu te amo, Xarazade — ele disse com simplicidade e acariciou-lhe o seio enquanto a beijava.

Ela devolveu o beijo, mas não completamente. A paixão dele cresceu, bem como a dela, embora ela tentasse controlar-se, com a mão dele acariciando-a, deixando fogo no seu rastro.

— Eu te amo, Xarazade... ame-me.

Ela não queria afastar-se do calor, nem das suas mãos, nem da pressão dos seus membros, nem do tumulto do seu coração. Mas o fez.

— Agora não, meu querido — ela murmurou e recuperou o fôlego e então, quando o seu coração se acalmou um pouco, ela olhou para ele, buscando os seus olhos. Ela viu decepção, mas não raiva. — Eu... eu não estou preparada, não para o amor, agora não...

— O amor acontece. Eu amei você desde o primeiro momento. Você está segura, Xarazade, o seu amor estará seguro comigo.

— Eu sei, oh, sim, eu sei disso. Eu... — Ela franziu a testa, sem entender a si mesma, só que agora era errado. — Eu tenho que estar certa do que estou fazendo. E agora eu não estou.

Ele lutou consigo mesmo, então inclinou-se e beijou-a, sem forçar o beijo — confiante de que em breve eles se tornariam amantes. Amanhã. Ou depois.

— Você é ajuizada como sempre — disse. — Amanhã nós teremos o apartamento só para nós. Eu prometo. Vamos nos encontrar como sempre, tomar café no lugar de sempre. — Ele se levantou e ajudou-a a levantar-se. Ela o abraçou e agradeceu e o beijou e ele abriu a porta da frente.

Silenciosamente, ela vestiu o chador, jogou-lhe mais um beijo e saiu, deixando um rastro de perfume.

Então isso também desapareceu.

Depois de trancar a porta, ele voltou e calçou os sapatos, ainda sentido. Pensativamente, apanhou o seu M16 que estava num canto da sala, checkou o mecanismo e a munição. Longe do feitiço dela, ele não tinha nenhuma ilusão a respeito do perigo ou das realidades da sua vida — e de que breve morreria. A sua excitação aumentou.

Morte, pensou. Martírio. Dar a minha vida por uma causa justa, aceitar livremente a morte, desejando-a. Oh, eu o farei. Eu não posso liderar um exército como o Senhor dos Martírios, mas posso revoltar-me contra os satanistas que se autodenominam mulás e me vingar deles no mulá Hussein de Kowiss por ter assassinado o meu pai em nome de falsos deuses e por ter profanado a Revolução do Povo!

Ele sentiu o seu êxtase aumentar. Como o outro. Mais forte do que o outro.

Eu a amo com toda a minha alma, mas deveria ir amanhã. Não preciso de um grupo comigo, sozinho seria mais seguro. Eu posso pegar um ônibus facilmente. Eu deveria ir amanhã. Deveria, mas não posso, não posso, ainda não. Depois que fizemos amor...

AEROPORTO DE AL SHARGAZ: 18:17H.

A quase mil e trezentos quilômetros de distância para sudeste, do outro lado do golfo, no heliporto, Gavallan estava vendo o 212 se preparando para pousar. A tarde estava agradável, o sol desaparecia no horizonte. Agora ele podia ver Jean-Luc nos controles com um dos pilotos ao lado dele, não Scot, como ele tinha esperado no primeiro momento.

Sua ansiedade aumentou. Ele acenou e então, quando as pás pousaram no solo, ele se dirigiu impaciente para a porta da cabine.

Esta foi aberta. Ele viu Scot soltando o cinto com uma das mãos, o outro braço numa tipoia, o rosto pálido e tenso, mas inteiro.

— Oh, meu filho — disse, com o coração batendo aliviado, querendo correr e abraçá-lo mas se controlando e esperando até que Scot tivesse descido os degraus e estivesse ali na pista ao lado dele.

— Oh, rapaz, eu estava tão preocupado...

— Não precisava, papai, eu estou bem, muito bem. — Scot abraçou o seu pai com o braço bom, um contato tão necessário para os dois, esquecidos dos outros. — Cristo, estou muito contente em vê-lo.

Eu pensei que você fosse esperado em Londres hoje.

— E sou esperado. Estou de partida daqui a uma hora. — Agora eu estou, estava pensando Gavallan, agora que você está aqui são e salvo. — Estarei lá assim que puder. — E limpou uma lágrima, fingindo que era poeira, e apontou para um carro parado ali perto. Genny estava na direção. — Não quero ser exagerado, Scot, mas Genny vai levá-lo ao hospital agora mesmo, só para tirar uma radiografia, está tudo providenciado. Sem estardalhaço, eu prometo. Há um quarto reservado para você ao lado do meu no hotel. Está bem?

— Está bem, papai. Eu, ahn, eu... estou precisando de uma aspirina. Confesso que estou me sentindo pessimamente. A viagem foi um bocado acidentada. Eu, ahn, você já está de partida? Quando é que você volta?

— Assim que puder. Dentro de um ou dois dias. Ligo para você amanhã, está bem?

— Scot hesitou, com o rosto se contraindo.

— Você poderia... você poderia vir comigo. Eu posso contar-lhe a respeito de Zagros, você teria tempo?

— É claro. Foi muito ruim?

— Sim e não. Nós todos escapamos, exceto Jordon, mas ele foi morto por minha causa, papai, ele foi... — Os olhos de Scot encheram-se de lágrimas embora sua voz permanecesse firme e controlada.

— Não posso fazer nada sobre isso... nada. — Ele enxugou as lágrimas e resmungou um palavrão e se abraçou ao pai com a mão boa. — Não posso fazer nada... não sei como...

— A culpa não foi sua, Scot — disse Gavallan, arrasado com o desespero do filho, assustado por ele. — Vamos embora... — E gritou para Jean-Luc: — Vou levar Scot para tirar uma radiografia, voltarei logo.

TEERÃ — NO APARTAMENTO DE McIVER: 18:35H.

Charlie Pettikin e Paula estavam sentados à mesa, à luz de velas, brindando com taças de vinho junto com Sayada Bertolin. Havia uma grande garrafa de Chianti aberta, travessas com dois grandes salames, um parcialmente comido, uma enorme fatia de queijo dolce latte ainda intacto e duas baguetes francesas que Sayada trouxera do Clube Francês, uma já no fim.

— Pode estar havendo uma guerra — ela tinha dito com uma alegria forçada ao chegar sem ter sido convidada, há meia hora — mas aconteça o que acontecer, os franceses têm que ter um pão decente.

—Vive Ia France e Viva Alitalia — respondera Pettikin, convidando-a com relutância para entrar, sem querer dividir Paula com ninguém. Desde que o interesse de Paula por Nogger Lane terminara, ele tinha entrado no páreo, cheio de esperanças. — Paula chegou esta tarde no voo da Alitalia, contrabandeou tudo isso arriscando a própria vida, e não está com uma aparência fantástica?

— É o dolce latte, Sayada. Charlie me disse que era o seu favorito — disse Paula, rindo.

— Não é o melhor queijo do mundo? Tudo que é italiano não é o melhor do mundo?

Paula apanhou o saca-rolhas e entregou a ele, com seus olhos esverdeados mandando arrepios pela sua espinha.

— Para você, caro.

— Magnífico! Será que todas as moças da Alitalia são tão gentis, corajosas, lindas, eficientes, doces, cheirosas, afetuosas e, ahn, cinematográficas?

— É claro.

— Venha para a festa, Sayada — ele tinha dito. Quando ela chegou mais perto, ele viu que ela estava com um ar estranho. — Você está bem?

— Oh, sim, não é nada. — Sayada ficou satisfeita pela luz de vela que permitiu que ela disfarçasse.

— Eu, ahn, obrigada, eu não vou ficar, eu... só estou com saudades de Jean-Luc, queria descobrir quando ele vai voltar, e achei que vocês gostariam das baguetes.

— Foi ótimo você ter chegado. Há semanas que não comemos um pão decente, obrigado, mas fique de qualquer jeito. Mac foi apanhar o Tom em Doshan Tappeh. Tom deve saber de Jean-Luc. Eles devem estar chegando a qualquer momento.

— Como está Zagros?

Nós tivemos que fechar. — Enquanto ele providenciava os copos e ar rumava a mesa, com Paula ajudando e fazendo quase tudo, ele explicou a elas o motivo e contou-lhes a respeito do ataque terrorista à plataforma Bellissima, da morte de Gianni e, mais tarde, de Jordon, e do ferimento de Scot. — Um horror, mas aconteceu.

— Terrível — disse Paula. — Isto explica por que nós vamos voltar por Shiraz e temos instruções de deixar cinquenta lugares em aberto. Deve ser para os nossos compatriotas de Zagros.

— Que azar — disse Sayada, imaginando se deveria passar essa informação. Para eles, e ele.

A Voz tinha ligado ontem cedo, perguntando a que horas ela tinha deixado Teymour no sábado.

— Por volta de cinco, cinco e quinze, por quê?

— O maldito prédio pegou fogo pouco antes de escurecer, em algum lugar do terceiro andar, atingindo os outros andares. O prédio inteiro foi destruído, muitas pessoas morreram, e não há nenhum sinal de Teymour nem dos outros. É claro que os bombeiros chegaram tarde demais...

Ela não teve dificuldade em chorar de verdade e deixar a sua agonia transparecer. Mais tarde a Voz tinha ligado de novo — Você deu os papéis a Teymour?

— Sim... sim, eu dei.

Tinha havido um palavrão abafado.

— Esteja no Clube Francês amanhã de tarde. Deixarei instruções no seu armário. — Mas não havia nenhuma mensagem, então ela apanhara o pão na cozinha e fora para lá. Não havia nenhum outro lugar para ir e ela ainda estava muito assustada.

— Que coisa triste — Paula estava dizendo: — Sim, mas chega disto — disse Pettikin, censurando-se por ter contado a elas. Isso não é problema delas, pensou. — Vamos comer, beber e nos alegrar.

— Pois amanhã estaremos mortos? — perguntou Sayada.

— Não. — Pettikin levantou o copo e sorriu para Paula. — Pois amanhã estaremos vivos. Saúde! — Ele brindou com ela e depois com Sayada, e pensou, que dupla fantástica, mas Paula é de longe a mais bonita..

Sayada estava pensando: Charlie está apaixonado por esta sereia que vai se aproveitar dele quanto quiser e depois cuspir os restos sem hesitação, mas por que será que eles — os meus novos senhores, sejam eles quem forem — por que será que eles querem saber sobre Jean-Luc e Tom e querem que eu seja amante de Armstrong, e como eles sabem a respeito do meu filho, que Deus os amaldiçoe.

Paula estava pensando: Eu odeio esta merda de cidade onde todo mundo está tão deprimido e melancólico como esta pobre mulher que obviamente está com o problema de sempre, amoroso, quando existe Roma, sol, Itália, e uma vida doce para gozar, vinho, risos e amor para desfrutar, crianças para gerar com um marido para adorar mas só enquanto o demônio se comportar — por que será que todos os homens são uns safados e por que será que eu gosto deste homem, Charlie, que é e não é velho demais, é e não é pobre demais, é e não é masculino demais...

— Agora — ela disse, com o vinho tornando os seus lábios mais suculentos — Charlie, amore, nós precisamos nos encontrar em Roma. Teerã é tão... tão depressão, scusa, deprimente.

— Não quando você está por perto — ele disse. Sayada os viu sorrir um para o outro e os invejou.

— Acho que voltarei mais tarde — disse, levantando-se. Antes que Pettikin pudesse dizer alguma coisa, uma chave girou na fechadura e McIver entrou.

— Oh, olá — disse, tentando esquecer o cansaço. — Oi, Paula, oi, Sayada. Que surpresa agradável.

— Então ele notou a mesa. — O que é isso, Natal? — Ele tirou o casacão e as luvas.

— Foi Paula quem trouxe, e Sayada trouxe pão. Onde está Tom? — perguntou Pettikin, sentindo imediatamente que havia alguma coisa errada.

— Eu o deixei na casa dos Bakravan, perto do bazar.

— Como vai ela? — perguntou Sayada. — Eu não a vejo desde... desde o dia da marcha, primeiro de março.

— Eu não sei, garota, apenas deixei-o lá e vim para casa. — McIver aceitou um copo de vinho, devolvendo o olhar de Pettikin. — O tráfego estava horrível. Eu levei uma hora para chegar aqui.

Saúde! Paula, você é um colírio para os olhos. Você vai passar a noite aqui?

— Se não for incomodar? Eu vou sair cedo amanhã de manhã, não vou precisar de condução, caro, um dos membros da tripulação me deixou aqui e vem me buscar amanhã. Genny disse que eu podia usar o quarto de hóspedes. Ela achou que ele poderia estar precisando de uma faxina, mas ele me parece limpo. — Paula se levantou e os dois homens, involuntariamente, foram imediatamente atraídos pela sensualidade dos seus movimentos. Sayada xingou-a, com inveja, imaginando por que seria, o uniforme não era, com certeza, pois era muito severo embora lindamente cortado, sabendo que ela própria era muito mais bonita, muito mais bem vestida, mas não da mesma raça. Vaca!

Paula apanhou a bolsa e tirou duas cartas que entregou a McIver.

— Uma de Genny e uma de Andy.

— Obrigado, muito obrigado — agradeceu McIver.

— Eu estava saindo, Mac — disse Sayada. — Só queria perguntar quando é que Jean-Luc vai voltar.

— Provavelmente na quarta-feira. Ele está transportando um 212 para Al Shargaz. Ele deve chegar lá hoje e voltar na quarta-feira. — McIver olhou para as cartas. — Não precisa ir embora, Sayada... deem-me licença um minuto.

Ele se sentou na poltrona ao lado do aquecedor que estava funcionando a meio vapor e acendeu um abajur. A luz tirou muito do romantismo da sala. A carta de Gavallan dizia: "Oi, Mac, escrevo às pressas, cortesia da mais linda de todas! Estou esperando por Scot. Depois parto para Londres esta noite, se ele estiver bem, mas voltarei dentro de dois dias, três no máximo. Consegui tirar Duke de Kowiss e o mandei falar com Rudi, caso Scrag se atrase — ele deve estar de volta na terça-feira.

Kowiss está muito confuso — eu tive uma briga feia com 'Pé- quente' — e Zagros também. Acabei de falar com Masson e é isso mesmo. Então estou dando o sinal verde para o plano. Está dado. Vejo você na quarta-feira. Dê um abraço em Paula por mim e Genny manda dizer que você não ouse fazer isso!"

Ele ficou olhando para a carta, depois recostou-se na poltrona por um momento, ouvindo, distraído, uma história que Paula estava contando sobre o voo para Teerã. Então ele apertou o botão. Não se iluda, Andy, eu sabia que você iria apertá-lo desde o primeiro momento — foi por isto que eu disse: Certo, desde que eu possa cancelar a operação se achar que é arriscada demais e a minha decisão é definitiva. Eu acho que você deve apertar o botão até o fim. Você não tem outra alternativa se quiser sobreviver.

O vinho estava muito bom. Ele terminou o copo, depois abriu a carta de Genny. Eram apenas notícias de casa e das crianças, todos com saúde e felizes, mas ele a conhecia bem demais para não ver nas entrelinhas a sua preocupação: "Não se preocupe, Duncan, e não se esforce demais. E não pense que estou planejando uma casinha cheia de flores na Inglaterra. Eu estou aqui praticando a dança do ventre, então é melhor você se apressar. Amor, Gen."

McIver sorriu para si mesmo, se levantou e se serviu de mais vinho, sentindo-se mais calmo agora.

Brindou com Pettikin: — Um brinde às mulheres. Vinho fantástico, Paula. Andy mandou-lhe um abraço... — Na mesma hora

ela sorriu, estendeu a mão e tocou nele e ele sentiu um arrepio percorrer-lhe o braço. O que será que ela tem? perguntou a si mesmo, perturbado, e disse rapidamente para Sayada: — Ele mandaria um para você também se soubesse que você estava aqui. — Uma das velas na lareira estava derretendo.

— Deixe que eu apanho. Algum recado?

— Tem um recado de Talbot. Ele está fazendo tudo o que pode para encontrar Erikki. Duke ficou preso em Bandar Delam por causa de uma tempestade, mas deve voltar a Kowiss amanhã.

— E Azadeh?

— Ela está melhor hoje. Paula e eu a acompanhamos até em casa. Ela está bem, Mac. É melhor você comer alguma coisa, não há nada para jantar.

— Que tal jantarmos no Clube Francês? A comida ainda está passável — disse Sayada.

— Eu adoraria — Paula disse animadamente e Pettikin praguejou.

— Que ideia maravilhosa, Sayada! Charlie?

— Ótimo, Mac?

— Claro, se for por minha conta e se vocês não se importarem de voltar cedo. — McIver segurou o copo contra a luz, admirando a cor do vinho. — Charlie, quero que você leve o 212 para Kowiss bem cedinho, Nogger vai levar o Alouette. Você pode ficar ajudando Duke uns dois dias. Vou mandar Shoemith num 206 para buscá-lo no sábado. Está bem?

— Claro — disse Pettikin, imaginando o motivo da mudança nos planos que eram que McIver, Nogger e ele próprio embarcassem no voo de quarta-feira, e dois outros pilotos iriam para Kowiss amanhã. Por quê? Deve ter sido a carta de Andy. Turbilhão? Será que Mac vai cancelar?

NAS FAVELAS DE JALEH: 18:50H.

O velho carro parou no beco. Um homem saltou e olhou em volta. O beco estava deserto, muros altos, uma vala de um dos lados que já estava coberta de neve e lixo há muito tempo. Do outro lado de onde o carro tinha parado, fracamente iluminada pela luz do farol, havia uma praça arruinada. O homem deu uma batida no teto. Os faróis foram apagados. O motorista saltou e foi ajudar o outro homem, que tinha aberto a mala. Juntos eles carregaram o corpo, enrolado num cobertor escuro, através da praça.

— Espere um pouco — o motorista disse em russo. Ele apanhou a lanterna e acendeu-a por um instante. O círculo de luz mostrou a abertura no muro que ele estava procurando.

— Ótimo — disse o outro, e eles a atravessaram, depois tornaram a parar para se localizarem.

Agora eles estavam num cemitério velho, quase abandonado. Eles foram iluminando túmulo por túmulo — algumas das inscrições em russo, algumas em letras romanas — até encontrar o túmulo aberto, recém-cavado. Havia uma pá enfiada no monte de terra.

Eles foram até a beirada. O homem mais alto, o motorista, disse: — Pronto?

— Sim. — Eles deixaram o corpo cair no buraco. O motorista iluminou-o com a lanterna. — Endireite-o.

— Ele não vai ligar a mínima — disse o outro homem e apanhou a pá. Era um homem muito forte e de ombros largos e começou a encher o túmulo. O motorista acendeu um cigarro, atirando o fósforo, com raiva, dentro do túmulo.

— Talvez você devesse dizer uma oração por ele. O outro riu.

— Marx-Lenin não aprovariam. Nem o velho Stalin.

— Aquele filho da puta... que ele apodreça!

— Olhe o que ele fez pela mãe Rússia! Ele construiu um império, o maior do mundo, coagiu os britânicos, enganou os americanos, formou o maior e melhor exército, marinha e aeronáutica e tornou a KGB assim tão poderosa.

— Com cada rublo que possuíamos e vinte milhões de vidas. Vidas de russos.

— Dispensáveis! A escória, idiotas, a ralé, havia muito mais gente no lugar de onde eles vieram. — O homem estava suando agora e

entregou a pá para o outro. — O que há com você, afinal?, você já estava enfezado desde cedo.

— Estou só cansado. Desculpe.

— Todo mundo está cansado. Você precisa de alguns dias de descanso. Candidate-se a ir para Al Shargaz. Eu tive três dias ótimos lá, não queria mais voltar. Eu pedi para ser transferido de uma vez para lá. Temos uma operação grande lá agora, crescendo todo dia, os israelenses também intensificaram as suas operações, assim como a CIA. O que foi que aconteceu desde que eu parti?

— O Azerbaijão está esquentando. Há boatos de que o velho Abdullah Khan está morto ou morrendo.

— A Seção 16/a?

— Não, ataque de coração. O resto está normal. Você se divertiu mesmo? O outro riu.

— Tem uma secretária da Intourist lá que é muito hospitaleira. — Ele coçou o saco ao se lembrar. — Quem é esse desgraçado, afinal?

— O nome dele não estava relacionado — disse o motorista.

— Nunca está. Então quem era ele?

— Um agente chamado Yazernov, Dimitri Yazernov.

— Não significa nada para mim. E para você?

— Ele era um agente na área da universidade; eu trabalhei com ele por algum tempo, há um ano atrás.

Esperto, gênero culto, cheio de baboseiras ideológicas. Parece que ele foi apanhado pelo Serviço Secreto e seriamente interrogado.

— Filhos da mãe! Eles o mataram, não foi?

— Não. — O homem mais alto parou de trabalhar por um momento e olhou em volta. Não havia nenhuma chance deles estarem sendo ouvidos e embora ele não acreditasse em fantasmas nem em Deus nem em nada, só no Partido e na KGB, a cabeça do partido, ele não estava gostando daquele lugar. Ele baixou a voz. — Quando ele foi recuperado, há quase uma semana, ele estava mal, inconsciente, nunca deveria ter sido removido, não no seu estado. A Savama o tirou das mãos do Serviço Secreto. O diretor acha que a Savama também trabalhou nele antes de devolvê-lo. — Ele se apoiou na pá por um momento. — A Savama o devolveu com o recado que achavam que ele tinha revelado tudo através do terceiro

nível. O diretor disse para descobrir depressa quem era ele, se ele tinha outras certidões secretas, ou se era um espião interno ou um disfarce para alguém mais alto, e que diabos ele tinha contado a eles, quem ele era, afinal. Ele não consta das nossas fichas como sendo outra coisa além de um agente da área universitária. — Ele enxugou o suor da testa e começou a trabalhar de novo. — Eu ouvi dizer que o grupo esperou um tempão que ele recobrasse a consciência, então hoje eles desistiram e tentaram acordá-lo.

— Um erro? Alguém exagerou na dose?

— Quem sabe? O pobre infeliz está morto.

— Esta é uma das coisas que me assusta — disse o outro, estremecendo. — Receber uma dose forte demais. Não há nada que você possa fazer a respeito. Ele não chegou a acordar? Não disse nada?

— Não. Nadinha. A merda é ele ter sido apanhado. Foi culpa dele. O filho da mãe estava trabalhando por conta própria.

O outro praguejou.

— Como foi que ele conseguiu?

— Não faço a menor ideia! Eu me lembro dele como um desses que acham que sabem tudo e riem do Livro. Esperto? Uma ova! Esses filhos da mãe não valem os problemas que causam. — O homem mais alto trabalhava duro e sem parar. Quando se cansava, o outro o substituí.

Em pouco tempo, o túmulo estava tapado. O homem alisou a terra, ofegante.

— Se esse cretino se deixou apanhar, então por que estamos tendo todo esse trabalho?

— Quando o corpo não pode ser repatriado, o camarada tem direito a um enterro decente, está no Livro. Este é um cemitério russo, não é?

— Claro que sim, mas eu é que não queria ser enterrado aqui. — O homem limpou a terra das mãos, depois virou-se e urinou no túmulo mais próximo.

O homem mais alto estava apanhando uma lápide.

— Me ajuda aqui. — Juntos, eles levantaram a lápide e a colocaram sobre o túmulo que tinham acabado de encher.

Por que o desgraçado teve que morrer, pensou, amaldiçoando-o. A culpa não foi minha. Ele devia ter aguentado a dose. Malditos médicos! Eles deveriam saber! Nós não tivemos escolha, o filho da mãe estava afundando de qualquer maneira e havia muitas perguntas a serem respondidas, como o que havia de tão importante com relação a ele para que o maldito filho da mãe do Hashemi Fazir se encarregasse pessoalmente de interrogá-lo, junto com aquele filho da puta do Armstrong. Aqueles dois profissionais importantes não perdem tempo com arraia miúda. E por que foi que Yazernov disse "Fedor..." pouco antes de morrer? Qual o significado disso?

— Vamos embora — disse o outro homem. — Este lugar é horrível e fede, fede mais do que o normal. — Ele pegou a pá e saiu andando na escuridão.

Neste momento a inscrição da lápide atraiu a atenção do motorista, mas estava escuro demais para ler. Ele acendeu a lanterna um instante. A inscrição dizia: "Conde Alexi Pokenov, Plenipotenciário do xá Nasiru Din, 1830-1862."

Yazernov ia gostar disto, ele pensou, sorrindo cinicamente.

NA CASA DOS BAKRAVAN, PERTO DO BAZAR: 19:15H.

A porta da rua foi aberta.

— Salaam, Alteza. — O empregado observou Xarazade entrar para o pátio alegremente, seguida de Jari e tirar o chador, e agora ela estava sacudindo os cabelos e afofando-os com os dedos. — O... o seu marido está de volta, Alteza; ele voltou logo depois do pôr-do-sol.

Por um instante, Xarazade ficou imóvel sob a luz das lamparinas a óleo que piscavam no pátio coberto de neve.

Então está acabado, ela estava pensando. Acabou antes de começar. Quase começou hoje, eu estava pronta e no entanto não... e agora, agora estou a salvo do... do meu desejo — era desejo ou amor, será que era isso que eu estava tentando decidir? Eu não sei,

não sei, mas amanhã... amanhã eu o verei uma última vez, tenho que vê-lo mais uma vez, só mais uma vez... só para dizer adeus.

Seus olhos se encheram de lágrimas e ela correu para dentro de casa, atravessou os salões, subiu as escadas, entrou no seu quarto e caiu nos braços dele.

— Oh, Tommyyyy, você esteve tanto tempo longe!

— Oh, eu senti tantas saudades suas, onde você... Não chore, minha querida, não há motivo para chorar...

Seus braços estavam em volta dela e ela sentiu o cheiro familiar de gasolina e óleo que vinha das suas roupas de piloto, penduradas no cabide. Ela viu a seriedade dele. O HBC surgiu na sua mente, mas ela o afastou e, sem dar-lhe um segundo, ficou na ponta dos pés, beijou-o e disse rapidamente: — Tenho novidades maravilhosas, estou grávida, oh, sim, é verdade, eu estive no médico e amanhã vou apanhar o resultado do teste, mas eu sei — O seu sorriso era alegre e franco. — Oh, Tommy — ela continuou na mesma velocidade, sentindo o seu abraço cada vez mais apertado —, você quer se casar comigo, por favor, por favor?

— Mas nós somos casad...

— Diga que sim, oh, por favor, diga que sim! — ela levantou os olhos e viu que ele ainda estava pálido e sorrindo muito pouco, mas isso já era o suficiente naquele momento e ela o ouviu dizer: — É claro que eu me caso com você.

— Não, diga direito: "Eu me caso com você, Xarazade Bakravan. Eu me caso com você, eu me caso com você" — então ela o ouviu repetir e isso tornou tudo perfeito.

— Perfeito — ela exclamou e abraçou-o, depois se afastou dele e correu para o espelho para ajeitar a maquilagem. E viu o rosto de Lochart no espelho, tão severo, inquieto. — O que foi?

— Você tem certeza sobre a criança?

— Oh, eu tenho certeza — ela riu —, mas o médico precisa de provas, maridos precisam de provas.

Não é maravilhoso?

— Sim, sim, é. — Ele pôs as mãos nos ombros dela. — Eu te amo! Na cabeça dela, ela ouviu o outro 'eu te amo' que tinha sido dito com tanta paixão e desejo e pensou como era estranho que

embora o amor do seu marido fosse uma coisa certa e provada, o de Ibrahim não era — e no entanto o de Ibrahim era sem reservas enquanto que, mesmo depois das notícias maravilhosas, o seu marido estava de testa franzida.

— Já se passou um ano e um dia, Tommy, um ano e um dia que você quis — ela disse docemente e se levantou da penteadeira, pôs as mãos em volta do pescoço dele, sorrindo para ele, sabendo que precisava ajudá-lo: "Os estrangeiros não são como nós, princesa" Jari tinha dito "suas reações são diferentes, sua educação é diferente, mas não se preocupe, seja tão encantadora como sempre e ele será como argila nas suas mãos..."

Tommy vai ser o melhor pai do mundo, ela prometeu a si mesma, imensamente feliz por não ter cedido naquela tarde por ter contado a sua novidade, e agora eles viveriam felizes para sempre.

— Nós vamos, Tommy, não vamos?

— O quê?

— Viver felizes para sempre?

Por um instante a alegria dela sufocou a sua tristeza por causa de Karim Peshadi, do que fazer e como fazer. Ele a ergueu nos braços e se sentou na poltrona, embalando-a.

— Oh, sim. Oh, sim. Nós vamos ser felizes. Há tanto o que conversar — eles foram interrompidos por Jari batendo na porta.

— Entre Jari.

— Por favor, desculpe-me, Excelência, mas Sua Excelência Meshang e Sua Alteza chegaram e estão esperando para ter o prazer de vê-los quando for conveniente.

— Diga a Sua Excelência que estaremos lá assim que tivermos acabado de trocar de roupa. — Lochart não notou o alívio de Jari quando Xarazade balançou afirmativamente a cabeça e riu para ela.

— Vou preparar o seu banho, Alteza — disse Jari e entrou no banheiro. — Não é maravilhoso, Excelência? Oh, meus parabéns, Excelência, meus parabéns...

— Obrigado, Jari — Lochart disse distraidamente, pensando na criança e em Xarazade, cheio de preocupação e felicidade. Tudo está tão complicado agora, tão difícil.

— Difícil não — Meshang disse depois do jantar.

A conversa tinha sido chata, com Meshang dominando-a como sempre fazia, agora que era o chefe da casa. Xarazade e Zarah quase não falaram, Lochart falou muito pouco — não havia sentido em mencionar Zagros, uma vez que Meshang nunca tinha se interessado pelas suas opiniões nem pelo que ele fazia. Por duas vezes ele esteve a ponto de contar-lhes sobre Karim — não há razão para contar-lhes ainda, tinha pensado, escondendo o seu desespero, Por que eu vou ser mensageiro de más notícias?

— Você não está achando a vida difícil em Teerã hoje em dia? — perguntou. Meshang estava se queixando dos novos regulamentos implantados no bazar.

— A vida sempre foi difícil — disse Meshang —, mas quando se é iraniano, quando se é um lojista experiente, com cautela e compreensão, com trabalho e lógica, até o Komiteh Revolucionário pode ser dobrado. Nós sempre dobramos os cobradores de impostos, os xás, comissários e os paxás ianques e ingleses.

— Estou contente em saber disto, muito contente.

— E eu estou muito contente por você estar de volta, eu estava querendo falar com você — disse Meshang. — Minha irmã já lhe contou sobre a criança?

— Sim, já. Não é maravilhoso?

— Sim, é. Deus seja louvado. Quais são os seus planos?

— O que você quer dizer?

— Onde vocês vão viver? Como é que você vai pagar por tudo agora? O silêncio foi longo.

— Nós vamos dar um jeito — Lochart começou. — Eu preten...

— Não sei como você vai conseguir, logicamente falando. Eu estive vendo as contas do ano passado e... — Meshang parou quando Zarah se levantou.

— Não acho que esta seja uma boa hora para falar em contas — ela disse, com o rosto branco, e o de Xarazade também.

— Bem, eu acho que é — Meshang disse asperamente. — Como é que a minha irmã vai sobreviver?

Sente-se, Zarah, e ouça! Sente-se! E, daqui para a frente, quando eu disser que você não vai a uma marcha de protesto ou a qualquer outro lugar, você vai obedecer ou eu lhe dou uma surra!

Sente-se — Zarah obedeceu, chocada com a violência e a brutalidade dele. Xarazade estava sem ação, o seu mundo estava ruindo. Ela viu o seu irmão virar-se para Lochart.

— Agora, capitão, as suas contas do ano passado, as contas pagas por meu pai, sem falar nas que estão atrasadas e ainda não foram pagas, são substancialmente maiores do que o seu salário. Não é verdade?

O rosto de Xarazade estava ardendo de vergonha e de raiva e antes que Lochart pudesse responder, ela disse rapidamente, na sua voz mais melosa: — Meshang querido, você tem toda a razão em se preocupar conosco, mas o apart...

— Por favor, fique quieta! Eu tenho que perguntar ao seu marido, não a você, isto é problema dele, não seu. Bem, capitão...

— Mas Meshang querido...

— Fique quieta! Bem, capitão, é ou não é verdade?

— Sim, é verdade — Lochart respondeu, procurando desesperadamente uma maneira de sair do abismo. — Mas você deve se lembrar de que Sua Excelência me deu o apartamento, de fato todo o prédio, e os outros aluguéis pagavam as contas e o resto era para a mesada de Xarazade, e sou eternamente grato por isso. Quanto ao futuro, eu tomarei conta de Xarazade, é claro que sim.

— Com o quê? Eu li o seu processo de divórcio e está claro que com o que você paga à sua ex-mulher e aos seus filhos, há muito pouca chance de manter a minha irmã longe da miséria.

Lochart ficou engasgado de raiva. Xarazade se mexeu na cadeira e Lochart viu o seu medo e dominou o impulso de dar um soco em Meshang.

— Está tudo bem, Xarazade. O seu irmão tem o direito de perguntar. É justo, ele tem este direito. — Ele viu o ar convencido do outro e percebeu que a guerra estava declarada. — Nós vamos dar um jeito, Meshang. O nosso apartamento não vai ficar confiscado para sempre, ou então podemos arranjar outro. Nós vamos...

— Não há nem apartamento nem edifício. Ele pegou fogo no sábado. Está tudo destruído.

Eles o olharam estatelados, e a mais chocada foi Xarazade.

— Oh, Meshang, você tem certeza? Por que não me contou?
Por...

— Será que você tem tantas propriedades assim que não as verifique de vez em quando? Está tudo destruído.

— Oh, Cristo! — Lochart murmurou.

— É melhor você não blasfemar — disse Meshang, achando difícil não demonstrar a sua satisfação.

— Então não há nem apartamento nem edifício nem nada. Insha'Allah. E agora, como você pretende pagar as suas contas?

— Seguro! — Lochart exclamou. — Deve haver um segu...

Uma gargalhada o interrompeu, Xarazade derrubou um copo d'água e ninguém reparou.

— Você acha que o seguro será pago? — Meshang riu ironicamente. — Agora? Mesmo que haja seguro? Você perdeu o juízo, não há nenhum seguro, nunca houve. Então, capitão: muitas dívidas, nenhum dinheiro, nenhum capital, nenhum prédio. Não que ele fosse legalmente seu, era apenas uma saída honrosa que meu pai tinha arranjado para lhe dar meios de cuidar de Xarazade. — Ele apanhou um pedaço de halvah e enfiou na boca. — Então, o que você propõe?

— Eu vou dar um jeito.

— Como?, diga-me por favor. E Xarazade, é claro, tem o direito, o direito legal, de saber. Como?

— Eu tenho joias, Tommy, posso vendê-las — murmurou Xarazade. Cruelmente, Meshang deixou que estas palavras ficassem soando no ar, encantado de ver Lochart encurralado, humilhado, sem nada. Infiel imundo! Se não fosse pelos Locharts do mundo, os estrangeiros gananciosos, exploradores do Irã, nós estaríamos livres de Khomeini e seus mulás, meu pai ainda estaria vivo, Xarazade estaria bem casada.

— E então?

— O que você sugere? — disse Lochart, sem escapatória.

— O que você sugere?

— Não sei.

— Enquanto isso, você não tem casa, deve bastante dinheiro e em breve estará desempregado. Eu duvido que a sua companhia vá

ter licença para operar aqui por muito tempo mais; com toda a razão, as companhias estrangeiras são persona non grata. — Meshang estava encantado por ter-se lembrado da expressão latina. — Não são mais nem desejadas nem necessárias.

— Caso isso aconteça, eu vou me demitir e me oferecer para pilotar helicópteros em companhias iranianas. Eles vão precisar de pilotos imediatamente. Eu sei falar farsi, sou um piloto e um instrutor experiente. Khomeini... o imã quer que a produção de petróleo seja normalizada imediatamente, então é claro que eles vão precisar de pilotos treinados.

Meshang riu consigo mesmo. Na véspera, o ministro Ali Kia tinha ido ao bazar, devidamente humilde e ansioso por agradecer, levando um pishkesh diferente — a sua "taxa de consultoria" não estava para ser renovada? — e tinha contado a ele os seus planos de adquirir todos os aviões das sociedades mistas e congelar todas as contas bancárias.

— Nós não teremos dificuldade em conseguir todos os mercenários que precisamos para pilotar os nossos helicópteros, Excelência Meshang — Kia tinha dito. — Eles virão em bandos pela metade dos salários normais.

Sim, eles virão, mas não você, marido temporário da minha irmã, nem mesmo por um décimo do salário.

— Eu sugiro que você seja mais prático. — Meshang examinou as suas unhas bem tratadas, que esta tarde tinham acariciado a garota de 14 anos que Ali Kia lhe oferecera. "A primeira de muitas, Excelência!" Linda circassiana de pele clara, o casamento temporário daquela tarde que ele estenderia por toda a semana, com muita facilidade. — Os governantes atuais do Irã são xenófobos, particularmente com respeito a americanos.

— Eu sou canadense.

— Duvido que isso importe. É lógico presumir que você não terá permissão para ficar. — Ele olhou severamente para Xarazade. — Nem para voltar.

— Suposições — Lochart disse entredentes, vendo a expressão do rosto dela.

— Capitão, a caridade do meu falecido pai não pode mais ser mantida. Os tempos estão difíceis. Eu quero saber como o senhor pretende sustentar a minha irmã e o seu filho, onde o senhor pretende viver e como.

Lochart levantou-se repentinamente, surpreendendo todo mundo.

— O senhor expôs o seu caso muito claramente, Excelência Meshang. Terá a sua resposta amanhã.

— Eu quero uma resposta agora. Lochart fechou ainda mais a cara.

— Primeiro eu vou conversar com a minha mulher e amanhã eu conversarei com o senhor. Vamos, Xarazade. — E se retirou. Com o rosto banhado de lágrimas, ela saiu atrás dele e fechou a porta.

Meshang sorriu sardonicamente, apanhou outro doce e começou a comê-lo.

Zarah suspirou, enraivecida.

— Em nome de Deus, o que...

Ele se levantou e deu-lhe uma bofetada.

— Cale a boca! — gritou. Não era a primeira vez que ele batia nela, mas nunca com tanta violência.

— Cale a boca ou eu me divorciarei de você! Eu me divorciarei de você, está ouvindo? Eu vou tomar uma outra esposa de qualquer maneira, alguém jovem, não uma velha chata e seca como você.

Você não compreende que Xarazade está correndo perigo, que nós todos estamos correndo perigo por causa desse homem? Vá pedir perdão a Deus pelos seus péssimos modos! Saia! — Ela saiu correndo. Ele atirou um copo atrás dela.

NOS SUBÚRBIOS AO NORTE: 21:14H.

Azadeh guiava velozmente o carro pequeno e muito amassado pela rua ladeada de belas casas e edifícios — quase todos às escuras, alguns destruídos.

Estava com os faróis altos, ofuscando os carros que vinham em sentido contrário, com a mão enfiada na buzina.

Ela freou, derrapou ao ultrapassar perigosamente alguns carros, evitando por pouco um acidente, e entrou na garagem de um dos edifícios com os pneus cantando.

A garagem estava às escuras. Ela tinha uma lanterna no bolso, acendeu-a, saltou e trancou o carro. O seu casaco era bem contado e quente, estava usando saia, botas, luvas de lã e chapéu, tinha os cabelos soltos. Do outro lado da garagem havia uma escada e um interruptor. Quando ela o experimentou, a lâmpada mais próxima acendeu e apagou. Ela subiu as escadas devagar. Havia quatro apartamentos em cada andar. O apartamento que seu pai tinha emprestado a ela e a Erikki ficava no terceiro andar em frente à rua. Hoje era segunda-feira. Ela estava lá desde sábado.

— Não é perigoso, Mac — ela dissera ao anunciar que ia para lá e ele tentara convencê-la a ficar no apartamento dele — mas se meu pai me quiser de volta em Tabriz, o fato de estar aqui na sua casa não vai me ajudar nem um pouco. No apartamento eu tenho um telefone, só estarei a um quilômetro de distância daqui e posso vir a pé facilmente. Lá eu tenho roupas e uma empregada. Eu vou dar notícias todos os dias, irei para o escritório e ficarei esperando. É só o que posso fazer.

Ela não dissera que preferia ficar longe dele e de Charlie Pettikin. Eu gosto muito deles, pensou, mas eles são um tanto velhos e pedantes, nada parecidos com Erikki, nem com Johnny. Ah, Johnny, o que vou fazer a seu respeito? Será que terei coragem de tornar a vê-lo?

O terceiro andar estava escuro mas ela tinha a lanterna e encontrou a chave, enfiou-a na fechadura, sentiu que alguém a olhava e se virou, assustada. O vagabundo sujo e barbado estava com as calças abertas e sacudiu o pênis duro para ela.

— Estava esperando por você, princesa de todas as prostitutas, e que Deus me castigue se ele não estiver pronto para você, de frente, de costas ou de lado... — Ele se aproximou dizendo obscenidades e ela recuou em direção à porta, aterrorizada, agarrou a chave, virou-a na fechadura e abriu a porta.

O doberman estava lá. O homem estacou. O cachorro rosnou ameaçadoramente e em seguida atacou.

Em pânico, o homem gritou e tentou afastar o cachorro, depois saiu correndo pelas escadas, com o cachorro latindo e rosnando, mordendo as suas pernas, rasgando as suas roupas, e Azadeh gritou: — Mostre-me agora!

— Oh, Alteza, eu não ouvi a senhora bater, o que está havendo?
— falou o velho empregado, saindo apressadamente da cozinha.

Zangada, ela enxugou o suor do rosto e contou a ele.

— Que Deus o amaldiçoe, Ali, eu já lhe disse vinte vezes para me esperar lá embaixo com o cachorro. Eu venho na hora, venho sempre na hora. Você não raciocina?

O velho se desculpou, mas uma voz grossa atrás dele o interrompeu.

— Vá buscar o cachorro! — Ela se virou. Seu estômago contraiu-se.

— Boa noite, Alteza. — Era Ahmed Dursak, alto, barbado, assustador, em pé na porta da sala.

Insha'Allah, ela pensou. A espera terminou e agora começa tudo de novo.

— Boa noite, Ahmed.

— Alteza, perdoe-me, eu não imaginava que o povo de Teerã fosse assim, senão eu mesmo a teria esperado lá embaixo. Ali, o cão!

Amedrontado e ainda murmurando desculpas, o criado desceu as escadas. Ahmed fechou a porta e observou Azadeh tirar as botas e enfiar os pés em sandálias turcas. Ela passou por ele e entrou na sala confortável, mobiliada à moda ocidental e sentou-se, com o coração batendo. Havia um fogo crepitando na lareira. O chão estava coberto de tapetes valiosos e havia outros pendurados nas paredes. Ao lado dela havia uma mesinha. Na mesinha estava o kookri que Ross tinha deixado.

— Você tem notícias do meu pai e do meu marido?

— Sua Alteza, o khan, está muito doente, muito doente e...

— Que doença? — perguntou Azadeh, realmente preocupada.

— Um ataque cardíaco.

— Que Deus o proteja. Quando foi que aconteceu?

— Na última quinta-feira. — Ele leu o seu pensamento. — Foi no dia em que você e... e o Sabotador foram para a aldeia de Abu Mard, não foi?

— Acho que sim. Os últimos dias foram muito confusos — ela disse friamente. — Como está o meu pai?

— O ataque de quinta-feira foi brando, graças a Deus. Pouco antes da meia-noite de sábado ele teve outro. Muito pior. — Ele observou-a.

— Qual a gravidade? Por favor, não brinque comigo! Conte-me tudo de uma vez.

— Ah, sinto muito, Alteza, não tive a intenção de brincar. — Ele manteve a voz educada e os olhos longe das pernas dela, admirando o seu fogo e o seu orgulho e desejando muito brincar com ela. — O médico disse que foi um ataque e agora o lado esquerdo de Sua Alteza está parcialmente paralisado; ele ainda pode falar com alguma dificuldade, mas sua mente está lúcida como sempre. O médico disse que ele se recuperaria muito mais depressa em Teerã, mas a viagem ainda não é possível.

— Ele vai se recuperar? — ela perguntou.

— Eu não sei, Alteza. Seja como Deus quiser. Para mim, ele parece muito doente. O médico, eu não o acho grande coisa, tudo o que ele disse foi que as chances de Sua Alteza seriam melhores se ele estivesse aqui em Teerã, — Então traga-o para cá o mais depressa possível.

— Eu trarei, Alteza, não se preocupe. Mas tenho uma mensagem para a senhora. O khan, seu pai, disse: "Eu quero vê-la, imediatamente. Não sei quanto tempo vou viver, mas certas providências precisam ser tomadas e confirmadas. O seu irmão está aqui comigo e..."

— Que Deus o proteja — exclamou Azadeh. — O meu pai fez as pazes com Hakim?

— Sua Alteza fez dele o seu herdeiro. Mas...

— Oh, isso é maravilhoso, maravilhoso, Deus seja louvado! Mas...

— Por favor, seja paciente e deixe-me terminar a mensagem: "O seu irmão Hakim está aqui comigo e eu o tornei meu herdeiro,

sujeito a certas condições, de sua parte e da dele." — Ahmed hesitou e Azadeh teve vontade de se intrometer, de mostrar a sua alegria, esquecendo a cautela. O seu orgulho a impediu. — "É necessário, portanto, que você volte imediatamente com Ahmed." Este é o fim da mensagem, Alteza.

A porta da frente se abriu. Ali tornou a trancá-la e soltou o cachorro. Imediatamente, este correu para a sala e pôs a cabeça no colo de Azadeh.

— Muito bem, Reza — ela disse afagando-o, agradecendo a oportunidade de recuperar o controle.

— Sente-se. Ande, sente-se! — O cachorro obedeceu alegremente, depois deitou-se aos pés dela, observando a porta e vigiando Ahmed que estava em pé perto do outro sofá. Distraidamente, sua mão brincava com o cabo do kookri, sentindo-se tranquilizada pelo seu toque. Ahmed estava consciente disto e de suas implicações. — Diante de Deus, você me disse a verdade?

— Sim, Alteza, diante de Deus.

— Então iremos imediatamente. — Ela se levantou. — Você veio de carro?

— Sim, Alteza. Eu trouxe a limusine e o motorista. Mas há mais algumas notícias... boas e más. Sua Alteza recebeu um pedido de resgate. Sua Excelência, o seu marido, está nos mãos de bandidos, homens das tribos... — Ela tentou manter a compostura, com os joelhos subitamente fracos. — ...em algum lugar perto da fronteira soviética. Tanto ele quanto o helicóptero. Parece que estes... estes bandidos dizem ser curdos, mas o khan duvida. Eles surpreenderam o soviético Cimtarga e seus homens e mataram todos eles, capturando Sua Excelência e o helicóptero, segundo eles na quinta-feira cedo. Depois eles voaram para Rezaieh, onde ele foi visto e pareceu estar bem antes de tornar a partir.

— Graças a Deus — foi tudo o que o seu orgulho permitiu-lhe dizer. — Estão pedindo um resgate pelo meu marido?

— O pedido de resgate chegou no sábado, através de intermediários. Assim que Sua Alteza recobrou a consciência ontem, ele me entregou a mensagem para a senhora e me mandou aqui para apanhá-la.

Ela ouviu a palavra 'apanhar' e compreendeu a sua gravidade, mas Ahmed não demonstrou nada e pôs a mão no bolso.

— Sua Alteza Hakim mandou isto para a senhora. — E entregou-lhe um envelope selado. Ela o abriu, assustando o cachorro. O bilhete era com a letra de Hakim: "Minha querida, Sua Alteza me declarou seu herdeiro e nos reintegrou a ambos, sob certas condições, condições maravilhosas, fáceis de aceitar.

Volte depressa, ele está muito doente, e não tratará do resgate antes de falar com você. Salaam."

Cheia de felicidade, ela saiu correndo, arrumou a mala, escreveu um bilhete para McIver, dizendo a Ali para entregar no dia seguinte. Pensando melhor, apanhou o kookri e saiu. Ahmed não disse nada, apenas foi atrás dela.

BANDAR DELAM: 8:15H.

Kasigi caminhava apressadamente atrás do policial de ar severo pelos corredores apinhados do hospital — o mecânico de rádio, Minoru, ia um pouco atrás. Homens, mulheres e crianças, doentes e feridos, estavam em maças ou cadeiras ou em pé ou simplesmente deitados no chão, esperando que alguém os atendesse, os doentes graves misturados com os não tão graves, alguns urinando, outros comendo e bebendo alimentos trazidos por seus parentes, em grande número — e todos os que podiam, queixando-se em altos brados. Enfermeiras e médicos atarefados entravam e saíam dos quartos, mas todas as mulheres vestiam o chador, exceto umas poucas inglesas, enfermeiras, cuja touca severa era quase o equivalente, sendo portanto aceitável.

No fim, o policial encontrou a porta que procurava e abriu caminho para o interior da enfermaria lotada. Havia camas alinhadas dos dois lados e mais uma fileira no centro, todas ocupadas por pacientes masculinos — seus parentes, de visita, conversavam ou reclamavam, crianças brincavam, e num dos cantos, uma mulher cozinhava num fogão portátil.

Scragger estava com um dos pulsos e um dos tornozelos algemados numa velha cama de ferro. Ele estava deitado num colchão de palha todo vestido e de sapatos, tinha um curativo em volta da cabeça, estava sujo e barbado. Quando ele viu Kasigi e Minoru atrás do policial, sua fisionomia iluminou-se.

— Olá companheiros — disse com a voz rouca.

— Como vai o senhor, capitão? — disse Kasigi, estarrecido com as algemas.

— Se eu pudesse ficar livre estaria bem.

O policial interrompeu agressivamente em farsi, para se mostrar para os espectadores.

— É este o homem que vocês queriam ver?

— Sim, Excelência — Minoru respondeu por Kasigi.

— Então agora já o viram. Vocês podem comunicar ao seu governo ou a quem quiserem que ele recebeu tratamento. Ele será julgado pelo komiteh de trânsito. — Pomposamente, ele se virou para sair.

— Mas o capitão não estava dirigindo — retrucou Kasigi, pacientemente, em inglês, com Minoru traduzindo para ele, tendo passado a maior parte da noite repetindo isso e continuara repetindo durante a manhã, para diversos policiais de vários postos, recebendo sempre versões variadas da mesma resposta: "Se o estrangeiro não estivesse no Irã, o acidente não teria acontecido, é claro que ele é o responsável."

— Não importa que ele não estivesse dirigindo, mesmo assim ele é o responsável! — O policial respondeu zangado, com sua voz ecoando nas paredes. — Quantas vezes será preciso repetir isto?

Ele estava encarregado do carro. Ele o requisitou. Se ele não o tivesse requisitado, o acidente nunca teria acontecido, pessoas foram mortas e feridas, é claro que ele é o responsável.

— Mas eu repito que o meu assistente aqui foi testemunha e dará testemunho de que o acidente foi causado pelo outro carro.

— As mentiras ditas diante do komiteh serão tratadas com severidade — disse o homem, ameaçadoramente, já que ele era um dos que estavam no carro de polícia.

— Não são mentiras, aga. Existem outras testemunhas — disse Kasigi, endurecendo a voz, embora não tivesse outras testemunhas.

— Eu insisto que este homem seja solto. Ele trabalha para o meu governo, que investiu bilhões de dólares no pólo petroquímico da Irã-Toda em benefício do Irã e, particularmente, de todo o povo de Bandar Delam. A menos que ele seja solto imediatamente, imediatamente, eu mandarei que todos os japoneses saiam daqui e interromperei todo o trabalho! — A sua raiva aumentou, pois na verdade ele não tinha autoridade nem iria dar uma ordem dessas. — Vou parar tudo!

— Pelo Profeta, nós não estamos mais sujeitos à chantagem estrangeira - o homem gritou e se virou para sair. — O senhor vai ter que discutir isto Com o komiteh.

— A menos que ele seja libertado imediatamente, todo o trabalho vai parar e não haverá mais empregos. Nenhum! — Enquanto Minoru traduzia, Kasigi notou uma diferença no silêncio e no ar das pessoas que estavam em volta deles. E até o próprio policial, consciente de que todos os olhos estavam pregados nele e sentindo a súbita hostilidade. Um jovem ali perto, usando uma faixa verde no pijama, disse agressivamente: — Você quer pôr em risco os nossos empregos, hein? Quem é você? Como vamos saber que você não é um homem do xá? Você já foi liberado pelo komiteh!

— É claro que sim! Em nome do Único Deus, eu sou a favor do imã há anos! — o policial respondeu zangado, mas uma onda de medo o percorreu. — Eu ajudei a revolução, todo mundo sabe disso. Você — ele apontou para Kasigi, maldizendo-o por estar causando todo esse problema — siga-me! E abriu caminho no meio dos espectadores.

— Eu voltarei, capitão Scragger, não se preocupe — Kasigi e Minoru saíram atrás do policial.

O policial conduziu-os por uma escada e por um corredor, depois desceu mais um lance de escadas, tudo apinhado de gente. O nervosismo de Kasigi aumentou na medida em que eles desciam. Agora o homem estava abrindo uma porta com um cartaz em farsi pregado nela.

Kasigi começou a suar frio. Eles estavam no necrotério. Mesas de mármore cheias de corpos cobertos por lençóis sujos. Muitos deles. Cheiro de produtos químicos, sangue, formol e excrementos.

— Aqui está! — O policial disse e puxou um lençol, descobrindo o corpo decapitado de uma mulher.

Sua cabeça estava colocada perto do tronco, com os olhos abertos. — O seu carro causou a morte dela, e quanto a ela e a sua família? — Kasigi notou o 'seu' e sentiu um arrepio gelado. — E aqui! — Ele afastou um outro lençol. Uma mulher com o rosto irreconhecível. — E então?

— Nós... nós sentimos muito, é claro... é claro que sentimos muito pelo fato de ter havido feridos, sentimos profundamente, mas isto é carma, Insha'Allah, não é culpa nossa nem do piloto que está lá em cima. — Kasigi teve dificuldade em controlar a náusea. — Sentimos profundamente.

Minoru traduziu, o policial estava recostado insolentemente na mesa. Então ele respondeu e os olhos do jovem japonês se arregalaram.

— Ele está dizendo, ele está dizendo que a fiança para soltar o sr. Scragger imediatamente é de um milhão de riais. Imediatamente. O que o komiteh decidir não é da conta dele.

Um milhão de riais eram cerca de 12 mil dólares.

— Isto não é possível, mas nós poderíamos pagar cem mil riais dentro de uma hora.

— Um milhão! O homem gritou. Ele agarrou a cabeça da mulher pelos cabelos e levantou-a na frente de Kasigi, que teve que fazer força para ficar firme.

— E quanto aos filhos dela que estão condenados a serem órfãos para sempre? Eles não merecem uma compensação?

— Não... não há esta quantidade de dinheiro na fábrica, sinto muito. O policial praguejou e continuou a insistir, mas então a porta se abriu e alguns auxiliares entraram empurrando um carrinho com outro corpo, olhando-os com curiosidade. Abruptamente, o policial disse: — Muito bem, iremos imediatamente para o seu escritório.

Eles foram até lá e apanharam a última quantia que Kasigi tinha oferecido — 250 mil riais — cerca de três mil dólares — mas sem recibo, só com um acordo verbal de que Scragger poderia sair. Sem confiar no homem, Kasigi entregou-lhe a metade no escritório e pôs o resto num envelope que guardou no bolso. Eles voltaram para o hospital. Lá, ele esperou no carro enquanto Minoru e o homem entravam. A espera pareceu interminável, mas finalmente Minoru e Scragger saíram e ele entregou o envelope ao policial. O homem amaldiçoou todos os estrangeiros e se retirou furioso.

— Bem — disse Kasigi e sorriu para Scragger. Eles apertaram-se as mãos, com Scragger agradecendo calorosamente, pedindo desculpas por todo o trabalho, os dois homens xingando o destino,

depois abençoando-o, e entrando rapidamente no carro. O motorista iraniano saiu com o carro e entrou no trânsito, xingou um carro que o ultrapassou e quase bateu nele, tocando a buzina.

— Diga-lhe para ir mais devagar, Minoru — disse Kasigi. Minoru obedeceu e o motorista balançou a cabeça, sorriu e obedeceu. Mas isso só durou alguns segundos.

— O senhor está bem, capitão?

— Oh, sim. Estou com uma tremenda dor de cabeça, mas estou bem. O pior foi a vontade de urinar.

— O quê?

— Os filhos da mãe me deixaram algemado à cama e não permitiram que eu fosse ao banheiro. Eu não podia urinar na cama nem nas calças, e só hoje de manhã é que uma enfermeira me trouxe uma garrafa. Cristo, eu pensei que a minha bexiga fosse estourar. — Scragger esfregou os olhos, fatigado.

— Não há problema, meu velho. Fico-lhe devendo uma. Mais o resgate! De quanto foi?

— Nada. Não foi nada. Nós temos um fundo para essas eventualidades.

— Isso não é problema, Andy Gavallan vai pagar. Oh, isso me faz lembrar, ele disse que conheceu o seu patrão há alguns anos: Toda, Hiro Toda.

— Ah so desu ka! — Kasigi estava genuinamente surpreso. — Gavallan tem helicópteros no Japão?

— Oh, não. Foi quando ele era comerciante na China, perto de Hong Kong, quando ele estava trabalhando para a Struan's. — Este nome acendeu um sinal vermelho para Kasigi, que disfarçou. — Já ouviu falar?

— Sim, uma grande companhia. A Toda tem, ou teve, negócios com a Struan's — Kasigi disse suavemente, mas guardou a informação para futuras considerações. Não fora Linbar Struan quem cancelara unilateralmente cinco contratos de aluguel de navios há dois anos, o que quase nos arruinou? Talvez Gavallan pudesse ser um instrumento para recuperá-los, de um modo ou de outro.

— Sinto muito por você ter passado por tudo isso.

— Não foi culpa sua, cara. Mas Andy gostaria de pagar o resgate. Quanto foi que eles pediram?

— Foi muito modesto. Por favor, é um presente. Você salvou o meu navio.

Depois de uma pausa, Scragger disse: — Então eu lhe devo dois favores, meu velho.

— Nós escolhemos o motorista. A culpa foi nossa.

— Onde está ele, onde está Muhammad?

— Sinto muito, ele morreu. Scragger praguejou.

— A culpa não foi dele, não foi mesmo.

— Sim, sim, eu sei. Nós indenizamos a sua família e faremos o mesmo com as vítimas. — Kasigi estava tentando perceber até que ponto Scragger estava abalado, desejando muito saber quando ele estaria apto para pilotar, e muito irritado com o atraso de um dia. Era imperativo que ele voltasse para Al Shargaz o mais cedo possível, e depois para o Japão. O seu trabalho aqui estava terminado.

O engenheiro-chefe Watanabe estava agora totalmente do seu lado, as cópias dos seus relatórios anteriores fortaleceriam a sua posição e ajudá-lo-iam enormemente, e à Hiro Toda, a recuperar a possibilidade de persuadir o governo a declarar a Irã-Toda um Projeto Nacional.

Não a possibilidade, a certeza! Ele pensou, mais confiante do que nunca. Nós seremos salvos da bancarrota, derrotaremos os nossos inimigos, Mitsuwari e Gyokotomo, recuperaremos o nosso prestígio e teremos lucro, muito lucro! Além disso, tinha havido aquele golpe de sorte, Kasigi permitiu-se um sorriso cínico, a explosiva cópia do relatório particular do falecido engenheiro-chefe Kasusaka para a Gyokotomo, datado e assinado, que Watanabe tinha 'achado' milagrosamente numa pasta esquecida enquanto ele estava em Al Shargaz. Terei que ter muito cuidado ao usá-lo, muito cuidado mesmo, mas isso faz com que seja ainda mais importante que eu volte logo para casa.

As ruas estavam entupidas de tráfego. Lá no alto, o céu ainda estava encoberto, mas a tempestade tinha passado e ele sabia que o tempo estava adequado para voar. Ah, eu gostaria de ter o meu

próprio avião, ele pensou. Digamos um Lear Jet. A recompensa por todo o trabalho que eu tive aqui deveria ser substancial.

Ele se deixou embalar docemente, desfrutando da sensação de realização e poder.

— Parece que vamos conseguir iniciar a obra muito em breve, capitão.

— Ah, é?

— Sim. O chefe do novo khomeiniomeh nos garantiu sua cooperação. Parece que ele conhece um dos seus pilotos, um capitão Starke. O nome dele é Zataki.

Scragger olhou-o rapidamente.

— Ele é o cara que o Duke, Duke Starke, salvou dos esquerdistas e levou para Kowiss. Se eu fosse você, companheiro, teria cuidado com ele. — E contou a Kasigi o quanto o homem era instável. — Ele é um louco.

— Ele não me deu essa impressão, de jeito nenhum. É curioso... os iranianos são muito curiosos.

Mas o mais importante é como o senhor está se sentindo.

— Eu estou ótimo agora — Scragger exagerou. O dia e a noite de ontem tinham sido péssimos, com toda aquela gritaria, algemado na cama, sem conseguir se fazer entender, cercado de gente hostil, vigiando de todo o lado. Perdido. E com medo. A dor aumentando. O tempo terrivelmente lento, a esperança diminuindo, certo de que Minoru estava ferido ou morto junto com o motorista de modo que ninguém saberia onde ele estava nem o que tinha acontecido.

— Nada que uma boa xícara de chá não cure. Se você quiser partir imediatamente, eu estou bem.

Basta um banho rápido, uma barba e uma xícara de chá e alguma coisa para comer e nós estaremos a caminho.

— Excelente. Então vamos partir assim que o senhor estiver pronto. Minoru já instalou o rádio e o checkou.

Durante todo o caminho até a refinaria e durante o voo de volta a Lengeh, Kasigi esteve de muito bom humor. Perto de Khang, eles acharam que tinham localizado o enorme tubarão-martelo que Scragger tinha mencionado antes. Eles voaram baixo e perto da costa, com as nuvens ainda baixas e pesadas, com alguns nimbos

aqui e ali e alguns relâmpagos ameaçadores, mas a viagem não foi má, apenas jogou um pouco. O controle de radar e as autorizações foram eficientes e imediatas, o que aumentou os temores de Scragger. Só faltam dois dias para a operação Turbilhão sem contar com hoje, era o pensamento que ocupava a sua mente. Perder um dia torna tudo ainda mais difícil, pensou, ansioso. O que será que aconteceu desde que eu viajei?

Bem depois de Khan, ele parou para reabastecer e descansar. O seu estômago ainda doía muito e ele notou um pouco de sangue na urina. Nada de muito preocupante, disse a si mesmo. É claro que tinha que haver uma pequena hemorragia depois de um acidente daqueles. Eu tive mesmo uma bruta sorte!

Eles estavam numa duna de areia, terminando de comer — arroz frio com pedaços de peixe e picles.

Scragger comeu um bom pedaço de pão iraniano que apanhara na cozinha impecável e um monte de yakitori de galinha com molho de soja, que adorava. Kasigi tomava uma cerveja japonesa que Scragger recusara: — Obrigado, mas beber e pilotar são coisas que não combinam. Kasigi comeu com parcimônia, Scragger com rapidez e apetite.

— Grude bom esse. Assim que estiver pronto, acho melhor partirmos.

— Já terminei. — Em pouco tempo, eles estavam novamente no ar.

— Vai dar tempo de me levar até Al Shargaz ou Dubai ainda hoje?

— Não se formos para Lengeh. — Scragger ajustou os fones de ouvido. — Sabe de uma coisa?, Quando falarmos com o Controle de Tráfego de Kish, eu vou perguntar se podemos desviar o aparelho para o Bahrein. Lá, você poderia apanhar um avião local ou internacional. Vamos precisar reabastecer em Lavan, mas se eles concordarem com o pedido, aprovarão. Como eu disse, devo-lhe dois favores.

— Você não me deve nada — Kasigi sorriu consigo mesmo. — Ontem, na reunião do komiteh, aquele homem, Zataki, perguntou em quanto tempo nós estaríamos operando com a nossa frota

completa de helicópteros. Eu prometi uma ação imediata. Como você sabe, a Guerney não trabalha mais para nós. O que eu queria eram três dos seus 212 e dois 206 para os próximos três meses, com um contrato de um ano para ser negociado depois, dependendo das nossas necessidades, renovável anualmente. Isso seria possível?

Scragger hesitou, sem saber o que responder. Normalmente, uma oferta dessas faria os sinos tocarem de lá até Aberdeen, Gavallan viria pessoalmente ao telefone e todo mundo receberia uma enorme gratificação. Mas com a operação Turbilhão marcada, com a Guerney de fora e mais ninguém disponível, não havia nenhuma maneira de ajudar a Kasigi.

— Quando, ahn, quando você precisaria dos aparelhos? — perguntou para ganhar tempo para pensar.

— Imediatamente — respondeu Kasigi, observando um petroleiro lá embaixo. — Eu garanti a Zataki e ao komiteh que se eles cooperassem, nós começaríamos imediatamente. Amanhã ou depois no mais tardar. Talvez você pudesse pedir ao seu escritório central para eles desviarem alguns dos 212 estacionados em Bandar Delam que não estão sendo totalmente aproveitados. É possível?

— Vou perguntar assim que pousarmos.

— Durante mais ou menos uma semana, nós vamos precisar de uma ligação com o Kuwait para apanhar e substituir turmas de operários japoneses. Zataki disse que o komiteh deles combinaria com o komiteh do aeroporto de Abadan para que este nos fosse aberto. Certamente, lá para o fim da semana.

Scragger escutava meio distraído os planos confiantes do homem que se tornara seu amigo, sem o qual ele ainda estaria algemado a uma cama. Sua escolha era simples: ou você conta a ele sobre a operação Turbilhão ou o deixa na mão. Mas se contar, estará traindo alguém que confia ainda mais em você, um amigo da vida inteira. Kasigi poderia deixar escapar alguma coisa sobre a operação.

Ele na certa contaria a de Plessey. A questão é até onde eu posso confiar nele — e em de Plessey?

Muito agitado, ele olhou pela janela e tornou a checar a sua posição.

— Desculpe interrompê-lo, mas tenho que me comunicar com o radar. — E apertou o botão do transmissor: — Radar de Kish, aqui é Hotel Sierra-Tango, está me ouvindo?

— HST, radar de Kish, estamos ouvindo quatro por cinco, continue.

— HST a serviço da Irã-Toda voltando para a base em Lengeh, aproximando-se de Lavan a trezentos metros, um passageiro a bordo. Solicita permissão para reabastecer em Lavan e desviar-se para Bahrein para deixar o passageiro, que tem negócios urgentes para resolver relacionados ao Irã.

— Solicitação recusada. Nenhum voo através do golfo é autorizado sem um pedido feito com 24 horas de antecedência. Vire para 095 graus, direção de Lengeh, comunique-se ao se aproximar de Kish, não quando estiver em cima de Kish. Entendido?

Scragger olhou para Kasigi, que ouvira a conversa.

— Sinto muito, companheiro. — E desviou o aparelho para a nova posição. — Aqui HST.

Entendido. Solicito permissão para ir a Al Shargaz amanhã de manhã com um passageiro.

— Fique na escuta. — Ouviu-se um barulho de estática. A estibordo, continuava o fluxo constante de petroleiros que entravam e saíam dos terminais do golfo, da Arábia Saudita, dos Emirados, de Abu Dhabi, Bahrein, Kuwait e Iraque. Nenhum deles estava sendo carregado em Khang nem em Abadan, onde, normalmente, haveria uma dúzia sendo carregados e uma dúzia esperando. Agora só havia um enxame de navios esperando, alguns há mais de dois meses. O céu ainda estava encoberto e ameaçador.

— HST, aqui é Kish. Nesta instância, o seu pedido para ir de Lengeh para Al Shargaz foi aprovado para amanhã, quarta-feira, dia 28, ao meio-dia. Até decisão posterior, repito, todos os voos através do golfo exigirão um pedido com 24 horas de antecedência, e todos, repito, todos os motores necessitam de autorização para serem ligados. Entendido?

Scragger praguejou e depois respondeu.

— O que foi? — perguntou Kasigi.

— Nós nunca tivemos que obter permissão para ligar os motores antes. Os filhos da mãe estão realmente ficando muito nervosos. — Scragger estava pensando na sexta-feira e na decolagem dos seus dois 212, com Kish se intrometendo e ficando eficiente demais. — Bando de gente metida!

— Sim. Você vai poder chefiar as nossas operações com helicópteros?

— Há um monte de caras melhores do que eu.

— Ah, desculpe, mas seria muito importante para mim. Eu saberia que a operação estaria em boas mãos.

Mais uma vez Scragger hesitou.

— Obrigado, se fosse possível, eu o faria, é claro que sim.

— Então está decidido. Eu vou fazer uma solicitação formal ao sr. Gavallan. — Kasigi olhou para Scragger. Alguma coisa mudou, pensou. O quê? Pensando bem, o piloto não reagiu com tanto entusiasmo quanto seria de se esperar ao me ouvir propor o acordo, e ele deve ter percebido o valor do contrato que lhe está sendo oferecido. O que será que ele está escondendo? — Você poderia contatar Bandar Delam através da sua base em Kowiss para perguntar se eles podem fornecer-nos pelo menos um 212 amanhã? — perguntou, tentando descobrir mais um pouco.

— Sim, sim, é claro... assim que chegarmos.

Ah, pensou Kasigi, que observara e escutara com bastante atenção. Eu estava certo, alguma coisa estava errada. A camaradagem desapareceu. Por quê? Eu não disse nada que pudesse ofendê-lo. Não pode ser o acordo — é ótimo para qualquer companhia de helicópteros. Será a saúde dele?

— Você está se sentindo bem?

— Oh, sim, meu velho. Eu estou ótimo.

Ah, desta vez o sorriso foi sincero e a voz normal. Então tem que ser algo relacionado aos helicópteros.

— Se eu não puder contar com a sua ajuda, as coisas vão ficar muito difíceis para mim.

— Sim, eu sei. Se dependesse de mim, eu gostaria de poder ajudá-lo. Ah, o sorriso desapareceu e a voz ficou séria de novo. Por quê? E por que esse "se dependesse de mim" como se ele quisesse

ajudar mas alguém o tivesse proibido? Gavallan? Será que ele sabe que Gavallan não vai me ajudar por causa da Struan's?

Durante algum tempo, Kasigi imaginou todas as possibilidades mas não conseguiu encontrar uma resposta satisfatória. Então resolveu usar o único artifício, quase infalível, possível de ser usado com um estrangeiro como aquele.

— Meu amigo — disse, usando o seu tom de voz mais sincero —, eu sei que algo está errado, por favor, diga-me o que é. — Ao ver que o rosto de Scragger ficara ainda mais solene, ele deu o golpe fatal. — Você pode confiar em mim, eu sou seu amigo.

— Sim, sim, eu sei disso, companheiro.

Kasigi observou o rosto de Scragger e esperou, viu o peixe se debatendo no anzol que estava pendurado numa linha muito fina e muito forte, presa a uma pá de rotor quebrada, a um aperto de mão, ao perigo compartilhado a bordo do Rikumaru, a uma mesma guerra, e ao respeito comum que tinham pelos companheiros mortos. Tantos companheiros mortos, todos tão jovens. Sim, pensou, sentindo uma raiva súbita, mas se tivéssemos um décimo dos aviões deles, dos seus armamentos e navios, e uma vigésima parte do seu petróleo e da sua matéria-prima, nós teríamos sido invencíveis e o imperador jamais teria sido obrigado a terminar a guerra daquele jeito. Nós seríamos invencíveis — se não fosse pela bomba, pelas duas bombas. Que os deuses castiguem por toda a eternidade aqueles que inventaram a bomba que quebrou a resistência do imperador.

— O que é?

— Eu, ahn, não posso contar-lhe agora, desculpe. Kasigi captou sinais de perigo.

— Por que, meu amigo? Eu lhe asseguro de que pode confiar em mim — disse, procurando tranquilizá-lo.

— Sim... sim, mas não depende só de mim. Amanhã, em Al Shargaz. Tenha paciência, sim?

— Se é assim tão importante, eu deveria saber já, você não acha? — Mais uma vez Kasigi esperou.

Ele conhecia o valor da paciência e do silêncio numa hora dessas. Não havia necessidade de lembrar ao homem a sua dívida para com

ele. Ainda não.

Scragger estava se lembrando. Em Bandar Delam, Kasigi salvou o meu pescoço, não há dúvida. A bordo do navio dele, em Siri, ele provou que tem coragem e hoje provou que é um bom amigo, ele não precisava ter tido todo aquele trabalho e agido com tanta rapidez. Para ele não faria diferença esperar mais um dia ou dois.

Ele verificou os instrumentos e o espaço lá fora e não viu nenhum sinal de perigo, Kish apareceria a estibordo dentro de pouco tempo e ele olhou para Kasigi. Kasigi olhava para a frente, com o rosto forte e bonito bastante preocupado. Que merda, meu velho, se você não cumprir o que prometeu, Zataki vai ficar fora de si de raiva. Mas você não pode fazê-lo. Não pode, meu velho, e é duro ver você aí sentado, sem me dizer o quanto eu lhe devo.

— Kish, aqui é HST. Aproximando-me de Kish, firme em trezentos.

— Aqui é Kish. Mantenha-se em trezentos. Há tráfego vindo do leste em três mil.

— Eu os tenho no meu campo visual. — Eram dois caças. Ele os apontou para Kasigi que não os havia localizado. — São F14, provavelmente vindo de Bandar Abbas — disse. Kasigi não respondeu, só balançou a cabeça e isto fez Scragger sentir-se ainda pior. Os minutos se arrastaram.

Então Scragger decidiu, odiando ser forçado a dizer isto: — Sinto muito, mas você vai ter que esperar até Al Shargaz. Só Andy Gavallan pode ajudá-lo, eu não posso.

— Ele pode ajudar? De que maneira? Qual é o problema? Depois de uma pausa, Scragger disse: — Se há alguém que pode ajudar, é ele. Vamos deixar as coisas como estão, meu velho.

Kasigi percebeu a sua determinação mas não desistiu, deixando as coisas ficarem como estavam por enquanto, com a cabeça fervilhando com outros sinais de perigo. O fato de Scragger não ter caído na sua armadilha, não tendo revelado o segredo, fez com que ele o respeitasse ainda mais. Mas isto não o desculpa, pensou furioso. Ele disse o suficiente para me pôr de sobreaviso, agora depende de mim descobrir o resto. Então Gavallan é a chave? Para quê?

A cabeça de Kasigi estava prestes a explodir. Eu não prometi àquele louco do Zataki que começaríamos a trabalhar imediatamente? Como é que esses homens têm a coragem de pôr em risco todo o nosso projeto — o nosso Projeto Nacional. Sem helicópteros, não podemos começar. É uma traição contra o Japão! O que será que eles estão tramando?

Com grande esforço, ele manteve a fisionomia tranquila.

— Não há dúvida de que procurarei Gavallan o mais cedo possível, e vamos torcer para você chefiar a nossa nova operação, hein?

— Andy Gavallan é quem vai decidir, depende dele.

Não tenha tanta certeza, estava pensando Kasigi, porque aconteça o que acontecer, eu conseguirei os helicópteros imediatamente — os seus, os da Guernsey, não me importa quais. Mas pelos meus ancestrais samurais, a Irã-Toda não vai mais ser colocada em perigo! Não vai! E nem eu!

TABRIZ — NO PALÁCIO DO KHAN: 10:50H.

Azadeh seguiu Ahmed através do quarto mobiliado em estilo ocidental, até perto da cama alta, e agora que estava outra vez no interior daquelas paredes, sentiu a sua pele se arrepiar de medo. Sentada ao lado da cama, estava uma enfermeira vestindo um uniforme branco engomado, com um livro aberto no colo, observando-os com curiosidade através dos óculos. As janelas estavam cobertas com pesadas cortinas de brocado para evitar correntes de ar. As luzes tinham sido diminuídas e o fedor do velho se espalhava pelo quarto.

Os olhos do khan estavam fechados, seu rosto pálido e a respiração difícil; seu braço estava ligado a um frasco de soro pendurado ao lado da cama. Semi-adormecida numa cadeira ali perto, estava Aysha, pequena e encolhida, com o cabelo despenteado e o rosto molhado de lágrimas. Azadeh sorriu para ela, com pena; depois disse para a enfermeira, com uma voz que não era a sua: — Como está Sua Alteza?

— Bem. Mas não pode agitar-se nem ser perturbado — respondeu a enfermeira, num turco hesitante.

Azadeh olhou para ela e viu que era europeia, tinha cerca de cinquenta anos, cabelos pintados de castanho e uma cruz vermelha na manga.

— Oh, a senhora é inglesa ou francesa?

— Escocesa — respondeu a mulher, em inglês, francamente aliviada, com um ligeiro sotaque. Ela falou baixo, observando o khan. — Sou a irmã Bain, do Hospital de Tabriz, e o paciente está indo bem dentro do quadro, considerando-se que não obedece às ordens. E quem é você, por favor?

— Sou a filha dele, Azadeh. Acabei de chegar de Teerã. Ele mandou me buscar. Nós... nós viajamos a noite inteira.

— Ah, sim? — disse, surpresa de que um homem tão feio pudesse ter gerado uma filha tão linda. — Se me permitir uma sugestão, mocinha, seria melhor deixá-lo dormir. Assim que ele acordar, eu digo que você está aqui e mando chamá-la. É melhor que ele durma.

Ahmed perguntou, irritado: — Por favor, onde está o guarda de Sua Alteza?

— Não há necessidade de homens armados num quarto de doente. Eu o mandei embora.

— Haverá sempre um guarda aqui, a menos que o khan o mande sair ou eu o mande sair. Zangado, Ahmed virou as costas e saiu.

— É só um costume, irmã — disse Azadeh.

— Sim, muito bem. Mas este é outro costume que não faz nenhuma falta. Azadeh tornou a olhar para o pai, mal o reconhecendo, tentando controlar o terror que tomou conta dela. Mesmo neste estado, pensou, mesmo neste estado ele ainda pode destruir a todos nós. A Hakim e a mim — ele ainda tem o seu cão de guarda, Ahmed.

— Por favor, diga a verdade, como está ele?

As rugas do rosto da enfermeira tornaram-se ainda mais pronunciadas.

— Estamos fazendo todo o possível.

— Seria melhor para ele estar em Teerã?

— Sim, se ele vier a ter outro ataque, sim, seria melhor. — Irmã Bain tirou o pulso dele enquanto falava. — Mas agora eu não acharia conveniente removê-lo, de jeito nenhum, por enquanto não. — Ela fez uma anotação numa ficha e depois olhou para Aysha. — Você podia dizer à senhora que não há necessidade dela ficar aqui, ela deveria descansar, pobre criança.

— Desculpe, mas eu não posso interferir. Desculpe, mas isto também é um costume. É provável... é provável que ele tenha outro ataque?

— Nunca se sabe, mocinha, isto está nas mãos de Deus. Nós esperamos o melhor. — Elas viraram a cabeça quando a porta se

abriu. Hakim estava lá, sorrindo. Os olhos de Azadeh se iluminaram e ela disse para a enfermeira: — Por favor, chame-me assim que Sua Alteza acordar — depois saiu depressa do quarto e fechou a porta, e o abraçou. — Oh, Hakim, querido, já faz tanto tempo — disse sem fôlego. — Oh, é mesmo verdade?

— Sim, sim, é, mas como... — Hakim parou ao ouvir passos. Ahmed e um guarda surgiram no corredor e vieram até eles. — Estou contente que você esteja de volta, Ahmed — ele disse educadamente. — Sua Alteza também vai ficar muito contente.

— Obrigado, Alteza. Aconteceu alguma coisa durante a minha ausência?

— Não, a não ser que o coronel Fazir esteve aqui hoje de manhã para falar com papai.

Ahmed ficou gelado.

— Ele teve permissão para entrar?

— Não. Você deixou instruções para que ninguém fosse admitido sem a permissão de Sua Alteza; ele estava dormindo na hora e tem estado dormindo quase o dia inteiro. Eu tenho verificado de hora em hora e a enfermeira diz que ele continua na mesma.

— Ótimo. Obrigado. O coronel deixou algum recado?

— Só que estava indo para Julfa hoje conforme tinha combinado com o seu sócio. Isso faz algum sentido para você?

— Não, Alteza — Ahmed mentiu tranquilamente. Ele olhou de um para o outro mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, Hakim disse: — Nós estaremos no Salão Azul; por favor, avise-nos assim que papai acordar.

Ahmed os viu sair de braços dados pelo corredor, o rapaz alto e bonito, a irmã esguia e atraente.

Traidores? Não havia muito tempo para tirar a prova, pensou. Voltou para o quarto do doente e viu a palidez do khan, e suas narinas se rebelaram contra o cheiro. Ficou de cócoras, sem se importar com a enfermeira, e começou a sua vigília.

O que será que o filho de um cão do Fazir queria? perguntou a si mesmo. No sábado à noite, quando Hashemi Fazir e Armstrong tinham voltado de Julfa sem Mzytryk, Fazir pedira para ver o khan.

Ahmed estava presente quando o khan os recebeu e disse estar tão espantado quanto eles pelo fato de Mzytryk não estar no helicóptero.

— Voltem amanhã. Se o homem me trazer uma carta, vocês poderão lê-la — tinha dito o khan.

— Obrigado, mas nós vamos esperar. O Chevrolet não pode estar muito longe.

Então eles esperaram, com o khan nervoso mas sem poder fazer nada, com os homens de Hashemi emboscados em volta do palácio. Uma hora mais tarde o Chevrolet chegara. Ele próprio tinha admitido o motorista enquanto Hashemi e o infiel que falava farsi se escondiam num quarto ao lado.

— Eu tenho uma mensagem particular para Sua Alteza — tinha dito o soviético.

No quarto do khan, o soviético disse: — Alteza, eu devo lhe entregar isto quando o senhor estiver sozinho.

— Entregue-me agora, Ahmed é o meu conselheiro de toda confiança. Entregue-me! — Relutantemente, o homem obedeceu e Ahmed recordou a vermelhidão que se espalhou pelo rosto do khan assim que ele começou a ler — Tem alguma resposta? — o soviético perguntou agressivamente. Engasgado de raiva, o khan balançara negativamente a cabeça e mandara o homem embora. Depois entregara a carta a Ahmed.

Ela dizia: "Meu amigo, fiquei chocada ao saber da sua doença e estaria com você agora se não fosse obrigado a ficar aqui devido a assuntos urgentes. Tenho más notícias para você: é possível que você e a sua rede de espionagem tenham sido revelados para o Serviço Secreto ou a Savama — você sabia que aquele vira-casaca do Abrim Pahmudi agora chefia esta nova versão da Savak? Se você foi denunciado para Pahmudi, prepare-se para fugir imediatamente ou em breve será levado para a câmara de tortura. Eu alertei o nosso pessoal para ajudá-lo caso seja necessário. Caso eu ache seguro, chegarei na terça-feira ao anoitecer. Boa sorte. O khan não tivera escolha a não ser mostrar a mensagem para os dois homens.

— Isso é verdade? Com relação a Pahmudi?

— Sim. Ele é um velho amigo seu, não? — tinha dito Fazir, provocando-o.

— Não... não é. Saiam daqui!

— Certamente, Alteza. Enquanto isso, o palácio vai ficar sob observação. Não há necessidade de fugir. Por favor, não faça nada para impedir a chegada de Mzytryk na terça-feira, não faça nada para encorajar mais revoltas no Azerbaijão. Quanto a Pahmudi e à Savama, eles não podem fazer nada aqui sem a minha aprovação. Eu sou a lei em Tabriz agora. Obedeça e eu o protegerei, desobedeça e você será o seu pishkesh.

Então os dois homens tinham saído, e o khan explodira de raiva, mais furioso do que Ahmed jamais o vira. O paroxismo se tornou pior e depois cessou subitamente, com o khan caído no chão e Ahmed olhando para ele, pensando que estivesse morto, mas não estava. Estava apenas com uma palidez cadavérica e tremia, com a respiração sufocada.

— Seja como Deus quiser — murmurou Ahmed, sem querer passar de novo por uma situação daquelas.

NO SALÃO AZUL: 11:15H.

Quando estavam a sós, Hakim abraçou Azadeh, levantando-a no ar.

— Oh, é maravilhoso, maravilhoso, ver você de novo.. — ela disse. Mas ele murmurou: — Fale baixo, Azadeh, há ouvidos em toda a parte e alguém pode interpretar mal o que dissermos e tornar a contar mentiras.

— Najoud? Que ela seja amaldiçoada para sempre e...

— Psss, querida, ela não pode nos prejudicar agora. Eu sou o herdeiro oficial.

— Oh, conte-me o que aconteceu, conte-me tudo!

Eles se sentaram no longo sofá de almofadas e Hakim começou a talar com rapidez.

— Primeiro sobre Erikki. O resgate é de dez milhões de riais, por ele e o 212 e..

— Papai pode pechinchar e pagar, ele pode pagar com certeza, e depois procurá-los e destruí-los.

— Sim, sim, é claro que pode e ele me disse na frente de Ahmed que assim que você voltasse ele iniciaria as negociações e é verdade que ele me declarou seu herdeiro desde que eu jurasse por Deus que cuidaria do jovem Hassan como cuidaria de você. É claro que eu jurei imediatamente, e disse que você também juraria por Deus fazer o mesmo, que nós dois iríamos jurar que ficaríamos em Tabriz, eu para aprender como sucedê-lo e você para me ajudar, oh, como vamos ser felizes!

— É só isso que temos que fazer? — perguntou, incrédula.

— Sim, sim, é só isso. Ele me declarou seu herdeiro diante de toda a família. Eles pareciam que iam morrer, mas isso não tem importância, papai declarou as condições na frente deles, eu concordei imediatamente, é claro, assim como você vai concordar. Por que não?

— É claro, é claro, qualquer coisa! Deus está velando por nós! — Mais uma vez ela o abraçou, enterrando o rosto no seu ombro, para secar as lágrimas de alegria que estava derramando. Durante toda a viagem de volta de Teerã, uma viagem horrível, com Ahmed mudo, ela tinha pensado, aterrorizada, nas tais condições. Mas e agora? — É inacreditável, Hakim, é como uma mágica! É claro que cuidaremos do pequeno Hassan e você passará o domínio para ele ou os seus sucessores se é isto o que papai deseja. Que Deus nos proteja e proteja também a ele e a Erikki, e Erikki poderá pilotar o quanto quiser, por que não? Oh, vai ser maravilhoso. — Ela secou as lágrimas. — Oh, eu devo estar horrível.

— Você está linda. Agora conte-me o que aconteceu com você. Eu só sei que você foi apanhada na aldeia com... com o Sabotador inglês e que conseguiram escapar.

— Foi um outro milagre, só com a ajuda de Deus, Hakim, mas na hora foi horrível, aquele mulá malvado... eu não me lembro como conseguimos fugir, só do que Johnny, do que Johnny me contou. O meu Johnny, Hakim.

Ele arregalou os olhos.

— O Johnny da Suíça?

— Sim, sim, era ele; era ele o oficial britânico.

— Mas como... isso parece impossível.

— Ele salvou a minha vida, Hakim, há tanto o que contar!

— Quando papai soube do que aconteceu na aldeia ele... você sabe que o mulá foi morto pelos Faixas Verdes, não sabe?

— Eu não me lembro disso, mas Johnny me contou.

— Quando papai soube do que aconteceu na aldeia, ele fez Ahmed arrastar o calênder até aqui, interrogou-o, depois mandou-o de volta, ordenou que ele fosse apedrejado, que as mãos do açougueiro fossem cortadas e que a aldeia fosse incendiada. Incendiar a aldeia foi ideia minha... aqueles cães!

Azadeh estava terrivelmente chocada. Incendiar a aldeia inteira era uma vingança terrível demais.

Mas Hakim não deixou que nada perturbasse a sua euforia.

— Azadeh, papai retirou o guarda que me vigiava e eu posso ir aonde quiser. Eu cheguei até a apanhar um carro e ir a Tabriz hoje, sozinho. Todo mundo me trata como herdeiro, toda a família, até Najoud, embora eu saiba que ela está se roendo de raiva. — Ele contou como tinha sido arrastado de Khoi até lá, pensando que ia ser morto ou mutilado. — Você não se lembra quando eu fui banido, ele me amaldiçoou e jurou que o xá de Abbas sabia como lidar com filhos traidores?

Ela estremeceu, recordando aquele pesadelo, as imprecações e o ódio do pai, tão injusto, uma vez que eles eram inocentes.

— O que foi que o fez mudar? Por que ele mudaria com relação a nós, a você?

— Foi a Vontade de Deus. Deus abriu os olhos dele. Ele deve saber que está perto da morte e precisa tomar providências... ele é o khan. Talvez ele esteja com medo e queira se redimir. Nós não éramos culpados de nada. Que importância tem o motivo? Eu não me importo. Nós estamos finalmente livres do seu jugo, livres.

NO QUARTO DO DOENTE: 11:16H.

O khan abriu os olhos. Sem mexer com a cabeça, ele olhou em volta. Ahmed, Aysha e o guarda. Nenhuma enfermeira. Então ele se concentrou em Ahmed que estava sentado no chão.

— Você a trouxe? — ele pronunciou as palavras com dificuldade.

— Sim, Alteza. Há poucos minutos.

A enfermeira entrou no seu campo de visão.

— Como o senhor se sente, Excelência? — ela perguntou em inglês, conforme ele lhe ordenara, dizendo-lhe que o turco dela era horrível.

— Na mesma.

— Deixe-me ajeitá-lo um pouco. — Com grande ternura e cuidado, e força, ela o ergueu e ajeitou os travesseiros e a cama. — O senhor precisa da garrafa, Excelência?

O khan pensou um pouco.

— Sim.

Ela a colocou e ele se sentiu embaraçado por isto estar sendo feito por uma infiel, mas desde que ela chegara, ele percebera que ela era tremendamente eficiente, muito sábia e muito boa, a melhor de Tabriz, Ahmed tinha providenciado isso — muito melhor do que Aysha, que se mostrara completamente inútil. Ele viu Aysha sorrir timidamente para ele, com seus olhos grandes e assustados. Eu imagino se jamais tornarei a enfiá-lo de novo, até o fim, duro como um pau, como da primeira vez, incentivado pelas suas lágrimas e gemidos.

— Excelência?

Ele aceitou a pílula e o gole de água e ficou satisfeito com o frescor das mãos da enfermeira que guiaram o copo. Aí tornou a ver Ahmed e sorriu para ele, satisfeito por ter de volta o seu confidente.

— Fez boa viagem?

— Sim, Alteza.

— Ela veio de boa vontade? Ou à força? — Ahmed sorriu.

— Foi como o senhor planejou, Alteza. De boa vontade.

Exatamente como o senhor planejou.

— Eu acho que o senhor não deveria falar tanto, Excelência — disse a enfermeira.

— Dê o fora.

Ela bateu delicadamente no ombro dele.

— O senhor quer comer alguma coisa, talvez um pouco de horisht'!

— Halvah.

— O médico disse que os doces não fazem bem ao senhor.

— Halvah!

A irmã Bain suspirou. O médico tinha proibido os doces e depois tinha dito: — Mas se ele insistir, a senhora pode dar, quantos ele quiser, que diferença faz isso agora?

— Insha'Allah. — Ela os encontrou e enfiou um na boca do khan e limpou a saliva, e ele o mastigou com prazer, tão liso e tão doce.

— A sua filha chegou de Teerã, Excelência — ela disse. — Ela me pediu para avisá-la assim que o senhor acordasse.

Abdullah Khan estava achando muito estranho falar. Ele tentava pronunciar as frases, mas sua boca não se abriu quando devia, e as palavras ficavam na sua mente por um longo tempo e então, quando uma forma simplificada do que ele queria dizer saía de sua boca, as palavras não eram bem formadas, embora deveriam ser. Mas por quê? Eu não estou fazendo nada de um modo diferente do que antes. Antes de quê? Eu não me lembro, só me lembro de uma grande escuridão e do meu sangue rugindo e de estar sendo picado por agulhas em brasa e de não poder respirar.

Eu agora posso respirar, ouvir e ver perfeitamente e a minha mente está trabalhando com clareza e está cheia de planos tão bem feitos como sempre. Só que não consigo colocá-los para fora.

— Como?

— O quê, Excelência? — Mais uma vez a demora.

— Como falar melhor?

— Ah — ela disse, compreendendo imediatamente, uma vez que tinha muita experiência com ataques. — Não se preocupe, o senhor terá um pouco de dificuldade no início. Conforme o senhor for melhorando, vai recuperar o controle de tudo. O senhor deve descansar o máximo possível, isso é muito importante. Descansar e

tomar os remédios, e ter paciência, e ficará em forma novamente. Está bem?

— Sim.

— O senhor quer que eu mande chamar a sua filha? Ela estava muito ansiosa em falar com o senhor.

Uma moça tão bonita.

Pausa.

— Mais tarde. Vejo mais tarde. Saia todo mundo... menos Ahmed. — A irmã Bain hesitou, depois tornou a bater gentilmente na mão dele.

— Eu vou lhe dar dez minutos, se o senhor prometer que depois vai descansar. Está bem?

— Sim.

Quando ficaram a sós, Ahmed chegou mais perto da cama.

— Sim, Alteza?

— Que horas são?

Ahmed consultou o relógio. Era de ouro trabalhado e ele o admirava muito.

— São quase onze e meia de terça-feira.

— Petr?

— Não sei, Alteza. — Ahmed contou-lhe o que Hakim tinha dito. — Se Petr vier para Julfa hoje, Fazir estará esperando por ele.

— Insha'Allah. Azadeh?

— Ela estava realmente preocupada com a sua saúde e concordou em vir imediatamente. Há poucos momentos eu a vi junto com o seu filho. Eu tenho certeza que ela irá concordar com tudo para protegê-lo, assim como ele o fará para protegê-la. — Ahmed estava tentando dizer tudo de forma clara e concisa, sem querer cansá-lo. — O que o senhor deseja que eu faça?

— Tudo. — Tudo o que discuti com você e um pouco mais, pensou o khan, com prazer, com o seu entusiasmo aumentando: Agora que Azadeh está de volta, corte o pescoço do mensageiro do pedido de resgate, para que os nativos façam o mesmo com o piloto; descubra se aqueles dois são traidores por todos os meios possíveis, e se forem, arranque os olhos de Hakim e mande-a para o norte, para Petr. Se não forem, pique Najoud em pedacinhos e os

mantenha presos aqui, até que o piloto esteja morto, depois mande-a para o norte. E Pahmudi! Agora que estou oferecendo uma recompensa pela cabeça dele que tentaria até a Satã, Ahmed, ofereça-a primeiro a Fazir e diga-lhe que eu quero vingança, eu quero que Pahmudi seja torturado envenenado, picado, mutilado, castrado...

O seu coração começou a falhar, palpitando e ele levantou a mão para esfregar o peito, mas a mão não se moveu. Nem uma polegada. Mesmo quando ele olhou para ela, caída na cama, desejando que se movesse, não houve nenhum movimento. Nada. Nem sensação. Nem na mão e nem no braço. O medo tomou conta dele.

Não tenha medo, a enfermeira disse, ele lembrou a si mesmo, desesperado, com ondas rugindo no seu ouvido. Você teve um ataque, só isso, não foi muito forte e o médico disse que muitas pessoas sofrem ataques. O velho Komargi teve um há um ano e ainda está vivo e ativo e afirma que ainda dorme com a sua jovem esposa. Com tratamento moderno... você é um bom muçulmano e irá para o paraíso, então não há nada a temer, nada a temer, nada a temer... nada a temer, se eu morrer, eu vou para o paraíso...

Eu não quero morrer, gemeu. Eu não quero morrer, tornou a gemer, mas foi só na sua cabeça, não emitiu nenhum som.

— O que é, Alteza?

Ele viu a ansiedade de Ahmed e se acalmou um pouco. Graças a Deus eu tenho Ahmed. Eu posso confiar em Ahmed, pensou, banhado em suor. O que é mesmo que eu quero que ele faça?

— Família toda aqui mais tarde. Primeiro Azadeh, Hakim, Najoud... compreende?

— Sim, Alteza. Para confirmar a sucessão?

— Sim.

— Eu tenho a sua permissão para interrogar Sua Alteza?

Ele balançou a cabeça concordando, com as pálpebras pesadas, esperando que a dor no peito diminuísse. Enquanto esperava, mexeu com as pernas, sentindo os pés dormentes. Mas nada se moveu, não da primeira vez, só da segunda e só com muito esforço. O terror voltou a tomar conta dele. Em pânico, ele mudou de ideia:

— Pague o resgate rapidamente, traga o piloto para cá, Erikki aqui, eu para Teerã, compreende? — Ele viu Ahmed concordar com a cabeça. — Depressa — murmurou e fez sinal para que ele saísse, mas a sua mão esquerda não se moveu. Apavorado, tentou a mão direita e conseguiu, com dificuldade, mas conseguiu. Parte do seu pânico desapareceu. — Pague resgate agora. Mantenha segredo. Chame a enfermeira.

NO DESVIO DE JULFA: 18:25H.

Hashemi Fazir e Armstrong estavam mais uma vez emboscados debaixo das árvores cobertas de neve. Lá embaixo, o Chevrolet esperava, com os faróis apagados, as janelas abertas, dois homens no banco da frente, como da outra vez. Lá no fundo da encosta, atrás deles, nos dois lados da estrada Julfa-Tabriz, havia uma centena de homens a postos para interceptar o carro. O sol tinha desaparecido sobre as montanhas e agora o céu estava escurecendo depressa.

— Ele não tem mais muito tempo — tornou a resmungar Hashemi.

— Da outra vez ele chegou ao anoitecer. Ainda não está escuro.

— Maldito seja ele e todos os seus ancestrais. Estou gelado até os ossos.

— Não falta muito agora, Hashemi, meu velho! — Se dependesse dele, Armstrong sabia que esperaria eternamente para agarrar Mzytryk, aliás Suslev, aliás Brodnin. Ele se oferecera para esperar em Tabriz depois do fracasso de sábado. — Deixe os homens comigo, Hashemi, eu preparo a emboscada na terça-feira. Você volta para Teerã, eu espero aqui, o apanho e levo para você.

— Não, vou partir imediatamente e voltarei na terça-feira bem cedo. Você pode ficar aqui.

'Aqui' era um esconderijo, um apartamento que dava para a Mesquita Azul, quente e cheio de estoques de uísque.

— Você estava dizendo a verdade quando falou para Abdullah Khan que agora você é a lei aqui e que a Savama e Pahmudi não podem fazer nada sem o seu apoio?

— Sim, oh, sim.

— Pahmudi é mesmo uma obsessão para Abdullah. Por que isso?

— Pahmudi fez com que Abdullah fosse expulso de Teerã.

— Cristo! Por quê?

— Uma velha inimizade, de muitos anos. Desde que Abdullah se tornou khan em 1953, ele advertiu agressivamente vários primeiros-ministros e funcionários da corte para serem cautelosos com relação a reformas políticas e as chamadas modernizações. Pahmudi, o intelectual bem-educado, treinado na Europa, o desprezava, foi sempre adversário dele, sempre impedindo que ele tivesse acesso ao xá. Infelizmente para o xá, Pahmudi tinha a confiança do xá.

— Para traí-lo no fim.

— Oh, sim, Robert, talvez até desde o começo. A primeira vez que Pahmudi e Abdullah se enfrentaram publicamente foi em 1963, a respeito das reformas propostas pelo xá dando às mulheres o direito de votar, estendendo esse direito aos não-muçulmanos e permitindo que não-muçulmanos fossem eleitos para o Majlis. É claro que Abdullah, assim como todo iraniano que fosse capaz de raciocinar, sabia que isso provocaria uma reação imediata em todos os líderes religiosos, especialmente Khomeini, que estava começando a aparecer naquela época.

— É inacreditável que ninguém conseguisse ter acesso ao xá — dissera Armstrong — para avisá-lo.

— Muitos o fizeram, mas ninguém com bastante influência sobre ele. A maioria apoiou Khomeini, publicamente ou em segredo, eu o fiz. Abdullah perdeu um round atrás do outro para Pahmudi. Contra os nossos conselhos, o xá mudou o calendário, do islâmico, que era tão sagrado para os muçulmanos quanto o a.C e o d.C. para os cristãos e tentou forçar uma contagem falsa até Ciro, o Grande... é claro que isso revoltou todos os muçulmanos e depois de quase haver uma revolução, ele voltou atrás... — Hashemi terminou o seu drinque e se serviu de outro. — Então, publicamente, Pahmudi disse a Abdullah para dar o fora, literalmente. Eu tenho tudo isso

documentado. Disse que ele era estúpido, atrasado, que estava vivendo na Idade Média, "o que não é de espantar, vindo do Azerbaijão", e mandou que ele ficasse longe de Teerã até que fosse chamado ou seria preso. O pior é que debochou dele e fez publicarem algumas caricaturas dele.

— Eu nunca pensei que Pahmudi fosse tão imbecil — disse Armstrong, para encorajá-lo a continuar, imaginando se ele acabaria se distraindo e revelando alguma coisa de valor.

— Graças a Deus ele é. E é por isso que os seus dias estão contados. Armstrong recordou a estranha confiança que Hashemi tinha demonstrado e o quanto ele se sentira perturbado. Esta sensação permanecera com ele durante todo o tempo em que esperara a volta de Hashemi para Tabriz, sem coragem de andar pelas ruas que ainda estavam cheias de grupos rivais tentando dominá-las. Durante o dia, a polícia e o exército legalista mantinham a paz em nome do aiatolá. À noite, era difícil, se não impossível, deter pequenos grupos de fanáticos inclinados à violência, que aterrorizavam certas partes da cidade: — Nós ainda podemos esmagá-los facilmente se aquele velho demônio do Abdullah nos ajudar. — Dissera Hashemi, zangado.

— Abdullah Khan ainda tem tanto poder assim, mesmo estando meio morto?

— Oh, sim, ele ainda é o chefe hereditário de uma grande tribo. Sua riqueza, oculta e real, poderia rivalizar-se com a de um xá, não com a do xá Muhammad Reza, mas com certeza com a do seu pai.

— Ele vai morrer muito breve. E depois?

— O seu herdeiro terá o mesmo poder, presumindo-se que aquele pobre filho da puta do Hakim fique vivo para usá-lo. Eu já lhe contei que ele foi declarado herdeiro?

— Não, o que há de estranho nisso?

— Hakim é o filho mais velho do khan que foi banido para Khoi há anos, em desgraça. Ele foi trazido de volta e reinstaurado nos seus direitos.

— Por quê? Por que ele foi banido?

— O mesmo de sempre. Ele foi apanhado conspirando contra o pai do mesmo modo que Abdullah conspirou contra o pai dele.

— Você tem certeza?

— Não, mas curiosamente o pai de Abdullah morreu na fazenda do seu Mzytryk, em Tbilisi. — Hashemi sorriu sardonicamente com o efeito da sua informação..— De apoplexia.

— Há quanto tempo você sabe disso?

— Há bastante tempo. Nós vamos perguntar a Mzytryk se isso é verdade quando o agarrarmos. Nós o agarraremos, embora isso fosse mais fácil com Abdullah vivo, não há a menor dúvida. — Hashemi ficou sério. — Eu espero que ele fique vivo tempo suficiente para ordenar que nos deem apoio para terminar com a guerra. Depois ele pode apodrecer. Eu odeio aquele velho safado pela sua traição e por ter-nos usado em proveito próprio, foi por isso que eu o ameacei com Pahmudi. É claro que eu o odeio, mas mesmo assim jamais o entregaria a Pahmudi, à sua maneira, ele é um patriota. Bem, vou para Teerã, Robert, você sabe onde me encontrar. Você gostaria de uma companhia na sua cama?

— Só de água corrente quente e fria.

— Você deveria experimentar um pouco, tentar um garoto para variar. Oh, pelo amor de Deus, não fique tão envergonhado. Você me desaponta tanto, não sei por que sou tão paciente com você.

— Obrigado.

— Vocês, ingleses, são todos tão depravados com relação a sexo, a maioria de vocês não passa de homossexuais enrustidos ou declarados, o que o resto acha extremamente desagradável e pecaminoso, contra as leis de Deus, o que não é. E no entanto na Arábia, onde a relação entre homens é historicamente normal e comum, porque pela lei não se pode tocar numa mulher a menos que você seja casado com ela, o homossexualismo tal como você o entende é desconhecido. Um homem prefere sodomia, e daí? Isto não interfere com a sua masculinidade aqui. Permita-se ter uma experiência nova, Robert. Enquanto isso, ela ficará aqui para você usá-la se desejar. Não me insulte pagando-a.

"Ela" era uma caucasiana, cristã, atraente e ele dormira com ela sem necessidade nem paixão, apenas por educação, e agradecera e deixara-a dormir na cama e ficar no dia seguinte para limpar e

cozinhar e distraí-lo e então, antes dele acordar hoje de manhã, ela desaparecera.

Agora Armstrong olhava para o céu a ocidente. Estava muito mais escuro do que antes, a claridade estava indo embora depressa. Eles esperaram mais meia hora.

— O piloto não poderá pousar agora, Robert. Vamos embora.

— O Chevrolet ainda não se moveu. — Armstrong pegou a automática e checkou-a. — Eu vou na hora em que o Chevrolet for, certo?

O iraniano olhou para ele, com o rosto fechado.

— Há um carro lá embaixo, estacionado de frente para Tabriz. Ele o levará para o nosso esconderijo. Espere por mim lá. Eu vou voltar para Teerã; há alguns assuntos importantes que não podem esperar, mais importantes do que este filho de um cão. Eu acho que ele sabe que estamos atrás dele.

— Quando você estará de volta?

— Amanhã. Ainda há o problema do khan. — E saiu andando na escuridão, praguejando.

Armstrong o viu afastar-se, satisfeito por ficar sozinho. Hashemi estava ficando cada vez mais difícil, mais perigoso do que o normal, sempre pronto para explodir, com os nervos à flor da pele, tenso demais para um chefe do Serviço Secreto com tanto poder e um bando de assassinos particulares. Robert, está na hora de começarmos uma retirada. Eu não posso, ainda não. Vamos, Mzytryk, há luar suficiente para pousar, pelo amor de Deus.

Pouco depois das dez horas, os faróis do Chevrolet se acenderam. Os dois homens levantaram os vidros e partiram. Cuidadosamente, Armstrong acendeu um cigarro, com a mão enluvada protegendo a pequena chama contra o vento. A fumaça causou-lhe um enorme prazer. Quando acabou de fumar, ele atirou a ponta de cigarro na neve e apagou-a. Então ele também partiu.

**PERTO DA FRONTEIRA ENTRE O IRÃ E A UNIÃO
SOVIÉTICA: 23:05H.**

Erikki fingia dormir na pequena cabana, com um cavanhaque crescendo. Um pavio, flutuando no óleo, dentro de uma velha tigela de barro, lançava estranhas sombras. Restos de madeira incandescente brilhavam dentro da lareira de pedra. Ele abriu os olhos e olhou em volta. Não havia mais ninguém na cabana.

Sem fazer barulho, ele escorregou por baixo dos cobertores e peles de animais. Estava inteiramente vestido. Calçou as botas, certificou-se de que sua faca estava no cinto e foi até a porta, abrindo-a devagar.

Por um instante, ficou lá, escutando, com a cabeça ligeiramente de lado. Camadas de nuvens encobriam a lua e o vento balançava ligeiramente os galhos do pinheiro. A aldeia estava silenciosa sob a camada de neve. Ele não viu nenhum guarda. Não havia nenhum movimento perto do alpendre onde o 212 estava estacionado. Movendo-se como um caçador, ele rodeou as cabanas e se dirigiu para o alpendre.

O 212 estava coberto, com peles e cobertores nos lugares mais importantes, todas as portas fechadas.

Através de uma janela lateral da cabine, ele pode ver dois nativos deitados nos assentos, enrolados em cobertores, roncando. Havia rifles ao lado deles. Ele avançou mais um pouco. O guarda na cabine do piloto estava abraçado com a arma, inteiramente acordado. E ainda não tinha visto Erikki. Passos silenciosos se aproximaram, com o cheiro de cabras e ovelhas e tabaco velho a precedê-los.

— O que foi, piloto? — perguntou baixinho o jovem xeque Bayazid.

— Eu não sei.

Agora o guarda escutou a voz deles e espiou pela janela da cabine, saudou o seu líder e perguntou qual era o problema. Bayazid respondeu: — Nada. — E fez sinal para ele continuar de guarda e observou a noite Pensativamente. Nos poucos dias em que o estrangeiro estava na aldeia, ele acabara por apreciá-lo e respeitá-lo, como homem e como caçador. Hoje ele o levava para a floresta, para testá-lo, e depois, como um outro teste e para seu próprio prazer,

dera-lhe um rifle. O primeiro tiro de Erikki matou um cabrito montes bem distante, com tanta perfeição quanto ele o teria matado. Dar o rifle a ele tinha sido excitante, sem saber o que o estrangeiro faria, se ele iria tentar virá-lo contra ele ou fugir para a floresta, onde poderia caçá-lo com enorme prazer. Mas o Ruivo da Faca apenas caçara e guardara os seus pensamentos para si mesmo, embora todos pudessem sentir a violência aflorando.

— Você percebeu alguma coisa. Perigo? — perguntou.

— Eu não sei. — Erikki olhou para a escuridão e deu uma olhada em volta. Não havia nenhum outro som além do vento, uns poucos animais noturnos caçando, nada de estranho. Mesmo assim ele estava inquieto. — Ainda não teve notícias?

— Não, mais nada. — Naquela tarde, dois dos mensageiros tinham voltado.

— O khan está muito doente. Quase morto. — dissera o homem. — Mas prometeu responder logo.

Bayazid tinha repetido tudo fielmente para Erikki.

— Piloto, seja paciente — disse, não querendo nenhum problema. O que é que o khan tem?

— Está doente. O mensageiro disse que soube que ele está doente, muito doente. Doente!

— E se ele morrer, o que acontece?

— O herdeiro dele vai pagar. Ou não vai pagar, Insha 'Allah. — O xeque ajeitou o rifle no ombro. — Venha abrigar-se, está frio. — Da beirada da cabana ele agora podia enxergar o fundo do vale.

Estava tudo calmo e silencioso, com alguns clarões de vez em quando na estrada lá embaixo.

A pouco mais de trinta minutos do palácio e de Azadeh, pensava Erikki. E sem maneira de fugir.

Toda vez que ele ligava os motores para recarregar as baterias e circular o óleo, havia cinco armas apontando para ele. Às vezes ele passeava até a beirada da aldeia ou, como hoje, se levantava, pronto para tentar escapar a pé, mas não tinha nunca oportunidade, os guardas estavam sempre alerta.

Hoje, durante a caçada, ele se sentira tentado a fugir, o que, evidentemente, seria inútil, já que eles estavam apenas fazendo um

jogo com ele.

— Não é nada, piloto, volte para a cama — disse Bayazid. — Talvez tenhamos boas notícias amanhã. Seja como Deus quiser.

Erikki não disse nada, perscrutando a escuridão, incapaz de se livrar dos maus pressentimentos.

Talvez Azadeh esteja em perigo ou talvez... talvez não seja nada ou eu esteja apenas enlouquecendo com a espera e com a preocupação por não saber o que está acontecendo. Será que Ross e o soldado conseguiram fugir? E quanto a Petr matyeryebyets Mzytryk e Abdullah?

— Seja como Deus quiser, eu concordo, mas eu quero partir. Chegou a hora.

O rapaz sorriu, mostrando os dentes estragados.

— Então eu terei que amarrá-lo. Erikki sorriu da mesma forma.

— Vou esperar até amanhã à noite, e então, ao amanhecer, vou partir.

— Não.

— Será melhor para você e para mim. Nós poderemos ir para o palácio com os seus companheiros, eu posso aterr...

— Não. Nós vamos esperar.

— Eu posso aterrissar no pátio e falar com ele e você receberá o resgate e...

— Não. Nós vamos esperar. Vamos esperar aqui. Lá não é seguro.

— Ou partimos juntos ou eu vou sozinho. O xeque deu de ombros.

— Você já foi avisado, piloto.

NO PALÁCIO DO KHAN: 23:38H.

Ahmed ia levando Najoud e o marido, Mahmud, pelo corredor, na frente dele, como se fossem gado. Ambos estavam com roupas de dormir, descabelados e aterrorizados. Najoud chorava e havia dois guardas atrás deles. Ahmed ainda tinha a sua faca na mão. Há meia hora, ele tinha entrado nos aposentos deles com os guardas, os

acordara bruscamente, dizendo que o khan finalmente descobrira que eles mentiram ao dizer que Hakim e Azadeh tinham conspirado contra ele, porque naquela mesma noite um dos criados admitiu ter ouvido a mesma conversa e afirmou que nada de mal havia sido dito.

— Mentiras — gaguejou Najoud, deitada na cama feita sobre tapetes, meio cega pela luz da lanterna que um dos guardas mantinha apontada para o seu rosto. O outro guarda tinha um revólver encostado na cabeça de Mahmud. — Tudo mentira...

Ahmed tirou sua faca, bem afiada, e colocou-a sob o seu olho esquerdo.

— Não são mentiras, Alteza! A senhora cometeu perjúrio diante do khan, diante de Deus, por isso eu estou aqui, cumprindo ordens do khan, para cegá-la. — E tocou nela com a ponta da faca e ela gritou: — Não, por favor, eu imploro, por favor, não... espere, espere...

— A senhora admite ter mentido?

— Não. Eu não menti. Deixe-me ver o meu pai. Ele nunca teria ordenado isso sem primeiro falar comigo...

— A senhora nunca mais vai vê-lo. Por que ele deveria falar com a senhora? A senhora mentiu antes e vai mentir outra vez!

— Eu... eu nunca menti, nunca menti...

Seus lábios torceram-se num sorriso. Durante todos aqueles anos, ele sempre soubera que ela tinha mentido. Isto não fizera nenhuma diferença para ele. Mas agora fazia.

— A senhora mentiu, em nome de Deus. — A ponta da faca arranhou a pele dela. A mulher, apavorada, tentou gritar, mas ele apertou-lhe a boca com a outra mão e se sentiu tentado a apertar mais um pouco e terminar logo com tudo. — Mentirosa!

— Piedade — ela gemeu — piedade em nome de Deus... Ele diminuiu a pressão, mas não retirou a ponta da faca.

— Eu não posso perdoá-la. Peça perdão a Deus, o khan já decretou a sua sentença!

— Espere... espere — ela disse, desesperada, sentindo os músculos dele se retesarem para o ataque —, por favor... deixe-me ver o khan... deixe-me implorar a piedade dele, eu sou sua fi...

— A senhora admite ter mentido?

Ela hesitou, em pânico. Imediatamente, a faca espetou mais um pouco e ela gaguejou: — Eu admito... eu admito que exage...

— Em nome de Deus, a senhora mentiu ou não? — Ahmed murmurou, com raiva.

— Sim... sim... por favor, deixe-me ver o meu pai... por favor. — As lágrimas escorriam e ele fingiu hesitar, depois olhou para o marido dela, que estava deitado no tapete, tremendo de medo.

— Você também é culpado!

— Eu não sabia de nada. — Mahmud gaguejou. — De nada, eu nunca menti para o khan, nunca, eu não sabia de nada...

Ahmed empurrou os dois para a frente. Guardas abriram a porta do quarto do doente. Azadeh, Hakim e Aysha estavam lá, chamados inesperadamente, em trajes de dormir, assustados, a enfermeira também, o khan acordado e ofegante, com os olhos injetados. Najoud caiu de joelhos e disse que tinha exagerado com relação a Hakim e Azadeh e quando Ahmed chegou mais perto, ela confessou: — Eu menti, menti, por favor, pai, perdoe-me, por favor, perdoe-me, perdoe-me... piedade...

piedade... — Mahmud também estava gemendo e chorando, dizendo que não sabia de nada, senão teria falado, é claro que sim, diante de Deus, ambos implorando misericórdia, e todo mundo sabendo que não haveria nenhuma.

O khan limpou a garganta. Silêncio. Todos os olhos estavam fixos nele. Ele mexeu com a boca, mas não saiu som algum. A enfermeira e Ahmed se aproximaram dele.

— Ahmed fica e Azadeh e Hakim... o resto sai, eles sob escolta.

— Alteza — a enfermeira disse gentilmente —, isso não pode esperar até amanhã? O senhor já se cansou demais. Por favor, deixe para amanhã.

O khan sacudiu a cabeça.

— Agora.

A enfermeira sentia-se muito cansada.

— Eu não assumo nenhuma responsabilidade, Excelência Ahmed. Por favor, seja o mais breve possível. — Exasperada, ela saiu.

Dois guardas obrigaram Najoud e Mahmud a se levantarem e os arrastaram para fora. Aysha seguiu-os tremendo. Por um momento, o khan fechou os olhos, recuperando as forças. Agora só a sua respiração estrangulada quebrava o silêncio. Ahmed, Hakim e Azadeh esperaram. Passaram-se vinte minutos. O khan abriu os olhos. Para ele, tinham-se passado apenas alguns segundos.

— Meu filho, confie em Ahmed, faça dele o seu conselheiro.

— Sim, pai.

— Jurem por Deus, vocês dois.

Ele ouviu atentamente enquanto os dois repetiam: — Eu juro por Deus que confiarei em Ahmed e farei dele o meu conselheiro. — Mais cedo, eles tinham jurado diante de toda a família a mesma coisa e tudo o mais que o khan exigira: cuidar do pequeno Hassan e protegê-lo; Hakim fazer de Hassan o seu herdeiro; os dois permanecerem em Tabriz e Azadeh ficar pelo menos dois anos sem sair do Irã.

— Desta forma, Alteza — Ahmed tinha explicado antes —, nenhuma influência externa, como a do marido, poderá afastá-la antes dela ser enviada para o norte, seja culpada ou inocente.

Isto é aconselhável, pensou o khan, aborrecido com Hakim e com Azadeh por terem permitido que a mentira de Najoud tivesse ficado sem castigo por tantos anos — odiando Najoud e Mahmud por serem tão fracos. Nenhuma coragem, nenhuma força. Bem, Hakim vai aprender e ela também vai aprender. Se eu tivesse um pouco mais de tempo..

— Azadeh.

— Sim, pai?

— Najoud, que castigo?

Ela hesitou, assustada de novo, sabendo como a cabeça dele funcionava, percebendo a armadilha em que havia caído.

— Expulsão. Expulse-a, o marido, e toda a família.

Sua idiota, você nunca criará um khan dos Gorgons, pensou, mas estava cansado demais para falar e por isso fez sinal para que ela saísse. Antes de sair, Azadeh foi até a cama e beijou a mão do pai.

— Tenha piedade deles, papai, por favor. — E forçou um sorriso, afagou-o mais uma vez e saiu.

Ele a observou fechar a porta.

— Hakim?

Hakim também tinha percebido a armadilha e estava gelado, com medo de desagradar o pai, desejando vingança mas não a sentença terrível que o khan pronunciaria.

— Que eles sejam banidos para sempre, sem um tostão — disse.
— Deixe-os ganhar o próprio pão daqui para a frente e expulse-os da tribo.

Um pouco melhor, pensou Abdullah. Normalmente, este seria um castigo terrível. Mas não se você fosse um khan e eles uma perpétua ameaça. Mais uma vez ele fez um sinal com a mão, mandando-o sair. Como Azadeh, ele beijou a mão do pai e desejou-lhe boa-noite.

Quando ficaram a sós, Abdullah disse: — Ahmed?

— Amanhã, mande-os para as terras desertas ao norte de Meshed, sem um tostão, sob escolta. Dentro de um ano e um dia, quando eles estiverem certos de terem escapado vivos, quando tiverem algum negócio, uma casa ou uma cabana, ponha fogo em tudo e mate-os, junto com os três filhos.

Ele sorriu.

— Ótimo, faça isso.

— Sim, Alteza. — Ahmed também sorriu, muito satisfeito.

— Agora vou dormir.

— Durma bem, Alteza. — Ahmed viu as pálpebras dele se fecharem e o rosto despencar. Em poucos segundos, o doente estava roncando.

Ahmed sabia que tinha que ser muito cuidadoso agora. Ele abriu a porta silenciosamente. Hakim e Azadeh estavam esperando no corredor, junto com a enfermeira. Preocupada, a enfermeira entrou no quarto, tomou o pulso do khan, examinando-o atentamente.

— Ele está bem? — Azadeh perguntou da porta.

— Quem pode saber, mocinha? Ele se cansou, se cansou demais. É melhor vocês todos saírem agora.

Nervosamente, Hakim virou-se para Ahmed.

— O que foi que ele decidiu?

— Serão banidos para as terras ao norte de Meshed, devendo partir amanhã bem cedo, sem um tostão, além de terem sido

expulsos da tribo. Ele mesmo lhe dirá amanhã, Alteza.

— Seja como Deus quiser. — Azadeh estava muito aliviada pelo fato dele não ter ordenado o pior.

Hakim estava radiante por ele ter seguido o seu conselho.

— Minha irmã e eu, ahn, nós não sabemos como agradecer-lhe por nos ter ajudado, Ahmed, e, bem, por ter revelado a verdade depois de tanto tempo.

— Obrigado, Alteza, mas eu apenas cumpri ordens do khan. Quando chegar a hora, vou servi-lo da mesma forma com que tenho servido a Sua Alteza, ele me fez prometer isso. Boa noite. — Ahmed sorriu para si mesmo e fechou a porta, voltando para perto da cama — Como está ele? — perguntou à enfermeira.

— Não muito bem, aga. — Ela estava com dor nas costas e muito cansada. — Eu preciso de alguém para me substituir amanhã. Precisamos de duas enfermeiras e uma irmã. Desculpe, mas não posso continuar sozinha.

— O que a senhora precisar, contanto que fique. Sua Alteza aprecia o cuidado que a senhora tem com ele. Se quiser, eu posso ficar tomando conta dele por uma hora ou duas. Há um sofá no outro quarto e eu posso chamá-la se houver alguma coisa.

— Oh, é muito gentil de sua parte. Obrigada, um descanso me faria bem, mas me chame se ele acordar e me chame de qualquer maneira dentro de duas horas.

Ele a acompanhou até o quarto ao lado, disse ao guarda para vir rendê-lo dentro de três horas e dispensou-o, depois começou a vigília. Meia hora depois, ele foi espiar a enfermeira. Ela dormia profundamente. Ele voltou para o quarto, trancou a porta, respirou profundamente, despenteou os cabelos e correu para a cama, sacudindo o khan.

— Alteza — sussurrou como se estivesse apavorado —, acorde, acorde! O khan despertou de um sono pesado sem saber onde estava nem o que tinha acontecido, nem se estava tendo outro pesadelo.

— O que... o que... Então seus olhos entraram em foco e ele viu Ahmed, parecendo apavorado, o que era muito estranho. Ele levou um choque. — O que...

— Rápido, o senhor tem que se levantar, Pahmudi está lá embaixo — Ahmed falou ofegante —, alguém abriu a porta para eles, o senhor foi traído, alguém o entregou, Hashemi Fazir o entregou a Pahmudi e à Savama como pishkesh, depressa, levante-se, eles dominaram os guardas e estão vindo para levá-lo... — Ele viu o terror nos olhos do khan e continuou depressa: — Eles são muitos!

Rápido, o senhor precisa fugir...

Rapidamente, ele retirou o soro e afastou as cobertas, ajudando o homem aterrorizado a se levantar e, de repente, o empurrou de volta para a cama e olhou para a porta.

— Tarde demais — murmurou. — Ouça, eles estão chegando com Pahmudi na frente, eles estão chegando!

Com o peito ardendo, o khan imaginou que estava ouvindo passos, que estava vendo Pahmudi, que estava vendo o seu rosto fino, radiante, e os instrumentos de tortura lá fora, no corredor, sabendo que não haveria misericórdia e que eles o manteriam vivo para arrancar-lhe a vida aos poucos.

Enlouquecido, ele gritou para Ahmed: Rápido, ajude-me. Eu posso chegar até a janela, nós podemos fugir por lá se você me ajudar! Em nome de Deus, Ahmed... mas não conseguiu pronunciar as palavras. Tornou a tentar, mas sua boca não se coordenava com o seu cérebro, os músculos do seu pescoço se retesaram com o esforço, suas veias se intumesceram.

Pareceu-lhe uma eternidade o tempo que passou tentando gritar e chamar por Ahmed, que ficou parado vigiando a porta, sem ajudá-lo, com os passos se aproximando cada vez mais.

— Socorro — conseguiu dizer, tentando sair da cama, com as cobertas impedindo-o, sufocando-o, com a dor no peito aumentando cada vez mais, tão monstruosa quanto o barulho.

— Não há escapatória, eles estão aqui. Eu vou ter que deixá-los entrar! No limite do seu terror, ele viu Ahmed dirigir-se para a porta. Com o resto das suas forças, gritou para ele parar, mas só o que saiu foi um gemido estrangulado. Então ele sentiu alguma coisa estalar no seu cérebro. Uma centelha de lucidez atravessou-o. A dor cessou, o barulho cessou. Ele viu Ahmed sorrir. Seus ouvidos

captaram o silêncio do corredor e o silêncio do palácio e ele soube que fora realmente traído. Com um último e supremo esforço, ele tentou se atirar sobre Ahmed, com o fogo na sua cabeça iluminando o caminho para dentro do túnel, vermelho, quente e líquido, e lá, no nadir, ele apagou o fogo e possuiu a escuridão.

Ahmed certificou-se de que o khan estava morto, satisfeito por não ter sido obrigado a sufocá-lo com o travesseiro. Rapidamente, tornou a conectar o soro, verificou se não havia nenhum vazamento traiçoeiro nele, arrumou um pouco a cama e então, com muito cuidado, examinou o quarto. Não viu nada que pudesse incriminá-lo. Estava ofegante, com a cabeça latejando e seu alívio era imenso.

Verificou tudo mais uma vez, depois foi até a porta, destrancou-a silenciosamente e voltou para perto da cama. O khan estava deitado nos travesseiros, com sangue saindo pelo nariz e pela boca.

— Alteza! — berrou. — Alteza... — então se inclinou e agarrou-o por um momento, depois soltou-o e atravessou o quarto correndo e abriu a porta.

— Enfermeira! — gritou e correu para o outro quarto, acordou a mulher e arrastou-a de volta para o quarto do Khan.

— Oh, meu Deus — ela murmurou, com as pernas bambas de alívio por não ter acontecido quando ela estava sozinha com ele, podendo ser acusada por aquele guarda-costas violento ou por aquelas pessoas malucas, que gritavam e ameaçavam. Bem acordada agora, ela enxugou a testa e ajeitou os cabelos, sentindo-se nua sem a touca. Rapidamente, fez o que tinha que ser feito e fechou os olhos dele, ouvindo os gemidos e lamentos de Ahmed.

— Ninguém poderia ter feito nada, aga. Poderia acontecer a qualquer momento. Ele estava sofrendo muito, a sua hora tinha chegado, foi melhor assim, melhor do que viver como um vegetal.

— Sim... sim, acho que sim. — As lágrimas de Ahmed eram verdadeiras, lágrimas de alívio. — Insha'Allah. Insha'Allah!

— O que foi que aconteceu?

— Eu... eu estava cochilando e ele... ele engasgou e começou a sangrar pelo nariz e pela boca. — Ahmed enxugou as lágrimas, deixando a voz falsear.

— Eu o agarrei na hora em que ele estava caindo da cama e então... então eu não sei... ele desmaiou... e eu fui chamá-la correndo.

— Não se preocupe, aga, não havia nada a fazer. Às vezes é súbito e rápido, às vezes não. É melhor quando é rápido, é uma bênção. — Ela suspirou e ajeitou o uniforme, satisfeita por poder sair daquele lugar. — Ele, ahn, ele precisa ser limpo antes de chamarmos os outros.

— Sim. Por favor, deixe-me ajudar, eu quero ajudar.

Ahmed ajudou-a a limpar o sangue e a torná-lo apresentável e o tempo todo estava fazendo planos: Najoud e Mahmud banidos antes do meio-dia, o resto do castigo daqui a um ano e um dia; depois descobrir se Fazir agarrou Petr Oleg; em seguida, certificar-se de que a garganta do mensageiro do pedido de resgate tinha sido cortada naquela tarde, conforme ele ordenara em nome do khan.

Imbecil, disse para o cadáver, imbecil em pensar que eu pagaria o resgate para trazer o piloto de volta para levá-lo para Teerã e salvar a sua vida. Por que salvar uma vida por mais um mês ou uns dias? É perigoso ficar doente e impotente por causa da doença, as mentes ficam embotadas, oh, sim, o médico me disse o que deveria esperar, que a sua cabeça pioraria cada vez mais, que o senhor ficaria cada vez mais agora, agora a sucessão está assegurada, eu posso dominar o garoto e, com a ajuda de Deus, me casar com Azadeh. Ou então mandá-la para o norte — o buraco dela é igual a outro qualquer.

A enfermeira observava Ahmed de vez em quando, suas mãos fortes e hábeis, sua delicadeza, sentindo-se pela primeira vez satisfeita com a presença dele e sem medo, vendo-o pentear a barba do morto. As pessoas são tão estranhas, pensou. Ele deve ter gostado muito desse velho malvado.

QUARTA-FEIRA

28 de fevereiro

54

TEERÃ: 6:55H.

McIver continuou a separar as pastas e os papéis que tirara do cofre grande do escritório, colocando na maleta só os que eram de extrema importância. Estava fazendo isso desde às cinco e meia da manhã e agora sua cabeça e suas costas doíam e a maleta estava quase cheia. Eu deveria levar tanta coisa mais, pensou, trabalhando o mais depressa que podia. Dentro de uma hora, talvez menos, a turma de empregados iranianos chegaria e ele teria que parar.

Que pestes, pensou irritado, nunca estavam aqui quando precisávamos deles, mas agora, nestes últimos dias, não consigo me livrar deles, são como uma praga: "Oh, não, Excelência, por favor, deixe-me trancar o escritório para o senhor, permita-me este privilégio"... ou então: "Oh, não, Excelência, eu abro o escritório para o senhor, eu insisto, isto não é trabalho para Vossa Excelência". Talvez eu esteja ficando paranoico, mas é como se fossem todos espiões, com instruções para nos vigiar, os sócios estão mais intrometidos do que nunca. Quase como se houvesse alguém atrás de nós.

E no entanto, até agora — deixa eu bater na madeira — está tudo funcionando perfeitamente. Ao meio-dia, mais ou menos, nós partimos; Rudi já está preparado para sexta-feira, com todo o pessoal extra e um carregamento de peças que saiu de Bandar Delam por terra e foi para Abadan, onde um Trident da BA conseguiu pousar, com autorização do amigo do Duke, Zataki, para

retirar operários britânicos; em Kowiss, nesta altura, Duke já deve ter escondido o combustível de reserva, e todos os rapazes têm licença para partir amanhã no 125 — deixa eu bater de novo na madeira — três caminhões carregados de peças já foram para Bunshire para serem embarcados em navio para Al Shargaz; 'Pé- quente', o coronel Changiz e aquele maldito mulá, Hussein, ainda estão se comportando direito — tenho que bater na madeira mais umas cinquenta vezes; em Lengeh, Scrag não deve estar tendo problemas, há muitos navios disponíveis para as suas peças e não há mais nada a fazer a não ser esperar pelo dia D, não, pelo dia T.

O único ponto negativo é Azadeh. E Erikki. Por que ela não falou comigo antes de sair atrás do pobre Erikki? Meu Deus, ela foge de Tabriz para salvar a pele e depois torna a cair na armadilha.

Mulheres! São todas malucas. Resgate? Conversa fiada! Eu aposto que é outra armadilha preparada pelo pai dela, aquele velho filho da mãe. Ao mesmo tempo, é como Tom Lochart disse: "Ela teria ido de qualquer maneira, Mac, e você teria contado a ela a respeito da Operação Turbilhão?"

Seu estômago começou a arder. Mesmo que todos nós consigamos partir, ainda resta o problema de Erikki e Azadeh. E também o de Tom e Xarazade. Como vamos conseguir pô-los a salvo? Tenho que pensar em alguma coisa. Nós ainda temos dois dias, talvez...

Ele se virou, surpreso, pois não tinha ouvido a porta se abrir. O seu chefe de escritório, Gorani, estava em pé na porta, alto e careca, um xiita devoto, um homem bom, que estava com eles há muitos anos, — Salaam, aga.

— Salaam, você chegou cedo. — McIver viu a surpresa estampada no rosto do homem por causa de toda aquela bagunça. Normalmente, McIver era extremamente arrumado. E sentiu como se tivesse sido apanhado com a boca na botija.

— Seja como Deus quiser, aga. O imã ordenou que tudo voltasse ao normal e que todo mundo trabalhasse bastante para o sucesso da revolução. Posso ajudá-lo?

— Bem, ahn, não, não, obrigado, eu, ahn, eu estou com pressa. Tenho muito o que fazer hoje, vou até a embaixada. — McIver sabia

que estava falando demais, mas não conseguiu parar. — Eu, ahn, eu tenho encontros marcados o dia inteiro e tenho que estar no aeroporto ao meio-dia. Preciso fazer o dever de casa para o komiteh de Doshan Tappeh. Não voltarei para o escritório depois do aeroporto, e você pode fechar mais cedo... aliás, você pode tirar o dia todo de folga.

— Oh, obrigado, aga, mas o escritório deve ficar aberto até..

— Não, vamos fechar depois que eu sair. Irei direto para casa e estarei lá caso precisem de mim. Por favor, volte dentro de dez minutos, quero enviar algumas mensagens por telex.

— Sim, aga, certamente, aga. — O homem saiu.

McIver detestava distorcer a verdade. O que acontecerá com Gorani? — tornou a perguntar a si mesmo, com ele e com todo o nosso pessoal espalhado pelo Irã, alguns tão bons, com eles e suas famílias?

Inquieto, ele terminou o melhor que pôde. Havia cem mil riais em caixa, ele deixou o dinheiro, tornou a trancar o cofre e enviou algumas mensagens sem importância. O principal ele tinha passado às cinco e meia da manhã para Al Shargaz, com uma cópia para Aberdeen, caso Gavallan se tivesse atrasado: "Cinco engradados de peças enviados para Al Shargaz, para reparos, conforme o planejado". Traduzindo, a mensagem em código significava que Nogger, Pettikin e ele, e os dois últimos mecânicos que ele ainda não tinha conseguido retirar de Teerã estavam se preparando para embarcar no 125 hoje, conforme o planejado, e todos os sistemas ainda estavam acionados.

— Que engradados são esses, agal — Gorani tinha conseguido achar as cópias do telex.

— São os que vieram de Kowiss, eles serão embarcados no 125 na semana que vem.

— Oh, muito bem. Eu vou verificar para o senhor. Antes de sair, será que o senhor poderia dizer-me quando o nosso 212 vai voltar? Aquele que emprestamos para Kowiss.

— Na semana que vem, por quê?

— Sua Excelência, o ministro Ali Kia, também diretor do Conselho, estava querendo saber, aga.

McIver ficou gelado.

— Ah, é? Por quê?

— Provavelmente o ministro tem algum serviço para ele, aga. O seu assistente esteve aqui na noite passada depois que o senhor saiu e me perguntou. O ministro Kia também queria um relatório para hoje, a respeito da situação dos nossos três 212 que foram enviados para reparos. Eu, ahn, eu disse que o aprontaria. Ele virá aqui hoje de manhã, por isso eu não posso fechar o escritório.

Eles nunca tinham conversado a respeito dos três aparelhos nem do grande número de peças que estavam sendo enviadas para fora de caminhão, de carro ou como bagagem pessoal, uma vez que não havia espaço nos aparelhos para carga. Era mais que possível que Gorani soubesse que os 212 não precisavam de conserto. Ele deu de ombros e torceu pelo melhor.

— Eles estarão prontos na época prevista. Deixe um recado na porta.

— Oh, mas isso seria muito indelicado. Eu mesmo transmitirei o recado. Ele disse que voltaria antes da oração do meio-dia e insistiu em ter um encontro com o senhor. Ele tem um recado confidencial do ministro Kia.

— Bem, eu tenho que ir à embaixada. — McIver pensou um pouco. — Voltarei assim que puder. — Irritado, ele apanhou a maleta e desceu as escadas rapidamente, maldizendo Ali Kia e acrescentando uma maldição para Ali Babá.

Ali Babá — assim chamado porque fazia McIver lembrar dos quarenta ladrões — era a metade puxa-saco do casal que tinha trabalhado na casa deles durante dois anos e que desaparecera quando começou a confusão. Na véspera, de madrugada, Ali Babá voltara, sorrindo satisfeito e agindo como se só tivesse estado fora por um fim-de-semana e não por quase cinco meses, insistindo alegremente em retomar o seu antigo quarto: — Oh, aga, a casa terá que estar muito limpa e preparada para a volta de Sua Alteza; na semana que vem, a minha esposa estará aqui para fazer isso, mas enquanto isso, eu vou lhe preparar um chá com torradas como o senhor gosta. Eu fiz um sacrifício pelo senhor hoje e pechinchei muito para comprar pão fresco e leite no mercado a um preço

razoável, mas os ladrões me cobraram cinco vezes mais do que no ano passado, uma pena, mas por favor, dê-me o dinheiro agora e assim que os bancos abrirem o senhor pode me pagar o meu microscópico salário atrasado...

Maldito Ali Babá, a revolução não o fizera mudar nem um pouco. "Microscópico"? Ainda é um pão para nós e cinco para ele, mas não faz mal, foi ótimo tomar chá com torradas na cama — mas não um dia antes de fugirmos. Como é que Charlie e eu vamos fazer para retirar a nossa bagagem sem que ele desconfie?

Na garagem, ele abriu a porta do carro.

— Lulu, minha garota — disse — sinto muito, mas chegou a hora da Grande Despedida. Não sei como vou fazer, mas não vou deixá-la aqui para ser usada por algum maldito iraniano.

Talbot estava esperando por ele num escritório elegante e espaçoso.

— Meu caro McIver, você madrugou, eu soube das aventuras do jovem Ross. Nós todos tivemos muita sorte, você não acha?

— Sim, sim, tivemos, e como está ele?

— Recuperando-se. Bom homem, fez um ótimo trabalho. Eu vou almoçar com ele e vamos retirá-lo daqui hoje num voo da BA, no caso dele ter sido localizado, temos que ser muito cautelosos. Alguma notícia de Erikki? A embaixada finlandesa nos procurou, pedindo ajuda.

McIver contou-lhe sobre o bilhete de Azadeh.

— Ridículo.

Talbot estalou os dedos.

— O resgate não me parece muito viável. Existem, ahn, rumores de que o khan está muito doente. Ele teve um ataque.

McIver franziu a testa.

— Isso é melhor ou pior para Azadeh e Erikki?

— Não sei. Se ele morrer, bem, isto certamente desequilibrará a balança do poder no Azerbaijão por algum tempo, o que certamente encorajará os nossos amigos do norte da fronteira a armarem mais confusão do que de costume, o que fará Carter e seus asseclas levantarem mais poeira.

— Que diabo ele está fazendo agora?

— Nada, meu velho, este é que é o problema. Ele espalhou os seus amendoins e se mandou.

— Mais alguma coisa a respeito da nossa nacionalização? Armstrong disse que era iminente.

— É bem possível que você perca o controle da sua frota muito em breve — disse Talbot, com um cuidado estudado, e McIver ficou imediatamente atento. — Pode ser, ahn, uma questão de aquisição pessoal por parte de pessoas interessadas.

— Você está se referindo a Ali Kia e aos sócios? Talbot deu de ombros.

— Não nos compete perguntar por que, não é?

— Isto é oficial?

— Meu caro amigo, é claro que não! É só uma observação pessoal, confidencial. O que posso fazer por você?

— Confidencialmente, de acordo com as instruções de Andy Gavallan, está bem?

— Vamos tratar disso oficialmente.

McIver viu o rosto sério, ligeiramente corado, e se levantou, aliviado.

— De jeito nenhum, sr. Talbot. Foi ideia de Andy pô-lo a par da situação, não minha.

Talbot suspirou eloquentemente.

— Muito bem, extra-oficialmente. McIver tornou a sentar-se.

— Nós, ahn, estamos transferindo o nosso QG para Al Shargaz hoje.

— Uma decisão muito sábia. E daí?

— Nós partimos hoje. E o restante do pessoal estrangeiro. No nosso 125.

— Muito sábio. E daí?

— Nós, ahn, estamos encerrando todas as nossas operações no Irã. Na sexta-feira.

Talbot suspirou cansado.

— Sem pessoal, eu diria que é axiomático. E daí? McIver estava achando muito difícil dizer o que pretendia.

— Nós, ahn, estamos retirando toda a nossa frota na sexta-feira. Nesta sexta-feira.

— Benza-me Deus — disse Talbot, com franca admiração. — Meus parabéns! Como foi que você conseguiu dobrar o safado do Kia para conseguir as autorizações? Você deve ter-lhe prometido um lugar vitalício no camarote real em Ascot!

— Ahn, não, não foi bem assim. Nós decidimos não pedir autorização, era perda de tempo. — McIver levantou-se. — Bem, vejo-o em,.

O rosto de Talbot quase despencou.

— Sem autorização?

— Isso mesmo. Você sabe que os nossos aparelhos vão ser confiscados, nacionalizados, seja lá o nome que tenha, não havia nenhum modo de conseguir autorizações de saída, então nós simplesmente decidimos ir embora. — McIver acrescentou displicentemente: — Na sexta-feira nós damos o fora daqui.

— Minha nossa! — Talbot sacudiu a cabeça vigorosamente, brincando com uma pasta que estava sobre a sua mesa. — Minha nossa, isto é muito desaconselhável.

— Não há outra alternativa. Bem, sr. Talbot, isso é tudo, tenha um bom dia. Andy quis avisá-lo para que o senhor pudesse... pudesse fazer seja lá o que for.

— Que história é essa? — Talbot explodiu.

— Como é que eu vou saber? — McIver também estava irritado. — O seu papel é proteger os seus conterrâneos.

— Mas vo...

— Eu simplesmente não vou permitir que me deixem sem trabalho e ponto final!

Talbot tamborilou nervosamente com os dedos.

— Acho que estou precisando de uma xícara de chá. — E apertou o interfone. — Célia, duas xícaras do seu melhor chá e acho bom misturar um pouco de Nelson's Blood.

— Sim, sr. Talbot — uma voz fanhosa respondeu e espirrou.

— Saúde — Talbot disse automaticamente. Ele parou de tamborilar na mesa e sorriu docemente para McIver. — Estou contentíssimo por você não ter me contado nada, meu velho.

— Eu também.

— Fique tranquilo, se eu souber que você foi preso, ficarei feliz em visitá-lo em nome do governo de Sua Majestade e tentarei tirá-lo do mau caminho. — Talbot ergueu as sobrancelhas. — Furto! Minha nossa! Mas desejo-lhe boa sorte, meu velho.

NO APARTAMENTO DE AZADEH: 8:10H.

A velha empregada carregou a pesada bandeja de prata pelo corredor — quatro ovos cozidos, torradas, manteiga e geleia, duas finíssimas xícaras de café, um bule cheio de café bem quente e lindos guardanapos de algodão egípcio. Ela descansou a bandeja e bateu na porta.

— Entre.

— Bom dia, Alteza. Salaam.

— Salaam — respondeu Xarazade. Ela estava recostada em vários travesseiros na cama sobre o tapete, com o rosto inchado de tanto chorar. A porta do banheiro estava aberta, ouvia-se barulho de água correndo. — Pode colocar ali, em cima da cama.

— Sim, Alteza. — A velha obedeceu. Com um olhar enviesado para o banheiro, ela saiu silenciosamente.

— Café, Tommy — disse Xarazade, tentando parecer animada. Nenhuma resposta. Ela deu de ombros, fungou um pouco, prestes a recomeçar a chorar, depois levantou os olhos quando Lochart voltou para o quarto. Ele estava barbeado e vestido com roupas de piloto, botas, calças, camisa e um suéter grosso. — Café? — perguntou, esboçando um sorriso, detestando o rosto fechado dele e o seu ar de preocupação.

— Daqui a um minuto — ele respondeu sem entusiasmo. — Obrigado.

— Eu... eu mandei que trouxessem tudo como você gosta.

— Parece bom, não espere por mim. — Ele foi até a cômoda e começou a dar o nó na gravata.

— Azadeh foi maravilhosa em nos emprestar este apartamento enquanto está fora, não foi? Aqui é muito mais agradável do que lá

em casa.

Lochart olhou-a pelo espelho.

— Na hora você não disse isso.

— Oh, Tommy, você tem toda a razão, mas não vamos discutir.

— Eu não estou discutindo. Já disse tudo o que tinha a dizer e você também. — Não aguento mais, pensou angustiado, sabendo que ela estava tão infeliz quanto ele e sem poder fazer nada. Quando Meshang o desafiou na frente dela e de Zarah, há duas noites atrás, o pesadelo tinha começado e ainda não acabara, afastando-os um do outro, levando-o às raias da loucura. Dois dias e duas noites de lágrimas de desespero, e ele repetindo sem parar: "Não se preocupe, nós vamos dar um jeito, Xarazade", e depois discutindo o futuro. Que futuro?, perguntou ao seu reflexo no espelho, prestes a explodir de novo.

— Aqui está o seu café, Tommy querido.

Ele o aceitou, inflexível e zangado, e se sentou numa cadeira em frente a ela, sem olhá-la. O café estava quente e delicioso, mas não lhe tirou o gosto amargo da boca, e ele o deixou quase intato, levantou-se e foi apanhar a sua jaqueta. Graças a Deus tenho um voo hoje para Kowiss, pensou.

Droga!

— Quando eu o vejo de novo, querido, quando é que você volta?

Ele deu de ombros, odiando a si mesmo, com vontade de tomá-la nos braços e falar-lhe sobre a profundidade do seu amor, mas ele já tinha passado por esta agonia quatro vezes nos últimos dois dias e ela ainda estava tão inflexível quanto o irmão.

— Deixar o Irã? Sair de casa para sempre? Ela tinha exclamado. Oh, eu não posso, não posso!

— Mas não será para sempre, Xarazade. Nós passaremos algum tempo em Al Shargaz e depois iremos para a Inglaterra, você vai adorar a Inglaterra, a Escócia e Aber...

— Mas Meshang disseque...

— Foda-se Meshang! — Ele tinha gritado e visto o medo dela e isso só tinha aumentado a sua fúria.

— Meshang não é Deus Todo-Poderoso, por favor! Ele não sabe de nada. — E ela soluçara como uma criança apavorada, afastando-

se dele. — Oh, Xarazade, eu sinto muito... — E ele a tomara nos braços, quase cantando o amor que sentia por ela, retendo-a em segurança nos seus braços.

— Tommy, querido, ouça, você estava certo e eu estava errada, a culpa foi minha, mas eu sei o que fazer, amanhã eu vou procurar Meshang, vou convencê-lo a nos dar uma mesada e... o que foi?

— Você não ouviu nem uma palavra do que eu disse.

— Oh, ouvi sim, ouvi com toda a atenção, por favor, não fique zangado outra vez, você tem razão em ficar zangado, mas eu ouvi...

E ele respondeu, zangado: — Você não ouviu o que Meshang disse? Nós não temos dinheiro. O dinheiro acabou, o prédio acabou, ele tem controle total sobre o dinheiro da família, total, e a menos que você obedeça a ele e não a mim, você não receberá mais um tostão. Mas isso não tem importância, eu posso ganhar o suficiente para nós dois! Eu posso! A questão é que temos que deixar Teerã. Por algum tempo.

— Mas eu não tenho documentos, não tenho, Tommy, não posso consegui-los agora e Meshang tem razão quando diz que se eu sair sem documentos eles nunca mais me deixarão voltar, nunca.

Mais lágrimas e mais discussão, sem conseguir fazê-la entender, mais lágrimas até que foram se deitar, tentando dormir sem conseguir, nenhum dos dois.

— Você pode ficar aqui, Tommy. Por que você não pode ficar, Tommy?

— Oh, pelo amor de Deus, Xarazade, Meshang deixou isso bem claro. Eu não sou desejado aqui, os estrangeiros estão fora. Nós iremos para outro lugar. Nigéria ou Aberdeen, qualquer outro lugar.

Arrume a mala. Você embarcará no 125 e nós nos encontraremos em Al Shargaz. Você tem um passaporte canadense. Você é canadense!

— Mas eu não posso partir sem documentos — ela gemeu e soluçou, repetindo sempre os mesmos argumentos e derramando mais lágrimas.

Então, na véspera de manhã, com ódio de si mesmo, ele deixara o orgulho de lado e fora ao bazar para falar com Meshang, para

tentar fazê-lo ceder — tudo o que ia dizer fora cuidadosamente ensaiado. Mas ele tinha se deparado com um muro que ia até o céu.

— Meu pai tinha interesses na CHI que, evidentemente, passaram para mim.

— Oh, isso é ótimo, isso faz uma grande diferença, Meshang.

— Isso não faz nenhuma diferença. A questão é como você pretende pagar as suas dívidas, pagar à sua ex-mulher e sustentar a minha irmã e o filho dela sem uma grande dose de caridade.

— Um emprego não é caridade, Meshang, não é caridade. Poderia ser muito lucrativo para nós dois.

Eu não estou sugerindo uma sociedade, nada disso, eu trabalharia para você. Você não entende do negócio de helicópteros, eu sim, de trás para frente. Eu poderia dirigir a nova sociedade para você, torná-la lucrativa imediatamente. Eu conheço pilotos e sei como operar. Conheço todo o Irã, quase todos os campos de petróleo. Isso resolveria tudo para nós dois. Eu trabalharia como louco para proteger os interesses da família, nós ficaríamos no Irã, Xarazade poderia ter o bebê aqui e...

— O Estado islâmico só vai contratar pilotos iranianos, o ministro Kia me garantiu. Cem por cento.

Subitamente, ele compreendera. O seu mundo desabou.

— Ah, agora estou entendendo, sem exceções, hein? Especialmente eu. E viu Meshang dar de ombros desdenhosamente.

— Eu estou muito ocupado. Para ser franco, você não pode ficar no Irã. Você não tem nenhum futuro no Irã, Xarazade não tem nenhum futuro com você e ela nunca se exilará para sempre, o que vai acontecer se ela partir sem a minha permissão e sem documentos apropriados. Portanto, vocês têm que se divorciar.

— Não.

— Mande Xarazade de volta do apartamento do khan, esta tarde, aliás, mais uma caridade, e saia imediatamente de Teerã. O casamento de vocês não foi muçulmano, logo não vale nada. A cerimônia civil canadense será anulada.

— Xarazade nunca concordará com isso.

— Ah, é? Esteja em minha casa às seis horas da tarde e nós resolveremos isso. Depois que você tiver partido, eu saldarei todas

as suas dívidas no Irã, não posso ter dívidas ameaçando o nosso bom nome. Às seis horas em ponto. Bom dia.

Ele não se lembrava de como tinha voltado para o apartamento, depois contara tudo a ela e ela chorara ainda mais e depois tinham ido para a casa dos Bakravan naquela noite e Meshang repetira tudo o que dissera antes, furioso com as súplicas de Xarazade.

— Não seja ridícula, Xarazade! Pare de se lamentar, isso é para o seu próprio bem, para o bem do seu filho e da família. Se você partir com um passa porte canadense e sem documentos iranianos, você nunca terá permissão para voltar. Morar em Aberdeen? Que Deus a proteja, você morreria de frio no fim de um mês e o seu filho também. A babá Jari não irá com você, e nem ele poderia pagar por ela; ela não é louca, não vai abandonar o Irã e a família dela para sempre. Você nunca mais tornará a ver-nos, pense nisso... pense no seu filho... — E repetiu isto várias vezes até que Xarazade ficou fora de si e Tommy também.

— Tommy.

Isto o despertou do seu devaneio.

— Sim? — perguntou, percebendo o velho tom de voz que ela estava usando.

— Você vai me deixar para sempre? — perguntou em farsi.

— Eu não posso ficar no Irã — ele respondeu, em paz agora, com a doçura dela apaziguando-o. — Quando fecharmos a companhia aqui, não haverá emprego para mim, eu não tenho dinheiro, e mesmo que o prédio não tivesse pegado fogo... bem, eu nunca fui de pedir esmolas. — Seus olhos não tinham ódio. — Meshang tem razão sobre uma porção de coisas. A vida comigo não seria grande coisa e você tem razão em ficar, sem documentos seria mesmo perigoso partir e você tem que pensar na criança, eu sei disso. E há também... não, deixe-me terminar disse docemente, não permitindo que ela falasse... — há também o HBC. — Isto o fez lembrar-se do primo dela, Karim. Mais uma coisa terrível que ela teria que saber. Pobre Xarazade...

— Você está me deixando para sempre?

— Estou partindo hoje para Kowiss. Ficarei lá alguns dias e depois irei para Al Shargaz. Vou ficar lá um mês, esperando. Isto vai

lhe dar tempo para refletir, para decidir o que quer fazer. Para entrar em contato comigo, basta enviar uma carta ou telex aos cuidados do aeroporto de Al Shargaz. Se você quiser ir se encontrar comigo, a embaixada canadense providenciará tudo imediatamente, já tratei disso... e é claro que ficarei em contato com você.

— Através de Mac?

— Através dele ou de alguma outra forma.

— Você vai se divorciar de mim?

— Não, nunca. Se você quiser o divórcio ou... deixe-me colocar de outra forma, se você achar que isso é necessário para proteger o nosso filho ou por qualquer outro motivo, então eu farei o que você quiser.

Eles ficaram em silêncio e ela o observou, com uma expressão estranha nos seus enormes olhos escuros, parecendo mais madura do que antes e, no entanto, muito mais jovem e mais frágil, com a camisola transparente envolvendo sua pele dourada, os cabelos soltos cobrindo os ombros e os seios.

Lochart sentiu-se totalmente impotente, morrendo por dentro, querendo ficar mas sabendo que não havia mais razão para isso. Já foi dito tudo e agora depende dela. Se eu fosse ela, não hesitaria, pediria o divórcio, aliás, nunca me teria casado. Ele disse em farsi:

— Cuide-se bem, meu amor.

— E você também, meu amor.

Ele apanhou a jaqueta e saiu. Logo depois, ela ouviu a porta da frente bater. Durante um longo tempo, ficou olhando para a porta por onde ele tinha saído, depois, pensativa, serviu-se de café e começou a tomá-lo, quente, forte, doce e reanimador. Seja como Deus quiser, disse a si mesma, sentindo-se em paz. Ou ele volta ou não volta. Ou Meshang acaba cedendo ou não. De qualquer maneira, eu preciso ser forte e comer por dois e ter bons pensamentos enquanto carrego o meu filho. Ela tirou a casca de um ovo. Estava perfeitamente cozido e delicioso.

NO APARTAMENTO DE McIVER: 11:50H.

Pettikin entrou na sala carregando uma mala e ficou surpreso ao ver o criado, Ali Babá, limpando o aparador.

— Eu não o ouvi entrar. Pensei ter-lhe dado o dia de folga — disse irritado, pousando a mala no chão.

— Oh, sim, aga, mas há muito o que fazer aqui, o apartamento está imundo e a cozinha... — E revirou os olhos eloquentemente.

— Sim, sim, é verdade, mas você pode começar amanhã. — Pettikin viu-o lançar um olhar para a mala e praguejou. Logo depois do café, ele mandara Ali Babá tirar o dia de folga com instruções de voltar à meia-noite, o que normalmente significava que ele não voltaria até a manhã seguinte. — Agora trate de ir.

— Sim, aga, o senhor vai sair de férias ou de licença?

— Não, eu, ahn, vou passar uns dias com um dos pilotos, portanto trate de limpar o meu quarto amanhã. Oh, sim, é melhor você me dar a sua chave, eu não sei onde deixei a minha. — Pettikin estendeu a mão, danado por não ter pensado nisso antes. Com uma estranha relutância, Ali Babá entregou-lhe a chave. — O capitão McIver quer ficar sozinho aqui, ele tem um trabalho para fazer e não quer ser incomodado. Vejo-o em breve, até logo!

— Mas, aga...

— Até logo! — Ele viu se Ali Babá estava levando o casaco, abriu a porta e quase o empurrou para fora, tornando a fechá-la. Nervosamente, deu uma olhada no relógio. Quase meio-dia e nada de McIver, e eles já deveriam estar no aeroporto. Foi até o quarto, apanhou a outra mala, já arrumada, que estava no armário, depois voltou e colocou-a ao lado da outra, perto da porta.

Duas malas pequenas e um saco, pensou. Não é muita coisa depois de todos esses anos aqui no Irã.

Não importa, eu prefiro viajar com pouca bagagem e talvez desta vez possa ter sorte e ganhar mais dinheiro ou começar algum negócio, e ainda há Paula. Como é que eu vou poder tornar a casar?

Casar? Você está louco? O máximo que você pode conseguir é um caso. Sim, mas bem que eu gostaria de me casar com ela e...

O telefone tocou e ele deu um pulo, de tão desabitado que estava com o barulho. Atendeu com o coração batendo.

— Alô.

— Charlie? Sou eu, Mac, graças a Deus que este maldito aparelho está funcionando. Resolvi arriscar. Estou atrasado.

— Está com algum problema?

— Não sei, Charlie, mas vou ter que ir ver Ali Kia. O filho da mãe mandou seu maldito assistente e um Faixa Verde para me apanharem.

— Que diabo ele quer com você? — Lá fora, por toda a cidade, os muezins começavam a chamar os fiéis para a oração de meio-dia, perturbando-o.

— Não sei. O encontro é daqui a meia hora. É melhor você ir para o aeroporto e eu chegarei lá assim que puder. Faça com que Johnny Hogg atrase a partida.

— Certo, Mac. E quanto à sua bagagem, está no escritório?

— Eu a tirei daí hoje cedo, enquanto Ali Babá estava roncando, e ela está na mala da Lulu. Charlie, na cozinha tem um dos panos bordados por Genny, "abaixo a torta de carne". Enfie-o na sua mala para mim, sim? Ela me mataria se eu o deixasse. Se tiver tempo, irei até aí para ver se está tudo em ordem.

— Quer que eu feche o gás ou desligue a eletricidade?

— Cristo, não sei. Deixe assim mesmo, está bem?

— Está bem. Tem certeza de que não quer que eu espere? — perguntou, com as vozes metálicas dos muezins falando pelos alto-falantes aumentando a sua inquietação. — Eu não me importo de esperar.

Talvez seja melhor, Mac.

— Não, você vai indo. Eu estarei lá assim que puder. Até logo.

— Até logo. — Pettikin franziu as sobrancelhas, depois, conseguindo o sinal de discar, ligou para o escritório deles no aeroporto. Para seu espanto, a ligação foi completada.

— Helicópteros Iranianos, alô?

Ele reconheceu a voz do gerente de cargas.

— Bom dia, Adwani, aqui é o capitão Pettikin. O 125 já chegou?

— Ah, capitão, sim, deve pousar dentro de poucos minutos.

— O capitão Lane está aí?

— Sim, um momento...

Pettikin esperou, imaginando o que Kia poderia querer.

— Alô, Charlie, aqui é Nogger. Você tem amigos importantes?

— Não, o telefone simplesmente voltou a funcionar. Pode falar em particular?

— Não. Não é possível. O que está havendo?

— Eu ainda estou no apartamento. Mac está atrasado. Ele vai ter que se encontrar com Ali Kia. Estou saindo para o aeroporto agora e ele vai para aí diretamente do escritório de Kia. Você está pronto para carregar?

— Sim, Charlie, estamos enviando os motores para conserto conforme o capitão McIver mandou.

Estamos seguindo todas as instruções.

— Ótimo. Os dois mecânicos estão aí?

— Sim. Essas duas peças também estão prontas para serem embarcadas.

— Ótimo. Nenhum problema?

— Até agora não, meu chapa.

— Até já então. — Pettikin desligou. Colocou o pano bordado na mala e deu uma última olhada no apartamento, sentindo-se um pouco triste. Bons e maus tempos, mas a melhor época foi quando Paula ficou hospedada aqui. Pela janela, ele notou fumaça sobre Jaleh e agora que as vozes dos muezins tinham-se calado, ele escutou os costumeiros tiros a distância.

— Para o diabo com todos eles — resmungou. Ele se levantou e saiu com a bagagem, trancando cuidadosamente a porta. Quando saiu da garagem, viu Ali Babá se esconder numa entrada do outro lado da rua. Havia dois outros homens desconhecidos com ele. Que diabo aquele safado estará fazendo? pensou inquieto.

NO MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES: 13:07H.

A enorme sala estava gelada apesar da lareira acesa, e o ministro Kia usava um sobretudo de astracã, caríssimo, com um chapéu combinando e estava zangado.

— Eu repito, preciso de transporte para Kowiss amanhã e quero que o senhor me acompanhe.

— Amanhã eu não posso, sinto muito — disse McIver, disfarçando o nervosismo. — Eu ficaria feliz em encontrar-me com o senhor na semana que vem. Digamos na segunda-feira...

— Estou espantado que depois de toda a 'cooperação' que lhe prestei eu ainda tenha que argumentar.

Amanhã, capitão, ou... ou eu cancelarei todas as autorizações para o nosso 125. Aliás, eu o prenderei no solo hoje e o deixarei aqui aguardando investigações.

McIver estava em pé diante da enorme escrivaninha, e Kia estava sentado atrás dela, numa cadeira imensa que o fazia parecer um anão.

— Não poderia ser hoje, Excelência? Nós temos um Alouette para levar para Kowiss. O capitão Lochart está...

— Amanhã. Hoje não. — Kia ficou ainda mais zangado. — Estou mandando como diretor do Conselho: o senhor irá comigo, nós partiremos às dez horas. Está entendendo?

McIver balançou a cabeça, tentando imaginar uma maneira de se livrar da armadilha. Então um plano começou a se esboçar na sua mente.

— Onde o senhor quer se encontrar comigo?

— Onde está o helicóptero?

— Em Doshan Tappeh. Nós vamos precisar de uma autorização. Infelizmente há um major Delami lá, e também um mulá. E eles são muito difíceis, e eu não sei como poderemos conseguir.

Kia fechou ainda mais a cara.

— O primeiro-ministro deu novas ordens com relação a mulás e a interferências com o governo legal e o imã concorda totalmente. É melhor que eles se comportem. Eu o verei amanhã às dez horas e...

Nesse momento, houve uma grande explosão do lado de fora. Eles correram para a janela mas só conseguiram ver uma nuvem de fumaça subindo para o céu na outra esquina.

— Parece ser outro carro-bomba — disse McIver, desanimado. Nos últimos dias, tinha havido várias tentativas de assassinato e ataques de carros-bomba por parte de extremistas de esquerda, a maioria contra aiatolás que exerciam postos importantes no governo.

— Terroristas imundos, que Deus os amaldiçoe e aos seus pais!

— Kia estava francamente assustado, o que agradou a McIver.

— É o preço da fama, ministro — disse, com a voz carregada de preocupação. — Aqueles que ocupam postos importantes, pessoas como o senhor, são os alvos mais procurados.

— Sim... sim... nós sabemos. Malditos terroristas...

McIver foi sorrindo até o carro. Então Kia quer ir para Kowiss. Vou providenciar para que ele chegue lá e o Turbilhão vai continuar conforme o planejado.

Dobrando a esquina, a rua principal, lá na frente, estava parcialmente bloqueada com destroços, um carro ainda estava pegando fogo, outros já estavam queimados, e havia um buraco no asfalto no lugar em que o carro-bomba explodira, destruindo a frente de um restaurante e o banco estrangeiro que ficava ao lado, e vidros espalhados por toda parte. Havia muitas pessoas feridas, alguns mortos e outros morrendo. Pânico, agonia e o fedor de borracha queimada.

O tráfego estava engarrafado para os dois lados. Não havia mais nada a fazer a não ser esperar.

Depois de meia hora a ambulância chegou, junto com alguns Faixas Verdes e um mulá que começaram a dirigir o tráfego. Depois de algum tempo, McIver recebeu ordem de avançar. Ao passar pelos destroços, com todo o tráfego enlouquecido, ele não reparou no corpo decapitado de Talbot, meio enterrado sob os destroços do restaurante, nem reconheceu Ross vestido em roupas civis, inconsciente ali ao lado, imprensado contra a parede, com o casaco rasgado, e sangue saindo do nariz e dos ouvidos.

**NO SAGUÃO DO AEROPORTO DE AL SHARGAZ — DO
OUTRO LADO DO GOLFO: 14:05H.**

Scot Gavallan estava no meio da multidão que esperava ao lado de fora da área de alfândega e imigração, com o braço direito na tipoia. Pelo alto-falante, vinham os avisos de partidas e chegadas de aviões, em árabe e inglês, e o grande balcão de embarque e desembarque fervilhava, bem como os portões de embarque, enfim, todo o terminal. Ele viu o pai passar pela porta verde, seu rosto se iluminou e ele se adiantou para encontrá-lo.

— Oi, papai!

— Oh, Scot, meu rapaz! — Gavallan disse alegremente e abraçou-o com cuidado por causa do ombro. — Como vai você?

— Eu estou ótimo papai, de verdade. Eu lhe disse, agora estou ótimo.

— Sim, estou vendo. — Desde que Gavallan tinha partido na segunda-feira, ele tinha falado muitas vezes com o filho pelo telefone. Mas falar pelo telefone não é a mesma coisa, pensou. — Eu... eu estava tão preocupado...

Gavallan não tinha querido partir, mas o médico inglês do hospital lhe assegurara que Scot estava bem, e havia assuntos urgentes para tratar na Inglaterra e a tão adiada reunião do Conselho para enfrentar.

— O raio-X não mostra nenhuma lesão no osso, sr. Gavallan. A bala atravessou parte do músculo, a ferida foi feia mas vai ficar curada.

Para Scot, o médico dissera: — Vai doer um bocado e você não vai poder pilotar por dois meses ou mais. Quanto às lágrimas...

você também não precisa se preocupar. É uma reação bastante normal quando se leva um tiro. O voo de Zagros para cá também não ajudou... você escapou num caixão, não foi? Isso é o bastante para deixar qualquer um nervoso, imagine depois de ter levado um tiro. Eu ficaria uma pilha. Vamos manter você aqui até amanhã.

— É necessário, doutor? Eu... eu estou me sentindo bem melhor... — Scot tinha se levantado, mas seus joelhos dobraram e ele teria caído se Gavallan não tivesse conseguido segurá-lo.

— Primeiro nós temos que consertá-lo. Uma boa noite de sono e ele estará novinho em folha, sr.

Gavallan, eu juro. — O médico deu um sedativo a Scot e Gavallan ficara com ele, tranquilizando-o a respeito da morte de Jordon.

— Se alguém é responsável, este alguém sou eu, Scot. Se eu tivesse ordenado a evacuação antes do xá partir, Jordon ainda estaria vivo.

— Não, isso não seria certo, papai... as balas eram para mim... Gavallan tinha esperado até ele adormecer. Nessa altura, já tinha perdido a sua conexão, mas conseguiu apanhar o voo da meia-noite e chegou em Londres a tempo.

— Que diabo vai acontecer no Irã? — Linbar perguntara sem preâmbulos.

— Onde estão os outros? — retrucara Gavallan, com firmeza. Só havia mais um diretor na sala, Paul Choy, que tinha o apelido de 'Lucrativo' e que tinha vindo de Hong Kong. Gavallan o respeitava muito pela sua perspicácia nos negócios. A única nuvem entre eles era o envolvimento deste na morte acidental de David MacStruan e na sucessão de Linbar. — Nós deveríamos esperar por eles, vocês não acham?

— Ninguém mais virá — respondeu Linbar. — Eu cancelei sua vinda porque não preciso deles. Eu sou tai-pan e posso fazer o que quiser. Por...

— Não com a S-G Helicópteros. — Gavallan olhou firmemente para Choy. — Eu proponho um adiamento.

— É claro que podemos adiar — Choy disse calmamente — mas que diabo, Andy, eu vim especialmente para isso e nós três damos quorum à reunião, se quisermos votar.

— Eu voto que sim — disse Linbar. — Do que é que você está com medo?

— De nada. Mas...

— Ótimo. Então nós temos quorum. Agora, e quanto ao Irã? — Gavallan controlou a raiva.

— Sexta-feira é o dia D, se o tempo permitir. A operação Turbilhão foi preparada da melhor maneira possível.

— Tenho certeza disso, Andy. — O sorriso de Choy era amigável. — Linbar me disse que você está planejando retirar apenas os 212, não é? — Ele era um homem bem-apegoado, imensamente rico, de

quase quarenta anos, um dos diretores da Struan's e de muitos dos seus conselhos subsidiários há alguns anos e tinha muitos outros interesses fora da Struan's, em navios, produtos farmacêuticos em Hong Kong e no Japão, e no mercado de ações na China. — E quanto aos nossos 206 e Alouettes?

— Vamos ter que deixá-los. É impossível retirá-los. Não há nenhuma maneira. — A sua explicação foi seguida de silêncio.

— Qual é o plano final da Operação Turbilhão? — perguntou Paul Choy.

— Na sexta-feira às sete horas, se o tempo permitir, eu passo pelo rádio a mensagem em código dizendo para iniciarem a operação. Todos os aparelhos decolam. Nós teremos quatro 212 posicionados em Bandar Delam sob o comando de Rudi, eles se dirigirão para Bahrein, serão reabastecidos, e depois seguirão para Al Shargaz; os nossos dois 212 que estão em Kowiss terão que ser reabastecidos na costa e depois seguirão para o Kuwait para se reabastecerem de novo, e depois para Jellet, é uma pequena ilha perto da Arábia Saudita onde nós escondemos combustível, depois seguirão para Bahrein e Al Shargaz. Os três que estão em Lengeh sob o comando de Scragger não deverão enfrentar nenhum problema, eles vão diretamente para Al Shargaz. Eriki vai pela Turquia.

Assim que eles chegarem, nós começaremos a desmontá-los para embarcá-los no 747 que eu já fretei e depois dar o fora o mais depressa possível.

— Quais são as chances de não perdermos nenhum homem e nenhum aparelho? — Choy perguntou, com os olhos subitamente severos. Ele era um conhecido jogador e proprietário de cavalos de corrida e um dos administradores do Jockey Club de Hong Kong. Havia rumores de que era também membro do sindicato de apostas de Macau.

— Eu não sou um homem de apostas. Mas as chances são boas. Senão eu não teria nem pensado nisso. McIver já conseguiu retirar três 212, já é uma economia de mais de três milhões de dólares. Se nós retirarmos todos os nossos 212 e a maior parte das peças, a S-G ficará em boas condições.

— Péssimas condições — disse Linbar, secamente.

— Em melhores condições do que se encontra a Struan's este ano. Linbar enrubesceu.

— Você deveria estar preparado para esta catástrofe, você e o seu maldito McIver. Qualquer idiota podia ver que o xá não se aguentava nas pernas.

— Chega dessa história, Linbar — Gavallan exclamou. — Eu não voltei para brigar, só para comunicar em que pé estão as coisas, então vamos terminar logo com isso para que eu possa apanhar o meu avião de volta. O que mais, Choy?

— Andy, mesmo que você consiga retirá-los, o que me diz do fato da Imperial estar suplantando vocês no mar do Norte, tirando vinte e tantos contratos das mãos de vocês? E há também a sua encomenda de seis X63.

— Uma decisão estúpida e fora de hora — disse Linbar.

Gavallan afastou o olhar de Linbar e se concentrou. Choy tinha o direito de perguntar e ele não tinha nada a esconder.

— Enquanto eu tiver os meus 212, posso voltar à luta; há muito trabalho para eles. Vou começar a negociar com a Imperial na semana que vem. Sei que vou conseguir de volta alguns dos contratos. O resto do mundo está louco atrás de petróleo, e a ExTex vai aparecer com novos contratos na Arábia Saudita, na Nigéria e na Malásia, e quando eles receberem os nossos relatórios sobre os X63, vão dobrar os seus negócios conosco. E as companhias mais importantes farão o mesmo. Nós estaremos em condições de prestar-lhes um serviço melhor, com mais segurança em más condições de tempo, com menor custo por quilômetro por passageiro. O mercado é ótimo, a China estará entrando nele dentro de pouco tempo e...

— Sonhos — disse Linbar. — Você e o maldito Dunross têm a cabeça nas nuvens.

— A China nunca vai servir para nós — disse Choy, com um olhar estranho. — Eu concordo com Linbar.

— Pois eu não. — Gavallan notou algo de estranho com relação a Choy, mas a raiva o fez continuar.

— Vamos esperar para ver. A China tem que ter petróleo em algum lugar, em abundância. Para finalizar, eu estou em grande forma, os lucros do ano passado foram superiores a cinquenta por cento e este ano vão ser iguais ou melhores. Na semana que vem eu...

Linbar interrompeu.

— Na semana que vem você estará fora do mercado.

— Este fim-de-semana é que vai decidir isso. — Gavallan respondeu com um ar de desafio. — Eu proponho que tornemos a nos reunir na próxima segunda-feira. Isso me dará tempo para voltar.

— Paul e eu voltaremos para Hong Kong no domingo. Vamos nos reunir lá.

— Isso não é possível para mim e...

— Então nós vamos ter que passar sem você. — Linbar perdeu a calma. — Se a operação Turbilhão falhar, a S-G Helicópteros estará liquidada, uma nova companhia, a Helicópteros do Mar do Norte, que aliás já está formada, comprará o ativo e eu duvido que paguemos mais de meio centavo por dólar.

Gavallan ficou vermelho.

— Isso é roubo!

— É apenas o preço do fracasso! Por Deus, se a S-G falir, você está acabado e já não será sem tempo no que me diz respeito, e se você não puder comprar a sua própria passagem para a reunião de diretoria, não fará nenhuma falta.

Gavallan estava fora de si de raiva, mas se controlou. Então, com uma súbita inspiração, ele olhou para Choy.

— Se Turbilhão for um sucesso, você me ajudará a comprar a parte de Struan na companhia?

Antes que Choy pudesse responder, Linbar berrou: — A nossa parte não está à venda.

— Talvez devesse estar, Linbar — Choy disse Pensativamente. — Desta forma talvez você consiga sair do buraco em que está metido. Por que não se livrar de um pomo de discórdia? Vocês dois vivem brigando e para quê? Por que não acabar com isso, hein?

Linbar disse tensamente.

— Você financiaria esta operação?

— Talvez. Sim, talvez, mas só se você concordasse, Linbar. Esta é uma questão de família.

— Eu nunca vou concordar, Choy! — O rosto de Linbar se contorceu e ele olhou para Gavallan. — Eu quero vê-lo apodrecendo... você e o seu maldito Dunross!

Gavallan levantou-se.

— Verei vocês na próxima reunião do Conselho Central. Veremos o que eles terão a dizer.

— Eles farão o que eu mandar. Eu sou o tai-pan. Aliás, vou tornar Choy um dos membros.

— Você não pode fazer isso, é contra as regras de Dirk. — Dirk Struan, fundador da Struan's, tinha determinado que todos os membros do Conselho teriam que pertencer à família, por mais distantes que fossem as relações, e teriam que ser cristãos. — Você jurou por Deus obedecer às regras.

— Para o inferno com as regras de Dirk. — Linbar respondeu — Você não tem nada a ver com as regras e nem com a herança de Dirk, só o tai-pan, e o que eu jurei obedecer é problema meu. Você se acha tão esperto, pois não é! Choy tornou-se membro da Igreja Episcopal, no ano passado ele se divorciou e dentro em breve vai se casar com alguém da família, uma das minhas sobrinhas, com a minha bênção. Ele vai ser mais da família do que você! — E deu uma gargalhada.

Gavallan não nu. E nem Choy. Eles se mediram com o olhar, a sorte estava lançada.

— Eu não sabia que você tinha se divorciado — disse Gavallan. — Eu deveria lhe dar os parabéns pela... pela sua nova vida e pela indicação.

— Sim, obrigado — foi tudo o que o seu inimigo disse.

No aeroporto de Al Shargaz, Scot se abaixou para apanhar a mala do pai, com os outros passageiros passando apressados, mas Gavallan disse: — Obrigado, Scot, pode deixar. — E apanhou a mala. — Eu estou precisando de um banho e de umas duas horas de sono. Detesto viajar à noite.

— Genny está esperando lá fora com o carro. — Scot tinha notado o cansaço do pai desde o primeiro momento. — Você teve muitos problemas em Londres?

— Não, não, de jeito nenhum. Estou contente por você estar tão bem. Quais são as novidades aqui?

— Está tudo ótimo, papai, andando de acordo com os planos. Como um relógio.

NOS SUBÚRBIOS AO NORTE DE TEERÃ: 14:35H.

Jean-Luc, elegante como sempre no seu uniforme bem cortado e botas sob medida, saltou do táxi. Como tinha prometido, ele pegou uma nota de cem dólares e rasgou-a cuidadosamente ao meio.

—Voilà! O motorista examinou a sua metade da nota cuidadosamente.

— Só uma hora, aga! Em nome de Deus, aga, não mais do que isso?

— Uma hora e meia, conforme combinamos, depois diretamente de volta para o aeroporto. Eu vou levar alguma bagagem.

— Insha'Allah! — O motorista olhou em volta nervosamente. — Eu não posso esperar aqui. Há muitos olhos. Uma hora e meia. Vou ficar na esquina. Ali! — Ele apontou em frente e arrancou.

Jean-Luc subiu as escadas e abriu a porta do apartamento 4a, que dava para a rua arborizada e que estava virado para o sul. Aquele era o canto dele, embora sua esposa, Marie-Christine, o tivesse achado e arrumado para ele e ficasse lá durante as suas raras visitas. Um quarto, com uma cama baixa e espaçosa, uma cozinha bem equipada, uma sala com um sofá confortável, uma boa vitrola e toca-fita: — Para distrair as suas amigas, chéri, desde que você não importe nenhuma para a França!

— Eu, chérie? Eu sou um amante, não um importador!

Ele sorriu para si mesmo, satisfeito por estar em casa e só um pouco irritado por ser obrigado a deixar tanta coisa — a vitrola era

das melhores, os discos ótimos, o sofá charmoso, a cama tão confortável, o vinho dera tanto trabalho para conseguir, e ainda havia os seus apetrechos de cozinha.

— Espèce de con — disse em voz alta e foi até o quarto e experimentou o telefone. Não estava funcionando.

Tirou uma mala de dentro do armário bem organizado e começou a arrumá-la, com rapidez e eficiência, pois já tinha pensado muito sobre o que iria levar. Primeiro as suas facas favoritas e a sua panela de omelete, depois seis garrafas dos melhores vinhos, as outras quarenta e tantas ficariam lá para o próximo inquilino, um inquilino temporário, caso ele um dia voltasse, que estava alugando o apartamento dele a partir do dia seguinte — que ia pagar em francos franceses, depositando na Suíça o aluguel mensal adiantadamente, com mais um bom depósito em dinheiro para consertos, também adiantado.

O acordo já estava sendo negociado desde antes dele sair de licença no Natal. Enquanto todo mundo ainda estava de antolhos, eu estava tomando as minhas providências. Mas é claro que eu levo uma grande vantagem sobre os outros. Eu sou francês.

Ele continuou a fazer a mala alegremente. O novo morador também era francês, um amigo idoso da embaixada que há semanas vinha precisando arranjar uma garçonnière bem equipada para a sua amante adolescente georgiana-circassiana que estava jurando que iria deixá-lo a menos que ele lhe arranjasse um apartamento: — Jean-Luc, meu querido amigo, deixe-me alugá-lo por um ano, seis meses, três. Eu lhe digo enfaticamente, dentro em pouco, os únicos europeus residentes aqui serão diplomatas. Não diga a mais ninguém, mas eu ouvi isso de uma pessoa importante ligada a Khomeini, em Neauphle-le-Château! Francamente, nós sabemos de tudo o que está acontecendo. Muitos dos assessores mais íntimos de Khomeini não falam francês e não foram educados em universidades francesas? Por favor, eu imploro, eu simplesmente tenho que satisfazer à luz da minha vida.

Meu pobre amigo, Jean-Luc pensou tristemente. Graças a Deus eu nunca terei que me ajoelhar para nenhuma mulher — que sorte

tem Marie-Christine por estar casada comigo que posso zelar sabiamente pela sua fortuna!

Os últimos artigos que ele guardou na mala foram os seus instrumentos de voo e meia dúzia de pares de óculos escuros. Ele tinha guardado todas as suas roupas num armário trancado. É claro que eu serei indenizado pela companhia e comprarei roupas novas. Quem é que precisa de roupas velhas?

Agora ele já tinha acabado, estava tudo bem arrumado. Olhou para o relógio. Só tinha levado 22 minutos. Perfeito. A La Doucette que estava na geladeira estava gelada, apesar dos cortes de eletricidade, a geladeira ainda estava funcionando. Ele abriu a garrafa e experimentou-a. Perfeita.

Três minutos mais tarde alguém bateu na porta. Perfeito.

— Sayada, chérie, como você está linda — disse afetuosamente e beijou-a, mas estava pensando, você não está com uma aparência nada boa, parece cansada e desanimada. — Como vai você, chérie?

— Eu tive um resfriado, nada de sério — respondeu. Naquela manhã, ela tinha visto as suas olheiras e as rugas de preocupação no espelho e sabia que Jean-Luc notaria. — Nada sério e agora já estou boa. E você, chéri?

— Hoje estou bem. Amanhã? — E deu de ombros, ajudou-a a tirar o casaco, levantou-a nos braços com facilidade e atirou-se no sofá. Ela era muito bonita e ele estava triste por deixá-la. E por deixar o Irã. Como a Argélia, pensou.

— Em que está pensando, Jean-Luc?

— Em 1963, quando fui obrigado a sair da Argélia. De certa forma, igual ao Irã. Nós estamos sendo forçados a sair do mesmo jeito. — Ele a sentiu estremecer nos seus braços. — O que foi?

— O mundo às vezes é tão horrível. — Sayada nunca lhe contara nada sobre a sua vida real. — Tão injusto — disse enojada, lembrando-se da guerra de 1967 em Gaza e da morte dos seus pais, depois da sua fuga. A história dela era muito parecida com a dele. Lembrando-se também do horror da morte de Teymour e deles. Ela sentiu uma onda de náusea ao pensar no jovem Yassar e no que eles fariam com o seu filho caso ela não se comportasse. Se ao menos eu conseguisse descobrir quem são eles...

Jean-Luc estava servindo o vinho que tinha posto na mesa.

— Não é bom ficarmos sérios, chérie, não temos muito tempo.

Sanié! O vinho estava gelado e delicioso.

— Quanto tempo? Você não vai ficar?

— Eu tenho que partir dentro de uma hora.

— Para Zagros?

— Não, chérie, para o aeroporto, e depois para Kowiss.

— E quando você volta?

— Eu não voltarei — ele disse e sentiu-a retesar-se. Mas ele a abraçou com firmeza e, um instante depois, ela tornou a relaxar, e ele continuou. Não havia motivo para não confiar nela. — Só entre nós, Kowiss é temporário, extremamente. Nós estamos saindo do Irã, a companhia toda. É óbvio que não somos desejados, não podemos mais operar livremente, a companhia não está sendo paga. Nós fomos expulsos de Zagros, um dos nossos mecânicos foi morto por terroristas há poucos dias e o jovem Scot Gavallan escapou de ser morto por um milímetro. Então só vamos dar o fora. C'est fini.

— Quando?

— Em breve. Não sei exatamente.

— Eu... eu vou sentir... vou sentir saudades de você, Jean-Luc — ela disse e chegou mais perto.

— E eu vou sentir saudades de você, chérie — ele respondeu gentilmente, notando as lágrimas silenciosas que corriam pelo seu rosto. — Quanto tempo você vai ficar em Teerã?

— Eu não sei. — Ela disfarçou a tristeza. — Vou lhe dar um endereço em Beirute, eles saberão onde me encontrar.

— Você pode me encontrar através de Aberdeen.

Eles ficaram sentados no sofá, ela deitada nos braços dele, o relógio sobre a lareira, que geralmente batia tão baixinho, agora estava batendo tão alto, com ambos conscientes do tempo que estava passando e do fim que tinha chegado, não por vontade deles.

— Vamos fazer amor — ela murmurou, sem vontade, mas sabendo que aquilo era esperado dela.

— Não — ele disse galantemente, fingindo ser forte, sabendo que era esperado que ele fosse para a cama e que depois eles se

vestissem e fossem franceses e sensatos a respeito do fim do seu caso. Ele olhou para o relógio. Restavam 43 minutos.

— Você não me quer?

— Mais do que nunca. — Ele acariciou-lhe os seios e roçou-lhe o pescoço com os lábios, seu perfume era leve e agradável, pronto para começar.

— Fico contente — ela murmurou com a mesma voz doce — e mais contente ainda por você ter dito não. Eu quero você, mas não por alguns minutos —, Não agora. A pressa estragaria tudo.

Por um momento, ele ficou perdido, sem esperar aquele lance no jogo que estavam jogando. Mas agora que tinha sido dito, ele também ficou satisfeito. Como ela era corajosa em renunciar a tanto prazer, pensou, amando-a profundamente. Era muito melhor recordar os bons momentos do que fazer as coisas apressadamente. Isso realmente me poupa um bocado de esforço e eu não verifiquei se havia água quente. Agora nós podemos sentar, conversar e apreciar o vinho, chorar um pouco e nos sentir felizes.

— Sim, eu concordo. — Mais uma vez ele roçou-lhe o pescoço com os lábios. Ele a sentiu tremer e por um momento ficou tentado a provocá-la. Mas decidiu não fazê-lo. Pobrezinha, por que atormentá-la?

— Como é que vocês todos vão partir, querido?

— Nós vamos voar juntos. Vinho?

— Sim, sim, por favor, está tão bom. — Ela tomou o vinho, enxugou as lágrimas e conversou com ele, investigando essa extraordinária retirada. Tanto eles quanto a Voz achariam tudo isso extremamente interessante, talvez isso até a fizesse descobrir quem eles eram. Enquanto eu não souber, não poderei proteger o meu filho. Oh, Deus, ajude-me a encurralá-los.

— Eu o amo tanto, chéri — ela disse.

NO AEROPORTO DE TEERÃ: 18:05H.

Johnny Hogg, Pettikin e Nogger olharam para McIver sem entender.

— Você vai ficar? Não vai partir conosco? — Pettikin gaguejou.

— Não. Já disse — McIver respondeu bruscamente. — Tenho que acompanhar Kia a Kowiss amanhã. — Eles estavam ao lado do carro dele no estacionamento, longe de ouvidos estranhos, o 125 estava no pátio, operários embarcavam as últimas peças, com o inevitável grupo de Faixas Verdes observando. E um mulá.

— Nós nunca vimos esse mulá antes — disse Nogger, nervosamente, tentando disfarçar como todos os outros.

— Ótimo. Está todo mundo pronto para embarcar?

— Sim, Mac, exceto Jean-Luc. — Pettikin estava muito inquieto. — Você não acha melhor esquecer Kia?

— Isto seria loucura, Charlie. Não há nada com que se preocupar. Você pode organizar tudo no aeroporto de Al Shargaz com Andy. Eu estarei lá amanhã. Vou embarcar no 125 amanhã, em Kowiss, junto com o restante dos rapazes.

— Mas pelo amor de Deus, todos eles têm autorizações, você não — disse Nogger.

— Pelo amor de Deus, Nogger, nenhum de nós está autorizado a sair daqui — disse McIver, rindo.

— Como vamos ter certeza dos nossos rapazes de Kowiss até que eles estejam voando e fora do espaço iraniano? Não há motivo para preocupações. Vamos cuidar de uma coisa de cada vez, nós temos que mandar ao ar esta parte do espetáculo — Ele olhou para o táxi que estava parando. Jean-Luc saltou, entregou ao motorista a outra metade da nota e se aproximou carregando uma mala.

— Alors, mes amis — disse com um sorriso satisfeito. — Ça marche?

McIver suspirou. — Muito leal de sua parte anunciar que está saindo de férias, Jean-Luc

— O quê?

— Deixa pra lá. — McIver gostava de Jean-Luc pela sua habilidade, sua cozinha e sua sinceridade.

Quando Gavallan contara a Jean-Luc a respeito do Turbilhão, Jean-Luc dissera imediatamente: — Não há dúvida de que retirarei um dos 212 de Kowiss, desde que eu possa estar no voo de quarta-feira para Teerã e possa ficar umas duas horas por lá.

— Para fazer o quê?

— Mon Dieu, vocês ingleses! Para dizer adieu ao imã, quem sabe? — McIver sorriu para o francês. — Como estava Teerã?

— Magnifique! — Jean-Luc devolveu o sorriso e pensou: Há muito tempo que não vejo Mac com um ar tão jovem. Quem será a moça? — Et toi, mon vieux!

— Vou muito bem. — Atrás dele, McIver viu Jones, o copiloto, descer os degraus de dois em dois, dirigindo-se para onde eles estavam. Agora não havia mais caixotes no chão e a turma de solo iraniana estava voltando para o escritório.

— Está tudo pronto a bordo?

— Tudo pronto, capitão, exceto pelos passageiros — disse Jones, com calma. — A torre de controle está ficando nervosa e diz que estamos atrasados. Venham o mais rápido que puderem, certo?

— Você ainda tem autorização para parar em Kowiss?

— Sim, sem problemas. McIver respirou fundo.

— Está bem, aqui vamos nós, exatamente como planejamos, exceto que eu vou levar os papéis, Johnny. — Johnny Hogg entregou-lhe os papéis e os três, McIver, Hogg e Jones, foram na frente, direto para o mulá, na esperança de distrai-lo. Conforme eles tinham combinado de antemão, os dois mecânicos já estavam a bordo, ostensivamente como carregadores.

— Bom dia, aga — disse McIver, e estendeu os papéis para o mulá, bloqueando a visão da escada.

Nogger, Pettikin e Jean-Luc subiram a escada rapidamente e desapareceram lá dentro.

O mulá folheou os papéis, obviamente desacostumado com aquilo.

— Bom. Agora inspeção — disse, com um sotaque carregado.

— Não há necessidade disso, aga — McIver parou. O mulá e os dois guardas já estavam se dirigindo para a escada. — Assim que

vocês estiverem a bordo, ligue os motores, Johnny — disse baixinho e seguiu-os.

A cabine estava cheia de caixotes, os passageiros já estavam sentados com os cintos amarrados.

Todos os olhos evitaram cuidadosamente o mulá. O mulá olhou para eles.

— Quem são os homens?

McIver disse animadamente — Turmas de substituição, aga. — Sua excitação cresceu quando os motores começaram a roncar. Ele apontou ao acaso para Jean-Luc. — Piloto para substituição em Kowiss, aga. — Depois, com mais pressa ainda: — O komiteh da torre quer que o aparelho parta imediatamente. Depressa, sim?

— O que há nos caixotes? — O mulá olhou para a cabine do piloto quando Johnny Hogg gritou num farsi perfeito: — Desculpe interromper, Excelência, seja como Deus quiser, mas a torre está ordenando que decolemos imediatamente. Com a sua permissão, por favor?

— Sim, sim, é claro, Excelência piloto. — O mulá sorriu. — O seu farsi é muito bom, Excelência.

— Obrigado, Excelência, que Deus o proteja, e que abençoe o imã.

— Obrigado, Excelência piloto, que Deus o proteja. — O mulá saiu. Quando estava saindo, McIver inclinou-se para a cabine.

— O que foi que você disse, Johnny? Eu não sabia que você falava farsi.

— Eu não falo — Hogg disse secamente. — Eu acabei de aprender aquela frase, achei que podia ajudar.

— Você vai para o primeiro lugar da classe! — McIver sorriu e depois abaixou a voz. — Quando chegar em Kowiss, faça Duke conseguir com 'Pé-quente', seja lá como for, que os rapazes partam o mais cedo possível. Eu não quero Kia lá quando eles partirem. Diga a ele para tirá-los de lá bem cedo, do jeito que for. Certo?

— Sim, é claro, eu tinha me esquecido disso. É uma ideia muito boa.

— Tenha um bom voo. Vejo você em Al Shargaz. — E ergueu os polegares para eles animadamente enquanto eles taxiavam pela

pista.

Assim que decolaram, Nogger explodiu: — Nós conseguimos! — Todo mundo se juntou a ele, exceto Jean-Luc, que se benzeu supersticiosamente e Pettikin, que bateu na madeira.

— Merde — Jean-Luc exclamou. — Guarde o seu entusiasmo, Nogger, você pode ficar preso em Kowiss. Poupe o seu entusiasmo para sexta-feira, muita coisa pode acontecer entre hoje e sexta.

— Você tem razão, Jean-Luc — disse Pettikin, do assento da janela ao lado dele, vendo o aeroporto ficar para trás. — Mac estava de bom humor. Há meses que não o via tão contente e ele estava desanimado hoje de manhã. É estranho como as pessoas podem mudar.

— Sim, estranho. Eu ficaria muito zangado se tivesse que mudar os meus planos dessa maneira. — Jean-Luc estava procurando uma posição confortável e se encostou no assento, pensando em Sayada e na despedida deles que tinha sido docemente triste. Olhou para Pettikin e viu que ele estava com um ar preocupado. — O que foi?

— De repente, fiquei pensando como é que Mac vai chegar em Kowiss.

— De helicóptero, é claro. Ainda há dois 206 e um Alouette.

— Tom levou o Alouette para Kowiss hoje e não há mais nenhum piloto lá.

— Então ele vai de carro, é claro. Por quê?

— Você não acha que ele seria suficientemente louco para ir pilotando, acha?

— Você está louco? É claro que não, ele não é... — Jean-Luc franziu a testa — Merde, ele é bastante maluco para isso.

NO QG DO SERVIÇO SECRETO; 18:30H.

Hashemi Fazir estava em pé diante da janela do seu amplo escritório, olhando por sobre os telhados da cidade e dos minaretes, enormes cúpulas de mesquitas no meio dos modernos hotéis e

edifícios, com o último dos chamados dos muezins ainda ecoando. Uma quantidade um pouco maior de luzes acesas do que de costume. Tiros ao longe.

— Filhos de um cão — resmungou, depois, sem se virar, disse asperamente: — Foi só isso que ela falou?

— Sim, Excelência, "dentro de poucos dias". Ela disse que tinha "quase certeza" de que o francês não sabia exatamente quando iriam partir.

— Ela devia ter-se certificado. Negligente. Agentes negligentes são perigosos. Apenas 212, hein?

— Sim, ela tinha certeza quanto a isso. Eu concordo que foi negligente e que deve ser castigada.

Hashemi percebeu o prazer malicioso na voz mas não deixou que isso perturbasse o seu bom humor, deixou simplesmente a sua mente vagar, decidindo o que fazer a respeito de Sayada Bertolin e sua informação. Ele estava muito satisfeito consigo mesmo.

Hoje tinha sido um dia excelente. Um dos seus associados secretos fora nomeado o número dois de Abrim Pahmudi na Savama. Ao meio-dia, um telex de Tabriz confirmara a morte de Abdullah Khan.

Imediatamente, ele passara um telex de volta para conseguirem um encontro no dia seguinte com Hakim Khan e requisitara um dos aviões da Savama. A operação para mandar Talbot para o inferno fora realizada com êxito e ele não encontrara nenhuma pista dos responsáveis — um time do Grupo Quatro — quando inspecionou a área bombardeada, já que, evidentemente, ele fora chamado imediatamente. Os que estavam por perto não tinham visto ninguém estacionar o carro: — Num momento havia a paz de Deus, no outro a fúria de Satã.

Há uma hora atrás, Abrim Pahmudi telefonara pessoalmente, ostensivamente para lhe dar os parabéns. Mas ele evitara a armadilha e negara cautelosamente que a explosão tivesse algo a ver com ele — é melhor não chamar atenção para a semelhança com o primeiro carro-bomba que matou o general Janan, é melhor deixar Pahmudi sem saber e sob pressão. Ele disfarçara o riso e

dissera gravemente: — Seja como Deus quiser, Excelência, mas este foi outro ataque terrorista dos malditos esquerdistas.

Talbot não era o alvo, embora a sua morte tenha convenientemente eliminado esse problema. Sinto dizer, mas o ataque foi, mais uma vez, contra os partidários do imã. — Culpar os terroristas e dizer que o ataque fora contra os aiatolás e mulás que costumavam frequentar o restaurante iria assustá-los e isso desviaria a pista de Talbot e evitaria uma possível retaliação britânica. Certamente da parte de Robert Armstrong se ele viesse a descobrir, e assim ele esmagava vários escorpiões com uma só pedra.

Hashemi virou-se e olhou para o homem de rosto esperto, Suliman al Wiali, o líder do Grupo Quatro que tinha colocado o carro-bomba de hoje — o mesmo homem que apanhara Sayada Bertolin no quarto de Teymour.

— Dentro de poucos minutos estarei partindo para Tabriz. Estarei de volta amanhã ou depois. Um inglês alto, Robert Armstrong, estará comigo. Designe um dos seus homens para segui-lo, certifique-se de que o homem saiba onde Armstrong mora, depois faça-o acabar com ele de algum modo, em algum lugar no meio da rua, depois que escurecer. Não o faça você mesmo.

— Sim, Excelência. Quando?

Hashemi tornou a passar em revista o seu plano e não encontrou nenhuma falha.

— No dia seguinte.

— Este é o mesmo homem com quem o senhor quis que Sayada dormisse?

— Sim. Mas agora eu mudei de ideia. — Robert não tem mais nenhum valor, pensou. Mais do que isso, a sua hora chegou.

— O senhor tem algum outro trabalho para ela, Excelência?

— Não, nós destruimos a rede de Teymour.

— Seja como Deus quiser. Posso fazer uma sugestão?

Hashemi estudou-o. Suliman era o seu líder do Grupo Quatro mais eficiente, confiável e perigoso, com uma cobertura de agente do Serviço Secreto ligado diretamente a ele. Suliman dizia que tinha vindo das montanhas ao norte de Beirute depois da sua família ter sido assassinada e ele ter sido expulso de lá por soldados cristãos, e

Hashemi o tirara cinco anos mais tarde de uma prisão síria, comprando a sua liberdade, pois ele fora condenado à morte por assassinato e banditismo dos dois lados da fronteira, e sua única defesa era: "Eu só matei judeus e infiéis conforme Deus ordenou, logo eu faço o trabalho de Deus. Eu sou um vingador."

— Que sugestão? — perguntou — Ela é uma mensageira comum da OLP, nem é muito boa e atualmente é perigosa e pode representar uma ameaça. É fácil de ser controlada por judeus ou agentes da CIA e de ser usada contra nós. Como bons fazendeiros, nós deveríamos plantar sementes onde poderemos ter uma boa colheita.

— Suliman sorriu. — O senhor é um fazendeiro inteligente, Excelência. A minha sugestão é dizer a ela que está na hora de voltar para Beirute, que nós, os dois que a apanhamos se prostituindo, queremos agora que ela trabalhe para nós lá. Nós a deixamos ouvir uma conversa particular entre nós e fingimos fazer parte de uma célula de milícia cristã do sul do Líbano, agindo sob ordens dos israelenses para os seus senhores da CIA. — O homem riu silenciosamente, ao ver a surpresa do seu patrão.

— É então?

— O que transformaria uma palestina copta medíocre, anti-Israel, numa fera fanática, com sede de vingança? — Hashemi olhou para ele — O quê?

— Digamos que alguns desses mesmos soldados da milícia cristã, agindo sob ordens de Israel para os seus senhores da CIA, ferissem propositalmente o seu filho, o ferissem gravemente, na véspera dela chegar, e depois desaparecessem, isso não a Tornaria uma inimiga fanática dos nossos inimigos?

Hashemi acendeu um cigarro para disfarçar o seu nojo.

— Eu só concordo que a utilidade dela acabou — ele disse e viu um lampejo de irritação.

— Que valor tem o filho dela, e que futuro? Suliman disse com desprezo. — Com uma mãe dessas e vivendo com parentes cristãos ele vai continuar sendo cristão e irá para o inferno — Israel é nosso aliado. Fique fora das questões do Oriente Médio ou eles vão comê-lo vivo. Está proibido!

— Se o senhor diz que está proibido, está proibido, mestre. — Suliman curvou-se e balançou a cabeça, concordando. — Juro pelos meus filhos.

— Ótimo. Você trabalhou muito bem hoje. Obrigado. — Ele foi até o cofre e apanhou um maço de notas usadas de dólares do estoque que mantinha lá. Viu o rosto de Suliman iluminar-se. — Aqui está uma gratificação para você e seus homens.

— Obrigado, obrigado, Excelência, que Deus o proteja! Este homem, Armstrong, pode considerar-se morto. — Cheio de gratidão, Suliman fez uma mesura e saiu.

Agora que estava sozinho, Hashemi destrancou uma gaveta e serviu-se de um uísque. Mil dólares são uma fortuna para Suliman e seus três homens, mas são um bom investimento, pensou satisfeito. Oh, sim. Estou satisfeito por ter tomado uma decisão a respeito de Robert. Ele sabe demais, suspeita de muita coisa — não foi ele quem deu o nome aos meus grupos?

— Os times do Grupo Quatro devem ser usados para o bem e não para o mal, Hashemi — ele tinha dito naquele tom de voz de quem sabe tudo. — Quero apenas alertá-lo, o poder deles pode ser embriagador e voltar-se contra você. Lembre-se do Velho da Montanha, hein?

Hashemi tinha rido para disfarçar o choque por Robert ter lido o que se passava no fundo da sua mente.

— O que tem al-Sabbah e seus assassinos a verem comigo? Nós estamos vivendo no século XX e eu não sou um fanático religioso. E o que é mais importante, Robert, eu não tenho um castelo Alamut!

— Mas ainda existe haxixe., e coisas melhores.

— Eu não quero viciados nem assassinos, apenas homens em quem eu possa confiar.

A palavra assassino derivou-se de hashshashin, aqueles que tomavam haxixe. A lenda diz que no século XI, em Alamut — a fortaleza inexpugnável de Hasan ibn al-Sabbah nas montanhas perto de Qazvin — ele tinha mandado construir jardins secretos iguais aos Jardins do Paraíso descritos no Corão, onde vinho e mel jorravam das fontes e onde viviam lindas raparigas. Os devotos do haxixe eram levados secretamente para lá e desfrutavam de uma amostra

da felicidade eterna e erótica que os aguardava no Paraíso depois da morte. Então, depois de um, dois ou três dias, o 'Abençoado' era 'trazido de volta para a terra', com a promessa de voltar para lá em breve — em troca de obediência total à sua vontade.

Vindo de Alamut, o bando fanático de viciados em haxixe de Hasan ibn al-Sabbah — os Assassinos — aterrorizou a Pérsia e, logo depois, todo o Oriente Médio. Isso continuou por quase dois séculos.

Até 1256. Então um neto de Gengis Khan, Hulagu Khan, foi para a Pérsia e lançou as suas hordas contra Alamut, não deixando pedra sobre pedra da fortaleza do alto da montanha e arrasando com os assassinos.

Os lábios de Hashemi eram uma linha fina. Ah, Robert, como foi que você conseguiu erguer o véu e descobrir o meu plano secreto: modernizar a ideia de al-Sabbah, tão fácil fazer isso agora que o xá partiu e o país está em reboição. Tão fácil, com drogas psicodélicas, alucinógenos e uma quantidade inesgotável de fanáticos simplórios, já imbuídos do desejo do martírio, que só precisam ser guiados e levados na direção certa — para remover quem quer que eu escolha. Como Janan e Talbot. E você.

Mas com que carniça eu tenho que lidar para maior glória do meu feudo. Como podem as pessoas ser tão cruéis? Como podem se divertir com tanta crueldade gratuita, como arrancar os órgãos genitais de um homem ou maltratar uma criança? Será que é só porque vêm do Oriente Médio, vivem no Oriente Médio e não se adaptam a nenhum outro lugar? Que coisa terrível não poderem aprender conosco, não poderem se beneficiar da nossa antiga civilização. O império de Ciro e Dario tem que voltar, nisto o xá tinha razão. Os meus assassinos mostrarão o caminho, até mesmo para Jerusalém.

E tomou o uísque, muito satisfeito com o seu dia de trabalho. Estava muito bom. Ele o preferia sem gelo.

QUINTA-FEIRA

1º de março

55

NA ALDEIA PERTO DA FRONTEIRA SETENTRIONAL: 5:30H.

Sob a luz do falso amanhecer, Erikki calçou as botas. Depois vestiu a jaqueta, sentindo o couro macio e gasto, tirou a faca da bainha e enfiou-a na manga. Abriu a porta da cabana. A aldeia estava adormecida sob o manto de neve. Ele não viu nenhum guarda. O abrigo do helicóptero também estava silencioso, mas ele sabia que o aparelho estava muito bem guardado. Ele tinha verificado várias vezes durante o dia e de noite. Em cada uma das vezes, os guardas que ficavam nas cabines tinham apenas sorriso para ele, alerta e educados. Não havia nenhuma maneira de lutar contra os três e decolar. A sua única chance era a pé, e ele vinha planejando isso desde que se confrontara com o xeque Bayazid há dois dias.

Seus sentidos se aguçaram na escuridão. As estrelas estavam ocultas atrás de uma camada fina de nuvens. Agora! Com firmeza, ele saiu e caminhou ao longo da fileira de cabanas, em direção às árvores, e então se viu preso na rede que parecia ter caído do céu, lutando por sua vida.

Havia quatro nativos nas pontas da rede usada para apanhar cabritos selvagens. Com muita habilidade, eles o prenderam cada vez mais apertado, e embora ele urrasse de ódio e com sua imensa força conseguisse arrebentar algumas das cordas, em pouco tempo estava caído na neve, impotente.

Por um instante, ficou caído lá, ofegante, mas logo tornou a tentar livrar-se das cordas, com a sensação de impotência fazendo-o berrar. Mas quanto mais ele lutava contra as cordas, mais apertadas elas ficavam. Finalmente, parou de lutar e se deitou, tentando recuperar o fôlego, e olhou em volta. Estava cercado. Toda a aldeia estava acordada, vestida e armada. Obviamente, estavam esperando por ele. Ele nunca tinha visto nem sentido tanto ódio.

Foi preciso cinco homens para erguê-lo e arrastá-lo para a cabana de reuniões e atirá-lo rudemente no chão de terra diante do xeque Bayazid que estava sentado de pernas cruzadas em cima de algumas peles, no seu lugar de honra junto ao fogo. A cabana era ampla, encardida de fumaça e estava cheia de homens da tribo.

— Então — disse o xeque —, então você ousou me desobedecer? Erikki ficou quieto, recuperando as forças. O que poderia dizer?

— Durante a noite, um dos meus homens voltou do palácio do khan. — Bayazid estava tremendo de ódio. — Ontem à tarde, por ordem do khan, o meu mensageiro teve a garganta cortada, contra todas as leis do cavalheirismo. O que você tem a dizer sobre isso? Ele teve a garganta cortada como um cão! Como um cão!

— Eu... eu não posso acreditar que o khan tenha feito uma coisa dessas — disse Erikki — não posso acreditar.

— Pelos Nomes de Deus, a garganta dele foi cortada. Ele está morto e nós estamos desonrados.

Todos nós, inclusive eu! Desgraçados, e por sua causa!

— O khan é um demônio. Eu sinto muito, mas não...

— Nós tratamos o khan com honradez e tratamos você com honradez, você foi um despojo de guerra tirado dos inimigos do khan e nossos, você é casado com a filha dele e ele tem mais sacos de ouro do que os pêlos de um cabrito. O que são dez milhões reais para ele? Um pouco de merda de cabrito.

Mas o pior é que ele nos privou da nossa honra. Morte para ele!

Elevou-se um murmúrio entre os que estavam observando e esperando, sem compreender inglês, mas percebendo a cólera do chefe. Mais uma vez ele exclamou com ódio: — Insha'Allah! Agora nós vamos soltá-lo como você deseja, a pé, e depois vamos caçá-lo.

Nós não o mataremos com balas e nem você verá o pôr-do-sol, e a sua cabeça será um presente para o khan.

— O xeque repetiu o castigo na sua própria língua e fez um gesto com a mão. Os homens avançaram.

— Espere, espere! — Erikki gritou, com o medo dando-lhe uma ideia.

— Você deseja implorar misericórdia? — Bayazid disse com desprezo. — Eu pensei que você fosse um homem. Foi por isso que não ordenei que cortassem a sua garganta enquanto você dormia.

— Não quero misericórdia, mas sim vingança! — Então Erikki urrou: — Vingança! — Houve um silêncio de assombro. — Para você e para mim! Você não merece vingar-se de tal desonra?

O xeque hesitou.

— Que truque é esse?

— Eu posso ajudá-lo a recuperar a honra. Só eu posso. Vamos invadir o palácio do khan e nos vingar dele. — Erikki rezou aos seus antigos deuses para que transformassem suas palavras em ouro.

— Você está louco!

— O khan é mais meu inimigo do que seu. Por que ele desgraçaria a nós dois a não ser para lançar a sua fúria contra mim? Eu conheço o palácio. Posso colocar você e mais 15 homens armados dentro do pátio em poucos segundos e...

— Loucura — respondeu o xeque. — Você acha que vamos desperdiçar as nossas vidas como os idiotas tomadores de haxixe? O khan tem muitos guardas.

— Cinquenta e três dentro dos muros, não mais do que quatro ou cinco de serviço de cada vez. Os seus soldados são tão fracos que não possam lidar com cinquenta e três? Nós temos a surpresa do nosso lado. Um ataque repentino vindo do céu, uma investida impiedosa para vingar a sua honra. Eu poderia fazê-lo entrar e sair do mesmo jeito em questão de minutos. Abdullah Khan está doente, muito doente, os guardas não estarão preparados e nem os empregados. Eu sei como entrar, onde ele dorme, tudo...

Erikki ouviu a sua própria voz animando-se, sabendo que poderia conseguir: o ataque violento por cima dos muros e o pouso súbito, depois saltaria, mostraria o caminho para entrar no palácio, subiria

as escadas, atravessaria o corredor, derrubaria Ahmed e quem mais estivesse no caminho, entraria no quarto do khan, depois deixaria Bayazid e seus homens fazerem o que bem entendessem, chegaria na ala norte e salvaria Azadeh, e se ela não estivesse lá, ou se estivesse ferida, então mataria, mataria o khan, os guardas, aqueles homens, todo mundo.

Ele estava possuído pelo seu plano.

— O seu nome não seria lembrado por mil anos por causa da sua ousadia? Xequê Bayazid, aquele que ousou humilhar e desafiar o khan de todos os Gorgons dentro do seu covil por uma questão de honra? Os menestréis não cantariam eternas canções sobre você, em volta das fogueiras de todos os curdos? Não é isto o que Saladino, o Curdo, teria feito?

Ele viu os olhos brilhando de uma forma diferente, viu Bayazid hesitar, com o silêncio crescendo, ouviu-o falar em voz baixa com o seu povo e então um dos homens riu e gritou alguma coisa e os outros se juntaram a ele e então, a uma só voz, eles berraram a sua aprovação.

Mãos ansiosas o soltaram. Homens brigavam pelo privilégio de participar do ataque. Os dedos de Eriki tremiam quando ele apertou o botão de arranque. O primeiro dos jatos explodiu e ganhou vida.

NO PALÁCIO DO KHAN: 6:35H.

Hakim despertou violentamente. O seu guarda-costas, que estava perto da porta, levou um susto.

— O que foi, Alteza?

— Nada, nada, Ishtar, eu estava... eu estava sonhando. — Agora que estava bem acordado, Hakim tornou a deitar-se e espreguiçou-se devagar, ansioso pelo novo dia. — Traga-me café. Depois do meu banho, vou tomar café aqui e peça à minha irmã para vir para cá — Sim, Alteza, imediatamente.

O guarda-costas saiu. Ele se espreguiçou de novo. A madrugada estava escura. O quarto, amplo e enfeitado, era frio e cheio de correntes de ar, mas era o quarto do khan. Na enorme lareira, o fogo

crepitava, alimentado a noite inteira pelo guarda, e ninguém tinha permissão de entrar ali, exceto o guarda — que ele escolhera pessoalmente entre os 53 que havia no palácio, aguardando uma decisão sobre o seu futuro. Como saber em quais posso confiar, pensou, depois saiu da cama, agasalhando-se bem com o robe de brocado — um dos cinquenta que encontrara no armário — ficou de frente para Meca e para o Corão, ajoelhou-se e fez a primeira oração do dia. Quando terminou, ficou lá, contemplando o antigo Corão, imenso, cravejado de pedras preciosas, escrito à mão e inestimável, o Corão do Gorgon Khan — o seu Corão. Há tanto o que agradecer a Deus, pensou, tanto o que aprender ainda, tanto o que fazer, mas o começo já foi maravilhoso.

Na véspera, pouco depois da meia-noite, diante de toda a família reunida, ele tirara o anel de ouro e esmeralda, símbolo do antigo khanato, do dedo indicador da mão direita do seu pai e o colocara no próprio dedo. Tivera que fazer força para o anel passar sobre a camada de gordura e que fechar o nariz para o fedor da morte que impregnava o quarto. Sua excitação tinha vencido a repulsa e agora ele era realmente khan. Depois, toda a família se ajoelhou e beijou-lhe a mão, jurando-lhe lealdade, Azadeh, orgulhosamente, em primeiro lugar, depois Aysha, assustada e tremendo, depois os outros, Najoud e Mahmud aparentemente servis, mas secretamente agradecendo a Deus pela morte do khan.

Depois, lá embaixo, no salão, com Azadeh em pé atrás dele, Ahmed e os guardas também juraram lealdade — o resto da família viria mais tarde, junto com outros líderes tribais, criados pessoais e da casa. Imediatamente, ele dera ordens para o funeral e depois tinha-se permitido olhar para Najoud.

— Então?

— Alteza — disse Najoud, com uma voz untuosa —, de todo o coração, diante de Deus, nós nos congratulamos com o senhor e juramos servi-lo no que estiver ao nosso alcance.

— Obrigado, Najoud. Obrigado. Ahmed, qual foi a sentença decretada pelo khan antes de morrer a respeito da minha irmã e da sua família? — Houve uma súbita tensão no salão.

— Banimento, sem dinheiro, para as terras desertas ao norte de Meshed, Alteza, sob escolta, imediatamente.

— Sinto muito, Najoud, você e toda a sua família partirão ao amanhecer conforme foi decidido.

Ele recordou como o seu rosto ficara lívido e o de Mahmud também e ela tinha gaguejado: — Mas Alteza, agora o senhor é o khan, a sua palavra é lei. Eu não esperava... o senhor é o khan agora.

— Mas o khan, nosso pai, deu a ordem enquanto ele era a lei, Najoud. Não seria correto passar por cima dele.

— Mas o senhor é a lei agora — dissera Najoud, com um sorriso falso — o senhor deve fazer o que é certo.

— Com a ajuda de Deus, eu vou tentar, Najoud. Mas não posso passar por cima do meu pai no seu leito de morte.

— Mas Alteza... — Najoud tinha chegado mais perto. — Por favor, podemos... podemos discutir isso em particular?

— É melhor que seja aqui, na frente da família, Najoud. O que você queria dizer?

Ela tinha hesitado e chegara mais perto ainda, e ele sentiu Ahmed ficar tenso e se preparar para empunhar a faca, e sentiu os cabelos da nuca se arrepiarem.

— Só porque Ahmed disse que o khan deu esta ordem, não quer dizer que... quer? — Najoud tinha tentado sussurrar, mas as suas palavras ecoaram na sala.

Ahmed suspirou.

— Que Deus me faça arder para sempre se eu menti.

— Eu sei que você não mentiu, Ahmed — Hakim dissera com tristeza.

— Eu não estava lá quando o khan decidiu? Eu estava lá, Najoud, bem como Sua Alteza, minha irmã.

Eu sinto...

— Mas você pode ser misericordioso! — gritara Najoud. — Por favor, por favor, tenha piedade!

— Oh, mas eu tenho, Najoud. Eu a perdoo. Mas o castigo foi por você ter mentido em nome de Deus — disse gravemente —, não por ter mentido sobre minha irmã e eu, causando-nos anos de

sofrimento, fazendo-nos perder o amor do nosso pai. É claro que nós a perdoamos por isso, não é, Azadeh?

— Sim, sim, isso está perdoado.

— Isso está publicamente perdoado. Mas mentir em nome de Deus? O khan deu uma ordem. Eu não posso passar por cima dela — Eu não sabia de nada disso, Alteza, nada, juro por Deus, eu acreditei nas mentiras dela — gritou Mahmud. — Eu me divorcio formalmente dela por ser uma traidora, eu nunca soube de nada a respeito das mentiras dela!

No salão, todo mundo os viu rastejar, uns com ódio, outros com desprezo por terem falhado quando estavam com o poder nas mãos.

— Ao amanhecer, Mahmud, você será banido, você e toda a sua família — ele dissera com tristeza —, sem um tostão, sob escolta, até quando me aprover. Quanto ao divórcio, ele é proibido na minha casa. Se você quiser fazer isso em Meshed... Insha'Allah. Você ainda será banido, até quando me aprover...

Oh, você foi perfeito, Hakim, disse para si mesmo, encantado, pois é claro que todo mundo sabia que aquele era o seu primeiro teste. Você foi perfeito! Nem uma vez você se vangloriou abertamente ou revelou o seu verdadeiro propósito, nem uma vez você levantou a voz, mantendo-se calmo, gentil e grave, como se estivesse realmente triste com a sentença do seu pai mas não pudesse ignorá-la. E a promessa bondosa de "até quando me aprover"? O que me apraz é que vocês todos sejam banidos para sempre e se eu souber de alguma conspiração, eu os mandarei para o inferno. Por Deus e pelo Profeta, cujo nome seja louvado, eu farei o fantasma do meu pai orgulhoso deste khan de todos os Gorgons. Deus permita que ele esteja no inferno por ter acreditado nas mentiras maldosas daquela encrenqueira perversa.

Há tanto o que agradecer a Deus, pensou, hipnotizado pelos lampejos que o fogo causava nas joias do Corão. Os anos todos de banimento não lhe ensinaram a ser dissimulado e paciente? Agora você tem o seu poder para cimentar, o Azerbaijão para defender, um mundo para conquistar, esposas para encontrar, filhos para criar e uma linhagem para iniciar. Que Najoud e suas crias apodreçam!

Ao amanhecer, ele tinha, "infelizmente", sido obrigado a ir com Ahmed assistir a partida deles.

Espertamente, tinha insistido para que nenhuma outra pessoa da família fosse despedir-se deles.

"Para que aumentar a tristeza deles e a minha?" Lá, de acordo com as instruções que tinha dado, ele assistira Ahmed e os guardas rasgarem as montanhas de malas, retirando tudo o que fosse de valor, até que só houvesse uma mala para cada um deles e seus três filhos, que olhavam apavorados.

— As suas joias, mulher — tinha dito Ahmed.

— Você já me tirou tudo, tudo... por favor, Hakim... Alteza, por favor... — Najoud soluçou. A sua caixa de joias, escondida num compartimento secreto da mala, já tinha sido acrescentada à pilha de objetos de valor. Abruptamente, Ahmed estendeu a mão e arrancou-lhe o broche, abrindo a gola do vestido. Ela estava usando uma dúzia de colares, de diamantes, rubis, esmeraldas e safiras.

— Onde você conseguiu isso? — Hakim tinha perguntado, perplexo.

— Eles são... eles são da minha mãe e meus, eu os comprei ao longo dos anos — Najoud calou-se quando Ahmed puxou a faca. — Está bem... está bem... — Ela os tirou rapidamente e os entregou a ele. — Agora você já tem tudo.

— Seus anéis!

— Mas Alteza, deixe-me ficar com alguma coisa. — Ela gritou quando Ahmed, impaciente, agarrou um dos seus dedos para cortá-los fora junto com o anel, mas ela tirou os anéis e também o bracelete que tinha escondido na manga, urrando de tristeza e os atirou no chão. — Agora você tem tudo.

— Agora apanhe tudo e entregue a Sua Alteza, de joelhos! — Ahmed disse com ódio e quando ela não obedeceu imediatamente, ele a agarrou pelos cabelos, enfiando-lhe a cara no chão, e ela obedeceu.

Ah, aquilo foi uma festa, pensou Hakim, lembrando cada detalhe da humilhação deles. Depois que estiverem todos mortos, Deus os queimará.

Ele fez outra medida, deixou Deus de lado até a próxima oração do meio-dia e ficou de pé, cheio de energia. Uma empregada estava de joelhos, servindo café, e ele viu o medo nos olhos dela e ficou muito contente. Assim que se tornou khan, ele viu que era vital trabalhar rapidamente para segurar as rédeas do poder. Na véspera de manhã, ele inspecionara o palácio. A cozinha não estava suficientemente limpa para ele, e então fez com que o cozinheiro-chefe fosse espancado até perder os sentidos e fosse colocado do lado de fora dos muros, depois tinha promovido o segundo cozinheiro para o lugar do primeiro, com ameaças terríveis. Quatro guardas tinham sido expulsos por dormirem demais, duas empregadas chicoteadas por desleixo.

— Mas Hakim, meu querido — tinha dito Azadeh, quando ficaram a sós —, não havia necessidade de bater nelas.

— Dentro de um ou dois dias não haverá mais necessidade — respondera.

— Nesse meio tempo, o palácio vai ficar do jeito que eu quero.

— É claro que você é quem sabe, meu querido. E quanto ao resgate?

— Ah, sim, imediatamente. — Ele tinha mandado chamar Ahmed.

— Sinto muito, Alteza, o khan, seu pai, ordenou que a garganta do mensageiro fosse cortada ontem à tarde.

Ele e Azadeh tinham ficado apavorados.

— Mas isso é terrível! O que podemos fazer agora? — Ela tinha exclamado.

— Eu vou tentar entrar em contato com os homens da tribo. Talvez, já que o khan, seu pai, está morto, eles... eles tornem a negociar. Eu vou tentar — disse Ahmed.

Sentado lá no lugar do khan, Hakim notara a confiança de Ahmed e percebera a armadilha em que estava metido. O medo tomou conta dele. Seus dedos brincavam com o anel de esmeralda que tinha no dedo.

— Azadeh, volte dentro de meia hora, por favor.

— É claro — ela disse obedientemente, e quando ficou sozinho com Ahmed, ele perguntou: — Quais são as armas que você carrega?

— Uma faca e uma automática, Alteza.

— Dê-mas. — Ele recordou como o seu coração tinha batido e que havia uma secura incomum na sua boca, mas isso tivera que ser feito e a sós. Ahmed hesitara e depois obedecera, nada satisfeito em ser desarmado. Mas Hakim fingira não notar, apenas examinara a arma e a empunhara Pensativamente.

— Agora ouça atentamente, conselheiro: você não vai tentar entrar em contato com os homens da tribo, você fará isso muito depressa e fará todos os acordos necessários para que o marido de minha irmã volte são e salvo. Sua cabeça responde por isso... por Deus e pelo Profeta!

— Eu... é claro, Alteza — Ahmed tentou disfarçar a raiva. Preguiçosamente, Hakim apontou a arma para a cabeça dele, mirando.

— Eu jurei por Deus que o trataria como primeiro conselheiro e o farei, enquanto você viver. — Ele sorriu de lado. — Mesmo que você fique aleijado, seja talvez castrado, até mesmo cegado pelos seus inimigos. Você tem inimigos, Ahmed Dursak, o Turcomano?

Ahmed riu, tranquilizado, satisfeito com o homem que se tinha tornado khan, que não era o garoto que ele imaginara — era tão mais fácil lidar com um homem, pensou, sentindo voltar a sua confiança.

— Muitos, Alteza, muitos. Não é costume medir-se a qualidade de um homem pela importância dos seus inimigos? Insha'Allah! Eu não sabia que o senhor sabia lidar com armas.

— Há muitas coisas a meu respeito que você não sabe, Ahmed — ele tinha dito com uma satisfação amarga, tendo conseguido uma vitória importante. E devolvera a faca a Ahmed, mas não a automática. — Vou guardar isto aqui como pishkesh. Durante um ano e um mês não venha armado à minha presença.

— Então como poderei protegê-lo, Alteza?

— Com sabedoria. — Ele permitira que uma pequena parcela da violência que mantivera oculta durante anos aparecesse. — Você tem que provar o seu valor para mim. Só para mim. O que agradava ao meu pai não irá necessariamente agraciar a mim. Esta é uma

nova era, com novas oportunidades e novos perigos. Lembre-se, por Deus, o sangue do meu pai corre nas minhas veias.

Durante o resto do dia e parte da noite, ele recebera homens importantes de Tabriz e do Azerbaijão e fizera-lhes perguntas sobre a insurreição e sobre os esquerdistas, os mujahedins, os fedayins e outras facções. Tinham vindo lojistas do bazar, mulás, dois aiatolás, os comandantes do exército local e o seu primo, o chefe de polícia, e ele confirmara o homem no posto. Todos tinham trazido um pishkesh adequado.

E tinham mesmo que trazer, pensou satisfeito, recordando o desprezo deles no passado quando a sua fortuna era zero e todo mundo sabia que ele fora banido para Khoi. O desprezo deles vai lhes custar muito caro...

— O seu banho está pronto, Alteza, e Ahmed está esperando lá fora.

— Faça-o entrar, Ishtar. Você fica. — E ficou olhando para a porta. Ahmed estava cansado e amarrotado.

— Salaam, Alteza.

— E quanto ao resgate?

— Ontem à noite, bem tarde, eu encontrei os homens da tribo. Eram dois. Eu expliquei a eles que Abdullah Khan estava morto e que o novo khan ordenara que eu lhes entregasse metade do resgate pedido imediatamente, como um sinal de confiança, prometendo-lhes o restante para quando o piloto estivesse de volta, são e salvo. Eu os mandei para o norte num dos nossos carros, com um motorista de confiança, e mandei que outro carro os seguisse secretamente.

— Você sabe quem são eles, onde é a aldeia deles?

— Eles me disseram que eram curdos, um se chamava Işhmud, o outro Alilah, o chefe deles era al-Drah e a aldeia chama-se Árvore Quebrada e fica ao norte de Khoi. Tenho certeza de que é tudo mentira, Alteza, e embora eles digam que são curdos, não são nada. Eu diria que são apenas nativos, na maioria bandidos.

— Ótimo. Onde você conseguiu o dinheiro para o resgate?

— O khan, seu pai, entregou-me vinte milhões de riais para emergências.

— Traga-me o balanço deste dinheiro antes do pôr-do-sol.

— Sim, Alteza.

— Você está armado? Ahmed ficou perplexo.

— Só estou com a minha faca, Alteza.

— Dê-ma — disse, disfarçando a satisfação por Ahmed ter caído na armadilha que preparara para ele, recebendo a faca das mãos dele. — Eu não lhe disse para não vir armado à minha presença durante um ano e um dia?

— Mas como... como o senhor me devolveu a faca, eu pensei... eu pensei que a faca... — Ahmed calou-se, vendo Hakim de pé em frente a ele segurando corretamente a faca, com os olhos escuros e duros, parecidos com os do pai. Atrás dele, o guarda Ishtar observava boquiaberto. Os pêlos do pescoço de Ahmed se eriçaram. — Perdoe-me, Alteza, por favor, eu pensei que tivesse a sua permissão — disse, realmente amedrontado.

Por um momento, Hakim Khan ficou simplesmente olhando para Ahmed, com a faca na mão, depois deu um golpe de baixo para cima, com grande habilidade, só a ponta da faca atravessou o casaco de Ahmed, tocou em sua pele mas só o suficiente para marcá-lo e tornou a sair na posição perfeita para o golpe fatal. Mas Hakim não deu esse golpe, embora tivesse vontade de ver o sangue jorrar e aquele fosse um bom momento, mas não era o momento perfeito. Ele ainda precisava de Ahmed.

— Eu lhe devolvo o seu... o seu corpo. — E escolheu esta palavra e tudo o que estava implícito nela com grande deliberação. — Intacto, mas só desta vez.

— Sim, Alteza, obrigado, Alteza — murmurou Ahmed, estarrecido por ainda estar vivo, e caiu de joelhos. — Eu... isto nunca mais tornará a acontecer.

— Não, não tornará. Fique aqui. Espere lá fora, Ishtar. — Hakim recostou-se nas almofadas e brincou com a faca, esperando o seu nível de adrenalina baixar, lembrando-se que a vingança era um prato para ser comido frio. — Conte-me tudo o que sabe sobre o soviético, o homem chamado Mzytryk; que poder ele tinha sobre o meu pai e meu pai sobre ele.

Ahmed obedeceu. Contou-lhe o que Hashemi Fazir dissera no 125, o que o khan lhe contara confidencialmente ao longo dos anos, sobre a fazenda perto de Tbilisi que ele também visitara, como o khan entrava em contato com Mzytryk, as palavras em código, o que Hashemi Fazir dissera e ameaçara, o que estava escrito na carta de Mzytryk, e o que ele ouvira e vira há poucos dias.

Hakim bufou de raiva.

— Meu pai ia levar a minha irmã para... ele ia levá-la para essa fazenda e entregá-la a Mzytryk?

— Sim, Alteza, ele ordenou até que eu a mandasse para o norte caso ele tivesse que ir para o hospital em Teerã.

— Mande chamar Mzytryk. Urgentemente. Ahmed, faça isso agora. Imediatamente.

— Sim, Alteza — Ahmed respondeu e tremeu com a violência reprimida do khan. — É melhor que, ao mesmo tempo, o senhor o faça lembrar-se das suas promessas a Abdullah Khan, e lhe diga que o senhor espera que elas sejam cumpridas.

— Sim, muito bem. Você me disse tudo?

— Que eu me lembre, sim — Ahmed respondeu com sinceridade. — Deve haver outras coisas, no devido tempo eu posso contar-lhe todo tipo de segredos, khan de todos os Gorgons, e torno a jurar diante de Deus que vou servi-lo fielmente. — Vou contar-lhe tudo, pensou com fervor, exceto o modo como o khan morreu e que agora, mais do que nunca, eu desejo Azadeh como esposa. De algum modo eu vou fazer com que ele concorde. Ela será a minha única proteção contra você, rebento de Satã.

NOS LIMITES DE TABRIZ: 7:20H.

O 212 de Eriki se aproximou em grande velocidade. Todo o tempo, Eriki tinha-se mantido acima das árvores, evitando estradas, campos de aviação, cidades e aldeias, com a mente voltada para Azadeh e para a sua vingança contra o khan, sem pensar em mais

nada. Agora, a cidade surgiu subitamente à sua frente. Na mesma hora, ele foi tomado de uma grande inquietação.

— Onde fica o palácio, piloto? — O xeque Bayazid gritou alegremente. — Onde fica?

— No topo da montanha, aga — disse no microfone, uma parte dele desejando acrescentar: É melhor repensarmos tudo isso, decidir se o ataque é aconselhável, e outra parte gritando: Esta é a sua única chance, Erikki, você não pode mudar os planos, mas como é que você vai escapar com Azadeh do palácio e deste bando de maníacos? — Diga aos seus homens para apertarem os cintos de segurança, esperarem até que as pás toquem o chão, diga-lhes para não abrirem os cintos enquanto não estivermos no chão, depois eles se espalham e mande dois deles guardarem o helicóptero e defendê-lo com a própria vida. Eu vou começar a contar de dez para baixo a partir do pouso e... e então irei na frente.

— Onde está o palácio?, não consigo vê-lo.

— Lá no topo da montanha, a um minuto daqui. Fale com eles!

— As árvores foram ficando embaçadas à medida que eles se aproximavam delas, Erikki com os olhos presos na garganta no alto da montanha, o horizonte distorcendo-se. — Eu quero uma arma — disse, nervoso com a expectativa.

Bayazid mostrou os dentes.

— Nada de armas até invadirmos o palácio.

— Aí eu não vou mais precisar — disse com um palavrão. — Eu tenho que ter uma...

— Você pode confiar em mim, aliás, você tem que confiar. Onde é este palácio dos Gorgons?

— Lá! — Erikki apontou para o topo que estava bem acima deles. — Dez, nove, oito...

Ele tinha decidido aproximar-se pelo leste, parcialmente oculto pela floresta, com a cidade à sua direita, a garganta protegendo-o. Mais cinquenta metros. Seu estômago se contraiu.

As rochas cresceram na direção deles. Ele sentiu mais do que viu Bayazid gritar e levantar as mãos para se proteger da batida, mas Erikki passou pela garganta e começou a descer em direção aos muros. No último instante, ele cortou toda a força, passou com o

helicóptero a um centímetro do muro, preparando-se para um pouso de emergência, inclinou ligeiramente o aparelho na direção do pátio e deixou-o cair, calculando a queda com perfeição, e desceu, deslizando um pouco e depois parando. Com a mão direita desligou os circuitos, com a esquerda abriu o cinto de segurança e a porta, e foi o primeiro a saltar, correndo para a escada. Bayazid veio logo atrás, as portas da cabine se abriram e os homens começaram a saltar, tropeçando uns nos outros na sua excitação, com as hélices ainda girando e os motores parando.

Quando ele alcançou a porta da frente e a abriu, os empregados e um guarda perplexo vieram correndo para ver que confusão era aquela. Erikki arrancou o rifle das mãos dele e deixou-o desacordado. Os empregados se espalharam e fugiram, alguns reconhecendo-o. O corredor estava limpo.

— Vamos! — gritou, então, quando Bayazid e alguns dos outros se juntaram a ele, correu pelo hall e subiu as escadas. Um guarda esticou a cabeça por cima do corrimão e apontou a arma, mas um dos homens acertou nele. Erikki pulou por cima do cadáver e correu pelo corredor.

Uma porta se abriu lá na frente. Outro guarda apareceu, atirando. Erikki sentiu as balas atravessarem o seu casaco, mas não foi ferido. Bayazid atirou no homem e, juntos, eles avançaram na direção do quarto do khan. Uma vez lá, Erikki abriu a porta com um pontapé. Começaram a atirar lá de dentro mas os tiros não acertaram nele nem no xeque, e sim no homem que estava ao lado dele. Os outros se espalharam em busca de proteção e o homem ferido avançou na direção do seu agressor, levando mais tiros, mas atirando até depois de morto.

Por um segundo ou dois, houve uma trégua, então para surpresa de Erikki, Bayazid atirou uma granada para dentro do quarto. A explosão foi terrível. A fumaça se espalhou pelo corredor.

Imediatamente, Bayazid pulou para dentro do quarto, com a arma apontada e Erikki ao seu lado.

O quarto estava em ruínas, as janelas arrancadas, cortinas destroçadas, a cama destruída, os restos de um guarda amontoados contra uma parede. Na alcova que ficava num dos cantos do enorme

quarto, meio oculta do resto, havia uma mesa virada, uma empregada gemendo e dois corpos inertes, meio enterrados debaixo da toalha e da louça quebrada. O coração de Erikki parou quando ele reconheceu Azadeh. Em pânico, ele correu e tirou o entulho de cima dela — ao passar, notou que a outra pessoa era Hakim — ergueu-a nos braços, com os cabelos soltos, e levou-a para a luz. Só voltou a respirar quando teve certeza de que ela estava viva — inconsciente, talvez ferida, mas viva. Ela estava usando um roupão de cashmere azul que escondia tudo, mas prometia tudo. Os nativos ficaram embasbacados com a sua beleza. Erikki tirou a jaqueta e envolveu-a com ela, esquecido de tudo.

— Azadeh... Azadeh...

— Quem é este, piloto?

Erikki viu que Bayazid estava ao lado dos destroços.

— Este é Hakim, o irmão da minha esposa. Ele está morto?

— Não. — Bayazid olhou em volta, furioso. Não havia nenhum lugar em volta para o khan se esconder. Seus homens estavam amontoados na porta e ele os xingou, mandando que tomassem posições defensivas de cada lado do corredor e que outros fossem guardar o pátio lá fora. Então ele foi até onde estavam Erikki e Azadeh e olhou para o rosto lívido, os seios e as pernas sob o cashmere.

— Sua esposa?

— Sim.

— Ela não está morta. Que bom.

— Sim, mas só Deus sabe o quanto está ferida. Tenho que chamar um médico...

— Depois, primeiro temos que...

— Agora! Ela pode morrer!

— Seja como Deus quiser, piloto — disse Bayazid e depois gritou, com raiva: — Você disse que conhecia tudo, sabia onde o khan estava. Em nome de Deus, onde está ele?

— Eu não sei. Aqui... aqui era o quarto dele, aga. Eu nunca vi nenhuma outra pessoa aqui, nem mesmo a mulher dele tinha permissão para entrar sem autorização e... Uma rajada de tiros lá

fora o interrompeu. — Ele tem que estar aqui, já que Hakim e Azadeh estão aqui.

— Onde? Onde ele poderia esconder-se?

Nervoso, Erikki olhou em volta, ajeitou Azadeh o melhor que pôde e correu até a janela — elas tinham grades e o khan não poderia ter fugido por ali. De lá, um canto bem protegido do palácio, ele não podia ver o pátio nem o helicóptero, só os jardins e pomares e a cidade a um quilômetro de distância, lá embaixo. Ainda não havia outros guardas ameaçando-os. Quando ele se virou, notou um movimento na alcova, viu a automática, empurrou Bayazid, tirando-o do caminho da bala que o teria matado, e precipitou-se para Hakim, que estava deitado no meio do entulho. Antes que os outros homens pudessem reagir, ele imobilizou o rapaz, tirou-lhe a arma da mão e gritou com ele, tentando fazê-lo entender: — Você está seguro, Hakim, sou eu, Erikki, nós somos amigos, viemos salvar você e Azadeh do khan... viemos salvá-los!

— Salvar-me... salvar-me de quê? — Hakim estava olhando para ele sem entender, ainda tonto, com o sangue pingando de um pequeno ferimento na cabeça. — Salvar?

— Do khan e... — Erikki viu o seu olhar de terror, virou-se e agarrou o cano do rifle de Bayazid bem a tempo. — Espere, aga, espere, não é culpa dele, ele ainda está tonto... espere... ele estava apontando para mim, não para você, espere, ele vai nos ajudar. Espere!

— Onde está Abdullah Khan? — gritou Bayazid, com os homens em volta dele, as armas apontadas e prontos para matar. — Diga-me logo ou vocês são homens mortos!

E quando Hakim não respondeu imediatamente, Erikki exclamou: — Pelo amor de Deus, Hakim, diga-lhe onde ele está ou seremos todos mortos.

— Abdullah Khan está morto, ele está morto... morreu na noite passada... não, há duas noites atrás.

Cerca de meia-noite... — disse Hakim com a voz fraca e eles o olharam incrédulos, sua mente estava voltando aos poucos ao normal e ele ainda não podia entender por que estava deitado ali, com a cabeça latejando, sem sentir as pernas, com Erikki

segurando-o, se Erikki tinha sido raptado por nativos, se ele estava tomando café com Azadeh, depois tiros e ele correndo para se proteger, os guardas atirando e depois a explosão e metade do resgate tinha sido paga.

De repente, sua mente clareou.

— Em nome de Deus — exclamou. Tentou levantar-se mas não conseguiu. — Erikki, em nome de Deus, por que vocês me atacaram, metade do seu resgate já foi pago... por quê?

Erikki se levantou, furioso.

— Não houve nenhum pagamento, a garganta do mensageiro foi cortada, Abdullah Khan mandou cortar a garganta do homem!

— Mas o resgate... a metade foi paga. Ahmed fez isto ontem à noite.

— Paga? Paga a quem? — Bayazid perguntou furioso. — Que mentiras são essas?

— Não são mentiras, a metade foi paga a noite passada, foi paga pelo novo khan como... como um ato de confiança pelo... pelo erro cometido contra o mensageiro. Diante de Deus, eu juro. A metade foi paga!

— Mentira — Bayazid respondeu furioso e apontou o revólver para ele. — Onde está o khan?

— Não é mentira! Eu mentiria diante de Deus? Eu lhe digo, por Deus! Mande chamar Ahmed, mande chamar o homem que se chama Ahmed, ele pagou.

Um dos nativos gritou alguma coisa, Hakim empalideceu e repetiu em turco: — Em nome de Deus, metade do resgate já foi paga! Abdullah Khan está morto! Ele está morto e metade do resgate já foi paga. — Um murmúrio de espanto percorreu o quarto. — Mande chamar Ahmed, ele lhes dirá a verdade. Por que vocês estão nos atacando? Não há razão para isso!

Erikki intercedeu: — Se Abdullah Khan está morto e metade já foi paga, aga, e a outra metade prometida, então a sua honra está vingada, aga, por favor, faça o que Hakim está pedindo, mande chamar Ahmed, ele lhe dirá a quem pagou e como.

Havia muito medo agora no quarto, Bayazid e seus homens não estavam gostando daquele confinamento, queriam estar ao ar livre,

queriam estar nas montanhas, longe daquelas pessoas e daquele lugar horrível, sentindo-se traídos. Mas se Abdullah Khan estava morto e metade tinha sido paga...

— Piloto, vá buscar Ahmed — disse Bayazid — e lembre-se, se me trair, encontrará a sua mulher desfigurada. — E arrancou a automática da mão de Erikki. — Vá buscá-lo!

— Sim, sim, é claro.

— Erikki, primeiro me ajude. — Hakim falou com a voz fraca e rouca.

Erikki estava tentando compreender aquilo tudo enquanto o erguia e colocava no sofá ao lado de Azadeh. Ambos viram o seu rosto pálido, mas também notaram a sua respiração regular.

— Graças a Deus — murmurou Hakim.

Então, mais uma vez, Erikki se viu num pesadelo, saindo do quarto, desarmado, indo até o alto da escada, gritando para Ahmed não atirar: — Ahmed, Ahmed, preciso falar com você, estou sozinho...

Agora ele estava lá embaixo e ainda sozinho, sem ter levado nenhum tiro. Mais uma vez ele gritou por Ahmed, mas suas palavras ecoaram nas paredes e ele vagou pelas salas vazias, todo mundo tinha desaparecido, e então enfiaram-lhe um revólver na cara e outro nas costas. Ahmed e um guarda, ambos nervosos.

— Ahmed, rápido — exclamou — é verdade que Abdullah Khan está morto e que há um novo khan e que metade do resgate foi paga?

Ahmed ficou olhando para ele.

— Pelo amor de Deus, é verdade?

— Sim, sim, é verdade. Mas...

— Rápido, você tem que dizer a eles! — E sentiu uma onda de alívio, pois não tinha acreditado muito em Hakim. — Rápido, eles vão matá-lo e matar Azadeh. Vamos!

— Então o... então eles não estão mortos?

— Não, é claro que não. Vamos!

— Espere. O que disse o... Sua Alteza, exatamente?

— Que diferença faz...

Ele enfiou o revólver na cara de Erikki.

— O que foi que ele disse exatamente!

Erikki vasculhou a memória e repetiu o melhor que pôde, depois acrescentou: — Agora, pelo amor de Deus, vamos!

Para Ahmed, o tempo parou. Se ele fosse com o infiel, provavelmente morreria, Hakim Khan morreria, sua irmã morreria e o infiel, que era o responsável por toda aquela confusão, provavelmente escaparia com os malditos nativos. Mas por outro lado, se eu conseguir convencê-los a deixar o khan e sua irmã vivos, convencê-los a sair do palácio, terei provado a minha lealdade sem sombra de dúvida, para o khan e para ela, e posso matar o piloto mais tarde. Ou posso matá-lo agora e fugir facilmente e ficar vivo — mas como um fugitivo, desprezado por todos, como aquele que traiu o seu khan. Insha'Allah.

— Seja como Deus quiser. — E deu um sorriso. Tirou a faca e entregou-a, junto com o revólver, para o guarda apavorado e saiu andando.

— Espere — disse Erikki. — Diga ao guarda para mandar buscar um médico. Urgente. Hakim e minha esposa... eles podem estar feridos.

Ahmed deu a ordem ao guarda, atravessou o corredor e subiu as escadas. Lá em cima, os nativos o revistaram rudemente para ver se ele estava armado e depois o escoltaram até o quarto do khan, empurrando-o para dentro e segurando Erikki na porta, com uma faca encostada na garganta — e quando Ahmed viu que o seu khan estava mesmo vivo, sentado nas almofadas ao lado de Azadeh, que ainda estava inconsciente, murmurou: — Graças a Deus — e sorriu para ele. — Alteza — falou calmamente — mandei buscar um médico.

— Então viu Bayazid.

— Eu sou Ahmed Dursak, o Turcomano — disse orgulhosamente, falando em turco com grande formalidade. — Em nome de Deus: é verdade que Abdullah Khan está morto, é verdade que eu paguei metade do resgate, cinco milhões de riais, na noite passada, da parte do novo khan, a dois mensageiros do chefe al-Drah da aldeia da Árvore Quebrada, como um ato de confiança por causa da desonra imerecida do seu mensageiro, ordenada pelo falecido

Abdullah Khan. Seus nomes eram Ishmud e Alilah e eu os mandei para o norte num bom carro. — Um murmúrio de espanto percorreu o quarto. Não podia haver nenhum erro, porque todos conheciam os nomes falsos, nomes de código, dados para proteger a aldeia e a tribo. — Eu disse a eles, em nome do novo khan, que a outra metade seria paga assim que o piloto e seu aparelho fossem entregues em segurança.

— Onde está este novo khan, se é que ele existe? — disse Bayazid, com desprezo. — Deixe-o falar por si mesmo.

— Eu sou o khan de todos os Gorgons — disse Hakim e fez-se um súbito silêncio. — Hakim Khan, filho mais velho de Abdullah Khan.

Todos os olhos se voltaram para Bayazid, que percebeu a surpresa no rosto de Erikki. Ele resmungou, inseguro.

— Só porque você está dizendo isso não significa que...

— Você está me chamando de mentiroso na minha própria casa?

— Eu só estou dizendo para esse homem — e Bayazid fez um gesto com o polegar na direção de Ahmed — que só pelo fato dele estar dizendo que pagou o resgate, metade do resgate, isto não exclui a possibilidade dele ter pago e depois ter armado uma emboscada para os homens e os matado, como fez com o meu outro mensageiro, por Deus!

— Eu lhe disse a verdade, diante de Deus, e torno a repetir, diante de Deus, que os mandei para o norte, em segurança e com o dinheiro. Dê-me uma faca, pegue outra e eu vou mostrar-lhe o que um turcomano faz com quem o chama de mentiroso! — Os nativos ficaram horrorizados por seu líder ter-se colocado numa posição tão ruim. — Você está chamando a mim e ao meu khan de mentirosos?

No silêncio que se fez, Azadeh se mexeu e gemeu, distraído-os. Imediatamente, Erikki fez menção de ir até ela, mas a faca do nativo não se afastou de onde estava, o nativo praguejou e Erikki ficou quieto. Houve mais um gemido que quase o enlouqueceu, então ele viu Hakim se aproximar da irmã com dificuldade e segurar-lhe a mão e isso o acalmou um pouco.

Hakim estava com medo, sentindo dores pelo corpo todo, sabendo que estava tão indefeso quanto ela e precisando

urgentemente de um médico; que Ahmed estava ameaçado, Erikki impotente, sua própria vida ameaçada e o seu khanato em ruínas. Mesmo assim, ele conseguiu recuperar a coragem. Eu não derrotei Abdullah Khan, Najoud e Ahmed para deixar que estes cães saiam vitoriosos! Ele levantou o rosto e olhou implacavelmente para Bayazid.

— Bem, você está dizendo que Ahmed é mentiroso. Sim ou não? — disse severamente em turco, de modo que todos pudessem entender e Ahmed amou-o por sua coragem. Todos os olhos agora estavam em Bayazid. — Um homem deve responder a esta pergunta. Você o está chamando de mentiroso?

— Não — murmurou Bayazid. — Ele falou a verdade, eu aceito como verdade. — Alguém disse "Insha'Allah", os dedos soltaram os gatilhos mas o nervosismo não abandonou o quarto.

— Seja como Deus quiser. — disse Hakim, disfarçando o alívio, e continuou a falar, cada vez mais senhor de si. — Mais briga não vai adiantar nada. Então, metade do resgate já foi paga e a outra metade estava prometida para quando o piloto fosse libertado. O... — Ele parou tomado por uma onda de náusea, mas dominou-a, desta vez com mais facilidade. — O piloto está aqui são e salvo, bem como o seu aparelho. Portanto, eu vou pagar o resto imediatamente.

Ele viu os olhares cobiçosos e prometeu a si mesmo vingar-se de todos eles.

— Ahmed, as joias de Najoud estão em algum lugar perto daquela mesa. — Ahmed abriu caminho arrogantemente por entre os nativos e começou a procurar no meio do entulho a bolsa de couro.

Hakim estava mostrando as joias para Azadeh na hora em que começou o ataque, dizendo-lhe alegremente que as joias faziam parte da herança da família, que Najoud tinha admitido tê-las roubado e, arrependida, as havia entregue a ele antes de partir.

— Estou contente por você não ter cedido, Hakim, muito contente — Azadeh tinha dito. — Você nunca estaria seguro com ela e os filhos por perto.

Eu nunca mais estarei seguro, ele pensou sem medo, observando Ahmed. Estou satisfeito por ter deixado Ahmed inteiro, pensou, e

satisfeito por termos tido o juízo, Azadeh e eu, de ficar na alcova, protegidos pela parede quando o tiroteio começou. Se nós estivéssemos aqui nesta parte do quarto...

Insha'Allah. Seus dedos seguraram o pulso dela e o calor o agradou, sua respiração ainda era regular — Graças a Deus — murmurou, e então viu os homens ameaçando Erikki.

— Você — disse apontando imperiosamente para um deles — largue o piloto!

— Espantado, o homem rude e barbado olhou para Bayazid que fez um sinal positivo com a cabeça.

Imediatamente, Erikki aproximou-se de Azadeh, ajeitou o suéter pesado que estava usando para poder ter um acesso mais fácil à faca presa no meio das costas e depois ajoelhou-se, segurando a mão dela e ficando de frente para Bayazid, protegendo a ela e a Hakim com o seu corpo.

— Alteza! — Ahmed entregou a bolsa a Hakim Khan. Sem pressa, ele a abriu, despejando as joias nas mãos. Esmeraldas, diamantes e safiras, colares, braceletes, pingentes. Os homens suspiraram.

Creriosamente, Hakim escolheu um colar de rubis que valia 10 ou 15 milhões de reais, fingindo não notar que todos os olhos estavam fixos nas joias nem que um cheiro quase físico de cobiça invadira o quarto. Abruptamente, ele descartou os rubis e escolheu um pingente que valia duas ou três vezes mais.

— Tome — disse, ainda falando em turco —, aqui está o resto do pagamento. — E levantou o pingente de diamante e ofereceu-o a Bayazid que, hipnotizado pelo fulgor da única pedra, aproximou-se com a mão estendida. Mas antes que ele pudesse apanhá-lo, Hakim fechou a mão. — Diante de Deus, você aceita isto como pagamento integral?

— Sim... sim, como pagamento integral, diante de Deus — Bayazid murmurou, sem acreditar que Deus lhe tivesse concedido tamanha riqueza, o bastante para comprar rebanhos e armas e granadas e sedas e roupas quentes. Ele estendeu a mão — eu juro por Deus!

— E você sairá daqui imediatamente, em paz, diante de Deus? — Bayazid tentou não pensar nas joias.

— Primeiro nós temos que chegar à nossa aldeia, aga, nós precisamos da máquina e do piloto.

— Não, por Deus, o resgate é pelo aparelho e pelo piloto, nada mais. — Hakim abriu a mão, sem tirar os olhos de Bayazid, que agora só enxergava a pedra. — Jura por Deus?

Bayazid e seus homens olhavam fixamente para a pedra que brilhava sobre a mão estendida.

— O que... o que me impede de levar tudo isso, tudo — disse truculentamente —, o que me impede de matá-lo? Matá-lo e pôr fogo no palácio e levá-la como refém para forçar o piloto, hein?

— Nada. Exceto a honra. Os curdos não têm honra? — Hakim respondeu enquanto pensava, como isto é excitante, o prêmio é a vida e o fracasso significa a morte. — Isto aqui é um pagamento mais do que justo.

— Eu... eu aceito isto diante de Deus como pagamento pelo piloto e... e pelo aparelho. — Bayazid tirou os olhos da pedra. — Pelo piloto e pelo aparelho. Mas e por você, por você e pela mulher... — O suor escorria pelo rosto dele. Tanta riqueza ali, sua mente estava gritando, tanta, tão fácil mas há a questão da honra. — Por você e pela mulher também deveria haver um bom resgate.

Lá fora alguém deu partida em um carro. Os homens correram para a janela destruída. O carro estava se afastando em direção ao portão principal e enquanto eles olhavam, o carro saiu em direção à cidade.

— Rápido — Bayazid disse para Hakim —, decida-se.

— A mulher não vale nada — disse Hakim, com medo da mentira, consciente de que tinha que negociar ou então estariam perdidos. Ele escolheu um bracelete de rubis e ofereceu-lhe. — De acordo?

— Para você a mulher pode não ter valor, mas tem para o piloto. O bracelete e o colar, aquele ali, e mais o bracelete com as pedras verdes.

— Por Deus, isto é demais — Hakim explodiu — este bracelete é mais do que suficiente. Vale mais do que o piloto e o aparelho!

— Filho de um cão! Este aqui, o colar e aquele outro bracelete, aquele com as pedras verdes.

Eles continuaram a discutir, cada vez mais zangados, com todo mundo ouvindo atentamente, exceto Erikki, que ainda estava preso no seu inferno particular, preocupado apenas com Azadeh, imaginando onde estaria o médico e como ele poderia ajudar a ela e a Hakim. Acariciando-lhe os cabelos, foi ficando cada vez mais nervoso na medida em que os homens trocavam insultos cada vez mais violentos. Então Hakim achou que estava na hora e deu um gemido que também fazia parte do jogo da barganha.

— Você é um negociador bom demais para mim, por Deus! Assim você vai me deixar na miséria!

Esta é a minha última oferta! — Ele pôs o bracelete de diamantes, o menor dos colares de esmeraldas e o pesado bracelete de ouro no tapete. — Estamos de acordo?

Agora a oferta era justa, não tanto quanto Bayazid queria, mas muito mais do que tinha esperado.

— Sim — ele disse e ergueu o seu prêmio e a alegria invadiu o quarto. — Você jura por Deus que não vai nos perseguir? Que não vai nos atacar?

— Sim, juro por Deus.

— Ótimo. Piloto, eu preciso que você nos leve para casa... — Bayazid disse em inglês, e vendo a raiva no rosto de Hakim, acrescentou apressadamente: — Estou pedindo e não mandando, aga. Tome — e ofereceu o bracelete de ouro a Erikki. — Eu quero contratar os seus serviços, aqui está o paga...

— Ele parou e se virou quando um dos seus homens, que estava guardando o pátio, gritou: — Há um carro vindo da cidade! — Bayazid estava suando cada vez mais.

— Piloto, eu juro por Deus que não lhe farei mal.

— Não posso levá-lo — disse Erikki — não tenho gasolina suficiente.

— Então só até a metade do caminho, só até a meta...

— A gasolina não é suficiente.

— Então leve-nos apenas até as montanhas. É só um pedacinho. Estou pedindo. Pedindo, não mandando — Bayazid disse e depois acrescentou: — Pelo Profeta, eu os tratei de maneira justa e... e não a molestei. Estou lhe pedindo.

Todos tinham notado a ameaça velada que havia nas suas palavras e Erikki sabia como era frágil aquela história de "honra " e de "diante de Deus", que desapareceria com a primeira bala, e sabia que agora dependia dele consertar o desastre que tinha causado com aquele ataque, perseguindo um khan que já estava morto, com um resgate já pago pela metade, e agora Azadeh estava ali, ferida, e Hakim quase tinha morrido. Decididamente, ele tocou nela mais uma vez, olhou para o khan e depois balançou a cabeça, ergueu-se e agarrou o rifle que estava na mão do nativo mais próximo.

— Eu aceito a sua palavra diante de Deus e o matarei se você tentar me enganar. Vou deixá-lo ao norte da cidade, nas montanhas. Todos para o helicóptero. Diga a eles!

Bayazid detestou a ideia de uma arma nas mãos daquele monstro vingativo. Nenhum de nós esqueceu que fui eu que atirei a granada que talvez tenha matado um huri, ele pensou. Insha'Allah!

Rapidamente, ele ordenou a retirada. Levando o corpo do companheiro morto, eles se retiraram.

— Piloto, nós vamos sair todos juntos. Obrigado, aga, Hakim Khan, que Deus esteja com você — disse e recuou em direção à porta, com a arma preparada. — Vamos!

Erikki levantou a mão em despedida para Hakim, cheio de angústia pelo que tinha causado.

— Sinto muito..

— Que Deus esteja com você, Erikki, e volte são e salvo. — respondeu Hakim e Erikki sentiu-se melhor com isso. — Ahmed, vá com ele, ele não pode pilotar e usar uma arma ao mesmo tempo.

Cuide para que ele volte são e salvo. — Sim, pensou friamente, eu ainda tenho contas a ajustar com ele pelo ataque ao meu palácio!

— Sim, Alteza, obrigado, piloto — Ahmed apanhou a arma que estava com Erikki, verificou se estava carregada, depois sorriu de lado para Bayazid.

— Por Deus e pelo Profeta, cujo nome seja louvado, que ninguém tente nos enganar. — Educadamente, fez sinal para Erikki passar e saiu atrás dele. Bayazid saiu por último.

NA SUBIDA PARA O PALÁCIO: 11:05H.

O carro da polícia subia pela estrada sinuosa em direção aos portões, seguido de outros carros e de um caminhão do exército cheio de soldados.

Hashemi Fazir e Armstrong estavam no banco de trás do carro que ia na frente e que entrou derrapando pelo portão e parou no pátio, onde já havia uma ambulância estacionada. Eles saltaram e seguiram o guarda até o salão. Hakim Khan esperava por eles no seu lugar de honra, pálido e abatido mas imponente, cercado de guardas, na parte do palácio que não fora atingida.

— Alteza, graças a Deus o senhor não foi ferido. Nós acabamos de saber do ataque. Posso apresentar-me? Eu sou o coronel Hashemi Fazir do Serviço Secreto e este é o superintendente Armstrong, que vem nos assessorando há muitos anos e é especialista em certas áreas que poderiam interessá-lo, aliás, ele fala farsi. O senhor poderia contar-nos o que aconteceu? — Os dois homens escutaram atentamente enquanto Hakim Khan contava a sua versão do ataque. Eles já tinham ouvido alguns detalhes, ambos impressionados com o seu porte.

Hashemi tinha ido preparado. Antes de deixar Teerã na véspera à noite, ele examinara meticulosamente a ficha de Hakim. Durante anos, ele e a Savak o haviam mantido sob vigilância em Khoi: — Eu sei quanto ele deve e a quem, Robert, quais os favores que deve e a quem, o que gosta de comer e de ler, sua habilidade com um revólver, um piano e uma faca, sei de todas as mulheres e garotos com quem foi para a cama. Armstrong tinha rido.

— E quanto às suas tendências políticas?

— Ele não tem nenhuma. É inacreditável mas é verdade. Ele é iraniano, do Azerbaijão, e mesmo assim não se juntou a nenhum grupo, não tomou nenhum partido e nunca disse nada que fosse nem um pouco sedicioso, nem mesmo contra Abdullah Khan. E Khoi foi sempre um ninho de cobras.

— Religião?

— Xiita, mas calmo, consciencioso, ortodoxo, nem de direita nem de esquerda. Desde que foi banido, não, isto não é verdade, desde os sete anos, quando sua mãe morreu e ele e a irmã foram morar no palácio, ele tem sido uma pena agitada por um simples sopro do seu pai, esperando, amedrontado, por um desastre inevitável. Seja como Deus quiser, mas é um milagre que ele seja o khan, um milagre que aquele filho de um cão tenha morrido sem fazer mal a ele e à irmã. Estranho!

Num momento ele está com a vida ameaçada, no outro passa controlar uma riqueza incomensurável, um poder incomensurável, e eu tenho que lidar com ele.

— Isto deve ser fácil, se o que você disse é verdade.

— Você está desconfiado como sempre. Será esta a força dos ingleses?

— É apenas uma lição aprendida por um velho tira ao longo dos anos. Hashemi tinha sorrido consigo mesmo e tornou a fazê-lo agora, concentrando-se no rapaz, khan de todos os Gorgons, que estava diante dele, observando-o atentamente, estudando-o em busca de pistas. Quais são os seus segredos?

Você tem que ter algum segredo!

— Alteza, há quanto tempo o piloto partiu? — perguntava Armstrong. Hakim consultou o relógio.

— Há cerca de duas horas e meia.

— Ele disse quanto combustível havia no aparelho?

— Não, disse apenas que os levaria até um certo ponto e os deixaria lá.

Hashemi e Robert Armstrong estavam parados diante da plataforma elevada com seus ricos tapetes e almofadas onde estava Hakim Khan, vestido formalmente com brocados, um fio de pérolas em volta do pescoço, com um pingente de diamante quatro vezes maior do que o que ele trocara pela vida deles.

— Talvez — Hashemi disse delicadamente — talvez, Alteza, o piloto estivesse mancomunado com os curdos e não volte.

— Não, e eles não eram curdos embora afirmassem sê-lo, eram apenas bandidos comuns e raptaram Erikki e o obrigaram a atacar o khan, meu pai. — O jovem khan franziu a testa e depois disse com

firmeza: — O khan, meu pai, não deveria ter mandado matar o mensageiro deles. Ele deveria ter tentado baixar o preço do resgate, pagar, e depois matá-los pela sua impertinência.

Hashemi pegou a deixa.

— Eu providenciarei para que eles sejam apanhados.

— E todos os meus bens recuperados.

— É claro. Existe alguma coisa que eu e o meu departamento possamos fazer pelo senhor? — Ele estava observando o rapaz atentamente e viu, ou achou que viu, um certo ar de desprezo e isso o intrigou. Neste momento, a porta se abriu e Azadeh entrou. Ele nunca fora apresentado a ela, embora a houvesse visto muitas vezes. Ela deveria pertencer a um iraniano, pensou, não a um maldito estrangeiro. Como ela consegue aguentar aquele monstro? Ele não notou que Hakim o estava observando com a mesma atenção. Armstrong sim, pois observava o khan disfarçadamente.

Ela estava vestida com roupas ocidentais, de um tom verde-acinzentado que combinava com os seus olhos verdes, meias compridas e sapatos macios. Seu rosto estava muito pálido e ligeiramente maquilado. Ela caminhava vagarosamente e com uma certa dificuldade, mas inclinou-se diante do irmão com um sorriso doce.

— Desculpe interromper, Alteza, mas o médico me pediu para lembrá-lo de que deve repousar. Ele está indo embora, você gostaria de falar com ele?

— Não, não, obrigado. Você está bem?

— Oh, sim, — ela disse e forçou um sorriso. — Ele disse que estou bem.

— Posso apresentar-lhe o coronel Hashemi Fazir e o sr. Armstrong, superintendente Armstrong — Sua Alteza, minha irmã, Azadeh.

Eles a cumprimentaram e ela respondeu.

— Superintendente Armstrong? — Ela disse em inglês, franzindo a testa. — Eu não me lembro do título, mas nós já nos encontramos antes, não?

— Sim, Alteza, uma vez, no Clube Francês, no ano passado. Eu estava com o sr. Talbot, da embaixada britânica, e com um amigo do

seu marido da embaixada da Finlândia, Christian Tollonen.

Acho que era aniversário do seu marido.

— O senhor tem boa memória, superintendente. Hakim Khan deu um sorriso estranho.

— Esta é uma das características do M16, Azadeh.

— Só dos ex-policiais, Alteza — disse Armstrong. — Eu sou apenas um consultor do Serviço Secreto. — E dirigindo-se a Azadeh: — Eu e o coronel Fazir ficamos muito aliviados ao saber que nem a senhora nem o khan estavam feridos.

— Obrigada — ela disse, com os ouvidos e a cabeça ainda doendo muito e com problemas nas costas. O médico tinha dito: "Teremos que esperar alguns dias, Alteza, apesar de que iremos radiografá-los o mais cedo possível. É melhor a senhora e o khan irem para Teerã, eles têm um equipamento melhor. Com uma explosão como aquela nunca se sabe, Alteza, é melhor ir, eu não gostaria de ser responsável..."

Azadeh suspirou.

— Por favor, desculpe interromper — ela se calou abruptamente, escutando, com a cabeça ligeiramente inclinada. Eles também escutaram. Era só o vento e um carro ao longe.

— Ainda não é desta vez — disse Hakim, bondosamente. Ela tentou sorrir e murmurou: — Seja como Deus quiser — e depois saiu. Hashemi quebrou o silêncio.

— Nós também deveríamos deixá-lo, Alteza — disse com deferência, falando em farsi outra vez. — Foi muita bondade sua receber-nos hoje. Talvez pudéssemos voltar amanhã? — Ele viu o jovem khan tirar os olhos da porta e olhar para ele por baixo das sobancelhas escuras, com o rosto bonito e em repouso, os dedos brincando com o punhal cravejado de pedras que trazia na cintura. Ele deve ser feito de gelo, pensou, esperando educadamente que ele os despachasse.

Mas ao invés disto, o khan despachou todos os guardas, exceto um que estava parado na porta, de onde não podia ouvir a conversa, e fez sinal para os dois homens chegarem mais perto.

— Agora nós vamos falar em inglês. O que é que vocês desejam realmente pedir-me? — Ele disse baixinho.

Hashemi suspirou, certo de que Hakim Khan já sabia, e mais certo agora de que aqui ele tinha um adversário ou um aliado à altura.

— Ajuda em duas questões, Alteza: a sua influência no Azerbaijão poderia ajudar-nos imensamente a derrotar elementos hostis que estão rebelados contra o governo.

— E a segunda?

Ele percebeu o tom de impaciência e isso o divertiu.

— A segunda é um tanto delicada, Alteza. Ela diz respeito a um soviético chamado Petr Oleg Mzytryk, um conhecido do seu pai que, há alguns anos costuma vir aqui de vez em quando, assim como Abdullah Khan costumava visitar a sua fazenda em Tbilisi. Apesar de Mzytryk se fazer passar por amigo de Abdullah Khan e do Azerbaijão, na realidade ele é um membro muito graduado da KGB e muito hostil.

— De cada cem soviéticos que vêm para o Irã, 98 são da KGB e portanto inimigos, e os outros dois são da GRU e portanto inimigos. Como khan, o meu pai tinha que lidar com todo o tipo de inimigos — mais uma vez Hashemi notou o sorriso irônico — e com todo o tipo de amigos e também com o meio-termo. E então?

— Nós gostaríamos muito de entrevistá-lo. — Hashemi esperou alguma reação, mas não houve nenhuma e a sua admiração pelo rapaz aumentou. — Antes de Abdullah Khan morrer, ele tinha concordado em nos ajudar. Através dele, nós soubemos que o homem tencionava atravessar a fronteira secretamente no sábado passado e de novo na terça-feira, mas das duas vezes ele não apareceu.

— E como ele irá atravessar a fronteira?

Hashemi contou-lhe, sem saber ao certo quanto ele sabia, experimentando o terreno com grande cautela.

— Nós achamos que o homem pode entrar em contato com o senhor; neste caso, o senhor poderia por favor nos avisar? Em particular.

Hakim Khan decidiu que estava na hora de pôr este inimigo teerani e o seu lacaio inglês no seu devido lugar. Filho de um cão,

será que eu sou tão ingênuo a ponto de não saber o que está acontecendo?

— Em troca de quê? — perguntou bruscamente. Hashemi foi igualmente brusco.

— O que o senhor quer?

— Primeiro: que todos os oficiais graduados da Savak e da polícia no Azerbaijão sejam suspensos imediatamente, aguardando uma revisão, que será feita por mim, e que todos os que forem designados daqui para a frente sejam submetidos à minha aprovação prévia.

Hashemi enrubesceu. Nem mesmo Abdullah Khan jamais pedira isso.

— E qual é a segunda coisa? — perguntou secamente.

Hakim Khan riu.

— Bom, muito bem, aga. A segunda coisa vai esperar até amanhã ou depois, bem como a terceira e talvez a quarta. Mas quanto ao seu primeiro ponto, amanhã às dez horas, traga-me um relatório dizendo como eu poderia ajudar a parar com toda a luta no Azerbaijão e como você, pessoalmente, se estivesse ao seu alcance, como você iria... — Ele pensou por um momento e depois continuou: — Como nos poria a salvo dos inimigos internos e externos. — Ele desviou a sua atenção para Armstrong.

Armstrong estava desejando que a discussão continuasse para sempre, extasiado por estar tendo a oportunidade de assistir em primeira mão a este novo khan enfrentando um adversário tão duro quanto Hashemi. Minha nossa, se este garoto consegue agir com tanta confiança assim dois dias depois de se tornar khan, depois de ter sido quase desintegrado por uma explosão há poucas horas atrás, é melhor que o governo de Sua Majestade o coloque no topo da lista dos elementos perigosos.

Ele viu os olhos fixos nele. Com esforço, manteve o rosto calmo, resmungando por dentro: Agora é sua vez!

— Quais as áreas de sua especialidade que poderiam interessar-me?

— Bem, Alteza, eu, ahn, trabalhei no Special Branch e entendo um pouco de espionagem e contra-espionagem. É claro que boas

informações, informações confidenciais são essenciais para alguém na sua posição. Se o senhor quisesse, talvez eu pudesse, junto com o coronel Fazir, sugerir maneiras de melhorar isto para o senhor.

— Uma boa ideia, sr. Armstrong. Por favor, mande-me as suas sugestões por escrito, o mais cedo possível.

— Seria um prazer. — Armstrong decidiu jogar. — Mzytryk poderia fornecer-lhe rapidamente um bocado de respostas, a maioria das respostas que o senhor precisa acerca dos inimigos "internos e externos" que o senhor mencionou, especialmente se o coronel pudesse, ahn, conversar com ele em particular. — As palavras ficaram pairando no ar. Ele viu Hashemi arrastar os pés nervosamente ao seu lado. Eu aposto a minha vida como você sabe mais do que diz, Hakim, meu rapaz, e aposto os meus testículos como você não passou todos esses anos sendo apenas uma maldita "pena"! Cristo estou precisando de um cigarro!

Os olhos de Hakim estavam cravados nele e teria adorado poder dizer. Pelo amor de Deus, pare com toda esta besteira e mijei ou saia do pinico... Então imaginou este khan de todos os Gorgons mijando no assento de uma privada, com tudo pendurado para fora, e teve que tossir para não rir.

— Desculpe — disse, tentando parecer humilde. Hakim Khan franziu a testa.

— E como eu poderia ter acesso a essas informações? — perguntou, e os dois homens viram que ele estava fisgado.

— Como o senhor quiser, Alteza — disse Hashemi —, como o senhor quiser.

Houve outra pausa.

— Eu vou pensar no que... Hakim parou, escutando. Agora todos eles ouviram o barulho das hélices e dos motores. Os dois homens se dirigiram para as janelas altas. — Esperem — disse Hakim. Um de vocês, por favor, me ajude.

Perplexos, eles o ajudaram a se levantar.

— Obrigado. Assim está melhor. São as minhas costas. Eu devo ter dado um mau jeito nelas durante a explosão. — Hashemi ofereceu-lhe o braço e ele foi mancando até a janela que dava para o pátio.

O 212 se aproximava devagar, preparando-se para pousar. Quando o aparelho se aproximou, eles viram Erikki e Ahmed nos assentos da frente, mas Ahmed estava curvado e claramente ferido. Havia alguns buracos de bala no aparelho e um grande naco fora arrancado da janela lateral. O aparelho fez um pouso perfeito. No mesmo instante os motores começaram a parar. Eles viram o sangue na manga e no colarinho de Erikki.

— Cristo — murmurou Armstrong.

— Coronel — disse Hakim, com urgência, para Hashemi — veja se consegue evitar que o médico saia. — Na mesma hora, Hashemi saiu.

De onde estavam, eles podiam ver os degraus da frente. A enorme porta se abriu e Azadeh saiu e ficou ali parada por um instante, imóvel, com outras pessoas se juntando a ela, guardas, empregados e algumas pessoas da família. Erikki abriu a porta e saltou com dificuldade. Ele se dirigiu para ela com um ar de cansaço. Mas o seu andar era firme e um segundo depois ela estava em seus braços.

56

NA CIDADE DE KOWISS: 12:10H.

Ibrahim Kyabi aguardava impacientemente que o mulá Hussein saísse da mesquita e viesse para a praça apinhada de gente. Ele estava encostado na fonte em frente à enorme porta, abraçado ao saco de lona que ocultava o seu M16 pronto para atirar. Seus olhos estavam vermelhos de cansaço, todo o seu corpo doía em consequência da viagem de quase seiscentos quilômetros de Teerã até Kowiss.

Ele reparou num europeu alto caminhando no meio da multidão. O homem seguia um Faixa Verde e usava roupas escuras, casaco e gorro. Ele viu os dois contornarem a mesquita e desaparecerem no beco que ficava ao lado. Ali perto ficava a entrada do bazar. Sua obscuridade, calor e segurança o fizeram sentir-se tentado a sair do frio.

— Insha'Allah — murmurou automaticamente, depois lembrou a si mesmo que deveria parar de usar essa expressão, agasalhou-se melhor com o velho sobretudo e recostou-se mais confortavelmente na fonte que, quando o gelo do inverno derretesse, mais vez jorraria para que os passantes pudessem beber e lavar as mãos e o rosto antes de entrar para rezar.

— Como é este mulá Hussein? — tinha perguntado ao vendedor de rua que lhe servia uma porção de horisht de feijão que fervia num enorme caldeirão. Era de manhã e ele tinha acabado de chegar, depois de uma série interminável de atrasos, 15 horas depois do previsto. — Como é ele?

O homem era velho e desdentado e deu de ombros.

— Um mulá.

Um outro freguês, que estava perto, praguejou.

— Você merece ser torturado! Não ouça o que ele diz, forasteiro, o mulá Hussein é um verdadeiro líder do povo, um homem de Deus, que possui apenas uma arma e munição para matar os inimigos de Deus. — Outros fregueses se juntaram ao rapaz de barba e contaram a ele sobre a tomada da base aérea.

— O nosso mulá é um verdadeiro seguidor do imã, ele vai nos conduzir ao Paraíso, por Deus.

Ibrahim quase gritou de raiva. Hussein e todos os mulás merecem morrer por ensinarem tanta bobagem a esses pobres camponeses. Paraíso? Belas roupas e vinho e quarenta virgens deitadas em sofás de seda?

Eu não vou pensar em amor, não vou pensar em Xarazade, ainda não.

Suas mãos acariciaram a arma escondida. Isso melhorou um pouco o seu cansaço e a sua fome, mas não a sua total solidão.

Xarazade. Agora parte de um sonho. É melhor assim, muito melhor: ele esperava por ela no café quando Jari se aproximou, dizendo: — Em nome de Deus, o marido voltou. Aquilo que nunca começou está terminado para sempre. — E depois desaparecera no meio da multidão. Imediatamente, ele saíra, apanhara a arma e caminhara até a estação de ônibus. Agora estava esperando, devendo em breve ser martirizado ao se vingar da tirania cega, em nome do povo. Faltava tão pouco agora. Logo ele veria a escuridão ou a luz, alcançaria o esquecimento ou a compreensão, sozinho ou junto com outros: profetas, imãs, demônios, quem?

Ele fechou os olhos, extasiado. Em breve eu saberei o que acontece quando morremos e para onde vamos. Será que finalmente nós encontramos a resposta para a grande charada: Maomé foi o último Profeta de Deus ou um louco? O Corão é verdadeiro? Deus existe?

No beco ao lado da mesquita, o Faixa Verde que levava Starke parou e apontou para um casebre.

Starke pulou por cima da vala e bateu na porta. Esta se abriu.

— Que a paz esteja com o senhor, Excelência Hussein — disse em farsi, tenso e em guarda. — O senhor mandou me chamar?

— Salaam, capitão. Sim, mandei — o mulá Hussein respondeu em inglês e fez sinal para que ele entrasse.

Starke teve que se abaixar para entrar no casebre de um só cômodo. Dois bebês dormiam profundamente num colchão de palha no chão de terra. Um menino olhava para ele, agarrado a um velho rifle, e ele o reconheceu como sendo a mesma criança que estava presente quando houve a briga entre os homens de Hussein e os de Zataki. Um AK47 muito bem tratado estava encostado na parede. Ao lado da pia, uma velha vestindo um chador preto e manchado estava sentada numa cadeira bamba.

— Estes são os meus filhos e esta é a minha esposa — disse Hussein. Salaam Starke disfarçou o espanto por ela ser tão velha. Então olhou-a melhor e viu que ela não era velha em idade.

— Eu o mandei chamar por três motivos: primeiro para que visse como vive um mulá. A pobreza é um dos primeiros deveres de um mulá. Bem como educação, liderança e aplicação da lei. Além disso, aga, eu sei que o senhor é cem por cento sincero nas suas crenças.

E aprisionado por elas, Starke teve vontade de acrescentar, odiando aquele quarto e a pobreza terrível e interminável que representava, o seu fedor e a impotência que ele sabia que não precisaria existir, mas que continuaria a existir para sempre ali e em milhares de outros lares de todas as religiões, no mundo inteiro. Mas não na minha família, graças a Deus! Graças a Deus eu nasci texano, graças a Deus trilhões de vezes por eu pensar diferente e por meus filhos jamais terem precisado viver na sujeira como estas pobres crianças. Com esforço, ele se controlou para não espantar as moscas que estavam pousadas em cima deles, com vontade de xingar Hussein por se conformar com uma situação que não precisava suportar.

— O senhor falou em três motivos, aga.

— O segundo é: Por que quase todos os homens vão partir hoje?

— Eles estão com as licenças vencidas há muito tempo, aga. O trabalho na base está lento, este é um bom momento. — A ansiedade de Starke aumentou. Esta manhã, antes dele ter sido chamado pelo mulá, já haviam chegado três telex e duas chamadas pelo HF do QG em Teerã, a última de Siamaki, agora membro do

Conselho, querendo saber onde estavam Pettikin, Nogger Lane e os outros. Ele o havia enrolado, dizendo que McIver entraria em contato com ele assim que chegasse lá com o ministro Kia, muito consciente da curiosidade de Wazari.

Ele tinha ouvido falar da visita de Ali Kia pela primeira vez na véspera. Charlie Pettikin, durante a sua breve escala a caminho de Al Shargaz, contara a ele o que havia acontecido com McIver e os seus receios com relação a ele.

— Jesus — foi só o que conseguiu dizer.

Mas nem tudo tinha corrido mal na véspera. John Hogg trouxera o esquema preparado por Gavallan para a operação Turbilhão, com códigos, horários e coordenadas das alternativas de reabastecimento do outro lado do golfo.

— Andy mandou dizer que estas instruções já foram encaminhadas a Scrag em Lengeh e a Rudi em Bandar Delam e que levam em consideração os problemas das três bases. Dois 747 de carga estão reservados para a madrugada de sexta-feira, em Al Shargaz. Isso nos dará bastante tempo, segundo Andy. Eu trarei outras instruções quando vier buscar os rapazes, Duke. O último botão não será apertado antes das sete horas de sexta-feira, sábado ou domingo. Se isso não acontecer, a operação terá sido suspensa — dissera Hogg.

Nenhum dos espiões de Esvandiary estava por perto, e Starke conseguira enfiar outro caixote de peças de 212 muito valiosas no 125. E houve mais coisas boas: todos os vistos de saída do pessoal ainda estavam válidos, havia tanques de combustível de oitocentos litros em número suficiente, escondidos na costa, e Tom Lochart tinha chegado a tempo de Zagros, agora engajado na operação Turbilhão.

— Por que a mudança, Tom? Pensei que você fosse totalmente contra — ele tinha perguntado, perturbado com os modos de Lochart. Mas o amigo apenas levantara os ombros e ele não insistira.

Mesmo assim, pensou, a ideia da retirada dos 212 o preocupava muito. Na realidade, eles não tinham nenhum plano, apenas uma série de possibilidades. Com esforço, ele se concentrou, com o quarto tornando-se cada vez mais sufocante.

— Eles estão com as licenças vencidas — tornou a dizer.
— Quando chegarão os substitutos?
— No sábado, é quando estão sendo esperados.
— Esvandiary disse que você tem retirado muitas peças.
— As peças precisam ser substituídas e consertadas de vez em quando, aga.

Hussein analisou-o e depois concordou, pensativo.

— O que foi que causou o acidente que quase matou Esvandiary?

— A carga se soltou. É uma operação arriscada. Outra pausa.

— Quem é esse homem, Ali Kia?

Starke não estava preparado para estas perguntas e imaginou se estaria sendo testado outra vez e quanto o mulá saberia.

— Disseram-me que ele é um dos ministros do primeiro-ministro Bazargan, que está fazendo uma viagem de inspeção. — E depois acrescentou: — Também soube que ele foi, ou é, um consultor da nossa firma, a CHI, talvez mesmo um diretor, mas não sei ao certo.

— Quando é que ele chega?

— Não tenho certeza. O nosso diretor, capitão McIver, recebeu ordens para acompanhá-lo.

— Ordens?

— Pelo que sei, sim.

— Por que um ministro seria consultor de uma companhia particular?

— Acho que o senhor terá que perguntar a ele, aga.

— Sim, eu concordo. — O rosto de Hussein endureceu. — O imã jurou que acabaria com toda a corrupção. Nós iremos juntos para a base. — Apanhou o AK47 e o pendurou no ombro. — Salaam — disse para a família.

Starke e o Faixa Verde seguiram Hussein pelo beco até uma porta lateral da mesquita. Lá, o mulá tirou os sapatos, apanhou-os e entrou. Starke e o Faixa Verde fizeram o mesmo, só que Starke tirou também o gorro. Atravessaram um corredor e entraram por outra porta, chegando na mesquita propriamente dita, um único cômodo sob a abóbada, coberto de tapetes e sem enfeites. Apenas ladrilhos decorativos aqui e ali, com citações do Corão lindamente incrustadas. Um atril com o Corão aberto perto de um toca-fita

moderno e alto-falantes, os fios esticados ao acaso e todas as lâmpadas elétricas descobertas e fracas. Dos alto-falantes vinha a voz cantada de um homem recitando o Corão.

Havia homens rezando, outros conversando, outros dormindo. Os que viram Hussein sorriram para ele e ele retribuiu o sorriso, mostrando o caminho até uma alcova cheia de colunas. Lá ele parou e pôs os sapatos e a arma, fazendo sinal para o Faixa Verde sair.

— Capitão, o senhor pensou um pouco mais sobre o que nós discutimos durante o seu interrogatório?

— Como assim, aga? — A apreensão de Starke aumentou e ele sentiu o estômago revirar.

— Sobre o Islã, sobre o imã, que a paz de Deus esteja com ele, sobre ir procurá-lo?

— É impossível para mim ir procurá-lo, mesmo que eu quisesse.

— Talvez eu pudesse arranjar isso. Se o senhor visse o imã, se o ouvisse falar, encontraria a paz de Deus que tanto procura. E a verdade.

Starke ficou comovido com a evidente sinceridade do mulá.

— Se eu tivesse esta chance, tenho certeza que... que a aproveitaria se pudesse. O senhor falou em três coisas, aga.

— Esta é a terceira. O Islã. Torne-se muçulmano. Não há um momento a perder. Submeta-se a Deus, aceite o fato de que só existe um Deus e de que Maomé é o Seu Profeta, aceite isto e conquiste a vida eterna no Paraíso.

Os olhos do mulá eram escuros e penetrantes. Starke já havia notado isso antes e achou-os quase hipnóticos.

— Eu... eu já lhe disse, aga, talvez eu o faça, quando Deus quiser. — Ele desviou os olhos e sentiu diminuir a força dominadora.

— Se vamos voltar, é melhor que seja agora. Não quero perder o embarque dos rapazes.

Foi quase como se ele não tivesse falado.

— O imã não é o mais santo dos homens, o mais corajoso, o mais implacável inimigo da opressão?

O imã é tudo isso, capitão. Abra os seus olhos e o seu espírito para ele.

Starke percebeu o que estava por trás daquele fervor e o aparente sacrilégio o deixou inquieto.

— Eu espero pacientemente. — E tornou a olhar para os olhos que pareciam estar olhando através dele, através das paredes, em direção ao infinito. — Se vamos partir, é melhor que seja agora — repetiu o mais delicadamente que pôde.

Hussein suspirou. A luz desapareceu dos seus olhos. Ele pôs a arma no ombro e saiu na frente. Na porta principal, ele calçou os sapatos e esperou até que Starke fizesse o mesmo. Mais quatro Faixas Verdes se juntaram a eles.

— Nós vamos até a base — Hussein comunicou a eles.

— Eu estacionei o meu carro logo depois da praça. — disse Starke, sentindo-se imensamente aliviado por estar outra vez ao ar livre, liberto do feitiço do homem. — É uma caminhonete, podemos ir todos, se o senhor quiser.

— Ótimo. Onde ele está?

Starke apontou e saiu andando no meio das barracas. Ele era quase uma cabeça mais alto que a maioria das pessoas e agora a sua cabeça estava cheia de ideias desencontradas, refletindo sobre o que o mulá tinha dito, tentando planejar o que fazer com relação à operação Turbilhão.

— Maldição — resmungou, assustado com o perigo. Eu espero que Rudi desista, então eu também desisto, não importa o que faça Scrag. Automaticamente, seus olhos vigiaram a redondeza, como o faziam na cabine de pilotagem e ele notou uma certa confusão perto da fonte. Por causa da sua altura, ele foi o primeiro a ver o rapaz com a arma e a multidão se espalhando. Ele parou petrificado e Hussein se aproximou. Mas não havia nenhum engano, o rapaz, furioso, corria em sua direção.

— Assassino — exclamou, com os homens e mulheres que estavam na sua frente fugindo aterrorizadas, correndo, tropeçando, saindo do caminho do homem. Agora o caminho estava livre.

Apatetado, viu o homem parar e apontar a arma diretamente para ele.

— Cuidado! — Mas antes que pudesse mergulhar no chão ou se proteger atrás de uma barraca, sentiu o impacto da primeira bala,

atirando-o para trás, em cima de um dos Faixas Verdes. Mais balas, alguém gritou, depois outra arma começou a disparar, deixando-o surdo.

Era Hussein. Seus reflexos tinham sido muito bons. Imediatamente, ele compreendera que o ataque era contra ele e o sinal que Starke lhe dera havia sido suficiente. Com um só movimento, ele tinha empunhado a arma, mirado e apertado o gatilho, com o cérebro gritando: Não há nenhum outro Deus além de...

Seus tiros foram certos. Ele matou Ibrahim, arrancando-lhe a arma da mão e atirando-o no chão.

Rapidamente, o mulá parou de atirar e viu que ainda estava em pé, sem acreditar que não estivesse ferido, achando impossível o assassino ter errado, impossível ele não estar a caminho do Paraíso.

Abalado, ele viu a confusão à sua volta, feridos sendo ajudados, outros gemendo e xingando, um dos seus Faixas Verdes caído, morto, muitos passantes feridos. Starke estava caído sob as barracas.

— Graças a Deus, Excelência Hussein, o senhor não está ferido — disse um Faixa Verde.

— Seja como Deus quiser... Deus é grande... — Hussein ajoelhou-se ao lado de Starke. Viu que o sangue pingava da sua manga esquerda e que o rosto dele estava branco. — Onde foi atingido?

— Eu... não tenho certeza. Acho que no ombro ou no peito. — Era a primeira vez que Starke levava um tiro. Quando a bala o atingiu e o atirou de costas no chão, ele não sentiu dor, mas o seu cérebro gritou: Eu estou morto, o filho da mãe me matou, nunca mais verei Manuela, nunca mais voltarei para casa, nunca mais verei as crianças, estou morto... Então tinha sentido uma vontade enorme de correr, de escapar da própria morte. Ele quis se levantar, mas a dor o impediu e agora Hussein estava ajoelhado ao lado dele.

— Deixe-me ajudá-lo — disse Hussein, depois virou-se para o Faixa Verde — Segure o outro braço dele.

Ele gritou quando o viraram e tentaram ajudá-lo a levantar-se.

— Esperem... pelo amor de Deus... — Quando o espasmo passou, viu que não podia mover o braço esquerdo, mas que o direito estava bom. Com a mão direita, ele se apalpou e depois mexeu com as pernas. Não sentiu dor. Parecia estar tudo funcionando, exceto o braço e o ombro esquerdos e sua cabeça estava confusa. Trincando os dentes, abriu o casaco e a camisa. Havia sangue escorrendo do buraco que tinha no meio do ombro, mas não estava jorrando e ele não-estava com muita dificuldade para respirar, só sentia uma pontada forte quando se movia. — Eu... eu acho que a bala está no meu pulmão.

— Ora essa, piloto — disse o Faixa Verde, com uma risada. — Olhe, há outro buraco nas costas do seu casaco, a bala deve ter atravessado o seu ombro.

— E enfiou um dedo sujo no buraco e Starke xingou-o violentamente. — Xingue a si mesmo, infiel — disse o homem. — Xingue a si mesmo e não a mim. Talvez Deus, na sua misericórdia, tenha-lhe devolvido a vida, embora por que o fizesse... — Ele deu de ombros e se levantou, olhou para o companheiro morto ali perto e para o outro, ferido, tornou a dar de ombros, caminhou até Ibrahim Kyabi que estava caído no chão e começou a revistar-lhe os bolsos.

A multidão que enchia a praça avançava, cercando-os, então Hussein se levantou e fez sinal para que se afastassem.

— Deus é grande, Deus é grande — gritou. — Afastem-se. Ajudem aos que estão feridos! — Depois que conseguiu abrir espaço, ele se ajoelhou ao lado de Starke. — Eu não o avisei de que o tempo era curto? Deus o protegeu desta vez para dar-lhe outra chance.

Mas Starke mal escutou. Ele tinha encontrado o seu lenço e o apertava de encontro à ferida, tentando estancar o sangue, sentindo-o escorrer pelas costas, resmungando e xingando, agora não mais cheio de terror, mas ainda com medo de passar a vergonha de fugir.

— Por que aquele filho da mãe estava tentando me matar? — resmungou. — Filho da puta maluco!

— Ele estava tentando matar a mim, não a você. Starke olhou para o mulá.

— Fedayim, mujahedins!

— Ou do Tudeh. Que importância tem isso, ele era um inimigo de Deus. Deus o matou.

Starke sentiu outra pontada no peito. Abafou um palavrão, odiando toda aquela conversa de Deus, sem querer pensar em Deus, mas apenas em Manuela e nas crianças e numa vida normal e em sair dali. Estou cheio de toda essa loucura, em matar em nome da sua versão estreita de Deus.

— Filhos da puta! — resmungou, as palavras abafadas pelo barulho. Seu ombro estava latejando, a dor se espalhava. Enrolou o lenço o melhor que pôde, usando-o como um curativo e fechou o casaco, murmurando obscenidades.

Que diabo eu vou fazer agora, pelo amor de Deus? Maldito filho da mãe, como é que eu vou pilotar agora? Mudou ligeiramente de posição. Deu outro gemido, soltou outro palavrão, desgostoso consigo mesmo, desejando ser estoico.

Hussein despertou do seu devaneio, angustiado por Deus ter decidido deixá-lo vivo, quando, mais uma vez, ele deveria ter sido martirizado. Por quê? Por que eu sou tão amaldiçoado? E este americano, é impossível que as balas não o tenham matado também — por que ele também foi deixado vivo?

— Nós vamos para a sua base. Você pode levantar-se?

— Eu... claro, só um instante. — Starke se preparou. — Está bem, cuidado... oh, meu Deus... — Mesmo assim ele conseguiu se levantar, nauseado de dor. — Um dos seus homens pode ir guiando?

— Sim. — Hussein chamou o Faixa Verde que estava ajoelhado ao lado de Kyabi — Firouz, depressa! — Obedientemente, o homem voltou.

— Só havia estas moedas no bolso dele, Excelência, e isto aqui. O que está escrito?

Hussein examinou atentamente o cartão.

— É uma carteira de identidade da Universidade de Teerã.

A fotografia mostrava um rapaz bonito sorrindo para a câmera.

IBRAHIM KYABI, 3º ANO, SEÇÃO DE ENGENHARIA. DATA DE NASCIMENTO: 12 DE MARÇO DE 1955.

Hussein virou o cartão.

— Há um endereço em Teerã.

— Universidades nojentas — disse outro Faixa Verde. — Entes do demônio e da maldade ocidental.

— Quando o imã reabrir as universidades, que Deus lhe dê paz, os mulás ficarão encarregados delas.

Nós acabaremos com todas as ideias ocidentais, contrárias ao Islã, para sempre. Entregue o cartão ao komiteh, Firouz. Eles podem mandá-lo para Teerã. Os komitehs em Teerã interrogarão a sua família e os seus amigos, e lidarão com eles. — Hussein viu Starke olhando para ele. — Sim, capitão?

Starke tinha visto o retrato.

— Eu só estava pensando que dentro de poucos dias ele faria 24 anos. Um desperdício, não?

— Deus castigou a sua maldade. Agora ele está no inferno.

AO NORTE DE KOWISS: 16:10H.

O 206 cruzava as colinas de Zagros com McIver nos controles e Ali Kia cochilando ao lado dele. McIver estava se sentindo muito bem. Desde que decidira que ele mesmo pilotaria o helicóptero para Ali Kia, vinha sentindo a cabeça leve. Era a solução perfeita, a única solução.

— O meu exame médico não está atualizado, e daí? Nós estamos numa operação de guerra, temos que aceitar riscos e eu ainda sou o melhor piloto da companhia.

Ele olhou para Kia. Se você não fosse um pé no saco, eu o abraçaria por esta oportunidade. Ele sorriu e apertou o botão do microfone.

— Kowiss, aqui é Hotel-Tango-raioX, a trezentos metros de altura, rumo de 185 graus, vindo de Teerã com o ministro Kia a bordo.

— HTX. Mantenha esta direção, comunique-se quando estiver chegando.

O voo e o reabastecimento no aeroporto internacional de Isfahan tinham sido sem novidades, exceto por alguns minutos, depois de aterrissarem, quando Faixas Verdes nervosos, cercaram o helicóptero gritando ameaçadoramente, mesmo depois dele ter recebido autorização para pousar e reabastecer — Fale pelo rádio, insista para que o supervisor venha até aqui imediatamente — Kia tinha dito para McIver, nervoso. — Eu represento o governo.

McIver tinha obedecido.

— A, ahn, torre diz que se não reabastecermos e partirmos dentro de uma hora, o komiteh apreenderá o aparelho. — E acrescentou brandamente, encantado de transmitir a mensagem: — Eles disseram: "Pilotos estrangeiros e aviões estrangeiros não são bem-vindos a Isfahan, nem os cães de guarda do governo de Bazargan, dominado pelos estrangeiros!"

— Bárbaros, camponeses ignorantes — Kia tinha dito com desprezo, mas só quando estava novamente no ar, a salvo, e McIver enormemente aliviado por ter podido pousar num aeroporto civil e não ser forçado a usar a base da Força Aérea onde Lochart reabastecera o seu helicóptero.

McIver podia ver toda a base aérea de Kowiss agora. Do outro lado do campo, perto do complexo da CHI, ele viu o 125 da companhia e o seu coração deu um salto. Eu disse a Starke para tirar os rapazes daqui cedo, pensou, zangado.

— CHI, controle, HTX de Teerã com o ministro Kia a bordo.

— CHI, controle, HTX, pouse na pista dois. O vento está soprando a 35 nós, 135 graus.

McIver podia ver Faixas Verdes no portão principal, outros perto da pista junto com Esvandiary e os empregados iranianos. Um grupo de mecânicos e pilotos também estava reunido ali perto. Meu comitê de recepção, pensou, reconhecendo John Hogg, Lochart, Jean-Luc e Ayre. Nada de Starke. Eu estou ilegal, e daí, o que eles podem fazer? Eu sou o superior deles, mas se o DAC descobrir, vai ficar uma fera. Ele já estava com o discurso preparado: "Peço desculpas, mas para atender às exigências do ministro Kia, eu precisava tomar uma decisão imediatamente. E claro que isto não tornará a acontecer."

Isto não teria acontecido se a operação Turbilhão não existisse. Ele se inclinou e sacudiu Kia.

— Estaremos pousando dentro de poucos minutos, aga.

Kia tirou do rosto o ar de cansaço, olhou para o relógio, depois consertou a gravata, penteou os cabelos e ajeitou cuidadosamente o chapéu de astracã. Ele estudou as pessoas lá embaixo, os hangares impecáveis, e todos os helicópteros alinhados: dois 212, três 206, dois Alouettes. Meus helicópteros, pensou satisfeito.

— Por que a viagem foi tão demorada? — perguntou secamente.

— Estamos no horário, ministro. Tivemos um pouco de vento contrário. — McIver estava concentrado no pouso, precisando fazê-lo muito bem-feito. E o fez.

Esvandiary abriu a porta de Kia.

— Excelência ministro, eu sou Kuran Esvandiary, chefe da IranOil nesta região, bem-vindo a Kowiss. O senhor diretor gerente Siamaki ligou para certificar-se de que estávamos preparados para recebê-lo. Seja bem-vindo!

— Obrigado. — Ostensivamente, Kia disse para McIver: — Piloto, esteja pronto para decolar amanhã às dez horas. Eu posso querer visitar alguns campos de petróleo com Sua Excelência Esvandiary antes de voltar. Não se esqueça, eu tenho que estar em Teerã a tempo para a minha reunião das 19 horas com o primeiro-ministro.

— Ele saltou e foi levado para inspecionar os helicópteros.

Imediatamente, Ayre, Lochart e os outros se aproximaram da janela de McIver. Ele ignorou a cara de preocupação deles e sorriu.

— Olá, como estão as coisas?

— Deixe-me terminar o pouso para você, Mac — disse Ayre. — Nós temos...

— Obrigado, mas eu sou perfeitamente capaz — disse McIver, bruscamente —, depois falou no microfone: — HTX desligando os motores. — Ele viu o ar de preocupação de Lochart e tornou a suspirar. — Eu sei que estou um pouco fora das regras, Tom, e daí?

— Não é isto, Mac — Lochart disse depressa. — Duke levou um tiro — McIver escutou estarecido enquanto Lochart contava o que tinha acontecido. — Ele está na enfermaria agora. O doutor Nutt acha que o pulmão dele pode estar perfurado.

— Meu Deus! Então embarque no 125, ande Johnny, vá...

— Ele não pode fazer isso, Mac — Lochart falou depressa — 'Pé- quente' suspendeu a partida do 125 até depois da inspeção de Kia. Ontem o velho Duke tentou de todas as maneiras conseguir que ele partisse antes da sua chegada, mas 'Pé-quente' é um filho da puta. E isso não é tudo, eu acho que Teerã sabe dos nossos planos.

— O quê!

Lochart contou-lhe sobre os telex e as chamadas pelo HF.

— Siamaki está enchendo os ouvidos de 'Pé-quente', deixando-o nervoso. Eu atendi a última chamada de Siamaki — Duke tinha ido falar com o mulá — e ele estava uma fera. Eu disse a mesma coisa que Duke tinha dito e o despachei dizendo que você ligaria assim que chegasse, mas Jesus, Mac, ele sabe que você e Charlie tiraram tudo do apartamento.

— Ali Babá! Ele deve ter sido posto lá para nos espionar. — A cabeça de McIver estava fervendo.

Então ele notou o pequeno São Cristóvão de ouro que geralmente pendurava na bússola quando estava pilotando. Era um presente de Genny, o seu primeiro presente, um presente de guerra, logo depois que eles se conheceram, ele na RAF, ela uma WAAF.

— É para você não se perder, garoto — ela tinha dito. — Você não tem muito senso de direção.

Ele sorriu e se sentiu agradecido.

— Primeiro vou ver Duke. — Ele podia ver Esvandiary e Kia percorrendo a fileira de helicópteros.

— Tom, você e Jean-Luc vejam se conseguem acompanhar Kia, amaciá-lo um pouco, puxar o saco dele, eu vou me encontrar com vocês assim que puder. — Eles obedeceram imediatamente.

— Freddy, espalhe a notícia de que assim que conseguirmos autorização para o 125 partir, todo mundo deve embarcar rapidamente e sem chamar a atenção. A bagagem já está a bordo?

— Sim, mas e quanto a Siamaki?

— Deixe que eu me preocupo com isso, pode ir. — McIver saiu apressado.

Johnny Hogg gritou atrás dele: — Mac, preciso falar com você assim que for possível. Ele percebeu a urgência na voz de Hogg e

parou.

— O que é, Johnny?

— Urgente e confidencial de Andy: se o tempo piorar, ele talvez adie o Turbilhão para sábado. O vento mudou. Agora está contrário e não a favor.

— Você está pensando que eu não sei distinguir um sudeste de um noroeste?

— Desculpe. Andy disse também que já que você está aqui, ele não poderá transmitir-lhe o sim ou não que prometeu.

— Está certo. Peça a ele para transmitir a Charlie. O que mais?

— O resto pode esperar. Eu não contei nada aos outros.

O doutor Nutt estava na enfermaria com Starke. Este estava deitado numa cama, com o braço na tipoia e o ombro todo enfaixado.

— Olá, Mac, fez boa viagem? — disse severamente.

— Não comece! Olá doutor! Duke, vamos embarcá-lo no 125.

— Não. Temos que pensar em amanhã.

— Amanhã é amanhã e você vai embora no 124... 125! Pelo amor de Deus — disse McIver irritado; o alívio de ter feito um voo seguro e de ver Starke vivo o fez perder o controle. — Não aja como se fosse Deadeye Dick no Álamo!

— Ele não estava no maldito Álamo — Starke respondeu zangado — e quem é você afinal para agir como Chuck Yeager? O doutor Nutt disse calmamente: — Se vocês dois não se acalmarem, eu vou pedir duas lavagens para vocês.

Os dois homens começaram a rir e Starke sentiu uma pontada de dor.

— Pelo amor de Deus, doutor, não me faça rir... — E McIver disse: — Duke, Kia insistiu que eu o acompanhasse. Eu não podia dar-lhe um fora.

— Claro — Starke grunhiu. — Como foi?

— Ótimo.

— E o vento?

— Não é um impedimento para amanhã. Ele pode tornar a mudar rapidamente.

— Se continuar assim, será um vento contrário de trinta nós ou mais e nós não vamos conseguir atravessar o golfo. Não há maneira de carregarmos combustível suficiente...

— Sim, doutor, o que é?

— Duke deve ser radiografado o quanto antes. A clavícula foi atingida e há algum estrago no músculo e nos tendões, a ferida está limpa. Pode haver uma ou duas perfurações no pulmão esquerdo e ele perdeu um pouco de sangue, mas no geral ele teve muita sorte.

— Eu me sinto bem, doutor, posso me locomover — disse Starke.
— Um dia não vai fazer tanta diferença assim. Eu posso ir amanhã.

— Desculpe, meu velho, mas você está abalado. Balas fazem isso. Você pode não estar sentindo agora, mas vai sentir daqui a uma ou duas horas, eu garanto. — O doutor Nutt estava muito contente por estar indo embora no 125. Não quero lidar mais com isso, disse a si mesmo. Não quero mais ver corpos jovens e sadios feridos e mutilados. Para mim chega. É, mas vou ter que aguentar mais alguns dias, vai haver mais gente para tratar porque o Turbilhão não vai dar certo. Não vai, eu estou sentindo nos ossos. — Sinto muito, mas você atrapalharia qualquer operação, mesmo uma sem importância.

— Duke — disse McIver — é melhor você partir imediatamente. Tom, você leva um... não é necessário que Jean-Luc fique.

— E que diabo você vai fazer? McIver sorriu satisfeito.

— Eu vou ser um dos passageiros. Enquanto isso, sou apenas o piloto particular de Kia.

NA TORRE: 16:50H.

— Eu repito, sr. Siamaki — McIver disse irritado no microfone — há uma conferência importante em Al Shargaz...

— E eu repito, por que não fui informado disso imediatamente?
— O homem estava irritadíssimo.

Os nós dos dedos de McIver estavam brancos de tanto apertar o microfone e ele estava sendo atentamente observado por um Faixa

Verde e por Wazari, cujo rosto ainda estava inchado da surra que levava de Zataki.

— Eu repito, aga Siamaki — disse, nervoso — o capitão Pettikin e o capitão Lane foram chamados para uma conferência em Al Shargaz e não houve tempo para informá-lo.

— Por quê? Eu estou aqui em Teerã. Por que o escritório não foi informado? Onde estão os vistos de saída? Onde?

McIver fingiu estar um pouco irritado.

— Eu já lhe disse, aga, não houve tempo, os telefones em Teerã não funcionam, e eu consegui os vistos com o komiteh do aeroporto, Sua Excelência o mulá responsável autorizou pessoalmente. — O Faixa Verde, que não entendia inglês, bocejou e Pigarreou barulhentosamente. — Agora, se me der licença...

— Mas o senhor e o capitão Pettikin retiraram os seus pertences do apartamento. Não é verdade?

— Apenas uma precaução para não atrair os mujahedins, fedayins, ladrões e bandidos enquanto estamos fora — McIver disse tranquilamente, consciente da atenção de Wazari e certo de que a torre da base aérea estava ouvindo a conversa. — Agora, se me der licença, o ministro Kia está solicitando a minha presença.

— Ah, o ministro Kia, ah, sim! — Siamaki acalmou-se um pouco. — A que horas vocês chegam amanhã em Teerã?

— Depende do vento... — McIver ficou apavorado porque sentiu um súbito impulso de contar tudo sobre a operação Turbilhão. Eu devo estar ficando biruta, pensou. — Depende do ministro Kia, do vento, do reabastecimento, mas devemos chegar durante a tarde.

— Estarei esperando por vocês; posso até esperá-los no aeroporto se souber o seu ETA; há cheques para serem assinados e muita coisa para discutir. Por favor, dê lembranças minhas ao ministro Kia e diga-lhe que eu desejo que ele tenha uma boa estada em Kowiss. — A transmissão foi interrompida.

McIver suspirou e pousou o microfone.

— Sargento, enquanto estou aqui, gostaria de falar com Bandar Delam e com Lengeh.

— Vou ter que pedir à base — disse Wazari.

— Faça isso. — McIver olhou pela janela. O tempo estava piorando, com o sudeste açoitando a biruta e os mastros das antenas de radia Trinta nós, aumentando para 35. É demais, pensou. O tanque de lama que tinha despencado pelo telhado estava a poucos metros de distância. Ele podia ver Hogg e Jones esperando pacientemente na cabine do 125, a porta da cabine de passageiros convidativamente aberta. Por outra janela, viu que Kia e Esvandary tinham terminado a inspeção e estavam-se dirigindo para os escritórios que ficavam embaixo de onde estava. Ele viu que um conector da antena principal do telhado estava solto, depois notou o fio quase desligado.

— Sargento, é melhor o senhor consertar aquilo, senão poderá perder toda a transmissão.

— Jesus, claro, obrigado. — Wazari levantou-se e parou. Pelo alto-falante ouviu-se: — Aqui é a torre de Kowiss. Solicitação para chamar Bandar Delam e Lengeh aprovada. — Ele respondeu, trocou de frequência e fez a ligação.

— Aqui é Bandar Delam, prossiga Kowiss. — McIver sentiu o coração disparar, ao reconhecer a voz de Rudi Lutz.

Wazari entregou-lhe o microfone, com os olhos no fio solto lá fora.

— Filho da puta — murmurou, apanhou algumas ferramentas, abriu a porta que dava para o telhado e saiu. Ele ainda estava perto o bastante para escutar a conversa. O Faixa Verde bocejou, desinteressado.

— Alô, capitão Lutz, McIver. Vou passar a noite aqui. — McIver disse calmamente, escolhendo as palavras com muito cuidado. — Tive que acompanhar um VIP, o ministro Kia, de Teerã. Como estão as coisas em Bandar Delam?

— Está tudo bem, mas se... — Ele parou. McIver tinha percebido a preocupação dele, logo controlada. Ele olhou para Wazari, que estava agachado ao lado do conector. — Quanto tempo...

quanto tempo você vai ficar aí, Mac? — Rudi perguntou.

— Estarei a caminho amanhã conforme o planejado. Desde que o tempo permita — acrescentou cautelosamente.

— Compreendo. Não se preocupe.

— Não estou preocupado. Todos os sistemas estão em perfeitas condições. E você?

Outra pausa.

— Está tudo bem. Todos os sistemas estão em perfeitas condições e viva o imã!

— Certo. O motivo da chamada é que o QG em Aberdeen quer informações urgentes sobre o seu 'arquivo atualizado'. — Este era o código para as providências do Turbilhão. — Está pronto?

— Sim, está. Para onde devo mandá-lo? — O que em código significava: Ainda vamos para Al Shargaz?

— Gavallan está em Al Shargaz, numa viagem de inspeção, então mande para lá. É importante que você faça um esforço para que isto chegue lá o quanto antes. Eu soube, em Teerã, que haveria um voo da BA para Abadan amanhã. Envie-o para Al Shargaz por este voo, está bem?

— Alto e claro. Tenho trabalhado nisso o dia todo.

— Excelente. Como está a situação da substituição do nosso pessoal?

— Muito boa. O pessoal já partiu e os substitutos devem chegar no sábado, ou no máximo no domingo. Está tudo preparado para a chegada deles. Eu estarei na próxima troca de pessoal.

— Ótimo. Eu estarei aqui se precisar de mim. Como está o tempo aí? Uma pausa.

— Ruim. Está chovendo. Temos um sudeste.

— Aqui está a mesma coisa. Não se preocupe.

— Antes que eu me esqueça: Siamaki ligou umas duas vezes para Munir, o nosso gerente da IranOil.

— Para quê? — perguntou McIver.

— Só para checar a base, foi o que Munir disse.

— Ótimo — McIver disse cautelosamente. — Fico contente por ele estar interessado na nossa operação. Chamarei amanhã, está tudo tranquilo. Feliz aterrissagem.

— Para você também. Obrigado por chamar.

McIver desligou xingando Siamaki. Maldito filho da mãe intrometido! Ele olhou para fora. Wazari ainda estava de costas para ele, ajoelhado ao lado da antena da base, perto da claraboia que

dava para o escritório lá embaixo, totalmente concentrado, então ele o deixou lá e fez a ligação para Lengeh.

Scragger atendeu imediatamente.

— Olá, cara. Sim, nós soubemos que você estava fazendo uma viagem de rotina acompanhando um VIP. Andy ligou de Al Shargaz. O que é que há?

— Rotina. Está tudo correndo conforme o planejado. O QG de Aberdeen está precisando de informações a respeito do seu 'arquivo atualizado'. Já está pronto?

— Prontinho. Para onde devo mandá-lo?

— Para Al Shargaz. Fica mais fácil para você. Pode enviá-lo amanhã?

— Tudo bem, meu velho, vou tratar disto. Como está o tempo aí?

— Ventos de sudeste, entre 30 e 35 nós. Johnny disse que pode ser que melhore amanhã. E aí?

— A mesma coisa. Vamos torcer para melhorar. Para nós isso não é problema.

— Ótimo. Eu torno a chamar amanhã. Feliz aterrissagem.

— Iguamente. Por falar nisto, como vai Lulu?

McIver disse um palavrão, porque na excitação da mudança de planos, tendo que acompanhar Kia, ele tinha esquecido completamente do juramento que fizera ao seu carro de salvá-lo de um destino pior do que a morte. Ele o tinha simplesmente deixado num dos hangares para que o seu pessoal soubesse que voltaria no dia seguinte.

— Está bem — ele disse. — E o seu exame médico?

— Está ótimo. E o seu, meu chapa?

— Vejo-o em breve, Scrag. — McIver desligou. Ele estava se sentindo muito cansado. Espreguiçou-se e levantou-se, viu que o Faixa Verde tinha saído e que Wazari estava em pé na porta que dava para o telhado, com um ar estranho.

— Qual é o problema?

— Eu... nada, capitão. — O rapaz fechou a porta, tremendo de frio, e ficou espantado ao ver que estavam sozinhos na torre. — Onde está o Faixa Verde?

— Não sei. — Rapidamente, Wazari verificou as escadas, depois virou-se para ele e baixou a voz.

— O que está acontecendo, capitão? O cansaço de McIver desapareceu.

— Não estou entendendo.

— Todos esses chamados de Siamaki, telex, gente saindo de Teerã sem autorização, todo o pessoal daqui indo embora, peças sendo retiradas às escondidas, o ministro chegando de repente.

— Turmas precisam ser substituídas, peças tornam-se supérfluas. Obrigado pela ajuda. — McIver virou-se para sair, mas Wazari bloqueou o caminho.

— Há alguma coisa acontecendo! O senhor não pode me dizer que... — Ele parou, ouvindo passos se aproximando. — Ouça, capitão — murmurou ansiosamente. — Eu estou do seu lado, tenho um trato com o capitão Ayre, ele vai me ajudar...

O Faixa Verde entrou na sala e disse alguma coisa em farsi para Wazari, cujos olhos se arregalaram.

— O que foi que ele disse? — McIver perguntou.

— Esvandiary quer vê-lo lá embaixo. — Wazari sorriu sardonicamente depois voltou para o telhado e se agachou ao lado do conector.

NO ESCRITÓRIO DE ESVANDIARY: 17:40H.

Tom Lochart estava paralisado de raiva e McIver também.

— Mas os nossos vistos de saída estão em dia e nós temos autorização para retirar o pessoal hoje, agora!

— Com a aprovação do ministro Kia, as autorizações estão suspensas até chegarem os substitutos — Esvandiary disse secamente. Ele estava sentado atrás da escrivaninha, com Kia ao lado, Lochart e McIver em pé diante dele. Sobre a escrivaninha havia uma pilha de vistos e passaportes. Já estava quase escurecendo. — Aga Siamaki também está de acordo.

— Isto mesmo. — Kia estava se divertindo com a irritação deles. Malditos estrangeiros. — Não há necessidade de toda essa pressa, capitão. É muito melhor fazer as coisas ordenadamente, muito melhor.

— Nós estamos agindo ordenadamente, ministro Kia — McIver disse com raiva. — Nós temos as autorizações. Eu insisto que o avião parta conforme estava planejado!

— Isto aqui é o Irã, não a Inglaterra — Esvandiary debochou. — E mesmo lá eu duvido que o senhor pudesse insistir em alguma coisa. — Ele estava muito satisfeito consigo mesmo. O ministro Kia tinha ficado encantado com o seu pishkesh: os rendimentos de um futuro poço de petróleo e tinha-lhe oferecido imediatamente um lugar na diretoria da CHI. Então para sua grande alegria, Kia tinha explicado que se deveria cobrar uma taxa para cada visto de saída: — Deixe os estrangeiros espernearem — o ministro tinha acrescentado. — Até sábado, eles estarão loucos para pagar, digamos, trezentos dólares americanos, em dinheiro, por cabeça.

— Como o ministro disse — ele falou com um ar de importância — nós devemos agir ordenadamente. Agora eu estou ocupado, boa...

A porta se abriu e Starke entrou no escritório, com o rosto pálido, e o braço esquerdo na tipoia.

— Que diabo está acontecendo com você, Esvandiary? Você não pode cancelar os vistos.

— Os vistos foram adiados e não cancelados. Adiados! — O rosto de Esvandiary contorceu-se de raiva. — E quantas vezes vou precisar dizer a vocês, gente sem educação, para bater antes de entrar?

Bater! Este escritório não é seu, é meu, eu dirijo esta base e o ministro Kia e eu estamos tendo uma reunião que você interrompeu. Agora saiam, todos vocês! — Ele se virou para Kia, como se os dois estivessem sozinhos e disse em farsi com outro tom de voz: — Ministro, eu peço desculpas por tudo isso, o senhor está vendo o tipo de coisas com que eu tenho que lidar. Recomendo que todos os aviões estrangeiros sejam nacionalizados e que usemos apenas os nossos próprios pil...

Starke fechou o punho.

— Escuta aqui, seu filho da puta!

— SAIA! — Esvandiary estendeu a mão para a gaveta onde havia uma pistola. Mas não chegou a apanhá-la. O mulá Hussein entrou pela porta, acompanhado de Faixas Verdes. Houve um súbito silêncio na sala.

— Em nome de Deus, o que está acontecendo aqui? — Hussein disse em inglês, com seus olhos frios e duros pousados em Esvandiary e Kia. Imediatamente, Esvandiary levantou-se e começou a explicar, falando em farsi, Starke se meteu e em pouco tempo os dois estavam aos berros.

Impacientemente, Hussein levantou a mão. — Primeiro você, aga Esvandiary. Por favor, fale em farsi para que o meu komiteh possa entender. — E escutou impassivamente a longa tirada em farsi, com os seus quatro Faixas Verdes amontoados na porta. Depois fez um sinal para Starke. — Capitão?

Starke foi breve e direto. Hussein olhou para Kia.

— Agora o senhor, Excelência ministro. Posso ver a sua autorização para passar por cima da autoridade de Kowiss e cancelar os vistos de saída?

— Cancelar, Excelência mulá? Adiar? Eu não — Kia disse calmamente. — Eu sou apenas um servo do imã, que a paz de Deus esteja com ele, e do primeiro-ministro indicado por ele e do seu governo.

— Excelência Esvandiary disse que o senhor aprovou o adiamento.

— Eu simplesmente concordei com o desejo dele de uma substituição ordenada de pessoal.

Hussein olhou para a escrivaninha.

— Estes são os vistos de saída e os passaportes? Esvandiary sentiu a boca seca.

— Sim, Excelência.

Hussein apanhou-os e os entregou a Starke.

— Os homens e o avião partirão imediatamente.

— Obrigado, Excelência. — Disse Starke, sentindo-se fraco por ficar tanto tempo em pé.

— Deixe-me ajudá-lo — McIver apanhou os passaportes e os vistos. — Obrigado, aga — disse para o mulá, radiante com a vitória.

Os olhos de Hussein estavam tão duros e frios como antes.

— O imã disse: "Se os estrangeiros quiserem partir, deixem-nos partir, nós não precisamos deles!"

— Ahn, sim, obrigado — disse McIver, não se sentindo nada à vontade perto daquele homem. Ele saiu, seguido de Lochart Starke estava dizendo em farsi: — Acho que vou ter que partir neste avião também, Excelência. — E repetiu o que o doutor Nutt tinha dito, acrescentando em inglês: — Eu não quero ir, mas não posso fazer nada. Insha'Allah.

Hussein concordou com a cabeça, pensativo.

— O senhor não precisa de um visto de saída. Pode embarcar. Eu vou explicar ao komiteh. Agora vou assistir à partida do avião. — Ele saiu e foi até a torre para comunicar a sua decisão ao coronel Changiz.

O 125 ficou cheio em pouco tempo. Starke foi o último a embarcar, com as pernas bambas. O doutor Nutt tinha-lhe dado analgésicos para que ele pudesse embarcar.

— Obrigado, Excelência — disse a Hussein por sobre o ruído dos jatos, ainda temendo-o, mas ao mesmo tempo gostando dele, sem saber por quê. — Que a paz de Deus esteja com o senhor.

Hussein estava com um ar estranho.

— A corrupção e a mentira são contra as leis de Deus, não são?

— Sim, são. — Starke viu a indecisão no rosto de Hussein. Então o momento passou.

— Que a paz de Deus esteja com o senhor, capitão. — Hussein virou-se e se afastou. O ar ficou mais leve.

Muito fraco, Starke subiu os degraus, usando a mão boa para se apoiar, procurando caminhar ereto.

Lá no alto, ele se segurou no corrimão e se virou por um momento, com a cabeça latejando e o peito doendo. Tanta coisa estava sendo deixada para trás, tanta coisa, não apenas helicópteros e peças e coisas materiais, muito mais do que isso. Droga, eu devia ficar e não partir. Com um ar tristonho, ele deu adeus para os que estavam ficando para trás e fez um sinal com os polegares para

cima, dolorosamente consciente de que estava agradecido por não estar entre eles.

No escritório, Esvandiary e Kia observavam o 125 taxiando na pista. Que Deus os amaldiçoe, que vão todos para o inferno por se intrometerem, Esvandiary pensou. Então ele controlou a raiva, concentrando-se na grande festa que alguns amigos, que desejavam ardentemente conhecer o ministro Kia, seu amigo e colega de diretoria, tinham preparado, na apresentação das dançarinas e nas ligações amorosas temporárias...

A porta se abriu. Para seu espanto, Hussein entrou, lívido de raiva, acompanhado por Faixas Verdes.

Esvandiary levantou-se.

— Sim, Excelência? O que posso fazer... — Ele parou quando um Faixa Verde o empurrou rudemente para permitir que Hussein se sentasse atrás da escrivaninha. Kia ficou onde estava, perplexo.

Hussein disse: — O imã, que a paz esteja com ele, ordenou que os komitehs acabassem com toda a corrupção, onde quer que ela existisse. Este é o komiteh da base aérea de Kowiss. Vocês dois são acusados de corrupção.

Kia e Esvandiary empalideceram e começaram a falar ao mesmo tempo, declarando que aquilo era ridículo e que eles estavam sendo falsamente acusados. Hussein estendeu a mão e deu um puxão na pulseira de ouro do relógio também de ouro que estava no pulso de Esvandiary — Quando foi que você comprou isto e como foi que pagou?

— Minhas... minhas economias e...

— Mentiroso. Pishkesh por dois serviços. O komiteh sabe. Agora, e quanto ao seu plano de lesar o Estado, oferecendo secretamente rendimentos de petróleo para corromper funcionários?

— Ridículo, Excelência, é tudo mentira! — Esvandiary gritou, em pânico. Hussein olhou para Kia que também tinha ficado lívido.

— Que funcionários, Excelência? — Kia perguntou, mantendo a voz calma, certo de que seus inimigos tinham-lhe preparado uma cilada bem longe da sua área de influência. Siamaki! Tem que ser Siamaki!

Hussein fez sinal para um dos Faixas Verdes, que saiu e voltou com o operador de rádio, Wazari.

— Diga a eles, diante de Deus, o que você me disse — ordenou.

— Conforme eu lhe disse, Excelência, eu estava no telhado — Wazari disse nervosamente. — Eu estava checando uma das nossas linhas e escutei a conversa deles pela claraboia. Eu o ouvi fazer a oferta. — Ele apontou para Esvandary, encantado pela oportunidade de se vingar. Se não fosse por Esvandary, eu nunca teria sido apanhado por aquele louco do Zataki, não teria sido surrado e quase morto.

— Eles estavam falando em inglês e ele disse: "Eu posso dar um jeito de desviar rendimentos de petróleo dos novos poços, posso manter os poços fora das listas e desviar fundos para você"...

Esvandary estava perplexo. Ele tivera o cuidado de mandar sair do escritório todo o pessoal iraniano e, além disso, tinha falado em inglês como medida de segurança. Agora estava perdido. Ele viu Wazari terminar de falar e Kia começar a responder calmamente, evitando toda cumplicidade, dizendo que estava apenas dando corda àquele homem mau e corrupto: — Pediram-me para vir aqui exatamente para isso, Excelência, fui mandado pelo governo do imã, que Deus o proteja, exatamente com este objetivo: acabar com a corrupção onde quer que ela esteja.

Permita-me congratular-me com o senhor por ser tão zeloso. Se o senhor permitir, assim que eu chegar a Teerã, vou recomendá-lo diretamente ao próprio Komiteh Revolucionário e, é claro, ao primeiro ministro.

Hussein olhou para os Faixas Verdes.

— Esvandary é culpado ou inocente?

— Culpado, Excelência.

— Este homem, Kia, é culpado ou inocente?

— Culpado — Esvandary gritou antes que eles pudessem responder. Um dos Faixas Verdes deu de ombros.

— Todos os teeranis são mentirosos. Culpado. — Os outros concordaram com ele.

Kia disse educadamente: — Os mulás e os aiatolás de Teerã não são mentirosos, Excelência, o Komiteh Revolucionário não é

composto de mentirosos, nem o imã, que Deus o guarde, é mentiroso e ele talvez possa ser considerado teerani porque vive agora em Teerã. Eu nasci na sagrada Qom, Excelência — ele acrescentou, abençoando este fato pela primeira vez na vida.

Um dos Faixas Verdes quebrou o silêncio.

— O que ele diz é verdade, não é, Excelência? — E coçou a cabeça. — A respeito dos teeranis?

— Que nem todos os teeranis são mentirosos? Sim, isto é verdade. — Hussein olhou para Kia, também inseguro. — Diante de Deus, você é ou não é culpado?

— É claro que não sou culpado, Excelência, diante de Deus! — Os olhos de Kia eram inocentes.

Idiota! Você acha que pode me pegar com isto? O Taqiyah me dá o direito de me proteger caso eu considere a minha vida ameaçada por um falso mulá!

— Como o senhor explica o fato de ser um ministro do governo e também o diretor desta companhia de helicópteros?

— O ministro encarregado... — Kia parou, pois Esvandary estava balbuciando acusações em voz alta. — Sinto muito, Excelência, seja como Deus quiser, mas com este barulho é difícil falar sem gritar.

— Levem-no para fora! — Esvandary saiu arrastado. — Bem?

— O ministro encarregado da Aviação Civil me pediu para fazer parte da diretoria da CHI como representante do governo — Kia disse, distorcendo a verdade como se estivesse revelando um segredo de Estado, cometendo exageros com o mesmo ar de importância. — Nós não estamos seguros da lealdade dos diretores. Posso dizer-lhe ainda, confidencialmente, Excelência, que dentro de poucos dias todas as companhias de aviação estrangeiras serão nacionalizadas.

Ele falou intimamente com eles, modulando a voz para causar mais efeito, e quando achou que era o momento certo, parou e suspirou: — Diante de Deus, eu confesso que sou tão inocente quanto o senhor, Excelência, e embora não tenha sido chamado por Deus como o senhor, também tenho dedicado a minha vida a servir ao povo.

— Que Deus o proteja, Excelência — o Faixa Verde exclamou.

Os outros concordaram e até Hussein se deixou convencer. E ia investigar um pouco mais quando se ouviu ao longe um muezin chamando para a oração da noite, e ele admoestou a si mesmo por ter desviado o pensamento de Deus.

— Vá com Deus, Excelência — disse, encerrando o julgamento, e levantou-se.

— Obrigado, Excelência. Que Deus o guarde e a todos os mulás por salvar-nos e à nossa grande nação islâmica das obras de Satã!

Hussein saiu da frente. Lá fora, seguindo o seu exemplo, todos se lavaram ritualmente, viraram-se na direção de Meca e rezaram: Kia, os Faixas Verdes, os operários, o pessoal do escritório, os empregados da cozinha — todos felizes e contentes por poderem, mais uma vez, dar testemunho, publicamente, da sua submissão pessoal a Deus e ao Profeta de Deus. Só Esvandary chorou de forma abjeta enquanto rezava.

Kia voltou para o escritório silencioso. Ele se sentou atrás da escrivaninha e se permitiu um suspiro, congratulando-se consigo mesmo. Como foi que aquele filho de um cão do Esvandary ousou acusar-me! A mim, o ministro Kia! Que Deus mande para o fogo do inferno a ele e todos os inimigos do Estado. Lá fora houve uma explosão de tiros. Calmamente, ele apanhou um cigarro e acendeu-o.

Quanto mais cedo eu sair deste monte de merda, melhor, pensou. Uma rajada de vento sacudiu o prédio. A chuva bateu nas vidraças.

LENGEH: 18:50H.

O entardecer estava ameaçador, o céu escuro e coberto de nuvens.

— Amanhã de manhã o tempo vai estar fechado, Scrag — disse o piloto americano, Ed Vossi, com os cabelos escuros e encaracolados despenteados por causa do vento que soprava de Ormuz para Abadan, através do golfo. — Maldito vento!

— Nós não vamos ter problemas, meu chapa. Mas e Rudi, Duke e os outros? Se o vento continuar assim ou piorar, eles vão ficar encrocados.

— Maldito vento! Por que foi escolher logo hoje para mudar de direção? — Os dois homens estavam em pé no promontório que dava para o golfo, sob o mastro da bandeira, vendo as águas cinzentas e, lá no estreito, cobertas de espuma branca. Atrás deles, estava a base e o campo de aviação, ainda molhados em consequência da tempestade daquela manhã. Lá embaixo, à direita, ficava a praia e o flutuador de onde eles costumavam nadar. Desde o dia em que o tubarão aparecera, ninguém mais tinha se aventurado a ir até lá, preferindo ficar no raso, caso houvesse algum outro tubarão emboscado à espera deles. Vossi resmungou: — Eu vou ficar muito contente quando tudo isto estiver terminado. Scragger concordou distraidamente, pensando nas condições atmosféricas, tentando prever o que aconteceria nas próximas 12 horas, o que era difícil nesta época do ano, quando o golfo, geralmente tranquilo, podia agitar-se com uma violência súbita e monstruosa. Durante 363 ou 364 dias por ano, costumava soprar um vento de noroeste. Mas agora não.

A base estava calma. Só estavam lá Vossi, Willi Neuchtreiter e dois mecânicos. Todos os outros pilotos e mecânicos e o gerente

deles de escritório, inglês, tinham partido há dois dias, na terça-feira, enquanto ele estava voltando de Bandar Delam com Kasigi.

Willi os embarcara por mar para Al Shargaz: — Nós não tivemos nenhum problema, Scrag, graças a Deus — Willi tinha dito assim que ele desembarcou. — O seu plano funcionou. Mandá-los de barco foi uma ótima ideia, melhor do que de helicóptero, e mais barato. O komiteh simplesmente deu de ombros e se apossou de um dos trailers.

— Eles estão dormindo na base, agora?

— Alguns deles, Scrag. Três ou quatro. Eu providenciei para que tivessem bastante arroz e horisht.

Não são um grupo ruim. Masoud também está tentando manter as boas graças deles. — Masoud era o gerente da IranOil.

— Por que você ficou, Willi? Eu sei como você se sente com relação a esta operação, eu disse para você partir no barco, não havia necessidade de ficar.

— Claro que não, Scrag, mas você vai precisar de um piloto de verdade ao seu lado. Você é capaz de se perder.

Bom e velho Willi, Scragger pensou. Que bom que ele ficou. E que pena.

Desde a sua volta de Bandar Delam na terça-feira, Scragger vinha se sentindo muito inquieto, nada que ele pudesse localizar, apenas uma sensação de que elementos que ele não podia controlar estavam esperando para atacar. A dor de barriga tinha diminuído, mas de vez em quando havia um pouco de sangue na sua urina. O fato de não ter avisado a Kasigi sobre a operação Turbilhão aumentava o seu desconforto. Que inferno, pensou, eu não poderia ter assumido este risco, fiz o melhor que pude mandando Kasigi procurar Gavallan.

Ontem, quarta-feira, Vossi tinha levado Kasigi para o outro lado do golfo. Scragger entregara a Vossi uma carta endereçada a Gavallan, explicando o que havia acontecido em Bandar Delam e expondo o seu dilema com relação a Kasigi, deixando para Gavallan a decisão sobre o que fazer. Na carta, ele também dava detalhes do seu encontro com Georges de Plessey que estava muito preocupado, achando que haveria mais problemas no complexo de Siri: "Os

estragos nos sistemas de extração e canalização de Siri foram piores do que pensamos no primeiro momento e não creio que ele possa produzir este mês. Kasigi vai ficar de mãos atadas, uma vez que tem três petroleiros marcados para chegar em Siri nas próximas três semanas conforme o acordo feito com Georges. É um beco sem saída, Andy. Não há nada que possamos fazer. Há pouca chance de se evitar uma sabotagem se os terroristas resolverem mesmo agir. É claro que não contei nada a Georges. Faça o que puder por Kasigi. Vejo-o em breve, Scrag."

Na chamada de rotina que recebeu de Al Shargaz naquela manhã, Gavallan tinha dito apenas que recebera o relatório e que estava tomando providências. Fora isso, foi bastante evasivo.

Scragger não havia mencionado McIver, nem Gavallan. Ele sorriu satisfeito. Aposto que o Dirty Duncan pilotou o 206! Eu jamais imaginaria que aquele velho seguidor de regras do McIver pudesse fazer uma coisa dessas! Também aposto que ele ficou radiante com essa chance e não é de espantar, eu também ficaria.

— Scrag!

Ele se virou. Bastou olhar para a cara de Willi Neuchtreiter para saber que havia alguma coisa errada.

— O que foi que houve?

— Acabei de descobrir que Masoud entregou os nossos passaportes para os guardas. Todos eles!

Vossi e Scragger olharam para ele de boca aberta. Vossi disse: — Por que diabos ele fez isso? Scragger foi mais vulgar.

— Foi na terça-feira, Scrag, quando os outros partiram de barco. É claro que havia um guarda para acompanhá-los, para vê-los embarcar, e foi então que ele pediu a Masoud os nossos passaportes.

Então Masoud os entregou. Se fosse eu teria feito o mesmo.

— Mas para que ele queria os passaportes? Willi explicou pacientemente: — Para revalidar os nossos vistos de permanência em nome de Khomeini, Scrag, ele queria legalizar os nossos passaportes, você tinha pedido para eles fazerem isso uma porção de vezes, não tinha? — Scragger ficou um minuto inteiro dizendo palavrões e não repetiu nenhum.

— Pelo amor de Deus, Scrag, temos que apanhá-los de volta, — Vossi disse, nervoso. — Temos que apanhá-los ou então o Turbilhão está acabado.

— Eu sei disso, meu chapa — Scragger estava estudando as diferentes possibilidades.

— Talvez pudéssemos conseguir novos passaportes em Al Shargaz ou em Dubai. Dizer que perdemos os velhos — disse Willi.

— Pelo amor de Deus, Willi — Vossi explodiu. — Pelo amor de Deus, eles nos poriam na cadeia num piscar de olhos. Você se lembra do Masterson? — Um dos mecânicos deles, há uns dois anos, tinha esquecido de renovar o seu visto de entrada em Al Shargaz e tinha tentado passar pela Imigração. Embora o visto só estivesse vencido há quatro dias e o seu passaporte estivesse válido, o Serviço de Imigração o pusera na cadeia e ele tinha penado lá por seis semanas e depois tinha sido solto, mas expulso para sempre.

— Droga — dissera o funcionário britânico de lá —, você tem muita sorte de sair com uma pena tão leve. Você conhece a lei. Nós estamos cansados de avisar..

— Eu não saio daqui sem o meu de jeito nenhum — disse Vossi. — Não posso. O meu está cheio de vistos para todos os países do golfo, para a Nigéria, o Reino Unido e mais um montão de lugares, eu levaria meses para conseguir outros, meses, se conseguisse... e quanto a Al Shargaz, hein? E um lugar maravilhoso, mas sem um maldito passaporte e um visto vai-se direto para a cadeia — Você está certo. Ed. Maldição! E amanhã é dia santo e está tudo fechado. Willi, você se lembra do nome do guarda? Ele era um dos regulares ou era um Faixa Verde?

Depois de pensar um pouco, Willi disse: — Ele não era um Faixa Verde, Scrag, era um dos regulares. Aquele velho de cabeça branca.

— Qeshemi, o sargento?

— Sim, Scrag, ele mesmo. Scragger tornou a praguejar.

— Se o velho Qeshemi disser que vamos ter que esperar até sábado ou até a semana que vem, não tem jeito. — Naquela área, os guardas ainda funcionavam como antigamente, faziam parte das Forças Armadas, sem essa história de Faixa Verde, só que agora eles

não usavam mais os distintivos do xá e sim braçadeiras com o nome de Khomeini.

— Não me esperem para jantar — Scragger saiu pisando duro.

NA DELEGACIA DE POLICIA DE LENGEH: 19:32H.

O guarda bocejou e sacudiu a cabeça educadamente, falando em farsi com o operador de rádio da base, Ali Pash, que Scragger tinha levado com ele para servir de intérprete. Scragger esperou pacientemente, já muito acostumado com a maneira iraniana para saber que não devia interrompê-los. Eles já estavam nisso há meia hora.

— Oh, você quer saber dos passaportes dos estrangeiros? Os passaportes estão no cofre que é o lugar deles — o guarda estava dizendo. — Passaportes são coisas muito valiosas e nós temos que mantê-los trancados.

— Perfeitamente correto, Excelência, mas o capitão dos estrangeiros gostaria de tê-los de volta, por favor. Ele diz que precisa deles para uma troca de pessoal.

— É claro que ele pode tê-los de volta. Não são propriedade dele? Seus homens não têm executado muitas missões ao longo dos anos para o nosso povo? Certamente, Excelência, assim que o cofre for aberto.

— Por favor, ele pode ser aberto agora? O estrangeiro ficaria muito grato pela sua gentileza. — Ali Pash foi igualmente educado e não demonstrou nenhuma pressa, esperando que o guarda prestasse voluntariamente a informação que estava procurando. Ele era um teerani bem-apegoado, de quase trinta anos, que tinha sido treinado na Escola de Rádio americana em Isfahan e que estava com a CHI em Lengeh há três anos. — Seria um grande favor.

— Certamente, mas ele não pode tê-los de volta até a chave aparecer.

— Ah, e posso saber onde está a chave, Excelência?

O guarda apontou para o enorme cofre antiquado que dominava o escritório.

— Olhe, Excelência, o senhor pode ver por si mesmo, a chave não está no gancho. É mais do que provável que ela esteja com o sargento.

— Isto é muito sábio e correto, Excelência. Provavelmente Sua Excelência o sargento está em casa agora?

— Sua Excelência estará aqui pela manhã.

— No dia santo? Posso dar a minha opinião de que nós temos sorte dos nossos policiais possuírem um senso de dever tão alto para trabalhar com tanto afinco? Imagino que ele não vá chegar cedo.

— O sargento é o sargento, mas o escritório abre às sete e meia da manhã embora, é claro, a delegacia fique aberta noite e dia. — O guarda apagou o cigarro. — Voltem de manhã.

— Ah, obrigado, Excelência. O senhor gostaria de um outro cigarro enquanto eu explico ao capitão?

— Obrigado, Excelência. É raro conseguir-se um cigarro estrangeiro, obrigado. — Os cigarros eram americanos e muito apreciados, mas nenhum deles mencionou isso.

— Posso oferecer-lhe fogo, Excelência? — Ali Pash acendeu o seu cigarro também e contou a Scragger o que havia sido dito.

— Pergunte a ele se o sargento está em casa agora, Ali Pash.

— Já perguntei, capitão. Ele disse que Sua Excelência estará aqui de manhã. — Ali Pash disfarçou o seu cansaço, educado demais para dizer a Scragger que tinha percebido em poucos segundos que este homem não sabia nada, não faria nada e que toda aquela conversa era uma perda de tempo. E é claro que os guardas preferiam não ser incomodados de noite por uma questão tão insignificante. Que importância tem isto? Alguma vez eles perderam um passaporte? É claro que não! Que troca de pessoal?

— Se o senhor me permite um conselho, aga, deixe para amanhã. Scragger suspirou. "De manhã"

podia significar amanhã ou no dia seguinte. Não adiantava insistir mais, pensou irritado.

— Agradeça-lhe por mim e diga que estaremos aqui amanhã bem cedinho. Ali Pash obedeceu. Seja como Deus quiser, o guarda pensou, cansado, com fome e preocupado pelo fato de ter-se passado outra semana e ele ainda não haver recebido nenhum pagamento, há meses que não era pago, e os agiotas do bazar o estavam pressionando para pagar os empréstimos, e a minha amada família está quase passando fome.

— Shab be khayr, Agha — ele disse a Scragger. — Boa noite.

— Shab be khayr, Agha. — Scragger esperou, sabendo que a partida seria tão demorada quanto a conversa.

Lá fora na pequena rua que era a rua principal da cidade, ele se sentiu melhor. Passantes curiosos, todos homens, cercavam a sua velha caminhonete amassada, com o símbolo da SG na porta.

— Salaam — ele disse e alguns responderam. Os pilotos da base eram muito populares, a base e as plataformas de petróleo eram fontes lucrativas de trabalho, as missões de salvamento deles com qualquer tempo eram muito conhecidas e Scragger era facilmente identificável: — Aquele é o chefe dos pilotos — um homem idoso cochichou para o seu vizinho. — Foi ele que ajudou o jovem Abdullah Turik a ir para o hospital de Bandar Abbas, onde geralmente só entram ricos. Ele foi até visitar a aldeia dele perto de Lengeh e foi ao seu enterro.

— Turik?

— Abdullah Turik, o filho do filho da minha irmã! O rapaz que caiu da plataforma de petróleo e foi comido pelos tubarões.

— Ah, sim, eu me lembro, o rapaz que dizem que foi assassinado pelos esquerdistas.

— Não fale tão alto, nunca se sabe quem pode estar ouvindo. Que a paz esteja com o senhor, piloto, saudações, piloto!

Scragger acenou para eles e arrancou.

— Mas a base é para o outro lado, capitão. Onde é que nós vamos? — Ali Pash perguntou.

— Visitar o sargento, é claro. — Scragger assoviou entredentes, ignorando a desaprovação de Ali Pash.

A casa do sargento ficava na esquina de uma ruazinha de terra cheia de poças por causa da tempestade daquela manhã, apenas

outra porta nos muros altos que ficavam do outro lado da vala.

Estava ficando escuro, por isso Scragger deixou os faróis ligados e saltou. Não havia nenhum sinal de vida na rua inteira. Apenas algumas das janelas altas estavam fracamente iluminadas. Sentindo o nervosismo de Ali Pash, ele disse: — Você fica no carro. Não há problema, eu já estive aqui antes. — Ele bateu com força na porta, com a sensação de que estava sendo observado de todos os lados.

A primeira vez que ele estivera lá tinha sido há um ano, quando havia levado uma enorme cesta de comida, com dois carneiros, alguns sacos de arroz e caixotes de frutas, como um presente da base para comemorar o fato do seu sargento ter sido condecorado com a Medalha de Bronze do xá por bravura em combate contra os piratas e contrabandistas, que eram endêmicos naquelas águas. A última vez, há poucas semanas, ele tinha acompanhado um guarda preocupado, que queria que ele comunicasse imediatamente a tragédia de Siri Um, quando ele tinha retirado Abdullah Turik das águas infestadas de tubarões. Em nenhuma das duas vezes ele havia sido convidado para entrar na casa, mas havia ficado no pequeno pátio, do outro lado da grande porta de madeira, e das duas vezes era de dia.

A porta se abriu com um rangido. Scragger não estava preparado para a luz súbita que o cegou momentaneamente. O círculo de luz hesitou, depois foi para o carro e se deteve em Ali Pash, que deu um salto para fora do carro, inclinou-se respeitosamente e disse: — Meus cumprimentos, Excelência, que a paz esteja com o senhor. Peço desculpas pelo fato do estrangeiro o estar incomodando na sua casa e ousar...

— Meus cumprimentos — Qeshemi o interrompeu bruscamente, desligou a lanterna e desviou a sua atenção para Scragger.

— Salaam, aga Qeshemi — Scragger disse, já com os olhos mais acostumados à escuridão. Ele viu o homem de traços fortes o observando, com o casaco do uniforme desabotoado e o revólver solto na cartucheira.

— Salaam, capitão.

— Desculpe vir até aqui, aga, à noite — Scragger disse devagar e cautelosamente, sabendo que o inglês de Qeshemi era tão limitado

quanto o seu farsi, que era quase nulo. — Loftan, gozar nameh.

Loftan. — Por favor, preciso de passaportes. Por favor.

O sargento resmungou, surpreso, e depois fez um sinal com a mão na direção da cidade.

— Passaportes na delegacia, capitão.

— Sim. Mas, me desculpe, não há chave. — Scragger imitou o gesto de alguém abrindo uma fechadura com uma chave. — Não tem chave — ele repetiu.

— Ah, sim. Compreendo. Sim, não tem chave. Amanhã. Amanhã o senhor pega.

— É possível esta noite? Por favor. Agora? — Scragger percebeu a sua curiosidade.

— Por que esta noite?

— Ahn, para uma troca de pessoal. Homens vão para Shiraz. Troca de pessoal.

— Quando?

Scragger sabia que tinha que arriscar.

— No sábado. Se me der a chave, vou até a delegacia e volto imediatamente.

Qeshemi sacudiu a cabeça.

— Amanhã. — Depois ele falou asperamente com Ali Pash que na mesma hora se inclinou e agradeceu profusamente, mais uma vez desculpando-se por incomodá-lo.

— Sua Excelência está dizendo que o senhor pode pegá-los amanhã. É melhor nós irmos embora, capitão.

Scragger forçou um sorriso.

— Mamnoon am, Agha. — Obrigado, Excelência. — Mamnoon am, Agha Qeshemi. — Ele gostaria de pedir a Ali Pash para perguntar ao sargento se poderia apanhar os passaportes assim que a delegacia fosse aberta, mas não quis agitar o sargento desnecessariamente. — Eu irei depois da primeira oração.

— Mamnoon am, Agha. — Scragger estendeu a mão e Qeshemi apertou-a. Cada um sentindo a força do outro. Então ele entrou no carro e foi embora.

Pensativamente, Qeshemi fechou e trancou a porta.

No verão, o pequeno pátio, com seus muros altos, trepadeiras e uma pequena fonte era fresco e convidativo. Agora estava sem vida. Ele o atravessou e abriu a porta que dava para a sala, tornando a trancá-la. Ouviu-se o barulho de uma criança tossindo lá em cima. Uma lareira dava um pouco de calor à casa, mas esta era cheia de correntes de ar, nenhuma das portas e janelas fechava direito.

— Quem era? — Sua mulher perguntou lá de cima.

— Nada, nada de importante. Um estrangeiro da base aérea. O velho. Ele queria os passaportes deles.

— A esta hora da noite? Que Deus nos proteja! Toda a vez que batem na porta eu fico esperando mais problemas... os malditos Faixas Verdes ou os desgraçados dos esquerdistas! — Qeshemi balançou a cabeça, distraído, mas não disse nada, esquentando as mãos no fogo, mal ouvindo o que ela dizia: — Por que ele veio até aqui? Os estrangeiros são tão mal-educados. Para que ele iria precisar dos passaportes a esta hora da noite? Você os entregou a ele?

— Eles estão trancados no cofre. Normalmente eu trago a chave comigo, mas ela sumiu. — A criança tornou a tossir. — Como está a pequena Sousan?

— Ela ainda está com febre. Traga-me um pouco d'água quente, isto vai ajudar. Ponha um pouco de mel na água. — Ele pôs a chaleira no fogo, suspirou, ouvindo-a resmungar: — Passaportes a esta hora da noite! Por que eles não podem esperar até sábado? Que falta de consideração! Você disse que a chave sumiu?

— Sim. Provavelmente aquele idiota do Lafti a apanhou e se esqueceu de tornar a colocar no lugar.

Seja como Deus quiser.

— Muhammad, por que será que o estrangeiro queria os passaportes a esta hora da noite?

— Não sei. É estranho. Muito estranho.

NO CAMPO DE AVIAÇÃO DE BANDAR DELAM: 19:49H.

Rudi Lutz estava na varanda do seu trailer contemplando a chuva.

— Scheiss— resmungou. Atrás dele, a porta estava aberta e o reflexo da luz fazia brilharem as gotas de chuva. Ele estava ouvindo Mozart no toca-fitas. A porta do trailer ao lado, o trailer-escritório, se abriu e ele viu Pop Kelly sair segurando um guarda-chuva e vir pulando pelas poças até onde ele estava. Nenhum dos dois notou o iraniano nas sombras. Em algum lugar da base um gato estava miando.

— Oi, Pop. Entre. Você conseguiu?

— Sim, sem problemas. — Kelly sacudiu a chuva da roupa. Dentro do trailer estava quente e agradável, tudo muito arrumado. O HF estava desencapado e ligado, com a estática se misturando com a música. Havia um bule de café no fogão.

— Café?

— Obrigado. Eu me sirvo. — Kelly entregou-lhe o papel e foi até a cozinha. O papel tinha colunas de números escritas apressadamente, temperaturas, direções de vento, e força do vento para cada trezentos metros, pressão barométrica e a previsão de tempo para o dia seguinte. — A torre de Abadan disse que estava atualizada. Eles disseram que incluía todos os dados fornecidos hoje. Não parecia assim tão mau, hein?

— Se estiver correta. — A previsão indicava uma diminuição da precipitação por volta da meia-noite e uma redução da força do vento. Rudi aumentou o volume do toca-fitas e Kelly sentou-se ao lado dele. Rudi baixou a voz. — Poderia estar tudo bem para nós, e uma droga para Kowiss. Nós ainda vamos precisar reabastecer durante o voo para chegar até Bahrein.

Kelly tomou um gole de café com satisfação, estava quente e forte, com uma colher de leite condensado.

— O que você faria se fosse Andy?

— Com as três bases com que me preocupar, eu... — Houve um ligeiro barulho lá fora. Rudi se levantou e olhou pela janela. Nada. Então, mais uma vez o barulho do gato, mais perto. — Malditos gatos, eles me dão arrepios.

— Eu gosto de gatos. — Kelly sorriu. — Nós temos três lá em casa: Mateus, Marcos e Lucas. Dois são siameses, o outro é um vira-lata; Betty diz que os garotos estão deixando-a maluca, querendo mais um para arredondar a conta.

— Como está ela?

O voo de hoje da BA para Abadan trouxera Sandor Petrofi para pilotar o quarto 212, junto com uma carta de Gavallan. Desde o início dos problemas, a correspondência era enviada através do QG em Aberdeen, a primeira em muitas semanas.

— Está bem, aliás está ótima... faltam três semanas. Ela geralmente se mantém dentro do prazo. Eu vou ficar feliz de estar em casa quando ela tiver o bebê. — Kelly sorriu satisfeito. — O médico disse que acha que finalmente vai ser uma menina.

— Parabéns! Isso é maravilhoso! — Todo mundo sabia que os Kelly estavam torcendo para isso. — Sete meninos e uma menina, é um bocado de gente para alimentar. — Rudi pensou no quanto achava difícil pagar as contas e as mensalidades do colégio com apenas três filhos e nenhuma prestação da casa, a casa deixada para a mulher pelo pai dela, que Deus abençoe o velho filho da mãe. — Um bocado de bocas, não sei como você consegue.

— Oh, nós damos um jeito, que Deus seja louvado. — Kelly olhou para a previsão do tempo e franziu a testa. — Sabe, se eu fosse Andy, forçaria a barra e não adiaría nada.

— Se dependesse de mim, eu cancelaria a operação e esquecería toda esta maluquice. — Rudi continuou falando baixo e chegou mais perto. — Eu sei que vai ser duro para Andy, talvez a companhia tenha que fechar, talvez. Mas nós todos podemos conseguir novos empregos, até melhores, nós temos que pensar na família e eu detesto esta história de agir contra as regras. Como é que nós

vamos conseguir dar o fora? Não é possível. Se nós... — Faróis de automóvel iluminaram a janela, um carro se aproximou e parou lá fora.

Rudi foi o primeiro a chegar na janela. Ele viu Zataki saltar com alguns Faixas Verdes, depois Numir, o gerente da base, sair do escritório com um guarda-chuva e se juntar a eles.

— Scheiss — Rudi tornou a resmungar, então baixou a música, checkou rapidamente o trailer para ver se havia alguma coisa que os incriminasse e colocou a previsão do tempo no bolso.

— Salaam, coronel — disse, abrindo a porta. — O senhor estava me procurando?

— Salaam, capitão, sim, estava. — Zataki entrou na sala, com uma metralhadora do exército americano pendurada no ombro. — Boa noite. Quantos helicópteros há aqui no momento, capitão?

Numir começou: — Quatro 212 e..

— Eu perguntei ao capitão — Zataki exclamou — não a você. Se eu quiser que você me dê alguma informação, eu peço! Capitão?

— Quatro 212 e dois 206, coronel.

Para grande espanto deles, especialmente de Numir, Zataki disse: — Ótimo. Eu quero que dois 212 sejam enviados para a Irã-Toda amanhã às oito horas para trabalhar sob as ordens do aga Watanabe, o chefe de lá. A partir de amanhã, vocês deverão fazer isto diariamente. O senhor o conhece?

— Ahn, sim, ahn, uma vez eles tiveram uma emergência e nós os ajudamos. — Rudi tentou controlar-se. — Ahn, eles... eles vão trabalhar no dia santo, coronel?

— Sim. E vocês também. Numir disse: — Mas o aiatolá dis...

— Ele não é a lei. Cale-se. — Zataki olhou para Rudi. — Esteja lá às oito horas.

Rudi balançou a cabeça.

— Ahn, sim. Posso, ahn, oferecer-lhe um café, coronel?

— Obrigado. — Zataki encostou a metralhadora num canto e se sentou na mesa, com os olhos em Pop Kelly. — Eu não o vi em Kowiss?

— Sim, é verdade — ele respondeu. — Aquela é a minha base. Eu, ahn, vim trazer um 212. Eu sou Ignatius Kelly. — E desabou

numa cadeira em frente a ele, tão abalado quanto Rudi, encolhendo-se sob o seu olhar. — Está uma noite para peixes, hein?

— O quê?

— A, ahn, a chuva.

— Ah, sim — disse Zataki. Estava satisfeito por estar falando inglês, melhorando o seu inglês, convencido de que os iranianos que soubessem falar a língua internacional e fossem educados seriam muito procurados, mulás ou não. Desde que começara a tomar as pílulas que o dr. Nutt lhe dera, ele se sentia muito melhor, as dores de cabeça tinham melhorado. — A chuva vai impedir os voos de amanhã?

— Não...

— Isso depende — Rudi disse rapidamente da cozinha — do tempo melhorar ou piorar. — Ele trouxe a bandeja com duas xícaras de açúcar e leite condensado, ainda tentando enfrentar este novo desastre. — Por favor, sirva-se, coronel. Com relação à Irã-Toda — ele disse cautelosamente — todos os nossos helicópteros estão sob contrato com a IranOil e o aga Numir aqui é o encarregado.

— Numir concordou com a cabeça, começou a dizer alguma coisa, mas mudou de ideia. — Nós temos contratos com a IranOil O silêncio ficou mais pesado. Todos eles olhavam para Zataki. Sem pressa, ele colocou três Colheres cheias de açúcar no seu café, mexeu e tomou um gole.

— Está muito bom, capitão. Sim, muito bom, e sim, eu sei sobre a IranOil, mas resolvi que neste momento a Irã-Toda tem preferência sobre a IranOil e amanhã você vai fornecer dois 212 às oito horas para a Irã-Toda.

Rudi olhou para o gerente da base, que evitou o seu olhar.

— Mas... bem, desde que a IranOil não faça objeções...

— Não há objeções — Zataki disse para Numir. — Não é, aga?

— Sim, sim, aga — Numir concordou humildemente. — É claro que eu vou informar aos meus superiores da sua... da sua eminente decisão.

— Ótimo. Então está tudo combinado. Ótimo.

Não está nada combinado, Rudi teve vontade de gritar.

— Posso perguntar, ahn, como vamos ser pagos pelo, ahn, novo contrato? — perguntou, sentindo-se um imbecil.

Zataki pendurou a arma no ombro e levantou-se.

— A Irã-Toda tomará as providências. Obrigado, capitão, eu voltarei depois da primeira oração amanhã. O senhor pilotará um dos helicópteros e eu o acompanharei.

— Ótima ideia, coronel — Pop Kelly exclamou repentinamente, sorrindo e Rudi teve ganas de matá-lo. — Não há necessidade de vir antes das oito horas, isto seria melhor para nós. Há tempo bastante para se chegar lá digamos às oito e quinze. É uma grande ideia trabalhar para a Irã-Toda. Nós sempre desejamos este contrato, como podemos agradecer-lhe, coronel! Fantástico! De fato, Rudi, nós deveríamos levar todos os quatro aparelhos, fazer os rapazes tomarem conhecimento do trabalho imediatamente, isto pouparia tempo, imediatamente, sim senhor, eu vou prepará-los para você! — E saiu apressado.

Rudi ficou olhando para a porta, quase vesgo de fúria.

PERTO DO AEROPORTO DE AL SHARGAZ: 20:01H.

A noite estava linda e perfumada com o cheiro das flores e Gavallan e Pettikin estavam sentados no terraço do Hotel Oásis, ao lado do campo de aviação, na beira do deserto. Eles tomavam uma cerveja antes do jantar, Gavallan estava fumando um cigarro fino e olhando para o horizonte onde o céu, roxo e cheio de estrelas, se encontrava com a terra mais escura. A fumaça do cigarro subia em espiral. Pettikin se mexeu na sua cadeira.

— Eu gostaria que houvesse mais alguma coisa que eu pudesse fazer.

— Eu queria que o velho Mac estivesse aqui, eu iria quebrar o seu maldito pescoço — Gavallan disse e Pettikin riu. Alguns hóspedes já estavam na sala de jantar que ficava atrás deles. O Oásis era velho e decadente, estilo barroco, e tinha sido a residência britânica quando os britânicos eram a única potência do golfo e, até 1971, evitavam a pirataria e mantinham a paz. Uma música tão antiga quanto o conjunto de três componentes se fazia ouvir — piano, violino e baixo, duas senhoras idosas e um senhor de cabeça branca no piano.

— Meu Deus, isto não é Chu Chin Chowly. Você me pegou, Andy.
— Pettikin olhou para trás, viu Jean-Luc na sala de jantar, conversando com Nogger Lane, Rodrigues e alguns dos outros mecânicos.

Ele tomou um gole da sua cerveja e viu que o copo de Gavallan estava vazio. — Quer mais uma?

— Não, obrigado. — Gavallan deixou os olhos vagarem com a fumaça.

— Acho que vou até o escritório da meteorologia e depois dar uma passada no nosso.

— Eu vou com você.

— Obrigado, Charlie, mas por que você não fica aqui para o caso de alguém telefonar?

— Claro, como você quiser.

— Não me espere para jantar, eu me encontro com você para o cafezinho. Vou dar uma passada no hospital para ver o Duke quando estiver voltando.

— Gavallan levantou-se, atravessou a sala de jantar cumprimentando o pessoal da sua equipe que estava lá, e entrou no saguão, que também já tinha conhecido dias melhores.

— Sr. Gavallan, desculpe-me effendi, mas há uma chamada para o senhor. — O recepcionista apontou para a cabine telefônica que ficava ali ao lado. Era forrada de feltro e não tinha nem ar condicionado nem privacidade.

— Alô, Gavallan falando — ele disse.

— Alô, patrão, Liz Chen... é só para dizer que recebemos uma chamada a respeito das duas encomenda de Luxemburgo e elas vão chegar atrasadas.

— "Encomendas de Luxemburgo" era o código para os dois 747 de carga que ele tinha fretado. — Não podem chegar na sexta-feira. Eles só podem garantir que cheguem no domingo às 16 horas.

Gavallan ficou abalado. Ele fora avisado pelos fretadores de que estavam com uma agenda muito apertada entre um frete e outro e que poderia haver um atraso de 24 horas. Ele tivera muita dificuldade para conseguir os aviões. Obviamente, ele não pôde se dirigir a nenhuma das companhias aéreas que serviam o golfo ou o Irã e teve que ser vago a respeito do motivo do frete e da sua carga.

— Ligue para eles imediatamente e tente antecipar esta data. Seria mais seguro se elas chegassem no sábado, muito mais seguro. O que mais?

— A Imperial Air se ofereceu para assumir a nossa posição com os novos X63.

— Mande-os para o inferno. O que mais?

— A ExTex reformulou a sua oferta com relação aos novos contratos na Arábia Saudita, Singapura e Nigéria, baixando o preço em dez por cento.

— Aceite a oferta por telex. Marque um almoço com o chefe em Nova York na terça-feira. O que mais?

— Estou com a lista de números de peças que você queria.

— Ótimo. Espere um instante. — Gavallan apanhou o bloco que carregava sempre com ele e encontrou a página que queria. Ela continha a lista dos registros iranianos dos dez 212 que ainda estavam no Irã, todos começando com 'EP' para Irã, depois 'H' para helicóptero e mais duas letras.

— Pronto. Pode dizer.

— AB, RV, KI Enquanto ela lia as letras, ele as escrevia ao lado da coluna anterior. Por segurança, ele não colocou o registro novo por inteiro, omitindo 'G' para Grã-Bretanha e 'H' para helicóptero, anotando apenas as duas letras novas finais. Ele releu a lista e ela combinava com os dados que ele tinha.

— Obrigado, está tudo certo. Eu ligo para você hoje à noite, Liz. Ligue para Maureen e diga-lhe que está tudo bem.

— Está bem, patrão. Sir Ian telefonou há meia hora atrás para desejar-lhe boa sorte.

— Oh, que bom! — Gavallan tinha tentado falar com ele durante todo o tempo em que esteve em Aberdeen e Londres, mas não tinha conseguido. — Onde ele está? Ele deixou o telefone?

— Sim. Ele está em Tóquio: 737384. Ele disse que ficará lá por algum tempo e que se você não conseguisse falar com ele, tornaria a ligar-amanhã. Ele também disse que estará de volta dentro de duas semanas e que gostaria de vê-lo.

— Melhor ainda. Ele mencionou o assunto?

— Óleo para as lamparinas da China — disse sua secretária, em código. O interesse de Gavallan aumentou.

— Maravilhoso. Marque uma data o mais cedo que ele puder. Ligue para você mais tarde, Liz, tenho que correr.

— Está bem. Só quero lembrar-lhe que amanhã é aniversário do Scot.

— Deus do céu, eu tinha esquecido. Obrigado, Liz. Falo com você mais tarde. — Ele desligou, satisfeito com as notícias de Ian Dunross, abençoando o sistema telefônico de Al Shargaz e a

discagem direta à distância. Ele discou. Em Tóquio eram cinco horas a mais, cerca de uma hora da manhã.

— Alô — disse uma voz de mulher, sonolentemente.

— Boa noite. Desculpe ligar tão tarde, mas recebi um recado para ligar para Sir Ian Dunross. Aqui é Andrew Gavallan.

— Ah, sim. Ian não está aqui no momento, ele só voltará amanhã, sinto muito. Talvez às dez horas. O senhor pode deixar o seu telefone, sr. Gavallan?

Gavallan deu o telefone, desapontado.

— Há algum outro número onde possa encontrá-lo?

— Não, sinto muito.

— Por favor, peca-lhe para me telefonar, a qualquer hora. — Ele tornou a agradecer e desligou, pensativo.

Lá fora estava o carro que tinha alugado. Entrou nele e se dirigiu para a entrada principal do aeroporto. Um 707 estava se aproximando da pista, com os faróis acesos, e as luzes da cauda e das asas piscando.

— Boa noite, sr. Gavallan — disse Sibbles, o funcionário da meteorologia. Ele era inglês, magro, pequeno, desidratado, e estava no golfo há dez anos. — Aqui está. — Ele entregou a Gavallan a longa fotocópia com a previsão do tempo. — O tempo vai ficar instável por aqui nos próximos dias.

— Entregou-lhe mais três folhas. — Lengeh, Kowiss e Bandar Delam.

— E qual é a última previsão?

— São quase todas iguais, com uma diferença de 10 ou 15 nós para mais ou para menos, algumas centenas de pés de teto... desculpe, não consigo me acostumar com o sistema métrico. Uns cem metros de teto. Nos próximos dias o vento deve voltar ao normal, o simpático noroeste. A partir de meia-noite, estamos prevendo chuva e nuvens baixas e neblina sobre quase todo o golfo, ventos de sudeste de cerca de 20 nós com pancadas de chuva, e alguma turbulência. — Ele levantou os olhos e sorriu. — E turbilhões.

O estômago de Gavallan deu um salto, embora Sibbles tivesse dito aquilo sem segundas intenções e não estivesse a par do

segredo. Pelo menos, eu acho que não está, pensou. Esta é a segunda coincidência estranha de hoje. A outra foi o americano que estava almoçando numa mesa perto da minha com um shargazi cujo nome eu não entendi.

— Boa sorte amanhã — o homem tinha dito com um sorriso simpático, bem-humoradamente, na hora que estava saindo — Perdão?

— Glenn Wesson, da Wesson Oil Marketing, o senhor é Andrew Gavallan, certo? Nós sabemos que o senhor e seus rapazes estão organizando uma., uma 'corrida de camelos' amanhã no oásis de Dez-al, certo?

— Nós não, sr. Wesson. Não nos interessamos muito por camelos.

— É mesmo? O senhor deveria experimentar, é muito divertido. De qualquer maneira, boa sorte.

Pode ter sido uma coincidência. Corridas de camelo eram uma diversão comum entre os estrangeiros e o oásis de Dez-al um dos lugares favoritos para o fim-de-semana islâmico.

— Obrigado, sr. Sibbles, vejo-o amanhã. — Ele guardou as previsões no bolso e desceu as escadas até o saguão do terminal-, dirigindo-se para o escritório da companhia, que ficava ali ao lado. Nada de positivo ainda, estava pensando. Sábado é mais seguro do que amanhã. É preciso arriscar. Não posso esperar mais muito tempo.

— Como você vai decidir? — sua mulher, Maureen, tinha perguntado, ao se despedir dele na madrugada do dia anterior, com Aberdeen quase inundada e continuando a chover.

— Não sei, garota. Mac tem um bom faro, ele vai ajudar.

E agora nada de Mac! Mac ficando biruta, Mac pilotando sem um exame médico, Mac convenientemente preso em Kowiss e a única saída sendo o Turbilhão; Eriki ainda desaparecido, e o pobre Duke uma fera por estar fora da lista, mas teve uma sorte danada em vir para cá. O doutor Nutt estava certo. As radiografias mostraram que várias lascas de osso tinham perfurado o seu pulmão esquerdo e que havia mais uma dúzia ameaçando uma artéria. Ele olhou para o

relógio do saguão: 20:27h. Nesta altura ele já deve ter acordado da anestesia.

Tenho que decidir logo. De comum acordo com Charlie Pettikin tenho que tomar logo uma decisão.

Ele entrou pela porta que dizia PROIBIDA A ENTRADA EXCETO PARA QUEM VIER A SERVIÇO, atravessou o corredor com janelas de vidro em toda a sua extensão. Na pista, o 707 estava sendo guiado para o local de desembarque por um carro-guia e o aviso estava escrito em inglês e em farsi. Vários ônibus de quarenta lugares para transporte de passageiros estavam estacionados ali perto, no meio de um Jumbo da Pan Am que fazia parte do esquema de evacuação de Teerã e de meia dúzia de jatos particulares. Gostaria que hoje fosse sábado, pensou. Não, talvez não.

Na porta do conjunto de escritórios da companhia estava escrito: S-G HELICÓPTEROS, SHEIK AVIATION

— Olá, Scot — Olá, papai. — Scot sorriu. Ele estava sozinho, era o oficial de plantão e estava sentado diante do HF com um livro no colo e o braço direito na tipoia. — Nada de novo exceto um recado para ligar para Roger Newbury na casa dele. Posso fazer a ligação?

— Daqui a pouco, obrigado. — Gavallan entregou-lhe os relatórios da meteorologia. Scot examinou-os rapidamente. O telefone tocou. Sem parar de ler, ele atendeu.

— S-G? — Ele ouviu por um momento. — Quem? Oh, sim. Não, ele não está aqui, sinto muito. Sim, eu digo a ele. Até logo. — Ele desligou e suspirou. — A nova conquista de Johnny Hogg, Alessandra. Manuela a chama de 'Tamale apimentado' porque ela tem certeza de que ele vai ficar com a boca ardendo. — Gavallan riu. Scot levantou os olhos dos relatórios. — Nem uma coisa nem outra. Pode ser muito bom, dá bastante cobertura. Mas se o vento aumentar pode ser horrível, sábado é melhor do que sexta-feira. — Seus olhos azuis observavam o pai que estava olhando pela janela para o tráfego na pista, onde os passageiros do jato estavam desembarcando.

— Eu concordo. — Gavallan disse, neutramente. — Há algo.. — Ele parou porque o HF começou a funcionar.

— Al Shargaz, aqui é o escritório de Teerã, estão me ouvindo?

— Aqui é o escritório de Al Shargaz, você está quatro por cinco, continue - disse Scot.

— O diretor Siamaki quer falar imediatamente com o sr. Gavallan. Gavallan balançou a cabeça negativamente.

— Eu não estou aqui — murmurou.

— Posso anotar o recado? — Scot perguntou no microfone. — Já está um pouco tarde, mas eu darei o recado o mais cedo possível.

Espera. Estática. Depois ouviu-se a voz arrogante que Gavallan detestava.

— Aqui é o diretor Siamaki. Diga a Gavallan para ligar para mim esta noite. Eu estarei aqui até as dez e meia ou a partir das nove da manhã. Sem falta. Entendido?

— Cinco por cinco, escritório central — Scot disse docemente. — Câmbio e desligo.

— Metido, filho da mãe — Gavallan resmungou. Depois perguntou: — Que diabo ele está fazendo no escritório a essa hora da noite?

— Deve estar bisbilhotando, e se está planejando trabalhar no dia santo.. isso é muito suspeito, não?

Mac disse que podia tirar do cofre tudo o que fosse importante e jogar a chave dele e a sobressalente na vala.

— Aposto que esses metidos têm duplicatas — disse Gavallan. — Vou ter que esperar até amanhã pelo prazer de falar com ele. Scot há alguma maneira de evitar que ele ouça as nossas ligações?

— Não, não se usamos frequências da companhia, que são as únicas que temos.

O pai concordou com a cabeça.

— Quando Johnny chegar, lembre a ele que eu posso querer que ele levante voo amanhã a qualquer momento. — Era parte do plano da operação Turbilhão usar o 125 como um VHF transmissor-receptor de alta altitude para cobrir os helicópteros que só possuíam VHF. — De sete horas em diante.

— Então vai ser mesmo amanhã.

— Ainda não. — Gavallan apanhou o telefone e discou. — Boa noite, sr. Newbury, por favor, aqui é o sr. Gavallan. — Roger Newbury

era um dos funcionários do consulado britânico que tinha sido muito gentil, facilitando a obtenção dos vistos. — Alô, Roger, você queria falar comigo? Desculpe, você não está jantando, está?

— Não, foi bom você ligar. Duas coisas: primeiro, uma má notícia, acabamos de saber que George Talbot foi assassinado.

— Meu Deus, como foi?

— Acho que foi muito azar. Ele estava num restaurante onde havia alguns aiatolás importantes. Um carro-bomba terrorista explodiu o lugar e ele foi junto. Ontem, na hora do almoço.

— Que horror!

— Sim. Havia um certo capitão Ross com ele. Ele também ficou ferido. Acho que você o conhece.

— Sim, sim, eu o conheci. Ele ajudou a esposa de um dos nossos pilotos a sair de uma encrenca em Tabriz. Um rapaz simpático. Ele está muito ferido?

— Nós não sabemos, é tudo muito confuso, mas a nossa embaixada em Teerã mandou-o para o Hospital Internacional do Kuwait ontem. Amanhã eu vou saber direito e digo para você. Agora, você me perguntou se eu podia descobrir o paradeiro do capitão Erikki Yokkonen. — Houve uma pausa e o ruído de papéis e Gavallan ficou de dedos cruzados. — Nós recebemos um telex esta noite de Tabriz, pouco antes de eu sair do escritório: "Em resposta às suas indagações a respeito do capitão Erikki Yokkonen, acredita-se que ele tenha escapado dos seus sequestradores e que esteja agora com a sua esposa na palácio de Hakim Khan. Um relatório mais detalhado será encaminhado amanhã, assim que isto possa ser verificado."

— Você quis dizer Abdullah Khan, Roger. — Excitadamente, Gavallan cobriu o bocal e cochichou para Scot: — Erikki está a salvo!

— Fantástico! — Scot disse, imaginando quais teriam sido as más notícias.

— O telex diz Hakim Khan — Newbury estava dizendo.

— Não faz mal, graças a Deus ele está a salvo. — E graças a Deus foi removido mais um grande empecilho à operação Turbilhão, pensou. — Você podia mandar-lhe uma mensagem minha?

— Eu poderia tentar. Ligue amanhã. Não posso garantir que vá chegar a ele, a situação no Azerbaijão ainda é muito instável. Mas podemos tentar.

— Não sei como posso agradecer-lhe, Roger. Foi muita gentileza sua informar-me. Sinto muito sobre Talbot e o jovem Ross. Se houver algo que eu possa fazer para ajudar Ross, fale comigo.

— Sim, sim, farei isto. A propósito, nós estamos sabendo. — Isto foi dito de supetão.

— Perdão?

— Vamos dizer, 'Turbulências' — Newbury disse delicadamente. Por um momento, Gavallan ficou em silêncio, depois se recuperou.

— Ah, é?

— É. Parece que um certo sr. Kasigi queria que você prestasse serviços à Irã-Toda a partir de ontem e você disse a ele que não poderia lhe dar uma resposta antes de trinta dias. Então nós, ahn, somamos dois mais dois e com todos os boatos que andam por aí ficamos curiosos.

Gavallan estava tentando manter-se calmo.

— Não prestar serviços à Irã-Toda é uma decisão comercial, Roger, nada mais. Atualmente é muito difícil operar no Irã, você sabe disso. Eu não poderia assumir uma tarefa extra.

— É mesmo? — A voz de Roger ficou seca. Então, ele acrescentou severamente: — Bem, se o que soubemos é verdade, nós o aconselhamos a não fazê-lo.

Gavallan disse teimosamente: — Você certamente não me aconselharia a apoiar a Irã-Toda quando todo o Irã está se desintegrando, não é?

Mais uma pausa. Um suspiro. Então.

— Bem, não quero prendê-lo, Andy. Talvez, possamos almoçar juntos No sábado.

— Sim, obrigado, eu teria muito prazer. — Gavallan desligou.

— Qual foi a má notícia? — Scot perguntou.

Gavallan contou-lhe a respeito de Talbot e Ross e depois sobre 'Turbulências'. — Isto está perto demais de Turbilhão para ser engraçado.

— Que história é essa a respeito de Kasigi?

— Ele queria imediatamente dois 212 de Bandar Delam para prestarem serviço à Irã-toda. Eu tive que desconversar. — O encontro deles fora breve e direto: — Sinto muito, sr. Kasigi, não é possível atendê-lo esta semana nem na próxima. E não poderei fazê-lo nos próximos trinta dias.

— Mas meu diretor ficaria muito grato. Acho que o senhor o conhece?

— Sim, e se eu pudesse ajudar, certamente o faria. Sinto muito, mas não é possível.

— Mas... então o senhor pode sugerir uma alternativa? Eu preciso do apoio de helicópteros.

— Que tal uma companhia japonesa?

— Não há nenhuma. Existe... existe mais alguém que possa me atender?

— Não que eu saiba. A Guerney jamais voltará, mas eles podem saber de alguém. — Ele tinha dado o telefone da Guerney para ele e o infeliz japonês tinha ido embora.

Ele olhou para o filho.

— Foi uma pena, mas eu não podia fazer nada por ele.

— Se a notícia tiver se espalhado... — Scot ajeitou a tipoia. — Se a notícia tiver se espalhado, então temos que dar o fora. Mais um motivo para apressar as coisas.

— Ou para cancelar a operação. Acho que vou dar uma passada no hospital para ver Duke.

Comunique-se comigo se alguém ligar. Nogger vai substituí-lo?

— Sim. À meia-noite. Jean-Luc ainda está com lugar reservado no voo da madrugada para Bahrein e Pettikin para o Kuwait. Eu confirmei as reservas. — Scot ficou olhando para ele.

Gavallan não respondeu à pergunta não formulada — Deixe as coisas como estão por enquanto. — Ele viu o filho sorrir e concordar e seu coração encheu-se de amor, orgulho e preocupação por ele, misturado com suas próprias esperanças de um futuro que dependia dele ser capaz de arrancar todos eles das garras do Irã. Ficou surpreso ao se ver perguntando: — Você não gostaria de deixar de pilotar, rapaz?

— O quê?

Gavallan sorriu do espanto do filho. Mas agora que tinha falado, resolveu continuar.

— Isto faz parte de um plano a longo prazo. Para você e a família. De fato eu tenho dois planos... só entre nós. É claro que os dois dependem de nós continuarmos no negócio ou não. O primeiro é você desistir de pilotar e ir para Hong Kong por uns dois anos para aprender sobre o ramo de lá da Struan's, depois você voltaria para Aberdeen talvez por mais um ano e depois tornaria a voltar para Hong Kong onde ficaria trabalhando. O segundo seria para você fazer um curso sobre X63, passar uns seis meses nos Estados Unidos, talvez um ano, aprendendo esta parte do negócio, depois passaria uma temporada no mar do Norte. E depois iria para Hong Kong.

— Sempre de volta a Hong Kong?

— Sim. A China algum dia abrirá as portas à exploração de petróleo e eu e Ian queremos que a Struan's esteja preparada com uma operação completa, helicópteros de apoio, plataformas, o pacote todo. — E sorriu estranhamente. "Petróleo para as lamparinas da China" era o código para o plano secreto de Ian Dunross, do qual Linbar Struan não estava a par. — A Air Struan será a nova companhia e ficará responsável pela China, os mares da China e toda a bacia da China. O nosso plano é que você dirija esta companhia.

— Não há muito potencial lá — Scot disse com uma indiferença fingida. — Você acha que a Air Struan terá algum futuro? — E então ele deixou o sorriso aparecer.

— Mais uma vez, isto é só entre nós, Linbar ainda não sabe disto. Scot franziu a testa.

— Ele vai aprovar a minha ida para lá, entrando para a Struan's e fazendo tudo isto?

— Ele me odeia, Scot, não a você. Ele não se opôs ao seu namoro com a sobrinha dele, se opôs?

— Ainda não. Não, não se opôs ainda.

— O momento é este e nós temos que ter um plano para o futuro, para a família. Você está na idade certa, eu acho que você poderia fazer isto. — Gavallan animou-se. — Você é metade

Dunross, é um descendente direto de Dirk Struan, e portanto tem responsabilidades que estão além da sua própria vontade. Você e sua irmã herdaram as ações da sua mãe, você poderá candidatar-se ao conselho interno se for bom o bastante. Aquele cretino do Linbar vai ter que se aposentar algum dia, nem mesmo ele vai conseguir destruir completamente a Casa Nobre. O que você acha do meu plano?

— Eu gostaria de pensar um pouco sobre isto, papai. O que há para pensar, rapaz?, ele pensou.

— Boa noite, Scot, talvez eu passe por aqui mais tarde. — Ele bateu-lhe de leve no ombro e saiu.

Scot não vai me desapontar, ele disse a si mesmo, cheio de orgulho.

No espaçoso salão da Alfândega Imigração, passageiros faziam fila para passar pela Imigração, outros esperavam por suas bagagens. O quadro de chegadas anunciava que o voo da Gulf Air nº 52 de Muscat, capital do Omã, tinha chegado na hora e que deveria partir dentro de 15 minutos para Abu Dhabi, Bahrein e Kuwait. A banca de jornal ainda estava aberta, e ele foi até lá para ver que jornais havia. Estava estendendo a mão para apanhar o Times de Londres quando viu o cabeçalho PRIMEIRO-MINISTRO CALLAGHAN ANUNCIA OS SUCESSOS DO PARTIDO TRABALHISTA e mudou de ideia. Para que eu quero saber disto?, pensou. Então ele viu Genny McIver.

Ela estava sentada sozinha, perto do portão de embarque, com uma pequena mala ao lado.

— Olá, Genny, o que você está fazendo aqui? Ela sorriu docemente.

— Eu vou para o Kuwait. Ele também sorriu docemente.

— E para quê?

— Porque eu preciso de umas férias.

— Não seja ridícula. O botão ainda nem foi apertado e de qualquer maneira não há nada que você possa fazer lá, nada. Você só atrapalharia. É muito melhor ficar esperando aqui. Genny, pelo amor de Deus, seja razoável.

O sorriso continuou o mesmo.

— Você já terminou?

— Sim.

— Eu sou razoável, sou a pessoa mais razoável do mundo. Mas Duncan McIver não é. Ele é o cara mais torto e desorientado que eu já conheci e é para o Kuwait que eu vou. — Tudo isso foi dito com uma calma fantástica.

Espertamente, ele mudou de tática.

— Por que você não me contou que estava indo ao invés de sair de fininho? Eu ficaria morto de preocupação se você sumisse.

— Se eu tivesse falado com você, você teria tentado me fazer desistir. Eu pedi a Manuela para lhe contar depois, dizer-lhe a hora do voo, o nome do hotel, e o telefone. Mas estou contente que esteja aqui, Andy. Você pode se despedir de mim. Eu gostaria de ter alguém que viesse se despedir de mim, detesto não ter ninguém para me trazer, bem você sabe o que eu quero dizer.

Foi então que ele viu o quanto ela parecia frágil.

— Você está bem, Genny?

— Oh, sim... É só que... bem, é só que eu preciso estar lá, não posso ficar aqui sentada, e de qualquer maneira uma parte disto foi ideia minha, eu também me sinto responsável e não quero que nada...

nada dê errado.

— Nada vai dar errado — disse e os dois bateram na madeira do banco. Então ele passou o braço pelo ombro dela. — Vai dar tudo certo. Ouça, uma boa notícia. — E contou a ela sobre Erikki.

— Oh, isto é maravilhoso. Hakim Khan? — Genny vasculhou a memória. — Este não é o irmão de Azadeh, aquele que estava vivendo em... droga, esqueci o nome, algum lugar perto da Turquia, o nome dele não era Hakim?

— Talvez o telex estivesse certo e ele seja Hakim 'Khan'. Isto seria ótimo para eles.

— Sim. O pai dela parecia ser um homem horrível. — Ela o olhou ansioso. — Você já decidiu? Vai ser amanhã?

— Não, ainda não.

— E quanto ao tempo? Ele lhe contou.

— Isto não ajuda muito — ela disse.

— Gostaria que Mac estivesse aqui. Ele saberia o que fazer numa situação como esta.

— Não mais do que você, Andy. — Eles olharam para o quadro de embarque enquanto o locutor chamava os passageiros do voo 52. Eles se levantaram. — Se isso adianta de alguma coisa, Andy, se tudo continuar como está, Mac decidiria por amanhã.

— Como é que você sabe?

— Eu conheço Duncan. Até logo, querido Andy. — Ela o beijou apressadamente e não olhou para trás.

Esperou até que ela tivesse desaparecido. Ele saiu, muito pensativo, e não notou Wesson perto da banca de jornais, guardando a sua caneta.

Livro Quatro



AL SHARGAZ — HOTEL OÁSIS: 5:37H.

Gavallan estava parado diante da janela, já vestido, e lá fora ainda era noite, exceto a leste, e estava quase amanhecendo. Havia traços de neblina vindos da costa, a meio quilômetro de distância, que desapareciam rapidamente na direção do deserto. O céu estava sem nuvens a leste, mas aos poucos foi se cobrindo de nuvens. De onde ele estava, podia ver quase todo o campo de aviação. As luzes da pista estavam acesas, um pequeno jato se preparava para decolar e o vento trazia um cheiro de querosene. Houve uma batida na porta.

— Entre! Ah, bom dia, Jean-Luc, bom dia, Charlie.

— Bom dia, Andy. Se quisermos pegar o nosso voo está na hora de sairmos — disse Pettikin, com o nervosismo fazendo-o falar atropeladamente. Ele estava escalado para ir para o Kuwait e Jean-Luc para Bahrein.

— Onde está Rodrigues?

— Está esperando lá embaixo.

— Ótimo, então é melhor vocês irem logo. — Gavallan ficou satisfeito por sua voz soar calma.

Pettikin ficou radiante, Jean-Luc resmungou merde. — Se você concordar, Charlie, eu proponho apertar o botão às sete horas conforme o planejado, desde que nenhuma das bases dê o contra antes.

Se o fizerem, tentaremos outra vez amanhã. De acordo?

— De acordo. Não houve nenhuma chamada ainda?

— Ainda não.

Pettikin mal podia conter a sua excitação.

— Bem, lá vamos nós. Vamos, Jean-Luc! Jean-Luc levantou as sobrancelhas.

— Mon Dieu, é a vez dos escoteiros! — Então encaminhou-se para a porta. — As notícias sobre Erikki foram ótimas, Andy, mas como é que ele vai dar o fora?

— Eu não sei. Vou procurar Newbury no consulado para tentar mandar uma mensagem para ele, para sair via Turquia. Vocês dois me telefonem assim que aterrissarem. Eu estarei no escritório a partir das seis. Vejo-os mais tarde.

E fechou a porta atrás deles. Agora estava feito. A menos que uma das bases desistisse.

EM LENGEH: 5:49H.

Mal se percebia a claridade do amanhecer através das nuvens. Scragger estava usando uma capa de chuva e atravessou as poças d'água em direção à cozinha que era o único lugar da base que estava com a luz acesa. O vento sacudia o seu boné de piloto, fazendo a chuva bater no seu rosto.

Para sua surpresa, Willi já estava na cozinha, sentado perto do fogão a lenha, tomando café.

— Bom dia, Scragger, café? Acabei de fazer. — Ele fez um sinal com a cabeça em direção a um dos cantos. Enroscado no chão, profundamente adormecido perto do calor do fogo, estava um dos Faixas Verdes do campo. Scragger fez que sim com a cabeça e tirou a capa.

— Chá para mim, filho. Você acordou cedo. Onde está o cozinheiro? Willi deu de ombros e colocou a chaleira de volta no fogo.

— Atrasado. Eu quis tomar café cedo. Vou mexer uns ovos. Quer que eu faça para você também?

Scragger ficou faminto de repente.

— Ótimo! Quatro ovos para mim e duas torradas e no almoço eu vou comer pouco. Nós temos pão, cara? — Ele viu Willi abrir a geladeira. Três pães de fôrma, bastante manteiga e ovos. — Oba!

Não sei comer ovos sem torradas com manteiga. O gosto não fica bom. — Ele olhou para o relógio.

— O vento virou quase na direção do sul e está a trinta nós — O meu nariz diz que vai diminuir.

— O meu rabo diz que vai diminuir mas que ainda vai ser foda.

— Tenha confiança, cara. — riu Scragger.

— Vou ficar muito mais confiante com o meu passaporte.

— Eu também, mas o plano ainda está de pé. — Na noite passada, quando ele voltou da casa do sargento, Vossi e Willi estavam esperando por ele. Bem longe de ouvidos indiscretos, ele lhes contou o que tinha acontecido.

Willi dissera imediatamente: — É melhor avisarmos Andy de que talvez tenhamos que desistir. — E Vossi tinha concordado.

— Não — dissera Scragger. — Eu estou imaginando o seguinte, cara: se Andy não der sinal verde para o Turbilhão de manhã, eu terei o dia inteiro para pegar os passaportes. Se ele der a ordem, será às sete horas em ponto. Isto me dá bastante tempo para chegar na delegacia às sete e meia e estar de volta às oito. Enquanto eu estiver fora, vocês vão providenciando tudo.

— Jesus, Scrag, nós já...

— Ed, quer me ouvir? Nós partimos de qualquer jeito mas evitamos Al Shargaz, onde temos certeza de que teríamos problemas e nos refugiamos em Bahrein. Eu conheço o oficial do porto de lá. Nós invocamos a sua proteção, talvez tenhamos alguma 'emergência' na praia. Enquanto isso, falamos por rádio com Al Shargaz assim que sairmos do espaço aéreo do Irã para que alguém vá nos encontrar para pagar as nossas fianças. Isso foi o melhor que eu pude pensar e pelo menos ficaremos cobertos de qualquer jeito.

E ainda é o melhor que eu consigo pensar, ele disse a si mesmo, observando Willi no fogão, a manteiga começando a chiar na frigideira.

— Eu pensei que os ovos iam ser mexidos.

— É assim que se faz ovos mexidos. — A voz de Willi soou impaciente.

— Não é mesmo — Scragger disse secamente. — Você tem que usar água ou leite e...

— Pelo amor de Deus — Willi respondeu — se você não quer... Scheissl Desculpe, Scrag, eu não queria ser agressivo.

— Eu também estou nervoso, cara. Não tem problema — É assim que minha mãe costuma fazer. Você coloca os ovos na frigideira sem batê-los, deixa a parte branca cozinhar e então, rápido como um raio, você coloca um pouco de leite e mexe, assim a clara fica branca e a gema amarela... — Willi não conseguia parar de falar. Ele tinha passado uma noite ruim... com pesadelos e maus pressentimentos e agora não estava se sentindo melhor Lá no canto o Faixa Verde se mexeu, sentindo o cheiro de manteiga derretida e se espreguiçou, cumprimentou-os sonolentemente, depois se ajeitou mais confortavelmente e voltou a dormir. Quando a água da chaleira ferveu, Scragger preparou um pouco de chá, e olhou para o relógio: 5:56h. Atrás dele, a porta se abriu e Vossi entrou e sacudiu a água do guarda-chuva.

— Oi, Scrag! Ei, Willi, café, duas torradas com ovos e bacon para mim — Vá à merda!

Todos riram, tontos de ansiedade. Scragger tornou a olhar para o relógio. Pare com isso! Ordenou a si mesmo. Você tem que manter a calma, assim eles também ficarão calmos. É fácil ver que os dois estão prestes a explodir.

EM KOWISS: 6:24H.

McIver e Lochart estavam na torre olhando para a chuva e para o céu carregado. Ambos estavam vestidos com os uniformes de voo, McIver sentado em frente ao HF, Lochart em pé perto da janela. Não havia nenhuma luz acesa — só os verdes e vermelhos do equipamento. Nenhum ruído, exceto o zumbido agradável e o barulho não tão agradável do vento que entrava pelas janelas quebradas, fazendo as antenas sacudirem.

Lochart olhou para o marcador de vento. Vinte e cinco nós, com rajadas de trinta de sul-sudeste. Lá no hangar, dois mecânicos estavam lavando os já limpos 212 e o 206 que McIver tinha trazido de Teerã. Havia luzes na cozinha. Exceto por uma pequena equipe de cozinha, McIver tinha dito ao pessoal do escritório e aos operários para tirarem o dia de folga. Depois do choque da execução sumária de Esvandiary por 'corrupção', eles não tinham precisado de nenhum encorajamento para sair.

Lochart olhou para o relógio. O ponteiro grande parecia vagaroso demais. Um caminhão passou lá embaixo. Mais um. Agora eram exatamente seis e meia.

— Sierra Um, aqui é Lengeh. — Era Scragger chamando, conforme tinha sido planejado. McIver ficou muito aliviado. Lochart ficou mais sério ainda.

— Lengeh, aqui é Sierra Um, você está cinco por cinco. — A voz de Scot lá em Al Shargaz estava clara. Sierra Um era o código para o escritório no aeroporto de Al Shargaz, Gavallan não queria chamar mais atenção para o pequeno domínio do que o estritamente necessário.

McIver ligou o transmissor.

— Sierra Um, aqui é Kowiss.

— Kowiss, aqui é Sierra Um, você está quatro por cinco.

— Sierra Um, aqui é Bandar Delam. Ambos perceberam o tremor na voz de Rudi.

— Bandar Delam, aqui é Sierra Um. Você está dois por cinco. Agora só se ouvia estática no alto-falante. McIver enxugou o suor das mãos.

Até agora tudo bem O café estava frio e com um gosto horrível, mas ele terminou de bebê-lo.

— Rudi pareceu nervoso, não? — disse Lochart.

— Tenho certeza que eu também. E Scrag. — McIver observou-o, preocupado com ele; Lochart não o encarou, apenas foi até a chaleira elétrica e ligou-a na tomada. Na escrivaninha havia quatro fones, duas linhas internas e duas externas. Ambas ainda mudas. Já há dois dias. Mortas como eu. Não há nenhum modo de entrar em contato com Xarazade, nem pelo correio.

— Há um cônsul canadense em Al Shargaz — disse McIver — Eles poderiam falar com Teerã de lá para você.

— Claro. — Uma rajada de vento sacudiu a tábua que estava cobrindo a janela quebrada. Lochart não prestou nenhuma atenção, pensando em Xarazade, rezando para ela ir se encontrar com ele.

Encontrar-se comigo para quê? A chaleira começou a apitar. Ele ficou olhando. Desde que saíra do apartamento, ele tinha bloqueado o futuro na sua cabeça. Mas de noite tudo voltava à sua mente, por mais que ele tentasse evitar-Da base veio o primeiro chamado do muezin.

Venham rezar, venham melhorar, rezar é melhor do que dormir.

EM BANDAR DELAM: 6:38H.

Um amanhecer encharcado, a chuva era ligeira, o vento mais fraco do que na véspera. No campo de aviação, Rudi Lutz, Sandor Petrofi e Pop Kelly estavam no trailer de Rudi, com as luzes apagadas, tomando café. Lá fora na varanda, Marc Dubois estava de guarda.

Não havia nenhuma luz acesa na base. Rudi consultou o relógio.

— Confio em Deus que seja hoje. — disse Rudi.

— É hoje ou nunca — Kelly estava muito sério. — Faça a ligação, Rudi.

— Ainda falta um minuto.

Pela janela, Rudi podia ver a entrada do hangar e os 212. Nenhum deles tinha tanques de longo alcance. Em algum lugar na escuridão, Fowler Joines e três mecânicos estavam colocando silenciosamente o resto do combustível de reserva a bordo, terminando os preparativos iniciados cautelosamente na noite anterior enquanto os pilotos distraíam os guardas e Numir. Pouco antes de irem para a cama, os quatro tinham feito os seus cálculos separadamente. Nenhum tinha uma diferença acima de dez milhas náuticas com relação aos outros.

— Se o vento se mantiver como está, estaremos todos no mar — Sandor dissera baixinho, era difícil falar com o barulho da música e perigoso falar sem ela. Mais cedo, Fowler Joines tinha visto Numir se escondendo perto do trailer de Duke.

— Sim —. concordara Marc Dubois. — Cerca de dez quilômetros para dentro do mar — Talvez a gente deva desistir de Bahrein e se dirigir para o Kuwait, Rudi.

— Não, Sandor, nós temos que deixar o Kuwait livre para Kowiss. Já pensou, seis helicópteros com registro iraniano indo todos para lá? Eles iam ter um ataque.

— Onde estão os novos registros que nos prometeram? — perguntou Kelly, com seu nervosismo aumentando a cada momento.

— Nós vamos ser esperados. Charlie Pettikin vai para o Kuwait e Jean-Luc para Bahrein.

— Mon Dieu, que azar o nosso — Dubois tinha dito, aborrecido. — Jean-Luc está sempre atrasado, sempre. Aqueles Pieds Noirs, eles pensam como árabes.

— Se Jean-Luc estragar as coisas desta vez, ele vai virar picadinho. Olhem, a respeito da gasolina, talvez a gente consiga mais um pouco com a Irã-Toda. Vai ficar um bocado suspeito carregar toda esta gasolina só para ir até lá.

— Rudi, faça a ligação, está na hora.

— Certo, certo! — Rudi respirou fundo e apanhou o microfone. — Sierra Um, aqui é Bandar Delam, está me ouvindo? Aqui é...

NO QG DE AL SHARGAZ: 6:40H.

— ... Bandar Delam, está me ouvindo? Gavallan estava sentado diante do HF, com Scot ao seu lado, Nogger Lane encostado numa mesa atrás deles e Manuela sentada na única cadeira. Todos estavam rígidos, com os olhos pregados no alto-falante, todos certos de que a chamada significava problemas, uma vez que a operação

Turbilhão exigia silêncio no rádio antes das sete horas e durante a fuga em si, exceto em emergências.

— Bandar Delam, Sierra Um — Scot disse com voz rouca. — Vocês estão dois por cinco, continuem.

— Nós não sabemos como está o seu dia, mas temos alguns voos planejados para esta manhã e gostaríamos de comunicá-los agora. Vocês aprovam?

— Fique na linha — disse Scot.

— Maldição — resmungou Gavallan. É essencial que todas as bases partam ao mesmo tempo. Então mais uma vez o HF deu sinal.

— Sierra Um, aqui é Lengeh — a voz de Scragger estava muito mais alta e clara e mais ríspida. — Nós também temos voos para fazer, mas quanto mais tarde melhor. Como está o tempo aí?

— Aguarde na linha, Lengeh. — Scot olhou para Gavallan, esperando.

— Chame Kowiss — disse Gavallan e todo mundo relaxou um pouco. — Vamos checar com eles primeiro.

— Kowiss, aqui é Sierra Um, está me ouvindo? — Silêncio. — Kowiss, aqui é Sierra Um, está me ouvindo?

— Aqui é Kowiss, continue. — A voz de McIver soou tensa e estava indo e vindo.

— Você escutou?

— Sim. Prefiro uma posição firme conforme o planejado.

— Isso decide tudo. Sierra Um para todas as bases, o tempo está instável. Daremos a previsão definitiva às sete horas.

— Entendido. — disse Scragger.

— Entendido — a voz de Rudi soou fraca.

— Entendido. — McIver pareceu aliviado.

O transmissor ficou novamente silencioso. Gavallan disse para ninguém em especial: — É melhor nos mantermos dentro do plano. Não quero alertar desnecessariamente a torre de controle nem tornar aquele intrometido do Siamaki mais difícil do que o normal. Rudi poderia ter desistido se fosse urgente, ele ainda pode fazer isso. — Ele se levantou e se esticou, depois tornou a sentar-se. Estática. Eles estavam na escuta também do canal de emergência, 121.5. O Jumbo da Pan Am decolou, sacudindo as janelas.

Manuela mexeu-se na cadeira, sentindo-se demais mesmo depois de Gavallan ter dito: — Manuela, você fica conosco, você é a única que fala farsi. — O tempo não custava tanto a passar para ela. O seu homem estava a salvo, um pouco avariado mas a salvo, e seu coração estava cantando de alegria pelo golpe de sorte que o tirara do turbilhão.

— Porque é isto que a operação é, querido — ela tinha dito a ele na noite anterior no hospital.

— Talvez, mas sem a ajuda de Hussein eu ainda estaria em Kowiss. Se não fosse por aquele mulá, você nunca teria sido atingido, ela tinha pensado, mas não disse nada, não querendo agita-lo.

— Quer que eu providencie alguma coisa para você, querido?

— Uma cabeça nova!

— Eles vão trazer uma pílula dentro de um minuto. O médico disse que você estará pilotando em seis semanas, que você tem a constituição de um búfalo.

— Eu me sinto como um frango. Ela tinha rido.

Agora ela deixou a mente divagar relaxadamente, não tendo que ficar ansiosa com a espera como os outros, especialmente Genny. Faltavam dois minutos. Estática. Gavallan tamborilava com os dedos.

Um jato particular decolou e ela pôde ver outro avião descendo na pista, um jumbo com as cores da Alitalia. Será que é voo de Paula vindo de Teerã?

O ponteiro dos minutos chegou no 12. Às sete horas Gavallan pegou o microfone.

— Sierra Um para todas as bases: A nossa previsão está pronta e esperamos que o tempo melhore, mas estejam atentos a pequenos turbilhões. Entendido?

— Sierra Um, aqui é Lengeh. — Scragger parecia animado. — Entendido e vamos prestar atenção nos turbilhões. Desligo.

— Sierra Um, aqui é Bandar Delam, entendido e ficaremos atentos a turbilhões. Desligo.

Silêncio. Os segundos foram passando. Inconscientemente, Gavallan mordeu o lábio inferior, depois ligou o botão de transmissão.

— Kowiss, está me ouvindo?

EM KOWISS: 7:04H.

McIver e Lochart olhavam para o HF. Eles verificaram os relógios quase ao mesmo tempo. Lochart murmurou: — Não vai ser hoje — e se sentiu aliviado. Um dia de adiamento, pensou. Talvez hoje os telefones voltem a funcionar, talvez hoje eu consiga falar com ela...

— Eles chamariam mesmo assim, faz parte do plano, eles chamariam de qualquer jeito. — McIver ligou e desligou o interruptor. As luzes todas funcionaram. Os mostradores também. — Que diabo — disse e ligou o transmissor. — Sierra Um, aqui é Kowiss, está me ouvindo? — Silêncio. Mais uma vez, com mais ansiedade ainda. — Sierra Um, aqui é Kowiss, está me ouvindo? — Silêncio.

— Que diabo está havendo com eles? — Lochart disse entredentes.

— Lengeh, aqui é Kowiss, está me ouvindo? — Nenhuma resposta. Repentinamente, McIver se lembrou, deu um salto e correu para a janela. O cabo principal do transmissor estava solto, balançando com o vento. Praguejando, McIver abriu a janela que dava para o telhado e saiu. Seus dedos eram fortes, mas as porcas estavam enferrujadas demais para se mexerem e ele viu que o anel de solda estava corroído pela ferrugem e tinha se quebrado.

— Maldição...

— Tome. — Lochart estava ao lado dele e entregou-lhe o alicate.

— Obrigado. — McIver começou a raspar a ferrugem. A chuva tinha parado quase completamente mas nenhum dos dois notou isto. Ouviu-se um trovão. Um relâmpago iluminou as montanhas Zagros, quase todas encobertas. Enquanto trabalhava apressadamente, ele contou a Lochart que Wazari tinha passado um bocado de tempo no telhado na véspera, consertando o cabo. — Quando eu cheguei aqui hoje de manhã, fiz uma chamada de rotina

para ver se estava funcionando e nós estávamos sendo ouvidos alto e claro às seis e meia e de novo às seis e quarenta. O vento deve ter soltado o fio depois disso... — O alicate escapuliu e ele cortou o dedo e praguejou mais ainda.

— Quer que eu faça isso?

— Não, tudo bem. Só um segundo.

Lochart voltou para a torre: 7:07h. A base ainda estava quieta. Lá na base aérea havia alguns caminhões se movimentando, mas nenhum avião. No hangar, os dois mecânicos ainda estavam mexendo nos 212 e, de acordo com o plano, Freddy Ayre estava com eles. Então ele viu Wazari se aproximando de bicicleta. Seu coração deu um salto.

— Mac, Wazari está chegando, vindo do lado da base.

— Detenha-o, diga-lhe qualquer coisa mas faça-o parar. —

Lochart saiu correndo pelas escadas. O coração de McIver estava disparado. — Vamos, pelo amor de Deus — disse, e tornou a xingar a si mesmo por não ter checado. É preciso checar e checar e tornar a checar, a segurança não depende do acaso, tem que ser planejada.

Mais uma vez o alicate escorregou. Mais uma vez ele tentou e agora as porcas estavam girando. Um dos lados estava apertado. Por um segundo ele ficou tentado a arriscar, mas a precaução venceu a sua ansiedade e ele apertou o outro lado. Deu um puxão no cabo. Estava firme. Ele voltou correndo, suando em bicas: 7:16h.

Por um instante ele não conseguiu recobrar o fôlego.

— Vamos, McIver, pelo amor de Deus! — Ele respirou profundamente e isto ajudou.

— Sierra Um, aqui é Kowiss, está me ouvindo? A voz ansiosa de Scot respondeu imediatamente.

— Kowiss, aqui é Sierra Um, continue — Vocês têm alguma confirmação do tempo para nós? Imediatamente, a voz de Gavallan se fez ouvir, ainda mais ansiosa: — Kowiss, nós enviamos a seguinte mensagem, exatamente às sete horas: a nossa previsão está pronta e esperamos que o tempo melhore, mas fiquem atentos a pequenos turbilhões. Entendido?

McIver soltou o ar.

— Entendido e vamos estar atentos a pequenos turbilhões. Os outros receberam a mensagem.?

— Afirmativo.

NO QG DE AL SHARGAZ

— ...Torno a repetir, afirmativo. — Gavallan repetiu no microfone.
— O que foi que aconteceu?

— Nenhum problema — respondeu McIver, com o sinal fraco. — Vejo-o em breve. Desligo. — Agora o transmissor estava silencioso. Um grito de alegria irrompeu na sala, Scot abraçou seu pai e gemeu com a dor que sentiu no ombro, mas ninguém notou no meio do pandemônio. Manuela abraçava Gavallan e dizia: — Vou telefonar para o hospital, Andy, voltarei em um segundo — e saiu correndo. Nogger dava pulos de alegria e Gavallan dizia, alegre: — Acho que todos os que não estão pilotando merecem uma boa garrafa de cerveja!

EM KOWISS

McIver desligou o aparelho e recostou-se na cadeira, tentando acalmar-se, sentindo-se estranho — a cabeça leve e a mão pesada.

— Não faz mal, vamos em frente! — disse.

Estava calmo na torre, exceto pelo barulho do vento que fazia ranger a porta que, na pressa, ele tinha deixado aberta. Ele a fechou e viu que a chuva tinha parado, apesar das nuvens ainda estarem ameaçadoras. Então ele viu que seu dedo ainda estava sangrando. Ao lado do HF havia uma toalha de papel e ele arrancou um pedaço e enrolou o dedo de qualquer jeito. Suas mãos estavam tremendo.

Num súbito impulso, ele saiu e se ajoelhou ao lado do conector. Precisou de toda a sua força para soltá-lo. Depois ele tornou a checam a torre, enxugou o suor da testa e desceu as escadas.

Lochart e Wazari estavam no escritório de Esvandiary. Wazari com a barba por fazer e imundo, uma eletricidade estranha no ar. Não há tempo de me preocupar com isso, pensou McIver, Scrag e Rudi já estão no ar.

— Bom dia, sargento — McIver disse secamente, consciente do olhar de Lochart. — Eu pensei que tivesse lhe dado o dia de folga, nós não temos nenhum tráfico importante hoje.

— Sim, capitão, o senhor deu, mas eu, ahn, não consegui dormir e... não me sinto seguro na base. — Wazari notou o rosto vermelho de McIver e o curativo de papel. — O senhor está bem?

— Estou muito bem, apenas cortei o dedo numa janela quebrada. — McIver olhou para Lochart que suava tanto quanto ele — É melhor irmos andando, Tom. Sargento, nós vamos checar os 212. — Ele viu Lochart olhá-lo rapidamente.

— Sim senhor, vou informar a base. — disse Wazari.

— Não há necessidade. — Momentaneamente, McIver ficou sem saber o que dizer, e então a resposta veio-lhe à cabeça. — Para o seu próprio bem, se você for ficar por aqui, é melhor ir-se preparando para enfrentar o ministro Kia.

O rosto do homem perdeu a cor — O quê?

— Ele deve estar aqui daqui a pouco para a viagem de volta a Teerã. Você não foi a única testemunha contra ele e aquele desgraçado do 'Pé-quente'?

— Claro, mas eu ouvi o que eles conversaram — disse Wazari, sentindo necessidade de se justificar.

— Kia é um filho da mãe e um mentiroso, assim como 'Pé-quente', e eles estavam tramando aquilo tudo. O senhor se esqueceu que foi 'Pé-quente' quem mandou que batessem em Ayre? Eles quase o mataram, o senhor se esqueceu disso? Tudo o que eu disse sobre Esvandiary e Kia foi verdade.

— Tenho certeza que sim. Eu acredito em você. Mas se ele o vir, vai ficar uma fera, não vai? E também a equipe do escritório, eles estavam todos muito zangados. Eles certamente vão entregá-lo.

Talvez eu possa distrair Kia — disse McIver, na esperança de mantê-lo do lado deles —, talvez não.

Se eu fosse você, me manteria fora de circulação, não fique por aqui. Vamos, Tom. — McIver se virou para sair, mas Wazari ficou no caminho.

— Não se esqueça de que fui eu que evitei um massacre dizendo que a carga de Sandor tinha se soltado, se não fosse por mim ele estaria morto, se não fosse por mim, todos vocês estariam diante de um komiteh... o senhor tem que me ajudar... — As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto — o senhor tem que me ajudar...

— Farei o que puder — disse McIver, com pena dele, e saiu. Lá fora ele teve que se controlar para não ir correndo atrás dos outros, sabendo da ansiedade deles, então Lochart alcançou-o.

— Turbilhão? — perguntou, tendo que andar depressa para acompanhá-lo.

— Sim, Andy deu o sinal verde às sete em ponto, conforme estava combinado, Scrag e Rudi escutaram e provavelmente já estão a caminho — disse McIver, atropelando as palavras, sem perceber o súbito desespero de Lochart. Eles chegaram junto de Ayre e dos mecânicos.

— Turbilhão! — McIver exclamou e a palavra soou como um toque de clarim para todos eles.

— Ótimo. — Freddy Ayre manteve a voz calma, controlando a excitação que sentia por dentro. Os outros não.

— Por que o atraso? O que foi que aconteceu?

— Conto-lhes mais tarde, vamos começar logo com isso! — McIver dirigiu-se para o primeiro 212, Ayre para o segundo, com os mecânicos pulando para dentro das cabines. Neste momento, um carro oficial trazendo o coronel Changiz e alguns soldados fez a curva e parou diante do prédio de escritórios. Todos os soldados traziam armas e estavam usando braçadeiras verdes — Ah, capitão, o senhor vai levar o ministro Kia de volta para Teerã? - Changiz parecia um pouco afobado e zangado.

— Sim, sim, às dez horas.

— Eu recebi um recado de que ele queria antecipar a sua partida para as oito horas, mas o senhor não deve ir antes das dez, conforme está determinado. Está claro?

— Sim, mas o..

— Eu teria telefonado, mas os seus telefones estão mudos de novo e há algo errado com o rádio de vocês. Vocês não checam o seu equipamento? Estava funcionando e depois parou. — McIver viu o coronel olhar para os três helicópteros alinhados, e começar a caminhar na direção deles. — Eu não sabia que haveria voos de inspeção hoje.

— Só estamos checando um deles e os outros têm que testar os instrumentos para a mudança de pessoal amanhã na plataforma Abu Sal, coronel — disse McIver, apressadamente, e, para distraí-lo: — Qual é o problema com o ministro Kia?

— Não há nenhum problema — disse, irritado, então deu uma olhada no relógio e mudou de ideia quanto a inspecionar os helicópteros. — Mande alguém consertar o rádio e venha comigo. O mulá Hussein quer vê-lo. Estaremos de volta a tempo.

Lochart começou a falar: — Eu posso levar o capitão McIver daqui a um minuto, há algumas coisas aqui que ele...

— Hussein quer ver o capitão McIver, não você. Vá tratar do rádio! — Changiz mandou que os homens esperassem por ele, entrou no carro e fez sinal a McIver para sentar-se a seu lado.

Impassível, McIver obedeceu. Changiz arrancou e seu motorista caminhou na direção do escritório, os outros soldados se espalharam, espiando os helicópteros. Os dois 212 estavam lotados com o resto das peças importantes, que tinham sido carregadas na noite anterior. Tentando parecer naturais, os mecânicos fecharam as portas da cabine e começaram a limpar os aparelhos.

Ayre e Lochart ficaram olhando para o carro que se afastava.

— E agora? — perguntou Ayre.

— Não sei, não podemos partir sem ele. — Lochart sentiu o estômago embrulhado.

EM BANDAR DELAM: 7:26H.

Os quatro 212 estavam do lado de fora do hangar, prontos para decolarem. Fowler Joines e os outros três mecânicos estavam

enfiados no fundo da cabine, esperando impacientemente. Havia tambores de oitocentos litros de gasolina amarrados lá dentro.

Muitos caixotes de peças. Malas escondidas debaixo de lonas.

— Andem logo, pelo amor de Deus — disse Fowler e enxugou o suor. O ar da cabine estava pesado com o cheiro de gasolina.

Pela porta aberta da cabine, ele podia ver Rudi, Sandor e Pop Kelly ainda esperando no hangar, com tudo pronto, conforme o planejado, exceto pelo último piloto, Dubois, que estava dez minutos atrasado e ninguém sabia se ele havia sido interceptado pelo gerente da base, Numir, por um dos funcionários ou pelos Faixas Verdes. Então ele viu Dubois sair pela porta e quase teve um ataque. Com uma indiferença Gaulesa, Dubois estava carregando uma mala, e tinha uma capa pendurada no braço. Quando ele passou pelo escritório, Numir apareceu na janela.

— Vamos — disse Rudi e andou em direção à sua cabine o mais calmamente que pôde, colocou o cinto e ligou os motores. Sandor fez o mesmo, Pop Kelly um segundo atrás dele, e os rotores foram ganhando velocidade. Sem nenhuma pressa, Dubois jogou a mala para Fowler, pendurou cuidadosamente a capa e sentou no lugar do piloto, ligando imediatamente o aparelho, sem se importar com o cinto nem em checar os instrumentos. Fowler estava praguejando incoerentemente.

Os jatos estavam trabalhando lindamente e Dubois cantarolou uma canção, ajustou os fones nos ouvidos e quando estava tudo preparado, amarrou o cinto. Ele não viu Numir vir correndo do escritório.

— Onde você vai? — Numir gritou para Rudi pela janela.

— Irã-Toda, está no relatório. — Rudi continuou com os procedimentos de decolagem. VHF ligado, HF ligado, agulhas dos mostradores entrando no verde.

— Mas você não pediu a Abadan licença para...

— Hoje é dia santo, aga, o senhor pode fazer isto para nós. Numir gritou zangado.

— Isto é tarefa sua! Você tem que esperar por Zataki. Tem que esperar pelo...

— Certo, eu quis ter certeza de que o helicóptero estaria pronto para quando ele chegasse, é muito importante agradá-lo, não é?

— Sim, mas por que Dubois estava carregando uma mala?

— Oh, o senhor conhece os franceses — disse, sendo a primeira coisa que lhe veio à cabeça —, para eles as roupas são importantes; ele acha que vai ficar baseado na Irã-Toda e está levando um uniforme de reserva. — Ele ligou o interruptor de transmissão. Não fique impaciente, disse a si mesmo, não fique impaciente, todos eles sabem o que fazer.

Então, atrás de Numir, através da neblina, com uma visibilidade de poucas centenas de metros, Rudi viu o caminhão dos Faixas Verdes passar pelo portão e parar, seu barulho abafado pelos jatos. Mas não era Zataki, eram alguns dos guardas normais e eles ficaram lá em grupo, observando curiosamente os 212. Nunca quatro 212 tinham sido ligados ao mesmo tempo.

Pelos fones, ele ouviu Dubois dizer: — Estou pronto, mon vieux — depois Pop Kelly e depois Sandor, e ele disse no microfone: — Agora! — inclinou-se para a janela e fez um sinal para Numir. — Não há necessidade dos outros esperarem, eu estou esperando.

— Mas vocês receberam ordens para ir em grupo e as suas licenças... — A voz do gerente da base foi abafada pelos motores acelerados ao máximo, num procedimento de decolagem de emergência, de acordo com o plano que tinha sido feito em segredo durante a noite, Dubois indo para a direita, Sandor para a esquerda, Kelly para cima em linha reta. Em segundos eles estavam no ar, voando muito baixo. O rosto de Numir ficou roxo. — Mas vocês receberam ordens de.

— Isto é para a sua segurança, aga, nós estamos tentando protegê-lo. — Rudi falou por sobre o ruído dos motores, fazendo sinal para ele se aproximar de novo, com todas as suas agulhas no verde. — Assim é melhor, aga, assim nós faremos o trabalho sem problemas. Nós temos que proteger o senhor e a IranOil. — Pelo fone ele ouviu Dubois quebrar o silêncio e dizer com urgência: — Há um carro se aproximando dos portões.

Neste instante, Rudi o viu e reconheceu Zataki no banco da frente. Acelerou ao máximo.

— Aga, vou só elevá-lo um pouco, o meu contador de rotação está pulando...

O que quer que Numir tenha gritado ficou perdido no meio do barulho. Zataki estava a menos de cem metros. Rudi sentiu as hélices cortando o ar e então subiu. Por um momento, pareceu que Numir ia pular numa das pás, mas ele se abaixou e se afastou, com o esqui roçando nele e caiu enquanto Rudi dava um impulso para a frente e se afastava, quase explodindo de excitação. Lá na frente, os outros estavam sobrevoando o campo. Ele sacudiu o helicóptero e quando os outros se juntaram a ele, levantou os polegares e foi na frente em direção ao golfo, a seis quilômetros de distância.

Numir estava engasgado de raiva ao se levantar e o carro de Zataki parou ao lado dele cantando pneus.

— Por Deus, o que está havendo? — perguntou Zataki, furioso, saltando do carro, depois dos helicópteros já terem desaparecido no meio da neblina, com o som dos motores se afastando rapidamente. — Estava combinado que eles iam esperar por mim.

— Eu sei, eu sei, coronel, eu disse a eles, mas... eles simplesmente decolaram e.... — Numir gritou quando o soco o atingiu de um dos lados do rosto, derrubando-o. Os outros Faixas Verdes observaram indiferentemente, acostumados a estas explosões. Um dos homens ajudou Numir a levantar-se e deu-lhe um tapa no rosto para ele voltar a si.

Zataki estava xingando o céu e quando o ataque de raiva passou, ele disse: — Tragam este pedaço de merda de camelo e sigam-me. — Entrando no hangar, ele viu os dois 206 estacionados no fundo, algumas peças arrumadas por ali e um ventilador secando algumas peças recém-pintadas. Tudo aquilo uma camuflagem cuidadosamente preparada por Rudi para ganhar mais alguns minutos. — Eu vou fazer aqueles cães desejarem ter esperado — murmurou com a cabeça doendo.

Ele abriu a porta do escritório com um pontapé e foi se sentar ao lado do transmissor de rádio.

— Numir, faça contato com aqueles homens!

— Mas, o nosso operador de rádio, Jahan, ainda não chegou e eu...

— Faça o que estou mandando Aterrorizado, o homem ligou o VHF com a boca sangrando e quase sem poder falar.

— Base chamando o capitão Lutz! — esperou e depois repetiu o chamado, acrescentando: 'Urgente'.

NOS HELICÓPTEROS

Eles estavam a pouco mais de três metros de altura sobre o terreno pantanoso e a poucas centenas de metros de distância quando ouviram a voz zangada de Zataki: — Todos os helicópteros devem retornar à base, retornar à base! Apresentem-se! — Rudi fez um pequeno ajuste na força do motor. No helicóptero mais próximo, ele viu Dubois apontar para os seus fones e fazer um gesto obsceno. Ele sorriu e fez o mesmo, depois notou o suor que lhe escorria pelo rosto.

— TODOS OS HELICÓPTEROS DEVEM VOLTAR À BASE; TODOS...

NO CAMPO DE AVIAÇÃO

— ...OS HELICÓPTEROS DEVEM VOLTAR À BASE. — Zataki estava berrando no microfone. — TODOS OS HELICÓPTEROS DEVEM VOLTAR À BASE!

Ele só obteve estática como resposta. De repente, Zataki bateu com o microfone na mesa. — Ligue para a torre de Abadan! DEPRESSA! — gritou e o aterrorizado Numir, com o sangue escorrendo pela barba, trocou de canal e depois de tentar seis vezes, desta vez em farsi, conseguiu comunicar-se com a torre.

— Aqui é a torre de Abadan, aga, por favor, continue. Zataki arrancou-lhe o microfone das mãos.

— Aqui é o coronel Zataki, do Komiteh Revolucionário de Abadan — disse em farsi — chamando do campo de aviação de Bandar Delam.

— Que a paz esteja com o senhor, coronel — a voz era respeitosa. — O que podemos fazer pelo senhor?

— Quatro dos nossos helicópteros decolaram sem autorização, dirigindo-se para a Irã-Toda. Faça-os retornar, por favor.

— Um momento, por favor. — Vozes abafadas. Zataki esperou, com a cara fechada. Esperou um bocado e então: — O senhor tem certeza, aga? Não os estamos vendo na tela do radar.

— É claro que tenho certeza. Chame-os de volta!

Mais vozes abafadas e mais demora, Zataki estava quase explodindo, então uma voz em farsi disse: — Os quatro helicópteros que saíram de Bandar Delam devem retornar à base. Respondam por favor. — Eles repetiram a transmissão. Depois a voz acrescentou: — Talvez o rádio deles esteja com defeito, aga, que Deus o abençoe.

— Continue tentando! Eles estão voando baixo na direção da Irã-Toda.

Mais vozes abafadas, depois novamente uma voz falando em farsi e depois uma voz disse em inglês com sotaque americano: — Podem deixar comigo! Aqui é o controle de Abadan. Helicópteros voando no rumo 090 graus, estão me ouvindo?

NA CABINE DE DUBOIS

A sua bússola estava marcando 091 graus. Mais uma vez ele ouviu a voz soar nos seus fones: — Aqui é o controle de Abadan, helicópteros voando na direção 090 graus, a um quilômetro da costa, estão me ouvindo? — Uma pausa. — Controle de Abadan, helicópteros voando no rumo 090 graus, troquem para o canal 121.9... estão me ouvindo? — Aquele era o canal de emergência em que todos os aparelhos deviam estar automaticamente sintonizados. — Helicópteros voando no rumo 090 graus, a um quilômetro da costa, retornem para a base, estão me ouvindo?

Através da neblina, Dubois viu que a costa estava se aproximando rapidamente, a menos de um quilômetro de distância, mas voando assim tão baixo, ele duvidava que o radar os estivesse captando. Olhou para a esquerda. Rudi apontou para os fones e depois pôs um dedo nos lábios indicando silêncio. Ele ergueu os polegares e passou adiante a mensagem para Sandor, que estava à sua direita e se virou e viu Fowler Joines entrando na cabine e se sentando ao lado dele. Ele mostrou os fones sobressalentes pendurados sobre o assento. A voz estava mais áspera agora: — Todos os helicópteros que saíram de Bandar Delam na direção da Irã-Toda devem retornar à base. Estão me ouvindo?

Fowler falou pelo interfone: — Espero que os desgraçados caiam mortos.

Então, mais uma vez, a voz e seus sorrisos murcharam: — Controle de Abadan para o coronel Zataki. Está me ouvindo?

— Sim, continue.

— Nós captamos um sinal momentâneo no radar, provavelmente não foi nada, mas pode ter sido um helicóptero ou grupo de helicópteros voando bem juntos na direção 090 graus — a transmissão estava ficando fraca — isto os levaria diretamente para...

NO CAMPO DE AVIAÇÃO

...a Irã-Toda. Não pedir autorização para decolar e não manter contato pelo rádio é uma violação séria. Por favor, dê-nos os seus códigos e os nomes dos seus capitães. O VHF da Irã-Toda ainda está quebrado, senão nós entraríamos em contato com eles.

Sugiro que mandem alguém lá para prender os pilotos e apresentá-los diante da torre de controle do komiteh de Abadan imediatamente por violação das normas de voo. Entendido?

— Sim... sim, eu compreendo. Obrigado. Um momento. — Zataki enfiou o microfone na mão de Numir. — Eu vou até a Irã-Toda. Se eles voltarem antes de mim, prenda-os! Informe ao controle o que

eles estão querendo saber! — Ele saiu, deixando na base três homens armados de metralhadoras.

Numir começou: — Controle de Abadan, aqui Bandar Delam: HVV, HGU, HKL, HXC, todos 212. Capitães Rudi Lutz, Marc Dubois...

NA CABINE DE POP KELLY:

"...Sandor Petrofi e Ignatius Kelly, todos a serviço da IranOil e enviados à Irã-Toda por ordem do coronel Zataki __ Obrigado, Bandar Delam, mantenha-nos informados.

Kelly olhou para a direita e levantou os polegares entusiasticamente para Rudi, que respondeu.

NA CABINE DE RUDI

E fez o mesmo para Dubois que também respondeu. Então ele tornou a examinar a neblina.

A formação de helicópteros estava quase na linha da costa. A Irã-Toda estava à esquerda, a cerca de um quilômetro de distância, mas Rudi não conseguiu enxergá-la através da neblina. Ele acelerou ligeiramente para ficar na frente, depois trocou do rumo sul para leste. Isto forneceu-lhes uma rota diretamente por cima da fábrica e ele aumentou a altitude para ultrapassar os edifícios. O complexo foi ultrapassado rapidamente, mas ele sabia que quem estivesse lá embaixo prestaria atenção neles por terem surgido tão repentinamente. Uma vez ultrapassada a fábrica, ele tornou a baixar a altitude e manteve o mesmo curso, agora dirigindo-se para o interior por um pouco mais de 15 quilômetros. Lá a terra era deserta, não havia aldeia por perto. Mais uma vez, de acordo com o plano, ele tomou o rumo sul em direção ao mar.

Imediatamente a visibilidade começou a piorar. Lá embaixo, a sete metros, a visibilidade mal chegava a meio quilômetro, com uma nebulosidade difusa em que não havia nenhuma distinção entre céu e mar. À sua frente, quase diretamente no seu caminho, estava a ilha de Kharg, com seu radar superpotente e, mais adiante, a uns 350 quilômetros de distância, o seu alvo, Bahrein. Pelo menos duas horas de voo. Com aquele vento, mais do que isso, o sudeste de 35 nós transformando-se num vento de proa de 20 nós.

Ali no mar era bastante perigoso. Mas eles acharam que poderiam esgueirar-se por baixo do radar, caso as telas estivessem sendo controladas, e poderiam evitar interceptação, caso houvesse alguma.

Rudi balançou o helicóptero e tocou no botão de transmissão do HF.

— Delta Quatro, Delta Quatro — disse claramente, o código para indicar a Al Shargaz que todos quatro helicópteros de Bandar Delam estavam a salvo, abandonando a costa. Viu Dubois apontar para cima, pedindo para subir. Ele sacudiu a cabeça negativamente, apontou para a frente e para baixo, indicando que continuariam voando baixo, de acordo com o plano. Obedientemente, eles se espalharam e, juntos, deixaram a costa e entraram na neblina.

NO QG DE AL SHARGAZ

Gavallan estava falando no telefone com o hospital: — Rápido, ligue-me com o capitão Starke, por favor... Alô, Duke, aqui é Andy, eu só queria dizer que recebemos Delta Quatro de Rudi há um minuto, não é maravilhoso?

— É formidável! Quatro já foram, só faltam cinco. Sim, mas são seis, não se esqueça de Erikki.

61

LENGEH: 8:04H.

Scragger ainda estava aguardando na sala de espera da delegacia. Ele estava sentado desconsoladamente num banco de madeira em frente ao cabo, que olhava para ele de detrás de uma escrivaninha alta que estava do outro lado de uma divisória.

Mais uma vez Scragger consultou o relógio. Ele tinha chegado às 7:20h, para o caso do escritório abrir mais cedo, mas o cabo só tinha chegado às 7:45h e tinha feito sinal para ele se sentar no banco e esperar. Era a espera mais longa da sua vida.

Rudi e os rapazes de Kowiss já devem ter decolado, pensou, infeliz, e nós já teríamos decolado também se não fosse por estes malditos passaportes. Só vou esperar mais um minuto. Não dá para esperar mais. Nós ainda vamos levar uma hora ou mais para partir e tenho certeza de que vai haver algum deslize em algum lugar, entre as três bases, algum intrometido vai começar a fazer perguntas e pôr lenha na fogueira pelo rádio, sem contar com aquele cretino do Siamaki. Na noite anterior, Scragger tinha ficado no HF e ouvira as ligações petulantes de Siamaki para Gavallan em Al Shargaz e também para McIver em Kowiss, dizendo que o esperaria no aeroporto de Teerã.

Desgraçado! Mas eu ainda acho que fiz bem em não ligar para Andy e abortar. Que diabo, nós estamos com a parte mais fácil e se eu adiasse o Turbilhão para amanhã, certamente surgiria outro problema, conosco ou com um dos outros, e o velho Mac não poderia deixar de voltar para Teerã hoje com o maldito Kia. Não posso arriscar isso, não posso. Era fácil perceber que Mac estava tão nervoso quanto uma velha navegando numa canoa em alto-mar.

A porta se abriu e ele levantou a cabeça. Dois jovens guardas entraram, arrastando um rapaz todo machucado, com as roupas

sujas e rasgadas.

— Quem é ele? — perguntou o cabo.

— Um ladrão. Nós o pegamos roubando, cabo, o idiota estava roubando arroz da loja de Ismael. Nós o apanhamos durante a nossa ronda, pouco antes do amanhecer.

— Seja como Deus quiser. Coloque-o na segunda cela. — Então o cabo gritou para o rapaz, assustando Scragger que não entendeu o que ele estava dizendo em farsi: — Filho de um cão! Como você pôde ser estúpido para se deixar apanhar? Você não sabe que agora não é mais só uma surra? Quantas vezes vamos ter que repetir? Agora é a lei islâmica! A lei islâmica!

— Eu... eu estava com fome... minha...

O rapaz gemeu, apavorado, enquanto um dos guardas o sacudia rudemente, — Fome não é desculpa. Eu estou com fome, nossas famílias estão com fome, nós todos estamos com fome! — Eles arrastaram o rapaz para fora da sala.

O cabo tornou a xingá-lo, com pena dele, depois olhou para Scragger, sacudiu ligeiramente a cabeça e voltou ao seu trabalho. Que estupidez do estrangeiro ir até lá num dia santo, mas se o velho quiser ficar esperando o dia inteiro e a noite inteira até o sargento chegar, isto é problema dele.

A sua pena arranhava o papel, fazendo ranger os dentes de Scragger: 8:1 Ih. Ele se levantou, desanimado, agradeceu ao cabo que, gentilmente, perguntou se ele não queria ficar esperando. Então dirigiu-se para a porta e quase deu um encontrão em Qeshemi.

— Oh, desculpe, meu chapa! Salaam, aga Qeshemi, salaam.

— Salaam, aga. — Qeshemi percebeu o alívio e a impaciência de Scragger. Sarcasticamente, fez sinal para ele esperar e foi até a escrivaninha, olhando para o cabo com os seus olhos argutos.

— Saudações, Ahmed, que a paz de Deus esteja com você.

— Com o senhor também, Excelência sargento Qeshemi.

— Qual é o problema que temos hoje?, eu sei o que o estrangeiro quer.

— Houve outro encontro islâmico-marxista por volta da meia-noite nas docas. Um mujahedins foi morto e nós temos mais sete

nas celas. Foi fácil, a emboscada funcionou bem, graças a Deus, e os Faixas Verdes nos ajudaram. O que vamos fazer com eles?

— Obedeça às novas regras — Qeshemi disse pacientemente. — Apresente os prisioneiros diante do Komiteh Revolucionário quando eles chegarem aqui amanhã de manhã. O que mais? — O cabo contou-lhe a respeito do rapaz. — Faça a mesma coisa com ele. Filho de um cão, como foi se deixar apanhar!

Qeshemi atravessou a porta da divisória que dava para o cofre, apanhou a chave e começou a abri-lo.

— Graças a Deus, pensei que a chave estivesse perdida — disse o cabo.

— Estava, mas Lafi achou. Eu fui até a casa dele hoje de manhã. Ele estava com ela no bolso. — Os passaportes estavam sobre caixas de munição. Ele os levou até a mesa, verificou-os cuidadosamente, assinou os vistos em nome de Khomeini e tornou a verificá-los. — Aqui estão, aga piloto — disse e entregou-os a Scragger.

— Mamnoon am, Agha, khoda haefez. — Obrigado, Excelência, até logo.

— Khoda haefez, Agha. — O sargento Qeshemi apertou a mão estendida e observou-o sair, Pensativamente. Pela janela, ele viu Scragger arrancar rapidamente com o carro. Rápido demais.

— Ahmed, nós temos gasolina no carro?

— Ontem nós tínhamos, Excelência.

NO AEROPORTO DE BANDAR DELAM: 8:18H.

Agora Numir corria freneticamente de um trailer para outro, mas estavam todos vazios. Ele correu de volta para o escritório. Jahan, o operador de rádio, olhou para ele, espantado.

— Eles foram embora! Todo mundo foi embora, pilotos, mecânicos... e a maioria dos pertences deles! — Numir gaguejou, com o rosto ainda lívido do soco que tinha levado de Zataki. — Aqueles filhos de um cão!

— Mas... mas eles foram só até a Irã-Toda, Excel...

— Estou dizendo que eles fugiram e fugiram com os nossos helicópteros!

— Mas os nossos dois 206 estão no hangar, eu os vi, tem até um ventilador secando a tinta.

Excelência Rudi não deixaria um ventilador ligado se..

— Por Deus, eu estou dizendo que eles foram embora. Jahan, um homem de meia-idade que usava óculos, ligou o HF: — Capitão Rudi, aqui é a base, está me ouvindo?

NA CABINE DE RUDI

Tanto Rudi quanto o seu mecânico, Faganwitch, ouviram a chamada claramente.

— Base para o capitão Rudi, está me ouvindo?

Rudi moveu ligeiramente os comandos e depois tornou a relaxar, olhando para a direita e para a esquerda. Ele viu Kelly fazer sinal para os seus fones, levantar dois dedos e gesticular. Ele respondeu. Então sua alegria desapareceu.

— Teerã, aqui é Bandar Delam, está me ouvindo? — Nenhuma resposta. — Lengeh, aqui é Bandar Delam, está me ouvindo?

— Bandar Delam, aqui é Lengeh, você está dois por cinco.

Continue. Houve imediatamente uma explosão de farsi por parte de Jahan que Rudi não entendeu, depois os dois operadores ficaram falando entre si. Depois de uma pausa, Jahan disse em inglês: — Teerã, aqui é Bandar Delam, está me ouvindo? — Estática. A chamada foi repetida. Estática.

Depois: — Kowiss, está me ouvindo? — Depois silêncio outra vez.

— Por enquanto — resmungou Rudi.

— Que confusão foi essa, capitão? — perguntou Faganwitch.

— Fomos apanhados. Não faz nem uma hora que partimos e já fomos apanhados! — Havia bases militares em volta deles e logo adiante ficava uma muito grande e eficiente, em Kharg. Ele não tinha nenhuma dúvida de que se fossem interceptados seriam abatidos da mesma forma que o HBC. Com toda razão, pensou. E embora eles estivessem seguros por enquanto, ali embaixo, sobre as

ondas, com a visibilidade agora abaixo de meio quilômetro, em pouco tempo a neblina melhoraria e eles estariam desprotegidos. Mais uma vez a voz de Jahan: — Teerã, aqui é Bandar Delam, está me ouvindo? — Estática. — Kowiss, aqui é Bandar Delam, está me ouvindo? — Nenhuma resposta.

Rudi praguejou. Jahan era um bom operador de rádio, persistente, e iria continuar chamando Teerã e Kowiss até obter resposta. E então? Isto é problema deles, não meu. O meu é tirar os meus quatro daqui em segurança, é só com isto que eu tenho que me preocupar. Tenho que levar os meus quatro em segurança.

Três ou quatro metros abaixo deles estavam as ondas, ainda não cobertas de espuma, mas cinzentas e ameaçadoras e o vento não tinha melhorado. Ele olhou para Kelly e balançou a mão da esquerda para a direita, o sinal para se espalharem mais e não tentarem manter contato visual caso a visibilidade piorasse. Kelly respondeu e fez o mesmo sinal para Dubois, que transmitiu a mensagem para Sandor, na sua extrema direita, e depois dedicou-se a alcançar o máximo de rendimento com o mínimo de combustível, forçando os olhos a enxergarem no meio do nevoeiro à sua frente. Logo eles estariam realmente nos domínios do mar.

LENGEH, NO CAMPO DE AVIAÇÃO: 8:31H.

— Jesus, Scrag, nós pensamos que você tivesse sido preso — exclamou Vossi, acompanhado por Willi, ambos aliviados, com os três mecânicos agrupados em volta do carro. — O que foi que aconteceu?

— Consegui os passaportes, então vamos logo.

— Nós estamos com um problema — Vossi estava branco.

Scragger fez uma careta, ainda suando por causa da espera e da viagem de volta.

— O que foi agora?

— Ali Pash está aqui. Está falando no HF. Ele veio normalmente, nós tentamos dispensá-lo, mas ele não quis e...

Impacientemente, Willi interrompeu: — E nos últimos cinco minutos, Scrag, nos últimos cinco ou dez minutos, ele está se comportando de uma forma muito estranha e...

— Como se tivesse um vibrador enfiado no rabo, Scrag, eu nunca o vi assim — Vossi parou. Ali Pash saiu para a varanda da sala de rádio e fez um sinal urgente para Scragger.

— Já vou, Ali — Scragger gritou. — E cochichou para Benson, o mecânico-chefe: — Você e seus rapazes estão com tudo pronto?

— Sim, senhor — Benson era pequeno, magro e nervoso. — Coloquei as suas coisas no helicóptero antes de Ali Pash aparecer. Nós vamos dar o fora?

— Espere até eu chegar no escritório. Todo o...

— Nós recebemos o chamado de Delta Quatro, Scrag — disse Willi — mas nada dos outros.

— Ótimo. Todo mundo deve ficar esperando até eu dar o sinal. — Scragger respirou fundo e se afastou, cumprimentando os Faixas Verdes que encontrava pelo caminho.

— Salaam, Ali Pash, bom dia — disse, notando o nervosismo e a ansiedade do outro. — Eu pensei que lhe houvesse dado o dia de folga.

— Aga, há algo que...

— Só um segundo, meu filho! — Scragger se virou e fingiu estar irritado, ao gritar: — Benson, eu já disse que se você e Drew quiserem ir fazer um piquenique, podem ir, mas é melhor estarem de volta às duas horas! E o que é que vocês dois estão esperando? Vão fazer a revisão de terra ou não vão?

— Sim, Scrag, desculpe, Scrag!

Ele quase riu ao vê-los tropeçando uns nos outros, Benson e o mecânico americano, Drew, pulando no velho caminhão e se afastando, Vossi e Willi dirigindo-se para as suas cabines. Uma vez dentro do escritório, ele respirou com mais facilidade, colocando a pasta com os passaportes sobre a mesa.

— Agora, qual é o problema?

— Você vai nos deixar, aga — disse o jovem para espanto de Scrag.

— Bem, ahn, não estamos indo embora — Scragger começou, estamos fazendo uma revisão...

— Oh, mas vocês estão indo embora, estão sim! Não há... não há nenhuma troca de pessoal amanhã, não há necessidade de malas, eu vi o aga Benson com duas malas, e por que todas as peças foram retiradas e todos os pilotos e mecânicos.— As lágrimas começaram a correr pelo rosto do homem.

— .. é verdade.

— Agora escute, meu filho, você está perturbado. Tire o dia de folga.

— Mas o senhor vai partir como o pessoal de Bandar Delam, o senhor vai partir hoje e o que vai ser de nós?

Uma explosão de farsi no alto-falante interrompeu-o. O rapaz enxugou as lágrimas e ligou o transmissor, respondendo em farsi e depois acrescentando em inglês: — Aguarde na linha — e disse, infeliz: — Era o aga Jahan, de novo, repetindo o que transmitiu há dez minutos. Os quatro 212 de lá desapareceram, aga. Eles partiram, aga. Eles decolaram às 7:32h para ir para a Irã-Toda, mas não pousaram lá, dirigiram-se para o interior.

Scragger agarrou a cadeira, tentando aparentar calma. Outra vez o HF, em inglês agora: — Teerã, aqui é Bandar Delam, está me ouvindo?

— Ele chama Teerã a cada dez minutos, e Kowiss também, mas não tem resposta... — Outras lágrimas saltaram dos olhos do rapaz. — Os de Kowiss também já foram embora, aga? O seu povo deixou Teerã? O que vamos fazer quando vocês tiverem partido? — Na rampa, o primeiro dos 212 ligou barulhentemente os motores, seguido do segundo. — Aga — disse Ali Pash, aflito — nós deveríamos pedir licença a Kish para ligar os motores.

— Não precisamos incomodá-los no feriado, não é um voo, é só um teste — disse Scragger. Ele ligou o VHF e limpou o queixo, sentindo-se sujo e muito perturbado. Ele gostava de Ali Pash e o que o rapaz tinha dito era verdade. Sem eles, não haveria trabalho, e para os Ali Pashes, só existia o Irã, e só Deus sabia o que iria acontecer lá. Pelo VHF ouviu-se a voz de Willi: — O meu conta-giros está com problemas, Scrag. Scragger pegou o microfone.

— Leve o helicóptero para a plantação de repolhos e teste-o lá.
— Era uma área a uns dez quilômetros dali, bem longe da cidade, onde eles podiam testar os motores e praticar procedimentos de emergência. — Fique lá, Willi, qualquer problema comunique-me, eu posso chamar o Benson se você precisar de um ajuste. Como vai indo, Ed?

— Ótimo, Scrag, ótimo. Se não houver problema, eu gostaria de praticar alguns cortes de motor, está chegando a época da renovação da minha licença e Willi pode me ajudar, certo?

— Certo. Chame-me dentro de uma hora — Scragger foi até a janela, satisfeito por estar de costas para Ali Pash e longe daqueles olhos tristes e acusadores. Os dois helicópteros decolaram e se dirigiram para longe da costa. O escritório parecia mais abafado do que normalmente. Ele abriu a janela. Ali Pash estava sentado melancolicamente ao lado do rádio — Por que você não tira o dia de folga, rapaz"

— Eu tenho que responder a Bandar Delam. O que devo dizer, aga!

— O que foi que Jahan perguntou?

— Ele disse que aga Numir queria saber se eu tinha notado alguma coisa estranha, peças sendo retiradas, aparelhos partindo, pilotos e mecânicos sumindo.

Scragger observou-o.

— Parece-me que não há nada de estranho acontecendo por aqui. Eu estou aqui, os mecânicos foram fazer um piquenique, Ed e Willi estão fazendo verificações de rotina. Rotina, certo? — Ele olhou fixamente para o rapaz, querendo forçá-lo a ficar do lado dele. Não tinha nenhuma maneira de convencê-lo, nada para lhe oferecer, nenhum pishkesh, exceto... — Você aprova o que está acontecendo aqui, meu filho? — perguntou cautelosamente. — Isto é, que futuro você tem aqui?

— Futuro? O meu futuro é com a companhia. Se... se vocês partirem, então... então eu não terei emprego, não poderei... não poderei mais fazer nada. Eu sou filho único...

— Se você quisesse partir, bem, haveria um emprego para você e um futuro. Fora do Irã. Garantido.

O rapaz olhou-o boquiaberto, entendendo, de repente, o que Scragger estava-lhe oferecendo.

— Mas... mas o que estaria garantido, aga! Uma vida no Ocidente, só para mim? E o meu povo, a minha família, a minha noiva?

— Isto eu não posso responder, Ali Pash — disse Scragger, com os olhos no relógio, consciente do tempo passando, das luzes e do ruído do HF, preparando-se para dominar o rapaz, que era mais alto do que ele, maior, uns 35 anos mais moço, e depois quebrar o HF e sair correndo... Sinto muito, meu filho, mas de um jeito ou de outro você vai ter que colaborar. Casualmente, ele chegou mais perto, posicionando-se melhor.

— Insha'Allah é a maneira que vocês têm de colocar as coisas — disse bondosamente e se preparou.

Ao ouvir estas palavras, saídas da boca daquele homem velho, bondoso e estranho que ele respeitava tanto, Ali Pash sentiu uma onda de afeição invadi-lo.

— Este é o meu lar, aga, a minha terra — disse Ali Pash, com simplicidade. — O imã é o imã e ele só obedece a Deus. O futuro é o futuro e está nas mãos de Deus. O passado também é o passado.

Antes que Scragger pudesse detê-lo, Ali Pash chamou Bandar Delam e agora estava falando em farsi no microfone. Os dois operadores conversaram por alguns momentos e depois, abruptamente, ele se despediu. Ele olhou para Scragger.

— Eu não o culpo por partir — disse. — Obrigado, aga, pelo... pelo passado. — Então, com grande determinação, ele desligou o HF, tirou uma peça e guardou no bolso. — Eu disse a ele que nós... que nós iríamos fechar pelo resto do dia.

Scragger respirou.

— Obrigado, meu filho.

A porta se abriu. Qeshemi estava lá.

— Eu gostaria de inspecionar a base — disse.

QG DE AL SHARGAZ

Manuela estava dizendo: — ...e então, Andy, o operador de Lengeh, Ali Pash, disse para Jahan: "Não, não há nada de estranho por aqui", e depois acrescentou, um tanto abruptamente: "Estou fechando pelo resto do dia. Tenho que assistir às orações." Numir ligou para ele logo em seguida, pedindo-lhe para esperar alguns minutos, mas não obteve resposta.

— Abruptamente? — Gavallan perguntou, com Scot e Nogger também escutando atentamente. — Abruptamente, como?

— Como, como se ele estivesse de saco cheio ou tivesse uma arma apontada para a sua cabeça. Não é normal um iraniano ser tão abrupto. — Manuela acrescentou, inquieta: — Eu posso estar imaginando coisas, Andy.

— Isto significa que Scrag ainda está lá ou não?

Scot e Nogger fizeram uma careta, apavorados com a ideia. Manuela se mexeu nervosamente.

— Se estivesse lá, ele não teria respondido pessoalmente para nós sabermos? Acho que eu faria isso.

Talvez ele... — O telefone tocou e Scot atendeu: — SG? Oh, alô, Charlie, um momento. — Ele passou o fone para o pai. — É do Kuwait.

— Alô, Charlie, está tudo bem?

— Sim, obrigado. Eu estou no aeroporto do Kuwait, telefonando do escritório de Patrick na Guernsey.

— Embora as duas companhias fossem rivais no mundo inteiro, elas mantinham relações cordiais. — O que há de novo?

— Delta Quatro, nada mais até agora. Eu ligo assim que tiver notícias. Jean-Luc deu notícias de Bahrein, ele está com Delarne no Gulf Air de France se você quiser falar com ele. Genny está com você?

— Não, ela voltou para o hotel, mas estou com tudo preparado para quando Mac e os rapazes chegarem.

Gavallan disse calmamente: — Você contou a Patrick, Charlie? — Ele ouviu o riso forçado de Pettikin.

— Que coisa engraçada, Andy, o representante da BA aqui, Patrick e dois outros caras estão com ideia maluca de que nós

estamos tramando alguma coisa, como retirar todos os nossos pássaros.

Você pode imaginar isso?

Gavallan suspirou.

— Não adiante as coisas, Charlie, siga o plano. — Isto significava ficar calado até que os helicópteros de Kowiss estivessem dentro do sistema do Kuwait, e depois então contar a Patrick. — Eu telefono quando tiver alguma notícia. Até logo. Oh, espere, eu quase me esqueci. Você se lembra de Ross? John Ross?

— E eu poderia esquecer? Por quê?

— Ouvi dizer que ele está no Hospital Internacional do Kuwait. Verifique assim que puder, sim?

— É claro. Imediatamente. O que há com ele?

— Não sei. Ligue para mim se tiver alguma notícia. Até logo. — E desligou o telefone. Tornou a respirar profundamente. — Já estão sabendo de tudo lá no Kuwait.

— Cristo, se... — Scot foi interrompido pelo toque do telefone. — Alô? Um momento. É o sr.

Newbury, papai.

Gavallan atendeu.

— Bom dia, Roger, tudo bem?

— Sim. Bem, ahn, eu queria saber se está tudo bem. Como vão as coisas? Extra-oficialmente, é claro.

— Tudo ótimo — Gavallan disse com naturalidade. — Você vai ficar o dia todo no escritório? Eu passo por aí, mas telefono antes de sair daqui.

— Sim, faça isso, vou ficar aqui até o meio-dia. É um fim-de-semana comprido, você sabe. Por favor, ligue-me assim que tiver alguma notícia... extra-oficialmente. Na mesma hora. Nós estamos um tanto preocupados e, bem, podemos conversar quando você chegar. Até logo.

— Espere um instante. Você teve notícias do jovem Ross?

— Sim, tive. Sinto muito, mas soubemos que ele está gravemente ferido, com poucas chances de sobreviver. É uma pena, mas o que se pode fazer? Vejo-o antes do meio-dia. Até logo.

Gavallan desligou. Todos olhavam para ele.

— O que foi? — Manuela perguntou.

— Aparentemente... parece que o jovem Ross está gravemente ferido, com poucas chances de sobreviver.

— Que azar! Meu Deus, não é justo... — Nogger tinha falado com todo mundo sobre Ross, como este tinha salvo a vida deles e a de Azadeh.

Manuela fez o sinal-da-cruz e rezou fervorosamente para Nossa Senhora, por ele, depois implorou a Ela para trazer de volta, a salvo, todos os homens, todos eles, e também Azadeh e Xarazade e que eles conseguissem ter paz, por favor, por favor...

— Papai, Newbury contou-lhe o que aconteceu?

Gavallan sacudiu negativamente a cabeça, mal ouvindo o que ele estava dizendo. Ele estava pensando em Ross, da mesma idade que Scot, mais duro e experiente e indestrutível do que Scot e agora... Pobre rapaz! Talvez ele se recupere... Oh, Deus, eu espero que sim! O que se pode fazer?

Continuar, é só o que se pode fazer. Azadeh vai ficar abalada, pobre garota. E Erikki vai ficar tão abalado quanto Azadeh, ele deve a vida dela a Ross.

— Estarei de volta num segundo — disse e saiu, dirigindo-se para o outro escritório, de onde podia ligar para Newbury em particular.

Nogger estava na janela, olhando para fora, na direção do campo de aviação, sem enxergar nada. Ele estava vendo o matador maníaco de Tabriz, segurando a cabeça decepada, com olhos selvagens e uivando como um lobo para o céu, o anjo da morte que se tornou o anjo da vida para ele, Arberry, Dibble e, principalmente, para Azadeh. Deus, se o senhor é mesmo Deus, salve-o como ele nos salvou...

— Teerã, aqui é Bandar Delam, está me ouvindo? Kowiss, aqui é Bandar Delam, está me ouvindo?

— Cinco minutos em ponto — murmurou Scot — Jahan não se atrasa um segundo. Siamaki não disse que estaria no escritório a partir das nove horas?

— Disse. — Todos os olhares se dirigiram para o relógio. Estava marcando 8:45h.

NO AEROPORTO DE LENGEH: 9:01H.

Qeshemi estava no hangar, olhando para os dois 206 estacionados lá dentro. Atrás dele, Scragger e Ali Pash observavam nervosamente. Um raio de sol atravessou as nuvens e fez brilhar o 212 que estava esperando na pista, a cinquenta metros de distância, com um carro de polícia amassado parado ao lado, com o motorista, cabo Ahmed, lá dentro.

— O senhor já voou num desses, Excelência Pash? — perguntou Qeshemi.

— No 206? Sim, Excelência sargento — disse Ali Pash, dando ao sargento o seu sorriso mais agradável. — O capitão às vezes me leva ou ao outro operador de rádio quando estamos de folga. — Ele estava com muita pena pelo fato do Demônio ter posto os pés lá hoje, mais do que com pena, porque agora ele estava irremediavelmente envolvido em uma traição. Traição por quebrar as regras, traição por mentir para a polícia, traição por não ter comunicado fatos estranhos. — O capitão poderá levá-lo quando o senhor quiser — disse agradavelmente, inteiramente concentrado agora em livrar-se do lodaçal em que o Demônio e o capitão o haviam colocado.

— Hoje seria um bom dia? Ali Pash quase se traiu.

— É claro, se o senhor pedir ao capitão, é claro, aga. Quer que eu peça? Qeshemi não disse nada, apenas saiu do hangar, sem se importar com os Faixas Verdes, uma dúzia deles, que observavam curiosamente. Para Scragger, ele disse diretamente em farsi: — Onde está todo mundo hoje, capitão?

Ali Pash serviu de intérprete para Scragger, embora torcendo as palavras, tornando-as mais aceitáveis, explicando que, sendo dia santo, sem voos de inspeção, o pessoal iraniano tinha tido o dia de folga, o capitão tinha mandado os 212 para a área de treinamento, tinha deixado os mecânicos fazerem um piquenique e, ele próprio, ia

sair para ir à mesquita assim que Sua Excelência o sargento tivesse terminado o que estava fazendo.

Scragger estava totalmente frustrado por não entender farsi, e estava detestando não poder controlar a situação. A sua vida e a dos seus homens estavam nas mãos de Ali Pash.

— Sua Excelência quer saber o que o senhor está planejando fazer o resto do dia.

— Está é uma boa pergunta. — Scragger murmurou. Então o lema da família veio-lhe à mente: "Enforcado por um carneirinho, enforcado por uma ovelha, então é melhor levar logo o rebanho inteiro." — O lema tinha sido passado pelo seu antepassado que fora deportado para a Austrália no início de 1800. — Por favor, diga-lhe que assim que ele terminar, eu vou para a plantação de repolhos ajudar Vossi a praticar. Está na época dele renovar a sua licença.

Ele ficou olhando e esperando e Qeshemi fez uma pergunta que Ali Pash respondeu e o tempo todo ele ficou imaginando o que faria se Qeshemi dissesse: "Ótimo, eu vou também."

— Sua Excelência quer saber se o senhor poderia emprestar um pouco de gasolina para a polícia.

— O quê?

— Ele quer um pouco de gasolina, capitão. Quer que o senhor empreste um pouco de gasolina.

— Oh. Oh, certamente, certamente, aga. — Por um momento, Scragger encheu-se de esperança. Não se anime tão depressa, meu filho, pensou. A plantação de repolho não fica assim tão longe e Qeshemi pode estar querendo gasolina para mandar o carro para lá e ir comigo no helicóptero.

— Venha, Ali Pash, você pode me dar uma ajuda — disse, não querendo deixá-lo sozinho com Qeshemi e caminhou até a bomba, fazendo um sinal para o carro de polícia. A biruta estava dançando. Ele viu que as nuvens estavam se avolumando, empurradas por um vento contrário. Aqui embaixo o vento ainda era o sudeste, embora estivesse virando para sul. Bom para nós, mas vai ser um tremendo vento de proa para os outros, pensou, preocupado.

NOS HELICÓPTEROS, PERTO DA ILHA DE KISH: 9:07H.

Os quatro helicópteros de Rudi estavam à vista uns dos outros, mais juntos do que antes, viajando calmamente logo acima das ondas.

A visibilidade variava entre duzentos e oitocentos metros. Todos os pilotos estavam poupando combustível, procurando tirar o melhor proveito, e mais uma vez Rudi inclinou-se para frente para dar uma pancadinha no mostrador. A agulha moveu-se ligeiramente, ainda marcando um pouco menos de meio tanque.

— Não há problema, Rudi, está funcionando perfeitamente — disse Faganwitch pelo interfone. — Nós temos tempo bastante para reabastecer, certo? Estamos no horário e dentro do que foi planejado, certo?

— Oh, sim. — Mesmo assim, Rudi tornou a calcular a distância, encontrando sempre a mesma resposta: o suficiente para alcançar Bahrein, mas não o suficiente para a quantidade de combustível de reserva.

— Teerã, aqui é Bandar Delam, está me ouvindo? — A voz de Jahan soou nos seus fones de novo, irritando-o com sua persistência. Por um momento ele ficou tentado a desligar, mas achou que seria muito arriscado.

— Bandar Delam, aqui é Teerã, estamos ouvindo quatro por cinco, continue!

Houve uma explosão de farsi. Rudi ouviu várias vezes o nome "Siamaki", mas não entendeu quase nada além disso, enquanto os dois operadores falavam e então reconheceu a voz de Siamaki, irritada, arrogante e muito zangada.

— Aguarde, Bandar Delam! Al Shargaz, aqui é Teerã, está me ouvindo? — E mais zangado ainda: — Al Shargaz, aqui é o diretor Siamaki, está me ouvindo? — Nenhuma resposta. A chamada foi repetida, depois houve mais uma explosão de farsi e então Faganwitch gritou: — Lá na frente, cuidado!

O superpetroleiro, com quase meio quilômetro de comprimento, estava crescendo na direção deles, ameaçadoramente, no meio da neblina, navegando em direção ao terminal do Iraque com a buzina de nevoeiro tocando. Rudi viu que estava perdido, não havia tempo de subir, não havia espaço para desviar o helicóptero para a esquerda nem para a direita, senão ele entraria em colisão com os outros, então começou a fazer uma parada de emergência. Kelly, à sua esquerda, desviou-se perigosamente para a esquerda, passando rente à popa. Sandor, na extrema direita, fez a volta pela proa. Dubois, em perigo, acelerou ao máximo, empurrou o controle para a direita e para trás, fazendo uma curva fechada em subida, cada vez mais fechada — cinquenta, sessenta, setenta, oitenta graus, com a proa se aproximando dele, não vou conseguir, espèce de con..., não vou conseguir, controle para trás, a força G chupando a ele e a Fowler para o fundo dos assentos, a amurada do navio se aproximando deles, e então passaram a milímetros do deque de proa, com a tripulação correndo apavorada. Uma vez a salvo, Dubois deu uma volta de 180 graus para voltar para perto de Rudi, na esperança de que este tivesse conseguido diminuir o impacto e descido no mar.

Rudi estava com o controle puxado para trás, o nariz para cima, desacelerado, vendo o velocímetro cair, o nariz um pouco mais alto, o sinal de estol gemendo, não vou conseguir, o aviso de estol gritando, a qualquer momento ele vai despencar do céu, o petroleiro a poucos metros de distância, vendo rebites, vigias, ferrugem, pintura descascada, chegando mais perto deles mas mais devagar, mais devagar, tarde demais, tarde demais, mas talvez o suficiente para diminuir o impacto, agora caindo, controle para a frente, força total momentaneamente para diminuir o terrível impacto e a queda e de repente o aparelho estava flutuando um metro acima das ondas, com os esquis a centímetros do casco do petroleiro que passou deslizando suavemente por eles. Rudi conseguiu recuar um metro, depois outro e flutuou.

Quando seus olhos entraram em foco, ele olhou para cima. Na ponte do navio, tão alto que ele podia ver os oficiais olhando para ele lá embaixo, a maioria estava sacudindo os punhos com raiva. Um

homem com a cara roxa de raiva estava gritando para eles com um alto-falante: — Maldito idiota! — Mas ele não conseguiu ouvi-lo. A popa passou por eles, deixando uma esteira agitada que salpicou-os de água. O caminho à frente estava livre.

— Eu... eu vou ter que ir ao banheiro. — Faganwitch começou a engatinhar de volta para a cabine.

Faça por mim também, Rudi estava pensando, mas não teve forças para falar. Seus joelhos estavam tremendo e os dentes batiam.

— Cuidado — murmurou, então acelerou, ganhou altura e velocidade e em pouco tempo estava a salvo. Nenhum sinal dos outros. Então viu Kelly se aproximando, procurando por ele. Quando Kelly o viu, balançou o aparelho para um lado e para o outro, feliz, erguendo o polegar. Para evitar que os outros desperdiçassem combustível, voltando para procurá-lo, Rudi pôs os lábios bem perto do microfone e disse: — Ponto-ponto-ponto-traço, ponto-ponto-ponto-traço, ponto-ponto-ponto-traço. O código particular que eles tinham combinado, indicando que cada um deveria seguir para Bahrein por sua conta, e para que soubessem que ele estava a salvo. Ele ouviu Sandor responder com o mesmo sinal de morse, depois Dubois, que surgiu ao seu lado no meio da neblina, aumentando a estática, e depois se afastou.

Mas Pop Kelly estava sacudindo a cabeça, indicando que preferia ir junto com ele. Ele apontou para a frente. Mais uma vez eles ouviram: — Al Shargaz, aqui é aga Siamaki em Teerã, está me ouvindo? — Depois mais farsi. — Al Shargaz.

NO QG DE AL SHARGAZ

"...aqui é aga Siamaki... — Então outra explosão de farsi. Gavallan tamborilou na mesa, aparentemente calmo, mas fervendo por dentro. Ele não tinha conseguido falar com Pettikin antes dele partir para o hospital e não havia o que pudesse fazer para tirar Siamaki e Numir do ar. Scot ajustou o volume ligeiramente,

diminuindo o som do falatório, fingindo não estar ligando. Manuela disse com voz rouca: — Ele está uma fera, Andy.

EM LENGEH: 9:26H.

Scragger estava enchendo o tanque do carro da polícia. A mangueira escapuliu, transbordando e sujando-o de gasolina. Murmurando um palavrão, ele soltou a alavanca e pendurou a mangueira na bomba. Dois Faixas Verdes estavam ali perto, observando atentamente. O cabo apertou a tampa do tanque. Qeshemi falou com Ali Pash por alguns instantes.

— Sua Excelência está perguntando se o senhor poderia ceder-lhe alguns tambores de vinte litros.

Evidentemente, cheios.

— Claro. Por que não? Quantos ele quer?

— Ele diz que poderia levar três na mala e dois dentro do carro. Cinco.

— Então cinco.

Scragger encontrou os tambores e encheu-os e, juntos, eles os colocaram no carro de polícia. Este carro é um verdadeiro coquetel molotov, pensou. Nuvens de tempestade estavam se formando rapidamente. Houve um relâmpago nas montanhas.

— Diga-lhe que é melhor não fumar dentro do carro — Sua Excelência manda agradecer-lhe.

— Às ordens. — Ouviu-se uma trovoada nos lados da montanha. Mais relâmpagos. Scragger viu Qeshemi dar uma olhada em redor do campo. Os dois Faixas Verdes estavam esperando. Outros estavam agachados ao abrigo do vento, observando preguiçosamente. Agora ele não podia mais esperar.

— Bem, aga, eu preciso ir andando — disse, apontando para o

212 e depois para o céu. — Certo?

Qeshemi olhou-o estranhamente.

— Certo, por que certo, aga!

— Eu vou agora. — Scragger sacudiu os braços para mostrar que ia voar e manteve o sorriso forçado. — Mamnoon am, khoda haefez. — Obrigado, até logo. — E estendeu-lhe a mão.

O sargento olhou para a mão estendida e depois para ele, examinando-o com os seus olhos penetrantes. Então disse: — Certo, até logo, aga — e apertou-lhe a mão com firmeza.

O suor escorria pelo rosto de Scragger e ele se controlou para não enxugá-lo.

— Mamnoon am, khoda haefez, agha. — Ele cumprimentou Ali Pash, desejando que aquilo fosse uma boa despedida, com vontade de trocar um aperto de mão com ele, mas não ousando abusar da sorte, então deu-lhe simplesmente um tapa nas costas ao passar por ele — Até logo, meu filho. Felicidades.

— Feliz aterrissagem, aga — Ali Pash ficou olhando Scragger subir para a cabine e decolar, acenando ao se afastar. Ele acenou de volta, então viu Qeshemi olhando para ele. — Se o senhor me der licença, Excelência sargento, eu vou trancar tudo e depois vou até a mesquita.

Qeshemi balançou a cabeça, concordando, e tornou a olhar para o 212 que se afastava. Como eles são óbvios, estava pensando, o velho piloto e este jovem tolo. É tão fácil ler a mente dos homens se você for paciente e prestar atenção às pistas. É muito perigoso voar ilegalmente. Ainda mais perigoso ajudar estrangeiros a voar ilegalmente e ficar para trás. Loucura! Os homens são muito estranhos. Seja como Deus quiser.

Um dos Faixas Verdes, um rapaz quase imberbe com um AK47 no ombro, aproximou-se e olhou significativamente para os tambores de gasolina no fundo do carro. Qeshemi não disse nada, apenas cumprimentou-o com a cabeça. O rapaz respondeu, com um olhar duro, e se afastou insolentemente para se reunir aos outros.

O sargento sentou-se no lugar do motorista. Cães leprosos, pensou sarcasticamente, vocês ainda não são a lei em Lengeh — graças a Deus.

— Está na hora de ir embora, Ahmed, está na hora. — Enquanto o cabo entrava ao lado dele no carro, Qeshemi viu o helicóptero passar por cima da montanha e desaparecer. Ainda seria tão fácil

apanhá-lo, velho, disse a si mesmo, confuso. Tão fácil alertar a rede, os nossos telefones estão funcionando e nós temos uma ligação direta com a base militar de Kish. Uns poucos litros de gasolina serão um pishkesh suficiente pela sua liberdade? Eu ainda não decidi.

— Eu o deixo na delegacia, Ahmed, depois vou ficar de folga até amanhã. O carro fica comigo.

Qeshemi arrancou. Talvez nós devêssemos ter partido com os estrangeiros — seria fácil obrigá-los a nos levar, a minha família e a mim, mas isto significaria viver do lado errado do nosso golfo Pérsico, viver no meio dos árabes. Eu nunca gostei dos árabes, nunca confiei neles. Não, o meu plano é melhor. Descer a velha estrada costeira durante um dia e uma noite depois tomar o barco do meu primo para o Paquistão, com bastante gasolina de reserva para servir de pishkesh. Muita gente nossa já está lá. Eu construirei uma vida boa para minha mulher e meu filho e para a pequena Sousan, até que, com a ajuda de Deus, nós possamos voltar para casa. Há muito ódio agora por aqui, foram muitos anos servindo o xá. Bons tempos. Como xá ele foi bom para nós. Nós sempre éramos pagos.

AO NORTE DE LENGEH: 9:23H.

A plantação de repolhos ficava dez quilômetros a nordeste da base, numa região deserta, coberta de pedras, no sopé das montanhas, e os dois helicópteros estavam parados, um ao lado do outro, com os motores funcionando. Ed Vossi estava em pé ao lado da janela da cabine de Willi.

— Estou com vontade de vomitar, Willi.

— Eu também. — Willi ajustou os fones, o VHF estava ligado mas, de acordo com o plano, só deveria ser usado em caso de emergência, era só para ouvir — Pegou alguma coisa, Willi? — Vossi perguntou.

— Não, só estática.

— Merda. Ele deve estar encencado. Mais um minuto e eu vou ver o que houve, Willi.

— Vamos juntos. — Willi observou o relâmpago nas montanhas, a visibilidade era de cerca de um quilômetro, com as nuvens negras e ameaçadoras. — Este não é um bom dia para passeios, Ed.

— Não.

Então o rosto de Willi se acendeu como um foguete e ele apontou: — Lá está ele! — O 212 de Scragger estava se aproximando a cerca de duzentos metros. Vossi correu para a sua cabine e entrou. Ouviu no seu fone: — Como está o seu conta-giros, Willi?

— Nada bom, Scrag — Willi disse alegremente, seguindo o plano deles para o caso de alguém estar ouvindo. — Eu pedi a Ed para dar uma olhada nele, e ele também não está muito seguro. O rádio dele não está funcionando.

— Eu vou pousar e conversaremos. Scragger para a base, está me ouvindo? — Nenhuma resposta. — Scragger para a base, ficaremos algum tempo no chão. — Nenhuma resposta.

Willi ergueu o polegar para Vossi. Os dois aceleram, concentrando-se em Scragger que estava descendo devagar.

Quando estava no nível do chão, Scragger interrompeu a descida e se dirigiu para a costa. Agora a alegria era extrema, Vossi estava gritando de felicidade, até Willi estava sorrindo.

— Por Deus...

Scragger ultrapassou o cume e desceu do outro lado e agora podia ver a costa e o pequeno caminhão deles estacionado na praia rochosa pouco acima das ondas. Seu coração quase parou. Um rebanho de cabras com três pastores pontilhava a sua área de pouso. A cinquenta metros da praia, havia um carro com alguns adultos e crianças brincando num lugar onde ele nunca havia visto ninguém. Um pequeno barco a motor navegava no mar. Podia ser um pescador, e podia ser um dos barcos da patrulha vigiando contrabandistas e fugitivos, pois aqui, com Omã e a costa pirata tão próximos, sempre tinha havido muita vigilância costeira.

Não posso mudar os planos agora, pensou, com o coração disparado. Ele viu Benson e os dois outros mecânicos olharem para ele, pularem do caminhão e se dirigirem para a área de pouso. Atrás dele, Willi e Vossi tinham diminuído a velocidade para lhe dar tempo. Sem hesitação, ele desceu, com as cabras se espalhando, os pastores e as pessoas que faziam piquenique olhando, perplexos. Assim que tocou o solo, ele gritou: — Vamos!

Não precisou falar duas vezes. Benson correu para a cabine e abriu a porta, voltou para ajudar os outros dois a descarregarem o caminhão. Juntos, eles retiraram malas, valises e bagagens e começaram a carregar o helicóptero a cabine já estava cheia de peças. Scragger olhou em volta e viu que Willi e Vossi estavam parados no ar, em guarda.

— Até agora tudo bem — disse alto, concentrando-se nos espectadores que tinham vencido o espanto e estavam se aproximando. Ele olhou em volta. Ainda não havia perigo. Mesmo assim, ele verificou a sua pistola Very e mandou que os mecânicos se apressassem, preocupado que o carro de polícia pudesse aparecer na estrada. Um segundo carregamento. Depois outro, depois o último, os três mecânicos suando, e agora dois subiram para a cabine, fechando a porta. Benson entrou ao seu lado, praguejou e fez menção de tornar a sair.

— Eu esqueci de desligar o caminhão.

— Deixe isso para lá. Vamos embora — Scragger acelerou e subiu, enquanto Benson trancava a porta, apertava o cinto e, logo, estavam sobre as ondas, no meio da neblina que cobria o golfo.

Scragger olhou para a direita e para a esquerda. Willi e Vossi estavam bem ao lado dele, e ele desejou ter um HF para poder comunicar 'Lima Três' a Gavallan. Não faz mal, estaremos lá num instante.

Uma vez ultrapassadas as plataformas, ele começou a respirar melhor. Odeio deixar o jovem Ali Pash deste jeito, pensou, odeio deixar Georges de Plessey e seus rapazes, odeio deixar os dois 206, odeio partir. Bem, fiz o que pude. Deixei recomendações e promessas de emprego para quando voltarmos, se voltarmos, para

Ali Pash e os outros na gaveta de cima da mesa do chefe do escritório, junto com todo o dinheiro que eu tinha.

Ele verificou o seu curso, em direção a sudoeste, para Siri, como se estivesse numa viagem de rotina, caso o radar os apanhasse. Perto de Siri viraria para sudeste, em direção a Al Shargaz e à sua casa.

Se tudo correr bem, pensou, e tocou no pé de coelho que Nell tinha dado a ele há tantos anos atrás para dar sorte. Passaram por outra plataforma, Siri Seis. A tempestade elétrica fazia estalar os seus fones, depois, junto com os estalos, ele ouviu alto e claro: — Ei, Scragger, você e les gars estão voando baixo, n'est ce pas?

Era a voz de François Menange, o gerente da plataforma e ele xingou a vigilância do homem. Para fazê-lo calar a boca, ele ligou o transmissor.

— Cale a boca, François, nós estamos praticando, cale a boca, sim? Agora ele estava rindo.

— Bien s'êr, mas vocês são loucos de praticar tão baixo um dia como hoje. Adieu.

Ele estava suando de novo. Ainda tinha que passar por quatro plataformas antes de poder virar para mar aberto.

Eles atravessaram a primeira rajada de vento, sentindo-o açoitá-los, a chuva batendo nas janelas, relâmpagos por todo lado. Willi e Vossi voavam bem junto dele e ele estava feliz de estar voando com eles. Eu achei várias vezes que Qeshemi fosse dizer: "Venha comigo", e me levasse para a cadeia. Mas ele não o fez e aqui estamos nós e dentro de uma hora e quarenta minutos mais ou menos estaremos em casa e o Irã será apenas uma lembrança.

NO QG DA BASE AÉREA DE KOWISS: 9:46H.

O mulá Hussein disse pacientemente: — Fale-me mais sobre o ministro Kia, capitão. — Ele estava sentado atrás da escrivaninha do escritório do comandante da base. Um Faixa Verde de cara fechada guardava a porta.

— Já lhe disse tudo o que sabia — respondeu McIver, exausto.

— Então, por favor, fale-me a respeito do capitão Starke. — Educado, insistente e sem pressa, como se tivesse o dia e a noite inteiros e mais o dia seguinte.

— Eu também já lhe disse tudo sobre ele, aga. Há quase duas horas que estou falando sobre eles.

Estou cansado e não há mais nada o que contar. — McIver levantou-se, esticou-se e tornou a sentar.

Não adiantava tentar sair. Ele tinha feito isso uma vez e o Faixa Verde fizera sinal para ele voltar. — A menos que o senhor queira saber algo específico, eu não consigo pensar em mais nada.

Ele não tinha ficado nem um pouco surpreso com o fato do mulá querer saber mais a respeito de Kia e tinha repetido inúmeras vezes como, há poucas semanas atrás, Kia surgira do nada e fora nomeado diretor, tinha relatado os seus contatos com ele nas últimas semanas embora não dissesse nada sobre os cheques dos bancos suíços que abriram caminho para o 125 e retiraram três 212 do caldeirão. Eu é que não vou bancar o Wazari com Kia, disse a si mesmo.

Kia é compreensível, mas por que Duke Starke? Onde Duke estudou, o que ele come, há quanto tempo está casado, se tem só uma esposa, há quanto tempo trabalha na companhia, se é católico ou protestante — tudo o que era possível perguntar e várias vezes.

Insaciável. E sempre a mesma resposta evasiva à sua pergunta: Por quê?

— Porque ele me interessa, capitão.

McIver olhou pela janela. Estava caindo um chuvisco. Nuvens baixas. Trovoadas ao longe. Haveria pancadas de chuva e alguns furacões de verdade nas nuvens de tempestade a leste — grande camuflagem para a fuga através do golfo. O que estará acontecendo com Scrag, Rudi e os rapazes?

Este pensamento dominou-lhe a mente. Com esforço, ele o afastou, deixando-o para depois, bem como o cansaço e a preocupação. Que diabo ele iria fazer quando o interrogatório terminasse? Está terminando. Tome cuidado! Concentre-se! Você vai cometer um erro se não estiver cem por cento, e aí estará perdido.

Ele sabia que estava quase sem reservas. Na noite anterior tinha dormido mal e isso não ajudava.

Nem a tristeza de Lochart por causa de Xarazade. Era difícil para Tom enfrentar a verdade, impossível dizer a ele: isso não estava mesmo fadado ao fracasso, Tom, meu velho amigo? Ela é muçulmana, rica, você nunca o será, a herança dela é feita de aço, a sua de gaze, a família dela é a sua força vital, a sua não, ela pode ficar, você não, e ainda há uma espada suspensa sobre a sua cabeça, o HBC. É tão triste, pensou. Será que chegou a haver alguma chance de dar certo? Com o Xá, talvez. Com a inflexibilidade do novo governo?

O que eu faria se fosse Tom? Com esforço, forçou sua mente a parar de divagar. Podia sentir os olhos do mulá cravados nele. Mas a investigação era só para descobrir exatamente quando e com que frequência o 125 deles ia até Kowiss, quantos Faixas Verdes estavam de serviço do lado deles da base e se eles cercavam e vigiavam o 125 durante todo o tempo em que este ficava no chão. O interrogatório fora casual, ele não tinha perguntado nada que demonstrasse mais do que um simples interesse, mas McIver estava certo de que a verdadeira razão era para planejar uma rota de fuga caso fosse necessário. A certeza final tinha sido o comentário: "Mesmo numa revolução ocorrem erros, capitão. Mais do que nunca

é preciso ter amigos bem colocados, é triste mas é verdade." Ou você coca as minhas costas ou eu arranho as suas.

O mulá levantou-se.

— Eu o levarei de volta agora.

— Oh, está bem, obrigado. — McIver observou Hussein disfarçadamente. Os olhos castanhos escuros sob as grossas sobrancelhas não revelaram nada, a pele esticada sob as maçãs salientes, um rosto estranho e belo ocultando um espírito de grande determinação. Para o bem ou para o mal?, perguntou-se McIver.

NA TORRE DE RÁDIO: 9:58H.

Wazari estava agachado perto da porta que dava para o telhado, ainda esperando. Quando McIver e Lochart o deixaram no escritório, ele tinha ficado dividido entre a vontade de fugir e de ficar, mas Changiz e os soldados tinham chegado, quase ao mesmo tempo que Pavoud e a outra equipe, então ele se escondera ali e estava escondido até agora. Pouco antes das oito horas, Kia tinha chegado de táxi.

Do local privilegiado em que se encontrava, ele tinha visto Kia ter um ataque de raiva porque McIver não estava esperando ao lado do 206, pronto para decolar. Os soldados de braçadeiras verdes transmitiram-lhe o que Changiz ordenara. Kia tinha protestado em altos brados. Os soldados deram de ombros, desculpando-se e Kia entrara no edifício, declarando aos berros que ia telefonar para Changiz e se comunicar imediatamente com Teerã, mas Lochart o interceptara no começo das escadas, dizendo-lhe que os telefones não estavam funcionando e que o aparelho de rádio estava com defeito e que não havia nenhum técnico para consertá-lo até o dia seguinte.

— Sinto muito, ministro, não há nada que possamos fazer, a menos que o senhor queira ir até o QG, pessoalmente. — Wazari tinha ouvido Lochart dizer a ele. — Tenho certeza de que o capitão McIver não vai demorar, o mulá Hussein mandou chamá-lo.

Na mesma hora, Kia perdeu metade da arrogância e isso o alegrou, mas não diminuiu a sua ansiedade e ele tinha ficado lá no vento e no frio, desamparado, perdido e infeliz. A segurança temporária não diminuiu em nada sua ansiedade, temores e suspeitas em relação a Kia, hoje, e em relação ao fato de que deveria comparecer diante do komiteh no dia seguinte. "A sua presença é necessária para maiores averiguações", e por que aqueles filhos da mãe do Lochart e do McIver estão tão nervosos, hein? Por que será que eles mentiram para aquele filho da puta, vira-casaca, do Changiz com relação a uma troca de pessoal na plataforma de Abu Sal? Não há necessidade alguma de trocar o pessoal de lá, a não ser que tenha sido ordenada durante a noite. Por que estamos só com três pilotos e dois mecânicos, com toda a carga de trabalho que começa na segunda-feira?, por que foram despachadas tantas peças? Oh, Deus, ajude-me a dar o fora daqui.

Estava tão frio que ele voltou para dentro da torre, mas deixou a porta aberta para uma fuga rápida.

Cautelosamente, olhou pela janela e pelas fendas das tábuas. Se tomasse cuidado, poderia ver quase toda a base sem ser visto. Ayre, Lochart e os mecânicos estavam perto do 212.0 portão principal estava bem guardado pelos Faixas Verdes. Não viu nenhuma atividade na base. Um arrepio percorreu-o. Havia boatos de que o komiteh faria uma outra limpa e que agora ele estava no alto da lista por causa da sua denúncia contra Esvandiary e Kia.

— Pelo Profeta, eu soube que eles querem vê-lo amanhã. Você pôs sua vida em perigo falando daquele jeito, você não sabe que a primeira regra de sobrevivência aqui, há mais de quatro mil anos, tem sido manter a boca e os olhos fechados com relação às ações dos que estão acima de você, ou logo você fica sem língua e sem olhos? É claro que os que estão por cima são corruptos, alguma vez foi diferente?

Wazari gemeu, sentindo-se desamparado e a ponto de desistir. Desde que Zataki lhe dera aquela surra, quebrando-lhe o nariz, ele não conseguia respirar direito, tinha perdido quatro dentes, sentia uma dor de cabeça constante e estava sem ânimo e sem coragem. Ele nunca tinha apanhado antes. "Pé quente" e Kia eram ambos

culpados, e daí? O que é que você tem com isso? E agora a sua estupidez vai acabar com você.

As lágrimas saltaram-lhe dos olhos - Pelo amor de Deus, me ajude.

Então a expressão "com defeito" veio-lhe à cabeça e ele se agarrou a ela. Que defeito? O rádio estava funcionando perfeitamente ontem.

Enxugou as lágrimas. Sem fazer barulho, foi até a escrivadinha e ligou o rádio, mantendo o volume no mínimo. Parecia estar funcionando. Checou os mostradores. Havia um bocado de estática e nenhuma transmissão. Estranho que não houvesse nenhum tráfego na frequência da companhia, alguém deveria estar transmitindo em algum lugar. Sem ousar aumentar o volume, ele apanhou um par de fones de ouvido e conectou-os, deixando de usar o alto-falante. Agora podia ouvir o sinal no volume que quisesse. Estranho, nada ainda. Cuidadosamente, foi mudando de canal. Nada. Passou para VHF.

Nada. Voltou para HF. Não conseguiu pegar nem um boletim meteorológico de rotina, gravado, que era transmitido de Teerã.

Ele era um bom operador de rádio e bem treinado e não demorou a ver qual era o defeito. Uma olhada por uma fenda da porta que dava para o telhado confirmou o fio solto. Filho da puta, pensou.

Por que não reparei nisso quando estava lá fora?

Cuidadosamente, ele desligou o rádio e se arrastou para fora. Quando viu que o fio tinha sido arrancado, mas que a ferrugem fora raspada, foi tomado de raiva, depois de excitação. Aqueles filhos da mãe, pensou. Aqueles filhos da mãe hipócritas, McIver e Lochart. Eles deviam estar ouvindo e transmitindo quando eu cheguei. Que diabo estarão tramando?

Consertou o fio rapidamente. Ligou o HF e na mesma hora uma explosão de farsi encheu os seus ouvidos na frequência da companhia: QG de Teerã falando com Bandar Delam, depois chamando Al Shargaz e Lengeh e a ele, em Kowiss. Algo sobre quatro helicópteros que não tinham ido para onde deveriam. Irã-Toda? Esta não é uma das nossa bases.

— Kowiss, aqui é Bandar Delam, está me ouvindo?

Ele reconheceu a voz de Jahan, falando de Bandar Delam.

Automaticamente, seu dedo dirigiu-se para o botão de transmissão e então parou. Não há necessidade de responder ainda, pensou. As ondas da companhia estavam cheias agora, Numir e Jahan de Bandar Delam e Gehani de Teerã, com Siamaki tendo ataques.

— Filho da puta — murmurou, poucos minutos depois, compreendendo tudo.

NOS HELICÓPTEROS PRÓXIMOS DE SIRI: 10:05H.

A ilha de Siri propriamente dita ficava um quilômetro à frente, mas antes que Scragger e seu grupo pudessem virar para sudeste em direção à fronteira internacional, tinham que ultrapassar mais três plataformas. Como um maldito campo minado, pensou Scragger. Até agora estamos a salvo. Todos os ponteiros estão no verde e os motores trabalhando bem. Benson, o mecânico, sentado ao seu lado, estava olhando as ondas que passavam bem debaixo deles. Havia estática nos fones. De vez em quando, voos internacionais comunicavam suas posições ao radar de Kish, que controlava aquela área, e recebiam resposta imediatamente. Pelo interfone, Benson disse: — Kish está a postos, Scrag.

— Nós estamos abaixo do radar deles. Não esquentar.

— Eu estou preocupado, você não?

Scragger balançou afirmativamente a cabeça. Kish estava a uns vinte quilômetros à direita deles.

Olhou para a esquerda e para a direita. Vossi e Willi estavam um de cada lado e ele ergueu o polegar para eles, que responderam, Vossi entusiasticamente.

— Mais vinte minutos e atravessaremos a fronteira — disse Scragger — Do jeito que estamos indo, logo subiremos para duzentos.

— Ótimo. O tempo está melhorando, Scrag — disse Benson. A camada de nuvens acima deles tinha diminuído consideravelmente, a

visibilidade continuava a mesma. Com bastante antecedência, eles viram o petroleiro à frente. Scrag e Willi desviaram-se para estibordo com bastante folga, mas Vossi subiu exuberantemente, passando por cima dele e depois desceu, emparelhando com eles. Imediatamente, eles ouviram: — Aqui é o controle de Kish, helicóptero voando baixo num curso de 225, comunique altura e destinação.

Scragger balançou o aparelho de um lado para o outro para atrair a atenção de Willi e Vossi, apontou para sudoeste e mandou que eles se afastassem, indicando que deveriam continuar voando baixo e se afastar dele. Viu a relutância deles, mas fez um sinal para sudoeste, acenou em despedida e subiu, deixando-os na superfície do mar.

— Fique firme, Benson — disse, com um peso no estômago, então começou a transmitir, movendo o microfone para perto e para longe da boca para simular uma transmissão ruim: — Kish, aqui é o helicóptero HVX, que saiu de Lengeh levando peças para Siri Nove, curso 225. Achei que tinha visto um barco virado, mas não era. — Siri Nove era a plataforma mais distante que eles serviam normalmente, quase na fronteira entre o Irã e os Emirados, que ainda estava sendo construída e não estava equipada com o seu próprio VHF: — Voltando para duzentos.

— Helicóptero HVX, você está dois por cinco, a sua transmissão está intermitente. Mantenha o curso e comunique quando estiver a duzentos metros. Confirme se foi informado das novas regras para decolar em Lengeh. — A voz do operador com sotaque americano, estava cinco por cinco, ríspida e profissional.

— Sinto muito, Kish, mas este é o primeiro dia depois da licença. — Scragger viu Willi e Vossi desaparecerem na neblina. — Eu preciso solicitar autorização para decolar de Siri Nove depois que tiver pousado lá? Ficarei pelo menos uma hora. — Scragger enxugou o suor. Kish estaria no seu direito se o mandasse descer lá primeiro para dar-lhe uma boa espinafração por ter quebrado o regulamento.

— Afirmativo. Aguarde.

No interfone, Benson disse, inquieto: — E agora, Scrag?

— Eles devem estar tendo uma pequena conferência.

— O que vamos fazer?

— Depende do que eles fizerem. — Scragger riu e ligou o transmissor.

— Kish, HVX em duzentos metros.

— Kish. Mantenha o curso e a altitude. Aguarde.

— HVX. — Mais silêncio. Scragger estava pesando as alternativas, apreciando o perigo. — Isto é melhor do que pilotar um carregamento de leite, hein, filho? — falou para Benson.

— Para ser sincero, não é não. Se eu pusesse as mãos em Vossi, o faria em pedaços.

Scragger deu de ombros.

— Está feito. Nós poderíamos estar entrando e saindo do radar desde que decolamos. Talvez Qeshemi nos tenha denunciado. — Ele começou a assoviar desafinadamente. Eles já estavam longe da ilha de Siri com a plataforma Siri Nove cinco quilômetros à frente.

— Kish, aqui é HVX — disse Scragger, ainda balançando o microfone.

— Saindo de duzentos para pouso em Siri Nove.

— Negativo, HVX, mantenha-se em duzentos e aguarde. A sua transmissão está intermitente e dois por cinco — H VX... Kish, por favor, repita, a sua transmissão está truncada. Vou repetir, saindo de duzentos para pouso Siri Nove — Scragger repetiu devagar, continuando a simular problemas de transmissão.

Mais uma vez ele sorriu para Benson. — Um truque que aprendi na RAF, meu filho.

— HVX, Kish. Repito, mantenha-se em duzentos e aguarde.

— Kish, o helicóptero está jogando e a neblina está piorando. Passando para 180. Chamarei ao pousar e solicitarei permissão para decolar. Obrigado e bom dia — ele acrescentou, rezando.

— HVX, a sua transmissão está intermitente. Interrompa pouso em Siri Nove. Vire 310 graus, mantenha-se em duzentos e apresente-se em Kish.

Benson ficou branco. Scragger empalideceu.

— Repita, Kish, você está um por cinco.

— Repito, interrompa pouso em Siri Nove, vire 310 graus e apresente-se em Kish. — A voz do operador era calma.

— Roger, Kish, entendido, devemos pousar em Siri Nove e depois nos apresentar em Kish.

Descendo para 150 metros para aproximação a pouca altitude, obrigado e bom dia.

— Kish, aqui é JAL Voo 664 de Deli — entrou no circuito. — Sobrevoando a 12 mil metros em direção ao Kuwait em trezentos. Está me ouvindo?

— JAL 664, Kish. Mantenha curso e altitude. Chame o Kuwait em 118.8, bom dia.

Scragger espiou através da neblina. Ele viu a plataforma semiconstruída, com uma barcaça amarrada a uma das pilastras. Os ponteiros dos instrumentos estavam todos no verde e — ei, espere um instante, a temperatura subiu, a pressão do óleo baixou no motor número um. Benson também tinha visto. Ele deu um tapinha no mostrador, inclinando-se para a frente. O ponteiro que marcava a pressão do óleo subiu um pouco e depois tornou a cair, a temperatura estava alguns graus acima do normal — não há tempo para pensar nisso agora, prepare-se! O pessoal de terra tinha ouvido o barulho do helicóptero e parara de trabalhar, afastando-se do local de pouso. Quando estava a 15 metros da plataforma, Scragger disse: — Kish, HVX pousando agora. Bom dia.

— HVX, apresente-se diretamente a Kish. Solicite permissão para decolar. Repito, apresente-se diretamente a Kish. Está me ouvindo?

Mas Scragger nem respondeu nem pousou. Quando estava a poucos metros de altura, ele ficou flutuando no ar, acenou para o pessoal de terra que o reconheceu e achou que ele estava apenas treinando algum piloto novo, como era seu hábito. Um último aceno. Então ele avançou, desceu, passando ao lado da plataforma e, pertinho do mar, virou para sudoeste acelerando ao máximo.

NA BASE AÉREA DE KOWISS: 10:21H.

O mulá Hussein estava dirigindo e parou o carro diante do escritório. McIver saltou.

— Obrigado — disse, sem saber o que esperar, pois Hussein mantivera-se calado desde que saíram do escritório. Lochart, Ayre e os outros estavam perto dos helicópteros. Kia saiu do prédio, parou ao ver o mulá e depois desceu a escada — Bom dia, Excelência Hussein, saudações, que prazer em vê-lo. — Ele estava usando um tom de voz ministerial próprio para se dirigir a um personagem importante, mas não a um igual, e depois disse secamente para McIver: — Temos que partir imediatamente.

— Ahn, sim, aga. Dê-me dois minutos para me preparar. — Ainda bem que eu não sou Kia, disse a si mesmo enquanto se afastava, com o estômago ardendo, e dirigiu-se a Lochart: — Olá, Tom.

— Você está bem, Mac?

— Sim. — E acrescentou em voz baixa: — Vamos ter que agir com muita cautela nos próximos minutos. Não sei o que o mulá está tramando. Tenho que esperar para ver o que ele vai fazer com Kia, não sei se Kia está encrocado ou não. Assim que soubermos, podemos agir. — E baixou ainda mais a voz. — Não posso deixar de levar Kia, a não ser que Hussein o agarre. Pretendo levá-lo até metade do caminho, até o outro lado das montanhas, fora do alcance do VHF, fingir uma emergência e aterrissar. Quando Kia estiver fora da cabine, esticando as pernas, eu decolo e vou me encontrar com vocês no lugar combinado.

— Não gosto dessa ideia, Mac. É melhor deixar-me fazer isso. Você não conhece o lugar e estas dunas são todas iguais. É melhor eu levá-lo.

— Já pensei nisso, mas aí eu estaria conduzindo os mecânicos sem licença. É melhor pôr Kia em risco, em lugar deles. Além disso, você poderia ficar tentado a voltar para Teerã.

— É melhor eu levá-lo e depois me encontrar com você no lugar combinado. É mais seguro.

McIver sacudiu a cabeça, sentindo-se muito mal em encurralar o amigo.

— Você continuaria até Teerã, não? Depois de uma estranha pausa, Lochart disse: — Enquanto eu estava esperando por você, se pudesse teria posto Kia no helicóptero e decolado. — Ele deu um sorriso irônico. — Os soldados não permitiram. Mandaram esperar. É

melhor tomar cuidado com eles, Mac, alguns falam inglês. O que foi que aconteceu com você?

— Hussein apenas interrogou-me a respeito de Kia e de Duke. Lochart olhou-o espantado.

— Duke? O que ele queria saber?

— Tudo sobre ele. Quando eu perguntei a Hussein por que, ele só disse: "Ele me interessa." — McIver viu Lochart estremecer.

— Mac, acho melhor que eu leve Kia. Você pode não achar o lugar do encontro. Você pode ir em dupla com Freddy. Eu vou primeiro e espero por vocês.

— Sinto muito, Tom, mas não posso correr esse risco, você acabaria indo para Teerã. Se eu fosse você, faria o mesmo. Mas não posso deixá-lo voltar. Voltar agora seria um desastre. Um desastre para você, tenho certeza disso, Tom, bem como para nós. Esta é a verdade.

— Para o inferno com a verdade — Lochart disse com amargura. — Está bem, mas por Deus, assim que pousarmos no Kuwait, ou vocês me dão o mês de licença a que tenho direito ou eu me demito da S-G, o que preferirem.

— Está certo, mas tem que ser de Al Shargaz. Nós vamos ter que reabastecer os helicópteros no Kuwait e sair de lá o mais depressa possível, se tivermos a sorte de chegar até lá e se eles nos deixarem sair.

— Não. O Kuwait é o fim da linha para mim.

— Como você quiser — disse McIver, zangado. — Mas eu vou me certificar de que você não consiga um avião para Teerã, Abadan ou qualquer outro lugar no Irã.

— Você é um filho da mãe — disse Lochart, zangado por McIver ter percebido as suas intenções tão claramente. — Vá para o inferno!

— Sim. Sinto muito. Em Al Shargaz eu vou fazer tudo o que puder para ajudá-lo — McIver parou, vendo Lochart resmungar um palavrão. Ele se virou. Kia e Hussein ainda estavam conversando perto do carro. — O que foi?

— A torre.

McIver olhou para cima. Então viu Wazari, semi-oculto atrás de uma janela, fazendo sinal para eles.

Não havia meio de fingir que não tinham visto. Enquanto olhavam, Wazari tornou a chamá-los com gestos e desapareceu.

— Desgraçado — Lochart estava dizendo. — Eu chequei a torre logo depois que você saiu para ter certeza de que ele não tinha se escondido lá e como ele não estava lá, achei que tinha fugido. — Ficou vermelho de raiva. — Pensando bem, eu não cheguei a entrar na sala, e ele podia estar escondido no telhado. — O filho da puta deve ter ficado lá o tempo todo.

— Minha nossa! Talvez ele tenha descoberto o fio partido. — McIver ficou nervoso.

— Fique aqui. Se ele tentar causar problemas, eu o mato — disse Lochart enfurecido.

— Espere, eu também vou. Freddy — ele chamou — voltaremos num instante.

Ao passar por Hussein e Kia, McIver disse: — Eu vou pedir autorização para decolar, ministro. Podemos partir em cinco minutos.

Antes que Kia pudesse responder, Hussein disse enigmaticamente: — Insha'Allah.

Kia falou secamente para McIver: — Capitão, o senhor não se esqueceu de que tenho que estar em Teerã às 19 horas para uma importante reunião, esqueceu? Bem — e deu as costas para eles, voltando a dar atenção a Hussein: — O que o senhor estava dizendo, Excelência?

Os dois pilotos entraram no escritório, furiosos com a grosseria de Kia, evitaram Pavoud e o resto do pessoal e se dirigiram para a escada da torre.

A torre estava vazia. Então eles viram a porta do telhado aberta e ouviram Wazari cochichar: — Estou aqui. — Ele estava do lado de fora, agachado junto à parede. — Não se moveu. — Eu sei o que vocês estão tramando. O rádio não está com defeito nenhum — ele disse, sem poder conter a excitação. — Quatro helicópteros decolaram de Bandar Delam e desapareceram. O diretor Siamaki está berrando como um porco no matadouro porque não consegue

falar nem com Lengeh, nem conosco e nem com Al Shargaz, e o sr. Gavallan está lá. Eles só não estão respondendo, não é?

Hein?

— E o que isso tem a ver conosco? — perguntou Lochart.

— Tem tudo a ver, tudo, porque tudo se encaixa. Numir, em Bandar Delam, diz que todos os estrangeiros partiram, que não sobrou nenhum em Bandar. Siamaki diz o mesmo com relação a Teerã, ele disse até a Numir, capitão McIver, que o seu empregado disse que a maioria das suas coisas e das coisas de um certo capitão Pettikin foram retiradas do apartamento. McIver deu de ombros e foi ligar o VHF.

— Simples medida de segurança enquanto eu e Pettikin estamos fora. Tem havido muitos assaltos.

— Não faça a ligação ainda, escute, por favor, eu imploro... o senhor não vai conseguir evitar que a verdade seja conhecida. Os seus 212 saíram de Bandar Delam com os rapazes. Lengeh está mudo, então deve ter acontecido a mesma coisa lá, Teerã está fechado, só resta esta base e vocês estão preparados para partir. — A voz de Wazari estava estranha e eles não sabiam o que ele estava pensando. — Eu não vou denunciá-los, quero ajudá-los. Juro que quero ajudá-los.

— Ajudar-nos a fazer o quê?

— A fugir.

— Por que você faria isso, mesmo que fosse verdade? — Lochart perguntou zangado.

— O senhor tinha razão em não confiar em mim antes, capitão, mas eu juro por Deus que pode confiar em mim agora, eu estou firme agora, e o senhor é a minha única esperança de escapar. Eu vou ter que comparecer diante do komiteh amanhã e... e olhem para mim, pelo amor de Deus! — Ele exclamou. — Eu estou horrível e a menos que consiga ir a um médico, vou ficar assim para sempre e talvez até morra. Estou com uma pressão aqui, com uma dor horrível — Wazari tocou no nariz quebrado. — Desde que aquele filho da mãe do Zataki me bateu, minha cabeça está doendo e eu estou fora de mim, sei disso, mas posso dar um jeito. Posso dar cobertura a vocês daqui se vocês me levarem, deixem-me entrar no

último helicóptero, eu juro que posso ajudar. — Seus olhos encheram-se de lágrimas. Os dois homens ficaram olhando para ele.

McIver ligou o VHF

— Torre de Kowiss, CHI testando, testando.

Uma longa pausa, depois em inglês com um sotaque carregado:

— Aqui é a torre, CHI, vocês estão cinco por cinco.

— Obrigado. Nós descobrimos o defeito do rádio. O nosso 206 vai partir para Teerã dentro de dez minutos, bem como os nossos voos para as plataformas Quarenta, Abu Sal e Gordy, transportando peças.

— Certo. Comunique quando estiver no ar. Bandar Delam está tentando entrar em contato com vocês.

McIver começou a suar.

— Obrigado, torre, bom dia. — Ele olhou para Lochart, depois ligou o HF. Imediatamente, eles ouviram a voz de Jahan falando em farsi e Lochart começou a traduzir: — Jahan está dizendo que a última notícia que tiveram dos helicópteros, eles estavam voando para nordeste, afastando-se da costa... que Zataki — por um instante a sua voz falseou — ... que Zataki havia ordenado que os quatro helicópteros fossem prestar serviço à Irã-Toda e que ele já deve ter chegado lá e que com certeza vai chamar ou mandar algum recado... — Então McIver reconheceu a voz de Siamaki. Lochart estava suando. — Siamaki está dizendo que ficará fora do ar por cerca de meia hora ou uma hora e que chamará quando voltar, e que ele deve continuar a tentar comunicar-se conosco e com Al Shargaz. Jahan disse que está bem e que se tiver alguma notícia torna a chamar.

Ouviu-se o ruído da estática. Depois a voz de Jahan, falando em inglês: — Kowiss, aqui é Bandar Delam, está me ouvindo? Lochart murmurou.

— Se a torre está captando tudo isso, por que não estamos todos na cadeia?

— Hoje é sexta-feira. Não há nenhum motivo para eles controlarem a frequência da companhia. — Wazari enxugou as lágrimas, mais controlado. — A equipe de sexta-feira é mínima. Não

há voos, nada acontece, o komiteh despediu todos os oficiais encarregados do radar e cinco sargentos.

Mandou-os para o paredão. — Ele estremeceu e continuou depressa: — Talvez um dos caras tenha ouvido Bandar Delam de vez em quando, então Bandar perdeu contato com alguns dos seus helicópteros, e daí?, eles são estrangeiros e isso acontece o tempo todo. Mas, capitão, se o senhor não tirar do ar Bandar Delam e Teerã agora, eles vão... alguém vai desconfiar. — Ele tirou do bolso um lenço sujo e enxugou um fio de sangue que escorria do seu nariz. — Se o senhor mudar para o seu canal alternativo, estará seguro, a torre não pega esse canal.

McIver olhou-o com atenção.

— Você tem certeza?

— Claro, ouça, por que o senhor não... — Ele parou. Havia passos se aproximando. Sem fazer barulho, ele tornou a se esconder no telhado. Kia parou no meio da escada.

— Por que está demorando tanto, capitão?

— Eu... eu estou esperando que a autorização seja confirmada, ministro. Sinto muito, Mandaram-me esperar. Não posso fazer nada.

— É claro que pode! Nós podemos partir agora mesmo! Estou cansado de esperar.

— Eu também estou, mas não quero que me estourem os miolos. — McIver perdeu a paciência e gritou: — O senhor espere! Espere! Está entendendo? Trate de esperar e se não melhorar seus modos, eu cancelo a viagem e conto ao mulá Hussein sobre um ou dois pishkesh que esqueci de mencionar durante o interrogatório. Agora dê o fora daqui!

Por um momento eles pensaram que Kia fosse explodir, mas ele pensou melhor e foi embora. McIver esfregou o peito, aborrecido por ter perdido a calma. Então fez um sinal na direção do telhado e cochichou: — Tom, e quanto a ele?

— Nós não podemos deixá-lo para trás. Ele poderia nos denunciar. — Lochart olhou para trás.

Wazari estava na porta.

— Eu juro que vou ajudar — ele murmurou, desesperado. — Ouça, quando o senhor decolar com Kia, o que é que o senhor está

planejando fazer, enganá-lo, não é? — McIver não respondeu, ainda inseguro. — Jesus, capitão, o senhor precisa confiar em mim. Olhe, chame Bandar Delam no canal alternativo e dê uma bronca em Numir como fez com aquele filho da mãe. Diga a ele que o senhor mandou que todos os helicópteros viessem para cá. Isto vai acalmá-los por uma ou duas horas.

McIver olhou para Lochart. Lochart disse, excitado: — Por que não? Ora, é uma boa ideia, então você pode partir com Kia... e Freddy pode ir andando.

Eu vou esperar aqui e... — Ele parou.

— E o quê, Tom? — disse McIver.

Wazari aproximou-se e ligou o canal alternativo, dizendo rapidamente para Lochart: — O senhor fica por aqui mais um pouco, capitão, e depois que o capitão McIver tiver partido e Ayre estiver longe daqui, o senhor diz a Numir que tem certeza de que os quatro helicópteros devem ter desligado o HF, uma vez que não há necessidade de usá-lo, e que estão só com o VHF: isso lhe dará uma desculpa para decolar e então o senhor corre para o esconderijo onde está guardado o combustível. — Ele viu o olhar que eles trocaram. — Jesus, capitão, qualquer um sabe que vocês não podem atravessar o golfo sem reabastecer, então devem ter estocado combustível em algum lugar. Ou na praia ou em alguma das plataformas.

McIver respirou profundamente e apertou o botão do transmissor.

— Bandar Delam aqui é o capitão McIver de Kowiss, está me ouvindo?

— Kowiss — Bandar Delam, estamos tentando falar com vocês há horas e...

— Jahan, ponha Numir na linha — McIver disse secamente.

Alguns segundos depois Numir atendeu, mas antes que o gerente da IranOil pudesse dizer qualquer coisa, McIver disse: — Onde estão os meus quatro helicópteros? Por que eles não se apresentaram? O que está havendo aí? E por que você é tão ineficiente que não sabe que eu mandei que os meus helicópteros e o meu pessoal viessem para cá?

NO QG DE AL SHARGAZ

"...e por que você não se lembrou que foram programadas mudanças de pessoal em Bandar Delam durante o fim-de-semana?"

A voz de McIver estava fraca mas clara no alto-falante, para onde Gavallan, Scot e Manuela olhavam fixamente, horrorizados pelo fato de McIver ainda estar em Kowiss. Será que isto significava que Lochart, Ayre e os outros também estavam lá ainda?

— Mas nós estamos chamando o senhor a manhã toda, capitão — disse Numir, com a voz ainda mais fraca. — O senhor mandou que os nossos helicópteros fossem para Kowiss? Mas por quê? E por que eu não fui informado? Os nossos helicópteros deveriam ter ido para a Irã-Toda hoje de manhã mas não pousaram lá e desapareceram. Aga Siamaki também está tentando comunicar-se com o senhor.

— Houve um defeito no nosso VHF. Agora escute aqui, Numir, eu mandei que os helicópteros viessem para Kowiss. Não aprovei nenhum contrato com a Irã-Toda, não sei nada a respeito de um contrato com a Irã-Toda, e isto é o suficiente. Agora pare de criar uma tempestade num copo d'água!

— Mas são os nossos helicópteros, e todo mundo foi embora, todo mundo, todos os mecânicos e pilotos e...

— Droga, eu mandei que viessem todos para cá para averiguações. Repito que estou muito insatisfeito com a sua operação. E vou comunicar isto à Irã-Toda. Agora pare de chamar!

No escritório, todos estavam ainda em estado de choque. Então McIver ainda estava em Kowiss e isso era um desastre. Turbilhão ia mal. Eram 10:42h e Rudi e os outros três estavam atrasados em relação à chegada prevista em Bahrein.

— ...mas não sabemos que tipo de vento eles pegaram, papai — Scot tinha dito — nem quanto tempo eles vão levar para reabastecer durante o voo. Eles podem ter um atraso de 45 minutos ou uma

hora e estarem bem. Digamos que cheguem em Bahrein entre 11 h e 11:15.

— Mas todo mundo sabia que não podia haver tanto combustível assim a bordo.

Nada ainda de Scrag e seus outros dois aparelhos, mas isto era esperado — eles não têm HF a bordo, Gavallan pensou. O voo deles para Al Shargaz deve levar cerca de uma hora e meia. Se eles tiverem saído às 7:30 e apanhado os mecânicos e tornado a decolar sem incidentes, deverão chegar às 9:15.

— Não precisa se preocupar, Manuela, você sabe como são os ventos de proa — ele tinha dito —, e nós não sabemos ao certo a que horas eles partiram.

Tantas coisas podiam dar errado. Meu Deus, essa espera é horrível. Gavallan sentiu-se muito velho, pegou um dos telefones e ligou para Bahrein.

— Golf Air de France? Jean-Luc Sessonne, por favor. Jean-Luc, alguma notícia?

— Não, Andy. Acabei de ligar para a torre e não há nada no sistema. Pas problème. Rudi deve estar economizando gasolina. A torre disse que me ligaria assim que o vissem. Alguma notícia dos outros?

— Acabamos de descobrir que Mac ainda está em Kowiss. — Gavallan ouviu o susto dele e as obscenidades que disse. — Também acho. Torno a ligar para você. — Ele discou para o Kuwait. — Charlie, Genny está aí com você?

— Não, ela está no hotel. Andy, eu...

— Acabamos de saber que Mac ainda está em Kowiss e..

— Meu Deus, o que foi que aconteceu?

— Não sei, ele ainda está transmitindo. Tornarei a chamar quando souber de algo definido. Não conte a Genny ainda. Até logo.

Mais uma vez a espera agonizante, então o HF começou a transmitir.

— Teerã, aqui é Kowiss, capitão McIver. Continue.

— Kowiss, Teerã, estamos tentando nos comunicar com vocês a manhã toda. Aga Siamaki está tentando entrar em contato com o

senhor. Ele voltará dentro de uma hora. Por favor confirme se o senhor ordenou que os quatro 212 fossem, para Kowiss.

— Teerã, aqui é Kowiss. Bandar Delam, ouça também: — A voz de McIver estava mais lenta, mais clara e muito zangada. — Eu confirmo, todos os meus 212 estão sob o meu controle. Todos eles. Não vou poder falar com a Siamaki uma vez que estou autorizado a decolar daqui para Teerã com o ministro Kia dentro de cinco minutos, mas espero encontrar-me com a Siamaki no Aeroporto Internacional de Teerã. Dentro de alguns instantes estaremos fechando para reparos, por ordem das autoridades, e estaremos operando apenas em VHF. Para informação de vocês, o capitão Ayre partirá dentro de cinco minutos para a plataforma Abu Sal com peças de reposição e o capitão Lochart vai permanecer aqui para esperar os 212 que vêm de Bandar Delam. Entendido, Teerã?

— Afirmativo, capitão McIver, mas o senhor pode fazer o favor de.. McIver interrompeu-o.

— Entendido, Numir, ou você está mais ineficiente do que nunca?

— Sim, mas devo insistir que...

— Estou cansado de toda essa besteira. Eu sou o diretor executivo desta operação e enquanto operar no Irã é assim que vai ser, simples, direto e sem interferências. Kowiss vai fechar para reparos conforme ordens do coronel Changiz e tornará a se comunicar assim que estivermos no ar de novo.

Permaneçam neste canal mas mantenham-no livre para verificação. Tudo vai prosseguir conforme foi planejado. Fim e desligo.

Neste momento a porta se abriu e Starke entrou, acompanhado por uma jovem enfermeira nervosa.

Manuela ficou estarrecida. Gavallan deu um pulo e ajudou-o a se sentar, com o peito todo enfaixado.

Ele estava usando calças de pijama e um robe de flanela.

— Eu estou bem. Andy — Starke disse. — Como vai, querida?

— Conroe, você ficou maluco?

— Não. Andy, conte-me o que está acontecendo. A enfermeira disse: — Nós não podemos nos responsabilizar.. Starke disse pacientemente: — Eu juro que é só por umas duas horas e vou

tomar muito cuidado. Manuela, por favor, leve-a até o carro, sim? — E olhou-a com o olhar especial que os maridos têm para as mulheres e as mulheres para os maridos quando não é momento para discussões. Ela se levantou imediatamente e saiu com a enfermeira e, depois que tinham saído, Starke disse: — Desculpe, Andy, mas não pude mais aguentar. O que está acontecendo?

EM KOWISS: 10:48H.

McIver desceu as escadas da torre, sentindo-se mal e vazio sem saber nem mesmo se conseguiria chegar até o 206, quanto mais levar a cabo o resto do plano. Você vai conseguir, disse a si mesmo. Controle-se. O mulá Hussein ainda estava conversando com Kia, encostado no carro, com o seu AK47 pendurado no ombro.

— Está tudo pronto, ministro — disse McIver. — É claro, se estiver tudo em ordem, Excelência Hussein?

— Sim, como Deus quiser — Hussein disse com um estranho sorriso. Educadamente, ele estendeu a mão. — Até logo, ministro Kia.

— Até logo, Excelência. Kia virou-se e caminhou rapidamente em direção ao 206.

McIver estendeu a mão para o mulá, nervosamente.

— Até logo Excelência.

Hussein virou-se para ver Kia entrar na cabine. Mais uma vez o estranho sorriso.

— Está escrito: "Os moinhos de Deus trabalham lentamente, mas moem em pedaços bem pequenos."

Não é verdade, capitão?

— Sim. Mas por que o senhor diz isso?

— É um presente de despedida. Você pode dizer isso ao seu amigo Kia quando pousarem em Teerã.

— Ele não é meu amigo. E por que nessa hora?

— O senhor faz bem em não tê-lo como amigo. O senhor vai ver o capitão Starke de novo?

— Não sei. Espero vê-lo em breve. — McIver viu o mulá olhar para Kia e o seu nervosismo aumentou. — Por quê?

— Eu gostaria de vê-lo em breve. — Hussein tirou a arma do ombro e entrou no carro, partindo com os seus Faixas Verdes.

— Capitão? — Era Pavoud. Ele estava nervoso e tremendo.

— Sim, sr. Pavoud? Só um instante. Freddy! — McIver fez um sinal para Ayre que veio correndo. — Sim, sr. Pavoud?

— Por favor, por que os 212 estão carregados de peças e bagagens e...

— Uma mudança de pessoal — McIver disse imediatamente e fingiu não notar o olhar de Ayre. — Estou esperando quatro 212 que vão chegar de Bandar Delam. É melhor o senhor preparar as acomodações. Quatro pilotos e quatro mecânicos. Eles devem chegar dentro de umas duas horas.

— Mas nós não temos nenhum motivo para...

— Faça o que estou mandando! — A tensão de McIver tornou a explodir. — Eu dei as ordens. Eu!

Eu pessoalmente! Eu mandei que os meus 212 viessem para cá! Freddy, o que é que você está esperando? Vá andando com as suas peças.

— Sim, senhor. E o senhor?

— Eu vou levar Kia de volta, Tom Lochart está encarregado daqui até eu voltar. Vá logo. Não, espere, eu vou com você. Pavoud, o que você está esperando? O capitão Lochart vai ficar muito irritado se não estiver tudo pronto a tempo. — McIver se afastou com Ayre, rezando para que Pavoud estivesse convencido.

— Mac, que diabo está acontecendo?

— Espere até chegarmos perto dos outros. — Quando McIver chegou perto dos 212, ele virou de costas para Pavoud que ainda estava na escada que levava aos escritórios e contou-lhes rapidamente o que estava acontecendo. — Vejo-os na costa.

— Você está bem, Mac? — disse Ayre, muito preocupado com a cor dele.

— É claro que estou! Vá logo!

PERTO DE BAHREIN: 10:59H.

Rudi e Pop Kelly ainda estavam um atrás do outro, lutando contra o vento de proa, poupando os motores, com os mostradores de combustível no vazio e as luzes vermelhas acesas. Há uma hora atrás, os dois tinham ficado parados no ar. Os mecânicos tinham aberto a porta das cabines e se debruçado para fora, tirando a tampa dos tanques. Depois tinham desenrolado as mangueiras, enfiado o esguicho na boca do tanque e voltado para a cabine, começando a bombear o combustível de reserva dos tambores para dentro dos tanques. Nenhum dos dois mecânicos jamais tinha feito um reabastecimento em pleno voo. Quando terminaram, tiveram um acesso de vômito. Mas a operação foi bem-sucedida.

A neblina ainda estava densa, o mar agitado e batido pelo vento e desde a hora em que quase colidiram com o petroleiro, todos os procedimentos tinham sido de rotina, buscando obter o máximo de rendimento dos helicópteros e torcendo para dar certo. — Rudi não tinha visto nenhum sinal de Dubois nem de Sandor. Um dos jatos de Rudi falhou, mas voltou logo a funcionar.

Faganwitch estremeceu.

— Quanto falta ainda?

— Muito. — Rudi ligou seu VHF, quebrando o silêncio do rádio. — Pop, troque para HF e fique na escuta — ele disse rapidamente e começou a transmitir. — Sierra Um, aqui é Delta Um, está me ouvindo?

— Alto e claro, Delta Um — Scot respondeu imediatamente — continue.

— Perto de Boston — o código para Bahrein — a duzentos, rumo 185, com pouco combustível.

Delta Dois está comigo, Três e Quatro estão por sua própria conta.

— Bem-vindos da Britânia para as terras ensolaradas, G-HTXX e G-HJZI, repito, G-HTXX e G-HJZI! Jean-Luc está esperando por vocês. Ainda não temos notícias de Delta Três e Quatro.

— HTXX e HJZI! — Rudi respondeu imediatamente, usando os novos registros britânicos. — E quanto a Lima Três e Kilo Dois? —

Lima para os três helicópteros de Lengeh e Kilo para os dois de Kowiss.

— Ainda não temos notícias, só sabemos que Kilo ainda não decolou. — Rudi e Pop Kelly tiveram um choque. Então ouviram: — Aqui é o QG de Teerã, Al Shargaz, estão me ouvindo? Seguido da voz de Siamaki: — Aqui é Teerã, quem está chamando neste canal? Quem são Kilo Dois e Lima Três? Quem é Sierra Um?

Scot respondeu: — Não se preocupe, HTXX, algum idiota está usando o nosso canal. Telefone quando pousar — ele acrescentou para evitar mais conversas.

Pop Kelly exclamou, excitado: — Bancos de areia à frente, HTXX!

— Estou vendo. Sierra Um, HTXX, estamos quase na costa...

Mais uma vez um dos motores de Rudi falhou, mais do que antes, mas tornou a pegar, com os mostradores girando loucamente. Então, através da neblina, ele viu a costa, um pontinho de terra e alguns bancos de areia e depois a praia, e soube exatamente onde estava.

— Pop, você se encarrega da torre. Sierra Um, diga a Jean-Luc que estou...

NO QG DE AL SHARGAZ

Gavallan já estava ligando para Bahrein e no alto-falante a voz de Rudi continuou a falar demonstrando urgência: — ...eu estou na extremidade noroeste da praia de Abu Sabh, a leste... — houve um ruído de estática e depois silêncio.

Gavallan falou no telefone: — Gulf Air de France? Jean-Luc, por favor. Jean-Luc, Andy. Rudi e Pop estão... Espere... — A voz de Kelly soou alto: — Sierra Um, eu estou descendo atrás de Delta Um, ele está sem motor...

— Aqui é Teerã, quem está sem motor e onde? Quem está chamando por este canal? Aqui é Teerã, quem está...

NA COSTA DE BAHREIN

A praia tinha uma areia branca e boa, mas estava quase vazia naquele momento, havia muitos barcos a vela e outras embarcações de passeio no mar, vários praticantes de windsurf aproveitando o dia ameno e a brisa agradável. Mais acima ficava o Hotel Starbreak, todo branco, com palmeiras, jardins e barracas coloridas espalhadas pelos terraços e pela praia. O 212 de Rudi saiu da neblina rapidamente, com os rotores girando, os motores tossindo e sem funcionar mais.

A sua linha de descida dava-lhe poucas opções, mas ele estava contente por ser uma descida em terra firme e não no mar. A praia crescia em direção a eles e ele escolheu o local de pouso perto de uma barraca vazia, perto da estrada. Ele estava a favor do vento agora e muito perto, estabilizou o aparelho depois puxou o comando geral, alterando o grau de inclinação das lâminas para se segurar um pouco e suavizar o impacto e deslizou para frente na superfície irregular, inclinou um pouquinho o aparelho e parou.

— Minha nossa... disse Faganwitch, respirando de novo, com o coração batendo de novo, com o esfíncter contraído.

Rudi começou a manobra de pouso, tonto com o silêncio, com as mãos e os joelhos tremendo. Na praia, os banhistas e as pessoas que estavam nos terraços tinham se levantado e estavam olhando para eles. Então Faganwitch abriu a boca de espanto, assustando-o. Ele se virou e também abriu a boca.

Ela usava óculos escuros e quase nada mais debaixo da barraca solitária, sem a parte de cima do biquíni, e praticamente sem a parte de baixo, e estava apoiada no cotovelo olhando para eles. Sem se apressar, ela se levantou e vestiu a parte de cima do biquíni.

— Jesus Cristo... — Faganwitch estava sem fala. Rudi acenou e gritou com a voz rouca: — Sinto muito, fiquei sem gasolina.

Ela riu, então Kelly apareceu e estragou tudo e os dois praguejaram contra ele, enquanto o vento dos seus rotores batia na barraca e nos cabelos compridos dela, fazendo voar a toalha e espalhando areia. Kelly também a viu e, gentilmente, recuou para mais perto da estrada e, tão distraído quanto os outros, pousou.

NO AEROPORTO INTERNACIONAL DE BAHREIN: 11:13H.

Jean-Luc e o mecânico Rod Rodrigues saíram correndo do edifício e atravessaram a rua em direção a um pequeno caminhão de abastecimento com a marca GAdeF — Gulf Air de France — que tinham conseguido emprestado. O aeroporto estava movimentado, terminal moderno e os suntuosos prédios em volta todos pintados de branco. Havia muitos jatos de várias nacionalidades carregando ou descarregando, e um jumbo da JAL tinha acabado de pousar.

— On y va, vamos — disse Jean-Luc.

— É claro, Sayyid. — O motorista aumentou o volume do interfone e ligou o motor, engrenou e saiu.

Ele era um jovem palestino cristão, usando óculos escuros e o macacão da companhia. — Para onde nós vamos?

— Você conhece a praia de Abu Sabh?

— Oh, sim, Sayyid.

— Dois dos nossos helicópteros pousaram lá, sem combustível. Vamos!

— Já estamos quase lá! — O motorista mudou de marcha e aumentou a velocidade. Eles ouviram pelo alto-falante do interfone:

— Alfa Quatro? — Ele apanhou o microfone e continuou a guiar exuberantemente com uma das mãos.

— Aqui é Alfa Quatro.

— Chame o capitão Sessonne.

Jean-Luc reconheceu a voz de Matias Delarne, o gerente da Gulf Air de France em Bahrein, um velho amigo dos tempos da Força Aérea Francesa e da Argélia.

— Aqui é Jean-Luc, meu velho — ele disse em francês. Também em francês, Delarne disse rapidamente: — A torre me chamou para dizer que outro helicóptero acabou de entrar no sistema, no rumo que você está esperando. Dubois ou Petrofi, hein? A torre está chamando mas ainda não conseguiu fazer contato.

— Só um? — Jean-Luc ficou preocupado.

— Sim. Ele está se aproximando corretamente para pousar na pista 16. O problema que nós discutimos, hein?

— Sim. — Jean-Luc tinha contado ao amigo o que estava realmente acontecendo e o problema dos registros. — Matias, diga à torre que é o GHTTE e que está em trânsito — disse, fornecendo o terceiro dos quatro registros de chamada. — Depois ligue para Andy e diga a ele que vou mandar Rodrigues cuidar de Rudi e Kelly. Nós vamos tratar de Dubois ou Sandor, você e eu, onde nos encontramos?

— Meu Deus, Jean-Luc, depois disto nós vamos ter que entrar para a Legião Estrangeira. Encontre-me na frente do escritório.

Jean-Luc respondeu, e tornou a pendurar o microfone no gancho.

— Pare aqui! — O caminhão parou imediatamente. Rodrigues e Jean-Luc quase saíram pelo pára-brisa. — Rod, você sabe o que fazer. — Ele saltou. — Podem ir!

— Ouça, eu prefiro ir andando e... — O resto ele não ouviu, e saiu correndo de volta enquanto o caminhão arrancava cantando os pneus, passando pelo portão e pegando a estrada que levava à praia.

EM KOWISS, NA TORRE: 11:17H.

Em Lochart e Wazari estavam olhando o 206 de McIver subindo em direção às Montanhas Zagros.

— Kowiss, aqui é HCC — McIver estava dizendo pelo VHF — estou deixando o seu sistema agora.

Bom dia.

— HCC, Kowiss. Bom dia — disse Wazari. No alto-falante do HF, em farsi: — Bandar Delam, aqui é Teerã, já tiveram notícias de Kowiss?

— Negativo. Al Shargaz, aqui é Bandar Delam, está me ouvindo? — Estática, então a chamada foi repetida, e depois outra vez o silêncio.

Wazari enxugou o rosto.

— O senhor acha que o capitão Ayre já chegou ao local do encontro? — Ele perguntou, tentando desesperadamente agradar.

Não era difícil perceber que Lochart não gostava dele e nem confiava nele. — Hein?

Lochart apenas deu de ombros, pensando em Teerã e no que fazer. Ele tinha dito a McIver para mandar os dois mecânicos com Ayre: — Para o caso de eu ser apanhado, Mac, ou de Wazari ser descoberto ou nos trair.

— Não faça nenhuma besteira, Tom, como ir para Teerã no 212, com ou sem Wazari.

— Não havia nenhuma maneira de voltar para Teerã sem pôr em alerta todo o sistema e estragar o Turbilhão. Eu teria que reabastecer o aparelho e eles me apanhariam.

Existe alguma maneira? Ele perguntou a si mesmo, então viu Wazari observando-o.

— O que é?

— O capitão McIver vai lhe dar algum sinal ou chamar depois que tiver largado Kia? — Lochart não respondeu e Wazari disse humildemente: — Droga, o senhor não está vendo que é a minha única chance de dar o fora daqui?

Os dois homens se viraram, sentindo-se observados. Pavoud estava olhando para eles através do corrimão da escada.

— Então é isso! — Ele disse baixinho. — Seja como Deus quiser. Vocês foram apanhados na sua traição.

Lochart deu um passo em direção a ele.

— Eu não sei o que está incomodando você — começou, com a garganta apertada. — Não há nada...

— Vocês foram apanhados! Você e o Judas! Vocês estão todos fugindo, fugindo com os nossos helicópteros!

O rosto de Wazari se contorceu e ele disse entre dentes: — Judas, hein? Venha até aqui! Eu sei tudo sobre você e os seus amigos do Tudeh!

Pavoud ficou branco.

— Você não sabe o que está dizendo! Você é que foi apanhado, você é...

— Você é que é o Judas, seu maldito comunista! O cabo Ali Fedagi é meu companheiro de quarto e ele é o oficial na base e você é subordinado dele. Eu sei tudo sobre você. Ele tentou me fazer

entrar no Partido há meses. Venha até aqui! — E quando Pavoud hesitou, Wazari avisou: — Se você não vier, eu vou chamar o komiteh e entregar você, Fedagi, junto com Muhammad Berani e mais uma dúzia de outros e não dou a mínima... — Ele esticou a mão para apertar o transmissor do VHF, mas Pavoud exclamou: — Não — e subiu as escadas, parando, trêmulo, no patamar. Por um instante, nada aconteceu, então Wazari agarrou o homem apavorado e atirou-o num canto, e pegou uma chave inglesa para dar na cabeça do homem. Lochart impediu o golpe bem a tempo.

— Por que você está me impedindo, pelo amor de Deus? — Wazari estava tremendo de medo. — Ele vai nos trair.

— Não há necessidade... não há necessidade disso. — Lochart não conseguiu falar por um momento.

— Seja paciente. Ouça, Pavoud, se você ficar quieto, nós também ficaremos.

— Eu juro por Deus, é claro que vou...

— Você não pode confiar neste filho da mãe — disse Wazari.

— Eu não confio — respondeu Lochart. — Rápido, ponha tudo por escrito! Rápido! Todos os nomes que você conseguir se lembrar. Rápido, e faça três cópias! — Lochart enfiou uma caneta na mão do homem. Wazari hesitou, depois pegou um bloco e começou a escrever. Lochart se aproximou de Pavoud que se encolheu, implorando piedade. — Cale a boca e ouça, Pavoud, eu vou fazer um trato com você, se você não disser nada, nós não diremos nada.

— Por Deus, é claro que eu não vou dizer nada, aga, eu não tenho servido fielmente a companhia, fielmente, por todos estes anos, eu não...

— Mentiroso — disse Wazari, depois acrescentou, dando um choque em Lochart: — Eu ouvi você e os outros mentindo e fazendo piadas com Manuela Starke, espiando-a de noite.

— Mentira, tudo mentira...

— Cale a boca, seu filho da mãe! — disse Wazari.

Pavoud obedeceu, paralisado com ódio do outro, e se encolheu no seu canto.

Lochart tirou os olhos do homem encolhido e apanhou uma das listas, colocando-a no bolso.

— Você fique com uma, sargento. Olhe aqui — disse para Pavoud, enfiando uma na cara dele. O homem tentou recuar, não conseguiu, e quando a lista foi-lhe enfiada na mão, ele gemeu e jogou-a no chão como se estivesse pegando fogo. — Se nós formos parados, eu juro por Deus que isto vai para as mãos do primeiro Faixa Verde que aparecer, e não se esqueça de que nós dois falamos farsi e que eu conheço Hussein! Entendeu? — Pavoud balançou a cabeça humildemente. Lochart inclinou-se e apanhou a lista, enfiando-a no bolso do homem. — Sente-se ali! — Ele apontou para uma cadeira num canto, depois enxugou o suor das mãos e ligou o VHF, apanhando o microfone.

— Kowiss chamando os helicópteros que estão vindo de Bandar Delam, estão me ouvindo? — Lochart esperou, depois repetiu o chamado. Depois disse: — Torre, aqui é a base, está me ouvindo?

Depois de uma pausa, ouviu-se uma voz cansada, com sotaque carregado: — Sim, estamos ouvindo.

— Nós estamos esperando quatro helicópteros que vêm de Bandar Delam e que estão equipados apenas com VHF. Eu vou decolar para tentar me comunicar com eles. Estaremos fora do ar até eu voltar, certo?

— Certo.

Lochart desligou. Do HF veio: — Kowiss, aqui é Teerã, está me ouvindo? Lochart perguntou: — E quanto a ele? — Os dois olharam para Pavoud, quase se encolheu na cadeira.

A dor que Wazari estava sentindo atrás dos olhos era a pior que já havia sentido. Eu vou ter que matar Pavoud, esta é a única maneira de provar a Lochart que estou do lado dele.

— Eu trato dele — disse e se levantou.

— Não — atalhou Lochart. — Pavoud, você vai tirar o resto do dia de folga. Você vai descer as escadas, dizer aos outros que está doente e vai para casa. Não vai dizer mais nada e vai sair imediatamente. Nós podemos vê-lo e ouvi-lo daqui. Se você nos trair, por Deus, você e todos os homens desta lista serão traídos também.

— O senhor jura... que... o senhor jura que não vai contar a ninguém?

— Saia e vá para casa! E é a sua cabeça que está em perigo, não a nossa! Ande, saia logo! — Eles ficaram olhando o homem sair cambaleando. E quando o viram pedalando a sua bicicleta pela estrada em direção à cidade, sentiram-se um pouco melhor.

— Nós deveríamos tê-lo matado, capitão. Eu o teria feito.

— Deste jeito é tão seguro quanto... e, bem, matá-lo não resolveria nada. — Nem me ajudaria com Xarazade, pensou.

Mais uma vez no HF: — Kowiss, aqui é Bandar Delam, está me ouvindo?

— Não é seguro deixar estes filhos da mãe transmitindo, capitão. A torre vai ouvi-los, por mais ineficientes e destreinados que sejam.

Lochart se concentrou no problema.

— Sargento, fale pelo HF um instante, finja ser um mecânico de rádio que está uma fera por terem estragado o seu feriado. Diga-lhes em farsi para calarem a boca, para ficarem fora do nosso canal até que esteja consertado, diga que o maluco do Lochart decolou para se comunicar com quatro helicópteros pelo VHF, que talvez um deles tenha tido uma emergência e os outros ainda estejam no chão com ele. Certo?

— Entendido! — Wazari fez tudo com perfeição. Depois que desligou, segurou a cabeça com as mãos por um momento, cego de dor. Então olhou para Lochart. — O senhor agora confia em mim?

— Sim.

— Eu posso ir com o senhor? Mesmo?

— Sim. — Lochart estendeu a mão. — Obrigado pela ajuda. — Ele tirou fora o cristal da frequência do HF da companhia, arrebitou e tornou a colocá-lo, depois tirou fora o disjuntor do VHF e guardou-o no bolso. — Vamos.

No escritório, lá embaixo, ele parou um momento.

— Eu vou voar — disse aos três empregados que o olharam estranhamente. — Vou tentar me comunicar com os helicópteros de Bandar no VHF — Os três homens não disseram nada, mas Lochart sentiu que ele também estavam a par do segredo. Então ele se virou para Wazari. Vejo-o amanhã, sargento.

— Espero que o senhor não precise de mim. Minha cabeça está doendo horrivelmente.

— Vejo-o amanhã. — Lochart andou pelo escritório, consciente da atenção dos outros, para dar tempo a Wazari de sair, rodear o hangar e se esconder no helicóptero. — Quando você sair do escritório estará por sua conta — Lochart tinha dito a ele — eu não vou checar a cabine, vou simplesmente decolar.

— Que Deus nos ajude a todos, capitão.

NO AEROPORTO DE BAHREIN: 11:28H.

Jean-Luc e Matias Delarne estavam em pé ao lado de uma caminhonete, perto da pista, observando a chegada do 212, protegendo os olhos contra o sol, ainda incapazes de reconhecer o piloto. Matias era um homem baixo e forte, com cabelos escuros e ondulados com metade do rosto marcado por cicatrizes de queimaduras que sofrerá na Argélia.

— É Dubois — ele disse.

— Não, é Sandor. — Jean-Luc acenou, fazendo sinal para ele pousar contra o vento. Assim que os esquis tocaram o solo, Matias correu sob os rotores em direção à porta esquerda da cabine, sem prestar atenção ao que Sandor estava gritando para ele. Ele carregava um pincel e uma lata de tinta de pintar aviões e passou a tinta por cima das letras do registro iraniano logo abaixo da janela. Jean-Luc usou o estêncil que tinha preparado, tinta preta e pincel, depois tirou cuidadosamente o estêncil.

Agora o helicóptero era G-HXXI e legal.

Enquanto isso, Matias fora até a cauda e retirara o CHI. Sandor mal teve tempo de tirar o braço do caminho enquanto Jean-Luc pintava entusiasmadamente o segundo G-HXXI.

— Voilà! — Jean-Luc devolveu o material a Matias, que foi até a caminhonete e guardou-o debaixo de uma lona enquanto Jean-Luc apertava a mão de Sandor Petrofi e lhe contava sobre Rudi e Kelly e perguntava sobre Dubois.

— Não sei, meu velho — disse Sandor. — Depois da confusão — ele explicou sobre o quase acidente —, Rudi mandou que continuássemos cada um por si. Eu não tornei mais a vê-los. Eu fiz o possível para poupar gasolina, fiquei pertinho das ondas e rezei. Há

quase dez minutos que estou no vazio, com as luzes vermelhas acesas. E quanto aos outros?

— Rudi e Kelly pousaram na praia de Abu Sabh. Rod Rodrigues está cuidando deles. Nada ainda sobre Scrag, Willi e Vossi, mas Mac ainda está em Kowiss.

— Jesus!

— Oui, junto com Freddy e Tom Lochart, pelo menos estavam lá há dez ou quinze minutos atrás. — Jean-Luc virou-se para Matias que se juntou a eles. — Você está sintonizado com a torre?

— Sim, não há problemas.

— Matias Delarne, Sandor Petrofi, Johnson, nosso mecânico^ Eles se cumprimentaram e trocaram um aperto de mão.

— Como foi a viagem... merde, é melhor não me contar — Matias acrescentou, depois que viu o carro se aproximando. — Encrenca — avisou.

— Fique na cabine de comando, Sandor — ordenou Jean-Luc. — Johnson, volte para a cabine.

O carro estava marcado OFICIAL e parou a uns vinte metros do 212. Dois bahranis saltaram, um capitão uniformizado da Imigração e um oficial da torre, o último usando uma longa veste branca e turbante, preso com um cordão preto. Matias foi até eles.

— Bom dia, Sayyid Yusuf, Sayyid Bin Ahmed. Este é o capitão Sessonne.

— Bom dia — ambos responderam educadamente e continuaram a observar o 212. — E o piloto?

— Capitão Petrofi. Sr. Johnson, um mecânico, está na cabine. — Jean-Luc sentiu-se mal. O sol estava realçando a pintura nova, mas não a velha, e o final do /tinha um resto de preto em cada ponta.

Ele esperou pela pergunta inevitável: — Qual foi o seu ponto de partida? — E então a sua resposta despreocupada: — Basra, Iraque — como o lugar menos impossível. Mas seria tão simples checar a informação, e nem seria preciso checar, bastava passar o dedo na pintura nova para encontrar as letras que estavam por baixo. Matias estava igualmente nervoso. É fácil para Jean-Luc, pensou, ele não mora aqui, não tem que trabalhar aqui.

— Quanto tempo o G-HXXI vai ficar aqui, capitão? — O oficial da Imigração perguntou. Ele era um homem de cara raspada e olhos tristes.

Jean-Luc e Matias gemeram por dentro pela ênfase com que ele pronunciou as letras.

— Ele deve partir para Al Shargaz imediatamente, Sayyid — disse Matias —, para Al Shargaz, imediatamente, assim que tiver reabastecido. E também os outros que, ahn, ficaram sem gasolina.

Bin Ahmed, o oficial da torre, suspirou.

— É muita falta de planejamento ficar sem gasolina. Eu me pergunto o que aconteceu com os trinta minutos legais de reserva.

— O, ahn, o vento de proa, eu acho, Sayyid.

— Está muito forte hoje, é verdade. — Bin Ahmed olhou na direção do golfo, visibilidade de cerca de um quilômetro. — Um 212 aqui, dois na nossa praia, e o quarto... O quarto lá fora. — Ele tornou a olhar para Jean-Luc. — Talvez ele tenha voltado ao... ao ponto de partida.

Jean-Luc deu um sorriso amável.

— Eu não sei, Sayyid Bin Ahmed — respondeu cuidadosamente, querendo acabar com aquele jogo de gato e rato, querendo reabastecer e proceder a uma busca de meia hora.

Mais uma vez os dois homens olharam para o helicóptero. Agora o rotor tinha parado. As lâminas vibravam no vento. Aparentando naturalidade, Bin Ahmed tirou um telex do bolso.

— Nós acabamos de receber isto de Teerã, Matias, sobre alguns helicópteros que estão desaparecidos — disse gentilmente. — Do controle de tráfego aéreo de Teerã. Ele diz: "Por favor esteja atento a alguns dos nossos helicópteros que foram exportados ilegalmente de Bandar Delam. É favor apreendê-los, prender os que estiverem a bordo, informar a nossa embaixada mais próxima que providenciará a deportação imediata dos criminosos e o repatriamento do nosso equipamento." — Ele tornou a sorrir e entregou-lhe o telex. — Curioso, não?

— Muito — disse Matias. Ele leu o telex, olhou-o com um olhar parado, e depois devolveu-o a Bin Ahmed.

— Capitão Sessonne, o senhor já esteve no Irã?

— Sim, sim, já.

— Terrível, todas aquelas mortes, toda a inquietação, toda a matança. Muçulmanos matando muçulmanos. A Pérsia sempre foi diferente, sempre causou problemas para os outros que vivem no golfo. Chamando o nosso golfo de golfo Pérsico, como se nós, deste lado, não existíssemos — Bin Ahmed falou com naturalidade. — O xá não chegou até a declarar que a nossa ilha era iraniana só porque há três séculos atrás os persas nos conquistaram por alguns anos, nós que sempre fomos independentes?

— Sim, mas ele, ahn, abriu mão deste direito.

— Ah, sim, sim, isto é verdade, e ocupou as ilhas cheias de petróleo de Tums e Abu Musa. Os governantes da Pérsia são muito dominadores, muito estranhos, sejam quem forem, venham de onde vierem. É um sacrilégio colocar mulás e aiatolás entre o homem e Deus, não?

— Eles, ahn, eles têm a sua filosofia de vida — disse Jean-Luc — assim como os outros povos.

Bin Ahmed olhou para a mala da caminhonete. Jean-Luc viu a ponta do cabo do pincel saindo de debaixo da lona.

— Tempos perigosos esses que estamos vivendo aqui no golfo. Muito perigosos. Os soviéticos ateus cada dia mais próximos, vindos do norte, mais marxistas ateus ao sul, no Iêmen, armando-se a cada dia que passa, todos de olhos em nós e na nossa riqueza, e no Islã. Só o Islã se coloca entre eles e o domínio do mundo.

Matias teve vontade de dizer: E quanto à França e, é claro, à América? Mas em vez disso, ele disse: — O Islã nunca fracassará. Nem os Estados do golfo, se estiverem vigilantes.

— Concordo, se Deus ajudar. — Bin Ahmed sorriu para Jean-Luc.

— Aqui na nossa ilha nós temos que estar muito vigilantes contra todos os que desejam nos causar problemas. Não?

Jean-Luc concordou com a cabeça. Ele estava achando difícil não olhar para o telex na mão do homem; se Bahrein tinha recebido um, o mesmo deveria ter sido passado para todas as torres deste lado do golfo.

— Com a ajuda de Deus, nós venceremos.

O oficial da Imigração balançou a cabeça amavelmente.

— Capitão, eu gostaria de ver os documentos do piloto e os do mecânico. E falar com eles, por favor.

— É claro, imediatamente — Jean-Luc foi até Sandor.

— Teerã passou um telex para eles estarem atentos a helicópteros com registros iranianos — murmurou apressadamente e Sandor ficou pálido.

— Não é preciso entrar em pânico, *mon vieux*, apenas mostre o seu passaporte para o funcionário da Imigração, não forneça nenhuma informação, você também, Johnson, e não se esqueçam de que vocês são G-HXXI, vindos de Basra.

— Mas, Jesus — Sandor gemeu — nós teríamos que ter carimbos de Basra, Iraque, e eu tenho carimbos iranianos em quase toda página.

— Você esteve no Irã, e daí? Comece a rezar, *mon brave*, vamos. O funcionário da Imigração pegou o passaporte americano. Estudou minuciosamente a fotografia, comparou-a com Sandor que tirou os óculos escuros, depois devolveu-o sem folheá-lo.

— Obrigado — ele disse e aceitou o passaporte britânico de Johnson. Mais uma vez o olhar atento só para a fotografia. Bin Ahmed deu um passo em direção ao helicóptero, Johnson tinha deixado a porta da cabine aberta.

— O que há a bordo?

— Peças de reposição — Sandor, Johnson e Jean-Luc disseram ao mesmo tempo.

— Vocês terão que passar pela alfândega. Matias disse educadamente: — Na verdade ele está *em trânsito*, Sayyid Yusuf, e vai partir assim que reabastecer. Talvez fosse possível permitir que ele assinasse o formulário de trânsito, desde que ele não descarregue nada e não carregue nem armas, nem drogas nem munição. — Ele hesitou. — Eu posso garantir isto, se for de algum valor.

— A sua presença é sempre valiosa, Sayyid Matias — disse Yusuf. Estava quente na pista e cheio de poeira, e ele espirrou, pegou um lenço e assoou o nariz, depois dirigiu-se a Bin Ahmed, que ainda estava com o passaporte de Johnson na mão. — Suponho que para

um avião britânico em trânsito isto seria correto, mesmo para os outros dois que estão na praia, não?

O homem da torre virou as costas para o helicóptero.

— Por que não? Quando os outros dois chegarem, nós os poremos aqui, Sayyid capitão Sessonne. O senhor traz o caminhão-tanque até aqui e nós autorizamos que eles partam para Al Shargaz assim que estiverem com os tanques cheios. — Mais uma vez ele olhou em direção ao mar e os seus olhos escuros mostraram a sua preocupação. — E o quarto, quando vai chegar? Presumo que também tenha um registro britânico.

— Sim, sim, tem — respondeu Jean-Luc, dando-lhe o novo registro, — Com... com sua permissão, os três voarão por meia hora, procurando o outro, e depois irão para Al Shargaz. — Vale a pena tentar, pensou, cumprimentando os dois homens com charme gaulês quando eles se afastaram, ainda sem acreditar no milagre daquela trégua temporária.

Ou eles estavam cegos ou não quiseram ver. Eu não sei, não sei, mas agradeço a Nossa Senhora por nos proteger mais uma vez.

— Jean-Luc, é melhor você telefonar para Gavallan e contar-lhe sobre o telex — disse Matias.

PERTO DA COSTA DE AL SHARGAZ

Scragger e Benson estavam de olho nos mostradores de óleo e pressão do motor número um. As luzes de alerta estavam acesas, o marcador de temperatura no máximo, em cima do vermelho, a pressão do óleo caindo, quase a zero. Agora eles voavam a duzentos metros, com tempo bom mas nublado, já tendo passado pela fronteira, com Siri e Abu Musa atrás deles e Al Shargaz bem à frente. A torre estava três por cinco nos seus fones, dirigindo o tráfego.

— Eu vou desligá-lo, Benson.

— Sim, é melhor não arriscar.

O barulho diminuiu e o helicóptero desceu trinta metros mas, quando Scragger aumentou a força do motor número dois e fez as

correções necessárias, ele manteve a altitude. Ainda assim, os dois homens estavam inquietos.

— Não há nenhum motivo para isso, Scrag. Eu mesmo chequei os motores há poucos dias. Como estamos indo?

— Muito bem. Já estamos perto. Benson estava muito preocupado.

— Há algum lugar em que pudéssemos descer numa emergência? Bancos de areia? Uma plataforma?

— Claro, claro que sim. Uma porção. — Scragger mentiu, atentando para o perigo com olhos e ouvidos, mas não percebendo nenhum. — Você está ouvindo alguma coisa?

— Não, não... nada. Maldição, eu estou ouvindo cada virada do motor.

— Eu também. — Scragger riu. — Nós não deveríamos chamar Al Shargaz?

— Temos tempo de sobra para isto, meu filho. Eu estou esperando por Vossi ou Willi. — Eles continuaram voando e cada pequena turbulência ou mudança no barulho do motor, ou tremor de um ponteiro, aumentava-lhes a preocupação.

— Quanto tempo falta ainda, Scrag? — Benson adorava motores mas detestava voar, especialmente em helicópteros. Sua camisa estava molhada de suor.

Então eles ouviram a voz de Willi: — Al Shargaz, aqui é EP-HBB se aproximando junto com EP-HGF a duzentos, curso 140 graus. ETA 12 minutos — e Scragger gemeu e prendeu a respiração, pois Willi tinha automaticamente fornecido os registros iranianos completos, quando eles tinham concordado em ver se poderiam dar apenas as últimas letras. A voz do controlador, falando em inglês, chegou até eles alta e clara: — Helicóptero chamando Al Shargaz, sabemos que vocês estão em trânsito, se aproximando em 140 e, ahn, a sua transmissão não estava boa. Por favor confirme se vocês são, ahn, G-HYYR e G-HFEE.

Repito: Golf-Hotel-Yankee-Yankee-Romeu e Golf-Hotel-Foxtrot-Echo-Echo.

Cheio de excitação, Scragger deu um grito de alegria.

— Eles estão nos esperando!

A voz de Willi estava hesitante e a temperatura de Scragger subiu vinte pontos: — Al Shargaz, aqui é... G-HY... YR.— então Vossi interrompeu excitadamente: — Al Shargaz, aqui é Golf-Hotel-Foxtrot-Echo-Echo e Golf-Hotel-Yankee-Yankee-Romeu, ouvindo alto e claro; estaremos com vocês dentro de dez minutos e pedimos autorização para aterrissar na pista norte, por favor informe à S-G.

— Certamente, G-HFEE — disse o controlador e Scragger percebeu claramente o alívio do homem — podem descer na pista norte e por favor chamem a S-G em 117.7. Bem-vindos! Bem-vindos a Al Shargaz, mantenham curso e altitude.

— Sim senhor! Sim senhooooor, 117.7 — disse Vossi. Imediatamente, Scragger mudou para o mesmo canal e mais uma vez ouviu a voz de Vossi: — Sierra Um, aqui é HFEE e HYYR, está me ouvindo?

— Alto e maravilhosamente claro. Sejam todos bem-vindos. Mas onde está Golf-Hotel-Sierra-Vitor-Tango?

NO ESCRITÓRIO DE AL SHARGAZ

— Ele está atrás de nós, Sierra Um — estava dizendo Vossi.

Gavallan, Scot, Nogger e Starke estavam ouvindo pelo alto-falante do VHF na frequência da companhia, com a frequência da torre também sintonizada, todos muito conscientes de que qualquer transmissão poderia ser ouvida, especialmente o HF deles, por Siamaki em Teerã e Numir em Bandar Delam.

— Ele está alguns minutos atrás de nós, ele, ahn, ele mandou que viéssemos separados. — Vossi estava sendo propositalmente cuidadoso. — Nós, ahn, nós não sabemos o que aconteceu. — Então Scragger entrou na linha e eles todos sentiram a alegria na sua voz: — Aqui é G-HSVT na sua cauda, portanto saiam da frente...

Os gritos de alegria ecoaram pela sala, Gavallan enxugou a testa e murmurou: — Graças a Deus — doente de alívio, depois fez um sinal para Nogger: — Vá andando, Nogger!

Alegremente, o rapaz saiu e quase derrubou Manuela que, com o rosto preocupado, estava chegando na sala com uma bandeja de

bebidas geladas.

— Scrag, Willi e Ed estão chegando — gritou no meio da corrida.

— Oh, que maravilha! — Ela disse e correu para a sala. — não é... — Ela parou. Scragger estava dizendo: — ...estou só com um motor, portanto solicito uma aterrissagem direta, e é melhor providenciarem um carro de bombeiros, só por precaução.

Willi disse imediatamente: — Ed, faça um 180 e junte-se a Scrag, ajude-o a pousar. Como você está de gasolina?

— Tenho bastante. Já estou indo.

— Scrag, aqui é Willi. Eu vou providenciar o pedido de pouso direto. Como você está de gasolina?

— Tenho bastante. HSVT, hein? Isto é muito melhor do que HASVD! Eles ouviram a gargalhada dele e Manuela sentiu-se melhor.

Para ela a tensão daquela manhã, tentando controlar os seus temores, tinha sido terrível, ouvindo as vozes tão distantes e no entanto tão próximas, todas elas pertencentes a pessoas que ela gostava ou amava ou odiava — as do inimigo: — É isso que eles são — ela dissera furiosa, há poucos minutos atrás, quase chorando porque o seu amigo Marc Dubois e o velho Fowler tinham desaparecido, desaparecido e oh, meu Deus, podia ter sido Conroe e pode haver outros: — Jahan é inimigo! Siamaki, Numir todos eles são, todos eles. — Então Gavallan dissera gentilmente: — Não, Manuela, eles não são inimigos, não de verdade, estão só fazendo o seu trabalho... — Mas isso apenas enfurecera-a ainda mais, somando-se à sua preocupação pelo fato de Starke estar ali e não na cama do hospital, tendo sido operado apenas na noite passada, e ela tinha explodido: — Isso é só um jogo para vocês, Turbilhão é só um maldito jogo para todos vocês! Vocês são um bando de garotos metidos a heróis e... e... — Então ela tinha corrido para fora da sala, ido para o banheiro e chorado. Quando a crise passou, ela deu um carão em si mesma por ter perdido o controle, lembrando que os homens eram estúpidos e infantis e que nunca mudariam. Então assoou o nariz, refez a maquilagem, arrumou o cabelo e foi apanhar as bebidas.

Manuela pousou a bandeja sem fazer barulho. Ninguém a notou.

Starke estava no telefone falando com o controle de terra, explicando quais as providências necessárias. Scot estava no VHF: — Nós vamos cuidar de tudo, Scrag — disse Scot.

— Sierra Um, como vão as coisas? — Scragger perguntou. — Os seus Deltas e Kilos?

Scot olhou para Gavallan. Gavallan inclinou-se para a frente e disse com voz neutra: — Delta Três vai bem, Kilo Dois... Kilo Dois ainda está no mesmo lugar, mais ou menos.

Silêncio no alto-falante. Na frequência da torre eles ouviram o controlador inglês autorizando alguns pousos. Um pouco de estática. A voz de Scragger estava diferente agora.

— Confirme Delta Três.

— Confirmo Delta Três — disse Gavallan, ainda em estado de choque com as notícias sobre Dubois e o telex de Bahrein que Jean-Luc tinha dado pelo telefone há poucos minutos atrás, esperando uma explosão iminente da sua própria torre e do Kuwait. Para Jean-Luc ele tinha dito: — Resgate aéreo no mar? É melhor chamarmos um Mayday.

— Nós vamos fazer o resgate, Andy. Não há mais ninguém. Sandor já saiu para procurar. Assim que Rudi e Pop tenham reabastecido, eles também irão — eu planejei um esquema de busca para eles — depois eles irão diretamente para Al Shargaz como Sandor. Nós não podemos ficar por aqui, mon Dieu, você não pode imaginar como estivemos perto do desastre. Se ele estiver flutuando nós o acharemos. Há dezenas de bancos de areia para se pousar — Isso não vai diminuir o alcance de voo deles, Jean-Luc?

— Eles estarão bem, Andy. Marc não pediu um Mayday, então deve ter sido uma coisa repentina ou talvez o rádio dele tenha falhado ou mais provavelmente ele pousou em algum lugar. Há uma dúzia de possibilidades, ele pode ter pousado numa plataforma para reabastecer, se tiver pousado no mar, pode ter sido resgatado. Há várias alternativas, não se esqueça da ordem para manter silêncio no rádio. Não se preocupe, mon cher ami — Estou muito preocupado.

— Alguma coisa sobre os outros?

— Ainda não...

Ainda não, ele pensou de novo e sentiu um arrepio.

— Quem é Delta Quatro? — Era Willi perguntando.

— O nosso amigo francês e Fowler — Gavallan disse naturalmente, sem saber quem poderia estar ouvindo. — Contarei tudo quando vocês pousarem.

— Entendido. — Estática, e depois — Ed, como você vai indo?

— Muito bem, Willi. Subindo para trezentos e indo bem. Ei, Scrag, qual é o seu rumo e a sua altitude?

— 142, duzentos, e se você abrir os olhos e olhar para duas horas vai me ver porque eu estou vendo você.

Silêncio por um momento.

— Scrag, você fez isso de novo!

Gavallan se levantou para se esticar e viu Manuela.

— Olá, minha querida! Ela sorriu, meio insegura.

— Tome — ela disse, oferecendo-lhe uma garrafa — você tem direito a uma cerveja e eu sinto muito.

— Nada de desculpas, nenhuma. Você teve razão. — Ele a abraçou e bebeu, agradecido. — Oh, isto está bom, obrigado, Manuela.

— E quanto a mim, querida? — disse Starke.

— A única coisa que você vai conseguir de mim, Conroe Starke, é água e um puxão de orelha. — Ela abriu a garrafa de água mineral e entregou a ele, mas seus olhos estavam sorrindo e ela o acariciou de leve, amorosamente.

— Obrigado, querida — ele disse, sentindo-se muito aliviado por ela estar aqui, em segurança, assim como os outros, embora Dubois e Fowler ainda fossem uma interrogação e ainda faltassem muitos outros. Seu ombro e seu peito estavam doendo muito e ele estava ficando cada vez mais enjoado, com a cabeça latejando. O doutor Nutt tinha-lhe dado um analgésico e dissera a ele que faria efeito durante umas duas horas: — Isto vai segurá-lo até meio-dia, Duke, talvez menos. É melhor você bancar a Cinderela do meio-dia ou se sentirá muito mal... poderá ter até uma hemorragia. — Ele olhou para o relógio: 12:04h.

— Conroe, querido, você não quer voltar para a cama, por favor? O olhar dele mudou.

— Que tal em quatro minutos? — Ele disse baixinho.

Ela enrubesceu com o olhar que ele lhe lançou, depois riu e enfiou-lhe as unhas de leve no pescoço, como um gato.

— Sério, querido, você não acha...

— Eu estou falando sério.

A porta se abriu e o dr. Nutt entrou.

— Para a cama, Duke, diga boa noite como um bom menino.

— Oi, doutor — obedientemente, Starke começou a levantar-se, mas não conseguiu da primeira vez, recuperou-se e ficou ereto, praguejando por dentro. — Scot, nós temos um walkie-talkie ou um rádio portátil com as frequências da torre?

— Sim, é claro que sim. — Scot abriu uma gaveta e entregou-lhe o pequeno aparelho. — Nós manteremos contato com você. Você tem um telefone ao lado da cama?

— Sim. Vejo-a mais tarde, querida, não, eu estou bem, você fica para ajudar se for preciso falar farsi. Obrigado — então ele olhou pela janela. — Ei, olhem lá!

Por um instante eles esqueceram todas as preocupações. O Concorde Londres—Bahrein estava taxiando na pista, preparando-se para decolar. Velocidade de cruzeiro, dois mil e quatrocentos quilômetros por hora a 23 mil metros, sete mil quilômetros de distância em três horas e vinte minutos.

— Este deve ser o pássaro mais lindo que existe — disse Starke ao sair.

— Eu adoraria viajar nele ao menos uma vez na vida — suspirou Manuela.

— É a única maneira de se viajar — Scot disse secamente. — Ouvi dizer que vão suspender este voo no ano que vem. — Ele estava atento, controlando Willi, Scragger e Vossi, até agora nenhum problema com eles. Do seu lugar, ele podia ver o caminhão com Nogger, mecânicos, tinta e estêncis dirigindo-se para a pista de helicópteros, onde já havia um carro de bombeiros parado.

— São uns imbecis — disse Gavallan, falando para disfarçar a sua crescente ansiedade, vigiando com os olhos os aviões que chegavam. — O maldito governo não sabe distinguir entre o seu rabo e um buraco no chão, e os franceses a mesma coisa. Eles

deviam cancelar os custos de pesquisa e desenvolvimento. Aliás, eles na realidade já não existem, então o Concorde seria um negócio perfeitamente viável para certas finalidades e de um valor inestimável. Los Angeles, Japão, Austrália, Buenos Aires, seria perfeito... Alguém está vendo os nossos pássaros?

— A torre está em melhor posição, papai. — Scot sintonizou na frequência da torre. — Concorde 001, você é o próximo a decolar. Bon voyage — estava dizendo o controlador. — Quando estiver no ar, chame Bagdá em 119.9.

— Obrigado, 119.9. — O Concorde moveu-se orgulhosamente, consciente de que todos os olhos estavam voltados para ele.

— Francamente, vale a pena olhar para ele.

— Torre, aqui é Concorde 001. Para que o carro de bombeiros?

— Temos três helicópteros descendo na pista norte, um deles está só com um motor...

NA TORRE DE CONTROLE

— ...você gostaria que os desviássemos até o final da decolagem?

— perguntou o controlador. Seu nome era Sinclair e ele era inglês, ex-oficial da RAF, como muitos dos controladores em ação no golfo.

— Não, não, obrigado, foi só curiosidade.

Sinclair era um homem baixo, forte, careca e estava sentado numa cadeira giratória atrás de uma escrivaninha baixa, com uma vista panorâmica. Trazia um binóculo pendurado no pescoço. Ele colocou o binóculo e focalizou-o. Agora podia ver os três helicópteros numa formação em V. Mais cedo ele tinha localizado o que estava com o motor quebrado na ponta do V — ele sabia que era Scragger, mas fingiu que não sabia. Em volta dele, na torre, havia uma abundância de radares de primeira qualidade, equipamentos de comunicação, telex, três estagiários e um controlador originários de Al Shargaz. O controlador estava concentrado na tela do seu radar, posicionando os outros seis aviões que se encontravam dentro do sistema.

Sem perder de vista os helicópteros, Sinclair ligou o transmissor:
— HSVT, aqui é a torre, como vai indo?

— Torre, HSVT. — A voz de Scragger era clara e precisa. —
Nenhum problema. Tudo no Verde.

Estou vendo o Concorde se aproximando para decolar. Você quer
que eu espere ou vá mais depressa?

— HSVT, continue a sua aproximação em segurança máxima.
Concorde, posicione-se e espere. — Sinclair chamou um dos
estagiários do controle de terra: — Mohammed, assim que o
helicóptero pousar, você se encarrega dele, certo?

— Sim, Sayyid.

— Você está em contato com o carro de bombeiros?

— Não, Sayyid.

— Então faça isso depressa! É responsabilidade sua. — O rapaz
começou a se desculpar. — Não se preocupe, você cometeu um erro,
só isto, agora ande logo!

Sinclair ajustou melhor o foco. Scragger estava a vinte metros do
solo, numa aproximação perfeita.

— Mohammed, diga ao motorista do carro de bombeiros para
andar logo. Vamos, pelo amor de Deus, aqueles idiotas deveriam
estar com a mangueira de espuma preparada.

Ele ouviu o jovem controlador xingar os bombeiros, depois viu-os
sair do carro e preparar a mangueira. Mais uma vez ele focalizou o
binóculo no Concorde que estava esperando pacientemente,
alinhado no centro da pista, pronto para decolar, sem correr nenhum
risco, mesmo que os três helicópteros explodissem ao mesmo
tempo. Reter o Concorde por trinta segundos por causa de uma
chance contra um milhão de que a turbulência causada pela
decolagem pudesse causar um pequeno turbilhão, prejudicando o
helicóptero avariado, era um preço bem pequeno. Turbilhão. Deus
do céu!

O boato de que a S-G ia tentar uma fuga ilegal do Irã vinha se
espalhando pelo aeroporto há dois dias. O seu binóculo foi do
Concorde para o helicóptero de Scragger. Os esquis tocaram o solo.
Os bombeiros se aproximaram. Não houve nenhum incêndio.

— Concorde 001, tem licença para decolar — ele disse calmamente. — HFEE e HYYR, podem pousar quando for conveniente. Pan Am 116, tem permissão para pousar, pista 32, vento de vinte nós em 160.

Atrás dele, o telex começou a transmitir. Ele parou um momento, observando o Concorde decolar, admirando a sua força e o seu ângulo de subida, depois tornou a se concentrar em Scragger, evitando deliberadamente prestar atenção nas figuras abaixadas sob os rotores com tinta e estênceis. Um outro homem, Nogger Lane, que seguindo as instruções de Gavallan tinha-lhe informado sobre o que iria acontecer — embora ele já soubesse há muito tempo — estava mandando embora o carro de bombeiros. Scragger estava vomitando de um lado e o outro homem, ele presumiu que fosse o segundo piloto, urinava abundantemente. Os outros dois helicópteros pousaram. Os pintores correram na direção deles. Que diabo eles estão fazendo agora?

— Ótimo — ele murmurou — nem fogo nem confusão.

— Sayyid Sinclair, acho que o senhor deveria ler este telex.

— O quê? — Distraidamente, ele olhou para o rapaz que estava tentando desajeitadamente usar o binóculo de reserva para olhar os helicópteros. Bastou um olhar para o telex. — Mohammed, você esta com o binóculo ao contrário.

— Sayyid? — O rapaz ficou perplexo.

Sinclair apanhou o binóculo, tirou-o do foco e devolveu-o ao contrário.

— Focalize-o nos helicópteros e diga-me o que está vendo. O rapaz levou alguns instantes para centrar a imagem.

— Eles estão tão longe que eu não consigo vê-los direito.

— Interessante. Sente-se aqui na minha cadeira por um momento. — Todo orgulhoso, o rapaz obedeceu. — Agora chame o Concorde e peça a posição dele.

Os outros estagiários ficaram cheios de inveja e esqueceram todo o resto. Os dedos de Mohammed tremiam de excitação ao segurarem o transmissor.

— Concorde, aqui... aqui é a torre de Bahrein. A sua posição, por favor.

— Torre, 001, passando de 12 mil para 22 mil, Mach 1.3 para Mach 2. Dois mil e quatrocentos quilômetros por hora, rumo 290, abandonando a sua área neste momento.

— Obrigado, Concorde, bom dia. Oh, chame Bagdá em 119.9, bom dia!

— Ele disse, radiante, e na hora certa Sinclair apanhou o telex ostensivamente e franziu a testa.

— Helicópteros iranianos? — Ele entregou o binóculo de reserva ao rapaz.

— Você está vendo algum helicóptero iraniano por aqui?

Depois de examinar com muito cuidado os três helicópteros estrangeiros que tinham acabado de pousar, o rapaz sacudiu a cabeça.

— Não, Sayyid, aqueles são britânicos, todos os outros que estão aqui nós sabemos que são shargazi.

— Perfeitamente correto. — Sinclair estava com a testa franzida. Ele tinha visto que Scragger estava caído no chão com Lane e alguns dos outros em pé em volta dele. Isto não é típico de Scragger, ele pensou. — Mohammed, mande com urgência uma ambulância para onde estão os helicópteros britânicos. — Depois ele apanhou o telefone e discou: — Sr. Gavallan, os seus pássaros desceram sãos e salvos. Quando o senhor tiver um momento pode vir até aqui?

— Ele disse isso daquela forma bem casual, tipicamente britânica, que só um outro inglês pode compreender que significa 'com urgência'.

NO ESCRITÓRIO DA S-G

Gavallan respondeu: — Irei imediatamente, sr. Sinclair, obrigado. Scot viu a expressão dele.

— Mais problemas, papai?

— Não sei. Chame-me se houver alguma coisa. — Na porta, Gavallan parou. — Droga, eu me esqueci de Newbury. Ligue para ele e veja se ele está livre hoje à tarde. Eu irei à casa dele, ou a qualquer outro lugar. Combine qualquer coisa. Se ele quiser saber o que está acontecendo, diga apenas: seis em sete até agora, um

aguardando e dois faltando. — E saiu apressado, dizendo: — Até logo, Manuela. Scot, tente o Charlie de novo, descubra onde ele se enfiou.

— Certo. — Agora eles estavam sozinhos, Scot e Manuela. O ombro dele estava doendo e incomodando cada vez mais. Ele tinha visto a depressão dela.

— Dubois vai aparecer, você vai ver — ele disse, tentando parecer confiante e disfarçar o seu próprio temor de que eles estivessem perdidos. — E nada poderia matar o velho Fowler.

— Oh, eu espero que sim — ela respondeu, quase chorando. Ela tinha visto o marido vacilar e sabia o quanto ele estava sofrendo. Daqui a pouco eu vou ter que sair para o hospital e o farsi que vá para o diabo. — É a espera.

— Só mais algumas horas, Manuela, mais dois pássaros e cinco pessoas. Então poderemos comemorar. — Scot acrescentou, torcendo e pensando: Então o velho vai tirar este peso dos ombros e vai viver mais mil anos.

Meu Deus, desistir de voar? Eu adoro voar e não quero fazer trabalho burocrático. Passar uma parte do ano em Hong Kong seria ótimo, mas e Linbar? Eu não posso lidar com Linbar! O velho vai ter que lidar com ele — eu ficaria perdido...

E a velha e incômoda pergunta veio-lhe à mente: O que eu faria se o velho não estivesse por perto?

Um arrepio percorreu-o. Não sei quando, mas isto vai acontecer algum dia... Pode acontecer a qualquer momento. Olhe para Jordon, Talbot — ou Duke ou eu — uma diferença de milímetros e você está morto — ou vivo. A vontade de Deus? Carma? Destino? Não sei e não quero saber! Tudo o que sei é que desde que fui ferido eu mudei, a minha vida inteira mudou, a certeza que eu tinha de que nada poderia me atingir desapareceu para sempre e tudo o que restou foi uma certeza gelada, terrível, de ser muito mortal. Meu Deus, será que isto sempre acontece? Será que Duke está sentindo a mesma coisa?

Ele olhou para Manuela. Ela estava olhando fixamente para ele.

— Desculpe, eu não estava ouvindo — ele disse, e começou a ligar para Newbury.

— Eu estava dizendo: "Não são três pássaros e oito pessoas? Você se esqueceu de Erikki e Azadeh, nove se contar com Xarazade."

TEERÃ, NA CASA DOS BAKRAVAN: 13:14H.

Xarazade estava em pé, nua, em frente ao espelho comprido do seu banheiro, examinando o perfil da sua barriga, vendo se esta estava mais redonda.

Naquela manhã ela tinha notado que os bicos dos seus seios estavam mais sensíveis e que os seios pareciam maiores.

— Não precisa se preocupar — tinha dito Zarah, a mulher de Meshang. — Daqui a pouco você vai estar igual a um balão e chorando porque nunca mais vai conseguir entrar nas suas roupas e porque está horrorosa! Não se preocupe, você vai voltar a entrar na sua roupa e não vai ficar horrorosa.

Xarazade estava muito feliz, começou a cantarolar e franziu a testa, chegando mais perto do espelho para ver se tinha alguma ruga, olhando-se de todos os lados, experimentando deixar os cabelos soltos, prendê-los para cima, enrolados ou puxados para o lado, muito satisfeita com o que via. As manchas roxas estavam desaparecendo. Seu corpo já estava quase seco do banho e ela passou talco e vestiu a roupa de baixo.

Jari entrou.

— Oh, princesa, a senhora ainda não está pronta? Sua eminência, o seu irmão, está sendo esperado a qualquer momento para o almoço e a casa inteira está com medo de que ele esteja com um dos seus acessos de raiva, oh, por favor, ande depressa, nós não queremos agitá-lo, queremos?...

Automaticamente, ela tirou a tampa da banheira e começou a arrumar as coisas, resmungando e apressando Xarazade. Em poucos instantes, Xarazade estava pronta. Meias — não havia meia-calça no mercado há meses, nem no mercado negro — ela não precisava de sutiã. Um vestido parisiense de cashmere azul com um casaco de mangas curtas combinando. Uma rápida escovadela nos cabelos

naturalmente ondulados e eles ficaram perfeitos, um pequeno toque de cor nos lábios, um traço de kohl em volta dos olhos.

— Mas, princesa, a senhora sabe que o seu irmão não gosta de maquilagem!

— Oh, mas eu vou sair e Meshang não é... — Xarazade ia dizer meu pai, mas parou, sem querer lembrar a tragédia. Papai está no paraíso, disse para si mesma com firmeza. O Dia do Luto, o quadragésimo depois da morte é só daqui a 25 dias e até lá eu tenho que continuar vivendo.

E amando?

Ela não tinha perguntado a Jari o que havia acontecido no café no dia em que a havia mandado lá para dizer a ele que seu marido tinha voltado e que o que nunca havia começado estava acabado.

Onde estará ele, será que continuará a visitar-me em sonhos?

Houve uma comoção lá embaixo, e viram que Meshang havia chegado. Ela se olhou uma última vez e depois foi encontrá-lo.

Depois da noite da sua briga com Lochart, Meshang tinha-se mudado para a casa com a família. A casa era muito grande, Xarazade tinha conservado os seus aposentos e estava contente com a algazarra que Zarah e as crianças faziam nos aposentos, espantando o silêncio e a tristeza que existiam lá antes. Sua mãe agora era uma reclusa, vivia na sua própria ala da casa, servida apenas pela sua criada particular, rezando e chorando quase o dia inteiro. Sem sair nunca, sem convidar nenhum deles para visitá-la.

— Deixem-me em paz! Deixem-me em paz! — Era tudo o que ela dizia por trás da porta trancada.

Durante as horas que Meshang passava dentro de casa, Xarazade, Zarah e as outras pessoas da família tinham o cuidado de agradá-lo e bajulá-lo.

— Não se preocupe — Zarah tinha dito a ela. — Ele vai ser dominado logo logo. Ele acha que eu esqueci que ele me insultou e me bateu e tem a coragem de se mostrar com a prostitutazinha que aquele filho de um cão do Kia usou para tentá-lo! Oh, não se preocupe, Xarazade querida, eu vou me vingar — ele tratou você muito mal... e também o seu marido. Logo nós vamos poder viajar de novo... Paris, Londres, até Nova York... eu duvido que ele tenha

tempo para nos acompanhar e então, oh, então nós vamos nos esbaldar, vamos usar roupas transparentes e ter cinquenta admiradores cada uma!

— Não sei quanto a Nova York. Para nos expormos a todos os perigos de Satã — tinha dito Xarazade. Mas no fundo do coração ela tremia de excitação com a ideia. Eu irei para Nova York com o meu filho, ela prometeu a si mesma. Tommy estará lá. Logo estaremos levando uma vida normal, o poder dos mulás sobre Khomeini desaparecerá, que Deus abra os olhos dele, eles deixarão de controlar os Faixas Verdes, o Komiteh Revolucionário será dissolvido, nós teremos um governo islâmico verdadeiramente democrático e justo sob a liderança do primeiro-ministro Bazargan, os direitos da mulher nunca mais serão violados, o Tudeh não será mais considerado fora da lei, mas trabalhará para todos nós, e haverá paz na terra, como ele disse que ia acontecer. Estou feliz por ser quem sou, pensou Xarazade.

— Olá, Meshang querido, como você está com boa aparência hoje, mas tão cansado, oh, você não deve trabalhar tanto por nós todos. Deixe-me servir-lhe mais um pouco de limonada, exatamente como você gosta.

— Obrigado. — Meshang estava deitado nos tapetes, recostado nas almofadas, sem sapatos, comendo. Havia um pequeno braseiro pronto para cozinhar os kebabs e havia vinte ou trinta pratos de horisht e arroz e legumes e frutas cristalizadas ao alcance dele. Zarah estava ali perto e fez sinal para Xarazade sentar-se no tapete ao lado dela.

— Como você se sente hoje?

— Muito bem, nem um pouco enjoada. Meshang fez uma cara azeda.

— Zarah ficava enjoada o tempo todo e desanimada, não como uma mulher normal. Vamos esperar que você seja normal, mas você é tão magra... Insha'Allah.

As duas mulheres forçaram um sorriso, disfarçando o seu ódio, compreendendo-se mutuamente.

— Pobre Zarah — disse Xarazade. — Como foi a sua manhã, Meshang? Deve ser muito difícil para você, com tanto o que fazer,

com tantas pessoas para tomar conta.

— É difícil porque eu estou cercado de imbecis, querida irmã. Se eu tivesse uma equipe eficiente, treinada como eu sou, seria tudo muito fácil. — E muito mais fácil se você não tivesse enrolado o meu pai, fracassado com o seu primeiro marido e nos desgraçado com a sua escolha do segundo.

Você tem me causado tantos aborrecimentos, querida irmã, com o seu rosto e corpo de tuberculosa e a sua burrice, eu que tenho trabalhado tanto para salvá-la de si mesma. Deus queira que os meus esforços tenham sido bem-sucedidos!

— Deve ser muito duro para você, Meshang, eu não saberia nem por onde começar — Zarah estava dizendo e pensava: é simples dirigir os negócios desde que se saiba onde estão as chaves, as contas bancárias, os papéis dos devedores e todos os esqueletos. Vocês não querem que nós tenhamos igualdade nem direito a voto porque nós os atiraríamos na sarjeta e conseguiríamos os melhores empregos.

O horisht de carneiro e o arroz dourado estavam deliciosos, temperados e perfumados como ele gostava e ele comeu com gosto. Não devo comer demais, disse a si mesmo. Não quero ficar muito cansado antes de me encontrar com a pequena Yasmin hoje à tarde. Eu nunca imaginei que uma zinaat pudesse ser tão suculenta nem que houvesse lábios tão cobiçosos. Se ela engravidar, eu me casarei com ela e Zarah que vá para o inferno.

Ele olhou para a mulher. Imediatamente ela parou de comer, sorriu para ele e entregou-lhe um guardanapo para limpar os vestígios de gordura da sua barba.

— Obrigado — ele disse educadamente e mais uma vez se concentrou no seu prato. Depois de possuir Yasmin, ele estava pensando, eu posso dormir uma hora e então voltar ao trabalho. Gostaria que aquele filho de um cão do Kia já estivesse de volta, nós temos muito que conversar, muito que planejar. E Xarazade...

— Meshang, querido, você ouviu o boato de que os generais decidiram dar um golpe e que o exército já está preparado para assumir o controle? — perguntou Zarah.

— É claro, o bazar inteiro está falando nisso. — Meshang sentiu uma pontada de ansiedade. Ele tinha se garantido da melhor forma possível caso isso acontecesse. — O filho de Mohammed, o ourives, jura que o seu primo, que é telefonista no QG do Exército, ouviu um dos generais dizer que eles esperaram para dar tempo a uma força-tarefa americana se organizar, e que esta será apoiada por um desembarque aéreo.

As duas mulheres ficaram chocadas.

— Pára-quedaistas? Então nós devemos partir imediatamente, Meshang — disse Zarah. — Não será seguro ficar em Teerã, é melhor nós irmos para a nossa casa no Cáspio e esperar que a guerra termine. Quando você poderia partir? Eu vou começar a arrumar as malas imediatamente.

— Que casa no Cáspio! Nós não temos nenhuma casa no Cáspio! — Meshang disse, irritado. — Ela não foi confiscada junto com todas as outras propriedades que nós levamos anos e anos para adquirir? Que Deus amaldiçoe aqueles ladrões, depois de tudo o que fizemos pela revolução e pelos mulás ao longo de gerações. — Ele estava vermelho de raiva. Um pouco de horisht escorreu-lhe pela barba. — E agora...

— Perdoe-me, você tem razão, Meshang querido, você tem razão como sempre. Perdoe-me, eu falei sem pensar. Você está certo, mas se quiser, eu posso ficar na casa do meu tio, aga Madri, ele tem uma propriedade desocupada na costa, nós poderíamos partir amanhã...

— Amanhã? Não seja ridícula! Você acha que eu não vou ser avisado com antecedência? — Meshang limpou a barba, um tanto aborrecido com as humildes desculpas dela, e Xarazade pensou na sorte que tivera com os seus dois maridos, que nunca a maltrataram nem gritaram com ela. Fico imaginando se Tommy estará bem em Kowiss ou seja lá onde estiver. Pobre Tommy, imagine se eu poderia abandonar a minha casa e a minha família e me exilar para sempre.

— É claro que nós, bazaaris, seremos avisados — Meshang tornou a dizer.

— Nós não somos nenhuns cabeças-ocas.

— Sim, sim, é claro, Meshang querido — Zarah disse apaziguadoramente.

— Sinto muito, eu estava só preocupada com a sua segurança e queria estar preparada. — Por pior que ele seja, ela pensou, fervendo por dentro, é a nossa única defesa contra os mulás e os seus Faixas Verdes. — Você acredita que o golpe será consumado?

— Insha'Allah — ele disse e arrotou. De qualquer maneira, eu estarei preparado, com a ajuda de Deus. Seja como for, ganhe quem ganhar, eles vão precisar dos bazaaris. Sempre precisaram e sempre precisarão. Nós podemos ser tão modernos quanto qualquer estrangeiro, e mais espertos, alguns de nós podem, e eu com toda a certeza. Filho de um cão do Paknouri, que ele e os antepassados dele queimem no fogo do inferno por nos colocar em perigo! O Cáspio! O tio dela, Madri é uma boa ideia, uma ideia perfeita. Eu mesmo teria pensado nisto com o tempo. Zarah pode estar gasta e ter uma zinaat tão seca quanto a poeira do verão, mas ela é uma boa mãe e os seus conselhos, se você esquecer o seu mau humor, são sempre sábios.

— Outro boato é que o nosso glorioso ex-primeiro-ministro, Bakhtiar, ainda está escondido em Teerã, sob a proteção e o teto do seu velho amigo e colega, o primeiro-ministro Bazargan.

Zarah ficou estarrecida.

— Se os Faixas Verdes o pegarem...

Bazargan não vale mais nada. É uma pena. Ninguém o obedece mais, ninguém nem mesmo o ouve. O Komiteh Revolucionário os executaria a ambos, se eles fossem apanhados.

Xarazade estava tremendo.

— Jari disse que ouviu um boato no mercado esta manhã de que Sua Excelência Bazargan já havia pedido demissão.

— Isto não é verdade — Meshang disse ríspidamente, contando um outro boato como se fosse uma informação particular. — Um amigo meu, que é íntimo de Bazargan, me contou que ele ofereceu sua demissão a Khomeini, mas que o imã a recusou, dizendo para ele ficar onde está. — Ele estendeu o prato para Zarah servi-lo. — Chega de horish, um pouco mais de arroz.

Ela lhe deu a parte tostada e ele começou a comer de novo, já com o estômago cheio. O boato mais interessante de hoje, cochichado de orelha em orelha, foi que o imã estava à beira da

morte ou por causas naturais ou envenenado pelos comunistas do Tudeh ou pelos mujahedins ou pela CIA e, ainda pior, que as legiões soviéticas estavam esperando do outro lado da fronteira, prontas para marchar novamente sobre o Azerbaijão e sobre Teerã assim que ele estivesse morto.

Só haverá morte e destruição se isto for verdade, ele pensou. Não, isto não vai acontecer, não pode acontecer. Os americanos jamais permitirão que os soviéticos dominem o Irã, não podem deixar que eles assumam o controle de Ormuz — até Carter pode ver isto! Não. Vamos torcer para que só a primeira parte seja verdade — que o imã vá bem depressa para o paraíso.

— Seja como Deus quiser — ele disse, piedosamente, depois fez sinal para os criados saírem e, quando ficaram a sós, dirigiu-se à irmã. — Xarazade, o seu divórcio já está acertado, só faltam algumas formalidades.

— Oh — ela disse, pondo-se em guarda imediatamente, odiando o irmão por perturbar a sua calma, fazendo o seu cérebro fervilhar: eu não quero o divórcio, Meshang poderia facilmente ter-nos dado dinheiro das contas da Suíça e não ter sido tão mau para com o meu Tommy e então nós poderíamos ter partido. Não seja tola, você não poderia partir sem documentos e se exilar, e Tommy abandonou-a, a decisão foi dele. Sim, mas Tommy disse que seria só por um mês, não disse? Ele disse que esperaria um mês. Em um mês muita coisa pode acontecer.

— O seu divórcio não representa nenhum problema, nem o seu novo casamento.

Ela o olhou, sem fala.

— Sim, eu concordei em lhe dar um dote muito maior do que pretendia.

— Ele ia dizer 'para uma mulher divorciada duas vezes e que está carregando o filho de um infiel', mas ela era sua irmã e aquele era um ótimo casamento, então ele não disse nada. — O casamento será na próxima semana e ele a admira há anos, Sua Excelência Farazan.

Por um momento as duas mulheres mal puderam acreditar nos seus ouvidos. Xarazade enrubesceu, ainda mais confusa. Keyvan

Farazan vinha de uma rica família de bazaaris, tinha 28 anos, era bonito, tinha acabado de voltar da Universidade de Cambridge e os dois tinham sido amigos a vida inteira.

— Mas... eu pensei que Keyvan fosse se casar...

— Não é Keyvan — disse Meshang, irritado com a burrice dela. — Todo mundo sabe que Keyvan está noivo. Daranoush! Sua Excelência Daranoush Farazan.

Xarazade ficou perplexa. Zarah levou um susto e tentou disfarçar. Daranoush era o pai que, recentemente, tinha ficado viúvo da segunda mulher, que morrera de parto como a primeira, um homem muito rico, que tinha o monopólio do recolhimento do lixo de toda a área do bazar.

— Não... não é possível — ela murmurou.

— Oh, sim, é — disse Meshang, todo satisfeito, interpretando mal a surpresa dela. — Eu mesmo não acreditei quando ele propôs a ideia ao saber do seu divórcio. Com toda a sua riqueza e poder, nós dois, juntos, nos tornaremos o conglomerado mais poderoso do bazar, juntos...

Xarazade exclamou: — Mas ele é horrível, baixo e velho, velho e careca e feio e gosta de garotos e todo mundo sabe que ele é um ped...

— E todo mundo sabe que você é divorciada duas vezes e que está grávida de um estrangeiro — Meshang explodiu — que você comparece a marchas de protesto e é desobediente, que a sua cabeça está cheia de besteiras ocidentais e que você é burra! — Ele derrubou alguns pratos na sua fúria. — Você não compreende o que eu fiz por você? Ele é um dos homens mais ricos do bazar, eu o convenci a aceitá-la e agora você...

— Mas Meshang...

— Você não compreende, sua cadela ingrata — ele berrou — ele concordou até em adotar o seu filho! Em nome de Deus, o que mais você quer?

Meshang estava roxo, tremendo de raiva, sacudindo o punho fechado na cara de Xarazade, enquanto Zarah olhava para os dois, horrorizada com a fúria dele.

Xarazade não estava ouvindo nada, não estava vendo nada, só pensava no que Meshang tinha decretado para ela: o resto da vida ligada àquele homenzinho que era alvo das piadas de todos os bazaaris, que fedia constantemente a mijó, que a engravidaria uma vez por ano para parir e viver e parir de novo até morrer de parto, como as duas outras mulheres. Nove filhos da primeira, sete da segunda. Ela estava destinada a isto. Não havia nada que pudesse fazer. Princesa do Lixo da Noite até morrer Nada.

Nada, a não ser que eu morra agora, não por suicídio, pois neste caso eu não poderia entrar no paraíso e estaria condenada ao inferno. Suicídio não. Nunca. Suicídio não, mas morrer fazendo o trabalho de Deus, morrer com o nome de Deus nos lábios.

O quê?

BASE DE KOWISS: 13:47H.

O coronel Changiz, o mulá Hussein e alguns Faixas Verdes saltaram do carro. Os Faixas Verdes se espalharam pela base enquanto o coronel e Hussein se dirigiam ao escritório.

No escritório, os dois funcionários que ainda estavam lá levaram um susto com a chegada repentina do coronel.

— Sim... sim, Excelência?

— Onde está todo mundo? — gritou Changiz. — Onde?

— Deus é testemunha de que não sabemos de nada, Excelência coronel, a não ser que Sua Excelência, o capitão Ayre foi levar algumas peças para a plataforma Abu Sal e que Sua Excelência, o capitão McIver foi para Teerã com Sua Excelência o ministro Kia e que Sua Excelência, o capitão Lochart foi procurar os 212 que estão vindo para cá e...

— Que 212?

— Os quatro 212 que Sua Excelência o capitão McIver mandou que viessem de Bandar Delam para cá com pilotos e pessoal e nós estamos nos preparando... nos preparando para recebê-los. — O funcionário, cujo nome era Ismael, se encolheu sob o olhar penetrante do mulá. Deus é testemunha de que o capitão foi sozinho, para procurar por eles sozinho, pois eles não têm HF e talvez um VHF

pudesse alcançá-los lá em cima.

Changiz ficou enormemente aliviado. Ele disse para Hussein: — Se os 212 estão vindo para cá, não há razão para todo este pânico. — Ele enxugou a testa. — Quando é que eles vão chegar?

— Imagino que seja logo, Excelência — disse Ismael.

— Quantos estrangeiros há na base neste momento?

— Eu... eu não sei, Excelência, nós... nós estamos trabalhando num relatório e...

Um Faixa Verde entrou correndo no escritório.

— Não encontramos nenhum estrangeiro, Excelência — ele disse para Hussein. — Um dos cozinheiros disse que os dois últimos mecânicos partiram com os helicópteros grandes hoje de manhã. Os operários iranianos disseram que os ouviram dizer que as equipes substitutas deveriam chegar no domingo ou na segunda.

— Sábado, Excelências, eles nos disseram que seria amanhã — corrigiu Ismael. — Mas os quatro 212 que estão chegando vão trazer mecânicos a bordo, bem como pilotos e mais pessoal, Sua Excelência McIver disse. O senhor está precisando de mecânicos?

O Faixa Verde estava dizendo: — Alguns dos quartos... parece que os infieis arrumaram as malas apressadamente, mas ainda há três helicópteros no hangar.

Changiz virou-se para Ismael.

— De que tipo?

— Um... não, dois 206 e um francês, um Alouette.

— Onde está o chefe do escritório, Pavoud?

— Ele estava doente, Excelência coronel, ele saiu daqui doente, logo depois da oração do meio-dia e foi para casa. Não foi, Ali? — ele disse para o outro colega.

— Sim, sim, ele estava doente e saiu dizendo que voltaria amanhã.

— O capitão McIver mandou que os helicópteros de Bandar Delam viessem para cá?

— Sim, sim, Excelência, foi isto que ele disse a Sua Excelência Pavoud, eu o ouvi dizer exatamente isto, com pilotos e mais pessoal, não foi, Ali?

— Sim, juro por Deus, foi isto que aconteceu, Excelência coronel.

— Está bem, já chega. — Para Hussein, o coronel disse: — Vamos falar com Lochart pelo rádio. — E para o funcionário ele perguntou: — O sargento Wazari está na torre?

— Não, Excelência coronel, ele voltou para a base pouco antes de Sua Excelência o capitão Lochart decolar para procurar os quatro 212 que deveriam estar chegando de...

— Chega! — O coronel pensou um momento e depois falou rudemente com o Faixa Verde: — Você!

Mande o cabo ir correndo para a torre.

O jovem Faixa Verde enrubesceu com a grosseria e olhou para Hussein, que disse friamente: — O coronel está pedindo para você fazer o favor de procurar o cabo Borgali e levá-lo para a torre, depressa.

Changiz começou a dizer: — Eu não quis ser indelicado, é cia...

— É claro. — Hussein dirigiu-se para a escada que levava à torre. Changiz seguiu-o, bastante contrito.

Há meia hora havia chegado na base aérea um telex da torre de controle de Teerã, pedindo uma verificação imediata de todo o pessoal estrangeiro da CHI e dos helicópteros de Kowiss: "...fomos comunicados do desaparecimento de quatro 212 da base da CHI em Bandar Delam pelo Diretor Gerente da CHI, Siamaki, que acredita que eles possam ter sido levados ilegalmente do Irã para um dos Estados do Golfo."

Imediatamente, Changiz tinha sido chamado pelo Faixa Verde de serviço, que já tinha levado o telex para Hussein e o komiteh. O komiteh estava em sessão na base, dando prosseguimento à investigação acerca da confiabilidade islâmica de todos os soldados e oficiais, e dos crimes cometidos contra Deus em nome do xá. Changiz ficou enjoado. O komiteh era impiedoso. Ninguém que havia sido pró-xá tinha escapado. E embora ele fosse o comandante, indicado pelo komiteh com a aprovação de Hussein, o seu nome ainda não havia sido confirmado pelo todo-poderoso Komiteh Revolucionário.

Até isto acontecer, Changiz sabia que estava sob julgamento. E ele não tinha feito um juramento de fidelidade ao xá, pessoalmente, assim como todos os outros membros das Forças Armadas?

Na torre, ele viu Hussein olhando para o equipamento.

— O senhor sabe operar os rádios, coronel? — perguntou o mulá, com suas roupas velhas, mas limpas, o turbante branco recém-lavado mas também velho.

— Não, Excelência, foi por isso que mandei chamar Borgali.

O cabo Borgali subiu as escadas de dois em dois degraus e se apresentou.

— UHF e HF — ordenou o coronel.

— Sim senhor — Borgali ligou os aparelhos. Nada. Checou-os rapidamente e encontrou o cristal quebrado e viu que estava faltando o disjuntor do VHF. — Desculpe, senhor, mas este equipamento não está funcionando.

— Você quer dizer que foi sabotado? — Hussein perguntou em voz baixa e olhou para Changiz.

Changiz perdeu a fala. Que Deus castigue todos os estrangeiros, ele estava pensando, cheio de desespero. Se foi uma sabotagem deliberada... então isto prova que eles fugiram e levaram os nossos helicópteros. Aquele cão do McIver devia estar sabendo de tudo quando eu falei com ele sobre o 125.

Um arrepio gelado percorreu-o. Não havia mais nenhum 125 agora, nem rota de fuga, nem chance de tomar Lochart ou qualquer um dos outros pilotos como refém num ataque forjado, e depois ajudar o homem secretamente a 'escapar da prisão' em troca de um lugar no avião para si mesmo — caso isso fosse necessário. Ele sentiu uma contração nas entranhas. E se o komiteh descobrir que minha mulher e minha família já estão em Bagdá, e não em Abadan, onde a minha pobre mãe está 'morrendo'? Os demônios que povoavam os seus pesadelos estavam sempre zombando dele, gritando a verdade: "Que mãe? A sua mãe está morta há sete ou oito anos! Você está planejando fugir, você é culpado de crimes contra Deus e o Irã e a revolução..."

— Coronel — Hussein disse com uma voz aterradora —, se os rádios foram sabotados, isto significa que o capitão Lochart não está procurando os outros helicópteros, mas sim que fugiu junto com o outro, e que McIver mentiu ao dizer que tinha mandado os 212 para cá, não?

— Sim... sim, Excelência, e...

— E então isto também significa que eles escaparam ilegalmente e levaram dois helicópteros daqui ilegalmente, sem falar nos quatro de Bandar Delam, não?

— Sim, sim, isto também é verdade.

— Seja como Deus quiser, mas o senhor é responsável.

— Mas Excelência, o senhor deve compreender que seria impossível prever uma operação secreta, ilegal, como... — Ele compreendeu o olhar do outro e calou-se.

— Então o senhor foi enganado?

— Os estrangeiros são uns filhos da mãe que mentem e fingem o tempo todo... — Changiz parou, tendo uma ideia. Ele agarrou o telefone e praguejou ao ver que este não estava funcionando. Num tom de voz diferente, ele disse rapidamente: — Excelência, um 212 não pode atravessar o golfo sem ser reabastecido, não é possível, e McIver vai ter que reabastecer o seu aparelho também para conseguir chegar até Teerã com Kia. Ele vai ter que reabastecer também, então nós poderemos apanhá-lo. — Para Borgali ele disse: — Depressa, volte para a torre e descubra onde o 206 que partiu para Teerã com o ministro Kia vai pousar para reabastecer. Diga ao oficial de serviço para alertar a base e prender o piloto, deter o helicóptero e mandar o ministro para Teerã... por terra. — Ele olhou para Hussein. — O senhor concorda, Excelência? — Hussein fez um sinal afirmativo com a cabeça. — Ótimo. Vá depressa!

O cabo saiu correndo pelas escadas.

Estava frio na torre e ventando. Uma pancada de chuva sacudiu as janelas por um instante e depois passou. Hussein não prestou atenção, com os olhos fixos em Changiz.

— Nós vamos agarrar aquele cão, Excelência. O ministro Kia vai nos agradecer.

Hussein não sorriu. Ele já tinha providenciado um komiteh de recepção para Kia no aeroporto de Teerã, e se Kia não conseguisse explicar o seu estranho comportamento, dentro em breve o governo estaria livre de um ministro corrupto.

— Talvez o ministro Kia faça parte da conspiração e esteja fugindo do Irã com McIver, o senhor já pensou nisso, coronel?

O coronel ficou boquiaberto.

— O ministro Kia, o senhor acha mesmo?

— O que o senhor acha?

— Por Deus, é... é possível, se o senhor acha que sim... — Changiz respondeu cautelosamente, tentando manter-se bem alerta.

— Eu nunca tinha visto aquele homem na minha vida. O senhor deve saber melhor do que eu, Excelência, a respeito de Kia, o senhor o interrogou diante do komiteh. — E o isentou de culpa, pensou satisfeito. — Quando agarrarmos McIver, poderemos usá-lo como refém para trazer os outros de volta, nós vamos apanhá-lo, Excelência...

Hussein viu o medo no rosto do coronel e imaginou que culpas o homem carregaria, será que o coronel também fazia parte do plano de fuga que tinha se tornado tão óbvio para ele desde que havia interrogado Starke na véspera e McIver naquela manhã?

E se tinha se tornado tão óbvio — ele imaginou um superior religioso perguntando — por que você o manteve em segredo e não o evitou?

— Por causa de Starke, Eminência. Porque eu acredito sinceramente que aquele homem, embora seja um infiel, é um instrumento de Deus e um protegido de Deus. Por três vezes ele evitou que as forças do mal me concedessem a paz do paraíso. Por causa dele, os meus olhos se abriram para a vontade de Deus, eu compreendi que não devo mais buscar o martírio, e sim permanecer na terra para me tornar um flagelo incansável para os inimigos de Deus e do Islã, para os inimigos do Islã e os seus inimigos.

— Mas e os outros? Por que permitiu que eles escapassem?

— O Islã não precisa nem de estrangeiros nem de seus helicópteros. Se o Irã precisar de helicópteros, há mais de mil em Isfahan.

Hussein não tinha a menor dúvida de que estava certo, tão certo quanto este coronel vira-casaca pró-xá, pró-americanos, estava errado.

— Então, coronel, e quanto aos dois 212, o senhor vai pegá-los também? Como?

Changiz foi até o mapa da parede, perfeitamente consciente de que, embora todos dois tivessem sido enganados, ele era o comandante e o responsável caso o mulá quisesse responsabilizá-lo. Mas não se esqueça de que este é o mulá que fez um acordo com o coronel Peshadi na noite do primeiro ataque à base, este é o mesmo homem que fez amizade com o americano Starke e aquele maníaco

de Abadan, Zataki. E eu não sou um defensor do imã e da revolução? Eu não entreguei a base aos soldados de Deus?

Insha'Allah. Concentre-se nos estrangeiros. Se você conseguir agarrá-los, nem que seja só um, você estará a salvo deste mulá e dos seus Faixas Verdes.

Havia várias rotas de voo marcadas no mapa, de Kowiss para diversos campos de petróleo e plataformas situadas no golfo.

— Aquele cão lá do escritório falou em peças que estavam sendo transportadas para Abu Sal — ele murmurou. Agora, se eu fosse eles, onde desceria para reabastecer? Ele apontou para as plataformas.

— Numa dessas, Excelência — ele disse, cheio de excitação. — Era aqui que eu desceria.

— As plataformas têm reservas de combustível?

— Oh, sim, para o caso de uma emergência.

— E como vai agarrá-los?

— Com os caças.

NO LOCAL DE ENCONTRO: 14:07H.

Os dois 212 estavam parados na praia deserta, sob uma chuva fina. Freddy Ayre e Lochart estavam sentados, desanimados, na porta de uma das cabines, os dois mecânicos e Wazari na outra, todos cansados de carregar os pesados tambores de duzentos litros de combustível e de se revesar em bombear gasolina para dentro dos tanques. Nunca dois 212 haviam sido reabastecidos com tanta rapidez. Freddy Ayre tinha chegado lá por volta das onze e meia, Lochart um pouco depois do meio-dia, eles tinham levado meia hora para reabastecer e estavam esperando desde então.

— Vamos dar mais meia hora — disse Lochart.

— Cristo, você está agindo como se tivéssemos todo o tempo do mundo.

— É uma burrice ficarmos os dois esperando, é mais seguro você ir na frente. Quantas vezes eu vou ter que dizer isto? Leve todo

mundo, eu fico esperando.

— Quando o Mac chegar, nós todos podemos...

— Droga, leve os mecânicos e Wazari, eu fico esperando. McIver diria isto mesmo se estivesse aqui e vocês estivessem esperando por mim.

— Pelo amor de Deus, pare de bancar o herói e dê o fora!

— Não, sinto muito, mas ou partimos juntos ou eu vou esperar até ele chegar.

Lochart deu de ombros, com o humor tão sombrio quanto o dia. Assim que chegou, ele tinha calculado aproximadamente o esquema de McIver: — Freddy, Mac saiu do sistema de Kowiss às 11:20h. Digamos que ele continuasse voando por meia hora, e depois levasse mais meia hora, no máximo, para fingir uma emergência, aterrissar e se livrar de Kia, e mais uma hora para chegar aqui. Isto significa que deverá chegar, no mais tardar, às 13:30h.

O meu palpite é que ele estará aqui entre 13:00 e 13:15h.

Mas já passava das duas e nem sinal de Mac ainda e talvez ele não chegasse nunca — deve ter havido algum imprevisto. Ele estudou as nuvens, procurando respostas no tempo e redefinindo os seus planos. Os tambores vazios estavam arrumados numa pilha e ainda havia cinco cheios. Os tambores tinham sido levados para lá durante as viagens de rotina para as plataformas e escondidos sob lona, camuflados com areia e algas. Lá no meio do mar, quase invisível, havia uma plataforma, bem acima do nível do mar, empoleirada sobre estacas.

Ele não tivera nenhum problema em chegar lá. Assim que estava no ar, Wazari tinha se arrastado até a cabine.

— É melhor você ficar escondido até estarmos sobrevoando o golfo — Lochart tinha dito. Mas quando pousaram, Wazari ficou muito enjoado, então ele mudou de ideia e contou aos outros o que tinha acontecido. Agora Wazari já tinha se recuperado e fora aceito. Mas ainda era considerado suspeito.

A praia fedia a peixe podre e algas. O vento, mantendo-se em cerca de trinta nós, sacudia as lâminas dos rotores, ainda adverso à rota de fuga planejada para o Kuwait. O teto tinha baixado, estava agora em cerca de setenta metros. Mas Lochart não estava

pensando nisso. Sua mente estava cada vez mais voltada para Teerã e Xarazade, enquanto os seus ouvidos tentavam ouvir o barulho do 206 por sobre o ruído do vento e das ondas. Vamos, Mac, ele rezou. Vamos, não me decepcione. Vamos Mac, não me decepcione...

Aí ele ouviu o barulho do helicóptero. Levou alguns segundos para se certificar e então deu um salto para fora da cabine, com a boca ligeiramente aberta para ouvir melhor e aumentar a sua capacidade de localização. Ayre deixou de sonhar acordado e ficou ao lado dele, ambos olhando para o céu coberto de nuvens, ouvindo o barulho cada vez mais alto do motor, indo na direção do mar, depois ultrapassando-os e Lochart praguejou — Ele não nos viu!

— VHF? — perguntou Ayre.

— É perigoso demais... ainda não... ele vai tornar a passar, ele é bom demais para não fazer isto.

Mais uma vez a espera, o ruído dos motores desaparecendo, depois tornando a aumentar. Mais uma vez o helicóptero passou e não os viu e começou a se afastar e mais uma vez tornou a voltar. Os motores roncavam cada vez mais altos, então ele saiu da neblina a um quilômetro da praia, localizou-os e começou a descer. Não havia dúvida de que era um deles, McIver estava pilotando e estava sozinho. Eles começaram a aplaudir.

NA CABINE DE COMANDO DO 206

MacIver tinha tido muita dificuldade em encontrar o local de encontro, os charcos eram todos iguais, a costa também e as condições péssimas. Então ele se lembrou da plataforma inativa perto da costa, começou a procurá-la e, usando-a como marco, voou em direção à costa.

Quando estava solidamente plantado no chão, ele murmurou.

— Graças a Deus — e respirou, com o estômago doendo e desesperado de vontade de urinar, abriu a porta da cabine imediatamente e disse, sem responder a nenhuma pergunta: — Desculpem, mas tenho que mijar. Freddy, desligue-o para mim, sim?

— Lochart, que estava mais perto, disse: — Deixe que eu faço isso, Mac.

— Obrigado. — MacIver soltou o cinto, saltou e correu para a duna mais próxima. Quando pôde falar, ele olhou em volta, viu Ayre esperando por ele, os outros perto dos 212. — Os meus dentes de trás estavam flutuando há mais de uma hora.

— Eu sei como é.

McIver fechou o zíper e reparou em Wazari.

— Que diabo ele está fazendo aqui?

— Tom achou melhor trazê-lo, mais seguro do que deixá-lo lá e ele realmente ajudou. É melhor irmos andando, Mac. Nós já estamos reabastecidos. E quanto ao 206?

— Vamos ter que deixá-lo aqui. — O aparelho não estava equipado com tanques para longas distâncias e levaria muito tempo para montar um sistema de reabastecimento durante o voo. E de qualquer maneira, o vento contrário aumentaria o consumo de combustível e tornaria a viagem impossível. MacIver apontou para o mar. — Eu pensei em deixá-lo na plataforma na esperança de podermos voltar e apanhá-lo, mas isso é impossível. Não há espaço suficiente para pousar com ele e com um 212 ao mesmo tempo. É uma pena, mas não há outro jeito.

— Nenhum problema com Kia?

— Não. Ele deu um pouco de trabalho, e... — Ele se virou, espantando. Atrás deles, Lochart tinha acelerado o 206 e agora estava subindo e recuando. — Pelo amor de Deus, Tom... — ele gritou e correu em direção ao helicóptero, mas Lochart recuou mais depressa e subiu seis metros. — Tommmmm!

Lochart debruçou-se na janela.

— Não espere por mim, Mac! — gritou.

— Mas você está quase sem combustível...

— Há o bastante por enquanto. Eu vou esperar vocês partirem e então volto para reabastecer. Vejo-o em Al Shargaz.

— Que diabo você está fazendo? — disse Ayre, surpreso.

— Xarazade — McIver disse, xingando a si mesmo por ter esquecido disto. — Ele devia ter mais de cinquenta planos prontos para levar o 206, de uma forma ou de outra. — Então ele pôs as

mãos em volta da boca e gritou: — Tom, você vai arruinar a operação turbilhão, pelo amor de Deus! Você tem que ir conosco!

— Eles nunca me tomarão como refém, Mac! Nunca! O risco é meu, não seu... a decisão é minha, por Deus. Agora deem o fora!

McIver pensou por um segundo, depois berrou: — Desça agora, nós o ajudaremos a reabastecer, isto vai lhe poupar trabalho. — Ele viu Lochart balançar a cabeça negativamente e apontar para os 212.

— Eu vou voltar para apanhar Xarazade — gritou Lochart. — Não tentem me impedir nem me dissuadir... é o meu pescoço, não o de vocês... Feliz aterrissagem. — Ele acenou e se afastou, pousando de frente para eles, mantendo os motores ligados, pronto para uma decolagem rápida.

Não há meio de impedi-lo — murmurou McIver, furioso consigo mesmo por não ter se prevenido.

— Nós.nós poderíamos esperar até o combustível dele acabar disse Ayre.

— Tom é esperto demais para cair numa armadilha dessas. — Quase em pânico, McIver olhou para o relógio, com a cabeça confusa. — Malditos idiotas, eu e Tom. — Ele viu todos os outros olhando para ele — O que vamos fazer, Mac? — perguntou Ayre.

McIver forçou-se a raciocinar com clareza: Você é o líder. Decida. Nós estamos horrivelmente atrasados. Tom tomou esta decisão depois de tudo o que eu disse a ele. É um direito dele. Sinto muito, mas isto significa que ele está por conta dele. Agora pense nos outros. Eriki tem que estar bem. Rudi e Scragger e os rapazes estão a salvo, vamos presumir que estejam, então entre no 212 e comece a segunda parte da viagem.

Ele teve vontade de gemer alto, a ideia de ter que conduzir um 212 até o Kuwait voando baixo por mais uma ou duas horas quase acabou com ele.

— Maldição — resmungou. Os outros ainda estavam olhando para ele. E esperando. — Tom vai voltar para apanhar a esposa dele, vamos deixá-lo sozinho.

— Mas se ele for apanhado, isto não arruinará a operação? — Ayre perguntou.

— Não. Tom está por conta própria. Você ouviu o que ele disse. Nós vamos partir para o Kuwait conforme o combinado. Todo mundo para o 212 de Ayre. Eu levo o de Lochart. Vamos embora e voaremos baixo e perto um do outro. Silêncio de rádio até estarmos bem longe da fronteira. — McIver dirigiu-se para o outro 212. Os outros se entreolharam, inquietos. Todos eles tinham notado a palidez dele e todos sabiam que ele não tinha uma licença médica.

Kyle, o mecânico baixinho, foi atrás dele.

— Mac, não há sentido em voar sozinho, eu vou com você.

— Não, obrigado. Todo mundo na máquina de Freddy! Andem, vamos logo!

— Mac, eu vou falar com Tom — disse Ayre. — Ele deve estar louco, eu vou convencê-lo a ir para o Kuw...

— Você não vai fazer isso. Se fosse com Genny, eu estaria do mesmo jeito. Todos a bordo! — Neste momento, o som de dois caças a jato a baixa altitude, ultrapassando a barreira do som, encheu a praia. E deixaram um enorme silêncio atrás deles.

— Jesus — Wazari estremeceu. — Capitão, se o senhor não se importar, eu posso voar com o senhor?

— Não, todo mundo com Freddy, eu prefiro voar sozinho.

— A sua falta de licença não faz nenhuma diferença para mim. — Wazari deu de ombros. — Insha 'Allah! Eu fico tomando conta do rádio. — E fez um sinal em direção ao céu. — Aqueles filhos da mãe não falam inglês. — Ele entrou no 212 e se sentou no assento da esquerda.

— É uma boa ideia, Mac — disse Ayre.

— Está bem. Nós vamos voar baixo e juntos como planejamos. Freddy, se um de nós tiver problemas, o outro continua — Vendo o olhar de Ayre, ele acrescentou: — Qualquer tipo de problema. — Lançando um último olhar a Lochart, McIver acenou e subiu a bordo. Ele estava muito contente por não estar sozinho. — Obrigado — disse a Wazari. — Eu não sei o que vai acontecer no Kuwait, sargento, mas ajudarei no que puder. — Ele fechou o cinto e ligou o motor Número Um.

— Claro. Obrigado. Droga, eu não tenho nada a perder; minha cabeça está explodindo, eu já tomei todas as aspirinas que havia...

O que houve com Kia?

McIver ajustou o volume dos seus fones, ligou o motor Número Dois, verificando os tanques de combustível e os instrumentos enquanto falava.

— Eu tive que fazer o pouso de emergência um pouco mais tarde do que tinha planejado. Pousei cerca de um quilômetro de uma aldeia, mas correu tudo bem, bem demais, o cretino desmaiou e então eu não consegui retirá-lo da cabine. Ele ficou preso no assento e os cintos dos ombros se embaralharam e eu não pude soltá-los. Eu não tinha nem uma faca para cortar as alças. Tentei de todas as maneiras, mas o fecho tinha enguiçado, então desisti e esperei que ele voltasse a si.

Enquanto esperava, retirei a bagagem dele e coloquei-a perto da estrada, num lugar onde ele pudesse encontrá-la. Quando ele voltou a si, eu tive um trabalhão para convencê-lo a sair da cabine. — Os dedos experientes de McIver iam de um botão a outro. — No fim, eu fingi que tínhamos um incêndio a bordo e saltei, deixando-o lá dentro. Isto resolveu o problema, ele deu um jeito de abrir o cinto e saiu correndo. Eu tinha deixado os motores ligados, foi muito perigoso, mas eu tive que arriscar, e assim que ele saiu, eu voltei correndo e fui embora. Bati numa ou duas pedras, mas não tive maiores problemas...

O seu coração estava disparado, a garganta seca com aquela partida frenética, Kia agarrando-se à maçaneta da porta, aos berros, pendurado, com um dos pés no esqui, McIver com medo de ser obrigado a pousar novamente. Felizmente, Kia perdeu a coragem e pulou para o chão e então McIver foi embora. Ele deu uma volta para ver se Kia estava bem. A última coisa que viu foi Kia agitando os punhos enfurecido. Então ele tinha se dirigido para a costa, colado às copas das árvores e às rochas.

E embora estivesse a salvo, seu coração continuou disparado. Ondas de náusea e calor começaram a percorrer seu corpo.

E só a tensão das últimas semanas, ele tinha dito a si mesmo. A tensão e o esforço para tirar aquele idiota da cabine, somados à preocupação com o Turbilhão e ao medo que senti ao ser interrogado por aquele mulá.

Depois de deixar Kia, ele tinha continuado a voar por algum tempo. Dificuldade de concentração. A dor aumentando. Os controles pouco familiares. Um espasmo de náusea e ele quase perdeu o controle, então resolveu pousar e descansar um pouco. Ele ainda estava no sopé das montanhas, coberto de rochas, árvores e neve, o teto baixo e não tão carregado. Tonto de náusea, ele escolheu o primeiro platô e desceu. O pouso não foi bom e isso o assustou mais ainda. Ali perto havia um riacho, parcialmente gelado, com a água espumando ao descer pelas pedras. Ele foi atraído pela água. Com muita dor, desligou os motores, foi tropeçando até lá, deitou-se na neve e bebeu bastante água. O choque do frio o fez vomitar e quando o espasmo passou, ele limpou a boca e tornou a beber.

Isto e o ar frio o fizeram sentir-se melhor. Um punhado de neve esfregado na nuca e nas têmporas fez com que ele se sentisse ainda melhor. Aos poucos a dor diminuiu e a dormência no braço esquerdo passou. Ao sentir-se melhor, ele se levantou e, cambaleando um pouco, voltou para a cabine e atirou-se no assento.

A sua cabine estava quente, agradável e familiar — aconchegante. Automaticamente, ele prendeu o cinto de segurança. O silêncio encheu os seus ouvidos e a sua cabeça. Só o barulho do vento e da água, nem motores, nem tráfego, nem estática, nada além da suavidade da água e do vento. Paz. Suas pálpebras estavam pesadas. Ele fechou os olhos e dormiu.

Ele dormiu profundamente por cerca de meia hora. Quando acordou, sentiu-se revigorado — nem dor, nem desconforto, só um pouco tonto, como se tivesse sonhado com a dor. Ele se espreguiçou.

Então ouviu um barulhinho de metal. Ele olhou em volta. Montado num pequeno pônei das montanhas, observando-o silenciosamente, havia um rapaz, um nativo. Ele trazia um rifle pendurado na sela e outro nas costas, junto com um cinturão de balas.

Os dois ficaram olhando um para o outro, então o rapaz sorriu e o platô pareceu iluminar-se.

— Salaam, aga.

— Salaam, Aga. — MacIver também sorriu, surpreso por não sentir medo algum, a beleza selvagem do rapaz deixando-o à vontade. — Loftan befarma'idshoma ki hastid? — Ele usou uma das poucas frases que sabia: Posso perguntar quem é você?

— Aga Mohammed Rud Kahani — e então algumas palavras que McIver não entendeu e ele tornou a sorrir e disse: — Kash kai.

— Ah, kash'kai. — McIver balançou a cabeça, compreendendo que o rapaz pertencia a uma das tribos nômades que se espalhavam pelas montanhas Zagros. Ele apontou para si mesmo. — Aga McIver — e disse outra frase: Mota assefan, man zaban-e shoma ra khoob nami danan. — Desculpe, eu não falo a sua língua.

— Insha'Allah. América?

— Inglês. — Ele estava observando a si mesmo e ao outro homem. Helicóptero e cavalo, piloto e nativo, um abismo entre eles, mas nenhuma ameaça de um para o outro. — Sinto muito, mas preciso ir embora — ele disse em inglês, então fez um gesto indicando voar. — Khoda haefez, até logo, aga Mohammed Kash'kai.

O rapaz balançou a cabeça e ergueu a mão numa despedida.

— Khoda haefez, Agha. — Depois afastou-se com o seu cavalo e ficou lá, observando-o. Quando os motores estavam com toda a força, McIver acenou e partiu. Ele foi pensando no rapaz durante toda a viagem. O rapaz não tinha nenhum motivo para não atirar em mim. Nem para atirar. Será que eu sonhei com ele e com a dor? Não, eu não sonhei com a dor. Será que eu tive um ataque cardíaco?

Agora, pronto para partir para o Kuwait, ele encarou a questão pela primeira vez. A inquietação voltou e ele olhou para Wazari, que estava olhando desconsoladamente para o mar, pela janela lateral. Até que ponto eu represento um perigo agora? Ele perguntou a si mesmo. Se eu tive um ataque, mesmo que fraco, posso ter outro, então será que estou arriscando a vida dele e a minha?

Acho que não. Eu só tenho a pressão alta e isto está sob controle, eu tomo duas pílulas por dia e não há problema. Eu não posso largar um 212 só porque Tom ficou maluco. Eu estou cansado mas estou bem, e o Kuwait fica apenas a duas horas de voo. Eu estaria mais satisfeito se não tivesse que pilotar. Meu Deus, eu

nunca imaginei que um dia fosse sentir isso. O velho Scragger pode continuar pilotando, mas eu nunca mais vou querer saber disso.

Ele estava prestando atenção ao barulho dos motores. Estão prontos para decolar agora, não há necessidade de checar os instrumentos. Através dos pingos de chuva do pára-brisa ele viu Ayre erguer o polegar, também pronto. Lá na praia, ele podia ver Lochart no 206. Pobre Tom. Aposto que está torcendo para nós irmos logo, louco para reabastecer e correr para o norte, atrás de um outro destino. Espero que ele consiga, pelo menos vai ter um vento favorável.

— Posso ligar o VHF? — perguntou Wazari, distraído-o. — Vou sintonizá-lo nas frequências militares.

— Ótimo. — McIver sorriu para Wazari, satisfeito com a companhia dele.

Ouviu o barulho de estática nos fones, depois vozes falando em farsi. Wazari escutou um pouco, depois falou com voz rouca: — São os caças falando com Kowiss. Um deles disse: "Em nome de Deus, como vamos encontrar dois helicópteros nesta poça de merda?"

— Eles não vão encontrar se depender de mim. — McIver tentou mostrar-se confiante. Ele atraiu a atenção de Ayre, apontou para cima, indicando os caças e fez um sinal de quem corta a garganta.

Então apontou para o golfo mais uma vez e ergueu o polegar. Deu uma olhada no relógio: 14:21h. — Aqui vamos nós, sargento — ele disse e acelerou ao máximo — próxima parada o Kuwait. Eta 16:40h aproximadamente.

NO AEROPORTO DO KUWAIT: 14:56H.

Genny e Charlie Pettikin estavam sentados no restaurante ao ar livre do último andar do terminal recém-inaugurado. Estava um dia lindo, ensolarado, e lá eles estavam abrigados do vento. As toalhas e os guarda-sóis eram de um amarelo brilhante, todo mundo comia e bebia com prazer. Exceto eles. Genny mal havia tocado na sua salada, Pettikin tinha só beliscado o seu arroz com curry.

— Charlie — Genny disse subitamente — acho que vou tomar um martíni de vodca afinal.

— Boa ideia — Pettikin chamou o garçom e fez o pedido. Ele gostaria de acompanhá-la, mas estava esperando substituir ou se revesar com Lochart e Ayre no próximo trecho até a ilha Jellet, pelo menos mais uma parada para reabastecer, talvez duas, antes de chegar a Al Shargaz. Maldito vento.

— Não vai demorar muito agora, Genny.

Oh, pelo amor de Deus, quantas vezes você vai repetir isto, Genny teve vontade de gritar, doente de tanto esperar. Estoicamente, ela continuou a manter uma aparência de tranquilidade.

— É, agora falta pouco, Charlie. — Eles olharam na direção do mar. A visibilidade estava ruim, o horizonte coberto de névoa, mas eles seriam informados assim que os helicópteros entrassem no radar do Kuwait. O representante da Imperial Air estava esperando na torre.

Como medir o tempo? Ela perguntou a si mesma, tentando enxergar através da neblina, com toda a sua energia se derramando, buscando Duncan, enviando preces e esperança e forças que ele poderia estar precisando. A informação que Gavallan tinha dado naquela manhã não havia ajudado: — Por que motivo ele está levando Kia, Andy? De volta para Teerã? O que significa isto?

— Eu não sei, Genny. Estou repetindo o que ele disse. A nossa interpretação é que Freddy foi enviado primeiro para o ponto de encontro. Mac decolou com Kia. Ou ele vai levá-lo para o ponto de encontro ou vai deixá-lo no caminho. Tom vai segurar as pontas por algum tempo, para dar aos outros tempo para se afastar, depois ele vai para o ponto de encontro. Nós recebemos o primeiro chamado de Mac às 10:42h. Digamos que ele e Freddy tenham decolado às 11 horas. Vamos dar-lhe mais uma hora para chegar ao ponto de encontro e reabastecer, vamos acrescentar duas horas e meia de voo e eles devem chegar ao Kuwait por volta das 14:30h. Dependendo de quanto tempo tiverem que esperar no ponto de encontro, podem chegar a qualquer hora a partir das 14:30h.

Ela viu o garçom trazendo o seu drinque. Na bandeja havia um telefone sem fio.

— Telefone para o senhor, capitão Pettikin — disse o garçom, enquanto colocava o copo na frente dela.

Pettikin levantou a antena e atendeu.

— Alô? Oh, alô, Andy. Ela observou o rosto dele.

— Não, não, ainda não... Oh?... — Ele ouviu atentamente durante algum tempo, respondendo de vez em quando, sem demonstrar nada, e ela imaginou o que Gavallan estaria dizendo que ela não devia ouvir. — Sim, claro... sim, está tudo sob controle... Sim, sim, ela está aqui, está bem, um momento.

— Ele passou o telefone para ela. — Quer falar com você.

— Alô, Andy, o que há de novo?

— Estou só dando notícias, Genny. Não se preocupe com Mac e os outros, não se pode dizer quanto tempo eles tiveram que esperar no ponto de encontro.

— Eu estou bem, Andy. Não se preocupe comigo. E quanto aos outros?

— Rudi, Pop Kelly e Sandor estão a caminho daqui. Eles reabasteceram em Abu Dhabi e nós estamos em contato com eles. John Hogg é o nosso retransmissor. Eles estão sendo esperados dentro de vinte minutos. Scrag está bem, Ed e Willi sem problemas, Duke está dormindo e Manuela está aqui. Ela quer falar com você.

— Ela ouviu a voz de Manuela.

— Oi, querida, como vai? E não me diga que vai muito bem Genny sorriu.

— Muito bem. Duke está bem?

— Está dormindo como um bebê, não que os bebês durmam quietinhos o tempo todo. Só queria que você soubesse que nós também estamos ansiosos. Vou passar para Andy.

Uma pausa e então: — Alô, Genny, Johnny Hogg vai entrar na sua área em pouco tempo e também vai ficar na escuta, Nós manteremos contato com você. Posso falar outra vez com Charlie, por favor?

— É claro, mas e quanto a Marc Dubois e Fowler? Uma pausa.

— Nada ainda. Nós estamos com esperança de que eles tenham sido resgatados. Rudi, Sandor e Pop refizeram parte do caminho e procuraram o mais que puderam. Não havia nenhum sinal de

destroços e há um bocado de navios nessas águas, além de plataformas. Nós achamos que eles devem estar bem.

— Agora conte-me o que Charlie deve saber e eu não. — Ela franziu a testa com o silêncio do outro lado da linha, depois ouviu Gavallan suspirar.

— Você é esperta demais para mim, Genny. Está bem, eu perguntei a Charlie se tinha chegado aí algum telex do Irã, como o que recebemos aqui em Dubai e em Bahrein. Eu estou tentando puxar todas as cordas possíveis através de Newbury e da nossa embaixada no Kuwait no caso de alguma complicação, embora Newbury diga que eu não deva esperar muito, uma vez que o Kuwait está perto demais do Irã, não quer desagradar a Khomeini e está apavorado que ele mande alguns fundamentalistas para cá para açular os xiitas do Kuwait. Eu disse a Charlie que estou tentando comunicar-me com os pais de Ross no Nepal e com seu regimento. Isto foi tudo. — E numa voz mais gentil: — Eu não queria preocupá-la mais do que o necessário. Certo?

— Sim, obrigada. Sim, eu... eu estou bem. Obrigada, Andy. — Ela passou o fone para Charlie e olhou para o seu copo. Haviam-se formado gotículas na superfície. Algumas estavam escorrendo.

Como as lágrimas no meu rosto, ela pensou e levantou-se. — Volto num segundo.

Pettikin viu-a afastar-se cheio de tristeza. Ele escutou as instruções finais de Andy.

— Sim, sim, é claro — disse. — Não se preocupe, Andy, eu me encarrego de... eu me encarrego de Ross, e ligarei assim que eles surgirem no radar. É terrível não saber de Dubois e Fowler, vamos ter pensamentos positivos e esperança. Quanto aos outros, é formidável. Até logo.

O fato de ter encontrado Ross o havia abalado. Assim que recebeu o telefonema de Gavallan naquela manhã, ele tinha corrido para o hospital. Por ser sexta-feira, a equipe estava reduzida ao mínimo, havia apenas um recepcionista de plantão e só falava árabe. O homem sorriu e deu de ombros e disse: — Bokrah, amanhã. Mas Pettikin tinha insistido e no fim o homem tinha entendido o que ele queria e tinha dado um telefonema. No fim de algum tempo um

enfermeiro chegou e fez um sinal para ele. Eles atravessaram vários corredores e atravessaram uma porta e lá estava Ross nu numa mesa.

Foi o impacto, a nudez total, a aparência de profanação e a inexistência de um mínimo de dignidade o que tinha desesperado Pettikin, não a morte em si. Este homem que tinha sido bom em vida fora deixado ali como se fosse uma carcaça. Em outra mesa havia lençóis. Ele apanhou um e o cobriu e isto o fez sentir-se melhor.

Pettikin tinha levado mais de uma hora para encontrar a enfermaria onde Ross estivera, para localizar uma enfermeira que falasse inglês e para achar o médico.

— Sinto tanto, sinto tanto, senhor — o médico, um libanês, tinha dito num inglês hesitante. — O rapaz chegou ontem em coma. Ele estava com uma fratura de crânio e nós suspeitamos de lesão cerebral. Disseram-nos que ele foi atingido por uma bomba terrorista. Os dois tímpanos estavam rompidos e ele tinha alguns cortes e hematomas de menor importância. Nós o radiografamos, evidentemente, mas além de enfaixar-lhe a cabeça havia muito pouco a fazer a não ser esperar. Ele não tinha nenhum ferimento interno nem hemorragia. Ele morreu esta manhã ao nascer do dia. O alvorecer hoje foi bonito, não foi? Eu assinei o atestado de óbito, o senhor gostaria de ter uma cópia?

Nós entregamos uma para a embaixada inglesa, junto com os pertences dele.

— Ele... ele recobrou a consciência antes de morrer?

— Eu não sei. Ele estava sob tratamento intensivo e a sua enfermeira... deixe-me ver... O médico consultou as suas listas e encontrou o nome dela. — Sivin Tahollah. Ah, sim. Nós a designamos para ele porque ele era inglês.

Ela era uma mulher idosa, fazia parte dos destroços do Oriente Médio, sem antepassados, parte de muitas nações. O seu rosto era feio e marcado de varíola, mas sua voz era gentil e tranquilizadora, suas mãos cálidas.

— Ele não recobrou a consciência, Effendi. — Ela disse em inglês — não realmente.

— Ele disse alguma coisa em especial, alguma que a senhora pudesse entender, qualquer coisa?

— Muita coisa que eu pude entender, mas sem sentido, Effendi.

— Ela pensou por um momento. — A maioria do que ele disse foram divagações, o espírito temendo o que não deveria temer, desejando o que não podia ter. Ele murmurou "azadeh". Azadeh significa "nascido em liberdade" em farsi, embora também seja um nome comum de mulher. Às vezes ele murmurava um nome parecido com "Erri" ou "Ekki" ou "kookri", e depois outra vez "azadeh". O seu espírito ainda não estava em paz, embora ele não tenha chorado ou gritado como alguns ao se aproximar do limiar.

— Houve mais alguma coisa?, qualquer coisa? Ela brincou com o relógio que usava na lapela.

— De vez em quando seus pulsos pareciam incomodá-lo e quando eu os esfregava ele ficava calmo de novo. Durante a noite ele falou numa língua que eu nunca tinha ouvido antes. Eu falo inglês, um pouco de francês e muitos dialetos árabes, muitos. Mas esta língua eu nunca tinha ouvido antes. Ele falou de uma maneira melodiosa, misturada com divagações e "azadeh", e às vezes palavras como... — Ela buscou na memória. — Como "regimento" e "edelweiss" e "highlands" ou "high land", e algumas vezes, ah, sim, palavras como "gueng" e "tenseng", às vezes um nome como "Roses" ou "Rose Mountain", talvez não fosse um nome, mas um lugar mas parecia entristecê-lo. — Seus olhos velhos eram remelentos. — Eu já vi a morte muitas vezes, Effendi, muitas, sempre diferente e sempre igual. Mas a sua morte foi tranquila e ele passou para o outro lado sem sofrimento. No último momento ele deu um grande suspiro. Eu acho que ele foi para o paraíso, se é que os cristãos vão para o paraíso, e encontrou a sua Azadeh...

TABRIZ — NO PALÁCIO DO KHAN: 15:40H.

Azadeh caminhava vagorosamente pelo corredor em direção ao Salão, onde ia encontrar-se com o irmão, suas costas ainda a incomodavam por causa da explosão da granada na véspera. Deus do Céu, foi apenas ontem que os nativos e Erikki quase nos mataram?, pensou. Parece que foi há mil dias, e parece que já morreu há um ano-luz.

Era uma outra existência. Não havia nada de bom nela, exceto mamãe e Erikki e Hakim, Erikki e...

Johnny. Uma existência de ódios e matança, terror e loucura, a loucura de viver como párias, Hakim e eu, cercados de maldade, loucura a barreira de Qazvin e aquele horrível mujahedins de cara redonda imprensado contra o carro, esmagado como uma mosca, loucura o nosso resgate feito por Charlie e o homem da KGB — como era o nome dele, ah, sim, Rakoczy — Rakoczy quase matando a todos nós, loucura o que houve em Abu Mard e que mudou a minha vida para sempre, loucura o que houve na base, onde passamos tempos tão bons, Erikki e eu, mas onde Johnny matou tanta gente tão depressa e com tanta crueldade.

Ela tinha contado tudo a Erikki na noite anterior — quase tudo.

— Na base ele... ele se tornou um animal assassino. Eu não me lembro de muita coisa, só de alguns flashes, de ter-lhe entregue a granada na aldeia, de vê-lo correr em direção à base... granadas e metralhadoras, um dos homens usando uma kookri, depois Johnny levantando a sua cabeça decepada e urrando como um espírito mau... Agora eu sei que a kookri era de Gueng. Johnny me contou em Teerã.

— Não diga mais nada agora. Deixe para amanhã, deixe o resto para amanhã, minha querida. Vá dormir, você está a salvo agora.

— Não. Eu tenho medo de dormir, mesmo agora nos seus braços, mesmo com as ótimas novidades sobre Hakim, quando eu durmo eu volto à aldeia, volto a Abu Mard e o mulá está lá, aquele maldito, o calânder está lá, o açougueiro está lá com a sua faca de trinchar.

— Não há mais aldeia nem mulá, eu estive lá. Não há mais nem calânder nem açougueiro. Ahmed contou-me a respeito da aldeia, parte do que houve lá.

— Você foi à aldeia?

— Sim, esta tarde, quando você estava descansando. Eu peguei um carro e fui até lá. Só há destroços e cinzas. Ainda bem — Erikki tinha dito com ódio.

No corredor, Azadeh parou um momento e se segurou na parede até passar a crise de tremedeira.

Tanta morte, matança e horror. Ontem, quando ela tinha chegado na escada no palácio e vira Erikki na cabine, com o sangue escorrendo pelo rosto e pingando da manga, com Ahmed encolhido ao seu lado, ela quase morrera e depois, ao vê-lo saltar e caminhar ereto para ela e levantá-la nos braços, ela revivera, pondo para fora todos os seus temores junto com as lágrimas.

— Oh, Erikki, oh, Erikki, eu tive tanto medo, tanto...

Ele a carregara para o salão e o médico estava lá com Hakim, Robert Armstrong e o coronel Fazir.

Uma bala arrancara parte da orelha esquerda de Erikki, outra passara de raspão pelo seu braço. O médico cauterizara as feridas e fizera um curativo nelas, aplicando-lhe soro antitetânico e penicilina, com mais medo de infecção do que da perda de sangue.

— Insha'Allah, mas não há muito mais que eu possa fazer, capitão, o senhor é forte, o seu pulso está bom, um cirurgião plástico pode melhorar a aparência da sua orelha, a sua audição não foi afetada, graças a Deus! Tome cuidado apenas com a infecção...

— O que aconteceu, Erikki? — tinha perguntado Hakim.

— Eu voei para o norte, em direção às montanhas e Ahmed foi descuidado. Não foi culpa dele, ele ficou enjoado, e antes que nos déssemos conta do que estava acontecendo, Bayazid encostou um revólver na cabeça dele, um outro nativo encostou um na minha e Bayazid disse: — Voe até a aldeia, depois você pode partir.

— Você fez um juramento sagrado de que não iria fazer-me nenhum mal! — eu disse. *

— Eu jurei que não lhe faria nenhum mal e não vou fazer, mas o juramento foi meu, não dos meus homens — disse Bayazid, e o homem que estava com a arma encostada na minha cabeça riu e gritou: — Obedeça ao nosso xeque ou, por Deus, você vai sentir tanta dor que vai implorar pela morte.

— Eu devia ter pensado nisso — disse Hakim. — Devia ter feito todos eles jurarem. Eu devia ter pensado nisso.

— Não teria feito nenhuma diferença. De qualquer maneira, a culpa foi minha; eu os trouxe aqui e quase estraguei tudo. Não posso dizer-lhe o quanto estou arrependido, mas era a única maneira de voltar e eu pensei que fosse encontrar Abdullah Khan, nunca imaginei que aquele matyeryebyets do Bayazid fosse usar uma granada.

— Nós não estamos feridos, graças a Deus, Azadeh e eu. Como você podia saber que Abdullah Khan estava morto, ou que metade do seu resgate já fora pago? Continue a contar o que aconteceu — tinha dito Hakim, e Azadeh notou algo de estranho na voz dele. Hakim mudou, ela pensou. Eu não consigo mais entender o que ele está pensando, como antes. Antes dele se tornar khan, khan de verdade, eu conseguia, mas agora não. Ele ainda é o meu irmão querido, mas um estranho. Tanta coisa mudou, e tão depressa. Eu mudei, Erikki também, meu Deus, e quanto! Johnny não mudou...

No salão, Erikki prosseguira: — Continuar voando era a única maneira de tirá-los do palácio sem mais confusão nem matança. Se Bayazid não tivesse insistido, eu teria oferecido. Nenhuma outra maneira seria segura para você e Azadeh. Eu tinha que apostar no fato deles obedecerem ao juramento. Mas o que quer que acontecesse, era entre mim e eles, eu sabia disso e eles também, pois é claro que eu era o único que sabia quem eles eram e onde viviam e a vingança de um khan é uma coisa séria. O que quer que eu fizesse, deixa-los no meio do caminho ou ir até a aldeia, eles jamais me libertariam. Como poderiam?, era a aldeia ou eu e o único Deus deles votaria pela aldeia junto com eles, não importa o que eles tivessem combinado ou jurado.

— Esta é uma questão que só Deus pode responder — Os meus deuses, os meus antigos deuses, não gostam de ser usados como desculpas e eles não gostam desses juramentos em seu nome. Eles desaprovam inteiramente isso, aliás, eles proíbem. — Azadeh percebeu a amargura e tocou nele com carinho. Erikki segurou a mão dela. — Eu estou bem agora, Azadeh.

— O que aconteceu depois, Erikki? — perguntou Hakim.

— Eu disse a Bayazid que não havia gasolina suficiente e tentei raciocinar com ele, mas ele disse apenas: "Seja como Deus quiser", enfiou a arma no ombro de Ahmed e puxou o gatilho. "Vá para a aldeia! A próxima bala vai ser no estômago." Ahmed desmaiou e Bayazid debruçou-se por cima dele para apanhar a arma que tinha escorregado para o chão da cabine, e estava sob o assento, mas não conseguiu apanhá-la. Eu estava com o cinto de segurança fechado, Ahmed também, mas eles não, então eu comecei a dar piruetas no céu de uma maneira que nunca pensei que um helicóptero pudesse aguentar, depois deixei-o cair e fiz uma aterrissagem malfeita; pensei que tivesse quebrado um esqui, mas depois vi que só estava torto. Assim que paramos, eu usei a arma e a minha faca e matei os que estavam conscientes e hostis, desarme os inconscientes e atirei-os para fora da cabine. Então, depois de algum tempo, eu voltei.

— Assim, com esta facilidade — tinha comentado Armstrong — quatorze homens.

— Cinco, e Bayazid. Os outros... — Azadeh estava com o braço no ombro dele e sentiu-o tremer. — Eu os deixei lá.

— Onde? — perguntou Hashemi Fazir. — O senhor poderia descrever o lugar, capitão? — Erikki fizera-o com bastante precisão e o coronel tinha mandado alguns homens para procurá-lo.

Erikki colocou a mão no bolso e tirou as joias dadas como resgate, entregando-as para Hakim.

— Agora eu gostaria de conversar com minha mulher, se você não se importar. Contarei o resto mais tarde. — E os dois tinham ido para os seus aposentos e ele não dissera mais nada, apenas a abraçara com carinho. A presença dele afastou sua angústia. Ele logo adormeceu. Ela mal dormiu, pois voltava sempre à aldeia,

lutando para livrar-se das suas garras sufocantes. Ela tinha ficado quieta por algum tempo nos braços dele, depois fora sentar-se numa cadeira e cochilara, contente por estar com ele. Ele dormira profundamente até escurecer, depois acordara.

— Primeiro um banho e uma barba e depois um pouco de vodca e então podemos conversar. Eu nunca a vi mais bonita nem a amei mais e sinto muito ter tido ciúmes. Não, Azadeh, não diga nada ainda. Depois eu vou querer saber de tudo.

Ao amanhecer, ela terminara de contar a ele tudo o que havia para contar — tudo o que ela jamais contaria — e ele terminara a sua história. Ele não tinha escondido nada, nem o seu ciúme, nem o ódio mortal nem a alegria da batalha e as lágrimas que derramara na montanha, ao ver a selvageria dos ferimentos que causara nos nativos. Eles... eles me trataram direito na aldeia deles... e resgate é um costume antigo. Se não fosse pelo fato de Abdullah ter mandado matar o mensageiro deles... talvez isso fizesse diferença, talvez não. Mas isso não desculpa os assassinatos, eu me sinto um monstro, você se casou com um louco, Azadeh. Eu sou perigoso.

— Não, não, não é, é claro que não.

— Por todos os meus deuses, eu matei vinte homens ou mais em dez dias e, no entanto, eu nunca tinha matado antes, a não ser aqueles assassinos, aqueles homens que entraram aqui para matar o seu pai antes do nosso casamento. Fora do Irã eu nunca matei ninguém, nunca feri ninguém, eu tive muitas brigas com ou sem pukoh, mas nada sério. Nunca. Se este calânder ou a aldeia ainda existissem, eu o teria matado sem pestanejar. Eu posso entender o seu Johnny na base; agradeço a todos os deuses por terem-no trazido para junto de nós para proteger você e o amaldiçoo por ter destruído minha paz, embora eu saiba que estou em dívida eterna para com ele. Eu não posso lidar com as mortes e nem com ele. Não posso, ainda não.

— Isto não tem importância agora, Erikki. Agora nós temos tempo. Agora estamos em segurança, você, eu, Hakim, nós estamos seguros, meu querido. Olhe para o amanhecer, não é lindo? Olhe, Erikki, é um novo dia agora, tão bonito, uma nova vida, Nós estamos seguros, Erikki.

NO SALÃO: 15:45h.

Hakim Khan estava sozinho exceto por Hashemi Fazir. Hashemi chegara inesperadamente há meia hora. Ele se desculpara pela intromissão, estendendo-lhe um telex.

— Achei que o senhor deveria ver isto imediatamente, Alteza.

O telex dizia: "URGENTE. Ao coronel Fazir, Serviço Secreto, Tabriz: prenda Erikki Yokkonen, marido de Sua Alteza, Azadeh Gorgon, por crimes contra o Estado, por cumplicidade em pirataria aérea, sequestro e alta traição. Algeme-o e mande-o imediatamente para o meu QG aqui. Diretor, Savama, Teerã."

Hakim dispensou os guardas.

— Eu não entendo, coronel. Por favor explique.

— Assim que eu o decodifiquei, telefonei para saber de mais detalhes, Alteza. Parece que no ano passado a S-G Helicópteros vendeu alguns aparelhos para a CHI e...

— Eu não compreendo.

— Desculpe, para a Companhia de Helicópteros Iraniana, uma companhia iraniana, onde trabalha atualmente o capitão Yokkonen. Entre esses havia, há, dez 212, incluindo o dele. Hoje, os outros nove, avaliados em cerca de nove milhões de dólares, foram roubados e retirados ilegalmente do Irã por pilotos da CHI. A Savama supõe que tenham sido levados para um dos Estados do golfo.

Hakim disse friamente: — Mesmo que eles tenham feito isso, não tem nada a ver com Erikki. Ele não fez nada de errado.

— Nós não sabemos ao certo. Alteza. A Savama acha que talvez ele soubesse da conspiração. Ela tem que ter sido planejada há algum tempo, porque há três bases envolvidas: Lengeh, Bandar Delam e Kowiss, bem como o escritório central deles em Teerã. A Savama está agitadíssima porque foram informados de que uma grande quantidade de peças valiosas foi retirada também. Não..

— Informados por quem?

— Pelo diretor executivo, Siamaki. E o que é ainda mais sério, todo o pessoal estrangeiro da CHI, pilotos, mecânicos e funcionários, também desapareceram. Todos eles, portanto trata-se de uma conspiração. Parece que ontem havia cerca de vinte deles em todo o Irã, na semana passada havia quarenta, hoje não há nenhum. Não há mais nenhum empregado estrangeiro da S-G, ou melhor, da CHI, em todo o Irã. Exceto o capitão Yokkonen.

Imediatamente, Hakim percebeu a importância de Erikki e xingou a si mesmo por permitir que o seu rosto o denunciasse quando Hashemi disse jovialmente: — Ah, sim, é claro que o senhor percebe isso! A Savama me disse que mesmo que o capitão seja inocente de cumplicidade na conspiração, ele é o único trunfo de que dispomos para convencer os líderes e criminosos, Gavallan e McIver, e certamente o governo britânico que deve ter tomado parte na traição, a devolver os nossos helicópteros, as nossas peças, a pagar uma indenização bem grande e voltar para o Irã para ir ao julgamento por crimes contra o Islã.

Hakim Khan mudou de posição nas almofadas, com a dor nas costas voltando e querendo gritar de raiva porque toda aquela dor e aquela angústia tinham sido desnecessárias, e agora, incapaz de ficar em pé sem sentir dor, ele poderia ficar lesado para sempre. Deixe isto para mais tarde, disse a si mesmo severamente, e trate de lidar com este filho de um cão perigoso que está sentado ali pacientemente como se fosse um vendedor de tapetes preciosos que tivesse apresentado os seus preços e estivesse esperando pelo início das negociações. Se eu quiser comprar.

Para tirar Erikki desta armadilha, eu terei que dar a este cão um pishkesh pessoal, de valor para ele e não para a Savama, que Deus os amaldiçoe seja que nome tenham. O quê? no mínimo Petr Oleg Mzytryk. Eu poderia entregá-lo para Hashemi sem pestanejar, se ele vier e quando vier. Ele virá.

Ontem Ahmed mandou chamá-lo em meu nome — como estará passando Ahmed, será que a operação correu bem? Espero que o idiota não morra; eu poderia usar um pouco mais os seus conhecimentos.

Que burrice deixar-se apanhar desprevenido, que burrice! Sim, ele é um burro, mas este cão não é.

Dando-lhe Mzytryk de presente, mais ajuda no Azerbaijão e com a promessa de uma amizade futura, eu posso tirar Erikki da armadilha. Mas por que o faria?

Porque Azadeh o ama? Infelizmente ela é irmã do khan de todos os Gorgons e isto é um problema do khan não do irmão.

Erikki é um risco para mim e para ela. Ele é um homem perigoso, com as mãos manchadas de sangue.

Os nativos, sejam curdos ou não, vão buscar vingança, provavelmente. Ele sempre foi uma escolha errada embora tenha-lhe trazido muita alegria e ainda lhe proporcione felicidade — mas nenhum filho — e agora ele não pode ficar no Irã. Impossível. Não há jeito dele ficar. Eu não poderia comprar dois anos de proteção para ele e Azadeh jurou por Deus que ficaria aqui pelo menos dois anos — como meu pai foi esperto em me dar poder sobre ela. Se eu tirar Erikki da armadilha, ela não poderá ir com ele. Em dois anos muita coisa pode acontecer. Mas se ele não serve para ela, por que livrá-lo? Por que não deixá-los levar Erikki para se vingarem de uma traição? É traição roubar a nossa propriedade.

— Esta é uma questão séria demais para responder imediatamente — disse.

— Não há nada para o senhor responder, Alteza. Só para o capitão Yokkonen. Eu presumo que ele ainda está aqui.

— O doutor ordenou que ele descansasse.

— Talvez o senhor pudesse mandar chamá-lo, Alteza.

— É claro. Mas um homem da sua importância e da sua cultura deve saber que há regras de honra e hospitalidade no Azerbaijão e na minha tribo. Ele é meu cunhado e até mesmo a Savama entende a honra familiar. — Os dois homens sabiam que esta era apenas uma abertura numa delicada negociação, delicada porque nenhum dos dois queria a maldição da Savama sobre suas cabeças, nenhum dos dois sabia ainda onde poderia chegar, nem mesmo se algum acordo particular era desejado. — Eu presumo que muitos saibam desta... desta traição?

— Só eu aqui em Tabriz, Alteza, no momento — Hashemi disse imediatamente, esquecendo-se convenientemente de Armstrong, a quem ele havia sugerido este telex forjado naquela manhã: — Não há nenhuma maneira daquele filho de um cão do Hakim saber que não é verdadeiro, Robert.

— Ele tinha dito, encantado com a sua esperteza. — Ele vai ter que negociar. Nós trocamos o finlandês por Mzytryk e isto não vai nos custar nada. Aquele finlandês sanguinário pode partir ao pôr-do-sol quando nós conseguirmos o que queremos. Até lá nós o manteremos preso.

— Digamos que Hakim Khan não concorde, não queira ou não possa entregar Mzytryk?

— Se ele não quiser negociar, nós agarramos Erikki de qualquer maneira. O Turbilhão vai vazar logo e eu posso usar Erikki para todo tipo de concessões. Ele é refém de pelo menos 15 milhões de dólares em helicópteros... ou talvez eu o ofereça aos nativos como uma oferenda de paz... O fato dele ser finlandês ajuda. Eu poderia ligá-lo intimamente com Rakoczy e à KGB e causar aos soviéticos todo tipo de problemas, bem como à CIA, hein? Até mesmo ao M16, hein?

— A CIA nunca fez mal algum a você. Nem o M16.

— Insha'Allah! Não se meta nisto, Robert. Erikki e o khan são uma questão interna do Irã. Para o seu próprio bem, não se meta. Com o finlandês eu posso conseguir concessões importantes. — Mas importantes só para mim, Robert, não para a Savama, tinha pensado Hashemi, sorrindo para si mesmo. Amanhã ou depois nós voltaremos para Teerã e então os meus assassinos vão caçá-lo na calada da noite e aí, puf, você se apagará como uma vela. — Ele vai entregá-lo — disse calmamente.

— Se Hakim desistir de Erikki, ele vai aguentar o diabo da irmã, eu acho que ela iria até o fim por ele.

— Talvez ela tenha que fazê-lo.

Hashemi recordou a alegria que sentira e agora foi ainda melhor. Ele podia ver a inquietação de Hakim e estava certo de que ele estava num beco sem saída.

— Tenho certeza de que o senhor compreenderá, Alteza, eu tenho que responder rapidamente a este telex.

Hakim decidira fazer uma oferta parcial.

— Traição e conspiração não devem ficar sem punição. Seja onde for. Eu mandei chamar o traidor que o senhor deseja. Com urgência.

— Ah. Quanto tempo levará para Mzytryk responder?

— Você deveria saber melhor do que eu, não?

Hashemi percebeu o seu aborrecimento e xingou-se por ter cometido este deslize.

— Eu ficaria estarecido se Vossa Alteza não obtivesse uma resposta com muita rapidez — disse com grande gentileza. — Com muita rapidez.

— Quando?

— Dentro de 24 horas, Alteza. Pessoalmente ou por mensageiro. — Ele viu o jovem khan se mexer cheio de dor e tentou decidir se deveria adiar ou insistir na sua vantagem, certo de que a dor era verdadeira. O médico fornecera-lhe um diagnóstico detalhado das possíveis contusões do khan e de sua irmã. Para cobrir qualquer eventualidade, ele mandara o médico dar a Eriki um sedativo bem forte aquela noite, caso o homem tentasse escapar.

— As 24 horas terminam às sete horas desta noite, coronel.

— Há tanto o que fazer em Tabriz, Alteza, seguindo o seu conselho desta manhã, que eu duvido que pudesse tratar do telex antes disso.

— O senhor vai destruir o quartel-general dos esquerdistas mujahedins esta noite?

— Sim, Alteza. — Agora que temos a sua permissão e a sua garantia de que não haverá repercussões junto ao Tudeh, ele teve vontade de acrescentar, mas não o fez. Não seja estúpido! Este rapaz não tem três caras como o cão do Abdullah, que ele queime no fogo do inferno. Este é mais fácil de se lidar, desde que você tenha mais cartas do que ele e não tenha medo de mostrar as garras quando necessário. — Seria uma pena se o capitão não estivesse disponível para... para ser interrogado esta noite.

Os olhos de Hakim estreitaram-se com aquela ameaça desnecessária. Como se eu não entendesse, seu filho de um cão

grosseiro.

— Eu concordo. — Houve uma batida na porta. — Entre. Azadeh entrou.

— Desculpe interrompê-lo, Alteza, mas o senhor pediu-me para lembrá-lo meia hora antes da hora de ir para o hospital tirar as radiografias. Saudações, que a paz esteja com o senhor, coronel.

— E que a paz de Deus esteja com a senhora, Alteza. — Fico contente de que toda esta beleza vá ter que ser coberta com o chador em breve, estava pensando Hashemi. Ela poderia tentar o próprio Satã, quanto mais os analfabetos sujos do Irã. Ele tornou a olhar para o khan. — Eu já vou, Alteza.

— Por favor, volte às sete, coronel. Se eu tiver alguma notícia antes disso, mando chamá-lo.

— Obrigado, Alteza.

Ela fechou a porta atrás dele.

— Como você está se sentindo, Hakim querido?

— Cansado. E com muita dor.

— Eu também. Você tem que ver o coronel mais tarde?

— Sim. Isso não tem importância. Como vai Erikki?

— Está dormindo. — Ela estava feliz. — Nós temos tanta sorte, nós três.

NA CIDADE DE TABRIZ: 16:06H.

Robert Armstrong checou a sua pequena automática, com o rosto fechado.

— O que você vai fazer? — perguntou Henley, sem gostar nem um pouco do revólver. Ele também era inglês, mas muito menor, tinha um bigode espetado e usava óculos. Estava sentado atrás da escrivaninha no escritório sujo e desarrumado, debaixo de um retrato da rainha Elizabeth.

— É melhor você não perguntar isso. Mas não se preocupe, eu sou um tira, lembra-se? Isto é só para o caso de algum bandido

resolver acabar comigo. Você pode transmitir a mensagem para Yokkonen?

— Não posso ir ao palácio sem ser convidado, que desculpa eu daria? — Henley levantou as sobrancelhas. — Acha que posso dizer para Hakim Khan: Sinto muito, meu velho, mas quero falar com o seu cunhado a respeito da possibilidade de retirar um amigo do Irã no seu helicóptero. — A sua jovialidade desapareceu. — Você está completamente enganado a respeito do coronel, Robert.

Não há nenhuma prova de que ele seja responsável pelo que aconteceu com Talbot.

— Mesmo que você tivesse uma prova, não o admitiria — disse Armstrong, zangado consigo mesmo por ter explodido quando Henley lhe contou a respeito do 'acidente'. Mais uma vez a sua voz endureceu. — Por que diabos você esperou até hoje para me contar que tinham acabado com Talbot?

Pelo amor de Deus, isso aconteceu há dois dias.

— Eu não decido a política, apenas transmito as mensagens, e de qualquer maneira nós acabamos de saber. Além disso, foi difícil encontrá-lo. Todo mundo pensou que você tivesse partido, a última vez que você foi visto estava a bordo de um avião britânico, indo para Al Shargaz. Droga, você recebeu ordens de partir há uma semana e ainda está aqui, que eu saiba não está em nenhuma missão, e não importa o que você tenha decidido fazer, não o faça, queira por gentileza dar o fora do Irã porque se você for apanhado e eles o puserem no terceiro nível, muita gente vai ficar uma fera.

— Vou tentar não desapontá-los. — Armstrong levantou-se e vestiu sua velha capa com gola de pele.

— Vejo-o em breve.

— Quando?

— Quando eu quiser. — Armstrong fechou a cara. — Não estou sob a sua autoridade e o que eu faço ou deixo de fazer não lhe interessa. Providencie apenas para que meu relatório fique guardado no cofre até que você tenha uma mala diplomática para enviá-lo com urgência a Londres, e fique com a sua maldita boca fechada.

— Geralmente você não é tão rude nem tão sensível. Que diabo está acontecendo, Robert?

Armstrong virou-se e desceu as escadas, saindo para a friagem da rua. Estava nublado e prometia nevar de novo. Ele desceu a rua apinhada de gente. Transeuntes e vendedores fingiam não notá-lo, presumindo que ele fosse soviético, e tratavam de cuidar da própria vida. Embora estivesse atento para ver se estava sendo seguido, sua mente estava imaginando como lidaria com Hashemi. Não havia tempo para consultar os seus superiores, e nem ele realmente queria fazer isso. Eles teriam sacudido as cabeças: — Meu Deus, o nosso velho amigo Hashemi? Despachá-lo sob suspeita dele ter liquidado com Talbot? Primeiro nós precisaríamos de provas...

Mas nunca haverá nenhuma prova e eles não acreditariam na existência das equipes Grupo Quatro e nem que Hashemi está se imaginando um moderno Hassan ibn al-Sabbah. Mas eu sei. Hashemi não estava radiante por ter assassinado o general Janan? Agora ele tem peixes mais graúdos para fisgar.

Como Pahmudi. Ou todo o Komiteh Revolucionário, sejam eles quem forem — fico me perguntando se ele já os pegou? Será que ele iria atrás do próprio imã? É impossível saber. Mas de uma maneira ou de outra, ele vai pagar pelo velho Talbot — depois de apanharmos Petr Oleg Mzytryk. Sem Hashemi eu não tenho nenhuma chance de apanhá-lo, e através dele, os malditos traidores que nós todos sabemos que estão operando lá em cima em Whitehall, os patrões de Philby, o quarto, o quinto e o sexto homem — no Gabinete, no M15 ou no M16. Ou em todos três.

Estava com dor de cabeça de tanta raiva. Tantos homens bons traídos. O toque da sua automática agradou-lhe. Primeiro Mzytryk, pensou, depois Hashemi. Só falta decidir quando e onde.

BAHREIN — NO AEROPORTO INTERNACIONAL: 16:24H.

Jean-Luc estava falando no telefone no escritório de Matias.

— ...Não, Andy, não temos nenhuma notícia. — Ele olhou para Matias que ouviu e baixou os polegares sombriamente.

— Charlie está fora de si — estava dizendo Gavallan. — Eu acabei de falar com ele pelo telefone. É terrível, mas não podemos fazer nada a não ser esperar. A mesma coisa com relação a Dubois e Fowler. — Jean-Luc pôde perceber o cansaço na voz de Gavallan.

— Dubois vai aparecer, afinal de contas ele é francês. Por falar nisso, eu disse a Charlie que se...

quando — corrigiu apressadamente — quando Tom Lochart e Freddy Ayre pousarem, diga a eles para reabastecerem os aparelhos em Jellet ao invés de virem para cá, a menos que haja uma emergência. Matias levou pessoalmente o combustível de reserva para Jellet, portanto sabemos que está lá. Andy, é melhor você ligar para Charlie e usar a sua autoridade porque Bahrein pode endurecer e eu não quero arriscar um outro confronto. A advertência deles foi clara, quer estejamos voando com registro britânico ou não. Eu ainda não sei como conseguimos livrar Rudi, Sandor e Pop.

Tenho certeza de que eles vão apreender qualquer aparelho com registro iraniano, bem como as tripulações, e da próxima vez vão verificar a pintura e os papéis.

— Está bem, eu vou falar com ele imediatamente. Jean-Luc, não há nenhum motivo para você voltar para Al Shargaz; por que não vai diretamente para Londres amanhã e depois para Aberdeen? Eu vou mandá-lo para o mar do Norte até estarmos com tudo resolvido, está bem?

— Boa ideia. Eu me apresentarei em Aberdeen na segunda-feira — Jean-Luc disse rapidamente, pensando no fim-de-semana livre. Mon Dieu, eu mereço isso, pensou, e mudou de assunto rapidamente para não dar tempo a Gavallan de argumentar. — Rudi já chegou?

— Sim, são e salvo. Todos três estão aqui. E também Vossi e Willi. Scrag está bem. Erikki está fora de perigo. Duke está melhorando devagar... Se não fosse por Dubois e Fowler, Mac, Tom e o grupo deles... Aleluia! Eu tenho que ir, até logo.

— Au revoir. — E disse para Matias: — Merde, fui designado para o mar do Norte.

— Merde.

— Qual é o número da Alitalia!

— E 22134. Porquê?

— Mesmo que eu tenha que invocar o próprio papa, vou estar no primeiro voo para Roma amanhã, com conexão para Nice. Preciso de Marie-Christine, das crianças e de uma comida decente. Espèce de con, o mar do Norte! — Preocupado, ele olhou para o relógio. — Espèce de con esta espera!

Onde estão os nossos pássaros de Kowiss, onde?

KUWAIT – AO LARGO DA COSTA: 16:31H.

A luz vermelha do combustível acendeu. McIver e Wazari viram-na ao mesmo tempo e ambos praguejaram.

— Quanto ainda temos, capitão?

— Com este maldito vento, não muito. — Ele estava apenas uns três metros acima das ondas.

— Quanto ainda falta para chegarmos?

— Não muito. — McIver estava exausto e sentia-se muito mal. O vento chegara a cerca de trinta e cinco nós e ele estava poupando o 212, tentando fazer o combustível render, mas não havia muito o que pudesse fazer naquela altitude. A visibilidade ainda estava fraca, e as nuvens menos densas à medida que se aproximavam da costa. Ele olhou pela janela, para Ayre, apontou para o painel e baixou os polegares. Ayre balançou a cabeça. A sua luz vermelha ainda não havia aparecido. Mas naquele momento ela acendeu.

— Maldição — Kyle, o mecânico de Ayre, disse: — Nós estaremos voando em campo aberto dentro de poucos minutos e seremos um alvo fácil.

— Não se preocupe. Se Mac não chamar logo o Kuwait, eu o farei. — Ayre espiou para cima, achou que tinha visto dois caças, mas eram apenas gaivotas. — Cristo, por um momento...

— Aqueles filhos da mãe não teriam coragem de nos seguir até aqui, teriam?

— Não sei. — Eles estavam brincando de esconder com dois caças desde que haviam saído da costa. Próximo a Kharg,

esgueirando-se através da chuva e da neblina, sem variar a altura sobre as ondas, ele e McIver tinham sido localizados: — Aqui é o controle de Kharg. Helicópteros voando ilegalmente no rumo 275, subam para trezentos e mantenham-se lá. Subam para trezentos e mantenham-se lá.

Por um momento, eles ficaram em estado de choque, então McIver fez sinal a Ayre para segui-lo, fez uma curva de noventa graus para o norte, afastando-se de Kharg, e desceu ainda mais. Em poucos minutos os seus fones encheram-se com as vozes dos pilotos dos caças, falando em farsi com o controle da Força Aérea.

— Eles estão sendo informados das nossas coordenadas, capitão — disse Wazari. — Ordens para preparar os foguetes... agora estão comunicando que os foguetes já estão armados...

— Aqui é Kharg! Helicópteros ilegais no curso 270, subam para trezentos e mantenham-se lá. Se não obedecerem, serão interceptados e abatidos; eu repito, serão interceptados e abatidos.

McIver soltou os comandos e esfregou o peito, sentindo a dor de voltar, depois manteve o curso enquanto Wazari traduzia trechos do que estava sendo dito: — ...o líder está dizendo sigam-me... agora o atirador diz que os foguetes estão armados... como eles vão encontrar os helicópteros no meio de toda essa merda de neblina... diz: eu estou diminuindo a velocidade... não queremos errar... o controlador de terra está dizendo: confirme se os foguetes estão armados, confirme destruição. Jesus, eles estão confirmando foguetes armados e em rota de colisão conosco.

Então os dois caças tinham saído da neblina em direção a eles, mas à direita e vinte metros acima e então passaram por eles e desapareceram.

— Cristo, será que eles nos viram?

— Jesus, capitão, não sei, mas esses filhos da mãe carregam sensores de calor.

O coração de McIver estava disparado quando ele fez um sinal para Ayre e ficou parado no ar, logo acima das ondas, para despistar os caças.

— Conte-me o que eles estão dizendo, Wazari, pelo amor de Deus!

— Os pilotos estão xingando... estão comunicando que estão a duzentos, duzentos nós... um deles está dizendo que não há nenhum buraco no colchão de nuvens e que o teto está a cerca de cento e cinquenta... que é difícil enxergar a superfície... o controlador está dizendo para eles seguirem para a fronteira e se colocarem entre ela e os piratas... Jesus, piratas? Fiquem entre eles e o Kuwait, vejam se as nuvens estão menos densas... mantenham-se emboscados em cem...

O que fazer? McIver estava perguntando a si mesmo. Nós poderíamos nos desviar do Kuwait e seguir direto para Jellet. Não adianta. Com este vento jamais conseguiríamos. Não podemos voltar. Então é mesmo o Kuwait e rezar para despistá-los.

Na fronteira, as nuvens foram suficientes para escondê-los. Mas os caças estavam à espreita em algum lugar, esperando por uma brecha, ou que as nuvens ficassem menos densas ou que suas presas achassem que estavam a salvo e subissem para a altura regulamentar de aproximação. O canal militar estava mudo já há um quarto de hora. Agora eles podiam ouvir os controladores do Kuwait.

— Vou cortar um motor para economizar combustível — disse McIver.

— O senhor quer que eu chame o Kuwait, comandante?

— Não, eu farei isso. Num minuto. É melhor você voltar para a cabine e ficar preparado para se esconder. Veja se pode encontrar algum colete salva-vidas, há alguns no armário. Use uma roupa inteiriça. Jogue fora o seu uniforme e fique com um colete à mão. Wazari ficou branco.

— Nós vamos descer no mar?

— Não, é só camuflagem, caso sejamos inspecionados — mentiu McIver, não esperando conseguir chegar até a costa. Sua voz estava calma e sua cabeça também, embora as pernas estivessem pesadas como chumbo.

— Qual é o plano quando pousarmos, comandante?

— Vamos ter que dançar conforme a música. Você tem algum documento?

— Só as minhas licenças de operador, americana e iraniana. Ambas dizem que eu pertencço à Força Aérea do Irã.

— Fique escondido, eu não sei o que vai acontecer... mas vamos ter esperança.

— Comandante, nós deveríamos subir, não há necessidade de abusarmos da sorte — disse Wazari.

— Já ultrapassamos a fronteira, estamos a salvo agora.

McIver olhou para cima. A neblina e as nuvens estavam menos densas, agora eles estavam quase totalmente desprotegidos. A luz vermelha pareceu encher o seu horizonte. É melhor subir, hein?

Wazari tem razão, não há necessidade de abusarmos da sorte, pensou.

— Nós só estaremos a salvo quando estivermos no chão — disse alto. — Você sabe disso.

NA TORRE DO AEROPORTO DO KUWAIT: 16:38H.

A sala estava com a equipe completa.

Alguns controladores britânicos, outros kuwaitianos. O melhor equipamento moderno. Telex, telefones e eficiência. A porta se abriu e Charlie Pettikin entrou.

— O senhor mandou me chamar? — perguntou ansiosamente ao controlador de plantão, um irlandês rechonchudo, usando um jogo de fones com um pequeno microfone pendurado e uma única peça de ouvido.

— Sim, capitão Pettikin — o homem disse secamente e, imediatamente, a ansiedade de Pettikin aumentou. — O meu nome é Sweeney, olhe! — Ele usou o lápis para apontar. Na periferia da sua tela, na linha dos trinta quilômetros, havia uma luzinha. — Isto é um helicóptero, talvez dois. Ele ou eles acabaram de aparecer, ainda não se comunicaram. Disseram-me que o senhor está esperando dois helicópteros britânicos em trânsito, não é verdade?

— Sim — disse Pettikin, com vontade de gritar de alegria pelo fato de um deles ou os dois terem aparecido no sistema — eles deviam estar vindo para Kuwait neste curso — e ao mesmo tempo

dolorosamente consciente de que ainda faltava muito para eles estarem em segurança. — Está correto — disse, rezando.

— Talvez não sejam os seus, afinal, pois este curso que eles estão usando é um bocado estranho, vindos do leste, já que estão em trânsito do Reino Unido. — Pettikin não disse nada. — Caso eles sejam os seus, qual seria o registro deles?

O desconforto de Pettikin aumentou. Se ele fornecesse os registros britânicos e os helicópteros fornecessem os registros iranianos — como legalmente seriam obrigados a fazer — estariam todos encrocados. As letras verdadeiras teriam forçosamente que ser vistas da torre quando os helicópteros se aproximassem para pousar — não havia como os controladores deixarem de vê-las.

Mas se ele desse a Sweeney os registros iranianos... isso arruinaria a operação Turbilhão. O filho da mãe está tentando me pegar, pensou, sentindo um grande vazio por dentro.

— Sinto muito — disse humildemente —, eu não sei. O nosso serviço de documentação não é dos melhores. Desculpe.

O telefone da escrivania tocou. Sweeney atendeu.

— Ah, sim, sim, comandante?... sim, não... no momento não... achamos que são dois... sim, sim, eu concordo... não, está bom agora. Desaparece de vez em quando... sim, muito bem. — Desligou, tornando a concentrar-se na tela.

Inquieto, Pettikin tornou a olhar para a tela. A luzinha parecia estar parada.

Então Sweeney trocou para alcance máximo e a tela abrangeu uma extensão maior para o interior do golfo, a oeste em direção aos poucos quilômetros até a fronteira do Kuwait com o Iraque, a nordeste em direção à fronteira Irã-Iraque, ambas muito próximas.

— O nosso sistema de longo alcance esteve enguiçado por algum tempo ou nós os teríamos visto antes, agora está ótimo, graças a Deus. Há um bocado de bases de combate ali — disse distraidamente, indicando com o lápis o lado iraniano da fronteira do Shatt-al-Arab na direção de Abadan. Então moveu o lápis na direção do golfo, traçando uma linha entre Kowiss e Kuwait e parou na luzinha. — Estes são os seus helicópteros, caso haja dois, e caso

sejam os seus. — Ele moveu a ponta do lápis um pouco para o norte, para dois pontos que se deslocavam rapidamente. — Caças.

Não são nossos. Mas estão na nossa área. — E levantou os olhos para Pettikin que ficou gelado. — Não autorizados e portanto hostis.

— O que eles estão fazendo? — perguntou, agora certo de que estava sendo testado.

— É isto que nós gostaríamos de saber, e muito. — A voz de Sweeney não era nada amigável. Com o lápis, ele indicou dois outros pontos, saindo da faixa militar do Kuwait. — Estes são nossos, vão dar uma olhada. — Ele emprestou um fone de reserva para Pettikin e ligou o transmissor. — Aqui é o Kuwait. Helicóptero ou helicópteros aproximando-se a 274 graus, qual o seu registro e a sua altitude?

Estática. O chamado foi repetido pacientemente. Então Pettikin reconheceu a voz de McIver.

— Kuwait, aqui é o helicóptero... aqui é o helicóptero Boston Tango e o helicóptero Hotel Echo, em trânsito para Al Shargaz, passando de duzentos para duzentos e cinquenta. — McIver tinha dado apenas as duas últimas letras do registro iraniano em vez de todas as letras exigidas na primeira chamada, incluindo o prefixo EP para Irã.

Surpreendentemente, Sweeney aceitou a chamada: — Helicópteros Bosto. Tango e Hotel Echo comuniquem-se no momento de pousar. — E Pettikin viu que ele estava distraído, concentrado nos dois pontos hostis que agora se aproximavam rapidamente dos helicópteros, seguindo-os com o lápis na tela. — Eles estão rentes — murmurou. — Quinze quilômetros a leste.

A voz de McIver soou nos fones: — Kuwait, por favor confirme pouso. Solicitamos aproximação direta, estamos com pouco combustível.

— Aproximação direta aprovada, comunique momento de pouso.

Pettikin percebeu a dureza da voz e quase deu um gemido. Sweeney começou a cantarolar. O controlador-chefe, um kuwaitiano, levantou-se da sua mesa e aproximou-se deles.

Eles observaram o sinal deixando um desenho da terra e os pontinhos de luz à sua passagem, vendo-os não como pontos luminosos, mas como dois caças hostis e dois interceptadores do

Kuwait ainda muito longe, com dois helicópteros indefesos entre eles. Mais perto. Os hostis estavam quase fundidos com os helicópteros agora. Então eles se afastaram em direção ao golfo. Por um momento, os três homens prenderam a respiração. Foguetes levam algum tempo para alcançar o alvo. Os segundos se passaram. Os sinais dos helicópteros permaneceram na tela. Os dos interceptores do Kuwait também, aproximando-se dos helicópteros, e depois eles também se afastaram. Sweeney trocou para a frequência deles e escutou a conversa em árabe. Ele olhou para o controlador-chefe e falou com ele em árabe. O homem disse: — Insha'Allah — cumprimentou Pettikin com a cabeça e saiu da sala.

— Os nossos interceptadores comunicaram que não viram nada — Sweeney disse a Pettikin com uma voz neutra. — Exceto dois helicópteros 212. Eles não viram nada. — Ele voltou para a faixa regular, com aviões se apresentando e sendo orientados para pouso e decolagem, depois mudou o radar para um alcance menor. Agora os helicópteros estavam separados em dois sinais, ainda longe da costa. A aproximação deles parecia terrivelmente lenta em comparação com os traços dos jatos que chegavam e partiam.

A voz de McIver se fez ouvir: — Pan pan pan! Kuwait, aqui falam os helicópteros BT e HE, pan pan pan, as nossas luzes vermelhas estão acesas, os tanques vazios, pan pan pan.

— Era a chamada de emergência que ficava um grau abaixo de Mayday.

— Permissão para pousar no heliporto de Messali Beach, bem à sua frente, perto do hotel. Vamos avisá-los e enviaremos combustível. Está me ouvindo? — perguntou Sweeney.

— Roger, Kuwait, obrigado. Eu conheço o hotel. Por favor, informe ao capitão Pettikin.

— Certo, informarei imediatamente. — Sweeney telefonou e pôs de sobreaviso o helicóptero de resgate para o caso de uma decolagem repentina, mandou um carro de bombeiros para o hotel e depois estendeu a mão para apanhar o fone que tinha emprestado a Pettikin, olhou para a porta e fez sinal para ele chegar mais perto. — Agora ouça — falou baixinho, com raiva. — É você quem vai encontrá-los e reabastecê-los e fazê-los passar pela Alfândega e pela

Imigração — se puder — e fazê-los dar o fora do Kuwait o mais depressa possível ou vocês, eles e os seus amigos "importantes" irão todos para a cadeia! Mãe Santíssima, como vocês tiveram a coragem de pôr em risco o Kuwait com essas suas aventuras malucas contra aqueles fanáticos do Irã, obrigando homens honestos a arriscarem os seus empregos por vocês. Se um dos seus helicópteros tivesse sido abatido... foi uma sorte danada não ter havido um incidente internacional. — Ele pôs a mão no bolso e de lá tirou um papel que enfiou na mão de Pettikin, que ficou paralisado de susto.

Sweeney deu-lhe as costas e tornou a pegar o telefone. Pettikin saiu com as pernas bambas. A uma distância segura, ele olhou o papel. Era um telex. O telex. De Teerã. Não era uma fotocópia. Era o original.

Deus do céu! Será que Sweeney o interceptou e o guardou para nós? Mas ele não disse: ...fazê-lo passar pela Alfândega e pela Imigração — se puder?

HOTEL MESSALI BEACH

O pequeno caminhão de combustível, com Genny e Pettikin a bordo, saiu da estrada e entrou nos amplos jardins do hotel, com os esguichos ligados. O heliporto ficava bem à esquerda do enorme estacionamento. Já havia um carro de bombeiros lá, esperando. Genny e Pettikin saltaram, Pettikin com um walkie-talkie de ondas curtas, ambos examinando o céu na direção do mar.

— Charlie, você está pegando alguma coisa?

Eles podiam ouvir o barulho dos motores, mas ainda não os viam, até que de repente: — Dois por cinco, Charlie... — Ruídos de estática. — ...mas eu.. Freddy, você desce no heliporto, eu vou descer do lado... — Mais estática.

— Lá estão eles! — gritou Genny. Os 212 saíram do meio da neblina a cerca de duzentos metros. — Oh, Deus, ajude-os...

— Estamos vendo vocês, Mac, há um carro de bombeiros aqui, não há problema. — Mas Pettikin sabia que eles estavam numa

grande enrascada, não havia possibilidades de trocar as letras com tantas pessoas olhando. Um dos motores falhou e tossiu, mas eles não puderam saber de qual dos helicópteros. Outra tossida.

A voz de Ayre, seca demais, disse: — Afastem-se aí embaixo, eu vou descer no heliporto.

Eles viram o 212 da esquerda se afastar ligeiramente e começar a perder altitude, calculando a distância, com o motor tossindo. Os bombeiros se prepararam. McIver manteve o curso e a altitude, para ter uma chance maior se os seus dois motores parassem — Merda — Pettikin murmurou involuntariamente, vendo Ayre se aproximar depressa, depressa demais, mas então ele reverteu ao máximo e pousou bem no meio do círculo, em segurança, com McIver começando o seu pouso de emergência. Pelo amor de Deus, por que ele está voando sozinho e onde está Tom Lochart? Sem espaço para manobrar, todo mundo prendendo a respiração, e então os esquis tocaram o chão e neste momento os motores morreram.

Bombeiros, em contato com o aeroporto pelo rádio, comunicaram fim da emergência, começaram a guardar o equipamento e Pettikin já estava agarrando a mão de McIver correndo depois até Ayre para fazer o mesmo. Genny ficou em pé ao lado da cabine de McIver, sorrindo para ele, radiante — Olá, Duncan — disse Genny, tirando o cabelo dos olhos. Fez boa viagem?

— A pior que eu já fiz, Gen — ele respondeu, tentando sorrir, ainda não refeito de todo. — De fato, nunca mais quero voar, nunca mais quero pilotar, que Deus me ajude! Eu ainda vou checar o Scrag, mas só uma vez por ano.

Ela riu e deu-lhe um abraço desajeitado e o teria largado, mas ele continuou abraçado com ela, cheio de amor, tão aliviado por vê-la de novo e por estar no chão, com seu passageiro são e salvo, com o aparelho em segurança, que sentiu vontade de chorar — Você está bem, amor?

Isso a fez chorar. Ele não a chamava assim há meses, talvez anos. Ela o abraçou ainda mais apertado.

— Agora veja só o que você me fez. — Ela encontrou um lenço, soltou-o e depois beijou-o de leve.

— Você merece um uísque com soda. Dois, e bem grandes! —
Pela primeira vez ela notou a palidez dele. — Você está bem,
querido?

— Sim. Acho que sim. Estou um pouco abalado. — McIver olhou
para Pettikin, que ria e conversava animadamente com Ayre,
enquanto o motorista do caminhão-tanque já tinha começado a
abastecer os helicópteros. Mais adiante, um carro de aparência
oficial estava se aproximando.

— E quanto aos outros, o que aconteceu?

— Está todo mundo em segurança, exceto Marc Dubois e Fowler
Joines. Eles ainda estão desaparecidos. — Ela contou que sabia a
respeito de Starke, Gavallan, Scragger, Rudi e seus homens. — Uma
novidade fantástica é que Newbury, um funcionário do consulado em
Al Shargaz, recebeu uma mensagem de Tabriz dizendo que Erikki e
Azadeh estão em segurança na casa do pai dela, mas o pai está
morto, parece, e agora o irmão dela é o khan.

— Meu Deus, isto é maravilhoso! Então nós conseguimos, Gen!

— Sim, sim, conseguimos, maldito vento. — Ela tornou a tirar o
cabelo dos olhos. — E Andy, Charlie e os outros acham que Dubois
tem uma boa chan... — Ela parou, e sua alegria foi se extinguindo,
ao perceber, subitamente, o que havia de errado. Ela se virou e
olhou para o outro 212.

— Tom? Onde está Tom Lochart?

AO SUL DE TEERÃ: 17:10H.

O poço de petróleo deserto ficava numas colinas desertas a cerca
de cento e cinquenta quilômetros de Teerã. Lochart o conhecia dos
velhos tempos, o seu 206 estava estacionado ao lado da bomba de
combustível e ele tinha reabastecido manualmente o aparelho e já
estava quase terminando.

Era uma estação intermediária para os helicópteros que serviam
àquela região, parte do grande oleoduto setentrional que, em
épocas normais, abrigava uma equipe de manutenção iraniana.

Numa cabana tosca havia alguns beliches para se passar a noite caso alguém fosse apanhado por uma das tempestades súbitas que eram muito comuns ali. Os donos originais do local, britânicos, o haviam chamado de 'D'Arcy 1908' para homenagear um inglês com este nome que fora o primeiro a descobrir petróleo no Irã, naquele ano. Agora pertencia à IranOil, mas tinha mantido tanto o nome quanto os tanques de combustível cheios.

Graças a Deus por isso, Lochart tornou a pensar já cansado de bombear combustível. No local de encontro, na costa, ele tinha atirado dois tambores vazios de duzentos litros no banco de trás, para o caso de D'Arcy 1908 estar aberto, e conseguira uma bomba provisória. Ainda havia combustível suficiente na costa para usar quando estivessem saindo do Irã, e Xarazade poderia manejar a bomba durante o voo.

— Agora nós temos uma chance — disse alto, sabendo onde pousar, como guardar o helicóptero em segurança e como entrar em Teerã.

Estava confiante outra vez, fazendo planos, pensando no que dizer a Meshang, o que evitar, o que dizer a Xarazade e como iam escapar. Tem que haver um jeito dela receber a sua parte da herança, o bastante para lhe dar a segurança de que ela precisa...

A gasolina transbordou dos tanques cheios até a boca, e ele praguejou por sua falta de cuidado, tampou-os cuidadosamente e enxugou o excesso. Agora estava pronto, os tambores do banco de trás já estavam cheios e a bomba no lugar.

Numa das cabanas ele achou algumas latas de carne e comeu uma delas — impossível comer e pilotar, a não ser que fosse com a mão esquerda, e ele estava há tempo demais no Irã para fazer isso — depois apanhou a garrafa de cerveja que tinha deixado na neve para gelar e tomou-a devagar.

Havia água num barril. Ele quebrou o gelo e jogou água no rosto para refrescar-se, mas não ousou bebê-la. Enxugou o rosto. Sentiu a barba espetando e tornou a praguejar, querendo estar com boa aparência para ela. Então lembrou-se da maleta de voo e dos aparelhos de barbear que havia lá. Um deles era a pilha. Ele o encontrou.

— Você pode fazer a barba em Teerã — disse para o seu reflexo na janela da cabine, ansioso por partir.

Um último olhar em volta. Neve, pedras e nada mais. Lá longe ficava a estrada Qom—Teerã. O céu estava encoberto mas o teto estava alto. Alguns pássaros voavam lá em cima. Aves de rapina, pensou, fechando o cinto de segurança.

TEERÃ — NA CASA DOS BAKRAVAN: 17:15H.

Uma porta se abriu no muro e duas mulheres saíram, cobertas de chador e véu, Xarazade e Jari estavam irreconhecíveis. Jari fechou a porta e foi andando apressadamente atrás de Xarazade, que avançava rapidamente no meio da multidão.

— Princesa, espere... não há pressa...

Mas Xarazade não diminuiu o passo até virar a esquina. Então parou e ficou esperando impacientemente.

— Jari, vou deixá-la agora — disse, não dando tempo a Jari de interrompê-la. — Não vá para casa, mas encontre-me no café, você sabe qual, às seis e meia, espere por mim se eu me atrasar — Mas princesa... — Jari mal podia falar. — Mas Sua Excelência Meshang... a senhora disse a ele que nós íamos ao médico e não...

— No café por volta das seis e meia, sete horas, Jari! — Xarazade saiu andando depressa, atravessou o tráfego perigosamente para evitar que a empregada a seguisse, entrou num beco, depois em outro e logo estava livre.

— Eu não vou me casar com aquele homem horrível, não vou, não vou, não vou! — murmurou alto.

A zombaria começara já naquela tarde, embora tivesse sido apenas no almoço que Meshang anunciara o grande mal. A sua melhor amiga tinha chegado há uma hora atrás para perguntar se eram verdadeiros os boatos de que Xarazade ia se casar com um membro da família Farazan.

— O bazar só fala nisso, Xarazade querida, eu vim imediatamente para dar-lhe os parabéns.

— O meu irmão tem muitos planos, agora que eu estou quase divorciada — ela tinha dito displicentemente. — Eu tenho muitos pretendentes.

— É claro, é claro, mas o boato é de que o dote já foi combinado.

— Ah, é? É a primeira vez que estou ouvindo falar nisto, como as pessoas são mentirosas!

— É verdade, que coisa horrível! Outros fofoqueiros maldosos afirmam que o casamento será na próxima semana e que o seu... e que o futuro marido está se gabando de ter tapeado Meshang no dote.

— Alguém tapear Meshang? Tem que ser mentira!

— Eu sabia que os boatos eram falsos! Eu sabia! Como você poderia casar-se com Diarreia Danoush, xá do lixo da noite? Como você poderia? — E sua amiga tinha dado boas gargalhadas. — Pobre querida, para que lado você iria virar-se?

— Que importância tem isso? — Meshang berrara com ela. — Elas estão é com inveja! O casamento vai se realizar, e hoje à noite nós vamos recebê-lo para jantar.

Talvez sim, talvez não, ela pensou. Talvez o jantar não seja como eles estão esperando.

Mais uma vez ela verificou o caminho, com os joelhos fracos. Ela estava indo para o apartamento do amigo dele, não muito longe dali. Lá ela encontraria a chave secreta no nicho do andar de baixo, entraria, olharia debaixo do tapete do quarto e levantaria o assoalho como o vira fazer. Então ela apanharia a pistola e a granada — Deus seja louvado pelo chador para escondê-las e ajudar-me a ficar disfarçada — depois ela poria no lugar a tábua do assoalho e o tapete e voltaria para casa.

Estava quase sem fôlego de excitação. Ibrahim vai ter orgulho de mim, indo à luta por Deus, para me sacrificar por Deus. Ele não foi para o sul lutar contra o mal e se sacrificar da mesma maneira? É claro que Deus vai perdoar as suas bobagens esquerdistas.

Como ele foi esperto de me mostrar como tirar a trava de segurança e armar o revólver e segurar a granada, puxar o pino e depois atirá-la sobre os inimigos do Islã, gritando Deus é Grande,

Deus é Grande... e depois atacando-os, atirando neles, sendo levada para o paraíso, esta noite mesmo se eu puder, amanhã no máximo, com a cidade toda dizendo que os estudantes esquerdistas começaram a sua insurreição. Nós os arrasaremos, meu filho e eu, nós o faremos, soldados de Deus e do profeta, cujo nome seja louvado, nós o faremos!

Deus é Grande, Deus é Grande... Puxe o pino e conte até quatro e atire, eu me lembro exatamente do que ele disse.

KUWAIT — NO HELIPORTO DO HOTEL MESSALI BEACH: 17:35H.

McIver e Pettikin estavam olhando para os dois homens da Alfândega e da Imigração, o primeiro examinando impassivelmente os papéis do helicóptero, o outro a cabine do 212. Até agora a inspeção deles fora superficial, embora demorada. Eles tinham recolhido todos os passaportes e documentos dos helicópteros, mas tinham dado apenas uma olhada superficial neles e perguntado a McIver a opinião dele a respeito da situação no Irã. Eles ainda não haviam perguntado diretamente de onde os helicópteros tinham vindo. Iriam perguntar a qualquer momento, pensavam McIver e Pettikin, nervosos.

McIver pensara em deixar Wazari escondido, mas resolvera não correr o risco.

— Sinto muito, sargento, você vai ter que arriscar.

— Quem é ele? — O homem da Imigração perguntou imediatamente, a cor e o medo de Wazari denunciando-o.

— Um operador de rádio e radar — disse McIver, com naturalidade. O funcionário tinha-se afastado e deixara Wazari lá em pé, suando, vestido com o pesado macacão de plástico e o colete de salva-vidas fechado até a metade.

— Então, capitão, o senhor acha que vai haver um golpe no Irã, um golpe militar?

— Eu não sei — tinha respondido McIver. — Os boatos se espalham como pragas. Os jornais ingleses dizem que é possível, muito possível, e também que o Irã está tomado por uma espécie de loucura, como o Terror da Revolução russa ou francesa. Posso mandar os nossos mecânicos verificarem tudo enquanto esperamos?

— É claro. — O homem esperou enquanto McIver dava as ordens, e depois disse: — Vamos esperar que esta loucura não se espalhe pelo golfo, hein? Ninguém quer problemas deste lado do golfo Islâmico. — Ele usou a expressão de propósito, uma vez que todos os Estados do golfo detestavam o termo golfo Pérsico. — Este é o golfo Islâmico, não é?

— Sim, sim, é.

— Todos os mapas terão que ser mudados. O golfo é o golfo, o Islã é o Islã e não pertence apenas à seita xiita.

McIver não disse nada, ficando mais cauteloso e mais inquieto. Havia muitos xiitas no Kuwait e na maioria dos Estados do golfo. Muitos. Geralmente eles eram os pobres. Os governantes, os xeques, eram geralmente sunitas.

— Capitão! — O funcionário da Alfândega estava na porta da cabine do 212 estacionado no heliporto, chamando-o. Ayre e Wazari tinham recebido instruções para esperar longe dos helicópteros até que a inspeção tivesse terminado. Os mecânicos estavam ocupados checando os aparelhos. — Vocês estão carregando armas de qualquer tipo?

— Não, senhor; a não ser a pistola de sinalização aprovada pelo regulamento.

— Contrabando de algum tipo?

— Não, senhor, só peças de reposição. — Todas as perguntas normais, intermináveis, que seriam repetidas assim que eles fossem liberados para ir para o aeroporto. Finalmente, o homem agradeceu e fez sinal para ele se afastar. O funcionário da Imigração tinha voltado para o carro com os passaportes. O transmissor de rádio ficara ligado, e McIver pôde ouvir claramente o controle de terra. Ele viu o homem coçar a barba Pensativamente e depois apanhar o microfone e falar em árabe.

Isso aumentou a sua preocupação. Genny estava sentada na sombra e ele foi até ela.

— Cabeça erguida — ela murmurou. — Como vai indo?

— Gostaria muito que eles nos deixassem prosseguir — disse McIver, irritado. — Nós vamos ter que aturar mais uma hora disto no aeroporto e eu não tenho a menor ideia do que fazer.

— Charlie tem...

— Capitão! — O homem da Imigração o chamava e a Pettikin para irem até o carro. — Então o senhor está em trânsito, não é?

— Sim. Para Al Shargaz. Com a sua permissão, nós partiremos imediatamente — disse McIver. — Iremos até o aeroporto, preencheremos o nosso plano de voo e partiremos assim que pudermos. Está certo?

— Para onde o senhor disse que está indo?

— Para Al Shargaz, via Bahrein para reabastecer. — McIver estava ficando cada vez mais nervoso.

Qualquer funcionário do aeroporto deveria saber que eles precisariam reabastecer antes de Bahrein, mesmo que o vento não estivesse assim tão forte, e todos os aeroportos do caminho eram sauditas, portanto ele teria que preencher um plano de voo para uma aterrissagem em território saudita.

Bahrein, Abu Dhabi, Al Shargaz, todos tinham recebido o mesmo telex. O Kuwait também, e mesmo que aqui o telex tivesse sido interceptado por um funcionário que simpatizava com eles, por qualquer motivo, o mesmo não aconteceria nos aeroportos sauditas. Com toda a razão, pensou McIver, e viu o homem olhar para as letras do registro iraniano debaixo das janelas da cabine de comando. Eles tinham chegado lá com o registro iraniano, ele teria que preencher o plano de voo e partir com as mesmas letras.

Para seu espanto, o homem apanhou um bloco de formulários no carro.

— Eu recebi instr... eu aceitarei o seu plano de voo e darei permissão para o senhor seguir direto daqui para Bahrein, imediatamente. O senhor pode me pagar as taxas de pouso regulamentares e eu carimbarei os seus passaportes também. Não haverá necessidade de ir até o aeroporto.

— O quê?

— Eu aceitarei o seu plano de voo agora e o senhor pode partir daqui mesmo. Por favor, prepare-o.

— Ele entregou o bloco a McIver. Era o formulário correto. — Assim que o senhor tiver terminado, assine-o e devolva-me. — Havia algumas moscas incomodando-o e ele as afastou com a mão. Depois apanhou o microfone, esperou até que McIver e Pettikin se afastassem e falou em voz baixa.

Sem poder acreditar no que tinha acontecido, eles foram se encostar no caminhão.

— Jesus, Mac, você acha que eles sabem e estão simplesmente deixando que a gente vá embora?

— Eu não sei o que pensar. Não perca tempo, Charlie. — McIver enfiou o bloco nas mãos dele e disse com mais irritação do que pretendia: — Faça logo este plano de voo antes que ele mude de ideia: Al Shargaz. Se tivermos uma emergência em Jellet isso é problema nosso. Pelo amor de Deus, faça isto logo e vamos partir o mais rápido que pudermos.

— Claro. Agora mesmo.

— Você não vai pilotar, vai, Duncan? — perguntou Genny.

— Não, é Charlie quem vai fazer isso.

Pettikin pensou por um momento, depois pegou uma chave e algum dinheiro.

— Esta é a chave do meu quarto, Genny. Você pode apanhar as minhas coisas para mim, não há nada muito importante lá, pagar a conta e pegar o próximo avião. Hughes, o representante da Imperial Air, lhe dará prioridade.

— E quanto ao seu passaporte e licença para pilotar? — ela perguntou.

— Eu sempre os carrego comigo, tenho um medo danado de perdê-los, bem como uma nota de cem dólares — nunca sei quando vou precisar subornar alguém.

— Conte comigo. — Ela colocou os óculos escuros e sorriu para o marido. — O que você vai fazer, Duncan?

Sem notar, McIver suspirou profundamente.

— Eu vou ter que continuar, Gen. Não tenho coragem de ficar aqui. Duvido que eles me deixassem.

Eles estão desesperados para não criar nenhuma confusão e loucos para se livrarem de nós. É óbvio, não é? Quem já ouviu falar em ser autorizado a decolar de uma praia? Nós somos um tremendo embarço e uma ameaça para o Estado, é claro que somos. Esta é a verdade! Faça o que Charlie disse, Gen. Nós vamos reabastecer os aparelhos em Jellet, mudar os registros lá e torcer pelo melhor. Você está com os estênceis, Charlie?

— Pincéis, tinta, tudo. — Pettikin não parou de preencher os formulários. — E quanto a Wazari?

— Ele faz parte da tripulação até que alguém faça alguma pergunta. Coloque-o aí como operador de rádio. Isto não é nenhuma mentira. Se não implicarem com ele em Bahrein, certamente o farão em Al Shargaz. Talvez Andy possa inventar alguma coisa para livrá-lo.

— Está bem. Ele é da tripulação. Então está pronto.

— Ótimo. Gen, Jeliet é fácil de chegar, Bahrein e A! Shargaz também. O tempo está bom, a lua está de fora, portanto um voo à noite não será problema. Faça o que Charlie disse. Você chegará lá a tempo de nos esperar.

— Se você vai partir imediatamente, precisará de comida e água — ela disse. — Podemos conseguir um pouco aqui. Eu vou buscar, Charlie. Vamos, Duncan, você está precisando de um drinque — Sirva-me um em Al Shargaz, Gen.

— Eu o farei. Mas vou lhe servir um agora. Você não vai pilotar, está precisando de um, eu vou lhe arranjar. — Ela foi até o funcionário da Imigração e conseguiu permissão para comprar sanduíches e dar um telefonema.

— Volto num segundo, Charlie. — McIver seguiu-a pelo interior do saguão do hotel e foi direto para o toailete. Lá ele vomitou muito. Levou algum tempo para se recuperar. Quando saiu, ela estava desligando o telefone — Os sanduíches já estão quase prontos, o seu drinque está servido e eu pedi uma ligação para você falar com Andy. — Ela foi na frente até uma mesa no suntuoso terraço-bar. Três Perrier gelados com fatias de limão, e uma dose dupla de

uísque puro, sem gelo, do jeito que ele gostava. Ele bebeu o primeiro copo de Perrier sem parar.

— Meu Deus, eu estava precisando disto... — Ele olhou para o uísque, mas não o tocou.

Pensativamente, ele tomou o segundo copo de Perrier e olhou para ela. Quando ele já estava quase no fim, disse: — Gen, acho que gostaria que você viesse comigo.

Ela ficou perplexa. Depois disse: — Obrigado, Duncan, eu gostaria muito de ir. Sim, eu gostaria muito. O rosto dele enrugou num sorriso.

— Você teria vindo de qualquer jeito, não teria? Ela deu de ombros. Baixou os olhos para o uísque.

— Você não está pilotando, Duncan. O uísque seria bom para você. Acalmaria o seu estômago.

— Você notou, hein?

— Só que você está muito cansado. Eu nunca o vi assim tão cansado, mas você se saiu maravilhosamente bem, fez um trabalho perfeito e deve descansar. Você... você tem tomado as suas pílulas e todo o resto?

— Oh, sim, embora vá precisar de um reforço em breve. Não há problema, mas eu me senti muito mal umas duas vezes. — Ao ver a ansiedade dela, ele acrescentou depressa: — Eu estou bem agora, Gen. Muito bem.

Ela não quis insistir. Agora que ele a convidara para ir junto, ela podia relaxar um pouco. Desde que ele pousara que ela o vinha observando com muito cuidado, cada vez mais preocupada. Ela tinha pedido umas aspirinas junto com os sanduíches, tinha Veganin na bolsa e o estojo de primeiros socorros que o dr. Nutt lhe dera em segredo.

— Como foi pilotar de novo? De verdade?

— De Teerã até Kowiss foi formidável, mas o resto não foi tão bom. Este último trecho não foi nada bom. — A lembrança de ter sido perseguido por caças e de ter estado tão perto do fracasso o fez sentir-se enjoado outra vez. Não pense nisso, disse a si mesmo, já terminou. O Turbilhão está quase no fim. Eriki e Azadeh estão a

salvo, mas e quanto a Dubois e Fowler, que diabo aconteceu com eles? E Tom? Eu poderia matar Tom, pobre idiota.

— Você está bem, Duncan?

— Oh, sim, estou muito bem. Só estou cansado, foram duas semanas daquelas.

— E quanto a Tom? O que você vai dizer a Andy?

— Eu estava pensando nele agora. Vou ter que contar a Andy.

— Isto é uma ameaça e tanto ao Turbilhão, não?

— Ele... ele está por conta própria, Gen. Talvez ele consiga apanhar Xarazade e fugir. Se for apanhado... nós temos que esperar e torcer — disse. Mas ele estava pensando quando ele for apanhado. McIver estendeu a mão e tocou-a, contente de estar com ela, sem querer preocupá-la ainda mais. Tudo isso é muito mais duro para ela. Eu acho que vou morrer.

— Por favor, desculpe-me, sahib, mensahib, os seus pedidos foram levados para o helicóptero — disse o garçom.

McIver entregou-lhe um cartão de crédito e o garçom se afastou.

— Isto me faz lembrar da sua conta do hotel e da do Charlie. Vamos ter que tratar disso antes de partirmos.

— Oh, eu telefonei para o sr. Hughes enquanto você estava no banheiro e pedi a ele para cuidar das nossas contas e despachar nossa bagagem e todo o resto se eu não estivesse de volta dentro de uma hora. Eu estou com a minha bolsa, meu passaporte e... por que você está rindo?

— Nada... nada, Gen.

— Foi só para o caso de você me convidar. Eu achei... — Ela examinou as bolhas do seu corpo.

Mais uma vez deu de ombros e olhou para ele, sorrindo feliz. — Estou tão contente que você tenha me pedido isso, Duncan. Obrigado.

AL SHARGAZ — NOS ARREDORES DA CIDADE: 18:01H.

Gavallan saltou do carro e subiu rapidamente os degraus da frente da casa em estilo mourisco que era cercada de muros altos.

— Sr. Gavallan!

— Oh, olá, sra. Newbury! — Ele mudou de direção para ir ao encontro da mulher, que estava meio escondida, ajoelhada, plantando alguns arbustos perto da entrada de carros. — O seu jardim está maravilhoso.

— Obrigada. É uma distração e me mantém em forma — ela respondeu. Angela Newbury era alta, tinha cerca de trinta anos e seu sotaque era elegante. — Roger está no pavilhão esperando pelo senhor. — Com as costas das mãos enluvadas, ela enxugou o suor do rosto, deixando uma mancha de terra. — Como vão as coisas?

— Muito bem — ele disse, omitindo as notícias sobre Lochart. — Nove em dez até agora.

— Oh, que bom, oh, isso é um alívio. Meus parabéns, nós estávamos todos tão preocupados. Que maravilha, mas pelo amor de Deus, não diga a Roger que eu perguntei, ele teria um ataque. Ninguém deve saber.

Ele devolveu-lhe o sorriso e atravessou os lindos jardins até chegar ao pavilhão. Este ficava no meio de um grupo de árvores e canteiros de flores e tinha cadeiras, mesinhas, um bar portátil e telefone. A sua alegria desapareceu ao ver a cara de Roger.

— Qual é o problema?

— Você é o problema. Turbilhão é o problema. Eu deixei muito claro que a operação não era aconselhável. Como ela está indo?

— Acabei de saber que os dois Kowiss chegaram em segurança no Kuwait e partiram para Bahrein sem problemas, isto significa nove em dez, se incluirmos o de Erikki em Tabriz. Dubois e Fowler ainda não apareceram, mas estamos torcendo. Agora, qual é o problema, Roger?

— O golfo está em polvorosa, com Teerã pondo a boca no mundo e todos os nossos escritórios em alerta. O meu Líder Destemido e este seu criado, Roger Newbury, estão convidados a comparecer ao gabinete do ilustre ministro do Exterior, às sete e meia, para explicar a súbita afluência de helicópteros com registros britânicos aqui, e para informar quanto tempo eles pretendem ficar.

— Newbury, um homem pequeno e magro, com cabelos cor de areia, olhos azuis e um nariz proeminente, estava visivelmente irritado. — Fico satisfeito com os nove em dez, você quer um drinque?

— Obrigado. Um uísque com soda. Newbury foi preparar.

— O meu Líder Destemido e eu ficaríamos encantados se você nos sugerisse o que dizer.

Gavallan pensou por um momento.

— Os helicópteros sairão daqui assim que conseguirmos embarcá-los nos aviões de carga.

— E quando vai ser isso? — Newbury entregou-lhe o drinque.

— Obrigado. Os aviões de carga estão prometidos para domingo, por volta das 18 horas. Nós vamos trabalhar a noite inteira e os despacharemos na segunda-feira de manhã.

Newbury ficou alarmado.

— Você não pode tirá-los daqui antes disso?

— Os aviões foram encomendados para amanhã, mas me deixaram na mão. Por quê?

— Porque, meu velho, há poucos minutos atrás nós recebemos uma informação amável, de alta fonte, de que caso os helicópteros não estejam mais aqui amanhã ao anoitecer, talvez eles não sejam apreendidos.

Agora foi a vez de Gavallan levar um choque.

— Isso não é possível. Não pode ser feito.

— Eu estou sugerindo que seria prudente que você tornasse isso possível. Leve-os para Omã ou Dubai ou qualquer outro lugar.

— Se fizermos isso... se fizermos isso, ficaremos mais encrencados ainda.

— Não acho que você possa ficar mais encrencado do que já está, meu velho. Da forma como nos passaram esta informação, amanhã ao anoitecer você vai estar encrencado até o pescoço. — Newbury brincou com o seu drinque, uma batida de limão. Que droga tudo isso, ele estava pensando.

Enquanto somos obrigados a ajudar a salvar os nossos interesses comerciais da catástrofe do Irã, temos que pensar tanto a longo prazo como a curto prazo. Não podemos pôr em risco o governo de

Sua Majestade. Além disso, meu fim-de-semana está arruinado. Eu deveria estar tomando um gostoso aperitivo de vodca com Angela e aqui estou eu, me aborrecendo. — Você vai ter que retirá-los.

— Você não pode nos conseguir um adiantamento de 48 horas, explicar Que os aviões de carga foram contratados mas que só pode ser no domingo?

— Eu não ousaria sugerir isto, Andy. Isto seria admitir a nossa culpa.

— Você poderia nos conseguir uma licença de trânsito de 48 horas para Omã?

Newbury fez uma careta.

— Vou perguntar ao chefe, mas não poderemos sondá-los até amanhã, agora é tarde demais, e o meu palpite é que o pedido será negado. O Irã tem uma força considerável lá, afinal de contas eles realmente ajudaram a derrotar os rebeldes comunistas apoiados pelo Iêmen. Duvido que eles concordem em ofender um grande amigo, por mais que a atual linha fundamentalista os desagrade.

Gavallan estava se sentindo mal.

— É melhor eu ver se consigo trazer os meus aviões de carga ou tentar uma outra alternativa. Eu diria que tenho uma chance em cinquenta. — Ele terminou o drinque e se levantou. — Sinto muito por tudo isto.

Newbury também se levantou.

— Sinto muito não poder ajudar mais — disse, genuinamente aborrecido. — Mantenha-me informado e eu farei o mesmo.

— É claro. Você disse que talvez pudesse mandar uma mensagem para o capitão Yokkonen em Tabriz?

— Posso tentar. O que é?

— Só que eu mandei dizer que ele deve, ahn, partir o mais cedo possível, pelo caminho mais curto. Por favor, assine GHPLX Gavallan.

Sem fazer nenhum comentário, Newbury tomou nota da mensagem.

— GHPLX?

— Sim. — Gavallan tinha certeza de que Erikki entenderia que este era o novo registro britânico. — Ele não está a par de certos acontecimentos, então, se o seu homem pudesse também falar com

ele em particular e explicar o motivo de tanta pressa, eu ficaria muito agradecido. Obrigado pela sua ajuda.

— Para o seu bem, e o dele, eu concordo que quanto mais cedo ele partir melhor, com ou sem o helicóptero. Não há nada que possamos fazer para ajudá-lo. Sinto muito, mas esta é a verdade. — Newbury brincou com o copo. — Ele agora representa um enorme perigo para você. Não?

— Eu acho que não. Ele está sob a proteção do novo khan, cunhado dele. Ele está bastante seguro — disse Gavallan. O que Newbury diria se soubesse sobre Tom Lochart? — Erikki vai ficar bem, ele vai entender. Mais uma vez obrigado.

TABRIZ — NO HOSPITAL INTERNACIONAL: 18:24H.

Hakim Khan caminhou penosamente para o quarto particular, seguido por um médico e por um guarda. Ele estava usando muletas e estas faziam com que andasse com mais facilidade, mas quando se inclinava ou tentava sentar, elas não lhe aliviavam a dor. Isto só os analgésicos conseguiam fazer. Azadeh estava esperando lá embaixo, seu raio-X fora melhor do que o dele, e ela sentia menos dor.

Ahmed estava deitado na cama, acordado, com o peito e o estômago envolto em ataduras. A operação para remover a bala alojada no seu peito tinha sido bem-sucedida. A do estômago fizera muitos estragos, ele perdera muito sangue e a hemorragia interna tinha recomeçado. Mas quando ele viu Hakim tentou levantar-se.

— Não se mexa, Ahmed — disse Hakim, com bondade. — O médico me disse que você está se recuperando bem.

— O médico é um mentiroso, Alteza.

O médico começou a falar, mas parou quando Hakim disse: — Mentiroso ou não, fique bom, Ahmed.

— Sim, Alteza, com a ajuda de Deus. Mas e o senhor, o senhor está bem?

— Se o raio-X não tiver mentido, eu estou apenas com uma rotura de ligamentos. — E deu de ombros. — Com a ajuda de Deus.

— Obrigado... Obrigado pelo quarto particular, Alteza. Eu nunca tive tanto conforto.

— Isto é apenas uma prova do meu reconhecimento por tanta lealdade. — Com um gesto imperioso, ele mandou que o guarda e o médico saíssem. Depois que a porta foi fechada, ele chegou mais perto.

— Você pediu para me ver, Ahmed?

— Sim. Alteza, por favor, desculpe-me por não ter podido... não ter podido ir até o senhor. — A voz de Ahmed estava fraca e ele falava com dificuldade. — O homem de Tbilisi que o senhor quer... o soviético... ele mandou uma mensagem para o senhor. Está... está debaixo da gaveta... ele a prendeu aqui debaixo da gaveta. — Com esforço ele apontou para uma pequena cômoda.

A excitação de Hakim cresceu. Ele enfiou a mão por baixo da gaveta. As ataduras que o envolviam não deixavam que ele se inclinasse direito. Encontrou o papelzinho dobrado e retirou-o com facilidade.

— Quem trouxe isto e quando?

— Foi hoje... não sei a que horas... Não tenho certeza, acho que foi esta tarde. Não sei. O homem estava usando um jaleco de médico e óculos, mas não era um médico. Era um azerbaijano, talvez um turco, eu nunca o tinha visto antes. Ele falou em turco, e tudo o que disse foi: "Isto é para Hakim Khan, de um amigo de Tbilisi. Compreendeu?"

Eu disse que sim e ele saiu tão depressa quanto tinha entrado. Por algum tempo achei que fora um sonho...

A mensagem estava rabiscada numa letra que Hakim não reconheceu: "Meus sinceros parabéns pela sua herança. Que o senhor possa ter uma vida longa e ser tão produtivo quanto o seu predecessor.

Sim, eu também gostaria de encontrar-me urgentemente com o senhor. Mas aqui, não aí. Desculpe.

Assim que o senhor estiver pronto, eu ficarei honrado em recebê-lo, com pompa ou em particular, o que o senhor preferir. Nós deveríamos ser amigos, há muito o que fazer e nós temos muitos interesses em comum. Por favor, diga a Robert Armstrong e a Hashemi Fazir que Yazernov está enterrado no cemitério russo em Jaleh e que está ansioso para vê-los assim que for conveniente." Não havia nenhuma assinatura.

Muito desapontado, ele voltou para perto da cama e entregou o papel a Ahmed.

— Como você interpreta isto?

Ahmed não teve forças para segurar o papel.

— Desculpe, Alteza, por favor, segure-o para que eu possa ler. — Depois de ler, ele disse: Não é a letra de Mzytryk, eu... eu reconheceria a sua letra mas... mas acredito que seja genuíno. Ele deve ter transmitido a mensagem para... para os seus subordinados...

— Quem é Yazernov e o que ele quer dizer com isto?

— Eu não sei. É um código... um código que eles vão entender.

— Ou é um convite para um encontro ou uma ameaça. Qual dos dois?

— Eu não sei, Alteza. Acho que é um encontro. — Ele teve um espasmo de dor e praguejou na sua própria língua.

— Mzytryk sabe que nas duas últimas vezes eles estavam à espreita? Ele sabe que Abdullah Khan o traiu?

— Eu... eu não sei, Alteza. Eu lhe disse que ele era esperto e que o khan, seu pai, tomava muito cuidado com ele. — O esforço de falar e de se concentrar estava tirando as forças de Ahmed. — O fato de Mzytryk saber que eles estão em contato com o senhor... que ambos estão aqui agora, não significa nada, ele tem espiões em toda parte. O senhor é o khan e é claro... é claro que o senhor sabe que... que é espionado por todo tipo de homens, a maioria maus, que comunicam tudo aos seus superiores — na maioria piores ainda. — Ele sorriu e Hakim ficou pensando o que significaria o sorriso. — Mas, por outro lado, o senhor sabe esconder os seus verdadeiros propósitos, Alteza.

Abdullah Khan nunca suspeitou o quanto o senhor é brilhante, nem uma vez. Se... se ele tivesse sabido o quanto o senhor vale, ele nunca o teria banido, mas tê-lo-ia feito seu herdeiro e conselheiro.

— Ele teria me mandado matar. — Nem por um segundo Hakim Khan ficou tentado a contar a Ahmed que fora ele próprio que enviara os assassinos que Erikki matara, nem sobre a tentativa de envenenamento que também havia falhado. — Há uma semana atrás ele teria ordenado que eu fosse mutilado e você o teria feito alegremente.

Ahmed olhou para ele, com olhos fundos que refletiam a face da morte — Como é que o senhor sabe de tanta coisa?

— É a vontade de Deus.

O fim começara. Os dois homens sabiam disto. Hakim disse: — O coronel Fazir mostrou-me um telex acerca de Erikki. — E contou o conteúdo do telex a Ahmed.

— Agora eu não tenho Mzytryk para servir de barganha, não imediatamente. Posso entregar Erikki a Fazir ou então ajudá-lo a fugir. De qualquer maneira minha irmã prometeu ficar aqui e não pode ir com ele. Qual é o seu conselho?

— Para o senhor é mais seguro entregar o infiel ao coronel como pishkesh e fingir para ela que não pôde fazer nada para impedir... para impedir a prisão. Na verdade, não há nada que o senhor possa fazer se o coronel decidir que vai ser assim. Ele, o da Faca, ele vai resistir e portanto vai ser morto.

Então o senhor pode prometê-la secretamente para o homem de Tbilisi... Mas não entregá-la nunca, assim o senhor poderá controlá-lo... embora eu duvide.

— E se ele, o da Faca, "conseguir" fugir?

— Se o coronel permitir isso, ele exigirá um pagamento.

— E qual será?

— Mzytryk. Agora ou no futuro. Enquanto ele, o da Faca, viver, Alteza, ela nunca se divorciará dele.

Esqueça-se do Sabotador, ele pertence a uma outra vida, e quando os dois terminarem, ela irá ao encontro dele, isto é, se ele permitir que ela fique aqui. Eu duvido que até mesmo o senhor, Alteza...

— Os olhos de Ahmed se fecharam e um tremor o percorreu.

— O que aconteceu com Bayazid e os bandidos? Ahmed...

Ahmed não o escutou. Ele estava vendo as estepes, as vastas planícies da sua terra e da terra dos seus ancestrais, o mar de grama de onde os seus antepassados tinham vindo para cavalgar ao lado dos exércitos de Gengis Khan, e depois ao lado dos exércitos de seu neto, Kublai Khan e seu irmão Hulagu Khan, que invadiram a Pérsia e ergueram montanhas de crânios dos que se opuseram a eles. E que permaneceram aqui nas terras douradas desde tempos muito remotos. Ahmed pensou, terras de vinho, calor e riqueza, de mulheres de grande beleza e sensualidade, valorizadas desde tempos muito antigos como Azadeh... ah agora eu nunca a possuirei

como ela deveria ser possuída, arrastada pelos cabelos como um despojo de guerra, carregada na sela de um cavalo para ser possuída e domada sobre peles de lobos...

De muito longe, ele ouviu a sua própria voz dizendo: — Por favor, Alteza, eu lhe imploro um favor, eu gostaria de ser enterrado na minha própria terra e de acordo com os nossos costumes... — Então eu poderei viver para sempre com os espíritos dos meus ancestrais, ele pensou, atraído por aquela terra encantadora.

— Ahmed, o que aconteceu com Bayazid e os bandidos quando vocês pousaram?

Com muito esforço, Ahmed voltou.

— Eles não eram curdos, eram apenas nativos fingindo ser curdos e ele, o da Faca, os matou a todos, Alteza, com enorme brutalidade — disse com estranha formalidade. — Na sua loucura, ele os matou a todos, com faca, revólver, mãos, pés e dentes, a todos, exceto Bayazid que, por causa do juramento feito ao senhor, não podia atacá-lo.

— Ele o deixou vivo? — Hakim perguntou, incrédulo.

— Sim, que Deus lhe dê paz. Ele... ele pôs um r-e-vólver na minha mão e segurou Bayazid perto do revólver e eu... — Sua voz sumiu, ondas de grama o chamavam se estendendo até o horizonte.

— Você o matou?

— Oh, sim, olhando... Olhando dentro dos olhos dele. — A voz de Ahmed encheu-se de raiva. — O filho de um... um cão atirou em mim pelas costas, duas vezes, sem honra e sem... e sem virilidade, o filho de um cão. — Os lábios sem sangue sorriram e ele fechou os olhos. Ele estava morrendo, suas palavras eram quase imperceptíveis. — Eu me vinguei.

Hakim falou rapidamente: — Ahmed, o que foi que você não me disse e que eu preciso saber?

— Nada... — Alguns segundos depois os seus olhos se abriram e Hakim viu a morte lá dentro. — Não há nenhum outro deus além de Deus e... — um pouco de sangue escorreu-lhe pelos cantos da boca. — Eu fiz do senhor kh... — A última palavra morreu com ele.

Hakim sentiu-se mal diante daqueles olhos parados.

— Doutor! — gritou.

Imediatamente o homem entrou junto com o guarda. O médico fechou os olhos dele.

— Seja como Deus quiser. O que devemos fazer com o corpo, Alteza?

— O que é feito em geral com os corpos? — Hakim afastou-se apoiado nas muletas e o guarda o acompanhou. Então, pensava Hakim, então, Ahmed, agora você está morto e eu estou sozinho, desligado do passado e sem obrigação para com ninguém. Você me fez khan? Era isso o que você ia dizer? Você sabia que havia buracos ocultos naquele quarto também?

E deu um sorriso. Depois seu rosto endureceu. Agora é a vez do coronel Fazir e de Erikki, Ele, o da Faca, como você o chamava.

NO PALÁCIO: 18:48H.

Na luz do entardecer, Erikki consertava cuidadosamente um dos buracos de bala no pára-brisa de plástico do 212 com fita adesiva. Era difícil com o braço na tipoia, mas sua mão era forte e o ferimento do braço ia ficar bom — não havia sinal de infecção. Ele estava com a orelha coberta de curativos, parte do seu cabelo tinha sido raspado por medida de higiene, e ele estava melhorando rapidamente. Seu apetite era bom. As horas de conversa que tivera com Azadeh tinham-lhe proporcionado bastante paz de espírito.

É só isso, pensou, é só uma medida, não o suficiente para perdoar as matanças ou o perigo que eu represento. Então que seja. Foi assim que os deuses me fizeram e é assim que eu sou. Sim, mas e quanto a Ross e Azadeh? E por que ela guarda o kookri tão perto dela: — Foi o presente dele para você, Erikki, para você e para mim. - Traz má sorte dar uma faca a um homem sem receber dinheiro em troca, na mesma hora, só como um símbolo. Quando eu o vir, vou lhe dar algum dinheiro e aceitar o presente.

Mais uma vez ele apertou o botão de arranque. Mais uma vez o motor pegou, tossiu e morreu. E quanto a Ross e Azadeh?

Ele se sentou na porta da cabine e olhou para o céu. O céu não lhe deu nenhuma resposta. Nem o pôr-do-sol. O sol estava se pondo e havia nuvens ameaçadoras. Os chamados dos muezins começaram.

Os guardas do portão viraram-se de frente para Meca e se prostraram; assim como os que estavam dentro do palácio e os que estavam trabalhando nos campos, na fábrica de tapetes e nos abrigos de ovelhas.

Inconscientemente, sua mão se dirigiu para a faca. Inconscientemente, seus olhos verificaram se a metralhadora ainda estava ao lado do assento do piloto e carregada. Havia outras armas escondidas na cabine, armas tiradas dos nativos. AK47s e M16s. Ele não se lembrava de tê-las tirado ou de tê-las escondido, descobrira-as esta manhã ao fazer a sua inspeção para ver os estragos e enquanto limpava o interior da cabine.

Com o curativo na orelha, ele não ouviu o carro que se aproximava até que este apareceu no portão.

Os guardas do khan reconheceram os ocupantes e fizeram sinal para o carro passar. Este parou no enorme pátio, perto da fonte. Mais uma vez ele apertou o botão de arranque, e mais uma vez o motor pegou por um momento, sacudiu todo o aparelho e morreu.

— Boa noite, capitão — disseram os dois homens, Hashemi Fazir e Armstrong. — Como o senhor está se sentindo hoje? — perguntou o coronel.

— Boa noite. Se eu tiver sorte, dentro de mais ou menos uma semana estarei melhor do que nunca. — Erikki disse amavelmente, mas pondo-se em guarda.

— Os guardas disseram que Suas Altezas ainda não voltaram. O khan está nos esperando, nós viemos aqui a convite dele.

— Eles estão sendo radiografados no hospital. Eles saíram enquanto eu estava dormindo, não devem demorar. — Erikki observou-os. — Os senhores gostariam de um drinque? Há vodca, uísque e chá e, é claro, café.

— Obrigado, o que o senhor for tomar — disse Hashemi. — Como está o seu helicóptero?

— Mal — respondeu aborrecido. — Há uma hora que estou tentando fazê-lo pegar. Ele teve uma semana miserável. — Erikki foi na frente em direção aos degraus de mármore. — Estou precisando urgentemente de um mecânico. Nossa base está fechada, como vocês sabem, e eu tentei telefonar para Teerã, mas os telefones estão mudos de novo.

— Talvez eu possa lhe arranjar um mecânico, amanhã ou depois, da base aérea.

— Poderia mesmo, coronel? — O seu sorriso foi súbito e grato. — Isto ajudaria um bocado. E eu preciso de combustível, um tanque cheio. Seria possível?

— Você poderia voar até o campo de aviação?

— Eu não me arriscaria, mesmo que conseguisse fazer o motor pegar, seria perigoso demais. Não, eu não me arriscaria. — Erikki sacudiu a cabeça. — O mecânico vai ter que vir aqui. — Ele foi andando por um corredor comprido, abriu a porta que dava para o pequeno salão do andar térreo que Abdullah Khan reservara para convidados não-islâmicos. Era chamado Salão Europeu. O bar era bem sortido. Havia sempre gelo na geladeira, gelo feito com água fervida, soda e refrigerantes de todos os tipos, além de chocolate e halvah, que ele adorava.

— Eu vou tomar vodca — disse Erikki.

— O mesmo para mim, por favor — disse Armstrong. Hashemi pediu um refrigerante.

— Eu também vou tomar uma vodca depois que o sol terminar de se pôr.

— Os muezins ainda estavam chamando.

— Prosit! — Erikki tocou o seu copo no de Armstrong, educadamente fez o mesmo com Hashemi, e bebeu tudo de um só gole. Serviu-se de outra dose.

— Sirva-se, superintendente. — Ao ouvir um carro se aproximando, ele olhou pela janela. Era o Rolls. — Deem-me licença um minuto, vou dizer a Hakim Khan que os senhores estão aqui. — Erikki saiu e recebeu Azadeh e o irmão na escada. — O que foi que as radiografias mostraram?

— Nenhum sinal de ossos quebrados em nenhum de nós. — Azadeh estava contente, com o rosto descansado. — Como você está, meu querido?

— Muito bem. Que bom que não haja nenhuma fratura nas costas de vocês. Que maravilha! — O sorriso que deu para Hakim foi genuíno. — Estou muito contente. Você tem alguns convidados, o coronel e o superintendente Armstrong. Eu os levei para o Salão Europeu. — Erikki percebeu o cansaço de Hakim. — Quer que eu diga a eles para voltarem amanhã?

— Não, não, obrigado. Azadeh, quer dizer a eles que os verei dentro de 15 minutos, para eles ficarem à vontade? Vejo-os mais tarde, na hora do jantar.

— Hakim viu-a tocar em Erikki, sorrir e se afastar. Como eles tinham sorte em se amarem tanto, e como isso era triste para eles. — Erikki, Ahmed está morto, eu ainda não quis contar a Azadeh.

Erikki sentiu uma grande tristeza.

— É por minha culpa que ele está morto. Bayazid não lhe deu nenhuma chance. Matyeryebyets!

— Foi a vontade de Deus. Vamos entrar e conversar por um momento.

— Hakim foi até o Grande Salão, apoiando-se nas muletas. Os guardas ficaram na porta, fora do alcance da conversa. Hakim foi até um nicho, largou as muletas, virou-se de frente para Meca, gemeu de dor ao se ajoelhar e tentou orar. Mesmo fazendo força, ele não conseguiu e teve que se contentar em entoar o Shahada. — Erikki, me ajude aqui, por favor.

Erikki levantou-o com facilidade.

— É melhor você não fazer isto por uns dias.

— Não rezar? — Hakim olhou-o espantado.

— Quer dizer... talvez o único Deus possa entender se você rezar em pé, sem se ajoelhar. Se não você vai piorar as suas costas. O médico disse o que havia de errado?

— Ele acha que são ligamentos rompidos. Irei a Teerã assim que puder, com Azadeh, para consultar um especialista. — Erikki estendeu as muletas para Hakim. — Obrigado. — Depois de pensar

por um momento, ele escolheu uma cadeira em lugar das almofadas e sentou-se, e depois pediu chá.

A mente de Erikki estava em Azadeh. Tão pouco tempo.

— O melhor especialista de coluna do mundo é Guy Deschamp, em Londres. Ele me consertou em cinco minutos, depois dos médicos terem dito que eu teria que ficar em tração por três meses ou ficaria com dois discos rompidos. Não acredite num médico comum sobre as suas costas, Hakim. O máximo que eles podem fazer é lhe dar analgésicos.

A porta se abriu. Um criado trouxe o chá. Hakim mandou-o sair junto com os guardas.

— Veja que eu não seja interrompido. — O chá estava quente, perfumado com hortelã, doce e servido em pequenas xícaras de prata. — Agora, nós precisamos decidir o que você vai fazer. Você não pode ficar aqui.

— Concordo — disse Erikki, satisfeito por ter terminado a espera. — Sei que eu sou... eu sou um problema para você como khan.

— Parte do acordo que eu e Azadeh fizemos com meu pai, para sermos perdoados e para que eu fosse declarado seu herdeiro, foram os juramentos que fizemos de permanecer em Tabriz, no Irã, por dois anos. Assim, embora você tenha que partir, ela não pode.

— Ela me contou sobre os juramentos.

— É óbvio que você está em perigo, até mesmo aqui. Eu não posso protegê-lo contra a polícia e contra o governo. Você deve partir imediatamente, voar para fora do país. Dentro de dois anos, quando Azadeh puder partir, ela irá.

— Não posso partir. Fazir disse que me mandaria um mecânico amanhã, possivelmente. E combustível. Se eu conseguisse falar com McIver em Teerã, ele poderia mandar alguém até aqui.

— Você já tentou?

— Sim, mas os telefones ainda estão mudos. Eu teria usado o HF da nossa base, mas o escritório está totalmente destruído. Eu sobrevoei a base quando estava vindo para cá, está uma bagunça, não há viaturas nem tanques de gasolina. Quando eu chegar a Teerã, McIver poderá enviar um mecânico para cá para consertar o 212. Até ele poder voar, pode ficar onde está.

— Sim. É claro. — Hakim serviu-se de mais chá, convencido agora de que Erikki não sabia nada a respeito da fuga dos outros pilotos e dos helicópteros. Mas isso não muda nada, disse a si mesmo. — Não há nenhuma linha aérea servindo Tabriz ou eu providenciaria alguma dessas coisas para você.

Mesmo assim, ainda acho que você deveria partir imediatamente. Você está correndo muito perigo, um perigo iminente.

Erikki estreitou os olhos.

— Você tem certeza?

— Sim.

— O que é?

— Não posso dizer-lhe. Mas não está sob meu controle, é sério, imediato, não diz respeito a Azadeh no momento, mas poderia afetá-la se não formos cautelosos. Para proteção dela, isto deve ficar entre nós dois. Eu lhe darei um carro, qualquer um que você queira dos que estão na garagem. Há cerca de vinte, creio. O que aconteceu com o seu Range Rover?

Erikki deu de ombros, com a mente trabalhando.

— Isto é outro problema, o fato de ter matado aquele matyeryebyets daquele mujahedins que tomou os meus documentos e os de Azadeh, e depois Rakoczy fulminou os outros.

— Eu tinha me esquecido de Rakoczy. — Hakim tornou a insistir: — Não há muito tempo.

Erikki movimentou a cabeça para aliviar a tensão dos músculos e diminuir a dor.

— Até que ponto o perigo é imediato, Hakim? Hakim sustentou-lhe o olhar.

— Imediato o suficiente para eu sugerir a você que espere até escurecer e depois apanhe o carro e parta e saia do Irã o mais rápido que puder — acrescentou deliberadamente. — Imediato o bastante para saber que se você não o fizer, Azadeh sofrerá mais ainda. Imediato o suficiente para saber que você não deve dizer nada a ela antes de partir.

— Você jura?

— Diante de Deus, eu juro que acredito no que estou dizendo.

Ele viu Erikki franzir a testa e esperou pacientemente. Gostava da sua honestidade e da sua simplicidade, mas isso não pesava nada na balança.

— Você pode partir sem dizer nada a ela?

— Se for durante a noite, perto do amanhecer, contanto que ela esteja dormindo. Seu eu partir hoje à noite, fingindo que vou sair, digamos para ir até a base, ela ficará esperando por mim, e se eu não voltar, será muito difícil, para ela e para você. Ela tem pesadelos com a aldeia, ficará histérica. Uma partida secreta seria mais prudente, pouco antes do amanhecer. Ela estará dormindo, o médico lhe deu sedativos. Ela estará dormindo e eu poderia deixar um "bilhete.

Hakim concordou, satisfeito.

— Então está combinado. — Ele não queria nenhum problema para Azadeh ou causado por ela.

Erikki tinha percebido a determinação dele e soube, sem sombra de dúvida, que se a deixasse agora perdê-la-ia para sempre.

NA CASA DE BANHOS: 19:15H.

Azadeh enfiou-se na água quente até o pescoço. A banheira era lindamente trabalhada, com 15 metros quadrados e vários níveis, rasa de um lado com plataformas para a pessoa se recostar, e a água quente vinha de uma fornalha que ficava no quarto ao lado. A sala era quente e grande, um lugar alegre, com espelhos. Seu cabelo estava enrolado numa toalha e ela estava encostada numa das plataformas, com as pernas esticadas, deixando a água relaxá-la.

— Oh, está tão bom aqui, Mina — murmurou.

Mina era uma mulher forte, bonita, uma das três empregadas de Azadeh. Ela estava em pé na água, usando apenas uma calcinha, massageando gentilmente as costas e o pescoço de Azadeh. A sala de banho estava vazia exceto por Azadeh e a criada. Hakim tinha mandado o resto da família para outras casais em Tabriz: para

preparar um Dia de Luto adequado para Abdullah Khan — tinha sido a desculpa, mas todos sabiam que os quarenta dias de espera eram para lhe dar tempo de inspecionar o palácio à sua vontade e rearrumar os aposentos da maneira que quisesse. Só o velho Khan não foi incomodado, e Aysha e os dois filhos Sem perturbar a tranquilidade de Azadeh, Mina puxou-a para a parte mais rasa, e para outra plataforma, onde Azadeh ficou deitada, com a cabeça pousada confortavelmente num travesseiro, de modo que ela pudesse trabalhar no seu peito, coxas e pernas, preparando-a para a verdadeira massagem de óleo que viria mais tarde, quando ela já tivesse absorvido o calor da água.

— Oh, isto é tão bom! — Azadeh repetiu. Ela estava pensando no quanto isto era melhor do que a sua antiga sauna, aquele calor forte e seco, e depois o terrível mergulho na neve, um choque reanimador, mas não tão bom quanto isto, a sensualidade da água perfumada e o silêncio e nenhum choque e oh, como isto é bom... mas por que a banheira é uma praça de aldeia e agora está tão frio e tem um açougueiro e o falso mulá está gritando: — Primeiro a mão direita... apedrejem a rameira! — Ela lançou um grito mudo e deu um salto.

— Oh, eu machuquei a senhora, Alteza, sinto muito!

— Não, não foi você, Mina, não foi nada, nada, por favor, continue. — Mais uma vez os dedos gentis. Seu coração se acalmou. Eu espero poder voltar a dormir sem... sem a aldeia. Na noite passada, com Erikki, foi bem melhor, só por estar perto dele. Talvez hoje à noite seja melhor ainda.

Onde estará o Johnny. Ele deve estar a caminho de casa agora, para o Nepal, de licença. Agora que Erikki está de volta eu me sinto segura outra vez, enquanto eu estiver com ele, perto dele. Sozinha eu não... não me sinto segura, nem com Hakim. Eu não me sinto mais segura. Simplesmente não me sinto mais segura.

A porta se abriu e Aysha entrou. Seu rosto estava marcado de tristeza, seus olhos cheios de medo, o chador preto fazendo-a parecer ainda mais abatida.

— Olá, Aysha querida, o que foi?

— Eu não sei. O mundo é estranho e eu não tenho... me sinto perdida.

— Venha para dentro da banheira — disse Azadeh, com pena dela, ela parecia tão magra e velha, tão frágil e indefesa. É difícil acreditar que ela é a viúva do meu pai com um filho e uma filha, e que só tem 17 anos. — Entre, está tão bom.

— Não, não, obrigada, eu queria apenas falar com você. — Aysha olhou para Mina, depois baixou os olhos e esperou. Há dois dias ela teria simplesmente mandado chamar Azadeh que teria ido imediatamente e se inclinado e se ajoelhado esperando pelas ordens dela, da mesma forma como ela estava ajoelhada agora. Seja como Deus quiser, pensou. Se não fosse pelo meu terror com relação ao futuro dos meus filhos, eu estaria gritando de alegria, nunca mais aquele fedor e aqueles roncos, nunca mais aquele peso em cima de mim e aqueles gemidos e os acessos de raiva, as surras e o desespero em conseguir alcançar aquilo que raramente conseguia. "A culpa é sua, é sua, é sua"...

Como poderia ser minha culpa? Quantas vezes eu implorei a ele para me dizer o que eu podia fazer para ajudar, e eu tentava e tentava e no entanto era tão raro e então, de repente, o peso desaparecia, os roncos começavam e eu ficava acordada a noite inteira, deitada no suor e no fedor. Oh, quantas vezes eu quis morrer.

— Mina, deixe-nos a sós até eu chamá-la — disse Azadeh. Ela foi obedecida instantaneamente. — Qual é o problema, Aysha querida?

A garota tremeu.

— Eu estou com medo. Estou com medo por meu filho e vim lhe pedir que o proteja.

Azadeh disse bondosamente.

— Você não tem nada a temer de Hakim Khan e de mim, nada. Nós juramos por Deus que protegeríamos você, seu filho e sua filha, você escutou, nós o fizemos na frente do seu... do seu marido, nosso pai, e depois novamente, depois da morte dele. Você não tem nada a temer, nada.

— Eu tenho tudo a temer — a moça gaguejou. — Não estou mais em segurança, nem o meu filho. Por favor, Azadeh, Hakim Khan não

poderia... não poderia... eu assinaria um papel desistindo de todos os meus direitos em nome dele, qualquer papel, eu só quero viver em paz e quero que o meu filho cresça e viva em paz.

— A sua vida é aqui conosco, Aysha. Logo você vai ver como nós vamos ser felizes juntos. — disse Azadeh. A garota tem o direito de estar com medo, pensou. Hakim nunca vai ceder o khanato se tiver filhos. Ele tem que se casar agora, eu preciso ajudá-lo a encontrar uma boa esposa. Não se preocupe, Aysha.

— Preocupar-me? Você está em segurança agora, você que até poucos dias atrás vivia em terror.

Agora eu não estou segura e vivo aterrorizada.

Azadeh analisou-a. Não havia nada que pudesse fazer por ela. A vida de Aysha estava decidida. Ela era a viúva de um khan. Ela ficaria no palácio, vigiada e guardada, vivendo o melhor que pudesse.

Hakim não ousaria permitir que ela tornasse a se casar, e não poderia permitir que ela desistisse dos direitos do filho, garantidos pela vontade pública do marido moribundo. — Não se preocupe — disse.

— Olhe aqui — Aysha tirou um grande envelope pardo de baixo do seu chador. — Isto é seu.

— O que é isto? — As mãos de Azadeh estavam molhadas e ela não quis apanhar o envelope.

A garota abriu-o e mostrou-lhe o que tinha dentro. Azadeh arregalou os olhos. Seu passaporte, carteira de identidade, e outros documentos, de Eriki também, todas as coisas que tinham sido roubadas pelo mujahedins na barreira da estrada. Isto era realmente um pishkesh.

— Onde você conseguiu isso?

A garota estava certa de que ninguém estava escutando, mas ainda assim baixou a voz.

O mulá esquerdista, o mesmo mulá da aldeia, ele os entregou a Sua Alteza, Abdullah Khan, há duas semanas, quando você estava em Teerã... o mesmo mulá da aldeia.

Azadeh ficou olhando para ela sem acreditar.

— Como ele os conseguiu? Nervosamente, a garota deu de ombros.

— O mulá sabia sobre a barreira e sobre o que tinha acontecido lá. Ele veio aqui para tentar apanhar o... o seu marido. Sua Alteza...

— Ela hesitou, depois continuou aos cochichos. — Sua Alteza disse a ele que não, só quando ele desse a sua aprovação, mandou-o embora e guardou os papéis.

— Você tem outros papéis, Aysha? Papéis particulares?

— Não que digam respeito a você, nem ao seu marido. — Mais uma vez a garota tremeu. — Sua Alteza odiava tanto vocês todos. Ele queria o seu marido destruído, depois ele ia entregá-la ao soviético, e o seu irmão ia ser assassinado. Há tanta coisa que eu sei e que poderia ajudar a você e a ele, e tanta coisa que eu não entendo. Azadeh, tome cuidado com ele, Azadeh.

— Sim — Azadeh disse lentamente. — Papai mandou o mulá para a aldeia?

— Eu não sei. Acho que sim. Eu o ouvi pedir ao soviético para acabar com Mahmud, ah, sim, este era o nome do falso mulá. Talvez Sua Alteza tenha-o mandado lá para atormentar você e o Sabotador, mandando-o também ao encontro da própria morte. Mas Deus interveio. Eu ouvi o soviético concordar em mandar alguns homens atrás desse Mahmud.

Azadeh perguntou como quem não quer nada: — Como foi que você ouviu tudo isso?

Aysha segurou o chador e ajoelhou-se nervosamente na beirada da banheira.

— O palácio é uma colmeia de buracos feitos para se ouvir e se ver, Azadeh. Ele... Sua Alteza não confiava em ninguém, espionava todo mundo, até a mim. Eu acho que nós devíamos ser amigas, aliadas, você e eu, nós somos indefesas, até você, talvez você mais do que qualquer um de nós e a menos que nos ajudemos mutuamente estaremos perdidas. Eu posso ajudá-la, protegê-la. — Gotas de suor apareceram-lhe na testa. — Eu só peço que você proteja o meu filho, por favor. Eu posso proteger você.

— É claro que devemos ser amigas — disse Azadeh, sem acreditar que estivesse sob qualquer ameaça, mas curiosa de

conhecer os segredos do palácio. — Você me mostra esses lugares secretos e divide comigo os seus conhecimentos?

— Oh, sim, sim. — O rosto da garota iluminou-se. Eu vou lhe mostrar tudo e estes dois anos passarão rapidamente. Oh, sim nós vamos ser amigas.

— Que dois anos?

— Enquanto seu marido estiver fora, Azadeh. Azadeh se levantou, alarmada.

— Ele vai embora? Aysha olhou-a espantada.

— É claro. Que mais ele pode fazer?

NO SALÃO EUROPEU

Hashemi estava entregando a Robert Armstrong a mensagem enviada por Mzytryk que Hakim acabara de mostrar a ele. Armstrong deu uma olhada nela: — Sinto muito, Hashemi, mas não sei ler turco.

— Ah, desculpe, eu me esqueci. — Hashemi leu em inglês. Os dois homens viram a decepção de Armstrong. — Da próxima vez, Robert, nós o pegaremos, Insha'Allah.

Não tem importância, pensou Armstrong. Foi um tiro ao acaso, de qualquer maneira. Eu pego Mzytryk de outra vez. Eu vou pegá-lo e vou pegar você, meu velho amigo Hashemi, você fez muito mal em matar Talbot. Por que fez isso? Vingança, porque ele conhecia muitos dos seus segredos? Ele não lhe faria nenhum mal, pelo contrário, ele tirou muitos ossos do seu caminho e consertou um bocado de erros para você. Droga! Você não lhe deu nenhuma chance, então por que você deveria ter uma? Assim que eu tiver conseguido uma saída, você está frito. Não há nenhum motivo para adiar mais isso, agora que Mzytryk sabe que eu estou atrás dele e está debochando de mim lá onde ele está seguro. Talvez os chefões mandem a Divisão Especial ou uma equipe dos Serviços Aéreos Especiais para Tbilisi agora que sabemos onde ele está — alguém vai pegar o filho da mãe. Mesmo que eu não o faça... Ele foi atraído

pelas palavras de Hakim: — Coronel, o que significa isso, sobre Yazernov e o cemitério de Jaleh? — Hashemi respondeu prontamente: — É um convite, Alteza. Yazernov é um intermediário que Mzytryk usa às vezes, aceito pelos dois lados, quando algo de importância para os dois lados precisa ser discutido.

Armstrong quase riu, pois Hashemi sabia tão bem quanto ele que se tratava de uma promessa de vingança pessoal e, evidentemente, de uma imediata Seção 16/a. Esperto da parte de Mzytryk usar o nome Yazernov e não Rakoczy.

— Assim que for conveniente encontrar Yazernov — disse Hashemi. — Eu acho, Alteza, que é melhor nós voltarmos para Teerã amanhã.

— Sim — concordou Hakim. Voltando do hospital de carro com Azadeh, ele tinha decidido que a única maneira de lidar com a mensagem de Mzytryk e com estes dois homens era cara a cara. — Quando vocês voltarão a Tabriz?

— Se estiver bem para o senhor, na semana que vem. Então nós poderemos discutir como atrair Mzytryk para cá. Com a sua ajuda, há muito a ser feito no Azerbaijão. Nós acabamos de receber um relatório comunicando que os curdos estão em rebelião perto de Rezaieh, agora bem providos de armas e dinheiro fornecidos pelo Iraque, que Deus os amaldiçoe. Khomeini ordenou ao Exército que acabasse com eles de uma vez por todas.

— Com os curdos? — Hakim sorriu. — Nem mesmo ele, que Deus o proteja, nem mesmo ele vai conseguir fazer isto, não de uma vez por todas.

— Talvez desta vez ele consiga, Alteza. Ele está enviando fanáticos para lutar contra fanáticos.

— Os Faixas Verdes podem obedecer ordens e morrer mas eles não habitam estas montanhas, eles não têm a resistência dos curdos nem o seu desejo pela liberdade na terra a caminho do paraíso.

— Com a sua permissão, eu comunicarei o seu conselho, Alteza. Hakim disse asperamente: — Será que darão mais crédito a mim do que deram aos conselhos do meu pai, ou do meu avô, que foram os mesmos?

— Eu espero que sim, Alteza. Eu espero... — Suas palavras foram abafadas pelo barulho do 212 que foi ligado, pegou, tossiu, se aguentou por um momento e tornou a morrer. Pela janela, eles viram Erikki tirar a tampa de um dos motores e ficar olhando para o problema que havia lá dentro com um lanterna. Hashemi tornou a voltar-se para o khan que estava sentado numa cadeira, com as costas retas. O silêncio se tornou complicado, com as mentes de três homens trabalhando, todas igualmente poderosas, todas inclinadas para algum tipo de violência.

Hakim Khan disse cautelosamente: — Ele não pode ser preso na minha casa nem nos meus domínios. Muito embora ele não saiba nada do que está no telex, ele sabe que não pode ficar em Tabriz, nem mesmo no Irã, e que minha irmã não pode ir com ele nem deixar o Irã nos próximos dois anos. Ele sabe que tem que partir imediatamente.

O seu aparelho não pode voar. Eu espero que ele não se deixe prender.

— Minhas mãos estão atadas, Alteza — a voz de Hashemi era apologética e aparentemente sincera.

— É meu dever obedecer à lei do país. — Distraidamente ele notou um fio de linha na manga e tirou-o. Armstrong compreendeu o sinal imediatamente. Limpar a manga esquerda significava: "Eu preciso falar com este homem em particular, ele não vai falar na sua frente. Arranje uma desculpa e espere por mim lá fora." — Hashemi repetiu com a mesma tristeza na voz: — É nosso dever obedecer à lei.

— Eu tenho certeza absoluta de que ele não tomou parte em nenhuma conspiração, não sabe nada a respeito da fuga dos outros, e eu gostaria que ele pudesse partir em paz.

— Eu terei prazer em informar à Savama dos seus desejos.

— Eu ficaria satisfeito se o senhor fizesse o que estou sugerindo.

— Alteza, se o senhor me der licença, a questão do capitão não é da minha alçada e eu não gostaria de me meter em questões de Estado — disse Armstrong.

— Sim, o senhor pode ir, superintendente. Quando eu vou receber o seu relatório sobre as novas medidas de segurança?

— Estará nas suas mãos quando o coronel voltar.

— Que a paz esteja com o senhor.

— E com o senhor também, Alteza. — Armstrong saiu, depois caminhou devagar pelos corredores até a escada. Hashemi vai espremer o infeliz, pensou.

A noite estava agradável, havia uma brisa fresca e o céu estava avermelhado para o lado do oeste.

Céu vermelho à noite, alegria do pastor, céu vermelho de manhã, um aviso para o pastor.

— Boa noite, capitão. Entre nós dois e esta parede, se o seu ônibus estivesse funcionando, eu sugeriria uma viagem rápida até uma fronteira.

Erikki estreitou os olhos.

— Por quê?

Armstrong apanhou um cigarro.

— O clima não anda muito saudável por aqui, não acha? — Ele protegeu o isqueiro com as mãos e acendeu-o.

— Se você acender um cigarro com toda esta gasolina em volta, o seu clima e o meu deixarão de ser saudáveis permanentemente.

— Erikki apertou o botão. O motor funcionou perfeitamente por vinte segundos, depois tornou a morrer. Erikki praguejou.

Armstrong cumprimentou-o educadamente e se afastou, voltando para o carro. O motorista abriu a porta para ele. Ele entrou, acendeu o cigarro e tragou profundamente, sem saber se Erikki tinha compreendido a mensagem. Espero que sim. Não posso contar-lhe sobre o telex forjado, nem sobre Turbilhão, isto me poria no paredão por traição a Hashemi e ao khan por meter o meu nariz onde não sou chamado, eu fui avisado. Está certo. É uma questão de política interna.

Cristo! Estou nervoso com tudo isso. Preciso de umas férias. Umas longas férias. Onde? Eu poderia voltar para Hong Kong por uma ou duas semanas, visitar os meus velhos amigos, os poucos que sobraram, ou talvez ir para o Pays d'Enhaut, esquiar. Há anos que não esquio e uma boa cozinha suíça me faria bem, roesti, wurst e um bom café com creme e montes de vinho. Montes! É o que eu

vou fazer. Primeiro Teerã, depois tratar de Hashemi, e depois em direção à natureza. Talvez eu conheça alguém interessante...

Mas as pessoas como nós não voltam do frio e não mudam. Que diabo eu vou fazer para ganhar dinheiro no futuro, agora que a minha pensão iraniana foi pro brejo e a pensão que recebo da polícia de Hong Kong cada dia vale menos?

— Olá, Hashemi, como foi?

— Ótimo, Robert. Motorista, volte para o QG. — O motorista acelerou, passou pelo portão e tomou a estrada em direção à cidade. — Erikki vai fugir de madrugada, pouco antes do amanhecer. Nós vamos segui-lo até onde acharmos conveniente e então o prenderemos, fora de Tabriz.

— Com a bênção de Hakim?

— Bênção particular, indignação pública. Obrigado — Hashemi aceitou o cigarro, muito satisfeito consigo mesmo. — Nessa altura, o infeliz provavelmente já estará morto.

Armstrong ficou imaginando qual teria sido o acordo.

— Por sugestão de Hakim?

— É claro.

— Interessante. — Isso não foi ideia de Hakim. O que estará Hashemi tramando agora? Armstrong perguntou a si mesmo.

— Sim, interessante. Depois de acabarmos com os mujahedins hoje à noite e de nos certificarmos de que o finlandês está seguro, de um jeito ou de outro, voltaremos para Teerã.

— Perfeito.

TEERÃ – NA CASA DOS BAKRAVAN: 20:06H.

Xarazade colocou a pistola e a granada na bolsa e escondeu-a debaixo de algumas roupas na gaveta da sua cômoda. As roupas que ela iria usar mais tarde, uma jaqueta de esqui com um suéter grosso por baixo e calças de esqui, já estavam escolhidas.

Agora ela usava um vestido de seda verde pálido, de Paris, que realçava a sua silhueta e as suas longas pernas. A sua maquilagem

também estava perfeita. Ela deu uma última olhada no quarto e depois desceu para a recepção em honra de Danoush Farazan, o seu futuro marido.

— Ah, Xarazade! — Meshang esperava na porta. Ele estava transpirando e disfarçou o nervosismo com um bom humor fingido, sem saber o que esperar dela. Quando ela voltara do médico mais cedo, ele tinha começado a brigar com ela e a ameaçá-la, mas, inacreditavelmente, ela simplesmente baixara os olhos e dissera docemente: — Não precisa dizer mais nada, Meshang. Deus já decidiu, por favor, desculpe-me, eu vou trocar de roupa. — E agora ela estava lá, ainda dócil.

E é bom que esteja, ele pensou.

— Sua Excelência Farazan está ansioso por cumprimentá-la. — Ele tomou-lhe o braço e conduziu-a pela sala, no meio das vinte pessoas aproximadamente que estavam lá, a maioria amigos dele com as esposas, Zarah e algumas de suas amigas, e nenhum amigo de Xarazade. Ela sorriu para aqueles que conhecia e depois dedicou toda a sua atenção a Danoush Farazan.

— Saudações, Excelência — disse educadamente e estendeu-lhe a mão. Esta era a primeira vez que ela o via tão de perto. Ele era mais baixo do que ela. Ela baixou os olhos para os poucos fios de cabelo pintado sobre a calva grosseira, a pele grossa e as mãos mais grosseiras ainda, com o mau hálito dele invadindo o espaço que os separava, os olhinhos escuros brilhando. — Que a paz esteja com o senhor.

— Saudações, Xarazade, que a paz esteja com você, mas por favor, não me chame de Excelência.

Como... como você é linda.

— Obrigada — ela disse e observou a si mesma retirando a mão e o sorriso, ficando em pé ao lado dele, correndo para trazer-lhe um refrigerante, com as saias voando, servindo-o gentilmente, sorrindo das bobagens que ele dizia, cumprimentando os outros convidados, fingindo não reparar nos seus olhares e nos sorrisos disfarçados, nunca exagerando a sua performance, com o pensamento fixo no comício na universidade que já tinha começado, e na Marcha de Protesto que fora proibida por Khomeini mas que iria se realizar.

Do outro lado da sala, Zarah estava observando Xarazade, estarrecida com a mudança, mas agradecendo a Deus por ela ter aceito o seu destino e estar disposta a obedecer, o que tornava mais fácil a vida de todos. O que mais ela poderia fazer? Nada. E não há nada que eu possa fazer a não ser aceitar o fato de que Meshang tem uma prostituta de 14 anos que já pôs as garras de fora, gabando-se de que em breve vai tornar-se sua segunda esposa.

— Zarah!

— Oh, sim, Meshang, meu querido.

— A noite está perfeita, perfeita. — Meshang enxugou a testa e aceitou o refrigerante que estava na bandeja que também continha taças de champanhe para aqueles que gostavam. — Estou encantado por Xarazade ter recobrado o juízo, pois não há dúvida de que este casamento é perfeito para ela.

— Perfeito — Zarah disse amavelmente. Acho que devemos ficar gratos por ele ter chegado sozinho e não ter trazido um dos seus amiguinhos. E é verdade, ele realmente cheira ao lixo que vende. — Você organizou tudo com perfeição, meu querido Meshang.

— Sim, sim. Está tudo correndo conforme planejei.

PERTO DE JALEH

Para alcançar a pequena pista de grama, antiga sede de um aeroclube agora abandonado, Lochart tinha contornado a cidade e voado baixo para evitar ser visto por algum radar.

Durante todo o caminho desde D'Arcy 1908, ele mantivera o seu rádio sintonizado com o Aeroporto Internacional de Teerã, mas o canal estava silencioso, o aeroporto estava fechado por causa do Dia Santo, nenhum voo tinha sido permitido. Ele tivera o cuidado de chegar ao anoitecer. Quando desligou os motores e ouviu os muezins, ficou satisfeito. Até agora tudo bem.

A porta do hangar estava enferrujada. Com alguma dificuldade ele conseguiu abri-la e empurrou o 206 para dentro. Depois tornou a fechar a porta e começou a longa caminhada. Estava usando as suas

roupas de piloto e, se fosse parado, planejava dizer que era um piloto comercial cujo carro tinha enguiçado e que ia passar a noite com alguns amigos.

Quando chegou aos arredores de Teerã, as estradas foram se tornando cada vez mais cheias, com pessoas indo e vindo das mesquitas, sem alegria nem cor, só uma apreensão sombria.

Não havia muito tráfego, exceto por alguns veículos militares cheios de Faixas Verdes. Não havia soldados nem policiais uniformizados. Quem controlava o tráfego eram jovens Faixas Verdes. A cidade estava voltando à ordem. Nenhuma mulher vestida com roupas ocidentais, todas usando chadors.

Alguns xingamentos foram dirigidos a ele, não muitos. Alguns cumprimentos — o seu uniforme de piloto dava-lhe um ar de respeito. Entrando mais na cidade, ele encontrou um bom lugar para esperar por um táxi perto de um mercado. Enquanto esperava, comprou uma garrafa de refrigerante, pegou um pedaço de pão fresco e começou a mastigá-lo. O vento da noite aumentou um pouco, mas o braseiro era alegre e convidativo.

— Saudações. Os seus documentos, por favor.

Os Faixas Verdes eram jovens, educados, alguns com um começo de barba. Lochart mostrou-lhes a sua identidade que estava carimbada e em dia e eles a devolveram depois de alguma discussão.

— Para onde o senhor vai, podemos saber? De propósito, num farsi atroz, ele disse: — Visitar amigos, perto bazar. Carro enguiçou. Insha'Allah. — Ele os ouviu falando entre eles, dizendo que pilotos eram inofensivos, que este aqui era canadense, isto não faz parte do Grande Satã? Não, acho que não.

— Que a paz esteja com o senhor — eles disseram e se afastaram. Ele foi até a esquina e ficou olhando o tráfego, o cheiro da cidade era forte — gasolina, temperos, fruta podre, urina, suor e morte. Os seus olhos atentos enxergaram um táxi só com dois homens atrás e um na frente, numa esquina que estava bloqueada por um caminhão que fazia uma curva. Sem hesitar, ele se enfiou no meio dos carros, empurrou um outro homem, tirando-o do caminho, abriu a porta e se jogou lá dentro, pedindo muitas desculpas em

farsi e implorando aos ocupantes que permitissem que ele os acompanhasse. Depois de alguns xingamentos, alguma discussão, o motorista verificou que o bazar ficava bem no caminho que ele tinha combinado com os outros, todos passageiros individuais que também tinham forçado lugar.

— Com a ajuda de Deus, a sua parada será a segunda, Excelência.

Eu consegui, pensou exultante, depois permitiu que outros pensamentos viessem à superfície: espero que os outros também consigam. Duke e Scrag, Rudi, todos eles, Freddy e o velho Mac.

BAHREIN — AEROPORTO INTERNACIONAL: 20:50H.

Jean-Luc, em pé no heliporto, focalizou o binóculo nos dois 212 que estavam no final da pista, com as luzes de navegação acesas.

Eles tinham recebido autorização para um pouso imediato e se aproximavam rapidamente. Ali perto estava uma ambulância, um médico e o funcionário da Imigração, Yusuf. O céu estava claro e coberto de estrelas, a noite agradável, com um vento fraco e quente.

O 212 que vinha na frente virou um pouco e agora Jean-Luc pôde ler as letras do registro. G-HUVX.

Britânico. Graças a Deus, eles tiveram tempo em Jellet, pensou, reconheceu Pettikin na cabine de comando, depois dirigiu o binóculo para o outro 212 e viu Ayre e Kyle, o mecânico.

Pettikin desceu. Matias e Jean-Luc se aproximaram, Matias em direção a Pettikin, Jean-Luc à porta da cabine. Ele abriu-a.

— Olá, Genny. Como está ele?

— Ele não parece estar respirando. — Ela estava branca.

Jean-Luc viu McIver deitado no chão, com um salva-vida sob a cabeça. Há vinte minutos atrás, Pettikin tinha comunicado à torre de Bahrein que um dos seus tripulantes, McIver, parecia estar sofrendo

um ataque cardíaco, solicitou urgentemente um médico e uma ambulância. A torre tinha providenciado imediatamente.

O médico entrou rapidamente na cabine e ajoelhou-se ao lado de McIver. Um olhar foi o suficiente.

Ele usou a injeção que tinha preparado.

— Isto vai fazê-lo melhorar rapidamente e nós o teremos no hospital dentro de poucos minutos. — Em árabe ele chamou os enfermeiros e eles entraram correndo. — Eu sou o dr. Lanoire, por favor, conte-me o que aconteceu.

— É um ataque cardíaco? — Ela perguntou.

— Sim, é. Não muito grave — disse o médico, querendo acalmá-la. Ele era meio-francês, meio-Bahrein, muito bom, e eles tinham tido sorte de consegui-lo em tão pouco tempo. Atrás dele os enfermeiros tinham posto McIver em uma maca e já o retiravam cuidadosamente do helicóptero.

— Ele... meu marido, ele de repente engasgou e deu uma espécie de ronco, "Eu não posso respirar", depois se dobrou em dois de dor e desmaiou. — Ela limpou o suor do rosto e continuou na mesma voz neutra: — Eu achei que devia ser um ataque cardíaco e não sabia o que fazer, então me lembrei do que o velho doutor Nutt disse quando fez uma conferência para todas as esposas e abri o colarinho de Duncan e o deitamos no chão, então eu encontrei as... as cápsulas que ele nos tinha dado e coloquei uma debaixo do nariz dele e quebrei-a...

— Nitrato?

— Sim, foi isto. O doutor Nutt deu duas para cada uma de nós e nos disse para guardá-la em lugar seguro e nos ensinou como usá-las. O cheiro é horrível, mas Duncan gemeu e voltou a si, e depois tornou a desmaiar. Mas ele estava respirando, mal, mas respirando. Estava difícil de ver e de ouvir dentro da cabine, mas eu achei que ele tinha parado de respirar outra vez e ministrei-lhe a última cápsula, e ele pareceu melhorar de novo.

O médico estava observando a maca. Assim que ela foi colocada dentro da ambulância, ele disse para Jean-Luc: — Capitão, por favor leve madame McIver para o hospital dentro de meia hora, aqui está o meu cartão, eles saberão onde me encontrar.

Genny disse rapidamente: — O senhor não acha melhor... O médico respondeu com firmeza: — A senhora ajudará mais deixando-nos fazer o nosso trabalho durante meia hora. A senhora já fez o seu, salvou a vida dele, eu acho. — E se afastou depressa.

TEERÃ — NA CASA DOS BAKRAVAN: 20:59H.

Zarah estava diante da mesa, vendo se estava tudo pronto. Pratos, talheres e guardanapos de linho branco. Tijelas de horishts variados, carnes e legumes, pão fresco e frutas frescas, doces e condimentos. Só faltava trazer o arroz e isto seria feito quando ela anunciasse que o jantar estava servido.

— Ótimo — disse para os criados e foi para a outra sala.

Os convidados ainda estavam conversando, mas ela viu que no momento Xarazade estava sozinha, perto de Daranoush que conversava animadamente com Meshang. Disfarçando a tristeza, ela foi até lá.

— Minha querida, você parece tão cansada. Você está se sentindo bem?

— É claro que ela está bem — Meshang disse alto, cheio de animação. Xarazade forçou um sorriso num rosto que estava muito pálido.

— É a excitação, Zarah, é só excitação. — Então ela disse para Farazan: — Se o senhor não se importar, Excelência Daranoush, eu não vou acompanhá-lo no jantar esta noite.

— Por que, o que foi que houve? — Meshang disse asperamente — Você está doente?

— Oh, não, meu querido irmão, é só excitação. — Xarazade concentrou a sua atenção no homenzinho. — Talvez eu possa vê-lo amanhã? Talvez possamos jantar juntos amanhã?

Antes que Meshang pudesse responder por ele, Daranoush disse: — É claro, minha querida — aproximou-se dela e beijou-lhe a mão, e ela teve que usar toda a sua força de vontade para não recuar. — Nós jantaremos juntos amanhã. Talvez a senhora, Sua Excelência

Meshang e Zarah me deem a honra de jantar na minha pobre casa. — E deu uma risadinha. Seu rosto ficou ainda mais grotesco. — Na nossa pobre casa.

— Obrigado, eu acho a ideia formidável. Boa noite, que a paz esteja com o senhor.

— E com você também.

Ela foi igualmente gentil com o irmão e Zarah, depois virou-se e saiu. Daranoush observou-a afastando-se, o balanço dos seus quadris e das nádegas. Meu Deus, olhe só para ela, ele disse a si mesmo com desejo, imaginando-a nua, mexendo-se para ele. Eu fiz um trato ainda melhor do que esperava. Quando Meshang propôs o casamento, eu só me deixei convencer pelo dote, junto com as promessas de uma futura sociedade no bazar — coisas substanciais, como evidentemente deveria ser, em se tratando de uma mulher grávida de um estrangeiro. Mas agora, por Deus, eu não acho que será difícil dormir com ela, fazê-la tratar-me como eu gosto, e talvez fazer filhos meus. Quem sabe, talvez seja como Meshang disse, talvez ela perca o que está carregando. Talvez ela o perca.

Ele se coçou distraidamente enquanto ela saía da sala.

— Agora, onde é mesmo que nós estávamos, Meshang?

— Sobre a minha sugestão de um novo banco...

Xarazade fechou a porta e subiu as escadas correndo. Jari estava no quarto dela, cochilando numa cadeira.

— Oh, princesa, como...

— Eu vou para a cama agora, Jari. Você pode sair e eu não quero ser incomodada, Jari, por ninguém, seja qual for o motivo. Nós conversaremos na hora do café.

— Mas, princesa, eu vou dormir na cadeira... Xarazade bateu com os pés, aborrecida.

— Boa noite! E eu não quero ser incomodada! — Trancou a porta depois que ela saiu, tirou os sapatos barulhentemente e depois, sem fazer barulho, trocou de roupa rapidamente. Colocou o véu e o chador. Cautelosamente, ela abriu a porta que dava para o balcão e saiu. As escadas davam para um pátio interno e lá havia um corredor que levava a uma porta nos fundos. Ela abriu os ferrolhos.

As dobradiças rangeram. Então ela saiu e fechou a porta. Enquanto se afastava rapidamente, o seu chador ondulava atrás dela como se fosse uma grande asa negra.

No salão de recepção, Zarah olhou para o relógio e foi até Meshang.

— Querido, você gostaria que o jantar fosse servido agora?

— Daqui a pouco, você não está vendo que Sua Excelência e eu estamos ocupados?

Zarah suspirou, depois foi conversar com uma amiga, mas parou quando ouviu o porteiro entrar com um ar de ansiedade, e olhar em volta à procura de Meshang, depois ir rapidamente até onde ele estava e cochichar. Meshang ficou pálido. Daranoush Farazan ficou sem fala. Ela correu para eles.

— O que está acontecendo?

Meshang mexeu com a boca mas não produziu nenhum som. No súbito silêncio que se seguiu, o criado assustado exclamou: — Há alguns Faixas Verdes aqui, Alteza, Faixas Verdes e um mulá. Eles querem ver Sua Excelência imediatamente.

No grande silêncio que se fez, todo mundo recordou a prisão de Paknouri e a intimação de Jared e todas as outras prisões, execuções e rumores de mais terror, mais komitehs, as cadeias cheias de amigos, fregueses e parentes. Daranoush estava quase louco de raiva por estar naquela casa numa hora dessas, com vontade de rasgar as roupas por ter concordado tolamente em se juntar com a família Bakravan, já condenada por causa da agiotagem de Jared — a mesma agiotagem de que eram culpados todos os prestamistas do bazar, mas só que Jared tinha sido apanhado! Filho de um cão e eu concordei publicamente com o casamento e concordei em particular em participar dos planos de Meshang, planos que agora eu posso ver, oh Deus, proteja-me, que são perigosamente modernos, perigosamente ocidentais, e claramente contra os desejos e as ordens do imã. Filho de um cão, deve haver uma saída pelos fundos desta casa de condenados.

Os quatro Faixas Verdes e o mulá estavam na sala para onde o criado os havia levado, sentados de pernas cruzadas e recostados em almofadas de seda. Eles tinham tirado os sapatos e os deixado

ao lado da porta. Os jovens estavam de olhos arregalados com a riqueza que os cercava, suas armas pousadas no tapete, ao lado deles. O mulá usava belas roupas e um bonito turbante branco e era um homem imponente de uns sessenta anos, com uma barba branca e espessas sobrancelhas escuras, um rosto forte e olhos negros.

A porta se abriu, Meshang entrou na sala como um autômato. Ele estava branco e sua cabeça doía com a intensidade do seu terror.

— Saudações... saudações, Excelência...

— Saudações. O senhor é Excelência Meshang Bakravan? — Meshang balançou afirmativamente a cabeça. — Ah, então meus cumprimentos e que a paz esteja com o senhor, Excelência, por favor, desculpe-me por vir tão tarde, mas eu sou o mulá Sayani e vim em nome do komiteh. Nós acabamos de descobrir sobre Sua Excelência Bakravan e eu vim contar-lhe que embora tenha sido vontade de Deus, Sua Excelência não foi condenado de acordo com a lei, foi morto por engano, sua propriedade foi confiscada por engano, e tudo será devolvido imediatamente.

Meshang ficou olhando para ele, sem fala.

— O governo islâmico tem o compromisso de executar a lei de Deus. O mulá franziu as sobrancelhas enquanto continuava: — Deus sabe que nós não podemos controlar todos os fanáticos ou ignorantes.

Deus sabe que há alguns que, por excesso de zelo, cometem erros. E Deus sabe também que há muitos que usam a revolução para fazer o mal, sob uma capa de 'patriotismo', muitos que torcem o Islã para atender aos propósitos sujos, muitos que não obedecem à palavra de Deus, muitos que agem para nos desmoralizar, mesmo alguns que usam falsamente o turbante, muitos que não merecem o turbante, mesmo alguns aiatolás, mesmo eles, mas com a ajuda de Deus nós arrancaremos os seus turbantes, limparemos o Islã e acabaremos com o mal, onde quer que ele esteja...

As palavras não estavam alcançando Meshang. Sua mente estava explodindo de esperança.

— Ele... meu pai... eu vou recuperar... as minhas propriedades?

— O nosso governo islâmico é o governo da lei. A realeza pertence exclusivamente a Deus. A lei do Islã tem absoluta autoridade sobre todos — inclusive o governo islâmico. Mesmo o Mais Nobre Mensageiro, que a paz esteja com ele, esteve sujeito à lei que apenas Deus revelou, exposta unicamente pela palavra do Corão. — O mulá se levantou. — Foi a vontade de Deus, mas Sua Excelência Jared Bakravan não foi julgado de acordo com a lei.

— Isto... isto é verdade?

— Sim, é a vontade de Deus, Excelência. Tudo será devolvido. O seu pai não nos deu o seu apoio generosamente? Como pode o governo islâmico florescer sem a ajuda e o apoio dos bazaaris, como podemos existir sem os bazaaris para lutar contra os inimigos do Islã, os inimigos do Irã e o Infiel?...

DO LADO DE FORA DO BAZAR

O táxi parou na praça cheia de gente. Lochart saltou e pagou o motorista enquanto dois de uma massa de passageiros em potencial, uma mulher e um homem, brigavam pelo espaço que ele tinha deixado. A praça estava cheia de gente entrando e saindo da mesquita e do bazar e em volta das barracas. Prestaram pouca atenção nele, seu uniforme e seu quepe dando-lhe passagem livre. A noite estava fria e nublada. O vento tinha aumentado de novo e agitava as chamas dos lampiões a óleo dos vendedores de rua. Do outro lado da praça ficava a rua dos Bakravan e ele caminhou rapidamente, dobrou a esquina e se afastou para deixar o mulá Sayani e os Faixas Verdes passarem, depois continuou andando.

Na porta que ficava no muro alto ele parou, respirou fundo e bateu com força. Depois tornou a bater.

Ouviu passos, viu um olho por trás da vigia.

— Porteiro, sou eu, Excelência Capitão Lochart — ele gritou alegremente.

A porta foi aberta.

— Saudações, Excelência — disse o porteiro, ainda não de todo recuperado do choque da chegada e da partida inesperada do mulá e dos Faixas Verdes, humildemente recebidos por Sua Excelência

Mau Humor em pessoa, pensou espantado, que assim que a porta se fechou tinha começado a pular como um doido, batendo com os pés no chão, e voltando correndo para o salão e agora aqui estava uma nova aparição, por Deus, o infiel que foi casado com a prometida de Sua Excelência Mijo.

Uma rajada de vento fez voarem folhas mortas pelo pátio. Um outro criado de olhos esbugalhados estava em pé ao lado da porta.

— Saudações, Excelência — ele gaguejou — Eu... eu vou dizer a Sua Excelência Meshang que o senhor chegou.

— Espere! — Agora Lochart estava ouvindo o ruído excitado de vozes vindo do salão de jantar, copos tilintando, risadas de festa. — Minha mulher está lá dentro?

— Sua mulher? — O criado conteve-se com dificuldade. — A, ahn, Sua Alteza, Excelência capitão, ela foi para a cama.

A ansiedade de Lochart aumentou.

— Ela está doente?

— Ela não me pareceu doente, Excelência, ela subiu pouco antes do jantar. Eu vou dizer a Sua Excelência Meshang que...

— Não é preciso incomodar nem a ele nem aos seus convidados — ele disse, encantado com a oportunidade de vê-la a sós primeiro. — Eu vou vê-la e depois desço e anuncio a minha presença.

O criado observou-o subir as escadas, de dois em dois degraus, esperou até que ele desaparecesse da sua vista, depois correu para encontrar Meshang Lochart andou de um corredor para o outro. Forçou-se a ir andando, encantado com a surpresa que faria a ela e depois eles iriam ver Meshang e Meshang ouviria o seu plano. Finalmente ele chegou na porta do quarto e girou a maçaneta. Como a porta não abriu, ele bateu de leve e chamou: — Xarazade, sou eu, Tommy. — O seu coração cantava enquanto ele esperava. — Xarazade? — Esperou. Tornou a bater. Esperou. Depois bateu um pouco mais alto. — Xarazade!

— Excelência!

— Oh, olá, Jari — disse, não notando, na sua impaciência, que ela estava tremendo. — Xarazade, querida, abra a porta, sou eu, Tommy!

— Sua Alteza disse que não queria ser incomodada.

— Ela não se referia a mim, é claro que não! Oh! Ela tomou um comprimido para dormir?

— Oh, não, Excelência. Ele prestou atenção nela.

— Por que você está tão assustada?

— Eu? Eu não estou assustada, Excelência, por que estaria assustada? Há alguma coisa errada, ele pensou. Impacientemente, tornou a bater.

— Xarazade! — Esperou, esperou, esperou. — Isto é ridículo — murmurou. — Xarazade! — Sem se dar conta do que estava fazendo, começou a esmurrar a porta. — Abra esta porta, pelo amor de Deus!

— O que você está fazendo aqui?

Era Meshang, louco de raiva. No final do corredor, Lochart viu Zarah aparecer e parar.

— Boa... boa noite, Meshang — ele disse, com o coração disparado, tentando se mostrar razoável e educado e por que ela não abria a porta e não foi assim que eu pensei que fosse acontecer. — Eu voltei para ver minha mulher.

— Ela não é mais sua mulher, ela está divorciada, agora saia! Lochart olhou para ele estarecido.

— É claro que ela é minha mulher!

— Por Deus, você é idiota? Ela foi sua mulher. Agora saia da minha casa!

— Você é louco, você não pode fazê-la divorciar-se assim.

— SAIA!

— Foda-se! — mais uma vez Lochart esmurrou a porta. — Xarazade! Meshang virou-se para Zarah: — Vá chamar os Faixas Verdes! Ande, vá chamar os Faixas Verdes! Eles porão este louco daqui para fora.

— Mas, Meshang, não é perigoso envolvê-los em...

— Vá chamá-los!

Lochart exaltou-se. Enfiou o ombro na porta. Esta sacudiu mas não cedeu, então ele levantou o pé e atirou-o de encontro à fechadura. A fechadura estalou e a porta abriu-se.

— Vá chamar os Faixas Verdes! — Meshang berrou. — Você não compreende que eles agora estão do nosso lado?, nós fomos

reconhecidos... — Então ele entrou no quarto também. Viu, espantado, que o quarto estava vazio, a cama vazia, o banheiro vazio, que ela não estava em lugar nenhum. Tanto ele como Lochart viraram-se para Jari que estava em pé na porta, olhando estarecida. Zarah, cautelosamente, ficou parada atrás dela.

— Aonde ela está? — gritou Meshang .

— Eu não sei, Excelência, ela não saiu daí, o meu quarto é aqui ao lado e eu tenho o sono leve... — Jari gritou quando Meshang acertou-lhe um soco na boca, fazendo-a cair de quatro no chão.

— Onde ela foi?

— Eu não sei, Excelência. Pensei que ela estivesse na ca... — Ela gritou quando o pé de Meshang acertou-a do lado. — Por Deus, eu não sei, eu não sei!

Lochart foi até as janelas francesas. Elas se abriram facilmente, pois não estavam trancadas.

Imediatamente, ele saiu para o balcão, desceu as escadas e foi até a porta dos fundos. Depois voltou devagar, com a cabeça rodando. Meshang e Zarah ficaram observando do balcão.

— A porta dos fundos não estava trancada. Ela deve ter saído por lá.

— Para ir aonde? — Meshang estava vermelho de raiva e Zarah virou-se para Jari que estava ainda de quatro no chão, gemendo e chorando de dor e medo.

— Cale-se, sua cadela, ou vou mandar açoitá-la. Jari! Se você não sabe aonde ela foi, aonde acha que ela deve ter ido?

— Eu... eu não sei, Alteza — a velha soluçou.

— Pense! — Zarah gritou e deu-lhe um tapa. Jari uivou.

— Eu não seiii! Ela esteve esquisita o dia inteiro, Excelência, esquisita, ela me mandou embora hoje à tarde e continuou sozinha e eu me encontrei com ela às sete horas e nós voltamos juntas, mas ela não disse nada, nada, nada...

— Por Deus, por que você não me contou isso? — gritou Meshang.

— Mas o que havia para contar, Excelência? Por favor, não me chute de novo, por favor!

Meshang atirou-se numa cadeira. O pêndulo violento de um terror total, quando os Faixas Verdes e o mulá foram anunciados, para uma total euforia ao saber que suas propriedades seriam devolvidas e depois a fúria por saber que Lochart estava lá e que Xarazade tinha sumido o haviam deixado completamente perturbado. Sua boca se moveu mas não saiu nenhum som e ele viu Lochart questionando Jari mas não conseguiu entender as palavras.

Ao voltar correndo para a sala de jantar para contar a grande novidade, tinha havido muita alegria, Zarah chorando de felicidade, abraçando-o, bem como as outras mulheres, e os homens lhe apertaram a mão com entusiasmo. Todos exceto Daranoush. Daranoush não estava mais lá. Ele tinha fugido.

Pela porta dos fundos.

— Ele foi embora?

— Como um saco de merda! — Alguém gritou.

Todo mundo tinha começado a rir, aliviados por não correrem nenhum risco por tabela, além de satisfeitos com a volta de Meshang à riqueza e ao poder, tudo isso deixando-os com as cabeças leves. Alguém tinha gritado: — Você não pode ter por cunhado um cretino como Daranoush, Meshang!

— Não, não, por Deus — ele se lembrava de ter respondido, tomando uma taça de champanhe. — Como confiar num homem destes? Nem com um balde de mijo! Pelo Profeta, eu sempre achei que o Imundo Daranoush cobrava demais pelos serviços. O bazar devia rescindir o seu contrato!

Mais aplausos e todos concordaram e Meshang tinha bebido uma segunda taça de champanhe, exultante com as novas possibilidades que se abriam diante dele: o novo contrato para o lixo do bazar que ele, como a parte ofendida, evidentemente receberia, um novo consórcio para financiar o governo sob sua coordenação e maior lucro, novas associações com ministros mais importantes do que Ali Kia — onde está aquele filho da mãe? — novos acordos nos campos de petróleo, monopólios para manobrar, um novo casamento para Xarazade, tão fácil de conseguir agora, quem não haveria de querer entrar para a sua família, a família de bazaaris? Não havia mais necessidade de pagar um dote exorbitante, o que eu concordei

porque não havia outro jeito. Todas as minhas propriedades de volta, as propriedades nas costas do Cáspio, ruas de casas em Jaleh, apartamentos nos subúrbios ao norte da cidade, terras, pomares, campos e aldeias, tudo de volta.

Depois o criado estragando a sua alegria, murmurando que Lochart tinha voltado, que já estava dentro da casa, lá em cima. Ele correndo para cima e agora olhando, impotente, o homem que ele tanto detestava interrogando Jari, com Zarah ouvindo atentamente.

Com esforço, ele se concentrou. Jari estava dizendo, entre soluços: — Eu não tenho certeza, Excelência... ela... ela só... só me disse que o rapaz que tinha salvado a vida dela na primeira marcha de protesto das mulheres era estudante.

— Ela alguma vez se encontrou com ele sozinha?

— Oh, não, Excelência, não, como eu disse, nós o conhecemos na marcha e ele nos convidou para tomar café para nos recuperarmos — disse Jari. Ela estava apavorada de ser apanhada mentindo, mas mais apavorada ainda em contar o que tinha realmente acontecido. Que Deus nos proteja, ela rezou. Para onde ela foi, para onde?

— Como era o nome dele, Jari?

— Eu não sei, Excelência, pode ter sido Ibrahim ou... ou Ismael, eu não sei, eu já disse, ele não era importante.

A cabeça de Lochart estava latejando. Nenhuma pista, nada. Aonde ela poderia ter ido? Para a casa de um amigo? Para a universidade? Para outra marcha de protesto? Não se esqueça dos boatos no mercado sobre uma nova manifestação estudantil, hoje à noite eram esperadas novas manifestações de protesto, novas marchas, Faixas Verdes contra esquerdistas, mas todas as marchas desfavoráveis ao imã tinham sido proibidas pelo komiteh e a paciência do komiteh já tinha se esgotado.

— Jari, você tem que ter alguma ideia, algum modo de nos ajudar! Meshang disse com a voz gutural: — Vou mandar chicoteá-la. Ela sabe.

— Eu não sei, não sei... — Jari gemeu.

— Cale a boca, Jari! — Lochart virou-se para Meshang, com o rosto pálido e cheio de ódio. — Eu não sei para onde ela foi, mas sei

o porquê: você a obrigou a se divorciar, e eu juro por Deus que se acontecer alguma coisa com ela, qualquer coisa, você vai pagar! Meshang gritou: — Você a abandonou, você a deixou sem um tostão, você a abandonou e está divorciado, vo...

— Lembre-se, você vai pagar! E se você impedir a minha entrada nesta casa quando eu voltar ou quando ela voltar, por Deus, você vai pagar por isto também! — À beira da loucura, Lochart dirigiu-se para as portas francesas Zarah disse rapidamente: — Aonde você vai?

— Eu não sei... eu... para a universidade. Talvez ela tenha ido participar de outra marcha, embora eu não saiba por que teria fugido para fazer isso...

Lochart não conseguiu articular o seu verdadeiro medo: de que a sua revolta fosse tão extrema que sua mente tivesse ficado perturbada e que ela tivesse resolvido se matar. Oh, não suicídio, mas quantas vezes no passado ela tinha dito: "Nunca se preocupe comigo, Tommy. Eu sou uma crente. Eu sempre procuro fazer o trabalho de Deus e desde que eu morra fazendo o trabalho de Deus, com o nome de Deus nos meus lábios, eu irei para o paraíso."

Mas e quanto ao nosso filho? Uma mãe não poderia fazer isto, poderia, uma pessoa como Xarazade?

O quarto estava muito quieto. Por uma eternidade ele ficou lá. Então, de repente, todo o seu ser enveredou para uma outra direção. Numa voz estranhamente clara ele disse: — Sejam testemunhas do que eu digo: Eu atesto que não há nenhum outro deus além de Deus e que Maomé é o Profeta de Deus... — E repetiu isto pela terceira vez. Agora estava feito. Ele estava em paz consigo mesmo. Ele os viu olhando para ele, boquiabertos.

Meshang quebrou o silêncio, não mais com raiva.

— Allah-u Akbar! Seja bem-vindo. Mas dizer o Shahada, por si só, não é o suficiente.

— Eu sei. Mas é o começo.

Eles o viram desaparecer na noite, todos eles encantados por terem testemunhado a salvação de uma alma, a transmutação de um infiel em um crente, de forma tão inesperada. Todos estavam cheios de alegria, vários níveis de alegria.

— Deus é Grande! Zarah murmurou: — Meshang, isto não muda tudo?

— Sim, sim e não. Mas agora ele irá para o paraíso. Seja como Deus quiser. — De repente ele se sentiu muito cansado. Seus olhos se dirigiram para Jari e ela recomeçou a tremer. — Jari — ele disse com a mesma calma —, você será chicoteada até contar toda a verdade ou até ir para o inferno.

Vamos, Zarah, não podemos nos esquecer dos nossos convidados.

— E Xarazade?

— Seja como Deus quiser.

PERTO DA UNIVERSIDADE: 21:48H.

Xarazade entrou na rua principal onde Faixas Verdes e seus partidários estavam se reunindo. Milhares deles. A grande maioria era de homens. Todos armados. Os mulás os controlavam, exortando-os a manter a disciplina, a não atirar nos esquerdistas até que estes comesçassem a atirar, a tentar persuadi-los a desistir do seu pecado.

— Não se esqueçam de que eles são iranianos, não estrangeiros diabólicos. Deus é Grande... Deus é Grande...

— Seja bem-vinda, minha filha — um velho mulá disse bondosamente — que a paz esteja com você.

— E com o senhor também — ela disse. — Nós estamos marchando contra o antideus?

— Oh, sim, daqui a pouco, há muito tempo.

— Eu tenho um revólver — ela disse orgulhosamente, mostrando-o a ele. — Deus é Grande.

— Deus é Grande. Mas é melhor que a matança termine e que os revoltosos reconheçam a Verdade, renunciem à sua heresia, obedecem ao imã e voltem para o Islã. — O velho viu a sua juventude e a sua decisão e ficou ao mesmo tempo feliz e entristecido. — É melhor que a matança cesse, mas se os de esquerda não pararem de se opor ao imã, que a paz de Deus esteja

com ele, então, com a ajuda de Deus, os mandaremos para o inferno...

TABRIZ — NO PALÁCIO: 22:05H.

Os três estavam sentados diante do fogo, tomando café e observando as chamas, a sala pequena e ricamente adornada, quente e aconchegante — um dos guardas de Hakim ao lado da porta. Mas não havia nenhuma paz entre eles, embora todos fingissem que sim, agora durante toda a noite. As chamas prendiam a atenção deles, cada um vendo diferentes quadros lá dentro. Erikki estava vendo a encruzilhada do caminho, sempre a encruzilhada, de um lado as chamas conduziam à solidão, de outro à felicidade — talvez sim e talvez não. Azadeh via o futuro, tentando não vê-lo.

Hakim Khan desviou o olhar do fogo e lançou o desafio.

— Você esteve distraída a noite toda, Azadeh.

— Sim. Acho que todos nós estivemos. — O seu sorriso não era verdadeiro. — Você acha que poderíamos falar em particular, nós três?

— É claro. — Hakim fez um sinal para o guarda. — Se eu precisar de você, chamarei. — O homem obedeceu e fechou a porta. Instantaneamente, a atmosfera da sala mudou. Agora todos três eram adversários, todos estavam conscientes disto, todos estavam em guarda e preparados.

— Sim, Azadeh?

— É verdade que Erikki deve partir imediatamente?

— Sim.

— Deve haver uma solução. Eu não posso aguentar dois anos sem o meu marido.

— Com a ajuda de Deus, o tempo vai passar depressa. — Hakim Khan estava sentado bem esticado, melhor da dor por causa da codeína.

— Eu não posso aguentar dois anos. — Ela tornou a dizer — O seu juramento não pode ser quebrado Erikki disse: — Ele tem razão, Azadeh. Você fez o juramento de livre e espontânea vontade, Hakim é o khan e o preço... justo. Mas todas as mortes... — eu tenho que partir, a culpa é minha, nem sua nem de Hakim.

— Você não fez nada de errado, nada, você foi obrigado a proteger a mim e a você mesmo, eles iam nos matar, e quanto ao ataque... você fez o que achou melhor, você não tinha meios de saber que o resgate tinha sido pago pela metade nem que papai estava morto. Ele não deveria ter mandado matar o mensageiro.

— Isto não muda nada. Eu tenho que partir esta noite. Nós devemos aceitar isto e deixar as coisas como estão — disse Erikki, observando Hakim.

Os anos passarão depressa.

Se você viver, meu querido Azadeh virou-se para o irmão, que olhou para ela, com o mesmo sorriso, com o mesmo olhar.

Erikki olhou para os dois irmãos, tão diferentes e no entanto tão parecidos. O que foi que deu nela, por que ela precipitou o que não deveria ter sido precipitado?

— É claro que eu vou viver — ele disse, aparentemente calmo. Uma brasa caiu e ele se inclinou para a frente e atirou-a no fogo. Ele viu que Azadeh não tinha tirado os olhos de Hakim, nem ele dela. A mesma calma, o mesmo sorriso educado, a mesma inflexibilidade.

— Sim, Azadeh? — disse Hakim.

— Um mulá poderia liberar-me do meu juramento.

— Isso não é possível. Nem um mulá nem eu faríamos isso, nem mesmo o imã concordaria em fazê-lo.

— Eu posso absolver a mim mesma. Isto é entre mim e Deus, eu posso absol...

— Você não pode, Azadeh. Você não pode fazer isto e viver em paz com você mesma.

— Eu posso. E posso viver em paz.

— Não pode fazer isso e continuar sendo muçulmana.

— Sim — ela disse com simplicidade. — Eu concordo. Hakim ficou boquiaberto.

— Você não sabe o que está dizendo.

— Oh, eu sei sim. Eu já considereei até mesmo esta possibilidade.
— A voz dela era neutra. — Eu já considereei esta solução e achei-a suportável. Eu não vou aguentar dois anos de separação, nem vou aturar nenhum atentado contra a vida de meu marido, nem perdô-lo. — Ela se encostou na cadeira e abandonou a luta momentaneamente, aflita mas contente por ter aberto o jogo e ao mesmo tempo assustada. Mais uma vez ela abençoou Aysha por tê-la alertado.

— Eu não vou permitir que você renuncie ao Islã sob hipótese alguma — disse Hakim.

Ela simplesmente ficou olhando para o fogo.

O campo minado estava em toda a volta deles, todas as minas estavam armadas e embora Hakim estivesse concentrado nela, os seus sentidos estavam ligados em Erikki. Ele, o da Faca, sabendo que o homem estava esperando também, jogando um jogo diferente agora que o problema estava diante deles. Será que eu fiz bem em mandar o guarda sair?, perguntou a si mesmo, ofendido com a ameaça dela, com o cheiro de perigo enchendo as suas narinas.

— Não importa o que você diga, Azadeh, não importa o que você tente fazer, pelo bem da sua alma eu seria forçado a evitar uma apostasia. De todas as maneiras que estivessem ao meu alcance. Isto é inimaginável.

— Então, por favor, me ajude. Você é muito sábio. Você é o khan e nós passamos por muita coisa juntos. Eu lhe imploro, retire a ameaça que pesa sobre a minha alma e a do meu marido.

— Eu não estou ameaçando nem a sua alma nem a do seu marido.

— Hakim olhou diretamente para Erikki. — Não estou.

Erikki disse: — Quais são esses perigos que você mencionou?

— Não posso dizer-lhe, Erikki — respondeu Hakim.

— O senhor poderia dar-nos licença, Alteza? Nós precisamos nos preparar para partir.

Azadeh levantou-se. Erikki fez o mesmo.

— Fiquem onde estão! — Hakim estava furioso. — Erikki, você permitiria que ela renunciasse ao Islã, à toda a sua herança e à sua chance de uma vida eterna?

— Não, isto não está nos meus planos. — Os dois olharam para ele, intrigados. — Por favor, diga-me quais são os perigos, Hakim.

— Que planos? Você tem um plano? De fazer o quê?

— Os perigos. Primeiro conte-me a respeito dos perigos. O islamismo de Azadeh está seguro comigo, eu juro pelos meus próprios deuses. Que perigos?

Nunca tinha feito parte da estratégia de Hakim revelar-lhe os perigos, mas agora que ele estava abalado pela teimosia dela, horrorizado por ela ter pensado em cometer a suprema heresia, e mais desorientado ainda pela sinceridade deste estranho homem. Então ele contou sobre o telex e sobre a fuga dos pilotos com os helicópteros, e a sua conversa com Hashemi, notando que Azadeh estava tão horrorizada quanto Erikki, mas que a surpresa dela não parecia verdadeira. É como se ela já soubesse, como se tivesse estado presente, das duas vezes, mas como ela poderia saber? Ele continuou: — Eu disse a ele que você não poderia ser preso nem na minha casa, nem nos meus domínios, nem em Tabriz, que eu lhe daria um carro e que esperava que você escapasse de ser preso e que você partiria antes do amanhecer.

Erikki ficou abalado. O telex muda tudo, ele pensou.

— Então eles estão esperando por mim.

— Sim. Mas eu não contei a Hashemi que eu tinha um outro plano, que já tinha enviado um carro para Tabriz, que assim que Azadeh estivesse dormindo eu...

— Você me teria deixado aqui, Erikki? — Azadeh estava estarrecida.

— Você me teria deixado sem me contar, sem me consultar?

— Talvez. O que você estava dizendo, Hakim? Por favor, termine o que ia dizer.

— Assim que Azadeh estivesse dormindo, eu planejava retirá-lo do palácio e levá-lo para Tabriz, onde está o carro e enviá-lo para a fronteira, a fronteira turca. Eu tenho amigos em Khoi e eles o ajudariam a atravessar a fronteira, com a ajuda de Deus — Hakim acrescentou automaticamente, grandemente aliviado por ter tido a precaução de elaborar este plano alternativo — só para o caso de sei necessário. E agora foi o caso, ele pensou.

— Você tem um plano?

— Sim.

— Qual é?

— Se você não gostar dele, Hakim Khan, o que vai fazer?

— Neste caso, eu me recusaria a consentir nele e tentaria impedi-lo.

— Eu preferiria não me arriscar a desagradá-lo.

— Sem a minha ajuda, você não pode partir.

— Eu gostaria de ter a sua ajuda, isto é verdade. — Erikki não estava mais confiante. Uma vez que Mac, Charlie e os outros já tinham partido. Como é que eles conseguiram fazer isto tão depressa? Por que isto não aconteceu enquanto nós estávamos em Teerã, mas graças a todos os deuses Hakim é o khan agora e pode proteger Azadeh. E óbvio o que a Savak vai fazer comigo se conseguirem me pegar, quando me pegarem.

— Você estava certo sobre o perigo. Você acha que eu poderia fugir conforme você sugeriu?

— Hashemi deixou policiais no portão. Eu acho que você podia ser retirado, seria possível distraí-los. E não sei se há outros na estrada, mas pode haver, é mais do que provável que haja. Se eles estiverem atentos e você for interceptado... foi a vontade de Deus.

Azadeh disse: — Erikki, eles estão esperando que você vá sozinho e o coronel concordou em não tocar em você dentro de Tabriz. Se nós estivéssemos escondidos na traseira de um velho caminhão, precisaríamos apenas de um pouco de sorte para evitá-los.

— Você não pode partir — Hakim disse impacientemente, mas ela não ouviu. A sua mente tinha se voltado para Ross e Gueng e a fuga anterior, e como os dois tinham tido dificuldade em escapar, mesmo sendo sabotadores e combatentes treinados. Pobre Gueng. Um arrepio percorreu-a. A estrada para o norte é tão difícil quanto a que vai para o sul, é muito fácil eles armarem uma emboscada, é muito fácil bloquearem as estradas. Não é tão distante assim daqui até Khoi e de Khoi até a fronteira, mas em termos de tempo, é como se fossem milhões de quilômetros e com o meu problema nas

costas... eu duvido que conseguisse andar até mesmo um único quilômetro.

— Não faz mal — ela murmurou. — Nós chegaremos lá. Com a ajuda de Deus nós conseguiremos escapar.

Hakim exclamou: — Por Deus e pelo Profeta, e quanto ao seu juramento, Azadeh? O rosto dela estava muito pálido agora e ela apertou os dedos para parar de tremer.

— Por favor, perdoe-me, Hakim, mas eu já lhe disse. E se me impedirem de partir com Erikki agora, ou se Erikki não quiser me levar, eu vou dar um jeito de fugir, eu juro. — Ela olhou para Erikki. — Se Mac e os outros foram embora, você pode ser usado como refém.

— Eu sei. Eu tenho que sair daqui o mais rápido que puder. Mas você tem que ficar. Você não pode desistir da sua religião só por causa dos dois anos, por mais que eu odeie ter que deixá-la.

— Será que Tom Lochart deixaria Xarazade por dois anos?

— Este não é o ponto — Erikki disse cautelosamente. — Você não é Xarazade, você é a irmã de um khan e jurou que ficaria aqui.

— Isto é entre mim e Deus, Tommy nunca deixaria Xarazade — Azadeh repetiu teimosamente — Xarazade não deixaria o seu Tommy, ela o ama...

— Eu preciso conhecer o seu plano — Hakim interrompeu friamente.

— Sinto muito, mas não posso confiá-lo a ninguém.

O khan apertou os olhos, e precisou de toda a sua força de vontade para não chamar o guarda. — Então nós estamos num impasse. Azadeh, dê-me um pouco mais de café, por favor. — Ela obedeceu imediatamente. Ele olhou para o homem enorme que estava em pé de costas para o fogo, — Não estamos?

— Por favor, resolva este impasse, Hakim Khan — disse Erikki. — Eu sei que você é um homem inteligente e eu não lhe faria nenhum mal, nem faria nenhum mal a Azadeh.

Hakim aceitou o café e agradeceu a ela, ficou olhando para o fogo, pesando os prós e os contras, precisando saber o que Erikki tinha em mente, querendo pôr um fim em tudo aquilo, querendo que Erikki fosse embora e Azadeh ficasse e voltasse a ser como era,

sábria, gentil, amorosa e obediente — e muçulmana. Mas ele a conhecia bem demais para ter certeza de que ela faria o que havia ameaçado fazer e a amava demais para permitir que ela cumprisse a ameaça.

— Talvez isto pudesse satisfazê-lo, Erikki: eu juro por Deus que vou ajudá-lo, desde que o seu plano não despreze o juramento da minha irmã, não a force a se tornar uma apóstata, não a coloque nem em perigo espiritual nem político... — ele pensou por um momento — não traga nenhum mal nem para ela nem para mim, e tenha alguma chance de sucesso.

Azadeh interrompeu com raiva: — Isto não é nenhuma ajuda, como Erikki poderia ser ca...

— Azadeh! — Erikki disse asperamente. — Onde estão os seus modos? Fique quieta. O khan estava falando comigo, não com você. É o meu plano que ele quer conhecer, não o seu.

— Sinto muito, desculpem-me, por favor — ela disse imediatamente, com sinceridade. — Sim, você tem razão. Eu peço desculpas a vocês dois.

— Quando nós nos casamos, você jurou obedecer-me. Isto ainda está valendo? — ele perguntou asperamente, furioso porque ela tinha quase arruinado o seu plano, pois ele vira os olhos de Hakim encherem-se de ódio e ele precisava dele calmo, não agitado.

— Sim, Erikki — ela respondeu imediatamente, ainda chocada com o que Hakim dissera, pois isto fechava todas as saídas, menos a que ela havia escolhido, e essa escolha a aterrorizava. — Sim, sem reservas, desde que você não me abandone.

— Sem reservas. Sim ou não?

Imagens de Erriki atravessaram a sua mente, a sua doçura e o seu amor e a sua alegria e todas as boas coisas, junto com a violência que nunca a havia atingido mas que atingiria a qualquer um que a ameaçasse ou que ficasse no caminho dele, Abdullah, Johnny, até mesmo Hakim, especialmente Hakim.

Sem reservas, sim, ela teve vontade de dizer, exceto contra Hakim, exceto se você me abandonar. Os olhos dele estavam mergulhados nos dela. Pela primeira vez ela estava com medo dele.

Ela murmurou: — Sem reservas. Eu imploro a você para que não me abandone. Erikki voltou a sua atenção para Hakim.

— Eu aceito o que você propôs, obrigado. — E tornou a se sentar. Azadeh hesitou, depois se ajoelhou ao lado dele, pondo o braço no seu joelho, precisando daquele contato, com esperança de que ele ajudasse a afastar o medo que sentia e a raiva que sentia de si mesma por ter perdido a calma. Eu devo estar ficando louca, pensou. Que deus me ajude...

— Eu aceito as regras que você impôs, Hakim Khan — Erikki estava dizendo calmamente. — Mesmo assim, não vou revelar-lhe o meu plan... Espere, espere! Você jurou que iria me ajudar se eu não o pusesse em perigo e eu não o farei. Em vez disso — ele disse cautelosamente — em vez disso, eu vou expor um plano hipotético que poderia satisfazer todas as suas condições. — Inconscientemente, a mão dele começou a acariciar-lhe os cabelos e o pescoço. Ela sentiu a tensão aliviar. Erikki observava Hakim, os dois homens prestes a explodir. — Assim está bem?

— Continue.

— Digamos, hipoteticamente, que o meu helicóptero estivesse em perfeitas condições, que eu estivesse fingindo que não conseguia fazê-lo funcionar para enganar a todo mundo, e para que todo mundo se acostumassem com o fato de que a toda hora eu estou ligando o motor e desligando. Digamos que eu tivesse mentido sobre o combustível e que houvesse o bastante para uma hora de voo, podendo facilmente chegar até a fronteira e..

— Você tem combustível! — Hakim perguntou involuntariamente, com esta ideia abrindo outras possibilidades.

— Nesta história hipotética, sim. — Erikki sentiu a mão de Azadeh apertar-lhe o joelho mas fingiu não notar. — Digamos que dentro de um ou dois minutos, antes de nós irmos para a cama, eu dissesse a você que gostaria de experimentar os motores novamente. Digamos que eu fizesse isso, que os motores pegassem e funcionassem o bastante para esquentar e depois morressem, ninguém se preocuparia com isso, foi a vontade de Deus. Todo mundo pensaria: o louco não deixa aquele helicóptero em paz, por que ele não desiste e nos deixa dormir sossegados? Então digamos

que eu o ligasse, acelerasse ao máximo e subisse. Hipoteticamente, eu poderia me afastar daqui em segundos, desde que os guardas não atirassem em mim, e desde que não houvesse nenhum inimigo, nem Faixas Verdes nem policiais com armas no portão ou do outro lado dos muros.

Hakim suspirou. Azadeh se mexeu um pouco. A seda do seu vestido farfalhou.

— Eu gostaria muito que esta história pudesse acontecer de verdade — disse ela.

— Isto seria mil vezes melhor que um carro, dez mil vezes melhor — disse Hakim. — Você poderia voar tudo isso durante a noite?

— Poderia, desde que tivesse um mapa. A maioria dos pilotos que passam muito tempo numa mesma região tem um mapa na cabeça. É claro que tudo isto é ficção.

— Sim, sim, é. Bem, até agora tudo bem com o seu plano hipotético. Você poderia fugir dessa maneira, se conseguisse neutralizar os inimigos que estão no pátio. Agora, hipoteticamente, e quanto à minha irmã?

— A minha esposa não entra em nenhuma fuga, nem real nem hipotética. Azadeh não tem escolha: ela precisa ficar por sua livre e espontânea vontade e esperar os dois anos. — Erikki viu o espanto de Hakim e sentiu a revolta imediata de Azadeh. Mas não deixou que os seus dedos cessassem de acariciar-lhe os cabelos e o pescoço no mesmo ritmo, acalmando-a, convencendo-a, e continuou mansamente: — Ela deve ficar em obediência ao seu juramento. Ela não pode partir. Ninguém que a ame, principalmente eu, poderia permitir que ela desistisse do islamismo por causa de dois anos.

Aliás, Azadeh, hipoteticamente ou não, isto está proibido, entendeu?

— Estou ouvindo o que você diz, marido — disse entre dentes, tão zangada que mal podia falar e xingando a si mesma por ter caído na armadilha dele.

— Você está presa ao seu juramento por dois anos, depois você pode partir livremente. Isto é uma ordem!

Ela levantou os olhos para ele e disse sombriamente: — Talvez daqui a dois anos eu não queira partir.

Erikki colocou a sua mão enorme no ombro dela, com os dedos rodeando-lhe de leve o pescoço.

— Neste caso, mulher, eu voltarei e a arrastarei pelos cabelos. — Ele disse isto com tanta calma e com tanta fúria que ela ficou paralisada. Logo em seguida ela baixou os olhos e olhou para o fogo, ainda encostada na perna dele. Ele continuou com a mão no seu ombro. Ela não fez nenhum movimento para tirá-la dali. Mas ele sabia que ela estava com ódio dele. No entanto, ele sabia que era necessário dizer o que tinha dito.

— Por favor, desculpem-me por um momento — ela disse, com a voz fria como gelo.

Os dois homens ficaram olhando-a se afastar. Quando estavam sozinhos, Hakim disse: — Ela vai obedecer?

— Não — disse Erikki. — Não, a menos que você a mantenha trancada, e mesmo assim... Não, ela está decidida.

— Eu nunca, nunca permitirei que ela quebre o juramento e renuncie ao islamismo, você precisa entender isto, mesmo... mesmo que eu tenha que matá-la.

Erikki olhou para ele.

— Se você fizer algum mal a ela, você é um homem morto, caso eu esteja vivo.

NAS FAVELAS AO NORTE DA CIDADE DE TABRIZ: 22:36H.

No meio da escuridão, a primeira leva de Faixas Verdes correu para a porta que ficava no muro alto, explodiu as fechaduras e entrou no pátio interno atirando. Hashemi e Robert Armstrong estavam do outro lado da praça, razoavelmente protegidos por um caminhão estacionado. Outros homens se esgueiraram pelo beco para impedir qualquer retirada.

— Agora! — Hashemi disse no walkie-talkie. Imediatamente o lado oposto da praça onde estava o inimigo foi iluminado pelos holofotes montados em caminhões camuflados. Homens começaram

a sair correndo de outras portas, mas a polícia e os Faixas Verdes abriram fogo e a batalha começou.

— Vamos, Robert — disse Hashemi e se aproximou cautelosamente.

Os informantes tinham dito que naquela noite haveria uma reunião de líderes marxistas-islâmicos ali e que aquele edifício estava ligado a outros por todos os lados por portas e passagens secretas. Com a assistência de Hakim Khan, Hashemi tinha iniciado o primeiro de uma série de ataques para desativar a extensa oposição esquerdista ao governo, para agarrar os líderes e fazer deles um exemplo público — para os seus próprios propósitos.

O primeiro grupo de Faixas Verdes tinha limpado a área e estava avançando pelas escadas, sem se preocupar com a própria segurança. Os adversários, que agora já tinham se recuperado da surpresa, estavam resistindo com a mesma ferocidade, bem armados e bem treinados.

Lá fora na praça houve uma trégua, nenhum adversário queria se arriscar nem se juntar àqueles que estavam presos, indefesos, no meio dos carros, alguns dos quais já estavam pegando fogo. O beco atrás do edifício estava ameaçadoramente quieto, com a polícia e os Faixas Verdes bloqueando as duas saídas, bem entrincheirados atrás dos seus veículos.

— Por que estamos esperando aqui como se fôssemos uns iraquianos covardes e fedorentos? — Um dos Faixas Verdes perguntou agressivamente.

— Por que não levamos a batalha até eles?

— Vocês estão esperando porque foi isto que o coronel mandou — disse o sargento de polícia — vocês estão esperando porque nós podemos matar todos aqueles cães sem nos arriscarmos e...

— Eu não estou subordinado a nenhum coronel, só a Deus! Deus é Grannnde! — Com isto, o rapaz empunhou o rifle e saiu correndo em direção à porta dos fundos do edifício. Outros o seguiram. O sargento xingou-os e mandou que eles voltassem, mas suas palavras foram abafadas pela fuzilaria que desceu sobre os rapazes das janelas que ficavam no alto do muro e que matou a todos.

Hashemi e os outros tinham ouvido os tiros no beco e presumiram que tinha havido uma tentativa de fuga.

— Os cães não podem escapar por aquele lado, Robert — Hashemi gritou animadamente —, eles estão cercados! — De onde ele estava, podia ver que o ataque ao edifício principal tinha sido interrompido. Ele ligou o transmissor: — Segunda leva para dentro do QG.

Imediatamente, um mulá e outro grupo de rapazes soltaram o seu grito de guerra e atravessaram a praça correndo. Robert Armstrong ficou perplexo por Hashemi mandá-los atacar assim, com a praça toda iluminada, o que fazia deles alvos fáceis.

— Não se meta, Robert! Pelo amor de Deus, eu já estou cansado das suas interferências. — Hashemi tinha dito friamente quando ele fizera algumas sugestões sobre como organizar o ataque antes da luta ter começado.

— Guarde o seu conselho para si mesmo, isto é uma questão interna, não tem nada a ver com você!

— Mas, Hashemi, nem todos os prédios são inimigos ou marxistas, deve haver famílias lá, talvez centenas de inocentes...

— Cale a boca ou eu juro que vou considerá-lo traidor!

— Então eu vou ficar para trás. Vou voltar e vigiar o palácio.

— Eu disse que você viria nesta operação. Você acha que vocês, britânicos, são os únicos que podem lidar com uns poucos revolucionários?

— Você vai ficar perto de mim, num lugar onde eu possa vê-lo, mas primeiro entregue-me o seu revólver.

— Mas Hashemi...

— O seu revólver! Pelo Profeta, eu não confio mais em você. O seu revólver!

Então ele lhe havia entregue o revólver e Hashemi tinha se acalmado, parecendo relaxar, dando uma gargalhada. Mas não tinha devolvido o revólver e Armstrong se sentiu nu no meio da noite, com medo de que tivesse sido traído. Olhou para ele, tornou a ver uma certa estranheza nos olhos de Fazir e no jeito como ele mexia com a boca, com um pouco de saliva escorrendo pelos cantos.

Uma rajada de tiros atraiu a sua atenção outra vez para o prédio. Os tiros estavam vindo das janelas superiores, em resposta àquele novo ataque. Muitos jovens foram detidos, mas alguns conseguiram entrar, o mulá entre eles, para reforçar os que ainda estavam vivos. Juntos eles abriram caminho no meio dos corpos que estavam bloqueando a escada e conseguiram chegar até o andar seguinte.

Na praça, Hashemi estava agachado atrás de um carro, cheio de excitação e invadido pelo sentimento de poder.

— Mais homens para dentro do prédio!

Ele nunca tinha comandado um ataque antes, nunca havia tomado parte em nenhum. Todo o seu trabalho anterior tinha sido secreto, encoberto, com apenas uns poucos homens envolvidos em cada operação — mesmo com os seus assassinos do Grupo Quatro, tudo o que ele tinha feito era dar as ordens e esperar em segurança. Exceto a vez em que ele próprio tinha detonado o carro-bomba que destruíra o seu inimigo na Savama, o general Janan. Por Deus e pelo Profeta, a sua mente estava gritando, foi para isto que eu nasci: batalhas e guerra!

— Todos ao ataque! — ele gritou no walkie-talkie e depois ficou em pé e berrou o mais alto que pôde: — Todos ao ataque!

Os homens começaram a atacar de todos os lados. Atirando granadas por cima dos muros, para dentro dos pátios e pelas janelas, indiscriminadamente. Explosões e fumaça, tiros, de rifles e metralhadoras, e mais explosões e então uma explosão gigantesca no QG dos esquerdistas quando o depósito de gasolina e munição explodiu, destruindo o último andar e a maior parte da fachada. A onda de calor arrancou as roupas de Hashemi e derrubou Armstrong. Mzytryk, que tinha estado observando tudo de binóculo de uma das janelas de cima, do outro lado da praça, pôde vê-los claramente e decidiu que o momento era perfeito.

— Agora — ele disse em russo.

O atirador que estava ao lado dele já estava com a mira telescópica apontada para o alvo, com o cano do rifle pousado no parapeito da janela. Imediatamente ele colocou o indicador no gatilho, sentiu o dedo de Mzytryk sobre o gatilho e começou a contagem regressiva como este havia ordenado: — Três... dois...

um... fogo! — Mzytryk apertou o gatilho. Os dois homens viram a bala dundum entrar nas costas de Hashemi, atirá-lo de encontro ao carro e depois lançá-lo no chão. — Ótimo — Mzytryk murmurou sombriamente, lamentando apenas que os seus olhos e as suas mãos não pudessem lidar sozinhos com os assassinos do seu filho. — Três... dois., um...

O alvo se mexeu. Os dois homens praguejaram, pois tinham visto Armstrong virar-se, olhar em sua direção por um instante e então se atirar no meio dos carros e desaparecer atrás de um deles.

— Ele está perto da roda da frente. Ele não pode escapar. Tenha paciência. Só atire quando puder.

— Mzytryk deixou apressadamente a sala, foi até o alto da escada e gritou em turco para os homens que estavam esperando lá embaixo. — Podem ir! — depois tornou a voltar para a sala. Ao entrar, viu o atirador atirar.

— Peguei-o — disse o homem com um palavrão. Mzytryk olhou pelo binóculo mas não conseguiu ver Armstrong. — Onde está ele?

— Atrás do carro preto — ele esticou a cabeça por um segundo e eu o peguei.

— Você o matou?

— Não, camarada general. Fui muito cuidadoso, exatamente como o senhor mandou.

— Tem certeza?

— Sim, camarada general. Eu o atingi no ombro, talvez no peito. O prédio onde ficava o QG estava queimando furiosamente agora, os tiros disparados dos outros prédios eram esporádicos, apenas focos de resistência, com os atacantes em número muito maior, todos tomados por um frenesi de brutalidade. Bárbaros, Mzytryk pensou com desprezo, depois tornou a olhar para o corpo de Hashemi, contorcendo-se no chão. Não morra muito depressa, matyeryebyets.

— Você está vendo o inglês?

— Não, camarada general, mas ele está coberto pelos dois lados. Então Mzytryk viu a ambulância chegando e homens com a braçadeira da Cruz Vermelha saltarem com maças e começarem a recolher os feridos, com a luta já quase terminada. Estou contente por ter vindo aqui esta noite, pensou, ainda cheio de ódio. Ele

decidira comandar pessoalmente a vingança assim que a mensagem de Hakim tinha sido entregue na noite anterior. A 'intimação' mal disfarçada, junto com o relatório secreto enviado por Pahmudi relatando a maneira pela qual o seu filho tinha morrido nas mãos de Hashemi e de Armstrong, haviam provocado nele um acesso de raiva.

Tinha sido simples conseguir um helicóptero e pousar nos arredores de Tabriz na noite anterior, tinha sido simples organizar um contra-ataque para pegar os dois assassinos. Tinha sido simples planejar a sua vingança, que consolidaria as suas relações com Pahmudi, removendo do caminho dele o seu inimigo Hashemi Fazir e ao mesmo tempo evitar muitos problemas futuros para os seus mujahedins e para o Tudeh. E Armstrong, o ardiloso agente M16, outro que já deveria ter sido eliminado há muito tempo — maldito seja este filho da mãe por ter aparecido como um fantasma depois de todos aqueles anos.

— Camarada general!

— Sim, eu os estou vendo. — Mzytryk ficou olhando os homens da Cruz Vermelha colocarem Hashemi numa maca e carregá-lo em direção à ambulância. Outros se dirigiram para trás do carro. A mira telescópica os seguiu. A excitação de Mzytryk aumentou.

O atirador esperou pacientemente. Quando os homens tornaram a aparecer, eles estavam carregando Armstrong.

— Eu sabia que tinha acertado naquele filho da mãe — o atirador disse.

NO PALÁCIO: 23:04H.

Silenciosamente, as luzes vermelhas fosforescentes do painel de instrumentos ganharam vida. Os dedos de Erikki apertaram o botão de partida. Os jatos tossiram, pegaram, hesitaram quando ele acelerou e desacelerou cuidadosamente. Então ele ligou os disjuntores e os motores começaram a esquentar.

Os holofotes estavam acesos no pátio. Azadeh e Hakim Khan, bem agasalhados contra o frio da noite, estavam parados ali perto, observando-o. No portão da frente, a uns cem metros de distância,

dois guardas e a polícia de Hashemi também observavam, mas preguiçosamente. Os seus cigarros brilhavam. Os dois policiais puseram os seus Kalashnikovs no ombro e se aproximaram.

Mais uma vez os motores engasgaram e Hakim Khan gritou por sobre o barulho: — Erikki, deixe isso por hoje! — Mas Erikki não escutou. Hakim se afastou do barulho, chegando mais perto do portão, com Azadeh seguindo-o de má vontade. O seu andar era penoso e ele praguejou, desabituaado com as muletas.

— Saudações, Alteza — o policial disse educadamente.

— Saudações, Azadeh — Hakim disse, irritado —, o seu marido não tem paciência, está perdendo o juízo. O que há com ele? É ridículo ficar tentando ligar os motores. O que adiantaria mesmo que ele conseguisse ligá-los?

— Eu não sei, Alteza — o rosto de Azadeh estava branco sob a luz fraca e ela estava muito nervosa.

— Ele... desde o ataque ele tem estado muito esquisito, muito difícil, difícil de entender, ele me assusta.

— Isto não é de espantar! Ele é capaz de assustar o próprio demônio!

— Por favor, perdoe-me, Alteza — disse Azadeh — mas em épocas normais ele... ele não é assustador.

Educadamente, os dois policiais se afastaram, mas Hakim os fez parar.

— Vocês notaram alguma diferença no piloto?

— Ele está muito zangado, Alteza. Ele está zangado há horas. Uma vez eu o vi dar um chute na máquina, mas se ele está diferente ou não é difícil dizer. Eu nunca tinha estado perto dele antes.

O cabo tinha cerca de quarenta anos e não queria encrenca. O outro homem era mais moço e estava ainda mais assustado. As ordens deles eram para vigiar até que o piloto partisse de carro, ou até que qualquer pessoa saísse de lá de carro, para não impedir a saída mas comunicar imediatamente ao QG

pelo rádio do carro. Todos dois compreendiam o perigo da situação em que se encontravam. O braço do Gorgon Khan tinha um longo alcance. Ambos sabiam dos criados e guardas do falecido khan que tinham sido acusados por ele de traição e que ainda

estavam apodrecendo nos subterrâneos da polícia. Mas os dois também sabiam que os braços do Serviço Secreto eram ainda mais certos.

— Diga-lhe para parar com isso, Azadeh. Para parar os motores.

— Ele nunca esteve tão zangado comigo antes... e esta noite...

— Ela estava vesga de raiva. — Eu não acho que posso obedecê-lo.

— Você vai obedecer.

Depois de uma pausa, ela murmurou: — Quando ele está zangado, eu não consigo nada com ele.

Os policiais viram a palidez dela e sentiram pena, mas sentiram ainda mais pena deles mesmos, pois tinham ouvido contar o que acontecera na encosta da montanha. Que Deus nos proteja dele, o da Faca! Como deve ser estar casada com um bárbaro desses que todo mundo sabe que bebeu o sangue dos nativos que matou, que adora espíritos da floresta contra a lei de Deus, e que rola nu na neve, forçando-a a fazer o mesmo.

Os motores tornaram a engasgar e começaram a morrer e eles viram Erikki berrar de raiva e dar um soco no aparelho, fazendo uma mozza no alumínio com a força do seu golpe.

— Alteza, com a sua permissão, eu vou me deitar. Acho que vou tomar um comprimido para dormir e espero que amanhã seja um dia melhor...

— Sim, um comprimido para dormir é uma boa ideia. Muito boa. Acho que vou tomar dois, as minhas costas estão doendo horrivelmente e agora sem eles eu não consigo dormir. — Hakim acrescentou zangado: — A culpa é dele! Se não fosse por causa dele eu não estaria sentindo dor. — Ele se virou para o seu guarda-costas. — Chame os guardas que estão no portão. Quero dar-lhes algumas instruções. Vamos, Azadeh.

Ele saiu andando com dificuldade, seguido obedientemente por Azadeh. Os motores começaram a gemer de novo. Irritado, Hakim Khan virou-se e disse para o policial.

— Se ele não parar dentro de cinco minutos, mande que ele pare em meu nome. Cinco minutos, por Deus!

Inquietos, os dois homens ficaram olhando ele se afastar, com o guarda-costas e os dois guardas do portão andando apressadamente

atrás dele.

— Se sua Alteza não consegue lidar com ele, o que nós podemos fazer? — disse o policial mais velho.

— Com a ajuda de Deus, os motores vão continuar até que o bárbaro esteja satisfeito ou que ele mesmo resolva parar.

As luzes do pátio foram apagadas. Depois de seis minutos os motores ainda estavam sendo ligados e desligados.

— É melhor nós obedecermos. — O policial mais moço estava muito nervoso. — O khan disse cinco minutos. Nós estamos atrasados.

— Esteja preparado para correr e não o irrite mais do que o necessário. Fique com a arma preparada. — Nervosamente, eles se aproximaram. — Piloto! — Mas o piloto ainda estava de costas para eles e com metade do corpo para dentro da cabine. Filho de um cão! Mais perto, agora quase debaixo da hélice. — Piloto! — O cabo disse alto.

— Ele não pode ouvi-lo, quem poderia ouvir com este barulho? Vá na frente, eu fico cobrindo você.

O cabo concordou, encomendou a alma a Deus e se abaixou para se proteger do deslocamento de ar.

— Piloto! — Ele teve que chegar bem perto e tocar nele. — Piloto! — Agora o piloto se virou, com o rosto zangado, disse alguma coisa em bárbaro que ele não entendeu. Com um sorriso forçado e uma polidez forçada, ele disse: — Por favor, Excelência piloto, nós ficaríamos honrados se o senhor desligasse os motores, Sua Alteza, o khan mandou. — Ele viu o olhar vago, lembrou-se que Ele, o da Faca, não sabia falar nenhuma língua civilizada, então repetiu o que tinha dito, falando mais alto e usando mímica. Para seu imenso alívio, o piloto balançou a cabeça concordando, desligou alguns botões e agora os motores estavam parando e as hélices diminuindo de velocidade.

Graças a Deus! Bom trabalho, como você é esperto, o cabo pensou, gratificado.

— Obrigado, Excelência piloto, obrigado. — Muito satisfeito consigo mesmo, ele espiou para dentro da cabine. Agora ele viu o piloto fazendo sinais para ele, claramente tentando agradá-lo, e com

toda a razão, por Deus, convidando-o para se sentar no assento do piloto. Cheio de orgulho, ele viu o bárbaro inclinar-se educadamente para dentro da cabine, mover os controles e apontar para os instrumentos.

Sem conseguir conter a sua curiosidade, o policial mais jovem se aproximou por baixo das hélices que estavam girando bem devagar agora, e foi até a porta da cabine. Ele se inclinou para ver melhor, fascinado pelas fileiras de botões e mostradores que brilhavam na escuridão.

— Por Deus, cabo, você já tinha visto tantos botões e mostradores? Você parece que foi feito para este assento.

— Eu gostaria de ser um piloto — disse o cabo. — Eu... — Ele parou, estarrecido, enquanto suas palavras eram engolidas por uma fumaça vermelha que tirou o ar de seus pulmões e tornou a escuridão completa.

Erikki tinha batido com a cabeça do policial mais moço na do cabo, deixando os dois sem sentidos.

Os rotores tinham parado. Ele olhou em volta Nenhum movimento na escuridão, só algumas luzes no palácio. Nenhuma presença estranha que ele pudesse perceber. Rapidamente, ele guardou as armas dos dois atrás do assento do piloto. Levou apenas alguns segundos para carregar os dois homens até a cabine e deitá-los lá dentro, abrir suas bocas e enfiar as pílulas para dormir que tinha roubado do armário de Azadeh e depois amordaçá-los. Levou um momento para recobrar o fôlego antes de ir até a frente e checar se estava tudo pronto para uma partida imediata. Depois ele voltou para a cabine.

Os dois homens não se haviam movido. Ele se encostou na porta, pronto para torná-los se fosse preciso. Sua garganta estava seca. Ele estava banhado de suor. Ficou esperando. Então ouviu os cachorros e o barulho das correntes.

Silenciosamente, ele preparou a arma. A patrulha composta de dois guardas armados fez a volta no palácio mas não se aproximou dele. Ele observou o palácio, com o braço já fora da tipoia.

NAS FAVELAS AO NORTE

A ambulância decrepita, de cor parda, corria pelas ruas esburacadas. Atrás havia dois enfermeiros e três macas e numa delas estava Hashemi, urrando, perdendo sangue, com os intestinos para fora.

— Em nome de Deus, deem-lhe morfina — falou Armstrong, também cheio de dor. Estava afundado na maca, segurando um curativo bem apertado de encontro ao buraco de bala na parte superior do seu peito, sem perceber o sangue que jorrava da ferida nas suas costas e que estava ensopando o curativo que um dos enfermeiros tinha enfiado pelo rasgão do seu casaco. — Deem-lhe morfina. Depressa! — Ele tornou a dizer, em farsi e em inglês, odiando-os pela sua estupidez e grosseria, ainda em choque pela surpresa da bala e do ataque que tinha vindo ele não sabia de onde. Por quê por quê por quê?

— O que eu posso fazer, Excelência? — Alguém respondeu. — Nós não temos morfina. É a vontade de Deus. — O homem acendeu uma lanterna que quase o cegou, focalizou-a em Hashemi e depois na terceira maca. O rapaz que estava lá já estava morto. Armstrong viu que eles não tinham se dado ao trabalho de fechar-lhe os olhos. Hashemi tornou a gritar.

— Apague a lanterna, Ismael — disse o outro enfermeiro. — Você quer que atirem em nós?

Ismael obedeceu. Mais uma vez no escuro, ele acendeu um cigarro, tossiu e Pigarreou, afastou a cobertura da janela por um momento para ver onde estavam.

— Só mais alguns minutos, com a ajuda de Deus. — Ele se inclinou e sacudiu Hashemi, tirando-o da paz da inconsciência para o inferno da dor. — Só mais alguns minutos, Excelência coronel. Não morra ainda — ele disse animadoramente. — Só mais alguns minutos e o senhor será tratado.

Todos eles foram sacudidos quando uma das rodas caiu num buraco. Armstrong ficou tonto de dor.

Quando ele sentiu a ambulância parar, quase chorou de alívio. Outros homens abriram a porta traseira e entraram. Mãos rudes agarraram-lhe os pés e o deitaram na maca, amarrando-o. Através

da névoa de dor, ele viu a maca de Hashemi sendo carregada para fora, depois os homens o levantaram de qualquer jeito, a dor foi demais e ele desmaiou.

Os homens que estavam carregando a maca saltaram a vala e entraram por uma porta que ficava num muro alto, atravessaram um corredor, desceram um lance de escadas e chegaram num porão amplo iluminado com lamparinas a óleo. Mzytryk disse: — Coloquem-no ali! — Apontou para a segunda mesa, Hashemi já estava na primeira, também amarrado na maca. Sem nenhuma pressa, Mzytryk examinou os ferimentos de Armstrong, depois os de Hashemi, com os dois homens ainda inconscientes.

— Ótimo — ele disse. — Espere por mim lá em cima Ismael.

Ismael tirou a braçadeira da Cruz Vermelha e atirou-a num canto junto com as outras.

— Muitos dos nossos foram martirizados no edifício. Eu duvido que alguém tenha escapado.

— Então você foi esperto de não ir à reunião.

Ismael subiu as escadas para se juntar aos amigos que estavam se congratulando pelo sucesso em ter conseguido agarrar o líder inimigo e o seu cão de fila, o estrangeiro. Todos eram combatentes marxistas islâmicos, de confiança, e não havia nenhum enfermeiro entre eles.

Mzytryk esperou até estar sozinho, depois apanhou um pequeno canivete e enfiou em Hashemi. O berro que este soltou o agradou muito. Quando ele parou de berrar, Mzytryk apanhou um balde de água gelada e despejou na cara do coronel. Os olhos deste se abriram e o terror e a dor que viu lá agradaram-lhe mais ainda.

— Você queria ver-me, coronel? Você assassinou o meu filho, Fedor. Eu sou o general Petr Oleg Mzytryk. — Ele tornou a usar o canivete. O rosto de Hashemi tornou-se grotesco quando ele urrou, gritando e gaguejando de forma incoerente, tentando soltar-se das correias.

— Isto é pelo meu filho... e isto é pelo meu filho... e isto é pelo meu filho... O coração de Hashemi era forte e ele durou vários minutos, implorando piedade, implorando pela morte, implorando ao Único Deus pela morte e por vingança. Ele teve uma morte horrível.

Por um momento, Mzytryk ficou inclinado sobre ele, sentindo o mau cheiro. Mas ele não precisou se forçar a lembrar o que aqueles dois tinham feito com o seu filho para arrastá-lo até o terceiro nível.

O relatório de Pahmudi tinha sido explícito.

— Hashemi Fazir, você pagou, seu comedor de merda — ele disse e cuspiu-lhe no rosto. Então ele se virou e parou. Armstrong estava acordado e olhando para ele da maca, do outro lado do porão.

Frios olhos azuis. Rosto sem sangue. A falta de medo o espantou. Vou mudar isto logo, ele pensou e apanhou o canivete. Então ele notou que o braço direito de Armstrong estava fora das correias, mas antes que pudesse fazer qualquer coisa, Armstrong tinha enfiado a mão na lapela do casaco e estava com a ponta da cápsula de cianureto perto da boca.

— Não se mexa! — Armstrong avisou.

Mzytryk era experiente demais para pensar em apressá-lo e a distância era muito grande. No seu bolso havia uma automática mas antes que ele pudesse empunhá-la ele tinha certeza que os dentes de Armstrong quebrariam a cápsula e três segundos não seriam tempo suficiente para uma vingança. A sua única esperança era que a dor de Armstrong o fizesse desmaiar ou perder a concentração. Ele se encostou na outra mesa e xingou-o.

Quando os homens da maca tinham amarrado as correias, na escuridão da ambulância, Armstrong tinha instintivamente feito força contra as correias para ter espaço suficiente para tirar o braço caso a dor se tornasse insuportável. Havia outra cápsula escondida no colarinho da sua camisa. Ele tinha assistido, tremendo, a agonia de Hashemi, agradecendo a Deus por ter conseguido soltar o braço, apesar do esforço ter sido terrível. Mas assim que ele tocou na cápsula, o terror foi embora e a dor diminuiu. Ele estava em paz consigo mesmo na beira da morte, onde a vida é tão sublime...

— Nós... nós somos profissionais — ele disse. — Nós não assassinamos o seu... o seu filho. Ele estava vivo quando... quando o general Janan foi buscá-lo para entregá-lo a Pahmudi.

— Mentiroso! — Mzytryk sentiu a fraqueza da voz dele e viu que não teria que esperar muito tempo.

E se preparou.

— Leia os documentos... os documentos oficiais... a Savama deve ter preparado alguns... e também os da sua maldita KGB

— Você acha que eu sou algum idiota que você possa jogar contra Pahmudi antes de morrer?

— Leia os relatórios, faça perguntas, você poderia chegar à verdade. Mas vocês da KGB não gostam da verdade. Eu estou dizendo que ele estava vivo quando a Savama o levou.

Mzytryk ficou inseguro. Não seria normal para um profissional como Armstrong, tão perto da morte, perder tempo sugerindo uma tal investigação sem estar certo do resultado.

— Onde estão as fitas? — Ele disse, vigiando-o cuidadosamente, vendo os olhos começando a pestanejar, por causa do grande cansaço pela perda do sangue. A qualquer momento agora. — Onde estão as fitas?

— Não havia nenhuma fita. Não... não do terceiro nível. — As forças de Armstrong estavam no fim.

A dor tinha passado agora, junto com o tempo. Era preciso um esforço cada vez maior para se concentrar. Mas as fitas precisavam ser protegidas, uma cópia já estava a caminho de Londres junto com um relatório especial. — O seu filho era forte e corajoso e não nos revelou nada.

— O que... o que Pahmudi arrancou dele eu não sei... Os capangas de Pahmudi... foram eles ou a sua própria escória. Ele estava... vivo quando o seu bando o levou. Pahmudi contou a Hashemi.

Isto é possível, pensou Mzytryk, inquieto. Aqueles filhos da mãe em Teerã fizeram esta confusão toda no Irã, interpretaram mal o xá durante anos e estragaram o nosso trabalho de gerações.

— Eu vou descobrir. Pela alma do meu filho eu vou descobrir mas isto não vai ajudá-lo, camarada!

— Um favor merece outro. Você matou Roger, Roger Crosse, não foi? Mzytryk riu, feliz em atormentá-lo e aproveitar a espera.

— Fui eu que planejei isto sim. E AMG, lembra-se dele? E Talbot, mas eu disse a Pahmudi para usar o seu comedor de merda, Fazir, para este 16/a.

— Ele viu os olhos azuis estreitarem e imaginou o que estaria por trás deles.

Armstrong estava vasculhando a memória. AMG? Ah, sim, Alan Medford Grant, nascido em 1905, chefe dos agentes da contra-inteligência. Em 1963, como informante secreto de Ian Dunross, ele tinha apontado uma infiltração na Casa Nobre. E outra no meu Setor Especial, e que por acaso era o meu melhor amigo.

— Mentiroso! AMG foi morto num acidente de motocicleta em 1963!

— Foi ajudado. Nós tínhamos um 16/a naquele traidor havia mais de um ano, e na sua esposa japonesa.

— Ele não era casado.

— Vocês não sabem de nada. Setor Especial? Cabeças de Bagre. Ela era do serviço secreto japonês.

Ela sofreu um acidente em Sydney naquele mesmo ano.

Armstrong permitiu-se um pequeno sorriso. O 'acidente' de motocicleta de AMG tinha sido planejado pela KGB mas tinha sido encenado pelo M16. O atestado de óbito era genuíno, mas era de outra pessoa, e Alan Medford Grant ainda está operando, embora com um rosto diferente e com outro nome que nem mesmo eu conheço. Mas uma esposa? Japonesa? Seria isto outra cortina de fumaça, ou outro segredo? Engrenagens dentro de engrenagens...

O passado acenava para Armstrong. Com esforço, ele concentrou a mente naquilo que queria realmente saber, para verificar se estava certo ou errado, não havia mais nenhum tempo a perder.

— Quem é o quarto homem? O arquitraidor?

A pergunta ficou suspensa no porão. Mzytryk ficou perplexo e depois sorriu, pois Armstrong tinha-lhe dado a chave para se vingar psicologicamente. Ele contou e viu o seu choque. E contou o nome do quinto e do sexto.

— O M16 está cheio de agentes nossos, bem como o MI5, e a maioria dos seus sindicatos. Ted Everley é um dos nossos, Broadhurst e Lord Grey. Você se lembra dele de Hong Kong? E não só no Partido Trabalhista, embora eles sejam os nossos melhores aliados. Nomes? — Ele disse exultante, sabendo que estava seguro.
— Procure no Who's Who! Nos bancos, na City, no Ministério do

Exterior. Henley é outro dos nossos e eu já recebi uma cópia do seu relatório, procure no Gabinete, talvez até mesmo em Downing Street. Nós temos uns quinhentos profissionais na Inglaterra, sem contar com os seus próprios traidores. — O seu riso era cruel.

— E Smedley-Taylor?

— Oh, sim, ele também e... — Repentinamente, Mzytryk parou de se gabar, em guarda. — Como você sabe sobre ele? Se você sabe sobre ele... Hein?

Armstrong estava satisfeito. Fedor Rakoczy não tinha mentido. Todos aqueles nomes estavam nas fitas que já tinham seguido, que estavam em segurança, Henley não tinha merecido confiança nunca, nem Talbot. Ele estava contente mas triste, com pena por não poder estar por perto para agarrá-los.

Alguém o fará. AMG o fará.

Seus olhos pestanejaram, sua mão escorregou da lapela do casaco. Na mesma hora, Mzytryk atravessou o espaço que os separava, movendo-se com muita rapidez para um homem tão grande, prendendo-lhe o braço com a perna, rasgando a lapela, e agora Armstrong estava à sua mercê.

— Acorde, seu matyeryebyets. — disse exultante, empunhando o canivete. — Como você soube de Smedley-Taylor?

Mas Armstrong não respondeu. A morte tinha vindo silenciosamente. Mzytryk estava com raiva, com a cabeça estalando.

— Não faz mal, ele se foi, não preciso perder meu tempo. — Ele resmungou alto. O filho da mãe foi para o inferno sem saber que era um instrumento de traidores, de alguns deles. Mas como foi que ele soube a respeito de Smedley? Ele que vá para o inferno. E se ele tiver dito a verdade a respeito do meu filho?

Num canto do porão havia uma lata de querosene. Ele começou a derramá-lo sobre os corpos, sua raiva se dissipando.

— Ismael! — Ele chamou da escada. Quando terminou o querosene, atirou a lata num canto. Ismael e outro homem desceram até o porão. — Vocês estão prontos para partir? — perguntou Mzytryk.

— Sim, com a ajuda de Deus.

— E com a ajuda de nós mesmos também — Mzytryk falou suavemente. Ele enxugou as mãos, cansado mas satisfeito com o resultado do dia e da noite. Agora era só ir até os arredores de Tabriz onde estava o seu helicóptero. Uma hora — menos — até a fazenda em Tbilisi e Vertinskya. Dentro de poucas semanas o jovem Hakim vai chegar, com ou sem o meu pishkesh, Azadeh. Se for sem, isto vai lhe custar caro. — Acenda o fogo — ele disse secamente — e então iremos embora.

— Tome aqui, camarada general! — Alegrementemente, Ismael atirou-lhe alguns fósforos. — É um direito seu terminar o que começou.

Mzytryk tinha apanhado os fósforos.

— Ótimo — disse. O primeiro não acendeu. Nem o segundo. Mas o terceiro sim. Ele recuou até a escada e atirou-o com cuidado. As chamas subiram até o teto e pegaram nas estacas de madeira.

Então o pé de Ismael acertou-lhe as costas e o fez cair esparramado perto do fogo. Em pânico, Mzytryk gritou e tentou afastar as chamas, e se virou e começou a engatinhar em direção à escada, parou por um instante para bater na lapela de pele do casaco, tossindo e engasgando com a fumaça e com o cheiro de carne queimada. Conseguiu ficar em pé. A primeira bala esfaqueou a sua rótula, ele urrou e recuou na direção do fogo, a segunda quebrou a sua outra perna e atirou-o no chão. Ele lutou, impotente, contra as chamas, seus gritos abafados pelo barulho do incêndio. E ele se transformou numa tocha.

Ismael e o outro homem subiram as escadas até o primeiro andar, quase colidindo com outros que tinham corrido para baixo. Eles olharam boquiabertos o corpo em chamas de Mzytryk, as chamas agora consumindo as suas botas.

— Por que você fez isso? — Um deles perguntou, horrorizado.

— O meu irmão morreu naquela casa, e o seu primo também.

— Seja como Deus quiser. Mas, Ismael, o camarada general? Que Deus nos proteja, ele nos fornecia dinheiro, armas e explosivos, por que matá-lo?

— Por que não? Aquele filho de um cão não era um satanista arrogante e mal-educado? Ele nem mesmo era um seguidor do Livro. — Ismael disse com desprezo. — Há dezenas de outros no

lugar de onde ele veio, milhares. Eles precisam de nós, nós não precisamos deles. Ele merecia morrer. Ele não veio sozinho, para tentar-me? — E cuspiu na direção do corpo. — Pessoas importantes têm guarda-costas.

Uma labareda de fogo lançou-se na direção deles. Eles recuaram rapidamente. O fogo pegou na escada de madeira e se espalhou rapidamente. Na rua, todos eles se amontoaram num caminhão, não mais uma ambulância. Ismael olhou para trás em direção às chamas que consumiam a casa e riu às gargalhadas.

— Agora aquele cão virou cinza! Que todos os infiéis possam morrer assim tão depressa.

NO PÁTIO DO PALÁCIO

Erikki estava encostado no 212 quando viu as luzes se apagarem nos aposentos do khan no segundo andar. Uma checada rápida nos dois policiais drogados que dormiam profundamente na cabine tranquilizou-o. Silenciosamente, ele fechou a porta da cabine, enfiou a faca no cinto e apanhou a metralhadora. Com a habilidade de um caçador noturno, ele se moveu silenciosamente em direção ao palácio. Os guardas do khan no portão não o viram se afastar — por que eles iriam se incomodar em vigiá-lo? O khan tinha dado ordens bem claras para eles deixarem o piloto em paz e não agitá-lo, pois com certeza ele logo se cansaria de brincar com o aparelho.

— Se ele tomar um carro, não se metam. Se a polícia quiser barulho, Isto é um problema deles.

— Sim, alteza — tinham respondido, contentes por não serem responsais por Ele, o da Faca.

Erikki esgueirou-se pela porta da frente e atravessou o corredor fracamente iluminado até a escada que conduzia à ala norte, bem longe dos aposentos do khan. Silenciosamente, ele subiu as escadas e atravessou outro corredor. Viu uma réstia de luz debaixo da porta dos seus aposentos. Sem hesitar, entrou na ante-sala, fechando a porta sem fazer barulho. Atravessou a sala e abriu a porta do quarto.

Levou um choque ao ver que Mina, a criada de Azadeh, estava lá. Ela estava ajoelhada na cama, onde tinha estado massageando Azadeh, que dormia profundamente.

— Oh, perdão — ela gaguejou, morta de medo dele como todos os outros criados. — Eu não vi Vossa Excelência chegar. Sua alteza me pediu... me pediu para continuar com a massagem e depois dormir aqui.

O rosto de Erikki era uma máscara, as manchas de óleo no seu rosto e no curativo sobre a orelha o faziam parecer mais perigoso ainda.

— Azadeh!

— Oh, não a acorde, Excelência... ela tomou... ela tomou dois comprimidos para dormir e me disse para pedir desculpas ao senhor em nome dela caso...

— Vista-a — ele sibilou. Mina empalideceu.

— Mas Excelência! — O coração dela quase parou quando ela viu uma faca aparecer na mão dele.

— Vista-a rapidamente e se você fizer um som eu corto a sua garganta. Ande logo! — Ele a viu pegar a camisola. — Isto não, Mina! Roupas quentes, roupas de esquiar, por todos os deuses, não importa qual, mas que seja depressa. — E ficou vigiando, colocando-se entre ela e a porta para que ela não pudesse fugir. Na mesinha-de-cabeceira estava o kookri guardado na bacia. Um arrepio o percorreu e ele desviou os olhos, e quando teve certeza de que Mina obedecia, apanhou a bolsa de Azadeh que estava sobre a penteadeira. Todos os documentos dela estavam lá, identidade, passaporte, carteira de motorista, certidão de nascimento, tudo. Ótimo, pensou, e abençoou Aysha por esta dádiva, que Azadeh tinha-lhe contado antes do jantar, e agradeceu aos seus deuses por terem inspirado o seu plano naquela manhã. Ah, minha querida, você pensou que eu fosse mesmo deixá-la?

Dentro da bolsa estava também o seu saco de joias que parecia mais pesado do que o normal. Seus olhos se arregalaram com as esmeraldas e os diamantes e os colares de pérolas e os broches que agora ele continha. O resto das joias de Najoud, pensou, as mesmas que Hakim usou para barganhar com os nativos e que eu tirei de

Bayazid. Pelo espelho, ele viu Mina olhando de boca aberta para aquele tesouro que ele tinha nas mãos, com Azadeh inerte e quase vestida.

— Ande depressa! — falou pelo espelho.

NA EMBOSCADA PERTO DO PALÁCIO

Tanto o sargento de polícia quanto o motorista do carro que estava parado ao lado da estrada estavam olhando para o palácio, a quatrocentos metros de distância; o sargento usava um binóculo. Estava vendo apenas a luz fraca do lado de fora da portaria, nenhum sinal dos guardas nem dos dois homens deles.

— Vá até lá — disse o sargento, inquieto. — Há algo errado, por Deus! Ou eles estão dormindo ou estão mortos. Vá devagar e sem fazer barulho. — E colocou uma cápsula no M16.0 motorista ligou o motor e entrou na estrada vazia.

NO PORTÃO PRINCIPAL

Babak, o guarda, estava encostado num pilar, do lado de dentro do enorme portão de ferro fechado e trancado. O outro guarda estava enroscado num saco de dormir, profundamente adormecido. Através das barras do portão, podia-se ver a estrada sinuosa e cheia de neve que conduzia à cidade. A cem metros da fonte vazia do pátio estava o helicóptero. O vento gelado movia ligeiramente as hélices.

Babak bocejou e bateu com os pés por causa do frio, depois começou a urinar pelas barras, movendo distraidamente o jato para um lado e para o outro. Mais cedo, quando eles foram dispensados pelo khan e voltaram para o seu posto, tinham visto que os dois policiais não estavam lá.

— Eles foram comer alguma coisa ou então dormir um pouco — tinha dito. — Que Deus amaldiçoe toda a polícia.

Ele bocejou, louco para amanhecer, quando teria algumas horas de folga. Só faltava deixar sair o carro do piloto antes do amanhecer, depois tornar a trancar o portão e logo ele estaria na cama com um

outro corpo quente. Automaticamente, ele coçou os órgãos genitais, sentindo o pênis endurecer.

Ele se recostou no portão, brincando com o pênis, seus olhos conferindo se a tranca do portão estava no lugar e se o pequeno portão lateral também estava trancado. Então ele percebeu um movimento com o canto dos olhos. Prestou atenção. O piloto estava saindo por uma porta lateral do palácio com um embrulho grande sobre os ombros; seu braço não estava mais na tipoia e ele carregava um revólver. Babak se abotoou depressa, tirou o rifle do ombro e se colocou fora do campo de visão.

Cautelosamente, chutou o outro guarda que acordou sem fazer barulho.

— Olhe — murmurou — eu pensei que o piloto ainda estivesse na cabine do helicóptero.

Com os olhos arregalados, eles observaram Erikki se esgueirar pelas sombras e depois percorrer correndo o espaço até o outro lado do helicóptero.

— O que é que ele está carregando? Que pacote é aquele?

— Parece um tapete, um tapete enrolado — o outro cochichou. Ouviram o barulho da porta da cabine de comando sendo aberta.

— Mas por quê? Em nome de Deus, o que ele está fazendo?

Não havia quase nenhuma luz, mas a visão deles era boa e a audição também. Eles ouviram um carro se aproximando mas foram imediatamente distraídos pelo som da porta da cabine sendo aberta. Eles esperaram, mal respirando, e o viram descarregar dois pacotes semelhantes e depois passar por baixo do rabo do helicóptero e reaparecer do outro lado. Por um momento ele ficou lá, olhando na direção deles, mas sem os ver, depois abriu a porta da cabine de comando e entrou com o revólver.

O tapete agora estava encostado no assento do lado.

Repentinamente os jatos foram ligados e os dois guardas deram um salto.

— Que Deus nos proteja, o que vamos fazer?

— Nada — disse Babak, nervosamente. — O khan nos disse exatamente: "Deixem o piloto em paz, não importa o que faça, ele é perigoso" — foi isto o que ele nos disse, não foi? "Quando o piloto

pegar o carro perto do amanhecer, deixem-no partir." — Agora ele estava sendo obrigado a falar alto por causa do barulho. — Nós não vamos fazer nada.

— Mas ninguém nos disse que ele ia tornar a ligar os motores, o khan não disse isso, nem que ia se esgueirar com rolos de tapetes.

— Você tem razão. Seja como Deus quiser, mas você tem razão.
— O nervosismo deles aumentou.

Eles não tinham esquecido os guardas presos e açoitados pelo velho khan por causa de desobediência ou fracasso, nem daqueles que tinham sido banidos pelo novo khan. — Os motores estão funcionando bem agora, você não acha? — Os dois olharam para cima quando as luzes se acenderam no segundo andar, o andar do khan, então eles se viraram quando o carro da polícia chegou correndo e parou diante do portão. O sargento saltou, com uma lanterna na mão.

— O que está acontecendo, por Deus? — gritou o sargento. — Abra o portão! Onde estão os meus homens?

Babak correu até o portão lateral e tirou a tranca.

Na cabine de comando, as mãos de Erikki moviam-se o mais rápido possível, mas o ferimento do braço o atrapalhava. O suor escorria pelo seu rosto, misturado com um filete de sangue da orelha, cujo curativo saía do lugar. Ele estava ofegante por causa da longa corrida desde a ala norte com Azadeh enrolada no tapete, drogada e indefesa, e xingava os mostradores para chegarem ao verde mais depressa. Ele tinha visto as luzes se acenderem no apartamento de Hakim e agora havia cabeças espiando para fora. Antes de sair do quarto, ele tinha deixado Mina inconsciente, torcendo para não tê-la machucado muito, para proteger tanto ela como a ele próprio — para que ela não pudesse dar o alarme ou ser acusada de cumplicidade — tinha enrolado Azadeh no tapete e colocara o kookri na cintura.

— Vamos — sibilou para os mostradores, depois viu dois homens no portão com uniformes da polícia. De repente, o helicóptero foi iluminado pela luz da lanterna e o seu estômago revirou. Sem pensar, ele agarrou a metralhadora, enfiou o cano pela janela do piloto e puxou o gatilho, mirando para cima.

Os quatro homens se espalharam para se proteger das balas que ricochetearam no portão. No seu pânico, o sargento deixou cair a lanterna, mas antes pôde ver os dois corpos inertes do cabo e do outro policial esparramados no chão e presumiu que eles estivessem mortos. Quando os tiros pararam, o sargento se arrastou até o portão lateral em direção ao carro e ao seu M16.

— Atire, por Deus — gritou o motorista da polícia. Nervoso, Babak apertou o gatilho, atirando de qualquer jeito. Imprudentemente, o motorista tentou apanhar a lanterna. Outra rajada do helicóptero e ele deu um pulo para trás. — Filho de um cão... — Os três correram para se abrigar. Outra rajada e a lanterna foi destruída.

Erikki viu seu plano de fuga arruinado, o 212 um alvo indefeso no chão. Não havia mais tempo. Por um segundo ele pensou em desligar os motores. Os ponteiros estavam muito baixos. Então ele despejou toda a munição da metralhadora no portão com um urro de guerra, acelerou ao máximo e deu outro grito selvagem que gelou a todos que o escutaram. Os jatos alcançaram a força máxima, gemeram com a tensão quando ele pôs o comando para frente e o helicóptero subiu alguns centímetros, com o rabo para cima, deu um salto, com os esquis se arrastando pelo pátio enquanto o aparelho sacudia e subia e descia e tornava a subir, balançando muito. No portão principal, o motorista arrancou a arma do guarda e foi para o pilar, procurou mirar o helicóptero que estava fugindo e puxou o gatilho.

No segundo andar do palácio, Hakim estava debruçado na janela do quarto, ainda tonto com o sono e com barulho. O seu guarda-costas, Margol, estava ao lado dele. Eles viram o 212 quase colidir com uma pequena cabana de madeira, seus esquis arrancando parte do telhado, depois tentar subir jogando muito. Fora dos muros do palácio, estava o carro da polícia, a figura do sargento delineada pela luz dos holofotes. Hakim o viu mirar e desejou que as balas não atingissem o aparelho.

Erikki ouviu as balas arrancando pedaços de metal, rezou para que elas não tivessem atingido nenhuma parte vital e se afastou perigosamente do muro em direção a algum espaço onde ele

pudesse ficar sob a proteção do palácio. Ao fazer a manobra repentina, o tapete que continha Azadeh caiu sobre os controles. Por um momento, ele ficou perdido, então usou toda a sua força para empurrá-la.

A ferida do seu braço tornou a abrir.

Ele foi para trás da ala norte, com o helicóptero a apenas um metro do chão e se dirigiu para o outro muro perto da cabana onde Ross e Gueng tinham ficado escondidos. Uma rajada de balas atingiu a porta e perfurou o painel, estilhaçando o vidro.

Quando o helicóptero desapareceu das vistas de Hakim, ele atravessou o imenso quarto e saiu para o corredor, para as janelas de lá.

— Você o está vendo? — perguntou, ofegante do esforço — Sim, Alteza — disse Margol e apontou excitadamente. — Ali! O 212 era apenas uma sombra escura na escuridão, então os holofotes do muro foram acesos e Hakim o viu passar a poucos centímetros do muro e mergulhar atrás dele. Alguns segundos depois ele reapareceu, ganhando velocidade e altura. Neste momento Aysha veio correndo pelo corredor, gritando histericamente.

— Alteza, Alteza... Azadeh desapareceu, ela desapareceu., aquele demônio a raptou e Mina está inconsciente.

Foi difícil para Hakim concentrar-se por causa do remédio para dormir, suas pálpebras estavam pesadas — O que é que você está dizendo?

— Azadeh sumiu, sua irmã sumiu, ele a enrolou num tapete e a raptou, levou-a com ele.— Ela parou, com medo, ao ver o olhar de Hakim, o seu rosto lívido, os olhos se fechando, sem saber que ele tinha tomado o remédio para dormir.

— Ele a raptou! Mas isto não é possível... não é poss...

— Oh, é sim, ela foi raptada, e Mina está inconsciente.

Hakim piscou os olhos e depois gaguejou: — Faça soar o alarme, Aysha! Se ela foi raptada, por Deus, faça soar o alarme. Eu tomei comprimidos para dormir e... Eu vou lidar com aquele demônio amanhã de manhã. Agora eu não posso, mas mande alguém... a polícia... os Faixas Verdes... dê o alarme, diga que há um resgate

oferecido pelo khan pela cabeça dele. Margol, ajude-me a voltar para o meu quarto.

Criados e guardas amedrontados estavam reunidos no final do corredor e Aysha correu, chorando, em direção a eles, contando o que tinha acontecido e o que o khan tinha ordenado.

Hakim caiu na cama, exausto.

— Margol, diga aos... aos guardas para prenderem aqueles idiotas que estão no portão. Como eles puderam deixar que isto acontecesse?

— Eles podem não ter estado vigilantes, Alteza. — Margol tinha certeza de que eles receberiam a culpa, alguém tinha que arcar com a culpa, muito embora ele estivesse presente quando khan dissera a eles para não se meterem com o piloto. Ele deu as ordens e voltou.

— O senhor está bem, Alteza?

— Sim, obrigado. Não saia do quarto... acorde-me ao amanhecer. Mantenha o fogo aceso e acorde-me ao amanhecer.

Exausto, Hakim entregou-se ao sono que acenava para ele com tanta sedução, sem dor nas costas, sua mente concentrada em Azadeh e Erikki. Quando ela saiu da sala e o deixou sozinho com Erikki, ele tinha demonstrado a sua tristeza: — Não há nenhuma maneira de escapar da armadilha, Erikki. Nós estamos presos nela, todos nós, você, Azadeh e eu. Eu ainda não posso acreditar que ela fosse capaz de renunciar ao islamismo, mas ao mesmo tempo estou convencido de que ela não vai obedecer nem a mim nem a você. Eu não quero feri-la, mas não tenho outra alternativa, a alma imortal de Azadeh é mais importante do que a sua vida passageira.

— Eu poderia salvar a sua alma, Hakim. Com a sua ajuda.

— Como? — Ele tinha percebido a tensão de Erikki, seu rosto tenso, seus olhos estranhos.

— Retire o motivo que tem para destruí-la.

— Como?

— Digamos, hipoteticamente, que este piloto louco não fosse um muçulmano, mas um bárbaro e que estivesse tão apaixonado pela sua esposa que em vez de fugir sozinho, de repente ele a deixasse inconsciente, a sequestrasse e retirasse do seu país contra a sua vontade e se recusasse a permitir que ela voltasse. Em muitos

países um marido pode... pode tomar medidas extremas para conservar a sua mulher, até mesmo forçá-la a obedecê-lo. Assim ela não teria quebrado o seu juramento, ela nunca teria que desistir do islamismo, você nunca seria obrigado a fazer-lhe mal e eu ficaria com a minha mulher — Isto é um embuste — Hakim tinha dito espantado —, é um embuste.

— Não é não, é uma ficção, é uma coisa hipotética, tudo isto é só ficção, mas, hipoteticamente, está de acordo com as regras que você jurou cumprir e ninguém nunca acreditaria que a irmã do Gorgon Khan quebraria por livre espontânea vontade o seu juramento e renunciaria ao islamismo por causa de um bárbaro. Ninguém. Mesmo agora você não tem certeza de que ela faria, tem?

Hakim tentara encontrar as falhas. Não há nenhuma, tinha pensado, estarecido, e isto resolveria a maior parte dos... isto não resolveria tudo se acontecesse? Se Erikki conseguisse fazer isso sem o seu conhecimento nem a sua ajuda... Raptá-la! É verdade, ninguém jamais acreditaria que ela tivesse quebrado o seu juramento por livre e espontânea vontade. Raptada! Eu poderia deplorar isto publicamente e me regozijar por ela em segredo, se eu quisesse que ela viva e que ele viva. Mas eu tenho que querer, é a única maneira: para salvar a alma dela, eu tenho que salvá-lo.

Na paz do quarto, ele abriu os olhos por um instante. As sombras das chamas dançavam no teto.

Erikki e Azadeh estavam lá. Deus me perdoará, pensou, mergulhando no sono. Será que eu tornarei a vê-la de novo?

TEERÃ — PERTO DA UNIVERSIDADE: 23:58H.

Xarazade estava junto dos Faixas Verdes, em pé no frio e na escuridão, protegendo a frente dos islâmicos que entoavam em unísono: Allah-uuu Akbarr — uma barreira viva contra os dois ou três mil estudantes esquerdistas e agitadores que avançavam pela estrada. Lanternas e tochas, alguns carros pegando fogo, revólveres, paus, cassetetes.

Seus dedos apertaram a automática que estava no bolso; e granada estava preparada no outro.

— Deus é Grande — ela gritou.

O inimigo aproximava-se depressa e Xarazade viu os punhos levantados, o tumulto aumentando de ambos os lados, os gritos mais enraivecidos, os nervos mais tensos, antecipando a luta.

— Não há outro Deus além de Deus...

Agora os inimigos estavam tão perto que ela podia ver alguns rostos. De repente, ela percebeu que eles não eram uma massa de revolucionários satânicos, nem todos eles, mas que a grande maioria era de estudantes, homens e mulheres da sua própria idade, as mulheres corajosamente sem o chador e gritando pelos direitos das mulheres, pelo voto, e por todas as coisas sensatas, dadas por Deus, conquistadas a duras penas, coisas que não podiam voltar atrás.

Ela foi transportada de volta para a excitação embriagadora da marcha das mulheres, todas elas usando as suas melhores roupas, os cabelos soltos, e elas tão livres quanto os cabelos, a favor da liberdade e da justiça para todos na nova república islâmica onde ela e o seu filho e Tommy poderiam viver felizes para sempre. Mas surgiu outra vez diante dela o fanático com a faca na mão despedaçando o futuro, mas isto não tinha importância porque

Ibrahim o havia detido, Ibrahim, o líder estudantil, ele estava lá para salvá-la. Oh, Ibrahim, você está aqui esta noite, liderando-os agora como fez conosco? Você está aqui mais uma vez lutando pela liberdade e pela justiça e pelos direitos das mulheres ou foi martirizado em Kowiss como você queria, matando o mulá malvado que assassinou seu pai da mesma maneira como o meu também foi assassinado?

Mas... mas papai foi morto pelos islâmicos, não pelos esquerdistas, pensou, confusa. E o imã ainda defende implacavelmente a ideia de que tudo seja como era nos tempos do Profeta... e Meshang... e Tommy obrigado a partir. E ela obrigada a se divorciar e a se casar com aquele homem horroroso e sem nenhum direito.

— O que eu estou fazendo aqui? — pensou no meio do pandemônio. Eu deveria estar lá com eles, eu deveria estar lá com eles e não aqui... não, não, nem lá também! E quanto ao meu filho, é perigoso para ele e...

Um revólver disparou em algum lugar, depois outros e a confusão se generalizou, os que estavam na frente tentando recuar e os que estavam atrás tentando avançar. Atrás de Xarazade houve um enorme tumulto. Ela foi arrastada para a frente, com os pés mal tocando o chão. Um velho tropeçou e caiu, murmurando o Shahada e quase a arrastou junto. Alguém lhe deu uma cotovelada no estômago e ela gritou de dor, seu medo transformando-se em pânico.

— Tommyyyy! — Ajude-me — ela gritou.

Uns cem metros à frente, Tom Lochart estava imprensado de encontro a uma vitrine, com o casaco rasgado, sem o quepe, cheio de desespero. Há horas ele estava procurando por ela no meio dos estudantes, certo de que ela estaria no meio deles. Onde mais poderia estar? Não no apartamento daquele estudante, aquele que Jari tinha conhecido, aquele Ibrahim ou seja lá que nome for, que não era nada importante. É melhor que ela esteja lá do que aqui, pensou desesperado. Oh, Deus, permita que eu a encontre.

Mulheres passavam entoando cânticos, a maioria com roupas ocidentais, jeans, jaquetas e então ele a viu. Começou a abrir

caminho, mas viu que tinha se enganado mais uma vez, pediu desculpas e tornou a se afastar, ouvindo alguns xingamentos. Então achou que a tinha visto do outro lado da rua, mas mais uma vez estava enganado. A moça usava roupas de esquiar parecidas com as dela, tinha o mesmo estilo de cabelo e era quase da mesma idade. Mas carregava um cartaz marxista-islâmico e ele, desapontado, xingou-a, odiando-a por sua estupidez. Os gritos o estavam perturbando também e ele teve vontade de pegar um pau e destruir o demônio que havia neles.

Oh, Deus, ajude-me a encontrá-la.

— Deus é Grande — ele murmurou e embora estivesse louco de preocupação por causa dela, ao mesmo tempo o seu coração estava exultante.

Tornar-me muçulmano vai fazer toda a diferença do mundo. Agora eles vão aceitar-me, eu sou um deles, posso ir à Meca no Hajj, posso rezar em qualquer mesquita, cor e raça não significam nada para Deus. Só a fé. Eu acredito em Deus e acredito que Maomé foi o profeta de Deus, não vou ser fundamentalista nem xiita. Vou ser um ortodoxo sunita. Vou procurar um professor e aprender árabe.

Vou pilotar para a IranOil e para o novo regime e seremos felizes, Xarazade e eu..

Uma arma disparou ah perto, uma barricada feita de pneus pegou fogo e as chamas se elevaram no ar enquanto pequenos grupos de estudantes atiravam-se aos gritos, sobre as fileiras de Faixas Verdes.

Ouviram-se mais tiros e agora a rua inteira explodiu em gritos e confusão, com os mais fracos sendo pisoteados. Um grupo de estudantes frenéticos arrastou-o em direção ao centro do combate.

A oitenta metros de distância, Xarazade estava gritando, lutando pela vida, tentando afastar-se para um dos lados para conseguir uma certa segurança. O seu chador foi arrancado, seu lenço desapareceu.

Ela estava machucada, com dor no estômago. Havia uma multidão em volta dela agora, atacando os que estavam contra eles, cada um por si, mas envolvidos pela selvageria da mui tidão. A

batalha continuou, sem que ninguém soubesse quem era amigo ou inimigo, exceto os mulás e os Faixas Verdes que gritavam, tentando controlar o tumulto. Com um urro ensurdecido, a multidão islâmica hesitou por um momento e depois avançou. Os fracos caíram e foram esmagados. Homens, mulheres.

Gritos, berros, pandemônio, todos invocando a sua própria versão de Deus.

Os estudantes resistiram desesperadamente, mas foram esmagados. Sem piedade. Muitos caíram.

Foram pisoteados. Então o resto dispersou-se, a debandada começou e os lados se confundiram.

Lochart usou a sua altura e a sua força para se afastar para o lado e estava agora entre dois carros, momentaneamente protegido por eles. A poucos metros de distância, ele viu um beco, meio escondido, que levava a uma mesquita onde ele poderia abrigar-se. À sua frente houve uma terrível explosão quando um tanque explodiu e as chamas se espalharam. Os que tiveram sorte morreram na hora, os feridos começaram a gritar. À luz das chamas, ele pensou tê-la visto, então um grupo de estudantes em fuga veio correndo na direção dele, um punho atingiu-lhe as costas, outros o empurraram e ele caiu no chão, sob as botas deles.

Xarazade estava apenas a trinta metros de distância, com os cabelos desgrenhados, as roupas rasgadas, ainda presa no meio da multidão, ainda arrastada pelo tumulto, ainda gritando por socorro, sem que ninguém ouvisse ou se importasse.

— Tommyyyy, ajude-me...

A multidão se separou momentaneamente. Ela correu para a brecha, abrindo caminho em direção às lojas fechadas e aos carros estacionados. O tumulto estava diminuindo. Braços tentavam abrir espaço para respirar, mãos enxugavam o suor e limpavam a sujeira e as pessoas viam quem estava do lado.

— Sua comunista filha da puta — o homem que estava na sua frente gritou, com os olhos saltando das órbitas de raiva.

— Não é verdade, eu sou muçulmana — ela gaguejou, mas as mãos dele tinham agarrado a sua jaqueta — o zíper quebrou e ele agarrou-lhe os seios.

— Rameira! Mulheres muçulmanas não se exibem, mulheres muçulmanas usam o chador...

— Eu o perdi. Ele foi arrancado de mim — ela gritou.

— Meretriz! Que Deus a amaldiçoe! As nossas mulheres usam o chador.

— Eu o perdi, ele foi arrancado — ela tornou a gritar e tentou soltar-se. Não há nenhum outro..

— Rameira! Meretriz! Satanista! — ele gritou, sem escutar o que ela dizia, tomado pela fúria e inflamado pelo contato com os seios dela sob a blusa de seda. Ele rasgou o tecido e agarrou-os, com a outra mão tentando estrangulá-la, enquanto ela gritava e chutava. Os que estavam em volta esbarravam neles ou tentavam se afastar, sem conseguir enxergar na escuridão, sem saber o que estava acontecendo, exceto que alguém tinha agarrado uma esquerdista nas fileiras dos crentes.

— Por Deus, ela não é uma esquerdista, eu a ouvi gritando a favor do ímã... — Alguém exclamou, mas sua voz foi abafada pelos gritos, a luta recomeçou e os homens ou avançavam para ajudar ou abriam espaço para recuar e ela ficou a mercê dele.

Ela lutou com unhas, pés e voz, sufocada pelo hálito dele e pelas obscenidades que dizia. Com um último esforço, ela pediu ajuda a Deus e deu um golpe para cima, errou e se lembrou do revólver.

Conseguiu agarrá-lo, apontou-o para ele e puxou o gatilho. O homem gritou, com os órgãos genitais esfacelados e caiu no chão, urrando de dor. Houve um silêncio súbito em volta dela. E espaço. Ela tirou a mão do bolso ainda segurando o revólver. Um homem que estava perto dela agarrou-o.

Ela olhou para o seu agressor que gemia e contorcia-se no chão.

— Deus é Grande — ela gaguejou, então notou o estado das suas roupas e fechou a jaqueta, levantou os olhos e viu o ódio em volta dela. — Ele estava me atacando... Deus é Grande, Deus é Grande...

— Ela está dizendo isso da boca para fora, ela é uma esquerdista — gritou uma mulher. — Olhem para as roupas dela, ela não é uma de nós...

A poucos metros de distância, Lochart estava tentando levantar-se, com a cabeça doendo, os ouvidos zumbindo, quase sem poder ver nem ouvir. Com grande esforço, ele ficou em pé, então abriu caminho em direção à escuridão do beco e à sua segurança. Outros tinham tido a mesma ideia e a entrada já estava obstruída. Então a voz dela alcançou-o no meio dos gritos e ele se virou.

Ele a viu acuada, encostada numa parede, cercada por uma multidão, com as roupas rasgadas, a manga da jaqueta arrancada, os olhos arregalados, uma granada na mão. Neste instante, um homem se adiantou, ela tirou o pino da granada, o homem parou, todo mundo começou a recuar, Lochart correu até ela e agarrou a granada, mantendo a alavanca para baixo.

— Afastem-se dela — berrou em farsi e ficou na frente dela, protegendo-a. — Ela é muçulmana, seus filhos de um cão. Ela é muçulmana e é minha esposa e eu sou muçulmano!

— Você é estrangeiro e ela é uma esquerdista.

Lochart deu um soco no homem com o punho protegido pela granada e arrebitou-lhe a boca, quebrando-lhe o maxilar.

— Deus é Grande — Lochart berrou. Outros o acompanharam e aqueles que não acreditaram nele ficaram quietos, com medo dele mas com mais medo ainda da granada. Segurando-a firmemente com o braço livre, quase carregando-a, Lochart foi abrindo caminho, com a granada preparada. — Deixem-nos passar, por favor, Deus é Grande, que a paz esteja com vocês. — Os que estavam na primeira fileira se afastaram, depois os de trás e assim por diante, enquanto ele ia murmurando: — Deus é Grande, que a paz esteja com vocês, até conseguir chegar no beco apinhado de gente, tropeçando no lixo e nos buracos, esbarrando nas pessoas na escuridão. Algumas luzes estavam acesas do lado de fora da mesquita. Na fonte ele parou, quebrou o gelo e com uma das mãos jogou um pouco d'água no rosto, com o cérebro ainda explodindo. — Cristo — murmurou e molhou mais o rosto.

— Oh, Tommyyyy! — exclamou Xarazade, com uma voz fraca e esquisita. — De onde você veio, de onde, oh, eu estava com tanto medo... com tanto medo...

— Eu também — ele gaguejou, quase sem poder falar. — Há horas que estou procurando por você, minha querida. — Ele a abraçou. Você está bem?

— Oh, sim, sim. — Ela se agarrou a ele, enterrando a cabeça no seu ombro.

De repente mais tiros e gritaria. Instintivamente, ele a apertou de encontro a ele, mas não achou que houvesse perigo ali. Apenas vultos passando na semi-escuridão, o tiroteio cada vez mais distante e o barulho do tumulto diminuindo.

Estamos seguros, finalmente. Não, ainda não, ainda resta a granada — não tem pino para torná-la segura, nada que se possa fazer para isso. Por cima da cabeça dela ele viu um edifício queimado ao lado da mesquita, do outro lado da praça. Eu posso me livrar dela lá, disse a si mesmo, ainda sem conseguir raciocinar com clareza, apertando-a com força e tirando forças deste abraço. A multidão tinha crescido e agora enchia o beco. Até diminuir, seria difícil e perigoso livrar-se da granada, então ele chegou mais perto da fonte, onde estava mais escuro.

— Não se preocupe. Vamos esperar mais um pouco e depois continuamos.

— Eles falavam em inglês, baixinho, havia tanto o que contar, tanto o que perguntar. — Você tem certeza de que está bem?

— Sim, oh, sim. Como foi que você conseguiu me achar? Como? Quando foi que você voltou? Como foi que você me achou?

— Eu... eu voltei esta noite e fui até a sua casa, mas você não estava lá.

— Então ele desabafou: — Xarazade, eu me tornei muçulmano.

Ela o olhou sem acreditar, — Mas... mas foi só um truque, um truque para escapar deles.

— Não, eu juro! É verdade. Eu recitei o Shahada na frente de três testemunhas, Meshang, Zarah e Jari, e eu acredito. Eu realmente acredito. Vai dar tudo certo agora.

Suas dúvidas se dissiparam ao ver a alegria dele, ao ouvi-lo repetir o que tinha acontecido.

— Oh, que maravilha, Tommy! — disse, fora de si de felicidade e ao mesmo tempo estranhamente convencida de que, para eles, nada

iria mudar. Nada fará Meshang mudar, ela pensou. Meshang encontrará um meio de nos destruir, seja o meu Tommy um crente ou não. Nada irá mudar, o divórcio não será anulado, o casamento não será desfeito. A não ser que...

Seus temores se dissiparam.

— Tommy, nós podemos sair de Teerã esta noite? Podemos fugir esta noite, meu querido?

— Isto não é mais necessário, agora não. Eu tenho planos maravilhosos. Eu saí da S-G. Agora que sou muçulmano, posso ficar e trabalhar para a IranOil, você não está vendo?

Os dois não viram a multidão crescendo, loucos para estarem em casa.

— Não precisa se preocupar, Xarazade.

Alguém tropeçou e deu um encontrão nele, depois outro, a multidão começando a invadir o pequeno santuário deles. Ela o viu empurrar um homem e outros começaram a xingar. Rapidamente, ela deu a mão a ele e o empurrou para a frente.

— Vamos para casa, marido — ela disse alto, em farsi, alertando-o, apertando-lhe a mão e depois cochichou: — Fale em farsi — e então um pouco mais alto: — Nós não estamos seguros aqui e podemos conversar melhor em casa.

— Sim, sim, mulher. É melhor irmos para casa. — Andar era melhor e mais seguro e Xarazade estava ali e amanhã os problemas se resolveriam, esta noite seria apenas um banho e sono, comida e sono, sem sonhos ou apenas sonhos bons.

— Se quiséssemos partir secretamente esta noite, nós poderíamos? Poderíamos, Tommy?

O cansaço invadiu-o e ele quase gritou com ela, será que ela não tinha entendido o que ele acabara de dizer? Em vez disso, controlou a impaciência e disse apenas: — Agora não há necessidade de fugir.

— Você tem toda a razão, marido, como sempre. Mas nós poderíamos?

— Sim, acho que sim — disse cansado, e explicou como, andando e parando junto com a multidão, com o beco se estreitando, ficando cada vez mais claustrofóbico.

Agora ela estava contente, segura de que conseguiria convencê-lo. Amanhã eles partiriam. Amanhã de manhã eu vou recolher as minhas joias, vamos fingir para Meshang que vamos encontrá-lo no bazar na hora do almoço, mas nessa altura estaremos voando para o sul no pássaro de Tommy. Ele pode voar para um dos Estados do golfo ou para o Canadá, ou para qualquer outro lugar, pode-se ser muçulmano e canadense sem nenhum problema, eles me disseram na embaixada. E em breve, daqui a um ou dois meses, nós voltaremos para o Irã e viveremos aqui para sempre...

Ela chegou mais para perto dele, toda feliz, oculta pela multidão e pela escuridão, sem sentir mais medo algum, certa de que o futuro deles seria maravilhoso. Agora que ele é um crente, ele irá para o paraíso, Deus é Grande, Deus é Grande, e eu também, e, juntos, com a ajuda de Deus, deixaremos aqui filhos e filhas. E então, quando formos velhos, se ele morrer primeiro, no quadragésimo dia eu providenciarei para que o seu espírito seja lembrado, depois amaldiçoarei a sua esposa mais jovem ou as suas esposas e os filhos delas, depois porei os meus negócios em dia e ficarei esperando o momento de me juntar a ele — quando Deus quiser.

— Oh, eu o amo, Tommy, sinto muito ter-lhe dado tanto trabalho... Agora eles estavam saindo do beco. A multidão era ainda maior, cobrindo a rua e a calçada. Mas havia uma leveza nelas, homens, mulheres, mulás, Faixas Verdes, jovens e velhos depois de terem passado a noite fazendo o trabalho de Deus. — Allah-u Akbar! — Alguém gritou e as palavras ecoaram em mil gargantas. Na frente, um carro impaciente avançou, bateu em alguns pedestres que caíram sobre outros e todos caíram no chão, entre risos e xingamentos. Xarazade e Lochart no meio deles, nenhum dos dois machucado. Ele a tinha segurado e, rindo, ficaram um instante deitados no chão, com a granada ainda segura na mão dele. Ele não tinha ouvido o chiado — sem saber, ao cair, ele tinha soltado a alavanca por um instante. Durante uma infinidade, ele sorriu para ela e ela para ele.

— Deus é Grande — ela disse e ele repetiu com a mesma confiança. E, naquele instante, eles morreram.

SÁBADO

3 de março

70

AL SHARGAZ: 6:34H.

A pontinha do sol surgiu no horizonte e transformou o deserto negro num mar escarlate, colorindo a velha cidade portuária e os barcos que estavam lá embaixo no golfo. Do alto dos minaretes, os muezins começaram a chamar, mas a música das suas vozes não agradou a Gavallan nem ao resto do pessoal da S-G que estava no terraço do Hotel Oásis tomando um café apressado.

— Isso irrita os nervos, não é, Scrag? — disse Gavallan.

— É verdade, meu velho — respondeu Scragger. Ele, Rudi Lutz e Pettikin estavam sentados numa mesa com Gavallan, todos eles cansados e desanimados. O sucesso quase total da operação Turbilhão estava se transformando num desastre. Dubois e Fowler ainda estavam desaparecidos, em Bahrein, McIver ainda não estava fora de perigo. Tom Lochart tinha voltado para Teerã e só Deus sabe onde estaria agora. Não havia nenhuma notícia de Erikki e Azadeh. Eles não tinham dormido quase nada na noite anterior. E o prazo deles se esgotava hoje ao pôr-do-sol.

A partir do momento em que os 212 começaram a pousar, na véspera, todos tinham ajudado a desmontá-los, tirando rotores e caudas para colocar nos jumbos de carga quando estes chegassem, se chegassem. Na noite anterior, Roger Newbury tinha voltado do encontro no palácio de Al Shargaz com o ministro do Exterior: de péssimo humor.

— Não posso fazer nada, Andy. O ministro disse que o novo representante ou embaixador do Irã pediu a ele e ao xeque que fizessem pessoalmente uma inspeção no aeroporto, uma vez que teria visto oito ou nove 212 estranhos lá, afirmando que seriam helicópteros de registro iraniano que haviam sido 'sequestrados'. O ministro disse que, evidentemente, Sua Alteza, o xeque, tinha concordado, como poderia recusar? A inspeção seria feita ao anoitecer, junto com o embaixador. Eu fui 'cordialmente convidado', como representante inglês, a verificar os documentos de identidade e se encontrar algum suspeito vai ser uma encrenca!

Gavallan tinha ficado acordado a noite inteira tentando adiantar a chegada dos aviões de carga ou conseguir outros através de todas as fontes internacionais que conseguiu desencavar. Não havia nenhum disponível. O máximo que a companhia que ele contratara fez foi prometer "talvez" adiantar a hora da chegada para meio-dia do dia seguinte, domingo.

— Droga de gente — resmungou e se serviu de mais café. — Quando se precisa de dois 747, não se consegue nenhum, e geralmente com um único telefonema pode-se conseguir cinquenta.

Pettikin estava igualmente preocupado, ainda mais com McIver no hospital em Bahrein.

Nenhuma notícia era esperada antes do meio-dia sobre a gravidade do ataque cardíaco de McIver.

— Pas problème — Jean-Luc tinha dito na noite anterior. — Eles deixaram Genny ficar num quarto ao lado no hospital, o médico é o melhor de Bahrein e eu estou aqui. Cancelei o meu voo para casa e vou ficar aqui esperando, mas envie-me algum dinheiro amanhã para pagar as contas.

Pettikin brincou com a xícara, sem conseguir comer. Tinha passado o dia e toda a noite anterior ajudando a preparar os helicópteros e não tinha tido chance de ver Paula e ela partiria esta manhã para Teerã, ainda trabalhando na evacuação de cidadãos italianos, e só estaria de volta dentro de dois dias. Gavallan tinha ordenado uma retirada imediata de todos os participantes do Turbilhão da área do golfo até que fosse feita uma avaliação.

— Nós temos que ser muito cuidadosos — tinha dito a todos eles. — Todo mundo tem que partir por enquanto.

Mais tarde, Pettikin tinha dito: — Você tem razão, Andy, mas e quanto a Tom e Erikki? Nós devíamos deixar alguém aqui, eu estou disposto...

— Pelo amor de Deus, Charlie, pare com isso — Gavallan tinha respondido. — Você acha que eu não estou morto de preocupação por causa deles? E de Fowler e Dubois? Nós temos que fazer uma coisa de cada vez. Todo mundo que não for necessário vai sair antes do pôr-do-sol e você é um deles! — Isto tinha ocorrido por volta de uma hora da manhã no escritório, quando Pettikin chegara para substituir Scot, que ainda estava controlando o HF. Ele tinha passado o resto da noite lá. Não tinha havido nenhuma chamada. Às cinco horas, Nogger Lane o rendera e ele fora para o hotel tomar café, encontrando Rudi, Gavallan e Scragger já sentados à mesa. — Conseguiu alguma coisa com os aviões, Andy?

— Não, Charlie, só amanhã ao meio-dia, se tivermos sorte. — Sente-se, tome um pouco de café. — Então o dia amanhecera e os muezins começaram o seu chamado. Agora a ladainha deles terminara.

O ambiente ficou menos tenso no terraço.

Scragger serviu-se de mais chá, com o estômago ainda embrulhado. Teve outra cólica violenta e correu para o banheiro. O espasmo passou rapidamente e ele evacuou muito pouco, mas não havia sangue nas fezes e o doutor Nutt tinha dito que não achava que fosse disenteria: — Vá com calma por alguns dias, Scrag. Vou saber o resultado dos seus exames amanhã. — Ele tinha contado ao doutor Nutt sobre o sangue na urina e a dor de estômago nos últimos dias. Escondê-lo teria sido um risco imperdoável, tanto para os seus passageiros quanto para o helicóptero.

— Scrag, é melhor você ficar aqui no hospital por alguns dias — tinha dito o doutor Nutt.

— Foda-se, seu bode velho! Eu tenho mais o que fazer!

Ao voltar para a mesa, ele viu as fisionomias sombrias e odiou aquilo, mas não havia nada a fazer a não ser esperar. Não podiam sair com os aparelhos porque teriam que atravessar o espaço aéreo

da Arábia Saudita, dos Emirados ou de Omã e não havia nenhuma possibilidade de conseguirem uma autorização imediata. Ele tinha sugerido, de brincadeira, que tornassem a montar os helicópteros, descobrissem quando o próximo superpetroleiro inglês estaria em Ormuz e então decolassem e fossem pousar nele.

— ...e aí nós simplesmente navegaríamos no mar azul e saltaríamos em Mombaça ou então navegaríamos até a Nigéria.

— Ei, Scrag — Vossi tinha dito cheio de admiração —, grande ideia. Eu bem que gostaria de um cruzeiro. Que tai, Andy?

— Nós seríamos presos antes mesmo de ligarmos os motores. Scragger sentou-se e espantou uma mosca. O sol estava menos vermelho agora e todos usavam óculos escuros por causa da claridade.

Gavallan terminou o café.

— Bem, eu vou para o escritório ver se posso fazer alguma coisa. Se quiserem falar comigo, estarei lá. A que horas você termina, Rudi?

Rudi estava encarregado de preparar os helicópteros para serem embarcados.

— O seu prazo terminava amanhã ao meio-dia. Vamos mantê-lo. — Ele engoliu o resto do café e se levantou. — Hora de partir, meine Kinder! — Resmungos e grunhidos dos outros, mas na maioria bem-humorados, apesar do cansaço. Um êxodo geral para os carros que estavam esperando lá fora.

— Andy — disse Scragger. — Eu vou com você, se não se importar.

— Boa ideia, Scrag. Charlie, não há necessidade de você ficar no grupo de Rudi uma vez que estamos adiantados. Por que você não vai até o escritório mais tarde?

Pettikin sorriu para ele.

— Obrigado. — Paula não deveria sair do seu hotel antes das dez. Agora ele teria bastante tempo para estar com ela. Para dizer o quê? perguntou a si mesmo, despedindo-se deles.

Gavallan passou pelos portões. O aeroporto ainda estava parcialmente às escuras. Havia alguns jatos com as luzes de navegação acesas, os motores esquentando. A evacuação do Irã

ainda era uma prioridade. Ele olhou para Scragger e viu a careta dele.

— Você está bem?

— Claro, Andy. Só com um pouco de dor de barriga. Sofri muito com isso na Nova Guiné, por isso tomo sempre muito cuidado. Se eu conseguisse um pouco do elixir do velho dr. Collis Brown ficaria ótimo! — Era uma tintura maravilhosa e altamente eficaz inventada pelo dr. Collis Brown, um cirurgião do exército inglês, para combater a disenteria que matara dezenas de milhares de soldados durante a guerra da Crimeia. — Seis gotas daquele remédio mágico e você fica novo em folha.

— Tem razão, Scrag — Gavallan falou distraidamente, imaginando se o serviço de carga da Pan Am teria tido algum cancelamento. — Eu nunca viajo sem o Collis... espere um instante! — Ele deu um sorriso radiante. — O meu estojo de sobrevivência! Tem um pouco lá. Liz o põe sempre na minha mala. Collis Brown, bálsamo Tigre, aspirinas, uma moeda de ouro e uma lata de sardinhas.

— Sardinhas?

— Caso eu fique com fome. — Gavallan estava satisfeito por poder desviar um pouco sua atenção dos problemas do Turbilhão. — Liz e eu temos um amigo em comum que conhecemos há anos em Hong Kong, um cara chamado Marlowe, um escritor. Ele sempre carregava uma lata com ele, razão para não passar fome, e Liz e eu sempre rimos dele por isto. Tornou-se uma espécie de símbolo para nos lembrarmos do quanto temos sorte.

— Peter Marlowe? Aquele que escreveu o Changí* — sobre o campo de prisioneiros de guerra em Cingapura?

— Sim. Você o conhece?

— Não, mas li o livro. Não os outros, mas li este. — Scragger se lembrou da sua própria guerra contra os japoneses, e depois de Kasigi e da Irã-Toda. Na noite anterior ele tinha ligado para outros hotéis a fim de localizar Kasigi e no fim o encontrara registrado no Internacional e tinha deixado um recado, mas ele ainda não tinha ligado de volta. Provavelmente ele está danado por eu tê-lo deixado na mão, por não termos podido ajudá-lo na Irã-Toda. Que coisa!

Bandar Delam e a Irã-Toda parecem ter acontecido há dois anos e não há dois dias. Ainda assim, se não fosse por ele, eu ainda estaria algemado àquela maldita cama.

— É uma pena que nós todos não tenhamos latas de sardinhas, Andy — disse. — Nós realmente nos esquecemos da sorte que temos, não? Olha que sorte nós tivemos em sair de Lengeh sãos e salvos. E quanto ao velho Duke? Em pouco tempo ele vai estar novo em folha. Um centímetro a mais e ele estaria morto, mas não está. Scot a mesma coisa. E quanto ao Turbilhão? Todos os rapazes estão fora do Irã e os nossos pássaros também. Erikki está em segurança. Mac vai ficar bom, você vai ver!

Dubois e Fowler? Isto às vezes acontece, mas ainda não aconteceu, pelo que sabemos, portanto temos que ter esperança. Tom? Bem, ele escolheu isto e vai conseguir dar um jeito.

PERTO DA FRONTEIRA IRÃ-TURQUIA

7:59H. Mil quilômetros em direção ao norte, Azadeh protegeu os olhos contra o sol que nascia. Ela tinha visto alguma coisa brilhar no vale lá embaixo.

Seria o reflexo de uma arma ou de um arreio? Ela preparou o M16, e apanhou o binóculo. Atrás dela, Erikki estava deitado sobre alguns cobertores na cabine do 212, profundamente adormecido. Seu rosto estava pálido e ele tinha perdido um bocado de sangue, mas ela achava que ele estava bem.

Através das lentes do binóculo, ela não viu nada se movendo. O terreno ali estava coberto de neve e havia poucas árvores. Desolado. Nem aldeias e nem fumaça. O dia estava bonito e muito frio. Não havia nuvens e o vento tinha melhorado durante a noite. Vagarosamente ela examinou o vale. A poucos quilômetros de distância havia uma aldeia que ela não tinha notado antes.

O 212 estava parado num terreno montanhoso, num platô de pedra. Na noite anterior, depois da fuga do palácio, Erikki tinha se perdido por causa de uma bala que avariara alguns instrumentos. Com medo de esgotar o combustível e sem poder ao mesmo tempo pilotar e estancar o sangue do braço, ele tinha decidido se arriscar a pousar e esperar pelo amanhecer. Uma vez no chão, tinha tirado o

tapete da cabine e o desenrolara. Azadeh ainda estava dormindo tranquilamente. Ele amarrara as suas feridas o melhor possível, depois enrolara-a de novo no tapete para que ela não sentisse frio, apanhara algumas armas e se recostara nos esquis para vigiar. Mas por mais que tentasse, não conseguiu manter os olhos abertos.

Ele acordou de repente. Um início de claridade aparecia no céu. Azadeh ainda estava enrolada no tapete mas agora o observava.

— Então você me raptou! — E a sua frieza fingida desapareceu e ela se arrastou para os braços dele, beijando-o e agradecendo-lhe por ter solucionado o dilema deles três com tanta sabedoria, fazendo o discurso que tinha ensaiado: — Eu sei que uma esposa não pode fazer muita coisa contra o marido, Erikki, quase nada. Mesmo no Irã, onde somos civilizados, mesmo aqui, uma esposa é quase uma escrava e o imã é muito claro com relação aos deveres de uma esposa, e no Corão — ela acrescentou —, e no Corão e no Sharia suas obrigações estão muito claras. Eu sei também que estou casada com uma pessoa que não tem fé e juro que tentarei fugir pelo menos uma vez por dia para tentar voltar e cumprir o meu juramento embora esteja aterrorizada e saiba que você vai me apanhar todas as vezes e que vai me deixar sem dinheiro ou me bater e que eu vou ter que obedecer, mas assim mesmo eu o farei.

— Ela estava com os olhos cheios de lágrimas de alegria. — Obrigada, meu querido, eu estava com tanto medo...

— Você teria feito aquilo? Teria renunciado ao seu Deus?

— Erikki, oh, como eu rezei para que Deus o iluminasse.

— Você teria feito aquilo?

— Agora não há mais necessidade de pensar nisso, não é, meu amor?

— Ah — ele disse, compreendendo tudo. — Então você sabia, não é? Você sabia que era isto que eu tinha que fazer!

— Eu só sei que sou sua mulher, que o amo, que tenho que obedecê-lo, que você me levou embora contra a minha vontade. Nunca mais precisaremos falar nisso. Por favor?

Ele a olhou timidamente, desorientado e não conseguiu entender como ela podia parecer tão forte e ter saído de um sono drogado com tanta facilidade. Sono!

— Azadeh, eu preciso dormir direito por uma hora. Desculpe, mas não posso continuar. Sem uma hora de sono é impossível. Acho que estamos seguros aqui. Você fica de guarda, nós estamos seguros.

— Onde estamos?

— Ainda estamos no Irã, perto da fronteira. — Ele lhe entregou um M16 carregado, sabendo que ela saberia usá-lo. — Uma das balas atingiu a minha bússola. — Ela o viu cambalear ao ir para a cabine, agarrar alguns cobertores e se deitar. Na mesma hora ele adormeceu. Enquanto esperava pelo amanhecer, ela pensou no futuro deles e no passado. Ainda havia um assunto a resolver: Johnny.

Nada mais. Como a vida é estranha. Eu achei que ia gritar mil vezes fechada naquele tapete, fingindo estar drogada. Como se eu fosse tão estúpida a ponto de me drogar sabendo que talvez tivesse que ajudar a nos defender. Foi tão fácil enganar Mina, o meu querido Erikki e Hakim, que não é mais meu querido: "...o seu espírito eterno é mais importante do que o seu corpo temporário!" — ele teria me matado. A mim! A sua amada irmã! Mas eu o enganei Ela estava muito satisfeita consigo mesma e com Aysha, que tinha revê lado a ela os lugares secretos para se espionar, de modo que quando ela saíra da sala fingindo estar com raiva e deixara Erikki e Hakim sozinhos, tinha se escondido para ouvir o que eles estavam dizendo. Oh, Erikki, eu fiquei apavorada de que você e Hakim pudessem acreditar que eu realmente fosse capaz de quebrar o meu juramento — e com medo que as pistas que tinha dado a você durante toda a noite não resultassem no seu estratagema perfeito. Mas você foi mais esperto do que eu — você chegou até a consertar o helicóptero. Oh, como você foi esperto, como eu também fui, como nós dois fomos. Eu até providenciei para que você trouxesse a minha bolsa e o saco de joias com o espólio de Najoud que eu tirei de Hakim, de modo que agora estamos ricos além de estarmos salvos, desde que consigamos sair deste maldito país.

— É maldito, minha querida — tinha dito Ross, da última vez que ela o vira em Teerã, pouco antes de deixá-la. Ela não aguentaria partir sem se despedir, então tinha procurado Talbot para perguntar

por ele e algumas horas mais tarde ele tinha batido na porta do apartamento, vazio exceto por eles dois.

— É melhor você sair do Irã, Azadeh. O seu amado Irã está mais uma vez perdido. Esta revolução é igual a todas as outras: uma nova tirania substitui a anterior. Os seus novos governantes vão impor as suas leis, a sua versão da lei de Deus, da mesma forma que o xá impôs as dele. Os seus aiatolás vão viver e morrer como os papas vivem e morrem, alguns homens bons, alguns homens maus e alguma maldade. Quando Deus quiser, o mundo vai melhorar um pouco, a besta que há nos homens que têm necessidade de morder, torturar e matar se tornará um pouco mais humana e um pouco mais contida.

São as pessoas que estragam o mundo, Azadeh. Principalmente os homens. Você sabe que te amo?

— Sim. Você disse isso na aldeia. Você sabe que eu te amo?

— Sim.

Seria tão fácil mergulhar no colo do tempo como quando eles eram jovens.

— Mas nós não somos mais jovens e há uma grande tristeza em mim, Azadeh.

— Isto vai passar, Johnny — ela tinha dito, querendo a felicidade dele.

— Isto vai passar da mesma forma que os problemas do Irã vão passar. Nós tivemos épocas terríveis durante séculos, mas elas passaram. — Ela se lembrou como eles haviam sentado juntos, sem se tocarem, no entanto possuídos, um pelo outro. Então ele sorria e levantara a mão num adeus e partira silenciosamente.

Mais uma vez o clarão no vale. A ansiedade voltou a invadi-la. Agora um movimento nas árvores e ela os viu.

— Erikki! — Ele acordou na mesma hora. — Lá embaixo. Dois homens a cavalo. Parecem nativos.

— E entregou o binóculo para ele.

— Estou vendo. — Os homens estavam armados e cavalgavam pelo vale, vestidos como gente das montanhas, tentando manter-se protegidos. Erikki focalizou o binóculo neles. De vez em quando via-os olharem na direção deles.

— Eles provavelmente podem ver o helicóptero, mas duvido que possam nos ver.

— Eles estão vindo para cá?

Apesar da dor e do cansaço, ele percebera o medo na voz dela.

— Talvez. É provável que sim. Eles devem levar uma meia hora para chegar aqui. Nós temos muito tempo.

— Eles estão procurando por nós. — O rosto dela estava pálido e ela chegou mais perto de Erikki.

— Hakim deve ter dado o alarme.

— Ele não faria isso. Ele me ajudou.

— Isto foi para você fugir. — Nervosamente, ela olhou em volta para o platô, as árvores e as montanhas, depois para os dois homens. — Uma vez que você tenha escapado, ele volta a agir como khan. Você não conhece Hakim, Erikki. Ele é meu irmão, mas primeiro ele é khan.

Pelo binóculo, ele viu a aldeia semi-oculta ao lado da estrada. O sol refletia nos fios de telefone. A sua própria ansiedade aumentou.

— Talvez eles sejam apenas aldeões e estejam curiosos. Mas não vamos esperar para descobrir. — E sorriu fatigado. — Está com fome?

— Sim, mas estou bem. — Rapidamente, ela começou a enrolar o tapete que era antigo, valioso e um dos seus favoritos. — Estou com mais sede do que fome.

— Eu também, mas estou me sentindo melhor. O sono ajudou. — Seus olhos percorreram as montanhas, comparando o que estava vendo com o que se lembrava do mapa. Um último olhar para os homens que ainda estavam bem lá embaixo. No momento não há perigo, a menos que haja outros aqui em volta, pensou e foi para a cabine de comando. Azadeh enfiou o tapete na cabine e fechou a porta. Havia buracos de bala que ela não havia notado antes. Houve outro clarão de sol batendo em metal na floresta, muito mais perto, que nenhum dos dois viu.

A cabeça de Erikki estava doendo e ele se sentia fraco. Ele apertou o botão de partida. O motor pegou imediatamente. Uma rápida verificação nos instrumentos. Conta-giros avariado, bússola quebrada, nada de ADF. Não havia necessidade de alguns

instrumentos — o barulho dos motores lhe diria quando os ponteiros estivessem no verde. Mas os mostradores de combustível estavam parados em um quarto de tanque. Não havia tempo para checá-los nem para ver se havia algum outro estrago.

E se houvesse, o que ele poderia fazer? Todos os deuses, grandes e pequenos, velhos e novos, vivos, mortos ou ainda por nascer, fiquem do meu lado hoje, eu vou precisar de toda a ajuda que me puderem dar. Os olhos dele pousaram no *kookri* que ele se lembrava vagamente de ter enfiado no bolso do assento. Sem nenhum esforço consciente, ele estendeu a mão e tocou-o. Seus dedos pareceram queimar.

Azadeh correu para a cabine de comando, a turbulência dos rotores que ganhavam velocidade enregelando-a ainda mais. Ela subiu no assento e trancou a porta, desviando os olhos das manchas de sangue no assento e no chão. O sorriso dela morreu ao notar a concentração e o ar estranho dele, com a mão perto do *kookri*, mas sem tocá-lo. Mais uma vez ela se perguntou por que ele o teria trazido.

— Você está bem, Erikki? — perguntou, mas ele não pareceu ouvi-la. *Insha'Allah*. É pela vontade de Deus que estamos vivos, que estamos juntos e quase em segurança. Mas agora cabe a mim carregar esta cruz e manter-nos em segurança. Ele ainda não é o meu Erikki, nem em aparência nem em estado de espírito. Eu quase posso ouvir os maus pensamentos martelando a sua cabeça. Em breve o mal vai outra vez dominar o bem. Que Deus nos proteja.

— Obrigada, Erikki — disse, apanhando os fones que ele lhe estendeu, preparando-se mentalmente para a batalha.

Ele se certificou de que ela estava bem presa no assento e ajustou o volume dos fones para ela.

— Você está me ouvindo bem?

— Oh, sim, meu querido, obrigada.

Parte da sua audição estava concentrada no barulho dos motores, daí a um ou dois minutos eles poderiam decolar.

— Nós não temos combustível suficiente para chegar a Van, que é o aeroporto mais próximo na Turquia — eu poderia ir para o sul, para reabastecer o aparelho no hospital em Rezaieh, mas seria

muito perigoso. Vou voar algum tempo em direção ao norte. Eu vi uma estrada e uma aldeia naquela direção. Talvez seja a estrada Khoi-Van.

— Ótimo, vamos depressa, Erikki, não me sinto segura aqui. Há algum campo de aviação perto daqui? Hakim deve ter alertado a polícia e eles devem ter alertado a Força Aérea. Podemos decolar?

— Só mais alguns segundos, os motores estão quase prontos. — Ele viu a sua ansiedade e a sua beleza e mais uma vez a visão dela e de John Ross juntos se infiltrou na sua mente. Ele forçou-a a sair. — Eu acho que há campos de aviação ao longo de toda a fronteira. Nós iremos o mais longe que pudermos. Acho que temos combustível suficiente para atravessar a fronteira. — E fez um esforço para parecer despreocupado. — Talvez a gente consiga achar um posto de gasolina. Você acha que eles aceitariam cartão de crédito?

Ela deu uma gargalhada nervosa e levantou a bolsa, enrolando a alça em volta do pulso.

— Não precisamos de cartão de crédito, Erikki. Somos ricos, você é rico. Eu sei falar turco e se eu não conseguir comprar a nossa segurança é porque não pertencço à tribo dos Gorgons. Mas de lá nós iremos para onde? Istambul? Você merece umas férias maravilhosas, Erikki. Nós só estamos salvos por sua causa, você fez tudo, pensou em tudo.

— Não, Azadeh, foi você que fez tudo. — Você e John Ross, ele teve vontade de gritar e tornou a olhar para os instrumentos para disfarçar. Mas, sem Ross, Azadeh estaria morta e portanto eu estaria morto e não posso viver com a ideia de vocês dois juntos. Eu tenho certeza de que você o ama...

Neste momento, viu, espantado, grupos de cavaleiros saírem da floresta a meio quilômetro de onde eles estavam, com policiais no meio, e começaram a galopar em direção a eles. Seus ouvidos lhe disseram que os ponteiros estavam no verde. Imediatamente, ele acelerou ao máximo. O tempo acabando. Erguendo-se do chão, mas não vendo jeito de evitar que os atacantes os derrubassem.

Havia tempo de sobra para qualquer um deles mirar e atirar. O guarda do meio, o sargento, ele está parando e tirando o M16 do

coldre da sela.

De repente, o tempo parou de passar em câmera lenta e Erikki desviou o aparelho e fugiu deles, balançando-se para todos os lados, esperando que cada segundo fosse o último e então eles começaram a se afastar em direção à ravina por sobre as árvores.

— Não atirem — o sargento gritou para os nativos que estavam atirando, com os seus cavalos empinando. — Em nome de Deus, eu disse a vocês que recebemos ordens de capturá-los, de salvá-la e de matá-lo, não de matá-la! — Com relutância os outros obedeceram e quando ele se aproximou deles, viu que o 212 estava bem distante, perto do vale. Ele ligou o walkie-talkie: — QG, aqui é o sargento Zibri. A emboscada falhou. Os motores foram ligados antes que nós pudéssemos nos posicionar. Mas ele saiu do esconderijo.

— Para onde ele está indo?

— Está virando para o norte, em direção à estrada Khoi—Van.

— Você viu Sua Alteza?

— Sim. Ela parecia aterrorizada. Diga ao khan que nós vimos o sequestrador amarrá-la no assento e pareceu que ele tinha amarrado também os seus pulsos. Ela... — A voz do sargento ficou mais excitada. — Agora o helicóptero virou para leste, está dois ou três quilômetros ao sul da estrada.

— Ótimo. Bom Trabalho. Nós vamos alertar a Força Aérea.

TEERÃ - NO QG DO SERVIÇO SECRETO: 9:54H.

Suliman al Wiali, um dos assassinos do Grupo Quatro, tentou controlar o tremor das mãos ao receber o telex das mãos do coronel da Savama: "O chefe do Serviço Secreto, coronel Hashemi Fazir, foi morto ontem à noite, liderando bravamente o ataque que destruiu o QG dos esquerdistas mujahedins, junto com o consultor inglês, Armstrong. Os dois homens morreram queimados quando os traidores explodiram o edifício, (assinado) Chefe de Polícia, Tabriz."

Suliman ainda não se recobrou do medo ao ser chamado repentinamente, apavorado de que este funcionário já tivesse encontrado no cofre de Fazir papéis incriminadores sobre os assassinos do Grupo Quatro — o cofre estava aberto e vazio atrás

dele. Com certeza meu mestre não teria sido tão negligente, não aqui no seu próprio escritório!

— Foi a vontade de Deus, Excelência — ele disse, devolvendo o telex e disfarçando a raiva. — A vontade de Deus. O senhor é o novo chefe do Serviço Secreto, Excelência?

— Sim. Quais eram as suas tarefas?

— Eu sou um agente, Excelência — Suliman disse a ele, bajulando-o como seria de se esperar, ignorando o verbo no passado. O medo começou a diminuir. Se esses cães suspeitassem de alguma coisa eu não estaria aqui, ele raciocinou, com a confiança aumentando, eu estaria numa prisão, berrando. Esses filhos da mãe incompetentes não merecem viver num mundo de homens. — O coronel mandou que eu fosse morar em Jaleh e conservasse os olhos e os ouvidos abertos e descobrisse comunistas. — Ele manteve os olhos sem expressão, desprezando aquele homem pomposo sentado na mesa de Fazir.

— Há quanto tempo você está trabalhando aqui?

— Três ou quatro anos, não me lembro muito bem, Excelência, está na minha ficha. Talvez sejam cinco anos, não me lembro. Deve estar na minha ficha, Excelência. Cerca de quatro anos e eu trabalho muito e servirei ao senhor com todas as minhas forças.

— A Savama está absorvendo o Serviço Secreto. De agora em diante você prestará contas a mim.

Quero uma cópia dos seus relatórios desde que você começou.

— Seja como Deus quiser Excelência, mas eu não sei escrever, escrevo muito mal e Sua Excelência Fazir nunca me pediu para fazer relatórios escritos — mentiu Suliman, inocentemente. Ele esperou em silêncio, arrastando os pés e se fingindo de idiota. Savak ou Savama, são todos uns mentirosos e é mais do que provável que tenham providenciado o assassinato do meu mestre. Que Deus amaldiçoe todos eles, esses cães arruinaram os planos do meu mestre. Eles me tiraram do meu emprego perfeito. Meu emprego perfeito com dinheiro de verdade e poder de verdade e um futuro de verdade.

Esses cães são uns ladrões, eles roubaram o meu futuro e a minha segurança. Agora eu não tenho mais emprego, não tenho

mais inimigos de Deus para matar. Nem futuro, nem segurança, nem proteção...

A menos...

A menos que eu use a minha inteligência e a minha habilidade para assumir o trabalho do ponto em que o meu mestre parou.

E por que não? E a vontade de Deus que ele esteja morto e que eu esteja vivo, que ele tenha sido sacrificado e eu não. Por que não criar mais times? Eu conheço as técnicas do meu mestre e parte dos seus planos. Melhor ainda, por que não invadir a sua casa e esvaziar o cofre do porão que ele nunca soube que eu sabia que existia? Nem mesmo a sua mulher sabe da existência dele. Agora que ele está morto, deve ser fácil. Sim, e é melhor que seja esta noite, para chegar lá antes que um desses desgraçados de esquerda faça isso. Que tesouros aquele cofre poderia conter — deve conter!

Dinheiro, papéis, listas — o meu mestre adorava listas como um cachorro ama merda! Que eu caia morto se o cofre não contiver uma lista dos outros do Grupo Quatro. O meu falecido mestre não planejava ser o al-Sabbah da atualidade? Por que não posso ser eu? Com assassinos, assassinos de verdade que não temem a morte e buscam o martírio como um passaporte para o paraíso...

Ele quase riu alto. Para disfarçar, arrotou.

— Desculpe Excelência, mas não estou me sentindo bem, posso me retirar, por favor?

— Onde é que o coronel Fazir guardava os seus papéis?

— Papéis, Excelência? Perdoe-me, Excelência, mas como é que um homem como eu poderia saber a respeito de papéis? Eu sou só um agente, eu lhe trazia informações e às vezes ele me mandava embora com um pontapé e um palavrão. Vai ser ótimo trabalhar para um homem de verdade. — Ele respirou confiante. O que Fazir desejaria que eu fizesse agora? Certamente desejaria que eu me vingasse por ele, o que significa obviamente acabar com Pahmudi que é o responsável pela sua morte, e este cão que ousa sentar-se à sua mesa. Por que não? Mas só depois que eu tiver esvaziado o cofre de verdade. — Posso me retirar, Excelência? A minha bexiga está cheia e eu sofro de um parasita.

Enojado, o coronel levantou os olhos da ficha que não lhe dizia nada. Não havia papéis no cofre, só dinheiro. Um pishkesh maravilhoso para mim, pensou. Mas onde estão os papéis? Fazir deve tê-los guardado em algum lugar. Sua casa?

— Sim, pode sair — ele disse, irritado — mas apresente-se a mim uma vez por semana. A mim, pessoalmente. E não se esqueça, a menos que você faça um bom trabalho... nós não queremos empregar malandros.

— Sim, Excelência, certamente, Excelência, obrigado, Excelência. Eu farei o melhor que puder por Deus e pelo imã, mas quando devo me apresentar? — No dia seguinte do Dia Sagrado, todas as semanas. — O coronel fez sinal para ele sair. Suliman saiu arrastando os pés e prometeu a si mesmo que antes do dia marcado para ele se apresentar este coronel não existiria mais. Filho de um cão, por que não? O meu poder já alcança de Beirute a Bahrein.

BAHREIN: 12:50H.

Ao sul, a mais de mil quilômetros de distância, Bahrein estava ensolarada, com as praias cheias de gente que passava o fim-de-semana, gente fazendo windsurfe desfrutando da brisa agradável, mesas nos terraços dos hotéis cheias de homens e mulheres, usando pouca roupa para se queimar ao sol da primavera. Uma dessas mulheres era Sayada Bertolin.

Ela usava uma saída de praia transparente por cima do biquíni e estava sentada sozinha numa mesa protegida por uma barraca verde, tomando uma batida de limão. Preguiçosamente, ela observava os banhistas e as crianças brincando no raso — um dos garotinhos se parecia com o seu próprio filho.

Vai ser tão bom estar em casa de novo, pensou, abraçar o meu filho outra vez e até mesmo tornar a ver o meu marido. Foi tanto tempo fora da civilização, longe de boa comida e boa conversa, de um bom café, de croissants e vinho, de jornais, televisão e rádio e todas as coisas maravilhosas a que não damos o devido valor. Mas eu não. Eu sempre as apreciei e sempre trabalhei por um mundo melhor e por justiça no Oriente Médio.

Mas e agora? A alegria desapareceu.

Agora eu não sou apenas uma simpatizante da OLP e um correio, mas uma agente secreta da milícia cristã libanesa, seus senhores israelenses e seus senhores da CIA — graças a Deus eu tive a sorte de ouvi-los cochichando quando eles pensaram que eu já tinha saído depois de receber ordens para voltar a Beirute. Ainda não sei o nome deles, mas já sei o bastante para identificar as suas origens.

Cães! Cães imundos! Cristãos! Traidores da Palestina! Ainda falta vingar-me de Teymour. Será que terei coragem de contar ao meu marido, que contará aos outros membros do Conselho? Não, não tenho coragem. Eles sabem demais.

A sua atenção focalizou-se no mar e ela ficou estarecida. No meio dos surfistas ela reconheceu Jean-Luc, aproximando-se da praia, equilibrado na prancha, elegantemente inclinado contra o vento.

No último segundo, ele virou a favor do vento, pulou para o raso e deixou a vela cair. Ela sorriu de tal perfeição.

Ah, Jean-Luc, como você gosta de si mesmo! Mas eu admito que foi bem feito. Em muitas coisas você é soberbo, como chef, como amante — ah, sim, mas só de vez em quando, você não varia o bastante, nem experimenta o bastante para nós do Oriente Médio que entendemos de erotismo, e você se preocupa demais com a sua própria beleza.

— Eu admito que você é lindo — ela murmurou, umedecendo-se agradavelmente com a ideia. Você é melhor do que a média na arte de fazer amor, meu querido, mas não mais do que isso. Você não é o melhor. O meu primeiro marido era o melhor, talvez porque tenha sido o primeiro. Depois Teymour Teymour era fantástico. Ah, Teymour, eu não tenho mais medo de pensar em você agora, agora que saí de Teerã. Lá eu não podia. Eu não vou me esquecer de você nem do que você fazia. Eu vou me vingar da milícia cristã pelo que fez a você algum dia.

Seus olhos estavam observando Jean-Luc, imaginando o que ele estaria fazendo lá, contente por ele estar lá, desejando que ele a visse, sem querer tomar a iniciativa para não provocar o destino, mas pronta para esperar e ver o que o destino tinha reservado para

ela. Ela se olhou no espelho, pôs um pouco de brilho nos lábios e perfume atrás das orelhas. Mais uma vez ela esperou. Ele se aproximou.

Ela fingiu concentrar-se no copo, olhando-o pelo seu reflexo no vidro, deixando tudo ao acaso.

— Sayada! Mon Dieu, chérie! O que você está fazendo aqui?

Ela ficou devidamente surpresa e então ele a beijou e ela sentiu gosto de sal e cheiro de óleo de bronzear e suor e resolveu que aquela tarde seria perfeita.

— Eu acabei de chegar, chéri. Cheguei ontem à noite de Teerã — respondeu, sem fôlego, deixando o desejo invadi-la. — Eu estou na fila de espera do voo de meio-dia para Beirute amanhã, mas o que você está fazendo aqui? É um milagre!

— É mesmo, que sorte nós temos! Mas você não pode partir amanhã, amanhã é domingo. Amanhã nós vamos ter churrasco, lagosta e ostras!

Ele era totalmente confiante, gaulês e charmoso e ela pensou, por que não? Beirute pode esperar. Eu esperei tanto tempo que um dia a mais não vai fazer diferença.

E ele estava pensando: Isto é perfeito! O fim-de-semana ia ser um desastre, mas agora, amor esta tarde e depois a sesta. Mais tarde eu vou escolher um jantar perfeito, depois vamos dançar um pouco e fazer amor ternamente e dormir profundamente, prontos para outro dia perfeito amanhã.

— Chérie, estou desolado, mas tenho que deixá-la por uma hora — disse com o toque perfeito de tristeza. — Nós vamos almoçar aqui. Você está hospedada neste hotel? Perfeito, eu também: 1623.

Que tal à uma e meia, quinze para as duas? Não troque de roupa, você está linda. C'est bon? — Ele se inclinou e beijou-a e tocou-lhe nos seios, sentiu o seu tremor e ficou satisfeito.

NO HOSPITAL: 13:16H.

— Bom dia, dr. Lanoire. O capitão McIver, foi muito grave? — perguntou Jean-Luc, falando em francês. O pai de Anton Lanoire tinha vindo de Cannes, sua mãe era de Bahrein, tinha estudado na

Sorbonne e era filha de um pescador analfabeto que ainda pescava como sempre tinha pescado, ainda vivia numa cabana embora fosse multimilionário, dono de poços de petróleo.

— Foi médio.

— O que isto significa?

O doutor estalou os dedos. Ele era um homem de aparência distinta de cerca de quarenta anos, educado em Paris e Londres, trilingue, falava árabe, francês e inglês.

— Nós só saberemos com certeza dentro de alguns dias; ainda teremos que fazer vários exames. Só saberemos a extensão do ataque quando ele fizer um angiograma daqui a um mês, mas no momento o capitão McIver está reagindo ao tratamento e não está sentindo dor.

— Mas ele vai ficar bom?

— A angina é uma coisa bastante comum, geralmente. Pelo que a esposa dele disse, ele esteve sob grande tensão nos últimos meses, e ainda pior nos últimos dias com este Turbilhão de vocês, e não é para menos. Que coragem! Eu me congratulo com ele, com você e com todos os outros que participaram. Ao mesmo tempo, aconselho que todos os pilotos e membros da tripulação tenham dois ou três meses de licença.

Jean-Luc sorriu satisfeito.

— Posso ter isto por escrito, por favor? É claro que os três meses de licença de saúde deveriam ser pagos integralmente, mais uma bonificação.

— É claro. Que trabalho magnífico vocês todos fizeram pela companhia, arriscando suas vidas.

Todos vocês mereciam um prêmio. Eu me pergunto como foi que não houve mais gente com ataques cardíacos. Os dois meses são para vocês se recuperarem, Jean-Luc, é essencial que vocês passem por um check-up antes de voltarem a pilotar.

Jean-Luc estava perplexo.

— Todos nós vamos sofrer um ataque cardíaco?

— Oh, não, não, de jeito nenhum. — Lanoire sorriu. — Mas seria muito aconselhável fazer um check-up, só como precaução. Você sabia que a angina é causada por um súbito bloqueio do sangue?

Um derrame se dá quando isto acontece no cérebro. As artérias ficam entupidadas e pronto. Insha'Allah, Isto pode acontecer a qualquer momento.

— Pode mesmo? — O desconforto de Jean-Luc aumentou. Merda! Era só o que faltava, eu sofrer um ataque cardíaco.

— Oh, sim — o médico continuou prestimosamente. — Eu conheci pacientes entre 30 e 40 anos, com a pressão perfeitamente normal, pouco colesterol e eletrocardiogramas normais que puf! — Ele fez um gesto expressivo com as mãos. — Em poucas horas, puf!

— Puf! Desse jeito? — Jean-Luc sentou-se nervosamente.

— Eu não sei pilotar mas imagino que pilotar causa uma grande tensão, especialmente em lugares como o mar do Norte. E a tensão é talvez a maior causa de angina, quando uma parte do coração morre e...

— Meu Deus, o coração do velho Mac morreu? — Jean-Luc estava chocado.

— Oh, não, só um pedaço. Toda vez que você tem um ataque de angina, por mais fraco que seja, um pedaço está perdido para sempre. Morto. — O dr. Lanoire sorriu. — É claro que você pode viver por muito tempo até o tecido acabar.

— Mon Dieu, Jean-Luc pensou apavorado. Não estou gostando nada disso. Mar do Norte? Merda, eu vou pedir uma transferência antes mesmo de chegar lá. — Quanto tempo o Mac vai ficar no hospital?

— Quatro ou cinco dias. Eu sugiro que você deixe para visitá-lo amanhã, mas não o canse. Ele precisa ter um mês de licença e depois fazer outros exames.

— Quais são as chances dele?

— Isto depende da vontade de Deus.

Lá em cima, na varanda, de um quarto agradável que dava para o mar, Genny estava cochilando numa cadeira, com o Times de Londres daquele dia, trazido pelo voo da BA, aberto no colo. McIver estava deitado confortavelmente na cama. Uma brisa vinda do mar o acordou. O vento mudou, ele pensou. Voltou ao nordeste de sempre. Ótimo. Ele se virou para ver melhor o golfo. O ligeiro

movimento a acordou imediatamente. Ela dobrou o jornal e se levantou.

— Como você está se sentindo, amor?

— Bem. Estou muito bem agora. Nenhuma dor. Só um pouco cansado. Eu ouvi vagamente você conversando com o médico. O que foi que ele disse?

— Parece estar tudo bem. O ataque não foi grave. Você vai ter que ficar de repouso por alguns dias, depois tirar um mês de licença e depois fazer mais alguns exames. Ele ficou muito satisfeito por você não fumar, você está sempre em forma. — Genny estava em pé contra a luz, mas ele podia ver-lhe o rosto e leu a verdade nele. — Você não pode mais voar, como piloto — ela disse e sorriu.

— Isto é uma droga — ele disse friamente. — Você já entrou em contato com Andy?

— Sim. Liguei para ele ontem à noite e hoje de manhã e vou tornar a ligar dentro de uma hora mais ou menos. Ainda não há nenhuma notícia de Marc Dubois nem de Fowler, mas todos os nossos pássaros estão a salvo em Al Shargaz e estão sendo desmontados para serem embarcados amanhã.

Andy estava tão orgulhoso de você e de Scrag. Eu falei com Scrag hoje de manhã também.

A sombra de um sorriso.

— Vai ser bom ver o velho Scrag. Você está bem?

— Oh, sim. — Ela tocou-lhe o ombro. — Estou muito contente por você estar melhor. Você me deu um susto.

— Eu dei um susto em mim mesmo, Gen. — Ele sorriu e estendeu-lhe a mão e disse asperamente: — Obrigado, sra. McIver.

Ela encostou o rosto na mão dele e depois inclinou-se e beijou-o de leve nos lábios, confortada pela enorme afeição que havia no rosto dele.

— Você me deu um susto daqueles — ela repetiu. Ele notou o jornal.

— É de hoje, Gen?

— Sim, querido.

— Parece que há anos que não vejo um. O que há de novo?

— A mesma coisa de sempre. — Ela dobrou o jornal e o pôs de lado displicentemente, sem querer que ele visse o artigo que ela estava lendo, com medo de preocupá-lo. "Colapso da bolsa em Hong Kong." Isto vai certamente afetar a Struan's e aquele filho da mãe do Linbar, ela pensou, mas será que vai afetar a S-G e Andy? Não há nada que Duncan possa fazer, então deixa para lá. — Greves, Callaghan fazendo uma confusão ainda maior na pobre Inglaterra. Dizem que ele pode pedir uma eleição este ano e se o fizer, Maggie Thatcher terá uma boa chance. Isto não seria ótimo? Ter alguém sensato para variar?

— Porque ela é mulher? — Ele sorriu de lado. — Isto certamente seria uma revolução. Deus do céu, uma mulher primeiro-ministro! Não sei como ela conseguiu tirar a liderança das mãos de Heath... ela deve usar calças de ferro! Se ao menos os malditos liberais ficassem fora do caminho... — Ele se calou e ela o viu olhar para o mar, para alguns barcos que passavam.

Silenciosamente, ela se sentou e esperou, querendo deixá-lo voltar a dormir ou conversar um pouco, o que ele quisesse. Ele deve estar melhorando, já que está xingando os liberais, ela pensou, contente, deixando a mente vagar, olhando para o mar. O cabelo dela foi agitado pela brisa e cheirava a água salgada. Era gostoso ficar lá sentada, sabendo que ele estava melhor, "reagindo ao tratamento". "Não precisa se preocupar, sra. McIver." Fácil de dizer, difícil de fazer.

Haverá uma profunda mudança nas nossas vidas, tem que haver, além de perdermos o Irã e tudo o que tínhamos lá, um bocado de lixo, a maior parte não vai fazer falta. Agora que o Turbilhão acabou, eu devia estar louca ao sugeri-lo, mas como funcionou bem! Agora a maioria dos nossos rapazes já está fora de lá e em segurança. Não posso pensar em Tom nem em Marc nem em Fowler, Erikki, Azadeh e Xarazade, que Deus os abençoe, todos os nossos melhores equipamentos e portanto ainda estamos operando, a nossa parte na S-G tem que valer alguma coisa. Não vamos ficar sem um tostão e isto já é uma bênção. Imagino quanto faríamos com as nossas ações? Suponho que tenhamos uma participação. Mas e quanto ao "colapso da Bolsa"? Espero que isto não nos tenha prejudicado.

Seria bom ter um pouco de dinheiro, mas não me importo, contanto que Duncan fique bom. Talvez ele se aposente e talvez não. Eu não gostaria que ele se aposentasse, isto o mataria. Onde nós iríamos viver? Perto de Aberdeen? Ou em Edimburgo, perto de Sara e Trevor? Ou em Londres, perto de Hamish e Kathy? Em Londres não, é horrível, e nós não deveríamos morar muito perto de nenhum dos dois, não quero incomodá-los embora fosse bom poder visitá-los de vez em quando, ajudar com as crianças. Não quero ser uma sogra chata para Trevor nem para Kathy — uma garota tão bonita.

Kathy, Kathleen, Kathy: Andrew e Kathy, e ir algumas vezes para o castelo Avisyard, e agora Andrew e Maureen e a pequena Electra. Eu não gostaria de ficar sozinha e não quero que Duncan...

Não quero reviver o horror, a escuridão, sem poder enxergar, com os jatos roncando, o fedor de petróleo — meu Deus, como é que eles aguentam o barulho e o balanço hora após hora — e o tempo todo Duncan sem ar, sem saber se ele estava vivo ou morto, gritando por duas vezes: 'Ele está morto, ele está morto' — e ninguém ouvindo e ninguém para ajudar e o querido Charlie voando para cá o mais depressa que podia, o outro homem, o sargento iraniano, como era mesmo o nome dele, ah, sim, Wazari, Wazari simpático mas inútil. Oh, Deus, foi horrível, horrível, horrível, e durou uma eternidade... mas agora está tudo bem e graças a Deus eu estava lá. Duncan vai ficar bom. Vai ficar.

Tem que ficar.

O que será que aconteceu com Wazari? Ele parecia tão assustado quando a polícia o levou. Espere um pouco, Jean-Luc não disse que tinha ouvido dizer que eles provavelmente o soltariam sob a custódia de Andy como exilado político se Andy garantisse tirá-lo de Bahrein e dar-lhe um emprego?

Maldita revolução! Que droga eu não ter podido voltar para apanhar algumas das minhas coisas!

Havia aquela velha frigideira que não grudava nunca, e o bule de vovó que preparava chás tão gostosos mesmo com aqueles saquinhos nojentos e a água de Teerã. Ugh! Água! Dentro em breve

nada mais de me agachar e usar água em vez de papel higiênico! Ugh! Nunca mais eu vou ter que me agachar...

— Por que é que você está sorrindo, Gen?

— Oh, deixe-me pensar. Oh, sim, eu estava pensando em ser obrigada a me agachar, nos infelizes de manhã perto do fosso e suas garrafas de água. Pobre gente. Era horrível e ao mesmo tempo engraçado. Nunca mais eu quero me agachar, meu rapaz. — Ela viu a mudança nos olhos dele e a sua ansiedade voltou. — Não vai ser ruim voltar para casa, Duncan. Não vai, eu prometo.

Depois de uma pausa, ele concordou, um pouco para si mesmo.

— Vamos esperar para ver, Gen. Não vamos tomar nenhuma decisão ainda. Não há necessidade de decidir o que faremos no próximo mês ou dois. Primeiro deixe-me ficar bom, e então decidiremos.

Não se preocupe, sim?

— Eu não estou preocupada.

— Ótimo, não há necessidade de se preocupar. — Mais uma vez seus olhos foram atraídos pelo mar.

Eu não vou passar o resto da minha vida aguentando o clima da Inglaterra, isto seria horrível.

Aposentar-me? Cristo, vou ter que pensar em alguma coisa. Se eu tiver que parar de trabalhar vou ficar maluco. Talvez a gente conseguisse um lugarzinho perto do mar para passar o inverno, na Espanha ou no sul da França. Não vou deixar de jeito nenhum Gen ficar gelada e envelhecer antes do tempo. Aquele vento horrível do mar do Norte. De jeito nenhum! Nós vamos ter dinheiro mais do que suficiente agora que o Turbilhão foi um sucesso. Nove em dez 212. Maravilhoso! Não posso pensar nem em Dubois nem em Fowler nem em Tom e Eriki, Azadeh e Xarazade.

A ansiedade dele voltou e com ela uma pontada que aumentou ainda mais a ansiedade e que trouxe uma pontada ainda maior..

— O que você está pensando Duncan?

— Que está um dia lindo.

— Sim, sim, está.

— Você quer tentar ligar para o Andy para mim, Gen?

— É claro. — Ela pegou o telefone e discou, sabendo que seria melhor para ele falar um pouco. — Alô? Oh, alô, Scot, como vai? Aqui é Genny. — Ela ouviu e depois disse. — Isto é ótimo. Seu pai está aí? — Tornou a escutar e depois disse: — Não, apenas diga a ele que Duncan quer falar com ele. Ele está bem e pode-se falar com ele pela extensão aqui do quarto: 455. Ele só quer dizer alô.

Você pede a Andy para ligar quando voltar? Obrigada, Scot... não, ele está bem, diga isto a Charlie. Até logo.

Pensativamente, ela pousou o fone no gancho.

— Nada de novo, Duncan. Andy foi até o aeroporto com Scrag. Eles vão ver aquele japonês. Você sabe qual é, aquele da Irã-Toda. Desculpe, eu não diria isto na cara dele, mas ainda não consigo perdoá-los pelo que fizeram na guerra.

McIver franziu a testa.

— Sabe, Gen, talvez estivesse na hora de fazer isso. Kasigi ajudou muito ao velho Scrag. Os 'pecados dos pais' é uma conversa que não leva a nada. Talvez nós devêssemos começar uma nova era. É isto o que temos, Gen, quer queira quer não, uma nova era. Não acha?

Ela viu o sorriso dele e isso quase a fez chorar de novo. Eu não posso chorar, vai ficar tudo bem, a nova era vai ser boa e ele vai melhorar, tem que melhorar... oh, Duncan, eu estou com tanto medo.

— Vou dizer-lhe uma coisa, rapaz — ela disse alegremente —, quando você estiver em forma, nós vamos passar umas férias no Japão e então vamos ver.

— Está combinado. Podemos até tornar a visitar Hong Kong. — Ele pegou-lhe a mão e apertou-a e ambos ocultaram o seu medo do futuro, medo pelo outro.

AL SHARGAZ — HOTEL INTERNACIONAL: 13:55H.

Kasigi estava pro curando pelas mesas cheias no terraço impecável dando para a piscina, - Ah, sr. Gavallan, capitão Scragger, sinto muito estar atrasado Não faz mal, sr. Kasigi, sente-se por favor.

— Obrigado. — Kasigi estava usando um terno leve de tropical e parecia estar fresco, embora não estivesse. — Sinto muito, eu detesto chegar atrasado, mas no golfo é quase impossível ser pontual.

Eu tive que vir de Dubai e o trânsito... Acho que devo dar-lhes os parabéns, ouvi dizer que o Turbilhão foi um sucesso quase total.

— Ainda estamos com um helicóptero e dois tripulantes desaparecidos, mas de modo geral tivemos muita sorte — disse Gavallan, sem nenhuma alegria. — O senhor gostaria de almoçar ou de tomar um drinque? — O almoço, solicitado por Kasigi, fora marcado para as 12:30h. Conforme haviam combinado antes, Gavallan e Scragger não tinham esperado e já estavam no café.

— Um conhaque com água mineral, por favor, num copo alto, e outro copo só com água mineral. Não quero almoçar, não estou com fome. — Kasigi mentiu educadamente, sem querer comer depois que eles já tinham terminado. Ele sorriu para Scragger. — Então! Estou muito satisfeito em ver que o senhor está em segurança e que conseguiu retirar o seu helicóptero e a sua tripulação. Meus parabéns!

— Desculpe ter tido que me esquivar das suas perguntas mas, bem, o senhor compreende.

— Assim que eu soube, eu entendi, é claro. Saúde! — Kasigi bebeu a água mineral, sedento. — Agora que o Turbilhão terminou, sr. Gavallan, talvez o senhor possa me ajudar a resolver os meus problemas na Irã-Toda.

— Eu gostaria muito, é claro, mas não posso. Sinto muito, mas não podemos. Não é possível, isto deve estar óbvio agora.

— Talvez seja possível. — Kasigi não desviou os olhos. — Ouvi dizer que vocês têm um prazo que se esgota hoje ao pôr-do-sol para tirar os seus aviões daqui ou eles serão apreendidos.

Gavallan fez um gesto com as mãos.

— Vamos esperar que seja apenas mais um boato.

— Um dos funcionários da sua embaixada informou ao nosso embaixador que isto era definitivo.

Seria uma tragédia perder todos os aviões depois de tanto sucesso.

— Definitivo? O senhor tem certeza? — Gavallan sentiu um vazio por dentro.

— O meu embaixador está certo que sim. — Kasigi deu um sorriso agradável. Digamos que eu pudesse estender este prazo até o pôr-do-sol de amanhã, vocês poderiam resolver os meus problemas na Irã-Toda? Os dois homens ficaram olhando para ele, espantados.

— O senhor pode estender o nosso prazo, sr. Kasigi?

— Eu não posso, mas o nosso embaixador talvez pudesse. Tenho um encontro marcado com ele dentro de uma hora. Vou pedir a ele, talvez ele pudesse influenciar o embaixador iraniano, ou o xeque, ou ambos. — Kasigi viu o interesse de Gavallan e deixou isto no ar, sendo um pescador muito experiente em águas ocidentais para não conhecer a isca. — Eu estou em débito com o capitão Scragger. Não me esqueci de que ele salvou a minha vida e que saiu do seu caminho para me levar a Bandar Delam. Amigos não devem esquecer estas coisas. A nível de embaixador... talvez isto pudesse ser feito.

O embaixador japonês? Meu Deus, seria possível? O coração de Gavallan estava batendo, cheio de esperança com esta possibilidade inesperada.

— O nosso embaixador não pode fazer nada, o meu contato foi muito claro. Eu apreciaria qualquer ajuda que pudesse conseguir. O senhor acha que ele nos ajudaria?

— Se quisesse, acho que sim. — Kasigi tomou um gole do seu conhaque. — Do mesmo modo que o senhor pode nos ajudar. O meu presidente pediu para eu lhe transmitir os cumprimentos dele e mencionou um amigo em comum, Sir Ian Dunross. — Ele viu a reação nos olhos de Gavallan e acrescentou: — Eles jantaram juntos há duas noites.

— Se eu puder ajudar... qual é exatamente o seu problema? — Onde está a ratoeira e qual é o custo?

pensou Gavallan. E onde está Ian? Tentei localizá-lo por três vezes e não consegui.

— Eu preciso de três 212 e de dois 206 na Irã-Toda o mais depressa possível, sob contrato de um ano. É essencial que a fábrica seja terminada e o komiteh local me prometeu total cooperação, se começarmos imediatamente. Se não o fizermos, será desastroso.

Na noite anterior, o engenheiro-chefe Watanabe, da Irã-Toda, tinha enviado um telex em código. "O chefe do komiteh, Zataki, está feito um louco por causa do sequestro da S-G. O seu ultimato foi: ou nós reiniciamos a construção imediatamente, e para isso temos que ter helicópteros, ou a fábrica inteira será imediatamente tomada e nacionalizada e todos os estrangeiros que estão aqui responderão por traição. A hora D é após as orações da tarde de domingo, dia quatro, quando eu devo me apresentar diante do komiteh. Por favor envie instruções."

Telefonemas urgentes feitos durante a noite para Osaka e Tóquio tinham servido apenas para aumentar a raiva de Kasigi.

— Yoshi, meu caro amigo —, tinha dito seu primo e chefe Hiro Toda, com toda a gentileza —, eu consultei o sindicato. Todos nós concordamos que é ótimo que você esteja aí. Depende de você. Nós estamos absolutamente confiantes que você será capaz de resolver estes problemas antes de partir.

A mensagem era bem clara: resolva-os ou não volte.

Ele tinha passado o resto da noite tentando encontrar uma saída. Então, de madrugada, ele tinha se lembrado de algo que o embaixador dissera sobre o novo embaixador iraniano e que lhe sugeriu um meio possível de resolver o problema do prazo de Gavallan e o seu próprio problema.

— Para ser franco, sr. Gavallan — disse ele e quase riu alto por esta observação tão estúpida, mas tão necessária nas negociações ocidentais —, eu preciso de um plano até o pôr-do-sol de amanhã e também de respostas.

— Por que neste prazo, posso perguntar?

— Porque eu me comprometi com um amigo e tenho que honrar este compromisso — disse Kasigi.

— Então nós dois temos um prazo, o mesmo. — Aí ele achou que estava na hora e puxou com força para ver se o anzol estava firme.

— Se o senhor puder me ajudar, eu ficarei eternamente grato. É claro que farei tudo para convencer o meu embaixador a ajudá-lo, de qualquer maneira.

— Não adianta oferecer-lhe os meus pássaros, eles seriam apreendidos na mesma hora, não adianta oferecer-lhe os 206 que deixamos para trás, eles também já devem estar fora de combate. A S-G está fora, a Bell também, bem como a Guerney e todas as outras companhias. O senhor poderia conseguir japoneses que fossem pilotos de helicóptero?

— Não, não há ninguém treinado. — Ainda não, pensou Kasigi, mais uma vez furioso com o Sindicato por não ter tido a visão de treinar o seu próprio pessoal de confiança para o serviço. — O pessoal vai ter que ser estrangeiro. O meu embaixador poderia facilitar vistos e assim por diante, é claro que vocês sabem que a Irã-Toda é um projeto nacional — ele acrescentou, sem se importar em exagerar. Ele o será em breve, assim que todas as informações que possuo chegarem às mãos certas.

— Que tal tripulações francesas ou alemãs?

Com algum esforço, Gavallan desviou o pensamento da questão de como uma conversa a nível de embaixadores poderia levar à segurança dos seus homens e helicópteros, como ele poderia então livrar-se da armadilha de Linbar e ficar livre para lidar com a Imperial Helicópteros no mar do Norte, com a crise de Hong Kong, como resolveria a questão da retirada de circulação de Linbar, posicionando Scot para assumir o poder no futuro.

— Tantas possibilidades maravilhosas — disse involuntariamente, então disfarçou rapidamente e se concentrou em resolver o

problema da Irã-Toda.

— Há dois aspectos neste problema. Primeiro, equipamentos e peças: se o senhor pudesse fornecer uma carta de crédito no valor da nossa taxa mensal usual, renovável pelo tempo que ficarem com os aparelhos, onde quer que eu os consiga, com uma garantia de que se as autoridades do Irã os apreenderem, vocês assumirão todos os pagamentos pelo leasing em dólares fora do Irã e reembolsarão os proprietários no caso de perda total, eu poderia enviá-los para a Irã-Toda dentro de... de uma semana.

Kasigi disse imediatamente: — Os nossos banqueiros são os Sumitomo; eu poderia arranjar um encontro com eles aqui, esta noite.

Isto não é problema. Onde o senhor conseguiria os aparelhos?

— Na Alemanha ou na França — não podemos usar nem aviões britânicos nem americanos. A mesma coisa com relação aos pilotos. A França provavelmente é melhor por causa da ajuda que deu a Khomeini. Eu poderia consegui-los através de alguns amigos na Aerospatiale. E quanto ao seguro?

Não poderei conseguir um seguro para vocês no Irã.

— Talvez eu possa fazer isso através do Japão.

— Ótimo. Eu odiaria pôr no ar pássaros não segurados. Outra coisa: Scrag, digamos que seja possível conseguir os aparelhos, quantos pilotos e mecânicos seriam necessários?

— Bem, Andy, se você pudesse consegui-los, seria melhor ter de oito a dez pilotos e de dez a quatorze mecânicos, baseados fora do Irã, mas bem perto.

— Quem os pagaria, sr. Kasigi? Em que moeda e onde?

— Na moeda que quisessem, onde quer que desejassem e na forma que desejassem. Preços padrões?

— Acho que o senhor teria que oferecer um 'bônus de risco de vida', em se tratando do Irã.

— O senhor poderia providenciar tudo para mim, sr. Gavallan, o equipamento e o pessoal, por, digamos, uma comissão de dez por cento?

— Vamos esquecer as porcentagens e nos lembrar de que o nosso envolvimento terá que ser mantido em segredo. Eu sugeriria o

seguinte: a sua operação deveria ser controlada, logística, peças e reparos, do Kuwait ou de Bahrein.

— Bahrein seria melhor, Andy — disse Scragger.

— O Kuwait fica muito mais perto — retrucou Kasigi.

— Sim — disse Scragger — e está muito mais sujeito a pressões do Irã ou a tumultos incentivados pelo Irã. Este lado do golfo está destinado a uma convulsão, eu acho. Há xiitas demais, que geralmente são pobres, xeques demais na maioria sunitas. A curto ou longo prazo o senhor estará mais seguro em Bahrein.

— Então será Bahrein — disse Kasigi. — Sr. Gavallan, posso contar com os serviços do capitão Scragger durante um ano para dirigir a operação, se esta for realizada, pelo dobro do seu salário atual? — Ele viu os olhos de Scragger estreitarem-se e imaginou se teria ido longe demais ou depressa demais, então acrescentou sorrindo: — Se estou querendo que você desista do seu primeiro amor, meu amigo, o mínimo que posso fazer é tentar recompensá-lo.

— É uma grande oferta, mas, bem, eu não sei. Andy? Gavallan hesitou.

— Isto significa que você teria que sair da S-G, Scragger, e deixar de pilotar. Você não poderia comandar cinco naves e pilotar, e de qualquer maneira, você nunca poderia voltar ao Irã, de jeito nenhum.

Está certo. Desistir de voar. Então eu também estou numa encruzilhada, Scragger estava pensando.

Não tente fingir que o azar de Mac não o abalou. E por que eu desmaiei ontem? O dr. Nutt disse que foi só exaustão. Besteira, eu nunca desmaiei na minha vida e o que é que os médicos entendem disso, afinal? Um ano em Bahrein? Isto é melhor do que alguns meses no mar do Norte, sempre esperando pelo próximo exame médico. Sem voar? Meu Deus! Espere um instante, eu poderia me manter em forma e fazer alguns voos locais.

— Eu vou ter que pensar no assunto, mas obrigado pela oferta, sr. Kasigi.

— Enquanto isso, sr. Gavallan, o senhor poderia organizar os primeiros dois meses?

— Sim, com um pouco de sorte, durante esta semana eu poderia conseguir aparelhos e pessoal em número suficiente para vocês começarem, o resto dentro de uma ou duas semanas para um contrato de três meses sujeito a renovação. — Gavallan acrescentou o mais delicadamente possível: — Desde que consigamos alargar o nosso prazo Kasigi disfarçou o seu contentamento.

— Ótimo. Podemos nos encontrar aqui às nove? Eu trarei o sr. Umura, que é o presidente do Sumitomo no golfo, para providenciar as cartas de crédito na forma que o senhor quiser, sr.

Gavallan.

— Nove horas em ponto. Talvez o senhor pudesse mencionar para o seu embaixador que mesmo que o prazo que termina hoje ao pôr-do-sol seja alargado, os meus cargueiros só chegarão ao meio-dia de amanhã e eu só terminarei de carregá-los ao pôr-do-sol de amanhã.

— O senhor manterá esta 'conversa de embaixadores' só entre nós?

— É claro. O senhor tem a minha palavra. Scrag?

Kasigi ouviu Scragger dizer o mesmo e ficou estarrecido pelo fato dos ocidentais confiarem na 'palavra' de alguém — palavra de honra, honra de quem, que honra? Não é verdade que um segredo partilhado não é mais um segredo e nunca mais tornará a ser? Como o Turbilhão, tinha sido tão fácil descobri-lo.

— Talvez nós pudéssemos combinar o seguinte: nós resolvemos as questões financeiras e as cartas de crédito hoje à noite; o senhor começa a providenciar os helicópteros, peças e tripulações, como dirigir a operação de Bahrein, armazenagem, e tudo o mais, tudo sujeito a confirmação amanhã ao pôr-do-sol. Se vocês tiverem retirado o seu próprio equipamento até lá, o senhor garante que a Irã-Toda terá os seus helicópteros no decorrer da semana.

— O senhor parece estar muito confiante em conseguir alargar o nosso prazo.

— Talvez o meu embaixador possa fazê-lo. Assim que terminar o meu encontro com ele, eu telefono para informar o que ele disse a respeito. Capitão Scragger, seria possível o senhor organizar um programa de treinamento para pilotos japoneses?

— Facilmente, desde que eles falassem inglês e tivessem pelo menos cem horas de voo em helicópteros. Eu teria que conseguir um instrutor e... — Scragger parou. De repente, tinha-lhe ocorrido que aquela era a solução perfeita. — E uma grande ideia, eu poderia ser o examinador.

Assim vou poder voar bastante. Grande! — ele sorriu, radiante. — Vou lhe dizer uma coisa, meu velho, se Andy puder dar um jeito, estou com você. — Ele estendeu a mão e Kasigi apertou-a.

— Obrigado. Perfeito. Então, sr. Gavallan, vamos tentar?

— Por que não? — Gavallan estendeu a mão e sentiu o aperto de mão firme de Kasigi e pela primeira vez acreditou que realmente houvesse uma chance. Kasigi é esperto. Muito esperto. Agora ele conseguiu estabelecer a forma de atuação moderna das companhias japonesas: contratar especialistas estrangeiros para treinar pessoal japonês em serviço, ou criar o mercado nos seus próprios países e então colocar os treinandos. Nós ficamos com os lucros a curto prazo, eles ficam com o mercado a longo prazo. Eles estão fazendo conosco nos negócios o que não conseguiram fazer durante a guerra. Sem tirar nem pôr. E daí? É um acordo justo. E se Kasigi e o seu embaixador conseguirem livrar-me do desastre, não custa nada ajudá-lo a livrar-se do seu.

— Vamos tentar.

Kasigi sorriu de verdade pela primeira vez.

— Obrigado. Eu telefono assim que tiver notícias — Ele cumprimentou e se afastou — Você acha que ele vai conseguir, Andy? — Scragger perguntou esperançoso.

— Para ser franco, eu não sei. — Gavallan fez sinal ao garçom para trazer a conta.

— Como é que você vai resolver o problema dele a tempo? Gavallan começou a responder e parou.

Ele tinha acabado de ver Pettikin e Paula sentados numa mesa perto da piscina, com as cabeças bem juntinhas.

— Eu pensei que Paula fosse para Teerã hoje de manhã.

— Ela ia. Talvez o voo tenha sido cancelado ou ela tenha dado parte de doente. — Scragger disse distraidamente.

— O quê?

— Isso é comum. Se estiver um dia bonito e uma garota de repente quiser tirar a tarde de folga para nadar ou fazer amor ou simplesmente passear, ela liga para o escritório durante a hora do almoço e diz que está se sentindo mal. Doente. — As sobancelhas de Scragger se ergueram. — Esta Paula é qualquer coisa... Charlie é um felizardo.

Gavallan viu o prazer no rosto deles, ali sentados, esquecidos do mundo. Além da preocupação com Dubois, Erikki e os outros, ele tinha lido a notícia nos jornais sobre o súbito estouro da bolsa em Hong Kong: "Muitas das companhias mais importantes, a começar pela Struan's, Rothwell-Gornt, Par-Con da China, perderam 30 por cento do seu valor ou mais num dia, com o mercado inteiro caindo e sem perspectivas de parar de cair. A declaração dada pelo Tai-Pan, sr. Linbar Struan, dizendo que isso era apenas uma oscilação temporária, provocou uma reação violenta no governo e nos seus rivais. A imprensa mais sensacionalista estava cheia de boatos sobre acordos internos entre os Quatro Grandes e manipulações para fazer os preços despencarem." Deve ser por isso que eu não consigo encontrar o Ian. Será que ele foi para Hong Kong? Maldito Linbar! O balanço da companhia este ano vai ser vermelho de alto a baixo.

Com esforço ele pôs um freio na mente. Ele viu Pettikin inclinar-se e segurar a mão de Paula. Ela não retirou a sua.

— Você acha que ele vai pedi-la, Scrag?

— Se não o fizer, ele é um idiota.

— Eu concordo. — Gavallan suspirou e se levantou. — Scrag, eu não vou esperar. Você assina a conta, depois vai falar com Charlie, diga que sinto muito mas que preciso dele no escritório por uma hora, depois ele pode tirar o resto do dia de folga. Depois localize Rudi e Willi. Eu vou telefonar para Jean-Luc e nós todos vamos tentar dar um jeito para atender Kasigi, caso ele tenha sucesso em resolver o nosso problema. Não diga a eles por que, diga só que é urgente e que eles fiquem de boca fechada. — Ele se afastou.

— Ei, sr. Gavallan! — Ele parou. Era o americano Wesson, que jovialmente levantou-se da mesa e estendeu a mão. — O senhor tem tempo para um drinque?

— Oh, olá, sr. Wesson, obrigado, mas, ahn, podemos deixar para outra vez? Eu estou com pressa.

— Claro, quando quiser. — Wesson sorriu para ele e se inclinou, cochichando de forma conspiratória, e pela primeira vez Gavallan notou o pequeno aparelho de surdez que ele usava na orelha esquerda. — Só queria dar-lhe os parabéns, o senhor deu uma lição naqueles palhaços.

— Nós, ahn, nós só tivemos sorte. Desculpe, mas tenho que correr. Até logo.

— Claro, até logo. — Pensativamente, Wesson apanhou a caneta e guardou-a no bolso. Então Kasigi vai tentar fisgar Gavallan, pensou, dirigindo-se para o saguão. Eu nunca teria imaginado isso. Merda, o novo regime não vai cooperar de jeito nenhum. Kasigi está sonhando. O pobre infeliz deve estar ficando louco, a Irã-Toda está uma bagunça e, que diabo, mesmo que eles começassem agora, levariam anos para pôr a fábrica para produzir, e todo mundo sabe que a torneira de petróleo do Irã vai ficar fechada, fazendo o Japão perder 70 por cento do seu suprimento de energia; vai haver com certeza outro aumento nos preços mundiais, mais inflação... O Japão é o nosso único aliado no Pacífico e os pobres infelizes vão ficar sem ter o que fazer.

Jesus, com Lengeh fechado, todo o campo de Siri não estará em perigo? Como é que de Plessey vai operar Siri sem o apoio de helicópteros? Embaixador, hein? Interessante. Como é que isto vai funcionar? Quem faz o quê? Para quem? E o que eu passo adiante para o velho Aaron? Tudo, o velho filho da mãe vai conseguir destrinchar isto.

Ele atravessou o saguão e caminhou em direção ao seu carro e não notou que Kasigi estava numa das cabines telefônicas.

— ...concordo plenamente, Ishii-san — Kasigi estava dizendo respeitosamente em japonês, com o suor escorrendo pela testa. — Por favor informe a Sua Excelência que nós vamos conseguir equipamento e tripulação, eu tenho certeza, se o senhor conseguir arranjar o resto. — Ele disfarçou o nervosismo.

— Ah, é mesmo? Excelente — Ishii disse, falando da embaixada. — Vou informar a Sua Excelência imediatamente. Mas e quanto ao

embaixador iraniano? Teve notícias dele?

Kasigi se sentiu perdido.

— Ele não aceitou o convite?

— Não, sinto muito, ainda não, e já são quase três horas. É uma pena. Por favor, compareça ao encontro conforme combinamos.

Obrigado, Kasigi-san.

— Obrigado, Ishii-san — respondeu, com vontade de gritar. Delicadamente, repôs o fone no gancho.

No saguão refrigerado ele se sentiu um pouco melhor e foi ao balcão de recepção. Lá ele apanhou os recados que haviam deixado para ele — dois de Hiro Toda, pedindo para ele telefonar — e subiu para o seu quarto e trancou a porta. Amassou os recados e jogou-os na privada, e começou a urinar sobre eles.

— Meu caro estúpido primo Hiro — disse alto em japonês — se eu salvar o seu estúpido pescoço, o que tenho que fazer para salvar o meu próprio — e acrescentou uma torrente de palavrões em inglês, já que não havia nenhum em japonês — a sua família vai ficar em débito com a minha por oito gerações por todos os problemas que você está me causando.

Ele deu a descarga, tirou a roupa, tomou uma chuveirada e se deitou nu na cama, sentindo a brisa fresca, querendo juntar energias e recobrar a tranquilidade para se preparar para o encontro.

A observação casual do embaixador japonês que dera início a todo o seu plano tinha sido feita para Roger Newbury numa recepção na embaixada britânica há dois dias. O embaixador tinha mencionado que o novo embaixador iraniano estava lamentando o fechamento da Irã-Toda, que daria ao novo Estado islâmico uma posição de poder econômico em toda a região do golfo.

— O nome dele é Abadani, ele frequentou a universidade, é formado em economia, é, evidentemente fundamentalista, mas não um fanático. É bastante jovem e sem muita experiência, mas é um funcionário de carreira, fala inglês bem e esteve na embaixada de Kabul...

Na hora, aquelas observações não tinham significado muito para Kasigi. Então aconteceu o Turbilhão. As informações de Teerã

tinham-se espalhado pelo golfo e chegaram os rumores do pedido feito por Abadani de uma inspeção dos helicópteros de Gavallan, marcada para aquela tarde — uma inspeção que, evidentemente, provaria que os helicópteros tinham registros iranianos: — ...e isto, Kasigi-san, vai criar um incidente internacional — Ishii tinha dito a ele na noite anterior —, porque agora o Kuwait, a Arábia Saudita e Bahrein estarão implicados, e isto, posso assegurar-lhe, todos prefeririam evitar, principalmente o nosso xeque.

Ao amanhecer, ele fora ver Abadani e tinha explicado sobre Zataki e o reinício da construção, acrescentando sigilosamente, que o governo japonês estava transformando a Irã-Toda num projeto nacional — e portanto responsabilizando-se por todo o financiamento futuro — e que com a cooperação de sua Excelência Abadani ele poderia começar também o trabalho em Bandar Delam imediatamente.

— Projeto nacional? Graças a Deus! Se o seu governo estiver por trás disso formalmente, isso resolveria todos os problemas de financiamento de uma vez por todas. Graças a Deus. O que posso fazer? Qualquer coisa!

— Para recomençar imediatamente, eu vou precisar de helicópteros e de pilotos estrangeiros. A única maneira de consegui-los rapidamente é com a ajuda da S-G helicópteros e do sr. Gaval... Abadani tinha explodido.

Depois de escutar educadamente, aparentemente concordando com uma longa tirada sobre pirataria aérea e inimigos do Irã, Kasigi tinha voltado ao ataque de uma forma indireta.

— O senhor tem toda a razão, Excelência — tinha dito. — Mas eu tive que escolher entre me arriscar a desagradar-lhe trazendo isto ao seu conhecimento ou falhar no meu dever para com o seu grande país. A nossa escolha é simples: se eu não conseguir helicópteros, não posso reiniciar a obra. Já tentei a Guerney's e outras companhias sem sucesso e agora eu sei que posso consegui-los rapidamente através deste homem horrível, é claro que só por alguns meses até que eu possa providenciar pessoal japonês. Se eu não recomençar imediatamente, isto deixará Zataki furioso, eu posso garantir-lhe que ele e o seu komiteh de Abadan são a própria lei, e

ele vai cumprir a sua ameaça. Isto chocará e embaraçará o meu governo, fazendo-o adiar a implementação do financiamento para o projeto nacional e então... — Ele deu de ombros. — O meu governo vai mandar que se abandone a Irã-Toda e vai começar uma nova fábrica petroquímica numa área segura como a Arábia Saudita, o Kuwait ou o Iraque.

— Seguro? O Iraque? Aqueles ladrões? Arábia Saudita ou Kuwait? Por Deus, eles são domínios decadentes, prontos a serem tomados pelo povo. É perigoso iniciar um negócio a longo prazo com os xeques, muito perigoso. Eles não obedecem à lei de Deus. Agora o Irã o faz. O Irã está firme agora. O imã, que a paz de Deus esteja com ele, nos salvou. Ele ordenou que o petróleo deve jorrar. Deve haver algum outro meio de conseguir helicópteros e pilotos! Gavallan e o seu bando de piratas estão de posse de propriedade nossa. Eu não posso ajudar piratas a escapar. O senhor quer que piratas escapem?

— Deus me livre, eu jamais sugeriria isso. É claro que nós não temos certeza de que eles sejam piratas, Excelência. Eu ouvi dizer que tudo isso não passa de boatos espalhados pelos nossos inimigos que querem ver o Irã ainda mais prejudicado. Mesmo que fosse verdade, o senhor poderia comparar nove helicópteros usados com três bilhões de dólares já gastos e outro um bilhão que o meu governo poderia ser convencido a investir?

— Sim. Pirataria é pirataria, lei é lei, o xeque concordou com a inspeção, a verdade é a verdade.

Insha'Allah.

— Concordo inteiramente, Excelência, mas o senhor sabe que a verdade é relativa e um adiamento até amanhã depois do pôr-do-sol seria do interesse do seu país... — Ele tinha corrigido rapidamente — do interesse do imã e do seu Estado islâmico.

— A verdade de Deus não é relativa.

— Sim, sim, é claro — disse Kasigi, aparentemente calmo, mas rangendo os dentes por dentro. Como alguém pode lidar com estes lunáticos que usam a sua fé como desculpa para tudo e 'Deus' todas as vezes que desejam interromper um raciocínio lógico? São todos loucos, bitolados! Eles não querem compreender como nós,

japoneses, que é preciso ser tolerante com as crenças dos outros povos, e que a vida vai 'de nada até nada', e que céu e inferno e Deus são apenas fumaça de ópio de um cérebro desarranjado — até prova em contrário!

— É claro que o senhor tem razão, Excelência. Mas não serão os helicópteros e pilotos dele, eu preciso apenas das relações que ele tem. — Ele tinha esperado e escutado pacientemente e então tinha jogado a sua última cartada: — Estou certo de que o xeque e o ministro do Exterior ficariam imensamente gratos se o senhor adiasse a inspeção até amanhã para que eles pudessem comparecer à recepção do meu embaixador às oito horas de hoje à noite.

— Recepção, sr. Kasigi?

— Sim, foi marcada em cima da hora, mas é tremendamente importante — por acaso eu sei que o senhor é o convidado mais importante. — Kasigi tinha baixado ainda mais o tom de voz. — Peço-lhe para não dizer como o senhor ficou sabendo disso, mas, muito em particular, posso dizer-lhe que o meu governo está em busca de contratos de petróleo a longo prazo, que poderiam ser extremamente lucrativos para vocês caso o Irã pudesse continuar a fornecer-nos petróleo. Seria o momento perfeito pa...

— Contratos de longos prazos? Eu concordo que os contratos negociados pelo xá não valem nada, são unilaterais e precisam ser cancelados. Mas nós damos valor aos japoneses como clientes. O Japão jamais tentou nos explorar. Estou certo de que o seu embaixador não se importaria de começar a recepção uma hora mais tarde. O xeque, o ministro do Exterior, Newbury e eu poderíamos ir diretamente do aeroporto.

Kasigi não sabia bem até onde podia ir. Mas, Excelência, ele pensou, se o senhor não adiar a sua inspeção, eu me vingarei, porque o senhor me terá feito cometer o único pecado que levamos em conta: o fracasso.

— É uma sorte que o Irã esteja tão bem representado aqui.

— Eu irei com certeza à recepção, sr. Kasigi, depois da inspeção.

A cartada final de Kasigi fora dada com toda a elegância necessária: — Tenho a sensação, Excelência, de que o senhor será convidado muito em breve para ir ao meu país para conhecer os

líderes mais importantes, 05 mais importantes, de lá, pois o senhor certamente percebe o quanto o seu Estado islâmico é vital para o Japão, e para verificar recursos tecnológicos que seriam muito valiosos para o Irã.

— Nós... nós certamente estamos precisando de amigos sinceros — disse Abadani.

Kasigi o observara cuidadosamente e não tinha visto nenhuma reação, apenas os mesmos olhos impiedosos e a mesma inflexibilidade.

— Nesses tempos difíceis é essencial cuidar dos amigos, não acha? A pessoa nunca sabe quando a desgraça pode atingi-la, seja ela quem for. Não acha?

— Isto está nas mãos de Deus. Só Dele. — Tinha havido uma longa pausa, e depois Abadani dissera: — Seja como Deus quiser. Vou pensar no que o senhor disse.

Agora, na privacidade do seu quarto de hotel, Kasigi estava com muito medo. Só é essencial cuidar de você mesmo. Por mais inteligente ou cuidadoso que você seja, você nunca sabe quando a desgraça vai atingi-lo. Se os deuses existem, é só para nos atormentar.

NO INTERIOR DA TURQUIA: 16:23H.

Eles tinham pousado perto da aldeia naquela manhã, a menos de um quilômetro da fronteira. Erikki teria preferido entrar um pouco mais no país por medida de segurança, mas os seus tanques estavam secos. Ele fora interceptado e caíra numa emboscada de novo, desta vez por dois caças e dois aviões de combate Huey e tivera que aturá-los por mais de um quarto de hora até conseguir se esgueirar através da fronteira. Os dois Huey não se aventuraram a atravessar a fronteira, mas tinham continuado a circular do outro lado.

— Esqueça-os, Azadeh — dissera alegremente —, nós estamos seguros agora.

Mas não estavam. Os aldeões os haviam cercado e a polícia chegara. Quatro homens, um sargento e outros três, todos de

uniforme — amarrotados e mal cortados — com revólveres no coldre. O sargento usava óculos escuros para se proteger dos reflexos do sol na neve. Nenhum deles falava inglês. Azadeh os cumprimentara de acordo com o plano que ela e Erikki tinham combinado, explicando que Erikki, um cidadão finlandês, fora empregado por uma companhia britânica, sob contrato com a Madeira Iraniana, que nos tumultos ocorridos no Azerbaijão e nas batalhas perto de Tabriz a sua vida fora ameaçada pelos esquerdistas, que ela, sua esposa, também fora ameaçada, e então eles tinham fugido.

— Ah, o effendi é finlandês, mas a senhora é iraniana?

— Finlandesa pelo casamento, sargento, iraniana de nascimento. Aqui estão os nossos documentos.

— Ela entregara a ele o seu passaporte finlandês que não incluía referências ao seu falecido pai, Abdullah Khan. — Podemos usar o telefone, por favor? Nós podemos pagar, é claro. O meu marido gostaria de ligar para a embaixada dele e também para o seu patrão em Al Shargaz.

— Ah, Al Shargaz. — O sargento balançou a cabeça satisfeito. Ele era robusto, e apesar de bem barbeado, a sombra da sua barba aparecia na pele dourada. — Onde fica isso?

Ela o informou, muito consciente da sua aparência e da de Erikki. Erikki com o curativo sujo e manchado de sangue e ela com o cabelo desgrenhado, as roupas e o rosto sujos. Atrás deles, os dois Huey continuavam a circular. O sargento observou-os Pensativamente.

— Por que eles ousariam mandar caças para o nosso espaço aéreo e helicópteros atrás de vocês?

— A vontade de Deus, sargento. Temo que haja muitas coisas estranhas ocorrendo daquele lado da fronteira.

— Como estão as coisas na fronteira? — ele fez sinal para os dois outros policiais se encaminharem para o 212 e começou a escutar atentamente. Os três policiais se aproximaram, espiaram o interior da cabine de comando. Buracos de bala, manchas de sangue e instrumentos quebrados. Um deles abriu a porta da cabine. Muitas armas automáticas. Mais buracos de balas.

— Sargento!

O sargento respondeu mas esperou educadamente até que Azadeh tivesse terminado. Aldeões escutavam de olhos arregalados, não havia nenhum chador nem véu entre eles. Então ele apontou para uma das cabanas da aldeia.

— Por favor, esperem ali na sombra. — O dia estava frio, a terra coberta de neve, o sol brilhante refletindo na neve. Sem se apressar, o sargento examinou a cabine de comando. Ele apanhou o kookri, tirou-o um pouco para fora da bainha e tornou a guardá-lo. Então fez sinal para Azadeh e Erikki se aproximarem. — Como o senhor explica as armas, effendi Nervosa, Azadeh traduziu a pergunta para Erikki.

— Diga-lhe que elas foram deixadas no meu aparelho por nativos que estavam tentando sequestrá-lo.

— Ah, nativos — disse o sargento. Espanta-me que os nativos tenham deixado um tal tesouro para trás. O senhor pode explicar isso?

— Diga a ele que foram todos mortos por legalistas e que eu escapei no meio da confusão.

— Legalistas, effendi?. Que legalistas?

— Polícia. A polícia de Tabriz — disse Erikki, desconfortavelmente consciente de que cada pergunta os arrastava ainda mais para o abismo. — Pergunte a ele se posso usar o telefone, Azadeh.

— Telefone? Certamente, no seu devido tempo. — O sargento estudou os Huey que circulavam por um momento. Então tornou a fixar Erikki com seus olhos duros. — Estou contente em saber que a polícia era leal. A polícia tem um dever para com o Estado, para com o povo e para com o cumprimento da lei. Contrabando de armas é contra a lei. Fugir da polícia que está defendendo a lei é crime, não é?

— Sim, mas nós não somos contrabandistas de armas, sargento, nem fugitivos da polícia — respondeu Azadeh, ainda mais amedrontada agora. A fronteira estava tão perto, perto demais. Para ela, a última parte da fuga tinha sido terrível. Obviamente, Hakim havia alertado toda a região da fronteira; só ele teria o poder de conseguir uma interceptação tão rápida, tanto por terra quanto por ar.

— O senhor está armado? — o sargento perguntou delicadamente.

— Só tenho uma faca.

— Poderia entregar-me, por favor? — Erikki obedeceu. — Por favor, sigam-me.

Eles foram para a delegacia, um pequeno prédio de tijolos com celas e alguns escritórios com telefones, perto da mesquita, na pequena praça da aldeia.

— Nos últimos meses, nós tivemos refugiados de todos os tipos passando pelas nossas estradas, iranianos, ingleses, europeus, americanos, muitos do Azerbaijão, mas nenhum soviético. — Ele riu da própria piada. — Muitos refugiados, ricos, pobres, bons, maus, muitos criminosos entre eles.

Alguns foram mandados de volta, outros puderam continuar. Insha'Allah. Por favor, esperem ali.

"Ali" não era uma cela, mas uma sala com algumas cadeiras, uma mesa e grades nas janelas, muitas moscas e nenhuma saída. Mas estava quente e razoavelmente limpa.

— Nós podemos comer e beber alguma coisa e usar o telefone, por favor? — perguntou Azadeh. — Nós podemos pagar, sargento.

— Vou mandar trazer alguma coisa do hotel. A comida é boa e não é cara — Meu marido quer saber se pode usar o telefone — Certamente. No devido tempo.

Isto tinha acontecido de manhã, e agora já estavam no final da tarde. Nesse meio tempo, a comida tinha chegado, arroz e guisado de carneiro, pão e café turco. Ela pagara com riais e não fora caro. O sargento autorizara-os a usar o buraco fedorento no chão do banheiro e a se lavarem com a água de um tanque e de uma velha pia. Não havia nenhum material de primeiros socorros, só iodo. Erikki limpada as suas feridas o melhor possível, trincando os dentes de dor, ainda fraco e exausto. Depois, tinha-se esticado numa cadeira, posto os pés sobre outra e, com Azadeh ao seu lado, adormecera. De vez em quando, a porta se abria e um dos policiais entrava e tornava a sair.

— Matyeryebyets — resmungava Erikki. — Para onde podemos escapar?

Ela o acalmara e ficara perto dele, mantendo o seu próprio medo sob controle. Preciso ajudá-lo, pensava sem parar. Estava se sentindo melhor agora com o cabelo penteado, o rosto limpo, o suéter arrumado. Pela porta, podia escutar conversas abafadas, ocasionalmente o telefone tocando, carros e caminhões passando pela estrada, moscas zumbindo. O cansaço a venceu e ela dormiu profundamente, um sono cheio de pesadelos: barulho de motores e tiros e Hakim montado como um cossaco, perseguindo-os, ela e Erikki enterrados até o pescoço no chão, os cascos dos cavalos passando perto deles, depois conseguindo libertar-se, correndo para a fronteira que era formada por quilômetros de arame farpado, o falso mulá, Mahmud, e o açougueiro aparecendo de repente entre eles e a salvação e...

A porta se abriu. Os dois acordaram, assustados. Um major impecavelmente uniformizado estava lá, ladeado pelo sargento e outro policial. Era um homem alto e severo.

— Seus documentos, por favor — ele disse para Azadeh.

— Eu, eu os entreguei ao sargento, major.

— A senhora entregou-lhe um passaporte finlandês. Os seus documentos iranianos. — O major estendeu a mão. Ela foi vagarosa demais. Imediatamente o sargento se adiantou e agarrou-lhe a bolsa, espalhando o conteúdo desta sobre a mesa. Ao mesmo tempo, o outro policial avançou para Erikki, com a mão no revólver, e fez sinal para ele ir para o outro canto da sala. O major tirou o pé de uma cadeira e sentou-se, recebeu a carteira de identidade iraniana dela das mãos do sargento e examinou-a cuidadosamente, depois olhou para o conteúdo da bolsa que estava espalhado sobre a mesa. Abriu o saco de joias. Seus olhos se arregalaram.

— Onde conseguiu isto?

— São minhas. Eu as herdei dos meus pais. — Azadeh estava assustada, sem saber o que o major sabia e tinha visto a maneira como ele a olhava. Erikki também. — O meu marido pode usar o telefone, por favor? Ele quer...

— No devido tempo! Já lhe disseram isso muitas vezes. No devido tempo é no devido tempo. — O major fechou a bolsa e

colocou-a na mesa, diante dele. Seus olhos examinaram-lhe os seios. — O seu marido não fala turco?

— Não, major.

O oficial virou-se para Erikki e disse em bom inglês: — Há uma ordem de prisão contra o senhor, expedida de Tabriz. Por tentativa de homicídio e rapto.

Azadeh empalideceu e Erikki controlou o seu pânico o melhor que pôde.

— Rapto de quem, senhor?

O major teve um lampejo de irritação.

— Não tente brincar comigo. Desta senhora. Azadeh, irmã de Hakim, o Gorgon Khan.

— Ela é minha esposa. Como pode um marido...

— Eu sei que ela é sua esposa e é melhor o senhor contar-me a verdade, por Deus. A ordem de prisão diz que o senhor a levou contra a sua vontade e fugiu num helicóptero iraniano. — Azadeh começou a responder, mas o major exclamou: — Eu perguntei a ele, não à senhora. E então?

— Foi sem o consentimento dela e o helicóptero é britânico e não iraniano. O major ficou olhando para ele, depois virou-se para Azadeh.

— Bem?

— Foi... foi sem o meu consentimento..

— Mas o quê?

Azadeh sentiu-se mal. Sua cabeça doía e ela estava desesperada. A polícia turca era conhecida pela sua inflexibilidade, seu grande poder pessoal e sua dureza.

— Por favor, major, talvez possamos conversar em particular, explicar isto em particular.

— Nós estamos falando em particular agora, madame — o major disse secamente, e então, percebendo a sua angústia e a sua beleza, acrescentou: — Inglês é mais particular do que turco.

Então...

Então, hesitando, escolhendo cuidadosamente as palavras, ela falou sobre o juramento feito a Abdullah Khan e sobre Hakim e o dilema, impossibilitada de partir e sem poder ficar e como Erikki,

com sua sabedoria, tinha desfeito o nó górdio. As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto.

— Sim, foi sem o meu consentimento, mas de certa forma foi com o consentimento do meu irmão que ajudou Eri...

— Se foi com o consentimento de Hakim Khan, então por que ele está oferecendo uma enorme recompensa por este homem, vivo ou morto — perguntou o major, sem acreditar nela — e expediu a ordem de prisão no nome dele, exigindo extradição imediata, se necessário?

Ela ficou tão chocada que quase desmaiou. Sem pensar, Erikki fez menção de se aproximar dela, mas enfiaram-lhe um revólver no estômago.

— Eu só ia ajudá-la — disse ele.

— Então fique onde está! — Em turco, o oficial disse: — Não o mate — E em inglês: — Bem, lady Azadeh. Por quê?

Ela não pôde responder. Seus lábios se moveram, mas não emitiram nenhum som. Erikki respondeu por ela: — O que mais podia um khan fazer, major? A honra de um khan está envolvida. Publicamente, ele teria que fazer isso, não teria, mesmo que estivesse de acordo?

— Talvez, mas não tão depressa, não, não tão depressa, não pondo em alerta caças e helicópteros. — Por que ele faria isso se quisesse que vocês escapassem? pensou, foi um milagre vocês não terem sido obrigados a pousar, não terem caído com todos aqueles buracos de bala. Isto tudo parece um monte de mentiras. Talvez ela esteja com tanto medo dele que seja capaz de dizer qualquer coisa.

Agora, a sua fuga do palácio, o que aconteceu exatamente?

Erikki contou a ele. Não há mais nada a fazer, pensou. Apenas contar a verdade e manter a esperança.

Sua atenção estava toda em Azadeh, vendo o horror que a dominava, no entanto, é claro que Hakim reagiria dessa maneira, é claro que vivo ou morto. O sangue do seu pai não lhe corria nas veias?

— E as armas?

Mais uma vez, Erikki contou tudo, como fora forçado a pilotar para a KGB, sobre o xeque Bayazid, seu rapto e resgate e o ataque

ao palácio, sendo obrigado a transportá-los e depois eles quebrando o juramento e então sendo obrigado a matá-los.

— Quantos homens?

— Não me lembro exatamente. Uma meia dúzia, talvez mais.

— O senhor gosta de matar, hein?

— Não, major, eu detesto. Mas, por favor, acredite, nós fomos capturados numa teia, contra a nossa vontade, tudo o que queremos é partir em paz, por favor, deixe-me ligar para a minha embaixada...

eles podem se responsabilizar por nós... nós não somos uma ameaça para ninguém.

O major ficou olhando para ele.

— Eu não concordo, a sua história é muito inverossímil. Você está sendo procurado por rapto e tentativa de homicídio. Por favor, acompanhe o sargento — ele disse e repetiu em turco. Erikki não se mexeu, fechou os punhos e estava a ponto de explodir.

Imediatamente, o sargento empunhou o revólver os dois policiais se aproximaram dele ameaçadoramente e o major disse duramente: — É uma ofensa muito séria desobedecer à polícia neste país. Vá com o sargento. Vá com ele.

Azadeh tentou dizer alguma coisa, mas não conseguiu. Erikki empurrou a mão do sargento, controlando a raiva e o medo, e tentou sorrir para dar-lhe coragem.

— Está tudo bem — murmurou e acompanhou o sargento.

Azadeh estava quase dominada pelo pânico. Suas mãos e seus joelhos estavam tremendo, mas ela queria mostrar altivez, sabendo que estava indefesa e que o major estava sentado à sua frente, vigiando-a, os dois a sós na sala. Insha'Allah, ela pensou e olhou para ele com ódio.

— A senhora não tem nada a temer — disse, olhando-a com curiosidade. Então estendeu a mão e apanhou o saco de joias dela. — Por medida de segurança — e saiu da sala, afastando-se pelo corredor.

A cela ficava no fim do corredor e era pequena e suja, mais uma jaula do que um aposento, com uma cama, grades na janela, correntes presas numa ar-gola na parede, um balde fedorento num dos cantos.

O sargento fechou a porta e trancou-a. Pela grade, o major disse: — Lembre-se, o 'conforto' de lady Azadeh depende da sua docilidade. — E se afastou.

Agora, sozinho, Erikki começou a caminhar pela cela, analisando a porta, a fechadura, as grades, o teto, as paredes, as correntes, procurando uma forma de escapar.

AL SHARGAZ - NO AEROPORTO: 17:40H.

A um quilômetro de distância, do outro lado do golfo, Gavallan estava no escritório, esperando ansiosamente ao lado do telefone, faltando ainda uma hora para o pôr-do-sol. Ele já tinha conseguido uma promessa de um 212 de uma companhia de Paris e de dois 206 de um amigo da Aerospatiale, a taxas razoáveis. Scot estava na sala ao lado, controlando o HF, com Pettikin tomando conta do telefone. Rudi, Willi Neuchtreiter e Scragger estavam no hotel, em outros telefones, tentando conseguir pessoal, providenciando possíveis estratégias em Bahrein. Nenhuma palavra ainda de Kasigi.

O telefone tocou. Gavallan agarrou o fone, com a esperança de que fossem notícias de Dubois e Fowler ou que fosse Kasigi.

— Alô?

— Andy, aqui é Rudi. Conseguimos três pilotos da Lufttransportgesellschaft e eles prometeram também dois mecânicos. Dez por cento de reajuste, um mês de trabalho, dois de descanso. Espere um instante... há uma ligação na outra linha, eu torno a ligar para você, até logo.

Gavallan fez uma anotação no seu bloco, a ansiedade causando-lhe azia, e isto o fez pensar em McIver. Mais cedo, ao falar com ele, não havia mencionado nenhum dos problemas de prazo, não querendo preocupá-lo ainda mais, prometendo-lhe que assim que os helicópteros estivessem em segurança ele tomaria o próximo avião para Bahrein.

— Não se preocupe, Mac, não tenho palavras para agradecer a você e a Genny pelo que fizeram.

Pela janela, podia ver o sol descendo no céu. O aeroporto estava movimentado. Viu um Jumbo da Alitalia aterrissando e isto o fez

lembrar de Pettikin e Paula; ainda não tinha tido a oportunidade de perguntar a ele o que estava acontecendo. Perto do final da pista, na área de carga, os seus oito 212 pareciam caveiras sem os rotores e as colunas de rotor, com os mecânicos ainda desmontando alguns deles. Onde está Kasigi, pelo amor de Deus? Tentara ligar para ele várias vezes no hotel, mas ele não estava lá e ninguém sabia informar para onde tinha ido ou quando voltaria.

A porta se abriu.

— Papai — disse Scot. — Linbar Struan está no telefone.

— Mande-o à merda... espere! — Disse, Gavallan rapidamente.

— Diga apenas que eu não estou, mas que ligarei para ele assim que voltar. — E resmungou um monte de palavrões em chinês. Scot saiu depressa. O telefone tornou a tocar.

— Gavallan.

— Andrew, aqui é Roger Newbury, como vai? Gavallan começou a suar.

— Olá, Roger, alguma novidade?

— O prazo está mantido. O iraniano insistiu em vir me buscar primeiro, e estou esperando. Nós vamos juntos para o aeroporto para nos encontrar com o xeque. Vamos chegar alguns minutos antes da hora e então nós três vamos para a área de carga.

— E quanto à recepção na embaixada japonesa?

— Está combinado que iremos todos depois da inspeção. Só Deus sabe o que vai acontecer até lá mas... bem, isso não é problema nosso. Sinto muito, mas nossas mãos estão atadas. Até breve.

Gavallan agradeceu, desligou e enxugou a testa. Outra vez o telefone. Kasigi? Ele atendeu.

— Alô?

— Andy? Ian — Ian Dunross.

— Meu Deus, Ian. — Gavallan esqueceu os problemas. — Estou muito contente por você ter ligado, tentei falar com você duas vezes mas não consegui.

— Sim, desculpe não ter podido ligar antes. Como vão as coisas? Gavallan contou resumidamente. E falou sobre Kasigi.

— Temos cerca de uma hora até o pôr-do-sol.

— Esta é uma das razões pelas quais estou ligando. Foi uma pena o que houve com Dubois, Fowler e McIver, vou ficar com os dedos cruzados. Lochart dá a impressão de ter pirado, mas quando o amor está envolvido... -Gavallan ouviu o suspiro dele e não soube interpretá-lo.

— Você se lembra do Hiro Toda, da Navegações Toda?

— É claro, Ian.

— Hiro falou-me de Kasigi e do problema que estão tendo na Irã-Toda. Eles estão numa encrenca danada, o que você puder fazer para ajudar, por favor, faça.

— Certo. Estou trabalhando nisso o dia inteiro. Toda contou-lhe sobre a ideia de Kasigi com relação ao embaixador japonês?

— Sim. Hiro telefonou pessoalmente. Ele disse que estão ansiosos em nos ajudar, mas que este é um problema iraniano e para ser honesto, eles não têm muita esperança, uma vez que os iranianos estão defendendo os seus direitos. — O rosto de Gavallan refletiu a sua decepção. — Dê-lhes toda a ajuda possível. Se a Irã-Toda for encampada... bem, aqui entre nós... — Dunross falou em dialeto de Xangai: — Toda a filosofia de uma companhia nobre seria mortalmente atingida. — Depois em inglês de novo: — Esqueça-se de que eu disse isto.

Embora Gavallan tivesse esquecido quase completamente o dialeto de Xangai, entendeu a mensagem e quase perdeu a fala. Ele não tinha a mínima ideia de que a Struan's estivesse envolvida nisso, Kasigi nunca tinha dado nenhuma pista.

— Kasigi vai conseguir os seus helicópteros e pilotos mesmo que apreendam os nossos aparelhos.

— Vamos esperar que isso não aconteça. Outra coisa, você leu nos jornais sobre a queda da bolsa de Hong Kong?

— Sim.

— Foi pior do que estão dizendo. Alguém está fazendo um jogo muito duro e Linbar está encrencado.

Mesmo que você consiga retirar os 212 e possa continuar operando, vai ter que cancelar os X63.

A temperatura de Gavallan subiu.

— Mas Ian, com eles eu posso abalar o poder da Imperial, oferecendo aos clientes um serviço melhor e uma maior segurança e...

— Eu concordo, meu velho. Mas se não pudermos pagar por eles, você não poderá tê-los. Sinto muito, mas é isso. O mercado de ações enlouqueceu, mais do que o normal, está se refletindo no Japão e nós não podemos deixar que a Toda quebre aqui também.

— Talvez tenhamos sorte. Eu não vou perder os meus X63. Por falar nisso, você ouviu dizer que Linbar vai colocar Choy no conselho?

— Sim. Uma ideia interessante. — Isto foi dito de forma neutra e Gavallan não soube se ele estava a favor ou contra. — Eu soube disto indiretamente. Se tudo der certo hoje, você está planejando estar em Londres na segunda-feira?

— Sim. Vou saber melhor hoje ao pôr-do-sol, ou amanhã. Se tudo correr bem, vou até Bahrein visitar o Mac e depois vou para Londres. Por quê?

— Talvez eu precise que você cancele Londres e se encontre comigo em Hong Kong. Aconteceu algo muito estranho... com Nobunaga Mori, a outra testemunha que estava junto com Choy quando David MacStruan morreu. Nobunaga morreu queimado há dois dias na casa dele em Kanazawa, no campo, perto de Tóquio, em circunstâncias muito estranhas. Pelo correio de hoje, recebi uma carta muito curiosa. Não posso discuti-la pelo telefone, mas é muito interessante.

Gavallan prendeu a respiração.

— Então David... não foi acidente?

— Você vai ter que esperar até nos encontrarmos, Andy, ou em Tóquio ou em Londres, o mais cedo possível. Por falar nisso, Hiro e eu tínhamos planejado ficar em Kanazawa na noite em que Nobunaga morreu, mas na última hora não pudemos ir.

— Meu Deus, que sorte.

— Sim. Bem, tenho que desligar. Há algo que eu possa fazer por você"

— Nada, a não ser que consiga estender o meu prazo até domingo à noite.

— Ainda estou trabalhando nisso, não se preocupe. Sinto muito sobre Dubois, Fowler e McIver...

aquele número em Tóquio receberá recados até segunda-feira.

Eles se despediram. Gavallan ficou olhando para o telefone. Scot entrou com mais notícias sobre possíveis pilotos e helicópteros, mas Gavallan mal ouviu o que ele disse. Teria sido assassinato, afinal? Cristo! Maldito Linbar e seus maus investimentos. De uma maneira ou de outra eu tenho que conseguir os X63, tenho que conseguir.

Outra vez o telefone. A ligação estava ruim e o sotaque da pessoa do outro lado era péssimo: — Interurbano para effendi Gavallan a cobrar Seu coração deu um salto. Erikki?

— Aqui fala effendi Gavallan, pode completar a ligação. Pode falar mais alto, por favor, eu mal posso ouvi-lo. Quem está chamando?

— Um momento, por favor... Enquanto aguardava impacientemente, ele olhou para o portão perto do final da pista por onde o xeque e os outros passariam se Kasigi falhasse e houvesse a inspeção. Seu coração quase parou quando viu uma grande limusine com a bandeira de Al Shargaz se aproximando, mas o carro passou numa nuvem de poeira e uma voz do outro lado da linha, que ele mal podia ouvir, disse: — Andy, sou eu, Marc, Marc Dubois.

— Marc? Marc Dubois? — Ele gaguejou e quase deixou cair o telefone, tapando um ouvido para escutar melhor. — Cristo! Marc? Você está bem? Onde você está? E Fowler está bem? Onde vocês se meteram? — A resposta foi incompreensível. Ele teve que fazer um esforço enorme para ouvir. — Diga de novo!

— Nós estamos em Kor al Amaya... — Kor al Amaya era uma plataforma enorme de petróleo, de um quilômetro de comprimento, que ficava na ponta do golfo, perto da boca do estuário de Shatt-al-Arab, que dividia o Irã do Iraque, a cerca de oitocentos quilômetros a noroeste. — Você pode me ouvir, Andy? Kor al Amaya...

NA PLATAFORMA DE KOR AL AMAYA

Marc Dubois também estava tapando um ouvido e tomando cuidado para não gritar. O telefone ficava no escritório do gerente, e havia muitos iraquianos e estrangeiros no escritório ao lado que podiam ouvir.

— Esta linha não é particular... vous comprenez?

— Entendi, pelo amor de Deus, o que foi que aconteceu? Vocês foram recolhidos?

Dubois certificou-se de que ninguém estava ouvindo e disse cautelosa mente: — Não, mon vieux, o combustível estava acabando e, voilà, o petroleiro Oceanrider apareceu no meio da merde e então eu pousei lá, perfeitamente, é claro. Eu e Fowler estamos bem. Pas problème! E quanto aos outros, Rudi, Sandor e Pop?

— Estão todos aqui em Al Shargaz, todo mundo, o seu pessoal, o de Scrag, de Mac, de Freddy, embora Mac esteja em Bahrein no momento. Com vocês a salvo, o Turbilhão teve um resultado de dez em dez. Eriki e Azadeh estão a salvo em Tabriz, embora — Gavallan ia dizer que Tom estava arriscando a vida ficando no Irã, mas não havia nada que ele ou Dubois pudessem fazer, então disse alegremente: — Que maravilha vocês estarem em segurança, Marc. O seu helicóptero está em condições?

— É claro, eu, ahn, preciso apenas de combustível e instruções.

— Marc, você agora tem registro britânico... espere um segundo... é GHKVC. Apague os números antigos e coloque os novos. Tem havido o diabo e os nossos antigos anfitriões encheram o golfo de telex pedindo aos governos que apreendam os nossos helicópteros. Não desembarque em lugar nenhum.

Dubois ficou sério.

— Golf, Hotel Kilo Victor Charlie, entendi. Andy, le bon dieu estava conosco porque o Oceanrider tem registro libanês e o seu comandante é inglês. Uma das primeiras coisas que eu pedi foi uma lata de tinta, tinta... compreende?

— Compreendo, maravilhoso. Continue!

— Como ele estava indo para o Iraque, eu achei melhor ficar quieto e ficar aqui até falar com você e esta é a primeira oportunidade — Dubois viu o gerente iraquiano se aproximando. Então falou mais alto e em outro tom de voz: — Esta missão com o

Oceanrider está sendo perfeita, sr. Gavallan e fico contente em dizer que o capitão está muito satisfeito.

— Certo, Marc, eu faço as perguntas. Quando ele vai terminar de fazer o carregamento e qual é o seu próximo porto?

— Talvez amanhã. — Ele cumprimentou gentilmente o iraquiano que se sentou atrás da sua mesa. — Devemos chegar em Amsterdã conforme o planejado. — Os dois homens estavam tendo dificuldade em escutar.

— Você acha que pode ficar aí até o fim da linha? É claro que pagaremos as despesas de frete.

— Não vejo por que não. Acho que você vai descobrir que esta experiência vai se tornar um trabalho permanente. O comandante viu como é conveniente poder ficar ao largo e ao mesmo tempo fazer visitas rápidas ao porto, mas francamente, os proprietários cometeram um erro ao pedirem um 212.

Um 206 seria muito melhor. Acho que eles vão querer um desconto. — Ele ouviu a gargalhada de Gavallan e ficou feliz. — Acho melhor desligar, só queria dar notícias. Fowler manda lembranças e se possível eu torno a telefonar quando estivermos passando por aí.

— Se tudo correr bem, não estaremos mais aqui. Os pássaros serão retirados amanhã. Não se preocupe, eu vou controlar todo o percurso do Oceanrider. Assim que você tiver passado por Ormuz e estiver fora do golfo, peça ao capitão para manter um contato por rádio ou telex comigo em Aberdeen. Está bem? Estou mandando todo mundo para o mar do Norte até nos organizarmos. Oh, você deve estar sem dinheiro, assine todas as notas que depois eu reembolsarei o capitão. Como é o nome dele?

— Tavistock, Brian Tavistock.

Entendi. Marc, você não imagina o quanto estou contente.

Eu também. À bientôt. — Dubois desligou e agradeceu ao gerente.

Foi um prazer, capitão o homem respondeu, pensativo. — Todos os grandes petroleiros vão ter o apoio de helicópteros?

— Não sei, m'sieur. Seria conveniente para alguns, não?

O gerente sorriu de leve, um homem alto, de meia-idade, com sotaque americano e treinado nos Estados Unidos.

— Há um barco patrulha iraniano vigiando, o Oceanrider. Curioso, não?

— Sim.

— Felizmente eles estão em águas iranianas e nós em nossas águas. Os iranianos acham que são donos do golfo Árabe, das nossas águas, das águas do Shatt, e do Tigre e do Eufrates até o seu nascedouro: Dois mil quilômetros.

— O Eufrates é tão grande assim? — Dubois perguntou, ficando mais preocupado.

— Sim. Ele nasce na Turquia. O senhor já esteve no Iraque antes?

— Não, m'sieur, infelizmente. Talvez na minha próxima viagem.

— Bagdá é uma maravilha, antiga e moderna, e o resto do Iraque também, merece uma visita. Nós temos nove bilhões de toneladas de reserva de petróleo e duas vezes isto esperando para ser descoberto. Valemos muito mais do que o Irã. A França deveria apoiar a nós, não a Israel.

— Eu, m'sieur, sou só um piloto — disse Dubois. — Nada de política para mim.

— Para nós isto é impossível. Política é vida. Nós descobrimos isto do modo mais difícil. Mesmo no jardim do Éden... o senhor sabia que há pessoas vivendo aqui há mais de sessenta mil anos? O jardim do Éden ficava a menos de cem quilômetros de distância; onde o Tigre e o Eufrates se encontram. O nosso povo descobriu o fogo, inventou a roda, a matemática, a escrita, o vinho, a jardinagem, a agricultura... os jardins suspensos da Babilônia eram aqui, Xarazade inventou suas histórias para o califa Harum al-Rashid, só igualadas pelas do seu Carlos Magno, e aqui viviam os povos mais poderosos das antigas civilizações: babilônios e assírios. Até o Dilúvio começou aqui. Nós sobrevivemos aos sumérios, gregos, romanos, árabes, turcos, ingleses e persas. — Ele quase cuspiu estas palavras. — E vamos continuar a sobreviver a eles.

Dubois balançou a cabeça, concordando. O comandante Tavistock o havia alertado: — Nós estamos em águas iraquianas, a

plataforma é território iraquiano, meu rapaz. Assim que você sair do navio, estará por sua conta. Eu não tenho nenhuma jurisdição. Compreende?

— Eu só quero dar um telefonema. Tenho que dar.

— Que tal desembarcar quando passarmos por Al Shargaz na volta?

— Não haverá nenhum problema — Dubois tinha dito a ele, perfeitamente confiante. — Por que haveria? Eu sou francês. — Ao fazer a aterrissagem forçada no navio, ele tivera que contar ao comandante a respeito do Turbilhão e dos motivos que levaram a ele. O velho tinha apenas resmungado.

— Eu não sei nada sobre isso, meu rapaz, você não me contou nada. Primeiro é melhor você passar uma tinta sobre esses números iranianos e colocar um G na frente de qualquer coisa que quiser. Eu vou pedir ao meu pintor para ajudá-lo. Quanto a mim, se alguém me perguntar alguma coisa, você é uma experiência que os proprietários me impingiram, você embarcou em Cape Town e eu não gosto nem um pouco de você e quase nunca conversamos. Certo? — O capitão tinha sorrido. — Estou feliz por tê-lo a bordo. Eu estive em barcos que operavam no Canal durante a guerra, a minha mulher é de Île d'Ouessant, perto de Brest. Nós costumávamos ir até lá de vez em quando atrás de vinho e conhaque, como os meus ancestrais piratas costumavam fazer. Tire a pele de um inglês e encontrará um pirata. Seja bem-vindo a bordo. Dubois esperou e olhou para o gerente iraquiano.

— Talvez eu possa tornar a usar o telefone amanhã, antes de partirmos?

— É claro. Não se esqueça de nós. Tudo começou aqui, e terminará aqui. Salaam! — O gerente deu um sorriso estranho e estendeu a mão. — Boa sorte.

— Obrigado. Até breve.

Dubois saiu, desceu as escadas e foi para fora, ansioso por voltar ao Oceanrider. A algumas centenas de metros de distância, ele viu o barco patrulha iraniano, uma pequena fragata jogando no meio das ondas.

— Espèce de con — ele resmungou e se afastou, com a cabeça confusa. Dubois levou cerca de 15 minutos para caminhar de volta até o navio. Ele viu Fowler esperando e contou-lhe as novidades.

— Que bom saber notícias dos rapazes, que maravilha, mas ir até Amsterdã nesta banheira velha? — Fowler começou a praguejar, mas Dubois foi até a proa e se encostou na amurada.

Todo mundo salvo! Nunca pensei que fôssemos conseguir, pensou, feliz. Que sorte fantástica! Andy e Rudi vão achar que foi planejamento, mas não foi. Foi sorte. Ou Deus. Deus programou o Oceanrider para passar na hora certa. Merde, foi outra vez por pouco, mas está terminado, então não há necessidade de lembrar. E agora? Contanto que não tenhamos mau tempo e que eu não fique com enjoo, ou que esta banheira velha afunde, será ótimo não ter nada para fazer por duas ou três semanas, só pensar, esperar, dormir, jogar um pouco de bridge, e dormir e pensar e planejar. Depois Aberdeen e o mar do Norte e rir com Jean-Luc, Tom Lochart e Duke e os outros rapazes, depois ir para... para onde? Está na hora de me casar. Merda, eu não quero casar ainda. Só tenho trinta anos e até agora consegui evitar isso. Seria um azar encontrar uma feiticeira parisiense com cara de anjo, capaz de usar os seus feitiços para destruir as minhas defesas e me fazer mudar de ideia. A vida é divertida demais, e a caçada mais ainda!

Ele se virou e olhou para o poente. O sol, enevoadado por causa da enorme poluição, estava se pondo no horizonte plano e sem graça. Eu gostaria de estar em Al Shargaz com os rapazes.

AL SHARGAZ — HOSPITAL INTERNACIONAL: 18:01H.

Starke estava sentado na varanda do segundo andar, também olhando o sol se pôr, mas aqui ele estava lindo, sobre um mar calmo e um céu sem nuvens, com a luminosidade obrigando-o a apertar os olhos, mesmo por trás dos óculos escuros. Ele estava usando calças de pijama e o seu peito estava envolto em ataduras e cicatrizando rapidamente e embora ainda estivesse fraco, tentava refletir e fazer planos. Havia tanto o que pensar — caso consigamos retirar os aparelhos ou não.

No quarto, atrás dele, podia ouvir Manuela conversando numa mistura de espanhol e texano com seu pai e sua mãe lá em Lubbock. Ele já tinha falado com eles, e falado também com os seus próprios pais e os seus filhos, Billyjoe, Little Conroe e Sarita: — Puxa, papai, quando é que você vem para casa? Eu ganhei um cavalo novo e o colégio está ótimo e hoje está mais quente do que uma tigela de chili apimentado de Chiquita.

Starke sorriu ligeiramente mas não conseguiu livrar-se do seu mar de preocupações. Há uma distância tão grande entre aqui e lá. Tudo é tão diferente mesmo na Inglaterra. Depois Aberdeen, e o mar do Norte? Eu não me importo de ir por um mês ou dois, mas isto não é para mim, nem para as crianças e Manuela. É óbvio que as crianças querem ficar no Texas, em casa, e Manuela também.

Aconteceu muita coisa para assustá-la, coisa demais e muito de repente. E ela tem razão, mas que diabo, eu não sei para onde quero ir nem o que quero fazer. Tenho que continuar voando, é só isso que sei fazer, quero continuar voando. Onde? Não no mar do Norte nem na Nigéria, que são as regiões mais importantes de Andy agora. Talvez uma das áreas menores na América do Sul, Indonésia, Malásia ou Bornéus? Eu gostaria de continuar com ele, se pudesse, mas e as crianças, o colégio e Manuela?

Talvez esquecer o estrangeiro e ir para casa? Não. Muito tempo fora. Muito tempo aqui.

Seus olhos contemplaram o deserto, lá longe, para além da velha cidade. Ele estava recordando as vezes que tinha ido para o deserto à noite, às vezes com Manuela, outras vezes sozinho, indo até lá só para escutar. Escutar o quê? O silêncio, a noite, as estrelas chamando umas às outras? Nada?

— Você escuta Deus — dissera o mulá Hussein. — Como pode um infiel fazer isso? Você escuta Deus.

— Essas palavras são suas, mulá, não minhas.

Homem estranho, salvou a minha vida, eu salvei a dele, quase morri por causa dele e depois fui salvo de novo, depois todos nós de Kowiss tivemos liberdade para partir — que diabo, ele sabia que estávamos deixando Kowiss para sempre, tenho certeza disso. Por que ele nos deixou partir, nós, o Grande Satã? E por que ele vivia me

dizendo para ir falar com Khomeini? O imã não está certo, não está nada certo.

O que existe em tudo isso que me atrai?

Está lá longe, alguma coisa no deserto que existe só para mim. Uma completa paz. O absoluto. É só para mim. Não é para Manuela nem para as crianças nem para os meus pais nem para mais ninguém, só para mim... Não posso explicar isto para ninguém, muito menos para Manuela, da mesma forma como não poderia explicar o que aconteceu na mesquita em Kowiss e durante o interrogatório.

E melhor dar o fora daqui ou estou perdido. A simplicidade do Islã parece tornar tudo tão simples e claro e melhor e no entanto...

Eu sou Conroe Starke, texano, piloto de helicópteros, com uma mulher maravilhosa e isto deveria ser o suficiente, não deveria?

Perturbado, ele tornou a olhar para a velha cidade, seus minaretes, e muros avermelhados pelo sol que descia no horizonte. Além da cidade estava o deserto e além do deserto, Meca. Ele sabia que aquele era o caminho para Meca porque tinha visto a equipe do hospital, médicos, enfermeiros, e outros, ajoelharem-se para rezar, virados naquela direção. Manuela entrou na varanda, distraíndo-o e sentou-se ao lado dele e o trouxe parcialmente de volta à realidade.

— Eles mandaram lembranças e perguntaram quando voltamos para casa. Seria bom visitá-los, não acha, Conroe? — Ela o viu balançar a cabeça, distraidamente, com o pensamento longe, então olhou na direção dos olhos dele e não viu nada de especial. Apenas o sol se pondo. Droga! Ela disfarçou sua preocupação. Ele estava melhorando, mas não era o mesmo. "Não se preocupe, Manuela", tinha dito o dr. Nutt, "é provavelmente o choque de ter sido baleado, a primeira vez é sempre um tanto traumática." É isto e Dubois, Tom, Erikki, toda esta espera e preocupação e não saber, nós todos estamos na expectativa, você, eu, todo mundo, mas não sabemos bem de quê. Todos nós fomos afetados de maneiras diferentes.

A preocupação a estava deprimindo. Para disfarçar, ela se debruçou na grade, olhando para o mar e para os barcos.

— Enquanto você dormia, eu procurei o dr. Nutt. Ele disse que você pode sair dentro de poucos dias, até amanhã, se for muito

importante, mas vai ter que ir devagar por um mês ou dois. No café, Nogger me disse que há um boato de que todos nós teremos pelo menos um mês de férias pagas, não é ótimo?

Com isso e mais a licença médica, temos muito tempo para ir para casa, hein?

— Claro. Boa ideia.

Ela hesitou, depois se virou e olhou para ele.

— O que o está perturbando, Conroe?

— Não sei ao certo, querida. Estou me sentindo bem, não é o meu peito. Não sei.

— O dr. Nutt disse que seria assim mesmo por algum tempo, querido, e Andy disse que há uma boa chance de que não haja nenhuma inspeção e que os aviões de carga vão chegar mesmo amanhã ao meio-dia, não há nada que se possa fazer, você não pode fazer mais nada... — O telefone tocou no quarto e ela foi atender, ainda falando — ...não podemos fazer mais nada do que já estamos fazendo.

Se pudermos partir, nós e os nossos helicópteros, sei que Andy vai conseguir o pessoal para Kasigi e então... Alô, oh, olá, querido...

Starke viu-a arregalar os olhos e emudecer e seu coração quase parou e então a sua explosão de alegria, gritando para ele: — É Andy, Conroe, ele recebeu um telefonema de Marc Dubois, ele está no Iraque num navio, ele e Fowler, fizeram uma aterrissagem forçada num petroleiro e estão sãos e salvos no Iraque... Oh, Andy, que ótimo! O quê? Oh, sim, ele está bem e eu... mas e quanto a Kasigi? ...Espere um instante — sim, mas... claro, — ela desligou e voltou para a varanda. — Nenhuma notícia de Kasigi ainda. Andy disse que estava com pressa e que tornaria a ligar. Oh, Conroe... — Agora ela estava ajoelhada ao lado dele, com os braços rodeando-lhe o pescoço, abraçando-o com cuidado, derramando lágrimas de felicidade. — Eu estava tão preocupada com Marc e com o velho Fowler, estava com tanto medo de que eles estivessem perdidos.

— Eu também, eu também — ele podia sentir o coração dela batendo e o seu também e seu espírito ficou um pouco mais leve. Ele a abraçou com o braço bom. — Droga — murmurou, também quase sem poder falar — Vamos, Kasigi, vamos..

NO QG EM AL SHARGAZ: 18:18H.

Gavallan estava na janela do escritório, vendo o carro oficial de Newbury, com a bandeira da Inglaterra tremulando, atravessar o portão. O carro parou em frente ao prédio, com um motorista uniformizado e duas pessoas atrás. Ele sacudiu a cabeça e jogou um pouco d'água no rosto, secando-o depois.

A porta se abriu. Scot entrou, com Charlie Pettikin ao seu lado. Os dois estavam pálidos.

— Não se preocupem — disse Gavallan —, entrem. — Ele voltou para a janela, tentando aparentar calma e ficou lá, enxugando as mãos. O sol estava perto do horizonte. — Não precisamos ficar esperando aqui; vamos encontrá-los. — Firmemente, ele foi andando na frente, em direção ao corredor. — Que bom termos tido notícias de Marc e Fowler, não?

— Foi ótimo — disse Scot, com a voz desanimada, apesar do esforço. — Dez em dez, não podia ser melhor, papai.

Eles atravessaram o corredor e saíram para o saguão — Como vai Paula, Charlie?

— Oh, ela está bem, Andy. — Pettikin estava espantado com o sangue frio de Gavallan e sem nenhuma vontade de estar no lugar dele. — Ela... ela partiu para Teerã há uma hora e não acho que volte antes de segunda-feira, embora ela ache que talvez possa voltar amanhã. — Maldito Turbilhão, pensou, infeliz, estragou tudo. Eu sei que um coração fraco não conquista uma mulher bonita, mas que diabo eu posso fazer? Se eles tomarem os nossos helicópteros, a S-G está falida, não tenho mais emprego, não tenho quase nenhuma reserva. Sou muito mais velho do que ela... droga! De uma certa forma, estou contente. Agora não posso mais estragar a vida dela e de qualquer maneira ela não seria louca de dizer sim. — Paula está bem, Andy.

— Ela é uma boa moça.

O saguão estava lotado. Eles o atravessaram e saíram do frescor do ar refrigerado para o calor do sol. Gavallan parou, estarecido.

Todo o contingente da S-G estava lá, Scragger, Vossi, Willi, Rudi, Pop Kelly, Sandor, Freddy Ayre e todos os mecânicos. Estavam todos imóveis, observando o carro que se aproximava. O carro parou na frente deles.

Newbury saltou.

— Olá, Andrew — ele disse, mas agora todos estavam paralisados porque era Kasigi quem estava diante deles, não o iraniano, e Kasigi estava sorrindo alegremente, enquanto Newbury dizia numa voz perplexa: — Realmente, eu não sei o que está acontecendo, mas o embaixador iraniano cancelou a inspeção no último minuto e o xeque também e o sr. Kasigi me telefonou, convidando-me para ir à recepção japonesa, de modo que não haverá inspeção esta noite.

Gavallan deu um grito de alegria e todos começaram a cumprimentar Kasigi, agradecendo-lhe, falando, rindo, uns tropeçando nos outros e Kasigi disse: — ...e também não haverá inspeção amanhã, nem que tenhamos que raptar o embaixador... — e mais risadas e vivas e Scragger gritando: — Hurra para Kasigi.

Gavallan abriu caminho até Kasigi e deu-lhe um abraço apertado, gritando no meio do tumulto: — Obrigado, obrigado. Você terá uma parte dos seus helicópteros dentro de três dias, o resto no fim de semana... — depois acrescentou incoerentemente. — Cristo, dê-me um segundo, Cristo, tenho que contar a Mac, Duke e aos outros... a comemoração é por minha conta... Kasigi viu-o afastar-se apressado e sorriu.

NO HOSPITAL: 18:32H.

Tremendo, Starke desligou o telefone, exultante e voltou para a varanda.

— Puxa, Manuela, nós conseguimos, não vai haver inspeção! O Turbilhão deu certo; Andy não sabe como Kasigi conseguiu, mas ele conseguiu e... Puxa! — Ele a abraçou e debruçou-se na amurada. —

O Turbilhão deu certo, agora estamos seguros, agora vamos poder sair e agora podemos fazer planos.

Puxa! Kasigi, o filho da puta, ele conseguiu! Allah-u Akbar ele acrescentou triunfantemente, sem pensar.

O sol tocou o horizonte. Da cidade, um muezin, um só, começou a chamar. E o som encheu os seus ouvidos e o seu ser e ele escutou, esquecido de tudo, seu alívio e sua alegria se misturando com as palavras, o chamado e o infinito — e ele se afastou dela. Impotente, ela esperou, sozinha. Ali enquanto o sol se punha, ela esperou, com medo por ele, triste por ele, sentindo que o futuro estava em jogo. Ela esperou como só uma mulher sabe esperar.

O chamado cessou. Agora estava tudo muito quieto, muito silencioso. Os olhos dele viram a velha cidade com todo o seu antigo esplendor, o deserto mais além, o infinito além do horizonte. E então ele viu as coisas como elas eram. O som de um jato decolando e de gaiotas chamando. Depois o ruído de um helicóptero em algum lugar e ele decidiu.

— Tu — ele disse para ela em farsi — tu, eu te amo para sempre.

— Tu, eu te amo para sempre — ela murmurou, quase chorando. Então ela o viu suspirar e soube que estavam juntos outra vez.

— Hora de ir para casa, minha querida. — Ele tomou-a nos braços. — Hora de nós todos irmos para casa.

— A minha casa é onde você está — ela disse, agora sem nenhum temor.

NO HOTEL OÁSIS: 23:52H.

Na escuridão, o telefone tocou, despertando Gavallan de um sono profundo. Ele deu um salto, acendendo a luz da mesinha-de-cabeceira.

— Alô?

— Alô, Andrew, aqui é Roger Newbury, desculpe ligar tão tarde, mas...

— Oh, não faz mal, eu disse que você podia ligar até meia-noite, como foram as coisas? — Newbury tinha prometido telefonar contando o que acontecera na recepção. Normalmente Gavallan

estaria acordado, mas hoje ele pedira licença para se ausentar da comemoração pouco depois das dez e adormecera imediatamente.

— E quanto a amanhã?

— Fico encantado em dizer que Sua Excelência Abadani aceitou o convite do xeque para passar o dia caçando no oásis Al Sal, então é provável que fique fora o dia todo. Pessoalmente eu não confio nele, Andrew, e o aconselho a retirar os seus helicópteros e o seu pessoal o mais rápida e discretamente possível, e também para fechar o escritório aqui por um mês ou dois até receber uma comunicação nossa. Está bem?

— Sim, ótimo, obrigado. — Gavallan tornou a deitar-se sentindo-se um novo homem. — Eu já tinha planejado fechar o escritório — ele disse com um bocejo. — Todo mundo vai partir antes do pôr-do-sol. — Ele tinha percebido o nervosismo na voz de Newbury, mas atribuíra a toda aquela excitação.

Abafou outro bocejo e acrescentou: — Scragger e eu seremos os últimos; estamos com reservas no voo para Bahrein, junto com Kasigi, para visitar McIver.

— Ótimo. Como você conseguiu dobrar Abadani eu não sei, mas nós todos tiramos o chapéu para você. Agora, ahn, eu detesto trazer más notícias junto com as boas, mas acabamos de receber um telex de Henley, de Tabriz.

Gavallan perdeu o sono imediatamente.

— Problemas?

— Acho que sim. Parece estranho, mas diz o seguinte: — houve um ruído de papéis: — "Soubemos que houve uma espécie de atentado ontem à noite contra a vida de Hakim Khan e parece que o capitão Yokkonen está envolvido. Na noite passada ele fugiu para a fronteira da Turquia no seu helicóptero, levando a mulher, Azadeh, com ele, contra a vontade dela. Hakim Khan mandou expedir uma ordem de prisão contra ele por tentativa de homicídio e rapto. No momento, estão ocorrendo muitas lutas entre facções rivais em Tabriz, o que está dificultando a obtenção de notícias mais exatas. Assim que conseguirmos informações mais detalhadas, tornaremos a nos comunicar." É só isso. Espantoso, não? — Silêncio. — Andrew, você está ouvindo?

— Sim, sim, estou. Estou só... estou só tentando me refazer do choque. Não há nenhuma chance de ter havido um engano?

— Eu duvido. Enviei um telex urgente pedindo mais detalhes; talvez recebamos mais notícias amanhã. Sugiro que você entre em contato com o embaixador da Finlândia em Londres e o avise. O telefone da embaixada é 01-7668888. Sinto muito por tudo isso.

Gavallan agradeceu, tonto, e desligou o telefone.

DOMINGO

4 de marco

72

NA ALDEIA TURCA: 10:20H.

Azadeh acordou assustada. Por um momento ela não conseguiu reconhecer onde estava, então o quarto entrou em foco — pequeno, triste, com duas janelas, o colchão de palha sobre a cama dura, lençóis e cobertores grosseiros mas limpos — e se lembrou que aquele era o hotel da aldeia e que na véspera, ao anoitecer, apesar dos seus protestos e de não querer deixar Erikki, ela fora escoltada até lá pelo major e por um policial. O major ignorara suas desculpas e insistira em jantar com ela no pequeno restaurante que tinha ficado vazio assim que eles chegaram.

— É claro que a senhora tem que comer alguma coisa para manter as forças. Sente-se, por favor. Eu vou mandar levar para o seu marido a mesma coisa que a senhora pedir. Está bem assim?

— Sim, por favor — ela disse, também em turco, percebendo a ameaça implícita. — Eu posso pagar por isso.

Um ligeiro sorriso aflorou-lhe aos lábios grossos.

— Como quiser.

— Obrigada, major. Quando eu e meu marido poderemos partir?

— Discutirei isso com a senhora amanhã, não esta noite. — Ele fez um sinal ao policial para ficar de guarda na porta. — Agora falaremos em inglês — disse, estendendo-lhe sua cigarrreira de prata.

— Não, obrigada, eu não fumo. Quando poderei ter as minhas joias de volta, major?

Ele escolheu um cigarro e começou a bater com uma das pontas na cigarrreira, observando-a.

— Assim que for seguro. O meu nome é Abdul Ikail. Minha base é em Van e sou responsável por toda esta região, até a fronteira. — Ele usou o isqueiro, tragou a fumaça, sem tirar os olhos dela. — A senhora já esteve em Van?

— Não, nunca.

— É um lugarzinho tranquilo. Era — ele corrigiu — antes da sua revolução, embora a fronteira tenha sido sempre problemática. — Tornou a tragar a fumaça. — Indesejáveis de ambos os lados querendo atravessar ou fugir. Contrabandistas, traficantes de drogas, comerciantes de armas, ladrões, tudo o que a senhora possa imaginar. — Ele disse isto naturalmente, pontilhando as palavras com baforadas de fumaça. O ar estava pesado na pequena sala e cheirava a comida velha, gente e fumo. Azadeh estava cheia de pressentimentos Seus dedos brincavam com a alça da bolsa.

— A senhora já esteve em Istambul? — perguntou.

— Sim. Uma vez. Passei uns dias lá quando era pequena. Fui com o meu pai, ele tinha negócios lá e eu fui mandada de avião para um colégio na Suíça Eu nunca estive na Suíça. Fui a Roma uma vez, de férias. E a Bonn, fazer um curso na polícia, e outro em Londres, mas nunca estive na Suíça. — Ele fumou por alguns instantes, pensativo, depois apagou o cigarro num cinzeiro lascado e fez um sinal ao gerente do hotel, que estava parado, servilmente, na porta, esperando para servir. A comida era primitiva mas saborosa e servida com uma humildade nervosa que a deixou ainda mais perturbada. Era óbvio que a aldeia não estava acostumada a tão augusta presença.

— Não precisa ter medo, Lady Azadeh, a senhora não corre nenhum perigo — ele disse, como se pudesse ler-lhe os pensamentos. — Pelo contrário, estou contente pela oportunidade de conversar com a senhora, é muito raro uma pessoa da sua... da sua posição passar por aqui. — Durante todo o jantar, com paciência e educação, ele a interrogou acerca do Azerbaijão e de Hakim Khan, falando muito pouco, recusando-se a falar sobre Erikki ou sobre o que iria acontecer. — O que tiver que ser, será. Por favor, torne a contar-me a sua história.

— Eu... eu já contei tudo, major. É a verdade, não uma história. Eu contei a verdade e meu marido também.

— É claro — ele disse, comendo com apetite. — Por favor, conte outra vez.

Ela contou tudo novamente, assustada, vendo o desejo em seus olhos, embora ele fosse sempre respeitoso e sério.

— É a verdade — disse, mal tocando na comida à sua frente, sem apetite algum. — Nós não cometemos nenhum crime, meu marido simplesmente defendeu a si próprio e a mim, juro por Deus.

— Infelizmente Deus não pode testemunhar a seu favor. Evidentemente, no seu caso, eu aceito o que a senhora diz como sendo o que acredita ser verdade. Felizmente, aqui, nós somos mais avançados, não somos fundamentalistas, existe uma separação entre o Islã e o Estado, ninguém se mete entre nós e Deus, e o nosso único fanatismo é manter a nossa maneira de viver da forma que queremos, e impedir que as crenças e leis de outros povos nos sejam impingidas. — Ele parou, escutando atentamente. Ao ir para o hotel, com a noite caindo, eles tinham ouvido tiros a distância e algumas explosões. Agora, no silêncio do restaurante, ouviram mais tiros. — Provavelmente curdos defendendo as suas casas nas montanhas. — Ele fez um ar de desprezo. — Ouvimos dizer que Khomeini está enviando o exército e os Faixas-Verdes para atacá-los.

— Então está cometendo outro erro — ela disse — É o que o meu irmão diz.

— Eu concordo. A minha família é curda. — Ele se levantou. — Haverá um policial do lado de fora do seu quarto esta noite. Para a sua proteção — ele disse, com o mesmo sorriso estranho que a perturbava. — Para a sua proteção. Por favor, fique no seu quarto até que eu... que eu a venha buscar ou mande chamá-la. A sua obediência favorece ao seu marido. Durma bem.

Então ela tinha ido para o quarto e, vendo que não havia nem fechadura nem tranca na porta, tinha colocado uma cadeira prendendo a maçaneta. O quarto era frio, a água da jarra estava gelada. Ela tinha se lavado, depois rezado, acrescentando uma prece especial para Erikki, e tinha se sentado na cama.

Com muito cuidado, ela tirou o alfinete de chapéu, de aço, de seis polegadas, que havia escondido no forro da bolsa, estudando-o por alguns instantes. A ponta era fina como a de uma agulha, a cabeça pequena mas de tamanho suficiente para permitir que ela a segurasse no momento de golpear. Ela o enfiou num dos lados do travesseiro como Ross lhe havia ensinado: — Assim não há perigo para você — ele dissera com um sorriso — um inimigo não o notaria e você pode tirá-lo facilmente. Uma garota linda como você deve estar sempre armada, por precaução.

— Oh, Johnny, mas eu nunca seria capaz de matar, nunca.

— Você será capaz, se houver necessidade, e deve estar preparada para isto. Desde que você esteja armada, saiba como usar a arma e aceite o fato de que pode ser obrigada a matar para se proteger, nunca precisará ter medo. — Naqueles dias maravilhosos passados nas montanhas, ele tinha mostrado a ela como usá-lo.

— Uma polegada enfiada no lugar certo é mais do que suficiente, é mortal. — Ela o havia carregado desde então, mas nunca o havia usado, nem mesmo na aldeia. A aldeia. Deixe a aldeia para a noite, não para o dia.

Seus dedos tocaram a cabeça do alfinete. Talvez esta noite, ela pensou. Insha'Allah! E quanto a Erikki? Insha'Allah! Então ela se lembrou de Erikki dizendo: "Insha'Allah é ótimo, Azadeh, e uma boa desculpa, mas Deus, qualquer que seja o seu nome, precisa de uma ajuda terrena de vez em quando".

Sim, eu juro que estou preparada, Erikki. Amanhã é outro dia e eu vou ajudar meu querido. Vou dar um jeito de tirar você desta encrenca.

Mais confiante, ela soprou a vela e enfiou-se debaixo das cobertas, ainda vestida com a roupa de esquí. O luar entrava pelas janelas. Em pouco tempo, ela ficou aquecida. O calor, o cansaço, a juventude fizeram com que ela caísse num sono sem sonhos.

Durante a noite, ela acordou de repente. Alguém estava girando silenciosamente a maçaneta. Ela segurou o estilete, vigiando a porta. Esta se moveu ligeiramente mas não abriu, presa pela cadeira

que rangeu sob a tensão. Logo em seguida a maçaneta voltou à posição anterior. De novo o silêncio.

Nem passos nem barulho de respiração. E a maçaneta não tornou a se mexer. Ela sorriu consigo mesma. Johnny também lhe havia ensinado como colocar a cadeira na posição certa. Ah, meu querido, eu espero que você encontre a felicidade que procura, ela pensou e tornou a dormir, de frente para a porta.

Agora ela estava acordada e descansada e sabia que estava muito mais forte do que na véspera, mais preparada para a batalha que iria começar em breve. Sim, por Deus, disse a si mesma, imaginando o que a teria acordado. Ruídos de trânsito e de vendedores de rua. Não, não foi isto. Então ouviu uma batida na porta.

— Quem é, por favor?

— Major Ikail.

— Um momento, por favor. — Ela calçou as botas, endireitou o suéter e o cabelo. Depois retirou a cadeira. — Bom dia, major.

Ele olhou para a cadeira, achando graça.

— A senhora foi esperta em prender a porta. Não faça isso de novo sem permissão. — Então ele a examinou. — A senhora parece descansada. Ótimo. Já pedi café e pão fresco. O que mais a senhora gostaria?

— Apenas de poder partir junto com meu marido.

— Sim? — Ele entrou no quarto, fechou a porta e sentou-se, de costas para o sol que entrava pelas janelas. — Com a sua cooperação, isto poderia ser arranjado.

Quando ele entrou no quarto, ela recuou disfarçadamente e se sentou na beira da cama, com a mão perto do travesseiro.

— Que tipo de cooperação, major?

— Seria prudente não haver um confronto — ele disse estranhamente. — Se a senhora cooperar... e voltar para Tabriz por sua livre vontade esta noite, o seu marido permanecerá sob custódia esta noite e será mandado para Istambul amanhã — Para que lugar em Istambul?

— Primeiro para a prisão, por medida de segurança, onde o embaixador da Finlândia poderá vê-lo e, se Deus assim o quiser, em

seguida será libertado.

— Por que ele deveria ir para a prisão, ele não fez nad...

— Há uma recompensa por ele. Vivo ou morto. — O major sorriu.

— Ele precisa de proteção, há dezenas de iranianos aqui na aldeia e nos arredores, todos à beira da inanição. A senhora também não precisa de proteção?

Não seria uma vítima perfeita para um rapto?, o khan não pagaria um enorme resgate pela sua única irmã? Não?

— Eu voltarei de boa vontade se isto ajudar o meu marido — ela disse imediatamente. — Mas se eu voltar, que garantia vou ter de que o meu marido será protegido e enviado Dará Istambul, major?

— Nenhuma. — Ele ficou em pé diante dela. — A alternativa, se a senhora não cooperar espontaneamente, é enviá-la hoje para a fronteira e ele. ele terá que correr os riscos.

Ela não se levantou e nem afastou a mão do travesseiro. Eu faria isso de boa vontade, mas assim que partir Erikki estará indefeso. Cooperar? Será que isto significa ir para a cama com este homem por minha livre e espontânea vontade?

— Como é que eu devo cooperar? O que é que o senhor quer que eu faça? — Ela perguntou, furiosa por sentir que sua voz estava menos segura do que antes.

Ele riu e disse sarcasticamente: — O que todas as mulheres têm dificuldade de fazer: obedecer, sem discussão, e parar de bancar a esperta. — Ele virou as costas. — A senhora vai ficar aqui no hotel. Eu voltarei mais tarde. Espero que então a senhora esteja preparada... para dar uma resposta correta. — Ele saiu e fechou a porta.

Se ele tentar forçar-me, eu o matarei, ela pensou. Não posso ir para a cama com ele para comprá-lo, meu marido jamais me perdoaria e nem eu perdoaria a mim mesma, pois nós dois sabemos que isso não garantiria nem a liberdade dele nem a minha e mesmo que o fizesse, ele não poderia viver com isso e iria procurar vingar-se. E nem eu poderia viver com isso.

Ela se levantou, foi até a janela e olhou para a aldeia movimentada, para as montanhas cobertas de neve que a cercavam, com a fronteira logo adiante.

— A única chance que Erikki tem é se eu voltar — ela murmurou.
— Mas não posso voltar, a não ser com a aprovação do major. E mesmo assim...

NO POSTO POLICIAL: 11:58H.

Com um puxão das mãos possantes de Erikki, a parte de baixo da barra de ferro central da janela soltou-se com uma chuva de cimento. Rapidamente, ele tornou a enfiá-la no buraco e foi olhar pelas grades para o corredor. Não apareceu nenhum carcereiro.

Rapidamente, ele juntou os pequenos pedaços de cimento e os arrumou em volta da base para disfarçar. Ele tinha passado a maior parte da noite trabalhando naquela barra, com o mesmo cuidado de um cachorro roendo um osso. Agora ele tinha uma arma e uma alavanca para entortar as outras barras.

Isto vai me tomar uma meia hora, não mais, pensou, e sentou-se na cama, satisfeito. Depois de trazer a comida na noite anterior, os policiais o haviam deixado sozinho, confiando na segurança da cela.

Esta manhã, eles lhe deram um café horrroso e um pedaço de pão duro e tinham ficado olhando para ele, sem entender quando ele pediu para ver o major e a esposa. Ele não sabia como era 'major' em turco e nem o nome do oficial, mas quando apontou para a lapela, imitando o posto do homem, eles tinham entendido e simplesmente erguido os ombros, falando várias coisas em turco que ele não tinha entendido e depois tinham tornado a sair. O sargento não tornou a aparecer.

Nós sabemos o que fazer, ele pensou, Azadeh e eu, nós dois estamos em perigo, cada um de nós fará o melhor que puder. Mas se tocarem nela ou a machucarem, nenhum deus poderá ajudar aquele que a tiver tocado enquanto eu viver. Eu juro.

A porta do final do corredor foi aberta. O major aproximou-se.

— Bom dia — disse, franzindo o nariz com o fedor.

— Bom dia, major. Onde está minha mulher e quando é que o senhor vai nos deixar partir?

— A sua mulher está na aldeia, em segurança e descansada. Acabei de vê-la. — O major olhou-o, pensativo, notou as mãos dele cheias de poeira, estudou cuidadosamente a fechadura da cela, as barras da janela, o chão, o teto...

— A segurança dela e o tratamento que vai receber dependem do senhor. Está entendendo?

— Sim, sim, estou. E como o policial mais graduado daqui, eu o considero responsável por ela.

— Ótimo — disse sorrindo sarcasticamente, e então o sorriso desapareceu.

— Acho melhor evitar um confronto. Se o senhor cooperar, ficará aqui esta noite e amanhã eu o enviarei sob escolta para Istambul, onde o seu embaixador poderá vê-lo se quiser, para ser julgado pelos crimes de que é acusado ou para ser extraditado.

Erikki tirou da cabeça os seus próprios problemas.

— Eu trouxe a minha esposa para cá contra a vontade dela. Ela não fez nada de errado, devia voltar para casa. Ela pode ser levada de volta?

O major observou-o.

— Isto depende da sua cooperação.

— Vou pedir a ela para voltar. Vou insistir, se é isto o que o senhor quer dizer.

— Ela poderia ser mandada de volta — o major disse, experimentando-o.

— Oh, sim. Mas é claro que é possível que no caminho até a fronteira ou ao sair do hotel ela seja 'raptada' novamente, desta vez por bandidos, bandidos iranianos, muito perigosos, e levada para as montanhas para ser devolvida daqui a um mês ou dois em troca de um resgate substancial a ser pago pelo khan Erikki ficou pálido.

— O que o senhor quer que eu faça?

— A estrada de ferro não fica muito longe daqui. Esta noite o senhor poderia ser retirado daqui em segredo e levado para Istambul. As acusações contra o senhor poderiam ser anuladas. O senhor poderia ganhar um bom emprego, voando, treinando os nossos pilotos por dois anos. Em troca, o senhor concordaria em se tornar um agente secreto, fornecendo-nos informações sobre o

Azerbaijão, especialmente sobre o soviético que mencionou, Mzytryk, informações sobre Hakim Khan, onde ele vive e como, como entrar no palácio, e qualquer outra coisa que quisermos saber.

— E quanto à minha esposa?

— Ela fica em Van, por livre e espontânea vontade, como refém, para garantir que o senhor se comporte... por um mês ou dois. Depois ela pode ir ao seu encontro, onde quer que o senhor esteja.

— Se ela for levada de volta para Hakim Khan hoje, em segurança, ilesa, e se eu tiver provas de que ela está em segurança, farei o que o senhor quer.

— Ou o senhor concorda ou não — o major disse impacientemente. — Não estou aqui para negociar com o senhor!

— Por favor, ela não tem nada a ver com os meus crimes. Por favor, deixe-a partir. Por favor.

— O senhor acha que somos idiotas? O senhor concorda ou não?

— Sim! Mas primeiro quero vê-la em segurança. Primeiro!

— Talvez primeiro o senhor queira vê-la ser violentada. Primeiro! Erikki atirou-se para cima dele por entre as grades e a porta da cela foi sacudida pelo impacto. Mas o major estava fora de alcance e riu das mãos enormes que tentavam agarrá-lo sem conseguir. Ele tinha calculado a distância com precisão, era experiente demais para se deixar apanhar desprevenido, um investigador experiente demais para ignorar como provocar, ameaçar e experimentar, como debochar e exagerar para tirar proveito do próprio terror do prisioneiro, como torcer os fatos para penetrar a cortina de mentiras e meias-verdades até chegar à verdade.

Os seus superiores tinham deixado a seu critério o que fazer com os prisioneiros. Agora ele tinha decidido. Sem se apressar, ele tirou o revólver e apontou para o rosto de Erikki. Este não recuou mas continuou agarrado nas grades com as duas mãos, ofegante.

— Ótimo — o major disse calmamente, guardando o revólver. — O senhor foi avisado de que o seu comportamento é que determinaria a forma como ela seria tratada. Ele se afastou. Quando Erikki ficou sozinho, tentou arrancar a porta da cela. Esta rangeu mas não se soltou.

NO AEROPORTO INTERNACIONAL DE AL SHARGAZ: 16:39H.

Sentado na direção do seu carro, Gavallan observou as portas do 747 de carga fecharem-se sobre a metade dos 212, caixotes de peças e rotores. Pilotos e mecânicos carregavam febrilmente o segundo jumbo, faltando carregar apenas uma carcaça de 212, uma dúzia de caixotes e uma pilha de malas.

— Estamos dentro do horário, Andy. — Rudi disse, fingindo não notar a palidez do amigo. — Meia hora.

— Ótimo. — Gavallan entregou-lhe alguns papéis. — Aqui estão as licenças para os mecânicos partirem com eles — Nenhum piloto?

— Não. Todos os pilotos têm reservas no voo da BA. Mas certifique-se de que estejam na Imigração às seis e dez; a BA não pode atrasar o voo. Certifique-se de que todos estejam lá, Rudi. Eles têm que partir neste voo. Eu dei minha palavra.

— Não se preocupe. E quanto a Duke e Manuela?

— Eles já partiram. O doutor Nutt foi com eles. E é só isso — Gavallan não estava conseguindo raciocinar direito.

— Você e Scrag ainda estão no voo de seis e trinta e cinco para Bahrein?

— Sim. Jean-Luc vai nos esperar. Estamos levando Kasigi para organizar a sua operação e se preparar para receber os helicópteros da Irã-Toda. Eu vou ao embarque de vocês.

— Vejo-o em Aberdeen. — Rudi apertou-lhe a mão com firmeza e se afastou rapidamente, Gavallan engrenou, arranhou a marcha e praguejou, depois voltou para o escritório.

— Alguma notícia, Scrag?

— Ainda não, meu velho. Kasigi ligou. Eu disse a ele que está tudo certo, dei-lhe os números de registro dos helicópteros e os nomes dos pilotos e mecânicos. Ele disse que tem reservas no nosso voo para o Kuwait esta noite, depois pode pegar uma carona até Abadan e depois para a Irã-Toda.

— Scragger estava tão perturbado quanto os outros com a cara de Gavallan — Andy, você cobriu todas as possibilidades.

— Será? Eu duvido, Scrag. Não consegui retirar Erikki e Azadeh. Durante toda noite, até bem tarde no horário de Londres, Gavallan tinha entrado em contato com todas as pessoas importantes que tinha conseguido lembrar. O embaixador da Finlândia tinha ficado chocado: — Mas não é possível! Um compatriota nosso não poderia estar envolvido numa coisa dessas.

Impossível! Onde o senhor vai estar amanhã a esta hora? — Gavallan tinha dito a ele e tinha visto o dia amanhecer. Não havia nenhuma maneira de entrar em contato com Hakim Khan, a não ser através de Newbury, e Newbury estava tratando disto.

— É uma droga, Scrag, mas é verdade. — Ele agarrou o telefone e tornou a largá-lo. — Vocês todos já fecharam as contas no hotel?

— Sim, Kasigi vai nos encontrar no aeroporto, no portão de embarque. Mandei a nossa bagagem para o terminal e despachei tudo. Podemos ficar aqui até o último momento.

Gavallan ficou olhando para o aeroporto. O movimento era normal.

— Eu não sei o que fazer, Scrag. Não sei mais o que fazer.

NO POSTO POLICIAL DA ALDEIA TURCA: 17:18H.

— ...como o senhor quiser, effendi. O senhor vai tomar as providências necessárias? — O major disse respeitosamente no telefone. Ele estava sentado na única escrivaninha do pequeno escritório, o sargento em pé ali perto, a faca e o kookri de Erikki em cima da escrivaninha. — ...Ótimo. Sim... sim, eu concordo. Salaam. — Ele desligou, acendeu um cigarro e se levantou. — Eu estarei no hotel.

— Sim, effendi. — Os olhos do sargento brilharam, divertidos, mas ele disfarçou cuidadosamente.

Observou o major endireitar a jaqueta e o cabelo e colocar o fez, invejando-lhe o posto e o poder. O telefone tocou.

— Sim, é da polícia. Oh, alô, sargento. — Ele ouviu, cada vez mais espantado. — Mas... sim, muito bem. — Desligou, perplexo. — Era... era o sargento Urbil, da fronteira, major. Há um caminhão da Força Aérea Iraniana com Faixas Verdes e um mulá a caminho para levar o prisioneiro e a moça de volta para o Irã.

O major explodiu.

— Em nome de Deus, quem foi que permitiu que inimigos passassem pela fronteira sem autorização?

Há ordens expressas a respeito de mulás e revolucionários.

— Eu não sei, effendi—disse o sargento, assustado com o acesso de raiva do major. — Urbil disse apenas que eles tinham papéis oficiais e que insistiram. Todo mundo sabe do helicóptero iraniano e ele os deixou passar.

— Eles estão armados?

— Ele não disse, effendi.

— Pegue os seus homens, todos eles, armados de metralhadoras

— Mas... e quanto ao prisioneiro?

— Esqueça-o! — O major disse e saiu xingando.

NOS ARREDORES DA ALDEIA: 17:32H.

O caminhão da Força Aérea Iraniana era um veículo de tração nas quatro rodas, parte tanque e parte carroceria, e entrou na estrada lateral que era pouco mais que uma trilha na neve, trocou de marcha e se dirigiu para o 212. O sentinela que estava perto foi ao encontro deles.

Meia dúzia de jovens armados, usando braçadeiras verdes, saltaram, seguidos de três oficiais uniformizados da Força Aérea e de um mulá. O mulá pendurou o seu Kalashnikov no ombro.

— Salaam. Estamos aqui para tomar posse da nossa propriedade em nome do imã e do povo — o mulá disse, cheio de importância. — Onde estão o raptor e a mulher?

— Eu... eu não sei de nada. — O policial estava assustado. Suas ordens eram claras: montar guarda e manter todo mundo a distância

até ordem em contrário. — É melhor irem primeiro ao posto policial para se informarem. — Ele viu um dos aviadores abrir a porta da cabine de comando e olhar para dentro, enquanto os outros dois desenrolavam as mangueiras para reabastecei o helicóptero. — Ei, vocês três, ninguém pode se aproximar do helicóptero sem permissão!

O mulá ficou na frente dele.

— Aqui está a nossa permissão! — Ele sacudiu os papéis na cai a ao poli ciai e isto o abalou ainda mais, pois não sabia ler.

— É melhor irem primeiro ao posto policial — ele gaguejou, depois, com imenso alívio, viu o carro da polícia se aproximando, vindo da aldeia. O carro derrapou na neve, deslizou alguns metros e parou. O major, o sargento e dois policiais saltaram, com as armas na mão. Cercado pelos seus Faixas Verdes, o mulá aproximou-se deles, sem medo.

— Quem é você? — O major perguntou asperamente.

— Mulá Ali Miandiry do komiteh de Khoi. Nós viemos buscar a nossa propriedade, o raptor e a mulher, em nome do imã e do povo.

— Mulher? Você se refere a Sua Alteza, a irmã de Hakim Khan?

— Sim. Ela — Imã? Que imã?

— O imã Khomeini, que a paz esteja com ele — Ah, o aiatolá Khomeini — o major disse, ofendido pelo título. — Que 'povo'?

O mulá estendeu-lhe os papéis com a mesma agressividade — O povo do Irã. Aqui está a nossa autorização.

O major apanhou os papéis e leu-os rapidamente. Havia dois, escritos em farsi. O sargento e seus dois homens haviam-se espalhado, cercado o caminhão, com as metralhadoras na mão. O mulá e os Faixas Verdes olharam desdenhosamente para eles.

— Por que eles não estão escritos na forma correta, legal? — O major perguntou. — Onde está o carimbo da polícia e a assinatura do chefe de polícia de Khoi?

— Nós não precisamos disso. Estão assinados pelo komiteh.

— Que komiteh! Eu não sei de nada a respeito de komitehs.

— O Komiteh Revolucionário de Khoi tem autoridade sobre esta área e sobre a polícia.

— Esta área? Esta área é a Turquia.

— Eu me refiro à área próxima à fronteira.

— Com que autoridade? Onde está a sua autoridade? Mostre-me
Os rapazes ficaram irritados.

— O mulá já mostrou isso — um deles disse agressivamente. —
O komiteh assinou o papel.

— Quem o assinou? Você?

— Fui eu — disse o mulá. — É legal. Perfeitamente legal. O
komiteh é a autoridade. — Viu o pessoal da Força Aérea olhando
para ele. — O que vocês estão esperando? Reabasteçam o
helicóptero!

Antes que o major pudesse dizer alguma coisa, um deles falou
respeitosamente: — Desculpe-me, Excelência, o painel está todo
quebrado, alguns dos instrumentos não estão funcionando. Não
podemos voar com ele até que tenhamos feito uma revisão. Seria
mais seguro..

— O infiel pilotou de Tabriz até aqui, viajando de dia e de noite,
pousou em segurança, então por que vocês não podem pilotá-lo de
dia?

— É só que seria mais seguro fazer uma revisão antes de
levantar voo, Excelência.

— Mais seguro? Por que mais seguro? — Um dos Faixas Verdes
perguntou asperamente, aproximando-se dele — Nós estamos nas
mãos de Deus, fazendo o trabalho de Deus. Você quer atrasar o
trabalho de Deus e deixar o helicóptero aqui?

— É claro que não, é cl...

— Então obedeça ao nosso mulá e reabasteça-o! Agora!

— Sim, sim, é claro — disse o piloto, humildemente. — Como
quiser.

— Rapidamente, os três obedeceram. O major ficou chocado ao
ver que o piloto, um capitão, deixava-se mandar tão facilmente pelo
jovem arruaceiro que agora olhava para ele desafiadoramente.

— O komiteh tem jurisdição sobre a polícia, aga — o mulá estava
dizendo.

— A polícia serviu ao Satã xá e é suspeita. Onde está o raptor e
a... a irmã do khan?

— Que autoridade você tem para atravessar a fronteira e fazer exigências? — O major estava furioso.

— Em nome de Deus e do imã Khomeini, isto é autoridade suficiente! — O mulá apontou para os papéis. Um dos rapazes empunhou a arma.

— Não faça isso — o major avisou. — Se você disparar um único tiro no nosso solo, as nossa forças invadirão a fronteira e queimarão tudo o que houver daqui a Tabriz!

— Se for a vontade de Deus! — O mulá encarou-o, com seus olhos escuros e cheios de determinação, desprezando o major e aquele regime decadente que ele e seu uniforme representavam para ele. Guerra agora ou mais tarde era a mesma coisa para ele, ele estava nas mãos de Deus e fazendo o trabalho de Deus e a Palavra do imã os levaria à vitória sobre todas as fronteiras. Mas agora não era hora de começar uma guerra, havia muito o que fazer em Khoi, esquerdistas para derrotar, revoltas para sufocar, os inimigos do Irã para destruir e, para isso, nessas montanhas, cada helicóptero era inestimável.

— Eu... peço permissão para tomar posse da nossa propriedade — prosseguiu mostrando-se mais razoável. Ele apontou para as letras. — Este registro é nosso, isto prova que ele nos pertence. Foi roubado do Irã. O senhor deve saber que ele não tinha permissão para sair do Irã, portanto, legalmente, ainda é nosso. A ordem de prisão — ele apontou para os papéis na mão do major — a ordem de prisão é legal, o piloto raptou a mulher, então nós tomaremos posse deles também. Por favor.

O major estava numa posição insustentável. Ele não podia de forma alguma entregar o finlandês e a mulher para um bando de foras-da-lei por causa de um pedaço de papel ilegal, isto seria uma grave negligência e custar-lhe-ia a cabeça. Se o mulá insistisse, ele seria obrigado a resistir e a defender o posto policial mas, obviamente, não tinha homens suficientes para isso e fatalmente cairia no confronto armado. Ele também estava convencido de que o mulá e os Faixas Verdes estavam preparados para morrer ali mesmo, o que não era o seu caso.

Então, resolveu arriscar: — O raptor e Lady Azadeh foram levados para Van esta manhã. Para extraditá-los, vocês terão que se dirigir ao QG do Exército, não a mim. A... a importância da irmã do khan fez com que o Exército tomasse conta deles.

O mulá ficou pensativo. Um dos Faixas Verdes disse grosseiramente: — Como vamos saber que isto não é mentira? - O major avançou para ele, o rapaz recuou um passo, os Faixas Verdes apontaram as armas de trás do caminhão, os pilotos, desarmados, atiraram-se no chão, apavorados e o major levou a mão ao revólver.

— Parem! — O mulá exclamou. Foi imediatamente obedecido, até mesmo pelo major, que ficou furioso consigo mesmo por ter permitido que o orgulho e que os seus reflexos sobrepujassem a sua autodisciplina. O mulá pensou por um momento, considerando as possibilidades. Então disse: — Nós vamos enviar uma solicitação a Van. Sim, vamos fazer isso. Mas não hoje. Hoje nós vamos apanhar o que nos pertence e partir. — E ficou lá, com os pés ligeiramente afastados, o rifle pendurado no ombro, extremamente confiante.

O major fez força para disfarçar o alívio. O helicóptero não tinha nenhum valor nem para ele nem para os seus superiores e era um enorme embaraço.

— Eu concordo que este registro seja iraniano — disse secamente. — Quanto a ser propriedade de vocês, eu não sei. Se você assinar um recibo, deixando em aberto a questão da propriedade, pode levá-lo e partir.

— Eu assinarei um recibo pelo nosso helicóptero.

Nas costas do mandado de prisão, o major escreveu um texto que o satisfazia e que talvez satisfizesse ao mulá. Este se virou e gritou para os aviadores que, apressadamente, começaram a enrolar as mangueiras, e o piloto ficou em pé ao lado da cabine, tirando a neve da roupa.

— Você está pronto, piloto?

— Agora mesmo, Excelência.

— Aqui está — disse o major, estendendo o papel para o mulá. Com mal disfarçado desprezo, este assinou sem ler.

— Você está pronto agora, piloto? — perguntou.

— Sim, Excelência. — O jovem piloto olhou para o major e o major viu ou achou que viu a infelicidade nos olhos dele e um pedido mudo por um asilo impossível de ser concedido. — posso ligar os motores?

— Ligue — o mulá disse rapidamente — é claro. — Em segundos, os motores pegaram e os rotores começaram a ganhar velocidade. — Ali e Abrim, vocês vão voltar para a base no caminhão.

Obedientemente, os dois rapazes entraram no caminhão junto com o motorista da Força Aérea. O mulá fez sinal para eles partirem e para os outros entrarem no helicóptero. Os rotores estavam girando velozmente e ele esperou até que todo mundo estivesse instalado na cabine, depois empunhou a arma, sentou-se ao lado do piloto e fechou a porta.

O 212 começou a se afastar. Zangado, o sargento apontou a metralhadora.

— Eu posso acabar com aqueles malditos bastardos, major.

— Sim, sim, nós poderíamos fazer isso — o major pegou a cigarreira. — Mas vamos deixar para Deus. Talvez Deus faça isso para nós. — Ele acendeu o isqueiro com as mãos trêmulas, trouxe a fumaça e observou o caminhão e o helicóptero se afastarem. — Aqueles cães terão que aprender boas maneiras e levar uma lição. — Ele foi até o carro e entrou. — Deixem-me no hotel.

NO HOTEL

Azadeh estava debruçada na janela, examinando o céu. Ela tinha ouvido o 212 decolar, enchendo-se de esperança de que Erikki tivesse conseguido escapar.

— Oh, Deus permita que seja verdade..

Os aldeões também estavam olhando para o céu e agora ela também viu o helicóptero voando em direção à fronteira. Suas entranhas se reviraram. Será que ele trocou a liberdade dele pela minha?

Oh, Erikki...

Então ela viu o carro da polícia entrar na praça e parar na frente do hotel. O major saltou, endireitando o uniforme. Seu rosto perdeu a cor. Resolutamente, ela fechou a janela e se sentou na cadeira, de frente para a porta, perto do travesseiro. Esperando. Esperando. Novos passos. A porta imediatamente se abriu.

— Siga-me — ele disse. — Por favor. Por um momento, ela não entendeu.

— O quê?

— Siga-me, por favor.

— Por quê? — Ela perguntou, desconfiada, suspeitando de uma armadilha e não querendo deixar a segurança do estilete escondido. — O que está acontecendo? O meu marido está pilotando o helicóptero? Ele está voltando? O senhor o mandou de volta? — Ela perdeu a coragem, com medo que Erikki tivesse se entregado em troca da segurança dela. — É ele que está pilotando?

— Não, o seu marido está na delegacia. Os iranianos vieram buscar o helicóptero e também vocês dois. — Agora que a crise tinha passado, o major estava se sentindo muito bem. — O helicóptero tinha registro iraniano e não tinha autorização para sair do Irã, portanto eles tinham direito a ele.

Agora siga-me.

— Para onde, por favor?

— Eu achei que a senhora gostaria de ver o seu marido. — O major estava se divertindo em olhar para ela, se divertindo com o perigo, imaginando onde estaria escondida a arma. Essas mulheres têm sempre uma arma ou algum tipo de veneno, alguma espécie de morte espreitando pelo estuprador desavisado. É fácil escapar se você estiver preparado, se vigiar-lhes as mãos e não dormir. — Bem?

— Há... há iranianos na delegacia?

— Não. Isto aqui é a Turquia, não o Irã, não há nenhum estrangeiro esperando pela senhora. Vamos, não precisa ter medo.

— Eu... eu desço logo. Imediatamente.

— Sim, imediatamente. A senhora não precisa de bolsa, só sua jaqueta. Ande logo antes que eu mude de ideia. — Ele viu o lampejo de ódio nos olhos dela e se divertiu mais ainda. Mas desta vez ela obedeceu, com ódio, vestiu a jaqueta e desceu, odiando a sua

impotência. Atravessou a praça ao lado dele, com vários olhos seguindo-os. Entrou na delegacia e foi levada para a mesma sala da véspera.

— Por favor, espere aqui.

Então ele fechou a porta e entrou no escritório. O sargento estendeu-lhe o telefone.

— É o capitão Tanazak, o oficial de serviço na fronteira, major.

— Capitão? Major Ikail. A fronteira está fechada para todos os mulás e Faixas Verdes até ordem em contrário. Prenda o sargento que deixou alguns deles passarem há duas horas e mande-o para Van. Há um caminhão iraniano voltando. Detenha-o por vinte horas, bem como os homens que estão lá dentro.

Quanto a você, está sujeito à corte marcial por ter deixado de cumprir instruções sobre homens armados! — Ele desligou e olhou para o relógio. — O carro está pronto, sargento?

— Sim, effendi.

— Ótimo. — O major saiu e foi até a cela, seguido pelo sargento. Erikki não se levantou. Só os seus olhos se mexeram. — Agora, sr. piloto, se estiver preparado para ficar calmo, controlado e não mais estúpido, vou trazer a sua mulher para vê-lo.

A voz de Erikki estava rouca.

— Se algum de vocês tocar nela, eu juro que os matarei.

— Eu concordo que deve ser difícil ter uma esposa assim. É melhor ter uma feia, a menos que ela seja mantida num purdah. Agora, o senhor quer vê-la ou não?

— O que tenho que fazer? Irritado, o major disse: — Ficar calmo e controlado e não ser mais estúpido. — Para o sargento, ele disse em turco: — Vá buscá-la.

Erikki estava esperando por algum truque. Então ele a viu no final do corredor, inteira, e quase chorou de alívio, e ela também.

— Oh, Erikki...

— Vocês dois, ouçam — o major disse secamente. — Muito embora vocês dois tenha-nos causado um bocado de inconvenientes, eu decidi que ambos estão dizendo a verdade, então serão mandados imediatamente, sob escolta, para Istambul,

discretamente, e entregues ao seu embaixador, discretamente, para serem expulsos, discretamente.

Eles ficaram olhando para ele, boquiabertos.

— Nós vamos ser libertados? — ela disse, segurando-se nas grades.

— Imediatamente. Nós contamos com a discricção de vocês, e isto faz parte do acordo. Vocês terão de concordar formalmente, por escrito. Discricção. Isto significa que não vão dar nenhuma informação, nem em público nem em particular, sobre a fuga de vocês. Vocês concordam?

— Oh, sim, sim, é claro — disse Azadeh. — Mas não há, não há nenhum truque?

— Não.

— Mas... mas por quê? Por que depois... por que o senhor nos está deixando ir? — Erikki gaguejou, ainda sem acreditar.

— Porque eu testei vocês dois e vocês passaram no teste, vocês não cometeram nenhum crime dentro do que nós consideramos como crime, os seus juramentos são entre vocês e Deus e não estão sujeitos a nenhum tribunal e, felizmente para vocês, o mandado de prisão era ilegal e portanto inaceitável.

Komiteh! — ele murmurou aborrecido, então notou o modo como eles estavam olhando um para o outro. Por um momento ele ficou enlevado e com inveja.

Curioso que Hakim Khan tenha permitido que um komiteh expedisse o mandado, não a polícia, o que teria tornado a extradição legal. Ele fez um sinal para o sargento.

— Deixe-o sair. Eu vou esperar pelos dois no escritório. Não se esqueçam que eu ainda tenho algumas joias para devolver-lhes. E as duas facas — ele se afastou.

A cela foi aberta ruidosamente. O sargento hesitou e depois saiu. Nem Erikki nem Azadeh o viram sair e nem notaram a sujeira da cela, só tinham olhos um para o outro, ela do lado de fora, ainda segurando nas grades, ele do lado de dentro, segurando nas grades da porta. Eles não se moveram, apenas sorriram.

— Insha'Allah? — ela perguntou.

— Por que não? — E então, ainda desorientado por terem sido soltos por um homem honesto a quem Erikki teria matado como a essência da maldade há um instante atrás, Erikki se lembrou do que o major tinha dito sobre o purdah, e o quanto ela era atraente. Apesar do seu desejo de não estragar o milagre do que havia acontecido, ele exclamou: — Azadeh, eu gostaria de deixar todo o mal aqui. Seria possível? E quanto a John Ross?

O sorriso dela não se alterou e ela sabia que eles estavam à beira do abismo. Com toda a confiança, ela pulou para dentro dele, satisfeita pela oportunidade.

— Há muito tempo, quando começamos, eu disse a você que o havia conhecido quando era muito jovem — ela disse, com uma voz terna, disfarçando a sua ansiedade. — Na aldeia e na base ele salvou a minha vida. Quando eu tornar a vê-lo, se isto acontecer, eu sorrirei para ele e ficarei feliz.

Peço a você para fazer o mesmo. O passado é o passado e deve continuar a ser passado.

Aceite isto, Erikki, agora e para sempre, ela pensou, ou o nosso casamento terminará rapidamente, não por minha vontade, mas porque você irá se castrar, irá tornar a sua vida intolerável e não vai me querer perto de você. Então eu voltarei para Tabriz e começarei uma outra vida, é triste mas é verdade, e foi isto o que decidi fazer. Eu não vou lembrar a você a promessa que me fez antes de nos casarmos, não quero humilhá-lo, mas como é vergonhoso da sua parte esquecê-la. Eu só o perdoo porque o amo. Oh, Deus, os homens são tão estranhos, tão difíceis de entender, por favor, faça-o lembrar-se do seu juramento imediatamente.

— Erikki — ela murmurou — deixe o passado em paz. Por favor. — Com os olhos, ela implorou como só uma mulher pode implorar.

Mas ele evitou-lhe o olhar, devastado pela sua própria estupidez e ciúme. Azadeh tem razão, ele estava gritando para si mesmo. Isto é passado. Azadeh me contou honestamente sobre ele e eu prometi livremente que poderia viver com isso e ele realmente salvou-lhe a vida. Ela tem razão, mas mesmo assim eu tenho certeza de que ela o ama.

Atormentado, ele olhou dentro dos olhos dela, uma porta fechou-se no seu cérebro, ele trancou-a e jogou fora a chave. A velha ternura invadiu-o, purificando-o.

— Você tem razão e eu concordo! Você tem razão! Eu te amo, e Finlândia para sempre! — Ele a ergueu nos braços e beijou-a e ela também o beijou, depois abraçou-o enquanto, mais feliz do que nunca, ele a carregou pelo corredor. — Será que eles têm sauna em Istambul? Você acha que nos deixarão dar um telefonema, só um, você acha...

Mas ela não estava ouvindo. Estava feliz.

BAHREIN — O HOSPITAL INTERNACIONAL: 18:03H.

O telefone tocou no quarto de Mac e Genny despertou do seu agradável devaneio na varanda, enquanto Mac cochilava numa poltrona ao lado dela, na sombra. Ela se levantou sem fazer barulho para não acordá-lo e foi atender.

— Quarto do capitão McIver — ela disse baixinho.

— Oh, sinto muito incomodá-la, poderia falar com o capitão McIver? Aqui é o assistente do sr.

Newbury em Al Shargaz.

— Sinto muito, ele está dormindo, aqui é a sra. McIver, o senhor pode deixar o recado?

A voz hesitou.

— Talvez a senhora possa pedir a ele para ligar para mim.
Bertram Jones.

— Se for importante, é melhor falar comigo. Outra vez a voz hesitou. Depois: — Muito bem, obrigado. Há um telex do nosso QG em Teerã para ele. Diz: "Por favor, informe ao capitão McIver, diretor executivo da CHI, que um dos seus pilotos, Thomas Lochart, e sua mulher foram mortos acidentalmente durante uma manifestação." Sinto muito pelas más notícias, sra. McIver.

— Está tudo bem. Obrigada. Eu vou informar ao meu marido. Obrigada. — Silenciosamente, ela desligou o telefone. Olhou para o espelho e viu que o seu rosto estava pálido, refletindo a sua tristeza.

Oh, meu Deus, eu não posso deixar que Duncan me veja nem que saiba, se não ele...

— Quem era, Gen? — McIver perguntou da varanda, ainda meio dormindo.

— Nada... nada de importante, querido. Torne a dormir.

— Que bom, sobre os testes, hein? — Os resultados tinham sido excelentes.

— Maravilhoso... eu voltarei num segundo. — Ela foi até o banheiro e fechou a porta e derramou um pouco d'água no rosto. Não posso contar a ele, simplesmente não posso... tenho que protegê-lo. Será que devo ligar para Andy? Ela deu uma olhada no relógio. Não posso, Andy já deve estar no aeroporto. Vou... vou esperar até ele chegar, é isto o que vou fazer... vou esperá-lo junto com Jean-Luc e... não posso fazer nada até lá... Oh, Deus, oh, Deus, pobre Tommy, pobre Xarazade... meus pobres amores...

As lágrimas escorreram-lhe pelo rosto e ela abriu as torneiras para disfarçar o barulho. Quando voltou para a varanda, McIver estava dormindo satisfeito. Ela se sentou e ficou olhando para o pôr-do-sol, sem enxergá-lo.

AEROPORTO INTERNACIONAL DE AL SHARGAZ: PÔR-DO SOL.

Rudi Lutz, Scragger, e todos os outros estavam esperando no portão de embarque, olhando ansiosamente para o saguão lotado, cheio de passageiros embarcando e desembarcando.

— Chamada final para o voo da BA para Roma e Londres. Todos a bordo, por favor.

Pelas enormes janelas de vidro, eles podiam ver que o sol estava quase descendo no horizonte.

Todos estavam nervosos.

— Andy devia ter mantido Johnny e o 125 aqui, pelo amor de Deus — Rudi murmurou, nervoso.

— Ele teve que ser mandado para a Nigéria — Scot disse defensivamente.

— O Velho não teve escolha, Rudi. — Mas ele viu que Rudi não estava ouvindo, então deu de ombros e disse distraidamente para Scragger: — Você vai mesmo deixar de voar, Scrag?

O rosto enrugado se contorceu.

— Por um ano, só por um ano... Bahrein vai ser ótimo para mim, Kasigi é uma beleza e eu não vou deixar de voar completamente, é claro que não. Não posso, meu filho, só de pensar nisso tenho arrepios.

— Eu também. Scrag, se você tivesse a minha idade... — Ele parou quando um funcionário da BA, muito irritado, atravessou a segurança e falou para Rudi: — Capitão Lutz, esta foi a última chamada! — O avião já está cinco minutos atrasado. Não podemos segurá-lo por mais tempo! O senhor tem que embarcar o resto do seu grupo imediatamente ou partiremos sem vocês!

— Está bem — Rudi disse. — Scrag, diga a Andy que esperamos o máximo possível. Se Charlie não conseguir chegar a tempo, atire-o no Gottver-dammstechen, calabouço! Maldita Alitalia por ter chegado tão cedo. Todos a bordo. — Ele entregou o seu cartão de embarque a uma aeromoça atraente e passou pelo portão, ficando do outro lado, checando se todos estavam lá, Freddy Ayre, Pop Kelly, Willi, Ed Vossi, Sandor, Nogger Lane, Scot ficando por último e fazendo cera até que não pôde mais esperar.

— Ei, Scrag, diga ao Velho que eu concordo.

— Claro, meu chapa. — Scragger acenou enquanto ele desaparecia na Segurança, depois virou-se e foi para o seu portão, do outro lado do terminal, onde Kasigi já estava esperando, então ele viu Pettikin correndo no meio da multidão, de mãos dadas com Paula e Gavallan um pouco atrás. Pettikin abraçou-a rapidamente e correu para o portão.

— Pelo amor de Deus, Charlie...

— Não brigue comigo, Scrag, tive que esperar por Andy. — Charlie disse, sem fôlego. Ele entregou o seu cartão de embarque, jogou um beijo para Paula e desapareceu.

— Oi, Paula, o que está havendo?

Paula também estava sem fôlego, mas radiante. Ela deu-lhe o braço, dando-lhe um apertão: — Charlie me convidou para passar a

sua licença com ele, caro, na África do Sul; eu tenho parentes perto de Cape Town, uma irmã e a família dela, então eu disse que sim.

— Claro! Isto quer dizer que...

— Desculpe, Scrag! — Gavallan gritou, juntando-se a eles. Ele estava ofegante, mas vinte anos mais jovem. — Desculpe, fiquei meia hora no telefone, parece que perdemos o maldito contrato com a ExTex na Arábia Saudita e parte do mar do Norte, mas que se dane. Tenho grandes notícias! — Ele sorriu radiante e ficou dez anos mais moço ainda, atrás dele, o sol tocou o horizonte.

— Erikki ligou quando eu já estava na porta, ele está bem, e Azadeh também, eles estão a salvo na Turquia e...

— Aleluia! — Scragger explodiu de alegria e lá de dentro da sala de espera, depois da Segurança, houve uma explosão de alegria dos outros, ao receberem a notícia de Pettikin.

— ...e depois recebi um telefonema de um amigo do Japão. Quanto tempo nós temos ainda?

— Bastante tempo, vinte minutos, por quê? Você deixou de ver Scot por pouco, ele me pediu para dar-lhe um recado: "Diga ao Velho que sim."

Gavallan sorriu.

— Ótimo. Obrigado. — Agora ele já tinha recuperado o fôlego. — Eu me encontro com você, Scrag.

Espera por mim, Paula, volto já. — Ele foi até o balcão de informações da JAL. — Boa noite, poderia informar-me, por gentileza, a que horas sai o próximo voo de vocês de Bahrein para Hong Kong?

A recepcionista consultou o computador.

— Às onze e quarenta e dois desta noite, Sayyid.

— Excelente. — Gavallan pegou os seus bilhetes. — Cancele a minha reserva no voo da BA para Londres esta noite e faça uma reserva para mim no... — Os alto-falantes ganharam vida e abafaram a voz dele com o chamado para as orações. Um silêncio imediato tomou conta do aeroporto.

E lá no alto das montanhas Zagros, a oitocentos quilômetros de distância ao norte, Hussein Kowissi saltou do cavalo e depois ajudou o seu filho a fazer o camelo ajoelhar-se. Ele usava um casaco de

pele de cabra kash'kai por cima das vestes negras, um turbante branco e o seu Kalashnikov estava pendurado nas costas. Ambos estavam solenes, o rosto do garotinho inchado de tanto chorar. Juntos, eles amarraram os animais, apanharam os seus tapetes de rezar, viraram-se de frente para Meca e começaram. Um vento gelado soprava à volta deles, levantando a neve que cobria os altos cumes. O pôr-do-sol aparecia numa nesga de céu, no meio das grossas camadas de nuvens, cheias de neve e de tempestade. As preces foram rezadas rapidamente.

— Vamos acampar aqui esta noite, meu filho.

— Sim, pai. — Obedientemente, o garotinho ajudou-o a descarregar, com as lágrimas outra vez escorrendo-lhe pelo rosto. Na véspera a mãe dele tinha morrido. — Pai, a mamãe estará no paraíso quando chegarmos lá?

— Não sei, meu filho. Sim, acho que sim. — Hussein disfarçou a tristeza. O parto tinha sido longo e cruel, não pôde fazer nada para ajudá-la a não ser segurar-lhe com carinho as mãos e rezar para que ela e a criança fossem poupadas e que a parteira fosse habilidosa. A parteira era habilidosa, mas a criança nasceu morta, a hemorragia não parou e aconteceu o que tinha que acontecer.

Seja como Deus quiser, ele tinha dito. Mas pela primeira vez isto não o ajudou. Ele a havia enterrado junto com a criança. Com grande tristeza, tinha ido até a casa do seu primo, também um mulá, e tinha dado os seus filhos pequenos para eles criarem, e o seu lugar na mesquita até que a congregação escolhesse o seu sucessor. Depois, com o outro filho, ele tinha dado as costas a Kowiss.

— Amanhã nós estaremos nas planícies, meu filho. Lá vai estar mais quente.

— Eu estou com muita fome, pai — disse o garotinho.

— Eu também, meu filho — ele disse gentilmente. — Alguma vez foi diferente?

— Nós seremos martirizados logo?

— Quando Deus quiser.

O garotinho tinha seis anos e achava difícil entender muitas coisas, mas isto não. Quando Deus quiser, nós iremos para o

paraíso, que é quente e verde e há mais comida do que se pode comer e água fresca para beber. Mas e quanto...

— Há valas no paraíso? — Ele perguntou com a sua vozinha fina, encostando-se no pai para se esquentar.

Hussein abraçou-o.

— Não, meu filho, acho que não. Não há necessidade delas. — Ele continuou a limpar a sua arma com um pedaço de pano embebido em óleo. — Não há necessidade de valas.

— Isto será muito estranho, pai, muito estranho. Por que nós saímos de casa? Para onde estamos indo?

— Primeiro para nordeste, muito longe daqui, meu filho. O imã salvou o Irã, mas os muçulmanos do norte, sul, leste e oeste estão cercados por inimigos. Eles precisam de ajuda e orientação e da Palavra de Deus.

— O imã, que a paz esteja com ele, foi ele quem o mandou?

— Não, meu filho. Ele não manda, só orienta. Eu vou fazer o trabalho de Deus por livre e espontânea vontade, por minha própria escolha, um homem está livre para escolher o que deve fazer. — Ele viu o garotinho franzir a testa e deu-lhe um abraço, cheio de amor.

— Agora nós somos soldados de Deus.

— Oh, que bom. Eu vou ser um bom soldado. O senhor quer me contar de novo por que deixou aqueles satanistas partirem, aqueles da base, e por que os deixou levarem as nossas máquinas?

— Por causa do líder, do capitão — Hussein disse pacientemente. — Eu acho que ele era um instrumento de Deus, ele abriu os meus olhos para a mensagem de Deus de que eu deveria buscar a vida e não o martírio, de que deveria deixar que Deus decidisse a hora do martírio. E também porque ele me deu uma arma invencível contra os inimigos do Islã, os cristãos e judeus: o conhecimento de que eles consideram a vida humana como sendo sacrossanta.

O garotinho abafou um bocejo.

— O que significa sacrossanta?

— Eles acreditam que a vida de uma pessoa não tem preço, de qualquer pessoa. Nós sabemos que a vida é dada por Deus, pertence a Deus, volta para Deus, e que qualquer vida só tem valor se estiver a serviço de Deus. Você compreende, meu filho?

— Acho que sim — disse o garotinho, muito cansado. — Desde que estejamos fazendo o trabalho de Deus, nós vamos para o paraíso e o paraíso é eterno.

— Sim, meu filho. Usando o que o piloto me ensinou, um único crente pode convencer milhões. Nós vamos espalhar isto, você e eu... — Hussein estava muito contente de que o seu propósito estivesse claro. É curioso, ele pensou, que aquele homem, Starke, tenha-me mostrado o caminho. — Nós não somos nem orientais nem ocidentais, só islâmicos. Você compreende, meu filho?

Mas não houve nenhuma resposta. O garotinho estava profundamente adormecido. Hussein deitou-o no seu colo, observando o sol que se punha. O último pontinho de sol desapareceu.

— Deus é Grande — disse para as montanhas, para o céu e para a noite. — Não há nenhum outro Deus além de Deus...

FIM